O

VĀYU PURĀNA

Traduzido e comentado por
G. V. TAGARE

Esta obra é composta dos volumes 37-38 da
Ancient Indian Tradition and Mythology Series.

A Introdução assim como o Índex da tradução inglesa foram omitidos,
bem como o nome de quem o traduziu para o Português.

Todos os termos colocados entre colchetes
foram incluídos por mim.

A Tradutora.

24/03/2013.

Divisões do Vāyu Purāna

O Vāyu Purāna é dividido em quatro seções ou *Pādas*, e em duas partes, do seguinte modo:

Parte 1: Pūrvārdha:

Seção 1: *Prakriyā Pāda* **"*A Origem, dissolução, recriação e sustento do mundo.*"**[1] (caps. 1-6).

Seção 2: *Upodghāta Pāda* ***"Introdutória."*** (caps. 7-64).

Parte 2: Uttarārdha:

(Capítulos 1-3 do *Upodghāta Pāda* e)
Seção 3: *Anusañga Pāda* ***"Central."*** (caps. 4-37).

Seção 4: *Upasamhāra Pāda* ***"Conclusão."*** (caps. 38-42) incluindo o *Gayā Māhātmya* ou a glorificação da grandeza de Gayā. (caps. 43-50).

---

[1] Parte 1, cap. 4, vv. 12-13.

Conteúdo

Parte 1: Pūrvārdha

Seção 1: Prakriyā Pāda

Capítulo 1: Resumo dos Conteúdos

Reverências a Śri Ganeśa

Deve-se ler ou recitar qualquer *Purāna* ou texto *Itihāsa* depois de ter prestado homenagem a Nārāyana[1] e Nara[2], o mais excelente dos homens, como também a deusa Saraswatī.[3]

Vitória a Vyāsa[4], o filho de Parāśara e o alegrador do coração de Satyavatī - Vyāsa de cuja boca como lótus fluiu o néctar de palavras, as quais o universo inteiro absorve.

1. Eu busco refúgio no Senhor Īśāna (Śiva), o grande deus eterno, firme, imutável, de alma nobre, o senhor do universo inteiro.

2-6. Desejoso de conhecer (mais sobre) Purānas, lendas, (etc.) eu busco refúgio no Senhor Brahma, o criador dos mundos, (que é) onisciente, invicto, o senhor nobre de (todo o) passado, presente e futuro; Senhor Brahma, o senhor do universo em quem são inerentes as quatro excelências divinas, isto é, conhecimento inigualado, imparcialidade, supremacia e virtude (*dharma*); (Senhor Brahma) que sempre visualiza todos os seres (independente de eles estarem) manifestos ou imanifestos, os quais reentram no Senhor (Brahma) para cessação de atividades (no tempo da dissolução do universo); (Deus Brahma) o criador do mundo, o conhecedor da realidade do mundo, o conhecedor dos princípios, que, recorrendo ao Yoga, criou todos os seres vivos móveis e imóveis; o senhor não-nascido, o criador de tudo, o senhor na forma de consciência e a testemunha cósmica do mundo.

7-9. Depois de me curvar com mente devotada e piedosa a Brahma, Vāyue Indra, a Vasishtha de alma nobre, o mais excelente dos sábios, e ao bisneto dele (de Vasishtha), Vyāsa, Krishna Dvaipāyana, que obteve fama preeminente como um sábio de grande pureza, e ao sábio Jātukarna[5], eu narrarei (agora) este Purāna narrado por Brahma, que está no mesmo nível que os Vedas e que é embelezado por tratados sagrados consistindo em seções sobre *Dharma* (virtude), *Artha* (riqueza) e *Nyāya* (justiça ou conduta correta).

10-12. Enquanto Asīmakrsna [6], o rei valoroso de esplendor inigualável e o mais excelente entre os soberanos, estava governando a Terra justamente, os sábios de almas bem-disciplinadas realizaram um sacrifício de longa duração na terra santa de

---

[1] O deus que se deita sobre as águas cósmicas do dilúvio antes da criação.

[2] Uma encarnação de Vishnu; nascido de Dharma e Mūrti, filha de Daksa; um associado constante de Nārāyana enquanto cumprindo penitência em Badarikāśrama. Os heróis do *Mahābhārata* Krishna e Arjuna são considerados como encarnações de Nārāyana e Nara.

[3] Esse verso, usado originalmente no começo do *Mahābhārata*, é adotado também por escritores de Purānas; e a palavra 'Jaya' nele é interpretada pelos comentaristas como 'qualquer Purāna ou Itihāsa'.

[4] Vyāsa significa "um organizador". Em todo Dvāpara Yuga, o trabalho de organizar os Mantras Védicos correntes em Samhitās – compilações - é feito por uma pessoa. E ele é chamado de Vyāsa. A compilação do *Mahābhārata* e dos dezoito Purānas é atribuída a ele. O atual Vyāsa é o filho de Satyavatī com o sábio Parāśara, o neto do sábio Vasishtha. Ele era de cor escura e foi escondido em uma ilha em um rio por Satyavatī (*Mahabh*. Adi. Pág. 133). Por isso ele veio a ser conhecido como 'Krishna Dvaipāyana'.

[5] Um sábio famoso por autocontrole; um membro da corte de Yudhishthira (*Mahabh*. Sabha, pág. 10). Imagina-se por que Parāśara não ensinou os Purānas (por exemplo, esse e o *Brahmānda Purāna*), diretamente para seu filho Vyāsa, mas o fez através de Jātukarna.

[6] O bisneto de Janamejaya III que era o bisneto do herói Arjuna.

Kuruksetra[7] na margem sagrada do rio Drsadvatī[8]. Os sábios eram dedicados à verdade e ritos sagrados. Eles eram honestos. Seus pecados tinham sido suprimidos. Eles eram tranquilos, tinham controle mental completo e tinham conquistado os órgãos dos sentidos. Eles estavam dentro dos limites da floresta Naimisa[9] e tinham sido iniciados de acordo com as escrituras sagradas.

13-16. O altamente inteligente Sūta[10], que era o mais excelente entre os narradores de Purānas, foi lá para ver os sábios. Ele tornou-se bem conhecido para o mundo como Lomaharshana[11] (o impressionador que fazia os cabelos se arrepiarem) porque ele impressionava os membros de sua audiência com deleite por sua excelente narração (cativante). Ele era o discípulo mais inteligente do sábio Vedavyāsa, a mina de penitência, conhecimento védico e boa conduta. Ele era famoso nos três mundos. Todo o conhecimento purânico estava bem estabelecido nele. Sua erudição tinha se tornada extensa por seu estudo do Mahābhārata. Histórias conducentes aos (quatro *Purufārthas* [metas humanas], isto é) *Dharma* (virtude), *Artha* (riqueza), *Kama* (desejo) e *Moksha* (libertação) estavam firmemente radicadas nele. Declarações sábias e discursos sábios vinham dele como ervas medicinais da (mãe) terra.

17. Ele (o Sūta), que era um perito em decoro, aproximou-se dos sábios altamente inteligentes e proeminentes conforme procedimento adequado. Depois de se aproximar, ele lhes prestou homenagem com palmas unidas. Aquele estudioso brilhante agradou aqueles sábios por prostrar-se diante deles (para mostrar respeito).

18. Os sábios brilhantes, que estavam realizando sacrifícios em sessões, ficaram alegres; assim também ficaram os membros da assembléia sacrifical. Eles o cumprimentaram devidamente com palavras gentis e o honraram.

19. Ao verem aquele estudioso muito confiável Lomaharshana, surgiu neles o desejo de ouvir o Purāna.

20. O principal chefe de família (o patrocinador) daquela sessão sacrifical, que era um perito em todas as tradições (sagradas), compreendeu seu desejo a partir dos gestos deles. Por conseguinte, ele incitou o Sūta (da seguinte maneira):

21. "Ó Sūta! Para aprender Itihāsa e Purānas, o sábio Vyāsa venerável e altamente inteligente, o maior entre os conhecedores de Brahman (ou Vedas), foi servido e propiciado corretamente por você. E você tem (como se) ordenhado do conhecimento intelectual dele lendas baseadas em tradição antiga.

22. Os sábios eminentes estão ansiosos para ouvir o Purāna. Então cabe a você narrar aquelas lendas para eles.

23. Todas as pessoas nobres, os conhecedores de Brahman (ou Veda) que se reuniram aqui, pertencem a diferentes clãs (*gotras*). Que eles ouçam sobre suas respectivas genealogias de clãs através dos Purānas.

24. Por favor, exponha (o Purāna) para esses sábios que, junto com os filhos deles, se reuniram aqui para esse sacrifício de uma duração longa. Realmente, você foi (fortemente) lembrado por nós enquanto nós estávamos sendo consagrados para esse sacrifício."

25. Incitado dessa maneira a (narrar) o Purāna, pelos sábios que estavam interessados em (ter algum conhecimento dos) Purānas e eram dedicados à verdade e ritos santos, o Sūta concordou com a proposta (e disse).

Sūta disse:

---

[7] O famoso campo de batalha onde a guerra entre Kauravas e Pāndavas foi lutada.

[8] O Ghitang - um tributário do Ghaggar entre o Yamuna e Sutlej.

[9] A descrição aqui mostra que essa floresta deve ser localizada em Kuruksetra.

[10] Sūta é o filho de uma mulher brâmane com um homem ksatriya. Ele não era elegível para conhecimento védico, mas era para recitar Itihāsa e Purāna.

[11] Ou Romaharshana: essa parece ser a designação especial desse Sūta porque ele emocionava a audiência com deleite e fazia os cabelos deles se arrepiarem. Por isso brâmanes realizadores de sacrifícios lhe ofereciam um lugar mais alto enquanto ele narrava um Purāna. Essa posição de honra acima dos brâmanes custou sua vida, porque o irascível Balarāma o matou, quando durante uma visita dele a Naimisāranya,ele encontrou Romaharsana ocupando um assento mais elevado na assembléia de brâmanes (*Bhāgavata* 10; 78, 28).

26-27. É o dever encarregado do Sūta, ordenado por homens religiosos de antigamente, preservar as genealogias de deuses, sábios e dos reis mais gloriosos e as tradições de grandes homens, como registradas nos (mais antigos) Itihāsas e Purānas, por aqueles bem versados no conhecimento védico (ou explicadores de Brahman).

28-29. Mas em nenhuma parte a elegibilidade do Sūta para o conhecimento védico (como recitação do Veda etc.) é vista (prescrita). Enquanto o sacrifício do (rei) Prithu de alma nobre, o filho de Vena, estava sendo realizado, Sūta apareceu pela primeira vez extraindo Soma (no dia *Sutyā*[12] prescrito) para oferecer ao fogo, mas ele veio a ser de uma casta misturada porque a oblação destinada a Brhaspati foi confundida com aquela destinada a Indra, e foi oferecida para o deus Indra. Daí nasceu o Sūta devido a esse engano grave, e ritos expiatórios tiveram que ser realizados (naquele sacrifício) como compensação pelo erro.

30. Como ele nasceu (como uma criança *pratiloma*) de um (homem) ksatriya, um homem de casta mais baixa, com uma mulher brâmane, por causa de suas semelhanças das qualidades inerentes do primeiro (isto é, ksatriya), é proclamado que ele tem deveres semelhantes (como aqueles de um ksatriya).

31. Assim o Sūta, que nasceu de um receptáculo brâmane de uma fonte ksatriya, tem (algumas) qualidades com a primeira (casta) e também tem alguma identidade de deveres com eles.

32. Seu dever regular (meio de sustento) é a ocupação dependendo de profissão ksatriya como manutenção de carruagens, elefantes e cavalos. A prática de medicina era seu dever inferior.

33. Já que eu fui mandado seguir meu dever por explicadores de Brahman como vocês, como eu posso me recusar a narrar para vocês em detalhes o Purāna tão altamente adorado por sábios?

34. Vāsavī[13] nasceu como a filha mental dos Pitris (espíritos dos mortos). Sendo amaldiçoada por seu pai, ela nasceu na espécie (útero) de um peixe.[14]

35. Vyāsa, o grande yogin e o principal entre os conhecedores dos Vedas, nasceu dela, assim como fogo nasce do bastão *arani*.

36. Eu presto homenagem a Vyāsa, o sábio venerável, protagonista do conhecimento de Bhrgu, o Purusa antigo, o grande senhor Vishnu no disfarce de um ser humano.

37. Logo que ele nasceu, todo o conhecimento védico em todos os seus compêndios apareceu diante dele, mas ele o obteve formalmente de Jātukarna, porque era seu dever estudá-lo a partir de um preceptor.

38. Ele agitou o oceano dos Vedas com a vara de bater de seu intelecto e produziu a Lua na forma do Mahābhārata.

39. Assim como uma árvore se propaga em muitos ramos depois de alcançar terra fértil e em estação adequada, a árvore na forma do Veda se expandiu em diferentes ramos depois de alcançar a ele (Vyāsa).

40. Eu escutei este Purāna daquele onisciente explanador de Brahman, que é familiarizado com os Vedas, que é honrado por todos e é de brilho refulgente.

41. Eu narrarei agora em detalhes o Purāna narrado antigamente por Vāyu, quando ele foi incitado pelos sábios nobres de Naimisa.

---

[12] [Dia no qual ocorre a preparação solene da bebida Soma.]

[13] O *Mahābhārata* Adi P. (cap. 63, pág. 132) endossa esta lenda, mas lá é dito que ela nasce de Uparichara Vasu e Adrika, uma donzela celestial amaldiçoada a ser um peixe fêmea, que estava então em sua forma de peixe. O *Mahābhārata* registra que gêmeos foram achados na barriga da Apsarā-peixe defunta. O rei do lugar adotou o menino que se tornou conhecido como um rei piedoso chamado Matsya - e a menina [Satyavatī] com cheiro repugnante foi entregue para Dāśa-rāja. Ela tornou-se uma moça de cheiro agradável pelo favor do sábio Parāśara quando ela respondeu às propostas dele. (Idem, cap. 63, pág. 133).

[14] Satyavatī, a mãe de Vyāsa, nasceu no útero de um peixe.

42. A última causa é o supremo Maheśvara de quatro braços, de quatro faces, o imanifesto, o inconcebível, o inescrutável e o deus nascido por si mesmo.

43. É certo que ele criou a causa imanifesta e tudo o que é permanente, na forma de existente e inexistente, começando com *Mahat* (o grande princípio, o intelecto cósmico) e terminando com *Viśesa*.[15]

44-45. O ovo cósmico dourado incomparável nasceu disso. O ovo cósmico foi envolvido pelas águas; as águas pelo fogo; o fogo pelo vento; o vento pelo éter; o éter pelo Ego cósmico; aquele Ego pelo intelecto cósmico (*Mahat*) e aquele intelecto pelo Imanifesto (*avyakta*).[16]

46-47. Consequentemente, nesse Purāna, as origens de todos os deuses e sábios são narradas. A origem de rios e montanhas é explicada; todos os Manvantaras e Kalpas são descritos; lendas sobre brâmanes e ksatriyas e o nascimento de brâmanes são relatados.

48. Então a condição de criador de Brahma e a criação dos indivíduos (seres) são explicadas, como também os vários estados de Brahma, nascido do Imanifesto.

49. O número de anos dos Kalpas, a fundação dos mundos, o sono de Vishnu e a elevação da Terra (são descritos).

50. O modo de planejar cidades etc. conforme castas e fases de vida; o corte de árvores plantadas em lugares de moradia e daquelas crescidas naturalmente (na floresta) (são discutidos).

51. Uma descrição detalhada dos caminhos e suas medidas e a distribuição de lugares no céu para os mortais deste mundo (é apresentada).

52. Descrição de (diferentes espécies de) árvores, árvores medicinais, plantas e trepadeiras (é dada). Como os mortais obtêm a condição de árvores, seres infernais, e insetos também é explicado.

53. Os dois caminhos das divindades e dos sábios são mencionados. A criação e destruição de alimento etc., e de corpos também é mencionada.

54. No princípio desprovido de literatura sagrada, o Purāna foi lembrado por Brahma.[17] Então os Vedas saíram das bocas dele.

55. Os auxiliares dos Vedas, os Dharmaśāstras (códigos da lei como Smrtis), ritos sagrados, observâncias e restrições religiosas, origem de animais e seres humanos são explicados.

56. Semelhantemente são explicados os componentes totais dos Kalpas; os nove tipos de criação não intencional por Brahma são descritos.

57. Então as três criações sem o intelecto cósmico; como surgiram os mundos e Dharma (virtude) etc. originados dos membros do corpo de Brahma.

58. As doze espécies de seres que nascem repetidamente em um Kalpa; a duração de Kalpas e o período de transição de um Kalpa para outro.

59. A origem de *Adharma* de Brahma ao ser envolvido por Tamas; o nascimento de Śatarūpā,[18] depois disso (são descritos).

60. O nascimento de Priyavrata, Uttānapāda, Prasūti e Akūti – os impecáveis em quem os indivíduos estão estabelecidos.

---

[15] A frase *'mahadadi visesanta'* é popular com escritores de Purānas ao descrever a evolução do universo. Ela significa o grupo com *Mahat* em uma extremidade e *Viśesa* na outra. O termo *Viśesa* quer dizer *Bhūtas* (elementos grosseiros, *Tanmātras*, órgãos dos sentidos).

[16] Esses são os sete 'Envoltórios' desse Ovo cósmico. O número sete tem uma significação especial nos Purānas, por exemplo, 7 Lokas, 7 Mares, 7 Dvīpas (continentes), 7 Montanhas etc. (cap. 4, 72).

[17] Essa reivindicação autoglorificante à precedência sobre os Vedas é justificável cronologicamente porque alguma compilação chamada Purāna existia antes do Atharva Veda (*Atharva Veda*, XI; 7. 24, XV; 6. 11).

[18] A cônjuge de Svāyambhuva Manu. A dama piedosa, uma praticante de penitência, foi aceita em matrimônio por Manu. Eles tiveram dois filhos, Priyavrata e Uttānapāda, e duas filhas, Prasūti e Akūti. Prasūti casou-se com o Patriarca Daksa, e Akūti, com Ruci [Ruchi], o Prajāpati, (*Vishnu Purāna* 1; cap. 7, [pág. 93 da tradução em português]). Provavelmente Manu e Śatarūpā representam os pais originais.

61. O nascimento de gêmeos para Akūti com Ruci, o Prajāpati, e o nascimento das filhas de Daksa com Prasūti.

62. A geração por Dharma de grande alma, a partir das filhas de Daksa como Śraddhā, de uma raça caracterizada por Sattvaguna ocasionando felicidade.

63. Assim como a raça de *Adharma* (iniquidade) de Himsā (violência) caracterizada por Tamoguna e inauspiciosidade. Então é glorificada a progênie de Maheśvara com Satī.

64. O receptáculo de Yoga contado novamente para os duas vezes nascidos (que estavam) desejosos de libertação, aquele tipo de Yoga (que foi) mencionado para o (deus) impecável Brahma.

65. A encarnação e a glória suprema de Rudra, as lendas relativas aos três Vedas e o grande diálogo são então citados.

66. Elogios ao Senhor Śiva por Brahma e Nārāyana pelos quais aquele Deus ficou satisfeito, são descritos.

67. A manifestação do Senhor Rudra a partir do corpo de Brahma e a origem do nome Rudra porque ele, o Deus, tinha chorado, (é glorificada).

68. Como aquele Deus obteve os oito nomes como Rudra e outros de Brahma e como os três mundos constituindo os seres móveis e imóveis são permeados por eles.

69. A criação de progênie por Bhrgu e outros sábios assim como a glorificação da linhagem de Vasishtha, o brâmane sábio, (são descritas) aqui.

70. A progênie de Agni por meio de Svāhā[19] e aquela dos Pitris[20] de duas classes por Svadhā, (são citadas) depois disso.

71-72. No contexto da linha de Pitris, a maldição de Daksa, e (sábios) inteligentes (como) Bhrgu e outros por causa de Satī e a contra-maldição de Rudra por Daksa de ações extraordinárias, e o término da inimizade entre eles são narrados aqui em detalhes.

73.[21] As designações individuais deles em diferentes continentes e terras e a descrição da criação por Svāyambhuva Manu.

74. A criação de Nābhi e de Rajas de alma nobre; a enumeração de continentes, oceanos e montanhas.

75. A descrição de diferentes Varsas (sub-continentes), rios e seus tributários e as numerosas divisões dos sete continentes principais.

76. A extensão das zonas do continente de Jambū Dvīpa e o oceano; a extensão deles em yojanas junto com suas montanhas (é mencionada).

77. As montanhas nos sub-continentes, (cadeias de) montanhas dividindo (esse) sub-continente, isto é, Himavān, Hemakūta, Nisadha, Meru, Nīla, Śveta e Srñgavān.[22]

---

19 Os três fogos em toda casa ariana antiga, isto é, Gārhapatya ou Pavamāna, Daksināgni ou Pāvaka e Ahavaniya ou Śuci são considerados a progênie de Agni com Svāhā (veja o cap. 29, Agnivaihśa).

20 Os dois tipos de Pitris mencionados aqui (cap. 30. 6-7 etc.) são *Agnisvāttas* e *Barhisadas*. O *Śatapatha Brāhmana* e *Taittiriya Brāhmana* 1.6.9. 5 mencionam mais uma classe, isto é, *Somavantah.* Aqueles que realizaram um sacrifício Soma são *Somavantah;* aqueles que ofereceram oblações cozidas e asseguraram o mundo seguinte são *Barhisadas*, e aqueles que não fizeram nenhum dos dois e são consumidos pelo fogo depois da morte são *Agnisvāttas*.

21 Referência ao *Brahmānda Purāna* 1, cap. 1, verso 66 mostra que uma linha está faltando aqui. A linha diz: "Aqui são descritos os detalhes dos filhos de Priyavrata tais como: suas designações etc."

22 Esses são os conjuntos de montanhas da Índia como entendidos pelos escritores de Purānas. Eles são identificados como segue:
(1) Himavān: A grande cordilheira do Himalaia.
(2) Hemakūta: Ladakh-Kailash, a cadeia trans-himalaica.
(3) Nisadha: Cadeia Kush-Kunlun hindu.
(4) Meru: As [Montanhas] Pamir.
(5) Nīla: Cadeia Zarafshan-Trans-Alai-Tien-Shan.
(6) Śveta: Cadeia Nura Tau-Turkistan-Atbashi.
(7) Srñgavān: Cadeia Kara Tau-Kirghiz-Ketman.

78. Suas dimensões internas, alturas, comprimentos e extensões (medidos) em yojanas, e os residentes são descritos.

79. Os sub-continentes como Bharata; os rios e montanhas neles, como habitados pelos seres estáveis e moventes.

80. Os continentes Jambū etc. cercados pelos sete oceanos, a terra úmida (?) e o Lokāloka são descritos.

81. Esses mundos e a terra com seus sete continentes como envolvidos pelo ovo cósmico; os mundos Bhū etc., e seus circundantes naturais são descritos.

82. Tudo é descrito em resumo junto com seu diâmetro e circunferência até a menor fração da medida total.

83. As magnitudes do sol, da lua e da terra em yojanas com suas divindades presidentes atuais. Assim também as santas assembléias de Mahendra e outros no pico norte de Manasa.

84. Depois disso, o movimento do céu como o movimento circular do tição, é mencionado. As características de Nāgavīthi e Ajavīthi[23] também são descritas.

85. Então são declarados os yojanas das duas extremidades, das duas bordas e das zonas de Lokāloka. A extensão do crepúsculo, do dia e dos equinócios é citada.

86-87. Então os guardiões do mundo, que estão posicionados nos quatro quadrantes, são descritos. Os caminhos do sul e do norte dos espíritos dos mortos e das divindades, os caminhos dos chefes de família e dos ascetas como baseados nas qualidades de Rajas e Sattva são descritos. A região de Vishnu onde Dharma etc. estão estabelecidos é glorificada.

88. O curso de movimentos do sol, lua, planetas e corpos luminosos devido ao poder (controlador) de Dhruva, a estrela polar, e os efeitos auspiciosos e inauspiciosos (do movimento deles) sobre as pessoas.

89. A carruagem do sol preparada pelo próprio Brahma para algum propósito especial é citada. Sentado nessa carruagem, o deus-Sol se move no firmamento.

90. Aquela carruagem é ocupada pelos deuses, os diferentes sóis, sábios, músicos divinos, donzelas celestiais, Yaksas, serpentes e Rāksasas.

91. Assim também a carruagem da lua, a qual é constituída da essência das águas, é descrita. O aumento e diminuição da lua, causados pelo sol, também são mencionados.

92. O movimento das carruagens do sol e outras (começando) a partir da estrela polar é descrito em detalhes, como também o arranjo em forma de tartaruga dos corpos celestes com a estrela polar posicionada na cauda (extremidade) (é narrado).

93. As estrelas na forma de constelações são mencionadas junto com os planetas nos quais estão situadas as residências dos deuses que realizaram atos meritórios.

94-106. A exsudação de chuva, frio e calor dos mil raios do sol e a divisão dos raios por seus nomes, funções e propósito; a magnitude dos planetas e seus cursos que dependem do sol; o modo como a garganta de Śiva tornou-se azul por causa do veneno[24]; como o senhor portador do tridente engoliu veneno quando rogado por Brahma; o elogio do senhor supremo Śiva por Vishnu que é louvado pelos deuses; a

---

Arqueólogos e Indologistas soviéticos comprovam agora a existência de Arianos Védicos desde os mais baixos limites do [Rio] Dnieper, Criméia, a área norte do Mar Negro, através das repúblicas soviéticas da Ásia Central. Veja por exemplo a 'A Periferia Linguística dos Antigos Eslavos' de O. N. Trubachev, 'Os Indo-arianos na Área Norte do Mar Negro'; 'O Paganismo dos Antigos Eslavos e outros' de B. A. Rybakov. Mas devido ao legado colonial de escravidão mental, muitos de nós ainda descremos da evidência geográfica nos Purānas.

[23] *Vīthis* são os cursos do sol no céu. Assim *Ajavīthi* é uma das três divisões do caminho do sul no céu no qual o sol, a lua, e os planetas se movem compreendendo as *Naksattras* (constelações) Mūla, Pūrvājādhā e Uttarāsādhā.

[24] Isso se refere a Śiva engolir o veneno *Halāhala* que subiu enquanto deuses e demônios estavam agitando o mar para obter *Amrta*. Para salvar o mundo de seu efeito mortal, o deus Brahma pediu a Śiva que o bebesse, (veja o cap. 54).

narrativa sagrada dissipadora de pecado da origem do *Liñga*.[25] A transformação extraordinária de Pradhāna pela forma cósmica; a narrativa da grandeza de Purūravas, filho de Ilā; a propiciação das duas classes de espíritos dos mortos por meio de néctar; os Parvans (ocasiões auspiciosas baseadas na posição da lua) como também suas junções; a propiciação por meio de Śrāddha das duas classes de espíritos dos mortos, isto é, aqueles que foram para o céu e aqueles que caíram nas regiões inferiores; a duração e o número de Yugas.[26] A introdução de agricultura e tais ocupações como meios de sustento em Tretā Yuga devido à diminuição deles em comparação com Krita Yuga; a enumeração das castas e fases da vida e a narração das atividades delas. O estabelecimento das castas e fases da vida por meios virtuosos; a introdução da instituição de sacrifício; o diálogo entre os sábios com Vasu e a descida de Vasu (para os mundos inferiores)[27], a inefabilidade de (respostas para as) perguntas exceto por Svāyambhuva Manu. Os méritos da penitência, os períodos dos Yugas em sua totalidade, a narração breve dos eventos em Dvāpara e Kali Yugas; as magnitudes da circunferência, altura e longevidade de deuses, animais e seres humanos nos diferentes Yugas de acordo com a eficácia e poder dos Yugas; as características dos bons e seu advento; a narração dos Mantras Védicos e não-védicos; a extensão dos ramos (dos Vedas); o título de Vedavyāsa e outros; a dissolução de Manvantaras e a recriação deles depois da dissolução - todos esses são mencionados em detalhes.

107. Como a descrição da (criação etc.) das divindades, sábios, Manus e dos Pitris não pode ser dada em detalhes, por isso eles são mencionados brevemente.

108. O número de anos do Manvantara atual é citado em termos de anos humanos. O mesmo se aplica a todos os Manvantaras.

109-110. A descrição dos Manvantaras passados e futuros é dada com base no Manvantara atual. Assim também as características e a duração de tempo da transição de período dos Manvantaras passados e futuros são apresentados com relação ao Svāyambhuva Manvantara. O esquema de três Manvantaras e o conhecimento de tempo também são relatados.

111-112. O relato de Devas e Prajāpatis nos Manvantaras, os netos de Daksa, os filhos das filhas favoritas dele, e aqueles que foram gerados por Brahma e outros como também pelo inteligente Daksa. Os Manus, isto é, Sāvarni e outros, residindo no Meru; a descrição da linhagem de Dhruva, o filho de Uttānapāda.

113. A ordenha da Terra (como iniciada) por Prithu[28], filho de Vena; a especificação de recipientes e seu conteúdo de leite; a descrição de raças assim como antigamente essa terra foi ordenhada por Brahma e outros.

114. O nascimento de Daksa, o inteligente Prajāpati, em Mārisā, dos dez Pracetas por uma parte da lua.

115. A soberania de Mahendras sobre os seres do passado, presente e futuro, a criação de Manus e outros e as várias anedotas das vidas deles.

---

25 Isso se refere à manifestação de Śiva na forma *ling* como uma coluna de fogo, a dimensão da qual não pôde ser compreendida pelos deuses Vishnu e Brahma, ambos os quais estavam disputando por superioridade pessoal. Para detalhes veja o cap. 55.

26 Veja abaixo o cap. 58; compare *Brahmānda P.* livro 1. Cap. 2, verso 31.

27 Esse Vasu era um antigo rei piedoso de dinastia Pūru. Devido à sua devoção, ele se movia pelo céu sem tocar a terra. Havia disputa entre sábios e deuses sobre a interpretação de '*Aja*' na injunção Védica *'Ajena Tasfavyam'*. Os deuses interpretavam isso como 'uma cabra', enquanto os sábios afirmavam que isso significava 'sementes incapazes de germinação'. Quando Uparicara Vasu, a quem ambos os partidos aceitaram como o juiz, decidiu em favor dos deuses, embora isso envolvesse dano à vida, os sábios o amaldiçoaram e ele caiu de sua posição elevada no mundo inferior (*Mahābhārata*, *Śanti* P. cap. 338, [pág. 798 da versão em português]).

28 A lenda do rei Prithu ordenhando a terra é uma versão purânica da concepção védica da ordenha da vaca Virāj. O *Virāj Sūkta (Atharva Veda* VIII. 10) provavelmente é a base da lenda. Esse Prithu, o filho do tirano Vena, é um rei védico. O *Atharva Veda* VIII. 10. 24 registra que Prithu ordenhou a vaca Virāj com a terra como um balde de ordenha e Vaivasvata Manu como o bezerro. Aqui Cāksusa Manu é feito o bezerro como no *Brahmānda Purāna*.

116. A atividade criativa de Vaivasvata Manu é contada em detalhes. Assim também é narrado o nascimento de Bhrgu e outros do sêmen do deus Brahma na hora do grande sacrifício quando o Deus assumiu a forma de Varuna.

117. Depois da narração da criação auspiciosa (atividade geradora) de Cāksusa Manu, aquela de Daksa por meio de meditação é narrada.

118. Nārada, filho de Brahma, destruiu os filhos poderosos de Daksa depois de falar palavras agradáveis para eles. Ele assim provocou a maldição (de Daksa).

119. Então Daksa gerou em Vīrinī suas filhas renomadas. A procriação, atividade (geradora) sancionada pela religião (lei), do inteligente Kāśyapa é narrada então.

120. Depois disso, a unidade, diversidade e especialidades de Brahma, Vishnu Śiva são relatadas.

121. Como deuses foram amaldiçoados por serem todo-poderosos pelo auto-nascido Brahma (é narrado). A obtenção da condição de Marut pelos Maruts nascidos de Diti a partir de elementos divinos é então narrada.

122. A classificação de Maruts em sete grupos de sete cada, sua obtenção de natureza divina, a ordem dos Pitris e fixação da residência deles em Vāyu são narradas.

123. A criação de Daityas, Dānavas, Gandharvas, serpentes, Rāksasas, duendes, fantasmas, animais, pássaros, trepadeiras e as donzelas celestiais é narrada então em grandes detalhes.

124. O nascimento do elefante Airāvata do oceano, o nascimento de Garuda e sua coroação (também são narrados).

125-126. Narração detalhada (é feita então) dos descendentes de Bhrgu, Añgiras, Kāśyapa, Pulastya, do nobre Atri e do sábio Parāśara. A progênie dos Devas e dos sábios é descrita depois disso.

127. As três Virgens em quem todos os mundos estão estabelecidos são então glorificadas. Então os netos dos Pitris são citados e o nascimento de Devas é descrito.

128. Uma descrição detalhada do Senhor e aquela das cinco almas e a progênie de Ilā e então aquela de Āditya (o deus-Sol) é apresentada.

129. A lenda de Vikuksi[29], a morte de Dhundhu, e a linha de governantes de Iksvāku até Brhadbala é relatada brevemente.

130. A progênie de Nimi a Jahnugana e até aquela do rei Yayāti é descrita.

131. A descrição das dinastias de Yadu, Haihaya e posteriormente aquela de Kroshtri é dada.

132. A glória de Jyāmagha[30], a criação de indivíduos das almas nobres Devāvrdha, Arka e Vrsti são descritas.

133. A acusação divina de Vishnu, a obtenção de uma jóia preciosa do deus-Sol (são descritas).

134. A criação da progênie de Yudhājit de alma nobre como também aquela do sábio real glorioso Devamīdhusa são narradas.

135-136. Também o nascimento e ações de (Vishnu) de grande alma, a maldade de Kamsa, o nascimento em reclusão de Vishnu o Prajāpati como o filho de Vasudeva e Devakī, e depois a progênie de Vishnu (Krishna).

---

[29] Vikuksi era o rei filho de Iksvāku. Um dia Iksvāku decidiu conduzir um grande sacrifício *(Mahapralaya sraddha)* para os espíritos de seus mortos e enviou seu filho Vikuksi para a floresta para trazer carne de animais caçados. A caminho da casa dele, Vikuksi ficou faminto e comeu um coelho. Quando a carne para sacrifício estava para ser borrifada com água sagrada, Vasishtha declarou que ela era 'uma sobra' e não aceitável para sacrifício. O Príncipe confessou mas foi expulso por Iksvāku. Como Vikuksi comeu um coelho, ele se tornou conhecido como *Saiada.* Depois da morte de seu pai, Vikuksi retornou para governar Ayodhyā.

[30] A palavra 'glória' se refere ao fim afortunado de um rei exilado dominado pela esposa, filho de Rukma-Kavaca. Ele não tinha filhos. Uma vez em uma luta, ele obteve uma donzela e a levou para casa. A rainha de Jyāmagha, Saibya, lhe perguntou quem ela era. O marido dominado pela esposa respondeu, 'Sua nora'. 'Onde está seu filho?' replicou Saibya. Jyāmagha praticou penitência, obteve um filho, e a moça então se tornou nora deles. Veja o cap. 94; 30-35.

137. Na contenda entre Devas e Asuras, quando, enquanto protegendo Indra, uma mulher (a esposa de Bhrgu, mãe de Śukra) foi morta por Vishnu, Ele incorreu na maldição de Bhrgu. Bhrgu porém trouxe de volta à vida a senhora divina, a mãe de Śukra.

138. Houve guerras entre Devas e Asuras por doze miríades de anos acarretando grande perda de vida. (As façanhas de) Narasimha e outros são exaltadas.

139. A propiciação do deus Śiva foi realizada por meio de prática de penitência pelo sábio Śukra. Estando intensamente desejoso de obter um benefício, ele elogiou Śiva. Posteriormente são descritas as atividades de deuses e demônios.

140. Enquanto Śukra de alma nobre estava ocupado com Jayantī, o inteligente Brhaspati, assumindo a forma de Śukra, iludiu os Asuras. Por isso o poderosamente brilhante Śukra amaldiçoou (todos) eles.

141. Em seguida, o nascimento e glória do Senhor Vishnu são descritos. Turvasu era o neto de Śukra, nascido de sua filha Devayānī, de Yadu. Os reis Anu, Druhyu e Pūru eram os filhos de Yayāti.

142. Reis nobres e excelentes dessa família dotados de brilho e riqueza e possuindo fama eterna são descritos.

143-144a. A adesão rigorosa a Dharma pelo sábio brâmane Kauśika é narrada, e também como Surabhi (a vaca divina) dissipou a maldição de Brhaspati.

144b. A glorificação da família de Jahnu como também a bravura de Śantanu também são narradas.

145. Uma descrição breve dos sete Manus do futuro e uma descrição da destruição (do universo) no fim de Kaliyuga do último (Bhauma) Manvantara (são dadas).

146. A significação dos termos *Para* e *Parārdha* (é explicada) e a averiguação da extensão do universo em termos de yojanas (é feita).

147. Três tipos de dissoluções de todos os seres vivos, isto é, *Naimittika* (periódica), *Prākrtika* (de prakrti - natureza primordial) e *Ātyantika* (final) são descritos então.

148-149. Então, há a descrição da seca causada pelo sol, do fogo terrível Samvartaka, da nuvem, do único oceano vasto, do vento, da noite (de Brahma) de alma nobre, e do cálculo de períodos, especialmente o período de Brahma. Então a descrição dos sete mundos começando com a terra (Bhū) e dos infernos começando com Raurava é apresentada.

150. A residência excelente de Śiva se encontra acima da região de Brahma onde todos os seres vivos obtêm fusão no momento da aniquilação (do universo).

151-152. Então o fim de todos os seres vivos, a aniquilação total depois da morte (literalmente: destruição) de Brahma, os oito tipos e as oito formas da respiração vital, o curso para cima e para baixo (dos falecidos) devido a eles recorrerem a ações virtuosas e más em vida.

153. A destruição repetida dos *Mahābhūtas* (os elementos primários), a não-eternidade (até mesmo) do deus Brahma depois da enumeração de misérias (é descrita).

154-155. A natureza má de prazeres e a averiguação do resultado deles, dificuldades de obter libertação, percepção de defeitos através de desapego, estabelecimento do ser em Brahman depois de rejeitar o manifesto e o imanifesto e sua realização pelo conhecimento de diversidade são todos descritos em detalhes.

156. É afirmado que a felicidade suprema de Brahman é livre de aflição tripla, informe e imaculada. Aquele que compreendeu isso não tem nenhum medo, em nenhum lugar.

157. Uma criação ulterior por outro Brahma é narrada então como antes e assim também a linhagem de sábios e a destruição de todos os pecados.

158. Dessa maneira foram descritos os conteúdos desse Purāna. Nele também são descritas as mudanças, e dissoluções do universo, como também as tendências dos seres vivos e os resultados da abstenção de atos mundanos.

159. O nascimento de Vasishtha e seu filho Śakti, a morte de Śakti por (Kalmāsapāda), filho de Sudās pela instigação do sábio Viśvāmitra (são descritos).

160. O nascimento de Parāśara (de Adrśyantī) e como o sábio Vyāsa nasceu da filha dos Pitris por meio daquele sábio santo.

161. O nascimento de Suka; como o inteligente Parāśara e seu filho (Vyāsa) incorreram na ira de Viśvāmitra.

162. E como o fogo sacrifical foi aceso por Vasishtha, como aquele sacrifício foi arruinado astutamente por meios divinos pelo senhor Skanda, buscando o bem-estar do sábio Viśvāmitra, e por causa de progênie.

163. Como o sábio santo Vyāsa, pelo poder de sua inteligência, dividiu o único Veda em quatro e como, mais adiante, esses foram redigidos em vários ramos por seus discípulos e discípulos de segundo grau.

164. Como (Brahma) foi questionado pelos sábios das seis famílias ilustres sobre a aplicação prática dos Vedas em sacrifícios; como os sábios desejosos de ritos religiosos foram respondidos por Brahma ao ser perguntado dessa maneira; como os sábios desejaram região sagrada e como Brahma, desejando realizar o desejo deles, (lhes deu uma roda e lhes falou:)

165. "Esta roda tem um cubo excelente, sua forma e nome são divinos; ela tem a verdade como seus raios; sua revolução é auspiciosa, e ela é incomparável. Sigam-na atentamente, mas com autodomínio, enquanto ela procede à frente. Vocês então obterão o que é benéfico para vocês.

166. O lugar onde a borda dessa roda de lei, durante seu movimento à frente, for quebrada, deve ser considerado santo." Depois de dizer isso aos sábios Brahma desapareceu da visão.

167. (É mencionado) como Gañgā concebeu o feto dourado e como o lugar obteve o nome Naimisa. E como os sábios realizaram os sacrifícios longos lá e como Saradvat foi devolvido à vida.

168. Como, com grande fé, os sábios de Naimisa ampliaram a terra e instalaram um rei a quem eles honraram com hospitalidade conforme as injunções das escrituras sagradas.

169. O rei que foi assim satisfeito pela hospitalidade deles foi sequestrado pelo cruel Asura Svarbhānu[31] que desapareceu com ele.

170. Eles seguiram o rei sequestrado Aila (Purūravas) e como antes eles o viram na aldeia Kalāpa[32] na companhia de Gandharvas.

171. (É mencionado) como ele se uniu aos grandes sábios e (como) ele viu os recipientes dourados no sacrifício deles.

172. Como no longo sacrifício de doze anos (o rei) Aila se envolveu em disputa e briga e foi morto pelos sábios de Naimisa.[33]

173. Como eles criaram Ayus, filho de Aila, de dentro do Arani[34], concluíram o sacrifício e serviram Ayus.

---

[31] Um antigo rei Danava, filho de Kāśyapa e Danu. Ugrasena, avô materno de Krishna, era considerado como a encarnação dele (*Mahābhārata*; Adi P. cap. 67, pág. 144).

[32] Abaixo o cap. 91 mostra que era nos Himalayas essa Kalāpa onde Purūravas teve sua lua de mel com a ninfa divina Urvaśī. Supõe-se que Maru e Devāpi, os últimos reis das dinastias solares e lunares, esperam lá como ascetas para restabelecer seus reinos depois da era Kali. Ela é situada em algum lugar perto de Badarikāśrama - *The Geographical Dictionary of Ancient and Medieval India*, pág. 74.

[33] A morte de Purūravas em sua tentativa de se apoderar dos recipientes de ouro dos sacrificadores de Naimisarānya está registrada no *Mahābhārata* Adi cap. 75; [pág. 167], e *Brahmānda Purāna* 1; cap. 2, 17-23.

[34] De acordo com *Mahābhārata*, Adi, cap. 75, Ayu era o filho de Purūravas e Urvaśī e *não* foi criado do *Arani* (o pedaço de madeira para acender fogo por atrito) como declarado aqui. O *Vāyu Purāna*, abaixo no cap. 2, verso 21, confirma a versão do *Mahābhārata*.

174. Ó brâmanes excelentes, tudo isso foi descrito como aconteceu. O conhecimento de assuntos mundanos dos sábios realmente é grande.

175. Este Purāna, (que é) conducente a conhecimento excelente, foi narrado antigamente por Brahma. A encarnação de Rudra para a felicidade dos brâmanes (foi mencionada).

176. Assim também o (Pāśupata) Yoga de Śiva[35] e as regiões sagradas para ele foram glorificadas. Como o senhor Śiva veio a ser de garganta azul e como ele se manifestou na forma de liñga[36] também foi descrito.

177. Tudo isso foi contado para os brâmanes por Vāyuque expôs Brahman. A narração deste Purāna, escutar este Purāna e decorá-lo em especial, é conducente à riqueza, fama e longevidade. Ele é sagrado e dissipa pecados.

178. Agora ele vai ser narrado na ordem acima. Até mesmo narrações prolongadas, se declaradas de uma forma breve, são compreendidas com facilidade. E por isso o resumo acima. O que foi indicado acima em resumo será narrado em detalhes por mim abaixo.

179. Mesmo aquele que, com a serenidade da mente, estuda esse primeiro capítulo compreende este Purāna inteiro. Não há dúvida nisso.

180-181. Um brâmane, que conheça os quatro Vedas com os Añgas e Upanishads, não pode realmente ser considerado como tendo obtido proficiência, se ele não conheceu inteiramente os Purānas também. Ele deve reforçar o Veda com o Itihāsa e Purāna. O Veda teme aquele que é deficiente em tradição, pensando 'ele me danificará.'

182. Recitando frequentemente esse capítulo que foi contado pelo próprio Brahma, a pessoa será libertada até mesmo se ela estiver envolvida em infortúnios e chegará à meta de seu desejo.

183. Esse é chamado de Purāna porque ele respira (existe) desde os tempos mais antigos.[37] Até aquele que entende a interpretação etimológica disso será libertado de todos os pecados.

184. Nārāyana (Senhor Vishnu) permeia o universo inteiro e suas funções. O Senhor Śiva é o criador do criador desse universo.

185. Por isso escute este ponto principal. O Deus Śiva é a divindade suprema deste Purāna.[38] Na hora da evolução ele cria o universo. Na hora da dissolução ele o recolhe em si mesmo.

---

35 Veja abaixo os capítulos 11, 14 e 15.

36 Veja abaixo os capítulos 54 e 55.

37 Uma etimologia popular de 'Purāna'.

38 Consequentemente o *Vāyu Purāna* é considerado como um Saiva Purāna.

Capítulo 2: Uma Sessão Sacrifical de Doze Anos

1-2. Os sábios que eram ricos em austeridades religiosas (ou que consideravam austeridades religiosas como sua riqueza) falaram ao Sūta novamente: "Onde ocorreu o *Sattra* (sessão sacrifical) daqueles sábios de ações milagrosas? Quanto tempo ele durou? Como ele funcionou? Como (aconteceu de o Deus do Vento) Vāyu, narrar o Purāna para eles?

3. Por favor narre isso em detalhes porque nós estamos extremamente ansiosos para ouvir." Assim incitado, Sūta falou (as seguintes) palavras auspiciosas em resposta.

Sūta disse:

4. Ouçam onde os sábios eruditos executaram o excelente *Sattra*, quanto tempo ele continuou e como ele foi realizado.

5. Eles o executaram onde, antigamente, o criador do universo, desejoso de criar o universo, executou o santo *Sattra* por mil anos.

6. Naquele *Sattra*, Tapa era o chefe de família (realizando o sacrifício); o deus Brahma assumiu o ofício do sacerdote designado como 'Brahma'. Ilā tinha a posição do consorte (do realizador do sacrifício). O inteligente Mrtyu (deus da morte) de grande esplendor executou o rito *Sāmitra* (de matar o animal sacrifical) naquele sacrifício daquelas almas nobres.

7. Os sábios realizaram o sacrifício por mil anos no lugar onde a borda da *Dharma-cakra* girante (a roda da retidão) foi partida. Graças àquele evento, aquele local, santificado pelos sábios, ficou famoso como Naimisa.

8. Esse é o lugar onde o rio sagrado Gomatī, adorado por Siddhas e Cāranas, flui. Lá, Rohinī deu à luz Budha de Soma.

9. Onde Śakti, o filho primogênito de Vasishtha, nasceu; onde Arundhatī deu à luz cem filhos de brilho excelente.

10. Onde o rei Kalmāsapāda foi amaldiçoado por Śakti e onde surgiu a inimizade entre Viśvāmitra e Vasishtha.

11. Onde o sábio Parāśara[1] nasceu de Adrśyantī. Assim que ele nasceu, [*o fim da*] mortificação de Vasishtha[2] foi ocasionado.

12. Lá, em Naimisa, os explicadores dos Vedas executaram a sessão sacrifical. Visto que eles realizaram o sacrifício em Naimisa, eles foram chamados de Naimiseyas.

13. Foi enquanto o rei valoroso Purūravas estava governando a terra que os sábios executaram o *Sattra* por doze anos.

14. Nós ouvimos que embora Purūravas desfrutasse dos dezoito continentes, cercados pelos oceanos, ele nunca estava contente devido à sua cobiça para acumular pedras preciosas.

15. Incitada por Devahūti, Urvaśī o amou. Acompanhado por essa donzela celestial, o rei desejou realizar um sacrifício.

16. Foi durante o reinado dele que os Naimiseyas executaram o *Sattra*. O feto altamente refulgente, que Gañgā concebeu do deus do fogo, foi depositado na montanha e ele foi transformado em ouro.

17. Então, para promover a felicidade do mundo, o deus Viśvakarmā, por sua própria vontade, fez, de ouro, o salão sacrifical (literalmente: o recinto cercado para o sacrifício) daqueles sábios de alma nobre.

---

[1] Parāśara, enquanto no útero da mãe por doze anos, tornou-se um sábio védico (*Mahābhārata* Adi cap. 179, pág. 354).

[2] [“E, porque o Rishi Vasishtha tinha resolvido se autodestruir mas se absteve disso logo que soube da existência daquela criança, aquela criança, quando nasceu, foi chamada de Parāśara (o vivificador dos mortos).” *Mahabh*. *Adi Parva*, cap. 180, pág. 355.]

18. Brhaspati (o preceptor de deuses estava) lá entre os (sábios) de brilho incomparável. Durante o curso de caça aconteceu de Purūravas, o filho de Ilā, visitar aquele local.

19. Ao ver aquele grande salão sacrifical maravilhoso de ouro, sua faculdade de julgamento (sabedoria) foi subjugada pela cobiça e ele tentou confiscá-lo.

20. Nisso, os Naimiseyas ficaram extremamente enfurecidos. Incitados pelo destino, eles o mataram perto do fim da noite com erva Kuśa tornada adamantina.

21. Atingido pela era Kuśa semelhante a diamante, o rei rejeitou seu corpo mortal. Os sábios fizeram do filho dele, nascido de Urvaśī, o governante da Terra.

22. Esse rei (Ayu) era o pai de alma nobre de Nahusa. Ele era virtuoso e dedicado à religião, e ele se comportava bem com os sábios. A saúde daquela pessoa excelente era muito boa e ele desfrutou de uma vida longa.

23. Depois de apaziguarem o rei (Ayu), os sábios, que eram excelentes entre aqueles que conhecem Brahman, retomaram seu *Sattra* devidamente para aumentar o mérito religioso deles.

24. Aquele Sattra daqueles sábios nobres tornou-se tão magnífico quanto aquele dos criadores (do universo) o qual eles empreenderam no passado, com a finalidade de criar o universo.

25. O *Sattra* foi assistido por Vaikhānasas, os amigáveis Vālakhilyas, Maricikas e outros sábios que eram tão brilhantes quanto o sol e o fogo.

26. Ele foi assistido por Pitris, Devas, Apsaras, Siddhas, Gandharvas, Nāgas, e Cāranas. Ele estava equipado com os requisitos auspiciosos da mesma maneira como o salão de assembléia de Indra por meio de todos esses.

27. Eles adoraram os Devas por meio de hinos, cânticos *Sattra*, e grafo-encantamentos. Eles adoraram os Pitris com os ritos que são próprios para a condição deles. Eles adoraram da maneira prescrita os Gandharvas e outros de acordo com a respectiva posição deles.

28. Os Gandharvas cantaram hinos Sāman; as Apsaras dançaram. Eles estavam desejosos de propiciar (os convidados) naquele rito.

29. Os sábios proferiram palavras auspiciosas cheias de expressões graciosas. Aqueles que eram versados na filosofia dos mantras argumentaram uns com os outros.

30. Alguns disputantes superaram seus adversários por meio de argumentos enganosos. Os sábios lá eram homens instruídos, bem versados nas escolas Sāmkhya e Nyāya de filosofia.

31. Brahmarāksasas não perpetraram nenhuma ação de infração; nem estavam lá os Daityas que destroem o sacrifício, nem os Asuras que o saqueiam.

32. Não havia necessidade de expiação ou imprecação. Pela combinação de atividade, intelecto e eficiência (firmes), as injunções foram levadas a cabo.

33. Dessa maneira os sábios inteligentes realizaram o *Sattra* de duração de doze anos. Bhrgu e outros sábios eruditos executaram os sacrifícios Jyotistoma separadamente. Eles pagaram dez mil (moedas) como taxa para aqueles sacerdotes em retribuição.

34. Depois de concluírem o sacrifício, ó brâmanes, eles pediram ao grande senhor Vāyu de alma nobre o que vocês me pediram. Incitado a descrever as várias dinastias de reis, o senhor falou a eles.

35. Ele (Vāyu) era um discípulo de Brahma. Ele podia ver tudo diretamente. Ele tinha controle perfeito sobre seus sentidos. Ele era dotado dos oito poderes sobrenaturais como *Animā* e outros.

36. Ele sustenta todos os mundos com as características especiais deles, das espécies não humanas (e humanas). Ele flui perpetuamente por seus sete cursos (regiões) como planejado.

37. Os quarenta e nove Maruts organizados em sete grupos de sete foram colocados invariavelmente na jurisdição dele. Ele é tão poderoso que podia fazer o

conjunto de três tipos de seres vivos. Ele podia fazer os seres encarnados se sustentarem por meio de Tejas (fogo).

38. Ele sustenta corpos de seres vivos impulsionando-os com as atividades quíntuplas dele e através dos órgãos de sensação e atividade.

39. É dito pelos eruditos que a fonte de origem dele era o éter, atributos eram som e toque e que ele era o origem do fogo.

40. O Senhor Vāyu é a divindade presidente extremamente ativa chamada Vātārani. Ele era especialista na ciência de linguagem.

41. Ele era perito em tradição antiga (Purāna). Por meio de palavras agradáveis cheias de conteúdos purânicos ele podia encantar os sábios eruditos.

Capítulo 3: Origem da Criação

Sūta disse:

1. Reverência ao grande Deus (Śiva) de poder e atividade supremos, o proeminente entre deuses, cuja inteligência e brilho são imensuráveis. Saudação a ele do brilho de mil sóis e fogo. Saudação ao criador e aniquilador do universo.

2-5. Eu narrarei a história que repele o mal da era Kali, depois de me curvar aos Prajāpatis reverenciados por todo o mundo, aos grandes Senhores como o deus nascido por si mesmo Brahma, Rudra e outras divindades, (a) Bhrgu, Marīci, Paramesthin, Manu, (a) Rajas, Tamas (e Sattva), a Dharma, Kāśyapa, Vasishtha, Daksa, Atri, Pulastya, Kardama, Ruci, Vivasvat, Kratu, (ao) sábio Patriarca Añgiras, Pulaha, Cukrodhana e ao grupo de vinte e um ordenados a executar seu dever de aumentar os indivíduos (os seres humanos) e àqueles sábios antigos e eternos que são acompanhados por seus atendentes.[1] Eu me curvo aos sábios, os líderes dos quais são Brhaspati e Uśanas que brilham por sua firmeza e fortaleza. Eu me curvo àqueles sábios misericordiosos de conduta e penitência auspiciosas.

6. Eu descreverei a criação excelente de Prajāpati (Deus Brahma) embelezada por Indra, deuses, e os sábios. Ela é auspiciosa, incomparável, impecável e agradável para os sábios e os patriarcas (Prajāpatis) de grande esplendor.[2]

7. O (Purāna), história proclamada pelo deus do vento, é maior que os maiores. Ele descreve o período desde o princípio do dia do deus Brahma; ele descreve os sábios que têm manifestado amplamente e distintamente a glória de sua coragem e esplendor. Ele está expandido (incorporado) nos Vedas e Smrtis e ilustrado (neles) também.

8. Ele é muito encantador para a mente devido à construção precisa de combinações e (ao uso de) variedade apropriada de palavras. Nele é descrita a primeira atividade da natureza imanifesta incitada pelo senhor Śiva.

9-**10**. O que é mencionado como a causa incompreensível é Brahman que é a fonte de origem da Prakrti. A unidade individual é uma síntese de Ātman, a cavidade do coração, útero, olho e o corpo. Ela é imortal e imperecível. O sêmen contém o sattvaguna, penitência e é muito luminoso. Aquele segundo Purusa eterno incompreensível é permeado por Brahma, o avô dos mundos.

11. Pela mera concepção mental do Grande Senhor, Prakrti dá à luz as oito causas para aumentar a continuidade da criação e para as mudanças predeterminadas na alma corporal, ela (isto é, Prakrti) sendo a procriadora, a possuidora de Rajas em abundância, limitada pelo tempo cósmico e os limites prescritos pelos Vedas.

12-14. (O Purāna descreve a criação de) Devas, Asuras, montanhas, árvores, oceanos,[3] Manus, Patriarcas (Prajāpatis), sábios, Pitris, castas duas vezes nascidas, Piśācas, Yaksas, Nāgas, Rāksasas, estrelas, planetas, constelações de estrelas, do sol, dos demônios que rondam à noite, meses, estações, anos, noites, dias, espaço, tempo, Yugas, Ayanas, ervas medicinais e de floresta, trepadeiras, seres aquáticos, Apsaras, animais, relâmpagos, rios, nuvens, pássaros etc. De fato tudo o que é sutil, tudo o que há na terra, tudo o que está posicionado no céu, tudo o que é móvel ou imóvel, tudo o que tem movimento e divisão (é mencionado neste Purāna).

15. A ciência dos Vedas - Rik, Yajus, Sāman, o suco Soma, o sacrifício - tudo o que é usado e desejado por Prajāpati é citado.

---

1 [O *Agni* P.] adiciona: '[e] a todos os Manus atuais.'

2 [O *Agni* P.] adiciona: 'de fala, intelecto e esplendor corpóreo extremamente puros.'

3 [O *Agni* P.] adiciona: 'de Gandharvas, Yakshas, Nāgas ou répteis e seres humanos.'

16. (Assim também é descrita) A criação daqueles antes daquela de Vaivasvata Manu - o nascimento daqueles piedosos que são reverenciados pelos três mundos como os senhores dos deuses, sábios divinos, Manus e (pessoas) proeminentemente inteligentes que têm preenchido (povoado) e embelezado os três mundos.

17. O renascimento de Daksa no mundo dos mortais pela maldição de Rudra; sua residência na Terra e a maldição mútua de Śiva e Daksa[4] (são mencionadas).

18. As revoluções de Manvantaras, a criação e dissolução dos Yugas, sábios e sua linhagem como esses ocorreram nos Yugas primevos e acontecerão futuramente – tudo isso é descrito aqui (neste Purāna).

19. Aqueles Vyasas que propagam os Vedas nos Dvāpara Yugas são descritos em série. Assim também o número de Kalpas, mundos e os dias de Brahma (são mencionados).

20. A extensão de seres vivos quádruplos, isto é, pássaros, árvores, os insetos nascidos da umidade, e animais como também dos piedosos habitantes do céu, e daqueles que foram para o inferno. A extensão deles é dada por inferência.

21. Os três tipos de dissolução, isto é, absoluta, de Prakrti (natureza primordial) e periódica como também a escravidão e libertação e particularmente o modo de existência mundana e o modo mais elevado são mencionados.

22. A posição das causas que permanecem no estado de Prakrti (causa material) e seu funcionando subsequente, foi explicado para os sábios através de argumentos e conforme a autoridade de escrituras sagradas. Ó brâmanes, tudo o que foi completamente narrado efetivamente está sendo recontado precisamente para vocês. Ouçam, por favor.

[4] Abaixo cap. 30. 56-67.

Capítulo 4: Origem da Criação (continuação)

1. Ao ouvirem isso, todos os sábios da floresta de Naimisa responderam para Sūta com olhos animados com curiosidade.

2. "Você, senhor, é um perito no conhecimento de diferentes dinastias e famílias porque você herdou isso diretamente de Vyāsa. Por isso, por favor descreva plenamente para nós a criação (etc.) deste mundo.

3. Nós desejamos saber o detalhado 'quem de quem' (literalmente: as genealogias) deles todos, e também a criação diversa dos sábios antigos, como também a criação primeva de Prajāpati."

4. Ao ser pedido repetidamente por eles, Lomaharshana de alma nobre, o mais excelente entre os bons, narrou tudo em detalhes e na devida ordem.

Lomaharshana disse:

5. A história que vocês me pediram para narrar é divina, encantadora, significativa e destrutiva de pecados. O que está sendo narrado por mim é extraordinário, cheio de significado profundo e em consonância com os Vedas.

6-**7**. Aquele que o retém em sua memória, ou o escuta constantemente, ou o narra para brâmanes e para ascetas especialmente, com mente piedosa e autodomínio, em ocasiões festivas (ou dias lunares importantes) em centros e templos sagrados, desfruta de uma vida longa. Por proclamar este Purāna, ele mantém sua família e é honrado no céu.

8. Compreendam como o Purāna que consiste em seções extensas está sendo recitado por mim palavra por palavra como ele foi ouvido (por mim). Isso aumentará a fama de vocês todos.

9. A glorificação de todas as pessoas meritórias de fama bem estabelecida é conducente à riqueza, reputação, prazer divino, destruição de inimigos e longevidade.

10. Criação (do universo, sua) dissolução e recriação, genealogia de reis, Manvantaras e a descrição das famílias de sábios - essas cinco constituem as características de um Purāna.[1]

11. Eu narrarei (agora) em detalhes o Purāna que foi narrado pelo deus do vento e que está no mesmo nível que os Vedas. (Eu narrarei a história tradicional do) Kalpa que é mais puro que quaisquer outros Kalpas e é positivamente mais puro que outras coisas sagradas.

12. A primeira parte (*pāda*), chamada *Prakriyā*, consiste no seguinte: A Origem, dissolução, recriação e sustento do mundo.

13. As outras seções constituem a Introdutória (*Upodghāta*), *Anusañga* (a central) e *Upasamhāra* (a conclusão). O Purāna é conducente à virtude, fama e longevidade. Ele dissipa todos os pecados.

14. Dessa maneira as quatro seções[2] foram citadas brevemente por mim. Eu as descreverei em detalhes na ordem apropriada.

15-**16**. Depois de prestar homenagem ao deus Brahma nascido por si mesmo, Hiranyagarbha (um feto dourado, nascido do ovo dourado), que é o senhor, é o primeiro e o último Purusa, que é o Ātman distinto e superior dos indivíduos e que governa os mundos, eu relatarei detalhadamente a criação excelente sem deixar nada em dúvida. A criação começa com o princípio de *Mahat* e termina com *Viśesa* (o corpo

---

[1] Esse verso enumerando as cinco características de um Purāna é comum à maioria dos Purānas. Amara Simha (séc. 15 D.C.) registrou esse verso no *Amara Kosha* I. 6. 5.

[2] A divisão de textos purânicos em quatro Padas, isto é: (1) Prakriyā, (2) Anusañga, (3) Upodghāta e (4) Upasamhāra, é mais antiga que a definição *Pañca-laksana* [dada pelo lexicógrafo Amarasimha]. [*Pañcha Lakshana* é um epíteto aplicado aos Purānas, significando 'aquilo que tem cinco tópicos característicos.']

grosseiro).[3] Ela é descrita em diversidade de formas e características com as cinco dimensões e seis sistemas (divisores). Ela é presidida por Purusa.

17. A causa primária imanifesta é da natureza de *Sat* (existente) e *Asat* (inexistente). Ela é eterna. Aqueles que meditam sobre a Realidade a chamam de *Pradhāna* e *Prakrti*.

18. Ela é desprovida de cheiro, cor, gosto, som e toque. Ela é não-nascida, firme, imperecível, eterna e posicionada [no?][4] próprio Ātman.

19. Ela é a origem do universo. Ela é o grande Ser, o grande Brahman, o eterno. Ela é imanifesta e realmente é a extensão de todos os elementos.

20. Ela é sem início, infinita, não-nascida, sutil, possuidora de três atributos. Ela é a fonte e o imutável. Esse Brahman infinito (literalmente: não pertencente ao presente), incompreensível, existia no princípio.

21-**22**. Todo esse universo que estava envolvido em escuridão, era permeado pelo Ātman quando os Gunas estavam em equilíbrio. Mas na hora da criação Tamas alcançou um estado secundário. O princípio de *Mahat* apareceu, devido à condição subsidiária de Pradhāna, uma vez que ela era presidida pela alma individual.

23. Ela foi envolvida pelo princípio sutil e imanifesto de *Mahat*, o qual quando Sattva se torna predominante, ilumina apenas Sattva. A mente deve ser compreendida como o *Mahat* porque a mente é sua causa.

24. Ele nasce da mente sutil, presidida pela consciência inteligente. Dharma etc. e suas várias formas são as causas dos ingredientes da criação. Quando estimulado pelo desejo de criar, o princípio de *Mahat* executa a criação.

25. Os termos *Manas, Mahat, Mati, Brahma, Pūh, Buddhi, Khyūti, Iśvara, Prajñā, Citi, Smrti, Sarhvit,* e *Vipura* são sinônimos[5], assim dizem as pessoas instruídas.

26. Visto que ele concebe do resultado das atividades que se multiplicam de um modo sutil, ele é chamado de *Manas*.

27. Ele é chamado como *Mahat* porque ele nasce antes de todos os princípios e é maior em dimensão do que outros princípios e atributos.

28. Ele é chamado de *Mati* porque ele porta (compreende) a medida, concebe a divisão e é considerado como o Purusa devido à sua relação de gozo.

29. Ele é designado (etimologicamente) como *Brahman* por causa de sua grandeza e porque ele cria os seres e os ergue do lugar de repouso deles, a água cósmica.

30. Ele é chamado de *Pūh* porque ele enche todos os corpos conferindo benefícios e os faz dotados de elementos predeterminados.

31. Ele é chamado de *Buddhi* porque por meio desse princípio, Purusa discerne entre o saudável e o não saudável e o faz aconselhar outros também.

32. Ele é chamado de *Khyāti* porque re-prazer é sentido na consciência desse princípio quando prazer (verdadeiro) é baseado em conhecimento.

33. Ele é proclamado por seus atributos e é conhecido por diferentes nomes. Por isso *Khyāti* é o epíteto de *Mahat*.

34. Já que ele conhece tudo diretamente, ele é chamado de *Iśvara* de grande alma. Ele é chamado de *Prajñā* porque órgãos de percepção nascem dele.

35. Ele é chamado de *Citi* porque ele reúne as formas, conhecimento, etc. e os resultados de ritos sacrificais em busca de prazer.

36. Ele é declarado como *Smrti* porque ele está ciente de todas as atividades e afeta presente, passado e futuro.

---

[3] Os Purānas aceitaram a teoria Sāmkhya de evolução do universo.

[4] [Falha na digitalização.]

[5] Essa tendência para síntese ou *Samanvaya* de diferentes escolas de pensamento é encontrada em outros Purānas independente da classificação deles como Saiva ou Vaisnava. As etimologias desses termos nos versos 26-39 são populistas.

37. Ele é chamado de *Sarhvit* porque ele obtém conhecimento completo e consequentemente sua grandeza.

38. Ele existe em tudo e tudo existe nele. Por isso ele é chamado como *Sarhvit* pelas pessoas que possuem inteligência mais elevada.

39. Aquele receptáculo de conhecimento, o senhor (onisciente), proclamou que conhecimento surge de conhecimento. *Mahat* é chamado de *Vipura* pelos instruídos porque os *Dvandvas* (pares colidindo mutuamente) são cobertos por ele.

40. Por ele ser o controlador absoluto de todos os mundos, ele é chamado de *Īśvaran*. Ele é chamado de *Brahman* por causa de sua grandeza. Ele é *Bhāva* por causa de sua existência.

41. Ele é chamado de *Ka* (Prajāpati) por causa de seu conhecimento do corpo físico e da alma também, devido a ele ser absolutamente único. Ele é *Purusa* porque ele se encontra no corpo. Ele é *Svayambhū* porque ele nasce por si mesmo e porque ele existe desde o princípio.

42. O primeiro *Tattva* (Mahat) excelente foi assim explicado através de palavras sinônimas pelos conhecedores da verdade e aqueles que meditam na realidade.

43. Estimulado pelo desejo de criação, Mahat executa a criação.[6] [Suas] atividades duplas são criação e esforço.

44. Dharma e outros princípios são os ingredientes de [?]. Mahat é triplo em virtude dos três gunas, isto é, *Sattva, Rajas* e *Tamas.*

45. ...Mahat de Gunas triplos, nasce o Ego quando o ... é predominante. A criação do Ego é secundária ... por Mahat. [Texto digitalizado com falhas.]

46. Depois disso, quando o Ego (cósmico) é dominado por *tamo-guna*, o elemento sutil primário nasce do Ego caracterizado por *tamas*.

47. O éter é uma extensão vasta perfurada e é caracterizado pelo elemento sutil chamado som e é também envolvido pelo Ego cósmico (*Bhūtādi*).

48. É informado que éter caracterizado pelo elemento sutil som criou o elemento sutil tato. O Ego sofrendo uma mudança criou o elemento sutil som.

49. O vento fica poderoso e é considerado como tendo a qualidade do toque. O ar poderoso nasce do elemento sutil de toque. O éter caracterizado por seu elemento sutil de som envolveu o elemento sutil de toque.

50. Água, (consistindo) do elemento sutil de gosto é envolvida pelo elemento sutil de cor. A água efetuando uma mudança no elemento sutil de gosto criou o elemento sutil de cheiro.

51. A formação de componentes ocorre a partir daquela qualidade. Com seu 'cheiro' específico, a água com seu elemento sutil de gosto cobriu (a terra) consistindo no elemento sutil de cheiro.

52. Os elementos sutis são assim chamados porque eles têm qualidades características. Essa é a característica especial deles. Eles também são chamados de *Avisesas* porque eles expressam qualidades não distintivas. Eles além disso são chamados de *Avisesas* porque eles são não-inativos, não-veementes e não-inteligentes.

53. Essa criação de elementos grosseiros e sutis deve ser conhecida (na base) de atividades recíprocas. Do tipo de ego *Vaikārika,* que é gerado por *Sattva guna* e é *sattvika* por natureza, o tipo de criação *Vaikārika* ocorre simultaneamente.

54. Os cinco órgãos de conhecimento e os cinco órgãos de ação constituem os dez órgãos eficientes. Esses constituem as dez divindades (presidentes). O décimo primeiro é a mente. (Assim) os deuses *Vaikārika* são onze (em número).

55. Ouvido, pele, olho, língua e o quinto, nariz, são os órgãos cognitivos para conhecer som etc.

56. Pernas, ânus, órgão de geração, mãos e o décimo, o órgão da fala, são os órgãos de ação. Suas funções são movimento, evacuação, busca de prazer, trabalho manual e fala.

---

[6] Aqui há falhas na digitalização, até o verso 46.

57. Éter, o elemento sutil por causa do qual existe o som, penetra o elemento sutil de toque. Portanto, o ar consiste em dois atributos: som e toque.

58. Quando os dois atributos, isto é, som e toque penetram a qualidade, 'cor', o fogo vem a ser dotado de três atributos, isto é, som, toque e cor.

59. Junto com as (qualidades) de som, toque e cor ele penetrou o elemento sutil de gosto. Disso, água caracterizada pelo gosto deve ser conhecida como possuindo quatro atributos.

60. O elemento sutil de cheiro entrou neles junto com som, toque e cor. Então (água) em conjunção com o elemento sutil de cheiro produz terra. Entre todos os elementos grosseiros, só a terra possui cinco atributos.

61. Os elementos grosseiros são chamados de *Viśesas* porque eles são imóveis, impressionantes e não-inteligentes. Estes sustentam uns aos outros porque eles penetram uns aos outros.

62. Dentro da terra está este cosmo inteiro cercado firmemente por Lokāloka. Os *Viśesas* são perceptíveis pelos órgãos dos sentidos e são limitados (porque eles são fixos e determinados).

63. Os elementos posteriores obtêm os atributos dos anteriores. Qualquer característica que seja retida por um período específico é chamada de *guna* (qualidade) por aquele período.

64. Tendo sentido cheiro de fogo, alguns, por ignorância, (podem acreditar que ele) emana do ar. Deve ser sabido que isto (cheiro) existe somente na terra (isto é, ele é a qualidade exclusiva da terra). E elas (as partículas de terra) tomam refúgio em (isto é, [são] encontradas no) ar (por isso seu cheiro).

65-**66**. Esses sete elementos extremamente poderosos, mas diferentes, eram incapazes de criar os indivíduos (os seres) separadamente, [então] todos eles se associaram. Quando aqueles de grande alma começando com *Mahat* e terminando com *Viśesas* se unem, eles são presididos por Purusa e com a bênção do imanifesto, eles criam o ovo cósmico.

67. Como uma bolha da água, o ovo nasceu (repentinamente) todo de uma vez de *Viśesas*. O que era a massa vasta de água nisso executou o trabalho de Brahma.

68. O *Ksetrajña* designado como Brahma (o princípio cósmico de atividade) acordou no ovo de Prakrti. Ele é de fato o primeiro ser encarnado. Ele é chamado de Purusa.

69. Ele é o primeiro criador de seres vivos. Ele existiu no próprio princípio, manifestando-se como o Hiranyagarbha de quatro faces. Na criação primária e secundária, o *Ksetrajña* é chamado de Brahma.

70. Seres vivos são criados junto com os órgãos dos sentidos aos quais eles renunciam na hora da dissolução. Seres vivos recorrem novamente a corpos nos períodos transitórios caracterizados por não-agregação.

71. O Meru dourado é o feto daquele de grande alma. Os oceanos constituem o líquido embrionário e as montanhas, a membrana e os ossos embrionários.

72. Os sete mundos e esta terra com os sete continentes e sete oceanos se encontram dentro do ovo cósmico.

73. Dentro dele estão todos esses mundos junto com milhares de montanhas e rios muito grandes, não somente isso, mas o próprio universo.

74. A lua, o sol, junto com as estrelas, planetas, o ar, a montanha Lokāloka e tudo o que existe está incluído (isto é, presente) no ovo cósmico.

75. O ovo cósmico é envolvido externamente por águas dez vezes seu tamanho.[7] As águas são externamente rodeadas por fogo dez vezes o tamanho delas.

76. O fogo é envolvido externamente por ar dez vezes seu tamanho. O ar é cercado externamente por éter dez vezes seu tamanho.

---

[7] A teoria de sete envolturas que protegem o Ovo Cósmico é outro conceito purânico popular.

77. O ar é envolvido pelo éter. O éter é cercado pelo Ego cósmico. O Ego é rodeado por *Mahat* (intelecto) e *Mahat* é rodeado pelo imanifesto. O ovo cósmico é assim envolvido pelas sete coberturas criadas por Prakrti.

78. Essas oito Prakrtis permanecem encobrindo-se mutuamente dessa maneira. Existindo na hora da criação, elas absorvem umas às outras (na hora da dissolução).

79. Assim gerados mutuamente, eles sustentam uns aos outros como o sustentador e o sustentado em sua relação primária e secundária.

80. O imanifesto (princípio inconsciente) é chamado de *Ksetra,* e Brahma (o princípio consciente) é chamado de *Ksetrajña*. Assim a criação de Prakrti é presidida por Ksetrajña. Ela existia no princípio sem intelecto. Ela apareceu de repente como relâmpago.

81. Aquele que compreende realmente a manifestação de Brahma, é dotado de fama, longevidade, riqueza e progênie.

82. Se um homem renunciou aos desejos, ele se torna de alma pura e atinge sua meta. Por escutar este Purāna todos os dias uma pessoa pode obter prazer e bem-estar.

Capítulo 5: A Origem da Criação

Lomaharshana continuou:

1. Ó brâmanes, o período de tempo calculado por mim para a criação (do universo) deve ser conhecido como um dia do Deus supremo.

2. A noite do grande Deus também deve ser conhecida como totalmente da mesma duração. O período de criação é seu dia e o período de dissolução é chamado de sua noite.

3. É considerado que ele (Brahma) tem só o dia e nenhuma noite. Mas tal suposição é feita somente para o benefício do mundo.

4-6. Os indivíduos, os patriarcas, os videntes védicos junto com ascetas, sábios eternamente jovens como Sanatkumāra e outros, junto com aqueles que obtiveram salvação, os órgãos dos sentidos e seus objetos, os elementos sutis, assim como o intelecto e a mente – todos esses permanecem durante o dia do Deus Supremo; eles são dissolvidos no fim de seu dia; ao término da noite, há criação do universo.

7. Quando a qualidade Sattva permanece em si mesma e quando a criação secundária é recolhida, Pradhāna e Purusa se tornam semelhantes (isto é, inativos).

8. As qualidades Tamas e Sattva ficam em um estado equilíbrio. Quando há equilíbrio nas qualidades mutuamente, isso deve ser conhecido como dissolução; quando há desequilíbrio dos gunas, isso é chamado de criação (isto é, ocorre criação de objetos).

9. Da mesma maneira como óleo reside nas sementes de gergelim ou ghee [manteiga clarificada] no leite, assim a qualidade Rajas fica imanifesta em Sattva e Tamas.

10. Depois de permanecer inativa por toda a grande noite do Deus, a criação de Prakrti começa novamente na alvorada.

11. Entrando no Ovo cósmico, o grande deus causou, por meio de seu Yoga supremo, agitação em Pradhāna e Purusa.[1]

12. De Pradhāna que estava sendo agitado, Rajas foi produzido. É Rajas que causa a atividade assim como água causa a atividade nas sementes.

13. O desequilíbrio de qualidades tendo entrado em vigor, as (divindades) presidentes são geradas. Os três deuses foram criados enquanto os gunas estavam sendo agitados. Aqueles deuses encarnados, as almas que residem em tudo o que tomou refúgio são extremamente misteriosos.

14. A qualidade de Rajas tornou-se Brahma; Tamas, Fogo; e Sattva tornou-se Vishnu. Brahma, o iluminador de Rajas, fica na qualidade de criador.[2]

15. Fogo, o iluminador de Tamas, permanece na qualidade de Kāla. Vishnu, o iluminador de Sattva, permanece indiferente.

16. Esses somente são os três deuses e os três fogos. Eles são mutuamente dependentes, dedicados e fiéis uns aos outros.

17. Eles funcionam juntamente, sustentam uns aos outros; eles estão sempre em associação uns com os outros. Eles subsistem uns dos outros. Não há separação entre eles nem mesmo por um momento. Eles não deixam uns aos outros.

18. *Iśvara* é a deidade mais elevada. Vishnu é maior que *Mahat*. Brahma, com Rajas dominante, funciona para o propósito de criação. Purusa é conhecido como *Para* (o supremo) e Prakrti como *Parā* (grande).

---

[1] *Kfobha* 'agitação' é um processo de contração e expansão que é cíclico.

[2] Os escritores de Purānas identificam os Gunas com a tríade de deuses Brahma, Vishnu, e Rudra. Em nosso texto Agni representa Tamas Guna. Mas desde os tempos védicos Rudra é identificado com Agni.

Escritores de Purānas aceitaram a teoria Sāmkhya de evolução cósmica mas eles acrescentaram Iśvara ou uma deidade suprema e deram um traje popular à evolução para educação das massas.

19. Ele (Brahma) opera ao ser presidido por Maheśvara e sendo impulsionado por toda parte. Mahat e outras (criações de Prakrti) posicionadas por longo tempo em seus respectivos objetos devido à atração, funcionam depois disso.

20. Devido ao desequilíbrio das qualidades, *Pradhāna* começa a funcionar na hora da criação. De *Pradhāna*, que é da natureza de *Sat* e *Asat*, presidida por Iśvara, o par Brahma e *Buddhi* (inteligência cósmica) nasce simultaneamente.

21. Então o Ksetrajña chamado de Brahma, da natureza de Tamas e do imanifesto, se manifesta no princípio, totalmente equipado com órgãos dos sentidos para todas as atividades.

22. Ele, o imanifesto dotado de intelecto, resplandece com brilho. Ele é realmente o primeiro ser encarnado permanecendo na qualidade de uma causa.

23. Ele é equipado com conhecimento desimpedido e domínio supremo. Ele é dotado de *dharma* e imparcialidade desobstruídos.

24. O conhecimento, caracterizado por desapego, daquele senhor, é desimpedido. O intelecto de Brahma, identificando-se com aquele Deus, é afetado por *Dharma* e *Aiśvarya* (supremacia).

25. Tudo o que ele deseja mentalmente é criado do imanifesto naturalmente, devido a isso [o imanifesto] ser controlado, devido à ausência de atributos, e devido a ele ser o senhor dos Devas.

26. Na qualidade de Brahma, ele se torna o criador de quatro faces, na qualidade de Kāla, ele é o destruidor; na qualidade de Purusa (Vishnu) ele é o senhor de mil cabeças. Esses são os três estados do Deus nascido por si mesmo.

27. Na qualidade de Brahma, o criador, ele possui *Sattva* e *Rajas* predominantemente; como destruidor (do universo), *Rajas* e *Tamas* predominantemente; e como Purusa (Vishnu), *Sattva* exclusivamente. Assim é o estado ou curso de atributos do Deus autonascido.

28. Na qualidade de Brahma ele cria; na qualidade de Kāla ele recolhe (destrói) os mundos; na qualidade de Purusa ele permanece indiferente. Esses três são os estados do Senhor de indivíduos.

29. Brahma tem o esplendor do interior de um loto. Kāla tem o esplendor de colírio. Purusa é de olhos de loto. Assim é a forma da alma suprema.

30. O Senhor de Yugas que por divertimento tem diferentes criações, atividades, formas, nomes e funções, cria e efetua mudanças em (diferentes) corpos.

31. Já que ele funciona no mundo de três modos, ele é chamado de *Triguna*. Já que ele é dividido em quatro ele é glorificado como *Caturvyūha* (tendo quatro manifestações).

32. Ele é chamado de *Ātman* porque ele obtém (*Āpnoti*), toma (*Ādatte*) e existe (*Asti*) para o (prazer de) objetos, que é a existência permanente dele.

33. Ele é chamado de *Rsi* porque ele vai a todos lugares. Ele é Vishnu porque ele penetra tudo. Ele tem o domínio sobre tudo. Ele é o senhor do corpo físico etc.

34. Ele é *Bhagavān* porque há tais (excelências) nele. Ele é *Rāga* (o senhor da paixão) porque ele controla a paixão. Ele é *Para* (Supremo) porque ele é o ser cósmico. Ele é *Om* porque ele protege (todos).

35. Ele é *Sarvajña* (onisciente) porque ele conhece tudo. Ele é *Sarva* porque tudo se origina dele. Porque homens emergem dele, ele é conhecido como *Nārāyana*.

36. Ele divide seu ser em três e age nos três mundos. Ele cria, examina (protege) e devora por meio das três atividades. No princípio Hiranyagarbha se manifestou como o senhor de quatro faces.

37. Porque ele é primeiro a se manifestar ele é chamado de o primeiro deus. Ele é chamado de *Aja* porque ele não nasce (é existente por si mesmo). Já que ele protege os indivíduos, ele é chamado de *Prajāpati*.

38. Ele é chamado de *Mahādeva* porque ele é a maior divindade entre os Devas. Ele é *Iśvara* porque ele é o senhor dos mundos e porque ele não está sujeito ao controle de outro.

39. Ele é chamado de *Brahma* devido à sua grandeza. Ele é chamado de *Bhūta* por causa de sua existência (eterna). Ele é *Ksetrajña* porque ele conhece a natureza cósmica imanifesta. Ele é *Vibhu* porque ele é onipresente.

40. Porque ele se encontra no corpo sutil (chamado *Pur*) ele é chamado de *Purusa*. Ele é chamado de *Svayambhū* porque ele não é gerado e porque ele existe antes da criação.

41-**42**. Ele é chamado de *Yajña* porque adoração ou sacrifício é oferecido a ele. Ele é *Kavi* porque ele é onisciente. Ele é *Kramana* porque ele é digno de ser aproximado e devido ao seu patronato de castas, ele é chamado de *Āditya*, *Kapila*, *Agraja*, e *Agni*. O útero dele era ouro e ele nasceu do útero dourado, assim ele é chamado de *Hiranyagarbha* nesse Purāna.

43. Mesmo em centenas de anos, é impossível calcular o número de anos que decorreram desde que o nascido por si mesmo foi manifestado.

44. O tempo que decorreu, o número de Kalpas que passaram depois que ele tinha se manifestado é chamado de *Para*. O mesmo tanto de tempo ainda resta para ele. Ao seu fim, a criação subsidiária é para acontecer.

45. Crores[3] e crores de Kalpas já se passaram. Contudo tantos mais ainda restam.

46. O Kalpa que é agora atual, ó brâmanes, é chamado de Vārāha. Esse é o primeiro dos Kalpas correntes presentemente.

47-**50**. Ele terá quatorze Manus, começando com Svāyambhuva e incluindo aqueles do passado, presente e o futuro. Por esses governantes de homens, esta terra, incluindo os sete continentes, será protegida junto com os súditos, por meio de penitência. Agora escutem em detalhes. Pela (descrição de) um Manvantara, todos os Manvantaras futuros, e pelo (relato de) um Kalpa, todos os Kalpas passados e futuros (são descritos). Os Kalpas futuros junto com as futuridades e dinastias devem ser deduzidos pelo inteligente (baseado) nos Kalpas passados.

[3] Um crore equivale a dez milhões.

Capítulo 6: A Origem da Criação (Continuação)

Sūta disse:

1-3. A água se originou do fogo. Quando a terra foi destruída no fogo e tudo imergiu (na água), quando, portanto, os seres móveis e imóveis também foram destruídos, nada podia ser conhecido (visto) naquele vasto oceano de água.[1] Então Brahma, chamado Nārāyana, o senhor Brahma de mil olhos, mil pernas e mil cabeças, o Purusa que é de cor dourada além do alcance de órgãos do percepção, dormiu naquela água.

4. Devido à preponderância de Sattva, ele acordou e ele viu que o mundo era um vazio. Sobre Nārāyana eles citam este verso.

5. Nós ouvimos o epíteto de águas, que águas são chamadas de Nara, e que elas são corpos minúsculos ou sutis. Já que ele se deita nas águas, ele é chamado então de Nārāyana.[2]

6. Tendo passado o período inteiro de noite igual a mil yugas, ao fim da noite, ele assumiu a condição de Brahma para o propósito de criação.

7. Brahma assumiu a forma de Vāyu[3] e se moveu sobre a água como um pirilampo à noite durante a estação chuvosa.

8-9. Então vindo a saber definitivamente que a terra se encontrava submersa naquelas águas e sendo convencido sobre isso por raciocínio (inferência), ele assumiu outro corpo como nos Kalpas anteriores para o levantamento da terra. A alma nobre então concebeu mentalmente uma forma divina.

10. Observando que a terra estava inundada com águas em todos os lados, (ele pensou consigo mesmo), "Oh, que grande forma eu devo assumir e erguer a terra?"

11. Ele pensou na forma de um Javali[4], encantadoramente confortável em passar o tempo nas águas. Ele era inatacável por seres viventes. Ele era da natureza da fala e foi designado como Dharma.[5]

12. Ele tinha uma circunferência de dez e uma altura de cem yojanas. Ele parecia uma nuvem azul escura em cor. Ele grunhia como o estrondo de nuvens de trovão.

13. Ele tinha um corpo enorme como uma montanha. Suas presas curvadas eram brancas e afiadas e terríveis. Os olhos eram brilhantes como raio e fogo. Seu brilho era igual àquele do sol.

14. Seus ombros eram redondos, gordos e largos. Ele tinha o andar destemido do leão. Seu traseiro era robusto e erguido para o alto (bem desenvolvido). Ele tinha características auspiciosas. Ele era encantador.

15. Assumindo essa forma grande imensurável de um javali, Vishnu entrou nas regiões inferiores para erguer a terra.

16. Ele era o guia para os explicadores dos Vedas.[6] Ele tinha sacrifício como seu peito e o fogo do altar (*citi*) como sua face. O Fogo era sua língua; a erva Darbha era seu pelo e Brahma era sua cabeça. Ele era de grande penitência.

---

1 *Ekārnava*, 'a inundação primeva de água' expressa a causa imanifesta infinita do universo.

2 A derivação usual de Nārāyana em outros Purānas também. Mas o *Brahmānda Purāna*. 1. 4. 27 o rastreia até Nara: Brahma causa o sono (isto é, repouso perfeito) de Naras (homens), por isso ele é lembrado como Nārāyana.

3 A crença relativa à assunção da forma de Vāyu para reconhecimento antes de assumir a forma de um javali, para erguer a terra, é tão antiga quanto o *Taittiriya Brāhmana*.

4 A origem da encarnação Varāha como apresentada acima está no *Taittiriya Brāhmana*. Alguns Purānas dão uma descrição elaborada daquela encarnação, como no *Bhāgavata*, Canto 3; cap. 13, verso 18 ao 33.

5 Brahman, isto é, o Veda, no *Brahmānda Purāna*.

17. O dia e a noite constituíram seus olhos. Os auxiliares dos Vedas eram seus ornamentos de orelha. O *Ājya* (oferenda de ghee em sacrifício) era seu nariz; a concha sacrifical era seu focinho. O som dos hinos Sāman era seu grunhido estrondoso.

18. Dotado de glória como ele era, ele era uma personificação de veracidade e *dharma* e estava estabelecido em valor virtuoso. Ele estava ocupado em expiação. Ele era terrível. Ele tinha a forma enorme com os joelhos de um animal.

19. Seu corpo estava endireitado. As oferendas *ghrta* constituíam seu Liñga (símbolo). O local (sacrifical) era sua semente. Ele era a grande erva medicinal (encarnada para curar angústia). O altar era sua alma interna. Mantras eram seus quadris. O Soma misturado com manteiga clarificada era o sangue dele.

20. Os Vedas eram seus ombros. Ele tinha a fragrância da oferenda sacrifical. O *Havya* (oblações para os Devas) e *Kavya* (oblações para os Pitris) constituíam sua velocidade. *Prāgvamśa*[7] (o aposento que acomoda os sacrificadores) era seu corpo. Ele era resplandecente e tinha passado por diferentes iniciações.

21. As taxas sacrificais constituíram seu coração. Ele era um yogin que permeava tudo na forma de um grande Sattva. Ele era fascinante com os ritos sacrificais de *Upākarman*. *Pravargya* (um rito no qual leite quente é vertido em um recipiente, desse modo dando origem a vapores) constituíam os caracóis de cabelo no peito dele.

22. Seu modo de andar e caminhos eram os diferentes *Chandas*. Os Upanisads secretos constituíam seu assento. Ele estava acompanhado por sua cônjuge Chāyā. Ele era alto como um cume adornado com pedras preciosas. Tendo assim assumido a forma de um Javali sacrifical, o senhor entrou nas águas.

23-24. Ele, o senhor dos súditos, chegou à Terra coberta pelas águas. Ele se aproximou e a ergueu rapidamente. Ele desviou as águas dos oceanos nos oceanos e dos rios nos rios. O senhor, para o bem-estar dos mundos, ergueu, com suas presas curvadas, a Terra que tinha afundado no mundo inferior.

25. Segurando a Terra em suas mãos ele a trouxe para seu lugar. O sustentador da Terra a princípio a sustentou mentalmente e então a libertou.

26. Acima da inundação de águas, a Terra flutuou como um imenso barco. Devido às atividades do senhor, ela não afundou.

27. Com um desejo de estabelecer o universo, o senhor ergueu a Terra. Então, ele, o senhor de olhos de loto, decidiu dividir a Terra. Ele nivelou a Terra e criou as montanhas sobre ela.

28. Antigamente, quando a criação foi queimada pelo fogo Samvartaka, todas as montanhas, sendo consumidas por aquele fogo, jaziam quebradas e espalhadas por toda a terra.

29. Naquele *Ekārnava* (o oceano de águas cósmicas) as águas (solidificadas pelo frio) e reunidas pelo vento, estavam colocadas de uma maneira dispersa aqui e ali (onde quer que elas estivessem assim depositadas), elas vieram a ser condensadas em montanhas.

30. Uma vez que elas ficaram imóveis depois de serem (assim) espalhadas, elas foram conhecidas como *Acalas*. Visto que elas são dotadas de nós e juntas, elas foram chamadas de *Parvatas*. Já que elas tinham sido engolidas e escondidas

---

[6] Essa bela descrição da encarnação-Javali em terminologia Yajña é encontrada também em outros Purānas. Escritores sobre Smrtis, Tantra e até mesmo Śañkara a adotaram, por exemplo, *Vishnu Smrti* 1. 3-12, Śañkara sobre Vishnu Sahasranāma 119 - explicação de *Tajñāñga*.

A comparação entre Varāha e sacrifício (*yajña*) será esclarecida a partir dos atributos seguintes do Vārāha no texto, por exemplo, 6.16b: *Agni-jihva* - Agni (fogo) é a língua dos deuses. Através do fogo os deuses comem o alimento (oferecido em sacrifício). Um conceito védico – *Rig Veda* IV. 57. 1

Darbha-romā: A erva *darbha* espalhada sobre o altar é comparada ao pelo felpudo no corpo do javali. Brahma é o conhecimento dos Vedas - naturalmente sua posição é a mais alta, isto é, a cabeça.

[7] O corpo de Varāha era tão grande e espaçoso quanto a acomodar muitos homens, como *Prāgvamśa* (o aposento no qual os membros da família do sacrificador e os amigos ficam) é espaçoso.

(antigamente), elas foram chamadas de *Girts*. Como elas tinham sido reunidas, elas foram chamadas de *Śiloccayas*.

31. Assim, depois que os mundos, oceanos e montanhas são destruídos, no fim de um Kalpa, o Fazedor (Criador) do universo os cria repetidas vezes, nos começos dos Kalpas.

32. Ele criou esta terra novamente junto com o oceano, sete continentes e montanhas, como também os quatro mundos, isto é, Bhūr e outros. Depois de criar os mundos, ele começou a criação dos indivíduos.

33. Desejoso de criar diferentes espécies de indivíduos, o senhor Brahma nascido por si mesmo recriou os seres na mesma forma que eles tinham nos Kalpas prévios.[8]

34. Quando ele estava contemplando intelectualmente a criação, a criação escura e sombria manifestou-se simultaneamente com Pradhāna.

35. Necedade (*Avidyā*) com cinco juntas, isto é, escuridão, ilusão, super-ilusão, obscuridade e super-obscuridade[9], vieram a ser manifestados da Alma Suprema.

36. Enquanto ele meditava, a criação foi estabelecida em cinco modos. Assim como uma lâmpada é coberta com um vaso, a criação foi envolvida pela escuridão. Como uma lâmpada acesa em um jarro iluminado por dentro e (escuro) por fora, ela era pura mas desprovida de sentimento.

37. Seu intelecto e órgãos de percepção estavam ocultos; ela consistia em vegetação e visto que é declarado que vegetação é primária ela foi chamada de criação primária.

38. Ao ver que a criação não se multiplicava, Brahma ficou insatisfeito e ele entrou em contemplação.

39-40. Quando ele meditou desse modo, o *Tiryaksrotas* (o mundo animal), surgiu. Como essa criação procedeu obliquamente, ela foi chamada de *Tiryaksrotas*. Controlados por Tamas, eles eram essencialmente ignorantes. Eles tomaram a direção errada. Eles eram governados por si mesmos e devotados a si mesmos.

41-42. O senhor viu essa segunda criação de *Tiryaksrotas*, orgulhosos de si mesmos, presunçosos e divididos em vinte e oito - onze baseados nos órgãos dos sentidos, nove de Udaya e os oito de Tārakā e outras Śaktis.

43. Eles eram todos iluminados interiormente mas cobertos externamente. Considerando que sua atividade era oblíqua, eles foram chamados de *Tiryaksrotas*.

44. Tendo visto o segundo universo, o *Tiryaksrotas*, e tendo observado tudo dele daquela designação (natureza), o Deus concebeu da idéia (seguinte). Quando ele estava pensando ininterruptamente (*nityam*), a criação Sattvika apareceu (por si mesma, automaticamente).

45. Essa terceira criação foi chamada de *Ūrdhvasrotas*, consistindo de seres nos quais a corrente de vida fluía para cima. Já que a vida procedia para cima ela foi chamada de *Ūrdhvasrotas*.

46. Os seres *Ūrdhvasrotas* têm abundância de conforto e prazer. Eles são envolvidos externamente e internamente e são brilhantes externamente e interiormente.

47. Esses seres criados são o ar etc. Eles são bem organizados depois de criarem a si mesmos. A *Ūrdhvasrotas* sendo a terceira (na série de criações), aquela criação é conhecida pelo nome deles.

---

[8] Os Purānas acreditam que, apesar da aniquilação de tudo ao fim de um Kalpa, o deus Brahma recria o universo no modelo do universo anterior.

[9] Compare com o Vishnu Purāna, 1, cap. 5, [da versão em português, pág. 82: “Daquele grande ser pareceu a Ignorância quíntupla, consistindo em 1. obscuridade, 2. ilusão, 3. ilusão extrema, 4. escuridão, 5. escuridão absoluta”; explicados na nota 2: “1. A convicção que substância material é o mesmo que espírito; 2. Noção de propriedade ou posse, e consequente apego a objetos, como filhos e semelhantes, como sendo posses da pessoa; 3. Vícios nos prazeres dos sentidos; 4. Impaciência ou ira; e 5. Medo de privação ou morte.”]

45. Quando deuses com corrente ascendente (a criação divina de *Ūrdhvasrotas*) foram criados, o deus Brahma ficou satisfeito. Como ele era o competente chefe supremo, ele formou na mente e criou os seres que seriam *Sādhakas* (aspirantes por poder espiritual).

49. Quando ele começou a contemplar, e como ele era de concepção verdadeira (efetiva), os *Arvāksrotas,* que podiam realizar a tarefa de criação, se manifestaram do imanifesto (*Avyakta*). Como o fluxo de vida procedia para baixo, eles foram chamados de *Arvāksrotas*.

50. Eles são caracterizados pela abundância de brilho e foram dominados pelos atributos Tamas, Sattva e Rajas. Por isso eles têm excesso de miséria e estão continuamente envolvidos em atividades.

51. Eles são seres humanos, que são iluminados externamente e internamente e realizam a tarefa de criação. Pelas características de *Tāraka* etc. eles são de oito tipos.

52. Esses seres humanos são de almas realizadas. Eles são da mesma natureza que Gandharvas. Assim a criação de *Arvāksrotas* de *Tejas* (Luz) foi narrada.

53. A quinta criação chamada *Anugraha* é de quatro tipos, por *Viparyaya* (Contradição), *Śakti* (Poder), *Tusfi* (Satisfação) e *Siddhi* (Realização). Os seres criados conhecem realmente os objetos passados e presentes.

54. É dito que a sexta criação é aquela de seres tais como *Bhūtādi*. *Bhūtādi* é caracterizado por contradição e inabilidade.

55. A primeira criação é de *Mahat*. Ela é conhecida como *Mahatsarga*. A segunda é a criação de *Tanmātras* e é chamada de a criação dos *Bhūtas*.

56. A terceira criação é aquela de *Vikāras* (os produtos de Prakrti) e é perceptível pelos sentidos. Desse modo a criação *Prākrta* ocorreu com presciência consciente.

57. A criação '*Mukhya*' é a quarta em ordem. Os *Mukhyas* são os seres imóveis. A criação de *Tiryaksrotas* é a quinta que consiste em animais.

58. A sexta criação de *Ūrdhvasrotas* consiste em seres divinos. A sétima criação dos *Arvāksrotas* é aquela da humanidade.

59. A oitava criação é *Anugraha*. Ela é caracterizada por Sattva e Tamas. Essas (últimas) cinco são a criação *Vaikrta* e as (primeiras) três são *Prākrta*.

60-**61**. A nona criação *Kaumāra* é *Prākrta* e *Vaikjta*. As três criações *Prākrta* foram ocasionadas sem planejamento ou premeditação. As seis criações de Brahma funcionam inteligentemente. Agora entenda a *Anugraha Sarga* em detalhes.

62-**63**. Ela é de quatro tipos encontrados em todos os seres vivos através de contradição, poder, satisfação e realização. Nos seres imóveis há *Viparyāsa* (contradição ou perda de consciência). Nos animais, há *Śakti* (poder). Os seres humanos são *Siddhātmans* (com almas capazes de obter progresso espiritual). Nos Devas há *Tusfi* (satisfação).

64. Dessa maneira existem as nove criações inclusive *Prākrtas* e *Vaikjtas*. Por sua combinação mútua, os tipos são muitos.

65-**66**. No princípio, Brahma criou três filhos mentais iguais a ele, isto é, Sanandana, Sanaka e o inteligente Sanātana que possuía grande poder e iluminação. Esses (filhos) de grande esplendor e força renunciaram (ao mundo) devido ao seu conhecimento especial de *Vivarta* (a aparência irreal do mundo em lugar de Brahman). Devido à multiplicidade, eles eram despertos espiritualmente. Eles foram abandonados (pelo pai deles). Sem criarem quaisquer indivíduos eles se retiraram.

67. Quando eles tinham partido, Brahma criou outros filhos mentais que podiam realizar o objetivo. Eles se identificaram com sua posição e permaneceram até a dissolução final do mundo. (Agora) os conheçam por seus nomes.

68-**70**. Eles são água, fogo, terra, ar, éter, quadrantes, céu, firmamento, oceanos, rios, montanhas, plantas, as 'almas' das ervas medicinais, árvores e trepadeiras, unidades de tempo, *Lavas, Kisthas, Kalās, Muhūrtas, Sandhis* (junções de

dia e noite como crepúsculo, amanhecer etc.), noite, dia, quinzenas, meses, *Ayanas* [semestres], anos e Yugas. Essas são as posições com as quais eles se identificam.

71. As classes da sociedade nascem dos membros dele: brâmanes (foram criados) de sua boca; ksatriyas de seus braços; vaiśyas de suas coxas; e śūdras de seus pés.

72. O senhor está além de *Avyakta* (Prakrti imanifesta). O Ovo Cósmico nasce do imanifesto. Brahma nasce do Ovo Cósmico. Os mundos são criados por ele.

73. Assim essa primeira seção foi narrada para vocês todos muito brevemente e não em detalhes. O todo desse Purāna é narrado resumidamente nesse primeiro *Pāda* (quarto).

Seção 2: Upodghāta Pāda

Capítulo 7: Transição Entre Dois Yugas (Eras)

1. Assim essa primeira *Pāda* (parte), o tema principal da qual era *prakriyā*, foi narrada. Ao ouvi-la, Sanātana, o descendente de Kāśyapa, ficou muito deleitado em mente.

2. Dirigindo-se a Sūta com palavras (apreciativas), ele lhe pediu a narrativa subsequente. "Ó conhecedor de Kalpas, por favor narre para nós (os eventos durante) o período de transição entre as duas eras.

3. Nós desejamos saber a diferença entre os dois Kalpas, isto é, o que passou e o outro que é atual. Também nos deixe conhecer o *Pratisandhi* (período de transição) entre os dois (Kalpas), porque você é indubitavelmente muito inteligente."

Lomaharshana disse:

4. Eu descreverei para vocês aqui a diferença entre os dois Kalpas: o que passou e o outro que é atual, e o período de transição entre os dois.

5-**6**. Ó sábios de ritos santos, conheçam agora os Manvantaras que existem nos Kalpas. Este Kalpa auspicioso que é atual agora é (chamado de) Vārāha Kalpa. O Kalpa que passou antes desse Kalpa era (conhecido como) Sanātana. Compreendam agora a (condição do) período de intervalo entre aquele Kalpa e o atual.

7-8. Quando o Kalpa prévio desaparece há um período de transição. Outro Kalpa começa novamente e novamente a partir de Jana-Ioka. Isto acontece muitas vezes quando o período de transição termina, os Kalpas são separados uns dos outros. No fim de um Kalpa, todos os ritos são totalmente aniquilados. Por isso esse é chamado de o período de transição entre um Kalpa e outro.

9. As juntas (transições) entre os períodos chamados Manvantara e Yuga também são separadas. Manvantaras funcionam com as interconexões de Yugas.

10. Os Kalpas que foram narrados brevemente na *Prakriyā Pāda* (cada Kalpa (deles) tem um *Pūrva-ardha* (metade anterior) e um *Para-ardha* (metade posterior)). Quando um Kalpa passa, sua metade posterior é seguida pela metade anterior do próximo Kalpa.

11. Os outros Kalpas que seguem no futuro são ligados dessa maneira com sua metade posterior. O Kalpa que é atual, ó brâmanes, é o primeiro entre eles.

12. Nele a primeira (metade) é chamada de *Pūrva* (*Pūrvārdha*) e a metade posterior é chamada de *Para*. Esse é o período de sustento (do mundo). O período depois dele é chamado de dissolução do mundo.[1]

13-**15**. O Kalpa que precedeu o Kalpa atual era (chamado de) Sanātana. Quando, ao término de mil conjuntos de quatro Yugas junto com os Manvantaras, o Kalpa chegou ao fim, então o tempo da destruição (do universo) pelo fogo chegou. Naquele Kalpa os deuses que costumavam se mover por toda parte em carruagens, constelações, planetas, estrelas, o sol, a lua e corpos planetários (locais) - todas essas almas meritórias numeravam vinte e oito crores.

16-**17**. Da mesma maneira que (o número era 28 crores) em um Manvantara, (o número deles) em quatorze Manvantaras é o mesmo. Então seu número total (em todos os Manvantaras) era (14x28=) trezentos e noventa e dois crores. No Kalpa que acabou, o número de deuses que se moviam em carruagens aéreas é citado como sendo setecentos e oito mil. Em cada Kalpa, (o mesmo número de) deuses são citados como possuindo carruagens.

---

[1] Ao término de um Manvantara (período de Manu), o período de Yuga conectando os dois períodos de Manu não é interrompido, mas no fim de um Kalpa o Universo é aniquilado.

18. Em todos os quatorze Manvantaras tem havido Devas, Pitris, sábios e Manus no céu.

19-20. Os filhos dos Manus que são seus seguidores, os respeitáveis Devas que recebem honra e louvor das pessoas de todas as castas e fases de vida e aqueles moradores do céu que ficam em Devaloka – todos esses permanecem em posição igual junto com seus associados na hora da dissolução final.

21-22. Quando a dissolução torna-se prevista, os Devas residentes nos três mundos realizam sua inevitável volta (fatal) que necessariamente acontece no devido curso.[2] Caracterizados por desapego e aflição, eles abandonam suas posições associadas e fixam sua mente ansiosamente em *Maharloka*.

23. Eles são dotados de corpos especiais para *Maharloka*. Todos eles abundam em pureza especial e adquirem realização mental.

24-25. Eles estabelecem contato com os brâmanes, ksatriyas, vaiśyas e outros que foram devotados naquele Kalpa. Depois de fixar suas mentes em *Maharloka*, os quatorze grupos de devas fixam suas mentes também em *Janaloka*.

26. Eles têm pureza abundante e atingiram perfeição mental, junto com os contemporâneos do Kalpa deles, que chegaram a *Maharloka*.

27. Repetindo isso dez vezes, eles vão para os mundos chamados *Svar* e *Tapas*. Depois de ficarem lá por dez Kalpas, eles procedem para o mundo chamado *Satya*. Os residentes do Kalpa seguem nessa ordem.

28. Assim milhares de Yugas de acordo com os cálculos dos Devas passam quando os residentes vão para o mundo de Brahma onde eles atingem sua meta de libertação final. (Literalmente o estado do qual não há retorno a *Samsāra*.)

29. Exceto a respeito de domínio (sobre o mundo), eles se tornam iguais a Brahma em riqueza, glória, forma (aparência) e objetos (de prazer dos sentidos)[3].

30. Lá eles residem alegremente devido ao seu contato próximo com Brahma. Adquirindo a beatitude de Brahma, eles são libertados junto com Brahma.

31. Devido à inevitabilidade em assuntos que pertencem a Prakrti, eles permanecem limitados em sua separatividade produzida naquele tempo.

32. Assim como em um período desperto o conhecimento ocorre com esforços intelectuais de suas formas, semelhantemente conhecimento o qual surge neles naquele momento, começa a atuar.

33. Quando as diferenças daqueles cujas energias são de natureza diferente, são contidas e retiradas, seus efeitos e instrumentos (órgãos de percepção) são produzidos junto com eles.

34-35. Daqueles residentes de Brahmaloka cujas autoridades são perdidas (destruídas) devido à manifestação de suas diferenças e multiplicidade, mas que cumprem seu próprio Dharma, aqueles Siddhas têm características similares, são de almas puras e imaculados. Em sua natureza eles estão além dos órgãos dos sentidos e estão bem estabelecidos em suas almas.

36. Depois de se revelar inteiramente para eles, Prakrti assim vista não opera porque ela não é ativada por Purusa.

37. Quando a criação começa novamente, as causas *Prākrtic* se unem e originam aqueles que veem a verdade.

38. Aqui aquelas pessoas que obtiveram libertação não têm que seguir o (mesmo) caminho de *Samsāra*. Há a não recorrência (não-existência) dessas como as chamas ardentes do fogo que foi extinto.[4]

39. Quando essas grandes almas subiram além dos três mundos, aqueles que não alcançaram Janaloka junto com eles de Maharloka são deixados para trás para ficar em Maharloka. Eles retêm seu corpo por um Kalpa.

---

[2] Os versos 21-30 descrevem como Devas procedem de céu [para céu] mais elevado ainda, na ordem: Mahar, Svar, Tapas, Brahma.

[3] Essa é a diferença entre uma alma liberta e Brahma; um eco do *Brahma Sūtra* IV. 4. 17-18.

[4] Compare o conceito de *Brahma-nirvāna* no *Bhagavad Gitā*, V. 24-26.

40. Há classes de seres de Gandharvas a Piśācas, brâmanes e outros seres humanos, animais e aves, os imóveis e répteis.

41. Enquanto eles (os seres mencionados no v. 40) permanecem lá como os residentes da superfície da terra, naquele tempo os mil raios que emanam do sol (unindo-se e concentrando-se) tornam-se sete raios do sol e cada raio (daqueles sete raios) se torna um sol.

42. Erguendo-se gradualmente, eles queimam os três mundos, seres móveis e imóveis, rios e todas as montanhas. Eles já tinham sido dessecados pela seca e são agora queimados pelos sóis.

43. Então todos esses - os móveis e imóveis, os devotos e os incrédulos, que são queimados pelos raios do sol, aquietam-se e repousam.

44-**45**. No fim da era corrompida, eles partem com seus corpos queimados. Mas eles não são livrados de corpos derivados de suas atividades piedosas ou ímpias. Eles são unidos com o povo de Jana Loka que têm a mesma forma que eles. Abundando em pureza eles atingem perfeição mental.

46. Tendo ficado lá pelo período da noite de Brahma de nascimento imanifesto, eles nascem novamente como os filhos mentais de Brahma, no começo da criação (do mundo).

47-**48**. Quando os residentes dos três mundos atuam desse modo em Janaloka, e os três mundos são queimados pelos sete sóis, quando a terra é inundada com chuva, quando todas as residências são espalhadas, os oceanos, nuvens e as águas terrestres formam uma vasta massa aquosa chamada '*Salila*'.[5]

49. Essa (água) seguiu (uma inundação depois da outra). Quando aquela inundação enorme de água cobriu a terra (em um vasto lençol de água) ele é chamado de *Arnava* (mar).

50. A palavra (radical) '*iAa*'[6] é usada no sentido de esparramar (*vyāpti*) e brilhar (*dipti*), porque a água brilha e se espalha. Ela inunda todos os lados e por isso a água é conhecida como *Ambhas*.

51. O radical *Tan* significa 'cobrir', 'expandir.' Como as águas cobrem a terra completamente por toda parte e se expandem, elas são conhecidas como *Tanus*.

52. Os eruditos dizem que o afixo '*Aram*' denota rapidez. No oceano vasto as águas não são rápidas. (Por isso) elas são chamada de '*Nārās*.'

53-**55**. Ao término de mil Yugas, quando o dia de Brahma acaba, quando, durante a noite, tudo é coberto com água, quando a terra destruída pelo fogo desaparece em água, quando o vento está calmo e imóvel, e escuridão se espalha em volta e não há raio de luz, Brahma, o Senhor Purusa que preside sobre todos esses, deseja fazer a distribuição desse mundo uma vez mais.

56. Quando os seres móveis e imóveis são destruídos e perdidos naquele oceano vasto, Brahma se torna (um deus) dotado de mil, isto é, inúmeros pés, e mil olhos.

57. O Purusa de mil cabeças, de cor dourada, que está além do alcance dos sentidos, que é Brahma chamado Nārāyana, vai dormir na água.

58. Quando ele acorda devido à predominância de Sattva guna, ele vê o mundo um vazio. Eles citam este verso sobre Nārāyana.

59. As águas são chamadas de Nara. Nós ouvimos que o nome das águas é *Tanus*. Ele permanece lá com águas chegando até seu umbigo. Portanto ele é chamado de Nārāyana.

60. Nos Vedas ele é chamado de o primeiro patriarca, o Purusa, com mente bondosa, mil (isto é, inumeráveis) cabeças, mil pés, mil olhos, mil faces, mil mãos e devorando milhares.

---

5 Os versos 47-52 dão as etimologias populares de *salila, arnava, ambhas, tanu e nora*.

6 [Provavelmente aqui há uma falha na digitalização.]

61. Ele tem a cor de *Āditya* (sol). Ele é o protetor do mundo. Ele é o único sem precedente e o primeiro subjugador dos poderosos. Ele é o Purusa de útero dourado. Ele é a alma nobre que está além da escuridão.

62. No começo dos Kalpas, Rajas predomina nele. Ele se torna Brahma e cria os indivíduos. No fim dos Kalpas, Tamas predomina nele. Ele se torna Kāla e os absorve novamente.

63. Ele que é designado como Nārāyana com o Sattva Guna predominante, dorme no oceano vasto. Dividindo-se em três formas, ele reside nos três mundos.

64-**65**. Pelas três formas ele os cria, inspeciona e absorve. Quando o mundo móvel e imóvel é destruído naquele oceano vasto, ao término de mil conjuntos de quatro Yugas, quando tudo é coberto com água por toda parte, Brahma chamado Nārāyana dorme nas águas escuras e profundas.

66. Os grandes sábios vêem de Maharloka, Kāla que, depois de absorver quatro tipos de criação, está dormindo no grande oceano (cósmico) durante a noite de Brahma.

67. Os grandes sábios como Bhrgu e outros como em sete Kalpas, assim neste Kalpa, cercaram aquele ser imenso. Aquele ser imenso é cercado pelos sete sábios Bhrgu e outros.

68. A palavra '*Rsi*' é derivada da raiz 'ir'.[7] Eles existiram desde o princípio, por isso eles são chamados de *Rsis*. A palavra *Mahat* indica 'grandeza'. Porque eles são grandiosos, eles são chamados de *Maharsis*.

69. O adormecido Kāla foi observado então por eles enquanto permanecendo em Maharloka. No Kalpa passado havia sete sábios começando com Satya.

70. Assim, durante essas noites de Brahma que se passaram aos milhares, os grandes sábios (Satya e outros) viram o adormecido Kāla (durante o período de seu sono).

71. Brahma é chamado de Kāla (o destruidor) porque no começo de um Kalpa, ele formou quatorze formas de destruição.

72. Ele cria seres vivos no início de cada Kalpa muitas vezes. Ele, o grande senhor, é manifesto e imanifesto. Este universo inteiro é a criação dele.

73-**74**. Desse modo o período de transição entre os dois Kalpas - o que é atual e o outro que passou - foi descrito resumidamente para vocês. As condições que existiam em Kalpas anteriores também foram mencionadas brevemente. Agora eu explicarei o Kalpa atual. Ouçam isso.

---

[7] Uma etimologia correta.

Capítulo 8: As Quatro Fases da Vida

Sūta disse:

1. Depois de passar um período de tempo igual a mil Yugas como sua noite, ele assume a condição de Brahma, ao término da noite, com o propósito de criação.

2. Quando os seres móveis e imóveis já tinham perecido, Brahma assumiu a forma de vento e se moveu sobre a água, (envolvido) em escuridão.

3-6. Quando a superfície da terra tinha sido completamente coberta pela água, quando os elementos permaneceram não divididos e não diferenciados, o senhor nascido por si mesmo, examinando tudo, moveu-se por todos os lados como o pirilampo à noite durante a estação chuvosa. Buscando um meio por colocá-la de volta em posição depois de saber que a terra estava imersa em água, ele foi esclarecido por meio de inferência (sobre o modo) de erguer a terra. Ele criou outro corpo o qual ele lembrou (como tendo sido assumido) nos Kalpas prévios.

7. Ao ver a terra totalmente afundada em águas, ele entrou nas águas depois de assumir a forma de um Javali.

8. Depois de erguer a terra das águas, ele depositou as águas dos oceanos nos oceanos, dos rios nos rios, e da terra na terra. Então ele juntou as montanhas.

9. Quando a criação anterior estava sendo queimada pelo *Samvartaka*, fogo da dissolução, as montanhas jaziam destruídas e (espalhadas) por toda a terra.

10. Naquele oceano vasto, as águas (solidificadas) agitadas pelo vento foram reunidas juntas devido ao frio. Onde quer que elas fossem (assim) presas (amontoadas) juntas, lá elas ficaram imóveis.

11. As montanhas são chamadas de *Acalas* porque elas se tornaram imóveis depois de serem secadas e solidificadas. Porque elas têm nós e juntas elas são chamadas de *Parvatas.* Elas são chamadas de *Girts* porque elas foram engolidas pelas águas. Elas são chamadas de *Śiloccayas* porque elas são reunidas.[1]

12. Então, depois de erguer a terra de dentro das águas, o Senhor a estabeleceu novamente em sua posição e fez divisão nela.

13. Em cada um de seus sete continentes,[2] ele fez sete *Varsas* (subcontinentes). Ele nivelou os lugares irregulares e juntou as montanhas, com (pilhas de) pedras.

14. Há quarenta (?) *Varsas* em todos os continentes juntos. Também há o mesmo número de montanhas posicionadas nas extremidades dos Varsas. Eles foram reunidos lá no começo da criação de acordo com a natureza deles e não de outra maneira.

15. Os sete continentes e os (sete) oceanos cercam uns aos outros. Eles estão em contiguidade com todos os outros, cercando uns aos outros naturalmente.

16. No próprio início, Brahma criou todas essas posições, os quatro mundos, isto é, Bhūh etc., o sol, a lua e os planetas.

17-19. Antigamente no começo deste Kalpa[3], Brahma criou os *Sthānins* (divindades presidentes ou ocupantes desses postos). Ele criou águas, fogo, terra, vento, éter, céu, paraíso, quadrantes, oceanos, rios, montanhas, as almas das ervas

---

[1] Essas são etimologias semânticas, isto é, aquelas baseadas no significado da palavra. As derivações de *acala* ou *girt* são compreensíveis, mas outras são duvidosas.

[2] A concepção *Sapta-dvīpī* (divisão da terra em sete continentes) substituiu o conceito *Catur- dvīpī* (divisão da terra em quatro partes) de Purānas antigos. O algarismo sete era então popular. Assim a terra é dividida em sete continentes. Cada continente tem sete subcontinentes; cada subcontinente tem sete cadeias de montanhas (*Kula Parvatos*), sete grandes rios etc. Para a descrição deles veja os caps. 40-49.

[3] Os versos 17 e seguintes descrevem o processo de recriação do Universo. Devido à inexorável lei do Karma, todo ser tem que recomeçar sua vida de acordo som seu Karma no novo Kalpa. Não há Moksa automático nem depois da aniquilação total do Universo ao término de um Kalpa.

medicinais, as almas de árvores, de trepadeiras, unidades de tempo, *Lavas, Kāsthās, Kalās, Muhūrtas*, junções (de noite e dia ou crepúsculo), noite, dia, quinzena, meses, *Ayanas* (trânsitos do sol), anos e yugas.

20. Ele criou separadamente as residências como também os ocupantes presidentes nelas (que se identificaram com as residências). Depois de criar as 'almas' para esses 'postos', ele criou a ordem (periódica) de Yugas.

21. Eles são Krita, Tretā, Dvāpara e Kali. No começo do Kalpa, durante o primeiro Krtayuga, ele criou os indivíduos (seres).

22. Os indivíduos das eras anteriores que foram citados para vocês por mim, foram então queimados pelo fogo Samvartaka no Kalpa que estava chegando ao fim.

23. Aqueles que não puderam alcançar Tapoloka tinham se dirigido ao Janaloka. Eles começaram a atuar como sementes para a criação futura.

24. Permanecendo lá, na forma de sementes para a criação subsequente, eles, ao serem soltos (espalhados) servem ao propósito de progênie.

25. Os indivíduos, Devas, Pitris, sábios e Manus são aqueles que realizam (os quatro *Purusārthas,* isto é) virtude (*Dharma*), riqueza (*Artha*), prazer (*Kama*), e salvação (*Moksa*).

26. Sendo depois disso dotados com Penitência, eles preenchem (ocupam) as posições. Como os filhos mentais de Brahma, eles trabalham como almas realizadas.

27. Os seres criados por que chegaram ao céu por meio de ritos subversivos renascem (repetidamente) em todo Yuga.

28. Devido ao resíduo dos resultados de suas ações, eles se tornam bem conhecidos com suas almas inclinadas daquela maneira. Eles descem do Janaloka devido à escravidão dos Karmans.

29. É a intenção, os sentimentos da mente que devem ser considerados como a causa, com relação às atividades. As pessoas descem de Janaloka devido às suas atividades boas e ruins (em suas vidas prévias).

30. Eles obtêm diferentes formas de corpos em diferentes úteros (espécies), de Devas até seres imóveis. Eles nascem uns dos outros sucessivamente.

31. Sendo criados repetidas vezes, eles adotam aquelas atividades que eles tinham estado exercendo anteriormente.

32. Eles exercem atividades violentas ou não violentas, brandas ou cruéis, virtuosas ou más, verdadeiras ou falsas ao serem estimulados por aqueles sentimentos inatos prévios que atraem a eles.

33. Quaisquer nomes e formas (que esses seres tenham) no Kalpa passado, a maioria deles recebe os mesmos nos Kalpas futuros.

34. Eles assumem aqueles mesmos nomes e formas muitas vezes. Eles nascem nos diferentes Kalpas com os mesmos nomes e formas.

35-36. Quando Brahma, que estava desejoso de criação, teve sua atividade criativa obstruída, Ele, de contemplação verdadeira, começou a meditar sobre os indivíduos. Ele criou mil pares de sua boca. Com a qualidade de Sattva predominante, eles, de mente bondosa, eram adequados para a tarefa.

37. Ele criou outros mil pares de seu peito. Esses tinham a qualidade de paixão (Rajas) predominante e eram irascíveis e impacientes.

38. Ele criou outros mil pares de suas coxas. Paixão (Rajas) e Ignorância (Tamas) eram predominantes neles. Eles eram ambiciosos e aspirantes.

39. Ele criou outros mil pares de seus pés. Eles tinham ignorância (Tamas) predominante neles. Eles eram inglórios e deficientes em brilho.

40-42. Os seres vivos nascidos desses pares eram impetuosos. Sendo luxuriosos, eles começaram a copular uns com os outros. Desde então procriação a partir de acasalamento se originou neste Kalpa. As mulheres não tinham seu fluxo menstrual mês a mês. Elas então não concebiam, mesmo quando copulavam. Elas davam à luz pares de crianças uma vez no fim da vida.

43. Elas davam à luz prole torta (?), quando elas desejavam a morte. Daquele tempo em diante o acasalamento se originou neste Kalpa.

44. Mesmo por contemplar uma vez mentalmente, os indivíduos tinham, criados para eles, os cinco objetos dos sentidos como som, cada um dos quais era de cinco características na forma pura.[4]

45. Desse modo a criação anterior pelo deus Brahma foi através da mente dele (atividade mental). Aqueles que nasceram na família dele encheram o mundo.

46. As pessoas naquela era se dirigiam a rios, lagos, oceanos, e montanhas. As águas naquele Yuga não eram muito quentes nem muito frias.

47. Eles normalmente tiravam o sustento da comida suculenta da terra. Eles se moviam para onde quer que eles quisessem. Eles tinham adquirido Siddhis mentais.

48. Naquela era Krita, não havia nem virtude nem mal. Os seres humanos eram não-diferenciados. Eles tinham longevidade, felicidade e beleza (forma) iguais.

49. No princípio do Kalpa, na era Krita, nem virtude (Dharma) nem mal (Adharma) existiam. As pessoas nasciam com sua autoridade e direitos respectivos.

50. A primeira era Krita consistiu em quatro mil anos divinos. Dizem que o período de transição consistiu em quatrocentos anos divinos.

51. Mesmo quando milhares de seres humanos espalhados eles não tinham nenhum obstáculo, nenhum conflito e nenhuma ordem.

52. Eles não tinham domicílio fixo ou lugar de reunião. Eles vagavam sobre montanhas e oceanos. Eles eram livres de tristeza. Eles tinham bondade abundante. Eles estavam contentes em solidão.

53. Eles se moviam por toda parte como eles queriam. Eles eram sempre alegres em suas mentes. Não havia animais, aves ou répteis então.

54. Não havia árvores ou plantas nem seres infernais nascido do mal. Não havia nem raízes nem frutas nem flores nem as estações nem os anos.

55. Era sempre agradável o tempo quando os desejos das pessoas eram realizados. Não havia extremos de calor ou frio. Qualquer objeto que eles desejavam em suas mentes estava disponível em todos lugares e em todos os momentos.

56. Quaisquer sucos, nos quais eles pensassem, se desenvolviam da terra. Suas realizações eram conducentes à força, aparência bela e destrutivas de doenças.

57. Com seus corpos não requerendo decoração (ou embelezamento), os indivíduos tinham juventude eterna. Pares de crianças nasciam da pura concepção mental deles.

58. Eles nasciam do mesmo modo e eles morriam juntos. Eles tinham formas e características semelhantes. Naquela época havia veracidade, ausência de ganância, paciência, contentamento, felicidade e restrição.

59. Eles não tinham marcas distintivas em suas formas e feições, longevidade, conduta e atividade. Suas ações eram espontâneas e voluntárias, sem a intercessão de intelecto.

60. No Krtayuga, não havia inclinação para a realização de ações boas ou más. Não havia classificação de castas ou diferenciação em fases de vida. Nem havia mistura de castas.

61. Em suas transações mútuas eles se comportavam sem serem impelidos por desejo ou ódio. Todos eles tinham formas, características e longevidade iguais. Não havia classe superior nem inferior de pessoas.

62. Só aqueles que eram principalmente contentes e desprovidos de tristeza nasceram no Krita Yuga. Eles eram altamente poderosos, muito fortes e perpetuamente deleitados na mente.

63. Eles não tinham nem ganho nem perda; amigos nem inimigos; gostos nem desgostos, visto que eles eram desprovidos de desejos. Os objetos funcionavam de acordo com as mentes deles. Eles nem desejavam possuir nem favoreciam uns aos outros.

---

[4] Os versos 44-63 pintam um quadro brilhante da era Krita. Eles descrevem o estado ideal de sociedade a partir do ponto de vista purânico - uma sociedade sem classes com igualdade perfeita e liberdade total.

64. É dito que na era Krita meditação era o mais elevado; em Tretā era conhecimento; em Dvāpara era sacrifício, enquanto caridade (doação) é excelente na era Kali.

65. Conforme obtenção de prática nas diferentes eras, bondade (Sattva) predomina em Krita, paixão (Rajas) em Tretā, paixão (Rajas) e Ignorância (Tamas) em Dvāpara e só ignorância (Tamas) no Kali Yuga.

66. Quanto à duração de era Krita, saiba que quatro mil anos divinos constituem sua duração.

67. A duração de oitocentos anos divinos constitui suas duas junções (períodos de intervalo). Então as pessoas tinham longevidade e não sofriam nenhuma dor ou adversidade.

68. Na era Krita, quando o período de intervalo (entre Krita e Tretā) passa, somente um quarto do yugadharma inteiro (que caracteriza a era Krita) permanece.

69. Quando o período de junção está terminado no fim da era,[5] o Dharma do período de junção permanece apenas um quarto. Quando a era Krita passa completamente sem qualquer resto, a realização espiritual (da era Krita) também desaparece.

70. Quando o *Siddhi* mental (da era Krita) é perdido, outro surge no Tretā Yuga.

71. As oito perfeições mentais no princípio da criação, mencionadas por mim, definham gradualmente e são perdidas.

72. No princípio do Kalpa, na era Krita, essa obtenção é apenas mental. Em todos os Manvantaras, de acordo com a divisão dos quatro Yugas, a obtenção é devida aos ritos sagrados, devida à adoção da conduta de vida das respectivas castas e fases de vida.

73. Quando a era Krita passa dessa maneira, um quarto do Dharma é perdido na primeira junção, outro um quarto durante o lapso do Yuga principal, e um terceiro um quarto na junção posterior. Assim três quartos do poder de penitência, força e longevidade se perde.

74-76. Ó sábios excelentes, quando uma parte de Krita passou, então, na Tretā, outra era, resta uma parte de Krita. Quando aquela parte também passou no advento de Tretā no início do Kalpa, as obtenções dos indivíduos remanescentes vêm a ser extintas devido à passagem do tempo e não devido a qualquer outra razão. Quando uma obtenção (*Siddhi*) desaparece outra acontece.

77. Quando a água se torna sutil, a nuvem é formada. A criação de chuvas opera por meio de nuvens trovejantes.[6]

78. Quando a superfície da terra é encharcada com chuva apenas uma vez, as árvores começam a se manifestar para suas residências.

79. Todos os objetos necessários de prazeres emanavam delas (as árvores). No princípio de Tretā, as pessoas subsistiam deles (isto é, dos produtos das árvores).

80. Então depois do lapso de um longo tempo, devido à própria perversidade delas, as emoções de luxúria e ganância as possuíram de repente.

81. O fluxo menstrual que costumava ocorrer só no fim da vida no caso de mulheres então, (em Krita Yuga), deixou de ser assim devido ao poder do (novo, Tretā) Yuga.

82. No caso delas, a menstruação começou a acontecer todos os meses. Como uma consequência disso, elas se entregaram à copulação do mesmo modo.

83. Quando o fluxo teve essa alteração e quando elas copulavam todos os meses, o fluxo menstrual e concepção inoportunos começaram a acontecer.

---

[5] Os versos 69-76 descrevem a transição entre as eras Krita e Tretā.

[6] Os versos 77-88 mostram que chuvas, dependência humana de árvores (para meios de subsistência, roupas, ornamentos) e cobiça crescente eram as características especiais de Tretā. Esse é um período quando os homens abandonaram seus hábitos nômades e começaram a construir abrigos. Esses assentamentos mais adiante se desenvolveram em vilas, aldeias e cidades.

84. Por causa de sua perversidade e devido ao que estava destinado a acontecer no decurso do tempo, todas as árvores nas casas delas, (ou que eram como as casas delas) pereceram.

85. Quando essas foram destruídas, as pessoas ficaram nervosas e agitadas em todos os seus sentidos. Elas, de pensamento verdadeiro, começaram a meditar naquele Siddhi mental.

86. As árvores se manifestaram novamente em suas casas. Elas produziam roupas, frutas e ornamentos.

87. Mel revigorante sem as abelhas, possuindo gosto doce, cheiro e cor, exsudavam delas em cada cálice de flor.

88. Elas se sustentavam com aquele mel no começo da era Tretā. Elas estavam muito satisfeitas e contentes com aquele Siddhi. Elas eram livres de doenças.

89. Quando o tempo passou, elas foram dominadas pela ganância novamente. Elas tomaram posse das árvores violentamente e extraíram delas o néctar (de flores) e mel.

90. Devido a essa contravenção cometida pelas pessoas, as árvores concessoras de desejos pereceram em alguns lugares junto com o mel.

91. Quando restava apenas pouco do período de junção, devido à passagem do tempo, lá surgiram extremos de clima (por exemplo, calor ardente e frio extremo).

92. Elas foram afligidas terrivelmente pelo extremos de ventos cortantes e sol ardente. Sendo atormentadas por esses elas fizeram abrigos.

93. Repelindo *Dvandvas* (pares de opostos) de calor e frio, elas recorreram a domicílios. Antigamente, elas tinham estado vagando por toda parte como lhes agradava, sem uma habitação fixa.

94. Agora, de acordo com circunstâncias e a preferência delas, elas permaneceram em residências, selvas, desertos, brechas fundas, em colinas, montanhas ou margens de rios. Elas recorreram a fortalezas, terras secas e terras desabitadas com provisão perpétua de água.

95. Para repelir calor e frio, elas fizeram habitações em terras niveladas e acidentadas conforme a disponibilidade e o gosto delas.

96. Então elas montaram vilas, aldeias e cidades com alinhamento apropriado e construíram haréns também.

97-**98**. A medida de seu comprimento e diâmetro foi fixada por elas.[7] Elas construíram casas nesta base exatamente como elas acharam adequado. Uma unidade era chamada de *Pradeśa* - uma distância entre o dedo polegar (estendido) e o dedo indicador (esticado). A distância entre o polegar e o dedo médio (quando ambos estão esticados) era *Tula* e aquela entre o polegar e o anelar era *Gokarna*.

99. A distância entre o polegar e o dedo mindinho (quando ambos estão esticados) foi chamada de *Vitasti*. Ela continha doze *Añgulas* (larguras do dedo). Vinte e um *Añgulas* faziam um *Ratni* (a distância entre o cotovelo e o punho fechado).

100. Vinte e quatro *Añgulas* faziam um *Hasta* (mão). Dois *Ratnis* ou quarenta e dois *Añgulas* faziam um *Kisku*.

101. Quatro *Hastas* ou dois *Nālikās* faziam um *Dhanus* ou *Danda*. Dois mil *Dhanus* ou *Dana'as* faziam um *Gavyūti*.

---

[7] Os versos 97-102 dão as unidades de medida de distância como segue.

A primeira unidade '*Añgula*' significa 'largura do dedo'.

12 Añgulas = 1 Vitasti.
21 Añgulas = 1 Rami.
24 Añgulas = 1 Hasta.
2 Ratnis ou 42 Añgulas = 1 Kisku.
4 Hastas ou 2 Nālikās = 1 Dhanus ou Danda.
2000 Dhanus ou Dandas = 1 Gavyūti.
8000 Dhanus ou Dandas = 1 yojana.

102. Oito mil *Dhanus* constituíam um *yojana*. É na base do cálculo de *yojana* que os locais foram fixados então.

103. Dos quatro tipos de fortificações, três ocorrem naturalmente. O quarto tipo de fortaleza é artificial. Eu descreverei o modo de sua construção.[8]

104. Mansões enormes, plataformas altas e muros fortes são construídos em volta. Há um portão principal chamado *Svastika* e lá há um apartamento no qual as moças são mantidas (*Kumāripura*).

105. O portão (principal) é perto de um fosso com água corrente fluindo. A largura do fosso é a melhor se (ela for de) oito ou dez mãos. Outros opinam que nove ou oito mãos (de largura) é o melhor.

106-**10**7. (Eu mencionarei as dimensões) de vilas, cidades e aldeias e três tipos de fortes, isto é, montanhas, águas (rios) e construídas (artificialmente pelos) homens. O diâmetro será metade de um yojana. Seu comprimento deve ser um e um oitavo de um yojana.

108-**109**. Uma cidade que se estende para o leste ou norte é a mais excelente.[9] Sua extensão será metade ou um quarto do comprimento máximo. Ela deve ser dividida em uma hipotenusa e segmentos e ser disposta na forma de um leque. Uma cidade planejada circularmente ou meramente longitudinalmente (com pouca largura) ou deficiente em (confortos, [isto é, facilidades e conveniências]) não é recomendável. Uma cidade estabelecida na forma de um quadrado com filas retas de casas em todos os oito quarteirões é desejável.

110. A largura mínima de uma habitação é vinte e quatro *Hastas* e a máxima é oitocentos *Hastas*. Mas eles elogiam uma mediana que não é nem muito estreita nem muito larga.

111. Habitações importantes serão construídas em um local de oitocentos *Kiskus* de largura. Uma vila tem metade do diâmetro da cidade e uma aldeia é maior que isso.

112. Uma vila deve estar situada um yojana distante de uma cidade e uma aldeia deve estar meio yojana distante de uma vila. Dois *Krosas* é o limite máximo. O limite de um campo é quatro *Dhanus*.

113. A rodovia deve ter vinte *Dhanus* de largura. A estrada principal na aldeia também terá vinte Dhanus de largura. Mas a estrada na região fronteiriça terá apenas dez Dhanus de largura.

114. A estrada principal será excelente se ela tiver dez *Dhanus* de largura. O movimento do tráfego de pessoas (pedestres), cavalos, elefantes e carruagens deve ser sem obstáculo.

115. Estradas secundárias devem ter quatro *Dhanus* de largura. As estradas conectando casas de habitação e estradas laterais terão dois *Dhanus* de largura.

116. A "estrada do sino", isto é, a estrada principal em uma aldeia, deve ter quatro passos de largura; o espaço entre duas habitações deve consistir em três passos ou [3x] 0,762 m. As estradas laterais terão a largura de meio passo. O caminho para o aposento sacrifical terá um passo de largura.

117. A lata de lixo terá a largura de um passo. As sarjetas em cada lado da estrada terão a largura de um passo. Elas [as pessoas] fizeram um plano e construíram casas posteriormente.

118. Pensando e lembrando muitas vezes elas começaram a cultivar árvores nos lugares nos quais elas estavam situadas antigamente.

119. As árvores tinham ramos que iam para cima e se espalhavam em volta. Elas nunca retrocediam. Da mesma maneira, os ramos se expandiam em todas as direções (literalmente - obliquamente) nos tempos antigos.

---

[8] Os versos 103-107 se referem à construção de fortes.

[9] Os versos 108-117 explicam as idéias antigas de planejamento de cidades (e aldeias). As instruções sobre construção de estradas são interessantes. Mas a rudeza ou natureza elementar de urbanismo ou engenharia civil mostra que eles são mais antigos que o *Artha Śāstra* de Kautilya.

120. [As pessoas] observaram cuidadosamente como os ramos tinham avançado. Elas construíram os apartamentos conforme o crescimento dos ramos (*sākhās*). Por isso eles foram chamados de *Sālās*.[10]

121. Desse modo *Sālās* (apartamentos) se tornaram bem conhecidos por causa de ramos; assim também os domicílios. Por isso eles são lembrados como *Sālās*. Assim é explicada sua condição de serem *Sālās* (*Sālātva*).

122. A mente é deleitada neles. Eles se encantam a mente. Por isso as casas, salões e mansões são propriamente denominados como *prāsādas*.

123. Depois de repelirem os *Dvandvas* (os pares de opostos mútuos, isto é, calor e frio), as pessoas começaram a pensar nos meios de seu sustento (tais como agricultura). Quando as árvores-Kalpa tinham perecido junto com o mel, elas foram subjugadas por fome e sede e ficaram desnorteadas e abatidas.

124. Depois disso, na era Tretā, um *Siddhi* (realização) apareceu diante deles. Os meios de agricultura que podiam satisfazer seus objetivos vieram como elas desejavam.[11]

125. As águas caíram em abundância (do céu), as quais fluindo para baixo se tornaram *srotas* (rios, correntes). E águas fluindo em fossos ou lugares escavados são conhecidas como *Nimnagās* (fluindo abaixo).

126-127. Assim na segunda criação por chuva, os rios surgiram. Aquela pequena quantidade de água que permaneceu na superfície da terra depois disso, veio a ser misturada com terra e produziu plantas e ervas. As plantas começaram a desenvolver flores, frutas e raízes.

128. Quatorze tipos de árvores e arbustos, que cresceram nas aldeias e florestas sem arar ou queimar, desenvolveram flores e frutas sazonais.

129. Foi na era Tretā que a vegetação se manifestou primeiro e as plantas medicinais apareceram. As pessoas na era Tretā se sustentavam dos produtos de agricultura.

130. Então novamente todas elas foram dominadas pela luxúria e ganância como resultado do destino inevitável ou devido à era Tretā.

131. Elas então ocuparam à força os rios, campos, montanhas, árvores, ramos e plantas medicinais.

132. Enquanto descrevendo o *Prākrta Sarga*, eu falei sobre as almas realizadas. Essas nasceram como seres humanos de acordo com o plano de Brahma.

133. Eles eram tranquilos, poderosos, ativos e aflitos. Então, atuando dessa maneira eles nasceram novamente na era Tretā.

134. Incitados pelas atividades auspiciosas e inauspiciosas dos nascimentos prévios, eles nasceram como brâmanes, ksatriyas, vaiśyas, śūdras e dasyus.

135-137. Aqueles que eram verdadeiros, não violentos, desprovidos de ganância e autocontrolados viveram dessa maneira. Havia outros deficientes em brilho [inteligência] que serviam esses em troca dos presentes que recebiam deles. Assim havia dependência mútua. Devido à sua falha, as plantas medicinais desapareceram enquanto eles estavam observando desamparadamente. Elas desapareceram como partículas de areia em punhados.

138. A terra, devido ao poder do Yuga, absorveu os quatorze tipos de plantas em aldeias e florestas – as plantas que davam frutos através de flores e flores com folhas.

139. Quando essas foram destruídas, as pessoas ficaram desnorteadas. Ao serem dominadas pela fome elas se aproximaram do Senhor Svayambhū, Prajāpati.

---

[10] Versos 120-122. Árvores Sāla tiveram um papel importante na construção de casas. Note a etimologia popular de *Sālā*, 'um apartamento' e *Prāsoda*, 'uma mansão'.

[11] Os versos 124-137 mostram que na era Tretā o homem desenvolveu agricultura e para divisão do trabalho a sociedade foi dividida em diferentes *Varnas* (classes). O crédito de introduzir Agricultura é dado a Brahma.

140-141. (Isso foi) no começo de Tretā Yuga. O senhor Brahma nascido por si mesmo, sabendo que eles queriam os meios de sustento, considerou o que era apropriado por observar diretamente. Constatando que as plantas medicinais foram engolidas pela terra ele as ordenhou novamente (da terra).[12]

142. Fazendo o monte Meru como o bezerro, ele ordenhou a terra. A vaca-terra produziu as sementes em sua superfície.

143. As sementes cresceram em plantas selvagens e cultivadas rendendo frutos maduros. Elas incluíram dezessete classes.

144-146. Arroz, cevada, trigo, as miúdas sementes de gergelim, as *PriyaAgus*, *Udāras, Kārūsas, Tinakas* (diferentes tipos de grãos de leguminosa etc.), erva-preta, erva-verde, *Masūras* (um grão), *Nispāvas*, erva-cavalo, *Adhakis* (o grão *Cajanus indicus Spreng*), e outras ervas. Essas são as dezessete variedades de plantas rurais medicinais (*Gramya oshadhi*). Então há quatorze tipos de plantas usadas em sacrifícios.

147. Elas são: arroz, cevada, erva-preta, trigo, *anus* (*panicum Miliaceum*), sementes de gergelim, *Priyañgu* a sétima entre elas e erva-cavalo a oitava.

148-149. *Syāmākas* (uma variedade de arroz), *Mvāras* (outra variedade de arroz), *Jartilas* (gergelim selvagem), *Gavedhukas, Kuruvindas* (um tipo de cevada), *Venuyavas* (sementes de bambu) e *Markafakas* (umas espécies de grão) – essas são as quatorze variedades de plantas selvagens e cultivadas. Eles foram produzidas originalmente no princípio da era Tretā.

150. Todas essas plantas medicinais, árvores, sebes, trepadeiras, e ervas cresceram em aldeias e florestas sem os campos serem arados.

151. As sementes que foram ordenhadas da terra no início pelo deus Brahma nascido por si mesmo produziram várias frutas e flores.

152-153. Elas vieram a ser plantas que produzem flores e frutas sazonais. Quando elas soltavam (o produto sazonal uma vez) elas não cresciam novamente. O autonascido Brahma projetou então o sustento das pessoas por meio de agricultura.

154. Daquele tempo em diante as plantas começaram a crescer ao serem (aradas e) cultivadas. Assim quando a agricultura entrou em voga o senhor nascido por si mesmo estabeleceu convenções para sua ajuda mútua.[13]

155. Aqueles que eram mestres (poderosos) tinham (que seguir) convenções prescritas e as estabeleceram (como) ksatriyas para a proteção de outros.

156. Aqueles que adoram (ou respeitam ou obedecem) aqueles (ksatriyas) são livres do medo. Aqueles que declaravam que Brahman é a verdade e falavam de acordo com fatos (a verdade) são brâmanes.

157. Àqueles que eram fracos foi designado o dever de vaiśyas. Eles se tornaram os cultivadores do solo. Antigamente eles costumavam destruir coisas na terra. Eles são chamados de vaiśyas porque eles mantêm seu sustento por meio da terra e cultivo.

158. Aqueles que foram empregados em servir a outros, aqueles que eram sem brilho e deficientes em virilidade ele chamou de śūdras porque eles lamentavam sua sorte, eram miseráveis e adotavam métodos tortuosos.

159. O Senhor Brahma designou seus deveres e virtudes quando o sistema de castas foi assim estabelecido.

160. Por ilusão as pessoas não seguiram seus deveres. Não cumprindo os deveres (especiais) de castas, elas entraram em conflito mutuamente.

---

[12] Esse é o desenvolvimento purânico do conceito védico antigo da ordenha da vaca Virāj registrado no *Atharva Veda* VIII, Sūkta 10. Escritores de Purānas usaram esse tema mais tarde com o deus Brahma e o rei Prithu como os ordenhadores. No *Matsya Purāna* 10. 25 Vararuci se tornou o ordenhador e a ciência de Dramatologia (*NityaVeda*) era o leite.

[13] Os versos 154-164 mostram a evolução de *Varnas* ou Classes em uma sociedade agrária e os deveres de cada classe. Os versos 166-168 declaram a região para a qual membros devotos dessas classes vão.

161. Ao perceber isso precisamente, o senhor Brahma ordenou força, castigo e guerra como os meios de sustento para os ksatriyas.

162. O senhor nomeou estes como os deveres de brâmanes: presidir sobre sacrifício, ensino dos Vedas e a aceitação de doações monetárias.

163. O senhor nomeou criação de gado, comércio e agricultura para os vaiśyas. Ele fez a prática de artes e habilidades como meios de sustento e serviço os deveres de śūdras.

164. Os deveres comuns às três classes – brâmanes, ksatriyas e vaiśyas, incluem a realização de sacrifício, estudo dos Vedas e fazer doações.

165. Depois de prescrever os ritos santos e deveres como os meios de sustento, o senhor lhes concedeu regiões adequadas nos outros mundos alcançáveis por meio de *Siddhi*.

166. A região dos brâmanes que realizaram seus ritos sagrados e deveres é o mundo de Prajāpati. O mundo de Indra é a região para ksatriyas que não fogem da batalha.

167. A região dos Maruts é atribuída a vaiśyas que se mantêm conforme seus deveres (ordenados). Para os śūdras que cumprem seu dever de prestar serviço, a região dos Gandharvas é designada.

168. Essas são as regiões para diferentes castas que cumprem seus deveres prescritos. Quando as castas foram estabelecidas dessa forma, [também foram] estabelecidos os *Āśramas*.

169. Antigamente, o Senhor estabeleceu os quatro *Āśramas*, isto é, Brahmacārin (o estudante religioso), Grhastha (o chefe de família), Vānaprastha (o asceta) e Bhiksuka (o asceta mendicante).

170. Aqueles que não praticam os deveres atribuídos para sua casta, eles dizem, sofrem a perda do (resultado de) ritos sagrados mesmo se eles mantiveram as atividades dos *Āśramas*.

171. Brahma estabeleceu esses *Āśramas* por nome.[14] Para guiá-los, ele falou a eles sobre seus deveres, costumes, restrições e observâncias.

172. O *Āśrama* do chefe de família é comum a todas as quatro castas. Essa fase é a própria base e suporte dos outros três *Āśramas*. Eu o explicarei em ordem junto com as observâncias e restrições.

173. Os seguintes são resumidamente os deveres religiosos dos chefes de família: matrimônio, manutenção do fogo sagrado, hospitalidade para convidados, realização de sacrifícios e continuação da linhagem (geração de filhos).

174. Os deveres característicos de um Brahmacārin são: (portar) o bastão, usar o cinto (de erva *muñja*), dormir no chão nu, ter cabelo emaranhado, servir ao preceptor e pedir esmolas.

175. Usar como roupa cascas de árvores, folhas ou camurças, dieta de grãos, raízes, frutas ou ervas (achadas na floresta), banhar-se no amanhecer e anoitecer e realizar sacrifício são as características de um morador da floresta.

176-**177**. Mendicância quando o som do pilão se aquieta, não roubar, pureza, não-negligência, abster-se de relações sexuais, bondade para (todos os) seres, clemência, ausência de raiva (controle de temperamento), serviço aos preceptores e o décimo veracidade - esse código de conduta de dez características foi prescrito pelo deus autonascido (Brahma).

178. Cinco (das mencionadas acima) são as observâncias principais e cinco secundárias que constituem os ritos sagrados do asceta mendicante. Pureza na conduta de vida, restrições, pureza da mente, impedimento de ações más e visão perfeita – esses são os cinco ritos sagrados subsidiários.

179. Dizem que o rumo santo de conduta (*dharma*) de um homem de renúncia consiste em meditação (*samādhi),* controle da mente e dos órgãos dos sentidos,

---

[14] Os versos 171-181 declaram os deveres de diferentes fases (Āśramas) da vida. A importância da condição de chefe de família (Grhasthasrama) é reconhecida propriamente.

silêncio, aceitação de alimento oferecido voluntariamente por outros e esforço pela libertação (de *samsāra*).

180-181. Todas essas fases da vida foram declaradas pelo próprio Brahma para a realização do bem final. Veracidade, franqueza, austeridades, paciência, sacrifício yóguico, precedido por controle dos sentidos, estudo dos Vedas e seus auxiliares, sacrifícios, observâncias e restrições sagradas não dão resultado se houver falha em emoções e se a pessoa é maculada.

182. Se uma pessoa é maculada em emoções internas, todas as suas ações externas nunca dão resultado mesmo se ela puser [nelas] seu maior esforço.

183. Até mesmo se uma pessoa doa todas as suas posses mas com uma alma interna ímpia, ela não será virtuosa. Devoção é a verdadeira causa de perfeição.

184. É dito que a região alcançada pelas pessoas que cumprem esse Dharma é aquela dos Devas, Pitris, sábios e Manus.

185. Há oitenta e oito mil sábios de sexualidade sublimada. É a região deles que é designada para aqueles que vivem com seus professores.

186. A esfera dos sete sábios é o domicílio dos habitantes do céu. Prājāpatya (a região de Prajāpati) é a esfera dos chefes de família. A região de Brahma é o domicílio para Sannyāsins. A região de imortalidade é a residência para os yogins. Não há domicílio para aqueles que têm preocupações mentais.

187-188. Essas são as regiões para as pessoas de diferentes fases de vida que cumprem seus deveres indicados. Os quatro caminhos chamados Devayāna foram feitos por Brahma[15], o controlador dos mundos no primeiro Manvantara na terra. Esses caminhos levam à região de Devas. O sol é lembrado como a entrada para esses caminhos.

189-190. Similarmente a lua é a entrada para *Pitryāna* (o caminho dos Pitris). Quando essas divisões de castas e fases de vida foram feitas mas quando as pessoas não cumpriram as injunções delas, ele desenvolveu outra criação mental a partir de seu próprio corpo a qual era como ele mesmo.

191. Quando a primeira era Tretā chegou ao período médio, gradualmente ele começou a criar outra progênie nascida da mente.

192. Então o senhor criou seres com Sattva e Raja gunas (predominantes). Eles eram competentes para realizar virtude, amor, riqueza, libertação e seus meios de sustento.

193. Ele criou Devas, Pitris, sábios e Manus (isto é, seres humanos) que eram apropriados para o Yuga. Eles geraram esses indivíduos conforme o Dharma.

194. Quando os indivíduos cumpriram o Dharma prescrito pelo senhor nascido por si mesmo (Brahma) ele meditou nos seres nascidos da mente de formas diferentes.

195. As pessoas que foram mencionadas para vocês por mim, como tendo se dirigido a Janaloka, tornaram-se *devas* e outros indivíduos aqui, quando o Kalpa (anterior) passou.

196-198. Enquanto ele meditava, os indivíduos apareceram diante dele para criação. Na ordem dos Manvantaras, eles são considerados os primeiros ou os últimos. Eles são imbuídos com o conhecimento de discernimento, auxiliares e tópicos. Dotados de atividades eficientes e ineficientes, eles são controlados pelo resíduo do resultado de suas ações. Eles atingem o estado de *Devas, Asuras, Pitris*, animais, pássaros, répteis, árvores, seres infernais e insetos. Ele os criou para serem subservientes a ele mesmo e aos súditos dele.

---

[15] Versos 187-189: Conceito purânico dos caminhos *Devayāna* e *Pitryāna* depois da morte.

Capítulo 9: Criação de Devas e Outros

Sūta disse:

1. Exatamente quando ele estava meditando, progênie mental nasceu dele junto com aquelas causas e efeitos que surgem do corpo dele. Lá emergiram dos membros daquele Ser inteligente *Ksetrajñas* (almas individuais).

2. Então, desejoso de gerar o grupo de quatro entidades vivas, Devas, Asuras, Pitris, e humanidade, ele se acomodou na água.[1]

3. Então como o deus autonascido Brahma se ocupou em meditação sobre a criação, o esforço apareceu por parte do criador.

4. Em seguida, dos quadris dele, os Asuras nasceram no início. Ó brâmanes, a palavra *Asu* quer dizer 'o Ar Vital'. Nascidos do qual, eles foram chamados de *Asuras*.[2]

5. Ele abandonou aquele corpo do qual foram criados Asuras; o corpo assim abandonado por ele tornou-se noite imediatamente porque ele (o corpo abandonado) foi dominado por Tamas.

6. Como ele (o corpo abandonado) foi dominado por Tamas, a noite consistindo em três quartos era cheia de escuridão. Por isso a progênie do senhor nascido por si mesmo foi envolvida por escuridão à noite.

7. Depois de criar os Asuras, o senhor tomou outro corpo de natureza imanifesta cheia de Sattva. O senhor se uniu com ele. Enquanto envolvido com ele, eles dizem, ele sentia prazer.

8. Então Devas nasceram da face brilhante dele. Eles foram chamados assim porque eles nasceram de sua face refulgente.

9. A raiz *V/Div* significa 'brincar'[3]. Os Devas foram chamados desse modo porque eles nasceram do corpo brincalhão (brilhante) dele.

10. Depois de criar Devas, o senhor tomou outro corpo que tinha só o atributo Sattvico.

11. O senhor meditou nesses filhos considerando-os como pai e criou espíritos dos mortos semelhantes a pais a partir dos dois lados dele, entre a junção do dia e noite. Consequentemente Pitris são Devas e a paternidade[4] deles é devido a isso.

12. Ele abandonou o corpo depois de criar os Pitris. Logo que ele abandonou o corpo, esse tornou-se noite.

13. Por isso o dia é para os Devas; a noite é destinada aos Asuras; o corpo (destinado aos) Pitris, o anoitecer que está entre os dois, é considerado importante.

14. Consequentemente Devas, Asuras, todos os sábios e Manus, empenhados em comunhão yóguica, adoram o corpo central (isto é, a hora do crepúsculo) de Brahma.

15. Então Brahma tomou outro corpo novamente. O Senhor criou seres com sua mente, naquele corpo consistindo em Rajas.

---

[1] Os versos 2-22 descrevem a criação de quatro entidades de seres vivos, isto é, Asuras, Devas, Pitris e seres humanos, de várias partes do corpo do deus Brahma em diferentes períodos, com os gunas predominantes de cada categoria. Eles podem ser arranjados em forma de tabela da seguinte maneira:

Criação	***Fonte: parte do corpo de Brahma***	***A transformação do corpo descartado***	***Guna Dominante***
1. Asuras	Quadris e ar vital	Noite	Tamas
2. Devas	Face brilhante	Dia	Sattva predominante
3. Pitris	Lados	Anoitecer (junção do dia e noite).	Sattva puro
4. Seres humanos	Mente	Luar (exceto alvorada)	Rajas

[2] Veja o v. 21 abaixo.

[3] Etimologia correta - *Vdiv* significa ambos: 'brincar' e 'brilhar.'

[4] *Putratvam* quereria dizer: "Ele sendo um filho para eles."

16. Então ele criou mentalmente filhos de sua mente que eram dominados por Rajas guna. Por isso os indivíduos nasceram da mente dele.

17. Tendo visto os súditos, ele rejeitou seu corpo novamente. O corpo assim abandonado por ele imediatamente tornou-se o luar.

18-19. Por essa razão as pessoas são deleitadas quando o luar aparece (e se espalha). Assim aqueles corpos abandonados pelo senhor se tornaram imediatamente noite e dia, o crepúsculo e o luar. Os três, isto é, o luar, crepúsculo como também o dia, consistem somente no Sattva guna. A noite abrange apenas a natureza de Tamas; por isso ela tem três quartos.

20. Consequentemente Devas criados da boca são possuidores de características brilhantes do dia e cheios de alegria. Já que eles nasceram durante o dia, eles são muito poderosos de dia.

21. Como o senhor criou os Asuras à noite dos quadris de seu corpo, por meio do ar vital, os Asuras nascidos da noite controlam destreza insuportável durante a noite.

22. Apenas esses operam como as causas para a criação de Devas, Asuras, Pitris e seres humanos nos Manvantaras passados e futuros.

23. O luar, a noite, o dia e o crepúsculo, esses quatro brilham quando iluminados. A palavra – *[?]/bha* significa 'espalhar' e 'brilhar'.[5] Assim dizem os estudiosos sábios. A raiz *y'bhS* é usada no sentido de espalhar e brilhar.

24. Depois de ver (criar?) águas, o Senhor criou Devas, Dānavas, seres humanos, Pitris e as outras divindades dele.

25. Depois de rejeitar aquele corpo completamente, ele criou outra forma constituída principalmente de Rajas e Tamas e se uniu com ela.

26. Sentindo fome e sede em escuridão, ele criou outro corpo. A criatura faminta criada por ele tentou tomar (possuir) as águas.

27-28. Alguns entre eles declararam, "Nós protegeremos essas águas". Eles são conhecidos como *Rākṣasas* no mundo. Eles são almas coléricas e vagam à noite. Aqueles entre eles que disseram alegremente uns aos outros, "Nós destruiremos as águas" se tornaram, devido àquela atividade, Yaksas e Guhyakas. Eles eram cruéis em suas ações.

29. É considerado que a raiz '*raksa*' tem o sentido de proteção. A raiz 'y/*ksi'* é usada no sentido de destruição.[6]

30-31. Ao olhá-los com desgosto, os cabelos daquele inteligente murcharam. Mas devido a calor e frio, eles escalaram o Senhor. Como os *Vyālas* (*Vālas* - cabelos) que caíram da minha cabeça rastejaram para cima, eles ficaram conhecidos como *Vyālas*, e como eles caíram (*hinatvāt*), eles (as serpentes) são chamados de *Ahis*.

32. Porque eles se movem sem pés, eles são *pannagas* e eles são *sarpas* porque eles rastejam. Seu domicílio é abaixo na terra sob o sol e a lua.

33. O feto ígneo excessivamente terrível, nascido da raiva dele, entrou naqueles seres de natureza venenosa – serpentes que nasceram junto com eles.

34. Ao ver as serpentes, ele ficou furioso e por raiva ele criou seres de natureza furiosa. Eles eram trasgos muito ferozes cuja dieta é carne e que eram de cor marrom avermelhada.

35. Eles foram lembrados como *Bhūtas* quando eles surgiram.[7] Eles foram chamados de *Piśācas* porque eles comiam carne. Exatamente quando ele estava cantando palavras, os Gandharvas nasceram.

36. A raiz '[?]*dhay*' significa 'beber'. Como eles eram nasceram por beberem as palavras (musicais), eles são conhecidos como Gandharvas.

---

[5] Os versos 23-24 sugerem a derivação de *ambhas* 'água' de *y/bha.*

[6] Os versos 27-29 dão a etimologia purânica de *'Raksasa' e 'Yaksa.*'

[7] Os versos 35-36 derivam as palavras *'Bhūta', 'Pisaca'* e *'Gandharva'* das funções que eles executam.

37. Quando essas oito classes de seres divinos foram criadas, o senhor a partir de sua energia corpórea criou pássaros por sua própria livre vontade.

38. Encobrindo aqueles *chandas* (atos intencionais) e os pássaros por sua era (?) e vendo-os vazios, ele criou grupos de criaturas aladas.

39. Ele criou cabras de sua boca, aves de seu peito, vacas de sua barriga e lados.

40. De seus pés ele criou cavalos, elefantes, sarabhas, gavayas, cervos, camelos, mulas e outros animais de várias espécies.

41-42. Plantas ou árvores, frutas, e raízes nasceram de seu cabelo. Depois de criar o gado e plantas dessa maneira, o senhor se dedicou a sacrifício. Isso foi no princípio do Kalpa, na era Tretā. Vaca, cabra, homem[8], ovelha, cavalo, mula e burro - eles chamam esses de animais domésticos rurais. Agora saiba sobre os animais selvagens.

43. Animais predadores, animais fissípedes, elefantes, macacos, aves constituindo o quinto e os animais, ratos – esses foram criados. O sétimo (na série) eram répteis.

44. De sua boca [leste ou] frontal[9] ele criou a métrica Gāyatrī, Varuna[10], Trivrtstoma[11], *Rathantara* [parte do Sama-veda], e o sacrifício Agnishtoma.

45. De sua boca sul ele criou os hinos sagrados do (Yajurveda?), métrica *Trispubh*, o décimo quinto *stoma*, o *Brhatsāman*, e os versos Uktha.

46. De sua boca oeste ele criou os hinos Sāman, métrica *Jagatl*, os quinze hinos de louvor, Vairupya Sāman e rito Atirātra[12].

47. De sua boca norte ele criou vinte e um (hinos *stoma*), o Atharvan, o Aptoryāman[13], Anusthubh e métricas Virāj.

48. No princípio do Kalpa, o senhor criou raios, relâmpagos, nuvens, arco-íris de cor vermelha e pássaros.

49. Como o patriarca Brahma criou a progênie, seres vivos superiores e inferiores nasceram dos membros dele.

50. Depois de criar as quatro classes de seres - Devas, Asuras, Pitris, e humanidade, ele criou em seguida os seres móveis e imóveis.

51. Ele criou Yaksas, Piśācas, Gandharvas, grupos ou famílias de Apsaras, seres humanos, Kinnaras, Rāksasas, aves, gado, animais selvagens e cobras.

52. Mudando ou não mudando, estacionários ou móveis, esses seres criados e recriados adotaram aquelas atividades as quais eles tinham na criação anterior.[14]

53. Violentas ou não violentas, brandas ou cruéis, virtuosas ou más, verdadeiras ou falsas - todas essas coisas são adotadas por eles conforme elas os atraem.

54. Foi o criador que ordenou diversidade de formas nos grandes elementos e a distribuição deles em diferentes corpos físicos e em diferentes objetos dos sentidos.

55. Alguns dizem que é esforço humano e outros dizem que é o karma, enquanto outros, brâmanes fatalistas, proclamam que é o destino que decide a natureza dos seres.

---

[8] Parece ser a memória social de antigos sacrifícios humanos que o homem está incluído na lista de 'animais domésticos'.

[9] Os versos 44-47 declaram a criação da literatura Védica, métricas Védicas e hinos e sacrifícios especiais a partir das diferentes faces de Brahma.

[10] Aqui o *Brahmānda Purāna* 1, cap. 8, v. 50 tem o Rigveda.

[11] Um *stoma* triplo, no qual no início um conjunto dos três primeiros versos (*Trca* do *Rig Veda*, IX, 11) é cantado, em seguida o segundo e por último o terceiro conjunto é cantado.

[12] *Atirātra* é uma forma de sacrifício-Soma.

[13] *Aptoryāma* é uma amplificação do sacrifício Atiratra. De acordo com o *Tandya Brāhmana*, XX. 3. 4-5, ele é chamado assim porque sua realização assegura tudo o que alguém deseja.

[14] A inexorável lei do Karma é defendida nos vv. 52-56, pois destino ou *daiva* é o Karma de um nascimento prévio.

56. Atividade humana e dispensação divina são decididas pela natureza do resultado. De fato um ou outro dos dois, sozinho, não é suficiente. Eles são inseparáveis um do outro. Nem um é superior ao outro. Nem um só nem os dois separadamente ou coletivamente.

57. Pessoas de visão imparcial que persistem em Sattva dizem que a realização de objetivos é devido às atividades delas. É apenas pelas palavras dos Vedas que o grande Deus criou os nomes e formas de seres vivos e o desenvolvimento daqueles que já são criados.

58. Ele atribui nomes aos sábios, às visões pertencentes aos Devas e a outras coisas que foram produzidas no fim da noite.

59. Assim como as indicações e formas que pressagiam o advento das estações ocorrem periodicamente em suas épocas apropriadas, assim também nos Yugas a mesma criação aparece repetidas vezes.

60. Os seres de tais tipos, criados por recorrer ao seu poder mental (*mānasi siddhi*) pelo deus Brahma nascido do imanifesto, são vistos manifestadamente no fim da noite (do deus Brahma).

61-**63**. Desse modo os seres vivos, os móveis e imóveis, vieram a existir. Mas a progênie criada por ele não se multiplicou. Ele criou alguns outros filhos nascidos da mente iguais a ele. Esses são conhecidos como Bhrgu, Pulastya, Pulaha, Kratu, Añgiras, Marīci, Daksa, Atri e Vasishtha. Eles são conhecidos nos Purānas como nove Brahmas. Eles são explanadores dos Vedas e são idênticos ao próprio Brahma.

64. Então Brahma, o ancestral dos antigos, criou Rudra de sua raiva, a partir de si mesmo. (Ele criou) *Sañkalpa* e *Dharma* (também).

65-**66**. No princípio, Brahma criou filhos mentais que eram iguais a ele, isto é, Sanandana, Sanaka, o erudito Sanātana e o eminente Sanatkumāra. Eles são eternos, independentes, não vinculados à vida mundana, e por isso eles não procriam.

67-**68**. Eles têm o conhecimento do futuro. Eles são desprovidos de paixões e rivalidade. Quando eles permaneceram indiferentes à continuidade do mundo, o senhor supremo Brahma meditou, (furiosamente). Da raiva dele, nasceu uma pessoa tão resplandecente quanto o sol. Metade do corpo dele era um homem e metade uma mulher. Ele era comparável ao fogo em esplendor.

69. Tudo ficou cheio de brilho e igual ao sol em esplendor. "Divida-se" – dizendo isso ele desapareceu lá.

70. Assim endereçados, o homem e a mulher se separaram; o homem se dividiu em onze partes (a partir da metade masculina).

71-**72**. Todas as (onze) grandes almas foram endereçadas pelo ser nobre: "Esforcem-se energicamente e vigilantemente para a totalidade (continuidade) do mundo desejando a multiplicação (aumento na população) do mundo, (esforcem-se) para o estabelecimento, benefício e interesse do mundo inteiro."

73. Assim endereçados, eles gritaram e correram apressadamente por toda parte. Como eles gritaram e correram por todos os lados eles são conhecidos como Rudras.

74. Os três mundos inclusive os móveis e imóveis são permeados por eles. Seus seguidores vivem em todos os mundos.

75. Eles são os valorosos senhores de Ganas com a força de dez mil elefantes. A altamente afortunada (a mulher)[15], formando metade do corpo de Śiva, que foi citada para vocês anteriormente, era a mulher nascida da boca de Brahma. O lado direito do corpo dela era claro (branco) e o esquerdo negro. Ela tinha sido pedida por Brahma para se dividir. Ó brâmanes, assim requisitada, ela se dividiu em partes negras e brancas. Eu mencionarei os nomes dela. Por favor, ouçam muito atentamente:

---

[15] Os versos 75-85 dão uma lista de epítetos de Śakti ou a forma feminina chamada de Bhadrakālī no v. 86. Esses epítetos caracterizam as diferentes formas da deusa. Um elemento de culto Śakti é encontrado nos vv. 75-91.

78-79. Svāhā, Svadhā, Mahāvidyā, Medhā, Laksmī, Sarasvatī, Aparnā, Ekaparnā, Pātalā, Umā, Haimavatī, Sasthī, Kalyānī, Khyāti, Prajñā, Mahābhāgā, e Gaurī.

80. Conheçam também em resumo as formas universais assumidas pela nobre Dama (formas que ela assumiu no universo) pela formação de corpos separados:

81. Prakrti, Niyatā, Raudri, Durgā, Bhadrā, Pramāthinī, Kālarātri, Mahāmāya, Revatī, e Bhūtanāyikā.

82. Ouçam os nomes dela no fim da era Dvāpara: Gautamī, Kauśikī, Aryā, Candī, Kātyāyanī, Satī.

83. Kumāri, Yādavi, Devi, Varadā, Krsnapiñgalā, Barhirdhvajā, Śūladharā, Paramabrahmacārini.

84. Māhendri, Indrabhaginī, Vrsakanyā, Ekavāsasī, Aparājitā, Bahubhujā, Pragalbhā, Simhavāhinī.

85. Ekānasā, Daityahanī, Māyā, Mahisamardinī, Amoghā, Vindhyanilayā, Vikrāntā, Gananāyikā.

86-88. Esses são os nomes das formas dela que foram mencionados para vocês em ordem consecutiva. Aquelas pessoas que recitam com precisão os epítetos da deusa Bhadrakālī como enumerados por mim, nunca terão um fracasso ou derrota. Na floresta ou nos arredores, na casa ou na cidade; na água ou na terra seca, esses nomes fornecem proteção contra tigres, ladrões e assaltantes. Uma pessoa deve repetir esses nomes durante agonia mental e particularmente em um lugar infestado por duendes.

89. Um amuleto com esses nomes deveria ser usado por crianças afligidas por planetas maus, duendes ou por bruxas más, como Pūtanā e outras.

90. A grande deusa é glorificada como Prajñā (intelecto) e como Srī (glória). Milhares de deusas emergiram dessas duas e permearam o universo.

91. Ela criou *Vyavasāya* (diligência) e Dharma (dever) concedendo felicidade e pensamento no princípio do Kalpa. Elas nasceram do útero imanifesto.

92. Ruci era o filho mental de Brahma. Ele criou Daksa de seu ar vital e Marīci de seus olhos.

93-94. Bhrgu nasceu do peito dele. Ele criou Añgiras de sua cabeça e Atri de seus ouvidos. Do ar vital Udāna, ele criou Pulastya; de Vyāna, Pulaha, de Samāna, Vasishtha e de Apāna, Kratu.

95. Ele criou Bhadra, Nīlalohita na forma de vaidade. Esses são os doze filhos de Brahma nascidos do ar vital dele.

96. Esses são os filhos mentais de Brahma. Bhrgu e outros que foram criados não eram os explanadores do Veda.

97. Eles eram os antigos chefes de família. Dharma foi estabelecido (e propagado) por eles. Esses doze criam progênie junto com Rudra.

98. Ribhu e Sanatkumāra sublimaram vigor sexual. Como eles nasceram muito antes (dos doze filhos), eles eram os primogênitos de todos.

99. Quando o primeiro Kalpa antigo terminou, ambos recolheram seu esplendor e ocuparam a região Vairāja realizando (o bem do) mundo.

100. Os dois, praticando virtude yóguica e concentrando-se no *Ātman,* mantiveram *dharma* e aspiração (*kāma*) das pessoas por seu grande esplendor.

101. Sanat continua tendo a mesma forma e características como na hora de seu nascimento. Por essa razão ele é chamado de Kumāra. Consequentemente seu nome é mencionado Sanatkumāra.

102. As doze linhagens deles são divinas e dotadas de atributos divinos. Realizando ritos sagrados e multiplicando a linhagem, elas são embelezadas por grandes sábios.

103. Assim termina (a descrição da) atividade do senhor nascido por si mesmo ao criar os mundos. A criação nasceu dos vários órgãos dele. A criação que começa com *Mahat* e termina com *Viśesas* pertence à própria *Prakrti*.

104-105. A luz do sol e da lua ilumina o mundo que é embelezado, além disso, com planetas e estrelas. Ele é cercado por rios, oceanos, montanhas, e cidades de várias formas e tamanhos, e zona rural próspera. Naquele imanifesto Brahmavana, Brahma passa a noite.

106-108. Esta árvore eterna de Brahma nasce da semente de *Avyakta*. Ela cresce pelas bênçãos dele. Intelecto constitui seus ramos e os órgãos dos sentidos seu broto e Dharma e Adharma suas flores, felicidade e tristeza seus frutos. Ela é a fonte de sustento para seres vivos e sua raiz é Brahman.

109. O imanifesto que é a causa da criação é eterno e da natureza de *Sat* e *Asat*. Essa é a *Anugraha Sarga*, a criação primária de Brahma.

110. As seis criações *Mukhya* etc. são secundárias. Elas existem em todas as três vezes em Brahma que se identifica com elas.

111. Os eruditos sabem que as criações funcionam como causas umas das outras. Há duas árvores divinas crescendo juntas, tendo folhas e brotos e ramos excelentes. Somente um conhece a árvore do Ātman e não o outro.

112. Aquele Ātman incompreensível é a causa da criação de todos os seres vivos - ele cuja cabeça os brâmanes louvam como o céu; o firmamento como o umbigo; o sol e a lua como os olhos; os quadrantes como os ouvidos; e a terra como seus pés.

113. De sua boca nasceram os brâmanes; de seus braços os ksatriyas; de sua coxa os vaiśyas e de seus pés os śūdras.[16]

114. O grande senhor está além do imanifesto. O Ovo cósmico nasce do imanifesto. Do Ovo cósmico nasce Brahma que criou o universo.

[16] Um eco do *Rig Veda* X. 90 (Purusa Sūkta).

Capítulo 10: Manvantaras

Sūta disse:

1-2. Quando os mundos surgiram dessa maneira pela atividade de Brahma, o criador, e quando a progênie não se multiplicou de nenhuma maneira, Brahma, totalmente envolvido por Tamas, ficou abatido. Ele então criou inteligência a qual leva a uma decisão definida.

3. Ele então viu só o elemento Tamas se movendo dentro dele mesmo como o fator controlador. Subjugando Rajas e Sattva, aquele estava operando.

4. Atormentado por aquela tristeza, o Senhor do universo se sentiu afligido. Ele evitou Tamas e Rajas o envolveu.

5. O Tamas que foi assim posto para fora (disperso), deu nascimento a gêmeos. Violência e tristeza nasceram de Adharma.

6. Quando os gêmeos nasceram do pé, o senhor se sentiu satisfeito. E ele recorreu a isso.

7. Ele abandonou seu corpo que era não-radiante. Ele se dividiu em dois. Com uma metade de seu corpo ele se tornou um homem.

8. Com a outra metade ele se tornou uma mulher. A mulher foi chamada de Śatarūpā. Então o senhor criou a terra (para o sustento dos seres criados). O senhor também criou desejos.

9. Esse corpo de Brahma penetrou a terra e o céu por sua grandeza. O corpo anterior permaneceu envolvendo o firmamento.

10-11. A mulher Śatarūpā que nasceu da metade do corpo do criador realizou uma penitência severa por um milhão de anos e obteve um homem de fama brilhante como seu marido. Ele se chamava Manu, o primeiro homem nascido do deus Brahma.

12-**13**. Setenta e um grupos de quatro Yugas constituem o que é chamado de o Manvantara dele (reinado de Manu). Tendo obtido Śatarūpā, não nascida de nenhum útero, como sua esposa, ele se divertiu com dela. Consequentemente aquele divertimento é chamado de Rati (relações sexuais). O primeiro ato de coito aconteceu no princípio do Kalpa.

14. Brahma criou Virāj[1]. Aquele Virāj se tornou o homem (purusa). E como o rei tinha sido criado mentalmente, ele se tornou conhecido como Vairāja Manu.

15-**16**. Aquela criação (de indivíduos) é chamada de Vairāja. Naquela criação, Manu é o homem (o progenitor da raça humana). Śatarūpā deu à luz, para aquele homem valoroso Vairāja, dois filhos excelentes que pessoas que possuem filhos podem esperar.

17. As duas filhas auspiciosas Akūti e Prasūti nasceram para Manu que deu Prasūti em casamento para Daksa.

18. Daksa deve ser conhecido como *Prāna* (o ar vital) e Manu, *Sañkalpa* (vontade, determinação). Manu deu Akūti para o patriarca Ruci.

19. Gêmeos auspiciosos nasceram para Akūti de Ruci, o filho nascido da mente de Brahma. Eles eram Yajña e Daksinā.

20. Yajña gerou de Daksinā doze filhos. Eles foram chamados de Yāmas, deuses no Svāyambhuva Manvantara.

21. Nascendo como os filhos de Yajña, um dos gêmeos (Yama), eles são conhecidos como Yāmas. Os dois Ganas (grupos) de Brahma são Ajitas e Śūkas.

22. Os Yāmas ocuparam o céu no início. Por isso eles são chamados de 'moradores do céu.' As mães dos mundos nasceram de Prasūti, a filha de Svāyambhuva Manu.

---

1 O autor usa Vairāja, Purusa, Manu (e Samrāt) como sinônimos aqui.

23. O Senhor Daksa gerou vinte e quatro filhas dela. Todas elas eram de olhos de loto e muito afortunadas.

24. Essas foram esposas de Yogins e mães yóguicas. As primeiras treze eram - Śrāddha, Laksmī, Dhrti, Tusti, Pusti, Medhā, Kriyā, Buddhi, Lajjā, Vapus, Śānti, Siddhi e Kīrti a décima terceira.

25. O Senhor Dharma tomou essas filhas de Daksa como suas esposas. Elas atuaram como as entradas (da criação) como ordenado por Brahma.

26-28. Além delas, as restantes mais novas eram as onze filhas de olhos adoráveis - Khyāti, Satī, Sambhūti, Smrti, Prīti, Ksamā, Sannati, Anasūyā, Ūrjā, Svāhā e Svadhā. Outros grandes sábios as aceitaram então. Eles eram Rudra, Bhrgu, Marīci, Añgiras, Pulaha, Kratu, Pulastya, Atri, Vasishtha, Pitris e Agni, que as aceitaram como suas esposas.

29-31. Ele deu (em casamento) Satī para Śiva e Khyāti para Bhrgu, Sambhūti para Marīci, Smrti para Añgiras, Prīti para Pulastya, Ksamā para Pulaha, Sannati para Kratu, Anasūyā para Atri, Ūrjā para Vasishtha, Svāhā para Agni e Svadhā para Pitris. Eu mencionarei os filhos nascidos para eles.

32. Todos estes filhos eram altamente inteligentes e muito afortunados. Eles permanecem em todos os Manvantaras até que a dissolução final ocorra.

33-36. Śrāddha (fé) deu à luz Kama (Desejo),[2] Laksmī a Darpa (Arrogância); Dhrti (Firmesa, autodomínio) a Niyama (Restrição); o filho de Tusti (Satisfação) se chama Santosa (Contentamento); Lābha (Ganho) era o filho de Pusti (Nutrição); Śruta (Erudição) era o filho de Medhā (Inteligência). (Os filhos de) Kriyā (Atividade) eram Naya (Justiça), Danda (Castigo) e Samaya (Lei). Ambos, Bodha (Conhecimento) e Apramāda (Ausência de erros) eram os filhos de Buddhi (Intelecto). Vinaya (Disciplina) era o filho de Lajjā (Timidez); Vyavasāya (Esforço) era o filho de Vapus (Corpo); Ksema (Bem-estar) o filho era de Śānti (Tranquilidade); Sukha (Prazer) nasceu de Siddhi (Realização); Yaias (Fama) era o filho de Kīrti (Renome). Esses são os filhos de Dharma.

37. Harsa (Prazer) era o filho de Kama com a deusa Rati. Assim a progênie de Dharma resultou em felicidade.

38-39. Himsā (Violência) teve com Adharma (Mal) os gêmeos Nikrti (Maldade) e Anrta (Falsidade). Bhaya (Medo) e Naraka (Inferno) nasceram de Nikrti e Anrta. Os gêmeos Māyā (Engano) e Vedanā (Dor) nasceram para eles. Bhaya gerou, de Māyā, Mrtyu que leva os seres vivos embora.

40. De Raurava, Vedanā deu à luz Duhkha (Dor). De Mrtyu nasceram Vyādhi, Jvara, Śoka, Krodha, e Asuyā. Esses eram caracterizados por Adharma e eram conducentes à miséria.

41. Eles não tiveram esposas e nem filhos. Eles eram conhecidos como Nidhanas. Assim a criação Tāmasa que reprimiu o crescimento de Dharma veio à existência.

42. Brahma mandou Nīla-Lohita criar progênie; Śiva pensou em sua esposa Satī e criou filhos (nascidos dele mesmo).[3]

43. Eles não eram superiores nem inferiores a ele. Eles foram criados mentalmente e eram iguais a ele. Ele criou milhares e milhares (de tais filhos) que estavam usando peles de elefantes. Todos eram iguais a ele em forma, esplendor, força e erudição. Alguns eram marrom avermelhados. Alguns tinham aljavas. Alguns tinham cabelo emaranhado.

44-51. Eles eram de cor fulva, equipados com aljavas (para setas); eles tinham cabelo emaranhado e eram de cor profundamente vermelha (*vilohita*). Eles tinham cabelo verde. Eles matavam com olhos (por lançarem um olhar) e seguravam crânios (em suas mãos). Eles eram multiformes, de aparência horrorosa, e de forma cósmica.

---

[2] Os versos 33-40 personificam virtudes e vícios e declaram sua ascendência. Os versos 38-41 descrevem a criação *Tāmasa*.

[3] Os versos 42-52 descrevem a criação por Rudra.

Eles ocupavam carruagens e usavam cotas de malha. Eles eram virtuosos e vestiam armaduras. Eles tinham cem mil braços. Eles podiam viajar pelo céu, pelo firmamento, e pela terra. Eles tinham cabeças grandes, oito presas, duas línguas e três olhos. (Alguns deles eram) comedores de arroz, (alguns) comedores de carne, (alguns eram) bebedores de ghee e (alguns) de suco Soma; alguns bebiam gordura. Eles eram de corpos enormes e pescoço azul escuro e de fúria feroz. Eles estavam equipados com aljavas, arcos, espadas e proteções de couro. Alguns estavam sentados, alguns estavam correndo, alguns estavam bocejando e alguns ocupando assentos. Alguns estavam ensinando os Vedas; alguns realizando Japa, praticando Yoga e alguns estudando os Vedas. Alguns estavam resplandecendo, alguns derramando chuva, alguns brilhando, enquanto alguns estavam fumegando. Alguns eram despertos (iluminados), alguns os mais iluminados, alguns estabelecidos em Brahman e alguns de visão auspiciosa. Todos eles tinham pescoço azul, mil olhos e eram vagueadores noturnos. Eles eram invisíveis para todos os seres. Eles eram grandes yogins de esplendor brilhante. Alguns estavam gritando e estavam correndo. Rudra criou milhares de deuses excelentes parecidos com ele (Rudra) dentro do período de Yāma (três horas).

52. Ao vê-los, Brahma disse, "Não crie progênie como esses. Seres iguais ou superiores a você não devem ser criados por você. Crie outras proles. Prosperidade para você. Eu estou permanecendo aqui (por você). Você cria as proles."

53-54. (Śiva respondeu), "Esses seres horrendos azuis avermelhados criados por mim aos milhares e milhares definitivamente são comparáveis a mim. Esses deuses se tornarão Rudras de grande força. Eles serão conhecidos na terra e no céu pelo nome Rudra.

55. Esses chamados de Śatarudra no Veda serão merecedores de sacrifícios e compartilharão de partes sacrificais com os grupos de deuses.

56. Eles permanecerão até o período de dissolução, sendo adorados com aqueles Devas nascidos dos *Chandas* (Vedas) em todas as eras Manvantara."

57. Assim endereçado pelo inteligente Senhor Śiva, o Patriarca Brahma respondeu alegremente para o terrível Rudra:

58. "Ó Deus, que isso seja como você fala. Prosperidade para você." Quando assim consentido por Brahma, tudo aconteceu conformemente.

59. Desde então, o senhor não criou descendência. Ele permaneceu com virilidade sexual sublimada até a dissolução final de seres vivos. Como ele disse "Eu estou parado", ele é conhecido como "*Sthānu*".

60. As seguintes dez qualidades estão sempre presentes em Śañkara. Elas são: conhecimento, não-atração, prosperidade gloriosa, penitência, veracidade, paciência, firmeza, criatividade, autocompreensão, domínio.

61. Por meio de seu brilho o senhor supera todos os Devas, sábios e Asuras. Assim ele é conhecido como Mahādeva.

62. Ele supera Devas por sua prosperidade gloriosa; Asuras por sua força; os sábios por seu conhecimento; e todos os Bhūtas por seu Yoga.

Os sábios disseram:

63. Ó sábio nobre, explique para nós a natureza do Yoga, penitência, veracidade, virtude e os meios de conhecimento perfeito do grande senhor.

64. Nós desejamos ouvir completamente todos os diferentes Dharmas incluindo o Yoga de Maheśvara por meio do qual os duas vezes nascidos atingirão Moksa.

Vāyu narrou:

65. Cinco Dharmas foram proclamados por Rudra nos Purānas. Eles são chamados de Māheśvarya (Yoga de Maheśvara)[4] pelos Rudras de atividades não enfraquecidas.

[4] O Yoga de Maheśvara consistindo em cinco Dharmas é uma discussão sobre Yoga. Os cinco Dharmas enumerados nos vv. 70-71 abaixo são os estágios principais no Yoga de Pātañjala, isto é,

66-**67**. Esses Dharmas são praticados por Adityas, Vasus, Sādhyas, e Aśvins, como também por todos os Maruts, Bhrgus, habitantes do céu dos quais Yama, Indra são proeminentes, e por Pitris, Kāla, Mrtyu e muitos outros.

68. Os grupos de sábios, puros como o céu no outono, com todos os seus Karmans esgotados, os praticam depois de unirem o eu (individual) com o eu (cósmico).

69. Empenhados no que é saudável e agradável para os preceptores, e desejosos de realizar aquilo que é agradável para seu preceptor, eles se divertem por toda parte como Devas, depois de abandonarem (isto é, completarem seu período de) vida humana.

70-**71**. Por favor conheçam, na ordem consecutiva como eles estão sendo narrados, os cinco Dharmas eternos ordenados pelo grande senhor. Eles são: *Prāṇāyāma* (Restrição da respiração), *Dhyāna* (Meditação), *Pratyāhāra* (Retirada dos órgãos dos sentidos), *Dhāraṇā* (Abstração fixa da mente) e *Smarana* (Lembrança).

72. Eu exporei, em sua ordem específica, suas características, causas e princípios como explicados por Rudra.

73. A restrição da velocidade (período de tempo?) da respiração vital também é chamada de *Prāṇāyāma*. Ela é de três tipos: *Manda* (lenta), *Madhya* (média) e *Uttama* (excelente).

74. O controle da respiração vital é chamado de Prāṇāyāma. O período padrão de *Prāṇāyāma* é doze *mātrās* (*mātrā* = tempo necessário para pronunciar uma vogal curta).

75. O *Manda Prāṇāyāma* tem um movimento de doze momentos. O *Madhya Prāṇāyāma* tem dois movimentos e tem o período de vinte e quatro *mātrās*.

76. O *Uttama Prāṇāyāma* tem três movimentos e os *mātrās* são trinta e seis. Esse *Prāṇāyāma* excelente produz suor, tremor, langor e esgotamento.

77. Desse modo as três características do *Prāṇāyāma* foram explicadas. Agora escute ao período e outras características delas brevemente.

78. Um leão ou um elefante ou qualquer outro animal selvagem da floresta ao ser capturado e domesticado fica brando e quieto.

79. Semelhantemente, embora a respiração vital seja difícil de ser controlada no caso de pessoas não calmas, ela pode ser controlada pela prática de Yoga se feita regularmente.

80-**81**. Assim como um leão ou um elefante (capturado) se torna impotente e domesticado pela disciplina e passagem do tempo, similarmente, por colocar [ou pacificar] a mente com o tipo *Manda* (lento) de *Prāṇāyāma*, ela fica sob controle. Similarmente o vento (ar vital) vive por estar colocado sob as ordens do deus da mente (?).

82. Da mesma maneira que o ar vital fica sob controle por recorrer ao Yoga, similarmente ele pode levar o ar vital para onde quer que ele queira.

83. Da mesma maneira que um leão ou elefante que fica sob controle provê proteção a homens de outros animais;

84. Assim como o vento que sopra em todas as direções, se controlado dentro do corpo através de meditação, [ele] destrói todos os pecados dentro do corpo.

85. Todas as máculas do brâmane que é autocontrolado e empenhado em *Prāṇāyāma* perecem. Ele fica estável no Sattva Guna.

86. *Prāṇāyāma* é igual a todas as penitências executadas e à realização de (todos os) ritos e observâncias sagrados, e aos resultados concedidos por todos os sacrifícios.

87. *Prāṇāyāma* é igual à penitência e observância do rito sagrado de beber uma gota de água da ponta da erva Kuśa uma vez por mês e continuando isso por cem anos.

Prāṇāyāma, Dhyāna, Pratyāhāra, Dhāraṇā e a única adição Śaiva é *Smarapa*, enquanto o último estágio de Pātañjali, *Samādhi*, é suprimido.

88. Deve-se queimar defeitos do corpo através de *Prānāyāma*, pecados através de *Dhāranā,* os objetos sensuais através de *Pratyāhāra* e qualidades ímpias através de *Dhyanā*.

89. Portanto, um yogin praticante deve sempre estar ocupado em *Prānāyāma*. Depois de se purificar de todos os pecados, ele chegará ao Brahman supremo.

Capítulo 11: Pāśupata Yoga[1]

Vāyu disse:

1-2. Sábios de almas nobres observam com visão divina e adoram o ar vital (*Prāna*) por se estabelecerem em penitência, seja por um grande dia ou um dia e noite ou uma quinzena, ou um mês ou seis meses ou um ano ou um Yuga ou milhares de grande Yugas.

3. Daqui em diante, eu explicarei o propósito e particularmente o benefício do Prānāyāma como explicados pelo Senhor.[2]

4. Saibam que os objetivos do Prānāyāma são quatro: *Śānti, Praśānti, Prasāda* e *Dipti* (cada termo é explicado nos versos seguintes).

5. Ações, sejam terríveis em forma ou auspiciosas em natureza, se executadas por si mesmo, dão resultados aqui e futuramente no devido tempo.

6. Mas a supressão de males e pecados cometidos por pais, primos ou outros parentes ou uma mistura de ambos é chamada de *Śānti*.

7. A restrição de pecados que surgem da cobiça é chamada de *Praśānti*. Essa é uma forma de penitência que beneficia aqui e no outro mundo.

8. Sábios fartamente dotados de conhecimento e sabedoria perfeita podem chegar ao mundo do sol, lua, planetas e estrelas.

9. Para o iluminado, a visão do passado, presente e futuro é possível. Isso é chamado de *Dipti*. Isso também é uma penitência.

10. *Prasāda* é aquilo que sublima os cinco órgãos dos sentidos, seus objetos, a mente e os cinco ares vitais.

11. Assim o *Prānāyāma* quádruplo é o primeiro Dharma. Deve ser sabido que ele dá resultado imediato e resulta sem demora em serenidade (mental).

12. Daqui em diante eu explicarei as características de *Prānāyāma*, a postura e a prática de Yoga precisamente.

13-18. [O praticante] deve proferir a sílaba Om no início e reverenciar a lua ou o sol. Então ele deve sentar nas posturas *Svastika* ou *Ardhapadma*. Os dois joelhos deverão estar nivelados um com o outro ou um joelho deve ficar levemente elevado. Ele deve sentar confortavelmente com firmeza. Os pés serão trazidos mais perto. A boca deve ser mantida fechada, os olhos meio fechados, o peito elevado para frente. Com os calcanhares ele deve cobrir o escroto e o pênis; a cabeça deve ficar ligeiramente erguida, o pescoço estar reto. Ele deve fixar seu olhar na ponta de seu nariz, e não deve olhar para outro lugar em qualquer direção. Ele deve cobrir Tamas por Rajas o qual ele deve envolver por Sattva. Então ele deve permanecer estabelecido em Sattva e praticar Yoga com mente pura. Ele deve então segurar (controlar) o agregado de seus órgãos dos sentidos e os objetos deles, sua mente e os cinco ares vitais. Ele então começará *Pratyāhāra* (recolher em si mesmo esses juntos).

19-22. Aquele que retrai sua paixão e desejos como a tartaruga faz [com] seus membros, fica deleitado no eu. Fixo (estabelecido) nisso, ele vê o Eu no seu eu. Enchendo o corpo com ar e permanecendo puro dentro e fora, ele começará a retirada pelo processo de Yoga do umbigo para a garganta. Uma piscada (abrir e fechar de olhos) é o período chamado *Kāla*. O *Prānāyāma* será retido por doze *mātrās*: *Dhāranā* consiste em 12 *Prānāyāmas*. Yoga é 2 *Dhāranās*. Uma pessoa praticando Yoga dessa maneira obtém prosperidade. Ela vê o grande Eu brilhando em seu próprio esplendor.

---

[1] O capítulo presente é importante porque ele lança uma torrente de luz sobre o Pāśupata Yoga como praticado antes do 10º séc. D.C. quando o *Vāyu Purāna* veio finalmente a ser redigido.

[2] Os versos 3-11 descrevem o propósito ou objetivos do Prānāyāma, o primeiro Dharma nesse Yoga.

23. Todos os defeitos (pecados) do brâmane que está empenhado em (isto é, pratica) Prānāyāma e é autocontrolado são destruídos e ele torna-se estabelecido em Sattva.

24. Assim, com devida restrição na dieta, um sábio (observando silêncio) empenhado em *Prānāyāma*, conquistará estágios yóguicos e ascenderá cada vez mais alto.

25. O grande fundamento (isto é, estágio), se não subjugado (superado), pode gerar muitos defeitos. Ele pode aumentar a ilusão. Por isso uma pessoa não pode ir para uma fase mais elevada a menos que a fase inicial seja superada.

26. Assim como a água é absorvida por aplicar força por meio de um tubo ou dispositivo mecânico, assim também o yogin deve absorver pelos sentidos o vento com esforço mas conquistando (sem incorrer) em esgotamento.

27-28. O vento será retido gradualmente no umbigo, no coração, no peito, na garganta, na boca, na ponta do nariz, no olho, entre as sobrancelhas e na cabeça. A retenção da respiração um pouco acima no grande senhor é chamada de *Dhāranā*. Como o *Prāna* e o *Apāna* são obstruídos, isso é chamado de Prānāyāma.

29. É a firmeza da mente que é chamada de *Dhāranā*. O afastamento dos objetos é *Pratyāhāra*.

30. Quando todos esses são combinados juntos, a realização de Yoga ou Siddhi acontece. A realização é o sinal característico de meditação yóguica. Dotado de meditação, o Iogue vê seu próprio eu como o sol e a lua.

31. Se Sattva não for realizado, a visão não é possível. Se o Yoga é praticado em um lugar defeituoso ou na hora errada, a visão não é possível.

32-34. Um Iogue não deve praticar concentração perto do fogo, na floresta, sobre uma pilha de folhas secas, em um lugar infestado com criaturas inferiores (ou um lugar abarrotado), em uma área de cremação, em um estábulo dilapidado, nas encruzilhadas (onde quatro caminhos se encontram), em um local barulhento ou terrificante, perto de uma tumba (ou um santuário budista ou jaina) ou um lugar cheio de formigueiros, perto de um poço ou um habitante, pois esses são lugares de perturbação. Nem ele deve fazer isso quando dominado pela fome, desgosto ou excitação. Ele deve, no entanto, praticar Yoga diligentemente e com concentração.

35. Apesar de conhecer decisivamente essas falhas, se uma pessoa inadvertidamente se ocupa da prática de Yoga, os três líquidos orgânicos no corpo dela vêm a ser desarranjados e colocam obstáculos em seu caminho.

36. Ele desenvolve lentidão, surdez, mudez, cegueira, perda de memória, velhice e doença.

37. Os líquidos corporais de uma pessoa que pratica Yoga ignorantemente se tornam virulentos. Por isso um yogin deve praticar Yoga com conhecimento puro da mente e corpo.

38. Se ele for alerta e cuidadoso na prática de Yoga, ele não sofrerá de quaisquer defeitos. Eu explicarei o remédio para os defeitos que se originam da execução errada de *Prānāyāma*.

39. A dilatação do baço (devido ao desarranjo do humor vento), se abranda se o paciente bebe mingau de aveia grosso, pegajoso (enquanto esse está) muito quente.

40-42. O seguinte é o tratamento para constipação. Depois de comer coalhadas ou mingau de aveia, o ar vital subirá. Então o 'nó de vento' (um inchaço causado pela perturbação do ar no corpo) será dissolvido e o ar vital feito circular em seu próprio lugar. Contudo, se não houver melhora, o *Dhāranā* deve ser praticado na cabeça. O praticante de Yoga manterá o corpo no Sattva somente. Para dissipar (curar) constipação, esse remédio deve ser usado.

43. No começo da prática yóguica, se houver tremor de membros, esse tratamento deve ser seguido. Isso dará alívio a ele.

44. Ele fixará algo firmemente na mente e se agarrará a isso como se observando algum rito sagrado. Se houver palpitação do coração, o ar vital será retido na região cardíaca e perto da garganta.

45. Se houver obstrução à fala, o ar vital deve ser retido no órgão da fala; na surdez ele deve ser retido nos ouvidos. Em aflição por sede, ele deve (aplicar) óleo ou ghee na ponta da língua por meio de linhas. Concentrando-se assim no efeito do tratamento, um yogin obtém felicidade.

46-49. No estado de consumpção e lepra, o ar Sattvika será concentrado nas partes afetadas. Se uma parte é afetada por Rajas, o Yoga será praticado com relação àquela parte específica. Se um brâmane, praticando Yoga, sofre de indisposição, o tratamento seguinte deve ser adotado. Sua cabeça será batida com uma cunha de bambu ou a cunha deve ser colocada na cabeça dele e batida com uma vara de madeira. Assim dominado pelo medo, ele recuperará a consciência. Ou se ele perdeu a consciência ele pode ser segurado por mãos. Depois de recuperar a consciência ele deve reter *Dhāranā* na cabeça. Ele deve comer substância oleosa, contudo em pequena quantidade. Dessa maneira o yogin se torna feliz.

50. Quando ele for possuído por um ser não-humano, ele deve executar o *Dhāranā* do céu, terra, ar e fogo.

51. Sendo queimado por *Prānāyāma* tudo fica sob controle. Entretanto se isso entrar no corpo, ele deve repeli-lo.

52. Então depois de entorpecê-lo com seu poder yóguico, o fogo de Prānāyāma será queimado sobre a cabeça dele e ele [o ser não-humano] perecerá completamente.

53. As falhas da serpente preta (isto é, ignorância) devem ser retidas na cavidade do coração. Depois de manter os mundos Mahar, Jana, Tapas e Satya no coração, ele deve executar *Dhāranā*.

54. Bebendo o *fruto* do veneno, ele o manterá mas o tornará ineficaz. Ele deve realizar *Dhāranā* concebendo em sua mente a terra inteira junto com as montanhas por toda parte.

55. Depois de colocar os oceanos no coração e se lembrando das divindades naquele lugar, ele deve se banhar com mil recipientes.

56. Com águas até o pescoço, *Dhāranā* será fixado na cabeça. Quando afligido pelo corrente posterior de veneno, ele executará *Dhāranā* sobre todas as partes de seu corpo.

57. Ele beberá no barro do formigueiro com as xícaras das folhas caídas murchas da planta Axka. Esse modo de tratamento yóguico é bem conhecido no mundo.

58. Isso foi explicado brevemente da maneira encontrada entre os tópicos de Yoga. Vocês devem conhecer as características apropriadas do brâmane antes de vocês revelarem isso.

59. Se isso for revelado por ilusão para uma pessoa indigna, a instrução vem a ser infrutífera. Por isso a prática de Yoga não deve ser mencionada para alguém (que é indigno).

60. Força, saúde, indiferença por objetos sensuais, cor resplandecente, voz boa e suave, cheiro auspicioso e menos quantidade de urina e fezes. Esses são sinais primários de progresso em Yoga no corpo.

61. Se ele vir a si mesmo e a terra brilhando e um entrando no outro, ele deve saber que o momento de realização de Yoga se aproximou.

Capítulo 12: Maus Portentos e Calamidades em Yoga

Sūta disse:

1. Daqui em diante, eu explicarei como os maus portentos, danos, calamidades e defeitos aparecem para uma pessoa que percebeu a Verdade.

2. O yogin que é afligido pelo mal pode ser apaixonado por mulheres, época (?) e ansiar por prazeres humanos e pelos frutos do aprendizado.

3. Tal pessoa aflita deseja executar atividades *Māyic* (ilusórias) como manutenção de fogo sacrifical (*Agnihotra*), oblações em fogo, realização de sacrifício, riqueza, e céu.

4. Se um yogin estiver comprometido em tais ritos religiosos, ele cai vítima da Ignorância (*Avidyā*). A pessoa deve saber que ela é afetada e deve evitar isso deliberadamente. Se ela se torna permanentemente devotada a Brahman, ela é libertada dos maus efeitos.

5. Mas embora alguém tenha dominado o controle da respiração e males (que impedem o Yoga), outros males que surgem de (e da natureza de) Sattva, Rajas e Tamas aparecem.

6. Intelecto claro, ouvir vozes (espirituais), visão de deuses e movimento circular de chama girando – esses são chamados de sinais de (obtenção de) Siddhi.

7. Toda a aprendizagem, literatura, artes e outros conhecimentos comunicáveis oralmente como também a essência de toda a erudição o acompanham (para serviço). Esse é o indicador de seu poder sobre-humano.[1]

8. Ele ouve palavras dignas de audição até mesmo da distância de cem yojanas. O yogin onisciente, embora conhecendo o processo de Yoga, pode se tornar como um lunático.

9. Se o grande iogue vê Yaksas, Rāksasas, Gandharvas, e seres divinos e os conhece, esse é o sinal de perturbação (em progresso espiritual).

10. Deve-se reconhecê-lo especificamente como insano se ele vê Devas, Dānavas, Sábios e Pitris por toda parte.

11. O iogue, sendo incitado por sua alma interna, se atrapalha, por ilusão. Todo o seu conhecimento é perdido quando seu intelecto é confundido.

12. Atividades profissionais podem destruir seu equilíbrio mental. Se a mente dele é dominada (devido a choque de perda financeira) e incitada por sua alma interna, o conhecimento dele é perdido.

13. Cobrindo-se com um tecido ou uma manta branca ele deve meditar prontamente no grande Brahman.

14. Se o iogue inteligente deseja obter seu poder espiritual, ele deve abandonar (superar) seus defeitos causados pelas perturbações (espirituais).

15. Devas, Gandharvas, Sábios, Yaksas, Serpentes e Asuras, que estão envolvidos em criar obstrução, vêm frequentemente.

16. Um yogin praticante deve sempre comer alimento leve e subjugar os órgãos dos sentidos. Similarmente ele deve deitar e repousar no corpo sutil e executar *Dhāranā* na cabeça.

17. Então, se ele conquista o sono depois de praticar Yoga, *Upasargas* na forma de ares vitais são produzidos no fim.

18. Ele deve então executar *Dhāranās* da terra, águas, fogo, éter e da mente.

---

[1] Os versos 7-15 descrevem as perturbações no caminho do progresso yóguico. Em seguida são descritos os poderes atingidos por meio de diferentes *Dhāranās*. Mas aqueles *Siddhis* são uma armadilha (v. 26). A essência do restante do capítulo é que um Iogue não deve ser apegado a nenhuma posição elevada - mesmo do próprio deus Brahma. Somente então ele será absorvido em Brahman.

19. Então o recluso se esforçando (aspirando) deve executar *Dhāranā* em seu intelecto. Ele deve descartar imediatamente sempre que ele vir as indicações de Siddhis (chegando).

20. Enquanto ele executa o *Dhāranā* da terra, a terra fica sutil. Enquanto ele executa o Dhāranā das águas, as águas ficam sutis. Humores orgânicos frescos, sutis e como néctar, começam a atuar.

21. Enquanto ele executa o *Dhāranā* do fogo, o fogo sutil começa a atuar. Ele se sente como fogo e vê sua natureza sutil.

22-23. Ele se considera como vento e a esfera universal como feita daquilo[2]. Enquanto ele executa o *Dhāranā* do éter, o éter sutil começa a funcionar. Ele vê sua esfera sutil e o som disso começa a operar.

24. Enquanto ele executa o *Dhāranā* da mente, a mente sutil começa a trabalhar. Por meio de sua mente ele penetra as mentes de seres vivos; quando ele une seu intelecto com o intelecto cósmico, ele compreende tudo perfeitamente.

25. O iogue que, depois de conhecer os sete elementos sutis, os abandona, atinge o ponto mais alto do intelecto.

26. Se ele se identifica com algum desses elementos caracterizados por *Aiśvarya* (prosperidade ou domínio), ele vem a ser enredado e assim perece.

27. Por isso aquele que conhece os elementos sutis ligados uns aos outros, e os abandona deliberadamente, alcança o senhor supremo.

28. De fato, até mesmo os sábios de alma nobre de visão divina são encontrados enredados nos elementos sutis. Esses são considerados como defeitos neles.

29. Consequentemente, nenhuma atração pelos elementos sutis deve ser levada em consideração. Devido a *Aiśvarya* (prosperidade e glória) o apego é gerado, enquanto Brahman é chamado de não-fixo.

30. Depois de conhecer os sete (elementos etc.) sutis e o grande deus excelente de seis características, ele chega ao Brahman supremo.

31. Aqueles que conhecem o processo, declaram as (seguintes) seis características do Deus supremo. Elas são: onisciência, contentamento, sem início (conhecimento externo), independência, poder que nunca falha e poder infinito.

32. O yogin praticante, com Brahman como seu recurso permanente, vem a ser libertado dos *Upasargas*. Para um yogin que conquistou o ar vital, os *Upasargas* e a paixão, resta só um *Dhāranā* inclusivo de todos os desejos no corpo externo.

33. Quando o duas vezes nascido fixa sua mente em algum lugar ele entra nisso. Ele entra nos elementos e pode até abalar (mover) os três mundos.

34. Por meio desse *Dhāranā*, ele pode abandonar seu corpo e entrar em outro. Ele deve definir que o Sol é a porta mental do Yoga.

35. Ele é chamado de *Āditya* porque ele é o receptor das atividades. O yogin que, por esse processo, se torna separado e livre das afeições dos elementos sutis vai além da esfera de Prakrti para Rudra loka.

36. O yogin que atingiu o estado de Iśvara e Gunas se torna o próprio Brahman. Ele se retira das posições de Devas.

37-38. Ele deve evitar as posições de Piśācas, Rāksasas, Gandharvas, Kubera, Indra, Soma e Prajāpati pelos processos específicos para esses.

39. Ele deve renunciar à posição de Brahma pelo procedimento especial *Brahma*. Ele deve se despedir do Senhor. Mas se ele é apegado a isso (à posição de Brahma), ele se torna (como se) intoxicado e tudo (a queda dele) provém disso.

40. Sendo permanentemente absorvido em Brahman, ele deve deixar as posições supracitadas. Desse modo, sendo não vinculado àquelas posições, ele adquirirá o poder de ir a qualquer lugar (onipresença).

---

[2] A mesma linha é repetida como 23b.

Capítulo 13: Poderes Supremos de Yoga

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei em detalhes os poderes supremos de Yoga por meio dos quais o yogin pode ir além de todos os mundos.

2. Oito tipos de poderes de yogins são citados. Ouçam a eles enquanto eu os narro em ordem.

3-4. Eles são *Animā, Laghimā, Mahimā, Prāpti, Prākāmya, īśitva, Vaśitva e Kāmāvasāyitā.* A faculdade divina que realiza todos os desejos é de vários tipos.

5-8. Ela é (dos seguintes tipos) *Sāvadya, Niravadya, e Sūksma. Sāvadya* é aquele princípio que abrange os cinco elementos. *Niravadya* consiste nos cinco elementos como também nos órgãos dos sentidos, mente e o ego. *Sūksma* consistindo nos cinco elementos inclui os órgãos dos sentidos, mente, ego e intelecto. Igualmente também os poderes de onipresença e discernimento pertencentes ao Eu. A combinação desses três tipos é encontrada somente no tipo *Sūksma*.

9. O óctuplo *Aiśvarya* também atua nos elementos sutis. Eu explicarei suas características como o senhor descreveu.

10. Em todos os três mundos, entre todos os seres vivos, o poder de *Animā* (tornar-se minúsculo como um átomo) é não controlado. Ele é imanifesto. Ele á a base de todos (os poderes).

11. O que é declarado inacessível para os seres vivos nos três mundos se torna acessível para os yogins em virtude desse primeiro poder.

12. O segundo poder em Yoga consiste em descer (pender) e flutuar. O Iogue possuidor desse poder pode mover o mais firme de todos os seres.

13. A habilidade para obter qualquer coisa nos três mundos é chamada de *Prākāmya* (vontade irresistível). O que é *Mahimā* também entra nessa categoria. Esse é o terceiro Yoga (poder yóguico).

14. Esses três mundos são considerados como não possíveis de serem atravessados por todos os seres (exceto yogins) nos três mundos. É o yogin que pode desfrutar de todos os objetos até a máxima satisfação. Ele não é impedido em nenhum lugar. Felicidade e tristeza sobrevêm a todos os seres vivos nos três mundos (mas o yogin escapa).

15. O yogin se torna o senhor de tudo. Nos três mundos, incluindo os seres móveis e imóveis, os seres vivos ficam submissos a ele. Eles podem ser feitos servirem se ele assim desejar, não o contrário.

16. Onde há o poder paranormal chamado *Kāmāvasāyitva*, pela mera vontade (do iogue), os órgãos dos sentidos funcionam ou não funcionam de acordo com a vontade dele.

17. Objetos dos sentidos, isto é, Som, Toque, Gosto, Cheiro e Cor como também a mente funcionam ou não funcionam em conformidade com a vontade dele.

18. Ele não nasce nem morre. Ele não é quebrado nem cortado. Ele não é queimado nem ele perde sua percepção. Ele não é defeituoso nem vinculado.

19. Ele não é diminuído ou decaído. Ele não perece. Ele nunca está abatido. Em qualquer lugar ele pode fazer qualquer coisa ou desfazê-la.

20. Ele não é caracterizado por cheiro, gosto, cor, toque, e som. Ele é sem casta, mas não inferior a qualquer casta.

21. Ele desfruta de objetos sensuais mas não é enredado por eles. Ao perceber o maior e o mais sutil Brahman, por causa de sua sutileza ele obtém salvação.

22. Por causa da salvação, ele vem a permear tudo. Porque ele permeia (tudo), ele é chamado de *Purusa*. Devido à sua forma sutil, o *Purusa* é estabelecido em Supremacia.

23. Outra característica da Supremacia dele é sutileza que se estende para todos os lados. Depois de atingir o Yoga mais excelente, de supremacia desimpedida, ele vai para a região mais sutil, o estado de Libertação.

Capítulo 14: Pāśupata Yoga

Vāyu continuou:

1. Uma pessoa que chegou desse modo (a essa fase) devido ao conhecimento, não deve realizar nenhuma ação devido à paixão. Depois de experimentar os frutos rajásicos e tamásicos, ela se torna presa lá.

2. Similarmente o homem que executou ações meritórias desfruta dos resultados no céu. Caído daquela região, ele nasce novamente como um ser humano.

3. Brahman é, portanto, supremo e sutil. É dito que Brahman é eterno. Uma pessoa deve se dedicar a Brahman porque Brahman é a felicidade suprema.

4. Há grande esforço em realizar sacrifício requerendo grande quantidade de (gasto de) riqueza. Além disso ele (o sacrificador) está sujeito à morte. A salvação é então a maior bem-aventurança.

5. Mas aquele que está empenhado em meditação e dedicado ao sacrifício de Brahman não pode ser alcançado nem em centenas de Manvantaras.

6. Ele visualiza o *Purusa* divino que é chamado de *Viśva* (que permeia a tudo). Ele aparece em várias formas. Ele tem pés, cabeças e pescoços em todos os lugares (permeia o Universo). Ele é o Senhor e o criador do Universo. Ele tem a fragrância cósmica, está adornado cosmicamente e vestido em traje cósmico. Ele é o Soberano de tudo.

7. Por meio de seus órgãos dos sentidos as pessoas se esforçam para visualizar a ele que é a mais elevada, a mais excelente, e a maior Alma. Mas não é com os olhos mas com a concentração mental chamada Yoga que elas podem ver o governador (Professor) onisciente, antigo, que é mais sutil que o mais sutil, maior que o maior, o Purusa de cor dourada, desprovido de órgãos dos sentidos.

8. Eles sempre veem Purusa que é de cor dourada, dotado com ou sem símbolos exteriores, desprovido de atributos, consciente, eterno, puro e que permeia tudo. Por meio de Yoga, eles veem a luz constante.

9. Manifestado desse modo Ele brilha em sua própria refulgência. Ele é desprovido de cabeças, pés, barriga, lados e língua, mas ele, embora além do alcance dos sentidos, embora ainda extremamente sutil e único, pode ver sem olhos e ouvir sem ouvidos.

10. Não há nada que não seja conhecido por ele; contudo ele não tem intelecto. Ele sabe tudo, porém ele não é conhecido nos Vedas. Eles o chamam de o principal ou o primeiro Puruja, o grande, o sensível, que permeia tudo e muito sutil.

11. Todos os sábios citam aquela Prakrti, que dá à luz seres vivos neste mundo. Aqueles que estão empenhados em Yoga podem visualizá-la mentalmente.

12-13. Aqueles que estão ocupados em meditação yóguica sobre o Purusa eterno que é dotado de mãos e pés, olhos, cabeças e faces (bocas), ouvidos em todos os lados e que permanece depois de permear tudo no mundo (que é imanente e transcendente) e que governa tudo, não se tornam iludidos.

14. Uma pessoa não é iludida depois de meditar no Brahman supremo, a Alma de todos os seres vivos, a alma imperecível, nobre, suprema, a alma de tudo.

15-16. Da mesma maneira que a (presença do) vento é para ser admitida como evidente por seu movimento em nuvens, assim é aquela do Ātman que se move através dos corpos de todos. Como a Alma reside no corpo, ela é chamada de Purusa. Quando o mérito está esgotado devido a Karmans específicos ele nasce e renasce no útero pela mistura de sêmen e sangue como resultado da mistura de carne masculina e feminina.[1]

[1] Os versos 16-25 dão idéias purânicas (medievais) sobre Embriologia.

17. Então, na hora da concepção, *Kalana*, o embrião em seu primeiro estágio (na forma de uma gota) é formado. No devido curso o *Kalana* se desenvolve em bolhas.

18-19. Assim como uma massa de argila comprimida pelo ar na roda do oleiro e moldada pelas mãos (do oleiro) obtém múltiplas formas, assim também o feto unido com ossos e impelido pelo ar se torna um corpo humano com formas, características e mente próprias.

20. O vento os reúne juntos. Do vento água é gerada. Da água o ar vital é formado, e por meio do ar vital o sêmen é desenvolvido.

21. Trinta e três partes de sangue (contribuição feminina) e quatorze partes do sêmen se misturando juntos formam só meio *Pala* (dois *karśas*) e é depositado no útero.

22. A criança no útero é coberta pelos cinco ares vitais. Do corpo do pai ela herda suas formas e feições.

23. O alimento da mãe, bebido ou lambido, entra pelo cordão umbilical e sustenta o feto no útero.

24. Por nove meses a criança sofre no corpo com seu pescoço cercado pelas veias internas de sua mãe. Seus membros estão envolvidos em desordem. Ele permanece lá durante nove meses. Ele então sai pela passagem vaginal com a cabeça para baixo.

25. Então (em sua vida na terra) ele comete algumas ações pecaminosas e como resultado ele (depois da morte) vai para o inferno *Asipatravana* ou *Śālmali* onde ele é cortado ou perfurado.[2]

26. No inferno, ele é repreendido e ameaçado. Ele é forçado a beber sangue. Essas são as torturas terríveis que ele tem que sofrer em *Kumbhipāka*. Elas são muito insuportáveis.

27. Assim como as águas embora separadas recuperam sua forma normal, assim também os seres infernais embora cortados e quebrados em infernos torturantes recuperam sua forma original.

28. Desse modo os seres vivos são agitados e torturados por causa dos seus próprios pecados. Se houver alguma coisa sobrando, eles tomam outros nascimentos.

29. O homem tem que ir sozinho para o domicílio da morte. Ele deve aguentar os castigos sozinho. Por isso deve-se realizar ações piedosas.

30. Ninguém segue aquele que procede ao longo do caminho da morte. Mas as ações executadas por ele o perseguem.

31. Os seres infernais sempre gritam na residência de Yama quando eles são perfurados ou quando torturas são infligidas em seus corpos. Seus corpos, sendo torturados, são feitos definharem e sofrem dor extrema causada por maus tormentos.

32. O pecado pode remover à força tudo desejável recorrido por ele mentalmente, verbalmente ou fisicamente. Por essa razão uma pessoa deve realizar ações meritórias.

33. Conforme as ações pecaminosas cometidas por ele previamente, o ser encarnado sofre seis tipos de transmigrações mundanas de natureza *Tamasa*.[3]

34-35. Eles são: nascimento como seres humanos; como animais domésticos (*Paśu*); do estado de *Paśu* (ele se torna) um animal selvagem; daquela fase (ele vai para) os pássaros; da condição de pássaro para répteis; da condição de réptil ele se torna certamente um imóvel. Aquele que atingiu o estado imóvel evolui até um ser humano. Ele gira dessa maneira como alguém impelido pela roda do oleiro.

36. Assim nessa migração seis tipos de nascimento começando com aquele como homem e terminando com aquele como planta são conhecidos como *Tamasa*. Ele sofre muitas mudanças lá.

---

[2] Os versos 25-31 descrevem as torturas no inferno.

[3] A vida no inferno e evolução através de seis estágios até aquele de ser humano mostra a aceitação do princípio de redenção. Nenhum pecador é condenado ao inferno eterno.

37. As transmigrações começando com Brahma e terminando com *Pisaca* são conhecidas como *Sattvika*. Só nas regiões celestiais os seres encarnados experimentam essas.

38-39. No mundo de Brahma, há somente *Sattva*; no mundo de seres imóveis há só *Tamas*. Entre os dois há *Rajas*, que sustenta os quatorze lokas. Como ele pode pensar no grande Brahman quando ele está atormentado pela dor e seus órgãos vitais estão sendo dilacerados? É devido às impressões das ações piedosas prévias que ele obtém nascimento humano. Por isso alguém deve se dedicar totalmente a Brahman.

Capítulo 15: Pāśupata Yoga (continuação)

Vāyu disse:

1. Depois de conhecer os quatorze tipos de transmigrações uma pessoa dominada pelo medo de *Samsāra* (transmigração de nascimento a nascimento) deve começar ação apropriada.

2. Então, sendo girado em volta pela roda de *Samsāra* ele se lembra (sobre Yoga). Desse tempo em diante, ele sempre está empenhado em meditação em comunhão com o Supremo. Ele deve começar a prática yóguica de tal modo que ele seja capaz de visualizar a Alma.

3. Ele é a primeira, a luz suprema, a ponte excelente. Ele se desenvolveu em seres vivos, mas essa diferença não é eterna.

4. Por isso aquele que conhece o processo deve adorar essa ponte, esse Ātman, esse fogo com sua face em toda direção, residindo no coração dos seres vivos.

5. Depois de tomar um gole de água uma vez só no início, com pureza e com a mente concentrada n'Ele, ele deve oferecer oito oblações em uma ordem consecutiva para o Fogo que reside no coração e deve adorá-lo silenciosamente.

6-7. As cinco *Āhutis* [oferendas] devem ser oferecidas com os cinco *mantras* seguintes*: Prānāya Svāhā, Apānāya Svāhā, Samānāya Svāhā, Udānāya Svāhā e Vyānāya Svāhā.* As outras (três *Āhutis*) devem simplesmente ser oferecidas com *'Svāhā'.* Então ele deve ingerir alimentos como ele quiser. Ele deve beber água uma vez, realizar *Ācamana* [limpeza da boca] três vezes e tocar o coração.

8. Ele deve então fortalecer e satisfazer a si mesmo por repetir o seguinte mantra - "Om, Tu és o grupo dos *Pranas*. Tu és o *Ātman*. Rudra realmente é o *Ātman*. Aquele Rudra, o destruidor dos indivíduos. Ele é os Pranas do *Ātman*.

9. Você é o primogênito entre Devas. Você é feroz, o touro hábil. Você é o destruidor da morte. Que esta oblação *Havis* oferecida seja propícia para nós."

10-11. Falando dessa maneira ele deve tocar o coração, o dedo do pé direito, e o umbigo com a mão direita. Tocando a água uma vez mais, ele tocará o peito, olhos, nariz, orelhas, coração e a cabeça. O *Prāna* e *Apāna* são declarados ambos como dois *Ātmans*.

12. Desses, *Prāna* é o *Ātman* interno e *Apāna* é o externo. *Anna* (alimento) é Prāna, e Apāna é vida e morte.

13. *Anna* (alimento) deve ser conhecido como Brahman. Ele é a fonte de origem das pessoas. Os seres vivos nascem por meio de *Anna*. A subsistência é buscada através de *Anna*. Os seres vivos aumentam por causa de *Anna*. Por isso ele é chamado de *Anna*.

14. Devas e Dānavas comem o alimento oferecido em oblação no fogo (sacrifical). Gandharvas, Yaksas, Rāksasas e Piśācas também compartilham dele.

Capítulo 16: Pureza e Conduta de Vida[1]

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei as características de pureza e conduta de vida, a observância das quais purifica o *Ātman* e leva uma pessoa para o céu depois da morte.

2. A busca de água por causa de pureza é o estado excelente dos sábios. Aquele que não é negligente em relação a esses não encontra dificuldade.

3. Insulto e honra, eles dizem, constituem (o que é chamado de) veneno e néctar. Insulto é veneno; honra é néctar.

4. O sábio que não erra com respeito a esses não encontra dificuldade. Ele deve permanecer com o preceptor por um ano empenhado no que é agradável e benéfico para ele.

5. Ele não deve ser negligente na observância de votos, principais (*Yamas*), ou secundários (*Niyamas*). Depois de obter conhecimento supremo, ele deve pedir a permissão de seu preceptor e mover-se sobre a terra de forma coerente com o Dharma.

6. Essa é a injunção sagrada de Dharma, isto é, uma pessoa deve seguir pelo do caminho purificada por (isto é, observada cuidadosamente pelos) olhos; deve beber água filtrada com um tecido; e deve proferir palavras purificadas pela verdade, isto é, declarar a verdade somente.

7. É a opinião respeitada que o conhecedor de Yoga nunca deve aceitar hospitalidade em *Śrāddhas* e *Yajñas* e que é só assim que um yogin se torna não violento.

8 - 9. Um yogin inteligente deve sair (em busca de esmolas) quando os fogos (na cozinha) ficaram sem fumaça, e foram extintos e as pessoas praticamente comeram suas refeições. Ele não deve pedir constantemente nas mesmas casas a fim de que ele não seja insultado ou as pessoas ofendidas. É desse modo, sem violar o código de conduta dos bons, que ele deve sair cuidadosamente em busca de esmolas.

10. Em primeiro lugar, ele deve ir somente às casas daqueles chefes de família que mantêm boa conduta. É dito que tal mendicância em busca de esmolas é um excelente meio de subsistência recomendado para o yogin.

11. Em segundo lugar, ele deve ir aos domicílios de chefes de família modestos que são fiéis, autocontrolados, instruídos e nobres.

12. Por último ele deve ir para a residência de pessoas não corrompidas e não decaídas. Pedir esmolas nas residências de casta mais baixa é considerado vil.

13. As esmolas recebidas podem ser mingau de aveia, leitelho, leite, bebida à base de cevada, frutas cozidas ou cruas, raízes, torta de algodão ou de linhaça ou qualquer coisa oferecida de acordo com a capacidade do dono da casa.

14. Desse modo os comestíveis conducentes ao aumento de Siddhis de yogins foram proclamados por mim. Entre esses o mais excelente é aquele que é recebido por meio de esmolas.

15. Aquele que pede esmolas de uma maneira íntegra é melhor que a pessoa que bebe uma gota de água da ponta da erva Kuśa uma vez por mês.

---

[1] Esse capítulo prescreve as regras de conduta a serem seguidas por Pāśupata yogins. O termo ' '*Śaucācāra*' corresponde a '*Sadācara*' em Dharma Śāstra. Estes são costumes praticados pelos antepassados da pessoa (Manu) ou por *Sisfas* sob a convicção que elas fazem parte do Dharma (Kumārila). Algumas das regras (como citadas abaixo) são adotadas a partir daquelas prescritas para sannyāsins. Alguns dos versos são adaptados de Smrtis.

16. O cumprimento do voto *Cāndrāyana*[2] é o mais excelente para o yogin. Ele deve realizá-lo uma, duas vezes, três vezes, quatro vezes sucessivamente ou tantas vezes quanto ele possa.

17-18. Não roubar, celibato, não cobiçar e renúncia são os ritos sagrados de reclusos (*Bhiksus*). As restrições (*Niyamas*) são não violência, veracidade, não ferocidade, serviço ao preceptor, pureza de corpo, dieta leve e estudo diário dos Vedas.

19-20. Assim como um elefante [que] é capturado na floresta é então controlado, assim o homem com as sementes (de Karmas) como sua fonte de nascimento, corpo como *gunas*, é atado por Karmas. Logo ele é apanhado e é disciplinado como um elefante (selvagem). Desse modo, com as sementes de seus Karmas tendo sido queimadas pelo fogo do conhecimento puro, ele fica livre da escravidão e tranquilo. Ele é chamado de (alma) liberta.

21. Por meio dos Vedas, por meio de louvores, todos os ritos em um sacrifício (são executados). *Japa* é considerado mais importante que conhecimento. Meditação livre de associação com atração é melhor do que *Japa*. Quando isso é alcançado, o eterno (Moksa) é obtido.

22. O yogin possui estes atributos: controle dos órgãos dos sentidos, quietude, veracidade, impecabilidade, silêncio, franqueza com todos os seres vivos, conhecimento de coisas além dos alcance de órgãos dos sentidos, retidão etc. Aqueles purificados por meio do conhecimento declararam assim.

23. Tranquilo em mente, absorto em Brahma (ou no Veda), não falhando e alerta, puro, deleitando-se no *Ātman*, com sentidos controlados - tal (yogin) puro, imaculado, altamente inteligente, louvável, (não censurável) e correto alcança (domina) esse Yoga.

---

[2] *Cāndrāyana* é uma expiação (*Prāyaścitta)* por todos os lapsos para os quais nenhuma penitência específica é prescrita. Ele é também para provir méritos. Ele é assim chamado porque a entrada de bocados de comida aumenta ou diminui imitando o rumo das fases da lua. Assim se ele come um bocado no 1º *Tithi*, ele deve aumentar mais um bocado no dia seguinte, comendo 15 bocados no dia de lua cheia. E desse modo ele deve diminuir um bocado todo dia e guardar jejum no dia de lua nova.

Capítulo 17: Alcance da Última Fase da Vida

Vāyu disse:

1-2. Depois de passar os três estágios (anteriores) e chegando à última fase da vida (*Sannyāsa*),[1] ele obterá o conhecimento Supremo ao final de um ano. Despedindo-se do preceptor, ele deve vagar sobre a terra. Ele deve pôr em prática aquele conhecimento essencial excelente que leva à obtenção do conhecível.

3. Aquele que vaga, permanecendo satisfeito com o discernimento entre conhecimento e o conhecível, nunca obterá o conhecível mesmo se ele fosse viver por mil Kalpas.

4. Renunciando a contatos e apego, subjugando seu caráter colérico, subsistindo de comida leve, ele, com seus órgãos dos sentidos controlados, deve fechar todos os portais de seu intelecto e deve dessa maneira fixar sua mente em meditação.

5. Ele sempre deve praticar Yoga em lugares despovoados, cavernas, florestas ou nas margens (areias) de rios.

6. Aquele que tem controle sobre sua fala, ação e mente e representa cada um por meio de um bastão longo é declarado como *Tridandin*.

7. Assim estabelecido, ele que ama meditação, e subjugou seus órgãos dos sentidos, abandona atos auspiciosos e inauspiciosos. Mesmo depois de abandonar esse corpo (físico), ele não nasce nem morre do ponto de vista das escrituras.

[1] O presente capítulo declara as regras a serem seguidas por um Sannyāsin. Nós encontramos aqui os ecos de Smrtis como *Manu*.

Capítulo 18: Procedimento de Expiação para Ascetas (*Sannyāsins*)

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei decisivamente as expiações prescritas para ascetas por suas (más) ações feitas por eles não intencionalmente. Mas as pessoas que conhecem o Dharma sutil dizem que há expiações para ações feitas por luxúria ou deliberadamente também.

2. É proclamado que o pecado é triplo, conforme ele nasce (resulta da) fala, mente e corpo, de dia ou de noite continuamente. Por isso o mundo inteiro é vinculado.

3. O grande Śruti declara que nenhum homem pode ficar sem atividades. Na vida todo momento tem que ser passado em atividade para seu sustento.

4. Uma pessoa deve ser autoconfiante e infalível. Yoga é a maior força. Não há nada visto ser maior que Yoga para homens aqui. Por essa razão, os sábios que são dotados de devoção elogiam Yoga.

5. Homens inteligentes e resolutos, que transcendem a ignorância por meio de conhecimento, obtêm *Aiivarya [*ou *Aiśvarya]*[1] excelente. Tendo discernido entre o maior e o menor, eles atingem a região mais elevada.

6. Expiação é prescrita para a violação de qualquer voto maior ou menor ordenado para o mendicante.

7. Se ele se aproxima de uma mulher tomado pela luxúria, a expiação prescrita é que ele deve executar o rito de *Sāntapana*[2] junto com *Prāṇāyāma*.

8. Ele seguirá os cursos (de conduta) prescritos no fim daquela expiação com pureza mental. Ele deve voltar para o eremitério e se mover cuidadosamente como um mendicante. As pessoas sábias opinam que palavras que perfuram o coração[3] não matam.(?)

9. Porém não se deve ceder a isso. Pois isso resulta em crueldade. O Śruti diz que não há má ação (que dure) depois de um dia inteiro (isto é, dia e noite). (?)

10. A violência é a maior das ações más criadas por Devas e sábios. O que é chamado de riqueza é o verdadeiro ar vital externo de um homem. Aquele que priva algum homem de sua riqueza realmente tira o ar vital (vida) dele.

11-12. Por cometer roubo uma pessoa perversa destrói sua boa conduta. Ele abandona seu voto. Depois de se arrepender por esse pecado, ele deve cumprir o voto *Cāndrāyana* por um ano de acordo com as injunções das escrituras, diz o Śruti. No fim de um ano seu pecado diminuirá de fato. Se ele se arrepende novamente ele deve cumprir seu voto de mendicância vigilantemente.

13. Não-violência para todos os seres vivos, mentalmente, verbalmente e fisicamente (deve ser observada). Se um mendicante prejudica animais ou cervos mesmo sem querer, ele deve executar o voto expiatório *Krcchra, Atikrcchra* ou *Cāndrāyana.*[4]

---

[1] [“Poderes divinos: o controle sobre eventos, domínio, riqueza e todos os objetos de desejo; efetividade da Vontade ao agir sobre objeto ou evento sem a ajuda de meios físicos.” *Glossary of Sanskrit Terms in Integral Yoga Literature.*]

[2] *Sāntapana* geralmente é prescrito para poluição ou decaimento de casta. Ele dura por dois dias. A pessoa tem que tomar *Pañca-gavya** no primeiro dia e observar jejum no segundo dia.

* [*Pañca-gavya* são os cinco produtos recebidos da vaca, isto é, leite, iogurte, ghee – manteiga clarificada, esterco de vaca e urina de vaca.]

[3] [Ou] ‘observações jocosas.’

[4] *Krcchra [Krikkhra] ou Prājāpatya* é um termo geral para vários tipos de expiações.

[“Um duas-vezes-nascido que cumpre a penitência *Prājāpatya* deve comer (somente) de manhã por três dias e à noite pelos (próximos) três dias, comer o que é recebido sem pedir (como esmolas) nos três dias

14. Se, devido à fraqueza de seu órgão, um asceta emite sêmen ao ver uma mulher, ele deve realizar dezesseis *Prānāyāmas*.

15. No caso de um brâmane que emite sêmen durante o dia a observância de jejum por três noites e a realização de cem *Prānāyāmas* são prescritos para a expiação disso.

16. Se ele tiver emissão noturna de sêmen, ele deve se banhar e executar doze *Dhāranās*. Ele fica puro em alma e livre do pecado executando o *Prānāyāma*.

17. Comer diariamente na mesma casa, uso de mel, carne e sal como também banquetear-se em *Śrāddha* são proibidos para os ascetas.

18. Para a violação de cada um desses, rito expiatório consistindo de *Prājāpatya ou Krcchra* é prescrito. Só então ele fica livre do pecado.

19. Se houver alguma outra violação, mental, física ou verbal, ele deve consultar os especialistas (para decidir expiação adequada) e agir de acordo com as injunções deles.

20. Um yogin de intelecto puro, considerando da mesma maneira um torrão de terra e um pedaço de ouro, comportando-se com pureza mental para com todos os [seres] vivos, alcança a região de pessoas puras a qual é inabalável, eterna e imperecível. Depois de chegar lá, ele não nasce novamente (é libertado de *Samsāra*).

---

seguintes, e se abster de alimento nos últimos três dias." *Leis de Manu*, XI, 212; tradução de George Bühler].

Atikrcchra [Atikrikkhra] é para purificação de todos os pecados exceto *Maha-patakas* (grandes pecados).

["Um homem duas vezes nascido que cumpre uma (penitência) *Atikrikkhra* deve comer seu alimento durante três períodos de três dias do modo descrito acima, (mas) um bocado somente em cada refeição, e jejuar pelos últimos três dias." *Idem*, XI, 214. O voto *Cāndrāyana* foi explicado na pág. 69, n. 2.]

Capítulo 19: Maus Augúrios[1] Pressagiando Morte

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei os maus presságios. Saiba que os vendo a pessoa pode prever sua própria morte.

2. Aquele que não pode ver a estrela Arundhatī[2], a estrela Polar, a sombra da lua e a *Mahāpatha*[3] não sobrevive um ano depois disso.

3. Aquele que vê o sol privado de raios e o fogo com raios (irradiando dele) não sobreviverá ao décimo primeiro mês.

4. Aquele que vomita urina, esterco de vaca, ouro ou prata enquanto acordado ou em sonho, não sobreviverá dez meses.

5. Aquele cujos pés racham na parte da frente ou de trás, ou ficam poeirentos ou pantanosos, vive só por sete meses.

6. Se um corvo, uma pomba, um urubu ou qualquer outra ave de rapina pousa sobre a cabeça dele, ele não sobrevive seis meses.

7. Aquele que é impedido por fileiras de corvos ou por uma tempestade de poeira, vive somente por quatro ou cinco meses.

8. Aquele que vê raio sem nuvens, na direção sul, ou água ou o arco-íris (sem a existência de nuvens) só vive por dois ou três meses.

9. Aquele que não vê seu reflexo na água ou em um espelho ou que vê seu reflexo sem a cabeça não sobrevive um mês.

10. Se o corpo cheira como um cadáver ou como gordura queimando, a morte é iminente. Ele vive somente por uma quinzena.

11. Se um vento cortante parece perfurar os pontos vulneráveis do corpo de alguém ou se nenhuma sensação é sentida após tocar água, a morte é iminente para ele.

12. Se ele sonha que ele está cantando e está procedendo para o sul em uma carruagem à qual macacos e ursos estão atrelados, isso deve ser reconhecido como um sinal de morte iminente.

13. Se ele sonha que ele está sendo levado para a direção sul por uma mulher escura cantando usando roupa preta, ele não sobrevive muito tempo.

14. Se ele sonha que ele usa trapos pretos ou que sua audição está enfraquecida [ou que seu ouvido está arruinado], isso deve conhecido como um sinal de morte iminente.

15. Se ele sonha que ele está imerso em um mar pantanoso até a cabeça, ele não sobrevive muito tempo depois de ver o sonho.

16. Aquele que vê (em sonho) cinzas, carvões ardentes, cabelo, rio seco e serpentes não sobrevive dez noites.

17. Se ele sonha que ele está sendo espancado por homens horrendos de pele escura com armas e pedras em suas mãos, ele morre logo.

18. Se uma raposa uivante avança diretamente nele de manhã cedo ao nascer do sol, a morte dele é iminente.

19. Se ele sente dor aguda no peito e sensibilidade mórbida nos dentes imediatamente depois de tomar banho, sua morte é iminente.

---

[1] A crença em maus presságios era muito comum na Índia antiga. Temos várias tais referências no *Mahabh*. (por exemplo *Sabhā* 80, 28-31, *Salya* 192. 14-21), *Rāmāyana* (por exemplo *Aranya* 23. 1-7, 10-25), etc. Ainda hoje as massas indianas acreditam em tais presságios.

[2] [Alcor: “Estrela branca pertencente à constelação da Ursa Maior e que se situa junto à estrela Mizar, a estrela do meio das três que compõem a ‘cauda’ da Ursa e forma conjuntamente com esta uma das estrelas duplas visuais mais conhecidas da abóbada celeste, claramente visível a olho nu.” *Infopedia*. Os Sete Grandes Rishis (Saptarshi) são identificados com a Ursa Maior; Arundhatī, esposa de um deles (Vashistha), é identificada com Alcor, e Vashistha com Mizar.]

[3] [A Grande Estrada.]

20. Se ele ofega durante a noite ou o dia e é incapaz de discernir o cheiro de uma lâmpada de óleo, saiba que a morte dele é iminente.

21. Se ele vir o arco-íris à noite e o agrupamento de estrelas durante o dia, e se ele não puder ver seu reflexo nos olhos de outros, ele não vive muito tempo.

22. Ele, alguém cujos olhos começam a lacrimejar, cujas orelhas estão deslocadas de seus lugares e cujo nariz fica torto (e curvado) deve ser reconhecido como se aproximando da morte.

23. A morte é iminente para aquele cuja língua é preta e áspera e cuja face aparece turva e cujas bochechas são rubras e achatadas.

24. Um homem que (em sonho) vai para a direção sul com cabelo desgrenhado, rindo, cantando e dançando, encontra com o fim da vida iminente.

25. Aquele que transpira frequentemente, as gotas de suor sendo semelhantes a sementes brancas de mostarda, morre logo.

26. Aquele que em sonho, vai para o sul em uma carruagem à qual camelos ou burros estão atrelados não vive muito tempo.[4]

27. Estes dois são presságios extremamente maus, isto é, ele não ouve barulho alto com seus ouvidos e não vê luz brilhante com seus olhos.

28. Se ele vê em sonho que ele caiu em um fosso e que não há porta através da qual escapar e que ele é incapaz de se levantar do fosso, isso indica o fim da vida dele.

29. A pessoa definitivamente está em situação difícil se o olho se move para cima sem firmeza, fica vermelho e começa a girar, se a boca fica quente, se o umbigo está poroso e a urina está muito quente.

30. Se um homem é atingido diretamente durante o dia ou noite e vê o homem atacando (em sonho), o homem assim atingido não vive muito tempo.

31. Se o homem sonha que ele está entrando em fogo mas não se lembra dos detalhes depois de acordar, isso indica o fim de sua vida.

32. A morte é iminente para o homem que vê o tecido branco que o cobre como vermelho ou preto em sonho.

33-35. Um homem sábio deve evitar medo[5] e abatimento quando a morte se aproxima dele como indicado pelos maus presságios. Ele deve então partir de sua casa e caminhar para o leste ou para o norte. Com uma mente pura ele deve sentar em um local nivelado isolado e desprovido de multidões. Ele deve realizar *Ācamana*[6] e sentar de frente para o norte ou leste. Ele deve sentar na postura *Svastika.* Depois de reverenciar o Senhor Śiva ele deve manter seu corpo, cabeça e pescoço retos.

36. A postura dele é comparável a uma lâmpada em um local sem vento onde ela está imperturbável (não tremeluzindo)[7]. Ele deve praticar Yoga em um lugar que se inclina para o leste ou norte.

37. Ele realizará *Dhāranā* no ar vital, olhos, pele, ouvidos, mente, intelecto e peito. Ele terá prazer específico em manter *Dhāranā* no ar vital.

38. Depois de perceber o advento da morte e os grupos (de maus presságios) ele realizará *Yoga-Dhāranās* nas partes dos corpos doze vezes.

39. Ele executará cem ou cento e oito *Dhāranās* na cabeça. Sem *Dhāranās* no Yoga, o ar não funciona corretamente (vai para qualquer lugar).

40. Então, com pureza mental, ele deve encher o corpo com *Omkāra*. Desse modo, cheio de *Omkāra*, ele não perece. Ele se torna imperecível.

---

4 Compare com o v. 12 acima.

5 Os versos 33-40 aconselham como uma pessoa deve enfrentar a morte de um modo yóguico.

6 "A limpeza da boca, para purificar o que entra e o que sai dela." John Bowker. "Ācamana." *The Concise Oxford Dictionary of World Religions.*

7 Veja o *Bhag. Gitā,* VI. 19.

Capítulo 20: As Características da Obtenção de Omkāra

Vāyu disse:

1. Daqui em diante, eu explicarei as características de *Omkāra* e os modos de sua obtenção. Ele consiste em três *Mātrās* incluindo vogais e uma consoante.

2. O primeiro *Mātrā (*tempo necessário para pronunciar uma vogal curta) é *Vaidyuti*; o segundo é *Tāmasi*. O terceiro *Mirguni*, o qual segue a sílaba. (?)

3. O *Mātrā* nascido da nota Gandhara será conhecido como Gandharvi. Quando empregado sobre a cabeça, seu toque é como o toque de uma formiga.

4. O *Omkāra* assim direcionado cessa de soprar (soar) na cabeça. O yogin assim cheio de *Omkāra* se torna imperecível no Ser imperecível.

5. O *Omkāra* é o arco. O *Ātman* é a seta. Brahman é seu alvo. Ele deve ser atingido infalivelmente. Como a seta, o *Ātman* será absorvido totalmente em Brahman.[1]

6. O *Om* de uma sílaba é o Brahman oculto no cavidade do coração. Este *Om* é o conjunto dos três Vedas, três mundos, três fogos, três passos de Vishnu e os *mantras* Rik, Sāman e Yajur.

7. Deve ser conhecido que, na realidade, ele consiste em quatro *Mātrās*. O yogin que está em comunhão com esses atingirá a forma *sālokya*[2] de salvação.

8. A letra *'A'* deve ser conhecida como o fonema. (?) A letra *'U'* é *svarita* (a nota circunflexa entre a alta e a baixa). A letra *'M'* é a sílaba estendida. Os três *Mātrās* assim chamados devem ser conhecidos.

9. A letra *'A'* é Bhūrloka. A letra *'U'* é Bhuvarloka. A letra *'M'* com sua parte consoante é Svarloka.

10. O *Omkāra* é um conjunto de três mundos. Sua cabeça é o céu. Ele é o universo inteiro. Ele é a região de Brahma.

11. A região dos *Mātrās* é Rudraloka, mas *'A'* sozinho é a região de Śiva. Ele (o yogin) adora aquela região por meio de meditação específica.

12. Consequentemente o devoto sempre se deleitará com a meditação. Ele deve adorar a sílaba "sem-*Mātrā*" ativamente se ele aspira a região eterna.

13. O primeiro *Mātrā* é a vogal curta; o segundo é longo e o terceiro é indicado como *pluta* (estendido).

14. Esses *Mātrās* devem ser conhecidos precisamente e na ordem apropriada. Eles devem ser retidos tanto quanto possível.

15. Aquele que concentra os órgãos dos sentidos, mente e intelecto no *Ātman*, mesmo se ele mantém só meio *Mātrā*, obterá o resultado.

16. Aquele que adora com *Aśvamedha* [sacrifício de cavalo] todo mês por cem anos, não obterá o benefício que advém através de um único *Mātrā*.

17. Alguém pode obter por meio de um *Mātrā* aquele benefício que um homem ganha por beber uma gota de água da ponta da erva *Kuśa*, uma vez por mês, por cem anos completos.

18. Alguém pode conseguir por um *Mātrā* aquele benefício que provém de *Istapurta*[3], de sacrifício ou de palavras verdadeiras ou de se abster de comer carne.

19. Alguém pode obter por um *Mātrā* o resultado que advém aos guerreiros que lutam por seu mestre sem se desviarem do campo de batalha.

---

[1] Veja o *Mundaka Upanishad*, 2. 2. 4.

[2] ["Uma forma de salvação que habilita alguém a viver com Deus na mesma residência." *bengali.indiandictionaries.com*]

[3] ["Cavação de poços ou construção de templos e obras similares para o bem-estar público, trabalhos públicos; sacrifício para o bem-estar público." *Idem*.]

20. O que alguém obtém plenamente através de um *Mātrā* não pode ser obtido por penitência austera ou pela (realização de) sacrifícios com abundância de doações.

21. O meio *Mātrā* lá, que é conhecido como estendido, será adotado pelos yogins que são chefes de família.

22. Esse é especialmente o *Mātrā* caracterizado por *Aiśvaryas* (poderes paranormais). Desse modo, os yogins ganham o super-poder óctuplo como *Animā*. Por isso ele deve praticar o Yoga disso.

23. Um yogin que está assim em comunhão (com a alma) se torna puro. Tendo suprimido os órgãos dos sentidos e os conquistado, ele pode perceber o *Ātman*, e alguém que percebe sua alma obtém tudo (isto é, se torna onisciente).

24. O yogin inteligente que se empenha em meditação obtém o conhecimento do Rigveda, Yajurveda, Sāmaveda e o conhecimento upanishádico através de (seu) conhecimento yóguico.

25. Assim com todos os seus elementos (que constituem seu corpo) dissolvidos, ele fica sem elementos. Ele então transmigra para a região eterna de onde não há retorno.

26. Depois de vê-la com visão divina ele medita na Prakrti de quatro braços, e quatro faces, designada como Viśvarūpā (alguém manifestado como o universo).

27. Um bode (isto é, alma individual não-nascida) tem prazer e dorme (desfruta) com esta cabra (isto é, a Prakrti não-nascida) que é bela, e de cor vermelha, branca, e preta (isto é, consistindo de *Rajas*, *Sattva* e *Tamo gunas*) e gera criaturas em grandes números. Mas o outro bode (alma liberta) a abandona depois de desfrutar dela.

27a. O sábio obtém imortalidade depois de perceber a realidade sobre a Prakrti primordial de oito sílabas, de dezesseis mãos e pés, de quatro faces, de três topetes, de um único chifre, que é primordial, não-nascida e a criadora do universo de acordo com sua própria forma. Os brâmanes que conhecem (percebem) o *Omkāra* nunca nascem novamente (isto é, se libertam do *Samsāra*).

28-**29**. Aquele que entende corretamente e além disso medita no Brahman supremo imperecível chamado *Omkāra* deixa o ciclo de existência mundana. Ele é libertado de todos os vínculos e cativeiros. Indubitavelmente ele alcança a região eterna auspiciosa desprovida de atributos. Dessa maneira eu descrevi para vocês o modo para a obtenção e realização de *Omkāra*.

30. (Trecho em prosa) Reverência ao senhor dos mundos que compreendeu a idéia e conhecimento dos Kalpas, e cuja adoração é benéfica para vocês. Reverência ao Brahman eterno sem atributos a quem o senhor de yogins é devotado. Deve-se cultuar a ele que é extremamente puro e não afetado como a folha do loto não tocada pela água. *Omkāra* é a mais sagrada das coisas sagradas. Consistindo em sílabas curtas e estendidas, ele é santo e cheio de coisas santificantes. Deve-se adorar *Omkāra* desprovido de som, toque, cor, gosto e cheiro. Reverência ao senhor de Prakrti, reverência a Yogisvara por quem foi feito o firmamento ardente, a terra firme e o céu estendido, por quem o paraíso foi criado e o éter feito - os dois sendo a residência de Devas. Ele tem universo como (sua) forma. Ele é incomparável com *Prāna* e *Apāna*. Ele é um sacrifício e constitui todas as coisas. O sacrifício é Veda. Veda é reverência. Reverência é Rudra. Saudação a Rudra. Reverência ao senhor dos mais importantes dos yogins. Essa prece para sucesso deve ser feita à noite, manhã e meio-dia. Rudra concede os resultados de todos os desejos.

30. (Verso.) Assim como uma fruta madura é separada do talo quando o vento sopra sobre ela, assim também o pecado é suprimido pela reverência a Rudra.

31. A reverência a Rudra é decisivamente a concessora dos frutos de todos os ritos piedosos, mas não é esse o caso com a reverência a outros Devas. Aquele que reverencia outros Devas não obtém o mesmo benefício.

32. Por essa razão um yogin deve adorar o senhor supremo depois de tomar banho três vezes por dia. Brahman é extenso. Brahman é dez vezes extenso.

33. O senhor criou tudo no momento oportuno com *Omkāra* por toda parte. Vishnu também foi criado por ele bem como reverência.

34. Reverência como também *Omkāra* louvam o senhor. *Yajña* louva *Omkāra*; reverência louva *Yajña*. Rudra elogia oração. Por isso a região de Rudra é auspiciosa.

35. Esses são os segredos dos ascetas na devida ordem. Aquele que compreende a meditação alcança a região mais elevada.

Capítulo 21: Recapitulação de Kalpas

Sūta disse:

1. Entre os sábios refulgentes como fogo que residiam na floresta de Naimisa, havia um sábio inteligente, bem versado nos Vedas e que se chamava Sāvarni.

2. Ele era muito eloquente. Permanecendo à frente deles ele se aproximou com humildade de Vāyu, o deus altamente majestoso que frequentava aquele lugar para fazer favor aos adoradores de Sawra[1] [?], e o questionou.

Sāvarni pediu:

3. Ó Deus que permeia tudo! Nós desejamos ouvir de você, que é o observador de tudo, as lendas do Purāna, que estão no mesmo nível que os Vedas.

4. Como o senhor Brahma gerou, de sua testa, o Deus Rudra de tal esplendor, como filho dele?

5. Como o senhor Brahma nasceu de um loto? Como seu filho Śarva obteve a posição de um Rudra?

6-7. Como é que Vishnu nutre tal amor inigualado por Rudra? Não há dúvida que os deuses sempre cantam: "Todos os deuses como também *ganas* consistem (são da forma) de Vishnu. Não há outra meta mais elevada que a obtenção de Vishnu." Como é que tal (grande deus como) Vishnu sempre presta reverência a Bhāva (Śiva)?

Sūta disse:

8. Assim endereçado, Vāyu falou para Sāvarni, "Ó sábio, uma pergunta excelente foi feita habilmente por você.

9-10. Escute (atentamente) enquanto eu explico em detalhes como foi que Rudra se tornou o filho de Brahma, como Brahma nasceu do loto, como Śaṅkara se tornou Rudra, como há tal amor intenso entre Vishnu e Rudra e por que Vishnu sempre reverencia Śiva. Eu explicarei na devida ordem. Ó brâmane excelente, depois da dissolução do último Manvantara, o sétimo Kalpa chamado Padma chegou ao fim. O Kalpa atual é Vārāha. Eu narrarei isso em detalhes."

Sāvarni perguntou:

12. Depois de qual período de tempo o Kalpa começa? Qual é a duração de um Kalpa? Por favor, me explique; eu estou curioso para saber.

Vāyu respondeu:

13. Eu mencionarei em ordem apropriada a duração dos períodos dos sete Manvantaras. Entenda enquanto eu explico isso brevemente.

14. Dois mil oitocentos e sessenta e dois crores e setenta *Niyutas* (milhões) de anos constituem um Kalpa. Enquanto calculando os anos de meio Kalpa, isso foi falado (antes).

15. O multiplicador e o divisor também foram citados anteriormente. O excedente de anos seria cento e setenta e oito e crores, duzentos mil, e nove crores.

16. Até o Vaivasvata Manvantara, esse deve ser conhecido como o período de Kalpa de acordo com o cálculo humano. Meio Kalpa é multiplicado por dois.

17. Esse apenas é o tempo limite para os sete Kalpas futuros. Essa deve ser conhecida como a visão do próprio Deus.

18. O tempo limite é cinquenta e oito milhões e oito mil. Outros oitenta e quatro devem ser incluídos nisso.

19. Os sete sábios, Devas com Indra como seu líder e Manu –- O excedente de anos deve ser conhecido consequentemente.

---

[1] [Falha na digitalização. Śakra?]

20. Assim o fim do Manvantara deles com seres humanos foi narrado. Os Devas terminando com Pranava (Vishnu), Sādhyas, Deva-ganas e Viśvedevas vivem durante todo o Kalpa.

21. O Kalpa que é corrente é chamado de Vārāha. Ele consiste (no governo) de quatorze Manus começando com Svāyambhuva.

Os sábios disseram:

22. Por que o Vārāha Kalpa é proclamado por esse nome? Qual é a razão [pela] qual o Senhor é glorificado como *Varāha* (Javali)?

23. Quem é o senhor Varāha? Qual é a origem dele? Qual é a natureza dele? Por que ele nasceu? Nós desejamos saber isso.

Vāyu respondeu:

24-**25**. Eu explicarei tudo isso conforme eu vi e ouvi, (sobre) como Varāha nasceu e qual foi o objetivo (da encarnação dele), como esse Kalpa veio a ser chamado de Vārāha, o que é Kalpa e qual é a concepção (chamada Kalpa), [e] qual é o período transicional entre dois Kalpas.

26-**27a**. Bhāva é proclamado como o primeiro Kalpa no começo do mundo[2]. Deve ser sabido que o próprio Senhor Ananda reside aqui no presente (então). Esse foi o assento divino de Brahma obtido (por ele). Ele era de origem divina.

27b-**34**. O segundo Kalpa era Bhuva; o terceiro era chamado Tapas. Bhāva (?) deve ser conhecido como o quarto (Kalpa); o quinto era Rambha; o sexto Kalpa era Rtu; o sétimo é lembrado como Kratu; o oitavo era Vahni; o nono era Havya-vāhana; Sāvitra foi o décimo Kalpa. O décimo primeiro (Kalpa) era chamado de Bhuva (?); o décimo segundo era Uśika; o décimo terceiro era Kuśika. O décimo quarto era Gandharva, quando Gāndhāra surgiu como uma nota musical da escala e Gandharvas nasceram. Ó brâmanes, Rsabha deve ser conhecido como o décimo quinto Kalpa, quando a nota encantadora do mundo da escala musical, Rsabha, nasceu. A nota (musical) que fascina o mundo, *Sadja*, foi o décimo sexto Kalpa quando seis (tipos de homens? ou) sábios nasceram. As seis estações, isto é: *Shishira* (o Inverno), *Vasanta* (a Primavera), o Verão [*Grishma*], a estação das chuvas [*Varsha*], o Outono, (*Śarad*) e *Hemanta* (a estação fria nos meses Mārgaśīrsa e Pauśa [isto é, do meio de outubro ao meio de dezembro]) são os filhos mentais do deus Brahma. Esses filhos nascidos da nota *Sadja* nasceram no décimo sexto Kalpa. Como o Deus Maheśvara nasceu junto com essas seis, a nota musical *Sadja* nasceu dele. A nota musical *Sadja* [é] (profunda e alta) como o (som do) oceano.

35. O décimo sétimo Kalpa é conhecido como *Mārjālīya,*[3] visto que *Mārjālīya* é aquela atividade a partir da qual o mundo de Brahma é criado.

36. O décimo oitavo Kalpa era *Madhyama* no qual a nota da escala musical *Madhyama* honrada pela nota da escala musical chamada *Dhaivata* surgiu em todos os seres a partir do deus autonascido (Brahma).

37. Então, o décimo nono Kalpa era Vairājaka, onde o senhor Vairāja, filho de Brahma, era o Manu.

38. O filho dele era o piedoso e íntegro Dadhīci. Ele, o Prajāpati refulgente, se tornou o senhor dos Devas.

---

[2] Os versos 26-34 dão a ordem consecutiva de Kalpas como segue: Bhāva, Bhuva, Tapas, Bhāva (?), Rarhbha [ou Ramba], Rtu, Kratu, Vahni, Havyavāhana, Sāvitra, Bhuva (?), Uśika, Kuśika, Gandharva, Rsabha, Sadja, Mārjāliya, Madhyama, Vairajaka, Nisāda, Pañcama, Meghavāhana, Gintaka, Akūti, Vijñāti, Manas, Bhāva e Brhat. Alguns mais são acrescentados no próximo capítulo (vv. 9-10). Mas a omissão peculiar é *Vārāha Kalpa*. Ele é mencionado tantas vezes em outra parte mas *não* está incluído nessa lista. Similarmente *Padma-Kalpa* mencionado como o 7º Kalpa não é encontrado na lista. O nome *Bhāva Kalpa* é repetido duas vezes. As notas da Escala Musical são adotadas como nomes de Kalpas.

[3] *Mārjāliya* é uma pilha de terra à direita do *Vedi* (altar) do sacrifício na qual recipientes sacrificais são limpos, ou 'que gosta de purificação' (dito de Śiva) - *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams 813A. Mas nenhum dos significados é apropriado aqui.

39. Quando o Prajāpati Dadhīci estava ocupado em sacrifício, Gāyatrī se apaixonou por ele. Disso nasceu a encantadora nota musical (*Nisāda*) como um filho para Dadhīci.

40-42. O vigésimo Kalpa é glorificado em homenagem a ele como *Nisāda*. Ao vê-lo (nascido), Prajāpati desistiu de criar (seres). Para criar progênie Nisāda fez uma penitência por mil anos divinos sem ingerir nenhum alimento e com seus sentidos controlados (que tinha desse modo conquistado seus órgãos dos sentidos). O refulgente Brahma, o avô dos mundos, disse, "sente-se" porque o primeiro estava de pé com os braços erguidos para o alto, faminto, e sedento, abatido e exausto pela penitência. Como Brahma disse para aquele filho imóvel se sentar, ele veio a ser conhecido como *Nisāda*,[4] a nota da escala musical (dotada de quietude *nisāda*?).

43-45. Ó brâmanes, o vigésimo primeiro Kalpa deve ser conhecido como *Pañcama*. (Nele) Prāna, Apāna, Samāna, Udāna e Vyāna (os cinco ares vitais) eram os filhos mentais do deus Brahma e estavam em igualdade com ele. O grande Deus foi adorado por eles com palavras laudatórias. Como ele foi louvado em coro por aqueles de alma nobre, a quinta nota (*Pañcama*) da escala musical tornou-se melodiosa. Por isso o Kalpa ficou conhecido como *Pañcama*.

46. O vigésimo segundo Kalpa deve ser conhecido como Meghavāhana, quando Vishnu de braços fortes tornou-se uma nuvem e carregou o senhor (Śiva) por mil anos divinos.

47. Da boca (de Vishnu) que estava oprimido pela carga e estava ofegando, saiu *Kāla* (Tempo) de dimensões enormes, o iluminador do mundo. Por isso ele é declarado por brâmanes como Vishnu, o filho de Kāśyapa.

48-49. O vigésimo terceiro Kalpa deve ser conhecido como Cintaka. Citi era o filho glorioso de Prajāpati. Como Brahma estava meditando nos gêmeos - Giti e Cintā nasceram. Consequentemente o Kalpa foi designado como Cintaka pelo senhor nascido por si mesmo.

50. O vigésimo quarto Kalpa é chamado de Akūti. Akūti e Devi eram gêmeos.

51. Visto que Prajāpati pediu para Akūti criar progênie, ele deve ser considerado um homem, e o Kalpa recebeu o nome dele.

52. O vigésimo quinto Kalpa era Vijñāti. A deusa (cônjuge dele) e Vijñāti deram à luz gêmeos.

53. Enquanto ele estava meditando em concentração, desejando um filho, o conhecimento espiritual tornou-se claro para ele. Por isso ele veio a ser chamado de *Vijñāti*.

54. O vigésimo sexto Kalpa era Manas. A deusa Śāñkarī deu à luz gêmeos.

55. Enquanto ele pensava nos indivíduos e desejava criá-los, uma concepção (*Bhāvanā)* surgiu na mente dele. Como ele foi criado pelo deus Brahma para gerar os súditos, ele é, portanto, lembrado como *Bhāvanā-Sambhava* devido à criação de indivíduos.

56. O vigésimo sétimo Kalpa é designado como Bhāva. A deusa Paurnamāsī deu à luz gêmeos.

57-58. Enquanto Brahma, o grande deus (Paramesthin), desejoso de criar os súditos, estava meditando no grande Ātman Iśvara, Agni (deus do fogo) tornou-se uma esfera circular cercada por agrupamentos de raios. De corpo enorme como ele era, ele envolveu a terra e o firmamento e brilhou.

59-61. No fim de mil anos, quando a esfera de luz estava completa, ele viu a esfera do sol subido dominando-a. Como o senhor sol de esfera completa invisível para (todos) os seres foi visto por Brahma Paramesthin, e como os Yogas e Mantras reviveram e se ergueram junto com a esfera, e já que isso foi visto, o Kalpa foi chamado de Darśa.

---

[4] Derivações fantasiosas são dadas aqui para os nomes dos Kalpas. Isso faz lembrar histórias nos *Brahmanas* que fornecem tais histórias explicativas para derivar nomes ou termos.

62. Uma vez que o senhor Soma (a Lua cheia) encheu a mente de Brahma Paramesthin, ele é conhecido como Paurnamāsī.

63. Portanto dias Parva, dias de lua nova e lua cheia, foram aceitos por Yogis como os dias mais importantes em ambas as quinzenas para a realização do interesse (objetivo desejado) deles.

64. Aquelas (pessoas) de castas duas vezes nascidas que realizam o sacrifício Darśa e Paurnamāsa, nunca têm que retornar da região de Brahma (para Samsāra).

65-66. Alguém que morre sem ter mantido os fogos sacrificais ou alguém que segue pelo caminho de heróis (isto é, encontra a morte no campo de batalha) deve estabilizar sua mente e repetir este Mantra lentamente - "Ó Agni, você é Rudra, Asura. Você é a terra e o céu. Você é Śiva. Quando incitado, você rege a respiração. Você é o sol. Você corta nosso laço com sua espada e chama." Uma pessoa duas vezes nascida deve repetir bem esse mantra, dentro de sua mente. Se ele então entra no fogo, ele vai para a região de Rudra.

67. O Śruti declara que o fogo é a lua e o senhor Kāla e Rudra. Por isso aquele que entra no fogo não volta de Rudra.

68-69. O vigésimo oitavo Kalpa é conhecido como *Brhat*. Enquanto o deus Brahma, desejoso de filhos e de gerar os indivíduos, projetava mentalmente os Samans *Brhat* e *Rathantara*, o *Brhat Sāman* saiu com faces para todo lado. Por essa razão aqueles que meditam na verdade chamam esse Kalpa de *Brhat*.

70. *Rathantara* deve ser conhecido como a grande esfera do sol que se estende por oitenta e oito mil yojanas. Portanto a esfera (cósmica) semelhante a ovo do sol deve ser conhecida como impenetrável.

71. O *Brhatsāman* perfura a esfera do sol. Brâmanes de votos firmes, fixando seus *Ātmans* em Yoga, penetram essa esfera e alcançam a meta. *Rathantara* inclui outros Kalpas coletivamente.

72. Desse modo a filosofia espiritual de natureza diversa foi narrada por mim. Daqui em diante, eu explicarei os detalhes dos Kalpas.

Capítulo 22: Número de Kalpas

Os sábios disseram:

1. Ó grande sábio, tudo isso é extraordinário. O segredo dos Kalpas e a determinação de mantras foram narrados por você.

2. Não há nada nos três mundos que não seja conhecido por você. Por isso por favor narre em detalhes o número de Kalpas, para nós.

Vāyu disse:

3. Eu explicarei para vocês o número de Kalpas precisamente e quais constituem os principais Yugas e anos para o deus supremo Brahma.

4. Mil Kalpas (humanos) constituem um ano do deus Brahma. Oito mil tais anos fazem um Yuga de Brahma.

5-6. Mil Yugas constituem um *Savana* de Prajāpati. Seis mil *Savanas* constituem o período da existência de Brahma. Eu narrarei o número deles mais tarde, no devido tempo.

7. Eu mencionarei agora em ordem os nomes de outros Kalpas além dos vinte e oito Kalpas já enumerados por mim, com seus nomes.[1]

8. Conheçam também os nomes e origens dos *Mantras* nos outros Kalpas além de *Rathantara* e *Brhat Sāman*.

9-10. O vigésimo nono Kalpa deve ser conhecido como Svetalohita. Durante o período desse Kalpa, enquanto Brahma estava ocupado em meditação suprema, um filho de grande esplendor se assemelhando ao deus do fogo nasceu para ele. Ele tinha turbante branco, guirlanda branca e trajes brancos e um topete.

11. Sua face era terrível, extremamente feroz, e inspirava muito temor. Ela era branca avermelhada. Ele era brilhante com um corpo refulgente. Ele tinha uma boca enorme e uma forma branca.

12-13. Ao vê-lo, o deus Brahma, o glorioso Purusa, com faces em todas as direções e o avô do mundo, prestou homenagem àquele Kumāra (jovem), o sustentador do mundo, o grande Deus onipresente, o deus dos deuses que era o Purusa antigo e refulgente, a alma universal eterna de yogins.

14. O senhor Brahma o abraçou em seu peito - o grande deus (Mahādeva), a alma suprema, o regente de tudo, que era recém-nascido (*Sadyojāta*).[2] Ele, então, meditou em Brahman, conhecendo-o, o soberano dos Devas. O Senhor do mundo ficou encantado e caiu em gargalhada.

15. Então, do lado dele foram manifestados sábios de almas nobres, refulgentes de cor branca com o esplendor de Brahman, enfeitados com guirlandas brancas e unguentos (provavelmente com cinzas sagradas - *Bhasman*).

16. Eles eram Sunanda, Nandaka, Visvananda e Nandana, os discípulos de alma nobre por quem Brahman foi então cercado.

17. Na frente dele, o grande sábio Śveta de cor branca brilhante, dotado de grande esplendor, nasceu. Nara nasceu dele.

18-19. Todos os sábios, ocupados em Prāṇāyāma e absortos (resolutamente) na realização de Brahman, foram absolvidos de pecados, libertos da escravidão. Dotados do esplendor de Brahman, eles transcendem o mundo do deus Brahma, e vão para a região do Brahman (supremo).

Vāyu continuou:

---

[1] O presente capítulo trata dos Kalpas restantes, isto é, (29) Svetalohita, (30) Rakta, (31) Rtavasas, (32) Sita, e (33) Viśvarūpa.

[2] *Sadyojāta* é uma das formas (também faces) de Śiva. Essa apareceu em Svetalohita Kalpa. Como nas encarnações dele, essas formas também tiveram quatro filhos ou discípulos

20. O trigésimo Kalpa é famoso pelo nome Rakta onde o Ser de grande esplendor assumiu cor vermelha.

21. De Brahma, o deus supremo que, estando desejoso de um filho, estava empenhado em meditação, nasceu um menino de grande esplendor. Seu corpo era vermelho. Ele usava guirlandas e trajes vermelhos. Ele era de olhos vermelhos e valoroso.

22. Ao ver aquele menino de trajes vermelhos, ele entrou em meditação profunda e percebeu que ele era o grande senhor do universo.

23. Depois de se curvar a ele, Brahma ficou extremamente autocontrolado e meditou na forma Vāmadeva[3] de Brahman.

24. O grande deus que foi meditado assim por Brahma, o Paramesthin, falou para o avô do mundo (Brahma) com mente cheia de afeto.

25-26. "Ó deus mais venerável! Já que eu fui visualizado por você com estabelecida devoção e Yoga de meditação enquanto você estava meditando com o desejo de ter um filho, você, que é dotado de grande penitência, perceberá a mim, o soberano supremo e sustentador do mundo, por se empenhar em meditação em todo Kalpa." Dizendo isso ele, Śarva, caiu em uma risada tumultuosa.

27. Então quatro filhos de almas nobres nasceram dele. Eles brilhavam com intelecto puro.

28. Eles eram Viraja, Vivāha, Viśoka e Viśvabhāvana. Eles eram todos bem versados nos Vedas, iguais a Brahma, heróicos, diligentes e perseverantes.

29. Eles usavam roupas vermelhas, guirlandas e unguentos vermelhos. Eles tinham colocado cinzas vermelhas sobre seus corpos. Eles tinham rostos vermelhos e olhos vermelhos.

30-31. Essas almas industriosas, nobres, bem versadas nos Vedas, elogiando aquele Brahman Vāmadeva, deram instruções em piedade para mostrar benevolência para as pessoas que desejavam receber instruções deles. Então, no fim de mil anos, eles reentraram em Rudra, o grande senhor eterno.

32-33. Outros brâmanes excelentes, praticando Yoga para sua comunhão com Vāmadeva, alcançaram o senhor, porque eles são seus devotos e afeiçoados a ele. Ficando sem pecado e puros e alcançando o esplendor de Brahman, todos eles chegam a Rudraloka de onde não há retorno para Samsāra.

---

[3] Outra forma de Śiva. Essa teve quatro filhos também, listados abaixo no v. 28. Essa forma apareceu no *Rakta Kalpa*.

Capítulo 23: Encarnações de Maheśvara

Vāyu continuou:

1. O trigésimo primeiro Kalpa é conhecido como Pītavāsas[1] (trajado de amarelo). Aqui, o deus Brahma de grande brilho assume uma cor amarela.

2. Enquanto Brahma, o deus supremo, estava meditando com um desejo por filhos, um filho de grande esplendor vestido em traje amarelo apareceu.

3. Ele era um homem jovem de braços fortes com unguento amarelo aplicado sobre seus membros. Ele usava guirlandas amarelas, fio sagrado amarelo, e turbante amarelo.

4. Ao vê-lo empenhado em meditação, Brahma saudou mentalmente a ele que era o senhor supremo e o criador do universo.

5. Quando o deus Brahma ficou absorto em meditação, ele viu uma grande vaca horrenda pertencente ao grande deus, saindo da boca de Maheśvara.

6. Aquela deusa-vaca tinha quatro patas, quatro faces, quatro mãos, quatro tetas, quatro olhos, quatro chifres, quatro presas curvas, quatro bocas, e faces em todos os lados. Ela estava unida com os trinta e dois Lokas.

7. Ao ver aquela grande deusa Maheśvari, o deus de esplendor imenso que era reverenciado por Devas, disse:

8. "Venha. Venha," disse ele, elogiando-a frequentemente por meio de termos como 'intelecto', 'memória' e 'conhecimento.' Ele ergueu-se com palmas unidas em reverência e se dirigiu a ela dessa maneira.

9. "Envolvendo o universo com Yoga, traga o mundo todo sob (seu) controle. Ou você se unirá com Rudra e se tornará a consorte dele. Para a felicidade dos brâmanes, você será a verdade mais elevada."

10-11. Então o senhor dos chefes de Devas deu a grande deusa de quatro patas (Maheśvari) para Brahma que estava meditando com um desejo de ter filhos. Então, percebendo por meio de sua meditação yóguica que ela era a deusa suprema, Brahma, que merece reverência de todo o mundo, buscou refúgio nela. Tendo meditado no Gāyatrī pertencente a Rudra, o deus Brahma tornou-se autocontrolado.

12. Depois de realizar o *Japa* de Rudra Gāyatrī - o conhecimento védico que foi dado a ele e a grande deusa reverenciada pelo povo de Rudra-loka, ele recorreu ao grande senhor (Rudra) com sua mente fixada nele em meditação.

13. Novamente lembrado por ele, o grande senhor deu a ele o Yoga divino, soberania e glória, as riquezas de conhecimento, e imparcialidade.

14-15. Então o Senhor caiu em uma risada alta terrível, tumultuosa e deslumbrante. E por toda parte lá apareceram filhos brilhantes, que usavam guirlandas amarelas e mantos amarelos. Eles tinham unguentos amarelos. Eles tinham cabeças amarelas, turbantes amarelos, cabelos amarelos e faces amarelas.

16-17. Depois de permanecerem por mil anos, no fim do período, aquelas almas yóguicas de esplendor puro, desejando o bem-estar dos brâmanes, tomaram seu banho cerimonial. Eles eram dotados de devoção e poder yóguico. Eles deram instrução sobre Yoga para os sábios ocupados no *Sattra* de duração longa e entraram no senhor Rudra.

18-19. Igualmente todos os outros – aqueles que contiveram suas almas, que estão empenhados em meditação, que conquistaram os órgãos dos sentidos e que recorreram assim ao senhor, evitam seus pecados, tornam-se impecáveis e puros e

[1] Os versos 1-19 descrevem o 31º Kalpa chamado *Pītavāsas*. O deus Śiva se encarnou como Vāmadeva e teve quatro discípulos ou filhos. Como o nome do Kalpa implica, a cor amarela é uma característica especial desse Kalpa.

são dotados com o esplendor de Brahman. Eles entram no senhor Rudra para nunca mais nascerem novamente (em *samsāra*).

Vāyu disse:

20. Quando o Kalpa de cor amarela do deus nascido por si mesmo passou, outro Kalpa chamado Sita[2] começou a atuar.

21. Quando o universo foi transformado em um único oceano vasto e mil anos divinos tinham decorrido, o desanimado Brahma desejoso de criar os indivíduos começou a pensar.

22 Enquanto ele estava pensando e meditando com um desejo por filhos, a cor daquele grande deus tornou-se preta.

23. Então ele de grande esplendor viu que um menino de grandes poderes, de cor escura e resplandecendo com seu brilho tinha aparecido.

24. Ele usava trajes escuros, um turbante preto excelente, fio sagrado preto, guirlandas e unguentos pretos e tinha uma cabeça preta.

25. Ao vê-lo de alma nobre, imortal com *mantras* terríveis, ele (Brahma) prestou homenagem ao escuro e fulvo Senhor dos principais dos Devas e do universo.

26. O glorioso Brahma estava ocupado em *Prānāyāma* (controle da respiração). Com Maheśvara (o grande deus) em seu coração, ele buscou refúgio mentalmente no Deus de ascetas absortos em meditação. Brahma então contemplou Brahman como Aghora.

27. Enquanto ele estava meditando desse modo, o Senhor Rudra irrompeu em uma risada tumultuosa.

28. Então, dos lados dele emergiram quatro filhos nobres. Eles eram de cor preta e tinham guirlandas e unguentos pretos.

29. Eles usavam trajes, turbantes, vestes pretas e tinham faces pretas. Eles davam risada alta tumultuosamente. Eles proferiam grandes sons sibilantes. Eles prestaram homenagem muitas vezes.

30. Então eles o adoraram por mil anos por meio de Yoga e no fim daquele período eles transferiram suas atividades para os discípulos deles.

31. Dotados de Yoga e por meio dele [do Yoga], eles meditaram em Śiva. Eles entraram na região de Rudra, o senhor do universo - a região que era desprovida de impurezas e atributos.

32. Outros brâmanes muito bem versados nas injunções que meditam em Rudra por meio de Yoga chegam ao senhor eterno.

33. Quando aquele Kalpa preto terrível passou, outro Kalpa chamado Viśvarūpa[3] começou a atuar.

34. Depois que o período de dissolução terminou, quando os seres móveis e imóveis foram criados e quando Brahma desejoso de filhos começou a meditar, a onipresente Sarasvatī de grande som manifestou (a si mesma).

35-36. Brahma, que tinha uma comunhão yóguica com seu Ātman, meditou mentalmente em Īśāna, o senhor de tudo, o onipresente, que estava vestido em guirlandas e mantos universais, e que usava o fio sagrado universal e turbante universal e que tinha aplicado perfumes universais, que tinha braços poderosos e tinha o universo como seu domicílio. Brahma se curvou ao senhor.

37. Para ele que estava meditando dessa maneira e saudando, com as palavras "*Om* a Īśāna, ó Mahādeva, reverências a você", o Senhor Īśa (Śiva) disse, "Eu estou satisfeito com você. Peça o que você deseja."

---

[2] Os versos 20-32 descrevem o 32º Kalpa chamado *Sita* (preto). Cor e vestuário condizentes com o nome do Kalpa e nascimento de quatro filhos depois de uma risada tumultuosa - todas essas são características comuns a outros Avataras de Śiva. O *avatara* ou forma de Śiva aqui é *Aghora*.

[3] Os versos 33-55 descrevem brevemente o Viśvarūpa Kalpa. Nesse a forma Īśāna de Śiva se manifestou e também a deusa Sarasvatī - a vaca chamada Prakrti, a fonte de todo o universo. Como sempre Śiva ri ruidosamente e nascem quatro filhos que seguem o caminho yóguico por mil anos, então entram no Senhor Rudra.

38. Então, curvando-se e elogiando o senhor com palavras, o encantado Brahma respondeu com uma mente contente:

39. "Ó senhor, eu desejo conhecer sua forma universal que permeia e rege o universo. Eu desejo saber quem é esse deus supremo.

40. Quem é esta deusa com quatro patas, quatro faces, quatro chifres, quatro bocas, quatro dentes e quatro tetas?

41. Como ela é descrita como de quatro braços, de quatro olhos e que permeia o universo? Qual é o nome dela? Qual é seu Ātman? Qual é sua destreza em atividade?"

Maheśvara respondeu:

42. "Escute precisamente a este segredo santo e nutritivo de todos os *mantras*. Ele é o grande segredo da primeira criação.

43. O Kalpa que é agora atual é conhecido como Viśvarūpa, no qual (é dito que) Devas, Bhāva e outros e vinte e seis Manus (existiram).

44. Ó Senhor, este é o trigésimo terceiro Kalpa desde que você ocupou a posição de Brahma.

45. Ó grande sábio, ó senhor de devas, saiba que antes da sua existência cem mil divindades autonascidas (isto é, Brahmas) passaram.

46. Primeiro deve ser sabido que Ananda (é seu antecessor). Em Ananda você será dissolvido no final. Você é da linhagem espiritual de Gālavya. Em virtude de penitência você se tornou meu filho.

47-48. Em você estão firmemente estabelecidos Yoga, Sāñkhya, penitência, erudição, preceitos sagrados, ritos, ordem, verdade, Brahman, não-violência, séries de gerações, meditação, o corpo para meditação, quietude, Vidyā e Avidyā, mente, fortaleza, esplendor, tranquilidade, memória, intelecto, modéstia, pureza, fala, contentamento, nutrição, rituais, timidez e paciência,

49. Saiba, ó Brahma, que esta grande deusa é *Prakrti*, sua mãe. Ela possui vinte e seis atributos. Ela é chamada de "a de trinta e duas sílabas."

50. Essa deusa venerável é a mãe do deus nascido por si mesmo. Ela tem quatro faces. Ela é a origem do universo. Ela é glorificada como Prakrti, a vaca a quem os meditadores da realidade chamam de *Prakrti* e *Pradhāna*. Essa (deusa) não-nascida é de cor vermelha, branca e preta. Ela é bela em forma e a criadora do universo. Enquanto que eu, o não-nascido, sou inteligente conhecedor que a Gāyatrī de forma universal (que permeia tudo), é a vaca de forma universal."

52. Depois falar dessa maneira, o grande senhor riu tumultuosamente. Movendo suas mãos aplaudindo ruidosamente ele produziu o som 'Kahākaha'.

53. Então dos lados dele nasceram filhos divinos de várias formas, alguns com cabelo emaranhado, algumas com cabeças raspadas, alguns com topetes e alguns com cabeças meio raspadas.

54-55. Aqueles filhos de grande coragem adoraram o senhor por mil anos divinos por meio de Yoga como mencionado (antes), instruíram alunos respeitáveis em retidão e prática yóguica e restrição. Depois disso, eles entraram no Deus Rudra.

Vāyu continuou:[4]

56. Então Brahma, o avô do mundo, ficou maravilhado. Ele recorreu ao grande deus (Mahādeva) com coração cheio de devoção. Ele falou as palavras, "Ó Senhor! Como é esta sua brancura total?"

O Senhor respondeu:

---

[4] Nos versos 57-74 o Deus Śiva recapitula os nomes dos Kalpas e a aparência dele como segue:

Nome do Kalpa	**Encarnação de Śiva**	**Aspecto específico**	**Gāyatrī**
Śveta	Sadyojyoti	Brancura	Brahma Gāyatrī
Lohita ou Rakta	Vāmadeva	Vermelhidão	Rudrani (Rudra Gāyatrī)
Sita ou Krshna	Kāla ou Aghora	Negridão	-
Viśvarūpa	Īśāna	Todas as cores	Viśvarūpa

57. Quando era *Śvetakalpa*, eu me tornei completamente branco. Eu tinha turbante branco, guirlandas brancas e trajes brancos, e era conhecido como o auspicioso.

58. Meus ossos, carne, cabelo e pele eram brancos. Meu sangue também era branco. Por isso esse Kalpa veio a ser conhecido como Śveta.

59. Devido à minha graça, o senhor dos Devas possuía membros brancos e sangue branco. O Gāyatrī chamado Brahma Gāyatrī[5] era de cor branca.

60. Ó senhor dos Devas, eu, o eterno *Sadyojāta*, posicionado na região secreta, fui percebido por você por meio de penitência. Assim este Brahman secreto é glorificado como *Sadyojāta*.

61. Consequentemente os brâmanes que me percebem oculto em segredo (no coração) se aproximarão de mim de onde [não há] retorno (para samsāra).

62. Quando eu em seguida me tornei Lohita (vermelho), o Kalpa também foi conhecido como Lohita por causa da cor assumida por mim.

63. Então Gāyatrī, a vaca, foi glorificada como dotada de carne, ossos, sangue, leite, olhos, e úbere vermelhos.

64. Então eu me tornei Vāmadeva porque minha cor mudou para vermelha. Pela excelência de Yoga, eu era conhecido como Vāmadeva.

65. Entretanto, ó Poderoso, eu fui conhecido por você de alma contida como de cor branca que supera todas as cores. Dali em diante eu obtive fama como Vāmadeva.

66-67. Aqueles duas vezes nascidos que percebem minha posição como Vāmadeva e que percebem a Mãe Rudrani, Gāyatrī, são livres de pecados. Eles ficam livres de paixão. Eles têm o esplendor de Brahman. Eles atingirão a região de Rudra da qual o retorno é raramente possível.

68. Quando este Kalpa ficou terrivelmente preto em cor por causa da cor assumida por mim, o Kalpa foi chamado de Krsna.

69. Lá eu existo como Kāla (deus da morte). Eu sou preto e eu ilumino os mundos. Ó Brahma, eu fui percebido por você como terrível e de bravura terrificante.

70. Por isso para aqueles na terra que me percebem nessa forma terrível, eu, o deus eterno, me tornarei não-terrível e tranquilo.

71. Para aqueles na terra que me percebem na forma universal, eu sempre me torno auspicioso e brando.

72. Consequentemente esse Kalpa também é Viśvarūpa. Lá Sāvitrī também é Viśvarūpa (de forma universal).

73. Aqueles meus filhos têm todas as formas. Eles são mencionados como sendo quatro. Seus pés realmente são adorados pelos mundos.

74. Consequentemente também em meus súditos haverá todas as castas e cores. Os súditos comerão todos os tipos de comestíveis. Eles serão puros de acordo com casta.

75. Salvação, virtude, riqueza e amor constituem um grupo de quatro.[6] Por isso o conhecedor e o conhecido também se tornarão quádruplos.

76. Os seres vivos são de quatro categorias. As fases na vida são quatro. Os pés da virtude são quatro. Meus filhos são quatro.

77. O universo consistindo nos seres móveis e imóveis existe nos quatro Yugas. Visto que ele é quádruplo, ele vem a ter quatro bases.

78. *Bhūr, Bhuvar, Svar, Mahar, Jana, Tapas* e *Satya* são as sete regiões. A região de Rudra está além dessas regiões.

79. *Svar* é a terceira e *Mahar* é a quarta. Essa região é muito extensa. Ela é a grande residência de yogins.

---

[5] Como a importância do assim chamado mantra *Gāyatrī* tornou-se bem estabelecida, os escritores de Purānas (devotos de um da trindade de deuses) tinham um Gāyatrī Mantra pertencente à sua própria deidade especial.

[6] Os versos 75-77 falam dos grupos de quatro (entidades) como *Arthas* (Dharma, Artha, Kama e Moksa) e Yugas (Krita, Tretā, Dvāpara e Kali).

80. Somente aqueles que praticam o Yoga, que sabem a respeito dele, que meditam nele, que estão em comunhão com ele, que estão livres do sentimento de 'meu', que são desprovidos de egotismo, luxúria ou ira, podem realizá-lo.

81. Uma vez que você viu a Sarasvatī de quatro pés, todos os animais serão de quatro patas e terão quatro tetas.

82. Visto que Soma carregado com Mantras exsudou da minha boca, ó Brahma, a alma de todos os seres vivos beberá leite contido nos peitos dela.

83. Por isso (o leite) estará cheio de Soma e é designado como *Amrta* (néctar) e consequentemente os quadrúpedes têm sua brancura disso.

84. Já que a deusa Sāvitrī, a promotora do bem-estar do mundo, foi vista por você também como de dois pés, depois de executar os ritos, assim todos os seres humanos terão dois pés e dois peitos.

85. Como essa deusa suprema (Maheśvari) de grande destreza que sustenta todos os seres vivos, foi vista por você como a cabra (não-nascida - Prakrti) dotada de todas as cores, daí a universalidade de formas de cabras.

86. O bode (ou o deus não-nascido) de grande brilho será de forma universal. Seu sêmen nunca será desperdiçado. Em todos os lugares ele terá fogo em sua boca. Por isso o fogo que permeia tudo é digno de sacrifício na forma de um animal.

87. Os brâmanes que purificaram suas almas através da prática de penitência verão o senhor que permeia tudo como Īśa ou Śiva em todos os lugares.

88. Sendo livres de paixão e ignorância e depois de abandonarem seus corpos humanos, eles vêm a mim de uma vez por todas e nunca retornam."

89. Ó brâmanes! Sendo assim endereçado por Rudra, o senhor Brahma, o avô do mundo, reverenciou Rudra e falou novamente a ele com humildade e prudência.
Brahma disse:

90. Ó Senhor Maheśvara, ó chefe dos senhores de Devas, ó Mahādeva onipresente, esses seus corpos são venerados pelas pessoas.

91. Ó senhor poderoso de braços longos, de formas universais, em qual Yuga os brâmanes o verão?

92. Ó Mahādeva! Por qual *Yoga de Tattvas* (contemplação do princípio verdadeiro) ou meditação yóguica seus corpos podem ser visualizados por brâmanes?
O Senhor respondeu:

93-94. Nem através de penitência, nem através de Yoga, nem como um fruto de doações religiosas, nem como resultado de peregrinação para lugares sagrados, nem pela realização de sacrifícios com taxas sacrificais generosas, nem pelo ensino dos Vedas, nem por dedicar a mente, eu posso ser visto por seres humanos exceto por meditação.

95. Nārāyana (Vishnu) que permeia tudo, o Senhor dos três mundos será famoso neste mundo pelo nome Varāha.

96. Ele terá quatro braços, quatro pés, quatro olhos, quatro faces, seis partes, três cabeças e três corpos em três lugares (mundos). Ele assumirá a forma de sacrifício depois de se tornar *Samvatsara* (ano).

97-99. Os quatro yugas, Krita, Tretā, Dvāpara e Kali serão seus quatro pés. Seus membros serão os sacrifícios (*Kratus*). Seus braços são os quatro Vedas; a estação, os começos de conjunções; as duas faces são os dois *Ayanas* (trânsitos do sol) e os olhos são quatro (dois por face). As três cabeças são os três dias *Parva* nos meses de Phālguna, Asādha e Kārtika; três assentos (em lugares) são o céu, o firmamento e a terra. Criação e dissolução (do mundo) são descritas como as duas fases (na vida dele).

100. No Vārāha Kalpa, quando ele assumir a forma de Kāla, o senhor Vishnu, Nārāyana, se tornará atingível.

101. Ó Senhor dos Devas, você também terá quatro faces. As pessoas que residem em Brahmaloka o adorarão.

102-103. Quando você vir o grande sábio Purusa, Nārāyana, o Senhor dos Devas, deitado absorto em meditação flutuando no oceano vasto (de águas cósmicas),

as mentes de você dois serão confundidas por meu poder yóguico. Sem reconhecerem um ao outro à noite vocês estarão lutando entre si.

104. Ao virem os mundos contendo seres móveis e imóveis posicionados na barriga um do outro, vocês ficarão muito surpresos e perceberão a verdade por meio de meditação.

105. Então vocês, o Brahma nascido do loto e ele o Purusa antigo de umbigo de loto (Vishnu), ficarão muito famosos no Kalpa designado como Loto (Padma)-Kalpa.

106. Então, no sétimo Kalpa do senhor, no Vārāha Kalpa, Vishnu de grande esplendor, Kāla o aniquilador de mundos, nascerá como seu filho e conhecido como Vaivasvata Manu.

107. Naquele Kalpa quando os quatro Yugas tiverem passado, eu nascerei como um grande sábio chamado Śveta tendo um topete, no fim do Yuga.[7]

108. No belo pico de Himavat, na excelente montanha Chāgala eu estarei tendo quatro discípulos que eram devotos excelentes de Śiva.

109. Os quatro brâmanes de alma nobre, mestres dos Vedas, serão Śveta, (Śveta -) Śikha, Svetāśva e Śveta-Lohitā.

110. Vendo a grande meta de Brahman e totalmente absortos em Brahman, eles se aproximarão e (serão unidos com) ele eternamente (de onde não há retorno para samsāra).

111-112. Novamente, nascerá o patriarca Vyāsa de nome Satya[8] na segunda era Dvāpara. Eu, conhecido como Sutāra, nascerei na era Kali para a felicidade e bem-estar das pessoas e para mostrar benevolência (por elas).

113. Lá também meus filhos nascerão: Dunduhhi, Śatarūpā, Rcīka e Kratumān.

114. Obtendo o poder yóguico, conhecimento perfeito e Brahman eterno, eles irão para Rudra Loka de onde não pode haver volta (para samsāra).

115. Na terceira era Dvāpara, quando Bhārgava é o Vyāsa, eu nascerei como Damana no fim daquela era.

116. Lá também quatro filhos nascerão para mim, isto é, Viśoka, Vikeśa, Viśāpa e Śāpanāśana.

117. Esses filhos, dotados de grande esplendor, irão, por meio do caminho yóguico, para a região de Rudra de onde não há retorno.

118. Na quarta era Dvāpara, quando Añgiras é o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido como Suhotra.

119. Lá também quatro filhos excelentes nascerão para mim. Eles serão grandes ascetas, brâmanes excelentes, constantes em ritos sagrados e dotados de almas yóguicas.

120. Eles serão Sumukha, Durmukha, Durdama e Duratikrama. Eles atingirão a meta sutil de Yoga e se tornarão puros. Seus pecados serão queimados. Eles também seguirão pelo mesmo caminho.

121. Na quinta era Dvāpara, quando Savitr for o Vyāsa, eu nascerei como um grande asceta (chamado) Kañga (Kañka?). Eu, sendo uma alma yóguica, realizarei muitas atividades para mostrar graça ao mundo.

122. Quatro filhos santificados, puros em origem, livres de paixão, nascerão para mim. Eles serão almas yóguicas, firmes em seus ritos.

---

[7] O verso 107 e seguintes dão uma lista das encarnações de Śiva junto com discípulos (ou filhos). Śiva se encarna no Kali-yuga e cada encarnação tem quatro discípulos. O último Avatara em Kayarohana em Gujarat é um histórico porque nós temos registros de inscrições sobre ele.

[8] Vyāsa é uma designação do 'organizador' de mantras védicos em *Samhitās*. Ele nasce no fim de Dvāpara. O nome do titular da posição de Vyāsa é diferente. A lista de Vyasas é a seguinte: (2) Satya, (3) Bhārgava, (4) Añgiras, (5) Savitr, (6) Mrtyu, (7) Śatakratu (Indra), (8) Vasishtha, (9) Sarasvata, (10) Tridhaman, (11) Trivrt, (12) Sata-tejasa, (13) Dharma-Nārāyana, (14) Suraksana, (15) Aruni, (16) Sañjaya, (17) Deva Krtanjaya, (18) Rtanjaya, (19) Bharadvāja, (20) Vacahsravas, (21) Vacaspati, (22) Suktayana, (23) Trnabindu, (24) Rksa, (25) Śakti, (26) Parāśara, (27) Jatukarnya, (28) Dvaipāyana Vyāsa (encarnação de Vishnu).

123. Eles são Sana, Sanandana, Sanātana e Rtu Sanatkumāra. Eles serão desprovidos de vaidade e egoísmo. Eles se aproximarão de mim e deixarão de voltar ao mundo.

124. Na sexta revolução do ciclo de Yugas, quando o Senhor Mrtyu for o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido como Lokāksi.

125. Quatro discípulos santificados nascerão para mim. Eles serão almas yóguicas divinas, firmes nos ritos religiosos. Aqueles altamente afortunados serão muito honrados pelas pessoas.

126. Eles são Sudhāman, Virāja, Śañkha e Pādrava. Todos eles serão almas yóguicas, grandes Ātmans, com seus pecados queimados. Eles também seguirão ao longo do mesmo caminho, com certeza.

127-128. Na sétima revolução de Yugas quando o Vyāsa é Śatakratu, que antigamente era o senhor Śatakratu de grande esplendor, eu nascerei na era Kali no fim daquele Yuga e serei conhecido como Jaigīsavya. Eu serei o mais excelente de todos os yogins.

129. Lá naquele Yuga os quatro filhos nascerão para mim, isto é, Sārasvata, Sumedhas, Vasuvāha e Suvāhana.

130. Recorrendo à meditação essas almas nobres irão para Rudraloka.

131-132. Na oitava revolução do ciclo de Yugas quando Vasishtha é o Vyāsa, Kapila, Asuri, Pañcaśikha e Vāgbali, o grande iogue, todos eles serão dotados de grande bravura. Depois de obterem (serem iniciados no) Yoga de Maheśvara e estando absortos em meditação, eles queimarão completamente todos os seus pecados. Eles se aproximarão de mim (e sendo absorvidos em mim) eles nunca voltarão ao mundo.

133. Na nona revolução, quando Sarasvata é o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido como Rsabha. Lá também eu terei filhos de grande bravura.

134. Eles serão Parāśara, Gārgya, Bhārgava e Añgiras, brâmanes de alma nobre, mestres dos Vedas.

135. Eles serão excelentes em penitência e coragem. Eles serão capazes de, e peritos em, amaldiçoar e abençoar. Eles também seguirão da mesma maneira e atingirão a meta, através de meditação yóguica, como mencionado antes.

136-137. No décimo Dvāpara, quando Tridhāman é o Vyāsa, eu nascerei no cume de Himavān, na excelente montanha Bhrgutuñga. O pico é conhecido desse modo por causa do nome de Bhrgu.

138. Lá também, meus filhos de votos firmes nascerão. Eles são Balabandhu, Nirāmitra, Ketuśrñga e Tapodhana.

139. Elas serão grandes almas yóguicas dotadas do Yoga de meditação. Com seus pecados destruídos por penitência, eles irão para Rudraloka.

140. Na décima primeira revolução, quando Trivrt é o Vyāsa, eu nascerei em Gangadvara ao término da era Kali.

141. Meus filhos de voz alta conhecidos como Ugras nascerão então. Dotados de grande poder, eles serão bem-educados e famosos no mundo.

142. Eles são Lambodara, Lamba, Lambāksa e Lambakeśaka. Depois de atingirem o Yoga de Śiva, eles irão para Rudraloka. Eles também alcançarão a grande meta pelo mesmo caminho.

143. Na décima segunda revolução (do ciclo de yugas), o grande sábio Śatatejas, o mais excelente entre os poetas, será o Vyāsa.

144. No fim do Yuga, eu nascerei na terra e serei conhecido como Atri. Eu recorrerei à floresta chamada Haimaka e me ocuparei com Yoga.

145. Aqui também meus filhos nascerão. Eles serão grandes yogins que se banharão e se cobrirão com *Bhasma* [resíduo após incineração, cinzas] como unguento e [serão] devotados a Rudra.

146. Eles são Sarvajña, Samabuddhi, Sādhya e Sarva. Empenhados devotadamente em meditação yóguica, eles irão para Rudraloka.

147-148. Quando a décima terceira revolução chegou e Dharma Nārāyana é o Vyāsa, eu nascerei como o sábio Vali no eremitério santo de Vālakhilyas na montanha Gandhamādana.

149. Lá também meus filhos nascerão como grandes ascetas (literalmente, que avaliam penitência como riqueza), isto é, Sudhāman, Kāśyapa, Vasishtha e Virajas.

150. Eles serão dotados de poder yóguico. Eles serão imaculados. Eles permanecerão celibatários sublimando sua sexualidade. Pelo mesmo caminho yóguico, eles irão indubitavelmente (para Rudraloka).

151-152. Na décima quarta revolução quando Suraksana é o Vyāsa, eu nascerei novamente no fim do Yuga na família de Añgiras, (e serei chamado) pelo nome de Gautama, o excelente conhecedor de Yoga. Aquela floresta também se tornará sagrada e será chamada de Gautama.

153. Lá também, na era Kali, nascerão meus filhos, isto é, Atri, Ugratapas, Śravanaand e Sravistaka.

154. Eles serão grandes almas yóguicas. Eles serão dedicados ao Yoga de meditação. Eles seguirão pelo mesmo caminho e se tornarão os residentes de Rudraloka.

155-157. Quando no devido tempo a décima quinta revolução chegar e quando na era Dvāpara Aruni for o Vyāsa, eu serei um brâmane chamado Vedaśiras. Lá Vedaśiras, o míssil miraculoso do Senhor supremo, será poderoso. A montanha (também) será conhecida como Vedaśiras. Eu estarei recorrendo ao Himavān em seu cume excelente, a fonte do rio Sarasvatī.

158-159. Lá também meus filhos nascerão, isto é, Kuni, Kunibāhu, Kuśarīra e Kunetraka. Almas yóguicas absortas em Brahman e de sexualidade sublimada, eles também irão para Rudraloka ao longo do mesmo caminho.

160. Quando a décima sexta revolução tiver chegado gradualmente, o senhor Vyāsa nascerá e será conhecido como Sañjaya.

161. Eu também nascerei e serei conhecido como Gokarna. A floresta se tornará sagrada e conhecida como Gokarna.

162. Lá também filhos muito poderosos nascerão para mim, isto é, Kāśyapa, Uśanas, Cyavana e Brhaspati. Eles também chegarão à grande região e seguirão ao longo do mesmo caminho.

163. Quando a décima sétima revolução chegar no devido tempo, Devakrtañjaya será o Vyāsa.

164. Lá também eu nascerei e serei conhecido como Guhāvāsin, no topo alto de Himavat chamado Mahālaya. Esse centro de Siddhis será muito sagrado.

165. Lá também, filhos oniscientes de alma nobre nascerão para mim. Eles não serão egotistas. Eles serão os conhecedores de Yoga e absortos em Brahman.

166-167. Eles serão Utathya, Vāmadeva, Mahākāla e Mahālaya. Eles terão centenas e milhares de discípulos todos praticando meditação. Naquele Kalpa, todos eles estarão em comunhão com Brahman por meio de meditação. Sempre praticando Yoga e mantendo o grande senhor em seu coração, eles se apressarão para Mahālaya [A Grande Residência] e entrarão no eterno Śiva.

168-169. Então, no fim da era, alguns outros nobres Ātmans também se tornarão imaculados e puros. Alcançando a santa Mahālaya, a região do grande senhor, eles habilitarão as pessoas dez gerações antes e dez depois, a cruzarem o oceano da existência mundana.

170. Depois de fazerem todo mundo (das dez gerações precedentes e dez seguintes) incluindo eles mesmos como a vigésima primeira, cruzar o grande oceano (da existência mundana), eles chegarão, por minha graça, à região de Rudra, livre de desassossego (mundano).

171-172. Quando a décima oitava revolução (do ciclo de Yugas) chega, e Rtañjaya é o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido pelo nome Śikhandin no pico santo do Himalaia, adorado por Devas e Dānavas, onde se encontra montanha Śikhandin. A floresta conhecida como Śikhandin é frequentada por sábios e Siddhas.

173-174. Lá também meus filhos, os ascetas, nascerão. Esses são seus nomes: Vācafciśravas, Rtīka, Śāvāsa e Drdhavrata. Eles serão almas yóguicas, muito poderosos e mestres dos Vedas. Obtendo o Yoga do Senhor Śiva, eles irão para Rudraloka.

175. Quando a décima nona revolução chegar, o grande sábio Bharadvāja se tornará Vyāsa.

176. Lá também, eu nascerei e serei conhecido como Jafcāmālin, no cume encantador do Himavat onde existe a montanha Jatāyu.

177. Lá também filhos muito poderosos nascerão para mim, isto é, Hiranyanāman, Kauśilya, Kāksīva e Kuthumi.

178. Todos eles serão senhores de ritos sagrados yóguicos. Eles guardarão celibato. Depois de atingir o Yoga do grande Deus, eles irão para Rudraloka.

179-180. Quando na vigésima revolução (do ciclo de yugas) Vācahśravas é o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido como Attahāsin. Então os homens gostarão muito de Afpahssas (risadas tumultuosas).

181. Lá no topo do próprio Himavat, frequentado por Siddhas e Cāranas, filhos muito poderosos e brilhantes nascerão para mim. Eles serão almas yóguicas absortas em meditação, cumprindo ritos santos regularmente e altamente Sattvikas por natureza.

182. Eles serão Sumantu, Varvari, Subandhu e Kuśikandhara. Depois de atingirem o Yoga do grande Deus Rudra, eles irão para Rudraloka.

183-184. Quando a vigésima primeira revolução chegar no devido tempo e quando Vācaspati for o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido pelo nome Dāruka. E a floresta santa será conhecida como Devadāruvana.

185. Lá também filhos muito poderosos e brilhantes, isto é, Plaksa, Dāksāyani, Ketumālin e Baka, nascerão para mim.

186. Elas serão almas yóguicas, generosos (magnânimos), de sexualidade sublimada. Recorrendo ao Yoga supremo esses impecáveis chegarão à região de Rudra.

187-188. Na vigésima segunda revolução, quando Śuklāyana for o Vyāsa, eu nascerei como um sábio em Vārānasī, e conhecido como *Bhima* (inspirador de temor) Lāñgalin. Lá devas inclusive Indra me verão encarnado em Kali como Halāyudha (com relha de arado como uma arma).

189-190. Lá também, filhos virtuosos nascerão para mim, isto é, Tulyārcis, Madhu, Piñgāksa e Svetaketu. Eles atingirão o Yoga de Śiva. Absortos em meditação, eles serão livres de paixão. Absortos em Brahman eles procederão para Rudraloka.

191-192. Na vigésima terceira revolução, quando Trnabindu for o Vyāsa, ó Brahma, eu nascerei como o altamente íntegro filho de um sábio. Possuidor de físico poderoso, eu serei conhecido pelo nome de Śveta. Eu estarei passando meu tempo naquele montanha excelente. Por isso a montanha será conhecida como Kālañjara.

193. Lá também filhos poderosos nascerão para mim, isto é, Usija, Brhaduktha, Devala e Kavi. Depois de atingirem o Yoga do Deus Rudra, eles irão para Rudraloka.

194. Na vigésima quarta revolução, quando Rksa for o Vyāsa, ó Brahma, naquela era Kali, perto do fim, eu nascerei como um grande yogin de nome Śūlin, na floresta de Naimisa, honrada pelos yogins.

195. Lá também meus filhos ascéticos nascerão, isto é, Śālihotra, Agniveśya, Yuvanāśva e Śaradvasu. Aqueles sábios de bons votos religiosos, dotados do poder yóguico, chegarão a Rudra.

196-197. Quando a vigésima quinta revolução chegar no devido curso, e Śakti, o filho de Vasistha, se tornar o Vyāsa, eu nascerei como o senhor Mundīśvara com um bastão (um asceta) na cidade de Kotivarsa honrada pelos devas.

198. Lá também meus filhos nascerão em sucessão. Eles serão almas yóguicas nobres cumprindo celibato.

199. Eles serão Chagala, Kumbhakarsāśya, Kumbha, e Prabāhuka. Depois de atingirem o Yoga do grande Deus Rudra que eles também seguirão pelo mesmo caminho.

200. Na vigésima sexta revolução do ciclo de yugas, quando Parāśara for o Vyāsa, eu nascerei e serei conhecido como Sahisnu na era Kali em seu fim, na floresta sagrada de Rudra.

201. Lá também, filhos de grande devoção nascerão para mim, isto é, Ulūka, Vaidyuta, Sarvaka e Aśvalāyana. Depois de atingir o Yoga de Rudra, o grande deus, eles também seguirão o mesmo caminho para Rudraloka.

202-203. Quando a vigésima sétima revolução tiver chegado no curso e Jātukarnya se tornar o Vyāsa, eu nascerei como o excelente brâmane Somaśarman no centro santo de Prabhāsa. Eu serei uma alma yóguica famosa nos mundos.

204. Lá também os sábios nascerão como meus filhos, isto é, Aksapāda, Kanāda, Ulāka e Vatsa.

205. Elas serão almas yóguicas nobres, livres de pecado e puros em intelecto. Depois de atingirem o Yoga do grande senhor eles irão para Rudraloka.

206-207. Quando a vigésima oitava revolução chegar no devido tempo e o glorioso Vishnu, o grande pai dos mundos, se tornar Dvaipāyana Vyāsa, então Krishna, o melhor entre os homens e o chefe dos Yadus, por meio de um sexto de sua parte, nascerá de Vasudeva como Vāsudeva.

208. Então eu serei uma alma yóguica e assumirei o corpo de um estudante religioso para surpreender os mundos, por meio de Māyā yóguica.

209. Ao ver um corpo morto esquecido (de uma criança) deixado (abandonado) em um local de cremação, eu, com meu poder de Māyā yóguica, entrei (entrarei) naquele corpo para a felicidade dos brâmanes.

210. Com você Vishnu (como meu companheiro), (eu ficarei) na caverna santa de Meru. Eu serei conhecido pelo nome Nakuhn, ó Brahman.

211. Então ela será um centro de Siddhas chamado Kāyārohana. Ela permanecerá famosa até a terra durar (isto é, até o dilúvio).

212. Lá também meus filhos nascerão como os ascetas Kuśika, Gārgya, Mitraka e Rusta.

213. Eles serão Ātmans nobres dotados de poder yóguico. Eles serão brâmanes, mestres dos Vedas. Eles serão livres de sujeira (pecado) e se absterão de relações sexuais. Depois de atingirem o Yoga de Rudra, eles irão para Rudraloka e nunca retornarão.

214. Desse modo eu mencionei encarnações de Manu até Krishna nos vinte e oito ciclos de Yugas. Essa série de relatos tradicionais é muito sagrada e virtuosa.

Capítulo 24: Hino a Śiva[1]

Vāyu disse:

1. Sábios, saibam que há quatro Yugas em Bharatavarsa.[2] Há Krita, Tretā, Dvāpara e Kali Yugas.

2-3. Mil ciclos desses quatro yugas constituem um dia do deus Brahma. Os sete Ganas (grupos de deuses) como Yama e outros e os quatorze grupos Romavat[3] nos corpos físicos deles recorrem a Janaloka junto com seus seguidores. Desse modo, os Devas vão de Maharloka para Janaloka e Tapoloka.

4. Quando muitos Manvantaras passam, os devas poderosos do Kalpa sobem e atingem *Sāyujya* [Identificação, absorção (na Essência Divina)].

5-7. Quando o tempo de retirada (dissolução) chega, os quatorze Ganas deixam Maharloka.[4] Aqueles deuses em combinação com esses (deixam o Maharloka), quando os elementos e imóveis somente são deixados para trás, quando todas as regiões do *Bhuvar-loka* até *Svar-loka* ficam vazias; quando Devas cuja duração de mandato é um Kalpa vão para Janaloka, o deus Brahma então junta (todos) os grupos de Devas, sábios e Dānavas e os destrói todos por fogo e chuvas quando o Yuga chega ao fim.

8. No sétimo Kalpa que acabou de passar e foi descrito para vocês por mim, os sete oceanos se uniram e formaram um oceano vasto ilimitado (e sem divisão) cheio de escuridão.

9-11. No único oceano vasto, o senhor portando concha, disco e maça deita no leito-serpente. Ele tinha a cor da nuvem. Ele tinha olhos de loto. Ele tinha uma coroa. Ele era o senhor de Laksmī. Ele era Hari, o oitavo Purusottama nascido da boca de Nārāyana. Ele tinha oito braços, e um peito largo. Ele é a fonte de origem dos mundos. Ele estava em comunhão com o eu. Familiarizado com o processo de Yoga, ele tinha se refugiado em meditação além do alcance do pensamento, por sua Māyā. A serpente (seu leito) tinha mil capelos; seu corpo tinha um esplendor inigualado e o brilho do ouro.

12. Enquanto ele estava deitado lá, repousando no Atman, ele, o poderoso Vishnu, criou um loto em seu umbigo apenas como um passatempo.

13. O loto se estendia por cem yojanas. Ele tinha o esplendor do sol do meio-dia. Ele era muito alto sustentado por uma haste adamantina. Ele foi criado esportivamente pelo senhor poderoso.

14. Enquanto o senhor Vishnu estava se divertindo dessa maneira, Brahma de cor dourada, de quatro faces, de olhos bem abertos, imperceptível pelos órgãos dos sentidos, e nascido do Ovo Cósmico dourado, aproximou-se dele casualmente.

15-16. Ao vê-lo se divertindo com o loto viçoso, brilhando com esplendor refulgente, emitindo perfume doce, Brahma o adorou.[5] Ele estava surpreso, e louvando-o em voz alta, ele perguntou, "Quem é você, Senhor, deitado no meio da água?"

---

1 Aqui nós temos uma lista de epítetos de Śiva como prece nos vv. 90-164.

2 É surpreendente que o ciclo de Yugas seja limitado apenas a Bharatavarsa.

3 [Romavat significa "possuidor de cabelo, coberto com cabelos". Monier-Williams, *Sanskrit-English Dictionary*]

4 Os versos 5-14 descrevem a dissolução do universo e a formação de um oceano (*Ekārnava*) de águas cósmicas com o deus Vishnu deitado no leito-serpente e o deus Brahma nascido na flor de loto que floresce na planta loto que sai do umbigo de Vishnu.

5 Versos 15 e seguintes: O encontro de Brahma e Vishnu levando à sua disputa sobre superioridade pessoal e o aparecimento do deus Śiva para resolvê-la é o modo Shivaísta de estabelecer a grandeza de Rudra. Mas aqui Brahma é mostrado ser mais magnânimo que Vishnu que é superior a ele em conhecimento sobre Śiva.

17. Ao ouvir as palavras auspiciosas de Brahma, Vishnu levantou-se de seu leito, com olhos arregalados de surpresa.

18. Ele deu a resposta, "Tudo o que existe (como) o céu, firmamento, elementos; somente eu sou o mestre, a região mais alta."

19. Depois de dizer isso, Vishnu continuou, "Quem é você, Senhor? De onde você veio? Onde também você tem que ir? Onde é seu domicílio permanente?

20. Quem é você, senhor? Um ser da forma do universo? O que eu posso fazer por você?" Quando Visnu falou dessa maneira Brahma respondeu:

21. "Assim como você, eu sou o primeiro criador Prajāpati. Eu sou chamado Nārāyana. Tudo repousa em mim."

22-23. Mas Vishnu, a fonte do universo, ouviu isso com espanto. Sendo permitido pelo senhor Brahma, o criador dos mundos, o grande yogin Vishnu entrou na boca de Brahma, por curiosidade. Depois de entrar, ele viu na barriga de Brahma esses dezoito continentes, junto com oceanos, e montanhas, os seres vivos começando com Brahma e terminando com uma folha de grama, pessoas de quatro castas e os sete mundos eternos.

24. Ao ver todos esses, Vishnu de grande renome e esplendor exclamou repetidamente dessa maneira: "Oh, o valor da penitência desse ser!"

25. Vishnu vagou por diferentes regiões e diferentes eremitérios, mas ele não pôde ver o fim (disso) mesmo depois do término de mil anos.

26. Então o deus de emblema de Garuda (Vishnu) saiu da boca dele. O Senhor sem inimigo (literalmente, alguém cujo inimigo não nasceu) dirigiu-se a Brahma, o avô do mundo:

27. "Ó Deus, ó impecável, eu não vejo o começo, o meio ou o fim de sua barriga. Eu não vejo o fim do tempo e espaço."

28. Depois de falar assim, Vishnu falou novamente para Brahma, "Ó Brâmane excelente, você também, entre na minha barriga e veja o incomparável mundo no interior."

29. Ao ouvir suas palavras encantadoras para a mente e aprovando-as, Brahma entrou na barriga de Vishnu.

30. Posicionado dentro do corpo dele, ele de façanhas inimagináveis viu os mesmos mundos. Embora ele vagasse no interior, ele não viu o fim dos mundos no corpo do senhor primordial.

31. Ao ver que Brahma estava voltando, Vishnu fechou todos os poros de seu corpo. O senhor então desejou retomar seu sono profundo feliz no meio do oceano vasto.

32. Quando Brahma viu todas as aberturas fechadas, ele fez sua forma muito sutil e descobriu uma abertura pequena no umbigo de Vishnu.

33. Através do talo do loto ele saiu e então retomou sua própria forma. O senhor de quatro faces, sentado no meio do loto, brilhou com um esplendor como aquele do interior do loto.

34. Entretanto lá surgiu um conflito entre eles a respeito de (individual) totalidade (superioridade) no meio do oceano.

Sūta disse:

35. Então o Senhor portador do tridente de alma de imensurável, o Deus de todos os seres vivos, que estava vestido em trajes de pele de cor dourada, chegou onde o Deus eterno Vishnu estava deitado no leito do corpo da serpente (Śesa).

36. Enquanto ele estava caminhando depressa, gotas grandes de água chutadas violentamente pelos pés dele ergueram-se no céu. Elas eram muito quentes e extremamente gélidas. Um vento violento também soprou.

37. Ao ver aquele fenômeno misterioso, Brahma falou para Vishnu, "As gotas de água são grandes e quentes. O loto também está se movendo terrivelmente. Por favor esclareça essa minha dúvida. O que mais você deseja fazer?"

38-40. Ao ouvir essas palavras proferidas por Brahma, o senhor de atividade inimitável e o destruidor de demônios, pensou consigo mesmo dessa maneira,

"Poderia ser que outro ser vivo tenha tomado residência em meu umbigo? Ele fala palavras agradáveis embora faça atos desagradáveis." Depois de pensar assim ele respondeu, "Ó senhor, você está agitado naquele loto?

41. Ó Senhor, o que eu fiz a você? Por que, ó maior dos homens, você fala assim comigo, embora eu seja seu amigo excelente? Fale precisamente."

42. Enquanto o senhor dos Devas estava falando assim de acordo com a convenção, o senhor Brahma de cor brilhante semelhante ao loto, o tesouro dos Vedas, respondeu.

43. "Ó Senhor, eu entrei em sua barriga por seu desejo. Da mesma maneira que os mundos foram vistos por você em minha barriga, assim também os mundos foram vistos por mim em sua barriga.

44. Ó impecável, ao término de mil anos, quando eu estava retornando (para fora da sua barriga), eu descobri que devido à rivalidade você fechou todas as aberturas desejando me trazer sob controle.

45. Ó abençoado, então, pensando comigo mesmo, eu obtive uma entrada através do umbigo e saí de seu umbigo pelo talo de loto.

46. Que não haja nenhuma apreensão em sua mente." Ao ouvir essas palavras de Brahma, Vishnu falou desse modo:

47. "O que eu farei depois foi bem pensado por mim. Foi apenas por divertimento que eu fechei depressa as aberturas e não para atormentá-lo.

48. Você não deve considerar isso de outra maneira. Você é digno da minha honra e adoração. Ó amável, perdoe qualquer má ação que eu possa ter cometido. Por isso, ó Senhor, sendo incitado por mim, você descerá do loto.

49. Eu não posso suportar você porque você é muito brilhante e pesado." Então Brahma respondeu, "Diga-me que benefício você me dará se eu descer do loto."

Vishnu disse:

50. "Ó destruidor de inimigos, por favor seja meu filho. Você derivará grande prazer por meio disso. Você é um grande yogin com veracidade como sua habilidade. Você é digno de ser adorado. Você é da forma de Omkāra.

51. Ó Senhor de tudo, de agora em diante você terá um turbante branco como seu ornamento. Você será conhecido como *Padmayoni* (alguém nascido de um loto). Ó Brahma, ó Senhor dos mundos, seja meu filho."

52. Então o Deus Brahma aceitou o benefício de Vishnu. Satisfeito em sua mente e sem qualquer senso de rivalidade, ele disse, "Que assim seja."

53. Ao ver um ser extraordinário se aproximando com o brilho do sol nascente e com uma face enorme, ele falou para Nārāyana:

54-56. "Ó Vishnu, quem é essa pessoa vindo para cá? Ele é incompreensível com uma boca enorme, presas curvas, cabelo desgrenhado, dez braços, caracterizado pelo tridente, e faces em toda volta com muitos olhos. Ele é o senhor dos mundos, Ele é horrendo em forma. Ele usa um cinto de erva Muñja. Seu pênis está erguido. Ele está rugindo terrivelmente. Ele tem grande refulgência. Ele é uma pilha de esplendor. Ele permeou todos os quadrantes e o céu."

57-59. Ao ser endereçado dessa maneira, Vishnu falou em resposta para Brahma, "Ele está vindo vadeando depressa pelo oceano. Chutado pelos pés dele, o oceano inteiro está agitado com borrifos profusos de água erguidos no céu. Ó (deus) nascido no loto, você está sendo borrifado por eles. O grande loto que sai do meu umbigo está sendo sacudido junto com você pelo vento exalado pelo nariz dele. Ele é o senhor eterno Īśa, o destruidor. Vamos louvar o senhor de bandeira de touro."

60-61. Então o enfurecido Brahma falou para Vishnu, o iluminador do loto, "Você não conhece a si mesmo, a fonte de origem de todos os mundos, nem a mim Brahma, o criador eterno do universo. Oh! Quem é esse ser (chamado Śañkara) que sobrepuja nós dois?"

62. Ao ouvir as palavras furiosas de Brahma, Vishnu disse, "Ó amável, não fale afrontosamente do nobre Atman.

63. O Purusa antigo, o senhor de Māyā e Yoga, é a própria virtude (Dharma). Ele não pode ser contrariado. Ele é o concessor de benefícios. Ele, o senhor eterno, é a causa deste universo.

64. Ele é a alma de todas as almas. Ele é a única luz que brilha. Ele é o próprio deus Śañkara que está brincando com brinquedos infantis.

65. Como o criador de indivíduos os nomes dele são *Pradhāna, Avyaya*, a luz imanifesta, Prakrti, escuridão incompreensível. Tudo o que ele possa ser, ele é buscado por ascetas, angustiados com aflição.

66. Ele é o eterno semeador da semente. Você é a eterna semente. Eu sou o útero eterno". Assim falado, Brahma, a alma do universo, falou novamente para Vishnu:

67. "Você é o útero. Eu sou a semente. Mas como ele é o semeador da semente? Cabe a você remover essa minha dúvida sutil."

68. Ao ouvir isso, Vishnu explicou para Brahma, o sustentador dos mundos, a própria origem deles e a origem dos mundos. Ele esclareceu a dúvida de Brahma com uma analogia adequada.

69. Não há outro ser maior que ele ou mais sutil (imanifesto) que ele. A região do senhor é a meta dos espiritualistas. Ele é a residência da beatitude.

70. O senhor supremo se dividiu em dois e entrou no eu. Ele é possuidor e desprovido de atributos. Sua forma sem atributos é sutil e imanifesta.

71-**72**. Ele é o conhecedor de Māyā (Prakrti) e das atividades dela; ele é profundo e inacessível. O pênis dele depositou você como a semente em meu útero, na fase primária de criação. No devido tempo aquela semente se tornou o ovo dourado enorme em meu útero.

73. Por mil anos, o ovo ficou fixado nas águas. No fim de mil anos, ele foi partido em dois pelo ar elementar.

74. Uma das partes (superior) da crosta se transformou no céu e a outra (inferior) na terra. O feto grandioso se tornou a montanha dourada Meru.

75. É a partir disso que despertamos, o senhor de Devas de útero dourado (Hiranyagarbha) e eu, o Vishnu de quatro braços.

76. Então, ao término de mil anos, o ovo se partiu em dois. Ao ver o mundo um vazio sem estrelas, a lua e planetas, você ponderou a respeito, 'Quem está aqui?' Então seus filhos nasceram.

77. Eles nascem (como seus filhos) repetidas vezes no fim de mil anos - eles que são os primeiros antepassados, agradáveis de se olhar, dotados de corpos brilhantes como fogo e olhos largos como as pétalas de um loto.

78. Os gloriosos Sanatkumāra e Rbhu que eram perpetuamente celibatários, Sanātana, Sanaka, e Sanandana nasceram simultaneamente. Eles podiam visualizar objetos até mesmo além do alcance de órgãos dos sentidos.

79. Eles nasceram com mente controlada e desprovidos das três angústias. Eles disseram que eles não assumiriam o trabalho de criação.

80-**83**. Há uma grande dor nesse nascimento, ó amável. Ele é acompanhado por velhice e tristeza. Vida, morte e nascimento acontecem muitas vezes. Este mundo é um sonho. Mesmo no céu há misérias. Ao perceberem as torturas do inferno, o advento e inevitabilidade de eventos e vendo que Rbhu e Sanātana estavam sob seu controle, os três filhos Sanaka e outros evitaram os três *gunas* (os ingredientes criativos) e obtendo conhecimento da natureza ilusória do mundo eles renunciaram ao mundo. Quando eles tinham renunciado ao mundo você foi iludido pela Māyā de Śañkara.

84. Neste Kalpa, ó impecável, sua consciência é retraída e os elementos sutis terra etc. permanecem intatos (até o fim do Kalpa).

85. Essa Māyā do senhor que funciona no mundo foi explicada para você. É dito que o monte Meru existe em Devaloka.

86-**87**. Você perceberá sua grandeza. Você perceberá a si mesmo através de seu próprio eu. Você me conhecerá como o de olhos de loto. Você se aproximará do

senhor supremo Śiva de grande (poder) yóguico, o concessor de bênçãos para todos os seres vivos. Depois de se aproximar dele que é o preceptor do universo na forma de Pranava, você o propiciará por meio de prostração. Se ele ficar enfurecido, ele pode nos queimar ambos por sua própria respiração.

88. Depois de conhecer aquele senhor de grande poder yóguico eu serei forte e poderoso, mantendo você à frente, eu elogiarei o senhor que tem o brilho do fogo."

Sūta disse:

89. Mantendo Brahma na dianteira, o deus de bandeira de Garuda, Vishnu, recitou este hino (em louvor a Śiva) proferindo seus nomes passados, presentes e futuros de origem Védica.

Hino a Śiva:

90. Reverências a você, o senhor de ritos bons e esplendor insondável, o senhor de centros santos, o *Bljin* (semeador de sementes), o senhor portador do tridente.

91. Reverências a *Amedhra* (alguém sem o pênis), *Urdhvamealira* (alguém com pênis erguido), *Vaikuntharetas* (de cujo sêmen Vishnu nasceu), o primogênito, o muitíssimo superior, o primeiro e o principal.

92. Reverências a *Hauya* (alguém para quem oferendas *Havis* são feitas), que é digno de adoração, a *Sadyojāta*, o impérvio, o senhor da riqueza, a deidade que usa trajes de pele amarelos.

93. Saudações a ti, a origem dos seres vivos como nós, o senhor dos materiais de rituais heróicos Védicos e gloriosos.

94. Reverências ao senhor de Yoga e Sāmkhya, ao senhor de sábios de sono (controlado, limitado).

95. Reverências ao senhor do rugido alto, relâmpago, raio e nuvens, ao senhor dos oceanos e continentes.

96. Reverências ao senhor das montanhas, dos *Varsas* (subcontinentes) e dos rios que fluem para o oeste e o leste.

97. Reverências ao senhor das ervas e árvores medicinais, à deidade que preside a virtude ou religião e ritos santos, e ao senhor de existência continuada (como distinto de *Utpatti* e *laya* ou criação e destruição ou morte).

98. Reverências ao senhor dos sumos e jóias, dos momentos, de *Kalā* (uma unidade de tempo).

99. Saudações ao senhor de *nimesas* (tempo de um piscar de olhos), de *kāsfhās* (1/30 de um *kalā*), de dias, noites, quinzenas e meses.

100. Reverências ao senhor das estações, dos números de *parārdha* e ao senhor do maior dos maiores.

101. Reverências ao senhor dos Purānas, dos Yugas, da criação quádrupla e ao de olhos infinitos.

102. Reverências ao senhor da agricultura e outras ocupações estabelecidas no começo do Kalpa, ao senhor do universo, do deus Brahma e outros.

103. Reverências ao senhor das ciências (*vidyas*), ritos sagrados e dos *mantras*.

104. Reverências ao senhor dos Pitris (espíritos dos mortos), de *paśus* (almas limitadas por *pūśa*), a ti de palavras virtuosas, e ao Touro antigo.

105. Reverências a ti de cabelo bonito, de olhos erguidos para cima e cabeças para cima, ao senhor de *paśus* [animais, seres vivos, ou almas individuais], e ao deus de símbolo de Touro.

106. Reverências ao senhor dos Prajāpatis, Siddhas, de Garuda, serpentes e aves.

107. Reverências ao deus de orelha de vaca sentado no Touro, ao deus de orelha de ponta, ao chefe dos Rāksasas, à deidade incompreensível do Vārāha Kalpa.

108. Reverências ao senhor das Apsaras e Ganas, águas e esplendor.

109. Reverências ao senhor de Laksmī dotada de glória e modéstia tímida, às congéries dos fracos e dos fortes e ao agitador do não-agitável.

110. Reverências ao Touro de chifre longo, de um só chifre, de corcova, ao corpo de (grande) firmeza e à luz de grande esplendor.

111. Reverências ao senhor do passado, presente e do futuro, ao herói valoroso de grande esplendor, e ao que supera outros.

112. Saudações ao concessor de benefícios, o mais excelente, senhor onipresente do passado, presente e futuro.

113. Saudações a ti o (senhor do) povo, da penitência e concessor de benefícios, à deidade digna de saudações (adoração). Reverências ao senhor da salvação, das pessoas e do inferno.

114. Reverências a Bhava, o adorador, o adorado, e o sacrificador, alguém louvado em voz alta, ao iluminado, o princípio *Nirguna* [desprovido de todas as qualidades ou propriedades].

115. Reverências ao laço, à mão e ao bem ornamentado. Reverência a ele com oblações (apropriadas), oblações (oferecidas erradamente), bem oferecido e bem aguçado.

116. Reverências ao *Ista, Pūrta, Agnisfoma, Rtvik, Rta*, (ordem), *Satya* (verdade) e ao senhor dos seres vivos.

117. Saudações ao membro do conselho sacrifical, a *Daksinā* (a doação monetária em um sacrifício) e *Avabhrtha* (a ablução cerimonial depois do sacrifício). Reverências ao não-ofensor dos mundos, o encanto e remédio para a alma individual.

118. Saudações ao concessor de satisfação, ao de perfume doce de três olhos. Ao senhor dos órgãos de percepção. Reverências ao (senhor da) cura e ao senhor que usa guirlandas.

119. Reverências ao universo, ao de forma universal com olhos e faces por toda parte e com mãos e pés infinitos.

120. Reverências a *Havya* (oferendas para deuses), *Kavya* (oferendas para os espíritos dos mortos) e *Havya-Kavya.* Reverências a Siddha, Medhya (puro), ao senhor desejado e imutável.

121-**122**. Saudações ao grande herói, agitador terrível do não-agitável, de intelecto bom, a deidade de bons súditos, o sol refulgente. Reverências muitas vezes a Suparna (ele de belas asas), de cor dourada, ao de olhos singulares, de três olhos, fulvo dotado de grande força.

123. Reverências ao deslumbrador de olhos, ao de olhos amáveis, ao de cor de fumaça, (de cor) branca, (de cor) preta e ao vermelho.

124. Reverências ao adornado, ao (deus de cor) marrom avermelhada e amarela, equipado com aljava. Saudações ao possuidor de e desprovido de *Viśesas* (especialidade?).

125. Reverências ao destruidor da morte da cor de loto e ao deus da morte. Saudações ao senhor de cor escura, branca, fulva e vermelha.

126. Reverências ao adorável da cor da nuvem no crepúsculo, ao multiforme que segura a caveira na mão, ao nu e a ele com cabelo emaranhado.

127. Reverências ao incompreensível Śarva, excelente e que não pode ser morto. Reverências a ele que sustenta a partir da frente e de trás e saudações ao fogo.

128. Reverências ao grande, ao não passável, à obstrução e a ele de cor fulva. Reverências a ele um com um corpo tão brilhante como o sol. Reverências a ele com força e velocidade.

129. Reverências ao senhor portador do Pināka, ao deus que se estende, vicejante e próspero, de intelecto afiado e usando Rudrāksa. Reverências ao senhor nu, de tufos.

130. Reverências ao matizado de cores variadas, ao misterioso, ao sustentador de tudo. Reverências ao senhor inteligente, satisfeito, não depositado (?).

131. Reverências ao indulgente, ao tranquilo, com corpo tão forte quanto um raio. Reverências ao destruidor de demônios, ao destruidor de sacrifício, ao deus de pescoço azul que se abstém de relações sexuais.

132. Reverências ao matador de inimigos, o aniquilador, a ele que porta armas afiadas. Reverências ao alegre, ao deleitado conectado com rios.

133. Reverências a *Pranava*, ao senhor de *Pranava*, o concessor de felicidade, o caçador do cervo, o perito e o destruidor do sacrifício de Daksa.

134. Saudações ao espírito que é multiforme, que supera todos os senhores, o destruidor das cidades (*Tripura*), o inativo, de perfume doce possuidor de setas excelentes.

135. Reverências à deidade na forma de Puspavat, ao destruidor dos olhos de Bhaga, ao excelente Kanāda, e ao destruidor do corpo de Kama.

136. Reverências à roda terrível do sol, o supressor do senhor das serpentes, o destruidor de Daityas, e a ele que faz gritos divinos.

137. Reverências ao deus sempre afeiçoado por área de cremação. Saudação ao protetor de três olhos dos ares vitais, àquele que usa a guirlanda de crânios.

138. Saudações ao deus elogiado por diferentes seres cheios de prazer, a ele com uma forma (metade) masculina e (metade) feminina e a ele que agrada a deusa (Uma).

139. Reverências a você com cabelo emaranhado e bastão. Reverência a ele com serpente como fio sagrado, a ele que habitualmente se entrega à dança e que gosta muito de música.

140. Reverências a Manyu (colérico), ao (deus) habitualmente calmo (tranquilo), ao cantor de canções excelentes, ao deus terrível, com pulseiras na mão, àquele que assume formas ferozes.

141. Reverências ao terrível, ao inspirador de temor e ao supressor de Bhaga, que é louvado pelos Siddhas e é altamente abençoado.

142. Saudações ao deus que ri livremente e tumultuosamente, que brada golpeando (batendo em) seus braços, que grita, salta e se regozija.

143-144. Reverências ao (deus) extraordinariamente misterioso, adormecido e corrente, que fita fixamente e que medita, que se estica e se expande, que fustiga e corre, movente e brincalhão. Reverências a ele com um corpo barrigudo, a ele que abala, a ele com a cabeça raspada, a ele sem mãos.

145. Saudações a ele no disfarce de uma pessoa demente, a ele com ornamentos que tilintam, a ele com traje horrendo e ao (deus) cruel, feroz e enfurecido.

146. Reverências ao incompreensível, ao iluminado, ao brilho além de atributos, a ele que gosta de discussão, e a ele que usa jóia de sinete.

147. Saudações (ao deus) com forma como criança, a ele com qualidades inigualáveis, ao Gana secreto, ao inacessível contudo [o?] refúgio.

148. Esta terra, mãe dos mundos, constitui seus pés frequentados pelos bons. Seu abdome insondável é o suporte de pessoas que obtiveram poder yóguico.

149. O firmamento adornado pelos grupos de estrelas se estende em seu meio. A guirlanda gloriosa em seu peito brilha como a galáxia de estrelas.

150-151. Os dez quadrantes são seus braços ornados com pulseiras e braceletes. Seu pescoço largo extenso, comparável ao grupo de nuvens azuis, brilha gloriosamente enfeitado com colares dourados. Sua boca terrível com as presas curvas é incomparável e não pode ser impedida.

152-153. Quanto brilha o turbante em sua cabeça, feito por guirlanda de lotos! Os sábios sabem que qualidades como o brilho do sol, a beleza da lua, a estabilidade (e firmeza) da terra, o poder do vento, o calor no fogo, esplendor na lua, som no (elemento) éter e frieza nas águas são desenvolvidos a partir de suas excelentes qualidades eternas.

154-155. O seguinte *Japa* (repetição inaudível) dos (seguintes) nomes de Śiva deve ser realizado: *Mahāyogin* (um grande yogin), *Mahādeva* (grande deus), *Maheśvara* (o soberano supremo), *Pureśaya* (residindo na cidade, isto é, corpo), *Guhāvāsin* (o residente na cavidade do coração), *Khecara* (o que passeia no céu), *Rajanicara* (vagueador noturno), *Taponidhi* (mina de austeridades), *Guhaguru* (pai ou professor de Skanda), *Nandana* (o encantador), *Nandivardhana* (aumentador de

alegria), *Hayaśirsa* (de cabeça de cavalo), *Dharādhātr* (o sustentador da terra), *Vidhātr* (o criador), *Bhūtivāhana* (portador ou concessor de bem-estar),

156. *Boddhavya* (digno de ser percebido), *Bodhana* (esclarecedor), *Netr* (o líder), *Dhūrvaha* (o portador do jugo, isto é, responsabilidade), *Dusprakampaka* (alguém que treme [ou abala] pesadamente?), *Brhadratha* (possuidor de uma carruagem grande), *Bhima-karman* (de atividade terrificante), *Brhatkirti* (amplamente renomado) *Dhanañjaya* (ganhador de riqueza),

157. *Ghantāpriya* (que gosta de sinos), *Dhvajin* (tendo uma bandeira), *Chatrin* (tendo um guarda-sol - uma insígnia real), *patākādhvajinipā* ([portador?] de uma bandeira e um exército), *Kavacī* (vestido em uma cota de malha), *Paffiśin* (armado com uma maça de ferro pontuda) *Śankhin* (tendo uma concha de molusco), *Pāśahastin* (segurando um laço na mão), *Paraśubhrt* (manejador de um machado),

158. *Agama* (firme como montanha), *Anagha* (sem pecado), *Śūra* (bravo), *Devarājārimardana* (matador dos inimigos de Indra). É por propiciar você que inimigos foram mortos em batalhas por nós.

159. Você é (tal) fogo que não é satisfeito por beber todos os mares. Você é o domicílio da ferocidade (mas) deleitado na mente. Você é o destruidor de Kama (deus do amor), porém amável e um concessor de objetos desejados.

160. Você é absorto em Brahman, celibatário, controlador dos órgãos sexuais, adorado pelos bons. Você é o inesgotável tesouro de Vedas, e sacrifício (ritual sacrifical) é ordenado por você.

161. Você é o fogo sacrifical que leva oblações, os Vedas e prescrições nos Vedas. Quando você está satisfeito, ó Mahādeva, nós também estamos satisfeitos.

162. Você é o senhor do eterno (sem início), a massa de esplendor, Brahma, o criador dos mundos, a primeira criação. Sāñkhyas sabem que você é transcendental à Prakrti. Quando a meditação deles termina, eles não entram na morte.

163. Os yogins que estão sempre em comunhão com você através de Yoga se abstêm de prazeres carnais. Outros mortais que recorrem a você se tornam impecáveis e desfrutam de prazer divino.

164. Ilimitada é a grandeza de (você) a alma suprema. Tudo o que nós conhecemos sobre a glória da realidade incompreensível foi glorificado de acordo com nossa (humilde) habilidade. Seja sempre e em todo lugar auspicioso para nós. Quem quer que você seja você é assim (incompreensível). Reverências a você."

Capítulo 25: Nascimento e Morte de Madhu e Kaitabha

Sūta continuou:

1-2. Olhando para eles como se os bebendo (com seus olhos), o consorte de Umā, com olhos fulvos como mel, ímpares (três) em número, o Senhor, destruidor do sacrifício de Daksa, manejador do arco Pināka e de um machado de batalha, que estava cercado por duendes, ficou deleitado com uma face radiante ao ouvir seu tributo.

3. Ao ouvir as palavras como néctar deles, o Senhor supremo perguntou carinhosamente o que ele mesmo sabia anteriormente.

4. "Quem são vocês dois, Senhores de almas nobres, desejosos de bem-estar mútuo, com olhos que têm o esplendor de um loto, e que se uniram na terrível vastidão aquosa?"

5. Depois de olharem um para o outro, eles responderam a ele: "Ó senhor, de que serve nossa resposta? Ela já é conhecida por você. Onde há felicidade infinita exceto em sua conduta como lhe agradar?"

6. O senhor bem-aventurado falou em palavras gentis, encantadoras: "Ó Brahma, ó Vishnu, eu estou me dirigindo a ambos.

7. Eu estou deleitado com sua devoção de natureza permanente. Eu honro vocês dois; vocês merecem bem meu respeito. Qual é o benefício excelente que vocês desejam ter?"

8. Quando essas palavras foram faladas por ele, Vishnu disse a Brahma: "Ó altamente abençoado, fale o benefício desejado por você."

9. "Ó Vishnu, eu desejo ter progênie. Eu desejo ter um filho que assumirá a minha responsabilidade." Assim falou o Senhor Brahma, que desejava ter um benefício que concedesse (tal) filho a ele.

10-12. Então Vishnu disse a Brahma que estava desejoso de progênie, "Já que você deseja um filho incomparavelmente valoroso que levará a cabo sua tarefa, peça ao Senhor Maheśvara, o deus dos deuses, (para nascer como seu) filho." Honrando as palavras de Vishnu, o deus Brahma uniu suas palmas em reverência e curvou-se humildemente ao Senhor Rudra, o concessor de bênçãos. Desejoso de um filho, ele endereçou estas palavras (seguintes) na companhia de Vishnu:

13. "Ó Senhor Supremo, se você está tão satisfeito comigo que estou desejoso de um filho, alma do universo, você será meu filho ou você me concederá um filho como você, que cumprirá meu dever. Se você quiser me conceda essa bênção, eu não escolherei outra."

14. Ao ouvir o pedido dele, o senhor, o destruidor dos olhos de Bhaga, piamente e não enganosamente, disse: "Assim seja."

15-16. "Ó *Suvrata* (alguém de votos bons), quando você for dominado pela raiva por causa do insucesso de uma atividade empreendida por você, eu nascerei então de sua testa (como um amigável sábio Rudra de alma nobre), um dos onze Rudras, a causa dos ares vitais. Eu brandirei um tridente em minha mão, e estarei acompanhado por meus seguidores."

17. Depois de conceder favor (bênção) incomparável a Brahma em primeiro lugar, ele disse a Vishnu, "Eu (desejo) conceder a você um benefício também."

18. O abençoado Vishnu respondeu desta forma: "Ó Senhor, se você está satisfeito comigo, isso é tão bom quanto ter feito tudo (para mim). Ó Deus de veículo de nuvem, que a minha devoção por você esteja bem estabelecida em você".[1]

19. O Senhor, assim endereçado, falou para Vishnu: "Ó Vishnu, ó senhor eterno, escute de que maneira eu estou contente com você.

---

[1] Embora considerado como um Saiva Purāna, passagens como os vv. 19-29, que enfatizam a identidade de Śiva e Vishnu, exercem influência integrativa.

20. O universo inteiro, iluminado ou não iluminado, móvel ou imóvel será identificado comigo (Rudra) e com você mesmo (Nārāyana)."

21. Eu sou o fogo, você é a lua. Eu sou o dia, você é a noite. Eu sou a verdade, você é a Ordem (*Rta*). Você é o sacrifício, eu sou (seu) resultado.

22. Você é o conhecimento, eu sou o objeto de conhecimento. Realizando seu *Japa*, as pessoas piedosas (literalmente, realizadores de atos meritórios) entrarão em mim se você estiver satisfeito. No fim do Yuga, não há meta melhor que essa (residir conosco).

23. Conheça a si mesmo como Prakrti. Conheça-me como Purusa, Śiva. Você é uma metade do meu corpo da mesma maneira que eu sou sua outra metade.

24. Você é meu lado esquerdo que é escuro e tem a marca de Śrivatsa. Eu sou seu lado direito que é azul e vermelho.

25. Ó Vishnu, você é meu coração. Eu estou posicionado em seu coração. Você é o fazedor de todas as atividades. Eu sou o ativador.

26. Assim, venha, saudações a você, meu querido de cor de nuvem, adeus." Depois de dizer isso a Vishnu, o grande Deus desapareceu.

27. Quando o senhor tinha desaparecido, o encantado Vishnu, senhor da terra, entrou na água e se deitou em seu leito.

28. Então, com uma mente feliz, Brahma, o deus nascido no loto, de olhos de loto, dirigiu-se ao seu próprio assento no loto que tem o esplendor do interior de um loto.

29-**30**. Depois de um longo lapso de tempo, dois irmãos de grande força e energia, os incomparáveis Madhu e Kaitabha, falaram a Brahma, "Você se tornará nossa presa." Depois de dizerem isso ambos desapareceram.

31. Ao vir a saber de sua intenção terrível e percebendo a grandeza dele; o deus nascido no loto começou a reunir mais informação.

32. Como ele não conhecia a composição do pericarpo nem o caminho para fora, ele desceu para as regiões inferiores por meio do talo de loto. Então, dentro das águas, ele viu Vishnu com a camurça como seu manto superior.

33. Ele então o despertou e quando ele acordou disse: "Ó Senhor, eu tenho medo de espíritos. Levante-se, salve-me. Seja meu benfeitor."

34. Então, o senhor Vishnu, o supressor, falou, "Você não deve ter medo, você não deve ter medo.

35. Visto que você proferiu no início, há um perigo para mim da parte de *Bhūtas* (espíritos). Você, portanto, matará os Daityas através de palavras *Bhū* etc."

36. *Bhūr, Bhuvah, Svah* (a terra, o firmamento e o céu) entraram no Senhor nascido por si mesmo. Tendo circungirado, Brahma voltou para seu assento (anterior).

37. Quando Brahma tinha ido, o Senhor Vishnu criou dois irmãos Vishnu e Jisnu a partir de sua boca, e instruiu (a eles): "Vocês dois devem proteger Brahma depois de saberem da próxima chegada de Madhu e Kaitabha."

38. Enquanto isso, Madhu e Kaitabha assumiram formas semelhantes àquelas de Vishnu e Jisnu. Depois da assunção de formas similares, eles permanecerem na frente dele encarando-o.

39. Então eles falaram palavras terríveis para Brahma: "Você deve ser o juiz, enquanto nós lutamos."

40. Então eles entraram na água a qual eles paralisaram por meio de sua Māyā. Uma briga tumultuosa começou, quando eles lutaram uns com os outros.

41. Mil anos divinos passaram enquanto eles lutavam. Contudo seu orgulho, arrogância e ânsia para o combate mútuo não diminuíram.

42. Se eles tivessem marcas diferentes, eles poderiam ter sido diferenciados, mas eles tinham formas semelhantes. Agitado na mente devido a essa semelhança, Brahma começou a meditar.

43. Por sua visão divina ele compreendeu a distinção entre eles. Ele amarrou um amuleto secreto sutil de filamentos de loto e também um cinto em volta do corpo deles. Então ele proferiu o Mantra.

44. Enquanto ele proferia o Mantra, uma virgem de forma universal apareceu lá. O brilho da face dela parecia o esplendor do loto e da lua. A dama casta segurava um loto em sua mão. Ao vê-la os Daityas ficaram aflitos. Os rostos deles ficaram pálidos devido ao medo.

45. Em voz gentil Brahma falou para a virgem, "Ó dama virtuosa, me conte a verdade, quem é você? Quais são seus antecedentes?"

46-47. Com palmas unidas em reverência, a virgem adorou Brahma e disse depois de cantar hinos laudatórios: "Saiba que eu sou Mohinī (a encantadora), a Māyā de Vishnu e sua mensageira. Ó Brahma, ao ser glorificada por você, eu vim até você apressadamente." Encantado com ela, Brahma lhe deu um nome.

48. "Já que você chegou aqui (assim que) esse Mantra foi proferido por mim, você será conhecida como *Mahāvyāhrti*[2] (a grande expressão vocal).

49. Como você apareceu rompendo a cabeça, você se chamará *Sāvitri*. Embora você seja nascida de uma parte (*athśa*) você terá muitas partes.

50. Ó dama de rosto auspicioso! Devido à minha graça, esses e outros nomes secundários derivados de suas atividades serão aplicáveis a você."

51-22. Os dois demônios ao serem afligidos dessa maneira imploraram a bênção dele. "Nossa morte ocorrerá em um lugar descoberto. Nós nasceremos como seus filhos no futuro." Dizendo, "Assim seja", eles foram mortos: Kaitabha por Vishnu e Madhu por Jisnu.

53. Assim pelo desejo do bem-estar dos mundos os dois Daityas foram mortos por Brahma, Vishnu e Jisnu em conjunto.

54. Saibam como Īśa (Śiva) nasceu como o filho de Brahma. Quando a briga de Madhu e Kaitabha com Vishnu e Jisnu terminou, Brahma falou para Vishnu:

55. "Hoje cem anos decorreram. Chegou a hora quando eu irei para minha morada, terrível devido à congestão e inundando."

56. Em seu caso, o senhor efetuou a Dissolução, fazendo a terra desprovida de seres imóveis e fazendo os seres móveis estabelecidos em Prakrti.

57. "Ó Vishnu, ó aumentador de prosperidade, felicidades para você. Se o oceano foi propagado desse modo por você, diga-me o que eu devo fazer para você."

58-59. "Ó do brilho do ouro, nascido no loto! Escute minhas palavras. O favor que você obteve do senhor com o desejo de um filho frutificou agora. Você ficou livre de obrigação. Crie quatro tipos de seres vivos ou abandone o esforço."

60. Aceitando a sugestão de Vishnu, o deus nascido loto, Brahma, concebeu em sua mente criar os indivíduos. Então ele praticou uma penitência severa.

61. Enquanto ele estava praticando penitência desse modo, nada aconteceu. Quando muito tempo passou, devido à aflição sua raiva aumentou.

62-63. Dos olhos dele maculados pela raiva, caíram gotas de lágrimas. Dessas gotas de lágrimas, serpentes venenosas se manifestaram. Elas tinham os elementos de gás, bílis e muco em seu líquido orgânico. Elas tinham grande força. Elas eram ornadas pelos símbolos Svastika. Elas tinham cabelos espalhados.

64. Ao ver as serpentes nascidas no início, Brahma lamentou. "Se tal é o resultado, que vergonha para a minha penitência. No próprio começo a progênie se tornou destrutiva do mundo."

65. Uma insensibilidade severa nascida da raiva e aborrecimento tomou conta dele. Devido ao calor (severidade) do desfalecimento, Brahma abandonou seus ares vitais (ficou inconsciente).

66. Do corpo dele de destreza inigualável onze almas, os Rudras, se manifestaram, chorando de piedade. Como eles choraram, eles foram conhecidos como Rudras. Sua designação de Rudra é devido a isso.

67. Rudras são Prānas e Prānas são Rudras. Os ares vitais estão posicionados em todos os seres vivos.

---

2 Os versos 48 e 49 dão a etimologia popular de *Mahāvyāhjti* e *Sāvitri*.

68. A ele que era grande e feroz e que tinha realizado boas ações, o senhor portador do tridente deu os ares vitais. Então da testa de Brahma emergiu um ser idêntico aos onze (Rudras).

69. O Deus que deu a Brahma seus ares vitais se tornou seu filho. Quando Brahma foi revivido, Rudra falou a ele com prazer:

70. "Ó Brahma, você pode expressar seu desejo. Pense em si mesmo e me conheça como seu filho Rudra. Abençoe-me com seu favor."

71-**72**. Ao ouvir as palavras dele, principalmente o que ele tinha sentido em sua mente, Brahma ficou muito satisfeito. Seus olhos brilharam com o esplendor do loto desabrochado quando ele voltou à vida. O senhor Brahma, obtendo o brilho do ouro puro, falou palavras majestosas encantadoras:

73. "Ó abençoado, você deleita minha mente. Fale quem é você que como a bem-aventurança do universo incorporada permanece dividido em onze formas."

74. Assim endereçado pelo Senhor Brahma de esplendor infinito, Rudra o saudou junto com seus filhos e falou.

75-**76**. "Ó Brahma, você junto com Vishnu me pediu um benefício: 'Ó Senhor, seja meu filho, ou me conceda um filho igual a você que cumprirá meu dever'. Atividades devem ser exercitas por todas as pessoas nascidas no universo. Ó Senhor dos Devas, rejeite sua tristeza e crie os mundos."

77. Assim endereçado, Brahma ficou deleitado em sua mente e falou a Rudra dessa maneira:

78. "Para me ajudar, crie os súditos junto comigo. Você é o semeador de sementes de todos os seres vivos. Por isso se prepare para a tarefa." Rudra aceitou a sugestão e disse "sim."

79. Então Brahma, enfeitado em camurça, criou a mente no princípio e o poder retentivo dos seres vivos (?). Depois disso ele criou Sarasvatī, a fala em formas multiformes.

80. Então ele, de grande esplendor, criou sete filhos mentais: Bhrgu, Añgiras, Daksa, Pulastya, Pulaha, Kratu e Vasishtha.

81. Ele criou filhos físicos também, iguais a ele. Seguindo o caminho delas novamente, as vacas nasceram a partir da boca dele.

82. Brahma, avô dos mundos, criou os Vedas com *Omkāra* na dianteira. Então ele criou Devas dignos de honra e outros seres como mencionado antes.

83. O Senhor falou para seus filhos nascidos da mente, Daksa e outros: "Prosperidade para vocês. Criem indivíduos junto com Rudra."

84. Aproximando-se de Rudra os Prajāpatis disseram, "'Ó Deus, ó Maheśvara, nós, junto com você, desejamos criar progênie. Isso é o que Brahma pediu a você também."

85-**86**. Assim endereçado o Senhor Rudra falou a eles: "Ó Devas, filhos de Brahma, tomem os ares vitais de mim. Façam esses meus filhos, os brâmanes, os mais importantes dos primogênitos. Agora vocês criarão, por meu comando, as sete espécies de pessoas de Brahma em diante até uma folha de grama. Elas serão da minha natureza. Saudações a vocês todos."

87. Assim endereçados por ele eles responderam a Rudra, o senhor primordial portador do tridente, "Ó Senhor, tudo acontecerá como você quiser."

88. Depois de obterem permissão do senhor Rudra, os Prajāpatis falaram para o nobre Daksa, "Senhor, você é o Prajāpati mais excelente. Mantendo-o à frente e por seu favor, nós criaremos progênie."

89. Dizendo "Assim seja", Daksa aceitou a sugestão deles. Desejoso de progênie, ele, com seu time, começou o trabalho de criação. Quando Rudra ficou (fora) da criação, Brahma assumiu a tarefa.

90. Quando o sétimo Kalpa passou Rbhu e Sanatkumāra nasceram. Eles se estabeleceram como residentes em Tapoloka. Então o Senhor também criou sábios nascidos da mente.

Capítulo 26: Origem dos Sons[1]

Sūta disse:

1. Ó inteligente, extraordinários são os segredos que você tem falado verdadeiramente para abençoar os mundos.

2. Eu tenho uma dúvida em relação às encarnações do senhor portador do tridente. Qual é o motivo pelo qual o grande Deus (Mahādeva) evita os Yugas prévios e toma encarnação na terrível era Kali (somente)?

3. Eu desejo saber como o senhor assumiu encarnação nesse Vaivasvata Manvantara.

4. Não há nada desconhecido para você nesse ou no outro mundo. Ó senhor inteligente, se eu mereço ouvir aquele grande relato por favor me fale. Eu lhe peço humildemente a instrução dos devotos.

Lomaśa disse:

5. Assim solicitado, o Senhor Vāyu de grande brilho honrado pelas pessoas e empenhado no bem-estar delas disse:

6. "Ó filho de Gādhi, o que você me perguntou é um grande segredo no mundo. Eu explicarei tudo. Por favor escute enquanto eu narro isso para você.

7. Antigamente, quando mil anos divinos tinham passado no oceano vasto de água, Brahma, desejando criar os súditos, estava aflito e ele começou a meditar.

8. Enquanto ele estava pensando, um menino se manifestou. O corpo dele estava emitindo fragrância divina. Ele estava recitando Vedas divinos semelhantes a néctar.

9. Ele estava repetindo o conhecimento védico que não tinha som, nem toque, nem cor nem cheiro nem gosto e o qual o senhor de quatro faces (Brahma) tinha assegurado.

10. Então ele ficou absorto em meditação. Depois de realizar penitência terrível, ele pensou consigo mesmo três vezes: "Quem é esse?"

11. Enquanto ele estava meditando dessa maneira, uma sílaba eterna (imperecível) se manifestou. Ela era desprovida de qualquer som, toque, forma, gosto ou cheiro.

12. Então ele viu sua própria forma, a mais excelente nos mundos. Meditando no senhor, ele a viu novamente.

13. Ele viu que ela era branca, vermelha, amarela e preta. Ele examinou a cor. Ela não era nem uma mulher nem um eunuco.

14. Depois de conhecê-la, ele pensou sobre a sílaba por um tempo bem longo. Enquanto meditando desse modo, a sílaba saiu da garganta dele.

15. Ela consistia em um único *mātrā*. Seu som era muito alto. Ela era de cor branca e muito pura. Aquele *Omkāra* seria o Veda. A sílaba era realmente o próprio Maheśvara.[2]

16. Enquanto o autonascido Brahma estava contemplando, a cor vermelha se manifestou. Esse é conhecido como o primeiro Veda (ou *Deva*).

17. O Rigveda é o primeiro Veda que começa com as (palavras) "*agnimile purohitam*" (*Rg Veda* 1.1.1). Ao perceber esse Rk, Brahma o criador de mundos e de grande esplendor pensou, "O que é isso?"

---

[1] Esta exposição esotérica de *Om*, traçando-o até a criação de vogais (e consoantes também) e conectando 14 Manus com as 14 vogais, mostra como os pensadores purânicos tentaram enfatizar a importância do *Om* como a fonte de tudo.

[2] A identificação de Om, Brahman ou Vedas e Śiva aumenta a grandeza de Śiva nas mentes dos ouvintes.

18. Enquanto ele estava pensando, o Senhor, devido ao seu poder de Domínio, o transformou em uma sílaba de dois *mātrās*.

19. Então ele pensou no *Aksara* [sílaba] como consistindo em dois *Mātrās*. Esse se manifestou como vermelho. O Yajur-veda nasceu disso.

20. O mantra Yajur começa '*Hsetvā ūrjetvā vāyavastha devo vah savitāpunah'* (*Taittiriya Samhitā* 1.1.1 e 1.1.15). É declarado que o Rgveda (consiste) em um único *mātrā* e o Yajurveda em dois *mātrās*.

21. Ao perceber o Veda e o *Aksara* de dois *Mātrās*, o senhor Brahma meditou sobre o *Aksara* de dois *Mātrās*.

22. Enquanto ele estava contemplando, *Omkāra* apareceu. Então Brahma refletiu sobre o *Aksara Omkāra*.

23. Então ele observou o Rk amarelo que surgiu, começando com as palavras *"agna āyāhi vitaye grnāno havya dātaye"* (*Rig Vd* VI. 16. 10, também *Sāmaveda* 1.1)

24-26. Ele, o senhor de grande brilho, viu os Vedas presentes. Ele pensou sobre o *Aksara* três vezes durante as três junções (amanhecer, meio-dia, e crepúsculo). O *Aksara* que é chamado de Brahman o *Omkāra*, assume três cores durante os três períodos *Savana* [isto é, os três períodos do dia]. Devido ao contato com os três, aquele *Aksara* tinha três cores. Ele era perceptível, imperceptível e manifesto. Ele era triplo, simbolizando os três céus. Ele tinha três *Mātrās*, três mundos e três Yogas. Ele era eterno. Como o Senhor Brahma meditou naquele *Aksara*, ele era Brahma.

27. Ele tinha a forma do (deus) nascido por si mesmo. Ele viu o senhor de quatorze faces de esplendor brilhante. Depois de criar *Omkāra* no início, o deus Brahma nascido por si mesmo ficou visível.

28. Então, das quatro bocas do deus de quatro faces saíram quatorze letras - várias letras e vogais. Essa é a refulgente letra inicial. Dela sessenta e três letras têm a letra *A* no princípio.

29. Por isso para servir um propósito comum para todas as letras, o autonascido Brahma permaneceu na forma de "A" no início. Ela foi a primeira vogal.

30. Então, a partir daquelas vogais, nasceram quatorze Manus de faces grandes. Eles são os sons divinos no Manvantara.

31. A letra "*A*" que tem quatorze faces e que é conhecida como Brahma e que é igual a ele é chamada de Prajāpati. Ela existe em todas as letras.[3]

32. Da primeira face, nasceu Svāyambhuva Manu. Ele é conhecido como a letra "*A*" do autonascido Brahma. Sua cor é branca.[4]

---

[3] A linguística purânica acredita na existência de vogal "*A*" em todas as letras.

[4]

Número da face de Brahma	Letra do Alfabeto	Nome do Manu associado	Cor
1º	A	Svāyambhuva	Branca
2º	Ā	Svarocisa	Branca amarelada
3º	I Ī	O Sol (?) Yajurveda, Ksattriya *****Nenhum Manu citado para I e Ī	Vermelha
4º	U	Tāmasa	Cor de cobre
5º	Ū	Carisnava	Amarela
6º	Om	(Vijaya?)	Fulva
7º	R	Vaivasvata	Escura
8º	R (longo)	Sāvarnī	Azul escura
9º	L [?]	Dhumra	Esfumaçada
10º	L (longo)*	Savarnika	Similar como acima
11º	E	Piśañga Manu	Marrom avermelhada
12º	AI	Também Piśañga Manu	Marrom avermelhada com o brilho de Bhasma
13º	O	Não citado	Cinco cores
14º	AU	Sāvarni	Multicor

33. De sua segunda face a letra "*Ā*" nasceu. Ele é conhecido como o Svārocisa Manu. A cor dele é branca amarelada.

34. De sua terceira face nasceu a letra "I", o mais excelente dos Yajus. O sol consiste de Yajus do qual o Yajurveda se manifestou.

35. Aquele Manu é conhecido como a letra "ī". Ele é valoroso e de cor vermelha. Os Ksattras (a casta de guerreiros) atuam a partir dele. Por isso um Ksattriya é vermelho.

36. De sua quarta face nasceu a vogal "*U*". Ela é de cor de cobre. Ela é conhecida como Tāmasa Manu.

37. De sua quinta face nasceu a letra "*Ū*". Ela é de cor amarela. Ela é conhecida como Carisnava Manu.

38. Então de sua sexta face nasceu Omkāra. Ele era de cor fulva. Da sexta nasceu o muitíssimo superior *Vijaya* (Vitória) de grande penitência.

39. De sua sétima face nasceu a vogal "*R*". Ela é conhecida como Vaivasvata Manu. Ela é de cor escura.

40. De sua oitava face emergiu o "*R*" (longo). Devido à sua cor azul escura e devido a ele ser semelhante (em pronúncia sibilante?) a Śyā-ma, ele é chamado de Sāvarni.

41. De sua nona face nasceu a nona letra "*L*", [omitida na digitalização]. Ela tem a cor da fumaça e (o Manu?) é conhecido como "Dhūmra."

42. De sua décima face nasceu a letra "*L*" (longa). Ela é semelhante ao senhor e tem uma cor semelhante. Por isso ela é conhecida como Sāvarnika Manu.

43. De sua décima primeira face nasceu a letra "*E*". Ela é chamada de 'Manu'. Ela é de cor marrom avermelhada. Ela é conhecida como Piśañga (marrom avermelhado) Manu.

44. De sua décima segunda face nasceu a letra "*Ai*". Ela é marrom avermelhada com o esplendor de *Bhasma* (cinzas). Ela também é conhecida como Piśañga Manu.

45. A letra que nasceu de sua décima terceira face era chamada de letra "*O*", a qual, consistindo em cinco cores, supera todas.

46. A letra nascida de sua décima quarta face foi chamada de letra "*AU*". Ela é de diversas cores. Ela é conhecida como Sāvarni Manu.

47. Assim os Manus, letras e cores devem ser conhecidos precisamente com relação a Kalpa, pronúncia e letras.

48. As vogais são de cor similar. Elas são atribuídas a *Varnas* devido à sua semelhança em cor. Sua conexão lógica ou sequência natural está declarada.

49. Desde que nascidas no mesmo Kalpa, elas são da mesma cor, as junções (combinações, transições) dos Kalpas ou letras ocorrem em relação a entidades semelhantes.

50. Os grupos de letras são formados por seus lugares de expressão vocal (*sthānas*) como as distribuições de castas por sua igualdade profissional. Essa é a prática com relação às junções de vogais e à transição de Kalpas.

---

* Pānini não reconhece o L longo.

Essa relação tabelar mostra que:
(i) A lista de Manus é diferente da lista usual.
(ii) Os nomes de alguns Manus estão repetidos.
(iii) Algumas letras por exemplo, I, ī, O, Om não têm Manus presidentes.
(iv) O autor do Purāna impingiu o L longo no alfabeto embora nenhum gramático o aceite.

Capítulo 27: Nomes e Corpos do Grande Senhor[1]

Os sábios disseram:

1. A manifestação neste Kalpa do supremo Senhor Rudra de alma nobre junto com os sábios aspirantes espiritualmente foi citada por você. Agora vamos ouvir isso em detalhes.

Sūta narrou:

2. A origem da criação primordial foi narrada por mim brevemente. Agora eu descreverei em detalhes os corpos e nomes do Senhor Rudra.

3. O Senhor supremo gerou em suas esposas vários filhos no oitavo Kalpa que passou. Agora escutem.

4. No princípio do Kalpa, enquanto ele estava meditando sobre um filho que deveria ser seu igual, apareceu lá no colo dele um jovem de cor azul e vermelha. Ele segurou a ele que estava brilhando em esplendor e gritando terrivelmente.

5. Ao vê-lo chorando Brahma questionou rapidamente a criança Nīlalohita[2], "Por que você está chorando?"

6. O menino disse: "Ó avô, primeiro me dê um nome."[3] "Ó Senhor, você se chama Rudra". Embora dito dessa maneira, ele chorou novamente.

7. "Por que você chora?" Brahma lhe perguntou novamente porque ele chorava. O menino disse a Brahma, "Dê-me um segundo nome."

8. "Ó Senhor, você se chama Bhava." Ao ouvir isso ele chorou novamente. Brahma perguntou a Śañkara, "Por que você chora?"

9. "Dê-me um terceiro nome", ele respondeu a ele (Brahma). "Ó Senhor, você se chama Śiva", lhe foi falado. Mas ele chorou novamente.

10. "Por que você chora?" Brahma perguntou novamente enquanto ele chorava. Ele falou ao deus nascido por si mesmo, "Dê-me um quarto nome."

11. Ao ser dito "Ó Senhor, você é Paśupati (o senhor de *Paśus* – almas individuais)", ele chorou novamente. Quando ele chorou novamente, Brahma lhe perguntou, "Por que você chora?"

12. Quando dito "Dê-me um quinto nome", ele respondeu, "Ó Senhor, você é Īśa." Ao ouvir isso, ele chorou de novo.

13. "Por que você chora?" Brahma lhe perguntou enquanto ele chorava. Ele falou para o Deus, "Dê-me um sexto nome."

14. " Ó Senhor, você se chama Bhīma". Ao ouvir isso ele chorou novamente. Quando ele chorou novamente Brahma disse, "Por que você chora?"

15. "Dê-me um sétimo nome". Ao ouvir isso ele respondeu, "Ó Senhor, você se chama Ugra". Dito isso, ele chorou novamente.

16. "Por que você chora?" Brahma perguntou enquanto ele chorava. "Ó Senhor, dê-me um oitavo nome". Quando lhe foi falado, "Você é Mahādeva", ele parou (de chorar).

17. Depois de obter esses nomes de Brahma, o Senhor pediu, "Atribua corpos para esses nomes."

18-**19**. Então os seguintes corpos para esses nomes foram criados por Brahma. Estes eram o sol, a terra, água, fogo, ar, éter, o brâmane iniciado e a lua.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda Purāna* 1, seção 2. cap. 10, e diversos versos são comuns a ambos. O tópico deste capítulo – a forma óctupla – *asfamūrti* – de Śiva é popular em Purānas e literatura clássica.

[2] A identificação de Rudra e Agni é sugerida por esse epíteto.

[3] A lenda de Rudra chorando por um nome e do deus Brahma atribuindo um nome a ele, e a repetição dessa concessão de nomes por oito vezes é uma amplificação da mesma história no *Śatapatha Brāhmana* (6.3.1-18).

Esses (oito) têm sua fonte em Brahma. Rudra deve ser adorado e honrado nesses corpos. Assim (honrado e adorado) Rudra não prejudica.[4]

20-21. Então Brahma falou novamente para o senhor Nīlalohita: "Para seu segundo nome declarado como Bhāva por mim, o corpo será as águas". Quando isso foi dito, o elemento estável da natureza de *Rasa* (o componente linfático no corpo dele) entrou na água. Por isso a água é conhecida como *Bhava*.

22. Os seres vivos nascem das águas e são purificados por elas (eles são chamados de *Bhavas*). A criação de seres é por meio de produção e purificação.

23. Assim ninguém deve urinar ou evacuar os intestinos nas águas. Ninguém deve tomar banho nu ou cuspir na água.

24. Ninguém deve ter relações sexuais (nas águas). Ninguém deve realizar banho de cabeça. Ninguém deve olhar para a água de modo divertido enquanto velejando em barco ou permanecendo ainda na costa.

25. Visto que as águas formam o corpo sagrado de Bhava, elas não devem ser poluídas em lugar nenhum. Deve-se evitar águas pequenas (em quantidade) ou manchadas, insípidas ou de cheiro repugnante.

26. O oceano é a fonte de águas. Por isso as águas desejam o oceano. Ao fluírem para o oceano, as águas se tornam puras e nectáreas.

27. Por essa razão não se deve obstruir águas que desejam fluir para o oceano. O Senhor Bhava nunca prejudica uma pessoa que sempre se comporta desse modo com águas.

28. Brahma então falou para o senhor, "Para seu terceiro nome, o qual foi mencionado como Śarva[5], que esta terra seja o terceiro corpo."

29. Quando isso foi proferido, a parte firme e estável do corpo chamada de osso (sistema) entrou na terra. Por isso a terra é chamada de Śarva.

30. Portanto nenhum homem sábio deve deixar fezes ou urina na sombra ou em trilhas. Ele não deve urinar em sua própria sombra.

31. Ele deve evacuar os intestinos depois de cobrir sua cabeça e o chão com grama. Aquele que se comporta assim com a terra não é prejudicado por Śarva.

32-34. Então Brahma se dirigiu ao Senhor Nīlalohita: "Para seu quarto nome designado como Īśāna por mim, o vento será o quarto corpo." Assim que isso foi dito, o vento (ar vital) que estava posicionado nele em cinco formas e é chamado de Prāna entrou em Vāyu. Por isso Vāyu é chamado de Īśāna. Assim não se deve censurar ou insultar o vento, o próprio Deus, quando ele sopra violentamente.

35. Então Brahma falou para o Senhor Dhūmralohita. "Para seu quinto nome Paśupati, que o fogo seja o quinto corpo."

36. Quando isso foi dito, Agni (deus do fogo) entrou no elemento ígneo no corpo. Por isso Paśupati é chamado de Agni.

37. A lua é chamada de Soma. O grupo de ervas medicinais é seu Atman. Mahādeva não mata uma pessoa que, durante o dia de lua cheia ou de lua nova, adora o senhor dessa forma.

38. O sol protege as pessoas durante o dia e a lua à noite. Durante uma noite (uma vez por mês) o sol e a lua se unem e esse é o dia de lua nova. Deve-se estar sempre em comunhão com o senhor nesse dia.

39. Todo esse (universo) é permeado por esses corpos e nomes (de Rudra). O sol que se move sozinho também é chamado de lua[6].

40. É devido à luz do sol que as pessoas vêem com seus olhos. Rudra, na forma resplandecente do sol, bebe água com seus raios.

---

[4] Parece que alguns versos estão faltando nesse texto porque nenhuma menção é feita do primeiro corpo dele. Os versos que faltam podem ser correspondentes ao *Brahmānda Purāna* 1, seção 2, cap. 10, vv. 21-28.

[5] Há uma diferença nos nomes – no v. 9 ele é 'Śiva' enquanto aqui no v. 28 ele é 'Śarva' como no *Brahmānda P*.

[6] *Rudra* no *Brahmānda P*. 1, sec. 2, cap. 10, v. 66 é uma leitura melhor.

41. Comida e águas são ingeridas e bebidas. O corpo (de Bhava) cresce e viceja por meio dessas.

42. É com o corpo dele chamado terra que ele sustenta todas as pessoas com uma mente estável. É o corpo chamado Śārvī [ou Sarva] que sustenta os indivíduos.

43. Enquanto o corpo gasoso de Īśāna está colocado nos corpos dos seres vivos junto com as funções do ar vital, ele é a respiração vital dos seres.

44. Aquilo que digere a comida e bebidas ingeridas e bebidas, nos estômagos dos seres vivos, é chamado de poder de Paśupati. Ele é chamado de poder digestivo.

45. Os poros dentro dos corpos, que existem para facilitar o movimento livre do vento, constituem o corpo chamado Bhima.

46. Os explicadores dos Vedas iniciados em sacrifícios têm seus corpos na forma de Ugra. Ugra é, portanto, conhecido como Dīksita (Yajamāna iniciado).

47. Aquilo que concebe e pensa e existe igualmente entre as pessoas é o corpo mental. Ele é conhecido como a lua residindo entre os seres.

48. A lua nasce repetidas vezes emergindo revigorada todo tempo. Ela é levada[7] conforme o desejo deles por Devas e Pitris. Ela é conhecida como o grande senhor de natureza nectárea, cheio de água.

49. Do primeiro corpo do senhor conhecido como Rudra[8] e simbolizado pelo sol, a esposa é Suvarcalā e o filho é Śanaiścara (Saturno).

50. Do segundo corpo do senhor conhecido como Bhava e simbolizado pela água, a esposa é Usā e Uśanas (o planeta Vênus) o filho.

51. Do terceiro corpo do senhor conhecido como Sarva e simbolizado pela terra a esposa é Vikeśī e Aṅgāraka (Marte) o filho.

52. Do quarto corpo do senhor conhecido como Īśāna e simbolizado pelo vento, a esposa é Śiva e Manojava o filho.

53. O corpo de Paśupati que é lembrado (proclamado) como Fogo pelos duas-vezes-nascidos, tem Svāhā como sua esposa e Skanda como o filho.

54. O éter (Akāśa) é chamado de corpo Bhīma, seu sexto nome. Quadrantes são lembrados como suas esposas e Céu (Svarga) como o filho.

55. Do sétimo corpo do Deus conhecido como Ugra e simbolizado pelo sacrificador, a esposa é Dīksā (iniciação) e Santāna é o filho.

56-57. O oitavo corpo do grande Deus é conhecido como a Lua. Sua esposa é Rohinī e Budha é lembrado como o filho. Eles devem ser saudados e reverenciados com respectivos nomes para cada corpo.

---

7 O *Brahmānda P*. 1, sec. 2,10.75 lê '*ptyate*' 'é bebida', uma leitura melhor.

8 Os versos 49-60 dão os nomes das formas de Śiva, seu domicílio ou corpo atribuído a ele, designação daquele corpo, nome de sua consorte e o nome de seu(s) filho (s). A relação tabelar seguinte das oito formas irá esclarecer os versos acima:

Nome ou Forma de Śiva	**Domicílio ou Forma ou Corpo designado**	**Nome do Cônjuge**	**Nome (s) do Filho (s)**
1. Rudra	O Sol, isto é, Calor ou Prāna	Suvarcalā	Śanaiścara (Saturno)
2. Bhava	Água	Usā (Dhatri no Brahmānda P.)	Uśanas (Vênus)
3. Sarva	A terra	Vikeśī	Aṅgāraka (Marte)
4. Īśāna	O vento	Śiva	Manojava
5. Paśupati	O fogo	Svāhā	Skanda
6. Bhīma	O éter (Akāśa)	Quadrantes	Svarga
7. Ugra	O sacrificador (Diksita)	Dīksā	Santāna
8. Mahādeva	A lua	Rohinī	Budha (Mercúrio)

Será percebido que as residências do nome de Nīlalohita são as oito formas de Śiva, que são: os cinco *Mahābhūtas* (elementos grosseiros), Pranas e a mente (representada pela lua). O nosso texto não dá a designação desses *mūrtis* como dada no *Brahmānda P*.

58. Por devoção a esses corpos e aos nomes do Senhor, isto é, o Sol, as Águas, a Terra, Vento, Fogo, Éter, Sacerdote iniciado e a Lua, o devoto atinge *Sāyujya* [união] com o próprio Senhor.

59. Assim a glória secreta do senhor terrível foi narrada para vocês. Prosperidade para nós os bípedes. Prosperidade para nossos quadrúpedes.

60. Desse modo a origem dos corpos do Senhor Mahādeva junto com suas designações foi narrada. Agora ouçam a progênie de Bhrgu.

Capítulo 28: Famílias de Sábios[1]

Sūta disse:

1. Khyāti deu à luz para Bhrgu os senhores santos Dhātr e Vidhātr que vivem do começo ao fim do Manvantara. Eles eram mestres da felicidade e tristeza e concedem resultados auspiciosos e inauspiciosos para seres vivos.

2. A irmã mais velha deles, a deusa pura Srī, a purificadora de mundos, obteve o auspicioso senhor Nārāyana como seu marido, e deu à luz dois filhos: Bala (Força) e Utsāha (Energia).

3. Aqueles percorredores do céu, que pilotam as carruagens aéreas de Devas e seres meritórios, nasceram para ela como filhos mentais.

4-5. Ela teve duas filhas, Ayati e Niyati, que são lembradas como as esposas de Vidhātr e Dhātr. Elas tiveram dois filhos Pāndu e Mrikandu. Eles eram firmes em votos religiosos, eternos e os verdadeiros tesouros do conhecimento Védico. Mārkandeya nasceu de Mrikandu com Manasvinī.

6. Vedaśiras era seu filho nascido de Mūrdhanyā. Os filhos nascidos para Vedaśiras em Pīvarī se estabeleceram na linha familiar. Eles eram conhecidos como Mārkandeyas. Eles eram videntes e mestres dos Vedas.

7. Pāndu gerou de Pundarīkā um filho, Dyutimān. Dois filhos nasceram para ele, isto é, Dyutimanta e Srjavān. Os filhos e netos deles tiveram alianças com os descendentes de Bhrgu. Escute a progênie de Marīci quando o Svāyambhuva Manvantara tinha passado.

8. A esposa de Marīci deu à luz um filho Pūrnamāsa. Saiba que estas filhas também nasceram, isto é, Kusti, Prati, Tvisā e a bela Apaciti.

9. Pūrnamāsa gerou de Sarasvatī dois filhos, Virajas e o virtuoso Parvasa.

10. O filho de Virāja, Sudhāman, era famoso como erudito Vairāja. O filho de Sudhāman recorreu (e se instalou) no quadrante leste.

11. Ele era o filho de Gaurī e um governante valoroso, virtuoso dos mundos. Parvasa tinha grande fama e ele era o mais mais excelente de todos os Ganas.

12. Parvasa gerou de Parvasā dois filhos gloriosos, Yajñavāma e Kāśyapa. Esses dois filhos íntegros estabeleceram a linhagem deles.

13-14. Smrti, a esposa de Añgiras, deu à luz dois filhos e quatro filhas que eram piedosos e renomados no mundo. Elas (as filhas) eram Sinivālī, Kuhū, Rākā e Anumati. Os filhos eram dois, isto é, Bharatāgni e Kīrtimān.

15. Samhūti deu à luz o filho de Agni (de Bharatāgni?) o Senhor Parjanya. Outro Parjanya chamado Hiranyaromā nasceu de Marīci. Ele é conhecido como o guardião do mundo permanecendo até dissolução final do mundo.

16. Para Kīrtimān, Dhenukā teve dois filhos piedosos - Varistha e Dhrtimān. Eles eram os mais excelentes do descendentes de Añgiras.

17-19. Os filhos e netos deles, que existiram aos milhares, passaram. Anasuya deu à luz cinco filhos impecáveis com Atri, e uma filha chamada Śruti, a mãe de Sañkhapada. Ela era a esposa de Kardama, filho de Pulaha, o Patriarca. Os cinco filhos de Atri são glorificados (enumerados) dessa maneira: Satyanetra, Havya, Apomūrti, Śanīśvara e o quinto era Soma. No fim do Svāyambhuva Manvantara eles desapareceram junto com os deuses Yama.

20. Os descendentes de Atri e os filhos e netos deles existiram às centenas e aos milhares. Eles viveram até o fim do Svāyambhuva Manvantara.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P.* 1, sec. 2, cap. 11, até textualmente. Ele trata da progênie dos sete sábios famosos como Bhrgu, Añgiras, Atri, Pulaha e outros. Ele cita seus descendentes importantes. O texto relata a posição (dos descendentes) no Svāyambhuva Manvantara.

21. Dattāli era o filho de Pulastya com sua esposa Prīti. No nascimento prévio dele, no Svāyambhuva Manvantara, ele era conhecido como Agastya. Devabāhu era o do meio e Vinīta era o terceiro filho de Pulastya.

22. A irmã mais nova deles, isto é, Sadvatī, era bem conhecida. Ela é lembrada como a ilustre e pura esposa de Agni (isto é, Bharatāgni) e mãe de Parjanya.

23. A esposa de Dattāli, o filho religioso e inteligente de Pulastya e Prīti, gerou muitos filhos: Sujañgha e outros. Eles ficaram famosos como Paulastyas (os descendentes de Pulastya).

24. Ksamā deu à luz os filhos de Pulaha. Eles tinham refulgência ígnea e eles estabeleceram sua reputação.

25. Eles eram Kardama, Ambarīsa, Sahisnu, Rsi e Dhanakapīvān. Uma filha auspiciosa, Pīvari, também nasceu.

26. A esposa de Kardama, Śruti, filha de Atri, deu à luz um filho Śañkhapada e uma filha Kamya.

27. O glorioso Śañkhapada era um Prajāpati e soberano dos mundos. Depois de dar Kāmyā (em matrimônio) para Priyavrata, ele se estabeleceu na região sul.

28. De Priyavrata, Kāmyā teve dez filhos iguais a Svāyambhuva Manu e duas filhas que aumentaram a classe Ksattriya.

29. Os filhos Dhanakapīvān e Sahisnu ficaram famosos. Assim também Yaśodhārin, Kāmadeva e Sumadhyama.

30. De Rtu nasceu um filho igual a Kratu e a progênie era auspiciosa. Eles não se casaram e permaneceram celibatários. Eles eram sessenta mil em número e conhecidos como Vālakhilyas.

31. Eles cercam o sol e vão à frente de Aruna. Eles permanecerão viajantes-companheiros do sol até o universo ser finalmente dissolvido.

32. Duas irmãs mais novas eram Punyātmā e Sumati. Elas eram as noras de Parvasa, filho de Pūrnamāsa.

33-**34**. Sete filhos nasceram para Vasishtha em Drjā. A irmã mais velha deles era a dama Pundarīkā de cintura fina, que era a mãe de Dyutimān e a esposa de Pāndu. Os irmãos mais novos dela eram sete. Eles eram famosos como Vāsishthas.

35. Eles eram Rajas, Putra, Ardhabāhu, Savana, Adhana, Sutapas e Śukla. Eles são conhecidos como sete sábios.

36. A filha famosa de Mārkandeya deu para Rajas um filho conhecido como Prajāpati Ketumān, um rei na região ocidental.

37-**38**. Vāsishthas são conhecidos por seus nomes Gotra. As linhagens dos Vasishthas de alma nobre desapareceram no Svāyambhuva Manvantara.
Ouçam a progênie de Agni.

Desse modo a criação de sábios foi narrada junto com seus acompanhantes. Daqui em diante, escutem a progênie de Agni em detalhes e na ordem apropriada.

Capítulo 29: Progênie de Agni[1]

1-2. Um filho mental de Brahma era o deus que se identifica com Agni (o deus do fogo) no Svāyambhuva Manvantara. Svāhā teve com ele três filhos:[2] Pāvaka, Pāvamāna e Śuci ou Śaura (fogo solar).

3. Pāvamāna é o fogo que é obtido depois de agitar (o *Arani*). Śuci é lembrado como o fogo solar. Pāvaka é o fogo que se origina do raio. Esses são os domicílios (específicos) deles.

4. O filho de Pāvamāna é chamado de Kavya-vāhana. De Pāvaka nasceu Saharaksa. Havyavāha era o filho era de Śuci.

5. Havyavāha é o fogo de Devas. Kavyavāha é o fogo de Pitris. Saharaksa é o fogo de Asuras. Esses são (assim) os três fogos que pertencem aos três (isto é, Devas, Pitris e Asuras).

6. Os filhos e netos deles são quarenta e nove em número. Eu citarei suas divisões separadamente por (mencionar seus) nomes.

7. Vaidyuta[3], o fogo profano, foi o primeiro filho de Brahma. O filho dele, Brahmaudanāgni, era famoso (pelo nome) Bharata.

8. Vaiśvānara e outros foram os filhos dele. Eles eram Mahar, Kāvya e Apām-rasa. Amrtawas agitou primeiro no oceano Puskara[4] por Atharvan. Aquele Atharvan é o fogo terrestre. Dadhyañ[5] era o filho de Atharvan.

9. Atharvan será conhecido como Bhrgu e Añgiras como o filho de Atharvan. Por isso é que o fogo mundano Dadhyañ era o filho de Atharvan.

10. Agora o fogo Pāvamāna[6], o qual é lembrado pelos sábios como *Nirmantha* (gerado por batimento [ou agitação]) deve ser conhecido como fogo *Gārhapatya* do qual nasceram dois filhos.

---

1 Nesse capítulo funções ritualísticas do Fogo são representadas como tantos deuses do fogo e a correlação desses é organizada em uma forma genealógica. Na realidade é uma concepção Védica apresentada aqui de um modo popular.

2 As relações dos seguintes fogos ficarão claras a partir da seguinte tabela genealógica:

Agni=Svāhā		
Pāvamāna (= Gārhapatya) Nascido de Arani (veja o Rig Vd. III. 29.2)	Pāvaka (= Daksināgni) Nascido da água ou raio (Vaidyuta)	Śuci (=Ahavaniya) Fonte O deus do sol
Kavya-Vāhana (Pertence aos Pitris)	Saha-raksa (Pertence aos Asuras)	Havya-Vāhana (Pertence aos Devas)

3 O grupo do fogo Vaidyuta é organizado como segue:

Vaidyuta (Fogo)
↓
Brahmaudana ou Bharata
↓ ↓ ↓
Vaiśvānara **Kāvya** **Apām-rasa**

Agni é chamado de Bharata porque ele fornece Havya para os deuses. (*Śatapatha Brāhmana* I. 4.2.2) Essa genealogia desse modo identifica: Brahmaudana=Bharata=Vaisvanara.

4 Essa é uma referência ao Rig V. v.i. 16. 12, onde é dito que Agni foi batido a partir de Puskara. Desse modo Puskara = Águas. O *Śatapatha Brāhmana* VII. 4.1-13 explica, além disso, que quando Indra ficou amedrontado depois de matar Vrtra, ele recorreu às águas. Elas (as águas) lhe ofereceram sua seiva (*aparh rasah*) e criaram uma cidade (*pur*) para ele. Por isso a água veio a ser chamada de *Puskara.*

5 *Dadhyan* está relacionado etimologicamente com *dadhi,* que de acordo com o Śatapatha Brāhmana 7.5-1 é um símbolo da terra ou Matéria. Provavelmente ele está relacionado com Daksināgni.

11. Śamsya é o fogo *Āhavaniya* que é conhecido como *Havyavāhana*. Seu segundo filho é apontado como Śukra que é consagrado por recitar Mantras sagrados.

12. *Sabhya* e *Avasathya* foram os dois filhos do fogo Śamsya. Śamsya *Havyavāhana,* que é conhecido como o fogo *Āhavaniya* pelos brâmanes, amou dezesseis rios.[7]

13-14. Eles eram Kāverī, Krishnavenī, Narmadā, Yamuna, Godāvarī, Vitastā, Candrabhāgā, Irāvatī, Vipāśā, Kauśiki, Śatadru, Sarayū, Sītā, Sarasvati, Hrādinī e Pāvanī.[8]

15. Ele se dividiu em dezesseis partes separadas entre eles e se depositou naqueles *dhisnis* [residências, isto é, lugares de fogo].

16. *Dhisnis* se movem no céu. Aqueles que nascem neles são chamados de *Dhisnis*. Eles são proclamados como *Dhisnis* porque eles nascem em *Dhisnis*.

17. Por isso aquele filhos dos rios nasceram em *Dhisnis*. Deles alguns fogos são *Viharaniya* (portáteis) e alguns são *Upastheya* (para serem adorados em seus lugares ou residências).[9] Ouçam, eu os explicarei sucintamente e precisamente.

18. Rtu, Pravāhana e Agnīdhra são os *Dhisnīs* na frente. Outros são ordenados conforme seus assentos na ordem do sacrifício no dia quando o suco Soma é extraído.

19. Escutem a ordem dos fogos, os nomes dos quais não são mencionados antes.[10] O fogo Samrāt é o fogo posicionado no segundo *Uttara-vedi*.

20. O fogo Samrat é proclamado como óctuplo (em forma?). Brâmanes os adoram. Abaixo dele está o segundo fogo Parsad.

21. Quando os mantras "*Pra tadvoce nabhah*" etc. são repetidos quatro vezes aquele fogo é concebido. O fogo chamado *Brahma-Jyoti-Vasu* é referido. Ele tem seu domicílio na região de Brahma.

---

[6] **Pāvamāna (= Garhapatya Agni)**
↓ ↓
Śamsya **Śukra**
(Fogo Ahavaniya = Havyavāhana)
↓ ↓
Sabhiya **Avasathya**

Sabhya é o fogo mantido queimando no salão de recreação para difundir calor para pessoas reunidas (Medhatithi sobre *Manu* III. 185). Como o fogo Garhapatya, ele é produzido por fricção (*Kaiyayana Srauta Sūtra* IV. 9. 20). *Avasathya* é o fogo para ser mantido no quarto de hóspedes.

[7] Esse é um modo poético de descrever a expansão do culto-Yajña. Ele cobre a área geográfica da Ásia Central do rio Sita ou o Tarim até o Kāverī no Sul da Índia. Os mapas políticos modernos da Índia não mostram a Índia como conhecida nos Purānas.

[8] Os seguintes são os nomes modernos da lista de rios dada nos vv. 13-14: Krishna-Veni (o Krishna), Vitasta (o Jhelum), Candrabhaga (o Chinab), Iravati (o Ravi), Vipasa (o Beas), Satadru (o Sutlej), Kausiki (o Kosi), Sita (o Tarim-Yarkand), Hradini (o Brahmaputra?), Iavant (o Ghaggar).

[9] O autor classifica fogos Dhisnya em (1) *Viharaniya* e (2) *Upastheya*. O *Dhisnya* era um altar lateral de uma pilha de terra coberta com areia. Fogo era colocado sobre o altar. Em sacrifícios *soma*, esses fogos eram colocados entre o altar (*Vedi*) do Srauta Yajña e o *Uttara-Vedi* destinado para sacrifício soma. A designação *Upastheya* é dada a esses fogos porque eles eram para serem aproximados em seus lugares fixos no *Uttara-Vedi.* Os fogos *Viharaniya* eram assim chamados porque eles podiam ser levados para qualquer local considerado necessário no dia do Yajña.

[10] Os versos 19-24 dão a lista de **fogos *Upastheya*** como segue:

1. *Samrād agni* também chamado *Kriānu*.
2. *Parsad* (mas o Matsya P. o chama de *Parjanya*). O Matsya menciona fogos *Samuhya* mas nosso texto os omite.
3. *Brahma-jyotih* (chamado *Vasudhāmā* no *Matsya* P.). Se a leitura *Vasudhaman* do *Matsya* 51-21 em lugar de *Vasumāma* em nosso texto for aceita, isso significaria "o fogo *Brahma-jyotih*", outro nome do qual é *Vasudhāman* está no lugar do Brahman.
4. *Sāmitra*: A leitura no *Matsya* (idem) significa, "O fogo *Havyasuda* também é chamado de *Samitra* e *Assamrjjya*."
5. *Ajaikapāda* também chamado *Śālāmukhīya*..
6. *Ahirbudhnya* também chamado *Anuddeśya*.
O fogo *Sata-dhama* cognome *Svarjyoti* na lista do *Matsya* P. não é encontrado em nosso texto.

22-23. Um fogo que não tem associação com os fogos celestiais ou sacrificais tem uma residência na área de cremação. É dito que o fogo terrestre do oceano reside na região de Brahma. O fogo resplandecente Rtudhāmā vive na madeira Udumbara. (Linha repetida) é dito que o fogo chamado *Brahma-jyoti-Vasu* reside na região de Brahma.

24. Ajaikapāt é o fogo *Upastheya*. Seu lugar é em frente ao salão sacrifical. Ahirbudhnya é o fogo *Anuddeśya* (não aceso?). Aquele fogo é proclamado como Grhapati.

25. Todos os filhos do fogo Śamsya são considerados como *Upastheya* por brâmanes. Eu explicarei agora os *Viharaniyas* e seus oito filhos.[11]

26. Kratu, Pravāhana e Agnīdhra são os Dhisnis lá. No dia quando o suco Soma é extraído, eles são levados para seus lugares.

27. O fogo que é lembrado como o filho de Pautra, aquele carregador de Havya, é chamado de fogo Śānti ou Pracetas ou Satya. Ele é o segundo fogo.

28. É dito que o fogo Viśvadeva está em *Brahma-sthāna* [isto é, no lugar onde o senhor Brahma o criador reside]. É concebido que Avaksu, o filho de Acchāvāka, está na posição da terra (*Bhū*).

29. O fogo poderoso Uśīra é considerado como o filho de Nesthīya. O oitavo fogo Vyaratti é proclamado como o filho de Mārjāli (?).

30. Dhisnyās são Viharaniyas (portáteis?) por Saumya (?) e outro. Deles aquele que é chamado Pāvaka é o feto das águas.[12]

31. Deve ser conhecido como "*Avabhrtha*" aquele fogo que é adorado corretamente por oblações nas águas. O fogo *Hrcchaya* é seu filho, ele é o fogo posicionado na barriga de homens.

32. Manyumān, o fogo erudito, é o filho do fogo Jāthara (Gástrico). Aceso mutuamente aquele fogo é o senhor dos seres vivos.

33. O filho do fogo Manyumān é o terrível fogo *Samvartaka*. Aquele fogo de face de égua fica no oceano consumindo suas águas.

34. Saharaksa é o filho do fogo submarino. O filho de Saharaksa, Ksāma, queima habitações humanas.

35. O fogo *Kravyāda* é seu filho. Ele consome os mortos. Esses são os filhos, isto é, os descendentes do fogo Pāvaka.

36. O fogo Śuci, filho do Sol, foi aceso por Gandharvas e Asuras por agitarem o a madeira *Arani*.[13]

37. O senhor Ayus é o fogo consagrado no animal. Mahiman era o filho de Ayus e o filho dele se chama Śāvāna.

38. O fogo que se identifica (com ele) na cozinha e sacrifícios é conhecido como Savana. O filho do fogo Savana era o famoso Adbhuta.

39. Vivici é conhecido como o grande filho de Adbhuta. Ele sempre consome as oferendas em ritos expiatórios de pecadores.

---

[11] Os fogos *Viharaniya* são oito em número. Mas as listas deles em nosso texto e no Matsya P. são diferentes. Esses fogos portáteis (viharaniya) são considerados como os filhos dos fogos estacionários. A lista de fogos *Viharaniya* em nosso texto é a seguinte: **1.** Pravāhana, **2.** Śānti ou Pracetas ou Satya, **3.** Visvadeva, **4.** Avaksu, **5.** Uśīra, **6.** Vyaratti. Dois nomes mais estão faltando nessa lista, mas o Matsya 51 dá só quatro nomes e não pode fornecer os nomes que faltam.

[12] Os versos 30-35 dão os seguintes 'descendentes' do fogo Pāvaka: Pāvaka→Avabhrtha→Hrcchaya→Manyumān→Samvartaka→Saharaksa→Ksāma→Kravyāda.
A lista de Agnis (Filhos de Brhaspati) no ***Mahābhārata***, Vana P. cap. 218, embora similar a essa lista, não é sistemática e provavelmente é posterior. O mesmo pode ser dito da lista no *Matsya Purāna* 51.

[13] Os versos 36-41 dão os seguintes 'descendentes' de Śuci (o Filho do Deus-Sol): Śuci→Ayus→Mahiman→Sāvāna (fogo de cozinhar como também sacrifical) → Adbhuta→Vivici→ Arka→ Anikavān, Asrjavān, Raksobha, Pitrkrt, Surabhi, Rukmavān. O *Matsya P*. adiciona Vira como o filho de Adbhuta.

40. O filho de Vivici era Arka e os filhos dele são Anīkavān, Asrjavān, Raksohā, Pitrkrt, Surabhi e Rukmavān. O último reside em ouro, jóias e outros materiais brilhantes.

41. Os quatorze fogos são a progênie do fogo Śuci. Esses são chamados de Vahnis. Eles são consagrados por recitar mantras em sacrifícios.

42. No Manvantara chamado Svāyambhuva, na primeira Sarga (criação), esses fogos que eram *Abhimānins*, tinham passado junto com os Yāmas, os melhores dos Devas.

43. No Manvantara anterior, esses fogos eram aqueles que se identificaram com suas residências chamadas *Viharaniyas*, sensíveis e não sensíveis.

44. Esses (fogos) foram atribuídos aos três tipos de Karmas, isto é, *Kāmya* (aqueles que dependem de desejo), *Naimittika* (ocasional) e constante (*Nitya*). No Manvantara prévio eles passaram junto com seus filhos.

45-46. Assim as residências e os residentes foram explicados por mim. Através deles somente, as características dos fogos dos Manvantaras passados e futuros foram enumeradas. Todos eles são lembrados como ascetas, aqueles que realizaram banho Avabhrtha [purificação ou ablução do sacrificador e recipientes sacrificais depois de um sacrifício], senhores de súditos e luminosos.

47. Nos sete Manvantaras de Svārocisa até Sāvarni, eles serão conhecidos por suas diferentes formas e propósitos em todos os Manvantaras.

48. Os fogos presentes existem com os Devas presentes e os fogos futuros com os Devas futuros.

49. Desse modo a instrução sobre o deus do fogo foi comunicada a vocês precisamente. Agora a descrição dos Pitris (espíritos dos mortos) será narrada em detalhes e na devida ordem."

Capítulo 30: A Maldição de Daksa[1]

Sūta disse:

1. Mesmo enquanto Brahma estava criando filhos antigamente no Svāyambhuva Manvantara, águas[2], seres humanos, Asuras e Devas nasceram.

2. Enquanto ele pensava em Pitris (literalmente, como Pitris), os Pitris (Espíritos dos Mortos) nasceram. A criação deles foi descrita antes. Seus detalhes estão sendo narrados agora.

3. Ao ver a criação de Devas, Asuras e seres humanos, o senhor Brahma falou[3] (para si mesmo, isto é, concebeu uma nova criação). Enquanto ele pensava em Pitris, eles nasceram.

4. As seis estações (a primavera etc.) são chamadas de Pitris. O Śruti Védico declara: "As estações são o Pitr-Devas".[4]

5. Em todos os Manvantaras, passados e futuros (o mesmo é repetido). Antigamente esses nasceram no Manvantara auspicioso (chamado) Svāyambhuva.

6. Eles (Pitris) são conhecidos pelos nomes *Agnisvāttas*[5] e *Barhisadas*. Aqueles deles que eram chefes de família mas não realizavam *yajnas* são lembrados como *Agnisvāttas*. Eles não eram *Ākitāgnis* (que mantêm regularmente o fogo sagrado).

7. Aqueles (dos Pitris) que realizavam sacrifícios (e espremiam suco Soma) são os Pitris chamados *Soma-pithins*. Aqueles Pitris que mantinham o fogo sagrado (enquanto na terra) são lembrados como *Barhisad Pitris*. Nas escrituras, a resolução que estações são os *Pitr-devas* é aprovada.

8-9. Os meses de *Madhu* e *Mādhava* (Caitra e Vaisakha) devem ser conhecidos como *Rasas* (suculentos); aqueles de *Śuci* e *Śukra* (Jyestha e Asādha) são Susmins (brilhantes). Aqueles de *Nabhas* e *Nabhasya* (Śrāvana e Bhādrapada) são citados *asjivas*; aqueles de *Īśa* e *Ūrja* (Aśvina e Kārtika) são ambrosíacos; aqueles de *Saha* e *Sahasya* (Mārgaśirsa e Pausa) são chamados de *manyumān* (furiosos) e aqueles de *Tapas* e *Tapasya* (Māgha e Phālguna) são terríveis e frios.[6]

10. Os períodos de tempo (chamados estações) são seis. Nelas estão incluídos (períodos de tempo chamados) meses. É dito que essas estações são sensíveis e não sensíveis.

11. As estações são os filhos de Brahma. Elas se identificam com os meses e quinzenas como suas posições.

12-13. Pela mudança de seus domicílios, esses *Abhimānins* (divindades que se identificam) serão reconhecíveis. Dia, noite, mês, estações, trânsitos tropicais do sol

---

1 A história da destruição do sacrifício de Daksa é semelhante àquela no *Mahabh*. Śanti cap. 284, porque muitos versos são comuns a ambos os textos. Mas aqui, na introdução, nós temos uma discussão sobre o conceito de Tempo, as estações e Pitris.

2 [O *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2, cap. 13, v. 1 tem: "Mesmo enquanto Brahma estava criando filhos antigamente no Svāyambhuva Manvantara, seres humanos, Asuras e Devas nasceram dos membros dele."] *gatratah* 'dos membros' é uma leitura melhor.

3 *Abhyamanyata* (*Brahmānda P*. 1, sec. 2, cap. 13. v. 3) 'orgulhou-se deles.'

4 A identificação das estações (*Rtus*) com Pitris é tão antiga quanto o *Taittiriya Brāhmana* (1.4.10.8) que afirma: 'Rtus são Pitris. Eles ofereceram *Pitr-yajña* para Prajāpati, o pai deles'. A identificação de *Rtus* e Pitris é endossada por *Manu* III. 217: [...(o sacrificador) que conhece os textos sagrados deve adorar (os deuses guardiões das) seis estações e os espíritos dos mortos.]
Veja também os vv. 7, 11 abaixo.

5 Para a classificação dos Pitris veja acima a pág. 11, nota 20.

6 A nomenclatura Madhu, Madhava etc. para os meses modernos Caitra, Vaisakha etc. é a original e a mais antiga (*History of Dharma Sāstra* V., Kane, Parte I, pág. 668).

(um semestre) e ano constituem os domicílios das divindades. Nimesas, Kalās, Kāsthās, Muhūrtas, dias e noites constituem as unidades de tempo.

14. Como esses estão posicionados neles ou como esses se identificam com eles, eles são conhecidos como identificadores. Eu os explicarei. Entendam.

15. As unidades de tempo são os *Tithis* de Parvans, as junções; as quinzenas são as metades de meses: duas quinzenas fazem um mês e dois meses constituem um *Rtu* (estação).

16. Três estações constituem um *Ayana*. Os dois *Ayanas*, o do sul e o do norte, constituem um ano que é um período fixo (*Sumeka*). Tais são as posições de identificadores.

17. Os filhos da estação são cinco (isto é, seres humanos, quadrúpedes, pássaros, répteis e árvores). Eles são caracterizados pelas mudanças sazonais deles.

18. Visto que os seres móveis e imóveis nascem de *Ārtavas* (mudanças sazonais, menstruação etc.), as mudanças sazonais são seus pais e as estações são os avôs.

19. É de *Sumeka*[7] (período fixo de tempo) que os seres nascem e morrem. Por isso *Sumeka* é lembrado como o bisavô dos súditos.

20. Devido a eles terem o mesmo nome, as mesmas essências e a mesma natureza, *Sthānins* (deuses que residem em uma *Sthāna* ou unidade de tempo) são declarados como sendo idênticos aos *sthānas*.

21. Ele que é conhecido como Prajāpati é um ano. Um ano é Agni. Ele também é chamado de Rta por brâmanes.

22. Como elas nascem de Rta, as estações são chamadas de Rtus. Os meses também nascem delas. As Rtus são seis em número e os cinco *Ārtavas* são seus filhos.

23. O período florescente de bípedes, quadrúpedes, pássaros, répteis e seres imóveis é chamado de *Kālārtava* (a mudança sazonal?).

24. O estado de ser Rtu e Ārtava é declarado como paternidade. Por essa razão as estações e Ārtavas devem ser conhecidos como Pitris.

25. Visto que os seres são nascidos deles pelo *Rtu-Kāla* (período favorável para concepção, o período Rtu), esses Ārtavas também são Pitris - assim nós ouvimos (isso informado).

26. As (divindades) identificadoras com Kāla (período de tempo) continuam a permanecer em todos os Manvantaras condicionadas e reguladas por sua identificação com suas posições.

27. Os Pitris são de dois tipos, os *Agnisvāttas* e *Barhisads*. Duas filhas famosas nasceram dos Pitris.

28. Elas eram Menā e Dhārinī, ambas as quais sustentavam o universo. Ambas eram belas, explicadoras dos Vedas e preceptoras de Yoga. Os Pitris deram ambas as suas filhas para o aumento de Dharma.

29. Menā era a filha nascida da mente dos *Agnisvāttas*. Dhārinī era a filha nascida da mente dos *Barhisads*.

30. Os *Barhisads*, conhecidos como *Somapithins,* deram Dhārinī para Meru em casamento.

31. *Agnisvāttas* deram Menā para o Himalaia como esposa. Seus netos eram conhecidos. Agora escutem (aos detalhes) dos netos.

32. Menā, a esposa de Himavat, deu nascimento a Maināka e ao (rio) Gañgā que se tornou a esposa do Mar salgado. O irmão mais novo de Maināka era Krauñca de onde o continente Krauñca obteve seu nome.

33-**34**. Dhārinī, esposa de Meru, deu à luz Mandara cheia de ervas divinas e três filhas famosas - Vela, Niyati e a terceira Āyati. Ayati se tornou a esposa de Dhātr e Niyati se casou com Vidhātr.

[7] *Vatsara* 'um ano' no *Brahmānda Purāna*.

35. A progênie deles é glorificada (como existindo) no Svāyambhuva Manvantara. Vela deu à luz para Sāgara (o Oceano) uma filha de qualidades nobres.

36. A filha do Oceano chamada Sāvarnā[8] se tornou a esposa de Prācīnabarhis. Savarna, aquela filha do Oceano (Samudra) (casada com Prācīnabarhis) deu à luz dez Pracetas que eram os mestres da ciência de arco e flecha.

37. Como resultado da maldição de Śiva, Daksa, o filho do deus Brahma nascido por si mesmo, renasceu como o filho deles[9] no Cāksusa Manvantara."

38. Ao ouvir isso, Sāmsapāyana questionou Sūta - "Como Daksa nasceu no Cāksusa Manvantara antigamente, como resultado da maldição de Śiva? Narre isso em detalhes para nós que lhe pedimos."

39. Assim pedido, Sūta narrou o episódio de Daksa e a ocasião da maldição de Śiva, depois de se dirigir a Śāmśapāyana.

40-41. Daksa tinha oito filhas as quais eu já mencionei para vocês. Ele as convidou das casas delas e as recebeu na casa dele. Elas ficaram na casa de seu pai honradas adequadamente. Mas a mais velha (delas), Satī, esposa de Śiva, não foi convidada por ele por ódio por Śiva.

42. Śiva, o genro, (sendo) estável (envolvido em seu próprio brilho) nunca se curvou ao seu sogro Daksa.

43. Sabendo que suas irmãs tinham ido para [a casa de] seu pai, Satī, embora não convidada, foi à casa de seu pai.

44. Muito enfurecida (com indignação), a deusa falou Daksa: "Ó Senhor! Como é que você fez este ato desprezível de me degradar por conceder maior honra para filhas mais novas?

45. Eu sou a primogênita e a filha mais excelente. Não cabe a você ser descortês para mim." Abordado dessa maneira, Daksa, com seus olhos avermelhados de raiva, replicou:

46. "Você é a mais excelente das minhas filhas, as principais, e as mais dignas do meu respeito para sempre. Os maridos delas também são dignos do meu respeito sempre.

47. Ó Satī, eles são melhores em qualidades e são mais dignos que Śiva. Eles são ascetas bons, absortos em Brahman, Yogins íntegros e excelentes.

48. Aqueles meus genros, isto é, Vasishtha, Atri, Pulastya, Añgiras, Pulaha, Kratu, Bhrgu e Marīci são muito notáveis.

49. Śiva é meu inimigo. Mas você é o coração e alma dele, e *vice-versa*. Você é devotada a ele. Por isso eu não honro nem recebo você."

50. Assim disse Daksa com a mente iludida, resultando em uma maldição para si mesmo e para os grandes sábios mencionados.

51. Assim endereçada, a enfurecida Satī falou para seu pai - "Já que você insulta a mim, que sou pura em palavra, mente, e atos, eu rejeito este corpo, ó pai, nascido de você."

52. Então a deusa Satī, abatida e enfurecida devido ao insulto, falou depois de reverenciar Śiva mentalmente.

53. "Onde quer que eu renasça com outro corpo refulgente, eu, virtuosa e não iludida, obterei somente a posição da esposa honrada de Śiva."

54. Ela se sentou lá com seu Ātman em comunhão yóguica. Ela reteve mentalmente o *Āgneyi Dhāranā*.

55. Fogo saiu de todos os membros do corpo dela e foi soprado pelo vento, a partir do *Āgneyi Dhāranā*. Ele a reduziu a cinzas.

---

[8] *Savarnina* no texto está incorreto porque a próxima linha registra o nome dela como Savarna-Samudri.

[9] A história do segundo nascimento de Daksa é contada aqui porque nesse nascimento Daksa se tornou um descendente de Pitris. A história da destruição do sacrifício de Daksa é encontrada no Mahabh., Śanti, cap. 284 e muitos Purānas. Provavelmente ela é uma parte da memória social de algum conflito antigo entre Karma Marga ou culto Yajña e algum culto Shivaísta (Pāśupata?) ou Jnana Marga.

56. Ao saber sobre a morte de Satī, e ao compreender a conversação deles precisamente, Śiva, o portador do tridente, ficou furioso com Daksa e outros sábios.

57-**58**. "Ó Daksa, já que por minha total culpa a impecável Satī foi insultada e todas as outras filhas foram elogiadas junto com os maridos delas, eles morrerão (atingirão a região de Yama) e nascerão novamente como pessoas não nascidas de útero, quando eu realizar outro sacrifício.

59. Eles estarão lá quando Brahma oferecer mingau azedo no fogo no Cāksusa Manvantara." Depois de amaldiçoar os sábios ele dirigiu-se a Daksa novamente.

60. Haverá um rei Cāksusa na família de Cāksusa Manu. Ele será o neto de Prācīnabarhis e o filho de Pracetas.

61. Quando o Cāksusa Manvantara chegar você nascerá, com o nome de Daksa, de Mārisā (também Mārsā), filha de árvores."

Daksa disse:

62. "Ó de mente má, eu estarei colocando obstáculos para você, lá também, muitas vezes, nos ritos de virtude (Dharma), riqueza e amor (Kama).

63. Como você falou cruelmente dos sábios por minha causa, os brâmanes nunca o adorarão no sacrifício deles onde eles adoram Devas.

64. Depois de oferecerem *Āhutis* (para você) eles oferecerão água (como purificação) em seus ritos; você ficará aqui (na terra) até o fim do Yuga."

Rudra disse:

65. "A terra é chamada de o primeiro entre os mundos. Por ordem de Brahma, eu sustentarei esse mundo.

66. Nessa esfera os mundos e sóis se encontram cercados (por oceanos). Eu os sustento sempre, mas não por ordem sua.

67. Devas são classificados em quatro castas. Eles tomam refeições juntos (através do fogo). Eu não comerei refeições com eles. Eles me darão refeições separadamente." Depois disso Rudra não é adorado com Devas. Ele é adorado separadamente.

68. Então, assim amaldiçoado furiosamente por Rudra de brilho incomensurável, Daksa abandonou seu corpo de Svāyambhuva Manvantara e nasceu entre seres humanos.

69. Depois de perceber o Senhor, o mestre de todo o conhecimento, Daksa o adorou com grandes sacrifícios junto com Devas.

70. Quando o Vaivasvata Manvantara chegou, Himavat, rei das montanhas, gerou, de Menā, uma filha chamada Umā que tinha sido Satī (em seu nascimento anterior).

71. Ela, sendo Satī antigamente, agora se tornou Umā. Ela é a realizadora em comum de ritos com Śiva, que nunca a abandona enquanto ele deseja permanecer nos Manvantaras aqui.

72-**73**. Da mesma maneira que Aditi é dedicada a Kāśyapa, filho de Marīci, Srī é afeiçoada a Nārāyana, Śacī a Indra, Kīrti a Vishnu, Ruci a Sūrya, e Arundhatī a Vasishtha, assim ela era dedicada a Śiva. Essas senhoras amáveis nunca abandonam seus maridos. Quando os ciclos de Kalpas ocorrem periodicamente, elas nascem junto com eles.

74. Assim Daksa nasceu como o filho de Pracetas no Cāksusa Manvantara. Ele era o neto de Prācīnabarhis e o filho de Pracetas.

75. É dito que como resultado da maldição de Rudra, ele nasceu em Mārsā pelo décimo Pracetas neste segundo Manvantara.

76. Todos os grandes sábios, Bhrgu e outros, nasceram antigamente no primeiro Tretā Yuga. Eles assumiram corpo de Varuna no sacrifício do grande deus.

77. Desse modo a inimizade mútua do Prajāpati Daksa e do Senhor Śiva continuou a partir da existência prévia deles.

78. Por isso, inimizade intensa nunca deve ser procurada nem mesmo com inimigos. Devido a méritos e deméritos, um ser vivo não desiste (esquece) da

consciência do que foi concebido intensamente na existência anterior. Por essa razão uma pessoa inteligente deve usar discrição em suas ações.

Os sábios perguntaram:

79. Ó Sūta, como o sacrifício de cavalo do Prajāpati Daksa, filho de Pracetas, foi destruído no Vaivasvata Manvantara?

80. Como Daksa propiciou o senhor que estava enfurecido pela morte de Satī? Nós desejamos saber. Por favor narre isso precisamente.

Sūta respondeu:

81-82. Ó brâmanes excelentes, antigamente o senhor estava sentado como se em um sofá, na montanha excelente Meru, ornada por minerais, em seu pico Jyotiska, famoso nos três mundos. Esse pico está aberto para o sol e é adornado com jóias. Ele é imensurável e não pode ser atravessado. Ele é reverenciado por todos os mundos.

83. Pārvatī, filha do Himavat, sempre permanecida ao lado dele. Os nobres Adityas e Vasus de força imensurável também estavam presentes.

84. Similarmente, os nobres Aśvins, os médicos mais excelentes, e o rei Vaiśravana cercado pelos Guhyakas estavam presentes.

85. Kubera, o senhor de Yaksas, o senhor glorioso que reside em Kailāsa, e o grande sábio Uśanas o adoravam. Assim também Sanatkumāra e outros sábios.

86. Semelhantemente os sábios celestiais Añgiras e outros, Viśvāvasu Gandharva, Nārada e Parvata estavam presentes.

87. Muitos grupos de Apsaras foram lá. Vento puro, agradável, soprava levando diferentes tipos de perfume doce.

88-89. As árvores estavam em plena floração, com as flores de todas as estações. Os Vidyādharas, Siddhas, ascetas e outros seres vivos (e duendes), assumindo várias formas, começaram a adorar o grande senhor Paśupati.

90. Rāksasas e Piśācas grandes e terríveis eram vistos lá assumindo várias formas e segurando diferentes tipos de armas erguidas.

91-92. Os atendentes do senhor que eram tão brilhantes quanto o deus do fogo estavam lá. O senhor Nandīśvara estava a serviço do senhor, brandindo o tridente ardente que resplandece com seu brilho. Ó brâmanes excelentes, Gañgā o rio excelente, a fonte de todas as águas sagradas, assumiu a forma de uma deidade e o adorou.

93. Assim o grande senhor, brilhando com seu esplendor, permaneceu lá junto com os sábios celestiais e os Devas bem-aventurados.

94. Antigamente, no topo de Himavat em um lugar auspicioso perto de Gañgādvāra,[10] frequentado pelos sábios e Siddhas, Daksa começou seu sacrifício.

95. Os Devas liderados por Indra se reuniram e se prepararam para assistir ao sacrifício.

96. É informado que, com a permissão do Senhor (Śiva), os Devas que eram resplandecentes como fogo foram para Gañgādvāra em seus carros aéreos deslumbrantes.

97-98. Juntando suas palmas em reverência, os residentes da terra, firmamento e céu se aproximaram do Prajāpati Daksa, o principal entre os sacrificadores, que estava cercado por sábios, Gandharvas e donzelas celestiais em Gañgādvāra cheia de várias árvores e trepadeiras.

99. Adityas, Vasus, Rudras, Sādhyas chegaram lá em busca da parte deles no sacrifício junto com Maruts e Indra.

100. (Divindades das categorias de) Ūsmapās, Somapās, Ajyapās, Dhūmapās (bebedores de oferendas quentes, soma, ghee e fumaça), os dois deuses Aśvins e Pitris chegaram lá junto com o deus Brahma.

---

[10] O mesmo que o moderno Hara(i)dwar. O verdadeiro local do sacrifício de Daksa está a uma distância de um quilômetro do moderno Haridwar.

101. Esses e muitos outros grupos de seres vivos - *Jarāyujas* (animais vivíparos), *Andajas* (nascidos de ovos, aves), *Svedajas* (insetos, germes nascidos do suor) e *Udbhijjas* (plantas e árvores germinantes), estavam presentes lá.

102. Devas e seus cônjuges foram invocados por Mantras. Sentados em suas carruagens aéreas eles brilhavam como fogos ardentes.

103. Ao vê-los Dadhica ficou bravo e disse, "Um homem incorre em pecado por adorar alguém indigno de adoração e não adorar alguém que é digno de adoração."

104. Depois de falar assim, o sábio falou novamente para Daksa, "Por que você não convida o senhor Śiva que é merecedor de adoração?"

Daksa disse:

105. Eu tenho muitos Rudras aqui, armados com lanças e tendo cabelo emaranhado. Eles permanecem com onze formas. Eu não conheço qualquer outro grande deus.

Dadhica disse:

106. Aquele que convidou Śiva, convidou todos os deuses. Como eu não vejo (considero) qualquer outra deidade superior a Śañkara, esse sacrifício vasto e rico de Daksa não acontecerá.

Daksa disse:

107. "Ó senhor heróico, nesse sacrifício, eu ofereço para Vishnu, o senhor sem igual, todos os *Havis* santificados por Mantras, e invariavelmente através do fogo Ahavanīya, mantendo os *Havis* um recipiente dourado."

108. Ao saber que os Devas tinham ido, Pārvatī, a filha casta do rei das montanhas, falou para o senhor Śiva (seu marido).

Umā disse:

109. Ó senhor, aonde esses foram, comandados por Indra? Ó conhecedor da verdade, fale verdadeiramente. Essa é minha grande dúvida.

Maheśvara disse:

110. O abençoado e nobre Prajāpati Daksa está executando um sacrifício de cavalo. Os moradores do céu estão indo para lá.

Umā questionou:

111. Ó senhor abençoado, por que você não foi a esse sacrifício? Por que a partida para lá é proibida?

O senhor Śiva respondeu:

112. Ó senhora abençoada! Tudo isso foi feito por Devas somente. A minha parte em todos os sacrifícios não é concedida (a mim).

113. Ó senhora bela! Seguindo o procedimento tradicional, os Devas não me dão a minha parte devida em sacrifício.

A deusa Umā disse:

114. "Ó Senhor! Você é o mais brilhante entre todos os Devas. Você os supera em qualidades boas. Você é invencível, não pode ser impedido por seu esplendor, fama e glória.

115. Ó abençoado, por causa dessa proibição, eu estou muito angustiada. Ó senhor impecável, meu corpo ofega.

116. Qual realmente é a doação religiosa que eu devo fazer, ou penitência que eu devo praticar, por meio da qual você, meu marido, terá uma parte do sacrifício - metade ou um terço dele?"

117. O senhor inconcebível falou alegremente para ela que estava tão agitada. "Ó deusa de Devas, de ventre e membros esbeltos, você não sabe se suas declarações são apropriadas.

118. Ó deusa de olhos grandes! Eu sei que quando homens de qualidades boas falam, todos eles fazem muito atentamente. Mas no momento o deus Indra caiu em ilusão e os três mundos também estão iludidos sob todos os aspectos.

119. Eles me louvam em sacrifícios. Eles cantam Sāman Rathantara apropriado. No Brahmasatra, brâmanes me adoram. Os Adhvaryus designam minha parte."

Pārvatī disse:

120. "Indubitavelmente meu senhor, embora não nascido de Prakrti, você se elogia ou oferece autodefesa nesta assembléia de mulheres."

121. O Senhor disse: "Ó deusa de Devas, eu não elogio a mim mesmo. Ó senhora formosa, ó bela, veja e se aproxime da pessoa que eu crio por causa da minha parte."

122. Depois de falar assim com sua esposa, mais amada para ele do que seu próprio ar vital, o Deus criou de sua boca um trasgo que parecia a fúria do fogo.

123. Ele tinha mil cabeças, mil pés e olhos. Ele segurava mil clavas de ferro, mil setas em suas mãos.

124. Ele segurava uma concha, um disco, um maça, um arco brilhante, um machado e uma espada em suas mãos. Ele era terrível e inspirador de temor.

125. Ele estava resplandecendo com uma forma terrível. Uma meia-lua constituía seu topete. Ele estava vestido em uma pele de tigre gotejando sangue.

126. Ele era terrível com suas presas curvas. Ele estava girando (?). Ele tinha boca larga e barriga grande. Sua língua era como relâmpago. Seus lábios pendiam frouxos. Suas orelhas eram longas. Ele era inacessível para todos.

127. Um raio iluminava suas mãos. Seus cabelos brilhavam com esplendor. Ele estava rodeado por guirlandas de chamas. Ele estava enfeitado com colares de pérola.

128. Ele brilhava com refulgência como o fogo da Dissolução. Sua boca escancarada se estendia até suas orelhas. Ele parecia terrível de todos os lados.

129. Ele tinha grande força e esplendor. Ele era um grande Purusa e senhor. Seu corpo enorme era capaz de destruir o universo. Era tão imenso quanto a figueira-de-bengala agrupada. Ele brilhava como cem luas luzindo simultaneamente ou como o fogo que queimou Madana [o deus do amor, que foi incinerado por Śiva].

130. Ele tinha quatro bocas grandes. Suas presas curvas eram brancas e de pontas afiadas. Ele tinha grande esplendor, brilho ardente, e entusiasmo. Ele tinha a refulgência de mil fogos e sóis na hora da Dissolução do mundo. Ele tinha o esplendor de mil luas. Ele se assemelhava à montanha Mandara com todas as ervas medicinais brilhantes. Ele era igual a Sumeru, Kailāsa e à montanha Himavat.

131. Ele parecia o sol na hora da Dissolução. Ele tinha grande bravura. Seu nariz era encantador. Seu rosto era grande. Suas bochechas eram ferozes; olhos brilhavam. A face dele era turva com as chamas de fogo.

132. Ele usava a pele de elefante. Ele estava rodeado por grandes serpentes. Ele estava usando um turbante. Ele mantinha a lua no topete. Em algum aspecto ele era feroz. Em algum aspecto ele era brando.

133. Ele usava diferentes flores em sua cabeça. Ele tinha vários tipos de perfumes e unguentos. Seus membros estavam enfeitados com diferentes jóias. Ele estava adornado com ornamentos.

134. Ele usava uma guirlanda resplandecente de flores Karnikāra. Devido à fúria seus olhos estavam girando e virando. Às vezes ele dançava em diferentes posturas.

135. Às vezes ele meditava com sua alma em comunhão. Às vezes ele eliminava a matéria grosseira. Às vezes ele cantava e às vezes ele gritava inúmeras vezes.

136. Ele era dotado dos atributos básicos de conhecimento, imparcialidade, domínio, penitência, veracidade, paciência, fortaleza, poder e auto-iluminação.

137. Ele se ajoelhou no chão. Ele se curvou com palmas unidas em reverência e permaneceu imóvel. Então ele disse, "Ó senhor de Devas, ordene, que trabalho eu devo fazer para você?"

138. O grande senhor falou para ele - "Destrua o sacrifício de Daksa". Ao ouvir o comando do senhor, o poderoso Vīrabhadra se curvou aos pés do senhor, inclinando sua cabeça.

139. Então ele saltou à frente esportivamente como um leão libertado do cativeiro. Ele considerou que o sacrifício de Daksa já estava destruído pela fúria da deusa.

140. A grande deusa Bhadrakālī, altamente feroz, o acompanhou colericamente para revelar sua onipresença (para todos).

141. Esse é o senhor enfurecido, tendo sua residência nos domicílios de fantasmas, que se tornou conhecido como Vīrabhadra. Ele dissipou a raiva da deusa.

142. Dos poros de pêlo no corpo dele ele criou os chefes de Ganas chamados Raudras. Eles eram os seguidores de Rudras que possuíam grande coragem e façanhas de Rudra.

143. Eles eram os seguidores de Rudra. Eles tinham o esplendor de Rudra. Eles puseram-se em movimento imediatamente às centenas e aos milhares.

144. Lá se ergueram rugidos tumultuosos que encheram o céu. Por causa daquele barulho alto, os moradores do céu ficaram amedrontados.

145. Ó brâmanes, montanhas caíram em pedaços, a terra tremeu. O Meru girou em volta. Os mares estavam agitados.

146. Os fogos não resplandeceram; o sol não brilhou. Nem os planetas nem as estrelas moventes e fixas emitiram luz.

147. Os sábios não falaram, nem Devas nem Dānavas. A partir de suas carruagens aéreas, os Ganas queimaram tudo envolvido em escuridão.

148. Eles rugiram como leões. Eles tinham formas terríveis e grande força. Eles quebraram tudo. Eles arrancaram as colunas sacrificais.

149. Eles esmagaram tudo. Eles dançaram. Tendo a velocidade do vento e a rapidez da mente, eles correram para cá e para lá.

150. Eles quebraram em pedaços os recipientes sacrificais. O altar sacrifical, totalmente despedaçado, parecia com as estrelas caídas do céu.

151-153. Havia pilhas de comestíveis e bebidas como montanhas. Rios de leite estavam fluindo. Ghee e pudim de leite formavam lodos barrentos. Havia mel e mingau feito com água. Havia doces de açúcar divinos, reduzidos a pó como areias. Comestíveis tendo todos os seis sabores fluíam pelos regatos de açúcar mascavado, encantadores para a mente. Havia pratos de carne de várias variedades. Quaisquer doces comestíveis que eles viam, eles comiam. Eles espremiam o suco e lambiam os que eram para serem lambidos. Seus diferentes rostos exibiam diferentes reações. Eles giravam em todos os lugares. Eles se divertiram por toda parte assumindo formas diferentes. Eles agarraram as donzelas celestiais e as molestaram.

154. Incitados pela fúria de Rudra, os Ganas, tão furiosos quanto o próprio Rudra, destruíram o sacrifício, embora ele estivesse bem protegido por Devas.

155. Outros rugiram ruidosamente, terrificando todos os seres vivos. Outros cortaram a cabeça do sacrifício e rugiram.

156. Daksa, o Prajāpati hábil, e o senhor de sacrifícios, começou a fugir pelo céu na forma de um cervo.

157. Vīrabhadra de alma incompreensível então mediu sua força. Ele cortou a cabeça[11] enquanto ele atravessava o céu.

158. O Prajāpati Daksa estava confuso e perdeu a consciência. Ele foi chutado na cabeça pelo enfurecido Vīrabhadra. Sendo idoso e fraco, ele caiu no chão.

159. Os trinta e três crores de Devas de almas puras foram amarrados com laços tão fortes quanto fogo ou leão.

160. Então os Devas foram até o ser nobre poderoso e disseram, "Ó Senhor Rudra, esteja satisfeito. Ó senhor, não fique zangado com seus criados."

161. Então Brahma e outros Devas e o Prajāpati Daksa falaram com palmas unidas em reverência, "Por favor nos conte, quem é você?"

Vīrabhadra disse:

---

[11] Contraste com a afirmação no próximo verso e nos vv. 161, 166 etc.

162. Eu não sou nem um Deva nem um Āditya. Eu não vim aqui para comer refeições, nem para visitar os chefes de Devas nem por curiosidade.

163. Conheçam-me como alguém que veio aqui para destruir o sacrifício. Eu sou conhecido como Vīrabhadra e eu vim da fúria de Rudra.

164. Bhadrakālī veio da fúria da deusa (Pārvatī). Enviada pelo senhor dos Devas, ela se aproximou do sacrifício.

165. Ó Daksa, busque refúgio no senhor Śiva. Até mesmo a fúria dele é melhor que o presente de benefícios de um Deva."

166. Ao ouvir as palavras de Vīrabhadra, Daksa, o principal dos sustentadores de ritos santos, propiciou Śiva o portador do tridente, senhor de Devas.

167-**171**. Quando o recinto do sacrifício foi corrompido, quando os brâmanes fugiram, quando o horrendo e terrível grande fogo na forma da constelação Mrgaśiras brilhou, quando os criados cujas faces foram perfuradas por lanças (gritaram), quando os postes sacrificais arrancados estavam espalhados aqui e ali, quando o lugar estava cheio de urubus ávidos de carne erguendo-se e voando, quando o som de centenas de raposas pelo bater de asas (penetrou os quadrantes), o Senhor dos Devas, o conquistador de inimigos, o senhor que tem muitas visões, conteve seu Prāna e Apāna ativamente nos lugares deles, [e] dirigiu sua visão ao redor. De repente saiu do poço de fogo o Deus dos deuses. O esplendor dele era comparável àquele de mil sóis, luas e do fogo Samvartaka.

172. O senhor riu ruidosamente e disse novamente: "Ó Daksa, você está arruinado devido à ignorância. Eu espero que você esteja bem disposto para comigo agora."

173-**174**. De modo sorridente ele falou novamente: "Diga-me, o que eu devo fazer para você?" Depois de relatar o que tinha sido narrado para Devas e seus preceptores, o Prajāpati Daksa uniu suas palmas em reverência e falou ao senhor. Ele estava com medo, desconfiado e aterrorizado. Seus olhos e rosto estavam cheios de lágrimas.

175-**177**. "Se você, meu senhor, está satisfeito, se eu sou seu favorito, se eu devo ser abençoado e se eu devo receber um benefício, eu escolheria este. Os requisitos do sacrifício foram reunidos por mim com esforços estrênuos por um longo período. Eles foram engolidos, comidos, bebidos, mastigados, destruídos, reduzidos a pó e espalhados dessa maneira. Não os deixe ir em vão."

178-**179**. "Assim seja", disse o senhor, o destruidor do olhos de Bhaga. Depois de receber o benefício o Prajāpati Daksa se ajoelhou no chão e elogiou o senhor de bandeira de touro, de três olhos, o deus que preside ritos sagrados, por meio dos mil e oito nomes dele.[12]

Daksa disse:

180. "Reverências a você, o senhor dos chefes de Devas, o destruidor da hoste dos inimigos dos Devas. Ó Deus dos Devas, ó excelente entre os imortais, ó adorado por Devas e Dānavas.

181. Ó de mil olhos, ó de olhos horrendos, ó de três olhos. Ó favorito do chefe de Yaksas, você tem mãos, pés, olhos, bocas, cabeças e ouvidos por toda parte. Você se encontra permeando tudo no mundo.

182. Reverências a você, ó de orelha de lança, ó de orelhas grandes, ó de orelhas de pote, ó que reside no mar, ó de orelha de elefante, ó de orelha de touro, ó de orelha de mão [semelhante a mão].

183. Ó de cem barrigas, ó com cem revoluções, ó de cem línguas, ó de cem faces, aqueles que praticam Gāyatrī cantam sobre você; aqueles que cultuam regularmente, cultuam você.

---

12 Esse *Śiva-sahasranama* tem vários versos em comum com aquele no *Mahābhārata*, Śanti Parva, cap. 285.

184. Você é o protetor de Devas e Dānavas, você é Brahma e Indra. Ó de grande corpo, você é o senhor das divindades. Reverências (a você), é você que mantém as águas no oceano.

185. Devas residem em seu corpo como vacas no estábulo. Eu vejo seu corpo como a lua, fogo e oceano.

186. Eu o vejo como Aditya, Vishnu, Brahma e Brhaspati. Você é a causa, formação, ser, agente e instrumento.

187. Você é o inexistente, o existente como inexistente, a fonte de origem e o fim do universo. Reverências a Bhāva, Sarva, Rudra e ao concessor de bênçãos.

188. Reverências ao senhor de Pasus, ao destruidor de Andhaka, *Trija^a* (tendo cabelo emaranhado em três tranças), o de três cabeças e o manejador do tridente excelente.

189. Reverências a *Tryambaka* (de três olhos), *Trinetra* (de três olhos), o destruidor de Tripuras, *Cangla* (o feroz), *Munda* (alguém com a cabeça raspada) *ī'racav.da* (muito feroz) e *Dhara* (o que eleva).

190. Reverências a ele ocupado em escutar Dindima [um tipo de tambor], Senhor de *Ardhadana'a*, *Niska* (incorpóreo), *Vikrta* (o deformado).

191. Saudações a *Vilohita* (corado), *Dhūmra* (colorido), de pescoço azul, Śiva que não tem igual.

192. Reverências ao sol, ao senhor do sol, ao deus de bandeira de sol, ao senhor de Pramathas, e ao arqueiro de ombros de touro.

193. Reverências a Hiranyagarbha (o de útero dourado), a ele com cota de malha dourada, ao coroado de ouro e ao senhor do ouro.

194. Reverências ao destruidor de sacrifício, *Danda* (o bastão), *Parnapāmpufa* (ele que tem uma xícara de folhas para beber); ele que é louvado, ele digno de ser elogiado, um ser elogiado.

195. Reverências a Sarva (o todo); a ele que subsiste de alimento não comestível; ele que é a alma interna de todos os seres e que é o Hotr (sacrificador), ao mantra, a ele com uma bandeira branca no mastro de bandeira.

196. Reverências ao adorador, ao merecedor de adoração; ao grito jovial incorporado, ao que deita, ao deitado e ao que se levantou.

197. Reverências ao que é estável; que é passeador, que simboliza um sinal místico, que é torto, que habitualmente está dançando e fazendo de sua boca um instrumento musical.

198. Reverências ao ávido de assegurar presentes em danças; que está empenhado em canções e instrumentos musicais, que é o primogênito, o excelente e o supressor de inimigos.

199. Reverências a *Kalana* (criador), Kalpa, *Ksaya* (dissolução completa), *Upaksaya* (dissolução secundária), ao que ri terrivelmente como o Dundubhi (tambor de guerra), apreciado por Bhimasena.

200. Reverências a *Ugra* (o feroz); ao que tem dez braços e um crânio em sua mão; reverência ao que gosta muito das cinzas da pira funerária.

201. Reverências ao terrível, ao que inspira temor, ao que cumpre ritos terríveis; ao de peito deformado e ao que tem a ponta da língua e as presas curvas tão afiadas quanto espada.

202. Saudações ao ávido de carne crua e cozida; ao que gosta da *Tumba-vinā* (alaúde apoiado por uma cabaça). Reverência a *iff a* (o touro ou virtude sagrada) e a *Vrsya* (deus mais vigoroso), a *Vrsni* (o poderoso) e *Vrsana* (o fertilizador).

203. Reverências a *Katarhkata* (deus do fogo), ao feroz, ao corporificado. Reverência a *Vara-Krishna* (super escuro?), excelente, ao concessor de benefícios.

204. Reverências a ele que tem cheiros, guirlandas e trajes excelentes; ao excelente e insuperável. Reverências à chuva, vento, sombra e sol.

205. Reverências ao apegado e desinteressado, ao deus auspicioso que usa uma guirlanda de contas. Reverências ao *Sambhinna* (o perfurado e quebrado?), ao matizado, ao medonho e isolado.

206. Saudações ao deus de forma não terrível e ao extremamente terrível, ao auspicioso, tranquilo e ao extremamente tranquilo.

207. Reverências ao de um pé, de muitos olhos, de uma só cabeça. Ao velho, ganancioso e que gosta muito de partes (em sacrifício).

208. Reverências ao que é adorado com cinco guirlandas; reverência a Pāśupata, Ganda, *Ghanta* (equipado com um sino) e ao que consumiu os órgãos vitais com seu sino. (?)

209. Reverências a ele que tem cem mil sinos, ao que gosta de uma guirlanda de sinos, ao que restringe o Prāna, à renúncia (incorporada), e a *Hilahila* (um esporte).

210. Reverências ao que faz o som "Humhum", ao que nos leva mais adiante, que gosta do som "Humhum". Reverências a Śambhu que gosta de montanhas, árvores e seus frutos.

211. Reverências ao chacal (que gosta de) refeição de embrião. Reverências a *Tāraka* (um que leva através), *Tāra* (balsa), ao senhor de sacrifícios, ao que fugiu (ou entrou apressadamente).

212. Reverências ao carregador de sacrifícios, presentes religiosos, a meta da penitência (*Tapya*) e ao (chamuscante) deus do sol. Saudações à costa (do oceano de Samsāra?) e ao excelente Senhor dos raios.

213. Reverências ao concessor de alimento cozido, Senhor do alimento cozido, ao nascido do alimento cozido, ao senhor de mil cabeças e mil pés.

214. Reverências a ele com mil tridentes erguidos, ao de mil olhos, a ele na forma de um menino, ou a ele que assume a forma de um menino.

215. Reverências ao protetor de crianças, ao que brinca com crianças, ao puro e o iluminado, ao agitador e ao que não pode ser ferido.

216. Reverências a ele cujas madeixas são marcadas por ondas, a ele de madeixas soltas, a ele que cumpre seis ritos prescritos, a ele empenhado em ritos triplos.

217. Reverências a ele que faz pessoas de diferentes castas e fases de vida atuarem separadamente devidamente. Reverências ao som alto, a ele digno de proclamação, que é *Kalakala* (o som murmurante).

218. Reverências a ele com olhos brancos e marrom avermelhados, a ele com olhos pretos e vermelhos, ao concessor de virtude, riqueza, amor e salvação. Reverências à matança e ao matador.

219. Reverências a Sāmkhya, ao mestre de Sāmkhya e Yoga. Reverências a Rathya, Virathya e a ele interessado em encruzilhadas.

220. Reverências a ele com uma camurça como seu traje superior; a ele que usa uma serpente como fio sagrado, ó Īśāna, ó destruidor de Indra. Ó de cabelo verde, reverências a você. Reverências ao único controlador da indiscriminação. Saudações a você, ó senhor manifesto e imanifesto.

221. Ó Kama, concessor de desejos, destruidor do deus do Amor, matador dos orgulhosos e arrogantes, Sarva (tudo em todos), ó concessor de tudo, onisciente e crepúsculo vermelho, reverências a você.

222. Ó poderoso, de braços poderosos, e altamente vigoroso, brilhante, grande nuvem, grande Kāla de visão excelente, reverências a você.

223. (Reverências a)o asceta perpétuo com membros fortes e desgastados e cabelos emaranhados, a ele que usa trajes de casca e camurça, a ele com cabelo emaranhado que parece o fogo e o sol brilhando, a ele que usa trajes de casca e camurça. Reverências a ele que se assemelha a mil sóis.

224. Ó você que tem centenas de revoluções enlouquecedoras, ó você com madeixas meio cheias com as águas do Gañgā, ó Candrāvarta, Yugāvarta, Meghāvarta, reverências a você.

225. Você é o alimento cozido, o criador, o concessor, e o fazedor de comida; você é a pessoa que cozinha comida. Reverências ao cozinheiro e ao desfrutador do alimento cozido.

226. Ó senhor, você é o senhor do chefe de Devas e dos seres vivos quádruplos, isto é, dos vivíparos, ovíparos, dos nascidos do suor, e dos que germinam.

227. Você é Brahma, o criador do móvel e imóvel. Você é aquele que os recolhe; o principal entre os estudiosos dos Vedas e os conhecedores de Brahman.

228. Explicadores dos Vedas dizem que você é a própria fonte de *Sattva Guna,* o tesouro de águas, vento e fogo; você é o Rig, Sāman Mantra e Omkāra.

229. Você é a oferenda em sacrifício, o próprio sacrifício, a invocação; você é o rito solene de oblação com palavras (de *mantra*). Os peritos no Veda e cantores de Sāman cantam sobre você, ó grande Deus.

230. Você é citado pelos conhecedores de Brahman e aqueles bem versados em Kalpa e Upanisads, como consistindo em mantras Rig, Yajur, Sāman e Atharvan.

231. Os brâmanes, ksatriyas, vaiśyas, śūdras e pessoas de castas inferiores cultuam você somente. Os grupos de nuvens cantam sobre você por meio do trovão forte e ribombante delas.

232. Você é o ano, estações, meses, quinzenas, Kalās, Kāsthās, Nimesas, Yugas, estrelas e planetas.

233. Você é a corcova dos touros, o topo das montanhas, o leão entre os animais, Tārksya (Garuda) entre as aves, e Ananta entre as serpentes.

234. Você é o oceano de leite entre os oceanos, o arco entre os dispositivos mecânicos, raio entre as armas, e a verdade entre os votos santos.

235. Você é desejo, ódio, paixão, ilusão, fraqueza, controle mental, restrição dos órgãos dos sentidos, iniciativa, fortaleza, ganância, amor, fúria, sucesso, e fracasso.

236. Você é o portador da maça, o atirador de setas, o manejador de Khatvāñga[13], o proprietário de Jharjhara (tambor ou pratos). Você corta, perfura, golpeia, escoa e aniquila.

237. Você é o rito santo (devoção) com dez características. Você é riqueza, amor, Indra, oceanos, rios, poças e lagos.

238. Você é as trepadeiras, as plantas enroladas, a grama e ervas medicinais; você é os animais, bestas e pássaros; você é o começo da substância, atividade e atributos; você é o concessor de flores e frutos no momento certo.

239. Você é o começo, fim e o meio; você é o *mantra* Gāyatrī e o Omkāra; você é verde, vermelho, preto, azul, amarelo e vermelho.

240. Você é de cor fulva, de cor de pombo, azul escuro, e de sêmen de ouro; por isso você é conhecido como tendo cor boa.

241. Você tem nomes que consistem em letras boas; você gosta de ouro. Você é Indra, Yama, Varuna, Kubera e Agni.

242. Você é desenvolvido; você é Citra-Bhānu (fogo, sol, Bhairava); você é Svarbhānu (Rāhu) e Bhānu (o deus do sol); você é o sacrifício, o sacerdote sacrifical, o Homa, o *Huta*, (o que é oferecido no fogo), o *Prahuta* (a oferenda [não feita no fogo, geralmente espalhada no chão]); você é o senhor.

243. Você é o bem-alado Brahman; você é *Śatarudriya* entre *Yajurmantras*. Você é o mais santo entre os santos, o mais auspicioso dos auspiciosos.

244. Você é a montanha imensa, e a pequena. Você é a árvore, a alma individual e o átomo. Você é o Guna Sattva, Rajas e o Tamas; você é a criação.

245. Você é (os ares vitais como) Prāna, Apāna, Samāna, Udāna e Vyāna; você é o piscar dos olhos; você é a expansão e o alongamento deles.

246. Você é de corpo vermelho, manejador de uma maça, (*gadā*) e tem presas curvas; você tem uma face enorme e barriga enorme. Você tem cabelo branco e bigode verde. Você tem três olhos e cabelo erguido para cima.

---

13 [Uma arma semelhante a um cassetete.]

247. Você é as partes da dança, canção e música; você gosta de cantar e tocar instrumentos; você é *Matsya* (peixe); você é aquoso, água e conducente à vida aquosa. Você é velocidade, tempo, Kali e Kāla.

248. Você é tempo impróprio, período propício e tempo ruim (como escassez), como também o destruidor de Kāla. Você é morte, declínio e fim e o destruidor da terra.

249. Você é o fogo Samvartaka (que aniquila o universo) e as nuvens da dissolução final. Você é *Ghafa* (uma duração de tempo), *Ghafika* (o mestre de *Ghafa*), *Ghanfika* (que tem sinos pequenos?), *Cūdālolabala* (que tem a força em madeixas de cabelo oscilantes). Você é o poder.

250. Você é o destruidor de Brahma; você tem boca ígnea; você brande um bastão; você tem cabeça raspada; você é o proprietário de um bastão; você é os quatro Yugas, quatro Vedas, quatro sacrifícios e encruzilhadas (de quatro caminhos).

251. Você é o conhecedor das quatro fases da vida; você é o criador das quatro variadas (classes das pessoas); você gosta do perecível e imperecível; você é enganoso, incontável e o senhor de inumeráveis Ganas.

252. Você usa a guirlanda e trajes Rudrāksa; você é uma montanha pequena, você gosta de morros pequenos. Você é o senhor dos artesãos e o melhor deles. Você é o originador de artes e ofícios.

253. Você é o destruidor dos olhos de Bhaga; você é a lua, o destruidor dos dentes de Pūsan. Você é *Gūdha-varta* (o redemoinho escondido); você é o escondido; você recorre a coisas escondidas.

254. Você é *Tarana* (o que conduz através), *Tāraka* (o libertador), *Sarvabhūta-Sutarana* (o libertador de todos os seres vivos); você é *Dhātr* (o criador), *Vidhātr* (dispensador de destino) e o preservador dos seres vivos; você é o sustentador de tudo.

255. Você é austeridade, o brâmane, veracidade, celibato, honestidade, o Ātman e o fazedor de todos os seres vivos, o ser vivo, o espírito, a fonte de tudo o que foi, é e será.

256. Você é *Bhūh, Bhuvah, Svar*, a origem (do universo); você é o grande Senhor, *Īśāna*, o avaliador. Você é o inativo; difícil de ser subjugado e o destruidor de dentes.

257. Você é Brahmāvarta, Surāvarta, e Kāmāvarta. Reverências a você. Você é o destruidor do corpo de Kama; você gosta do pó de pólen da flor Karnikāra.

258. Você tem um rosto como a lua e também um terrível. Você é de rosto agradável, de rosto feito[14], sem rosto, de quatro faces, de múltiplas faces, e sempre face a face com o inimigo na batalha.

259. Você é de útero de ouro, um pássaro grande (um urubu) e um oceano. Você é o maior e o ser (mais) imenso. Você é o destruidor do mal, castigador dos maus, o manejador da vara de castigo e apaixonado por batalhas.

260. Você é o melhor dos touros, o condutor de um touro, o de veículo de touro. Você é o promulgador de Dharma, o criador de Dharma e o principal entre os peritos sobre Dharma.

261. Você é o protetor dos mundos e o vencedor (ou protetor) da terra, um concessor de honra e a honra incorporada; você é estável, fixo, um pilar, imóvel e trêmulo.

262. Você não pode ser desviado, é o dispensador (?) de veneno brilhante, o que não pode ser contrariado, insuportável, intolerável, inabalável, incompreensível, inconquistável, a (própria) vitória.

263. Você é de fala gentil (e de traços amáveis), a lua, o subjugador. Você é frio e calor, uma sede insaciável. Você é as preocupações mentais e doenças físicas, o removedor de enfermidades e doenças.

---

[14] [Aqui há uma falha na digitalização, suprida pela expressão usada no *Śiva Sahasranāma* do *Mahābhārata*, *Śanti Parva*, pág. 646, da versão em português.]

264. Você é suportável, o sacrifício, o caçador de cervos, o depósito de doenças, sem mãos. Você tem um tufo de cabelo. Você é de olhos de loto e de visão de loto.

265. Você é um portador da vara (de castigo), o manejador de um bastão, adornado com bastão e cabeça raspada. Você é absorvedor de veneno, bebedor de néctar, bebedor de vinho, bebedor de leite e suco Soma.

266. Você é o absorvedor de mel, ghee e tudo; você é muito poderoso; você é carregado por um touro semelhante a cavalo; você é o touro (pessoa forte), com olhos como aqueles de um touro.

267. Você é conhecido como Vrsabha (um touro); você é honrado pelas pessoas; a lua e o sol são seus olhos; Brahma é seu coração; você é fogo e água; você é o senhor alcançável através de ritos piedosos.

268. Ó Śiva, nem Brahma nem Vishnu nem os sábios antigos podem entender sua grandeza precisamente.

269. Suas formas sutis não estão dentro do alcance da minha visão. Proteja-me com elas como um pai faz com seu filho.

270. O Senhor é sempre solidário e favorável para seus devotos. E eu sou sempre devotado a você.

271. Que aquele senhor sempre seja meu protetor – o Senhor que depois de devorar (retirar na hora do Pralaya) milhares de homens, permanece completamente sozinho no leito do oceano.

272. Reverências à alma yóguica a quem pessoas de perspectiva imparcial, cumprindo qualidades Sattvicas, que conquistaram seus ares vitais e que são desprovidas de sono, veem como a luz brilhante, enquanto em comunhão yóguica.

273. Eu recorro a ele que se deita no meio da extensão de água depois de devorar os seres vivos, no fim do Yuga.

274. Você entra na boca de Rāhu, engole a lua à noite e, se tornando Rāhu, devora o sol também. Você é o fogo acompanhado com Soma.

275. Que os Purusas do tamanho do polegar posicionados em todos os seres encarnados sempre me protejam. Que eles me nutram e me façam prosperar.

276. Que os Svāhās e Svadhās possam alcançar aqueles que subiram do útero e que foram para baixo. Que eles sejam atraentes para eles e cheguem a eles.

277. Reverências a todos eles, sempre, que não choram e que, postados no corpo, fazem os seres vivos chorarem. Reverências a eles que são deleitados e que deleitam todos.

278-**280**. Reverência perpétua a eles, que estão posicionados no oceano, no rio, na fortaleza, nas montanhas, nas cavernas, nas raízes das árvores, nos currais, nas florestas densas, em encruzilhadas, nas ruas, nos pátios quadrangulares, nas assembléias e no meio do sol e da lua, nos raios do sol e da lua, que foram para os mundos inferiores e além deles. Reverência perpétua àqueles que são sutis, grosseiros, magros ou baixos.

281. Ó Senhor, você é tudo em todos; você penetra tudo; você é o senhor e a alma interna de todos os seres vivos. Por essa razão você não foi convidado para o sacrifício.

282. Já que é só você que é adorado com sacrifícios com várias doações monetárias, e já que você sozinho é o fazedor de tudo, você não foi convidado.

283. Ó Senhor, eu fui iludido por sua Māyā sutil de tal modo que você não foi convidado.

284. Ó Senhor de Devas, esteja satisfeito comigo. Só você é meu refúgio, minha meta, minha fundação. Eu não tenho outra meta ou refúgio."

285. Depois de louvar o grande senhor dessa maneira, o Prajāpati parou. O senhor satisfeito falou então para Daksa:

286. "Ó Daksa de ritos bons, eu estou satisfeito com esse seu hino; de que serve falar muito? Você se aproximará de mim."

287. Então o senhor dos três mundos, familiarizado com o uso apropriado de palavras, falou palavras confortadoras e disse novamente:

288. "Ó Daksa, você não deve ficar bravo devido a esse obstáculo. Fui eu, ninguém mais, que destruiu o sacrifício. Você viu isso antes.

289. Ó você de ritos bons, em retribuição, aceite este benefício de mim. Com sua face brilhando com alegria, você deve me escutar com atenção.

290. Ó Prajāpati, por minha graça, você derivará o mérito de mil Aśvamedhas e de cem sacrifícios Vajapeya.

291-293. Tendo estabelecido os Vedas com os seis auxiliares deles, junto com o Sāmkhya e Yoga, e praticando penitências inacessíveis para Devas e Dānavas, o rito Pāśupata foi desenvolvido por mim. Esse rito é acompanhado por objetos de culto. Ele evoluiu em segredo e é ininteligível para os ininteligentes. Em alguns aspectos ele concorda com as funções de diferentes castas e fases de vida. Em alguns aspectos ele é contrário a elas. Ele é determinado pelos significados das passagens Védicas. Ele é conducente à libertação da escravidão das almas individuais. Ele pode ser seguido por uma pessoa em qualquer fase da vida. Ele é auspicioso, ó Daksa, e livra a pessoa de pecados.

294. Ó abençoado, você derivará o benefício desse rito sagrado. Que sua ansiedade mental termine."

295. Depois falar desse modo para Daksa, o senhor valoroso desapareceu junto com sua cônjuge e seus seguidores.

296. Ó brâmanes, depois de obter sua parte devida como mencionado por Brahma, o senhor que era familiarizado com ritos santos dividiu *Jvara* (febre) em muitas classes,[15] para dar tranquilidade aos seres vivos. Escute isto.

297. Para elefantes ela é dor excessiva na cabeça; para montanhas ela é betume; para águas ela é a coloração azulada; e em serpentes ela é a pele.

298. Ela é *Khauraka* (rachaduras nos cascos) para todo o gado. Ela é esterilidade para a terra. Ó conhecedor de Dharma! para os elefantes ela é a obstrução à visão.

299. Ela é a abertura de poros para os cavalos, a divisão da crista para os pavões, a doença dos olhos para o cucos.

300. Ela é a divisão da bílis para as cabras. Ela é [o soluço][16] para os papagaios. Ó brâmane, *Srama* (fadiga) nos tigres é seu *Jvara* (febre).

301. Ó senhor onisciente, ela é febre para os seres humanos. Ela pode entrar no corpo humano a qualquer momento, na hora do nascimento ou morte, ou entre eles.

302. Esse é o brilho do senhor que é *Jvara*. O Senhor deve ser adorado, reverenciado e honrado por todas as criaturas.

303. Aquele que lê a história da origem de *jvara* com mente não abatida e concentrada será livre da doença. Ele se regozijará, obtendo todas as alegrias conforme seus desejos.

304. Aquele que narra ou escuta o hino de louvor recitado por Daksa obtém longevidade. Ele nunca enfrentará resultados desfavoráveis.

305. Da mesma maneira que Śiva dotado de poder yóguico é o excelente de todos os Devas, assim também é esse hino de Brahma o excelente de todos os hinos.

306. O senhor deve ser louvado com devoção por aqueles que desejam fama, reino, felicidade, prosperidade, riquezas, longevidade, bem-estar e erudição.

307. Os doentes, os aflitos, os indigentes, os amedrontados, aqueles com medo de ladrões e aqueles na incumbência do rei são livrados de perigos.

---

[15] Compare os tipos de *Jvara* no *Mahābhārata*, Śanti, cap. 283, pág. 636.

[16] [Falha na digitalização, suprida pela expressão usada no *Mahabh*. Idem.] 'Som inarticulado, tosse' no *Mahābhārata*. O presente capítulo é muito semelhante ao *Mahabh*. Śanti, 284 (assim como 283).

308. Ele obterá toda a própria felicidade aqui. Ele se tornará o chefe de Ganas com este próprio corpo.

309. Em uma casa onde o senhor é louvado, nem os Yaksas nem os Piśācas, nem as serpentes nem os impedimentos, criam obstáculos.

310. Uma mulher celibatária que escuta isso com devoção se tornará o objeto de respeito das famílias do lado de seu pai e de seu marido.

311. Os negócios do homem que ouve constantemente ou narra todos esses se tornarão lucrativos sem impedimentos.

312. Pela recitação repetida desse hino, tudo o que ele concebe em sua mente e tudo o que ele fala [em voz alta], virá a ser realizado.

313-**314**. Depois de oferecer oblações ao senhor, Guha, Deusa, e Nandīśvara, tanto quanto ele puder, praticando controle mental e restrição dos órgãos de percepção e unido em comunhão yóguica, ele deve repetir os nomes do senhor na ordem apropriada. Ele realizará seus desejos, ambições e desfrutará de prazeres. Na morte ele chegará ao céu cercado por mil mulheres.

315-**316**. Alguém que realiza atividades indesejáveis ou alguém que é maculado por pecados fica livre de pecados ao ler o hino de Daksa. Depois de sua morte ele é honrado por Devas e Asuras. Ele obtém residência no mesmo mundo com os Ganas. Como Indra ele brilha enquanto sentado em uma carruagem aérea atrelada adequadamente. Ele fica lá permanentemente até a hora da dissolução final. Ele então se torna o servidor de Rudra.

317-**319**. Assim disse o santo senhor Vyāsa, filho de Parāśara. Esse episódio é um segredo que não deve ser divulgado para ninguém. Depois de ouvir esse segredo, até mesmo os pecadores, sejam eles vaiśyas, śūdras ou mulheres, chegarão a Rudraloka. O brâmane que conta isso para os outros brâmanes durante dias Parvan atinge Rudraloka. Não há dúvida a respeito disso.

Capítulo 31: A Linhagem de Devas[1]

Sūta disse:

1. Assim a história destruidora de pecado no contexto de Daksa como contada por Śiva, foi narrada para vocês.

2. No contexto de descrever a linhagem de Pitris, essa história foi narrada. Em sucessão aos Pitris, eu descreverei Devas daqui por diante.

3. Antigamente, no Svāyambhuva Manvantara, no começo da era Tretā, havia Devas conhecidos como Yāmas. Eles eram antigamente os filhos de Yajña.

4. Aqueles conhecidos como Ajitas eram os filhos de Brahma. Aqueles conhecidos como Jitas e Ajitas eram os filhos mentais de Brahma. Eles eram conhecido como Śukras.

5. Havia três grupos de Devas, isto é, (Yāma, Śukra e) Trptimanta[2]. Eles eram os cantores do Sāmaveda e eram trinta e três ao todo no Svāyambhuva Manvantara (ou nascidos de Brahma).

6-10. Os Yamas são doze em número, isto é, Yadu, Yayāti, Dīdhaya, Sravasa, Mati, Vibhāsa, Kratu, Prajāti, Viśata, Dyuti, Vāyasa e Mañgala. Os Ajitas também são doze em número, isto é, Abhimanyu, Ugradrsti, Samaya, Śuciśravas, Kevala, Viśvarūpa, Supaksa, Madhupa, Turiya, Nirhapu, Yukta e Grāva. O último grupo de doze Devas consiste em Yamina, Viśva, Devādya, Yavistha, Amrtavān, Ajira, Vibhu, Vibhāva, Mrlika, Didehaka, Śruti-Srna e Brhacchukra. Esses existiram no Svāyambhuva Manvantara. Eles eram os bebedores de suco Soma. Esse grupo de Devas é chamado de Tvisimantas. Eles são viris e muito fortes.

11. Viśvabhuk, o primeiro senhor, era o Indra deles. Os Asuras eram seus primos e parentes.

12. Há oito (grupos de) semideuses, isto é, Suparna, Yaksa, Gandharva, Piśāca, Uraga (Répteis), Rāksasa, Pitris e Aśvinīkumāras.

13. No Svāyambhuva Manvantara milhares dos descendentes desses passaram. Eles eram dotados de coragem, beleza, longevidade e vigor.

14. Eles não são mencionados em detalhes de modo que nenhum tópico novo é levantado aqui. A criação de Svāyambhuva deve ser entendida (como semelhante a) o Manvantara atual.

15. A criação passada deve ser vista por meio da atual, isto é, Vaivasvata Manvantara, com relação a progênie, deuses, sábios e Pitris.

16-18. Agora conheça os sete sábios que existiram antes. Eles eram Bhrgu, Añgiras, Marīci, Pulastya, Pulaha, Kratu, Atri, e Vasishtha. Svāyambhuva Manu teve dez filhos valentes, isto é, Agnīdhra, Atibāhu, Medhā, Medhātithi, Vasu, Jyotismān, Dyutimān, Havya, Savana e Putra.

19-20. Eles foram mencionados por Vāyu como reis de grande valor no primeiro Manvantara. As famílias deles, os Asuras, Gandharvas, Yaksas, serpentes, Rāksasas, Piśācas, seres humanos, Suparnas e grupos de Apsaras não podem ser enumerados na ordem devida, nem mesmo em centenas de anos, porque os nomes são numerosos em suas famílias.

21. Aqueles que eram conhecidos pelo nome de Vrajakula, e que existiram no Svāyambhuva Manvantara, passaram conforme muito tempo decorreu na ordem apropriada de Ayanas [semestres], anos e Yugas.

Os sábios perguntaram:

---

1 Este capítulo corresponde ao *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2, cap. 13, vv. 88-151. Além dos Devas, o capítulo discute a natureza do Tempo etc. nos vv. 24 e seguintes.

2 [O *Brahmānda P.* idem, no v. 91 tem: “(Yama, Ajita e Sakta)].

22-23. Quem é esse senhor Kāla, o aniquilador de seres vivos? Qual é sua fonte de origem? Qual é seu começo? Qual é a essência intrínseca dele? Quem é o filho dele? Qual é seu olho? Qual é sua forma? Quais são seus membros? Qual é seu nome? Quem é seu Ātman? Mencione esses em detalhes como nós lhe perguntamos.

Sūta disse:

24. Que a origem do Kāla seja ouvida. Depois de ouvir isto, que isto seja retido na memória. O sol é a fonte de origem dele. Nimesa é seu começo. Ele é chamado de *Sāñkhya-Caksu* (tendo o Número como seu olho).

25. Sua forma é o dia e a noite. Os *Nimesas* são seus membros. Um século constitui seu princípio. Kāla é seu nome. Ele é o Prajāpati com o presente, passado e futuro como seu, Atmaru.[3]

26. Ouçam as cinco divisões nas quais Kāla é dividido por meio de dias, quinzenas, meses, estações e *Ayanas*.

27-28. O primeiro (ano) é *Samvatsara*. O segundo (é chamado de) *Parivatsara*. O terceiro é *Idvatsara*. O quarto é *Amwatsara* e o quinto é *Vatsara*. O grupo é chamado de Yuga.[4] Eu explicarei seu princípio. Entendam conforme isso é narrado.

29-30. Aquilo que é mencionado como Kratu (sacrifício) e [?] é considerado como *Samvatsara*.[5] O fogo do tempo que é a essência no deus do sol é *Parivatsara*. Soma (a lua) que é da natureza da essência das águas, que tem dois movimentos, o luminoso e o escuro (as quinzenas clara e escura do mês) é *Idvatsara*.

31. Aquele que acelera (literalmente, aquece) os mundos com seus corpos sete vezes sete (= 49 Maruts) e que faz as pessoas trabalharem ativamente (e depressa), aquele vento (deus) é *Vatsara*.

32. Aquele que, enquanto nascendo de Brahma, rugiu três vezes egotisticamente é Rudra. Aquele Rudra que nasceu (de cor) azul-avermelhada a partir deles é *Vatsara*. Agora eu explicarei a vocês natureza essencial deles. Ouçam enquanto isso está sendo narrado.

33. Devido ao contato de membros e partes secundárias do corpo (divisões e subdivisões), o Ātman de Kāla é o bisavô. Ele é a fonte de origem do Rk, Sāman e Yajus. Ele é o senhor de todos os cinco (isto é, dia, quinzena, etc.).

34. Aquele (idêntico ao) Yajus, Soma, Bhūta (elementos) e Prajāpati é chamado de *Samvatsara* por homens instruídos. E o que é Agni a não ser Sūrya (o deus do sol)?

35-36. O deus do sol é o coordenador das divisões de tempo como dias, meses, estações, equinócios como também das atividades de planetas, estrelas, do frio, calor, chuva, período de vida, ritos sagrados, (mas ele mesmo) é um evoluído (sendo nascido de Brahma) de disposição bondosa, o filho de Brahma, o Senhor protetor de súditos. Ele é único. Ele é dia, mês, estação e avô (Brahma).

37. Ele é Aditya, Savitr, Bhānu, o estimulador de vida, honrado por Brahma. Ele é chamado de Bhāskara porque ele é a fonte de origem e causa da destruição de todos os seres vivos e é por isso designado como Bhaskara.

38. O terceiro *Parivatsara* deve ser conhecido como o deus presidente de estrelas. Como a lua é o Senhor das ervas medicinais, ele é chamado de bisavô.

39. Ele é o concessor de vida dos seres vivos. Ele satisfaz as necessidades deles e os preserva. Por meio de seus raios ele inspeciona o universo e o sustenta.

40. A lua é a fonte da origem de *Tithis* (dias da quinzena lunar), junções de *Panaris*, a Lua cheia e a Lua nova. Ele causa a noite e é o Prajāpati com alma nectárea.

---

3 [Aqui há uma falha na digitalização.]

4 A idéia que cinco anos constituem um yuga não só é encontrada em nosso Purāna, mas também no Kaufaliya Arthasastra II. 20 (*Dtsakala-mana*). [E em outros Purānas, como no *Vishnu* e *Brahmānda Purānas*.]

5 A identificação de deuses Agni etc. nos vv. 29-32 são tão antigas quanto o *Śatapatha Brāhmana*. Os versos restantes (vv. 33 e seguintes) dão a explicação da associação daquelas divindades com esses anos.

41-42. Por isso ele é soma paterno da natureza de Rk, Yajur e Sāman. Ele é o propulsor de todas as atividades de todas as criaturas através do trabalho dos ares vitais como Prāna, Apāna, Samāna, Vyāna, Udāna.

43. Ele faz as atividades unificadas e simultâneas das cinco unidades do corpo físico, isto é, os órgãos dos sentidos, a mente, o intelecto, a memória e o poder.

44. Ele é a alma de todos os mundos (seres) por (suas formas espaciais) *Āvaha, Pravaha* etc. Ele é o criador de tudo. Ele é o *Prabhañjana* (vento violento) sempre enérgico.

45. Ele é a fonte de origem do fogo, água, terra, do sol, e da lua. Por isso ele é Prajāpati. Ele é a alma dos mundos existentes. Ele é o bisavô.

46. Quando as ervas medicinais definham, o Senhor é adorado por Devas, o principal dos quais era Prajāpati, e que buscam resultados desejados avidamente por eles. Ele é adorado (por oferecer *Purodāśa)* em três *Kapālas* (potes conhecidos como *Ambaka*). Por isso ele é chamado de Tryambaka.

47. As (métricas Védicas) Gāyatrī, Tristubh e Jagati são lembradas (conhecidas) pelo termo Tryambaka. Elas são as fontes de origem do sacrifício.

48. Isso é lembrado como *Tri-Kapāla* como a oferenda *Purodāśa* consagrada para (alcançar) três meios pela repetição daqueles três versos métricos unidos em um e pela eficácia deles.

49. Desse modo o Yuga, como citado pelos eruditos, é um consistindo em cinco anos. O *samvatsara* que foi citado por brâmanes como tendo cinco eus tornou-se um grupo de seis eus com os nomes de *Madhu* (primavera) e outras estações.

50. Os filhos das estações são cinco. Assim essa criação é mencionada brevemente. Somente este vento (ar vital) é a vida dos seres vivos.

51. O destruidor Kāla corre com a força da correnteza de um rio com dia e noite como suas mãos. Por essa razão ele é chamado de vento.

52. Esses são os Prajāpatis (Senhores de súditos) mais importantes de todos os seres encarnados. Eles são glorificados como os Pitris de todas as pessoas e os Ātmans de todos os mundos.

53. O senhor se manifestou por sair da boca de Brahma, enquanto ele estava meditando. Consequentemente ele (o grande senhor) Mahādeva, o sábio, o Brâmane, a alma de todos os seres vivos, é o bisavô.

54. Ele, o senhor de todos os seres vivos, é idêntico ao Pranava. A criação dos membros (principais e secundários) dos seres vivos é devido à entrada da alma (no corpo).

55. Agni, *Samvatsara*, o sol, a lua, o vento - o Senhor Rudra, a alma de Kāla, o que permeia tudo, sempre condensa esses. Ele é chamado de *Idvatsara* quando ele causa alegria e abençoa o mundo.

56. Neste universo tudo é penetrado e permeado pelo Senhor Rudra com seu próprio brilho, corpos e nomes pela relação do sustentador e do sustentado.

57. Por isso pela destreza dele esse segundo contato de bem-estar é a causa de felicidade suprema para os mundos.

58. Como ele é a causa da distinção geral que existe em Devas, Pitris, e Kāla, ele é adorado pelos instruídos.

59. O senhor de senhores, o Prajāpati dos Prajāpatis, o domicílio de seres vivos é Rudra, Nīlalohita. Ele reaviva o crescimento das plantas medicinais que decaem frequentemente.

60. Assim a linhagem de Devas não pode ser enumerada devido à multiplicidade deles. Seus filhos e netos são muitos para mencionar.

61. Aquele que glorifica essa linhagem de grandes Prajāpatis de atos nobres e renome estável obterá grande *Siddhi*.

Capítulo 32: Características de Yugas

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei a natureza decisiva de *omkāra* como o Brahman imperecível.[1] Deve ser lembrado no início que ele consiste em três letras.

2. Conforme as letras, os deuses presidentes estão ordenados. Eles são Rk, Yajur, Sāman (Vedas); Vāyu (o deus do vento), o deus do fogo e água.

3. É do *Aksara* que os quatorze Ātmans nobres, as divindades dos Devas, se originaram.

4. Entre essas letras (*omkāra*) é onipresente, o conhecedor de todos os Yogas, e permeia tudo. Ele é marcado com letras no começo, meio e no fim para a bem-aventurança das pessoas.

5. Sete sábios, Indras, Devas, assim como Pitris - todos os que se desenvolveram da letra, (realmente) saíram de Maheśvara (Śiva), o deus dos deuses.

6. Para o benefício aqui e futuramente, eles falam disso como a maior região. Kāla, conhecido como Yuga, já foi citado para vocês por mim.

7. Os Yugas são Krita, Tretā, Dvāpara e Kali. Eles se movem em ciclos como uma roda.

8. Devas, estando sujeitos ao controle de Kāla, se sentiram abatidos. Eles não podiam se ajustar à magnitude e controle dele.

9-10. Terrificados por Kāla, os sábios, Devas e Indra de grande penitência contiveram sua fala, controlaram suas mentes severamente por mil anos no princípio do Manvantara e recorreram ao grande senhor (Śiva).

11. Eles disseram ao senhor, "Ó grande Deus! Este Kāla é o senhor dos Devas. Ele tem quatro faces e quatro formas. Quem pode compreendê-lo? Ele é muito profundo."

12. Olhando então para Kāla de quatro faces, o grande Senhor disse aos Devas, "Vocês não precisam ter medo. Que desejo seu eu devo lhes conceder?

13. Eu farei tudo para vocês. Seu esforço não será em vão." Ele mesmo sendo o inconquistável Kāla, o Senhor falou novamente[2]: "Essa face branca dele, vista com quatro línguas, é a [face][3] de Kāla e é chamada de Krita Yuga. Esse deus Brahma, o mais excelente entre os deuses, e Vaivasvata, são (essa) face.

---

[1] Este capítulo é uma continuação do tópico de Tempo iniciado no o capítulo anterior (31, v. 24 e seguintes). A declaração introdutória com respeito à 'natureza decisiva de *Omkāra*' termina com sua identificação com o deus Maheśvara.

[2] Os versos 13-20 nos dão uma reificação interessante do Tempo. Identificando-se com Kāla, Maheśvara explica as quatro faces e formas de Kāla de seguinte maneira:
Um Yuga é uma face de Kāla.

Nome da Face	Outra descrição
4. Krita	Cor branca; quatro línguas. Identificado com Brahma e Vaivasvata Manu.
3. Tretā	Cor vermelha-sangue. As três línguas são três fogos sacrificais (isto é, Garhapatya, Ahavaniya, e Daksinā); ou seja, a instituição de sacrifício estava estabelecida em Tretā. Estabelecimento de Gotras ksatriya.
2. Dvāpara	Cor fulva avermelhada. Duas línguas, dois pés. Ksatriyas estabelecidos firmemente.
1. Kali	Cor preta, olhos vermelhos, uma língua.

[3] [Palavra omitida na digitalização.]

15. A que eu chamei de a terceira – essa (face) de cor vermelha-sangue, com três línguas lambendo, é a Tretā Yuga, ó brâmanes.

16. Nessa era a instituição de sacrifício é iniciada a partir do grande Senhor Śiva e é adorado nessa era. As três línguas são os três fogos (Gārhapatya, Ahavanīya e Daksinā). Depois de adorar os fogos, ó brâmanes, a língua de Kāla começa a atuar.

17. Aquela face terrível de cor fulva avermelhada com duas línguas é a era Dvāpara. Eu permanecerei tendo dois pés nessa era.

18-19. Aquela quarta face de cor preta e olhos vermelhos, e de uma única língua, escura e enorme, lambendo como uma serpente repetidas vezes, é a terrível era Kali. Ela é terrificante para todos os mundos. Ela é a quarta face terrível do Kāla.

20. Nessa era, nem felicidade nem salvação passam a existir. Os indivíduos são devorados por Kāla.

21. Brahma será adorador! na era Krita; na Tretā, é sacrifício; Vishnu em Dvāpara; e Eu em todas as quatro eras.

22. Brahma, Vishnu e sacrifício são as três partes do próprio Kāla. Mas em todas as eras, o grande Deus de quatro formas é o próprio Kāla.

23. Eu sou o progenitor de Kāla, o iniciador de Kāla.

24-25. Ó Devas excelentes de grande poder, vocês não precisam temer o advento de Kali. Para o bem-estar dos mundos, e para oferecer proteção às pessoas e Devas, eu nascerei (na era Kali) e serei adorado."

26. Assim endereçados, Devas e os sábios se curvaram ao Senhor do universo com cabeças inclinadas. Eles falaram com ele novamente.

Os deuses e sábios questionaram:

27. Como é esse Kāla de grande esplendor, corpo enorme, grande coragem e quatro faces, terrível para os seres vivos?

O grande Deus disse:

28. "Esse Kāla tem quatro formas, quatro presas e quatro faces. Para proteger o universo, ele vai além, em todos os lados.

29. Não há nada impossível para ele no universo consistindo nos seres móveis e imóveis. Kāla cria os seres vivos e os aniquila gradualmente.

30. Todos estão sujeitos ao controle de Kāla. Kāla não está sujeito a ninguém. Kāla sempre considera (controla) todos os seres vivos.

31. Ele dá setenta e um passos, como mencionado antes, os quais constituem um Manvantara com o mesmo número de ciclos dos grupos de quatro Yugas.

32. Excedendo um, quando Kāla completa um conjunto de setenta e um passos, o Manvantara termina."

33. Tendo falado dessa maneira para os Devas, sábios, Pitris e Dānavas, o senhor desapareceu lá mesmo, depois de ser reverenciado por eles.

34. Assim o senhor cria, [e] aniquila Devas, sábios, Pitris, e Dānavas no decorrer do Tempo (Kāla) repetidas vezes.

35. Por isso, devido ao medo de Kāla, o grande Deus é adorado em todo Manvantara por Devas, sábios, Pitris e Dānavas.

36-37. Consequentemente, na era Kali, um brâmane deve praticar penitência ativamente. O resultado do mérito de uma pessoa que recorre ao grande Senhor é muito grande. Por isso, abandonando o céu e descendo para a terra na chegada da terrível Kali, Devas e os sábios desejam cumprir penitência. Eles estão totalmente ocupados em ritos santos. O Senhor também toma encarnação frequentemente na era Kali.

38-39. Milhares de Devas, santos e reis têm passado no curso do tempo, no Vaivasvata Manvantara. Devāpi, o rei na linhagem de Pūru, Manu e seus descendentes na família de Iksvāku, são dotados de grande força yóguica. Eles esperam pela mudança em Kāla.

40. Quando a era Kali termina, e Tretā Yuga chega, naquele futuro Tretā Yuga, junto com os sete sábios, os *gotras* de ksatriyas são estabelecidos. Eles são descritos.

41. Os ksatriyas se tornam firmemente estabelecidos ao término de Dvāpara, junto com os sábios. Quando Krita, Tretā e Dvāpara passam, a era Kali chega, na qual homens pecadores passam seu tempo.

42. Śrutis e Smrtis registram a (conclusão e) passagem dos sete Manvantaras. A ordem periódica do término de yugas é a mesma em todos esses.

43. A ascensão de brâmanes e ksatriyas é mútua junto com aquela dos Yugas. Da mesma maneira que eles vieram à existência a partir deles, aqueles que surgiram passam junto com eles.

44. Quando os ksatriyas foram exterminados por Rāma, filho de Jamadagni, as viúvas foram feitas impudicas pelos governantes da terra. Agora eu lhes falarei sobre aqueles que foram para o céu. Ouçam.

45. Eles mencionam Aida, isto é, Aila (Purūravas) como o [primeiro rei?] da linhagem de Iksvāku.[4] Havia uma linhagem de outro ksatriya na terra.

46-47. Reis Iksvāku nasceram na linhagem de Aila; ao todo cem reis daquela família foram coroados; a extensão da família dos reis Bhoja é duas vezes esse número. Havia trezentos reis ksatriya divididos em quatro linhas como eu já mencionei. (?)

48-49. Agora ouçam a respeito dos reis que existiram antes, enquanto eu falo sobre eles. Havia cem Prativindhyas,[5] cem Haihayas, cem Dhārtarāstras, oitenta Janamejayas, cem famílias de reis muito poderosos.

50. Havia cem Paulas; Kāśi, Kuśa e outros eram cem. Śaśabindus que passaram constituem mil. Esses realizaram sacrifícios de cavalo nos quais milhares e milhares (de moedas de ouro) foram dadas como presentes.

51. Desse modo, todos os reis religiosos, que passaram nos Yugas anteriores, foram citados brevemente. Eles não podem ser mencionados em detalhes.

52. Esses fizeram a linhagem de Yayāti prosperar. Sustentando os mundos, eles eram glorificados como resplandecentes.

53-54. Aqueles que ouvem e retêm na memória a descrição deles obtêm os cinco benefícios raros de Brahmaloka, isto é, longevidade, filhos, riqueza, fama e prosperidade, e eles vão para a região de Brahma.

55. Quatro mil anos, eles dizem, constituem o Krita Yuga.[6] Quatrocentos anos constituem o *Sandhya* (período transicional) e quatrocentos anos a parte de *Sandhyā* (Sandhyāmśa).

56. O Krita yuga, o *Prakriyāpāda* (o período preliminar), consiste em quatro mil anos. Fora disso, quatrocentos anos constituem o período transicional (no começo e no fim do yuga).

---

4 As declarações nos vv. 45 e 46 relativas a Aida (isto é, Aila, Purūravas), como [o primeiro rei?] da linhagem de Iksvāku está incorreta. Veja *Ancient Indian Historical Tradition,* F. E. Pargiter, pp. 145-146, Tabela de Genealogias Reais.

5 Veja a obra de Pargiter citada acima, pág. 130. Mas os reis mencionados aqui pertencem à época passada.

6 Os anos mencionados em cálculos de Yuga são 'anos de deuses'. Os versos 55-63 dão o período de anos divinos de cada Yuga da seguinte maneira:

Nome do Yuga	Período	Sandhya	Sandhyarhsa	Total
1. Krita	4000	400	400	4800
2. Tretā	3000	300	300	3600
3. Dvāpara	2000	200	200	2400
4. Kali	1000	100	100	1200

Período total de quatro yugas (*Caturyugi* ou Maha-yuga) = 12.000 anos.
O autor identifica as quatro partes (*padas*) desse Purāna com Yugas. Assim Krita = *Prakriyā Pāda*; Tretā = *Anusañga Pāda*; Dvāpara = *Upodghāta Pāda*; Kali = *(Upa)Samhara Pāda.*
O número de anos em um Mahayuga = 12.000 anos.
O número de versos nesse Purāna = 12.000. (Na verdade, no entanto, são 10.991 versos.)

57. Na era Tretā o período é três mil anos com trezentos anos de *Sandhyā* (período de crepúsculo) e trezentos anos de *Sandhyāmśa* (período transicional).

58. A era Tretā, o *Anusañgapāda* (do *Caturtyugi*) consiste em três mil anos e o período de dois mil anos é proclamado para a era Dvāpara.

59. O período de crepúsculo (*Sandhyā*) consiste em duzentos anos e o período transicional (*Sandhyāmśa*) é da mesma duração. O terceiro *pāda* (de *Caturyuga*) chamado *Upodghātapāda* é na era Dvāpara.

60. Pessoas peritas em cálculo julgam mil anos (como o período) da era Kali. Seu período *Sandhyā* é de cem anos e o período *Sandhyāmśa* também é de cem anos.

61. É declarado que o quarto, *Samhāra* (*Upa-samhāra*) *pāda*, é na era Kali. Quatro Yugas têm (cada um deles) o crepúsculo e períodos transicionais.

62-**63**. (Isso totaliza doze mil.) Desse modo homens eruditos sabiam que esse Purāna (também) consiste em doze mil versos.

64. Assim como os Vedas estão divididos em quatro *Pādas*, um Yuga também tem quatro *Pādas*. Da mesma maneira que o senhor Brahma ordenou que um Yuga consistisse em quatro partes (pés), assim ele ordenou quatro partes (*Pādas* - pés) para esse Purāna também.

Capítulo 33: Progênie de Svāyambhuva Manu[1]

Sūta disse:

1. Em todos os Manvantaras do passado e do futuro, pessoas igualmente idênticas, todas dos mesmos nomes e formas, nascem.

2. Os diferentes Devas que são o[s] governador[es] naquele Manvantara, sábios e seres humanos todos (são igualmente idênticos).[2]

3. A criação de grandes sábios foi narrada. Agora conheçam e entendam a família do Manu Svāyambhuva narrada em detalhes e em ordem apropriada.

4-6. Svāyambhuva Manu teve dez netos iguais a ele mesmo. Eles eram os filhos de Priyavrata. Toda essa terra com seus sete continentes e vários *Varsas* foi colonizada por eles antigamente no Svāyambhuva Manvantara na primeira era Tretā.[3] Eles eram dotados de progênie, poder yóguico, e penitência e da habilidade para criar súditos. Essa terra foi colonizada por eles.

7-8. Kanyā (Kāmyā no *Brahmānda Purāna*), aquela extremamente afortunada filha de Kardama, o Prajāpati, deu à luz para o valoroso Priyavrata filhos dotados de progênie. Ela deu à luz duas filhas, Samrāj e Kuksi, como também cem filhos[4] – entre eles dez irmãos eram muito corajosos e iguais a Prajāpati.

9. Eles eram Agnīdhra, Vapusmat, Medhā, Medhātithi, Vibhu, Jyotismat, Dyutimat, Havya, Savana e Sarva.

10. Priyavrata coroou sete deles como reis com ritos religiosos adequados sobre os sete continentes.[5]

11. Ele fez de Agnīdhra o senhor poderoso sobre Jambū Dvīpa, e ele fez de Medhātithi rei de Plaksa Dvīpa.

12. No continente Śālmali, ele coroou Vapusmat como o rei. Ele fez de Jyotismat governante sobre Kuśa Dvīpa.

13. Ele concedeu a Dyutimān o reino de Krauñca Dvīpa. Ele fez de Havya senhor sobre Śāka Dvīpa.

---

1 Este capítulo é (mesmo textualmente) semelhante ao *Brahmānda P.* 1, sec. 2, cap. 14, porque ambos tratam do tópico da linhagem de Priyavrata e da distribuição dos continentes e subcontinentes entre os descendentes de Priyavrata.

2 Essa crença é compartilhada por todos os Purānas. Esse capítulo trata de cosmografia purânica. Ele associa os nomes dos continentes e subcontinentes da terra com aqueles de seus respectivos governantes – todos sendo os netos do Manu Svāyambhuva – filhos de Priyavrata.

3 Tretā é o Yuga no qual os ksatriyas foram estabelecidos.

4 Dez filhos no *Brahmānda Purāna*.

5 A divisão da terra entre os filhos de Priyavrata é a seguinte:

Nome de filho de Pryavrata	***Nome do Dvīpa designado como um reino separado***
1. Agnidhra	Jambū
2. Vapusmat	Śālmala(-li)
3. Mrdha	
4. Medhatithi	Plaksa
5. Vibhu	
6. Jyotismat	Kuśa
7. Dyutimat	Krauñca
8. Havya	Śāka
9. Savana	Puskara
10. Sarva	

14. Ele fez de Savana o chefe supremo de Puskara. Em Puskara Dvīpa, Savana teve dois filhos, Mahāvīta e Dhātaki. Esses dois filhos eram excelentes entre as pessoas dotadas de filhos.

15. Em honra do nome da alma nobre, aquele continente (sub-Varsa) (é conhecido) como Mahāvīta. O subcontinente Dhātakī Khanda recebeu o nome Dhātaki.[6]

16. O rei Havya gerou (sete) filhos como os governantes de Śāka Dvīpa. Eles eram Jalada, Kumāra, Sukumāra, Manīcaka, Vasumoda, Sumodāka e o sétimo filho Mahādruma.[7]

17. O primeiro subcontinente ou país de (= governado por) Jalada é chamado de Jalada; o segundo de (= regido por) Kumāra é glorificado como Kaumāra.

18. O terceiro subcontinente de Sukumāra é conhecido como Sukumāra e o quarto de Manīcaka é chamado de Manīcaka.

19. O quinto Varsa de Vasumoda é chamado de Vasumodaka, e o sexto de Modāka é glorificado como Modāka.

20. O sétimo de Mahādruma é chamado de Mahādruma. Todos os sete países foram assim chamados pelos nomes deles.

21. Dyutimat, Senhor de Krauñca Dvīpa, teve sete filhos, isto é, Kuśala, Manuga, Usna, Pivara [Pavana no *Brahmānda P*.], Andhakāraka, Muni e Dundubhi.[8]

22. As regiões esplêndidas situadas em Krauñca Dvīpa eram chamadas pelos nomes desses (filhos). A terra de Usna é lembrada como Usna e, aquela de Pīvara, [como] Pīvara.

23. A terra de Andhakāraka foi chamada de Andhakāra, aquela de Muni era Muni e aquela de Dundubhi, Dundubhi. Essas sete terras prósperas eram situadas em Krauñca Dvīpa.

24. Estes sete filhos de grande força nasceram para Jyotismat em Kuśa Dvīpa. Estes eram Udbhida, Venumat, Svairatha, Lavana, Dhrti, o sexto filho Prabhākara e o sétimo Kapila.[9]

25-26. O primeiro país recebeu o nome de Udbhida, o segundo de Venumandala, o terceiro de Svairathākāra, o quarto de Lavana, o quinto de Dhrtimat, o sexto de Prabhākara, e o sétimo Varsa de Kapila é famoso como Kapila.

27. Desse modo os países no Kuśa Dvīpa eram conhecidos pelos nomes deles. Os súditos neles adotavam comportamentos condizentes com as fases de vida.

28. Os governantes do continente Śālmali eram os sete filhos de Vapusmat. Eles eram: Śveta, Harita, Jīmūta, Rohita, Vaidyuta, Mānasa e Suprabha.[10]

29-30. Śveta era a terra de Śveta, Rohita, de Rohita. Jīmūta, de Jīmūta, Harita, de Harita, Vaidyuta, de Vaidyuta, Mānasa, de Mānasa e Suprabha, de Suprabha. Todos esses sete eram os governantes das terras.

31. Eu descreverei os sete países após Jambū Dvīpa. Os sete filhos de Medhātithi eram reis e governantes de Plaksa Dvīpa.[11]

32-33. O primogênito era Śāntabhaya, e então se seguiram Śiśira, Sukhodaya, Ananda, Dhruva, Ksemaka e Śiva. Os sete países que receberam os nomes deles foram estabelecidos por eles no Svāyambhuva Manvantara anterior.

---

6 As subdivisões de Puskara Dvīpa.

7 Os versos 16-20 enumeram as subdivisões de Sāka Dvīpa, cada uma recebeu o nome de um dos sete filhos de Havya.

8 Os versos 21-23 enumeram os subcontinentes de Krauñca-Dvīpa, que receberam os nomes de seus primeiros governantes, os filhos de Dyutimat.

9 Os versos 24-27 dão as sete subdivisões de Kuśa-Dvīpa, cada uma chamada pelo nome de seu governate inicial, os filhos de Jyotismat.

10 Versos 28-30: Os sete filhos de Vapusmān, os reis de Śālmali Dvīpa, deram seus nomes para suas subdivisões, cada um para sua subdivisão específica.

11 Os versos 32-34 enumeram os sete subcontinentes de Plaksa-Dvīpa, todos os quais receberam os nomes de seus governantes, filhos de Medhātithi.

34. Os súditos no Plaksa-Dvīpa foram feitos seguirem a conduta de vida de acordo com suas respectivas castas e fases de vida pelos filhos de Medhātithi, que residiam em seus respectivos sete países.

35-36. Nos cinco continentes, começando com Plaksa e terminando com Śāka, o rito sagrado era conhecido conforme a divisão de castas *(Varnas*) e fases de vida (*Āśramas*). Felicidade, longevidade, formas (beleza), força e Dharma eram todos comuns a todos nos cinco Dvīpas (continentes) perpetuamente.

37. Saibam que o Jambūdvīpa é cercado pelos sete Dvīpas. Priyavrata coroou o filho primogênito (o filho de) Kāmyā[12], Agnīdhra de grande valor, como o rei de Jambūdvīpa.

38-40. Ele teve nove filhos iguais em valor e força a Prajāpati. O primogênito era conhecido como Nābhi; seu irmão mais novo era Kimpurusa; Harivarsa era o terceiro; Ilāvrta era o quarto; Ramya era o quinto; Harinmat era o sexto; Kuru era o sétimo; Bhadrāśva era o oitavo; Ketumāla era o nono. Ouçam as terras deles.[13]

41-45. O pai deu a Nābhi o *Varsa* (subcontinente) do sul chamado Hima. Ele deu a Kimpurusa o Varsa conhecido como Hemakūta; para Harivarsa o *Varsa* lembrado como Naisadha; para Ilāvrta a parte central de Sumeru. Ele (o pai) deu Nīla-varsa para Ramya; Śveta, que se localiza ao norte dele, foi dado pelo pai para Harinmat. Ele deu a Kuru o subcontinente ao norte de Śrñgavān. Similarmente ele designou o subcontinente Mālyavat para Bhadrāśva. Ele designou o subcontinente Gandhamādan para Ketumāla. Assim (ele aquinhoou) esses grandes subcontinentes (entre seus filhos).

46. O virtuoso Āgnīdhra coroou seus filhos nesses países na devida ordem e então se ocupou de penitência.

47. Dessa maneira, os sete continentes foram estabelecidos pelos sete filhos de Priyavrata, os netos de Svāyambhuva (Manu).

48. Os oito países começando com Kimpurusa são muito auspiciosos. Lá a perfeição é natural, consistindo totalmente em prazer e sem esforço.

49. Não há calamidade ou infortúnio, nem medo de velhice, e morte. Eles não têm retidão nem iniquidade. Lá não há nobres de nascimento, nem de nascimento humilde, nem mediano. Em todas aquelas áreas não há ciclos *yuga* (com sua classificação, deveres etc.).

50. Eu descreverei agora a linhagem de Nābhi no Hima Varsa. Nābhi de grande esplendor gerou de Merudevī um filho (chamado) Rsabha[14], o melhor entre todos os reis e o antepassado de todos os ksatriyas.

51. O heróico Bharata nasceu de Rsabha. Ele era o primogênito dos cem filhos dele. Depois de coroar seu filho Bharata, Rsabha renunciou ao mundo.

52. Ele confiou o Varsa do sul chamado Hima a Bharata. Por isso pessoas eruditas o conhecem pelo nome Bharata Varsa.[15]

53. O filho de Bharata era o estudioso e íntegro Sumati. Depois de transferir seu reino, o esplendor real e glória para o filho, Bharata entrou na floresta.

54. O filho dele, Tejas, era um soberano dos súditos e conquistador de inimigos. Indradyumna, o filho de Taijasa, era bem conhecido como um estudioso.

---

12 *Kanya* no texto é um erro de impressão.

13 Os versos 38-45 enumeram as nove subdivisões da Índia como compreendidas pelo autor do Vāyu Purāna. Para os locais das montanhas mencionadas aqui veja a pág. 11, nota 22.

14 Ele é o primeiro *Tirthañkara** dos jainas. Ele é mencionado no *Bhāgavata Purāna* V. caps. 4 e 5 e no *Vishnu Purāna*, livro 2, no cap. 1 [pág. 160 da versão em português.] Purānas bramânicos o consideram como deles, uma encarnação de Vishnu.

***** "*Tirthañkara*, (em sânscrito: "Fazedor de vau"), também chamado Jina ("Vitorioso"), no jainismo, é um salvador que conseguiu cruzar o rio da vida de renascimentos e fez um caminho para os outros seguirem." *Enciclopédia Britânica*.

15 A tradição jaina apóia essa crença purânica. Mas os países recebem os nomes das tribos principais que se instalaram naquela terra específica, por exemplo, Malwa, Gujarat, etc. Dessa maneira o país no qual a tribo chamada Bharatas se instalou era o Bharata original.

55. Seu filho era Paramesthin. Depois da morte dele, Śobhana, nascido na família de Pratīhāras[16] e parente dele (ascendeu ao seu trono). Um filho conhecido como Pratihartr nasceu para ele.

56. Unnetr era o filho de Pratihartr. Bhuva era seu filho. O filho dele era Udgltha. Pratāvi era seu filho.

57. Vibhu era o filho de Pratāvi. Seu filho era Prithu. Nakta era o filho de Prithu e Gaya era o filho de Nakta.

58. Nara era o filho de Gaya. Virāt era o filho de Nara. O filho de Virat era Mahāvīrya e Dhīmat era o filho dele.

59. Mahat era o filho de Dhīmat. Bhauvana era filho de Mahat. Tvastr era o filho de Bhauvana e Arija era o filho dele.

60. Rajas era o filho de Arija. Śatajitwas o filho de Rajas. Ele teve cem filhos e todos eles eram reis.

61. Deles Viśvajyoti era o chefe. Foi através deles que esses súditos prosperaram. Eles fizeram esse Bharata como consistindo em sete Khandas.

62. O país Bharata foi desfrutado por aqueles nascidos na linhagem deles, por setenta e um conjuntos de eras consistindo em Krita, Tretā etc.

63. Junto com aquelas eras (yugas) que passaram, os reis da linhagem deles eram centenas e milhares no Svāyambhuva Manvantara.

64-65. Essa é a criação de Svāyambhuva (Manu), pela qual esse universo foi preenchido junto com sábios, divindades, Pitris, Gandharvas, Rāksasas, Yaksas, Bhūtas, Piśācas, seres humanos, animais e pássaros. A criação deles no mundo revolve em ciclos junto com os Yugas.

---

[16] O *Brahmānda Purāna* (v. 65-66) afirma que Pratihāra é o nome do filho de Paramesthin.

Capítulo 34: Geografia de Jambūdvīpa[1]

1. Ao ouvirem falar do estabelecimento das pessoas, os sábios inteligentes e eminentes questionaram Sūta a respeito do comprimento e da extensão da terra.

Os sábios perguntaram:

2. Ó senhor santo, quantos continentes, ou oceanos ou montanhas existem? Quantos Varsas (subcontinentes) existem e quais são os rios neles?

3. Explique realmente em detalhes para nós a magnitude dos grandes elementos e da montanha Lokāloka, a circunferência, o tamanho e o curso de movimentos do sol e da lua.

Sūta disse:

4. Daqui em diante eu explicarei o comprimento e extensão da terra, o número de oceanos e continentes em detalhes.

5. Eu lhes falarei quantos territórios (Varsas) há e quais (são) os rios neles. (Agora) eu lhes contarei a magnitude dos grandes elementos, a cordilheira Lokāloka, a circunferência, magnitude e o curso da lua e do sol.

6. Há milhares de regiões e ilhas nos sete continentes. Elas não podem ser descritas em detalhes com evidência suficiente, nem mesmo em centenas de anos.

7. Eu explicarei os sete continentes junto com a lua, o sol e os planetas. Homens mencionam sua extensão e magnitude por meio de conjeturas.

8. Não se deve fazer conjeturas sobre objetos e mundos inconcebíveis. Aquilo que está além de Prakrti é chamado de eterno.

9. Eu descreverei para vocês realmente Jambūdvīpa consistindo em nove Varsas. Ouçam sua extensão e zonas em yojanas.

10-11. Ele se estende sobre cem mil yojanas. Ele é cheio de diferentes localidades rurais e várias cidades esplêndidas. Ele é embelezado com as (colônias de) Siddhas, Cāranas e Gandharvas e com montanhas também. Ele tem montanhas cheias de minerais e pedras de diversas cores. Ele tem muitos rios surgindo de montanhas.

12. Jambūdvīpa é imenso, glorioso e rodeado por nove (Khandas – zonas?) habitados por seres vivos. Ele é cercado por todos os lados pelo oceano salgado.

13. Por todo o Jambūdvīpa, se estendendo ao seu comprimento total, os seis sistemas [de montanhas] se esticam para o leste.[2] Eles têm cumes excelentes. Eles se estendem para ambos os lados mergulhando nos mares orientais e ocidentais.

14. A montanha Himavat é cheia de neve. Hemakūta é cheia de ouro; Nisadha é dourada tendo o brilho do sol do meio-dia.

15. A dourada Meru de quatro cores é conhecida como a mais alta.[3] Lançando-se em formas simétricas por todos os lados ela se eleva para o alto.

---

[1] O *Vāyu P.* é um dos Purānas mais antigos. Embora o autor tenha registrado a informação tradicional ou memória social dos lugares em Jambūdvīpa, a informação como confirmada por investigadores modernos mostra que a Índia Purânica era muito mais ampla e abrangia o moderno Afeganistão e uma parte maior da Ásia Central. As distâncias e a extensão mencionadas em termos de yojanas são tradicionais (e possivelmente conjeturais) porque elas frequentemente não correspondem com nosso conhecimento atual.

[2] Esses são chamados de *Varsa parvatas* porque eles dividem um Varsa (subcontinente ou país) de outro. Para o local e nome moderno deles veja acima o cap. 1, pág. 11, nota 22.

[3] Os versos 15-23 descrevem o monte Meru central. Sobre sua forma e tamanho há um consenso entre vários Purānas. M. Ali (*The Geography of Purānas*, pp. 47-50) destaca que persas, gregos, chineses, judeus e árabes confirmam a nodalidade tradicional de Meru. Depois de discutir os problemas, ele mostra que o monte Meru dos Purānas é idêntico às montanhas Parmir na Ásia Central. Para uma representação de diagramática de Jambū-Dvīpa e sua seção transversal veja [a figura abaixo, da pág. 65 da obra acima citada.]

16. Em seus lados ela tem várias cores. Ela é dotada dos atributos de Prajāpati. Ela nasce do nó umbilical de Brahma, de origem imanifesta.

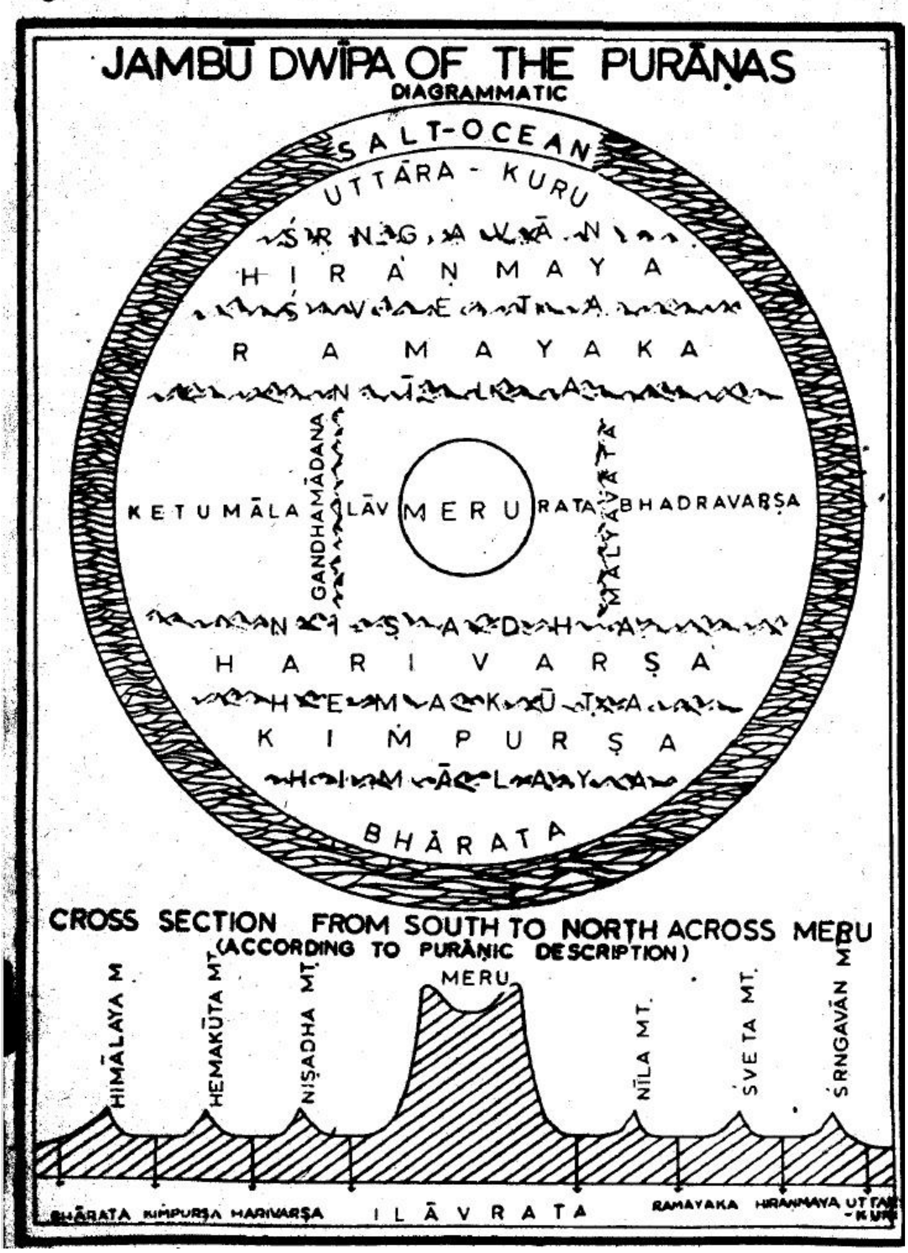
17. Ela é branca no leste, por isso sua condição de brâmane. Ela é amarela no sul, por isso sua condição de vaiśya.

18. No oeste ela é preta como a folha de babosa. Ela é muito firme, e presta serviços para muitos.

19. Seu lado norte tem uma cor vermelha natural. Por isso sua condição de ksatriya. Dessa maneira todas as cores dela são descritas. Sua característica manifestada é descrita de acordo com sua cor e efeitos.

20-21. A montanha Nila é cheia de *lápis lazúli;* Śvetasrñga, cheia de ouro; Śrñgavān é de ouro, mas matizada em cor como penas de pavão. Essas montanhas grandiosas são frequentadas por Cāranas e Siddhas. É dito que a circunferência interna delas é nove mil (yojanas).

Fig. 4



22. Ele [o monte Meru] está no centro de Ilāvrta que o cerca. [Ilāvrta][4] se estende a nove mil yojanas. No centro do Meru, há um fogo sem fumaça.

23. As metades do sul e do norte de Meru se unem como o meio do altar sacrifical. Os sete sistemas de montanhas dos sete países (Varsas) têm dois mil yojanas de comprimento e o mesmo tanto de altura.

24-27. É dito que a extensão deles é semelhante àquela de Jambūdvīpa. As duas montanhas do meio, Nila e Nisadha, têm cem mil yojanas de comprimento; as outras (quatro montanhas) são mais curtas (em comprimento) que aquelas. (Elas são) Śveta, Hemakūta, Himavān, e Śrñgavān. Dessas montanhas Śveta e Hemakūta têm cada uma noventa mil yojanas de comprimento. (As montanhas Himavān e Śrñgavān) têm cada uma oitenta mil de comprimento. Há *Janapadas* (territórios) entre elas. Os Varsas são sete em número. Eles são cercados por montanhas difíceis de atravessar por causa de precipícios íngremes. Eles são cruzados por diferentes rios. Era impossível viajar de um Varsa para outro (literalmente, eles eram mutuamente inacessíveis). Animais de diferentes espécies vivem neles.

28. Este Varsa que deriva seu nome de Himavat é bem conhecido pelo nome Bharata. Hemakūta está além dele. Ele é lembrado pelo nome Kimpurusa.

29. Naisadha (*Varsa* está além de) Hemakūta. Ele é chamado de Harivarsa. Ilāvrta está além de Harivarsa (com Meru no meio).

30. Nīla está além de Ilāvrta e é famoso pelo nome de Ramyaka. Além de Ramyaka está Śveta e é bem conhecido como Hiranmaya. O Srngavat está além de Hiranmaya e é lembrado como Kuru.

31. Os dois subcontinentes no sul e no norte devem ser conhecidos como situados na forma de um arco. Quatro outros estão situados longitudinalmente e o do meio é Ilāvrta.[5]

32. O Vedyardha que está no lado de cá de Nisadha é conhecido como o Vedyardha do sul e o que está além de Nīlavān é o Vedyardha do norte. No lado sul de Vedyardha há três Varsas e no lado norte três.

33a. Meru deve ser conhecido como permanecendo entre eles e Ilāvrta está no meio de Meru.

33b-34. Ao sul da Nīla e ao norte de Nisadha há uma grande montanha que se estende para o norte, chamada Mālyavān. Ela se estende mil yojanas de Nīla até Nisadha. Ela é glorificada como uma de trinta e quatro mil yojanas de extensão.

35. A montanha Gandhamādana deve ser conhecida como situada a oeste dela. Em comprimento e extensão ela é reputada como semelhante a Mālyavān.[6]

---

[4] [“Ilavrita é de dimensões semelhantes, mas no centro dele está a montanha dourada Meru, e o país se estende nove mil Yojanas em cada direção dos quatro lados da montanha.” *Vishnu Purāna*, livro 2, cap. 2, pág. 163.]

[5] Esse é o conceito de sete continentes da terra nos Purānas. Isso pode ser representado em forma de diagrama da seguinte maneira:

NORTE

Uttara-Kuru Varsa	**Montanha Srñgavān**
Hiranmaya Varsa	**Montanha Śveta**
Ramyaka Varsa	**Montanha Nīla**

Ilavrta Varsa
Monte Meru
Ilavrta Varsa

Hari Varsa	**Montanha Nisadha**
Kimpurusa Varsa	**Montanha Hemakūta**
Bharata or Haimavata Varsa	**Montanha Himavat ou Himalaya**

SUL

A formação semelhante a arco desses Varsas sugere a forma esférica da terra?

Meru, a montanha dourada, está no meio de dois círculos. Aquela montanha dourada tem quatro cores. Ela é simétrica e muito alta.

36. Entre os dois, está a montanha Meru de quatro cores, dourada, de quatro ângulos, excelente. Do imanifesto, os elementos de água etc. nascem.

37. A partir do imanifesto o grande loto da terra é expandido. Seu pericarpo é o Meru de quatro cantos que é cinco vezes grande.

38-39. Ó brâmanes excelentes, então todas as divindades nasceram. O nobre Purusottama nasceu com seu Ātman purificado por méritos obtidos previamente por muitos Kalpas. Então lá nasceu Mahādeva, o grande yogin, o grande senhor que é anterior ao universo o qual ele permeia, e que é infinito e informe.

40. Ele não tem forma evoluída de Prakrti, quer dizer nenhuma forma de carne, gordura ou osso; com seu poder yóguico e natureza grandiosa, ele penetra o universo.

41. Dele como a causa, nasceu o loto eterno dos mundos. Como a sequência natural de tempo, isso aconteceu no advento do Kalpa (?).

42. Naquele loto nasceu o senhor de quatro faces de Devas, Brahma, o chefe dos Prajāpatis, o senhor do universo.

43. A criação dele é precisamente a semente do loto. O todo disso, junto com a criação dos indivíduos, é mencionado aqui em detalhes.

44. O loto que foi formado por Vishnu cresceu de seu umbigo. A terra junto com as florestas e as árvores foi desenvolvida na forma de um loto.

45. Ó brâmanes, ouçam a descrição detalhada desse loto do universo e suas divisões em ordem apropriada.

46. Os quatro grandes continentes famosos estão posicionados nas pétalas.[7] O poderoso [monte] Meru está localizado no pericarpo.

47-48. De seus lados de cores diferentes o lado leste é branco; o sul é amarelo; o oeste é preto; e o norte é vermelho. Com cores variadas que resplandecem brilhantemente, Meru está estabelecido como um rei.

49. Ele é tão refulgente como o sol de meio-dia ou o fogo sem fumaça. Ele tem oitenta e quatro mil yojanas de altura.

50. Sua profundidade debaixo da superfície da terra é dezesseis mil yojanas e em sua base ele se estende também pelo mesmo número. Ele está situado como uma seta que aponta para o leste. Seu diâmetro no topo é trinta e dois mil yojanas.

51. Sua circunferência em volta é três vezes sua extensão lateral. A curvatura esférica é a metade disso. Ele se encontra em três ângulos.

52. Sua extensão em volta é quarenta mil yojanas. No cálculo angular, ele terá oito mil mais.

53. No cálculo quadrangular a circunferência é quarenta e oito mil yojanas.

54. Aquela montanha é extremamente rica em ervas medicinais divinas. Ela é cercada por mundos dourados auspiciosos.

55. Todos os grupos de Devas, Gandharvas, Uragas, Rākṣasas, e Apsaras esplêndidas, são vistos naquela montanha grandiosa.

56. Aquele Meru, o purificador de seres vivos, é cercado por continentes. Quatro terras estão estabelecidas em seus diferentes lados.[8]

---

[6] Os Purānas diferem sobre o local dessas montanhas. Mas aqui a montanha Mālyavān, devido à sua associação com Gandhamādana e Meru, pode ser identificada com a cordilheira Sarikol, porque Gandhamādana era a cordilheira norte do grande arco Hindukush com sua extensão norte, a cordilheira Khwaja Mohammad, (*The Geography of Purānas*, pp. 58-59).

[7] O verso 46 e seguintes explicam o conceito de quatro continentes (*Caturdvipa*) da terra. Ele considera Meru como o pericarpo do loto-Terra com quatro dvipas como pétalas, uma em cada direção. O conceito de quatro direções era naturalmente mais antigo e é encontrado no *Mahābhārata*, Bhishma Parva, cap. 6, *Vishnu Purāna*, livro 2, cap. 2, e em antigas obras budistas (veja Childers, *Pali-Bng. Dicionário*; S. V. Mahadipo e Malalasekera, *Diet. Pali. Prop*. *Homes* – Jambudipa).

[8] Os versos 56-57 declaram em poucas palavras o conceito *Catur-Dvipi* desse modo:

57. Eles são Bhadrāśva (no leste), Bharata (no sul), Ketumāla no oeste, e os Kurus no norte. Eles (Kurus) são os recantos daqueles que realizam ações piedosas.

58. O pericarpo daquele loto é esférico se estendendo noventa e seis mil yojanas em volta. A medida interna é oitenta e quatro mil yojanas.

59. Seus filamentos se estendem até trezentos mil yojanas em todas as direções.

60. Ele tem quatro pétalas para os quatro quadrantes, cem mil yojanas de comprimento e oitenta mil de largura.

61. Escutem atentamente a descrição do que eu chamei anteriormente de o pericarpo e o conheçam brevemente.

62. Atri[9] pensava que ele tinha cem ângulos ou cantos; o sábio Bhrgu, mil. De acordo com Sāvarni; ele é octangular, e um quadrângulo de acordo com Bhāguri.

63. Vārsāyani opina que ele tem quatro lados; Gālava pensa que ele tem a forma de um pires; Gārgya o considera como torcido trançado firme; enquanto Krostaki conjetura que ele é esférico.

64. Cada um desses sábios conhecia somente aquele lado dessa montanha grandiosa que estava perto dele. Só Brahma conhece a cordilheira inteira.

65-**66**. Saibam que Meru, a mais excelente das montanhas, é cheia de pedras preciosas e jóias. Ela tem várias cores e brilhos. Ela é dourada e refulgente como Aruna. Ela é muito atrativa. Ela tem mil nós e cumes onde flui água. Ela é como um loto com mil pétalas.

67-**70**. Ela é cheia de colunas enfeitadas com pedras preciosas e jóias. Ela tem altares decorados com diversas jóias. Guirlandas de corais e peças douradas a adornam. Em ocasiões festivas centenas de habitantes do céu gloriosos, que se movem em carruagens aéreas, iluminam todos os seus lados com o brilho deles. As residências para Devas estão colocadas em milhares de seus belos topos. O senhor de quatro faces dos Devas, Brahma, o mais excelente entre aqueles que conhecem Brahman e o líder dos moradores do céu, ocupa sua área mais alta.[10]

NORTE
(Uttara)Kuru

Leste **Ketumala** **Monte Meru** **Bhadrasva** *Oeste*

Bharata
SUL

Antigos budistas mostram a mesma distribuição embora eles substituam Purva-Videha em lugar de Bhadrasva e Apara Godana (Pali-*Goyana*) em lugar de Ketumala. Para uma discussão sobre esses nomes veja D.G. Sircar, *Geography of Ancient and Medieval India,* p. 19 e seguintes e *Cosmography and Geography in Early Indian Literature*, pp. 38-43.

[9] Os versos 62-63 mostram a confusão dos geógrafos pré-*Vāyu Purāna* a respeito de Meru. O autor do *Vāyu P*. não é muito mais sábio ou confiável aqui.

[10] Para justificar a identificação de Meru com céu ou Svarga nos vv. 94-96 abaixo, nos é dito como os salões de assembléia dos Deuses se encontram nos diferentes cumes de Meru. O deus Brahma, sendo o maior dos deuses, está em um nível mais alto com seu salão de assembléia Manovati. A distribuição, no sentido de direção, dos deuses e suas assembléias dada nos vv. 75-92 é a seguinte:

Direção do cume	*Nome do deus presidente*	*Nome do seu salão de reunião*
1. Leste	Indra	-
2. Sudeste	Agni (deus do fogo)	Tejovati
3. Sul (?)	Vaivasvata (Yama)	Susarhyama
4. [Sudoeste] ?	Nairrtya	Krsnangana
5. Oeste (?)	Varuna	Subhavati
6. Noroeste	Vāyu	Gandhavati
7. Norte (?)	A Lua	Mahodaya (Vibhavari abaixo no cap. 50, v. 90)
8. [Nordeste] ?	Īśāna	Yasovati

71-72. Os vários quadrantes estabelecidos na montanha contêm milhares de grandes Devas capazes de conceder resultados desejados. Eles ocuparam as grandes regiões lá. Lá se encontra um glorioso salão de assembléia de Brahma, frequentado por vários sábios bramânicos. Ele é conhecido como Manovatī em todos os mundos.

73. A grande carruagem aérea do senhor Īśāna, tendo o brilho de mil sóis, está lá proclamando sua própria glória.

74. Devas e sábios (ficam lá) perto de Brahma. A massa de esplendor (o deus Brahma?) é glorificado lá. Eu a descreverei para vocês agora.

75. O senhor glorioso de riquezas, o Indra de mil olhos, permanece lá honrado por Devas e os sábios celestiais de grande destreza yóguica.

76. Lá somente é a região do senhor Indra, o grande monarca, o senhor dos mundos. Ela é tão refulgente quanto o sol. Ela é reverenciada por todos os Siddhas.

77. Lá é a região de Indra dotada da maior prosperidade do mundo. Ela é iluminada pelos excelentes Devas imortais e é sempre frequentada por eles.

78-80. No segundo cume interno, no ponto intermediário entre o leste e o sul, está o famoso salão de reunião esplêndido que brilha como fogo. Ele é muito bonito e resplandecente, marchetado com metais de diversas cores. O chão é pavimentado com várias pedras preciosas. Ele tem vários pilares feitos de ouro e erguendo-se altos. Lá há muitas plataformas enfeitadas com pedras preciosas, apartamentos excelentes secretos e escondidos em qualquer lado. Essa famosa carruagem aérea espaçosa é refulgente e semelhante ao fogo.

81-82. Aquele apenas é o grande salão de assembléia do deus do fogo. Ele é chamado de Tejovatī. O deus do fogo Vibhāvasu, o mais excelente (entre os Devas) e a boca de todas as divindades celestiais, dotado de milhares de chamas saltantes, é elogiado por Devas e sábios, que realizam *Homas* também.

83-84. O deus do fogo é o intermediário e um deus distinto de brâmanes. Embora ele seja indivisível, seu esplendor é compartilhado por todos. Ele, o senhor de esplendor, assume várias formas. Sua diversidade como a causa e efeito é perceptível através da mente concentrada.

85. Aquele deus do fogo é reverenciado respeitosamente por Siddhas nobres, sábios santificados, conhecedores do mundo e dos assuntos mundanos e aqueles que assimilam a coragem e façanhas dele.

86. No terceiro cume interno há um grande salão de assembléia de Vaivasvata (deus da morte). Ele é conhecido como Susamyamā.

87. No quarto cume interno se encontra o grande salão de assembléia do inteligente senhor Nairrtya de olhos estrábicos. O salão é chamado de Krsnāñganā.

88. Similarmente no quinto cume interno há um grande salão de assembléia de Varuna, senhor das águas e filho do sol. Esse salão é chamado de Śubhavatī.

89. No quadrante norte além desse, no sexto cume interno, há o grande salão de assembléia de Vāyu. Ele supera todos em qualidades boas. Ele é chamado de Gandhavatī.

90. No sétimo cume interno há o salão de assembléia da Lua, o senhor das estrelas. Ele tem plataformas elevadas e altares de *lápis lazúli* brilhante. Esse salão é chamado de Mahodayā.

91. Assim também no oitavo cume interno há um grande salão de assembléia de Īśāna. Ele é chamado de Yaśovatī. Ele tem o brilho do ouro fundido.

92. Esses salões de assembléia esplêndidos estão situados nos oito quadrantes. Eles pertencem aos oito Devas principais, Indra e outros.

93. Eles são frequentados pelos sábios, Devas, Gandharvas, Apsaras e serpentes, que vão para culto.

A lista dos senhores de direções como dada aqui no *Vāyu Purāna* é diferente da tradicional. A lista citada de *Amarakośa* (no Apte's Sk. Dictionary) substitui Kubera em lugar da Lua, enquanto o *Mahabh*. Udyoga Parva, cap. 16, exclui Indra e Agni e inclui Kubera e Soma.

94-96. O que é conhecido e chamado pelos sinônimos de céu, isto é, Nākaprstha, Diva e Svarga, por aqueles que conhecem os Vedas e seus auxiliares é isso. É lá onde os Devas vivem. É assim afirmado nos Vedas. Alguém chega a esse Devaloka por meio de várias observâncias, restrições, sacrifícios ou diferentes tipos de ações meritórias. Ele é chamado de Svarga também.

Capítulo 35: Jambū-Dvīpa (continuação)

Sūta disse:

1. O que é descrito como a raiz do pericarpo[1] é setenta mil yojanas abaixo.

2. É sabido que uma esfera de quarenta e oito mil yojanas cercada pelo senhor das montanhas é o que é chamado de *Merumūla* (Raiz de Meru).

3. Em todos os quadrantes, há montanhas de limite, as mais altas entre milhares de montanhas.

4-6. Elas são embelezadas por sebes, cavernas, rios e regatos. Elas têm muitos cumes como mansões enormes brilhando com flores. Seus lados são embelezados por minerais. Seus flancos são enfeitados por cachos de flores. Seus picos são marrom-dourados. Muitos rios fluem sobre elas. Todas essas montanhas estão ricamente enfeitadas com pedras preciosas. Há caramanchões inimitáveis com centenas de aves frequentando-os. Leões, tigres, *Sarabhas* (um animal mitológico de oito pés), cervos camarī e elefantes vivem lá. Elas (as montanhas de fronteira) são limitadas por (cadeias de) montanha de várias formas e cores.

7. Cada uma das dez montanhas é marcada pelo sol, leão, e o cervo preto. Elas têm três rios (?) fluindo dentro e fora.

8. Ao leste de Meru estão as duas montanhas Jathara[2] e Devakuta que correm de norte a sul e se estendem até as montanhas Nīla e Nisadha.

9. A Kailāsa e a Himavat estão ao sul e norte. Estendendo-se para o leste e o oeste, elas entram no mar.

10. Ó brâmanes excelentes, agora eu lhes falarei o diâmetro de Meru, a montanha de ouro.

11. Meru tem quatro grandes cordilheiras (pernas) em todos os quatro quadrantes. Segurada por elas, a terra com seus sete continentes não se move.

12. A extensão delas é dez mil yojanas. Elas brilham com muitas pedras preciosas e jóias de Devas, Yaksas e Gandharvas que residem lá. Muitos regatos fluem de sua declividade rochosa e de suas belas cavernas.

13. Os planaltos de diversas cores e características brilham com os cachos de flores exuberantes ao redor dos declives e cumes, cheios de minas de arsênico vermelho e pigmento amarelo.

14. As cavernas por toda parte brilham em diversas cores com pedras preciosas e ouro. O lugar abunda em cinabre, ouro e minerais.

15. Elas estão enfeitadas com corais engastados em ouro de formas e tamanhos variados. Há residências de Siddhas com centenas de juntas (pavimentos?) as quais são belas e encantadoras. Elas são deslumbrantes por toda parte com carruagens aéreas palacianas majestosas.

16. Ao leste está a Mandara,[3] ao oeste, a Vipula, e ao norte, a Suparsva.

17. Em milhares de seus picos, há plataformas de diamantes e *lápis lazúli*, com árvores de milhares de ramos. Com raízes firmes, elas estão bem estabelecidas.

---

[1] Esta é uma continuação da descrição do Monte Meru. O autor está registrando suas informações de rumores – memória social. Geógrafos modernos tentam identificar as montanhas, rios etc., nos Purānas, muitas vezes sem sucesso.

[2] Jathara e Devakuta são as montanhas Kuruk-Tagh e Altin Tagh (Nanshang - Tsing-ling) de Sinkiang (*The Geography of Purānas* 99-100).

[3] As (montanhas) Pamir se tomadas como Meru, Suparsva fica situada no Quirguistão, Mandara não é a colina na subdivisão Banka do distrito de Bhagalpur (Bihar) como dito pelo *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 124, mas a cordilheira Sarikol (N. China) (*The Geography of Purānas* 101), e Vipula está em Ketumala (veja a pág. 159, nota 6). A identificação de Mandara com a Maiandros de Ptolomeu é duvidosa.

18. Elas produzem densamente folhas escuras lisas, com frutos e flores grandes. Elas cobrem o chão com sombra. Elas são muito altas.

19. Quatro grandes árvores, que são os marcos do continente, cresceram lá. Elas são frequentadas por Siddhas, Yaksas, e Gandharvas.

20. No pico da montanha Mandara há uma grande árvore *Keturat* (o rei das bandeiras) com ramos suspensos. Lá também há uma árvore *Kandara*.

21. Ela é esplêndida com flores excessivamente fragrantes, desabrochadas, tão grandes quanto um jarro, com filamentos espalhados. Elas florescem em todas as estações.

22. Levada pelo vento suave, a fragrância enche os quadrantes por mais de mil yojanas em volta.

23-25. Ó brâmanes, o continente Bhadrāśva[4] é bem conhecido como *Vardketu*. Lá Vishnu é adorado diretamente por grupos de Siddhas. Antigamente Hari (Indra), o mais excelente entre os Devas, montado em um cavalo branco e acompanhado por um grupo de Rudras, viajou sobre o continente inteiro. Ó léxicos de brâmanes, o continente é, portanto, chamado de Bhadrāśva.

26. Há uma árvore Jambū (Maçã-de-Rosa) no topo do montanha sul. Ela é frequentada por Devas. Ela sempre floresce e dá frutos. Ela brilha com guirlandas de flores.

27. Suas raízes e ramos são muito extensos. Seus ramos são de cores agradáveis. A árvore está sempre ornada com flores, frutas e ramos viçosos.

28. As frutas doces e macias de tamanho enorme que caem no pico da montanha são semelhantes a néctar em sabor.

29. Do platô no topo dessa montanha excelente flui o rio Jambū com correntes de mel.

30. Ouro conhecido como Jāmbūnada, com o brilho do fogo ardente, é formado lá. Ele é o ornamento incomparável de Devas e o destruidor de pecados.

31. Devas, Dānavas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas e Pannagas (serpentes) bebem o mel, o suco que exsuda da árvore Jambū, que é tão doce quanto néctar.

32. Aquela árvore Jambū eterna que é famosa no mundo é o marco no continente sul.[5] O continente é chamado de Jambūdvīpa conforme o nome dela.

33. Uma grande árvore Aśvattha cresce no cume da grande montanha ocidental Vipula.[6]

34. Ela tem guirlandas suspensas, e plataformas douradas enfeitadas com pedras preciosas. Seu tronco e ramos são muito altos. Ela é a residência de muitos seres vivos. Ela abunda em qualidades boas.

35. Aquela árvore é o marco do povo de Ketumāla. Ela é embelezada com frutos auspiciosos que crescem em todas as estações. Eles são do tamanho de vasos grandes e muito agradáveis. A árvore é frequentada por Devas e Gandharvas.

36. Saibam, ó grandes brâmanes, como o continente veio ser conhecido como Ketumāla. Eu lhes contarei a etimologia do nome.

37-38. Depois do batimento do oceano de leite os Daityas foram derrotados; ao ser pressionada no tumulto da batalha, quando as árvores tremeram, uma guirlanda trançada pelo senhor Indra de mil olhos foi colocada em volta do tronco daquela árvore Aśvattha (como uma forma de adoração).

39. Ela ainda retém sua fragrância excessiva. Ela nunca murcha. Ela concede todos os desejos. Aquela guirlanda abençoada é adorada por Siddhas e Cāranas.

---

[4] Bhadrāśva é a bacia de Tarim-Hwango-Ho ou Norte da China (*The Geography of Purānas* 64, 65, 73).

[5] Parece que certas zonas climáticas favoráveis para o crescimento de algumas árvores típicas são consideradas como 'continentes'. Assim *Jambudvipa* tem *Jambū* (Maçã-de-Rosa) como sua árvore representativa sugerindo a zona climática (e outras condições) conducentes ao seu crescimento.

[6] Essa fica situada em Ketumāla. Ketumāla é limitado no sul por Nisadha (Hindukush-Kunlun), no norte por Nīla (Zarafshan-Tien Shan), no oeste pelo Mar (Cáspio) – o 'Mar Ocidental' dos Purānas, e no norte pelo deserto de Turan (*The Geography of Purānas*, 88).

40. A guirlanda, por assim dizer um mastro de bandeira dado por Indra, brilha de um modo divino. Soprada pelo vento, ela flutua [espalhando] fragrância agradável.

41. Simbolizado com os dois nomes (Ketu e Mālā) unidos, o continente é conhecido como Ketumāla.[7] Ele se encontra na região ocidental. Ele é muito extenso, bem conhecido aqui como também no céu.

42. No pico norte da montanha Supārśva uma grande figueira cresce com ramos extensos. Ela cobre uma área de muitos yojanas.

43. Ela é frequentada por Siddhas e Cāranas. De seus ramos, cachos de guirlandas de fragrância doce pendem soltos. Ela brilha com eles.

44. Essa árvore é o marco do país Kuru do norte. Ela brilha com frutos cheios de mel. Os frutos parecem a taça de coral.

45. Sete filhos mentais de Brahma, os irmãos mais novos abençoados de Sanatkumāra, permanecem lá. Eles são conhecidos como Kurus.

46. Eles obtiveram conhecimento (espiritual) naquela região. Eles são caracterizados por devoção e qualidades boas. Eles têm fama meritória. Essa grande região eterna, imperecível, foi alcançada por eles.

47. Esse continente derivou seu nome daquelas sete grandes almas. Os Kurus[8] do norte são famosos aqui e no céu para sempre.

---

[7] Uma etimologia popular.

[8] M. Ali identifica Uttara Kuru com a ‘Região da Sibéria Ocidental’ incluindo as bacias do rio Irtysh, o Op e o Tobol (*The Geography of Purānas* pág. 85).

Capítulo 36: Arranjo (Geográfico) do Mundo

Sūta disse:

1. Eu explicarei na devida ordem os anexos das quatro montanhas principais. Eles são muito encantadores em todas as épocas e estações.

2. O lugar abunda em *Sārikās* (o pássaro *Turdus Salica*), pavões, *Cakoras* inebriados, papagaios, abelhas reais e leopardos por toda parte.

3-4. Os locais são atrativos em todos os lugares com os sons melodiosos das aves *Jivamjivaka* (Cakora), os sons de *Hemakas* (?), as notas de arrulho dos cucos ébrios e os sons dos balidos de cabras. Há os sons encantadores dos cisnes dourados, pardais e outros sons de gorjeio agradáveis.

5. As regiões de floresta parecem estar cantando com os doces sons de zunido de abelhas excessivamente lentas e embriagadas. Elas são frequentadas por Kinnaras em alguns lugares.

6. As árvores, agitadas pelos ventos suaves, derramam flores lá. Elas brilham com seus brotos tenros graciosos.

7. Elas estão equipadas com grupos e cachos de flores e brotos tenros cor de cobre, que balançam suavemente devido ao vento suave.

8. Ó brâmanes excelentes, centenas de seixos brilhantes e diversos minerais se misturam com as cascas de árvores e cascas de frutas espalhadas magnificamente.

9-10. Há quatro áreas de diversão divinas. Elas são esplêndidas e fascinantes. Elas são frequentadas por Devas, Dānavas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas, Nāgas, Siddhas e Apsaras. Ouçam os nomes delas.

11. No lado oriental é a floresta chamada Gaitraratha; na (montanha) sul, a floresta Nandana; na (montanha) ocidental, a floresta Vaibhrāja; e na montanha norte, a floresta de Savitr (o deus do sol).

12. Nessas grandes florestas (parques), adjuntos encantadores são providos em ordem apropriada. Lá pássaros gorjeiam melodiosamente.

13. Centros sagrados extensos e grandes jardins santificados são as residências de grandes Nāgas e aqueles são frequentados por almas nobres.

14. Águas doces e puras são auspiciosas e muito agradáveis. Elas são bebidas por Siddhas, Devas e Asuras.

15. Há quatro grandes lagos que resplandecem com lotos e lírios, com folhas enormes, graciosas, fragrantes e desenvolvidas. Essas são semelhantes a guarda-sóis em aparência e tamanho. Eu mencionarei os nomes deles.

16. No leste há o lago Arunoda;[1] no sul é o lago Manasa; no oeste está o Sitoda e no norte, Mahabhadra.

17. As montanhas ao leste de Arunoda estão sendo narradas por mim em detalhes. Por favor ouçam.

18-20. No leste de Mandara estão as montanhas Śītānta,[2] Kumuñja, a montanha excelente Suvīra, Vikañka, Maniśīla, Vrsabha a melhor das montanhas, Mahānīla, Rucaka, Sabindu, Mandara, Venumān, Sumedha, Nisadha, Deva-Śaila e outras. Elas são as residências de Siddhas.

---

[1] O lago Arunoda é o Kara Kul o qual se encontra no canto nordeste (aqui chamado de 'O Leste') das (montanhas) Pamir (Meru) perto da fonte do rio Kizil-Su ou o Sita (*The Geography of Purānas* 101). O Manasa é bem conhecido. Sitoda é Victoria (nas Pamirs) e *Mahabhadra* é Son-Kul (*The Geography of Purānas,* 201).

[2] A cordilheira Kashghar, a última cordilheira longitudinal da região Pamir. Ela é uma barreira climática que separa o planalto frio em seu oeste. Por isso seu nome Sitanta. Kumunja é uma ramificação da Tien Shan. A montanha Vikanka (Kungur), e Manisila (cordilheira Mustagh) – essas montanhas estão associadas de um modo ao rio Sita (Kizil-Su).

21. Saibam que estas grandes montanhas se encontram no sul lado do lago Mānasa. Escutem os nomes delas como narrados por mim.

22-25. As montanhas excelentes Triśikhara, Śiśira, Kaliñga, Patañga, Rucaka, Sānumān, Tāmrābha, Viśākha, Śvetodara, Samūla, Visadhāra, o monte Ratnadhara, Ekaśrñga, Mahāmūla, Gajaśaila, Piśācaka, Pañcaśaila, Kailāsa e a excelente montanha Himavat se encontram no lado sul de Meru de esplendor divino. Essas são montanhas excelentes de natureza divina.

26. Ó brâmanes excelentes, eu citarei na devida ordem aquelas grandes montanhas excelentes que ficam no lado ocidental do lago Sitoda.

27-29. Suvaksas,[3] Śikhiśaila, Kāla, Vaidūrya, Kapila, Piñgala, Rudra, Surasa, Mahācala, Kumuda, Madhuman, Añjanīmukuta, Krsna, Pāndara, Sahasraśikhara, Pāriyātra e Triśrñga. Essas são as principais montanhas na região ocidental.

30. Eu citarei na ordem apropriada, como antes, as montanhas no norte do lago glorioso Mahābhadra.[4]

31-32. Śañkukūta, Mahāśaila, Vrsabha, Harhsa, Nāga, Kapila, Indraśaila, Sānumān, Nīla, Kanakaśrñga, Śataśrñga, Puspaka, Meghaśaila, a montanha excelente Virāja e o monte principal Jārudhi. Essas são as montanhas no norte.

33. Ouçam os vales e cânions e lagos nos intervalos dessas montanhas principais.

[3] Nesta lista, Trisrnga é um grupo de três picos, isto é, Vashan Tagh, Khan Thag e Chimtarga, todos dentro de uma área de três milhas. Anjani corresponde aos contrafortes da cordilheira Hissar. (*The Geography of Purānas,* 93).

[4] Da lista de montanhas, ao norte do lago Mahabhadra (lago Son Kul) as seguintes montanhas são identificáveis: Vrsabha, Satasrnga, etc. (Cordilheira Chatkal), Nīla (Tien-Shan). Naga (Saila) é a Farghana (isto é, a antiga cordilheira Kugart). A maioria das montanhas mencionadas é assim rastreável. (Veja *The Geography of Purānas,* pág. 79-80). Jarudhi (a montanha Ula Tau) é a última montanha nessa série de cordilheiras.

Capítulo 37: Arranjo do Mundo (Vales e Lagos)[1]

Sūta disse:

1. Os vales entre as cordilheiras Śītānta e Kumuñja[2] são ruidosos com pássaros e frequentados por criaturas inumeráveis.

2. Eles têm trezentos yojanas de comprimento e cem yojanas de largura. Há um lago excelente com água doce e pura.

3. O lago se estende sobre o comprimento total do vale que é embelezado com lotos brancos de doce fragrância e grandes lotos vermelhos de centenas e milhares de pétalas.

4. Grandes e inaproximáveis cobras de corpos enormes são encontradas lá. A água auspiciosa é usada por Devas, Dānavas, e Gandharvas.

5. O lago sagrado chamado Śrīsaras é famoso aqui e no céu. Ele é cheio de água límpida. Ele é um refúgio digno para todos os seres encarnados.

6. No meio da vasta extensão de lotos há um loto que tem um crore [10.000.000] de pétalas estendidas em todos os lados. Ele tem o brilho do sol do meio-dia.

7. Ele está sempre aberto e completamente desabrochado. Ele nunca murcha. Ele é trêmulo e circular. Ele tem muitos filamentos encantadores. Ele é ressonante com o som de zumbido de abelhas inebriadas.

8. A própria deusa Laksmī sempre permanece naquele loto. Indubitavelmente, o loto é o domicílio de Laksmī em uma forma incorporada.

9. No lado oriental do lago frequentado por Siddhas há uma fascinante floresta de Bilva[s] que é cheia de flores e frutos.

10-**12**. Ela tem cem yojanas de largura e trezentos yojanas de comprimento. Ela é cheia de milhares de árvores grandes com troncos largos e ramos extensos e copas de meio yojana de altura. O chão é coberto com frutas de cheiro agradável tão doces quanto néctar, tão enormes quanto tambores de guerra, algumas douradas, algumas verdes, algumas descoradas, algumas de cor branca, todas caindo e se despedaçando.

13. Ela é conhecida como Śrīvana. Ela é frequentada por Kinnaras, Yaksas e Mahānāgas (grandes serpentes).

14. Ela é frequentada por Siddhas que subsistem de frutas Bilva. Vários grupos de seres vivos (ou duendes - *Bhūtas*) sempre residem nela.

15. A própria deusa Laksmī mora perpetuamente lá. Ela é adorada por (grupos de) Siddhas.

16-**17**. No meio das montanhas principais Vikañka e Maniśaila, há uma extensa floresta Campaka,[3] de cem yojanas de largura e duzentos yojanas de comprimento.

---

[1] Este capítulo descreve três oásis importantes na margem do Bacia do Tarim onde os rios Kizil-su (Sita), Yarkanda e Aksu entram na faixa arenosa da bacia. O vale descrito nos vv. 1-15 é o oásis de Kashgar; o descrito nos vv. 16-22 é o oásis de Yarkand e o último, 'floresta de palmeiras' nos vv. 23-25 está dentro e em volta de Aksu. A descrição poética desses oásis os associando com deuses, deusas e sábios não é nenhum exagero porque as cidades de Kashgar, Yarkand, Aksu (e Khotan) foram elogiadas pelos viajantes antigos e medievais por causa de sua riqueza, beleza e administração. M. Ali observa, "Não é de admirar que os purânicos honrassem esses 'Paraísos' (belos oásis desenvolvidos no meio de desertos) por associá-los com a deusa Laksmī, o deus Kāśyapa e o deus Indra; para manterem frescas em suas memórias as belezas da terra que esteve sob sua influência por muito tempo" (*The Geography of Purānas,* pág. 104).

[2] O oásis de Kashgar localizado entre a montanha Sitanta (cordilheira Kashghar) e Kumunja (uma ramificação da montanha Tien-shan).

[3] Essa floresta [de árvores] Campaka fica situada entre Vikanka (Kungur) e Manisaila. Ela corresponde ao oásis de Yarkand.

Ela é frequentada por Siddhas e Cāranas cercada por ricos e gloriosos grupos de flores. Ela parece estar ardendo como se estivesse em chamas.

18. Aquela floresta parece ser amarela com árvores com troncos e ramos enormes viçosos com flores e topos espalhados por meio Krosa acima.

19-20. As flores medem dois *Hastas* (cúbitos) na circunferência e três *Hastas* de comprimento. Seus filamentos amarelos pálidos contêm pó de pólen que se assemelha a arsênico vermelho. Elas sempre estão em flor e cheirando docemente. A floresta resplandece com essas flores. Ela é ressonante com o zumbido de abelhas inebriadas.

21. Ela é frequentada por Dānavas, Devas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas, Kinnaras, Apsaras e grandes serpentes.

22-23. Lá se encontra também o eremitério do santo senhor Kāśyapa Prajāpati, onde Siddhas e Sādhyas são encontrados em grandes números e é (por assim dizer) enfeitado com o som de recitações Védicas. No meio das montanhas Mahārūla e Kumuñja[4] nas margens do grande rio Sukhā, frequentado por Siddhas, há uma encantadora floresta de palmeiras de cinquenta yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura, com o topo alcançando uma altura de meio *Krośa*.

24. As árvores Kumuda e Añjana têm raízes grandes e são muito fortes. Elas se aglomeram juntas sem quaisquer interstícios entre elas. Elas são firmes, grandes e circulares em forma. O cheiro e suco delas são doces. Essa floresta é habitada por Siddhas.

25. Ela é a residência do auspicioso Airāvata (tipo de elefante chamado *Bhadra*), o Senhor dos elefantes do grande Indra. Ela é bem conhecida em todos os mundos.

26-27. Ao norte das montanhas Venumān e Sumedha[5] há uma grande extensão de grama Dūrvā, de mil yojanas de comprimento e cem yojanas de largura, desprovida de árvores, sebes, trepadeiras, plantas enroladas e todos os tipos de animais.

28-29. Similarmente, ao norte das montanhas Nisadha e Deva, há um grande terreno rochoso, de mil yojanas de comprimento e cem yojanas de largura. O solo é desprovido de árvores e trepadeiras embora seja umedecido com água até a altura do tornozelo.[6]

30. Assim, na devida ordem, ó brâmanes principais, são descritos os vales entre as montanhas. Eles estão ao leste de Meru e são de várias formas e tamanhos.

---

[4] Esse é o oásis de Aksu localizado ao pé da Tien-shan. A cidade antiga de Aksu (e Khotan) foi muito descrita por viajantes antigos e medievais.

[5] Identificado com o deserto de Taklamakan, o centro da bacia de Tarim / o Coração Morto da Ásia (*The Geography of Purānas,* 104).

[6] M. Ali situa essa região nos declives exteriores da montanha Kunlun e da cordilheira subjacente, a Altin Tagh. A região se encontra na margem sul da bacia do Tarim.

Capítulo 38: Vales entre Montanhas

Sūta disse:

1. Eu descreverei agora os vales do quadrante sul, frequentados pelos Siddhas. Ouçam a eles na ordem apropriada.

2-3. No meio das montanhas principais Śiśira e Patañga há a floresta encantadora de Udumbara.[1] Seu solo é gloriosamente liso e polido. As trepadeiras lá abraçam (se entrelaçam em volta d)as árvores. Ela brilha com árvores enormes com topos altos. Ela é frequentada por bandos de pássaros.

4. A floresta resplandecente com frutas maduras tão enormes quanto jarros grandes. Elas são suculentas, de cor de coral, atrativas e cheias de mel.

5. Siddhas, Yaksas, Gandharvas, Kinnaras, Serpentes e Vidyādharas alegres subsistem perpetuamente delas.

6. Lá, os rios contêm água abundante, límpida e doce. Há lagos por toda parte com pura água saborosa.

7. Lá se encontra um eremitério encantador do senhor santo Kardama Prajāpati, onde Devas vivem. Por todos os lados, ele é rodeado por florestas de variadas cores. Ela é circular se estendendo por cem yojanas.

8-11. Entre as montanhas Tāmravarna e Patañga há um lago altamente sagrado, de cem yojanas de largura e duzentos yojanas de comprimento. Ele é embelezado com lotos brancos tão refulgentes quanto o sol do meio-dia, e lotos grandes vermelhos completamente desabrochados com mil pétalas. A água nele resplandece com lírios florescentes vermelhos e azuis, de perfume doce, com as abelhas produtoras de mel repousando dentro. O lago é frequentado por Devas, Dānavas e grandes serpentes. Ele é decorado com cachos de flores de loto azuis.

12. Há um país no interior, de cem yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Ele é embelezado com minerais vermelhos.

13-15. Há uma cidade próspera com belas plataformas e arcadas altas. Ela é cheia de homens e mulheres. As casas têm torres com telhados inclinados sólidos enfeitados diversamente e separadamente com jóias. Os chãos são pavimentados com lajes de pedras preciosas de várias cores. Há coberturas de cama macias e coloridas. Há fileiras de mansões excelentes e altas. Tal cidade bela de Vidyādharas brilha magnificamente lá.

16. O senhor famoso de Vidyādharas, Puloman, se encontra lá. Seu traje e feições são matizados. Ele usa guirlandas. Seu brilho parece o esplendor do Senhor Indra.

17. Ele é o imperador de milhares de Vidyādharas resplandecentes, tendo o esplendor comparável ao sol, usando vestimentas coloridas.

18-19. Entre as grandes montanhas Viśākha e Patañga, na margem oriental do lago Tāmravarna, é o famoso mangueiral. Ele é atingido pelas cinco setas do Cupido. As árvores têm ramos esplêndidos. Elas brilham em várias cores, dando frutos em todas as estações. O bosque é florescente e próspero.

20. Os frutos são de cor dourada e muito gostosos. Eles têm perfume doce e são do tamanho de jarros grandes. Elas espalham seus ramos para todos os lados densamente.

21. Gandharvas, Kinnaras, Yaksas, Nāgas e Vidyādharas bebem o suco doce ambrosíaco da fruta manga.

22. As alegrias daqueles que bebem o suco de manga alegremente e são assim deleitados e nutridos, são ouvidas na grande floresta.

---

[1] Śiśita e Patanga – montanhas ao sul do Lago Manasa—*Cosmography and Geography in Early Indian Literature*, pág. 45.

23-24. Ó brâmanes, entre as grandiosas montanhas Sumūla e Vasudhāra há uma [região chamada] Bilvasthalī, de cinquenta yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Ela é uma terra plana florescente e de cheiro doce. Ela é adorável devido à presença de pássaros. Ela é pura. As árvores dão frutos que pendem muito baixo.

25. A terra no chão é molhada e úmida com as doces frutas Bilva quebrando-se e quebradas parecendo coral (em cor) e comparativamente grandes.

26. Yaksas, Gandharvas, Kinnaras, Siddhas e Nāgas, comendo só as frutas Bilva principalmente, vivem naquela região natural.

27-28. Entre Vasudhāra e Ratnadhāra é a bela floresta fragrante de *Kimśuka* (*Butea frondosa*) de cem yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura, onde as árvores sempre florescem. Com o crescimento abundante de flores, ela parece estar brilhando por toda parte.

29. Por sua fragrância divina a região inteira é adoçada até cem yojanas nas florestas em volta.

30. Aquela bela floresta de árvores *Kimśuka* é frequentada por Siddhas, Cāranas e Apsaras. Ela é ornada com várias bacias.

31. Há uma grande residência brilhante do senhor Aditya lá. Todo mês o Prajāpati Sūrya desce lá.

32. Lá, multidões de Siddhas reverenciam o excelente senhor Sol de mil raios que é honrado por todos os mundos e que é o criador do Tempo.

33-34. Entre as montanhas de Pañcakūta e Kailāsa há uma terra intransitável, de cem yojanas de comprimento e trinta e seis yojanas de largura. Animais pequenos não podem viver lá. Ela é tão branca quanto um cisne em toda parte. Nenhum animal pode atravessá-la. Ela é inspiradora de temor.

35. Assim os vales na área sul foram enumerados na devida ordem, completamente. Eles são frequentados pelos grupos de Siddhas.

36. Ó brâmanes excelentes! Agora escutem a descrição dos vales que ficam situados no oeste.

37. Na parte central, entre as montanhas Suvaksa e Śikhiśaila, há uma extensão de terra rochosa e pedregosa que se estende por cem yojanas em todos os lados.[2]

38. Ela é sempre quente. As pessoas têm medo de tocar aquela superfície. Ela produz arrepios. Ela é inacessível para as criaturas. Ela é terrível até para os deuses.

39. Na parte central daquela superfície rochosa, a zona da qual é trinta yojanas, há uma residência terrível do deus do fogo onde milhares de chamas são lançadas para fora.

40. Lá o deus do fogo está sempre queimando sem qualquer combustível. Ele brilha lá perpetuamente.

41. Aquele *Samvartaka* (o fogo que no final destrói o mundo) brilha lá eternamente. Como deidade tutelar ele recebe sua parte no sacrifício.

42. Entre as duas grandes montanhas há uma auspiciosa lagoa de Devas (Deva-vāpī[3]?). Lá existe uma área (de terra) de dez yojanas conhecida como Mātuliñga.

43. Aquela grande região é inteiramente esplêndida com frutas maduras de brilho dourado e suco doce como mel.

---

[2] Versos 37-44: Essa é a região de Kulyab no Tajiquistão (URSS). Próximo a Kulyab duas montanhas Devāpi (Hoja Sartis) e Caya são as maiores cúpulas salgadas e como tais têm gás subterrâneo. "Investigação científica tem mostrado que o distrito de Kulyab é um dos maiores distritos possuidores de gás no Tajiquistão", afirma P. Luknitsky em *Sovietic Tajikistan*, pág. 209. O Āśrama de Brhaspati é provavelmente o moderno Kulyab - *The Geography of Purānas*, 93-95. O gás subterrâneo explica o fenômeno nos vv. 38-41 atribuídos ao fogo Samvartaka pelo escritor do Purāna.

[3] O texto *Deva vapi* é obscuro. *Deva-vapi* que também combina com a métrica e significado, é uma emenda conjetural.

44. O eremitério sagrado de Brhaspati se encontra lá. Ele é frequentado por santos. Ele dá alegria e realiza desejos.

45. Há o vale entre as duas grandes montanhas Kumuda e Añjana. Ele é chamado de Kesara[4] e cobre vários yojanas e é cheio de árvores Bakula.

46-**47**. A floresta resplandece com flores pintadas e malhadas que florescem em todas as estações. Essas flores têm dois *Hastas* (cúbitos) de comprimento e três *Hastas* de circunferência. Elas têm as cores de raios lunares. Elas são completamente desabrochadas. Elas são ressonantes com o sons de zumbindo de abelhas inebriadas. Elas são encantadoras e fragrantes com mel, ghee e pó de pólen.

48. O grande templo resplandecente de Vishnu, o líder dos Devas, está lá. Ele é famoso nos três mundos e respeitado por todos.

49-**50**. No meio das montanhas excelentes Krsna e Pāndura há uma única área de terra rochosa lisa, de noventa yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura.[5] Ela é desprovida de árvores e trepadeiras. Caminhar lá é fácil e aprazível porque a superfície não é irregular em nenhuma parte.

51. No meio há um bosque encantador de lotos de terra. Ele é enfeitado com lotos desenvolvidos de mil pétalas do tamanho de guarda-sóis enormes.

52-**54**. Aquele bosque extenso de lotos de terra é frequentado por Yaksas, Gandharvas, e por Siddhas e Cāranas. Pairando em volta dessas flores, as abelhas embriagadas zumbem e zunem. Kinnaras com vozes de gargantas doces e sufocadas cantam a glória das flores. Há lotos brancos de aparência fascinante, lírios fragrantes de cem pétalas e flores totalmente desabrochadas com pétalas azuis.

55-**57**. No meio daquele bosque de lotos há uma árvore Nyagrodha, que se estende sobre uma área de cinco yojanas. Ela tem tronco robusto e vários degraus de ascensão (vários ramos). Lá, o glorioso senhor Vishnu do brilho da lua é adorado por Yaksas, Gandharvas, e Vidyādharas. O senhor tem mil faces. Ele é o destruidor dos inimigos dos Devas. Ele usa roupas azuis. Sua face se assemelha à lua cheia. Ele usa a guirlanda de lotos. Ele é abençoado e sempre vitorioso.

58. Naquele domicílio o próprio Vishnu imortal é adorado por Siddhas e Cāranas com diferentes lotos como presentes.

59. Aquele local é conhecido em todo o mundo como o lar de Ananta (*Ananta-Sadas*). Ele é iluminado por guirlandas de lotos e outras flores suspensas lá.

60-**61**. Na parte central de Sahasra-śikhara e Kumuda[6] há um cume, uma alta cordilheira [em forma] de seta de cinquenta yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Ela é frequentada por vários pássaros. Ela abunda em árvores altas por toda parte, gotejando com mel e tendo frutas tão grandes quanto um elefante. Elas têm cheiro doce e são muitíssimo deliciosas.

62. O eremitério altamente meritório e famoso de Śukra de ritos santos se encontra lá. Ele é resplandecente e frequentado por multidões de sábios e deuses.

63. Entre as montanhas Śankukūta e Vrsabha há uma bela região de Parūsaka (*Grewia Asiatica*?) a qual se estende por muitos yojanas.

64. O solo é umedecido com as frutas de Parūsas caídas dos talos delas. Elas são tão grandes quanto Bilvas. Elas são auspiciosas, doces e fragrantes.

65. Kinnaras, serpentes e santos vivem naquela região. Eles são jubilosos pelo suco de Parūsaka. Os Cāranas de lá são altamente honrados.

---

[4] Versos 45-48: Esse vale entre as montanhas Kumuda e Anjana (isto é, a moderna Cordilheira Rangan Tau e os contrafortes longitudinais sul da Cordilheira Hissar) era famoso pela produção de açafrão (*Kesara*). Na Idade Média as duas áreas – Shuman (moderna Dushanbe) e Veshagird (moderna Foyzabad no Illaq) nesse vale eram famosas pela produção de açafrão. M. Ali sugere que o templo de Vishnu (no v. 48) é o pico Anzob da Cordilheira Hissar – *The Geography of Purānas*, pág. 95.

[5] Os versos 49-59 descrevem a bacia do Surkhan inferior. O *Ananta-Sadas* (o lar de Ananta) no v. 59 é em algum lugar perto da moderna Termez (*The Geography of Purānas*, 95).

[6] Esse cume é o pico coberto de neve Bazzengi [ou Barzengi] (16456 pés) no lugar de encontro das cordilheiras Hissar e Zarafshan (Kumuda e Sahasrasikhara) - *The Geography of Purānas*, 96.

66-67. No meio das montanhas Kapiñjala e Nāga há uma bela região de duzentos yojanas de comprimento e cem yojanas de largura. Ela é enfeitada com várias florestas e dotada de várias flores e frutas. Ela é frequentada por Kinnaras e Uragas (serpentes).

68-70. Lá há bosques fascinantes de uvas, folhas Nāga, Kharjūras, bosques de Aśoka azuis, romãs saborosas, Aksotaka, (nogueiras), Atasī (linhaça), Tilaka, sementes de gengibre e bosques de bananeiras. Há canteiros pequenos de frutas Badarī gostosas. Elas são regiões auspiciosas clareadas por rios cheios de água gostosa, fresca.

71. A área entre as montanhas Puspaka e Mahāmegha tem cem yojanas de comprimento e sessenta yojanas de largura.

72. Essa é uma terra plana como a palma da mão, firme, densa e branca. Ela é desprovida de árvores, sebes, trepadeiras e grama.

73. Ela também é desprovida de animais. Ela é uma região de floresta, terrível, e horripilante.

74. Lá há grandes lagos, grandes árvores, grandes florestas por toda parte.

75. Essa região de lagos e florestas é a residência de Prajāpati. Não há fim para o número de lagos menores lá.

76. Os lagos, brechas, florestas e regiões são de vários tamanhos - dez, doze, sete, oito, vinte ou trinta yojanas.

77. Alguns deles são escuros e terríveis. As cavernas das montanhas nunca são tocadas pelos raios do sol. Elas são sempre frias e inacessíveis.

78. Ó brâmanes excelentes, há lagos com água quente dentro das montanhas, centenas e milhares em número.

Capítulo 39: Residência de Devas

Sūta disse:

1. Daqui em diante eu lhes falarei sobre as residências excelentes de Devas situadas em diferentes montanhas.

2-10. A floresta de passatempo de Mahendra é na grande montanha Śītānta. A floresta é dotada de todas as qualidades desejáveis. A montanha contém muitas cavernas semelhantes a ventres, que são os domicílios (de Devas). A montanha é muito extensa com centenas de minerais coloridos e minas de jóias. Ela é o domicílio de animais de qualidades boas. Seus cumes e declives são carregados com flores onde as abelhas zumbem e zunem. Ela é enfeitada com o conjunto de partes de ouro matizadas com pedras preciosas. As ladeiras zumbem com o som de zumbido de abelhas. Lá há corais misturados com ouro. Os cumes são cobertos com flores onde as abelhas zunem. Lá existem trepadeiras suspensas de várias cores. Centenas de minerais estão espalhados sobre os picos e precipícios. Pedras preciosas de diferentes cores junto com flores decoram a montanha. Há fontes e nascentes de água pura e saborosa. Ela é embelezada com muitas sebes que abundam em flores. Ela é enfeitada com riachos nos quais balsas de flores flutuam. As fendas internas da montanha são frequentadas por Kinnaras. Há muitas cavernas e cavidades frequentadas por Yaksas e Gandharvas. Algumas delas são frequentadas confortavelmente e algumas são densas e intransitáveis. Muitos animais a frequentam. Boa água potável é abundante. A montanha é embelezada com árvores portando várias frutas e flores.

11. A grande floresta Pārijāta do rei dos Devas também é lá. Ela é bem conhecida nos três mundos e é louvada em canção como pode ser averiguado a partir de relatos.

12. Por meio das flores excessivamente fragrantes e encantadoras que resplandecem como o sol do meio-dia, a montanha excelente é iluminada por assim dizer por toda parte.

13. O vento que sopra daquela floresta carrega a fragrância de flores Pārijāta por cem yojanas inteiros.

14-15. Os tanques nela são adornados com lotos azuis parecendo *lápis lazúli* com filamentos dourados e como diamantes, possuidores de fragrância e ressonantes com o zumbido de abelhas. Há lotos vermelhos completamente desabrochados, de cem pétalas, fascinantes, e de pétalas grandes também.

16. Milhares de peixes brilham dentro das águas com olhos que não piscam e enfeitados com pedras preciosas douradas.

17. Com tartarugas ricamente embelezadas com ouro e ocupando muitas posições, a água se esparrama por toda parte e brilha bem.

18-19. Aquela bela floresta do inteligente Indra de mil olhos é embelezada por aves de diferentes cores e de penas semelhantes a jóias emergindo de seus corpos. Os pássaros têm bicos engastados com pedras preciosas enfeitados com flores de cores excelentes. Eles estão sempre jubilosos enquanto eles voam por toda parte gorjeando sons atrativos.

20. Por isso aquela floresta de passatempo se tornou um refúgio de prazer perpétuo, pelos sons das abelhas alegres e os chilreios dos pássaros.

21-22. A floresta é cheia de macacos de cor variada e pelos semelhantes a pedras preciosas. Ela é cheia de animais de vários tipos, cores e formas. As montanhas têm lados dourados gloriosos enfeitados com pedras preciosas e pérolas. Seus topos também são adornados com pedras preciosas.

23. As trepadeiras tenras e as árvores Pārijāta, quando agitadas suavemente pelo vento brando, fazem uma chuva de flores.

24. Ó brâmanes, quando leitos e assentos enfeitados com pedras preciosas estão colocados por todas as áreas de divertimento, a floresta parece muito esplêndida. Lá o sol não é quente nem frio. Ele é de natureza uniforme. O clima é sempre temperado.

25. O vento que sopra nos meses de primavera é feito fragrante por várias flores e produz alegria excessiva. Ele dissipa a fadiga causada por esforço e dá prazer por seu mero contato.

26-27. Naquela floresta esplêndida de Indra Devas, Dānavas, Pannagas, Yaksas, Rāksasas, Guhyakas, Gandharvas de esplendor imensurável, Vidyādharas, Siddhas e Kinnaras são joviais. Grupos de Apsaras também estão ocupados em passatempos.

28. No lado oriental daquela montanha majestosa é a montanha grandiosa de Kumuñja com muitos rios e cavernas.

29. No topo cheio de minerais coloridos há oito cidades grandes de Dānavas de alma nobre.

30. A residência de Rāksasas cheia de homens e mulheres fica situada na montanha Vajraka com muitos picos e cavernas.

31. Aqueles Rāksasas terríveis conhecidos como Nīlakas podem assumir formas que eles quiserem. Eles são dotados de grande força e bravura. Eles vivem lá para sempre.

32. Na grande montanha Mahānīla há quinze cidades famosas dos Kinnaras de face de cavalo.

33. Devasena, forte como Indra, é um governante poderoso. Lá os quinze reis Kinnara são muito orgulhosos.

34. A grande montanha está enfeitada com os povoados anexos que têm flancos dourados principalmente e que possuem pessoas de diferentes raças.

35. Centenas de grandes Uragas (serpentes) vivem lá sob o controle de Garudas. Eles são terríveis, ígneos e inacessíveis e de visão venenosa.

36. Na grande montanha Sunāga há milhares de domicílios de Daityas. Esses consistem em mansões e palácios com muralhas e arcadas enormes.

37. Na grande montanha Venumanta há três cidades de Vidyādharas, de cinquenta yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura.

38. Os governantes dos Vidyādharas, lá, tão valorosos quanto Indra, são Ulūka, Romaśa e Mahānetra.

39-40. No topo do grande pico Vaikañka com cavernas e regatos no interior, lá vive Sugrīva, o feroz e poderoso, o inimigo de serpentes que não pode ser impedido e o filho de Garuda com a grande velocidade do vento. Esse cume é de cores diversas devido a jóias e minerais.

41. O todo daquela montanha é cheio de pássaros que destroem serpentes. Eles são de tamanho enorme, bravos e poderosos.

42. Śiva, o Senhor de Yogins e Bhūtas, cujo emblema é o Touro, vive na montanha Karañja.

43. Por todos os cumes e ladeiras estão espalhados os Bhūtas, os inatacáveis Pramathas, com diversos trajes e características.

44. Dizem que os oito domicílios ilustres dos oito Vasus, as almas nobres de poder imensurável, estão situados na montanha Vasudhāra.

45. Os sete eremitérios sagrados dos sete sábios e as residências dos Siddhas se encontram na montanha Ratnadhātu.

46. A residência do senhor de quatro faces, o grande Prajāpati, (Brahma) é na montanha excelente Hemaśrñga. Ela é venerada por todos os seres vivos.

47. Na montanha Gajaśaila, os senhores santos Rudras se regozijam para sempre junto com (os grupos de) Bhūtas. Eles são respeitados por todos os seres vivos.

48-49. Os domicílios construídos de Adityas, Vasus e Rudras de esplendor ilimitado estão na grande montanha Sumegha que parece uma nuvem e é fartamente

dotada de minerais. A montanha é embelezada com muitas cavernas, cômoros e sebes. As mansões graciosas dos deuses Aśvin também se encontram lá.

50. Os domicílios de Devas foram estabelecidos por Siddhas na montanha excelente. Yaksas, Gandharvas e Kinnaras estão lá para sempre ocupados em adoração.

51. Na montanha excelente Hemakaksa é a próspera cidade gandharva Aśītyā, tão refulgente quanto a divina Amarāvatī. Ela tem grandes baluartes e arcadas.

52. Os Siddhas são conhecidos como *Apattanas* (sem-cidade). Gandharvas são de natureza lutadora. Seu governante é Kapiñjala, o rei de reis.

53. As residências de Rāksasas são em Anala. Dānavas vivem em Pañcakūta. Eles são hostis aos Devas. Eles são poderosos e valorosos.

54. Na montanha Śataśrñga estão as cem cidades de Yaksas de bravura ilimitada. A cidade excelente de Taksaka, filho de Kadru, é na montanha Tāmrābha.

55. A grande mansão de Guha, que gosta de residir em uma caverna, é na montanha excelente Viśākha, auspiciosa com vários cômoros e cavernas.

56. Há a cidade do nobre Sunābha, filho de Garuda, na montanha Śvetodara, embelezada com grandes mansões.

57. Há uma mansão embelezada com palácios na montanha excelente Piśācaka. Essa é a grande residência de Kubera, frequentada por Yaksas e Gandharvas.

58. O senhor Hari é venerado por todos os seres vivos em Harikūta. Pela influência do senhor, essa montanha brilha com grande refulgência.

59. Os domicílios de Kinnaras se encontram na montanha Kumuda. Os Nāgas (e a tribo deles) vivem na montanha Añjana. As cidades de Gandharvas, com muitas mansões, são na montanha Krsna.

60. Na Pāndura de cume belo, com muralhas e arcadas a cidade de Vidyādharas é situada. Ela tem uma série de casas grandes.

61. Na montanha Sahasra- śikhara há mil cidades de Daityas de atividades ferozes, que usam colares de ouro.

62. Há residências de Pannagas (serpentes) na montanha Mukuta e multidões de sábios sempre vivem felizmente no monte Puspaka.

63. Na montanha excelente Supaksa há quatro mansões de Vaivasvata (Yama), Soma, Vāyu e do rei das serpentes.

64. Nos respectivos lugares deles, seus respectivos deuses são altamente adorados por Gandharvas, Kinnaras, Yaksas, Nāgas, (serpentes) e Vidyādharas e Siddhas excelentes.

Capítulo 40: A Fronteira e os Limites do Monte Devakūta

Sūta disse:

1-2. Saibam que o lugar de nascimento do inteligente Suparna (Garuda), filho de Vinatā, se estende por cem yojanas em volta. Ele é embelezado com uma grande mansão no extenso cume da excelente montanha de fronteira Devakūta.

3. (Ela é frequentada) por muitas multidões pássaros grandes, velozes e valorosos. Eles têm vigor perfeito, são inimigos e supressores de serpentes.

4. Lá é a primeira mansão do nobre rei das aves que tem a velocidade do vento e residência em Śālmali Dvīpa.

5-7. Nos sete picos do sul de sua colina encantadora há sete cidades de Gandharvas, onde vivem homens e mulheres. Elas têm quarenta yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Os baluartes e arcadas douradas erguem-se no alto. Elas são construídas por Devas e embelezadas com uma série de grandes mansões. Elas parecem nuvens ao anoitecer. Os topos são de formas e cores variadas. Elas são prósperas.

8. Lá há Gandharvas Agneya muito poderosos e corajosos. Eles são os seguidores brilhantes de Kubera. Aquelas são as mansões excelentes deles.

9-10. Nos topos do norte da montanha alta Bhuvana há uma cidade cheia de serpentes. Ela é cheia de mansões e palácios e é embelezada com jardins e parques. Ela tem grandes muralhas e arcadas. O interior dos parques é feito agradável pelo som de centenas de instrumentos musicais.

11. Saibam que há no monte Devakūta a cidade dos Saimhikeyas, os inimigos dos deuses. Ela é inatacável por inimigos. Seu muro externo mede trinta yojanas. Ela é frequentada por Siddhas e sábios divinos.

12-15. Ó brâmane[s], lá no topo encantador de Devakūta está estabelecida a cidade invencível e inacessível dos demônios conhecidos como Kālakeyas. Ela parece com um agrupamento de nuvens. Ela é bem conhecida como Sunāsa. Ela se encontra na próxima montanha de fronteira. Ela tem uma série de grandes mansões de diferentes cores. Ela é enfeitada de vários modos com ouro e pedras preciosas. Suas ruas são largas. Ela é cheia de alegria, auspiciosidade e cheia de homens e mulheres. Seus baluartes e arcadas são muito altos. A cidade tem cem yojanas de comprimento e sessenta yojanas de largura.

16-17. No topo sul da mesma montanha é a cidade grande alegre de Rāksasas Autkaca. Eles são joviais, bem nutridos, orgulhosos e podem assumir qualquer forma à vontade. A cidade tem sessenta e dois yojanas de comprimento e vinte yojanas de largura. Seus bastiões e arcadas são feitos de ouro.

18-20. No cume central da montanha Devakūta há o templo resplandecente famoso (residência) do deus Mahādeva de três olhos e de alma nobre, conhecido em todos os mundos como Bhūtavaja. Ele é o recanto de vários grupos de *Bhūtas* (duendes). Ele é construído de pedaços lisos e esplêndidos de ouro e pedras preciosas. Há árvores de centenas e milhares de ramos com muitos galhos e exuberâncias. As folhas são muito lisas e esplêndidas. Há uma sombra densa perpétua. As árvores têm suas raízes profundas na terra portando troncos vastos. O lugar é uma zona circular que estende por dez yojanas.

21-24. A cidade é cheia de *Bhūtas* (habitantes) ferozes, destemidos, e com faces terríveis como aquelas de javalis, elefantes, leões, ursos, mulas, urubus, corujas, carneiros, cabras e camelos. Eles são horrendos e robustos com cabelos longos, nas cabeças e corpos. Eles têm várias compleições e feições. Eles se congregam em grupos e adoram o senhor dos *Bhūtas* (Śiva) por tocarem tambores, *Jharjhara, Bheri, Pafaha, Dindima, Gomukha* e conchas.

25-26. Com os sons tilintantes de instrumentos e música vocal entoada alta, os principais Ganas estão febrilmente empenhados em culto. Os Pramathas, os inimigos dos Tripuras também, estão ocupados em esportes. Lá o senhor Śiva, o benfeitor dos mundos, é adorado por Siddhas, Devas, sábios, Gandharvas, Yaksas, e Nāgas.

Capítulo 41: Descrição de Kailāsa[1]

Sūta disse:

1. Kailāsa é a residência dos devotos do senhor que têm almas meritórias. Ela tem topos isolados e fascinantes. Ela é cheia de vegetação. Ela tem o brilho da concha.

2-4. No cume central, tão bonito quanto a flor Kunda, há a cidade invencível de Kubera de alma nobre,[2] o deus que preside a riqueza. Ela tem cem yojanas de comprimento e cinquenta yojanas de largura. Ela é embelezada com uma série de grandes mansões, enfeitadas de diversas maneiras com ouro e prata. Ela é muito extensa, opulenta e jubilosa.

5. Há um salão de assembléia encantador no centro, embelezado com pedaços matizados de ouro. Ele é conhecido como *Vipulā* porque ele é cheio de arcadas e pilares.

6. A carruagem aérea Puspaka, enfeitada com jóias, se encontra lá. Ela é muito fascinante e dotada de todas as qualidades desejáveis.

7. Tão rápida quanto a mente, ela pode alcançar qualquer meta desejada. Ela é enfeitada com grupos de pedaços de ouro. Ela é o veículo de Kubera, rei dos Yaksas.

8. O deus Kubera, o companheiro de Mahādeva, vive lá. Ele é o rei dos Yaksas, venerado e honrado por todos os seres vivos.

9. Kubera, excelente entre Devas, vive lá junto com Apsaras, Yaksas, Gandharvas, Siddhas e Cāranas.

10-11. Lá o Deus da Riqueza tem oito tesouros:[3] Padma, Mahāpadma, Makara, Kacchapa, Kumuda, Śañkha, Nīla e Nandana. Esses sendo inesgotáveis, grandes Tesouros divinos que armazenam jóias são mantidos no salão de assembléia.

12. Similarmente esse monte Kailāsa é o domicílio de Indra, Agni, Yama, Devas e Apsaras onde Kubera, o Senhor dos Yaksas, é o governante.

13. Os criados de Devas prestam seus respeitos primeiro ao rei dos Yaksas e então procedem até seus respectivos senhores.

14-17. O grande e encantador reservatório de água 'Mandākinī'[4] é lá. Ele tem abundância de água. Seu dique tem degraus chapeados com ouro e enfeitado com pedras preciosas. Lá há lotos dourados com perfume, toque etc. agradáveis, grandes lotos azuis com folhas e pétalas tão azuis quanto *lápis lazúli*. O reservatório é embelezado com lírios e lotos de fragrância excelente. Ele parece esplêndido com as mulheres de Yaksas, Gandharvas e Apsaras. As águas do reservatório são usadas por Devas, Dānavas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas e Pannagas (serpentes).

18. Então, há rios excelentes, o Nandā e o Alakanandā. Esses rios são dotados de qualidades excelentes e são usados por sábios celestiais.

---

[1] Esta é uma descrição poética do pico perto do Lago Mānasa e não da cordilheira trans-himalaica de Kailāsa. As condições climáticas daqueles dias parecem favoráveis à vegetação e habitação humana.

[2] Essa cidade é Alaka imortalizada por Kālidāsa no *Meghaduta*. A cidade era sobre ou perto do pico Kailāsa.

[3] Essa lista concorda com aquela do Matsya Purāna (SKD. 982 b). Mas normalmente nove tesouros de Kubera são enumerados (*Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams 548 C). *Kharva* da lista da obra acima citada não é mencionado aqui. O geógrafo M. Ali considera essas 'Casas de tesouro' como os topos menores de Kailāsa (*The Geography of Purānas*, pág. 57).

[4] Os versos 14-18 mostram a familiaridade do autor com essa topografia.

19-20. No cume oriental dessa montanha imponente[5] há dez cidades famosas de Gandharvas dotadas de prosperidade. Elas têm mil yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Elas são decoradas com uma série de grandes mansões.

21. Há dez reis Gandharva tão bravos quanto fogos ardentes. Eles são nomeados como Subāhu, Harikeśa, Citrasena, Jara e outros.

22-23. No cume ocidental de Kailāsa, tão lustroso quanto a flor Kunda, é o domicílio de cada um dos Yaksas, de oito yojanas de comprimento e quarenta de largura. O lugar é frequentado por Siddhas e sábios celestiais. Ele é cheio de vários minerais e tem longas fileiras de mansões grandiosas.

24. Lá há trinta residências ricas e prósperas de Mahāyaksas que são alegres e prósperos por toda parte.

25. Trinta reis prósperos de Yaksas (por exemplo) Mahāmāli, Sunetra, Manivara e outros governam lá.

26. Desse modo eu mencionei Yaksas tão resplandecentes quanto Vāyu e Agni, cuja soberano é o senhor próspero Kubera.

27-28. Ao sul de Himavat, se estendendo do oceano oriental até o ocidental,[6] centenas de cidades de Kinnaras estão estabelecidas nos topos que abundam em sebes, arbustos, fontes, cavernas e precipícios.

29. No leito do senhor das montanhas com muitos cumes, homens e mulheres se regozijam. O lugar é cheio de pessoas muito satisfeitas e bem nutridas.

30. Há cem reis para essas pessoas alegres e poderosas. Eles são Druma, Sugrlvasainya, Bhagadatta e outros.

31. Foi lá que ocorreu o casamento de Rudra com a grandiosa deusa Umā. Foi lá que ela, a grande deusa, cumpriu penitência.

32. Foi lá que Rudra se divertiu como um caçador. Foi de lá que o casal inspecionou Jambūdvīpa.

33. As áreas de diversão de Rudra, cheias de flores de múltiplas cores e frutas de várias formas e tamanhos, se encontram lá. Essas, com os diferentes grupos de seres vivos, são encantadoras.

34. Esse é o local onde as belas moças Kinnara, de ventre esbelto, de olhos brilhantes, alegres residentes das cavernas da montanha, se divertem por todos os lados.

35. Similarmente é lá que os Yaksas de olhos longos, grupos de Apsaras e Gandharvas de físico gracioso se movem para lá e para cá com prazer.

36. O famoso jardim de Umā também é lá. Foi lá que Śiva assumiu a forma de metade homem e metade mulher.

37. Saravana, onde Kārttikeya de seis faces nasceu e de onde ele partiu entusiasticamente para a floresta de Krauñca, também é lá.

38. Lá está a própria carruagem de Kārttikeya com leões emparelhados, que tem uma haste e bandeiras, e que lampeja com grupos de sinos tilintantes.

39. Foi lá no cume da montanha Krauñca onde há moitas de flores de várias cores que Skanda, o destruidor de inimigos dos Devas, disparou sua lança (*śakti*).

40. Foi lá que Guha, brilhante como os doze sóis, o inimigo dos Daityas, foi coroado como o comandante supremo do exército pelos Devas excelentes incluindo Indra e Vishnu.

41. Ó brâmanes, esses e outros locais e domicílios associados com Kumāra e abundando em seres vivos também se encontram lá.

---

[5] Versos 19-25: Parece que naquela época as pessoas gostavam muito de colinas. A região oriental de Kailāsa ainda tem muito sol, terra mais fértil que sua região ocidental (*The Geography of Purānas,* 57, 58).

[6] O verso 27 dá uma informação poética porém correta sobre a região himalaica, isto é, a posição do Himalaia ao sul da cordilheira de Kailāsa, sua extensão de oceano a oceano, tendo um grande número de picos, áreas e nível cultural inferior de habitantes, embora houvesse um grande número de eremitérios lá (*The Geography of Purānas*, 58).

42. Similarmente, no topo auspicioso de Himavat cheio de seres vivos, há uma área de diversão chamada Pānduśilā, do destruidor de Krauñca.

43. Em seu belo cume oriental se encontra a residência de Siddhas. Ela é conhecida como Kalāpagrāma.

44-47. Há centenas e milhares de eremitérios dos sábios Mrkanda, Vasishtha, Bharata, Nala, Viśvāmitra, Uddālaka, e outros, de penitência severa e almas purificadas, na montanha Himavat. Essa montanha excelente, o domicílio de muitos Siddhas, é enfeitada pelos templos e locais sagrados deles. Yaksas e Gandharvas se movem aqui e ali. Vários grupos de Mlecchas também vivem lá. Ela abunda em minas de jóias. Ela é frequentada por diferentes animais. Ela é a fonte de origem de milhares de rios.

48. Ó brâmanes, agora escutem as características especiais da montanha alta ocidental Nisadha[7], enquanto isso é narrado integralmente e precisamente.

49. No topo central extenso embelezado com ouro e minerais é a residência de Vishnu iluminada brilhantemente. Ela é frequentada por multidões de Siddhas, sábios, Gandharvas e multidões de Yaksas e Apsaras.

50. Lá o grande senhor, Vishnu vestido de amarelo, o concessor de benefícios, o fazedor eterno dos mundos, é servido por Siddhas.

51-54. Em seu pico interior embelezado com diferentes minerais, no cume da montanha Nisadha onde a superfície rochosa é lisa e fascinante, é a cidade encantadora de Rāksasas (chamada) Ulañghis. A cidade se estende por trinta yojanas. Há séries de jardins lá. A cidade não pode ser atravessada por inimigos. Ela é cheia de (Rāksasas) tão cruéis quanto cobras venenosas. Os palácios têm torres e pináculos dourados. As arcadas são feitas de ouro fundido. Há centenas de edifícios altos com telhados inclinados, nas ruas e vias principais. As mansões e palácios (nela) são incomparáveis. Elas são embelezadas com pedaços de ouro fundido. Ela é muito extensa e sempre alegre.

55. No sul da mesma montanha, com muitas residências de Daityas, há uma cidade inacessível dentro (do ventre) da montanha, com uma só caverna como a entrada principal.

56. Semelhantemente, no cume ocidental, em um rochedo alto de Pārijāta, há cidades prósperas de Devas, Dānavas e Nāgas.

57. No grande cume da montanha há a pedra chamada Somaśilā onde a lua desce nos dias Parvan.

58. Os sábios, Kinnaras e Gandharvas adoram o senhor glorioso das estrelas, dissipador de escuridão, o senhor louvável (não criticado), a lua.

59. No norte da mesma montanha há o local conhecido como Brahmapārśva. Ele é o domicílio de Brahma, senhor dos Devas. Ele é bem conhecido no céu.

60. Siddhas, Yaksas, Gandharvas e Dānavas adoram o senhor nascido por si mesmo com sacrifícios, adorações e prostrações.

61. Similarmente, o domicílio do deus do fogo é famoso em todos os mundos. Lá o deus do fogo incorporado é adorado por Siddhas e Cāranas.

62. Da mesma maneira, na montanha excelente Triśrñga, ao norte, é a cidade Hemacarita, bem conhecida nos três mundos. Essa montanha é frequentada por sábios e Siddhas. Ela é a residência de diferentes seres vivos.

63. Lá se encontram as três residências das três divindades principais. Ó brâmanes, a residência de Nārāyana é no cume oriental, aquela de Brahma é no meio e aquela de Śiva é no oeste.

64. Esses senhores poderosos de Devas, dignos de culto, são venerados por Daityas, Dānavas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas, e Nāgas.

65. Aqui e ali, na montanha excelente Triśrñga e lugares adjacentes, ficam as cidades belas de Yaksas, Gandharvas, e Nāgas.

---

[7] O cume sul do Hindukush que se fundiu na Karakorum e na Kunlun (*The Geography of Purānas*, 58-59).

66-**67**. Semelhantemente, para o norte, na montanha divina Jārudhi, que abunda em picos e que é frequentada por Siddhas e sábios, são as cidades de Yaksas, Kinnaras, Gandharvas, Nāgas, Rāksasas e Daityas às centenas e aos milhares.

68-**72**. No topo central daquela montanha frequentada por Siddhas, Devas e sábios, embelezada por jóias e minerais, há uma zona circular de trinta yojanas. Ela parece esplêndida com extensões de lotos completamente desabrochados, lírios, grama *Saugandhika* (ou nenúfares brancos), lotos noturnos (que se abrem ao nascer da lua). Ela ressoa com o gorjeio de e é embelezada por pássaros. Ela é o abrigo de vários animais, bestas e aves. Ela é repleta de cisnes e patos e é frequentada por abelhas inebriadas. O lugar abunda em água doce pura usada por Siddhas. Lá há um lago sagrado chamado Anandajala.

73. O senhor feroz de Nāgas, Canda invencível, com cem cabeças, o santificado marcado pelo disco de Vishnu, reside lá. Lá existem oito montanhas maravilhosas conhecidas como Devaparvatas.

74-**77**. Assim, a terra está cheia de cidades, residências, lagos excelentes e sagrados de águas santas, montanhas de prata e de jóias que têm o brilho de pedras preciosas, montanhas de pigmento amarelo, cinabre, e ouro, vastas extensões de arsênico vermelho puro que resplandecem em sua cor vermelha, e montanhas de pedras preciosas com minerais de cores diversas. Há montanhas muito extensas com os rios, cavernas, cumes e precipícios de diversas cores e muitas formas.

78-**79**. Essas montanhas são os domicílios de Daityas, Rāksasas, santos, Kinnaras, serpentes, Gandharvas de características extraordinárias, Siddhas, Cāranas. Elas são frequentadas por Gandharvas e donzelas divinas. Elas são extensas e são habitadas por pessoas meritórias. Elas parecem com os filamentos de lotos.

80. O círculo de montanhas da (região de) Meru é conhecido como o Siddhaloka. Ele tem vários recantos para abrigo. Pessoas meritórias frequentam o lugar.

81. As imagens de Siddhas de nenhuma atividade violenta permanecem no meio. Aquele lugar (também) é conhecido como céu. Sua ordem é assim declarada.

82-**83**. Essa terra é declarada como tendo quatro Dvīpas. Ela é habitada por pessoas de todas as castas, estaturas, cores e poderes. Elas compartilham de diferentes tipos de comida e bebidas. Elas usam diferentes tipos de trajes e ornamentos. Elas têm diferentes reações emocionais.

84-**85**. Os quatro grandes continentes habitados por muitas castas são conhecidos como Bhadra, Bharata, Ketumāla Ocidental (isto é, Ketumāla no lado ocidental) e o Kuru do Norte. Eles são os domicílios de pessoas meritórias. Ó brâmane[s], essa terra, na forma de um loto, e dividida em quatro continentes e muitos subcontinentes, foi descrita dessa maneira por mim.

86. Essa terra ampla junto com os continentes, montanhas, florestas, e bosques entremeados é chamada de *Padmā* (de forma de loto). Ela é muito extensa.

87-**89**. Os mundos de Brahmā, Devas, Asuras e seres humanos são três. Aquele que é aquecido pela lua e o sol é conhecido como o mundo (a terra). Ele tem as qualidades de cheiro, cor, gosto, som e toque. Esse universo em forma de loto é conhecido como Loto nos Vedas. Essa é a ordem aceita nos Purānas também.

Capítulo 42: Os Rios Divinos

Sūta disse:

1. Os rios divinos de águas santas se originaram de lagos excelentes.[1] Esses têm grande volume de águas. Escutem-nos na ordem apropriada.

2. O que é chamado de lua (Soma), do oceano do firmamento, o sustento de todos os seres vivos, é o reservatório de néctar para Devas.

3. O rio celestial de águas sagradas surge dele (do reservatório de néctar). Aquele rio de água clara transparente flui pelo céu através do sétimo caminho do vento.[2]

4. Ele volta para trás ao alcançar a massa de brilho. Ele é frequentado por corpos luminosos. Ele se estende ao comprimento total do céu, com milhares de crores de estrelas.

5. Enquanto o elefante grandioso do senhor Indra se movimenta pelo firmamento, ele agita esportivamente a água dentro dele.

6. Quando Siddhas atravessam o céu em suas carruagens aéreas (muito grandes em número), eles tomam um gole da água sagrada e curativa desse rio.

7. Da mesma maneira que o sol se move em círculo todos os dias, assim esse rio, incitado pelo vento, flui por vários lugares.

8. Ele se estende por oitenta e quatro yojanas em volta. Ele circungira o Meru com grande velocidade.

9. As correntes de água são fendidas pelo vento ígneo e o rio cai nos quatro topos do norte de Meru.

10. Depois de emergirem nos lados excelentes de cumes desses picos de Meru, as águas, divididas em quatro, fluem desse modo.

11. Depois de fluir pelo firmamento sem apoio por sessenta mil yojanas, o rio glorioso cai pelos quatro lados de Meru.[3]

12. Esse rio esplêndido e sagrado, que flui pelas quatro bases (pés) de Meni [Meru?], cai novamente na Mandara oriental.

13-15. O braço oriental do rio flui sobre a Mandara a qual é a residência de Devas e todos os grupos Siddhas, que tem muitos regatos, cavernas, terras douradas e matizadas, cimos. Ele flui com a água clara cristalina que subjuga a arrogância e valor dos cômoros laterais. Ele flui em volta do belo Caitraratha alagando o caminho. Esse rio do firmamento entra então no lago excelente Arunoda (Kara Kul, nordeste das Pamirs).

16. Depois de sair de Arunoda, o rio de corrente suave cai na montanha Sitanta (cordilheira Kashghar) cheia de belas fontes. Essa montanha é a residência de (multidões) de Siddhas.

17. O rio sagrado e excelente é chamado de Sita. Sendo retido dentro dos vários bosques e arbustos, ele é dividido mais adiante em vários braços.

---

[1] Os escritores de Purānas acreditavam nas seguintes noções sobre sistemas de rios em geral:
1. Um rio se origina normalmente de um lago acima da superfície ou debaixo da terra e está associado com uma montanha.
2. Um rio pode penetrar através de canais subterrâneos, cadeias de montanha e pode fluir em mais que uma correnteza se interposto por cumes.
3. Um rio junto com tributários é tratado como um único rio.

[2] Versos 3-11: Essa síntese poética do Gañgā celestial (Galáxia) como a fonte de geleiras e rios da Ásia é repetida em outros Purānas como *Brahmānda* e *Matsya Purānas*.

[3] Embora o sistema fluvial descrito na parte restante do capítulo seja o conhecimento tradicional dos escritores de Purānas, ele era em uma grande [medida?] correto e confiável; (veja *The Geography of Purānas*, cap. IV 'O sistema fluvial dos Purānas').

18. Do pico de Śītānta,[4] ele cai na montanha Sukuñja. Daquela montanha, ele cai na montanha Sumaftjasa.

19. Daí ele cai no monte Mālyavān[5] e chega a Vaikañka e de Vaikañka ele passa para Maniparvata, e então cai na montanha Rsabha cheia de cavernas.

20. Atravessando assim milhares de montanhas, o rio cai na montanha Jathara frequentada por Siddhas.

21. De lá o rio cai novamente na montanha Devakūta, a parte mais baixa da qual se estende até o mar. Desse modo, o rio gradualmente alcança as planícies.

22-**24**. Inundando assim milhares de vales, centenas de montanhas, florestas desconhecidas, uma variedade de lagos, o rio, criando redemoinhos em suas extensões e combinado com milhares de tributários, flui sobre o grande continente oriental[6] Bhadrāśva e cai no mar oriental.

25-**26**. O rio (Alakanandā) que flui sobre Gandhamādana, o senhor das montanhas no sul, tem muitas cachoeiras e espirra ondas e ondulações de vários modos. Ele então irriga o vale Nandana, o recanto agradável de Devas. Esse rio abençoado então circungira as florestas de Gandhamādana.

27. Ele é conhecido nos mundos como o Alakanandā. Ele entra no lago do norte Mānasa o qual é tão límpido quanto as mentes dos Devas.

28. Do lago Mānasa, o rio flui para a bela Triśikhara, o senhor das montanhas. Do topo da montanha Trikūta, ele cai no pico da montanha Kaliñga (?).

29-**30**. Caindo do cume de Kaliñga, ele flui adiante para a montanha Rucaka. De lá ele flui para Nisadha e então para Tāmrābha. Caindo do cume de Tāmrābha, ele flui para o monte Svetodara, de lá para a alta montanha Sumūla e então para a montanha Vasudhāra.

31. De lá ele flui para Hemakūta e de lá para Devaśrñga, depois disso ele flui para Mahāsaila e então para a montanha Piśācaka.

32. Da montanha excelente Piśācaka, ele flui para Pañcakūta e de Pañcakūta para Kailāsa, a montanha habitação de Devas.

33. Girando por todos os lados em suas entranhas de cavernas e cimos, ele cai na montanha excelente Himavat.

34-**35**. Penetrando através de milhares de montanhas desse modo, ele flui velozmente irrigando centenas de superfícies de terra. Então ele flui por milhares de florestas e centenas de cavernas e cai no oceano do sul.

36-**37**. Esse rio tem um yojana de largura; ele é escondido nas entranhas dos topos de montanha. Ele é segurado na cabeça por Śañkara de alma nobre, senhor dos Devas. Ele é santificador, ó brâmane principal. Ele suprime até mesmo pecados terríveis. Em virtude do contato com o corpo do senhor Śañkara, o grande rio tem suas águas tornadas duplamente santimoniais em todos os mundos.

38-**40**. De todos os lados daquela montanha Himavat, através de suas muitas aberturas, brotam milhares de rios. Eles são conhecidos por outros nomes. O rio Gañgā é frequentado por Siddhas e suas águas são bebidas por Rudras, Sādhyas, Anilas, e Adityas. Abençoadas são as terras pelas quais flui esse rio grandioso e renomado.

41. Agora eu descreverei o lado ocidental da montanha Meru a qual é santa e contém várias minas de pedras preciosas e que é frequentada por pessoas piedosas.

42-**45**. Meru, o senhor das montanhas, é muito maciço com entranhas e cavernas grandes. Sua região central é embelezada com platôs, cumes e incrementos cheios de arbustos. A água daquele rio é usada por Devas e o rio é segurado pelo deus de três olhos. Estimulado pelo vento, ele flui largamente, e gira novamente como um rastejador. Ele cai do pico de Meru. Sua água é usada por muitos seres vivos. Ele é puro como a seda imaculada e é esparramado extensivamente. Esse rio do

---

[4] Sitanta, Sukunja e Sumaftjasa são ramificações das montanhas Tien Shan.

[5] Moderno Mustagh Ata.

[6] Acreditava-se que o Hwang Ho da China era a extensão oriental do Sita.

firmamento frequentado por Siddhas e Cāranas em seu cume, circungira a montanha e segue adiante.

46-47. Esse rio abençoado de muitas flores e frutas irriga as grandes florestas de Devabhrāja, Mahābhrāja e Vaibhrāja. Decorado por várias florestas e circungirando a montanha, ele entra no lago ocidental de águas puras, Sitoda.

48-49. De Sitoda ele vai para o monte Supaksa. Novamente esse rio de água límpida sagrada que é usada por sábios divinos cai do pico de Supaksa. De lá esse rio de águas santificadas cai na montanha Śikhi.

50-53. (O rio flui de uma montanha para outra:) Depois disso o rio flui da montanha Śikhi para o monte Kañka, de lá para Vaidūrya, então para o monte Kapila e de lá para Gandhamādana. Daquela montanha excelente ele flui para Piñjara, a montanha esplêndida; de Piñjara ele flui para Sarasa e de lá ele flui para a montanha Kumudācala. Ele flui para as montanhas Madhumān, Jana, Mukuta. Do topo de Mukuta ele flui para a grande montanha Krsna, de Krsna ele flui para a grande montanha Śveta, servida por (outras) grandes montanhas. De Śveta ele desce enfim para Śailendra de mil cumes, o senhor das montanhas.

54. Com suas águas aumentadas por tributários, esse rio auspicioso desnuda milhares de montanhas. Ele flui então a toda a velocidade e cai na grande montanha Pariyatra.

55-57. Ele desliza entre fontes, córregos, cavernas e cimos. Com ondas numerosas, ele vaga através de suas muitas entranhas. Sua corrente é impedida por várias pedras e pedregulhos que caem nele acidentalmente e suas águas são separadas de vários modos. Ele desce nas planícies (na terra). O rio abençoado irriga então o grande continente Ketumāla, povoado por tribos Mleccha, e entra no mar ocidental.

58-60. O grande rio flui pelo auspicioso firmamento sem apoio por uma distância de sessenta mil yojanas, lançando cascatas de água como uma guirlanda sendo espalhada. Ele cai do topo de Meru, suas águas sendo incitadas pelo vento. Sendo lançado no céu, ele toma um (corpo) curvado (como círculo). Ele cai ao pé de Meru na montanha do norte Supārśva que é habitada por seres vivos e cujos flancos são matizados devido a cores brilhantes.

61-64. Ele então desce dos topos dos picos frequentados por Devas e sábios, com suas águas espalhadas por balsas floridas. O rio santificado irriga e circungira a floresta do deus-sol que é o local silvestre de origem de jóias de diversas cores. Ele então entra no lago sagrado Mahābhadra frequentado por pessoas santificadas. O rio branco benéfico é chamado de Bhadrasoma. Ele flui rapidamente e suas margens são muito distantes. O rio Mahābhadra sagrado e grandioso flui depois disso.

65. Fluindo rapidamente com muitos regatos derramando-se nele, e colidindo contra muitos cômoros, o rio cai nos cumes de Śañkhakūta.

66. Caindo nos cumes de Śañkhakūta, ele procede para Vrsa Paryata. De Vrsa Parvata ele flui então para Vatsagiri e então para Nāgaśaila.

67-71. De Nāgaśaila, ele alcança a montanha excelente Nila, a montanha Varsa. De Nila, ele flui para Kapiñjala, e então o rio flui para Indranīla, depois disso ele flui para Mahānila, e Hemaśrñga. De Hemaśrñga ele flui para Śveta, e de Śveta para Sunāga. De Sunāga, ele flui para Śataśrñga. Então o grande rio flui de Śataśrñga para Puskara coberta por flores como por tapete. De Puskara para Dvirāja, a grande montanha de grande força (*Sumahābala*). De lá, ele flui para Varāha Parvata e a montanha Mayūra. Da montanha Mayūra, o rio veloz flui para Ekaśikhara ornada com cavernas e fendas de geleira, e então para o pico da montanha Jārudhi.

72. Depois de perfurar (forçando seu caminho) através de milhares de montanhas dessa maneira, o grande rio alcança Triśrñga, a montanha divisória com muitos picos.

73-74. Caindo dos topos de Triśrñga habitada por pessoas abençoadas esse rio de água pura cai dos cumes de Meru, e incitado pelo vento flui para a montanha excelente Viruddha. Depois de irrigar a montanha o rio se derrama oceano ocidental.

75-**77**. Na grande base extraordinária de Meru habitada por seres vivos, na montanha do norte, Supārśva, cujos lados são fontes de ouro, o rio entra nas entranhas de cavernas, em várias divisões e desce para a terra com balsas floridas esplêndidas. Irrigando a região Kuru do Norte, o rio encantador auspicioso corre pelo meio do continente e se derrama no oceano do norte.

78. Desse modo os quatro grandes rios de águas puras, caindo dos cumes de grandes montanhas, fluem nas quatro direções.

79. Assim eu expliquei aproximadamente para vocês a terra de extensão vasta. Ela é circundada por todos os lados por Meru e outras montanhas.

80. A terra tem quatro grandes continentes, quatro florestas de entretenimento, quatro grandes árvores como os quatro marcos e quatro lagos excelentes.

81. Ela tem quatro grandes montanhas e tem quatro serpentes para suporte, oito montanhas superiores e oito inferiores.

Capítulo 43: Descrição de Bhadrāśva

Sūta disse:

1-3. Perto de Gandhamādana há uma pedra arredondada grande e volumosa no alto, de trinta e quatro mil yojanas de comprimento, e trinta e dois mil yojanas de largura, de leste a oeste. Os residentes dessa área realizam ritos auspiciosos. Eles são famosos como Ketumālas. Os homens são de cor negra. Eles são vigorosos e poderosos. As mulheres têm a cor lustrosa das pétalas de um loto. Todos eles têm aspectos agradáveis.

4. Há uma grande árvore Panasa (jaqueira) divina lá. Ela tem seis sabores. Ela é o filho de Brahma, capaz de se mover por toda parte de acordo com sua vontade. Ela tem a velocidade da mente. Ela é o próprio Iśvara verdadeiro. Bebendo seu suco, as pessoas lá vivem por dez mil anos.

5. No lado oriental de Mālyavat há outra grande rocha. Em comprimento e largura, ela é como a anterior.

6. As pessoas da área são chamadas de Bhadrāśvas. Elas sempre permanecem jubilosas em mente. Lá há uma floresta esplêndida de árvores enormes chamadas *Kālāmra* (mangueiras pretas).

7. Os homens são de aparência bela, vigorosos e poderosos. As mulheres são encantadoras e graciosas em aparência, com a cor e esplendor de lírios.

8. Eles têm a cor e brilho da lua e suas faces se assemelham à lua cheia. Seus corpos são tão frios quanto a lua. Eles têm a fragrância de lotos.

9. Seu período de vida é dez mil anos. Eles são livres de doenças. Bebendo o suco da manga preta, eles desfrutam de juventude perpétua.

Os sábios disseram:

10. A magnitude, esplendor e o período de vida do povo de todos os quatro grandes continentes foram explicados precisamente e sucintamente, mas não em detalhes.

Sūta disse:

11. Ó sábios de reputação acentuada! As características do povo de Bhadrāśva mencionadas por mim são as que foram citadas por Siddhas anteriormente. Agora ouçam-nas em detalhes.

12-13. Eu narrarei integralmente e detalhadamente o que eu vi e ouvi, a respeito das cinco cadeias de montanha principais, países e rios que cercam a famosa montanha Devakūta.

14. As cinco montanhas principais são Śaivāla, Varnamālāgra, a montanha excelente Korañja, Śvetavarna e Nīla.

15. Há centenas, milhares e crores de montanhas pequenas também, que são ramificações dessas cinco cordilheiras.

16. (Dentro e perto dessas montanhas) há muitas terras e países onde vive uma grande variedade de pessoas, que abundam em vários tipos de animais e que são procurados por muitos reis.

17. As terras são ocupadas por homens principais prósperos de nomes e heroísmo bem conhecidos. Eles são esplêndidos e dignos de serem glorificados.

18. Muitos reinos estão estabelecidos entre as montanhas nas terras planas ou acidentadas e irregulares. Seus nomes são os seguintes:

19-23. Sumañgalas, Śuddhas, Candrakāntas, Sunandanas, Vrajakas, Nīlaśaileyas, Sauvīras, Vijayasthalas, Mahāsthalas, Sukāmas, Mahākeśas, Sumūrdhajas, Vātararhhas, Sopasañgas, Parivāyas, Parācakas, Sarhbhavaktras, Mahānetras, Śaivālas, Stanapas, Kumudas, Śākamundas, Urahsarhkīrnas, Bhaumakas, Sodakas, Vatsakas, Vārāhas, Hāravāmakas, Śañkhas, Bhāvisandras,

Uttaras, Haimabhaumakas, Krsnabhaumas, Subhaumas e Mahābhaumas. Essas e outras terras e países são muito famosos.[1]

24. Elas bebem do rio sagrado Mahāgañgā[2] que era, no princípio, conhecido nos três mundos como Śitā que leva para baixo grande quantidade de água fresca.

25-31. Os outros rios são Hamsavasati, Mahācakrā, Cakrā, Vaktrā, Kañci, o rio excelente Surasā, Śākhāvatī, Indranadi, Meghā, Mañgāravāhinī, Kāverī, Haritoyā, Somāvartā, Śatahradā, Vanamālā, Vasumatī, Pampā, Pampāvatī, Suvarnā, Pañcavarnā, o santo Vapusmatī, Manivaprā, Suvaprā, Brahmabhāgā, Śilāśinī, Krsnatoyā, Punyodā, o auspicioso Nāgapadī, Śaivālinī, Manitatā, Ksārodā, Arunāvatī, Visnupadi, Mahāpunyā, Mahānadī, Hiranyavāhinī, Nīlā, Skandamālā, Surāvatī, Vāmodā, Patākā, Vetālī e Mahānadi Gañgā, e esses rios são glorificados como as heroínas (rios importantes). Além desses há outros rios pequenos e inumeráveis - centenas e milhares.

32. Assim os rios sagrados no continente oriental foram enumerados para vocês. Uma pessoa vem a ser santificada por meramente enumerá-los.

33. O reino é notável e próspero. Ele consiste em muitas províncias onde árvores e florestas crescem em abundância. Essas são cercadas por muitas colinas.

34. Ele é abundante com grupos de homens e mulheres. O reino é auspicioso e jubiloso. Os povos são governados por muitos reis. Eles são ricos em moeda e grãos. Lá há muitas minas de jóias, glorificadas de muitas formas.

35. É dito que, naquela região, os homens são de cor resplandecente como ouro e a concha.[3] Eles têm corpo grande, e são extremamente vigorosos como touros.

36. Eles podem se encontrar, conversar e se associar com Devas e ocupar os mesmos assentos que eles.

37. Seu período de vida é dez mil anos. Não há diferença de Dharma e Adharma entre eles (todas as pessoas são iguais). Eles são naturalmente verdadeiros e não violentos.

38. Todos os dias eles realizam sacrifícios, adorações e reverências com devoção ao Senhor Śañkara e Gauri, a grande Vaisnavī (Śakti).

---

[1] Essas parecem ser províncias na China porque o povo de lá é 'da cor de ouro.'

[2] Esse é o rio Hwang Ho da China. A crença purânica que o Sita (que flui para o mar ocidental) emergiu no leste em Bhadrasva através de canais subterrâneos é compartilhada pelos chineses, árabes e persas (*The Geography of Purānas,* 102).

[3] Os versos 35-38 descrevem o povo de Bhadrasva (Norte da China, Sinkiang).

Capítulo 44: Descrição de Ketumāla

Sūta disse:

1. As características naturais dos Bhadrāśvas foram narradas precisamente. Agora escutem uma descrição detalhada de Ketumāla.[1]

2-3. Cabe a vocês ouvirem a descrição em detalhes das sete cadeias de montanhas principais, países e rios em especial, situados em todos os quadrantes ao oeste da grandiosa montanha ocidental Nisadha.

4. As sete cordilheiras de *Kulaparvatas* são Viśāla, Kambala, Krsna, Jayanta, Hariparvata, Aśoka e Vardhamāna.

5. Há outras colinas às centenas, milhares e crores de outras montanhas volumosas e extensas, as ramificações das sete cordilheiras de *Kulaparvatas*.

6. Dentro e perto delas há terras e reinos onde pessoas de várias castas e credos moram e são governadas por muitos soberanos.

7. Eles são famosos na terra, bem conhecidos por seus nomes e bravura. Eles são embelezados (por assim dizer) pelas glorificações de suas façanhas (cantadas) pelas pessoas do país que eles ocupam.

8. Seus reinos estão estabelecidos em áreas planas e irregulares entre montanhas. Eles são conhecidos por seus próprios nomes respectivos e variados.

9-15. As nacionalidades são:[2] Gomanusya, Kopataka, Tatsukhas, Bhramara, Yūtha, Māheya, Acalakūtaka, Sumaula, Stāvaka, Krauñca, Krsnāñga, Manipuñjaka, Kūtakambala, Mausīya, Samudrāntaraka, Karambhava, Kuca, Śveta, Suvarnakataka, Śubha, Śvetāñga, Krsnapāda, Viha, Kapilakarnikā, Atyākarālā, Gojvālā, Hīnāna, Vanapātaka, Mahisa, Kumudābha, Karavāta, Sahotkaca, Śukanāsas, Mahānāsa, Vanāsa, Gajabhūmika, Karañja, Mañjama, Vāha, Kiskindī, Pāndubhūmika, Kubera, Dhūmaja, Jañga, Vañga, Rājīva, Kokila, Vācāñga, Mahāñga, Madhaureya, Surecaka, Pittala, Kācala, Śravana, Mattakāśika, Godāva, Bakula, Vāñga, Vañgaka, Modaka e Kalā.

16. Essas pessoas abençoadas bebem as águas sagradas do rio Suvaprā frequentado por Nāgas.

17-23. Elas também bebem as águas dos rios Kambalā, Tāmasī, Śyāmā, Sumedhā, Bakulā, Vikīrnā, Śikhimālā, Darbhāvatī, Bhadrā, Śukanadī, Palāśā, Bhīmā, Prabhañjanā, Kāñcī, Kuśavatī, Daksā, Śākavatī, Punyodā, Gandrāvatī, Sumūlā, Rsabha, Samudramālā, Campāvatī, Ekāksā, Puskalā, Vāhā, Suvarnā, Nandinī, Kālindī, Bhāratī, Sītodā, Pātikā, Brāhmī, Viśālā, PIvarī, Kumbhakārī, Rusā, Mahisī, Mānusi e Dandā. Esses são rios excelentes frequentados por Devas, Siddhas e sábios. Suas águas são sagradas e auspiciosas e elas dissipam pecados.

24. A terra é florescente com vários territórios. Ela é embelezada por grandes rios. Ela é cheia de muitas pedras preciosas e jóias. Ela é perpetuamente alegre e esplêndida.

25. O continente inteiro é próspero com riqueza, grãos, e outros artigos e residências de seres humanos espalhadas por toda parte. Esse é o domicílio de pessoas piedosas. Assim as características naturais de Ketumāla foram narradas para vocês.

---

[1] Aproximadamente Ketumala corresponde à antiga Bactria, a bacia do Oxus. A cordilheira latitudinal Nisadha (isto é, Hindukush-Kunlun) é em seu sul e a cordilheira Nīla (Zarafshan-Tien shan) é no norte, e no oeste é o Mar ocidental (o Cáspio). Para as montanhas, vales, colônias nas montanhas e os rios de Ketumala veja acima os caps. 36,38,39,42.

[2] Algumas das nacionalidades ou sub-regiões mencionadas nos vv. 9-15 são identificadas com seus nomes medievais como segue: Gomanusya (Gonaridh), Kapotaka (Murghab), Karambhava (Karmina), Kuca (Kuz-Panjdeb) - (*The Geography of Purānas*, 98).

Capítulo 45: Descrição de Bhāratavarsa

Sāmsapāyana disse:

1. Ó senhor santo, os dois continentes no leste e no oeste foram descritos para nós. Agora nos fale sobre as pessoas que moram nos continentes do norte e do sul como também aquelas nas montanhas.

Sūta disse:

2. Ao sul da montanha Śveta, e norte da Nīla, há um subcontinente chamado Ramanaka[1] onde nascem seres humanos.

3. Os animais (de lá) realizam desejos em todas as estações. As pessoas são livres do fedor da velhice (isto é, elas não ficam senis ou decrépitas). Elas são pessoas bonitas descendentes de uma raça nobre, de aparência formosa.

4. Lá há uma grande árvore *Nyagrodha* divina (a figueira indiana) chamada Rohina. As pessoas subsistem do suco do fruto dela.

5. Aquelas pessoas excelentes são sempre encantadoras e felizes. Elas vivem por onze mil e quinhentos anos.

6. Ao norte da Śveta e ao sul da montanha chamada Śrñgavān há um subcontinente chamado Hiranyata[2] (*Hiranvat*), onde um rio Hairanyatī (*Hairanvatī*) flui.

7. Homens muito fortes e brilhantes nascem lá que são sátvicos em qualidade, concessores de desejos em todas as estações. Eles são ricos e atrativos em aparência.

8. Essas pessoas de esplendor ilimitado vivem até doze mil e quinhentos anos.

9. Naquele país há a grande árvore *Lakuca* (árvore de fruta-pão) produzindo seis sabores. Os homens se sustentam do suco das frutas dela.

10. Lá a montanha Śrñgavān tem três topos grandes e altos. Deles um é cheio (literalmente, consiste) de diamantes; o segundo, de ouro; e o terceiro, cheio de todos os tipos de pedras preciosas. Eles são embelezados com mansões.

11. Na costa sul do mar do norte é o país santo dos Kurus[3] que é frequentado pelos Siddhas.

12. As árvores lá produzem frutas doces e flores do começo ao fim do ano. Elas desenvolvem roupas e ornamentos junto com frutos.

13. São muitas as árvores encantadoras que dão frutos desejados por todos. Elas exsudam mel excelente de sabor, cor, e fragrância primorosos.

14. Lá existem outras árvores encantadoras chamadas *Ksirin*. Elas sempre produzem leite como néctar que ainda apresentam seis tipos de gostos.

15. Todo o chão é cheio de jóias, até a areia fina sendo de ouro que é agradável ao toque. Ela é auspiciosa, livre de impurezas e espinhos.

16. Descendo do mundo dos Devas, as pessoas nascem como homens auspiciosos. Eles nascem em famílias de bela aparência e têm juventude perpétua.

17. As mulheres graciosas dão à luz gêmeos que bebem o suco nectáreo da árvore *Ksirin* (produtora de leite).

18. Os gêmeos nascem simultaneamente e crescem juntos. Eles têm formas, características e conduta de vida semelhantes. Eles também morrem juntos.

19. Como os pares de pássaros Cakravāka, eles são afetuosos uns para os outros. Eles desfrutam da vida, não conhecendo doença, tristeza, ou sofrimento.

---

[1] Identificado com o antigo Sogdiana (*The Geography of Purānas,* 83-84).

[2] Esse Varsa é associado de perto com o rio Hiranvati (moderno Zarafshan). Ambas as formas do nome significam 'possuidor ou espalhador de ouro'. Devido à sua associação com esse rio, deve ser presumido que esse Varsa é adjacente ao Sogdiana - *The Geography of Purānas*, 84-85.

[3] Kuru ou Uttara-Kuru como descrito aqui e em outros Purānas inclui a bacia dos rios Irtysh, Obe, Tobol, isto é, a moderna Sibéria ocidental - *The Geography of Purānas* 84-85.

20. Eles têm grande energia e vitalidade. Eles vivem até quatorze mil e quinhentos anos. Eles nunca recorrem às mulheres de outros.

21. Ao norte de Jārudhi, o rei das montanhas, se encontram os Kurus do norte. A terra é glorificada em todas as direções. Agora ouçam sua descrição detalhada.

22-23. Há duas Kula-Parvatas imponentes, Candrakānta e Sūryakānta.[4] Elas são embelezadas por muitas cavernas, fendas de geleira, cavidades e regatos; elas possuem muitos arbustos e sebes. Elas são enfeitadas com minerais de várias cores. Elas contêm muitos tipos de metais; elas são adornadas com todos os tipos de minérios minerais. Elas têm árvores com frutas, flores e raízes perpétuas; elas são frequentadas por Siddhas e Cāranas.

24-25. O todo daquele país é permeado por centenas de seus picos e cumes. O grande rio Bhadrasomā[5] flui entre as duas montanhas, Candrakānta e Sūryakānta.

26. Há milhares de outros rios com água pura e saborosa, suficiente para o consumo do povo Kuru.

27. Similarmente há milhares de grandes rios fluindo com leite, mel, manteiga e a bebida inebriante Maireya.

28. Há centenas de charcos cheios de coalhadas. Há uma montanha enorme rica em comida gostosa, nectárea, frutas maduras de diferente tipos.

29. Há raízes e frutas de fragrância, gosto e cor agradáveis. A fragrância delas pode ser percebida de uma distância de cinco yojanas.

30. Há milhares de flores de diferentes cores e formas, grandes, agradáveis e conducentes ao bem-estar.

31. Há florestas de Tamāla, Aguru e de sândalo agradáveis ao toque e ricas em fragrância, cor e sabor.

32. As florestas estão em plena floração. Abelhas zumbem e pairam em volta. As florestas abundam em árvores agradáveis, sebes e trepadeiras.

33. Ó brâmane excelente, há milhares de lagos cheios de lotos e lírios nos quais abelhas zumbem e pássaros chilreiam.

34-35. Há muitas áreas de divertimento encantadoras que fornecem contentamento em todas as estações. Lá comestíveis, guirlandas, unguentos, camas, assentos e outros artigos de prazer estão sempre disponíveis. Pássaros de forma bela e diversas cores gorjeiam.

36. As áreas de esporte são florescentes e ricamente embelezadas com ouro e jóias. Há caramanchões e grutas de bananeira e outras árvores assim como rochas.

37. Há milhares de caramanchões de trepadeiras por toda parte. Eles são muito agradáveis. Há centenas de casas debaixo da terra tão resplandecentes e puras quanto conchas de molusco.

38. As janelas são feitas de ouro adornado com uma rede de diamantes. Elas são muito grandes e de vários tamanhos com acabamento extraordinário em ouro e pedras preciosas.

39. Há milhares de árvores excelentes. As roupas são de várias formas (e feitios). Elas são de textura excelente e muito agradáveis (para a visão).

40. Há vários instrumentos musicais como *Mrdañga*, *Venu*, flauta, e *Panava* os quais são usados amplamente. Há centenas e milhares de árvores Kalpa que são frutos.

41. Há parques desse tipo em todos os lugares e assim se encontram as cidades (dos Kurus) em toda parte. A terra inteira é jubilosa, cheia de homens e mulheres. O vento sopra carregando a fragrância de diferentes flores.

42. Aquele país é sempre a residência da felicidade, fornecendo alívio da fadiga. Lá, os deuses descem do céu na forma de seres humanos e tomam seu nascimento. Assim essa terra excelente é o próprio céu, (talvez) até melhor que isso.

---

4 Identificadas com as modernas Tarbagatai e Jingar – montanhas Ala Tau.

5 Moderno rio Irtysh.

43. Os homens que vivem no cume oriental do monte Candrakānta são de cor escura, enquanto aqueles em Sūryakānta são escuros como também claros. Eles são excelentes e felizes.

44. Naquela terra há homens excelentes, fortes e corajosos como os Devas. Eles sempre se divertem tanto quanto eles querem. Eles parecem muito refulgentes.

45. Eles estão enfeitados com pulseiras, braceletes, enfeites de ombro, colares e brincos. Eles usam guirlandas de várias cores e coroas. Seus trajes e roupas superiores são de diversas cores.

46. Eles nunca envelhecem. Eles têm juventude perpétua. Eles são carinhosos, afetuosos e graciosos em aparência. Eles vivem até muitos milhares de anos.

47. Eles não procriam nem eles decaem em números. Pares nascem da árvore diferentes uns dos outros, mas dignos uns dos outros.

48-49. As riquezas são comuns a todos. Eles não têm o sentimento de posse. Não há virtude, nem vício, nem doença, nem velhice, nem confusão mental, nem sentimento de exaustão. Ao completarem seu período de tempo total, eles desaparecem como bolhas de água.

50. Eles são extremamente contentes, desprovidos de todas as misérias. Sendo apaixonadamente afeiçoados, eles não observam (as restrições de) Dharma. Pois Dharma cresce da miséria.

51-52. No lado sul dos Kurus do Norte há o país famoso chamado Candradvīpa,[6] formado como o disco da lua. Ele está a uma distância de cinco mil yojanas além da região dos deuses. (Sendo uma terra de litoral) ele sempre está enfeitado com guirlandas de ondas do mar e é ressonante com muitos sons.

53-55. Ele se estende por mil yojanas em área e é cheio de frutas e flores. Ele é fértil e próspero. Ele tem cem yojanas de largura e o mesmo tanto de altura. Há uma montanha excelente Kumudaprabha em seu centro, habitada por Siddhas e Cāranas. Ela tem várias pedras preciosas iguais em brilho à lua. Essas têm todas as características boas e resplandecem em sua forma lunar. Há lírios de cores diversas, parques e jardins de cores matizadas. Há muitos regatos e cavernas. Ela está enfeitada com grandes cumes, precipícios, fendas de geleira e sebes fechadas.

56. O rio excelente de muitas ondas, Candrāvartā, flui dessa montanha. Ele é cheio de água pura e sagrada, luminoso como os raios da lua.

57. Lá é o domicílio excelente da lua, o senhor das estrelas. A lua, o senhor dos planetas, sempre reside lá.

58. Lá há uma montanha famosa conhecida pelo nome da lua. A grande terra chamada Candradvīpa é famosa nesse mundo como também no céu.

59. Todas as pessoas lá resplandecem como a lua. Elas parecem a lua, com suas faces brilhando como a lua. Elas são livres de mesquinhez e consideram a lua sua divindade.

60. As pessoas lá são muito virtuosas, gentis, verdadeiras e brilhantes. Sua conduta é boa e seu período de vida se estende por mil anos.

61-62. Ao oeste desse continente ocidental é a terra chamada Bhadrākara a quatro mil yojanas do oceano. Ela é uma zona circular de dez mil yojanas de diâmetro. Ela parece esplêndida com diferentes tipos de flores.

63. O lugar é rico e abunda em grãos. Ele é regido por muitos reis. Ele é jubiloso, próspero e bonito por causa das grandes montanhas.

64. Há um assento muito esplêndido de Vāyu lá, embelezado com várias jóias. Lá, a forma encarnada de Vāyu é sempre adorada em dias *Parvan*.

65-66. As pessoas que vivem lá têm cor dourada. Eles estão enfeitadas em ouro. Eles são tão refulgentes quanto os Devas imortais. Seus trajes e guirlandas são de cor variada. Eles são abençoados, vigorosos, joviais e verdadeiros. Eles vivem até quinhentos anos. Eles consideram Vāyu como sua deidade.

Sūta disse:

---

6 A região de Tuva na Sibéria do sul onde flui o rio Yenisi.

67. Essas são as características naturais das regiões em Bharata como vistas pelos conhecedores da verdade suprema. O que mais eu devo narrar para vocês?

68. Quando isso foi dito pelo filho inteligente de Sūta, os sábios ansiosos para ouvirem a sequência depois disso o solicitaram.

Os sábios disseram:

69-71. Ó excelente, é nessa região de Bharata que os quatorze Manus, Svāyambhuva e outros, nascem no tempo da criação de súditos. Nós desejamos conhecer mais além disso. Por favor narre.

Ao ouvir as palavras deles o Sūta Lomaharsana, bem versado nos Purānas e de mente piedosa, a descreveu em detalhes para os sábios de almas purificadas.

Sūta disse:

72. As características naturais dos Kurus foram narradas precisamente. Agora eu mencionarei as características de Bharata.[7] Conheçam-nas.

73-74. Ó brâmanes excelentes, no centro sagrado ao sul da montanha Himavat do sul, se estendendo de leste para oeste se encontra o subcontinente Bharata. Cabe a vocês escutarem agora os detalhes dos países no Bharata Varsa e do povo de lá.

75. Com suas diversas características dando origem a resultados auspiciosos e inauspiciosos, esse subcontinente está no meio, ao norte do oceano e ao sul de Himavat.

76. Como o país (*Varsa*) é chamado de Bharata as pessoas são Bhāratīs. Visto que Manu governou as pessoas, ele é chamado de Bharata.[8] Etimologicamente derivado desse modo o Varsa (país) é chamado de Bharata.

77. É a partir de lá somente que alguém vai para o céu ou obtém salvação.[9] O caminho do meio - céu como também o fim, a emancipação final - é atingida a partir de lá. Rituais para seres humanos não são ordenados em qualquer outro lugar na terra.

78. É declarado que há nove divisões desse Bharata Varsa.[10] Sendo separados por oceanos, eles são mutuamente inacessíveis.

79-81. Eles são Indradvīpa, Kaseru, Tāmravarna, Gabhastimān, Nāgadvīpa, Saumya, Gandharva e Vāruna. Esse Bharata, o nono entre eles, é cercado pelo mar. De sul a norte ele se estende por mil yojanas, de Kumari até a fonte do Gañgā. Lateralmente no norte ele se estende por nove mil yojanas.

82. No limite oriental se encontram Kirātas e Yavanas no limite ocidental.

83. Dentro dele moram brâmanes, ksatriyas e vaiśyas se ocupando respectivamente em sacrifícios, guerra e comércio. Os śūdras vivem em diferentes partes.

84. Há negócios mútuos entre eles baseados em virtude, riqueza e amor. As diferentes castas estão ocupadas em suas próprias funções.

---

[7] A descrição, de Bharata também é repetida em outros Purānas, por exemplo: *Agni Purāna*, 118, *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2. Cap.16, *Vishnu Purāna* livro 2, cap. 3.

[8] Essa explicação etimológica de 'Bharata', atribuindo seu crédito ao Manu que é chamado de 'Bharata' devido ao seu ato de manter (e alimentar) as pessoas, substitui a tradição jaina que atribui isso a Bharata, o filho de Tirthankara Vr(B.)sabha.

[9] Devido a essa importância especial de Bharata ele é chamado de *Karma-bhumi*.

[10] Os nomes das nove divisões regionais de Bharata Varsa indicam um período quando a cultura hindu foi assimilada por países no sul e sudeste da Ásia. Há diferenças entre estudiosos sobre a identificação deles, desde a época de Al Biruni. Depois de discutir a classificação regional (*The Geography of Purānas,* págs. 126-132), M. Ali chega à seguinte conclusão:

Indradvīpa = A região trans-Brahmaputra.
Kaseru = A planície costeira entre os deltas do Godavari e Mahanadi.
Tāmravarna = A área da Península Indiana ao sul de Kāverī.
Gabhastimān = A faixa montanhosa entre Narmada e Godavari.
Saumya = A faixa costeira a oeste do Indus.
Gandharva = A região trans-Indus.
Vāruna = A costa ocidental da Índia.

85. As pessoas executam os deveres das cinco fases da vida, a quinta sendo aquela de *Sañkalpa*. Elas possuem a tendência humana para se esforçar para atingir o céu e a salvação.

86. Aquele que conquista esse nono Dvīpa completamente, junto com os países que se estendem lateralmente, é declarado um imperador (*Samrāt*).

87. Aquele que conquista esse mundo é lembrado como Samrāt, o conquistador de Antariksa como *Virāt*, enquanto o conquistador do outro mundo é chamado de *Svarāt*.[11] Eu explicarei isso mais tarde.

88. Há sete grandes sistemas de montanhas com cumes excelentes como nó nesse Varsa. Eles são Mahendra, Malaya, Sahya, Śuktimān, Rksaparvata, Vindhya e Pāriyātra.[12]

89. Há outros milhares de montanhas adjacentes a essas. Elas são dotadas de todas as qualidades, e têm topos largos e matizados.

90-92. As principais delas são: a montanha excelente Mandara[13], Vaihāra, Dardura, Kolāhala, Surasa, Maināka, Vaidyuta, Pātandhama, Pāndura, Gantuprastha, Krsnagiri, Godhana, Puspagiri, Ujjayanta, Raivataka, Śrīparvata, Kāru e Kūtaśaila.

93. Há outras montanhas menores com pouca população. As faixas de terra entre elas têm uma população misturada consistindo em Mlecchas e Aryas.

94-96. Os rios que nascem do pé de Himavat,[14] dos quais essas pessoas bebem a água são: Gañgā, Sindhu, Sarasvati, Śatadru, Candrabhāgā, Yamuna, Sarayū, Irāvatī, Vitastā, Vipaśā, Devikā, Kuhū, Gomatī, Dhūtapāpā, Bāhudā, Drsadvatī, Kauśikī, Trtlyā, Niscīrā, Gandakī, Iksu e Lohitā.

97-98. Os rios que brotam de Pāriyātra[15] são: Vedasmrti, Vadavatī, Vrtraghnī, Sindhu, Varnāśā, Candanā, Satirā, Mahatī, Parā, Carmanvatī, Vidiśā, Vetravatī, Śiprā e Avantī.

---

[11] O significado correto dos termos *Samraf, Virat* e *Svaraf* é digno de nota. Uma interpretação forçada desse verso é sugerida como segue: "Essa região é conhecida como monárquica, Antariksa como não-monárquica (vi-raj) e outra região como autônoma (sva-raf) ".

[12] Desses sistemas de montanhas, as cordilheiras Mahendra, Malaya e Sahya são bem conhecidas. A Vindhya dos Purānas inclui a cordilheira Satpura, ao sul do Narmada. De acordo com *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (p. 196) Suktiman é aquela parte da cordilheira Vindhya que une as montanhas Pariyatra e Rksa incluindo as colinas de Gondwan e Chhota Nagpur. Mas M. Ali, no Mapa Topográfico de Bharata, a mostra como um anel de cordilheiras cercando a Bacia de Mahanadi, coincidindo muito de perto com a Daksinā Kosala purânica (moderna área Mahakosal em Madhya Pradesh). A montanha Pariyatra é um círculo de cordilheiras ao norte do Narmada, quase cercando a bacia hidrográfica de Chambal e Betwa e assim corresponde à Aravallis e (moderna) Vindhya Ocidental.

A montanha Rksa representa a moderna Vindhya a partir da fonte do Sonar até as cordilheiras orientais que marcam a bacia hidrográfica do rio Sona. *The Geography of Purānas* (112-113).

[13] Uma parte da Himalaia ao leste de Sumeru em Garhwal (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, p.124 - 125).

[14] As cordilheiras de montanhas descritas na nota 12 acima são as divisoras de águas que limitam totalmente ou parcialmente as bacias hidrográficas de rios importantes na Índia. É significativo que os nomes e ordem ou enumeração são praticamente os mesmos como no *Matsya Purāna* e *Brahmānda Purāna*. Aqui se encontra a lista de rios que surgem do Himalaia. Os nomes modernos são apresentados em parênteses: Satadru (Sutlej), Candrabhaga (Chenab), Iravau (Ravi), Vitasta (Jhelum), Vipasa (Beas), Devika (Deeg, um tributário do Ravi), Kuhu (Kabul), Dhutapapa (Sarada, com suas cabeceiras), Bahuda (Rapti), Drsadvati (Chitang, um tributário do Ghaggar), Kausiki (Kosi com suas três cabeceiras), Lohita (Brahmaputra).

[15] Paripatra é uma variação de Pariyatra. Os nomes modernos desses rios são mencionados nos parênteses: Vedasmrti (Banas), Vedavati (Berach), Vrtraghni (Bariganga-Utangan). Esses eram rios grandes, perenes, da antiga Matsyadesa (agora uma parte de Madhya Pradesh.)

Varnasa é o Banas ocidental que flui a oeste de Aravallis, Nandana (Sabarmati); Sadanira (Sarasvatī) provavelmente é o nome correto para Satira. Para (Parbati), Carmanvati (Chambal), Vidisa (Bes), Vetravati (Betwa). Os nomes das cadeias de montanhas purânicas estão tão misturados nos tempos modernos que alguns rios são atribuídos a ambas.

Sona, Mahanada e Narmada não surgem na Rksa Parvata purânica.

Os rios de Mandakini em diante são de Bundelkhand (Madhya Pradesh). Os nomes modernos dos rios estão justapostos em parênteses: Dasarna (Dhasan), Tamasa (Tons); Pippala e Sroni (Syena no

99-101. Os rios que se originam de Rksaāda e que têm água cristalina são: O grande Nada Śona, Narmadā, Sumahādrumā, Mandākinī, Daśārnā, Citrakūtā, Tamasā, Pippalā, Śronī, Karatoyā, Piśācikā, Nīlotpalā, Vipāśā, Jambulā, Vāluvāhinī, Siterajā, Śuktimatī, Makrunā, e Tridivā.

102-103. Os rios auspiciosos de águas sagradas que brotam dos declives das montanhas Vindhya[16] são: Tāpī, Payosnī, Nirvindhyā, Madrā, Nisadha, Venyā, Vaitaranī, Śitibāhu, Kumudvatī, Toyā, Mahāgaurī, Durgā e Antaśilā.

104. Os rios da região sul que brotam dos declives das montanhas Sahya são o Godāvarī, Bhimaratht, Krsnāvainī, Vañjulā, Tuñgabhadrā, Suprayogā e Kāverī.

105. Os rios que brotam das montanhas Malaya[17] são Krtamālā, Tāmravarnā, Puspajātī e Utpalavatī. Todos eles são muito esplêndidos. Suas águas são muito frescas.

106. Os rios que se originam das montanhas Mahendra[18] são Trisāmā, Rtukulyā, Iksulā, Tridivā, Lāñgūlinī e Varhśadharā.

107. Os rios que brotam da montanha Śuktimān[19] são Rsikā, Sukumāri, Mandagā, Mandavāhinī, Kūpā e Palāśinī.

108. Todos eles são sagrados como Sarasvatī. Todos aqueles que fluem para dentro deles são (sagrados como) Gañgā. Esses são as mães do mundo e são declarados como removedores dos pecados do mundo.

109-111. Os ramos e tributários desses rios são centenas e milhares. Os países na Região Central (Madhyadeśa)[20] são principalmente Kurupāñcālas, Śālvas,

---

Brahmānda Purāna) parecem ser um rio, isto é, Pippali-Syeni como no *Matsya Purāna* (nome moderno: Paisuni). Vipasa provavelmente é Visala como no *Brahmānda Purāna*. Ele é Bewas perto de Sagar em Madhya Pradesh. Jambula (Jammi) um tributário de Betwa, Suktimati (Ken). (*The Geography of Purānas*, 118-119).

[16] Como afirmado acima, os escritores purânicos incluem até as colinas Satpura nas cordilheiras Vindhya. Os nomes modernos dos rios são dados em parênteses: Tapi (Tapti ou Tapi), Payosni (Pain-ganga – *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 150), Nirvindhya entre Ujjain e Vetravati (em Meghadata) (moderno Newuj), Nisadha (Sind, nessa Narwar, a capital dos Nisadhas, ficava situada).

Venya (Van-Gañgā), Vaitarani (Baitarani), Kumudvati (Suvarnarekha), Toya (Brahmani), Mahagauri (Damodar); *Durga* (difícil de cruzar) e *anta-iila* (cheio de pedras) são provavelmente os adjetivos desse rio selvagem - *The Geography of Purānas,* 120-121.

A maioria dos rios são conhecidos por seus nomes antigos com algumas modificações como Bhimarathi (Bhima), Krsna-vaini (também em inscrições em lugar do moderno Krsna), Vangula (Manjira), Suprayoga (Vedavati).

[17] Os nomes modernos estão entre parênteses: Krtamala (Vai-gai), Tamravarna (Oparni), Puspajati (Pambiar), Utpalavati (Periyar) - *The Geography of Purānas,* 122-123.

[18] Os nomes modernos destes e observações explicativas são dados entre parênteses. Trisama (as três cabeceiras do Rsikulya, isto é, Ghod-hada, Bhagava e Patana, têm esse nome coletivo); Rtukulya é Rsikuly (repetido em rios de Suktiman) Tridiva (um nome coletivo para Vegavati, Nagavati e Suvarnamukhi - as três cabeceiras de Langualini, moderno Langulia).

[19] Os nomes modernos destes rios estão entre parênteses. Rsika (provavelmente Rsrikulya mencionado acima); Sukumari (Suktel, se une ao Mahanadi perto de Sonpur, Orissa), Mandaga (Mand), Manda-vahini (-gamini no *Brahmānda P*., o próprio Mahanadi), Kupa (Krpain no *Brahmānda P*., Arpa), Palasini (Jonk no Distrito de Raipur em Madhya Pradesh.)

[20] Na época da redação final do Purāna, as seguintes partes da Índia estavam incluídas em "Madhyadesa". Estes são originalmente os nomes das tribos aplicados à terra onde elas estavam estabelecidas então:

Kurus - Entre Ghaggar no oeste e Gañgā no leste e com faixa de floresta no sul e no norte.

Pancalas - Coincidente com a moderna Rohilkhand com a parte central do Gañgā-Yamuna Doab acrescentada a ela.

Salvas - Perto de Kuruksetra ao oeste de Matsyadesa. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (p. 175) considera que ela abrangia algumas partes de dos antigos estados de Jodhpur, Jaipur e Alwar.

Jangalas - Geralmente associada com Kurus como "Kurujangala". Provavelmente ela ocupava a parte nordeste dos Kurus (*The Geography of Purānas*, 135).

Bhadrakaras e **Bodhas** junto com Salvas ocupavam a região fronteiriça da Madhyadesa dos Purānas.

Jāñgalas, Śūrasenas, Bhadrakāras, Bodhas, Śatapatheśvaras, Vatsas, Kisasnas, Kulyas, Kuntalas, Kāśikosalas, Tilañgas na região fronteiriça, Magadhas e Vrkas.

112. Agora ao longo da metade norte das montanhas Sahya onde flui o rio Godāvarī se encontra a região mais encantadora em toda esta terra.

113-114. Lá há uma cidade divina chamada Govardhana.[21] Ela foi construída pelo rei dos Devas para a cônjuge de Rama. Árvores e ervas foram plantadas pelo sábio Bhāradvāja por causa da esposa de Rama. Ele fez dessa área arborizada encantadora a parte privada do palácio.

115-119. As colônias de ksatriyas são[22] Vāhlīkas, Vādhadhānas, Abhīras, Kālatoyakas, Aparītas, Śūdras, Pahlavas, Carmakhandikas, Gāndhāras, Yavanas, Sindhus, Sauvīras, Bhadrakas, Śakas, Hradas, Kulindas, Paritas, Hārapūrikas, Ramatas, Raddhakatakas, Kekayas e Daśamānikas. As tribos de vaiśyas e śūdras são: Kāmbojas, Daradas, Barbaras, Priyalaukikas, Pīnas, Tusāras, Pahlavas, Bāhyatodaras, Atreyas, Bharadvājas, Prasthalas, Kaserukas, Lampākas, Stanapas, Pīdikas e Juhudas.

120. Apagas, Alimadras, Tomaras, Harhsamārgas, Kāśmīras e Tañganas são as tribos de Kiratās.

121. Esses junto com Cūlikas, Ahukas e Pūrnadarvas são os povos do norte. Agora ouçam de mim os povos no Leste.

122-123. Povos no leste:[23] Andhravākas, Sujarakas, Antargiris, Bahirgiris, Pravañgas, Vañgeyas, Māladas, Mālavartins, Brahmottaras, Pravijayas, Bhārgavas,

---

[21] Agora uma aldeia no distrito de Nasik de Maharashtra. Antigamente ela era um centro de aprendizado importante. Brâmanes vindos daquele local formaram uma subcasta 'brâmanes Govardhana'. Ela é mencionada várias vezes na famosa inscrição de Nasik de Usavadata (100 A.C.) (*Epigraphica Indica* VIII, pág. 78).

[22] Geralmente reinos ou países recebem os nomes de tribos ou povos que os colonizam. A identificação destes reinos é baseada em *The Geography of Purānas*, pp. 137-147. *Studies in the Geography of Ancient and Medieval India* de D.C. Sircar também é referido e somente o número da página é citado.

(1) Os Va **(Ba)hlikas** = Povo da região de Balistan coberta pelos rios Bolon, Nari e Gokh. Ela coincidia com o antigo Baluchistão britânico. Mas de acordo com D.C. Sircar (p. 32) ela é Balkh (Norte do Afeganistão).

(2) Os **Vadhadhanas** (Vatadhanas) = Provavelmente Waziristão. Mas em Sircar (p. 32) a região de Panjab-Rajastão.

(3) Os **Abhiras** = Ao sul de Sauvira mas ao leste do Indus = parte oeste do distrito de Hyderabad, Sind.

(4) Os **Kalatoyakas** = Residentes da região de Kalat no Baluchistão.

(5) Os **Pahlavas** = A região contígua ao vale Hingol no rio Parikan. Eles incluíram vaiśyas e śūdras também.

(6) Os **Carmakhandikas** = Na foz do rio Hab e na Ilha de Churma.

(7) Os **Gandharas** = Kandahar-inferior vale de Kabul.

(8) O **Yavanas** = Ionians, gregos.

(9-10) Os **Sindhus** e **Sauviras** = Embora normalmente unidos juntos, eles são de regiões diferentes. Sauvira coincide com a região de Rohri-Khairpur de Sind e a parte restante é Sindhus.

(11) Os **Sakas** = Citas.

(12) Os Ku(**Pu)lindas** = Kunets de Kulu. Mas antigamente eles se estenderam para Saharanpur e Ambala (Sircar, 33).

(13) Os **Kekayas** = Povo do país entre o Beas e o Sutlej.

(14) Os **Kambojas** = Povo do Kafiristão que colonizou a bacia de Kunar.

(15) Os **Daradas** = A mesma tribo antiga que mora no vale do Kisenganga na Cachemira.

(16) Os **Barbaras** = Povo migrado de Berbéria ou Norte da África.

(17) Os **Tusaras** = Tocarianos no Norte do Afeganistão, porém o povo no Tochi de acordo com *The Geography of Purānas*, 142.

(18) Os **Lampakas** = Lamghans associados com Kabul superior.

[23] As tribos antigas e seus locais da Índia Oriental são identificados da seguinte maneira:

Antargiri = Colinas de Rajmahal em Santhal Pargana, Bengala (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 8). Mas Sircar localiza Antargiri e Bahirgiri em direção ao norte de Assam.

Vangeyas = A própria Bengala – o triângulo deltóide entre Bhagirathi – Hooghly (a saída principal do Gañgā antigamente) e Padma (*The Geography of Purānas*, 151).

Geyamarthakas, Prāgjyotisas, Mundas, Videhas, Tāmraliptakas, Mālas, Magadhas e Govindas são os municípios no leste.

124-131. Agora os outros povos que moram na região sul são:[24] Pāndyas, Keralas, Caulyas (Colas), Kulyas, Setukas, Mūsikas, Kumanas, Vanavāsikas, Mahārāstras, Māhisakas, Kaliñgas, Abhīras, Caisīkas, Atavyas excelentes, Pulindras, Vindhyamūlikas, Paunikas, Maunikas, Asmakas, Bhogavardhanas, Nairnikas, Kuntalas, Andhras, Udbhidas, Nalakālikas.

Agora ouçam de mim os nomes de outros povos: Śūrpākāras, Kolavanas, Durgas, Kālītakas, Puleyas, Surālas, Rūpasas, Tāpasas, Turasitas, todos os Paraksaras, Nāsikyas e outros; aquelas terras no vale do Narmadā[25], isto é: Bhānukacchas, Samas, Heyas, Sahasas, Śāśvatas, Kacchīyas, Surāstras, Anartas,

---

Maladas = Uma parte do distrito de Shahabad - o local do Āśrama de Viśvāmitra em Buxar (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 100); distrito de Malda de Bengala, Rajashahi e Dinajpur Oeste de Bengala (*The Geography of Purānas*, pág. 151).
Os **Bhargavas** = Provavelmente o mesmo que Bhārgava-Angaya (em *The Geography of Purānas*, pág. 152) isto é, o Yamuna-Meghna Doab.
Os **Pragjyotisas** = Distrito de Kamarupa em Assam.
Os **Mundas** = Chhota Nagpur, especialmente o distrito de Ranchi (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, p. 134).
Os **Videhas** = A região de Tirhut entre o Kosi e o Gandak ao norte do Gañgā (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* pág. 35).
Os **Tamraliptakas** = Tamluk no distrito de Midnapur incluindo Kontai (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 203) (The *Geography of Purānas*, pág. 152).
Os **Malas** (Os Mallas no *Brahmānda Purāna*) = A região em volta das Colinas de Parasnath (parte dos distritos de Hazaribagh e de Manbhum). Os Mallas se encontravam em Pava e Kusinagara na época do Buda (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 123).
Os **Magadhas** = Bihar Sul.
Os **Govindas** ou Gonarda (no *Brahmānda P., Matya P.*) = *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (pág. 71) os identifica com Gonda em Oudh.

[24] As seguintes identificações são baseadas em *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, (número da página indicado em notas) e Sircar (*Studies in the Geography of Ancient and Medieval India*).
Os **Pandyas** = Os distritos modernos de Tinnevelly e Madura em Tamil Nadu (p. 147).
Os **Caulas** (Colas) = A Costa de Coromandel ao sul do Pennar incluindo Tanjor (p. 151).
Os **Setukas** = Povo de Setubandha, Rameshwar (Sircar pág. 38).
Os **Musikas** = Travancore na costa de Malbar (pág. 134). Mas Sircar (pág. 36) sugere as pessoas que vivem no rio Muri (nos distritos de Nellore e Guntur, Andhra Pradesh).
Os **Vanavasikas** = Banwasi no Distrito de Kanara do Norte, Karnatak (*Cosmography and Geography in Early Indian Literature*, pág. 79). O Reino das antigas dinastias Kadamba.
Os **Maharastras** = Identificados aproximadamente com os povos que falam Marathi.
Os **Mahisakas** = Mysore do Sul (p. 120), também Sircar (p. 39).
Os **Kalingas** = Sul de Orissa (distritos de Puri e Ganjam) – Sircar (p. 39).
Os **Abhiras** = Parte sudeste de Gujarat perto da foz do Narmada (Sircar, pág. 1).
Os **Pulindras** (também Pulindas) = Região entre os rios Pranahita e Bandia, ambos tributários do Godavari.
Os **Paunikas** ou Paurikas = Um território pequeno que ocupa o vale do Purna, um tributário do Godavari.
Os **Asmakas** = Distrito de Aurangabad e região de Bodhana em redor do Distrito de Nizamabad (Sircar, pág. 40).
Os **Bhojavardhanas** = O vale do alto rio Purna abaixo do Sahyadri. Bhokardan aproximadamente 30 milhas de Ajanta (Sircar, pág. 40).
Os **Kuntalas** = O Maharashtra do sul e o distrito de Canara do norte.
Os **Andhras** = Não o atual grande estado no sul da Índia. A região incluindo o distrito de Krishna e Guntur de Andhra Pradesh junto com sua área adjacente (*Cosmography and Geography in Early Indian Literature*, pág. 80).

[25] Algumas identificações propostas:
O **Kacchast** = Kutch, agora no estado de Gujarat.
Os **Surastras** = Saurashtra (antiga Kathiawad) agora em Gujarat.
Os **Anartas** = Gujarat e uma parte de Malwa (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 8).
Os **Arbudas** = A região em volta do Monte Abu (*Idem*, pág. 16).

Anartas, Arbudas e Samparītas. Agora escutem os residentes das montanhas Vindhya.[26]

132-**134**. Mālavas, Karūsas, Mekalas, Utkalas, Uttamarnas, Daśarnas, Bhojas, Kiskindhakas, Tosalas, Kosalās, Traipuras, Vaidikas, Tumuras, Tumburas, Satsuras, Nisadhas, Anupas, Tundikeras, Vītihotras, Avantis. Esses são os reinos nas Montanhas Vindhya.

135-**137**. Agora eu mencionarei territórios montanhosos[27]. Eles são: Nigarharas, Hamsamārgas, Ksupanas, Tañganas, Khasas, Kuśaprāvaranas, Hūnas, Darvas, Hūdakas, Trigartas, Mālavas, Kirātas e Tāmasas. Os eruditos conhecem quatro eras nesse Bharata, isto é, Krita, Tretā, Dvāpara e Kali. Eu explicarei suas características naturais depois.

---

[26] Os **Malavas** = Embora os Malavas se instalassem finalmente em Avanti (em volta de Ujjain) e dessem seu nome ao antigo Avanti-desa, é possível que eles estivessem em Marwar sul (no Rajastão) na época desse Purāna.
Os **Karusas** = A região em volta de Reva. (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 95).
Os **Mekalas** = Região em volta de Amarkantak, a fonte do Narmada.
Os **Utkalas** = Orissa.
Os **Dasarnas** = Moderna Malwa oriental (Sircar, pág. 43).
Os **Bhojas** = Região em volta de Bhilwara na bacia de Chambal (*The Geography of Purānas*, pág. 159). Sircar os identifica com o povo de Vidarbha que fundou um reino em Goa (pág. 43).
Os **Kiskindhakas** = Sircar a identifica com a moderna Kalyanpur, ao sul da Divisão de Udaipur (pág. 43).
Os **Tosalas** = A parte sul de Kosala ou Distrito de Gondwan em volta de Tosali (moderna Dhanti) no Distrito de Puri (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 43).
Os **Kosalas** = Sircar os identifica com Daksinā Kosala (do sul) - modernas Raipur, Bilaspur e região de Sambalpur (p. 43).
Os **Traipuras** = A região em volta de Tewar. Isso cobre a atual Jabalpur, partes dos distritos de Mandla e de Narasimhapur.
Os **Vaidikas** = Um erro de impressão em lugar de Vaidisas: Malwa Oriental com Vidisa ou Bhilasa como a capital (p. 43).
Os **Tumuras** = Moderna Tumain no distrito de Guna, Madhya Pradesh. - (Sircar, pág. 44).
Os **Nisadhas** = Marwar com Narwar como sua capital (idem).
Os **Anupas** = Sul da região de Malwa perto de Nimar (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 8).
Os **Tundikeras** = A bacia do Narmada ao redor da cidade de Sainkheda (*The Geography of Purānas,* 161).
Os **Vitihotras** = A região em volta de Satwar 30 milhas ao noroeste de Harda. Ela é limitada no nordeste e oeste pelas Vindhyas e pelo Narmada no sul.
Os **Avantis** = A região em volta de Ujjain.

[27] Sircar identifica alguns como segue:
Os **Hamsa-margas** = Povo de Hunza no noroeste da Cachemira (pág. 45.)
Os **Khasas** = Modernos Khakkas. Eles viveram na Cachemira.
Os **Trigartas** = Moderna região de Jalandhar (Panjab).
Os **Kiratas** = Montanheses dos Himalaias.

Capítulo 46: Descrição de Kimpurusa Varsa

Sūta disse:

1. Ao ouvirem isso e desejosos de ouvir mais, os sábios encantados pediram a Lomaharsana:

Os sábios disseram:

2-3. "O subcontinente de Bharata foi descrito por você. Agora descreva o Kimpurusa[1] e Hari[2] Varsas." Assim solicitado pelos brâmanes, Lomaharsana respondeu adequadamente essa questão do seguinte modo (literalmente, da maneira indicada nesse Purāna).

Sūta disse:

4. Por favor, escutem, ó brâmanes, ao que vocês ficam felizes em ouvir. Na região de Kimpurusa há um grande bosque de árvores Plaksa comparável à floresta de Nandana.

5. É dito que o período de vida na terra de Kimpurusa é dez mil anos. Os homens têm cor de ouro e as mulheres se assemelham às Apsaras.

6. Eles não sofrem de doenças; eles são desprovidos de tristezas; eles têm mente pura; eles possuem o esplendor do ouro fundido.

7. Nessa região sagrada Kimpurusa há uma figueira que exsuda mel. Todos os habitantes de Kimpurusa Varsa bebem seu suco excelente.

8. Ao lado de Kimpurusa há Harivarsa onde as pessoas são de cor amarela como ouro.

9. Todas as pessoas lá são provenientes de Devaloka e têm formas divinas. Em Harivarsa, todas as pessoas bebem o suco esplêndido da cana-de-açúcar.

10. Elas vivem jubilosamente até onze mil anos. Elas permanecem encantadas em suas mentes. A velhice não as aflige, nem as pessoas se tornam decrépitas ou senis.

11. No subcontinente central Ilāvrta[3] que eu mencionei antes, o sol não brilha intensamente e os homens não envelhecem (prematuramente).

12. Em Ilāvrta a lua, o sol e as estrelas são escuros. Os homens têm a cor, brilho e fragrância da flor de loto. Seus olhos são tão largos quanto a folha de loto.

13. Eles se alimentam do suco da fruta Jambū. Eles não envelhecem nem enfraquecem. Eles têm fragrância. Eles são cultos e elegantes. Eles desfrutam de prazeres como o resultado de seus ritos auspiciosos.

14. Eles são caídos de Devaloka. Eles são imortais e não-senis. Esses homens excelentes vivem por treze mil anos.

15-16. No subcontinente Ilāvrta eles vivem o período de vida completo. O subcontinente tem vinte seis mil yojanas de comprimento e nove mil yojanas de largura ao redor de Meru. Ele é formado como um pires.

17. Nove mil yojanas para o oeste de Meru se encontra a montanha Gandhamādana, trinta e quatro mil yojanas de extensão.

18. Para o norte e sul, ela se estende até as montanhas Nīla e Nisadha. Sua altura é quarenta mil yojanas. Ela penetra para baixo até mil yojanas.

19. A montanha Mālyavān se encontra no leste. Sua magnitude já foi mencionada. Ela é ao sul de Nīla e ao norte de Nisadha. A grande montanha Meru de magnitude extensa fica no centro dessas montanhas, as quais parecem penetrá-la.

---

[1] Kimpurusa Varsa – uma terra mítica (*Studies in the Geography of Ancient and Medieval India*, pág. 366); Kimpurusa-desa – Nepal (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 100).

[2] Hari-Varsa – território mítico (*Studies in the Geography of Ancient and Medieval India* pág. 559); o Tibete ocidental (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 74).

[3] A região que cerca as Pamirs (*The Geography of Purānas*, pág. 32, fig. 2).

20-**22**. Sua extensão é cem mil yojanas visto que o oceano é circular e visto que ela santifica a região da terra. As medidas são reduzidas em áreas retangulares quando elas não estão delimitadas. Chegando ao meio elas se dividem (?).

23. Um rio de suco de Jambū parecendo colírio liquefeito flui do sul de Meru para o norte de Nisadha.

24-**26**. Lá há uma árvore Jambū perpétua chamada Sudarśana. Ela floresce e dá frutos perpetuamente. Ela é frequentada por Siddhas e Cāranas. Ela é a maior árvore em Jambūdvīpa, com cem mil yojanas de altura. Essa árvore grandiosa toca o céu. O comprimento da fruta é oitocentos e sessenta e um *Aratnis*. Isso é determinado por sábios que sabem a verdade.

27. Quando as frutas caem no chão, elas fazem um alto barulho. O suco das frutas Jambū se desenvolve em um rio corrente.

28. O rio passa em volta de Meru e então entra em *Jambū mula* e as pessoas lá bebem dele. Elas são deleitadas e cercadas pelas saborosas frutas Jambū.

29. Bebendo o suco elas vencem a velhice. Certamente elas nunca adoecem ou morrem.

30. O ouro chamado Jāmbūnada que os Devas usam como ornamentos é encontrado lá. Ele parece tão esplêndido quanto o pirilampo.

31. O suco esplêndido das frutas de todas as *árvores-Varsa* (Jambū) fortalece as pessoas (do continente). Ele é o ouro que é usado para ornamentos de Devas.

32. As excreções delas (fezes e urina) estão espalhadas por toda parte. Graças às bênçãos do Senhor, a terra absorve o refugo e os corpos mortos.

33. Os Rāksasas, Piśācas e Yaksas residem em Himavat. Os Gandharvas e Apsaras vivem na montanha Hemakūta.

34. Os Nāgas incluindo Śesa, Vāsuki e Taksaka vivem em Nisadha. Os trinta e três grupos de Devas, os Yājñikas, vagam sobre a grande Meru. Na Nīla, cheia de lápis lazúli, vivem Siddhas e Brahmarsis.

35. A montanha Śveta é o domicílio de Daityas e Dānavas. A montanha Śrñgavān é o lugar que os Pitris frequentam.

36. Desse modo os seres móveis e imóveis se instalaram nos nove continentes em seus respectivos lugares.

37. A população de Devas e seres humanos é enorme demais para ser enumerada. Isso deve ser aceito com fé por aqueles que desejam conhecer isso (pela experiência).

Capítulo 47: Descida do Gañgā

Sūta disse:

1. A montanha Kailāsa[1] está no lado esquerdo de Himavat. Lá vive o próspero Kubera junto com os Rāksasas. O governante de Alakā se alegra na companhia de Apsaras.

2-3. Água esplêndida, auspiciosa, fresca flui da base de Kailāsa para um lago chamado Manda. Ele é cheio de lírios e é brilhante como nuvens outonais. Desse (lago) procede o rio Mandākinī[2] auspicioso e divino. Em sua margem se localiza uma grande floresta celestial chamada Nandana.

4-5. Ao nordeste de Kailāsa há uma montanha chamada Candraprabha perto do monte Suvarna, o qual em abunda animais celestiais, ervas medicinais e minerais para o uso dos Devas. A montanha Candraprabha[3] é como uma jóia pura. Há um lago divino Acchoda em sua base.

6. Daquele lago brota o rio divino Acchodā. Em suas margens há uma floresta grande e sagrada, Caitraratha.

7. Manibhadra, um general de Yaksas, vive naquela montanha junto com seus criados. Ele é rodeado por sua comitiva de Guhyakas ferozes.

8. O rio sagrado Mandākinī e o rio Acchodā fluem para o grande oceano através dessa zona da terra.

9-11. A sudeste de Kailāsa há a grande montanha Lohita. Ela é brilhante como o sol e tem picos de ouro. Ela é adjacente à montanha celestial Piśañga que abunda em arsênico vermelho. Ela é cheia de animais auspiciosos e ervas medicinais. Ao pé da montanha (Lohita) há um grande lago divino chamado Lohita, do qual flui a grande água (rio) auspiciosa chamada Lauhitya.[4] Em sua margem há uma grande floresta divina de deuses, chamada Viśoka.

12. Lá naquela montanha excelente vive o autocontrolado Yaksa Manivara, junto com sua comitiva de Guhyakas virtuosos.

13-14. A grande montanha Vaidyuta[5] que consiste em minerais e metais de diversas cores se encontra perto da montanha Añjana nascida do corpo do demônio Vrtra. Ela tem três cumes e é cheia de animais ferozes e ervas medicinais. Ela é no lado sul de Kailāsa. Ao pé da montanha Vaidyuta há o lago sagrado Mānasa onde Siddhas vivem.

15. Daquele lago nasce o sagrado Sarayū que santifica os mundos. A floresta divina em sua margem é muito famosa pelo nome Vaibhrāja.

16. O Raksasa Brahmapāta, um atendente de Kubera e filho de Prahetr vive lá. Ele tem bravura infinita (contudo) ele é autocontrolado. Ele é rodeado por centenas de Yātudhānas capazes de percorrer regiões aéreas.

---

[1] A descrição de Kailāsa aqui, embora poética, mostra que o escritor do Purāna estava familiarizado com as características topográficas da bacia do Manasa Sarovar - *The Geography of Purānas*, 55-58.

[2] Provavelmente esse é o rio Uma e o Zhong Ghhu que flui através de Gauri Kunda no flanco oriental do monte Kailāsa para o Raksasa Tal (o lago gêmeo do Manasa Sarovar) - *The Geography of Purānas*, 65.

[3] Provavelmente a Surange La, a cordilheira nordeste de Kailāsa, da qual flui água para o Lago Kongys Tso ou Lago Gounche - *The Geography of Purānas*, 65.

[4] Esse é o Brahmaputra. De um lago pequeno no pé da montanha, o Brahmaputra entra em Tamchok Khambah, a cabeceira do Brahmaputra - *The Geography of Purānas,* 66.

[5] Esse é o pico Gurla Mandhata, visto que o lago Manasa Sarovar se situa abaixo de sua face norte e o rio Karnali (Map Chhu dos tibetanos), um tributário principal do Sarayu, se origina lá - *The Geography of Purānas*, 66.

17-19. A oeste de Kailāsa há a excelente montanha Aruna.[6] Ela é cheia de animais importantes, ervas medicinais, ouro e outros minerais. Perto está a montanha Muñjavat, uma montanha gloriosa que se assemelha a nuvens. Essa é um recanto predileto do grande Deus Śañkara. Ela é cercada por grupos de rochas, pura e dourada. Ela parece (como se estivesse) escovando o céu com suas centenas de picos dourados. Essa grande montanha divina é coberta de neve e inacessível.

20-21. Nessa montanha vive o Senhor Dhūmra-Lohita,[7] o rei das montanhas. Em sua base há o lago Śailoda,[8] do qual flui o rio divino Śailodā. Entre os rios Caksus e Śītā (Sītā), ele entra no mar.

22-23. A famosa floresta Surabhi divina se encontra em suas margens. Ao norte de Kailāsa há uma montanha de nome Gaura, que é o refúgio de seres auspiciosos e abunda em ervas medicinais e pigmento amarelo. Ela é uma montanha esplêndida adornada com jóias tendo cumes dourados.

24. Ao pé da montanha há um lago esplêndido chamado Bindusaras.[9] Até suas areias são de ouro. Foi para esse lago que Bhagīratha veio.

25. Por causa do rio Gañgā, aquele rei religioso viveu lá por muitos anos (pensando consigo mesmo:) "Meus antepassados irão para o céu, se eles forem banhados nas águas do Gañgā."

26. A deusa Gañgā (literalmente, um rio que flui por três caminhos, isto é, o céu, a terra e o mundo inferior)[10] foi iniciada primeiro lá. Nascendo do pé da montanha Soma, ela se divide em sete rios.

27. Lá as estacas sacrificais são feitas de pedras preciosas. As *citis* (covas sacrificais oblongas quadriláteras) são douradas. Foi depois de realizar um sacrifício lá que Indra junto com os Devas assistentes chegou a Śiva.

28. As estrelas inumeráveis da via láctea no céu sem nuvens, que parecem muito próximas umas das outras e resplandecem brilhantemente à noite, são nada mais que a deusa Gañgā.

29. Tendo fluído pelo céu e o firmamento, Gañgā desceu na terra. Quando ela caiu na cabeça de Śiva, ele a segurou (no alto) com seu poder yóguico Māyā.

30. Como o rio ficou furioso, algumas gotas (da água dela) caíram na terra e criaram um lago de gotas e por isso [ele] veio a ser conhecido como Bindusaras.

31-33. É contado que quando (a corrente da) deusa Gañgā foi detida alegremente por Śiva, ela planejou em sua mente varrer o senhor Śiva: "Eu cortarei meu caminho (para Pātāla) e carregarei Śañkara junto com minha corrente." Ao vir a saber do plano perverso, o senhor Śiva pretendeu mantê-la em obscuridade no corpo (cabeça) dele. Percebendo a intenção cruel do rio, ele a prendeu em sua cabeça, quando ela caiu com força na terra.

34-35. Ao mesmo tempo o senhor Śiva viu diante dele o rei Bhagīratha que tinha ficado emaciado, e uma verdadeira rede de veias (visíveis), e cujos órgãos dos

---

[6] Essa é a cordilheira Ladakh ou Leh (*Idem*).

[7] De acordo com M. Ali, essa é a Nanga Parbat (para detalhes veja *The Geography of Purānas*, 66-67).

[8] M. Ali identifica o lago Sailoda com o lago Wular que uma vez ocupou toda a Cachemira - *The Geography of Purānas*, 67.

[9] O nome é explicado de dois modos:
(1) Uma coleção de gotas de água. A bacia entre a montanha Aling Kangri e Kailāsa Tanglha é pontilhada com inúmeros lagos pequenos e grandes.
(2) Um lago de partículas congeladas de neve. No passado a bacia Aling Kangri e Kailāsa Tanglha era um extenso campo de neve.

[10] Os versos 26-40 descrevem o fenômeno natural chamado de descida do Gañgā. O termo *Tripathaga* indica as três fases na descida do Gañgā, isto é (1) a Via Láctea no céu, (2) Gañgā Nevado ou Glacial e (3) o Gañgā Pluvial. Desses Akasa-Gañgā é um nome poético para a Via Láctea (v. 28). O confinamento do Gañgā no cabelo emaranhado do deus Śiva (vv. 29-33) é a fase glacial e a libertação do Gañgā (v. 36) indica o derretimento das geleiras e campos de neve. M. Ali descreve o processo inteiro graficamente (da obra citada, págs. 63-64) mas ele não explica o papel de Bhagīratha nessa descida. Ele manobrou através dos engenheiros dele para desviar aquele rio para a Índia no sul?

sentidos não estavam funcionando bem devido à fome. O Senhor pensou consigo mesmo, "Eu fui propiciado por ele (este rei) anteriormente por causa desse rio." Tornando-se consciente do benefício concedido a ele antes, ele controlou sua raiva (contra o rio).

36. Ao ouvir o pedido do deus Brahma para manter sua promessa, o Senhor libertou o rio retido por ele por sua destreza, por causa de Bhagīratha por cuja penitência severa ele se sentia satisfeito.

37-**39**. Quando o rio estava sendo libertado, o fluxo do rio começou em sete correntes. Três delas fluíram para o leste e três para o oeste. O curso inteiro do rio Gañgā foi dividido em sete partes. Nalinī, Hrādinī e Pāvanī[11] fluíram para o leste. Sītā, Gaksu e Sindhu fluíram para o oeste. A sétima corrente conduzida por Bhagīratha fluiu para o sul.

40. Por isso ela é conhecida como Bhāgīrathī. Aquele rio entrou no oceano salgado. Todas essas (sete correntes) oferecem devoção ao Varsa chamado Hima.

41-**43**. Esses sete rios que brotam do lago Bindu santificam vários países ocupados principalmente por Mlecchas, e chegam a um lugar onde Indra despeja a chuva. Eles são os seguintes: Sirindhras, Kuntalas, Cīnas, Barbaras. Yavasas, Druhas, Rusānas, Kunindas e Añgalokavaras. O rio Sitā divide o deserto de Sindhu em dois e flui para o oceano ocidental.

44. O rio Caksu flui por estes países: Cīnamarus (deserto chinês?), Nañganas, Sarvamūlikas, Sādhras, Tusāras, Tarhpākas, Daradas, e Śakas. Ele então cai no oceano.

45-**49**. O Gañgā santifica os territórios arianos auspiciosos: Daradas, Kāśmīras, Gāndhāras, Varapas, Hradas, Śivapauras, Indrahāsas, Vedātis, Visarjayas, Saindhavas, Randhrakarakas, Bhramaras, Abhīras, Rohakas, Śunāmukhas, Ūrdhvamanus, os lugares frequentados por Siddhas e Cāranas, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas, Vidyādharas e Uragas (Serpentes), Kalāpa-grāmakas, Pāradas, Sīganas, Khasas, Kirātas, Pulindas, Kurus, Bharatas, Pañcālas, Kāśi, Mātsyas, Magadhas, Añgas, Brahmottaras, Vañgas e Tāmraliptas.

50. Obstruído pela montanha Vindhya, ele cai no oceano sul. O rio sagrado Ahlādinī (um de seus ramos orientais) flui para o leste.

51-**55**. Ele inunda as habitações dos Nisādas, Dhivaras, Rśikas, Nīlamukhas, Keralas, Ustrakarnas, Kirātas, Kālodaras, Vivarnas. Ele então desaparece na vastidão do mar para o leste. O ramo Pāvanī também flui para o leste santificando Apathas, lago Indradyumna, Kharapathas, Indraśañkupathas, o meio do jardim Maskara e Kuthaprāvarana. Perto de Indradvīpa, ele entra no oceano salgado.

56-**58**. O ramo Nalinī flui para o leste santificando os Tomaras, Harhsamārgas e Hūhukas. Erguendo-se nas terras orientais e passando através de montanhas em vários lugares, ele alcança Karnaprāvaranas e Aśvamukhas. Depois de passar pelas montanhas desertas, ele alcança Vidyādharas. Ele flui para dentro do grande oceano em Nemimandala Kostha.

59. Os ramos e tributários desses rios são centenas e milhares. Eles entram no oceano como a água é despejada por Indra.

60. Nas margens do rio Vasvokasā, no pico Hariśrñga famoso por suas águas fragrantes, vive o estudioso Kauberaka de autocontrole.

61. Yajñopeta, Sumahān, Amitaujas e Suvikrama são seus atendentes. Eles estão no mesmo nível que ele. Kauberaka é cercado por Brahma-rāksasas estudiosos da família de Agastya.

---

[11] M. Ali (na obra citada, pág. 69) identifica Nalini, Hradini e Pavani – o rios que correm para o leste, com Yangtse, Mekong e Salween, os rios que fluem para o oeste, isto é, Sita, Gaksus e Sindhu, com Yarkand, Shyok e Indus enquanto o rio do sul Bhagirathi é o Gañgā. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, porém, identifica Sita com Jaxartes (pág. 181) e Caksus com Oxus ou Amudariya (pág. 43).

62. A prosperidade dos habitantes das montanhas deve ser conhecida desse modo. Por cooperação mútua sua prosperidade surgindo de Dharma (Virtude), Artha (Riqueza) e Kama (Amor) vem a ser duplicada.

63. Atrás de Hemakūta há o lago Sāyana.[12] Os rios Manasvinī e Jyotismatī emergem desse lago.

64. Eles fluem para os oceanos orientais e ocidentais respectivamente. Na montanha excelente Nisadha se encontra o lago Vishnupada.[13]

65. Os dois rios, Gāndharvi e Nanvalī brotam dele. Há um grande redemoinho chamado Candraprabha que se ergue a oeste de Meru.

66. O rio sagrado de suco de Jambū, a fonte do ouro esplêndido (chamado Jāmbūnada) flui a partir de lá. O lago Payoda,[14] tão esplêndido quanto o loto branco, é no monte Nīla.

67. É desse lago que os rios Pundarīkā e Payodā têm sua fonte. O lago santo Uttara-mānasa surge do monte Śveta.

68-69. Os dois rios Jyotsnā e Mrgakāntā surgem desse (lago). O lago santo conhecido como Rudrakānta[15] é cheio de mel e lotos e é agitado por peixes e aves. Ele é cheio de árvores concessoras de desejos. Ele é agradável e doce como mel. É contado que ele é criado por Śiva.

70. Há doze lagos famosos cheios de lotos, peixes e pássaros. Eles são chamados de Rudrajayas e eles são (grandes) como mares.

71. Desses lagos lá emergem os rios Śāntā e Mādhvī. Não há chuva no continente Kimpurusa.

72-73. Rios excelentes fluem lá com águas das regiões subterrâneas. Esses rios santificados fluem pelas montanhas Rsabha, Dundubhi, Dhūmra e Mahāgiri, para o leste e entram no mar salgado. Outros fluem para o norte sobre as montanhas Gandrakañka, Prāna, Mahān e Agni e imergem no grande oceano.

74. As montanhas Somaka, Varāha e Nārada se estendem para o oeste até o mar salgado.

75-76. As grandes montanhas Cakra, Balāhaka e Maināka se estendem para o oceano do sul. Entre Candra e Maināka, para o sul, há o grande fogo Samvartaka que consome as águas do oceano. Ele é conhecido como Aurva e Vadavāmukha.

77-78. As doze montanhas entraram no oceano porque elas temeram Mahendra que teria cortado as asas delas. O que é visto refletido na forma de uma lebre preta no (orbe) branco da lua é a réplica de Bhāratavarsa dividida em nove regiões. Isso é visto na lua que nasce aqui e não em outro lugar.

79-80. Esses países se tornam cada vez mais prósperos em relação a qualidades boas, saúde, longevidade e magnitude baseadas em virtude, amor e riqueza. Diferentes tipos e castas de pessoas e outros seres vivos dotados de qualidades boas moram nos diferentes territórios. Assim a Terra sustenta a população inteira.

---

[12] Esse lago conhecido como Naga em outros Purānas é o Lago 'Naktso', o qual com Pangong Tso forma um extenso lençol de água - *The Geography of Purānas,* 71.

[13] Agora conhecido como Lago Chakmaktin, a fonte do rio Wakhan, que flui para o oeste na terra de Gandharvas. É na região de Wakhan que os montes Meru e Nisadha se aproximam um do outro - *The Geography of Purānas*, 71.

[14] M. Ali identifica esse com o Kara Kul das Pamirs do norte. Ele é um lago duplo mencionado como Payoda e Pundarika (como os lagos Marasa Sarovar e Raksasa Tal no sul da região de Kailāsa). Por isso esse lago gêmeo Kara Kul é chamado adequadamente de Uttara Manasa.

[15] M. Ali acredita que os lagos nos vv. 68-70 eram na Sibéria - *The Geography of Purānas*, 72.

Capítulo 48: Regiões do Jambūdvīpa

Sūta disse:

1-4. Saibam que há um oceano de dez mil yojanas de extensão ao sul de Bharata. Há um país nele de três mil yojanas de comprimento e um terço disso de largura. Ele é cheio de frutas e flores. A montanha regional (*Kulaparvata*) dele é Vidyutvān,[1] os inúmeros picos da qual embelezam a terra. Há milhares de rios lá, com água limpa e saborosa. Os lagos contêm pura água.

5-7. Nas muitas cavernas longas e largas, e fendas de geleira daquela montanha, há muitos homens alegres prósperos e mulheres de várias formas e características. Nas muitas cavidades (vales?) espaçosas e compridas e largas, estão estabelecidas centenas e milhares de cidades construídas na montanha. Essas casas são unidas umas às outras e têm só uma porta cada.

8. Os súditos de lá têm barbas e bigode longos. Eles são pretos e brilhantes como nuvens. Eles têm o período de vida máximo de oitenta anos.

9. Eles comem frutas e raízes e vivem como macacos. Como gado, eles seguem hábitos sexuais promíscuos, não escondidos. Eles são desprovidos de pureza corporal e mental e eles não têm regras ou convenções fixas.

10. Aquele continente é cheio de homens inúteis. Similarmente outros países e ilhotas serão conhecidos na ordem apropriada.

11-14. Os grupos de ilhas conhecidas como Ilhas Pavão [Peacock islands] estão estendidos por vinte, trinta, cinquenta, sessenta, oitenta e cem yojanas. Há umas poucas que se estendem por mil yojanas. Elas são longas, largas e cheias de vários seres vivos. Além de Jambū-dvīpa há seis ilhas. Essas ilhas são famosas em toda a terra por suas minas de jóias e pedras preciosas. Elas são conhecidas como ilhas Añga, Yama, Malaya, Sañkha, Kuśa e Varāha.[2]

15. Saibam que o Añga Dvīpa[3] abrange ilhas, e muitas pessoas das tribos Mleccha vivem lá. Aquele continente é muito grande.

16. Há minas de pedras preciosas, corais e ouro naquela terra lá. Ele é matizado com rios, montanhas e florestas. Ele parece a vasta extensão do mar salgado.

17-18. Há uma montanha chamada Cakragiri cheia de muitos regatos e cavernas. As cavernas fornecem abrigo para vários seres vivos. Aquela grande montanha se estende para muitos lugares na terra Nāga com suas extremidades alcançando o senhor dos rios, o domicílio de serpentes (oceano).

19. O que é chamado de Yamadvīpa[4] também é cheio de minas de pedras preciosas. Há uma montanha chamada Dyutimān, embelezada com minerais, e é a fonte de muitos rios e (minas de) ouro.

20-21. Semelhantemente, o Malaya Dvīpa[5] também é cercado pelo oceano. Ele é a fonte de pedras preciosas, jóias e ouro. Ele é muito próspero. Ele é o lugar de origem do sândalo e é cercado por golfos (literalmente, mares). Muitos tipos de tribos Mleccha vivem lá. Lá há muitos rios e montanhas.

22. A montanha Malaya gloriosa é a fonte de origem da prata. Essa montanha excelente é famosa como Mahāmalaya.

---

[1] A montanha Vidyutvan é obviamente a Arakan Yoma da Birmânia. As ilhas que pontilham a costa de Arakan são mencionadas nos vv. 11-12 - *The Geography of Purānas*, 178-179.

[2] Essas são as terras ao redor da Índia.

[3] Os versos 16-18 descrevem Anga-Dvīpa. M. Ali o identifica com a Península Malaya devido a indicadores tais como população Mleccha, ouro, corais (*The Geography of Purānas,* 179).

[4] Yama-dwipa é tentativamente rastreado até Sumatra, Malaya, e Java.

[5] M. Ali o identifica com a Índia peninsular mais meridional - *The Geography of Purāna,* 179-180.

23. Ela é conhecida como a segunda montanha Mandara. A residência de Agastya, reverenciado por Devas e Asuras, também é lá.

24-25. Há outra montanha Kañcanapāda que é uma segunda Malaya. Há muitos eremitérios lá, frequentados por pessoas piedosas e cheios de sebes de grama e plantas Soma. Ela abunda em flores e frutas de todos os tipos. Ela supera até mesmo o céu. Em ocasiões festivas, em todos os dias Parvan, o céu desce àquele local.

26-28. Há uma grande cidade Lañkā no belo cume e pico da montanha Trikūta decorada com diferentes minerais. A montanha tem muitos yojanas de altura. Seus precipícios e cavernas matizados parecem casas. A cidade tem baluartes e arcadas de ouro. Há muitas mansões e palácios com torres pequenas e coruchéus de diversas cores. Ela tem cem yojanas de comprimento e trinta yojanas de largura. Ela é próspera e as pessoas são contentes e alegres.

29. Ela é o domicílio de Rāksasas nobres que podem assumir várias formas como eles quiserem. Saibam que essa é a habitação dos inimigos dos Devas, orgulhosos de sua força. Livre de todos os tormentos, essa cidade é inacessível para seres humanos.

30. Naquela ilha, na costa leste do oceano, se encontra Gokarna, o grande santuário de Śañkara.

31. Śañkhadvīpa[6] é governado como um único reino se estendendo por cem yojanas. Ele é o domicílio de muitas tribos Mleccha.

32. A montanha Śañkhagiri tem o esplendor da concha branca. Ela é sagrada e é a fonte de muitas pedras preciosas. Ela é frequentada por pessoas virtuosas.

33. Dessa montanha surge o rio sagrado Śankhanāgā. Śañkhamukha, rei dos Nāgas, tem sua residência lá.

34. Semelhantemente, o Kumudadvīpa[7] é iluminado por flores coloridas. Cheio de muitas aldeias, ele é a fonte de muitas pedras preciosas e jóias.

35. Lá a irmã abençoada de Mahādeva, chamada Kumuda, a destruidora de pessoas más, é adorada pelas pessoas.

36-38. Similarmente, na ilha chamada Varāha[8], há uma bela montanha conhecida como Varāha que contém muitas cavernas, fendas de geleira e regatos. A ilha é povoada densamente por diferentes tribos Mleccha e pessoas de diferentes castas. Lá há muitas habitações e cidades florescentes e prósperas com riqueza e grãos. Ela é cheia de pessoas íntegras. Os rios, montanhas e florestas dela contêm vários tipos de frutas e flores de várias cores.

39. Um grande rio conhecido como Vārāhī emerge daquela montanha. Suas águas são saborosas. Há centros sagrados em suas margens. Esse rio é concessor de bem-aventurança.

40. Ó brâmanes, as pessoas reverenciam o poderoso deus Vishnu na forma de um Javali. Elas não honram qualquer outro deus.

41. Assim as seis ilhas do sul do país Bharata foram descritas em detalhes.

42. Nesse único Bharata há muitas ilhas separadas pelo oceano. Elas foram divididas em várias partes.

43. Desse modo foram descritos em detalhes os quatro grande continentes adornados com ilhas intercaladas entre eles, assim como Jambūdvīpa junto com suas ilhas adjacentes.

---

6 Sankha-dwipa é Zangistan dos geógrafos árabes. Ele representa uma parte da costa leste da África da Abissínia a Madagascar.

7 Kumuda-dwipa ou Kuśadvīpa identificável com a Ásia ocidental, Península Arábica - *The Geography of Purānas*, 183.

8 Vārāha-dwipa é identificável com o 'Chifre da África'. Os estudiosos diferem a respeito dessas identificações.

Capítulo 49: Descrição de Plaksa Dvīpa e outros Dvīpas

Sūta disse:

1. Ó brâmanes excelentes, eu descreverei o Plaksadvīpa[1] precisamente, porém sucintamente. Ouçam enquanto eu narro exatamente.

2. Sua extensão é duas vezes a de Jambūdvīpa. Sua circunferência (perímetro) é três vezes sua largura. Esse mar salgado é cercado por aquele continente.

3. As pessoas de lá são virtuosas e têm uma grande longevidade. Não há escassez nem medo de velhice e doenças.

4. Lá existem também sete montanhas e sete rios. Eles são fontes esplêndidas de pedras preciosas. Eu mencionarei seus nomes.

5. Nos sete continentes, Plaksa e outros, há sete montanhas grandes e íngremes estabelecidas em todas as direções.

6. Eu citarei primeiro as sete grandes montanhas no Plaksa Dvīpa. A primeira é Gomedaka que se assemelha a uma nuvem. O país também é chamado de Gomedaka por causa do nome dessa montanha.

7. A segunda montanha chamada Candra é cheia de ervas medicinais. Para a preparação de *Amrta* (néctar), (os deuses) Aśvinī Kumāras plantaram as ervas medicinais lá.

8. A terceira se chama N ā rada. Ela é uma montanha intransitável de grande altura. Foi nessa montanha que os sábios Nārada e Parvata nasceram.

9. A quarta montanha é chamada de Dundubhi. Nessa montanha, um tambor era tocado antigamente pelos Devas, o som do qual matava seres vivos. A árvore Śālmala por seu tambor Rajjudāra cheio de cordas mata os Asuras.

10. A quinta é chamada de Somaka onde o néctar era coletado antigamente por Devas. Ele foi levado por Garuda para a mãe dele.

11. A sexta é chamada de Sumanas e também Rsabha. O demônio Hiranyāksa foi morto por Varāha nessa montanha.

12. A sétima montanha é Vaibhrāja. Ela é grande e brilhante como cristal. Visto que ela resplandece com raios, ela é conhecida como Vaibhrāja.

13-**14**. Eu mencionarei os nomes dos países dessas montanhas na ordem apropriada. O primeiro país é Gomeda. Ele é um país pacífico (onde o medo é suprimido.) O país de Candra é Śikhara; o de Nārada é Sukhodaya; aquele de Dundubhi é Ananda; o de Somaka é Śiva; o de Ksemaka é Rsabha; e aquele de Vaibhrāja é Dhruva.

15. Nesses países, Devas, Gandharvas, Siddhas, e Cāranas residem, e são vistos se divertindo por toda parte.

16. Os rios que fluem para o mar, nesse continente, são sete, um para cada país. Eu mencionarei os nomes desses rios conhecidos como os sete Gañgās.

17. Esses rios junto com milhares de seus tributários fluem (para o oceano). Eles sempre estão em cheia com água abundante, porque o deus da chuva Indra derrama (chuvas) profusamente.

18-**19**. As pessoas nesses reinos bebem desses rios e são deleitadas. Os sete rios são Śubhā, Śāntavahā, Pramodā, Śivā, Anandā, Dhruvā e Ksemaka. Lá as pessoas são virtuosas. Eles cumprem os deveres e regras de suas castas e fases da vida.

---

[1] O dwipa deriva seu nome da árvore Plaksa (uma figueira) (v. 26). Ela indica clima mediterrâneo. V.V. Iyer identifica Plaksa com a Grécia e terras adjacentes em 'Os Sete Dvīpas dos Purānas, Jornal Trimestral da Sociedade Mítica [*Quarterly Journ of Mythic Society]* (Londres) XV. 62. 75. M. Ali o identifica 'sem hesitação' como a bacia do Mediterrâneo (*The Geography of Purānas*, 41). Placia, uma cidade em Mysia, é rastreável a Plaksa.

20. Elas são todas livres de enfermidades. Elas são fortes e nunca sofrem de doença. Entre elas não há (influência de) eras *Utsarpini* (evolutiva) e *Avasarpini* (involutiva).[2]

21. Não há divisão de tempo baseada nas peculiaridades dos quatro Yugas. A condição de Tretā Yuga é perpetuamente prevalecente lá.

22. Nos cinco continentes começando com Plaksa, as atividades das estações se harmonizam com aquelas do continente (específico).

23. As pessoas vivem por cinco mil anos. Eles são bonitas, bem vestidas, fortes, e livres de doença.

24. Nos continentes começando com Plaksa e terminando com Śāka, felicidade, longevidade, força, beleza, saúde e virtude são extraordinárias.

25. Plaksadvīpa é grande e glorioso. Ele abunda em riquezas e grãos. Ele é dotado de ervas medicinais e frutas divinas. Ele tem muitas espécies de plantas e ervas.

26. Há milhares de animais domésticos e selvagens lá. Ó brâmanes excelentes, os detalhes de Plaksa Dvīpa são cobertos pelos detalhes de Jambū Dvīpa. (Da mesma maneira que Jambū Dvīpa recebeu o nome da árvore Jambū) Plaksa Dvīpa deriva seu nome da árvore Plaksa dele.

27-**28**. O deus (Śiva) é adorado no centro desse continente. O continente é cercado pelo mar de caldo de cana. Assim a situação de Plaksa Dvīpa com sua extensão (etc.) foi explicada. Agora escutem a descrição de Śālmala Dvīpa em resumo e na ordem devida.

29. O terceiro entre os Dvīpas é o Dvīpa excelente Śālmala.[3] O oceano de suco de cana de açúcar é cercado pelo Śālmala Dvīpa. Ele é duas vezes Plaksa Dvīpa em extensão.

30. Lá também, em seus países, há sete montanhas e rios. Eles devem ser conhecidos como fontes de pedras preciosas.

31. A primeira montanha se chama Kumuda. Ela é tão refulgente quanto o sol. Seus topos são rochosos e abundam em todos os minerais.

32. A segunda montanha lá é famosa pelo nome Unnata. Ela envolve o céu com seus picos, cheios de pigmento amarelo.

33. A terceira montanha dele é conhecida como Balāhaka. Com seus cumes de colírio, ela permanece envolvendo o céu.

34. A quarta é chamada de Drona[4], onde as fortes ervas medicinais *Viśalyakarani* (removedora de dardos ou lascas) e *Mrtasañjlvani* (aquela que ressuscita os mortos) são encontradas.

35. A quinta montanha é Kañka de altura excessiva. Ela é coberta com árvores e trepadeiras dotadas de flores e frutas divinas.

36. A sexta montanha é Mahisa que parece nuvens. Um fogo, nascido da água e conhecido como Mahisa, existe lá.

37. A sétima montanha é chamada de Kakudman. O próprio Indra derrama inúmeras pedras preciosas lá. Esse é o procedimento a ser realizado no rito Prājāpatya em honra de Prajāpati.

38. Há sete montanhas no Śālmala Dvīpa. Elas são ornadas com jóias. Eu descreverei agora os sete países (Varsas) auspiciosos associados com elas. O

---

2 Esse Purāna usa os termos jaina *'Utsarpini'* e *'Avasarpini'* para ciclos de tempo, o primeiro indicando 'ciclo de tempo ascendente' e o último '[ciclo de tempo] descendente'. *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams, pág. 105).

3 A partir de sua descrição nos vv. 29-45, M. Ali o identifica com a África tropical na fronteira com o Oceano Índico, incluindo Madagascar - *The Geography of Purānas*, 45.

4 O monte Drona é notável por suas plantas medicinais. VR. vi. 50.31 o localiza em Ksirasagara [o oceano de leite]. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (p. 58) o identifica com o monte Doonagiri em Kumaun embora ele seja situado aqui no Salmaladwipa (terra de árvores de algodão de seda).

primeiro (Varsa) é Śveta conectado com o monte Kumuda, e o segundo é Lohita conectado com o monte Unnata [Uttama no *Brahmānda Purāna*].

39-40. O Varsa associado com Balāhaka é Jīmūta e aquele com Drona é Harita, aquele de Kañka é Vaidyuta, aquele de Mahisa [é Mānasa][5] e aquele de Kakuda [Kakudman] é Suprabha. Esses são os sete países e as sete montanhas deles. Agora conheçam os rios de lá.

41. Pāni, Toyā, Vitrsnā, Candra, Śukrā, Vimocanī e o sétimo (rio) Nivrtti são os rios de seus respectivos países.

42. Há centenas e milhares de rios adjacentes que não podem ser enumerados. Eles devem ser acreditados (tidos como certos) por alguém que deseja conhecê-los.

43-44. Assim o local de Śālmala Dvīpa foi descrito para vocês. Como a grande árvore Plaksa em Plaksa Dvīpa, há uma árvore Śālmali (árvore de algodão de seda) no meio do Dvīpa que recebeu o nome dela. Ele é cercado pelo oceano de vinho igual ao Śālmala (Dvīpa) em extensão.

45. Ó conhecedores de Dharma, agora ouçam a descrição dos povos nos continentes do norte. Escutem enquanto eu descrevo para vocês em conformidade com o que eu ouvi.

46. Eu descreverei o quarto continente, Kuśa Dvīpa[6], sucintamente. O oceano de vinho é cercado por todos os lados por esse continente (Kuśa).

47. Ele tem duas vezes a extensão de Śālmala. Há sete montanhas lá. Escutem conforme elas vão sendo descritas para vocês.

48-50. A primeira montanha no Kuśa Dvīpa é conhecida como Vidrumoccaya; a segunda é Hema; a terceira é Dyutimān, uma montanha que parece nuvens; a quarta é Puspavān; a quinta é Kuśeśaya; a sexta é Hari; e a sétima é Mandara. A palavra *Manda* quer dizer águas e *Mandara* significa aquilo que divide as águas.

51-52. A distância entre essas montanhas é duas vezes a magnitude delas. O primeiro país é Udbhida; o segundo é Venumandala; o terceiro é Svairathākāra; o quarto é Lavana; o quinto é Dhrtimat; o sexto é Prabhākara; e o sétimo é Kapila. Esses são os sete países e montanhas.

53. Nesses *Varsas,* Devas, Gandharvas, Prabhas, Prajāpatis são vistos residindo e se divertindo por todos os lados.

54. Nesses países não há ladrões nem Mlecchas. As pessoas são principalmente formosas em aparência. Elas morrem de acordo com superioridade em idade.

55. Também lá se encontram os sete rios que são auspiciosos e que dissipam pecados. Os principais deles são Pavitrā, Santati, Dyutigarbhā e Mahī.

56. Centenas e milhares de outros são conhecidos como seus braços. Eles fluem adiante conforme Indra despeja chuva em abundância.

57. O Kuśa Dvīpa é cercado pelo oceano de ghee. Em extensão ele é igual a Kuśa Dvīpa.

58. Assim a posição de Kuśadvīpa foi descrita para vocês. Agora eu explicarei a extensão de Krauñca Dvīpa.[7]

59. É lembrado que ele tem duas vezes a área de Kuśadvīpa. O oceano de ghee é cercado por esse continente.

60. Nesse continente a montanha principal é Krauñca. A seguinte depois de Krauñca é Vāmana e a próxima depois de Vāmana é Andhakāra.

61. Depois de Andhakāra vem Divāvrt. Depois de Divāvrt vem Divinda.

---

[5] [A lacuna aqui foi preenchida com a informação encontrada no *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2, cap. 19, vv. 44-48.]

[6] Depois de detalhar as principais características de Kuśadvīpa, M. Ali o identifica com pradarias como o Irã, Iraque e as terras que orlam o deserto quente (*The Geography of Purānas*, 40-41).

[7] M. Ali examina a descrição desse Dvīpa de diferentes fontes e o identifica com a bacia do Mar Negro (*The Geography of Purānas*, 45-46).

62. Depois de Divinda é a grande montanha Pundarīka. Depois de Pundarīka é a montanha Dundubhisvana.

63. Essas são sete montanhas adornadas com jóias de Krauñca Dvīpa. Elas abundam em árvores frutíferas e várias trepadeiras.

64. As montanhas Varsa são o dobro em altura quando comparadas com as anteriores. Agora eu mencionarei os nomes dos Varsas. Os escutem e os entendam.

65-**66**. A área de terra principal da montanha Krauñca é Kuśalin; a de Vāmana é Manonuga. Além de Manonuga é a terceira área de terra Usna. Além de Usna é Prāvaraka e além de Prāvaraka é Andhakāra. Além de Andhakāra é Muni Deśa.

67. Além de Muni Deśa é Dundubhisvana cheia de Siddhas e Cāranas. Lá a maioria das pessoas é de aparência bela.

68. Lá também os rios são sete em número, um para cada país. Eles são Gaurī, Kumudvatī, Sandhyā, Rātri, Manojavā, Khyāti e Pundarikā. Esses sete aparecem como Gañgā dividido em sete rios.

69. Outros rios fluem nesses ou próximos e encontram o oceano. Eles são largos e fluem com grande volume de água.

70. O glorioso Krauñca Dvīpa é rodeado pelo oceano de soro de leite que é igual a Krauñcadvīpa em extensão.

71-**72**. Dessa maneira Plaksa e outros continentes foram descritos brevemente para vocês. É impossível descrever o crescimento, decadência (criação e aniquilação) e outros detalhes desses continentes mesmo em centenas de anos.

73. Eu explicarei daqui em diante as características do Śāka Dvīpa[8] inteiro, exatamente como elas são. Escutem enquanto eu as narro precisamente.

74. Sua extensão é duas vezes aquela de Krauñca Dvīpa. Ele cerca o oceano de soro de leite.

75. Todos os países lá são muito sagrados. As pessoas morrem só depois de uma vida longa. Não há escassez nem medo de velhice e doença.

76. Também há sete montanhas adornadas com jóias as quais assim como os rios são as fontes de jóias e pedras preciosas. Ouçam seus nomes.

77. A primeira montanha, chamada Udaya, se estende ao leste. Ela é dourada é o domicílio de sábios e Gandharvas divinos. Por isso ela é como Meru.

78-**79**. Nuvens erguem-se e passam vertendo chuvas para baixo. Lá se encontra uma grande montanha Jaladhāra onde Indra despeja bastante água. Lá na estação chuvosa as pessoas recebem amplas chuvas.

80. Lá é a montanha Raivataka elevada pelo deus Brahma. É lá que a Estrela Revatī está sempre estabelecida nos céus.

81. Além dessa há uma montanha muito grande chamada Śyāma. Foi devido a ela que as pessoas obtiveram cor escura desde o início.

82. Em seguida há a montanha maciça Astagiri, cheia de prata. A próxima montanha é Ambikeya, uma montanha intransitável coberta de neve.

83. Próximo a Ambikeya está Ramya onde todas as ervas medicinais crescem. Ela é chamada de Kesari e os ventos sopram sobre ela.

84-**86**. Escutem os nomes dos países dessas montanhas na ordem adequada. O país (Varsa) da montanha Udaya é Udaya bem conhecido como Jalada. O segundo Varsa aquele de Jaladhāra é Sukumāra; o de Raivata é Kaumāra; aquele de Śyāma é Manīcaka; o Varsa esplêndido de Asta é Kusumottara; de Ambikeya é Modaka; e aquele de Kesaras é Mahādruma.

87. A extensão, magnitude, comprimento e largura desse continente são como aqueles de Śāka Dvīpa (?) Uma grande árvore chamada Śāka (teca) cresce em seu centro e é adorada pelo povo.

---

[8] M. Ali identifica esse com as terras de monção da Ásia onde teca abunda, isto é, Malaya, Siam, a Indi-China (*The Geography of Purānas,* 39), enquanto *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (pp. 172-173) o identifica com a Tartária incluindo Turquestão na Ásia central.

88. Devas, Gandharvas, Siddhas e Cāranas são visíveis e se divertem lá no meio de pessoas.

89. As pessoas (nos países dele) são virtuosas e observam (as regras distintivas de) suas respectivas quatro castas (*Varnas*). Há sete rios que fluem para o mar, um em cada Varsa, e esses sete rios são lembrados como as sete correntezas do Gañgā.

90-91. O primeiro rio é conhecido pelos nomes Sukumārī, Gañgā, Śivajalā; e Anutaptā; o segundo é conhecido é como Kumārī, Siddhā e Satī; o terceiro é designado como Nandā e Pārvatī.

92. O quarto é Śivetikā o qual também é lembrado como Tridivā; o quinto é conhecido como Iksu assim como Kratu.

93. Esses sete grandes Gangās de águas auspiciosas santificam todas as pessoas que residem em Śāka dvīpa todo ano.

94. Há milhares de outros rios que se unem a eles. Eles têm abundância de águas visto que Indra derrama chuva profusamente.

95. É impossível enumerar os nomes e magnitudes deles. Esses rios excelentes são muito sagrados. As pessoas jubilosas bebem deles.

96-97. Ó Śāmśapāyana, esse continente é muito extenso. Ele é como uma roda, coberto por rios e montanhas como nuvens magníficas e coloridas com minerais e enfeitadas com jóias e corais. As cidades são de várias formas. Elas são cheias de pessoas vigorosas e prósperas.

98. O continente é cheio de árvores carregadas com flores e frutas. Ele é próspero com riqueza e grãos. Ele é cercado pelo oceano de leite igual a ele em tamanho.

99-100. As áreas de terra entre essas montanhas são sete em número. Elas são sagradas e esplêndidas. As pessoas de lá cumprem as regras de castas e fases de vida e não admitem mistura de castas ou fases de vida. Visto que elas não se desviam do caminho da virtude, elas são invariavelmente felizes.

101. Elas não são gananciosas nem enganosas e nem ciumentas nem maliciosas. Não há perda de fortaleza nem resultados adversos. Tudo é natural com elas.

102. Nenhum imposto é elevado. Nenhum castigo é infligido. Lá não há ninguém para punir. Elas conhecem a virtude por retidão natural. Elas protegem umas às outras.

103. Tudo isso e nada mais pode ser dito sobre os residentes desse continente. Eu descreverei o sétimo continente, Puskara, agora. Por favor escutem.

104. O oceano de leite é circundado por Puskara Dvīpa[9], o qual é duas vezes o Śāka Dvīpa em extensão.

105. Há só uma montanha gloriosa chamada Mahāśila tendo topos altos cheios de jóias de diversas cores.

106. Essa grande montanha com cumes e precipícios magníficos e matizados encontra-se na metade leste do Dvīpa. Sua circunferência é vinte e cinco mil yojanas.

107-109. Sua altura é trinta e quatro mil yojanas. A montanha excelente Mānasa cerca metade desse Dvīpa. Ela fica na beira-mar parecendo a lua recém surgida. Sua altura é cinquenta mil yojanas. Sua circunferência também é o mesmo número. Essa montanha Mānasa é na metade oeste do Dvīpa.

110. Na realidade as duas montanhas constituem apenas uma única montanha com topos e cumes divididos em dois. Ela é cercada pelo oceano de água fresca.

111-112. A cadeia de montanhas inteira se estende sobre toda a extensão de Puskara Dvīpa. Há duas províncias sagradas e esplêndidas naquele Dvīpa em ambos

[9] M. Ali identifica Puskara Dvīpa com o Japão, Manchuria e o sudeste da Sibéria (*The Geography of Purānas*, 42), enquanto *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (pág. 163) o considera como a parte da Ásia Central ao norte do Oxus (incluindo Tartária ocidental). Ele considera Puskara como a sanscritização de Bhushkara ou Bokhara.

os lados da montanha Mānasa. O Mahāvīta Varsa é exterior à montanha enquanto Dhātakī é o interior.

113. As pessoas lá vivem até dez mil anos com saúde e felicidade admiráveis. Elas obtiveram Siddhis mentais.

114. Nos dois países (Varsas) as formas e características e o período de vida são similares. Não há distinção de superior e inferior entre elas. Em aparência e conduta de vida elas são todas iguais.

115. Ninguém defrauda (ninguém); ninguém tem ciúmes. Não há ladrões nem medo nem prisão nem castigo, nem ganância nem aceitação ilegal de presentes.

116. Não há verdade nem falsidade nem virtude nem mal nem as regras de casta nem as fases de vida. Não há comércio, nem criação de gado, nem empreendimento industrial.

117. O conhecimento dos três Vedas, o sistema de administração civil e militar, atos de serviço para outros em troca de pagamento, [o ato de] ferir outros com palavras severas ou instrumentos afiados - esses estão ausentes nos dois Varsas de Puskara.

118. Lá não há rios, nem chuva, nem frio severo, nem calor opressivo, nem vegetação, nem água, nem montanhas, nem regatos.

119-**120**. A estação é perpetuamente a mesma como nos Kurus do Norte. As pessoas são contentes, desprovidas de velhice e esgotamento. Essa é a condição nos países Dhātakī e Mahāvīta. Assim a situação inteira em Puskara Dvīpa foi narrada.

121. Puskara é cercado pelo oceano de água doce igual em extensão àquele continente.

122. Os sete continentes são cercados pelos sete oceanos. O oceano imediatamente adjacente a um continente o cerca.

123. O relativo aumento no tamanho dos continentes e oceanos deve ser conhecido desse modo. Como eles têm aumento abundante de águas, os oceanos são chamados de *Samudras*.

124. Visto que nos trechos de terra vivem os quatro grupos de pessoas e sábios, eles são chamados de *Varsas*. Eles fornecem felicidade para as pessoas.

125. A palavra *Rfi* é derivada da raiz *y/rs*. A raiz ^*Vft*[10] quer dizer a continuação da energia. Como as áreas de terra [isto é, os subcontinentes, possibilitam às pessoas manterem sua energia] eles têm a designação de [*Varsas*].

126. Na metade brilhante [do mês], quando a lua fica cheia, há maré alta no oceano. Quando a lua míngua na metade escura e se põe há maré baixa.

127. Na quinzena luminosa, o oceano se enche com água por si só. Na quinzena escura, o oceano retrocede por si mesmo.

128. Assim como a água em uma panela ferve por seu contato com o fogo, similarmente a água no oceano vasto aumenta em quantidade e magnitude.

129. O aumento e diminuição de água são de quantidade fixa, nem mais nem menos nas quinzenas luminosas e escuras no nascer e pôr da lua. O aumento e diminuição no oceano novamente é o resultado do crescer e minguar da lua.

130. É observado que o aumento e diminuição d(o nível de água n)o oceano é até quinhentos e dez *añgulas*. Esse (aumento e diminuição) é visto (acontecer) nos dias parvan.

131. O termo *dvipa (*ilha) é assim chamado por causa de as águas estarem em cada lado.[11] Elas são cercadas por todos os lados. Porque ele é um depósito de águas, o oceano é chamado de *Udadhi*.

132. Montanhas sem nós e picos são *Giris*. Aquelas com nós são *Parvatas*. Por isso, no Plaksa Dvīpa, Gomeda, que tem nós, é chamada de *Parvata*.

---

10 [Nesse trecho há falhas na digitalização.]

11 Os versos 131-135 dão etimologias explicativas de *dwipa* 'uma ilha', *udadhi* 'oceano', *giri, parvata* 'uma montanha' e explicam os nomes de Dvīpas.

133. A grande árvore Śālmali (de algodão de seda) é adorada no Śālmala Dvīpa. No Kuśa Dvīpa, um toco de erva Kuśa é adorado. Por isso o continente é chamado por seu nome (isto é, Kuśa).

134. No Krauñca Dvīpa, a montanha Krauñca permanece em seu centro. A árvore em Śāka Dvīpa é *Śāka* (teca). (Por isso) o *dvipa* (continente) recebeu o nome dela.

135. No Puskara Dvīpa, a árvore Nyagrodha é adorada pelo povo. O grande senhor em Puskara é Brahma, o senhor dos três mundos.

136. Brahma, o Prajāpati, vive lá junto com Sādhyas. Os Devas numerando trinta e três, junto com os sábios, adoram a ele. O mais excelente dos Devas é adorado lá.

137-**138**. Várias jóias e pedras preciosas são obtidas em Jambū Dvīpa. Em todos esses continentes as pessoas observam veracidade, celibato e autocontrole. Assim, sua saúde e período de vida são aumentados duplamente.

139. Nos dois subcontinentes supracitados de Puskara Dvīpa, o próprio deus Brahma protege os súditos que são (como se) adornados com pessoas boas.

140. O soberano supremo Brahma, o senhor dos três mundos, segura a vara (*Danda*) de castigo (para governá-los). Ele é seu senhor, Vishnu, Śiva, pai e avô.

141. (Seu) alimento chega a eles automaticamente sem qualquer esforço da parte deles. As pessoas sempre comem alimento nutritivo de seis sabores.

142. O grande oceano de água doce cerca o Puskara Dvīpa por todos os lados.

143. Há um grande mundo além dele. O solo é dourado e liso como se ele fosse uma única placa. Ele é o dobro (?) em extensão.

144. Além disso há uma montanha. No fim da fronteira, há um horizonte circular. Ela é iluminada (na parte de cá) e escura (no resto). Ela é chamada de *Lokāloka*.

145. Sua altura é dez mil yojanas. Seu lado de cá é luminoso e seu outro lado é escuro (escuridão).

146. Sua largura é a mesma (que sua altura). Ela pode se elevar acima da terra (a qualquer altura) de acordo com sua vontade.

A palavra *'loka'* em *'āloka'* é compreendida no sentido de iluminação (o lado interno luminoso) e indica o mundo. E *'Mrāloka'* é o lado escuro, externo.

147. A parte iluminada se estende para (o mundo ou a área onde as pessoas vivem). Além disso, ela é cercada por água. A *Nirāloka* (a parte escura e parte além) cobre o Ovo Cósmico.

148-**149**. Dentro do Ovo Cósmico existem os mundos, ou seja, Bhūr, isto é, a terra que consiste em sete continentes, Bhuvar, Svar, Mahar, Jana, Tapas e Satya. Tudo isso constitui o mundo que pode ser conhecido. Além disso, há o fim do mundo.

150-**151**. O cosmo tem a forma da lua nova no horizonte ocidental (no começo da metade luminosa) quando o sol está no Signo de Aquário. Há milhares de crores de Ovos Cósmicos como esse, acima, abaixo e em todos os lados. Eles são causados e permeados pelos sete efeitos de Prakrti (isto é, os elementos, *Mahat* e *Bhūtādi*).

152. Eles sustentam uns aos outros. O último é dez vezes maior que o primeiro. Eles são causados e permeados uns pelos outros.[12]

153. Ao redor desse Ovo Cósmico há um mar 'sólido'. Com suas águas ele mantém o Ovo Cósmico.

154. Fora da água sólida, em todos seus lados e acima, o fogo 'sólido' a segura e suporta.

155. O fogo permanece como uma bola de ferro circular e globular em forma. Ele é sustentado e segurado em volta pelo vento sólido. O vento sólido sustenta o éter também.

---

[12] Os versos 152 e seguintes dão o conceito purânico das sete 'coberturas' protetoras em volta do universo (Brahmānda)? A influência de categorias Sāñkhya são óbvias.

156. *Bhūtādi* (Ego Cósmico) mantém e sustenta o Éter. *Mahat* (Intelecto Cósmico) suporta o Ego Cósmico e é permeado e sustentado pelo Imanifesto infinito (*Prakrti*).

157. O Imanifesto infinito (*Prakrti*) [é] sutil e dividido em dez. Ele é infinito, imóvel (sem Alma). Ele não tem começo nem fim.

158. Ele está além de tudo. Ele é terrível. Ele não tem suporte. Ele é livre de doenças. Ele tem muitos milhares de yojanas de distância. Ele está coberto com escuridão (Tamas).

159. Ele é a própria escuridão. Ele é desprovido de luz. Ele é ilimitado. Ele não ocupa espaço. Nem mesmo Devas podem compreendê-lo. Ele é desprovido de atividade.

160. Há um santuário grande, famoso e refulgente de Śiva no fim da escuridão e do Éter e por isso na exata extremidade. Ele é famoso por seu esplendor.

161. Dizem que aquele local é inacessível até mesmo para os Devas. Ele se encontra no local do grande senhor dos Devas.

162. No universo, os mundos que obtêm a luz e calor do sol e da lua são chamados de Lokas. Não há dúvida sobre isso.

163. Há sete mundos abaixo e sete acima da Terra. Ó brâmanes, há sete caminhos do vento e o domicílio do senhor Brahma.

164. De Pātāla para o céu há uma rota quíntupla. Essa é a extensão do Universo. Esse é o oceano da existência mundana.

165. A atividade do Universo sem começo nem fim segue assim surgindo de diferentes tipos e grupos de pessoas. Essa atividade instável do Universo é realmente extraordinária.

166. A criação física dele é muito extensa. Ela não pode ser compreendida nem sequer pelos Siddhas santificados, que conhecem coisas até além do alcance dos órgãos dos sentidos.

167-**168**. Ó brâmanes excelentes! Não há limite, declínio ou fim para a magnitude d(os elementos, isto é,) Terra, Água, Fogo, Vento, *Mahat*, *Tamas*, o infinito, Senhor Īśvara onipresente. Enquanto enumerando os nomes do Senhor (Śiva), eu mencionei isso antes.

169. O Deus que é chamado pelo nome Śiva foi glorificado para vocês. Ele permeia tudo e é adorado em todos os lugares.

170. Ele é adorado na terra, em Rasātala, éter, ar, fogo, mares e céu. Não há dúvida nisso.

171. Ele deve ser percebido por meio de penitência como o Deus de grande esplendor. Esse grande Deus, o grande yogin, se dividiu em várias formas. Ele, o Senhor dos mundos, é adorado de vários modos em todos os mundos.

172. Desse modo os mundos, originando-se uns dos outros, sustentam uns aos outros pela relação do sustentador e do sustentado ou como os efeitos da causa deles.

173. Os elementos terra etc. são os evoluídos cobertos uns pelos outros. Eles entram uns nos outros, o menor no maior.

174. Como eles penetram uns nos outros, eles atingiram estabilidade. Antigamente eles não tinham características especiais. Mas por se misturarem eles se tornaram possuidores de especialidade. A terra, fogo e o vento, esses três são averiguados separadamente e acuradamente.

175. A averiguação precisa deles é notada especialmente pelo declínio em atributos e essência. A determinação precisa do resto não é observável devido à sutileza deles.

176. *Āloka* está além de todos os *Bhūtas* (elementos). Eles são discerníveis separadamente só no Éter iluminado (*Ākāśa*).

177. Assim como em um recipiente grande são colocados recipientes menores e são sustentados mutuamente por ele embora separados uns dos outros,

semelhantemente a separatividade dos elementos é interna dentro do Éter iluminado (Akasa).

178. Todos esses quatro elementos são consecutivamente maiores, o posterior maior que o anterior. A criação pode funcionar contanto que os elementos existam.

179. A perfeição (criação) de criaturas é considerada como estando dentro (isto é, baseada em) *Bhūtas* (elementos). A criação de efeitos não pode acontecer sem *Bhūtas*.

180. Os *Bhūtas,* sendo da natureza de efeitos, são restritos. As entidades, por exemplo, o *Mahat* (Inteligência Cósmica etc.) são da natureza de causas.

181. Assim, ó brâmanes, o arranjo dessa terra com sete continentes e oceanos foi explicado para vocês junto com as divisões deles precisamente como elas são.

182-**183**. A forma cósmica de *Pradhāna* (a Natureza Imanifesta) que foi descrita (literalmente, enumerada) para vocês por suas extensões e zonas, é só uma modificação parcial. Sua forma cósmica é a residência do Senhor a quem pertence o Universo inteiro. Desse modo, os elementos têm interpenetrado uns aos outros.

184. Somente isso sobre o arranjo estabelecido (do Universo) pode ser explicado por mim. Ó rei, só isso precisa ser ouvido com respeito à constituição e organização do mundo.

185. As sete *Prakrtis* sustentam umas às outras. Há muitas *Prakrtis* acima e abaixo e em todos os lados. Eu as explicarei até uma pequena extensão.

186. Ó brâmanes excelentes, agora eu descreverei a posição dos corpos luminosos, os limites, o horizonte e sub-horizontes da terra.

Capítulo 50: Os Mundos Inferiores[1]; Manifestação dos Corpos Luminosos

1. Entendam a magnitude da terra abaixo e acima. A terra, vento, céu, água e o quinto (elemento) fogo são proclamados como elementos primários infinitos que permeiam tudo.

2-3. A terra é a mãe de todos os seres. Ela é chamada de *Dharā* porque ela sustenta todos os animais e seres vivos. Ela está estendida inteiramente com vários países e é cheia de muitas cidades e domicílios. Ela tem muitos rios, regatos e montanhas (grandes). Ela está repleta de todas as classes das pessoas. (Por isso) essa deusa terra extremamente extensa é louvada como infinita.

4-5. A água está presente em rios, oceanos, receptáculos pequenos como lagoas ou poças, montanhas, firmamento e nas entranhas da terra. Por isso a água deve ser considerada como infinita. Similarmente, o elemento de fogo penetra todos os mundos. É dito que ele é infinito, todo-difundido e nascido de tudo.

6. De igual modo, o firmamento é bem conhecido como sem suporte, encantador, o esteio (acomodador) de várias coisas e infinito. O vento nasce do Éter.

7. As águas se encontram dentro da terra e a terra está estabelecida sobre as águas. O céu está acima, a terra está abaixo (dele) e novamente as águas estão abaixo.

8. Dessa maneira não há fim para os desenvolvimentos dos *Bhūtas*. Eles são infinitos. Saibam que isso foi mencionado decisivamente por deuses antigamente.

9. A sequência deve ser conhecida assim. Primeiro a terra, então a água e o céu depois disso. Essa ordem predomina até o sétimo mundo - Rasātala.

10. O mundo inferior[2] se estende até dez mil yojanas a cada degrau. Cada um desses degraus foi explicado em detalhes pelos sábios.

---

[1] Supõe-se que o Ovo Cósmico consiste em quatorze mundos organizados verticalmente do seguinte modo:

As Regiões Superiores	Satya Loka Tapo Loka Jana Loka Mahar Loka Svar Loka Bhuvar Loka
A Região Mediana	A Terra (Bhūr-loka)
As Regiões Baixas ou Mundos Inferiores	Atala Sutala Vitala Gabhastala Mahatala Sritala Patala

[2] Os versos 10-44 descrevem os mundos inferiores. As características principais deles estão arranjadas na tabela abaixo:

Nome do Mundo Inferior	***Superfície do Solo***	***Reis***
Atala	Preta	Namuci
Sutala	Branca Pálida	Mahajambha
Vitala	Vermelha	Prahrada e Anuhrada
Gabhastala	Amarela	Kalanemi
Mahatala	Arenosa	Virocana
Sritala	Rochosa	Kesari
Patala	Dourada	Bali

11. O primeiro degrau é Atala, abaixo dele está Sutala. O amplamente extenso Vitala está debaixo desse.

12. Depois disso vêm Gabhastala, Mahātala, Śrītala e Pātāla é conhecido como o sétimo.

13-**14**. A superfície do solo do primeiro (mundo inferior) é preta; do segundo, branca pálida; do terceiro, vermelha; do quarto, amarela; do quinto, arenosa, coberta de cascalho; do sexto, rochosa; e do sétimo, dourada.

15-**19**. No primeiro mundo inferior se encontra o palácio do senhor dos Asuras, Namuci, o inimigo de Indra. As seguintes residências também estão no primeiro mundo inferior, isto é, o domicílio de Mahānāda, a cidade de Śañkukarna, o palácio de Kabandha, a cidade de Niskulāda completamente habitada por pessoas encantadas (alegres), a residência do demônio Bhīma, a mansão de Śūladanta, a cidade de Lohitāksas e Kaliñgas, a cidade de Śvāpada, a cidade de Dhanafijaya e de Nāgendra[3] de alma nobre (Deus das Serpentes), a cidade de Kāliya a serpente e aquela de Kalasa. Assim deve ser sabido indubitavelmente que há milhares de cidades (e domicílios) de Serpentes, Dānavas e Rāksasas no primeiro mundo inferior com solo preto.

20-**24**. No segundo mundo inferior (Su)Tala, ó brâmanes, há os domicílios dos seguintes: a cidade do primeiro senhor dos Daityas e Rāksasas (isto é) de Mahājambha; os palácios de Hayagriva, Krsna e Nikumbha; as cidades do (demônio) chamado Śankha e aquela de Gomukha, [do] demônio Nīla, Megha, Krathana e Kurupāda; o domicílio de Mahosnīsa; a cidade de Kambala a serpente, e aquela de Aśvatara e a cidade de Taksaka, o filho de alma nobre de Kadru.

Assim, ó brâmanes, há milhares de cidades pertencentes a Serpentes, Dānavas e Rāksasas no segundo mundo inferior de solo de cor branca pálida. Não há dúvida sobre isso.

25-**30**. No terceiro mundo inferior se encontra a cidade famosa do rei Daitya Prahrāda de alma nobre e Anuhrāda; a cidade do (Daitya) chamado Tāraka; a cidade de Triśiras; a cidade do demônio Śiśumāra, cheia de agitação devido aos cidadãos alegres e bem nutridos; o palácio de Cyavana, o Raksasa; de Kumbhila e Khara; a cidade do cruel Virādha de boca que emite fogo; a cidade de Hemaka, a Serpente e aquela de Pānduraka e Manimantra; o palácio de Kapila e aquele de Nanda, o Senhor das Serpentes e de Viśāla.

Desse modo há indubitavelmente milhares de cidades de serpentes, Dānavas e Rāksasas, ó brâmanes, no terceiro mundo inferior, com solo amarelo.

31-**33**. No quarto mundo inferior existe a cidade de Kālanemi, o leão entre os Daityas, aquela de Gajakarna de alma nobre, a cidade de Kuñjara, a cidade vasta e extensa de Sumāli o Raksasa principal, o domicílio de Muñja, Lokanātha e Vrkavaktra, e a cidade de Vainateya. A última cidade se estende por muitos milhares de yojanas e é cheia de muitos pássaros. Todas essas estão no quarto mundo inferior.

34-**37**. No quinto mundo inferior, que é coberto com areia e cheio de cascalho que se estende por muitos yojanas, há a cidade do inteligente chefe Daitya Virocana, o leão entre Daityas, as residências de Vaidūrya, Agnijihva e aquela de Hiranyāksa, a cidade do inteligente Vidyujjihva, o senhor dos Rāksasas, a cidade de Mahāmegha, aquela de Mālin, o principal Rāksasa, a cidade da serpente Karmāra e aquelas de Svastika e Jaya.

Assim há milhares de cidades das serpentes, Dānavas, e dos Rāksasas no quinto mundo inferior cheio de cascalho. Essa deve ser conhecida (como a situação) para sempre.

38-**40**. No sexto mundo inferior há a cidade excelente de Kesari, o senhor dos Daityas, as cidades de Suparvan, Suloman, e Mahisa, e a cidade de Utkrośa de alma nobre, o Rāksasa principal. É lá que Śataśirsa, o filho de Suramā, vive alegremente. O

---

[3] 'Mahendra' no texto é um erro de impressão.

rei das serpentes chamado Vāsuki, o filho de Kāśyapa (permanece lá). Assim há milhares de cidades das serpentes, Dānavas, e dos Rāksasas no sexto mundo inferior famoso, Rasātala, com chão rochoso.

41. Deve ser conhecido que a cidade de Bali é no sétimo e o último mundo inferior, Pātāla. Ele está além de todo mundo. Ele é alegre e cheio de homens e mulheres.

42. Ele é cheio de Asuras, serpentes e cheio de inimigos arrogantes dos Devas. Lá mesmo se encontra a grande cidade de Mucukunda, o Daitya.

43. Ele é repleto de inúmeras grandes cidades de Daityas, cheio de alvoroço e excitação e milhares das cidades ricas e prósperas das serpentes.

44. Ele é abarrotado com grandes cidades ascendentes (prósperas) de Daityas e Dānavas e os muitos domicílios ostentosos de Rāksasas.

45-53. Ó brâmanes principais, na extremidade (mais baixa) de Pātāla que se estende por muitos yojanas, vive o excessivamente brilhante Śesa, rei de todas as serpentes. Os olhos dele se assemelham a um loto vermelho. Ele é de alma nobre, livre de morte e velhice. Sua cor é branca como o interior de uma concha brilhante. Ele usa roupas azuis. Seus braços são poderosos. Seu corpo é grande e extenso. Ele é brilhante e poderoso. Ele usa guirlandas de várias cores. Ele tem mil faces (capelos) tão luminosas e cintilantes quanto a montanha de topo dourado. Ele resplandece com brincos. Ele parece com o monte Kailāsa cercado por anéis pequenos de chamas brilhantes devido às línguas dele emitindo o esplendor do fogo ardente com chamas saltando. Com um halo esplêndido em volta dele e dois mil olhos cintilantes tão radiantes quanto o sol nascente, ele brilha gloriosamente. Ele tem a cor da lua e da flor Kunda. Seu cordão de contas brilha como um grupo de sóis do meio-dia no topo da montanha Śveta. Ele é brilhante e terrível com seu cabelo emaranhado. Enquanto deitado ou sentado, ele parece com uma montanha com mil picos estendida sobre a Terra. Ele é o excessivamente refulgente senhor dos Nāgas e é assistido por Nāgas abençoados de grande força e corpos enormes. Ele é a Śakti de Vishnu na forma de uma Serpente. Esse é o limite final estabelecido (dos mundos inferiores).

54. Desse modo os sete mundos inferiores que poderiam ser discutidos foram descritos. Eles são sempre habitados por Devas, Asuras, grandes Serpentes, e Rāksasas.

55. Além disso existe ausência total de luz. Ela não pode ser atravessada por Siddhas e Sādhus (pessoas boas ou sábios). Ela é desconhecida até mesmo para Devas e é sem tráfego (sem vida).

56. Ó brâmanes excelentes, assim a grandeza da terra, fogo, água, vento e éter é descrita pelos sábios. Não há dúvida sobre isso.

57. Eu descreverei agora a rotação do sol e da lua.[4] Esses estão posicionados no éter junto com seus discos e resplandecem com seu brilho enquanto eles se movem.

58-59. A extensão da terra é metade da extensão dos sete oceanos e continentes (?). O sol e a lua iluminam a terra em sua superfície exterior globular até a extensão da magnitude de sua circunferência exterior. A magnitude dessa circunferência exterior é igual à extensão do firmamento.

60. Volvendo em círculo, o Sol ilumina e protege os três mundos. Consequentemente por causa da iluminação e proteção, ele é chamado de *'Ravi'*. A raiz *y/av* significa 'iluminação' (e proteção).

61. Agora eu mencionarei a magnitude da lua e do sol. A palavra *Mahi* é derivada de *y/Mah* 'celebrar.' A palavra denota o célebre Bharata Varsa.

---

[4] Essa é uma seção nova que trata de astronomia purânica. O *Brahmānda P.* 1 apresenta um capítulo separado para isso (sec. 2; cap. 21) e o texto corresponde ao nosso texto em grande parte.
Essas idéias astronômicas purânicas – a posição, tamanho, movimentos das estrelas etc. são da época pre-telescópio e inaceitáveis hoje em dia. Elas são achadas em outros Purānas também, por exemplo, *Bhāgavata Purāna*, 5, caps. 21-24, *Matsya P.* caps. 124-128, *Vishnu P.* 2, caps. 8-12.

62. A extensão de Bharata é igual à extensão do disco imensamente extenso do sol. Agora ouçam o número de yojanas que ele cobre.

63. A extensão do sol é nove mil yojanas. A circunferência ou a extensão de seu disco é três vezes seu diâmetro. O disco lunar é duas vezes o disco solar (em diâmetro como também em circunferência).

64-65. Agora eu contarei a extensão da terra em yojanas. A extensão e cinturão (circunferência) da terra consistindo em sete continentes foram calculadas em medida própria nos Purānas. Eu narrarei isso depois de enumerar os *Abhimānins* atuais (Divindades etc. que presidem ou têm o sentido de posse etc.).

66. Aqueles *Abhimānins* que passaram estavam no mesmo nível que os atuais. Os Devas que se foram estavam no mesmo nível que os atuais em formas e nomes.

67. Por isso, eu descreverei a superfície da terra pelos Devas atuais. (Eu narrarei) a situação do mundo divino completamente pelos (Devas) atuais.

68. A terra inteira é conhecida como [tendo] cinquenta crores (de yojanas) de extensão. Do meio de Meru em todos os quatro lados é metade disso.

69-70. Metade da extensão da terra é declarada em termos de yojanas. É dito que a extensão da terra para todos os lados (quadrantes) a partir do meio de Meru é onze crores e oitenta e nove lakhs (de yojanas) e cinquenta mil).[5]

71-72. Compreendam a extensão inteira da terra em termos de yojanas. A extensão sobre os quatro quadrantes é calculada como três crores cento e setenta e nove mil. Essa extensão da terra inclui sete continentes e oceanos.

73-74. A esfera na extremidade é três vezes isso em extensão. Ao ser calculada dessa maneira a zona esférica da extremidade da terra tem a área total de onze crores cento e trinta e sete mil yojanas. Assim a medida até a extremidade da terra foi especificada.

75. A superfície exterior da esfera globular da terra é de extensão igual com a esfera das estrelas no firmamento.

76. Com relação à magnitude da superfície exterior o firmamento é igual à terra. A mesma é a medida de todos os sete mundos.

77-78. Os mundos estão situados acima uns dos outros se desdobrando como um guarda-sol com suas esferas exteriores. Eles são todos povoados. Desse modo o caldeirão do Ovo Cósmico foi explicado.

79. É dentro do Ovo Cósmico que a terra com seus sete continentes e sete mundos, isto é, Bhūr, Bhuvah, Svah, Mahar, Jana, Tapas e Satya está posicionada.

80-81. Esses sete mundos moldados na forma de guarda-sóis são sustentados separadamente por suas próprias coberturas exteriores sutis, que são dez vezes maiores em ordem. Elas são criadas com atributos específicos e elas suportam os sete mundos.

82. Em volta desse Ovo Cósmico há um oceano sólido. A esfera inteira da terra é sustentada pela água sólida.[6]

83-85. Além do oceano sólido há o fogo sólido pelo qual a esfera do mundo é sustentada. Além e fora desse fogo sólido há a esfera de vento sólido [que envolve a] terra por todos os lados em volta e acima. Além do vento sólido está o firmamento que é completamente cercado pelo Ego Cósmico. Aquele Ego é cercado por Mahat (o Grande Princípio ou Intelecto) o qual novamente é rodeado pela Prakrti Imanifesta infinita de forma imutável.

86. Eu enumerarei em ordem as cidades dos guardiões dos mundos. A prova dos movimentos dos corpos luminosos também será mencionada.

87. Ao leste de Meru e acima de Mānasa é a cidade sagrada de Mahendra, cheia de todas as riquezas essenciais e ricamente incrustada com ouro.

---

[5] Isso é considerado como o raio da zona circular.

[6] Esse conceito purânico de sete envoltórios protetores do nosso Ovo Cósmico mostra a influência dos Tattvas Sāñkhya.

88. Ao sul de Meru e acima de Mānasa vive Yama, filho de Vivasvān, em sua cidade Samyamana.

89. Ao oeste de Meru e acima de Mānasa é a cidade fascinante do inteligente Varuna. Ele é chamada de Sukha.

90. Ao norte de Meru e acima de Mānasa é a cidade Vibhavari de Soma (a lua) que é comparável à cidade de Mahendra.

91. Acima de Mānasa em todos os quatro quadrantes os guardiões dos mundos estão posicionados para o estabelecimento da virtude (Dharma) e proteção dos mundos.

92. Entendam o movimento solar quando o sol alcança o sul durante todo o trânsito para o sul acima dos guardiões dos mundos.

93. Em seu trânsito para o sul, o sol se move rápido como uma seta disparada. Ele leva o grupo de corpos luminosos com ele e sempre gira em círculo.

94. Quando o sol está no meio do horizonte em Amarāvatī, isso é chamado de amanhecer na cidade de Samyamana do filho de Vivasvat.

95. Então é meia-noite em Sukhā. Quando o sol está no meio do horizonte (em Samyamana) o sol é visto nascendo em Sukhā, a cidade de Varuna.

96. Quando é meia-noite em Vibhāvarī, é o pôr-do-sol em Amarāvatī, a cidade de Mahendra. Para as pessoas do sudeste (ou do sul e do leste) é tarde.

97. O que é (quando é) a manhã das pessoas dos países sulistas e ocidentais é tarde da noite para as pessoas nos territórios do norte.

98. É início da noite para os territórios que estão no norte e leste. Similarmente (a situação é a seguinte) quando o sol brilha nos domicílios do norte, durante o trânsito do norte.

99. Quando o sol está em meio-dia em Sukhā, a cidade de Varuna, ele nasce em Vibhāvarī, a cidade de Soma.

100-**101**. É meia-noite em Amarāvatī e o sol se põe na cidade de Yama. Então o sol está no meio-dia em Vibha, a cidade de Soma. Quando o sol nasce em Amarāvatī, é meia-noite em Samyamana e o sol se põe na cidade de Varuna.

102. Fazendo as estrelas (e planetas) girarem e revolvendo como um tição, o sol se põe e então se ergue depressa.

103. Assim o sol se move nos quatro continentes terminando com o do sul. Ele nasce e se põe repetidas vezes.

104. O sol dá calor para duas residências de Devas de manhã e duas na tarde. Com seus raios somente ele aquece uma delas durante o meio-dia.

105. Depois de nascer o sol resplandece com seus raios de calor crescente até meio-dia. Depois disso com seus raios de calor decrescente ele se põe.

106. A direção leste e oeste é determinada pelo nascer e pôr-do-sol. Enquanto o sol brilha na frente (seu calor é sentido) atrás e nos lados também.

107. Onde o sol aparece nascendo é conhecido como amanhecer para as pessoas de lá; (enquanto) onde o sol desaparece é chamado de pôr-do-sol com relação às pessoas lá.

108. Devido à posição distante do sol e a ele ser coberto pela linha (horizonte) da terra, seus raios se tornam invisíveis (a visão deles sendo obstruída). Por isso ele não é visto à noite.

109. O aparecimento dos planetas, estrelas e do sol assim como seu surgimento e ocaso devem ser conhecidos pela magnitude da altura deles.

110. Fogo e água têm esplendor branco e a terra tem sombra preta. Como o sol está a uma grande distância na hora do surgimento, ele parece estar sem raios. Visto que ele está sem raios, ele tem o brilho vermelho, e a ausência de calor é devido à sua vermelhidão.

111. Onde quer que o sol seja visto posicionado na linha (do horizonte) ele é visto mil yojanas acima.

112. Quando o sol se põe, o brilho do sol entra parcialmente nos fogos. Por essa razão o fogo resplandece mais brilhantemente à noite, mesmo de longe.

113. Quando o sol sobe novamente, o brilho do fogo entra no sol. Isso junto com o brilho deixado no sol na hora do pôr-do-sol, o torna ainda mais brilhante. Assim o sol brilha durante o dia.

114. A luz e calor do sol e fogo misturados juntos nutrem as pessoas durante dia e noite.

115. Nas metades norte e sul da terra, quando o sol nasce, a noite entra nas águas. Por isso, durante o dia, as águas têm cor de cobre como resultado da entrada da noite.

116. Quando o sol se põe, o dia entra nas águas. Por essa razão, durante a noite, a água parece branca e luminosa como resultado da entrada do dia.

117. Dessa maneira, nas metades sul e norte da terra, dia e noite entram nas águas na hora do pôr-do-sol e amanhecer.

118. Dia é o período em que há luz solar e noite é o período quando há escuridão. Por isso, a noite é estabelecida (independentemente) devido a isso, enquanto o dia é dependente do sol.

119. Quando o sol passa pelo meio do céu, ele atravessa um trigésimo do diâmetro da terra em um *Muhūrta* (quarenta e oito minutos).

120-121. Em relação à distância percorrida em yojanas, saibam que ela é de três milhões cento e cinquenta mil no total. Essa é a distância percorrida pelo sol em um *Muhūrta*.

122-124. Viajando dessa maneira o sol alcança o limite mais austral no mês de Māgha e se move lá. A distância percorrida pelo sol durante um dia e uma noite é de nove crores e quarenta e cinco cem mil yojanas [9,45,00000].

125-126. Quando o sol volta do sul e atravessa o equinócio, ele vai para os quadrantes ao norte do oceano de leite. Saibam a distância em yojanas, da zona atravessada durante o trânsito no equinócio. Ela é de trinta milhões e oitenta e um cem mil yojanas. [3,81,00000.]

127. Quando o sol, enquanto viajando no norte, está na (constelação) Śravana, ele atravessa as regiões do norte do sexto continente (chamado) Śāka-Dvīpa.

128-129. A extensão da zona no quadrante norte em yojanas como calculada pelos brâmanes é um crore oito milhões e cinquenta e oito yojanas.

130. A órbita do norte é chamada de Nāgavīthi[7] e a do sul é chamada de Ajavīthī. Quando o sol nasce nas constelações Mūla, Pūrvāsādhā e Uttarāsādhā ela é chamada de Ajavīthī. Quando o sol nasce durante a elevação das três estrelas depois de Abhijit (isto é, Aśvinī, Bharanī e Krttikā) ela é chamada de Nāgavīthī.

131-132. Eu mencionarei a distância em yojanas entre esses dois quadrantes. Essa distância é três milhões cento e três mil trezentos e trinta e três yojanas.

133. Agora eu mencionarei a distância entre os pontos cardeais do sul e meridianos em yojanas. Ouçam.

134-135a. As distâncias externas e internas entre os dois quadrantes e meridianos são sete milhões e cento e setenta e cinco yojanas.

135b-136a. Durante Uttarāyana (o trânsito norte do sol) o sol segue em volta das zonas internas. Durante Daksināyana (o trânsito do sul) o sol segue em volta das zonas externas. Essa é a ordem habitual.

136b-137. No norte há cento e oitenta zonas. No sul também o sol percorre o mesmo tanto. Conheçam a distância da Mandala (zona) em yojanas.

138-139. A magnitude dessa zona é vinte e um mil duzentos e vinte e um yojanas. Essa é a medida da zona calculada em yojanas.

140. O diâmetro da zona é definido obliquamente. Todos os dias o sol atravessa aquelas (zonas) na ordem apropriada.

---

[7] De acordo com o *Brhat-Samhitā* de Varahamihira, Vithi é uma divisão específica da esfera planetária composta de três asterismos. Assim Nāgavīthi é constituída dos asterismos Asvini, Bharani e Krttika enquanto Ajavīthi é formada de Mūla, Purvasadha e Uttarasadha.

141. Assim como a borda da roda do oleiro volta (gira) depressa, assim também o sol gira depressa durante seu trânsito do sul.

142. Dentro de pouco tempo, portanto, o sol atravessa a terra extensa. Dentro de doze Muhūrtas ele viaja rapidamente do sul para o norte.

143. O sol passa por treze e meia constelações de estrelas durante o dia. Durante a noite em dezoito Muhūrtas ele passa pelo mesmo número (isto é, treze e meia) de estrelas.

144. Da mesma maneira que a região central da roda dos oleiros se move lentamente, assim também no decurso do trânsito do norte o sol se move lentamente.

145. O sol passa por treze e meia estrelas. Por isso ele cobre menor extensão da terra em tempo mais longo.

146. Na parte posterior do trânsito do norte, um dia tem a duração de dezoito Muhūrtas. Então também o sol procede muito lentamente.

147. O sol passa por treze e meia estrelas durante metade do tempo (isto é, o dia). Durante a noite, ele passa pelo mesmo número de estrelas no decorrer de dezoito Muhūrtas.

148. Assim como uma bola de barro colocada no meio da roda gira lentamente, assim também faz a Estrela Polar.

149. Dizem que dia e noite juntos constituem trinta Muhūrtas. O Pólo girando entre os dois quadrantes revolve em um círculo.

150. Assim como o cubo da roda do oleiro permanece lá somente, similarmente deve ser sabido que a Estrela Polar gira lá somente (sem mudar seu lugar).

151. Desse modo a rotação do sol em um círculo entre os dois quadrantes é lenta durante o dia e rápida durante a noite.

152. Durante o trânsito do norte, o movimento da lua (?) é lento durante o dia e rápido durante a noite.

153. Durante o trânsito do sul o movimento do sol é rápido durante o dia e lento durante a noite.

154. Dividindo dias e noites dessa maneira por seus diversos movimentos especiais, o sol percorre o caminho por seu movimento plano (regular) e desigual (irregular).

155. Agastya (a estrela Canopus) passa rapidamente sobre os guardiões dos mundos posicionados nos quatro quadrantes acima da montanha Lokāloka. Ele divide dias e noites por diversos movimentos.

156. Ele é o protetor dos mundos ao sul de Nāgavīthī e norte de Lokāloka[8] e fora do caminho de Vaiśvānara.

157. Há o mesmo tanto de luz solar nos lados, atrás e em volta de Lokāloka quanto há na frente em seu topo.

158. Essa montanha está acima de dez mil yojanas em altura. Ela é parcialmente luminosa e parcialmente não iluminada. Ela é toda circular em volta.

159. As estrelas, a lua, o sol e planetas brilham dentro da parte interna do monte Lokāloka.

160. O mundo existe até aí e não mais. Além disso há escuridão. A Lokāloka é única mas Nirālokas (o lados mais escuros) são numerosos.

161. Como o sol em seu movimento circular se une a Lokāloka, os sábios chamam o espaço entre Usā e Vyusti pelo nome Sandhyā. Usā é noite e Vyusti é dia.

162. Uma maldição foi lançada sobre os demônios maus que estavam determinados a devorar o sol na hora do crepúsculo, que eles teriam imperecibilidade de corpos mas eles seriam feitos morrerem (todos os dias).

163. Três crores de demônios que são bem conhecidos como Mandehas procuram o nascer do sol todos os dias. Os perversos atormentam e desejam devorar o sol resplandecente.

---

[8] Essa é uma montanha mítica que cerca o mundo. A área dentro de seu círculo é iluminada (obtém luz), enquanto no outro lado dessa montanha que divide há escuridão absoluta.

164-165. Então houve uma luta terrível entre eles e o sol. Ó brâmanes excelentes, Devas e Brahma que tinham estado realizando a adoração de Sandhyā borrifaram a água sagrada santificada por Omkāra e Gāyatrī. Como a água se tornou adamantina, os Daityas foram queimados.

166. Então o sol de grande esplendor, brilho e valor excessivos ergue-se cem mil yojanas.

167. Então segue adiante o Senhor (o deus do sol) com seus raios brilhantes. Ele é cercado por brâmanes e sábios Vālakhilya que alcançaram seu objetivo (de proteger o Sol).

168. Quinze *Nimesas* (tempo de um picar de olhos) fazem um *Kastha*, trinta *Kāsthās* fazem um *Kalā*; trinta *Kalās* fazem um *Muhūrta* e trinta *Muhūrtas* fazem (um dia inteiro que consiste de) uma noite e um dia.

169. Há aumento e diminuição na extensão do dia por algumas partes. Mas se (ela) é aumentada ou diminuída, a duração do crepúsculo permanece constante. Um *Muhūrta*.

170. Os três *Muhūrtas* a partir da hora quando o sol ergue-se do horizonte constituem o período *Prātastana* (início da manhã) que é uma quinta parte do dia.[9]

171. O período de três *Muhūrtas* a partir do começo da manhã é chamado de *Sañgava* (manhã). O período de três *Muhūrtas* depois da manhã é chamado de *Madhyāhna* (meio-dia).

172-173. O período de três *Muhūrtas* a partir do meio-dia é chamado de *Aparāhna* (tarde). O período de três *Muhūrtas* a partir da tarde é chamado de *Sāyāhna*. Há só três *Muhūrtas* (sagrados?) (de um dia) de quinze *Muhūrtas*.

174. Quando o sol está no equinócio, o dia e a noite, cada um, consiste em quinze *Muhūrtas*.

175. Durante o trânsito do sol para o norte e sul a duração do dia aumenta e diminui conformemente. O dia engole a noite e a noite engole o dia.

176. O equinócio ocorre entre outono e primavera. A lua atinge seus sete[10] (?) Kalās durante o dia e a noite.

177. Quinze dias fazem um *Paksa* (a metade de um mês). Duas metades fazem um mês e dois meses fazem um *Rtu* (estação). Três *Rtus* (estações) fazem um *Ayana* e dois *Ayanas* fazem um ano.

178. A unidade de tempo constituída por quinze *Nimesas* é *Kāsthā*. Trinta *Kāsthās* fazem um *Kalā*. Ele consiste em cento e sessenta *Mātrās*.

179. A unidade de tempo *Calā*[11] (*Kalal*) é assim definida. Ela consiste em noventa e nove, trinta, trinta e seis, sessenta e dois ou vinte e três *Mātrās.* (Verso defeituoso.)

180. Quarenta mil oitocentos e setenta *Mātrās* fazem a unidade de tempo chamada *Vidyuti*.[12] Para ser preciso, ela é noventa, (em vez de setenta).

181. Em *Vaidhasamyuga* (?) dizem que há só quatrocentos *Mātrās* em um *Vidyuti*. Isto é conhecido como *Carārhśa*. A causa é *Nālikā* [*Ghatikā* = 24 minutos].

182. As cinco unidades de tempo, Samvatsara etc., têm quatro cálculos alternativos.[13] A fixação[14] de Yuga é feita decisivamente nessa base em todas as unidades de tempo.

---

9 Os versos 170-173 dão as cinco divisões do dia, cada uma consistindo na duração de três *Muhūrtas*.

10 *Samam* 'número igual de Kalās' no *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2, cap. 21, v. 124.

11 Um erro de impressão em lugar de *Kāla*.

12 Uma nova unidade de tempo. No Brahmānda Purāna ela é *Vidyut*. Sua duração não é clara.

13 Veja o verso 188 abaixo. Os sistemas de cálculo eram: *Saura* (baseado no sol, solar), *Saumya* (o lunar), *Naksatra* (estelar), *Savana* (relativo às três libações de soma por dia correspondendo ao tempo solar (dia, mês etc.)) - *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams, 1210.

14 O Purāna registra a tradição antiquíssima que o período de Yuga consiste em cinco anos. Nos tempos Védicos um Yuga era um período de cinco anos e os nomes daqueles cinco anos (com uma leve

183. O primeiro ano é *Samvatsara*; o segundo é *Parivatsara*; o terceiro é *Idvatsara*; o quarto é *Anuvatsara*; o quinto é *Vatsara*. Desse modo as várias unidades de tempo são denominadas.

184-185. Vinte centenas de *Panaris* (isto é, mil meses) constituem um Yuga do sol. Esses dezoito mais trinta (isto é, 48) Yugas fazem um *Udaya* do sol. Trinta *Rtus* do sol fazem dez *Ayanas*. Três mil e quinhentos *Ayanas* fazem sessenta meses do sol.

186. Trinta dias e noites fazem um mês do sol. Sessenta e um dias e noites fazem um *Danu*.

187. Cento e oitenta e três dias constituem o tempo de um trânsito do sol sobre o mundo.

188. Os quatro tipos de cálculo, isto é, *Saura* (solar), *Saumya* (lunar), *Nāksatra* (estelar) e *Sāvana* (sacrifical) devem ser entendidos claramente.

189. Há uma montanha Śrñgavān ao norte de Śveta. Seus três picos parecem tocar o céu.

190. Devido a esses picos a montanha é conhecida como Śrñgavān. O único caminho (que leva a ela), sua extensão e circunferência já foram mencionados.

191. Seu topo do leste no meio é dourado. Seu topo do sul consiste em prata. Ele tem brilho cristalino.

192. O topo excelente no norte consiste de pedras preciosas e jóias. Assim com os três picos a montanha é bem conhecida como Śrñgavān.

193. Entre outono e primavera, o sol procede com velocidade média, nem rápido nem lento. Ele alcança aquele pico da montanha que está perto da linha equinocial. O Dissipador de escuridão, isto é, o sol, faz a noite igual ao dia.

194. Cavalos divinos de cor verde estão atrelados à grande carruagem dele. Eles parecem (brilhantes) como se eles estivessem cobertos com os raios (solares) vermelhos como loto.

195. Durante o trânsito zodiacal *Mesa* [Áries] e *Tula* [Libra] do sol dias e noites contêm quinze *Muhūrtas* que começam com o amanhecer.

196. Quando o sol está no primeiro quadrante da constelação Krttikā (Plêiades), é sabido que a lua está na quarta parte da constelação Viśākhā.

197. Quando o sol passa pela terceira parte de Viśākhā, saibam que a lua ocupou o topo de Krttikā.

198. Os sábios chamam isso como equinócio. O equinócio deve ser conhecido pela (posição do) sol e o tempo por (aquela d)a lua.

199. Quando dias e noites são iguais é equinócio. Durante o trânsito equinocial oblações para os Pitris e doações caridosas para os brâmanes devem ser feitas. Os brâmanes são as bocas dos Devas.

200. Em vista das diferenças devido a *Kalās*, *Kāsthās* e *Muhūrtas*, a noite de duração curta e mês intercalado acontecem. A lua cheia é de dois tipos: Rākā e Anumati.[15] A lua nova também é de dois tipos: Sinīvālī e Kuhū.[16]

201. Os seis meses, isto é, Māgha, Phālguna, Caitra, Vaisakha, Jyestha e Asādha são os meses de *Uttarāyana* (do trânsito norte do sol). Os seis meses, isto é, Śrāvana, Bhādrapada, Aśvina, Kārttika, Mārgaśīrsa e Pausa são os meses de *Daksināyana* (trânsito sul do sol).

202. Esses meses fazem um ano. Os cinco anos são os filhos de Brahma. *Rtus* nascem deles. Essas são as partes deles.

---

variação no nome Idavatsara, isto é, Ida- ou Idu-vatsara) são iguais aos registrados aqui (veja o *Taittiriya Samhitā* V. 7. I-3; *Vajasaneya Samhitā*, [Yajur Veda Branco] 27. 45; *Atharva* VI. 55. 3). *O Taittiriya Brāhmana* 1.4.10.1 identifica Samvatsara, Parivatsara etc. com os deuses Agni, Āditya etc. Kautilya em *Arthasastra* II. cap. 20, declara: "Um Yuga consiste em cinco anos", o mesmo que nesse Purāna.

[15] De acordo com *Nirukta* XI-29, Paurnamāsī (o dia de lua cheia) quando combinado com o 14º Tithi, é *Anumati,* e quando combinado com o 1º dia da quinzena seguinte (isto é, da escura) é *Raka*.

[16] Quando Amāvāsyā (o dia de lua nova) é combinado o 14º Tithi, ele é *Sinivali* e quando combinado com o 1º Tithi da quinzena seguinte (isto é, a iluminada), ele é *Kuhu*.

203. Por isso o Dia de Lua nova (Amāvāsyā) é conhecido como o líder dos Parvans. Mais do que isso, o equinócio deve ser conhecido como favorável para Devas e Pitris.

204. Depois de saber disso, um homem não deve se enganar a respeito de ritos relativos a Devas e Pitris. Por essa razão o equinócio é lembrado como todo-universal pelas pessoas.

205. Deve ser sabido que os mundos, (Lokas), (existem) até onde a luz (o espaço iluminado pelo sol) se estende. O fim do mundo também é chamado de *Loka* (da montanha Lokāloka). Os guardiões dos mundos estão posicionados lá no meio da montanha Lokāloka.

206. Eles (os Lokapālas) são as quatro almas nobres que permanecem até a dissolução final do mundo. Eles são: Vairāja de esplendor admirável (brilhante), Kardama de disposição boa e misericordiosa, Parjanya de cabelo dourado, e Ketumān de determinação fixa.

207. Os guardiões dos mundos estão posicionados nos quatro quadrantes em Lokāloka, livres de *Dvandvas* (opostos mutuamente conflitantes), desprovidos de arrogância, sem acompanhante, e absolutamente não controlados por ninguém.

208. O caminho que se encontra ao norte de Agastya, ao sul de Ajavīthī e fora do caminho de Vaiśvānara é chamado de *Pitryāna*.

209. Colocados lá no caminho de *Pitryāna* estão os sábios abençoados com progênie que executam Agnihotras e que perpetuam a linhagem do mundo.

210. Desejosos do bem-estar dos mundos, eles abençoam as atividades dos seres vivos e originam as atividades de Rtviks. O caminho deles é o do sul.

211. Em todo Yuga eles restabelecem o Dharma que foi perdido (sendo ferido e abalado rudemente), por meio de sua progênie, penitência, aderência ao limite da decência e busca de aprendizado.

212. Os primeiros, após sua morte, renascem nas casas dos últimos. Essa série de nascimentos e mortes os faz viver até a hora de dissolução final do universo.

213-215. Há oitenta mil sábios chefes de família que se dirigem ao caminho do sul do sol. Eles ficam lá enquanto a lua e as estrelas existem. Devido às suas atividades mundanas, a criação de seres vivos, desejos e ódios naturais, relações sexuais e outros tipos de desfrutes de prazeres, como também devido a outras causas, os Siddhas recorreram à áreas de cremação. Esses sábios, desejosos de progênie, nasceram na era Dvāpara.

216. O caminho ao norte de Nāgavīthī e sul dos Sapta Rsis (Ursa Maior) é Devayāna, o caminho do norte do sol.

217. O Siddhas que residem lá são imaculados e celibatários. Eles odeiam relações sexuais. Eles conquistaram a morte.

218. Esses sábios *Ūrdhvaretas* (que sublimaram seu desejo sexual) são oitenta mil em número. Eles recorreram ao caminho do norte do sol e ficam lá até a que a dissolução final colhe o universo.

219. Devido a esses motivos virtuosos eles obtiveram imortalidade que durará até a dissolução final dos *Bhūtas* (elementos). Imortalidade é afirmada sobre aqueles que sobrevivem até a dissolução final.

220. Esse é o período (de vida) até o fim dos três mundos, para sábios que não voltam para o caminho de Samsāra. Outros de desejo sexual purificado são pecadores como também meritórios por causa de seus (pecados de) assassinar um brâmane ou da realização do Aśvamedha (sacrifício de cavalo). Os sábios Ūrdhvaretas perecem ao término da aniquilação de todos os seres vivos.

221-222. Ao norte e acima do mundo dos sábios, onde é dito que Dhruva está presente, é a região resplandecente divina de Vishnu. Ao alcançar aquela região ninguém é afetado por tristeza ou dor. Essa é a maior região de Vishnu onde Dharma, Dhruva e outros Sādhakas do mundo permanecem.

Capítulo 51[1]: Movimentos dos Corpos Luminosos

Sūta disse:

1. Enquanto narrando os detalhes do Svāyambhuva Manvantara, eventos do passado e do futuro foram narrados. Agora eu os contarei em sua própria ordem.

2. Ao ouvirem isso, os sábios perguntaram para Lomaharsana sobre os movimentos do sol, da lua e dos planetas.

Os sábios questionaram:

3. Como esses corpos luminosos giram no firmamento? Todos eles se movem em órbitas circulares e lateralmente. Contudo eles não colidem uns com os outros. Quem os faz girar? Ou eles giram por vontade própria?

4. Ó excelente, nós desejamos saber. Narre isso para nós. Essa é uma questão que ilude os seres vivos. Nós desejamos ouvir sobre isso.

Sūta disse:

5. Ouçam e conheçam essa coisa extraordinária que, embora muito clara e visível, ilude as pessoas.

6. É Dhruva, filho de Uttānapāda, que está posicionado na extremidade da cauda do que parece com a toninha gangética com cauda em direção aos quatro quadrantes no céu.[2] Ele se tornou o pivô giratório no céu.

7. Ele gira e faz o sol e a lua girarem junto com os planetas. Enquanto ele gira como uma roda, as estrelas o seguem.

8-10. O grupo de estrelas se move à vontade de Dhruva.[3] O sol, a lua, as estrelas fixas e moventes e os planetas são ligados a Dhruva pelos laços na forma de grupos de ventos. É a partir de Dhruva que a combinação, diferença, movimento sazonal, surgimento e ocaso, fenômenos portentosos, trânsito do sul e do norte, os equinócios e cores deles começam a atuar.

11. Chuva, calor, neve, noite, crepúsculo, dia e os eventos auspiciosos e inauspiciosos que acontecem aos indivíduos – tudo começa a operar por causa de Dhruva.

12. O sol cobre as estrelas etc. ativado por Dhruva e mantém sua posição. Por isso os raios dele são iluminados. O sol é o fogo mortal (que destrói o mundo).

13. Ó brâmanes, no decorrer de sua revolução, o sol ilumina os quadrantes com seu brilho. Com a massa de seus raios na companhia do vento em volta, ó brâmanes excelentes, o sol se apropria das águas do mundo.

14. A água bebida pelo sol é transferida para a lua a partir do fogo solar. Através das Nādis (veias tubulares) cheios de vento começa a atividade de sustentar os mundos.

15. O que emana da lua, o sol recebe em suas pontas. Quando o vento sopra, as nuvens a deixam cair sobre a terra.

16. Assim a água é vertida e cai repetidas vezes. A mesma água assume várias formas.[4]

17. Para a conservação dos seres vivos, Māyā foi criada. Os três mundos incluindo os seres móveis e imóveis são permeados por essa Māyā.

18. O sol é o senhor do universo; ele é o criador dos mundos; ele é o senhor de mil raios; ele é o senhor dos súditos; ele é o sustentador do mundo; ele é o próprio senhor Vishnu.

---

1 Esse capítulo corresponde ao cap. 22, da seção 2 do *Brahmānda Purāna* 1.

2 Compare com o *Bhāgavata Purāna* V. 23.4.7 e *Brahmānda Purāna* 1.2.22.6.

3 O *Bhāgavata Purāna* V. 23.2 atribui esse poder motriz a Kāla (Tempo).

4 Essa crença na indestrutibilidade da água é surpreendentemente moderna, embora o conceito do ciclo da água seja arcaico.

19. A água dos mundos tem exsudado da lua no céu. O universo é, portanto, mantido pela lua. Esse fato foi declarado agora.

20. Os raios quentes emanam do sol; os raios frios da lua. Esses dois raios poderosos quentes e frios sustentam o universo.

21. A sagrada Gañgā com águas puras tem a lua como esteio. Ó brâmanes excelentes, os grandes rios têm o filho da lua como seu líder.

22-23. A água está presente nos corpos dos seres vivos. Quando os corpos dos seres móveis e imóveis queimam, a água se torna vapor e se eleva para todos os lados. Assim as nuvens surgem e elas são os receptáculos de água. O brilho do sol pega a água dos seres vivos através dos raios.

24. Os raios levam as águas do oceano através do vento. O sol giratório dá água às nuvens por meio de seus raios brancos nas estações apropriadas.

25. Quando soprada pelo vento, a água goteja das nuvens. As nuvens espalham chuvas para o benefício dos seres vivos quando elas são sopradas pelos ventos em todas as direções.

26. As nuvens derramam [chuva] por seis meses para nutrirem e desenvolverem todos os seres vivos. Elas produzem o som retumbante do trovão que surge do vento e o relâmpago brilhante que surge do fogo.

27. A raiz *y'mih* significa 'exsudar', 'borrifar'. Como as nuvens exsudam água, elas são chamadas de *Megha*. Aquilo do qual não cai água eles chamam de *Abhra.*[5]

28. Nuvens surgem de três modos. Suas fontes de origem são três. Os tipos de nuvens são *Agneyas*, *Brakmajas* e *Paksajas*.[6] Desse modo os três tipos de nuvens foram narrados. Eu mencionarei seu modo de origem.

29. As nuvens que surgem das águas do oceano são *Āgneyas*. Elas funcionam a partir de lá. Frio e ventos em um dia nublado são os atributos delas.

30. Elas assumem as formas de búfalos, javalis e elefantes no cio. Elas vagam por todos os lados e brincam muito perto da terra.

31. As nuvens são chamadas de *Jimūtas* visto que elas são a fonte de seres vivos. Elas não têm os atributos de trovão. Elas pendem devido ao seu conteúdo de água.

32. Essas nuvens são enormes e silenciosas. Elas seguem a corrente do vento submissamente. Elas despejam água dentro de meio Krośa (a partir da terra).

33. Elas derramam chuva nos topos e cumes de montanhas e passam seu tempo. Elas perfuram os úteros dos bandos de garças brancas. Elas as fazem conceber.

34. Os tipos de nuvens chamadas *Brahmajas* nascem da respiração de Brahma. Elas têm o atributo de raio. Elas gostam de sons retumbantes. Elas trovejam.

35. Devido ao estrondo alto delas a terra estremece[7]. Como rainha coroada por um rei, a terra obtém juventude uma vez mais. Sendo a causa do nascimento dos seres vivos, a terra se mostra amável para as nuvens.

36. O nascimento de seres vivos é por causa dessas nuvens chamadas *Jimūtas*. Essas nuvens se dirigem à segunda camada de vento chamada *Pravaha*.

37. Essas nuvens derramam chuva da distância de um yojana, meio yojana ou um quarto de yojana da terra. Elas despejam chuva em torrentes contínuas.

38. As asas das montanhas poderosas, que podiam proceder conforme sua vontade e prazer, tinham se tornado muito grandes. Indra as cortou para o (bem-estar de todos) os seres vivos.

---

[5] Essa é uma derivação imaginativa de *Abhra* 'uma nuvem'. Normalmente *Abhra* significa 'portador de água'.

[6] Os versos 21-52 dão uma classificação pseudo-científica das nuvens por indianos antigos. Ela contém alguns lampejos poéticos interessantes de imaginação. Os ventos *Āvaha*, *Pravaha*, *Vivaha*, *Udvaha*, *Samvaha*, *Parivaha* são carregadores de nuvens. Eles são ventos de diferentes tipos e diferentes funções.

[7] [No *Brahmānda Purāna* 1 seção 2, cap. 22, v. 37 temos: "Devido ao som contínuo retumbante delas, a terra expressa arrepio na forma de (plantas e árvores) brotando a partir dela."]

39. Essas nuvens são chamadas de *Puskaras*. Elas são enormes e elas são alegres com suas águas. Por isso elas são chamadas de *Puskarāvartakas* (Puskaras giratórias).

40. Elas assumem diferentes formas. Elas são muito terríveis. Elas vertem chuvas no fim de Kalpas. Elas controlam o fogo Samvartaka.

41. O terceiro tipo de nuvens mencionado antes derrama chuva no fim dos Yugas. Elas assumem muitas formas e enchem a superfície da terra. Elas recorrem ao vento chamado Paravāka e concluem um Kalpa.

42. Todas as nuvens têm a reputação de terem nascido da mesma concha de Ovo Cósmico de forma Prākrta da qual o nascido por si mesmo Brahma de quatro faces nasceu.

43. É a fumaça que as faz todas completamente desenvolvidas sem qualquer diferença. A mais excelente entre elas é *Parjanya*. E há quatro elefantes dos quadrantes.

44. Elefantes, montanhas e nuvens junto com serpentes pertencem a uma única e a mesma família, embora eles estejam manifestados separadamente, visto que a água é conhecida como a fonte de origem (deles).

45. Durante Hemanta (começo do inverno) *Parjanya* e os elefantes dos quadrantes nascidos do frio derramam (gotas) de neve para fazer os grãos vicejarem.

46. O grande vento chamado *Parivaha* é o suporte deles. É aquele vento grandioso que sustenta o Gañgā que flui pelo céu. Ele é o rio sagrado, divino, inundado com água, colocado no caminho celeste como o Conhecimento divino (Vidyā).

47. Os elefantes dos quadrantes borrifam por todos os lados gotas de água do Gañgā por meio de suas trombas enormes. Esse (borrifo de água) é chamado de geada.

48. A montanha ao sul de Meru é Hemakūta. Há uma cidade chamada Pundra ao sul dessa montanha e ao norte de Himalaia.

49-**50**. A chuva resultante dessa chuva de névoa cai nessa montanha. O vento Avaha que sopra de Himavat traz gotas de névoa com ele e as espalha sobre a grande montanha. O restante da chuva cruza o Himalaia e chega aqui depois disso para fazer a região ocidental florescer.

51. Os dois tipos de nuvens que fazem as regiões florescerem já foram descritos. Somente o sol é mencionado como o fazedor de chuvas.

52. Controlado por Dhruva, o sol causa a chuva por meio desses dois (tipos) de nuvens. O vento cercado por Dhruva retira a chuva.

53. O vento começa do planeta sol e atravessa a zona estelar inteira. No fim do dia ele entra no sol cercado por Dhruva.

54. Agora escutem a descrição da Carruagem do Sol.[8] Ela tem uma roda com cinco raios e três cubos.

55. O Senhor Sol segue em sua Carruagem que tem roda dourada, que é muito poderosa, que tem junções complicadas, que tem borda sêxtupla e uma pina, que dissipa a escuridão no caminho.

56. Sua largura é dez mil yojanas. Seu comprimento do meio (cabina do piloto) até o varal é duas vezes disso (vinte mil yojanas).

57. Essa Carruagem tinha sido feita por Brahma para algum propósito específico. Ela é divina e dourada. Cavalos rápidos foram atrelados a ela.

58. São as métricas Védicas que assumiram as formas dos cavalos. Ela está posicionada na esfera de Śukra (Vênus). Ela tem características semelhantes àquelas da carruagem de Varuna. Nessa Carruagem brilhante o Sol atravessa o céu.

59. Estas partes da Carruagem do Sol são formadas das partes do ano na devida ordem.

---

[8] Os versos 54 e seguintes dão uma descrição simbólica da Carruagem do Sol.

60. O dia é o cubo da roda. A Carruagem tem uma roda. Os raios são as cinco estações e a borda é a sexta estação.

61. O ano é o assento interno da Carruagem; os dois *Ayanas* são os dois varais; os *Muhūrtas* são as cordas de fixação e os *Kalās* são os pinos do jugo.

62. Os *Kāsthās* constituem sua parte frontal e os *Ksanas* (momentos) compõem o mastro; os *Nimesas* são os eixos-árvores[9] e os *Lavas* compõem as lanças.

63. A noite é a proteção frontal; *Dharma* é sua bandeira que se ergue no alto. *Artha* e *Kama* são as duas pontas da lança[10] e eixo.

64-**65**. As sete métricas Védicas, isto é, Gāyatrī, Tristup, Anustup, Jagatī, Pañkti, Brhatī e Usrnk, assumiram as formas de cavalos e carregam a carga. A roda está fixada ao eixo e o eixo está fixado em Dhruva.

66. O eixo gira junto com a roda; Dhruva gira junto com o eixo. Incitado por Dhruva o eixo gira junto com a roda.

67. Essa é a descrição da construção peculiar da carruagem. Por meio das partes unidas uma carruagem resplandecente é formada.

68-**69**. Com ela o senhor Sol se move rapidamente no céu. Há duas rédeas da carruagem amarradas às pontas da lança e do eixo. Impelida por Dhruva a carruagem se move no céu de um modo circular.

70. Controladas por Dhruva as pontas da lança e do eixo no lado direito da carruagem parecem com rédeas brancas em uma carruagem de duas rodas.

71. Os dois raios (rédeas) seguem Dhruva que gira. As pontas da lança e eixo da carruagem são ondas de vento.

72-**73**. Assim como a corda amarrada a um pino gira em todas as direções, assim os dois raios (rédeas) diminuem nas zonas no Uttarāyana. Eles aumentam no Daksināyana. As duas rédeas controladas por Dhruva conduzem o Sol.

74. Quando essas são puxadas por Dhruva, o Sol sofre as revoluções internas.

75-**76**. O Sol assim atravessa as cento e oitenta zonas circulares dos dois quadrantes. Quando as rédeas são soltas por Dhruva, ele gira em volta das zonas externas. Rodeando-as o Sol se move rápido em torno das zonas.

---

[9] [Eixo-árvore: "o pino que passa pelo meio da roda, no qual as circunvoluções da roda são realizadas." *A Dictionary of the English Language* de Samuel Johnson.]

[10] [Do jugo no *Brahmānda Purāna*.]

Capítulo 52: Movimento de Dhruva

Sūta disse:

1. Aquela carruagem é ocupada pelos Devas, Adityas, Sábios, Gandharvas, Apsaras, Grāmanīs (Yaksas), Serpentes e Rāksasas[1].

2-5. Os seguintes residem no sol em sucessão por um período de dois meses cada[2]. Entre eles Dhātr, Aryaman (deuses); Pulastya, Pulaha, o Prajāpati (sábios); serpentes (Nāgas) Vāsuki e Sañkīrnāra; (Gandharvas) Tumburu e Nārada, os principais entre os Gandharvas que cantam; as Apsaras Kratusthalī e Puñjikasthali; Grāmanīs ou Yakshas Rathakrcchra, e Rathaujas), Rāksasas e Yātudhānas Heti e Praheti – esses residem no sol durante os meses de Madhu e Mādhava[3] (isto é, Caitra e Vaiśākha). (Esses são os meses na estação *Vasanta* (a Primavera)).

6-8. Durante os meses de Śuci e Śukra (isto é, Jyestha e Asādha), os meses da estação *grīsma* (verão), os seguintes residem no sol: (deuses) Mitra, Varuna; (sábios) Atri, Vasishtha; (Nāgas) Taksaka, Rarhbha; (Apsaras) Menakā, Sahajanyā; Gandharvas Hahā e Huhū; Grāmanīs (Yaksas) Rathasvana e Rathacitra; e Yātudhānas (Demônios) Pauruseya e Dhava (Vadha no *Brahmānda Purāna*).

9-11. Então durante os meses de Nabhas e Nabhasya (isto é, Srāvana e Bhadrapada) as (seguintes) outras divindades residem no sol: (deuses) Indra e Vivasvān. Como também (sábios) Añgiras, Bhrgu; os dois Nāgas Elāparna e Śañkhapāla; (Gandharvas) Viśvāvasu e Ugrasena, Prātah, e Aruna; Apsaras Pramlocā e Nimlocā; o Yātudhāna Vyāghra; e o Nāga Śveta.

12-15. Durante o outono, nos meses de Īśa e Ūrja (isto é, Aśvina e Kārttika) sábios nobres e divindades ocupam o Sol: (deuses) Parjanya e Pūśan; (sábios) Bharadvāja e Gautama; Gandharvas Viśvāvasu e Suiabhi; as duas Apsaras de características auspiciosas Viśvācī e Ghrtāci; as Serpentes famosas Airāvata e

---

[1] O conceito sublime da Carruagem Solar é baseado no *Vaj. Samhitā* 15.15-19. Aqui Devas, Sábios e Gandharvas representam luz e imortalidade – a parte actínica dos Espectros Solares. As Serpentes, Gramanis (Yaksas) e Rāksasas significam calor ou morte, o campo térmico dos Espectros. Essa Heptade [a soma ou número de sete] do Sol significa a diferença mútua nos diferentes "comprimentos de onda" das sete cores. Isso pode ser considerado como VIBGYOR* purânico.

* [VIBGYOR, as sete cores do espectro da luz: Violeta, anil, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho, ou Violet, Indigo, Blue, Green, Yellow, Orange, Red].

[2] Os versos 2-26 enumeram os nomes dos diferentes Devas, Sábios etc. - a heptade que ocupa a Carruagem Solar a cada dois meses. Esses versos são comuns a outros Purānas como o *Matsya*, cap. 125, *Brahmānda* 1.2. 23. 2-24. Os nomes Védicos desses ocupantes da Carruagem são um pouco diferentes.

[3] Os seguintes são os nomes dos meses modernos em lugar dos antigos.

Nomes antigos	***Nomes novos***	***[Correspondência aproximada no calendário gregoriano****
Madhu	Caitra	Março-Abril
Madhava	Vaisakha	Abril-Maio
Śuci	Jyestha	Maio-Junho
Śukra	Asādha	Junho-Julho
Nabhas	Srāvana	Julho-Agosto
Nabhasya	Bhādrapada	Agosto-Setembro
Īsa	Aśvina	Setembro-Outubro
Urja	Kārtika	Outubro-Novembro
Saha	Mārgaśīrsa	Novembro-Dezembro
Sahasya	Pausa	Dezembro-Janeiro
Tapai	Magha	Janeiro-Fevereiro
Tapaiya	Phālguna	Fevereiro-Março]

* [Fonte das informações dessa terceira coluna: *Wikipedia*.]

Dhanañjaya; os líderes de exércitos e Grāmanīs Senajit e Susena; e os dois Yātudhānas Apa e Vāta.

16-19. Durante os dois meses de Saha e Sahasya (isto é, Mārgaśīrsa e Pausa), os dois meses do começo do inverno, os seguintes residem no sol: (deuses) Amśa e Bhaga; os sábios Kāśyapa e Rtu; os dois Senānīs e Grāmanīs Tārksya e Aristanemi; os dois Yātudhānas ferozes Vidyut e Sphūrja; e os Nāgas Mahāpadma e Karkotaka; os dois Gandharvas Citrasena e Urnāyu; e as Apsaras esplêndidas Urvaśī e Vipracitti.

20-23. Durante os dois meses do final do inverno os seguintes residem no sol durante dois meses: (deuses) Tvastr e Vishnu; (os sábios) Jamadagni e Viśvāmitra; as duas Serpentes Kambala e Aśvatara, os filhos de Kadru; os dois Gandharvas Dhrtarāstra e Sūryavarcas; as duas Apsaras Tilottamā e a esplêndida Rambhā; os Grāmanīs mundialmente famosos, Rtajit e Satyajit; e os Rāksasas Brahmopeta e Yajñopeta.

24. Os doze grupos de sete divindades (heptades), identificando-se com seu lugar de residência, aumentam o esplendor excelente do Sol com sua refulgência extra.

25. Com hinos de oração bem conhecidos os sábios louvam o Sol. Gandharvas e Apsaras o acompanham com dança e música.

26. Os Grāmanīs, Yaksas e Bhūtas coletam coisas medonhas e terríveis. As Serpentes conduzem o Sol e os Yātudhānas o seguem. Adorando o Sol desde a hora da ascensão, os sábios Vālakhilyas o levam à montanha do pôr-do-sol.

27-28. O Sol resplandece com seu brilho e de acordo com a coragem, penitência, poder yóguico, veracidade, retidão e força dessas divindades. Esses ficam com o sol por (um período de) dois meses.

29. Eles são os (grupos de sete): os Sábios, Devas, Gandharvas, Serpentes, grupos de Apsaras, Grāmanīs e a maioria dos Yaksas e Yātudhānas.

30. Ao serem glorificados, esses resplandecem, derramam chuva, brilham, sopram, criam, e dissipam os deméritos inauspiciosos dos seres vivos.

31. Eles removem o mérito auspicioso das pessoas más e em alguns casos removem os pecados dos seres móveis.

32. Eles estão sentados na carruagem aérea celestial. Eles seguem como eles querem. Eles têm a velocidade do vento. Eles revolvem junto com o Sol e o seguem do começo ao fim do dia.

33. Derramando chuvas, brilhando e deleitando as pessoas, eles protegem os seres vivos até o fim do Manvantara.

34. Essa posição das divindades (que se identificam com ela) existe em todos os Manvantaras da mesma maneira seja passado, presente ou futuro.

35. Esses grupos de sete residem no sol e no espaço ao redor dele em todos os quatorze Manvantaras e criações.

36. Conforme as estações, o Sol muda seus raios, liberando calor no verão, névoa e cerração no inverno, e chuva durante a estação chuvosa e demarca dia e noite. Ele (assim) propicia Devas, Pitris e seres humanos.

37. Por meio do raio (Susumna), o Sol desenvolve a Lua na metade luminosa (do mês) dia a dia, e ela está completa (cheia, nos dias de lua-cheia). Os Devas bebem seu néctar durante a metade escura. Desse modo ele propicia os Devas com o néctar.

38. Depois de ser sugada dessa maneira, a lua tem somente dois Kalās (dígitos) restantes. Pitris a pegam como oferenda Kavya. Devas e Saumyas a consideram como néctar e a bebem.

39. Homens conquistam (satisfazem) a fome por meio de comestíveis, bebidas e ervas medicinais desenvolvidos por meio de chuvas, com água erguida e liberada como chuva por meio de seus raios pelo Sol.

40. Por meio mês os Devas são propiciados por néctar. Por meio mês os Pitris são propiciados por alimento Svadhā. O Sol sustenta perpetuamente os seres humanos por meio de alimento. O Sol os sustenta através de seus raios.

41. O Sol se move à frente em sua carruagem de cavalos verdes. Por meio de seus raios ele ergue águas. Na hora da liberação delas ele as descarrega. Assim o Sol sustenta os seres móveis e imóveis perpetuamente.

42. Ele é levado por cavalos verdes. Por meio de seus milhares de raios ele bebe água. Enquanto sendo conduzido por cavalos verdes ele a despeja novamente.

43. Assim o Sol se move adiante rapidamente em sua esfera celestial por meio de sua carruagem de uma única roda puxada por cavalos mansos não enfraquecidos.

44. No decorrer de um dia e noite ele passa sobre o mundo de sete continentes e oceanos por meio de sua carruagem de uma roda puxada pelos sete cavalos.

45. As métricas Védicas que assumiram a forma de cavalos estão atreladas à carruagem perto da roda. Elas podem assumir qualquer forma que elas queiram. Eles são atrelados apenas uma vez. Eles têm a ilimitada velocidade da mente.

46. Eles (são acompanhados) por mestres de cor fulva que explicam o Brahman (ou os Vedas). Eles cobrem cento e oitenta zonas dentro de um ano.

47. Eles são atrelados no princípio do Kalpa. Eles continuam sua viagem até a dissolução final. Eles passam pelas zonas externas e as internas dia a dia. Cercados por Vālakhilyas eles vagam dia e noite.

48. O Sol é louvado pelos sábios por meio de palavras de oração bem conhecidas. Ele é servido por Gandharvas e Apsaras por meio de canções e danças. O senhor do céu, o Sol, viaja dessa maneira por meio de seus cavalos.

49. A Lua também se move entre as estrelas que ficam no caminho do céu (vithi). O aumento e diminuição de seus raios são semelhantes ao aumento e diminuição do Sol.

50-**51**. A carruagem da Lua tem três rodas[4]. Os cavalos são amarrados em pares em cada lado. A carruagem junto com os cavalos e o cocheiro saiu do útero das águas. As três rodas têm cem raios. Cavalos brancos excelentes foram atrelados a ela. Eles são dez em número. Eles são esbeltos e divinos. Eles são desimpedidos e têm a velocidade da mente. Eles são atrelados apenas uma vez (no princípio do Kalpa) e eles viajam até o fim dos Yugas.

52. Uma serpente branca age como a rédea naquela carruagem. Todos os cavalos são da mesma cor. Eles carregam a Lua de cor de concha.

53-**54**. Os nomes dos dez cavalos são - Yāyu, Trimanas, Vrsa, Rājīvala, Haya, Vāma, Turanya, Harhsa, Vyomin e Mrga. Eles levam a Lua até o fim do dia (?).

55-**57**. A Lua suave prossegue cercada por Devas e Pitris. No início da metade iluminada quando o Sol está na frente, o interior da cidade da Lua é enchido propriamente todos os dias. O Sol desenvolve a Lua bebida por Devas na quinzena declinante. A Lua é bebida por quinze dias e o Sol enche uma parte todos os dias. Nutridos por Susumna os dígitos brancos se desenvolvem.

58. Eles declinam e diminuem na metade escura e se desenvolvem e nutrem na metade clara. Assim o corpo da Lua é desenvolvido completamente pelo vigor do Sol.

59. Desenvolvendo-se gradualmente na metade iluminada dia a dia, a Lua obtém inteireza no dia de lua cheia.

60. Começando com o segundo dia na metade escura e terminando com o décimo quarto dia os Devas bebem o vinho aquoso, o néctar da Lua que é composto essencialmente de água e que por natureza consiste em essência saborosa.

61-**62**. Pelo brilho do Sol o néctar é coletado e preparado no decurso de uma quinzena. Na noite de lua cheia os Devas, Pitris e os sábios assistem a Lua que encara o Sol.

[4] Os versos 50-83 descrevem carruagens etc. de outros planetas como a Lua, Mercúrio (Budha) e outros.

63. Os dígitos sendo bebidos diminuem gradualmente na metade escura e são reenchidos na metade clara.

64. Quando os dias passam gradualmente, os Devas bebem a Lua por meio mês até o dia da lua nova e vão embora. No dia da lua nova os Pitris recorrem à Lua.

65. Quando a décima quinta parte dos dígitos é deixada na última parte do dia, aquela parte é usada pelos grupos de Pitris.

66. O dígito restante é bebido por Pitris durante o período de dois Kalās. Dos raios lunares o néctar de Svadhā sai na noite de lua nova. Eles bebem o néctar e permanecem contentes por um mês. Eles obtêm imortalidade.

67. Todos estes (seguintes) são Pitris: Saumyas, Barhisads, Agnisvāttas e Kavyas.

68. Os anos, os quais são enumerados por brâmanes como cinco, são Kavyas. Saumyas devem ser conhecidos como *Rtus* (Estações) e Barhisads são lembrados como *Māsas* (Meses). Agnisvāttas são *Artavas* (período de fertilidade?) e essas são as criações dos Pitris, ó brâmanes.

69-**71**. Quando o dígito está sendo bebido por Pitris na décima quinta noite, isto é, Amāvāsyā, o último dígito é deixado e é reenchido. O aumento e diminuição da Lua são no décimo sexto dia (no começo de cada metade seguinte). Assim o aumento e a diminuição da Lua são causados pelo Sol. Eu citarei agora o aumento e diminuição das estrelas e planetas; e também descreverei a carruagem de Rāhu depois.

72. A carruagem do filho da Lua (Budha, Mercúrio) é brilhante, cheia de esplendor aquoso. Ela está atrelada com oito cavalos fulvos e pode se mover tão rápido quanto o vento.

73. A carruagem se assemelha a nuvem. Ela tem a proteção frontal e o eixo-árvore no fundo. O cocheiro é divino e grandioso. Ela tem todos os acessórios, bandeira e mastro de bandeira.

74-**75**. A carruagem de Bhārgava (Vênus) é gloriosa. Em refulgência ela parece o Sol. Ela é atrelada com cavalos excelentes nascidos da terra e tendo várias cores. Eles são branco (fulvo), marrom, azul, amarelo, vermelho, preto, verde, manchado e matizado. Todos os dez são altamente abençoados. Eles não são magros. Eles têm a velocidade do vento.

76. A carruagem de Marte é gloriosa e dourada. Ela é atrelada com oito cavalos vermelhos, livres. Eles nascem do fogo, e eles podem ir a todos os lugares. (Marte) passa pelos signos do zodíaco em linhas retas, curvas e circulares.

77. Então o preceptor sábio dos Devas, Brhaspati, (Júpiter) da família de Añgiras, se move adiante em sua carruagem dourada atrelada com cavalos vermelhos.

78. Oito cavalos, tão velozes quanto o vento e divinos em natureza, estão atrelados a ela. Em uma constelação esse planeta fica por um ano; então ele viaja rapidamente.

79. Śanaiścara (Saturno) viaja em uma carruagem feita de ferro preto e viaja lentamente. Seus cavalos são de cor matizada. Eles nascem do éter.

80. A carruagem de Rāhu é de natureza tamásica (de cor escura). Oito cavalos pretos, tão velozes quanto a mente, estão atrelados a ela.

81. Deixando o Sol, Rāhu corre para a Lua durante o *Parvan* lunar (isto é, a lua cheia). Deixando a Lua ele se apressa para o Sol durante o *Parvan* solar (isto é, o dia da lua nova).

82. Os cavalos atrelados à carruagem de Ketu são oito. Eles são tão rápidos quanto o vento. Eles têm a cor como fumaça de palha ardente. Eles são fortes. Eles são fulvos (e de cor matizada) como burros.

83. Esses cavalos dos planetas eu expliquei junto com as carruagens deles. Eles estão presos a Dhruva por meio de raios gasosos.

84. Sendo firmados por raios gasosos invisíveis, esses (planetas), sendo girados, revolvem de um modo ordeiro.

85. Sendo ligados a Dhruva, a Lua, o Sol e os planetas se movem no firmamento. O sistema planetário unido a Dhruva o segue conforme ele gira.

86. Assim como um barco é levado pela água em um rio, assim os domicílios dos Devas são levados pelos raios gasosos. Por isso todos os grupos de Devas são vistos no firmamento por todo mundo.

87. Há tantos raios gasosos quanto há estrelas. Eles são amarrados a Dhruva. Eles giram Dhruva e giram por si mesmos.

88. Da mesma maneira que esmagadores de óleo giram e fazem girar a roda (de um moinho de óleo), assim também fazem os corpos luminosos fixados (a Dhruva) em todos os lados através de raios (laços) gasosos.

89. Eles se movem como um tição ao ser impelido pelo vento girando. Como o vento carrega os corpos luminosos, ele é chamado de *Pravaha*.

90. Assim o grupo dos corpos luminosos unidos a Dhruva atravessa o firmamento. A manifestação gangética semelhante a toninha no céu composta das estrelas é Dhruva. Se ele é visto à noite, o pecado cometido durante o dia é suprimido.

91. As pessoas que olham para Dhruva regularmente vivem por tantos anos, ou até mesmo mais, quanto as estrelas que existem na "toninha gangética" no firmamento.[5]

92. Essa toninha gangética permanente deve ser percebida em suas várias divisões. Sua mandíbula superior é conhecida como Uttānapāda.

93. Sua mandíbula inferior é Yajña. Dharma recorre ao topo de sua cabeça. Nārāyana reside em seu coração e Aśvins permanecem em suas pernas dianteiras.

94. Varuna e Aryaman são suas pernas traseiras. Samvatsara é seu pênis e Mitra recorre ao seu ânus.

95. Em sua cauda estão Agni, Mahendra, Marīci, Kāśyapa e Dhruva. As quatro estrelas (?) e a toninha gangética não se põem.

96. As estrelas, Lua, Sol, planetas e constelações permanecem no céu com face para acima ou à frente. Eles estão na forma de uma roda.

97. Esses são presididos por Dhruva. Eles circungiram Dhruva que age como o pivô giratório no firmamento.

98. Entre Dhruva, Agni e Kāśyapa, Dhruva é o mais excelente. Ele só gira em volta no topo da montanha Meru.

99. Com sua face para baixo ele atrai o grupo de corpos luminosos. Olhando para Meru, ele a circungira.

[5] Os versos 91-95 descrevem a toninha gangética divina com várias estrelas formando partes de seu corpo.

Capítulo 53: Arranjo dos Corpos Luminosos

Sāmsapāyana disse:

1. Ouvindo isso os sábios ficaram duvidosos. Eles questionaram Lomaharsana novamente para seu esclarecimento.

Os sábios disseram:

2. Senhor, você mencionou os domicílios famosos de Devas. Como são esses domicílios? Como são esses corpos luminosos? Por favor descreva.

3. Por favor diga tudo precisamente sobre os corpos luminosos.

Ao ouvir as palavras deles o piedoso *Sūta disse*:

4. Eu explicarei a vocês o que foi mencionado por grandes intelectuais de conhecimento perfeito, com relação à origem do Sol, e da Lua, como a Lua e o Sol são as residências de deuses.

5. Agora eu citarei a origem de três fogos[1]: celestial, elementar (atmosférico) e terrestre.

6. Quando a grande noite chegou (literalmente, despontou) sobre Brahma, nascido do Imanifesto, o universo ficou indefinido e envolvido por escuridão noturna.

7. Só quatro elementos existiam lá. Aquele que brilhou no início é chamado de fogo terrestre. O fogo que resplandece no Sol é chamado de *Śuci* (celestial).

8. Eu mencionarei agora as características do fogo chamado *Vaidyuta* (atmosférico). Três fogos - Vaidyuta (raio), Jāthara (gástrico) e Saura (solar) nascem do útero das águas. Por essa razão por beber água o Sol brilha no céu com seus raios.

9. O fogo do raio que queima árvores não pode ser suprimido por água. Nem o fogo em estômagos humanos pode ser apagado por ela.

10. O fogo que existe no estômago é cheio de raios. Ele é um grande fogo. A luz difundida do Sol desprovida de calor é branca e se expande por todos os lugares.

11. Ela entra parcialmente (com sua quarta parte) no fogo à noite, quando o Sol se põe. Assim o fogo é visto brilhando de uma distância.

12. O calor do fogo permeia o Sol quando ele nasce novamente. Com um quarto do calor o fogo terrestre resplandece.

13. A luz e calor do Sol e fogo se desenvolvem dia e noite, graças a essa impregnação mútua.

14. No hemisfério norte ou sul, quando o Sol nasce, a noite entra na água. Por isso a água se torna cor de cobre durante o dia, por causa da entrada da noite.

15. Quando o Sol se põe novamente, o dia entra na água. Assim durante a noite a água brilha devido à entrada do dia.

16. Dessa maneira, nos hemisférios sul e norte, na hora do amanhecer e do pôr-do-sol, o dia e a noite entram nas águas.

17. Aquele que brilha no sol bebendo as águas através dos raios é o fogo celestial misturado com o terrestre.

18-**19**. O fogo celestial de mil raios é circular e da forma de um jarro. Com seus mil raios ele pega a água dos rios, oceanos, poços, terras de deserto, móveis, isto é, correntes, e estacionários. O Sol de forma dourada tem mil raios que exsudam chuva, estagnação e calor.

---

[1] Os arianos Védicos consideravam Agni (deus do fogo) como uma grande divindade e a ele foram dadas designações de acordo com suas funções. Os Purānas ampliaram a tradição e atribuíram funções cósmicas nos versos 5-18. Aquecer sendo o fator comum entre o Sol e o fogo, eles são identificados de certo modo. O crédito de criar estações através dos raios do Sol é dado ao deus do fogo também.

20. Quatrocentos daqueles raios que têm formas variadas derramam chuva. Os raios que geram chuva são chamados de Vandanās, Vandyās, Rtanās, Nūtanās e Amrtās.

21. Aparte desses, há trezentos raios que exsudam frio. Esses são chamados de Drśyās, Medhyās, Vāhyās e Hrādinis.

22-23. Esses são chamados de Candrās. Todos esses raios são de cor amarela.

Os raios que geram energia quente são Śuklās, Kakubhs, Gaus e Viśvabhrts. Eles também são trezentos. Todos eles são brancos. Com esses o Sol sustenta os seres humanos, Pitris e Devas igualmente.

24. Ele satisfaz os seres humanos por meio de ervas medicinais; os Pitris por meio de Svadhā; e os Devas por meio de néctar.

25. Durante a primavera e o verão ele brilha com os trezentos raios. Durante as chuvas e outono ele gera chuva por meio dos quatro(centos raios).

26. O Sol cria névoa e neblina por meio dos três (trezentos raios) durante o início e o final do inverno. Ele deposita energia nas ervas medicinais. Por meio de Svadhā ele propicia Pitris. Por meio de néctar de três variedades ele concede imortalidade.

27. Assim mil raios do Sol realizam o propósito dos mundos. Eles diferem de acordo com a estação por exsudarem água, frio e calor.

28. Desse modo a zona solar luminosa e cintilante é descrita. Ela é o suporte e fonte de origem das estrelas, planetas e da Lua. Todos esses, as estrelas, a Lua e os planetas, devem ser conhecidos como tendo se originado do Sol.

29. A Lua é o senhor das estrelas; o Sol é o rei dos planetas. Os cinco planetas restantes são conhecidos como Īśvaras que têm formas como eles querem.

30. É dito que o fogo é o Sol e (a fonte de) água é a Lua. Agora escutem a fonte de outros planetas como explicada em detalhes.

31. É dito que o comandante supremo do exército dos Devas, Skanda, é a origem de Añgāraka (Marte). Aqueles que têm conhecimento perfeito sabem que Nārāyana é a origem do Senhor Budha.

32. O próprio Senhor Rudra que é o arquétipo de Dharma, o filho de Vivasvat, no mundo, é a origem do grande planeta Saturno, o mais lento de todos os planetas. Ele é o mais excelente entre os brâmanes.

33. Os dois grandes planetas com raios brilhantes são Śukra (Vênus) e Brhaspati (Júpiter), os preceptores de Asuras e Devas. Eles são os filhos de Prajāpati.

34. Não há dúvida que o universo inteiro, todos os mundos incluindo Devas, Asuras e seres humanos, têm suas raízes no sol.

35. É o esplendor universal dele, ó brâmanes principais, que brilha como a refulgência de todos os habitantes do céu como Rudra, Indra, Vishnu e a Lua.

36. Ele é o Ātman de todos, o senhor de todos os mundos. Ele é a grande divindade primordial. Tudo se origina dele e imerge nele.

37. Ó brâmanes, a criação e dissolução dos mundos surgiram do Sol antigamente. O Universo é conhecido como um planeta. O Sol é o planeta mais excelente e refulgente.

38. Dele nascem muitas vezes, e se fundem nele depois da morte, todos os momentos, Muhūrtas, dias, noites, quinzenas, meses, estações, anos, grupos de cinco anos e Yugas.

39. O cálculo do tempo deles é impossível sem o Sol. Sem tempo não há escritura sagrada, nem iniciação, e nenhuma rotina diária.

40. Sem ele como as estações podem ser nomeadas e classificadas? Como os grãos e plantas podem crescer? Como podem existir ervas medicinais de boa qualidade?

41. Sem o Sol, o ladrão de água, aquele que chamusca o Universo, todos os negócios dos Devas aqui e no céu não podem prosseguir.

42. Ó brâmanes excelentes, somente ele é Kāla (Tempo) e fogo. Ele é o Prajāpati de doze almas. Ele ilumina os três mundos incluindo seres móveis e imóveis.

43. Somente ele é uma massa de esplendor. Ele é o mundo inteiro e benfeitor de todos os mundos. Recorrendo ao caminho mais elevado de Vāyu, ele ilumina esse Universo por meio de seu esplendor nos lados, acima e abaixo.

44. Sete entre os mil raios do Sol já mencionados por mim são os mais excelentes. Eles são as causas dos planetas.[2]

45. Eles são: Susumna, Harikeśa, Viśvakarman, Viśvaśravas, Sampadvasu, Arvāvasu e Svarāt.

46. O raio do Sol chamado Susumna desenvolve o declínio da Lua. É dito que ele exerce poder lateralmente e acima.

47. É dito que o raio Harikeśa é a causa primordial das estrelas. Ele se propaga para frente. Em direção ao sul o raio Visvakarman faz Budha.

48. O próximo raio chamado Viśvaśravas é a fonte de Śukra (Vênus). O raio Sampadvasu é a causa de Lohita (Marte).

49. O sexto raio Arvāvasu é a fonte de origem de Brhaspati (Júpiter). O raio Svarāt desenvolve Śanaiścara (Saturno).

50. Assim todos os planetas, estrelas e constelações vicejam pela energia do Sol. O Universo inteiro também prospera dessa maneira. A condição de *Naksatra* (isto é, o termo *Naksatra*) é assim chamada devido ao (fato que) eles não declinam.[3]

51. O Sol também é um Naksatra porque ele cai nas Ksetras (esferas) deles e então por meio de seus raios dele ele os leva para cima.

52. As constelações (*Tārakas*) são assim chamadas porque elas cruzaram (o oceano da existência) por meio de mérito, porque elas recorrem aos planetas ao fim de suas ações piedosas. Elas são chamadas de *Tārakas* porque elas habilitam outros a cruzarem (o oceano da existência) e porque elas são brilhantes.

53. O Sol é chamado de Aditya porque ele sempre remove (literalmente, tira) a escuridão da noite celeste e terrestre. Ele é grandioso por sua refulgência.

54. A raiz *\/su* significa 'pulsar' e 'exsudar.' Como ele difunde luz e exsuda água ele é chamado de '*Savitr*.'

55. A raiz *y/cad* que dá a palavra 'Candra' tem muitos significados: 'encantar', 'brilhar', 'agir como néctar' e 'ser frio.'

56-57. Os orbes divinos e cintilantes do Sol e da Lua estão no céu. Eles brilham como fogo ardente. Eles são auspiciosos e eles se assemelham a um jarro circular. O orbe da Lua é de água sólida e o orbe do Sol é de refulgência sólida.

58. Devas que recorrem às estrelas, ao Sol e aos planetas entram nesses locais em todos os Manvantaras.

59. Esses domicílios de Devas recebem os nomes deles. O Sol entra no domicílio *Saura*; a Lua entra no domicílio *Saumya*.

60. O valoroso Śukra (Vênus) de dezesseis raios entra na residência *Śaukra*. Brhaspati (Júpiter) entra na residência *Brhat*; Lohita (Marte) entra no domicílio *Lauhita*; Śanaiścara (Saturno) entra no domicílio *Śanaiścara*.

61. Os planetas são iluminados brilhantemente devido ao seu contato com os raios do Sol.[4] O diâmetro do Sol é nove mil yojanas.

62. A circunferência do Sol é três vezes seu diâmetro. A largura da Lua é duas vezes aquela do Sol.

63. Igual a eles, Svarbhānu (Rāhu) segue abaixo. O planeta Rāhu é criado em forma globular a partir da sombra da terra.

64-65. A residência escura de Svarbhānu é formada a partir da escuridão. Durante dias de lua cheia ele sai do Sol e vai para a Lua. Da Lua ele vai para o Sol

[2] Os versos 45-49 rastreiam a origem de planetas aos raios específicos do Sol.

[3] Nosso autor dá etimologias populares que não são convincentes nos vv. 51-55.

[4] Observação cientificamente correta mas o resto (vv. 62-102) é imaginário.

(durante os dias de lua nova) e novamente ele vai para a Lua. Ele dissipa (o brilho d)o céu com sua refulgência e é, portanto, chamado de Svarbhānu.

66. A magnitude do diâmetro e circunferência de Bhārgava (Vênus) é um décimo sexto daquela da Lua.

67. Brhaspati (Júpiter) é três quartos do planeta Vênus em tamanho. Kuja (Marte) e Saura (Saturno) são três quartos de Júpiter no tamanho. Budha (Mercúrio) é três quartos de cada um deles em largura e circunferência.

68. Corpos (celestes), e constelações vistas no céu são iguais a Mercúrio em largura e circunferência.

69-**70**. Alguém familiarizado com a realidade deve saber que as estrelas normalmente estão em conjunção com a Lua. As estrelas e constelações diferem umas das outras por quinhentos, quatrocentos, trezentos e duzentos yojanas também. As esferas das estrelas são menores que as primeiras. Não há estrela menor que aquelas com um yojana e meio.

71. Os três planetas Saturno, Marte e Júpiter, se movem muito acima dos outros planetas. Eles seguem lentamente e seus movimentos são tortuosos também.

72. Os quatro grandes planetas - o Sol, Lua, Mercúrio e Vênus, têm suas órbitas abaixo. Eles se movem rapidamente.

73. Há crores de constelações e a mesma quantidade de estrelas também. O caminho (órbita) das estrelas é bem organizado pelo controle de *Vithis*.

74. Na ordem de seu trânsito, o movimento do Sol é acima ou abaixo. Quando a Lua está na esfera norte durante Parvans, Budha e Svarbhānu ocupam suas próprias residências.

75. As estrelas ocupam suas próprias residências. Esses corpos luminosos são os domicílios de pessoas piedosas.

76. Os domicílios são criados pela Deidade autonascida no começo do Kalpa. Eles permanecem até a dissolução de todos os seres vivos.

77. Esses são os domicílios das divindades em todos os Manvantaras. Essas divindades se identificam com esses domicílios e permanecem até a dissolução final.

78. As residências daqueles que se foram desapareceram. As residências dos Devas e Asuras futuros serão criadas junto com eles. Os grupos atuais de Devas permanecem naquelas residências.

79. Nesse Manvantara, os planetas residem em carros aéreos. No Vaivasvata Manvantara o Sol nasce de Aditi e é chamado de Vivasvat.

80. Tvisimat, o filho de Dharma, conhecido como Vasu é o senhor Lua. O senhor Śukra, rei de Asuras, é conhecido como Bhārgava (Vênus).

81. O senhor Brhaspati excessivamente refulgente, filho de Añgiras, é o preceptor dos Devas. Budha é encantador e é conhecido como o filho de Tvisi.

82. Agni nasceu alternativamente como o senhor jovem de Lohita (Marte). As filhas de Daksa se dirigem às estrelas e constelações.

83. Svarbhānu é o filho de Sirhhikā, que, sendo um demônio, atormenta todas as criaturas vivas. Assim as divindades que se identificam com a Lua, o Sol, planetas e estrelas foram descritas.

84. Assim os domicílios e suas divindades residentes são mencionados. O domicílio do Sol de mil raios é cheio de fogo e reluzente.

85. O domicílio da Lua de mil raios é cheio de água e branco cintilante. O domicílio do planeta Budha encantador de cinco raios é de cor escura.

86. O domicílio de Vênus de dezesseis raios é cheio de água. O domicílio de Marte de nove raios é cheio de água e de cor vermelha.

87. O domicílio de Brhaspati de doze raios é grande e verde. Ele é cheio de água. O domicílio de Saturno de raios de luz é de cor escura. Ele é cheio de água.

88. O domicílio de Svarbhānu é escuro. Esse é o domicílio que atormenta todos os seres vivos. As constelações são de raio único e cheias de água.

89. Elas são as residências de pessoas de fama piedosa. Elas são luminosas e brancas em cor. Elas são da natureza de água sólida. Elas são criadas no princípio do Kalpa de acordo com os Vedas.

90-91. Por causa de sua elevação, o Sol é visto rapidamente por seus raios brilhantes. O Sol posicionado no *Nāgavithi*, o caminho do trânsito sul, é cercado pela linha da Terra durante os dias de lua cheia e de lua nova. Ele não é visto na hora usual e ele se põe cedo.

92. Por isso, a Lua posicionada no caminho do norte não é vista invariavelmente durante o dia de lua nova no caminho do sul.

93. Em virtude do movimento dos corpos luminosos, o Sol e a Lua nascem e se põem ao mesmo tempo durante o equinócio.

94. Nos caminhos do norte, eles nascem e se põem em momentos diferentes. Durante os dias de lua nova e de lua cheia eles seguem o ciclo dos corpos luminosos.

95. Quando o Sol está posicionado no caminho do sul, ele se move abaixo dos planetas.

96. Fazendo seu orbe extenso, a Lua atravessa a órbita sobre (o Sol). Toda a multidão de estrelas se move acima da Lua.

97. Mercúrio está acima das estrelas; Júpiter está acima de Mercúrio; Saturno está acima de Júpiter; e mais acima ainda é a zona dos Sete Sábios (Ursa Maior). Dhruva (a Estrela Polar) está acima dos Sete Sábios.

98. As distâncias intermediárias entre as estrelas e os planetas estão além de duzentos mil yojanas e variam em casos individuais (texto obscuro).

99. Os planetas, o Sol e a Lua entram em contato com as estrelas todos os dias no céu por meio de seu esplendor divino e eles também se separam na ordem devida.

100. O Sol, estrelas e os planetas podem estar abaixo ou acima ou no meio. Quando eles se juntam ou se separam uns dos outros, as pessoas os vêem simultaneamente.

101. Eles ficam em justaposição uns com os outros entrando em contato mútuo. Mas a comunhão deles é livre de mistura.

102-103. Assim eu descrevi para vocês a posição dos corpos luminosos sobre a terra e aquela também dos continentes, oceanos, montanhas, subcontinentes e rios onde eles estão situados[5]. Esses mesmos planetas se originaram antigamente das estrelas.

104. Vivasvān, o filho de Aditi, o primeiro entre os planetas, isto é, o deus-sol, nasceu sob a constelação Viśākhā no Cāksusa Manvantara.

105. O deus-lua brilhante Viśvāvasu, o filho de Dharma, o fazedor de noites de raios frios, nasceu sob (a constelação) Krttikā.

106. Depois do Sol, Śukra (Vênus), filho de Bhrgu, dotado de dezesseis raios, que está próximo ao Sol é o mais excelente entre constelações e planetas. Ele é nascido na constelação Tisya (Pusya).

107. O planeta Brhaspati (Júpiter) de doze chamas ígneas, que é o filho de Añgiras e é o preceptor do universo é nascido sob a constelação Phālgunī (Pūrvā Phālgunī no *Brahmānda Purāna*).

108. É informado que o planeta de corpo vermelho (Marte), de nove raios, filho de Prajāpati, nasce sob a constelação Pūrvāsādhā.

109. O planeta de sete raios, Saturno, filho do Sol, nasce sob a constelação Revatī. Os planetas que atormentam o Sol e a Lua nascem sob a constelação Rohinī.

110. Essas estrelas e planetas começando com Śukra (Vênus) devem ser compreendidos (corretamente) porque eles obtêm propensões más quando a constelação de natividade é afligida. Eles são afetados por aquele defeito (e são resgatados) devido à devoção aos planetas.

---

[5] O *Brahmānda Purāna* lê: 'Aqueles que residem neles.'

111. Aditya (o Sol) é chamado de o primeiro entre esses planetas. Entre os planetas estelares Śukra é o primeiro. Entre os cometas (Ketu) é o primeiro.

112. Dhruva (a Estrela Polar) é o pivô giratório entre os planetas divididos nos quatro quadrantes. Entre as estrelas, Śravisthā (Dhanisthā) é a mais excelente; entre os *Ayanas* (trânsitos) o Uttarāyana (trânsito do norte) é o mais excelente.

113. Entre os cinco anos o primeiro [ou o principal] é Samvatsara; entre as estações Śiśira (final do inverno) é a primeira; entre os meses Māgha é o primeiro.[6]

114. Entre as quinzenas a metade clara é excelente; entre os *Tithis* (dias da quinzena lunar) *Pratipat* (é o primeiro). O dia é glorificado como a primeira das divisões de dias, noites, etc.

115. Entre os Muhūrtas, o primeiro é excelente. Ele tem Rudra como sua deidade. *Nimesa* (o tempo levado no piscar de olhos) é excelente entre as unidades de tempo. Assim é a opinião daqueles que conhecem o Tempo.

116. Começando com Śravisthā (Dhanisthā) e terminando com Śravana haverá o Yuga de cinco anos. Como resultado da rotação do Sol, ele gira como uma roda.

117. Por isso o Sol é lembrado como Kāla (Tempo). Saibam que ele é o Iśvara (Senhor), o ativador dos quatro tipos de seres vivos e o destruidor deles também.

118. Desse modo, esse é o arranjo regulado dos corpos luminosos como uma característica decisiva dos negócios do mundo. Ele é desenvolvido pelo Senhor para o funcionamento regular do mundo.

119. Ele é nascido de Śravana e consolidado em Dhruva. Ele se estende por todos os lados na forma de um círculo.

120. Isto foi falado (ordenado) assim inteligentemente no princípio do Kalpa pelo Senhor. Ele é o sustentador e o *Abhimānin* (o identificador) com tudo. Ele é a Alma dos corpos luminosos. Ele é a forma cósmica, uma transformação fenomenal de Pradhāna.

121. O movimento dos corpos luminosos entre seres humanos não pode ser observado precisamente pelo olho físico, nem ele pode ser narrado exatamente por alguém.

122. Por meio de escrituras, inferência, percepção e raciocínio, depois de escrutinar inteligentemente e cuidadosamente, um homem instruído deve nutrir fé suficiente nisso.

123. Ó excelentes entre seres inteligentes, essas cinco funções são os meios para averiguar as verdadeiras posições dos corpos luminosos, isto é, a visão, escrituras, água, documentos escritos, e cálculos matemáticos.

[6] Magha é considerado como o primeiro mês do ano (provavelmente devido ao Vasanta Sampata [Equinócio de Primavera] nele).

Capítulo 54: Hino a Nilakantha

Os sábios disseram:

1. Ó sábio excessivamente refulgente, em qual terra esse incidente sagrado e excelente aconteceu em relação às pessoas progredindo em Brahman? Em qual época? Narre isso exatamente do modo como aconteceu.

Sūta disse:

2-3. Ó brâmanes excelentes de ritos puros, eu narrarei o que foi ouvido por mim antes, quando isso estava sendo narrado por Vāyu, a própria respiração do Universo, no sacrifício de mil anos de duração. Isso se refere a como a garganta de Śiva, o senhor dos Devas, obteve tonalidade azul.[1]

4-5. No norte do rei das montanhas, Himavat, há lagos, rios e redemoinhos onde em parques sagrados, centros santos, templos, picos altos de montanhas, cavernas e jardins, sábios nobres de ritos puros e devoção louvam o grande Senhor de modo adequado.

6. Por meio de Mantras Rik, Yajus e Sāman, danças, canções e adorações, por Omkāra e reverência eles sempre adoram Śiva.

7-9 Os corpos luminosos (celestiais) tinham surgido. O Sol tinha alcançado o meio do céu, os sábios que tinham estado realizando ritos sagrados e discutindo a história sagrada estavam tão exaustos a ponto de sentirem que a vida apenas se agarrava a eles. Então Vāyu disse, "Reverência ao de pescoço azul!" Ao ouvirem isso, os oitenta e oito mil sábios de sexualidade sublimada, que eram conhecidos como Vālakhilyas, cujas almas tinham sido purificadas e que tinham realizado ritos sagrados, que eram devotos constantes do Sol e cuja dieta era limitada a vento, folhas e água, questionaram o deus do vento:

Os sábios disseram:

10-11. "Ó excelente Vāyu, o que foi proferido por você como Nīlakantha é um grande segredo. Essa é a mais sagrada de todas as coisas sagradas. Ó mais excelente entre as pessoas piedosas, ó deus do vento, nós desejamos ouvir a respeito disso por seu favor, o que fez a garganta do senhor de Ambikā azul?

12. Nós desejamos ouvir isso especialmente da sua boca. Tudo o que é proferido por você, todas as palavras que saem da sua boca são cheias de significados.

13. Quando o ar toca o lugar próprio de articulação, então a atividade da fala começa. Conhecimento no início e desejo depois são ativados a partir de você, ó Vāyu.

14. Se você estiver imóvel, as funções de som cessam. Onde a fala cessou, o sustento do corpo fica difícil.

15. Até lá há sua excelência, ó Vāyu, você é todo-penetrante. Ó deus do vento, não há nenhum deus diferente de você que seja todo-difundido.

16. Ó Vāyu, esse mundo de seres vivos é diretamente visível para você de todos os lugares. Você conhece o senhor da fala, Īśvara, o líder (controlador) da mente.

17. Conte-nos, como a deformidade do pescoço de Śiva foi provocada?"

Ao ouvir as palavras dos sábios de almas piedosas, Vāyu, que possuía grande brilho e era honrado pelo inteiro mundo, respondeu a eles:

Vāyu disse:

---

[1] Essa história popular quanto a como a garganta de Śiva ficou azul devido a ele beber o veneno mortal Kalakuta aparece no *Mahābhārata* (Adi, cap. 18, [pág. 67, no último parágrado]) e outros Purānas. O texto desse capítulo a partir do v. 10 corresponde ao *Brahmānda Purāna* 1, sec. 2, cap. 25, v. 6 e seguintes.

18. Antigamente, no Krtayuga, havia um brâmane Vasistha. Ele era um filho mental de Brahma. Ele era uma alma virtuosa interessada (perito) em determinar o (significado dos) Vedas.

19-21. Ele questionou Kārttikeya cujo veículo excelente era o pavão e que roubou colírio dos olhos das mulheres de Mahisa (isto é, as tornou viúvas por matar Mahisāsura), uma grande alma. A voz dele se assemelhava ao som do trovejante das nuvens. Ele assumiu o disfarce de um menino para alegrar a mente de Umā. Ele tinha matado Krauñca e deleitou o coração de Pārvatī. Vasishtha questionou devotamente Kārttikeya de grande poder:

Vasishtha disse:

22. "Reverências a você, ó filho de Hara; saudações a você, ó nascido do útero de Umā; saudações a você, ó nascido do útero de Agni. Reverências a você, ó nascido do útero de Gañgā.

23. Reverências a você, ó nascido de Sara (bosque). Reverências a você, ó filho de Krttikās; saudações a você, ó senhor de doze olhos; reverências a você, ó deus de seis faces.

24. Reverências a você, que tem Śakti em sua mão, e um sino ou um mastro de bandeira divino." Depois de elogiar Mahāsena ele questionou o senhor de veículo de pavão dessa maneira:

25. "O que é essa cor auspiciosa tão brilhante quanto colírio, na garganta do Senhor Śiva, que é tão resplandecente quanto a flor Kunda ou a Lua? Como isso aconteceu?

26. Por favor narre isso para mim que sou um devoto fiel com autocontrole. Eu lhe peço, ó abençoado. Cabe a você narrar a história auspiciosa sagrada que suprime pecados, para meu prazer."

27. Ao ouvir as palavras de Vasishtha de alma nobre, Kārttikeya, o senhor de grande esplendor, o destruidor dos exércitos dos inimigos dos Suras, respondeu:

28. "Escute as palavras como narradas por mim, ó excelente entre as pessoas eloquentes. (Eu estou repetindo) o que foi ouvido antigamente por mim quando eu sentei no colo de Umā.

29. Ó grande sábio, este é o diálogo entre o grande Atman Śiva e Pārvatī. Eu o narrarei para você (para seu deleite).

30-43. No belo pico de Kailāsa o Senhor Śiva, que tinha destruído Madana (deus do amor), estava sentado confortavelmente em uma encantadora placa rochosa dourada embelezada com pérolas, jóias e pedras preciosas. O cume da montanha parecia maravilhoso com minerais de diversas cores. Ele era coberto com muitas árvores e trepadeiras. Ele era embelezado pelos pássaros Cakravāka. Ele era ressonante com o zumbido das abelhas e o som contínuo de cachoeiras. O interior das cavernas ecoava com os sons de pássaros Krauñca inebriados e pavões. O pico era cheio de Apsaras, Kinnaras e pássaros Jīvañjivaka. Ele era enfeitado por trepadeiras byjāti. Ele era tornado agradável com os arrulhos de cucos. Ele era frequentado por Siddhas e Cāranas. O som da vaca celestial Saurabheyī se espalhava por todos os lugares. O lugar abaixo era ressonante com os sons ribombantes de nuvens. As cavernas eram cheias dos barridos dos elefantes amedrontados ao verem Vināyaka. (Ele estava cheio) com os sons de instrumentos musicais como Vīnā (alaúde) e outros, fascinantes para os ouvidos. Ele era frequentado pelos grupos de damas que balançavam em *Hindolas* (balanços). Ele estava ecoando (com) o som tilintante de sinos ajustados ao mastro de bandeira. (Ele estava cheio de sons) com instrumentos musicais (de sopro) e tambores e a batida (de braços) por pessoas poderosas. Os sons enchiam todas as casas lá. Em alguns lugares os criados de Mahādeva estavam rindo ruidosamente. As faces deles eram medonhas e terríveis. Diferentes odores irradiavam de seus corpos. Eles se divertiam em volta aqui e ali nos degraus que levam ao lugar incrustado com pedras preciosas, cristal e diamantes. O Senhor dos Bhūtas estava cercado por seus criados cujas faces pareciam aquelas de tigres, leões, elefantes, cavalos, gatos e raposas ferozes. Alguns eram baixos, alguns

altos, alguns magros, alguns robustos; alguns tinham barrigas salientes; alguns tinham barriga grande. As panturrilhas de alguns eram curtas; os lábios de alguns pendiam soltos; as panturrilhas de outros eram tão grandes quanto a palmeira; as orelhas de alguns eram como aquelas de uma vaca; alguns tinham uma única orelha; alguns tinham orelhas longas; alguns não tinham orelha absolutamente. Alguns tinham muitas pernas. Alguns tinham pernas grandes. Alguns tinham só um único pé. Alguns não tinham nenhum pé. Alguns tinham muitas cabeças. Alguns tinham cabeças enormes. Alguns tinham uma única cabeça. Alguns não tinham cabeça em absoluto. Alguns tinham muitos olhos. Alguns tinham olhos grandes. Alguns tinham um único olho. Alguns não tinham nenhum olho. O Senhor estava cercado por grandes Yogins como seus criados. A filha do Senhor das montanhas falou desse modo para o Deus:

A Deusa disse:

44-45. "Ó Deus, senhor das criações passadas e futuras, ó de emblema de touro, ó Mahādeva, há algo que parece uma nuvem escura brilhando em sua garganta. Ele não é muito luminoso nem muito claro. Ele se assemelha à pilha de colírio azul. Ó destruidor do corpo de Kama, ó senhor, o que é isso que resplandece em sua garganta?

46. Qual é a causa dessa cor azul? Qual é a razão para a tonalidade azul de sua garganta, ó senhor? Por favor conte-me isso propriamente. Eu estou interessada nisso."

47. Ao ouvir essas palavras de Pārvatī, Śiva, o consorte de Pārvatī, narrou a história auspiciosa.

48. "Antigamente, quando o oceano de leite estava sendo agitado para extrair Amrta, por Devas e Dānavas, o veneno tão lustroso quanto o fogo mortal ergueu-se na frente.

49. Ó dama de rosto esplêndido, ao verem isso os grupos de Devas e Daityas ficaram pálidos e abatidos. Eles se aproximaram do deus Brahma.

50. Ao ver os grupos de Devas amedrontados, Brahma de brilho excessivo falou: "Ó abençoados, por que vocês estão apavorados? Por que vocês estão abatidos mentalmente?

51. Ó deuses excelentes! Aiśvarya (domínio e prosperidade) óctuplo foi concedido a vocês por mim. Por quem vocês foram privados daquele Aiśvarya?

52. Vocês são os senhores dos três mundos. Vocês são livres de doenças e preocupações. Entre as minhas criações não há alguém que ouse desconsiderar minhas ordens.

53. Vocês se movem em carruagens aéreas como vocês querem. Vocês são capazes de ativar as pessoas em ritos espirituais, físicos e religiosos e de conceder os resultados disso.

54. Por isso, porque vocês estão apavorados como o cervo atormentado por leões? Qual é sua aflição? Por que seu desamparo e angústia? Qual é a fonte de seu medo? Contem tudo isso precisamente e imediatamente."

55. Ao ouvir as palavras de Brahma, o grande Atman, o líder dos Devas, Daityas e Dānavas falou assim na companhia de sábios:

56. "Quando o oceano estava sendo agitado pelos nobres Devas e Asuras, o veneno que se assemelha a serpentes, abelhas e nuvens azuis apareceu diante de nós. Ele era terrível e brilhante como o fogo na dissolução do Universo.

57. Ele ergueu-se como a Morte Tenebrosa; ele tem o esplendor do sol no fim de Yugas; ele tem a refulgência do sol prestes a destruir os três mundos; ele lampeja por todos os lados.

58. Vishnu cuja cor era formosa e avermelhada foi queimado pelo veneno que sobe com brilho de fogo preto. Ele tornou-se preto (em cor).

59. Ao vermos Janārdana de cor vermelha esbranquiçada tornado preto, todos nós ficamos amedrontados. Nós buscamos amparo em você."

60. Ao ouvir as palavras dos Devas e Asuras, (Brahma) de grande esplendor respondeu, desejando o bem-estar dos mundos:

61-**62**. "Ó Devas, sábios e santos, escutem todos vocês. O veneno, que parece fogo preto, que subiu quando o grande oceano estava sendo batido é conhecido como Kālakūta. Logo que ele subiu (Vishnu) foi tornado preto.

63. Nem Vishnu nem eu nem os Devas principais podemos suportar o ímpeto daquele veneno, exceto Śiva."

64. Depois de dizer isso, Brahma nascido no loto, avô dos mundos, o deus que tem o brilho do interior do loto e que não nasce de um útero, começou a rezar:

65. "Ó Virūpāksa, reverências a você de muitos olhos, que empunha o arco Pināka e raio nas mãos.[2]

66. Reverências a você, Senhor dos três mundos. Saudações a você, Senhor dos seres vivos, o destruidor de Asuras, o sábio de três olhos.

67. Reverências a você que é Brahma, Rudra e Vishnu. Reverências a você (o deus de) Sāmkhya e Yoga e (a você) que é o agregado de *Bhūtas*.

68. Reverências a você, o destruidor d(o corpo) de Kama, o matador de Kāla. Saudações a você, Rudra, o Deus e senhor de Devas.

69. (Reverências a você) com cabelo emaranhado, terrível (contudo) propício, portador de um crânio, o multiforme (contudo) de uma única forma Śiva, o concessor de bênçãos.

70. Reverências a você, o destruidor de Tripuras, o senhor das mães e digno de respeito. Reverências a você o iluminado, puro, liberto e absoluto.

71. Reverências a você, o senhor que segura loto na mão, o trajado em quadrante, o senhor com topete, o fazedor de três mundos. Reverências a Candra e Varuna.

72. Reverências a você, o mais notável dos ferozes, o sábio, de muitos olhos, possuidor de Rajas, Sattva e Tamas e ao de fonte de origem imanifesta.

73. Reverências ao eterno, não eterno, e eterno com não eterno; ao manifesto, imanifesto e manifesto com imanifesto.

74. Reverências ao compreensível, incompreensível e compreensível com incompreensível, ao Deus que suprime a angústia de devotos. Reverências a você que é Nara-Nārāyana.[3]

75. Reverências a você o amante de Umā, reverências a Śarva; reverências a você, o deus marcado por Nandicakra; reverências a você que é quinzena, mês e meio mês; reverências a você que é *Samvatsara*.

76. Saudações a você, o deus multiforme, de cabeça raspada, portador do bastão, de armadura. Reverências ao deus portador de uma caveira, vestido em quadrante (nu), portador de topete.

77. Reverências a você com mastro de bandeira e carruagem. Reverências a você o autocontrolado e celibatário. Reverências a você que é Rik, Yajus e Sāman. Reverências a você, ó deus, de atividades tais como essas."

Srī Mahādeva disse:

78. Assim eu fui louvado por Devas que se curvaram a mim, ó senhora de face esplêndida.

79. [Brahma falou:] "Ao perceber minha devoção, o senhor dos Devas cujo cabelo e madeixas são inundados com água do Gañgā ainda permanece sutil. Graças ao poder yóguico insuperável, ele é inconcebível. Ele permanece invisível como a lua que foi escondida (pelas nuvens). "

80. Desse modo eu fui louvado pelo senhor Brahma, o criador do Universo, por meio de diversos hinos tirados dos Vedas e Vedangas.

81. Então eu fiquei muito satisfeito com Brahma, o grande e nobre Atman. Depois disso eu falei com ele em palavras sutis.

---

[2] Esse louvor é praticamente uma série de nomes ou adjetivos. Śiva é igualado a Parabrahman e o encômio mais elevado é oferecido a ele. Nós encontramos Śiva glorificado dessa maneira no Taittiriya Samhitā IV. 5 (Rudradhyaya). Ele pode ser afirmado como uma fonte de *Sahasra-namas* purânicos.

[3] Os Purānas tentam sintetizar Vaisnavismo e Saivismo identificando Śiva com Vishnu.

82. "Ó deus, senhor do passado e futuro, senhor dos mundos, senhor do Universo, ó Brahma de ritos bons, o que eu farei por você?"

83. Ao ouvir minhas palavras, Brahma de olhos de loto respondeu: Ó Īśvara, ó senhor do passado, presente e futuro, que isso seja ouvido.

84-85. Ó senhor de olhos de loto, quando o oceano estava sendo agitado por Devas e Asuras, o veneno terrível, parecendo uma nuvem, brilhando como uma nuvem azul, tendo o esplendor do fogo Samvarta, refulgente como o sol no fim dos Yugas, apareceu à frente como a Morte Tenebrosa.

86. Ele tem o brilho do sol capaz de destruir os três mundos. Ele reluz por todos os lados. O veneno que tem o brilho do fogo mortal ergueu-se à frente.

87. Ao vê-lo nós estamos muito amedrontados e agitados. Ó Mahādeva, desejando o bem-estar dos mundos, que você o beba por favor. Ó Senhor, você é o desfrutador do mais esplêndido, você é o senhor excelente.

88. Ó Mahādeva, exceto você, não há ninguém para suportar o veneno. Nenhuma outra pessoa é cantada (= glorificada) como capaz disso, nos três mundos".

89-90. Ao ouvir essas palavras de Brahma, ó senhora de face esplêndida, eu concordei e disse "Assim seja". Então eu comecei a beber o veneno que parecia a morte. Como eu bebi o veneno terrível que amedronta até mesmo os deuses, ó dama de aparência excelente, minha garganta ficou preta imediatamente.

91-92. Ao ver o veneno que tinha o brilho da pétala do loto azul e que tinha aparecido como o rei das Serpentes, Taksaka, erguendo-se até minha garganta e botando suas línguas para fora, Brahma, o avô dos mundos, o possuidor de esplendor excessivo, falou: "Ó Mahādeva, de ritos bons, realmente você brilha devido a essa garganta."

93-94. Ó filha da montanha excelente, ao ouvir as palavras dele, mesmo enquanto os Devas e Daityas que estavam assistindo junto com Yaksas, Gandharvas, Bhūtas, Piśācas, Nāgas e Rāksasas, ó dama de rosto gracioso, o veneno terrível foi contido na garganta. Por essa razão eu fiquei famoso como Nīlakantha (de garganta azul).

95. Ó filha do rei das montanhas, ao verem o Kālakūta, aquele veneno de potência ardente, sendo retido por mim na garganta, os Devas e Daityas ficaram maravilhados.

96. Então, ó senhora formosa com o modo de andar do elefante inebriado, todos os Devas e Daityas, Nāgas e Rāksasas falaram desse modo com palmas unidas em reverência:

97. "Extraordinária é sua força, coragem e valor. Oh, maravilhosa é a força de seu Yoga. Ó senhor de Devas, estupendo é seu domínio, ó senhor cujo cabelo desgrenhado é inundado com a água do Gañgā.

98. Somente você é Vishnu, Brahma de quatro faces e Yama, o deus da morte; só você é o concessor de bênçãos; só você é o sol, a lua, a terra e a água.

99. Só você é sacrifício, os ritos e observâncias; só você é o passado e futuro. Só você é a origem e fim; só você é Purusa grosseiro e sutil.

100. Só você é o mais sutil dos sutis; só você é o fogo e o vento; só você é o criador, protetor e aniquilador do mundo, móvel e imóvel."

101. Depois de dizerem essas palavras e curvarem suas cabeças, os Devas principais, as almas nobres, foram para Meru em suas carruagens aéreas.

102. Assim o maior dos segredos, a mais santa das coisas santas, a história do que é famoso como Nīlakantha foi narrada para você.

103. Essa história foi narrada pela divindade autonascida. Essa é a história sagrada que suprime pecados. Eu mencionarei agora o resultado que advém para aquele indivíduo que conserva na memória essa história narrada por Brahma.

104. Ó senhora formosa de quadris excelentes, ao alcançar o corpo dele, o veneno de coisas móveis e imóveis torna-se ineficaz imediatamente.

105. Ela suprime inauspiciosidade e remove (o efeito de) sonhos ruins. O indivíduo obtém o amor de mulheres e liderança em assembléia real.

106. Em disputas ele se torna vitorioso; na batalha ele obtém heroísmo; em expedição ele obtém bem-estar; ele tem riquezas perpétuas em sua casa.

107-109. Eu contarei sua meta na dissolução de seu corpo, ó dama de rosto excelente. Ele se torna de garganta azul, de bigode verde, e coroado de lua; ele obtém três olhos; ele segura o tridente em sua mão, e tem o touro como seu veículo; ele segura o arco Pināka[4]; ele fica tão forte quanto Nandin, com atos tão gloriosos quanto as façanhas de Nandin. Por minha ordem ele vaga sobre todos os mundos; o movimento dele é desimpedido como aquele do vento. Ele ganha minha força e vive como tal até a dissolução final do mundo.

110. Ó senhora bela, eu mencionarei agora a meta aqui e na outra vida daquelas pessoas que são meus devotos e que ouvem essa história.

111. Um brâmane assegura (obtém domínio sobre) Vedas; um ksatriya conquista a terra; um vaisya deriva lucro; e um śūdra obtém felicidade.

112. Um homem doente é livrado de doenças; um homem em escravidão obtém libertação; uma mulher grávida obtém um filho; e uma virgem obtém um bom marido. Cada um recupera tudo o que ele perde nesse mundo como no outro.

113. Ao ouvir essa história divina do Senhor, alguém obtém o mesmo resultado que é obtido quando cem mil vacas são doadas adequadamente.

114. Aquele que decora um verso ou a metade disso, um quarto de um verso ou até mesmo a metade disso, alcança o Loka de Rudra.

115. Depois de narrar essa história de resultados piedosos para a Deusa, o Deus com a lua embelezando seu topete, o Senhor amado de Guha, foi junto com Uma para a caverna de Kiskindha sentado em seu touro.

116. Depois de contar essa história de grande extensão que suprime pecados, Vāyu foi embora. Depois de estudar tudo, os brâmanes excelentes foram para o caminho auspicioso de Āditya.

---

4 Esse tipo de libertação é chamado de *Sārūpya*, 'Similaridade de aparência.'

Capítulo 55: Hino ao Liñga de Śiva[1]

Os sábios perguntaram:

1. Ó eloquente, quem é o maior com respeito a atributos, atividades e poder? Nós desejamos ouvir claramente a descrição das qualidades boas e extraordinárias dele em detalhes.

Sūta disse:

2. Em relação a isso eles citam esse episódio antigo sobre a grandeza e onipotência do grande Atman, Mahādeva.

3. Antigamente isso foi narrado por Vishnu quando ele tinha conquistado os três mundos depois de amarrar Bali. O deus de grande bravura se tornou o senhor dos três mundos antigamente.

4-6. Quando os Daityas foram destruídos, quando o Senhor de Śacī estava deleitado, todos os Devas incluindo Indra foram ver o Deus. Eles se aproximaram do oceano de leite onde Vishnu, o Atman de forma cósmica, permanecia. Depois de se aproximarem do Purusa de alma nobre, Vishnu, todos os Siddhas, brâmanes, Yaksas, Gandharvas, Apsaras, Nāgas, sábios celestiais, rios e montanhas o louvaram.

7. "Ó Senhor, você é o criador e sustentador dos mundos. Por sua graça os três mundos obtêm prosperidade imperecível. Os Asuras foram conquistados e Bali foi amarrado por você."

8. Ao ser assim endereçado por Devas, Siddhas e os sábios, Vishnu, o excelente dos Purusas, respondeu a eles.

9-10. "Que isso seja ouvido, ó Devas excelentes, eu mencionarei a causa; a realização ocorreu no próprio início, somente graças à benevolência daquele Deus que é o criador de todos os seres vivos, que é Tempo (Kāla), o criador do Tempo, e por quem os mundos foram criados junto com Brahma por meio de seu poder Māyā.

11. Antigamente, quando os três mundos estavam mergulhados em escuridão imanifesta e quando os seres vivos tinham sido retidos dentro da minha barriga, eu me deitei.

12. Assumindo a forma do deus de mil cabeças, de mil olhos, e de mil pernas, segurando a concha, disco e maça nas mãos, eu me deitei na vastidão pura de águas.

13-14. Nesse meio tempo, de longe eu avistei uma pessoa de esplendor imensurável que resplandecia com seu brilho se assemelhando a cem sóis. A pessoa, dotada de grande poder yóguico, tinha quatro faces e era de brilho (cor) dourado. Ele usava uma camurça e estava embelezado com um cântaro (*Kamandalu*). Dentro de um momento aquela pessoa excelente se aproximou.

15-16. Então ele que era Brahma, que era reverenciado pelos mundos, falou comigo: "Ó senhor, quem é você? De onde você vem? Por que você fica aqui? Diga-me. Eu sou o criador dos mundos. Eu sou nascido por mim mesmo. Eu tenho faces em todos os lados." Abordado desse modo por Brahma, eu falei a ele.

17. "Eu sou o criador e destruidor dos mundos repetidas vezes." Enquanto nós estávamos falando assim com o desejo de dominar um ao outro, uma chama bem estabelecida foi vista no lado norte.

18. Ao vermos aquela chama nós dois ficamos surpresos. Por causa daquele esplendor todas as águas brilharam.

[1] Rudra e Agni (deus do fogo) eram identificados nos tempos Védicos. A adoração do Liñga não é adoração do Falo, mas a transformação purânica do culto ao fogo védico. A origem de ou manifestação do Liñga de Śiva é contada em diferentes Purānas, por exemplo *Liñga* 17; *Kurma* P. 1, cap. 26, v. 58 e seguintes e 2, cap. 38; *Brahmānda P*. 1.2. 26.

19. Quando aquela chama excessivamente surpreendente e misteriosa começou a aumentar de tamanho, Brahma e eu nos apressamos em direção àquela chama.

20-22. A coluna volumosa de chama se encontrava tocando céu e terra. No meio dela nós vimos o Liñga imanifesto de brilho excessivo[2], altamente iluminado e do tamanho de *Pradeśa* (a distância entre o dedo polegar e o dedo mindinho). O Liñga brilhava no meio. Ele não era feito de ouro nem de prata nem de pedra. Ele não podia ser especificado. Ele era inconcebível. Às vezes ele era perceptível e às vezes imperceptível. Ele tinha grande esplendor e era muito terrível. Ele aumentou excessivamente de tamanho naquele momento. Ele parecia extenso por causa das séries de chamas e parecia fenomenal (para todos os seres).

23. Quem pode alcançar os limites desse Liñga de aspecto terrível, a causa de Mantra (Vedas), o qual estava perfurando o céu e a terra?

24. Então Brahma me falou, "Você vá para baixo cautelosamente. Vamos conhecer os limites desse Liñga, o grande Ātman.

25. Eu subirei até onde o limite for alcançado". Assim nós chegamos a um acordo e fomos para cima e para baixo.

26. Eu fui para baixo por mil anos. Mas eu não vi o limite. Indubitavelmente eu fiquei amedrontado.

27. Semelhantemente Brahma também estava exausto. Ele não pôde ver o limite. Lá mesmo naquela grande extensão de água, Brahma me encontrou novamente.

28. Nós dois estávamos surpresos. Nós fomos iludidos pelo Māyā daquele grande Ātman. Nós permanecemos lá (como se) nós tivéssemos perdido nossa consciência.

29. Nós nos curvamos ao Deus ocupado em meditação - o Deus que é a fonte de origem e a causa (de destruição) de todos os mundos.

30. Com palmas unidas em reverência Brahma (e eu) prestamos reverência ao portador do tridente Śarva (Śiva), o imanifesto, o deus poderoso de rugido terrível e uma forma assustadora tendo presas curvas.

31. "Ó senhor dos mundos e Devas, reverências a você. Ó grande senhor de Bhūtas, reverências a você. Saudações a você, ó externo, a causa da origem dos Siddhas. Ó senhor, o suporte do universo, reverências a você.

32. Você é o grande Brahman, o Deus Supremo e o imperecível. Você é a grande região e o excelente Vāmadeva. Você é o Deus Rudra, Śiva e Skanda.

33. Você é Yajña (Sacrifício), Vasatkāra, Omkāra, a grande meta. Você é Svāhākāra e Namaskāra. Você é o purificador de todos os ritos sagrados.

34. Só você é Svadhākāra. Você é o Mantra para repetição. Você é os ritos sagrados, observâncias, os Vedas, os mundos e todos os Devas.

35. Você é o som (a qualidade) de Akāśa; você é a fonte eterna de seres vivos. Você é o atributo de cheiro na terra, de gosto nas águas e de cor no fogo, ó Maheśvara.

36. Você é o atributo de toque em vayu. Você é o senhor Lua na forma incorporada. Você é o conhecimento perfeito em Budha. Ó senhor de Devas, você é a semente na Prakrti.

37. Ó senhor, você é o criador de seres vivos. Você é Kāla, Mrtyu, Yama, o destruidor. Você sustenta os três mundos. Só você os cria.

38. Por meio de sua face leste, você manifesta a condição de Indra. Ó senhor, por meio de sua face sul você aniquila os mundos (como Yama).

39. Por meio da face oeste você exibe sua condição de Varuna. Sua condição de Lua é estabelecida por meio de sua face norte.

---

[2] A igualdade de Rudra e deus do fogo é declarada no *Rig Veda* II.1.7; *Śatapatha Brāhmana* III. 3. 1. 10, VI.1.3.10; *Taittiriya Brāhmana* 1.1.5.8-9; *Tandya Brāhmana* XII.4.24.

40-**42a**. Ó Deus, você resplandece em várias formas. Você é a fonte eterna de todos os mundos. Ó Senhor de Devas, os Adityas, os Vasus, Rudras, Maruts, os dois filhos de Asvini, Sādhyas, Vidyādharas, Nāgas, Cāranas, os Vālakhilyas de alma nobre e todas aquelas pessoas excelentes e aquelas outras que executam ritos regularmente, também nascem de você.

42b-**43**. Umā, Sītā, Sinīvālī, Kuhū, Gāyatrī, Laksmī, Kīrti, Dhrti, Medhā, Lajjā, Ksānti, Vapus, Svadhā, Pusti, Kriyā, Sarasvatī, a deusa da fala, Sandhyā e Rātri também nascem de você, ó Senhor de Devas.

44. Ó Deus que tem o brilho de dez mil sóis, reverências a você. Reverências a você, ó Deus que tem o brilho de mil luas. Saudações a você, ó Deus que assume a forma de uma montanha. Reverências a você, ó reservatório de todas as qualidades boas.

45. Reverências a você, ó Deus que segura uma lança com uma extremidade afiada. Reverências a você, ó Deus que aplica cinzas na pele. Ó Rudra, reverências a você que tem o Pināka em sua mão e que carrega um disco e uma seta.

46. Reverências a você, ó Senhor, cujo corpo é embelezado (coberto) com cinzas. Reverências a você, ó Deus, que destruiu Kama. Ó Senhor, saudações a você, que usa traje dourado. Reverências a você, ó Deus, que tem braços dourados.

47. Reverências a você, ó senhor de forma dourada. Reverências a você, ó Deus de umbigo de ouro. Reverências a você de forma extraordinária com mil olhos. Reverências a você, ó Deus de sêmen dourado.

48. Reverências a você, ó Deus de cor de ouro. Saudações a você, ó Deus de ventre de ouro. Reverências a você, ó Deus com trajes de pele dourados. Reverências a você, ó senhor, o concessor de ouro.

49. Reverências a você, ó Deus com colar dourado. Reverências a você, ó Deus que ruge terrivelmente.

50. Reverências a você, ó Deus de velocidade impressionante. Reverências a você, ó Śañkara, ó de garganta azul. Reverências a você, ó Deus com mil braços. Saudações a você, ó Deus, que gosta muito de dança, e de tocar instrumentos."

51. Ao ser louvado dessa maneira, o senhor, o grande Yogin de intelecto formidável, se tornou manifesto. Ele tinha o esplendor igual àquele de um crore de sóis.

52-**55**. Então o encantado Mahādeva surgiu, digno de ser abordado. Ele parecia estar devorando o céu com seus milhares e crores de bocas, embora ele tivesse só um único pescoço e uma única massa de cabelo. Ele estava ornado em diferentes tipos de ornamentos. Seu corpo parecia magnífico e matizado. Ele usava diferentes (tipos de) guirlandas e (se cobria) com unguentos. Ele segurava o arco Pināka em sua mão. O Deus brandindo uma lança estava sentado em um touro. Ele usava a pele de um antílope preto. Ele assumiu uma forma terrível com uma caveira em sua mão. Usando uma serpente em lugar do fio sagrado, ele ofereceu proteção aos Devas. Ele riu tumultuosamente produzindo som como um timbale e a nuvem retumbante com a qual o céu reverberava.

56. Àquele som alto do grande Atman, nós ficamos apavorados. Então o grande yogin disse: "Ó Devas excelentes, eu estou muito satisfeito.

57. Vocês dois, vejam este Māyā. Deixem o medo. Ambos nascem do meu corpo. Vocês são seres antigos e criadores.

58. Este Brahma, avô dos mundos, é meu braço direito. Vishnu é meu braço esquerdo. Ele sempre fica ao meu lado em tempos de guerra. Eu estou satisfeito com vocês. Eu concederei o que quer que vocês desejem."

59. Então nós dois ficamos encantados na mente. Nós caímos aos pés dele novamente. Então nós, as grandes almas piedosas, falamos mais uma vez.

60. "Se você está satisfeito e se benefícios serão concedidos a nós, ó Deus de Devas, que haja devoção em nós por você."

61. "Ó abençoados, que seja assim. Vocês dois criem diferentes tipos de indivíduos." Depois de dizer isso o Deus desapareceu lá mesmo.

62. Dessa maneira o grande poder daquele yogin foi narrado para vocês. Tudo isso foi criado por ele. Nós somos apenas causas nominais.

63. Essa forma chamada 'Śiva' é desconhecida e imanifesta. Ela é incompreensível e imperceptível. Só pessoas com visão intelectual podem percebê-la.

64. Realizem homenagem àquele Deus de Devas por cuja graça pessoas com visão intelectual podem perceber coisas sutis e incompreensíveis.

65. Ó Mahādeva, reverências a você. Ó Maheśvara, reverências a você. Ó mais excelente entre Devas e Asuras, ó cisne da mente, reverências a você."

Sūta disse:

66. Ao ouvirem isso, os Devas prestaram homenagem ao grande Ātman, Śiva, e foram para os domicílios deles.

67. Aquele que recita esse hino de Īśvara, o grande Ātman, obtém todos os desejos e fica livre de pecados.

68. Tudo isso a respeito do antigo Brahman foi citado pelo poderoso Vishnu apenas devido à graça de Mahādeva. Tudo em relação ao poder de Maheśvara foi assim narrado para vocês.

Capítulo 56: Descrição de Pitris

Sāmsapāyana perguntou:

1. Ó Sūta, como o rei Purūravas, filho de Ilā, costumava ir para o céu durante o dia de lua nova todos os meses? Como ele executava (libação) para Pitris?

Sūta respondeu:

2. Ó Śāmśapāyana, eu descreverei agora para você o poder sobre-humano de (Purūravas), o filho de Ilā. Eu mencionarei como ele entrava em contado com o Sol e a Lua de alma nobre.

3-5. Eu mencionarei todas essas coisas em ordem – o aumento e diminuição da Lua que consiste na essência das águas durante a metade clara e escura do mês, a fixação (decisão) sobre a quinzena dedicada aos Pitris, a aquisição de néctar da Lua, os oferecimentos *Tarpana* para Pitris, a visão dos Pitris que tinham extraído o suco Soma do fogo Kavya, e como Purūravas, o filho de Ilā, propiciava Pitris. Eu também mencionarei os *Parvans* (tudo na devida ordem).

6. Quando a Lua e o Sol entram em conjunção com a mesma constelação, na mesma noite, na mesma órbita, isso deve ser conhecido como *Amāvāsyā* (a Lua Nova).

7-8. Ele (Purūravas) costumava ir ver seus avôs maternos e paternos, a Lua e o Sol, em todo *Amāvāsyā*. Depois de fazer reverência a eles, ele costumava se manter a serviço. Por causa dos Pitris, ele extraía exsudação da Lua encantada. Em cada mês Purūravas, filho de Ilā, ficava no céu e adorava a Lua com devoção junto com Pitris.

9-10. Os Pitris e a Lua compartilham das oferendas de Kavya por dois lavas.[1] Adorando Sinīvālī durante o tempo de seu aparecimento, Purūravas compreendeu a duração da lua nova chamada Kuhū e adorou Kuhū também.[2] Passando seu tempo ele costumava ver a Lua em conjunção com o Sol (?).

11-13. De onde o néctar escoará de Soma para a satisfação por um período de um mês? É por (reabastecimento) por quinze dias (da metade clara) pelo fluxo de néctar. Depois de bebê-lo na metade escura, [o néctar] está sendo ordenhado pelos raios com aquele mel lunar (néctar) dado a ele para oferecê-lo como oblação para Pitris. O rei propiciou seus Pitris, isto é Saumyas, Barhisads, Kavyas e Agnisvāttas[3], por oferecer o néctar em acordo com injunções.

14. *Rtu* (Estação) que é citada como Agni é considerada como Samvatsara, visto que Rtus nascem dela. *Artavas* (divisão de tempo menor como uma quinzena) nasce de *Rtus* (Estações).

15. *Artavas* são chamados de meio-meses. Pitris são os filhos do ano. *Rtus* são os avôs. Os meses e os *Rtus* são os filhos do ano.

---

1 A 60ª parte de um piscar de olhos. – *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams.

2 Os versos 9-10 etc. afirmam que Amāvāsyā (o dia de lua nova) é de dois tipos: (i) quando Amāvāsyā se fundiu com o 14º *tithi* da metade escura, ele é Sinivāli, e (ii) quando ele se fundiu com o 1º *tithi* do próximo dia (da metade clara) ele é Kuhū. Sinivāli é uma divindade no *Rig Veda*. Ela é a irmã dos deuses e concessora de progênie (*Rig Veda* II. 32. 6-7). Kuhū é uma divindade invocada por causa de riqueza e filhos (*Atharva Veda*, VII. 47.1).

3 De acordo com o *Śatapatha Brāhmana* II. 6.1-7, aqueles que realizaram um sacrifício Soma são *Somavantah Pitarah* (provavelmente *Saumyas* aqui); aqueles que ofereceram oblações cozidas como *Caru* eram *Barhisadah Pitarah*; aqueles que não ofereceram sacrifícios, mas foram consumidos pelo fogo em cremação depois da morte eram *Agnisvattah Pitarah*. Depois durante o período de Smrti as classes de Pitris aumentaram e a conotação deles mudou. Desse modo nós encontramos nos vv. 16-19 aqui, *Saumyas* são os filhos de Soma e os bebedores de Soma; *Kavyas* são os filhos de Kavi (Śukra?) bebedores de ghee. *Rtus* são chefes de família e realizadores de sacrifícios; eles são *Barhisads*. Os não [?] realizadores de sacrifícios são *Artavas* e *Agnisvāttas*. [Veja o v. 19 e o v. 65.]

16. Devas são os bisavôs. Os cinco anos (que formam um Yuga) são os filhos de Brahma. Saumyas nascem da Lua. Kavyas são os filhos de Kavi.

17. Devas nascidos de Soma, e os bebedores do suco Soma, são conhecidos como *Upahūtas*. Os Kavyas são conhecidos como *Ājyapās*. (Todas) as classes de Pitris são satisfeitas dessa maneira.

18-19. Os Pitris estão classificados em três (somente): Kavyas, Barhisads e Agnisvāttas. *Rtus* que são chefes de família e realizadores de sacrifícios definitivamente são Barhisads. Agnisvāttas também são chefes de família e realizadores de sacrifícios. Eles são *Artavas*. Compreendam que Kavyas são *Astakāpatis* (Senhores de Astakas). Agora entendam os cinco anos.

20. Entre eles Agni é *Samvatsara* e o Sol é *Parivatsara*. A Lua é *Idvatsara* e Vāyu é *Anuvatsara*.

21. Rudra é o *Vatsara* entre eles. Os cinco anos da natureza de Yugas são conhecidos como *Lekhas*, *Usmapās* e *Divākirtyas*.

22. Esses bebem o néctar no céu todos os meses. Enquanto ele viveu, Purūravas os satisfez com aquele.

23-25. Como o néctar escoa da Lua todos os meses, saibam que ele é o néctar para Pitris, os bebedores do suco Soma. O néctar é chamado de *Amrta*, *Saumya*, *Sudhā* e *Madhu*. Os trinta e três Devas conhecidos como *Chandajas* bebem gradualmente os quinze Kalās aquosos da Lua na metade escura. Depois de beberem o néctar por um mês até caturdaśī (décimo quarto dia), eles partem.

26. Sendo assim bebida por Devas, a Lua permanece apenas com a décima quinta parte restante no dia Amāvāsyā.

27. Pitris então bebem o néctar por dois Kalās no dia de lua nova, quando a Lua se desenvolve por meio do raio Susumna do Sol.

28. Quando a Lua está completamente esgotada depois de ser bebida, o Sol a desenvolve por seu raio de Susumna para Pitris, os bebedores de Soma.

29. Quando os dígitos da Lua estão totalmente consumidos, o Sol a desenvolve gradualmente por uma fração todo dia. Quando os dígitos encolhem ela fica escura e quando eles se desenvolvem ela fica branca.

30. Assim o corpo da Lua é desenvolvido pelo poder do Sol. No dia de lua cheia a Lua está completa em disco e branca em cor. Desse modo é a diminuição e aumento da Lua nas metades escura e clara.

31. A Lua com Pitris é conhecida como *Idvatsara*. Ele é cercado por quinze raios que derramam o néctar Sudha.

32-33. Eu agora explicarei os *Parvans* e as junções de *Parvans*.[4] Assim como o caule da cana-de-açúcar e o bambu têm nós em suas juntas, assim também as metades clara e escura têm *Parvans*. Seus nós e juntas diferem em relação ao dia de lua cheia e ao dia de lua nova. *Trtiyā* (o 3º Tithi) e outros *tithis* (dias lunares) são os *Parvans* da quinzena.

34. Visto que os ritos como de acender fogo são executados durante os *Parvans* - eles são auspiciosos. Se há a sobreposição de Pratipad na noite, aquele tempo pertence à lua cheia.

35. Quando o Sol está posicionado em Vyatipāta[5] em um desvio de meia linha do meridiano (?) a uma distância de um Yuga, o meridiano da Lua é elevado propriamente pela distância de um Yuga.

---

[4] De acordo com o *Vishnu Purāna* 3, cap. 11, [pág. 257 da versão em português] o 14º Tithi, 8º Tithi, Amāvāsyā e Purnima, a passagem do Sol de um *rasi* para outro são chamados de Parvans.
[O trecho é esse: “Há certos dias nos quais unguentos, carne e mulheres são ilegais, como o oitavo e décimo quarto dias lunares, lua nova e lua cheia, e a entrada do sol em um novo signo.”]

[5] O texto é bastante obscuro. *Surya-Siddhanta* XI.1.2 define Vyatipata desse modo:
"Quando a Lua e o Sol estão em lados opostos de qualquer solstício e seus minutos de declinação são iguais, isso é Vyatipata. A soma das longitudes deles é metade de um círculo, isto é, 180.° Normalmente há 13 Vyatipatas em um ano."

36. Isso é porque (o Sol e a Lua) olham um para o outro depois da passagem (do período) da lua cheia, e naquele tempo seus minutos de declinação são os mesmos.

37. O cálculo ocorre na base do tempo e direção do Sol. Esse é o tempo prescrito para o rito ser realizado imediatamente.

38. Quando a Lua está cheia depois de um período completo de um *paksa* (meio-mês) mas o *Pūrnimā* é a junção da noite (isto é, quando ela nasce um dígito menor que a cheia) ela é procurada por Pitris junto com Devas, e por isso é conhecida como *Anumati Pūrnimā*.

39. A Lua resplandece muito brilhantemente na noite de lua cheia. Sábios a chamam de *Rākā* porque a Lua os encanta nesse tempo.

40. A noite na qual a Lua e o Sol ficam juntos na mesma constelação é chamada de Amāvāsyā. Essa é a décima quinta noite (depois da lua cheia).

41. A Lua é luminosa no dia de lua cheia. A lua e o Sol estão cheios à tarde e veem um ao outro no Vyatīpāta. Esse é o dia de lua cheia.

42. Quando (o período de Amāvāsyā) termina, o Sol e a Lua se unindo veem um ao outro, isso é chamado de *Darśa*.

43-**44**. No Amāvāsyā, nas junções dos *Parvans*, há o tempo curto de dois *Lavas* – o tempo levado para proferir as duas sílabas ku-hu. Esse é lembrado como sendo o tempo (para os ritos sagrados). No Amāvāsyā quando a Lua está completamente invisível, ela entra em contato com o Sol do meio-dia até a meia-noite. Ela se livra de repente do Sol na manhã. O Sol sai no meio-dia, depois de permanecer em conjunção por dois *Kalās*.

45-**46**. No dia *Pratipad* da metade luminosa, a Lua se liberta do disco do Sol. O tempo de se libertar do disco é a hora apropriada para *Āhuti Darśa* e *Vasatkriyā*. O tempo de Amāvāsyā deve ser conhecido como *Rtumukha* (primeiro dia da estação).

47. Durante o dia no Amāvāsyā Parvan (na metade escura) a Lua permanece emagrecida. Então, no dia Amāvāsyā o Sol é engolido pelos planetas maus no firmamento.

48. Os nomes dos Tithis foram designados pelos estudiosos honrados e sensatos conforme os dígitos da Lua.

49-**50**. O Sol e a Lua veem um ao outro naquele dia. Ela sai e se separa gradualmente do disco do Sol. Pela duração de dois *Lavas*, a Lua toca o Sol no decurso do dia e da noite. Esse é o (auspicioso) tempo para *Darśa* e *Vasatkriyā*.

51. O Amāvāsyā, (o qual se mistura com o *Pratipad*, o primeiro dia, da próxima quinzena pela) duração de tanto tempo quanto é necessário para o cuco proferir Ku-hū, é chamado de Ku-hū.

52. (Defeituoso.) Quando a Lua está emaciada (devido à perda de dígitos) contudo tem a sobra de um (dígito leve da medida de) Sinīvālī e o Amāvāsyā entra no Sol, (se mistura com a última parte do dia *caturdaśi*), isso é chamado de *Sinivāli*.

53. A duração de *Parvan* em ambos é igual. Vasatkriyā no Vyatīpāta do Sol e da Lua (é proibido?). O dois tipos de lua cheia (isto é, *Anumati* e *Rākā*) já foram explicados.

54. O tempo auspicioso no Pratipad e Pūrnimā é pela duração de dois Mātrās. O tempo auspicioso em Ku-hū e Sinivāli também é o mesmo (dois mātrās).

55. O tempo auspicioso quando a Lua está nas esferas do Sol e fogo tem a duração de um *Kalā*.

56. Desse modo, é a metade clara (na qual) durante as 'junções' de Parvans de noite a Lua gloriosa com seu disco cheio é eclipsada. Como a Lua é enchida no décimo quinto (dia) ele é Pūrnimā (o dia de lua cheia).

57. Em quinze noites a Lua se desenvolve completamente por vestir quinze Kalās, somando um todos os dias. Não há décimo sexto *Kalā* na Lua. No décimo quinto dia depois da lua cheia, ela se torna totalmente emaciada.

58. Assim são esses Pitris, Devas, os bebedores de Soma e os reabastecedores de Soma, *Artavas* e *Rtus* (estações). Por isso os Devas os adoram.

59. Daqui em diante eu descreverei os Pitris que compartilham do Śrāddha mensal. Eu mencionarei a meta deles, sua força inerente e o procedimento do Śrāddha.

60. A partida dos falecidos e seu retorno não podem ser compreendidos mesmo através de penitência bem-realizada. Então como isso pode ser percebido pelo olho físico?

61. Esses Pitris que são *Srāddhadevas*, são conhecidos como Pitris *Laukika* (mundanos). Devas, Saumyas e Yajvans são todos *Ayonijas* (não nascidos de um útero).

62. Todos esses Pitris são Devas, pois os últimos os fazem prosperar. Há Pitris humanos enquanto outros são proclamados como Pitris *Laukika* (mundanos).

63. (Os Pitris humanos são) pai, avô, bisavô. Aqueles que realizam *Yajñas* com Soma são conhecidos como sacrificadores-Soma.

64. Aqueles que são mencionados como Yajvans são *Barhisads*. Empenhados em ritos sagrados, eles permanecem felizes e contentes até que eles obtenham outro corpo.

65-**67**. Aqueles que realizam sacrifícios e presidem sobre eles são conhecidos como *Agnisvāttas*. Aqueles que aderem aos seus deveres em virtude das fases deles em vida, aqueles que seguem as tradições rigorosamente, aqueles que não erram no desempenho de seus ritos com fé, aqueles que estão ocupados nos ritos sagrados até a morte, depois de serem dotados de celibato, penitência, Yajña, progênie, fé, erudição e doações caridosas (também são chamados de *Agnisvāttas*.)

68. Depois de chegarem ao céu eles se regozijam junto com Devas, Pitris e os bebedores de Soma de corpo sutil e eles adoram *Pitrmāns* (?)

69. Só aqueles que executaram ritos sagrados e foram abençoados com progênie são louvados. Oblações e oferendas de alimento são dadas a eles por seus parentes e pessoas nascidas de suas famílias.

70. Participando do Śrāddha mensal, os *Somalaukikas* ficam satisfeitos. Eles são Pitris humanos e participam de Śrāddhas mensais.

71-**73**. Outros se enredam em suas ações e renascimentos em úteros. Caídos de seus deveres *Āśrama* e desprovidos de Svadhā e Svāhā, esses indivíduos maus com seus corpos perfurados se tornam fantasmas no domicílio de Yama. Eles lamentam seus atos passados nas residências de tortura. Eles vivem muito tempo, (são) secos, pálidos, nus, famintos e sedentos, vagando aqui e ali.

74. Desejosos de água, eles vagam para cá e para lá perto de rios e lagos, tanques e poços. Eles cobiçam comestíveis deixados por outros. Eles tremem e se movem para cá e para lá.

75-**76**. Eles se movem de um lugar de tortura para outro. Eles são lançados em diferentes infernos como Sālmalī, Vaitaranī, Kumbhipāka, Karambhavālukā, Asipatravana e Śilāsampesana por (como resultado de) suas próprias atividades.

77-**78**. É lá que eles têm suas residências infernais miseráveis desprovidas das alegrias do céu. Oferecendo três Pindas para aqueles que passaram para o outro mundo por proferirem seus nomes e Gotras, eles oferecem Pindas em sentido anti-horário no chão coberto com grama Kuśa. Assim eles propiciam os Pitris que permanecem em seus lugares depois da morte (ou em seus domicílios como *Pretas* ou Fantasmas).

79-**80**. Aqueles que não vão para a residência de tortura nascem em algum dos cinco tipos de seres vivos de acordo com suas atividades (anteriores). Qualquer que possa ser o nascimento obtido por eles, seja de animais ou de seres imóveis, eles conseguem seu alimento natural em seus respectivos nascimentos como resultado dos oferecimentos de comida por seus parentes no decurso de Śrāddha.

81. O oferecimento de alimento em Śrāddha deve ser feito no momento auspicioso para pessoas merecedoras. Somente então ele alcança o lugar onde o parente falecido permanece.

82. Da mesma maneira que o bezerro pode buscar e descobrir sua mãe vaca mesmo se ela está perdida entre outras vacas, assim também o *mantra*, cantado no decorrer do Śrāddha, leva os presentes para os Pitris.

83. Igualmente o Śrāddha oferecido através de Mantras alcança os espíritos dos mortos. Desse modo Sanatkumāra, que tinha descoberto os movimentos das almas passadas por meio de sua visão divina, pode explicar como alimento em Śrāddha podia chegar aos espíritos dos mortos.

84. Esses Pitris são conhecidos como Bahvīkas, Usmapās e Divākīrtyas. A metade escura é o dia deles e a metade clara é sua noite para descanso.

85. Dessa maneira esses Pitris são Devas e Devas são Pitris. Rtus e Artavas são declarados mutuamente como Pitris.

86. Assim esses Pitris divinos e os humanos são deleitados por ritos Śrāddha oferecidos a eles.

87. Desse modo os Pitris foram explicados. A grandeza de Pitris, os bebedores de Soma, é mencionada decisivamente nos Purānas.

88-**89**. Assim todos estes foram explicados brevemente: o contato de Purūravas com o Sol, Pitris e a Lua, sua aquisição do néctar e a realização do *Tarpana* para Pitris, a duração da lua cheia e da lua nova e o domicílio de Pitris. Essa é a eterna Sarga (Criação).

90. A forma Universal de tudo foi mencionada apenas parcialmente. É impossível enumerá-la (descrevê-la) por completo. Isso deve ser confiado fielmente por alguém que deseja prosperidade.

91. A criação de Svāyambhuva Manu realmente foi descrita em detalhes por mim e de acordo com a sequência. O que mais eu devo descrever para vocês?

Capítulo 57: O Ciclo de Yugas[1]; Suas Características

Os sábios disseram:

1. Nós desejamos conhecer a natureza e realidade dos (grupos de) quatro Yugas que ocorreram antigamente no Svāyambhuva Manvantara.

Sūta disse:

2. No contexto da descrição da terra etc. eu já falei sobre os quatro Yugas. Agora eu os narrarei em detalhes. (Ouçam e) compreendam-nos.

3-4. Calculando tudo e mencionando em detalhes, eu narrarei por completo os seis aspectos, isto é: *Yuga*, *Yugabheda* (diferença em Yugas), *Yugadharma* (as características particulares de cada Yuga), *Yugasandhi* (a junção de Yugas), *Yugāmśa* (as partes de Yugas) e *Yugasandhāna* (as junções de Yugas).

5. O ano humano pode ser entendido (calculado) por meio de conhecimento de funcionamento válido. Calculando com base nesse ano, eu explicarei os quatro Yugas.

6. O tempo levado para proferir uma sílaba curta é igual a um Nimesa. Nimesa, Kāsthā, Kalā e Muhūrta são as unidades de tempo.[2]

7. Quinze Nimesas constituem um Kāsthā, trinta Kāsthās fazem um Kalā, trinta Kalās fazem um Muhūrta. Trinta Muhūrtas fazem um dia e noite completos.

8. O sol demarca os dias e noites humanos como também os divinos. O dia é destinado à atividade e a noite é destinada ao sono.

9. Um mês (humano) constitui o dia e noite dos Pitris. Sua divisão é assim: a metade escura é o dia para eles e a metade clara é sua noite para dormir.

10. Trinta meses humanos fazem um mês dos Pitris. Com base no cálculo humano, trezentos e sessenta meses constituem um ano dos Pitris.

11. Cem anos humanos constituem três anos e quatro meses dos Pitris.

12. Um ano humano conforme o cálculo humano é um dia e uma noite dos Devas. Essa é a conclusão nessa escritura sagrada.

13. O dia e noite divinos juntos fazem um ano humano. Uma classificação adicional é que o período Uttarāyana (trânsito norte do sol) é o dia e o período Daksināyana (trânsito sul do sol) é a noite (dos Devas).

14. Trinta dos dias e noites dos deuses ou trinta anos humanos fazem um mês divino.

---

[1] Embora esse Purāna tenha aceitado a tradição Védica e considerado um período de Yuga como consistindo em cinco anos (veja acima o cap. 50 pág. 218, n. 14), aqui ele segue *Manu* 1.61-74, 79-86. De acordo com *Manu*, o 1º Yuga, Krita, tem uma duração de 4000 anos de Devas com 400 anos divinos do alvorecer (Sandhya) da Era e 400 anos divinos de transição de Krita para a próxima Era (*Sandhyāmśa*). Os outros Yugas, isto é Tretā, Dvāpara e Kali consistem respectivamente de um período de 3000, 2000 e 1000 anos de Devas, cada yuga precedido por e seguido por *Sandhya* e *Sandhyāmśa*, cada um se estendendo por um período de 300, 200, 100 anos de Devas. Essa teoria substituiu a teoria védica e tem sido adotada por Purānas, por exemplo, *Kurma* P. 1, caps. 51 e 53, *Nārada* P. 1 cap. 41, *Vishnu* P. 1, cap. 3, *Brahmānda P.* 1.2.29 e 30 e *Mahābhārata* Vana Parva caps. 148 e 187.

[2] Os versos 6-20 dão as unidades de tempo, a menor unidade sendo Nimesa, o tempo requerido para proferir um *mātrā* (uma vogal curta). Os seguintes são os termos para denotar os períodos específicos.

15 Nimesas (18 de acordo com Manu) = 1 Kastha; 30 Kāsthās = 1 Kāla; 30 Kalās = 1 Muhurta; 30 Muhūrtas = dia completo (dia e noite); 30 dias = 1 mês = um dia + noite dos Pitris.
30 meses humanos = 1 mês dos Pitris
360 meses humanos = 1 ano dos Pitris
Uttarayana humano (6 meses) = Dia dos Devas
Daksinayana humano (6 meses) = Noite dos Devas
360 anos humanos = 1 ano dos Devas.
3030 anos humanos = 1 ano Saptarsi.
9090 anos humanos = 1 ano de Kraunca (de Dhruva no *Brahmānda Purāna*).
360000 anos humanos = 1000 anos dos Devas.

15. Cem anos humanos fazem três meses divinos e três dias divinos. Esse é o cálculo para a divisão de tempo divina.

16. Trezentos e sessenta anos de acordo com o cálculo humano constituem um ano divino.

17. Três mil e trinta anos de acordo com o cálculo humano constituem um ano dos Sete Sábios (Saptarsis) ou da Ursa Maior.

18. Nove mil e noventa anos humanos fazem um ano de Krauñca (ano de Dhruva no *Brahmānda P*. 1; 2.29.18).

19. Trinta e seis mil anos humanos devem ser conhecidos como cem anos divinos. Assim é o cálculo da unidade de tempo divina.

20. Pessoas bem versadas em cálculo dizem que trezentos e sessenta mil anos contados com base em unidades de tempo humanas constituem mil anos divinos.

21. É assim que os sábios cantaram sobre o cálculo divino. Eles formularam o cálculo dos Yugas e sua duração com base no cálculo divino.

22. As pessoas sábias sabem que há quatro Yugas em Bhararta Varsa.[3] O primeiro é Krita, então seguem Tretā, Dvāpara e Kali. Esses Yugas devem ser calculados nessa ordem.

23. Eles dizem que Krita Yuga consiste em quatro mil anos. O *Sandhyā* (período de transição) consiste no mesmo número (isto é, quatro) centenas de anos. O *Sandhyāmśa* (parte da junção com o próximo Yuga) é igual ao período *Sandhyā*.

24. Nos outros Yugas, nos *Sandhyas* e *Sandhyāmśas* deles, há redução gradual de mil e cem anos.

25. Tretā contém trezentos anos. Seu *Sandhyā* e *Sandhyāmśa* consistem em trezentos anos.

26. Os sábios dizem que Dvāpara contém dois mil anos. O *Sandhyā* consiste em duzentos anos e o *Sandhyāmśa* é igual a *Sandhyā*.

27. Os eruditos dizem que Kaliyuga consiste em mil anos. Seu *Sandhyā* é de cem anos e o *Sandhyāmśa* é igual a *Sandhyā*.

28. Esse período de doze mil anos (divinos) é conhecido como (Mahā) Yuga. Os quatro Yugas são Krita, Tretā, Dvāpara e Kali.

29. Nesse mundo o cálculo de anos é baseado em nível humano. Agora eu mencionarei a duração de Krita Yuga de acordo com esse tipo de cálculo.[4]

30. A duração desse é um milhão quatrocentos e quarenta mil anos. Quanto a Kali Yuga, ele é um quarto do acima citado.

31. Desse modo a duração específica de tempo dos quatro Yugas excluindo os *Sandhyās* e *Sandhyāmśas* é declarada.

32. Incluindo os *Sandhyās* e *Sandhyāmśas* a duração dos quatro yugas é quatro milhões trezentos e vinte mil anos humanos.

33. Assim setenta e um grupos de Caturyugas consistindo em Krita, Tretā etc., constituem um Manvantara.

34-36. Agora saibam o número de anos humanos que constituem um Manvantara. Ele será trinta crores, seis milhões e setecentos e vinte mil anos humanos (306720000 anos). O número de anos que constituem um Manvantara foi calculado por Dvijas, os peritos em calcular o tempo. Desse modo a duração de um Manvantara e aquela de Yugas foi declarada.

37. O primeiro (Krita) Yuga tem quatro mil anos. Os Yugas restantes, isto é, Tretā, Dvāpara e Kali, eu explicarei.

38. Previamente, enquanto absorto em descrever a linhagem dos sábios, os dois Yugas foram mencionados para vocês quando eles tinham vindo na ordem

---

[3] É estranho que o sistema de Yugas deva ser restrito à Índia (Bharata) somente.

[4] O nosso texto registra a duração de Krtayuga e o número total de anos humanos em *Caturyugas*. Isso significa que os versos que se referem aos períodos de outros Yugas estão suprimidos. (Para esses veja o *Brahmānda P*. 1.2. 29-31-36).

apropriada. Não é possível descrever separadamente os dois tópicos conectados que entram simultaneamente no mesmo contexto.

39. No princípio de Tretā, Manu e os Sete Sábios popularizaram os ritos sagrados de origem védica e Smrti, instruídos por Brahma.[5]

40. Os Sete Sábios discorreram em detalhes sobre os ritos sagrados Védicos como Matrimônio, *Agnihotra* e semelhantes com base no Rk, Yajur e Sāman.

41. O Svāyambhuva Manu discorreu sobre a conduta de vida baseada em injunções de Smrti, passadas tradicionalmente e aludindo aos deveres das diferentes castas e fases de vida.

42-44. Os Sete Sábios e Manu eram dotados de veracidade, celibato, erudição e penitência. Eles tinham realizado penitência conforme a ordem de sábios. Consequentemente, no começo de Tretā Yuga, os Mantras se manifestaram para eles sem eles passarem por esforço físico ou mental. No primeiro Kalpa aqueles Mantras junto com *Tāraka* (Omkāra) e outros já tinham aparecido diante dos Devas.

45. Quando os Siddhis (originais) deixaram de existir, esses (outros) começaram a atuar. Milhares daqueles Mantras que existiram nos Kalpas passados se manifestaram no intelecto deles uma vez mais.

46. Os Sete Sábios popularizaram os mantras Rk, Yajus, Sāman e Atharvan e Manu propagou os ritos de acordo com Smrtis.

47. No princípio de Tretā, os Vedas eram um conjunto não dividido e unificado, porque somente Dharma prevalecia. Mas eles são classificados na era Dvāpara devido à escassez de vida.

48. Nas eras Kali e Dvāpara, sábios divinos e Devas sem nascimento ou morte foram criados através de penitência pelo Deus Nascido por Si Mesmo.

49. Seguindo sua conduta virtuosa, junto com sua linhagem, eles cumprem seus respectivos deveres em diferentes Yugas. Os textos Védicos, com auxiliares, funcionam com significado uniforme em todas as eras.[6]

50. *Ārambha* (campanha militar ou empreendimento) era um sacrifício para ksatriyas. *Havis* (oferecimento de ghee etc.) era o *Yajña* para vaiśyas. Śūdras tinham serviço como *Yajña* e brâmanes excelentes tinham *Japa* (canto de Mantras) como seu *Yajña*.

51. Todas as castas se regozijavam na Era Tretā. Eles eram protegidos virtuosamente. Eles executavam ritos sagrados. Eles eram felizes e prósperos. Eles eram abençoados com progênie.

52. Ksatriyas obedeciam ao (conselho etc. de) brâmanes, vaiśyas obedeciam ksatriyas, śūdras seguiam vaiśyas. As pessoas cooperavam e colaboravam umas com as outras.

53. As atividades delas eram auspiciosas. Seus ritos sagrados e deveres de castas e fases de vida também eram auspiciosos, em pensamentos, mente, palavras e ações. Assim, na Era Tretā, suas atividades permaneciam incólumes.

54. Em Tretāyuga as pessoas eram igualmente dotadas com o mesmo período de vida, bom intelecto, força, beleza, saúde, e retidão.

55-57. Brahma tinha estipulado os deveres das diferentes castas e diferentes fases de vida. Mas por ilusão os indivíduos se desviaram dos ritos sagrados. Eles discutiram e brigaram entre si. Eles se aproximaram de Prajāpati Manu. Manu, o filho de Brahma, percebeu o estado de coisas. Ele, o criador, o Homem, gerou de Śatarūpā dois filhos, Priyavrata e Uttānapāda. Esses dois foram os primeiros reis.

58. Daí surgiu uma linha de reis que manejam o bastão do poder de punição. Como eles alegraram os súditos, os reis foram chamados de " *Rājānah*."

59-60. Para deter e controlar aqueles homens que cometem pecados em segredo e (por isso) são difíceis de serem subjugados, e para estabelecer retidão na

---

5 Os versos 39-85 descrevem a vida feliz em Tretāyuga. (Veja o *Matsya*. P. 142).

6 Em vez de *vikridante* em nosso texto aqui, o *Brahmānda P*. 1.2.29.54 lê *vikriyante* 'sofrem mudanças' (em todo yuga).

terra, as divisões de castas foram fixadas em Tretā Yuga. As compilações de textos Védicos, Mantras e Brāhmanas, foram reunidas pelos sábios.

61. (A instituição de) Yajña foi iniciada por Devas, isto é, Yāmas, Śuklas e Japas todos totalmente equipados com os requisitos.

62. Antigamente, no Svāyambhuva Manvantara, Yajñas foram colocados em voga por Devas sob a liderança de Indra, o desfrutador do universo.

63. Veracidade, Japa, penitência e caridade são as principais virtudes na era Tretā. A prática de ritos e rituais sagrados declina e a virtude de veracidade prevalece.

64. Renunciando ao seu bastão (de castigo devido à sua superfluidade ?) aqueles reis excessivamente afortunados se tornaram realizadores de sacrifício e explicadores dos Vedas.

65. Os olhos deles eram tão grandes quanto pétalas de loto. Seus peitos eram largos, e seus corpos eram bem desenvolvidos. Eles eram vigorosos e capazes de matar leões. Eles caminhavam majestosamente como os elefantes no cio.

66. Eles manejavam grandes arcos. Eles eram dotados de todas as características boas. Eles eram *Nyagrodha-parimandalas* (como explicado no próximo verso).

67. A palavra 'Nyagrodha' denota dois (ambos os) braços. Por isso Nyagrodha quer dizer *Vyāma* (braços estendidos). Ele cuja altura se estende tanto quanto um *Vyama*, ele cuja circunferência e altura são iguais, deve ser conhecido como um *Nyagrodha-parimandala*.

68. Os sete seguintes[7], isto é, um disco, uma carruagem, uma jóia, uma esposa, um tesouro, um cavalo e um elefante, são considerados super pedras preciosas (*ati-ratna*).

69. Dizem que os sete seguintes são as jóias inanimadas dos soberanos dos mundos, isto é, um disco, uma carruagem, uma jóia, uma espada, um arco excelente (o quinto *ratna*), uma bandeira e um tesouro.

70. As sete jóias (de um imperador) que possuem vida são mencionadas como segue: rainha, sacerdote da família, comandante-chefe, fabricante de carruagens, ministro, cavalo e elefante (literalmente, filhote de elefante).

71. Essas quatorze jóias são divinas. Elas foram adquiridas naturalmente pelos de alma nobre. Essas quatorze jóias devem ser atribuídas a todos os imperadores (isto é, todos os imperadores devem possuí-las).

72. Em todos os Manvantaras do passado e do futuro, os imperadores nascem na terra com uma parte de Vishnu.[8]

73-**74**. As pedras preciosas são conducentes à prosperidade de todos os imperadores do passado, presente e futuro nascidos nos Yugas Tretā etc. Essas quatro são muito admiráveis, isto é, força, devoção, felicidade e riqueza (entre os imperadores).

75. Riqueza, dharma, amor, fama e vitória obtidos por reis sem nenhum conflito estão em pé de igualdade uns com os outros.

76. Eles superam até os sábios por meio de (poderes espirituais como) *Animā* (pequenez) e outros, o poder de Domínio, erudição e penitência. Eles dominam Devas, Dānavas e seres humanos através de sua força e penitência austera.

77. Eles nascem com marcas sobre-humanas visíveis em seus corpos. Eles têm um círculo de cabelo em sua testa (entre as sobrancelhas); sua língua varre suas bocas. Seus dentes e lábios são cor de cobre; seu cabelo fica virado para cima; e eles têm a cicatriz Śrīvatsa (no peito).

---

[7] A idéia que um imperador possui pedras preciosas excelentes (*ati-ratnas*) é encontrada em Pali, por exemplo, *Sudarsana Sulfa*, *Digha Nikaya*. Aqui os versos 68 e 69 dão listas diferentes de sete 'jóias inanimadas'. O v. 70 enumera 'jóias vivas, animadas'. Desse modo um imperador está (ou deveria estar) em posse de 13 jóias. A representação de um *cakravartin* em Jagayya Petta (2º século A.C.) mostra uma combinação de ambas, jóias animadas e inanimadas, e mais uma característica – ao toque da mão do imperador o céu despeja moedas de ouro.

[8] Os versos 72-80 declaram a idéia de então sobre um imperador modelo.

78. Seus braços se estendem até seus joelhos; suas palmas são marcadas com rede e touro; eles são muito altos (*Nyagrodha-parinahas*); eles têm ombros como aqueles de leões; seus pênis são bem formados. Seu modo de andar é tão imponente quanto aquele de um elefante grandioso. Seus ossos do queixo são largos.

79. Há linhas de roda e peixe nas solas de seus pés e de concha e loto nas palmas das mãos. Eles vivem até oitenta e cinco mil anos como reis sem sinais de velhice.[9]

80. Eles têm movimento desimpedido em quatro lugares, isto é, no firmamento, no oceano, nas regiões inferiores e nas montanhas.

81. Sacrifício, caridade, penitência e veracidade são os ritos sagrados na Era Tretā. Durante essa era, Dharma funciona conforme a divisão de castas e fases de vida.

82. *Dania-niti* (administração de Justiça), visa o estabelecimento dos limites de decência. Todos os súditos são alegres, bem desenvolvidos, livres de doenças. Suas mentes estão totalmente satisfeitas.

83. Só um único Veda unificado com quatro subdivisões prevalece na Era Tretā. As pessoas vivem até três mil anos.

84. Cercadas pelos filhos e netos, as pessoas morrem na ordem apropriada (de superioridade em idade). Esse é o aspecto característico da Era Tretā. (Agora) compreendam o *Tretā-Sandhyā* (Transição de Tretā Yuga).

85. As características da Era Tretā continuam até um quarto do *Sandhyā* e as características no *Sandhyā* continuam até um quarto do Yuga.

Sāmsapāyana disse:

86. Como Yajña funcionava no princípio da Era Tretā antigamente no Svāyambhuva Manvantara? Por favor explique isso precisamente.

87-88. Como, além disso, eles fizeram a classificação e arranjo das castas e fases de vida quando o Sandhyā também tinha passado junto com a Era Krita, e restava apenas uma fração dela, e a Era Tretā começou? Como *Yajña* foi feito funcionar, depois de juntar todos os requisitos?

Ao ouvir isso, *Sūta disse:*

Ó Śāmśapāyana, agora escute isso.

89-90. Eu mencionarei como no princípio da era Tretā Yajña foi colocado em voga. Quando havia bastante chuva, as plantas cresceram e a agricultura foi estabelecida. As pessoas começaram a construir casas, eremitérios e cidades. Então Indra, o desfrutador do universo, organizou a divisão de castas e fases de vida e compilou os Mantras em *Samhitās*. Ele prescreveu Mantras (específicos) para ritos que levam a resultados aqui e na vida futura.

91. Desse modo Indra, o desfrutador do universo, junto com outros Devas, iniciou *Yajña* (a instituição de sacrifício) junto com todos os seus requisitos.

92. Quando o sacrifício de cavalo foi instituído, os sábios chegaram lá e começaram a executar sacrifícios com os animais sacrificais sagrados. Ao ouvirem falar disso, as pessoas se reuniram lá para testemunhar.

93-97. Quando os Rtviks estavam ocupados ativamente em ritos sacrificais, quando os mantras védicos foram recitados, quando os principais *Adhvaryus* se moviam apressadamente e rapidamente, quando os animais sacrificais sagrados estavam sendo mortos, quando as oferendas de ghee foram derramadas no fogo pelos Hotrs divinos, quando os nobres Devas foram invocados e quando eles compartilhavam de suas partes no sacrifício, os sábios começaram a adorar Devas na forma de órgãos dos sentidos (isto é, as divindades presidentes deles) que existiam no começo dos Kalpas. Os *Adhvaryus,* que eram grandes sábios, se preparavam na hora

9 [O *Brahmānda P.* 1.2. Cap. 29; v. 87, tem: “Os reis são 85.000 em número e eles brilham sem envelhecimento.”]

de *praisa* para matar os animais. Ao verem os animais em sua condição lastimável, os grandes sábios questionaram Indra coletivamente[10]: "O que é esse seu rito sacrifical?

98. Desejoso de um rito que envolve violência à vida você começou uma atividade extremamente pecaminosa. Ó Deva principal e excelente, nesse seu *Yajña* a matança de animais não é um ato desejável.

99. Uma atividade má foi iniciada por você para destruir Dharma através da matança de animais. Isso não é Dharma. Esse é um ato mau, pecaminoso. A violência nunca pode ser um Dharma.

100-101. Se Sua Excelência deseja executar o Yajña, faça isso conforme injunções nos Vedas. Você pode adorar por meio do Yajña que não causará a violação (dissipação) de Dharma. Ó grande deus, realize o Yajña com as sementes dignas de sacrifício, que não envolvem violência (*Himsā*) – as sementes que são mantidas pelo período máximo de três anos e que não germinam (em brotos). Ó Indra! Esse grande Dharma (rito) foi estabelecido antigamente pelo deus autonascido (Brahma)."

102. Desse modo Indra, o desfrutador do universo, foi questionado pelos sábios, os que veem a Realidade: 'Diga com quais objetos, móveis (vivos) ou imóveis (inanimados), o Yajña deve ser realizado.'[11]

103. Os grandes sábios que buscam a verdade avidamente se cansaram da disputa. Chegando a um acordo com Indra eles perguntaram para o senhor Vasu:

Os sábios disseram:

104. "Ó rei excessivamente inteligente, ó filho de Uttānapāda, como o procedimento de Yajña foi visto por você? Por favor nos fale. Ó senhor, esclareça nossas dúvidas."

105. Ao ouvir as palavras deles, o rei se lembrou dos textos Védicos e, sem ponderar sobre os pontos fortes ou fracos, ele explicou os fatos sobre Yajña.

O rei disse:

"O Yajña deve ser realizado como declarado nos textos sagrados.

106. Ele deve ser realizado com animais sacrificais ou sementes e frutas. Violência é a natureza de Yajña. Isso é o que parece para mim.

107. Já que os Mantras nos Samhitās, como revelados para os sábios dotados de penitência, e as visões de Tāraka e outros mantras, são indicativos de violência, o que eu disse agora está baseado naquela autoridade. Por isso cabe a vocês me perdoarem.

108. Ó brâmanes, se aquelas declarações em Mantras são autorizadas, que o Yajña funcione nessas linhas, caso contrário aquelas declarações se tornarão falsas." Desse modo aqueles sábios de comunhão yóguica foram tornados incapazes de responder (silenciados por ele).

109-110. Olhando para o mundo abaixo eles disseram: "Para esse efeito fique quieto. Embora um rei, você proferiu uma mentira. Por essa razão entre no mundo inferior." Assim que isso foi proferido, o rei entrou no mundo inferior. Tendo sido um residente das regiões superiores, ele agora se tornava um residente das regiões inferiores.[12]

111. Graças àquela declaração dos sábios, ele se tornou um morador das regiões inferiores. Tentando esclarecer dúvidas em questões de Dharma, o rei Vasu foi para baixo (no mundo inferior).

112. Nenhuma pessoa, mesmo se ela for muito instruída, deve expressar uma opinião decisiva por si própria, com respeito aos pontos disputados sobre Dharma. O caminho do Dharma é muito sutil. Ele tem muitos buracos e é inescrutável.

---

[10] Os versos 97-102 registram o protesto bramânico contra sacrifício animal. Uma semente germinável também é proibida porque isso envolve Himsā. Só sementes velhas incapazes de germinar em brotos devem ser usadas.

[11] ["Então ocorreu uma grande discussão entre Indra e os grandes sábios, ..." *Brahmānda P*.]

[12] A queda de Vasu por apoiar sacrifícios de animais mostra que a violência à vida até mesmo para propósito religioso estava condenada na época do Purāna. A lenda é encontrada no *Mahābhārata*, Śanti Parva, cap. 338.

113. Exceto Svāyambhuva Manu, nenhum dos Devas e sábios pode pronunciar um julgamento sobre Dharma.

114. Dessa maneira, a violência não era aprovada como um meio para Dharma pelos grandes sábios.[13] Milhares e crores de sábios chegaram ao céu por meio das atividades deles.

115. Pela mesma razão, os sábios não elogiam indevidamente caridade ou Yajña. Por fazer doações até mesmo de artigos insignificantes como raiz bulbosa, fruta, legumes ou cântaro, de acordo com seus recursos, os sábios se estabeleceram no céu.

116. *Adroha* (ausência de maus sentimentos), *Alobha* (ausência de cobiça), *Dama* (autocontrole), Bhutadaya (bondade para seres vivos), *Tapas* (penitência), *Brahmacarya* (celibato), *Satya* (veracidade), *Anukrośa* (compaixão e ternura), *Ksamā* (perdão) e *Dhrti* (fortaleza) – essas são bases de Dharma, porém extremamente difíceis de alcançar.

117. Yajña consiste em devoção e Mantras; Tapas é da natureza de observância de jejum; uma pessoa alcança Devas por Yajña e Vairagya (imparcialidade) por penitência.

118. A condição de brâmane é atingida por *Karmasannyāsa* (renúncia aos frutos do Karman). Assimilação (no Ātman supremo) é obtida por imparcialidade. *Kaivalya* (identidade completa com Brahman) é obtida por conhecimento perfeito. Essas são as cinco metas da vida.

119. Assim, antigamente, no Svāyambhuva Manvantara, surgiu uma disputa entre Devas e sábios com respeito à prática de Yajña.

120. Então, depois de testemunharem aquele procedimento notável (de Yajña) por violência e desconsiderando as sugestões de Vasu, os sábios voltaram para o lugar de onde eles tinham vindo.

121-123. Quando os sábios tinham ido embora, os Devas terminaram o Yajña e obtiveram os resultados. É ouvido que muitos reis ksatriya-brâmanes atingiram *Siddhis* através de penitência. Esses incluem Priyavrata, Uttānapāda, Dhruva, Medhātithi, Vasu, Sumedhas, Virajas, Śañkhapāt, Rajas, Prācīnabarhis, Parjanya, Havirdhāna e outros reis. Esses e muitos outros reis obtiveram Siddhis e foram para o céu. Eles eram reis religiosos de grande coragem cuja fama era bem estabelecida.

124. Por isso de todas as formas, em relação a tudo, a penitência supera Yajña. Foi através de penitência que o universo foi criado por Brahma.

125. Assim, Yajña nunca pode superar penitência. Todo esse (universo visível) tem suas bases na penitência. Dessa maneira Yajña foi colocado em voga no Svāyambhuva Manvantara. Daquele tempo em diante a realização de Yajñas continuou conforme os Yugas passaram.

---

[13] Os versos 114-118 estabelecem a superioridade do caminho do conhecimento (*jnana-marga*) sobre *karma-marga* incluindo sacrifícios.

Capítulo 58: Descrição dos Quatro Yugas

Sūta disse:

1. Daqui em diante eu explicarei as características da era Dvāpara[1]. Quando Tretā Yuga termina, Dvāpara começa.

2. No princípio de Dvāpara, a obtenção de *Siddhis* pelas pessoas é como era em Tretā Yuga. Mas conforme o Yuga avança os *Siddhis* desaparecem.

3-4. Então os seguintes vícios começam a aparecer nas pessoas na época de Dvāpara: cobiça, falta de fortaleza, mentalidade comercial, mentalidade de guerra, indecisão sobre princípios, mistura de castas, indecisão sobre deveres, destruição de plantas e animais sacrificais, orgulho, arrogância, impaciência, e fraqueza. Esses vícios provocados por Rajas e Tamas Gunas prevalecem na Era Dvāpara.

5. Na Era Krita Dharma é natural; em Tretā é buscado e obtido. Em Dvāpara ele vem a ser agitado e afetado intensamente, e em Kali ele perece.

6. Na Era Kali a ordem das castas é destruída. A disciplina das diferentes fases de vida é perturbada e confundida. Dúvidas (devido à discrepância) em Srutis e Smrtis começam a surgir.

7. Devido à diferença entre Śrutis e Smrtis, não se chega a nenhuma decisão. Devido à indecisão, princípios de Dharma não podem ser declarados. Quando os princípios divergem, há diferença de opinião entre homens.

8. Devido à diferença mútua em suas visões e à ilusão, não pode se chegar a nenhuma decisão definida quanto ao que é Dharma e o que não é.

9. Em vista dos defeitos nas causas e às indecisões nesse ponto, surgem diferenças de opinião, levando a essas peculiaridades de perspectiva (ou filosofia).

10. Multiplicidade de escrituras foi criada por pessoas de diferentes perspectivas (filosóficas). Um único Veda unificado é dividido em quatro na Era Tretā.

11. Devido ao período de vida curto como verificado em Dvāpara Yuga, o Veda é classificado em quatro por Vedavyāsas (em Dvāpara Yugas).

12. Os Vedas são subdivididos mais adiante em Mantras e Brāhmanas pelos descendentes de sábios por alterações em acentos, sílabas etc. conforme os diferentes pontos de vista deles.

13. Os Samhitās do Rk, Sāman e Yajur Vedas foram compilados por sábios perito em Śrutis, ocasionalmente com mudanças gerais e específicas (conhecidas como *Vikrtis* védicas) de acordo com pontos de vista diferentes.

14. Por conseguinte (obras) Brāhmana, Kalpa Sutras e Mantra-Pravacanas (diferentes textos escriturais sagrados) vieram à existência. Alguns foram abandonados por professores autorizados enquanto outros foram mantidos.

15. Na Era Dvāpara brâmanes começaram a desconsiderar as regras de conduta e fases de vida. Antigamente havia um Yajurveda; depois ele foi bifurcado (em Śukla e Krishna Yajurveda).

16. Todo esse conhecimento escritural foi confundido pelas interpretações gerais e pervertidas. Pelos discursos sobre (a interpretação do) Yajurveda, ele foi grandemente prejudicado.

17. Assim também, por meio de inúmeras alterações e variações, o Atharvan, Rk e Sāman foram confundidos em Dvāpara pelas pessoas de visões diferentes.

18. Essas versões diversas e diferentes não perecem apesar das alterações na Era Dvāpara. Elas continuam atuando, mas em Kaliyuga elas perecem.

---

[1] Esse capítulo descreve o estado da sociedade, religião, textos religiosos etc. na Era Dvāpara. A deterioração e confusão nas condições sociais, religiosas e outras em Dvāpara mostra como um fundo de condições caóticas estava se desenvolvendo para a Era Kali.

19. Efeitos dessas contrariedades e erros tomam forma na própria Dvāpara como calamidades tais como secas, mortes prematuras, epidemias.

20. Devido às misérias nascidas de atos verbais, mentais e físicos, desânimo e desapego à vida mundana iniciam, como um resultado dos quais elas [as pessoas] começam a ponderar sobre os modos de alívio da miséria.

21. A ponderação leva ao desinteresse [imparcialidade]; a partir do desinteresse, os defeitos (da vida mundana) são vistos. Como resultado de ver os defeitos, há a possibilidade de conhecimento espiritual na Era Dvāpara.

22. Na Era Dvāpara, (escrituras e seitas) rivais surgem contra as escrituras que eram honradas antigamente no primeiro Svāyambhuva Manvantara.

23. Há variações e alterações na ciência de Ayurveda, Jyotisa e nos auxiliares dos Vedas; há dúvidas e variações em relação aos textos sobre economia política e lógica.

24. Há diversidades e variações nos textos Smrti. Sistemas e escolas separados (de teologia e filosofia) são estabelecidos. Em Dvāpara Yuga começa a diferença de opinião entre os homens.

25. A vida de todos os seres vivos na Era Dvāpara se torna árdua envolvendo esforço corporal. O sustento é possível só através de esforço mental, verbal e físico.

26-27. Cobiça, falta de fortaleza, atividades mercantis, guerras, indecisão com respeito a princípios filosóficos, controle e edição dos textos Védicos, mistura de ritos sagrados, doenças, enfermidades, ganância, matança, desordem no sistema e regras de castas e fases de vida, e suscetibilidade à paixão e ódio - todos esses são excessivos na Era Dvāpara.

28-29. As características de Dvāpara são apenas um pouco evidentes no período *Sandhyā*. Elas ficam deficientes em qualidade. No quarto do período *Sandhyā*, uma parte disso persiste.

30. Agora escutem e entendam as características de Kaliyuga[2]. No fim do período transicional de Dvāpara começa Kaliyuga.

31. Essas são as características de Kaliyuga: violência, ciúme, falsidade, fraude e matança de ascetas. Essas são as características da Era Kali que as pessoas herdam.

32. Afetado pelas características da Era, todo o Dharma se deteriora. É duvidoso se o sustento (das pessoas) pode ser obtido mesmo por empregar esforço mental, físico, empenho ou orações.

33. Na Era Kali há doenças fatais. Há perpétuo medo da fome. Há perigo terrível de seca. A visão é obscurecida e tornada perversa.

34. Em Kaliyuga, as pessoas não aceitam a autoridade dos Smrtis. Algumas morrem no útero, outras morrem na juventude. Algumas morrem na velhice e algumas na infância, em Kali Yuga.

35. Em Kali era as pessoas são injustas, negligenciam as regras de conduta, são ferozes na raiva mas deficientes em poder e esplendor. Elas sempre proferem falsidades.

36. Há perigo e temor para as pessoas devido à realização incorreta de sacrifícios, negligência aos estudos (védicos), má conduta, escrituras religiosas enganosas e falhas no desempenho de ritos sagrados de brâmanes.

37. Na Era Kali as criaturas são afetadas por paixão e ganância. Elas se tornam violentas, enganosas, maliciosas, impetuosas, impacientes e mentirosas.

38. Há muito de agitação e turbulência no advento de Kaliyuga. Não existe estudo regular dos Vedas. Os brâmanes não executam Yajñas. Todos os homens incluindo ksatriyas e vaiśyas decaem gradualmente.

---

[2] Esse quadro sombrio da Era Kali é encontrado em quase todos os Purānas, por exemplo, *Mahābhārata*, Vana Parva, caps. 189; *Matsya Purāna*, 144, 32-47; *Vishnu Purāna* 6, cap. 1. O consenso dos Purānas mostra que este provavelmente era o estado atual da sociedade indiana quando os Purānas vieram a ser escritos.

39. Pessoas de nascimento inferior e insignificantes têm contato com brâmanes compartilhando camas, assentos e comida na Era Kali.

40. Reis são principalmente śūdras que propagam idéias heréticas. As pessoas nunca hesitam em matar uma criança no útero. Elas se comportam de tal maneira.

41. Longevidade, intelecto, força, beleza e prestígio familiar declinam. Sudras se comportam como brâmanes e brâmanes adotam os hábitos de śūdras.

42. Quando o fim do Yuga se aproxima, ladrões e assaltantes administram reinos como reis; reis adotam os métodos de ladrões e assaltantes. Servos são desprovidos de amor, amizade e lealdade (por seus senhores).

43. As mulheres se tornam impudicas e desinteressadas em ritos sagrados. Elas se tornam amantes de vinho e carne. Quando a Era Kali começa, elas recorrem a meios enganosos.

44. Na Era Kali animais predadores ficam mais numerosos e poderosos. O gado morre e diminui. Homens santos se retiram e se mantêm distantes.

45. Naquele momento o excessivamente frutífero mas muito sutil Dharma se torna difícil de acesso. Como a conduta de vida daqueles que desfrutam, nas várias fases da vida, é livre e desenfreada, o Dharma é abalado.

46. Então, quando o fim da era se aproximar, até mesmo a grande deusa como a terra produzirá apenas pouco fruto. Śūdras começarão a cumprir penitência.

47. Mas a devoção praticada por um dia (em Kali Yuga) é igual àquela praticada por um mês em Dvāpara e um ano na Era Tretā.

48. Os reis nunca protegem os súditos. Eles se apropriam de suas partes em oblações. Perto do fim do Yuga eles ficam ansiosos somente para se protegerem.

49. Os reis não pertencem ao clã ksatriya. Vaisyas se mantêm com ajuda de śūdras. Os brâmanes nobres prestam homenagem a śūdras no fim da Era Kali.

50. Na Era Kali haverá pessoas (más) disfarçadas de sábios. Quando o Yuga estiver prestes a chegar a um fim, o deus das chuvas derramará chuvas de um modo misteriosamente casual.

51. Nesse Yuga vil, as pessoas terão propensão comercial, [venderão mercadorias por pesos e][3] medidas falsas, os compradores serão enganados de sua devida parte nos artigos.

52. A sociedade inteira abundará em hereges de conduta e atividades impuras com sua aparência falsa. Os homens estarão em minoria e as mulheres serão muitas, quando o fim de Kaliyuga for iminente.

53. As pessoas estarão pedindo muito umas das outras. Elas comerão carne habitualmente. Elas estarão usando palavras ríspidas. Elas não serão sinceras ou livres de ciúme.

54. Ninguém ajudará em troca da ajuda recebida. As pessoas ficarão emaciadas e fracas. Elas se entregarão sem hesitar a atividades que causam ruína. Essa é a característica do Yuga chegando ao fim.

55. A terra será desprovida de homens bons. Ela estará desolada. Nos campos e cidades, haverá grupos e grupos exclusivos.

56. A terra será deficiente em água e menos fértil. Protetores (isto é, aqueles que deveriam proteger) não protegerão. Eles não exercerão controle sobre a administração.

57. Os indivíduos roubarão as pedras preciosas e jóias dos outros. Eles molestarão as esposas de outros homens. Eles serão irascíveis com corações perversos. Eles se divertirão em atividades pecaminosas violentas.

58. Os homens terão consciência desagradável (?). Eles manterão seus cabelos desamarrados e desgrenhados. Perto do fim do Yuga, homens com menos que dezesseis anos começarão a procriar.

---

[3] [Falha na digitalização, suprida pela expressão do *Brahmānda Purāna* 1.2, 31. 53.]

59. Quando o fim do Yuga for iminente, śūdras exibindo seus dentes brancos, com cabeças limpas raspadas e usando mantos de cor ocre realizarão ritos sagrados, proclamando que eles conquistaram os órgãos dos sentidos.[4]

60. Haverá ladrões roubando colheitas de alimento e artigos de vestuário. Haverá saqueadores roubando outros ladrões e raptores de assassinos.

61. Quando conhecimento perfeito e ritos sagrados desaparecem no mundo, quando as pessoas ficarem inativas (em assuntos religiosos) até mesmo vermes, ratos e serpentes atacarão os homens.

62. Abundância, bem-estar, boa saúde e habilidade se tornarão raros. Corujas começarão a infestar os países afligidos pelo medo da fome.

63. A expectativa máxima de vida das pessoas afligidas pela miséria será de cem anos. Em Kali Yuga, os Vedas serão vistos em alguns lugares e não serão vistos em alguns lugares.

64-**66**. Yajñas são abandonados quando Dharma sofre um retrocesso. Haverá muitos tipos de hereges como portadores de mantos cor de ocre (budistas), jainas e Kāpālikas (mendicantes portadores de caveira). Haverá vendedores dos Vedas e dos lugares sagrados. Hereges antagônicos à disciplina e organização de diferentes castas e estágios de vida nascerão. Quando Kali Yuga começar, os Vedas não serão estudados. Śūdras serão peritos e autoridades nos assuntos de Dharma.

67. Reis nascidos de mulheres śūdra não realizarão Yajñas. Os indivíduos assassinarão mulheres e matarão vacas. Chegando a confronto mútuo, eles matarão uns aos outros. E desse modo, as pessoas tentarão realizar (seu objetivo).

68. Devido à expansão da miséria, as pessoas terão vida curta. Reinos serão exterminados. Doença, ilusão, abatimento, infelicidade e todas as atividades tamásicas prevalecem na Era Kali.

69. As pessoas matarão e destruirão crianças em úteros. Com o advento de Kali, longevidade, força e beleza começam a diminuir. A expectativa de vida mais elevada de homens afligidos pela miséria será de cem anos.

70. Os Vedas serão vistos em alguns lugares e não serão vistos em alguns lugares. Quando Dharma é atormentado os são Yajñas abandonados.

71. Naquele tempo homens obterão *Siddhi* em pouco tempo. Pessoas abençoadas, brâmanes excelentes principais executarão ritos sagrados no término do Yuga.

72. Para aqueles que realizam os ritos sagrados ordenados pelos Śrutis e Smrtis, sem o menor traço de desconfiança, o desempenho de ritos sagrados por um ano em Tretā Yuga é igual àquele por um mês na Era Dvāpara. Um homem inteligente realizando esses na Era Kali de acordo com a capacidade dele, deve obter o mesmo resultado em um dia.

73-**74**. Essa é a condição na Era Kali. Agora ouçam de mim a condição na parte da junção (*Sandhyāmśa*). Em todo Yuga as realizações (*Siddhis*) diminuem e decaem por três quartos. Conforme a natureza do Yuga, os *Sandhyās* permanecem por um quarto. Conforme a natureza dos *Sandhyās* eles são estabelecidos em suas partes por um quarto.

75-**76**. Assim quando o período de junção (*Sandhyāmśa*) se aproximar no fim do (Kali)Yuga, um rei, o castigador das pessoas más, nascerá depois da morte (queda) dos Bhrgus. Ele (será) Candramas por *Gotra* (da raça Lunar). Ele se chamará Pramiti. Ele nasceu de uma parte de Vishnu antigamente no Svāyambhuva Manvantara.

77. Ele vagou sobre a terra durante vinte anos completos. Ele liderou um exército consistindo em cavalaria, carruagens e elefantes.

78. Ele era rodeado por centenas e milhares de brâmanes armados com armas. Ele matou Mlecchas aos milhares.

---

[4] Provavelmente uma referência a monges budistas, porque o Budismo predominava por toda a Índia na época desses Purānas.

79. Ele foi a todos os lugares. Depois de matar os reis nascidos de mulheres śūdra, ele exterminou os hereges.

80. Ele matou milhares de pessoas que não eram religiosas e íntegras. Ele matou aqueles nascidos de castas misturadas como também aqueles que dependiam deles.

81-**83**. Ele matou os *Udicyas* (nortenhos), *Madhya Deiyas* (os povos da Terra Média), residentes das montanhas, orientais, ocidentais, moradores de Vindhya e Aparānta. Ele matou os sulistas, Dravidas, Simhalas, Gāndhāras, Pāradas, Pahlavas, Yavanas, Tusāras, Barbaras, Cīnas, Śūlikas, Daradas, Khasas, Lampākas, Ketas, e as diferentes tribos de Kirātas.

84. Pondo sua roda (de vitória religiosa) em movimento, o senhor poderoso, o destruidor de Mlecchas, vagou sobre a terra. Ele não podia ser contrariado por algum ser vivo.

85. Ele nasceu de uma parte do Senhor Vishnu. Esse herói valoroso era conhecido como Pramiti pelas pessoas que sabiam o que aconteceu no nascimento anterior.

86-**88**. No Kali Yuga prévio, ele era de Candramas Gotra (raça Lunar). Quando ele tinha trinta e dois anos (ele iniciou sua marcha vitoriosa). Por vinte anos, ele continuou matando homens e outros seres vivos aos milhares. Por sua ação firme ele tornou a terra uma relíquia (lembrança) de sua bravura. Devido à sua raiva provocada por causas mútuas (relações bilaterais) ou subitaneidade, ele subjugou os Vrsalas que eram injustos em geral. Depois disso, ele obteve descanso eterno junto com seus seguidores na região (confluência?) do Gañgā e Yamuna.

89-**91**. Quando ele faleceu desse modo junto com seus ministros e soldados fiéis, depois de exterminar todos os reis e Mlecchas aos milhares, quando o período da parte de *Sandhyā* chegou ao fim do Yuga, e quando somente umas poucas pessoas restavam espalhadas aqui e ali, as pessoas não controladas ficaram ativas no mundo em grupos. Elas atormentaram umas às outras e buscaram ajuda umas das outras.

92. Quando a anarquia prevaleceu como resultado do Yuga (chegando ao fim), e quando havia dúvida e ansiedade em todos os lugares entre os súditos, eles ficaram com medo uns dos outros.

93. Eles estavam exaustos e agitados. Ansiosos para preservarem suas próprias vidas, eles deixaram suas esposas e lares. Eles se tornaram extremamente miseráveis e morreram.

94. Quando Dharma baseado nos Vedas e Smrtis veio a ser extinto, os indivíduos mataram uns aos outros desprovidos dos limites de decência, afeição, amizade ou vergonha.

95. Seu período de vida diminuiu para vinte e cinco anos. Eles ficaram de tamanho pequeno. Eles abandonaram suas esposas e filhos. Seus órgãos dos sentidos ficaram agitados e suas mentes abatidas.

96. Oprimidos por seca e chuva escassa, eles foram forçados a abandonar o cultivo. Sendo totalmente miseráveis, eles deixaram suas terras e países e viveram na fronteira.

97. Eles começaram a recorrer a rios, oceanos, poços e montanhas. Eles se mantinham de frutas e raízes, vinho e carne. Eles ficaram muito miseráveis.

98. Eles usavam trajes de cascas de árvores e pele de cervo. Eles não tinham esposas ou filhos. Eles abandonaram o sistema de castas e fases de vida. Eles recorreram a uma terrível mistura de castas promíscua.

99. Eles alcançaram o limite da miséria. Só alguns deles sobrevivem. Eles são oprimidos por velhice, doença e fome. Devido à miséria eles se tornam indiferentes à existência mundana.

100. Devido a esse desânimo e indiferença, eles começam a refletir. Por ponderarem a respeito eles atingem o estado de equanimidade. No estado de equanimidade eles são iluminados. Devido à iluminação eles se tornam piedosos.

101. Quando aqueles indivíduos que sobrevivem ao término de Era Kali são assim iluminados, em um único dia e noite o Yuga é transformado.

102. Depois de fazer as mentes deles encantadas Krtayuga começa devido ao poder do destino inevitável.

103. Quando Krtayuga começa a atuar novamente, os poucos indivíduos sobreviventes de Kaliyuga se tornam os indivíduos de Krtayuga.

104. Aqueles Siddhas que permanecem se movem por todos os lados e são vistos claramente. Os Sete Sábios também estão sempre presentes lá.

105. Brâmanes, ksatriyas, vaiśyas e śūdras que devem servir como sementes para a geração futura se tornam não diferenciados daqueles que são nascidos de Kali.

106. Os Sete Sábios instruem a eles e aos outros também nos dois tipos de Dharma prescritos por Śrutis e Smrtis como também na conduta relativa às castas e fases de vida.

107. Então, em Krita Yuga, as pessoas (súditos) realizam os ritos sagrados. Para os súditos da Era Krita Dharma baseado em Śrutis e Smrtis é formulado pelos Sete Sábios.

108. Para o estabelecimento de Dharma entre os súditos, os sábios permanecem em autoridade sobre o Manvantara inteiro e permanecem (vivos) até o fim do Yuga.

109-110. Da mesma maneira que brotos novos crescem das raízes de gramas que são queimadas durante o verão no incêndio florestal, assim também o novo Yuga cresce a partir do Yuga antigo. Até o fim do Manvantara essa série segue em frente sem interrupção.

111. Felicidade, longevidade, força, beleza, virtude, (Dharma), riqueza e amor – todos esses são reduzidos em um quarto de um Yuga para outro.

112. Nas partes de junções de Yugas (*Sandhyāmśas*) os *Siddhis* de Dharma ficam quase extintos. Assim, ó brâmanes, o *Pratisandhi* (o período de transição entre Yugas) foi narrado para vocês.

113-114. Por meio desse somente todos os conjuntos de quatro Yugas devem ser conhecidos. Quando o conjunto de quatro Yugas se repete mil vezes, esse é o dia do deus Brahma. A noite dele também tem a mesma duração. Nela, há simplicidade e inatividade dos Bhūtas (elementos).

115. Isso por si só é a característica de todos os Yugas. Setenta e um ciclos dos conjuntos de quatro Yugas ocorrendo sucessivamente constituem um Manvantara.

116. Em um único conjunto de quatro Yugas tudo acontece do modo que vocês ouviram agora. Nos outros conjuntos de quatro Yugas também a mesma coisa acontece na mesma ordem.

117. As diferenças que ocorrem nas várias criações estão limitadas a vinte e cinco, nem mais nem menos.

118. Assim também os Kalpas e os Yugas são similares em características. Isso por si só é o sinal característico de todos os Manvantaras.

119. Assim também as transições dos Yugas acontecem naturalmente. Eles são eternos também. Mas os seres vivos que sofrem modificações na forma de dissolução e re-criação não podem ser permanentes.

120. Desse modo as características de Yugas foram mencionadas brevemente, os Yugas do passado e do futuro em todos os Manvantaras.

121-122. Em relação aos Manvantaras futuros, as características devem ser deduzidas a partir do anterior. Nos Manvantaras, sejam do passado ou do futuro, saibam que os Manvantaras devem ser explicados por meio do atual; um Kalpa é explicado por explicar outro.

123-124. As oito classes de Devas, sábios e Manus também são semelhantes em todos os Manvantaras em nomes, formas e propósitos. A divisão das quatro castas e fases de vida são as mesmas em todo Yuga.

125. O Senhor providencia a criação e a divisão de castas e fases nos diferentes Yugas conforme a natureza daqueles Yugas com a finalidade de cumprir as funções, nos respectivos Yugas.

126. O tópico foi narrado em resumo. Agora escutem e compreendam a criação do mundo. Eu explicarei a situação em diferentes Yugas em detalhes e na ordem apropriada.

Capítulo 59: Yugas e Classes de Pessoas; Linhagem de Sábios

Sūta disse:

1. Escutem e entendam os detalhes daqueles indivíduos que nascem nos diferentes Yugas. Eu mencionarei em qual Yuga demônios, serpentes, gado, aves, Piśācas, Yaksas, e Rāksasas nascem e quanto tempo eles vivem.

2. Piśācas, Asuras, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas e Pannagas (serpentes) vivem por todo o período do Yuga, a menos que eles sejam mortos por alguém.

3. O período de vida dos seres humanos, animais, pássaros e seres imóveis oscila em todos os lugares conforme as características do Yuga.[1]

4. Instabilidade em relação ao período de vida dos seres vivos é vista em Kali Yuga. A expectativa de vida máxima dos seres humanos nesse Yuga é de cem anos.

5-7. A altura de Devas e Asuras é cento e cinquenta e oito *Añgulas* na Era Kali. Nos seres humanos (?) a altura é gradualmente reduzida em sete vezes sete *Añgulas* daquela de Devas e Asuras. É lembrado por pessoas nascidas na Era Kali que a altura delas do pé à cabeça é oitenta e quatro *Añgulas* como medidos com seus próprios dedos. Essa estatura de seres humanos é reduzida mais adiante perto do fim do Yuga.

8. Em todos os períodos de Yugas do passado e do futuro o homem tem a altura de oito palmos (*Tālas,* isto é, *Vitasti* ou a distância entre as pontas do dedo mindinho e o polegar quando ambos estão estendidos) medindo com os próprios dedos dele.

9. Aquele que tem nove *Tālas* de altura do pé à cabeça com braços que se estendem até os joelhos quando eles estão juntos é adorado até mesmo por Devas.

10. Em todo Yuga a altura de vacas, cavalos, elefantes, búfalos e seres imóveis varia como segue:

11. A corcova de touros tem setenta e seis *Añgulas*. A altura de elefantes é cento e oito *Añgulas* completos.

12. A altura de cavalos é cinquenta *Añgulas* e aquela de árvores é mil *Añgulas* menos quarenta *Añgulas* (isto é, novecentos e sessenta).

13. A constituição dos corpos de Devas é na realidade semelhante àquela dos seres humanos.

14. É dito que o corpo de Devas é dotado de intelecto excepcional. É dito que o corpo humano é equipado com menos inteligência que aquela de Devas.

15. Assim a vida de deuses e seres humanos foi explicada. Agora ouçam a descrição de animais, pássaros e seres imóveis.

16. Vacas, cabras, búfalos, cavalos, elefantes, pássaros e árvores são úteis em ritos sacrificais e todos os outros ritos.

17. Eles nascem novamente na mesma forma nos domicílios de Devas. Eles, de formas auspiciosas, são de tal maneira que podem ser desfrutados pelos Devas como lhes agradar.

18. Com as formas adequadas para eles, móveis ou imóveis, e com tamanhos encantadores como são conhecidos por aqueles familiarizados com a realidade, eles se tornam felizes.

19. Eu explicarei agora os restantes (*Śistas* ou pessoas cultas) que constituem *Sats* e *Sādhus* (santos).[2] A palavra *'sat'* indica Brahman. Aqueles que o possuem são chamados de *santas* devido à sua semelhança com Brahman.

[1] O autor purânico acredita (como será visto depois) que há uma deterioração contínua na altura ou constituição física e outras faculdades de *todos* os súditos da criação.

[2] Os versos 21-32 explicam o conceito de Dharma e o que é *Srauta Dharma* e *Smarta Dharma*. As características de Dharma são dadas nos vv. 40-55.

20. Aqueles que não ficam enfurecidos, nem jubilosos, com relação ao objeto décuplo dos sentidos e oito tipos de causas de escravidão, são chamados de *Jitātmans* (que são autocontrolados).

21. Já que brâmanes, ksatriyas e vaiśyas estão empenhados em dois tipos de Dharma, o geral e o específico, eles são chamados de *Dvijātis*.

22. O conhecimento de ritos Śrauta e Smārta utilizados pelas diferentes castas em suas diferentes fases de vida e que leva ao céu ou salvação é chamado de Dharma Real.

23-25. Um Brahmacārin que age no interesse de seu preceptor é um asceta porque ele acumula aprendizagem. Um chefe de família é um asceta porque ele realiza ritos sagrados. Um Vaikhānasa é chamado de asceta porque ele cumpre penitência na floresta. O asceta aspirante é chamado de *Sādhu* porque ele pratica exercícios yóguicos. Desse modo todos esses – o estudante religioso, o chefe de família, o ermitão residente da floresta e o eremita, são chamados de *Sādhus* porque eles cumprem os *Āśrama Dharmas* (deveres de sua fase de vida).

26. Nem Devas, nem Pitris, nem sábios nem seres humanos podem ter pontos de vista diferentes se eles disserem corretamente "Isto é Dharma", "Isto não é".

27. As duas palavras, "*Dharma*" e "*Adharma*" se referem a ritos. Ritos auspiciosos são *Dharmas* e ritos inauspiciosos são *Adharmas*.

28. A palavra *Dharma* é derivada de *Vdhr* 'segurar' ou 'fortalecer'. Se o *Dharma* não sustenta ou se ele não é conducente à grandeza ele é *Adharma*.

29. O *Dharma* que leva uma pessoa a realizar seu desejo é ensinado por preceptores. Eles chamam essas pessoas de *Ācāryas* – preceptores: pessoas idosas desprovidas de ganância, autoconfiantes, não arrogantes, bem disciplinadas e francas.

30. Um preceptor pratica esses princípios ele mesmo; ele estabelece um código de boa conduta; ele reúne (e domina a fundo) significados de escrituras e é dotado de (isto é, pratica) restrições e observâncias.

31. Depois de aprender os Vedas dos anciãos, os Sete Sábios discorreram em detalhes sobre o Srauta Dharma. Os Vedas são Rk, Yajus e Sāman. Eles são os próprios membros do Veda.

32. Depois de se lembrarem do código de conduta de vida corrente no Manvantara prévio, eles o explicaram uma vez mais. Por isso aquele Dharma é conhecido como Smarta Dharma. Ele se refere diferentes castas e fases de vida.

33. Ambos os tipos de Dharma são chamados de "*Śistācāra*" (a conduta dos cultos). A palavra *Śista* veio da palavra *Śesa* (sobrevivente, restante).[3] Por essa razão *Śistācāra* é a conduta de vida para aqueles que permanecem (isto é, sobreviveram ao Manvantara).

34-35. As pessoas justas que sobrevivem depois de um Manvantara são Manu e os Sete Sábios. Eles permanecem para a continuidade das pessoas e com o propósito de estabelecer virtude (*Dharma*). Manu e outros *Śistas* foram enumerados por mim antes. Aquilo que tem sido praticado regularmente em todo Yuga por aqueles *Śistas* (deve ser conhecido como *Śistācāra*).

36. Estudo dos três Vedas, agricultura, administração de justiça e governo, sacrifício, aderência aos (deveres de) castas e fases de vida – todos esses são praticados pelos *Śistas* incluindo Manu e os antecessores dele. Aquele *Śistācāra* é eterno.

37. Os oito seguintes são *Śistācāras* característicos: caridade, veracidade, penitência, ausência de ganância, aprendizagem, sacrifício, procriação e compaixão.

38. Como os *Śistas* (sobreviventes), Manu e os Sete Sábios, praticam isso em todos os Manvantaras, isso é conhecido como *Śistācāra*.

---

[3] Os versos 33-38 apresentam uma definição singular de *Sista* e do que é *Śistācāra*. *Manu* XII. 109 e *Vasishtha (Smrti)* VI. 143 diferem. Eles insistem em conhecimento (védico), capacidade de extrair inferência correta e persuadir as pessoas a seguirem o ensino védico. O *Matsya Purāna* 145.34-35 apóia nosso texto e a deriva de 'permanecer'.

39. Aquilo que é ouvido (isto é, se refere a Śrutis) deve ser conhecido como Śrauta (Dharma); aquilo que é lembrado (isto é, se refere a Smrtis) é chamado de Smārta (Dharma). Realização de sacrifício, estudo dos Vedas etc. são Śrauta Dharmas e observância dos deveres de castas e fases de vida é chamado de Smārta Dharma. Eu declararei as características e as várias partes desse Dharma.

40. Depois de ver e ao ser perguntada sobre isso (se) uma pessoa não esconde fatos e os declara na sequência apropriada (como eles aconteceram), essa é a característica (sinal de) *Satya* (veracidade).

41. Celibato, Japa, silêncio e jejum – essas são as bases da penitência. Penitência é trabalhosa e muito difícil de realização.

42. Os animais sacrificais, os materiais requeridos, o ghee, oferendas, os Mantras Rk, Sāman e Yajus, Rtviks e os presentes sacrificais - a coleção de todos esses constitui Yajña.

43. Ver todos os seres vivos como a si próprio, olhar imparcialmente para amigos e inimigos é chamado de *Dayā* (compaixão, clemência).

44. Não se deve golpear de volta ou repreender quando golpeado ou reprovado. Restrição em pensamento, fala e ação e perdão é chamado de tolerância.

45. Abster-se de pegar os pertences de outro homem deixados desprotegidos pelo dono, ou jogados fora no chão, é chamado aqui como 'não cobiçar'.

46. Abstinência de atos sexuais, nem pensar nem imaginar a respeito disso e completo desinteresse sexual é chamado de celibato (*Brahmacarya*).

47. Se os órgãos dos sentidos não adotam um caminho errado para si mesmo ou para outros, esse é o sinal de quietude ou restrição.

48. Aquele que não se enfurece quando contrariado no objeto sensual décuplo [isto é, nos cinco órgãos dos sentidos e cinco órgãos de ação] e nas oito causas de escravidão mundana é considerado um conquistador.

49. Se um indivíduo sente que ele deve doar para uma pessoa merecedora o que quer que seja muito querido para ele ou o dinheiro (ou coisas) que vieram a ele devidamente e justamente, esse é o sinal característico de *Dana* (Caridade).

50. A caridade é de três tipos: inferior, superior, e mediana. Aquela que leva à libertação (de *Samsāra*) é do tipo mais elevado; aquela que é dada para a realização dos fins egoístas da pessoa é a mais inferior; aquela que é dada a todos os seres por piedade ou sua própria partilha com as famílias é o (tipo de *Dana*) mediano.

51. Aquilo que é ordenado por Śrutis e Smrtis, aquilo que corresponde à observância dos deveres de castas e fases de vida, aquilo que não é contrário à prática dos cultos (*Śistas*) e aquilo que surge do contato com os puros e os bons, é *Dharma*.

52. Ausência de ódio pelo que não é apreciado, abstenção de elogio impróprio do que é apreciado, refrear-se de deleite excessivo, arrependimento e abatimento é chamado de desinteresse. [Isto é, *Viraktata* (ausência de paixão).]

53. *Sannyāsa* significa se abster dos frutos de ações realizadas ou pretendidas serem realizadas. Abandono do que é bom e do que não é bom é chamado de *Tyāga*.

54. O conhecimento da transformação do imanifesto e não diferenciado no não-sensível e a diferença e distinção entre o sensível e não-sensível é chamado de *Jñāna* (conhecimento real).

55. Esses são os sinais característicos dos vários auxiliares de Dharma como mencionados pelos sábios que conheciam os princípios de Dharma no Svāyambhuva Manvantara anterior.

56. Eu mencionarei agora o prosseguimento do Manvantara e o modo de comportamento das pessoas de uma casta com os membros das outras castas e entre elas mesmas. Em todo Manvantara, o sistema dos Vedas difere.

57-**58**. (Os Mantras védicos do) Rk, Yajus e Sāman permanecem os mesmos em relação a toda divindade como antes. Apesar da dissolução de elementos, *Śatarudriya*, o procedimento de oferendas sacrificais, como também *Stotra* (hinos ou preces) funcionam como antes.

Os *Stotras* são de quatro tipos: *Dravya-stotra* (louvor de material sacrifical); *Guna-stotra* (louvor de qualidades); *Karma-stotra* (louvor dos próprios ritos), e o quarto é o louvor de *Abhijanas* (linhagem).

59. Em todos os Manvantaras Brahma inicia os quatro tipos de *stotras* em relação a Devas exatamente quando eles passam a existir. Desse modo a origem da coleção de Mantras é de quatro tipos.

60-**62a**. Como os sábios executam penitência severa e extremamente difícil, os Mantras de diferentes Vedas, Atharva, Rk, Yajur e Sāman, aparecem diante deles respectivamente da mesma maneira como nos Manvantaras prévios. Eles (os Mantras) surgem de cinco fontes: satisfação, medo, miséria, felicidade, e tristeza, nascidos da totalidade da penitência deles, visão ou por casualidade.

62b. Agora (aqui) eu explicarei o *Rritva* (o estado de ser um Rsi) de sábios junto com as características deles.

63. Entre o passado e o futuro, é dito que os sábios são de cinco tipos. Por isso eu narrarei a origem de sábios e de *Arsa* (tudo o que diz respeito a Rsis).

64-**65**. Quando os Gunas estavam em (um estado de) equilíbrio, houve a aniquilação de tudo. Não havia Devas em nenhum lugar. Como se devido à assimilação deles (*atideśa*) ela (*Pradhāna*) funciona ininteligentemente por causa de *Cetana* (o consciente). Assim ela era presidida por *Cetana* (o princípio consciente) sem sua consciência.

66. Os dois funcionam como o peixe e a água. O *Tattva* (Pradhāna) presidido pela consciência (o Purusa consciente) opera através de Gunas.

67. Como a causa está presente o efeito funciona do mesmo modo. O objeto funciona devido ao sujeito. O *Artha* (significado) funciona devido à sua significatividade (estado de possuir significado).

68. As diferenças que são materializadas por *Kāla* (Tempo) são devido à natureza intrínseca da causa. Elas se tornam manifestas explicitamente no devido tempo como *Mahat* e outros princípios.

69. De *Mahat*, *Ahamkāra* (Ego Cósmico) é evoluído; do Ego os elementos (sutis). Os diferentes elementos são evoluídos devido à interação mútua. A causa se transforma imediatamente em ação.

70. Da mesma maneira que um tição ardente espalha suas faíscas por todos os lados simultaneamente enquanto caindo, assim também o Princípio consciente (Ksetrajña), que se transforma devido à ação do Tempo, manifesta a si mesmo.

71. Assim como um pirilampo é visto de repente na escuridão cegante, assim também Mahat evoluiu a partir do imanifesto e brilha como um pirilampo.

72. O Princípio de Consciência permanece na entrada para a grande câmara onde o princípio incorporado *Mahat* fica.

73. *Mahat* é visto além de *Tamas* (o princípio escuro) por causa de sua disparidade distinta. O Śruti diz, "O Princípio Consciente, o conhecedor, permanece lá no fim da escuridão."

74. Conforme ele (*Mahat*) estava se transformando, *Buddhi* (Intelecto) se manifestou de quatro modos, isto é, conhecimento perfeito, desinteresse, glória e Dharma.

75. Todos esses são evolução dele e também bem formados. Isso é chamado de *Siddhi* (Evolução) porque é efetuado pela transformação de *Mahat* incorporado.

76. Ele (*Purusa*) fica no corpo (*Pur*) e possui o conhecimento do corpo. Ele é chamado de *Purusa* porque ele mora no *Pur* (corpo), e é chamado de *Ksetrajña* devido ao seu conhecimento do corpo.

77. Como ele tem conhecimento do *Ksetra* (corpo), ele é chamado de *Ksetrajña*. Portanto o Senhor é chamado de Intelecto (*Mati*). Como ele permanece com *Buddhi* (Intelecto), ele é da natureza de conhecimento (*Bodha*). Para a realização (de tarefa do mundo?) essa entidade ininteligente, manifesta e imanifesta, é permeada (pelo Princípio Inteligente).

78. Assim é o princípio consciente que se dissocia dos objetos dos órgãos dos sentidos. É esse mesmo princípio que reconhece os objetos como dignos de serem desfrutados.

79. A raiz *i/rs* [ou *rsh*] significa 'ir'. Isso se refere aos Vedas, veracidade e penitência. Aquele que é dedicado a esses três e alcança Brahman é chamado de 'Rsi'.[4]

80. O Rsi que obtém o conhecimento do grande princípio imanifesto e se abstém de ligação mundana simultaneamente é chamado *Paramarsi*.

81. A partir da raiz que significa 'ir', o nome *Rsi* foi derivado. Como os filhos mentais de Brahma são nascidos por si mesmos, eles são *Īśvaras* (dotados de poder espiritual).

82. Aquele que não é restringido ou delimitado por medidas é chamado de grande. Aqueles que atingem o Grande Princípio por meio de atributos são chamados de *Maharsis*. Eles são os videntes que podem penetrar além do intelecto.

83. Os corações daqueles (filhos mentais) poderosos são auspiciosos. Evitando ego e ignorância (*Tamas*), eles alcançaram a condição de sábios.

84. Por isso aqueles que têm um discernimento real e conhecimento do *Bhūtādi* (Ego Cósmico) são chamados de *Rsis* (Sábios). Os filhos de *Rsis* (Sábios) que nascem do útero por meio de relações sexuais são chamados de *Rsikas*.

85. Aqueles (espiritualmente) poderosos percebem os *Tanmātras* (elementos sutis) e *Satya* (a verdade). Os Sete Sábios, portanto, são os realizadores supremos da Verdade.

86. Os filhos dos sábios são conhecidos como *Rsiputras*. Como eles obtiveram conhecimento e o domínio dos princípios, eles são chamados de *Śrutarsis*. Eles são observadores perspicazes da verdadeira sabedoria.

87. Eles são de cinco classes. Seus nomes são *Avyaktātmā*, *Mahātmi*, *Ahamkārūtmā*, *Bhutāmā* e *Indriyātmū*. Eles praticam cinco tipos de conhecimento. Conheçam as cinco classes de sábios pelos nomes deles.

88. Os seguintes são os senhores poderosos autonascidos como os filhos mentais de Brahma: Bhrgu, Marīci, Atri, Añgiras, Pulaha, Kratu, Manu, Daksa, Vasishtha e Pulastya, dez ao todo.

89. Como eles nascem do sábio e são por isso (espiritualmente grandes), eles são chamados de *Maharsis*. Saibam os nomes dos sábios que eram os filhos desses grandes sábios (*Maharsis*).

90-91. Kāvya, Brhaspati, Kāśyapa, Uśanas, Utathya, Vāmadeva, Apojya, Aiśija, Kardama, Viśravas, Śakti, Vālakhilya, e Dhara. Esses são chamados de sábios porque eles atingiram aquela fase através de seu conhecimento.

92-94. Entendam que os *Rsikas*, filhos de sábios, nasceram de úteros. Vatsara, Nagrahū, Bhāradvāja, Brhaduttha, Śaradvān, Agastya, Auśija, Dīrghatamas, Brhaduktha, Śaradvata, Vājaśravas, Suvitta, Suvāk, Ve?aparāyana, Dadhīca, Śañkhamān e o rei Vaiśravana – esses são chamados de *Rsikas*. Eles atingiram a condição de *Rsi* (posição de *Rsis*) por meio de veracidade.

95. Īśvaras, Rsikas e outros são os videntes (criadores de Mantras). Agora escutem os nomes deles.

96-97. Bhrgu, Kāvya, Pracetas, Dadhīca, Atmavān, Aurva, Jamadagni, Vida, Sārasvata, Advisena, Arūpa, Vītahavya, Sumedhasa, Vainya, Prithu, Divodāsa, Praśvāra, Grtsamān e Nabha: esses dezenove sábios eram os explicadores de Mantras.

98-102, Añgiras, Vedhasa, Bhāradvāja, Bāskali, Amrta, Gārgya, Śeni, Samhrti, Purukutsa, Māndhātā, Ambarīsa, Ahārya, Ajamidha, Rsabha, Bali, Prsadaśva, Virūpa, Kanva, Mudgala, Yuvanāśva, Paurukutsa, Trasaddasyu, Sadasyumān, Utathya,

---

4 Os versos 79-107 esclarecem o conceito de 'Rsi' e dão os detalhes das diferentes classes de Rsis, por exemplo, os compositores do Mantras e Brahmanas etc. e explicações de 'Maharsi' etc. Estes também apresentam as famílias de sábios.

Bharadvāja, Vājaśravas, Ayāpya, Suvitti, Vāmadeva, Augaja, Brhaduktha, Dirghatapas e Kaksīvān: esses trinta e três são descendentes excelentes de Añgiras. Esses são *Mantrakrts* (compositores, isto é, videntes de Mantras). Agora ouçam os descendentes de Kāśyapa.

103. Kāśyapa, Vatsara, Vibhrama, Raibhya, Asita e Devala, esses seis pertencem à família de Kāśyapa e eles são os explanadores de Brahman.

104. Atri, Arcisana, Śyāmāvān, Nisthura, o inteligente sábio Valgūtaka e Pūrvātithi – esses são os descendentes de Atri. Eles são grandes sábios (*Maharsis*) e videntes de Mantras.

105-106. Vasistha, Śakti, Parāśara, (o quarto) Indrapramati, (o quinto) Bharadvasu, (o sexto) Maitrāvaruna, (o sétimo) Kundina, (o oitavo) Sudyumna, o nono Brhaspati e o décimo Bharadvāja – esses dez são os compositores de Mantras e Brāhmanas.

107. Esses são os criadores (videntes de Mantras) e destruidores de injustiça. Essa característica dos Vedas é prescrita para todos os ramos do Veda.

108-110. A palavra *Hetu* (razão de inferência) é derivada de *y/hi* 'destruir'.[5] 'Aquilo que destrói o que é argumentado pelo oponente' é chamado de *Hetu*. Ou ela pode ser proveniente de 'ir' - 'aquilo que habilita a pessoa à obtenção do significado' é *Hetu*. Ela ajuda chegar a um significado definido (decisivo) de uma afirmação depois de refutar o ponto de vista do oponente. Preceptores dizem que ela significa *Nindā* (censura) quando as declarações (dos oponentes) são censuradas devido aos defeitos delas.

111. A palavra *'Praśamsā'* (louvor) é derivada da raiz *y/sams* com o prefixo *Pra-*. Uma declaração é louvada em virtude de seus méritos. 'Isso é isso', 'Isso não é isso' – esse tipo de indecisão é chamado de *Samsaya* (Dúvida).

112. O conceito de *Purākalpa* é devido a ele ter acontecido no passado.

113. Os eventos dos tempos antigos não podem ser decididos por Mantras, Brāhmanas, Kalpas e Nigamas, por mais que genuínos e detalhados. O que é falado indecisamente é chamado de fictício.

114. Do mesmo modo que isso, assim também é aquilo; isto também é assim, essa é a décima instrução do Brāhmana.

115. Essa é a primeira definição do Brāhmana formulada pelos eruditos. Mais tarde seu *Vrtti* (comentário) (sobre toda palavra) foi composto por brâmanes.

116. A utilidade dos Mantras está nos ritos prescritos por meio de injunções. A palavra *'Mantra'* é derivada de 'sussurrar'. E a palavra Brāhmana significa uma pessoa que mantém as injunções de Brahma.

117. Os conhecedores de Sutras chamaram como *Sūtra* aquela (declaração) que consiste em muito poucas sílabas, é livre de ambiguidade, cheia de essência, que é abrangente em aplicação embora desprovida de anexos supérfluos e não contém palavras censuráveis.

---

[5] Os versos 108-117 explicam alguns termos como *Hetu*, *Praiamsi*, *Sūtra* etc.

Capítulo 60: Descrição de Lugares Sagrados; A Morte de Śākalya

1. Ao ouvirem as palavras dele os sábios disseram a Sūta de amplo conhecimento: "Ó senhor inteligente, como os Vedas foram classificados no passado? Por favor nos conte isso."

Sūta disse:

2. Ó sábios altamente inteligentes, no Svāyambhuva Manvantara, quando Dvāpara tinha começado, Brahma disse isto para Manu. Eu o repetirei.

3. "Ó caro, quando um Yuga passa, os brâmanes se tornam deficientes em energia e vigor. Todos eles são envolvidos pelos defeitos do novo Yuga.

4. Só muito pouco (da glória anterior) resta para ser vista. Somente uma décima milionésima parte da que existia originalmente no começo da Era Krita permanece.

5. Poder, esplendor, força e eloquência – tudo perece. Por essa razão os Vedas devem ser classificados, para que não haja destruição total (daquele conhecimento).

6. Quando os Vedas perecem, Yajña perece. Quando Yajña perece, os Devas perecem. Então tudo perece.

7. Os Vedas originais consistiam em quatro Pādas e cem mil Mantras. Isso aumentou dez vezes. O Yajña inteiro concede todos os desejos."

8. Ao ser abordado dessa maneira, o Senhor Manu, dedicado à prosperidade dos mundos, disse, "Assim seja". Ele dividiu os Vedas em quatro livros (compêndios).

9. Foi a pedido de Brahma e com o desejo do bem-estar do mundo (que ele dividiu o Veda). É pela classificação atual dos Vedas que vocês devem imaginar a (extensão etc. dos) Vedas.

10. Eu narrarei para vocês (a classificação dos Vedas) conforme o Manvantara atual. É por adotar o processo de inferência do que está além da percepção que vocês compreendem (a classificação), ó excelentes.

11. Nesse Yuga, o filho de Parāśara que é glorificado como uma parte de Vishnu e que é famoso como Dvaipāyana, o abrasador (vencedor) de inimigos, foi feito Vyāsa[1] (o organizador dos Vedas).

12-13. Estimulado pelo deus Brahma, ele empreendeu o trabalho de classificar o Veda. Ele adotou quatro discípulos para (preservação e continuidade dos) Vedas. (Eles eram) Jaimini, Sumantu, Vaiśampāyana, Paila (foi o quarto deles) e o quinto Lomaharsana.

14. Ele fez formalmente o brâmane Paila o explanador do Rgveda e Vaiśampāyana o explanador do Yajurveda.

15. Ele aceitou Jaimini como o explanador do Sāma Veda. Similarmente ele aceitou o sábio excelente Sumantu como o explanador do Atharva Veda.

16. O Senhor puro me aceitou como o narrador de Itihāsa e Purānas.

---

[1] Os versos 11-23 descrevem como Krishna Dvaipāyana classificou o conhecimento védico e o deu para seus estudantes da seguinte maneira:

Nome do Estudante	***Veda Designado***
Jaimini	Sāma Veda
Sumantu	Atharva Veda
Vaiśampāyana	Yajur Veda
Paila	Rig Veda
Lomaharsana	Itihāsa e Purāna

17. O Yajurveda era uma única compilação. Ele o dividiu em quatro. Havia quatro sacerdotes sacrificais. Ele organizou o sacrifício através deles.

18. Ele ordenou o trabalho do sacerdote *Adhvaryu* por meio de Mantras Yajur, aquele de *Hotr* por mantras Rk, aquele de *Udgātr* pelos Mantras Sāman e aquele de *Brahma* (o sacerdote presidente) por Mantras Atharvan. Ele estabeleceu Brahma no Yajña por meio do Atharvan (Veda).

19. Depois disso, ele escolheu Mantras Rk (selecionados) e compilados do Rg Veda. Ele ordenou os deveres de Hotr, o realizador de um sacrifício e o benfeitor do mundo.

20. Com os Sāmans, (ele) organizou Sāmaveda e assim evoluiu Udgātr. Por meio do Atharva Veda ele estabeleceu ritos para reis.

21. Ele, perito nos significados dos Purānas, compôs os compêndios de Purānas por compilar narrativas, sub-narrativas, poemas e canções, e a conduta tradicional das raças antigas.

22. Tudo o que restou ele incluiu no Yajurveda e o organizou com sacrifício. É a decisão definida das escrituras que o Yajurveda é o que capacita alguém para executar sacrifício.

23. Ele juntou propriamente os Mantras Yajur espalhados, com a colaboração de Rtviks que eram os mestres dos Vedas. Por meio dele [do Yajur Veda] o sacrifício de cavalo é realizado. Ele é utilizado nisso.

24-25. Pegando os Mantras Rk, Paila os dividiu em dois grupos.[2] Ele os entregou para seus dois discípulos, uma seção foi dada para Indrapramati e a outra foi dada a Bāskala. O excelente brâmane Bāskali compôs quatro Samhitās (compêndios) e ensinou seus discípulos que eram adequados e que o serviam atentamente.

26. Ele ensinou o primeiro ramo (compilação) para Bodha, o segundo para Agnimāthara, o terceiro para Parāśara e o último para Yājñavalkya.

27. O excelente brâmane Indrapramati ensinou para o abençoado e renomado Mārkandeya um dos Samhitās.

28. Mārkandeya de grande fama ensinou seu filho primogênito Satyaśravas. Satyaśravas ensinou a Satyahita.

29. Aquele mestre (de conhecimento védico) ensinou seu filho Satyaśrī que era verdadeiro, de alma nobre, e dedicado avidamente à veracidade e devoção.

30. Satyaśrī teve três discípulos muito brilhantes. Eles eram altamente instruídos e muito ansiosos para aprender escrituras.

---

2 Os versos 24-31 descrevem a divisão do Rigveda e a linha de professores.

Paila

Indrapramati	**Baskala**
↓	(*Quatro ramos cada um dado para:)*
Markandeya	(1) Bodha
↓	(2) Agnimathara
Satyasravas	(3) Parāśara
↓	(4) Yajnavalkya
Satyahita	

Antigos professores do Rgveda

Satyahita
↓
Satyasri

↓	↓	↓
Sakalya	**Rathantara**	**Bharadvāja**
ou Devamitra	(Rathitara no *Brahmānda P.)*	(Filho de Baskala)

31. Śākalya foi o primeiro entre eles. Outro era Rathantara. O terceiro era Bharadvāja, filho de Bāskala. O três foram os explanadores dos ramos daquele Veda.

32. No sacrifício de cavalo de Janaka o brâmane Śākalya (também conhecido como) Devamitra, pereceu porque ele era orgulhoso demais do seu conhecimento.[3]

Sāmsapāyana disse:

33. Como aquele sábio, muito orgulhoso de seu conhecimento, pereceu? Como surgiu a discussão no sacrifício de cavalo de Janaka?

34. Por que o debate surgiu de qualquer modo e com quem? Narre tudo isso da maneira que aconteceu, até onde você sabe.

Ao ouvir as palavras dos sábios Sūta respondeu:

Sūta disse:

35. No sacrifício de cavalo de Janaka havia uma grande congregação de sábios. Milhares de sábios, desejosos de testemunhar o sacrifício do rei religioso Janaka, chegaram lá de vários lugares.

36. Ao ver os brâmanes reunidos lá, um desejo de saber mais sobre eles surgiu nele. "Quem é o brâmane mais excelente entre esses? Como eu decidirei isso?" Pensando assim em sua mente, ele concebeu de um método inteligente.

37. Ele reuniu mil vacas, mais de mil peças de ouro e pedras preciosas, escravos e aldeias. Ele então anunciou para os sábios: "Ó excelentes e abençoados, eu me curvo a vocês todos com minha cabeça.

38. Ó brâmanes excelentes, a riqueza que foi trazida aqui é oferecida ao sábio mais excelente entre vocês. Ela é oferecida como o preço de sua aprendizagem."

39. Ao ouvirem as palavras de Janaka, aqueles sábios, peritos nos Vedas, viram e desejaram a vasta riqueza. Com total confiança em seu conhecimento, eles começaram a desafiar uns aos outros.

40. Com suas mentes pairando em volta da riqueza, um disse, "Esta riqueza (deve ser) minha". Outro disse, "Diga-me. Ela não é minha? Por que você está em dúvida?" Assim, como resultado da tentação de riqueza, eles começaram a discutir uns com os outros.

41-43. Lá se encontrava um grande estudioso Yājñavalkya, filho de Brahmavāha. Ele era altamente brilhante, um grande santo. Ele nasceu do próprio corpo de Brahma. O mais excelente entre os conhecedores de Brahman, ele falou claramente para seu discípulo, "Ó, leve embora essa riqueza. Ó caro, leve-a para casa. Ela é minha indubitavelmente. Eu sou o explanador de todos os Vedas. Nenhum outro é igual a mim. Se algum brâmane deseja me desafiar, que ele faça isso sem demora."

44. Nisso aquela multidão vasta de brâmanes ficou agitada como o oceano na hora da dissolução. O impassível e calmo Yājñavalkya lhes falou de modo sorridente:

45. "Ó eruditos, ó faladores da verdade, não fiquem irritados. Tentando conhecer uns aos outros, nós discutiremos de maneira apropriada."

46-47. Então os argumentos deles tiveram várias alternações. Eles discutiram milhares de tópicos importantes sobre o assunto sutil de filosofia. Os tópicos mundanos, Védicos e espirituais também foram discutidos. Todos os ramos de ciência foram tocados. No decorrer do debate alguns amaldiçoaram e alguns exibiram suas qualidades excelentes. Os reis foram excluídos da discussão. Desse modo os brâmanes continuaram a argumentação por causa de riqueza.

---

[3] A história de como Sākalya perdeu sua vida em sua disputa com Yājñavalkya é contada nos vv. 33-63. A história é baseada na lenda registrada no *Brhadaranyaka Upanishad* III. 8.12-26. O nosso Purāna não menciona que Gargi Vacaknavi aceitou derrota de Yājñavalkya antes de Sākalya aceitar o desafio de Yājñavalkya. Ele também não afirma que foi a inabilidade de Sākalya para expor a respeito do "Purusa Upanishádico" que lhe custou a cabeça e não sobre a superioridade de Sāñkhya ou Yoga como apresentado nesse Purāna.

O episódio lança luz sobre as disputas filosóficas nas cortes reais da Índia antiga, embora o Purāna dê um resumo breve do debate.

48. Os sábios se agruparam de um lado. Yājñavalkya ficou no outro lado. Depois disso, todos aqueles sábios foram questionados individualmente pelo inteligente Yājñavalkya. Eles porém falharam ao responder.

49. Depois de derrotar os sábios em debate, o sábio Yājñavalkya de grande esplendor, um repositório de conhecimento bramânico, falou para Śākalya que tinha iniciado discussão:

50. "Ó Śākalya, diga o que você tem a dizer. Por que você está sentado meditando quietamente? Cheio de lentidão e falso prestígio, você é como um par de foles inchado pelo vento."

51. Ao ser atacado dessa maneira, Śākalya, com seu rosto e olhos vermelhos como cobre devido à raiva, falou duramente com Yājñavalkya na presença de todos os sábios:

52. "Ignorando-nos (abandonando-nos) como também esses brâmanes excelentes como folhas de grama, você deseja se apoderar sozinho das riquezas vastas oferecidas por erudição." Ouvindo isso de Śākalya, Yājñavalkya falou:

53. "Saiba que a força das pessoas estabelecidas em Brahman é seu conhecimento e seu discernimento da realidade.

54. O desejo está conectado com riqueza. Por isso nós desejamos riqueza. Brâmanes consideram que fazer perguntas livremente por desejo é a riqueza de brâmanes. Consequentemente nós fazemos perguntas como nós queremos.

55. Essa foi a condição formulada pelo rei religioso Janaka. Por essa razão a riqueza está sendo levada por mim." Ao ouvir as palavras dele, o enfurecido Śākalya falou para Yājñavalkya fazendo perguntas como lhe agradava:

56. "Agora me diga precisamente as respostas para estas perguntas." Então um grande debate se seguiu entre os dois peritos em Brahman.

57. Śākalya fez a ele mais de mil perguntas. Yājñavalkya respondeu-as todas mesmo enquanto os sábios estavam escutando.

58. Quando Śākalya deixou de discutir, Yājñavalkya disse, "Ó Śākalya, responda uma única pergunta minha, a qual eu proponho de boa vontade a você. A aposta para esse debate é uma maldição. Se você for incapaz de responder você morrerá."

59. Instado por ele, uma pergunta foi feita por Yājñavalkya. Incapaz de entender a resposta dela, Śākalya morreu imediatamente.

60. Śākalya morreu sendo afligido pela inabilidade para responder a pergunta. Assim houve uma grande disputa entre os sábios desejosos de riqueza e Yājñavalkya.

61-62. Respondendo centenas e milhares de perguntas feitas por todos eles, Yājñavalkya, que tinha penetração profunda na essência daquelas perguntas, levou a riqueza inteira. Ele espalhou sua fama por todos os lugares. Ele, o sábio de sentidos controlados, partiu para casa junto com seus discípulos e estava bastante contente.

63. Śākalya (também conhecido como) Devamitra, era um brâmane nobre, excelente. Ele era inteligente e excelente entre aqueles que conhecem as implicações da gramática. Ele tinha composto cinco Samhitās.

64. Ele teve cinco discípulos, isto é, Mudgala, Golaka, Khālīya, Matsya e Śaiśireya (o quinto).

65. Śākapūrna Rathītara expôs (compilou) três Samhitās. Esse brâmane excelente compôs Nirukta como seu quarto trabalho.

66. Ele teve quatro discípulos, isto é, Ketava, Dālaki, Dharmaśarman, e Devaśarman. Eles eram brâmanes que observavam ritos sagrados.

67. Quando Śākalya morreu aqueles presentes lá incorreram no pecado de assassinato de brâmane. Preocupados dessa maneira eles se aproximaram de Brahma.

68. Ao conhecer mentalmente a situação deles, Brahma os enviou para Pavana Pura. "Todos vocês vão lá, seu pecado será purificado imediatamente.

69. Depois de reverenciarem os doze sóis, a deidade Vāluka, os onze Rudras e particularmente o filho de Vāyu (Hanumān), e depois de darem um mergulho nos

quatro tanques sagrados, vocês superarão (expungirão) o pecado de matar um brâmane."

70. Ao ouvirem isso, eles se apressaram para aquela cidade. Eles realizaram ablução sagrada conforme injunções e visitaram as divindades.

71. Eles se curvaram a Uttareśvara. Pela graça de Vādavas eles ficaram livres de pecados e atingiram a região solar.

72. Desde aquele tempo aquele centro sagrado se tornou um destruidor de pecados. Essa cidade santa de Vāyu tinha sido construída pelo deus do vento antigamente.

73. Quando Hanumān, o filho do deus do vento, nasceu (do útero) de Añjanā, o grande deus de façanhas verdadeiras nasceu, esse centro sagrado foi criado por Vāyu, o filho do senhor Brahma.

74-**75**. Aqui os Śūdras nascidos no mundo e dedicados aos brâmanes foram sobrecarregados pesadamente para seu sustento e para a realização de Brahma Yajña. Dessa maneira, a grande administração dos brâmanes se radicou aqui. Até um matador de vaca, uma pessoa ingrata, um viciado em vinho ou o profanador da cama de um preceptor fica livre de todos os pecados depois se curvar a Vādāditya.

Capítulo 61: Linhagem de Prajāpati

Os sábios disseram:[1]

1-2. Bhāradvāja, Yājñavalkya, Gālaki, Sālaki, o inteligente Śatabalāka, o excelente brâmane Naigama e Bharadvāja, filho de Bāskala[2] – todos esses expuseram três Samhitās. Rathītara compôs o quarto trabalho chamado Nirukta.

3-4. Ele teve três discípulos de alma nobre dotados de qualidades boas. Eles eram o inteligente Nandāyardya, o sábio Pannagāri e o terceiro Aryava (Arjava no *Brahmānda P*.). Eles eram de observâncias louváveis, sagradas devido à penitência deles. Eles eram livres de paixões, dotados de esplendor muito grande e mestres do conhecimento de Samhitās. Por isso eles eram chamados de *Bahvrcas* por quem Samhitās foram propagados.

5-6. O sábio da linhagem espiritual de Vaiśampāyana compôs Yajurveda. Oitenta e seis Samhitās auspiciosos de Mantras Yajus (r) foram compostos por ele. Ele os passou para seus discípulos. Eles os pegaram conforme as injunções. Apenas o sábio Yājñavalkya de grande penitência foi deixado de fora. Mas ele também compôs oitenta e seis Samhitās alternativos.

7. Cada um desses três tinha três subdivisões. Desse modo surgiram nove escolas diferentes.

8. As três escolas principais são *Udlcyas* (os nortenhos), *Madhyadeśas* (aqueles dos países centrais) e *Prācyas* (os orientais). Syāmāyani se tornou o chefe da escola do norte.

9. Essas são as três cabeças [divisões] regionais. Aruni foi louvado como o primeiro e principal daqueles que tinham sido estabelecidos na Madhyadeśa. Alambi foi o primeiro entre os orientais.

10. Todos esses brâmanes que expuseram os Samhitās também são chamados de 'Carakas.'

Ao ouvirem as palavras dele, os sábios, que estavam desejosos de saber, perguntaram a Sūta:

11. "Qual foi a razão pela qual os Adhraryus eram chamados de *Carakas*? O que foi que eles realizaram? Por qual motivo eles foram chamados dessa maneira?" Sūta assim solicitado lhes explicou como eles vieram a obter a designação *Caraka*.

Sūta disse:[3]

12. Ó brâmanes excelentes, os sábios tiveram que executar um rito. Eles foram para o topo de Meru e deliberaram entre si como segue:

---

1 [Ou: "Sūta disse aos sábios:" Veja no v. 10 que as palavras acima são de Sūta.]

2 A genealogia acadêmica de *Bahvrcas*:

Baskala
↓
Bharadvāja
↓ ↓ ↓
Nandayaniya Pannagari Aryava

3 Enquanto explicando o termo *'Caraka',* Sūta conta a história de por que Vaisampayana pediu a Yajnavalkya para abjurar o Yajurveda ensinado a ele. Yajnavalkya obedeceu imediatamente e o sangue que cobriu os Mantras Yajur abjurado foi até o deus do sol que devolveu para ele aqueles próprios Mantras que foram até ele. A história de Yajnavalkya recebendo o Yajur-veda do Deus-Sol é encontrada no *Mahābhārata*, Śanti P., cap. 319. Mas lá Yajnavalkya não é ordenado abjurar o Yajurveda por Vaisampayana. Foi o Deus-Sol e Yajnavalkya que assumiram a forma de um cavalo na hora de transmitir o Veda.

13. "Ó brâmanes excelentes, aquele que não vier aqui dentro de sete noites terá que realizar rito expiatório por assassinato de brâmane. Essa é proclamada como nossa condição estipulada."

14. Então todos os sábios, menos Vaiśampāyana, chegaram ao local onde eles eram necessários conforme a condição, dentro de sete noites. Os criados deles também chegaram com eles.

15. Por insistência dos brâmanes ele (Vaiśampāyana) pretendia executar o rito expiatório por assassinato de brâmane. Reunindo seus discípulos, Vaiśampāyana disse:

16. "Ó brâmanes excelentes, todos vocês realizem rito expiatório pela morte de brâmane em meu favor. Todos vocês venham e me falem palavras benéficas." Yājñavalkya disse:

17. "Eu farei isso sozinho. Que esses sábios assistam. Purificado por minha própria penitência eu elevarei (desenvolverei) minha força (espiritual)."

18. Ao ser abordado dessa maneira, o enfurecido Vaiśampāyana falou para Yājñavalkya: "Devolva-me tudo o que você aprendeu de mim."

19. Ao ser assim ordenado, aquele sábio Yājñavalkya, o mais excelente entre os conhecedores de Brahman, vomitou as formas incorporadas de Mantras-Yajur cobertas com sangue e as devolveu para seu preceptor.

20. Ó brâmanes, então ele meditou e adorou o Deus-Sol. O que foi vomitado ergueu-se no céu e permaneceu próximo ao Brahman Solar.

21. O Sol encantado entregou os Mantras-Yajur que tinham subido para o disco solar. O Deus-Sol os deu para o inteligente Brahmārati (no *Brahmānda P*.) Yājñavalkya que tinha assumido a forma de um cavalo.

22. Daí em diante, os brâmanes que começaram o estudo dos Yajus entregues a Yājñavalkya na forma de um cavalo (*Vājin*) ficaram conhecidos como *Vājins*.

23. Aqueles por quem o rito expiatório por *Brahma-hatya* (matar um brâmane) foi executado são lembrados como *Carakas*[4] por causa da sua realização de compensação (pela morte de um brâmane). Os discípulos de Vaiśampāyana são chamados de *Carakas*.

24-26. Esses foram chamados de *Carakas*. Agora ouçam os *Vajins*, os discípulos de Yājñavalkya. Eles eram[5]: Kanva, Vaidheya, Śālin, Madhyandina, Sāpeyī, Vidigadha, Apya, Uddala, Tāmrāyana, Vātsya, Gālava, Śaiśiri, Atavī, Parni, Vīrani e Samparāyana. Esses quinze são conhecidos como *Vājins*. Assim há cento e um Samhitās alternativos.

27. Jaimini ensinou seu filho Sumantu.[6] Sumantu ensinou seu filho Sutavan. Sutavan ensinou seu filho Sukarman.

---

[4] Uma etimologia popular de *Caraka a* deriva de 'ir', 'conhecer', e por isso *caraka* é um conhecedor de Vedas e ciência médica, e citações de *Bhāva Prakasa* como Sesa descobriu doenças e sofrimentos na terra e compôs um tratado médico por compaixão. Aqui ela significa 'um seguidor de um ramo do Yajurveda Preto', que segue práticas especiais e ritos diferentes daqueles do *Śatapatha Brāhmana*. (Veja *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams, 389).

[5] Veja a lista de discípulos de Yajnavalkya no *Carana Vyuha Sūtra* de Śaunaka; Com. por Mahidasa, pág. 32. Ela difere em alguns nomes da lista dada aqui. Até a lista no *Brahmānda P*. 1.2.35.28-30 também difere do nosso texto.

[6] Os versos 27-48 dão a genealogia dos professores de Sama Veda. Ela difere muito da lista de professores do Sama Veda no *Carana Vyuha Sūtra* de Śaunaka, pp. 43-46.

A lista do *Brahmānda Purāna* (1.2.35. 31-55) também é um pouco diferente do nosso Purāna. O nosso texto apresenta a seguinte genealogia.

Jaimini
Sumantu
Sutvan
Sukarman (Estudou 1000 Samhitās).

Teve 1000 discípulos, um por Samhitā. Mas, como observado aqui e no *Carana Vyuha Sūtra,* pág. 43, Indra os matou todos. Depois da morte deles, dois novos discípulos estudaram sob ele como mostrado aqui.

28. Depois de aprender mil Samhitās em um tempo curto, Sukarman os expôs para seus mil discípulos que tinham o brilho do Sol.

29. Indra matou todos eles porque eles prosseguiram seus estudos até em dias proibidos. Então Sukarman executou um jejum até a morte, por causa de seus discípulos.

30. Ao vê-lo enfurecido, Indra lhe concedeu um benefício: "Você terá dois discípulos de grande coragem e brilho de fogo.

31. Eles serão altamente inteligentes e estudarão todos os mil Samhitās. Eles serão abençoados. Ó brâmane excelente, não fique zangado."

32. Depois de dizer isso ao renomado Sukarman e vendo-o apaziguado, o glorioso Indra desapareceu lá mesmo.

33. Ó brâmanes excelentes, o inteligente Pausyañjin foi o primeiro discípulo dele e o rei Hiranyanābha de linhagem de Kuśika foi o segundo.

34. Pausyanjin ensinou quinhentos Samhitās. Os discípulos auspiciosos de Pausyañjin eram em geral os nortenhos.

35. O poderoso Kauśikya ensinou quinhentos Samhitās. Os discípulos de Hiranyanābha são conhecidos como os orientais e os Sāmagas.

36. Lokāksi, Kuthumi, Kuśīti e Lāñgali eram os quatro discípulos de Pausyañjin. Agora conheçam as divisões (ramos) deles.

37. Rānāyanīya, filho de Tandi, o altamente instruído Mūlacārin, Kaitiputra e Sātyaputra – saibam que esses são os discípulos de diferentes ramos de Lokāksin.

38. Kuthumi teve três filhos, isto é, Aurasa, Rasāpāsara e o brilhante Bhāgavitti. Esses três eram famosos como *Kauthumas*.

39. Os dois sábios Śauridyu e Śrñgiputra realizaram ritos sagrados. Rānāyanīya e Saumitri eram peritos em Sāmaveda.

Pausyanjin	Rei **Hiranyanabha**
Estudou e ensinou 500 Samhitās para os nortenhos	Estudou 500 Samhitās e os ensinou para os habitantes do leste

Escola de Pausyanjin – Cantores Sama nortenhos
(Udicya) Samagas do norte

Lakoksin	**Kuthumi**	**Kusitin**	**Langali**

(I) ***Escola de Lokaksin***

Raflayaniya	**Tandiputra**	**Mulacarin**	**Kaitiputra**	**Satyaputra**

(II) ***Escola de Kuthumi*** – seus três filhos como discípulos, isto é,

(1) **Aurasa**	(2) **Rasapasara** (provavelmente Parāśara como no *Brahmānda*)	(3) **Bhagavitti**

(III) ***Discípulos de Parāśara***, discípulo de Kuthumi

(1) **Asurayana**	(2) **Vaisakhya**	(3) **Vedavrddha**	(4) **Pracina-Yoga-putra**	(5) **Patanjali**

(IV) ***Discípulos de Langali***, discípulo de Pausyanjin

(1) **Bhaluki**	(2) **Kamahani**	(3) **Jaimini**	(4) **Lomagayin**	(5) **Kanda**	(6) **Kolaha**

Escola oriental de cantores Sama

O Rei **Hiranyanabha** (de Kausikagotra) compôs 24 Samhitās e ensinou um para cada um dos seguintes estudantes:
(1) **Rada**, (2) **Mahavirya**, Radaviya no *Brahmānda P.* (3) **Pañcama**, (4) **Vahana**, (5) **Talaka**, (6) **Pandaka**, (7) **Kalika**, (8) **Rajika**, (9) **Gautama** (Manduka no *Brahmānda P.*), (10) **Ajabasta**, (11) **Somaraja**, (12) **Prsthaghna** (Pusti no *Brahmānda P.*), (13) **Parikrsta**, (14) **Ulukhalaka**, (15) **Yaviyasa**, (16) **Vaisala** (Sali no *Brahmānda P.*), (17) **Ariguliya**, (18) **Kauśika**, (19) **Salimanjari-satya**, (20) **Kapiya** (Pāka no *Brahmānda P.*), (21) **Kanika** (Kaniniin no *Brahmānda P.*), (22) **Parāśara**.
Dois nomes estão faltando ou nós devemos presumir que os professores fundadores –Hiranyanabha e o príncipe Krita (mencionado no *Brahmānda P.* e aceito como uma explicação alternativa de *Krita-sisyah* no v. 44) devem ser somados para compor o número vinte e quatro na lista acima.

40. Śrñgiputra de grande penitência expôs três Samhitās, ó brâmanes excelentes, para Caila, Prācīnayoga, Surāla.

41-42. Pārāśarya, discípulo de Kuthumi, expôs seis Samhitās. Asurāyana, Vaiśākhya, Vedavrddha, Parāyana, Prācīnayogaputra, e o inteligente Patañjali são conhecidos como os seis discípulos de Pārāśarya, o discípulo de Kuthumi. Lāñgali e Śālihotra expuseram seis Samhitās cada um.

43. Bhāluki, Kāmahāni, Jaimini, Lomagāyina, Karida e Kolaha – esses seis são conhecidos como *Lāñgalas*. Esses eram os discípulos de Lāñgalī e eles popularizaram esses Samhitās.

44. Hiranyanābha, que era o filho de um rei que teve discípulos (ou que teve como seu discípulo Krita, o filho de um rei) e que era o mais excelente entre homens, compôs vinte e quatro Samhitās. Ouçam e entendam os nomes daqueles discípulos a quem ele ensinou.

45-47. Rāda, Mahavīrya, Pañcama, Vāhana, Tālaka, Pāndaka, Kālika, Rājika, Gautama, Ajabasta, Somarāja, Prsthaghna, Parikrsta, Ulūkhalaka, Yavīyasa, Vaiśāla, Angullya, Kauśika, Sālimañjarisatya, Kāpīya, Kānīka e o virtuoso Parāśara – todos esses eram cantores antigos de Sāman.

48. Dois sábios, os mais excelentes entre os cantores Sāman, é dito que são Pausyañji e Krti. Eles são os compositores de Samhitās.

49. Ó brâmanes, Sumantu dividiu o Atharva Veda em dois e entregou o Veda inteiro para Kabandha.[7] Conheçam sua ordem.

50. Kabandha o dividiu em dois e ensinou um para Pathya e o segundo para Vedasparśa. Vedasparśa o dividiu novamente em quatro.

51. Moda Brahmabala, Pippalāda, Śaukvāyani o conhecedor de Dharma, e Tapana – esses eram os quatro discípulos de Vedasparśa (que eram) firmes em ritos sagrados.

52. Conheçam a divisão tripla excelente (isto é, discípulos e filhos) de Pathya. Eles eram Jajali, Kumudādi e o terceiro Śaunaka.

53. Depois de dividi-lo em dois, Śaunaka deu um para Babhru. O inteligente deu o segundo Samhitā para o discípulo chamado Saindhavāyana.

54-55. Saindhava o deu para Muñjakeśa. O Samhitā foi dividido novamente em dois. Os Samhitās alternativos do Atharva Veda são cinco[8], isto é, Naksatrakalpa, Vaitāna, (o terceiro) Samhitāvidhi, o quarto Añgiras-kalpa e o quinto Śāntikalpa. Ó sábios excelentes, o Purāna também foi explicado por mim depois de dividi-lo em seis.

---

7 Os versos 49-55 dão a genealogia dos professores do Atharva Veda e seus ramos. Ela é diferente da lista no *Carana Vyuha Sūtra*, pp. 46-49 e até certo ponto do *Brahmānda Purāna.*
A genealogia de professores do Atharva é a seguinte:

Sumantu
↓
Kabandha (Veda Inteiro recebido)
↓ ↓
Pathya | **Vedasparsa** (Devadarsain no *Brahmānda P.*)

Pathya:
↓ ↓ ↓
Jajali | **Kumudadi** | **Saunaka**

Saunaka:
↓
↓ ↓
Babhru | **Samdhavayana** (ou Saindhava)
↓
Munjakesa (De acordo com o *Brahmānda P*. Saindhava tinha outro Nome, Munjakesa)

Vedasparsa:
↓ ↓ ↓ ↓
Moda Brahmabala | **Pippalada** | **Saukvayani** | **Tapana**

8 As divisões do *Atharva Veda* são cinco (1) Naksatra Kalpa, (2) Vaitana (provavelmente Vidhana Kalpa como no *Carana Vyuha Sūtra*), (3) Sainhita Vidhi (provavelmente Samhitā Kalpa do *Carana Vyuha Sūtra,* pág. 46), (4) Añgiras Kalpa, (5) Śanti Kalpa.

56-57. Ó brâmane! Em conhecimento purânico[9], os seguintes são meus discípulos, firmes em austeridades religiosas (ou perseverantes no conhecimento purânico): Sumati, o descendente inteligente do Gotra de Atri, Kāśyapa, Akrtavrana, Bhāradvāja, Agnivarcas, Vasishtha, Mitrayu, Sāvarni, Somadatti, Suśarman e Śāmśapāyana. Três deles compuseram três Samhitās que foram mais adiante divididos em três.

58. Os compositores dos Samhitās eram Kāśyapa, Sāvarni, e Śāmśapāyana. Há um quarto Samhitā chamado Sāmikā. Ele é o Samhitā original.

59. Todos eles têm quatro Pādas. Todos eles expõem o mesmo assunto. Eles eram distinguidos por leituras separadas como as recensões dos Vedas. Exceto o Samhitā de Sāmsapāyana cada um contém quatro mil versos.

60. Os Samhitās de Lomaharsana são originais, então vêm os Samhitās de Kāśyapa. Os terceiros são os Samhitās de Sāvarni. Todos esses podem ser compreendidos prontamente pelos estudiosos do Yajur Veda.

61. Os Samhitās de Sāmsapāyana são embelezados pelos tópicos de exortação. Há oito mil e seiscentos versos.

62. Há quinze e dez adicionais junto com dez (Rks?) conhecidos como Vālakhilyas, Samapraikhas junto com Sāvarnas.[10]

63. Os Mantras Sāman são oito mil e quatorze (no Sāma Veda) incluindo Aranyaka junto com Homa. Sāmagas (os cantores de Sāma) os cantam.

64. O Adhvaryava Veda consiste em doze mil Mantras incluindo o Yajur (Veda) e Brāhmanas como compilados (classificados) por Vyāsa.

65. Ele inclui o *Grāmya*, *Aranyaka* e o *Mantrakarana*. Daqui em diante as narrativas serão conhecidas como *Pūrva-kathās* (narrativas passadas ou antigas).

66. O Rk, Brāhmana e Yajus são lembrados como tendo (Seções) *Grāmya*, *Aranya* e *Mantra*. Há compilações adicionais (*Khila*) e suplementares (*Upakhila*) de Hāridravīya como também os Paraksudras dos Taittiriyas.

67. Os versos Rk no Vājasaneyī Samhitā são cem a menos que dois mil. A parte Brāhmana contém quatro vezes aquele número.

68. O número total de Mantras Yajur e Rks é oito mil oitocentos e oitenta acrescidos de um quarto mais junto com *Śukñya* (Sāmans pertencentes a Pravargya) e Mantras Khila (adicionais) (de acordo com) Yājñavalkya.

69. Similarmente escutem a extensão do Samhitā de Carana[11] - Vidyās (seções da Escola Védica - de Atharva?). Eles contêm seis mil e vinte e seis Rks. Os Mantras Yajur, é dito, são um pouco mais que isso.

70-71. Há onze mil e vinte Rks (em Yajus). No Samhitā de Bhrgu, há dez mil trezentos e oitenta Rks e mil Mantras. O número de Rks no Atharva Veda é maior.

72-73. Esses são mencionados como cinco mil. Alguns sábios somam novecentos e oitenta Rks. Isso é mencionado por Añgiras que inclui a parte Aranyaka. Desse modo o número de Rks e as diferentes recensões foram enumerados.

74. Os compositores de Rks são a causa das diferenças em recensões. Em todos os Manvantaras, as diferenças recensionais são as mesmas.

---

9 Os versos 56-61 declaram a posição do conhecimento purânico: Embora Lomaharsana tivesse onze discípulos, só três deles – Kāśyapa, Sāvarni e Sāmsapāyana compuseram Purāna Samhitās além do trabalho do Guru deles. Esses Samhitās tinham quatro *padas* (partes) e 4000 versos. Só o Sāmsapāyana Samhitā continha 8600 versos.

10 Os versos 62-73 dão o número de Mantras no Texto Védico. Mas depois de comparar os números declarados nesse Purāna e aqueles no *Carana Vyuha Sūtra* de Śaunaka e as edições publicadas de textos Védicos, eu sou obrigado a repetir o que eu disse sobre o autor do *Brahmānda Purāna* (1.2.35, pág., nota de rodapé):

"Parece que o escritor do nosso Purāna apresenta números tradicionais redondos (boatos) sem verificar (e contar os mantras) nos Samhitās originais."

11 O *Brahmānda Purāna* (1.2.35.78) lê *Cārana* – uma escola do *Atharva Veda*.

75. O texto védico que é a criação de Prajāpati é eterno. Essas variações são devido à natureza não eterna dos Devas. A criação de Mantras ocorre repetidas vezes[12] (em todo Manvantara).

76. A determinação dos nomes dos Devas ocorre em todo Manvantara. As divisões de Śruti no Dvāpara Yuga foram narradas.

77. Assim, depois de entregar os Vedas e outros mantras para seus discípulos, o senhor santo, o sábio excelente Vyāsa, foi para a floresta para fazer penitência. Essas diferentes recensões foram feitas pelos discípulos dele e os discípulos deles.

78. Os quatorze conhecimentos são os (seis) Añgas (assuntos subordinados [ou auxiliares]), os quatro Vedas, Mīmāmsā [Reflexão ou Investigação Crítica], Nyāya-vistāra (lógica), Dharmaśāstra [Ciência de Justiça] e Purānas.

79. (Se mais quatro ciências, isto é,) Ayurveda (Ciência de Medicina), Dhanur Veda (Ciência de Arco e flecha), Gāndharva-Veda (isto é, Musicologia) e a quarta, Arthaśāstra (Ciência de Economias e Política), (forem somadas), o número (de conhecimentos) se torna dezoito.[13]

80. Deve ser conhecido que Brahmarsis são os mais antigos, depois disso vêm Devarsis e então Rajarsis.[14] Desse modo as fontes de origem de Rsis são três. É através de sábios de observâncias bem disciplinadas que os Rsis nasceram.

81. Explicadores de Brahman nascem nos cinco Gotras, isto é, entre os descendentes de Kāśyapa, Vasishtha, Bhrgu, Añgiras, e Atri. Eles são chamados de Brahmarsis porque eles podem ir até (se aproximar de) Brahma.

82-**83**. Devarsis (Sábios Celestiais) são os filhos de Dharma, Pulastya, Kratu, Pulaha, Pratyūsa, Prabhāsa e Kāśyapa. Escutem a enumeração dos nomes deles. Os Sábios Divinos, Nara e Nārāyana, são os dois filhos de Dharma.

84. Vālakhilyas são os filhos de Kratu; Kardama é o filho de Pulaha. Kubera é o filho de Pulastya e Acala é conhecido como o filho de Pratyūsa.

85. Parvata e Nārada são os filhos de Kāśyapa. Eles são lembrados como Devarsis (Sábios Celestiais [ou Divinos]), porque eles se aproximam dos Devas.

86. Reis nascidos na linhagem de Manu e na dinastia de Aila (Purūravas), isto é, Ailas, Aiksvākas (descendentes de Iksvāku) e Nābhāgas devem ser conhecidos como Rajarsis (Sábios Reais).

87. Eles são chamados de *Rājarsis* porque eles obtiveram (*Rjanti*) os Prajas (súditos) por alegrá-los (*Rañjanāt*). É considerado que Brahmarsis estão estabelecidos em Brahmaloka.

88. Os auspiciosos Devarsis (Sábios Celestiais) devem ser conhecidos como estabelecidos em Devaloka.

89. Os Sábios Celestiais (Devarsis) e Rājarsis são proclamados como Brahmarsis por causa de sua nobreza de nascimento, penitência, habilidade para proferir (compor e recitar) Mantras.

90-**93**. Eu mencionarei agora as características de Devarsis e outros. Eles têm o conhecimento do passado, presente e futuro. Eles sempre falam a verdade. Eles são iluminados e eles são unidos ao eu (deles). Eles são famosos por causa de sua

---

12 O escritor purânico acreditava que os Devas não são eternos mas *Mantras* o são, e eles se manifestam muitas vezes na nova ordem mundial, depois da nova criação do mundo.

13 Tradicionalmente o número de Vidyas (conhecimentos ou ciências) é quatorze, mas ele se torna dezoito por somar quatro 'Vedas Secundários.' O *Carana Vyuha Sūtra* de Saunaka, pág. 47 dá a seguinte relação entre Vedas e Upavedas.

Veda	***Upaveda***
Rig Veda	Ayurveda (Ciência de Medicina)
Yajur Veda	Dhanurveda (Ciência militar)
Sama Veda	Gandharvaveda (Musicologia)
Atharva Veda	Arthasastra (Política, Economia, Administração)

14 Os versos 80-93 definem os termos 'Brahmarsi', Devarsi, 'Rajarsi', descrevem os poderes deles e dão os nomes de alguns deles.

penitência. Até mesmo enquanto no útero, a escuridão da ignorância foi dissipada por eles. Eles praticam a repetição de Mantras. Devido ao Poder Supremo deles, eles são onipresentes. Devas, Brâmanes e Reis estão em comunhão com os sábios. Aqueles que estudam e praticam o acima mencionado são considerados como Rsis. Sete deles com as seguintes sete características são lembrados como Saptarsis (os Sete Sábios).[15]

94. Eles têm vida longa; eles compõem Mantras; eles são possuidores de qualidades nobres; eles são dotados de visões divinas; eles são iluminados; eles praticam virtude diretamente e fazem sua linhagem funcionar.

95-96. Todos os dias eles observam os seis ritos; eles são chefes de família mantenedores; eles acreditam em *Adrsfa* (o Princípio Não Visto), a causa de Karmans, e agem adequadamente. Eles mantêm suas vidas sem vulgaridades grosseiras; eles preparam seus próprios pratos saborosos; eles mantêm famílias; eles são prósperos externamente e internamente.

97. A organização de castas e fases de vida no Krita e outros Yugas é feita no início por eles em cada e toda Era.

98. Quando o Tretā Yuga começa novamente, esses sete sábios estabelecem novamente as castas e fases de vida inteiramente. Nas famílias deles heróis nascem repetidas vezes.

99. Quando um filho nasce para um pai, e quando o filho se torna um pai, a linha de sábios continua sem uma ruptura. Os sábios assim vivem até o fim do Yuga. É dito que o número de sábios que são chefes de família é oitenta e oito mil.

100. Aqueles que recorrem ao Pitryāna ao sul de Aryaman (o deus do sol), tomam esposas para si mesmos e realizam *Agnihotra* (sacrifícios domésticos). Eles são conhecidos como a causa de progênie.

101. Chefes de família são inumeráveis. Eles recorrem à área de cremação. Oitenta e oito mil deles estão no caminho do norte.

102. Aqueles sábios de sexualidade sublimada, que são relatados terem chegado ao céu, renascem no fim do Yuga como os compositores de Mantras e Brāhmanas.

103. Desse modo eles renascem repetidamente nas Eras Dvāpara. Eles são os compositores de textos *Kalpa* (Textos Ritualísticos), expositores de literatura relativa à elaboração de comentários sobre diferentes ciências no fim do Yuga.

104. Quando essa Dvāpara terminar, na Dvāpara ulterior Aśvatthāman, o filho de Drona, será o Vedavyāsa de grande penitência.[16]

105. Nos tempos futuros as diferentes recensões dos Vedas serão compostas por ele. Em virtude de sua grande penitência, ele chegará ao eterno Brahman.

106. *Karman* é obtido por penitência; através de *Karman* fama é obtida; por meio da fama a verdade é atingida; e pela verdade o eterno Brahman é atingido.

107. Do eterno a imortalidade é obtida e da imortalidade a essência de todo objeto é obtida. Esse eterno Brahman de uma sílaba (*Om*), está estabelecido no Ego (*Ātman*). Ele é chamado de Brahman devido à sua grandeza ou vastidão (inconcebível).

108. Ele permanece na forma de Pranava e é conhecido como *Bhūh*, *Bhuvah*, *Svah*. Reverências ao Brahman da forma de Rk, Yajus, Sāman e Atharvan.

109. Reverências àquele Brahman excelente que é conhecido como a causa da aniquilação e origem do Universo e que é o secreto esotérico além de Mahat.

110. Ele é insondável, ilimitado e inesgotável ou imperecível. Ele é a fonte da ilusão do Universo. Ele é a causa da realização de objetivos humanos através de esclarecimento e atividade.

---

[15] Os versos 94-98 descrevem as qualificações especiais, deveres etc. dos Saptarsis (Sete Sábios) que são creditados com uma vida muito longa.

[16] Aqui só um Vyāsa futuro, isto é, o herói Asvatthaman do *Mahābhārata*, é mencionado, porque a lista completa é dada acima no cap. 23, v. 109 e seguintes.

111. Ele é o ponto culminante daqueles que aderem às doutrinas da filosofia Sāñkhya, a meta que dá sua associação (?). Ele é o imanifesto, imortal, eterno Brahman, a causa de Prakrti.

112. Ele é chamado de Pradhāna, autonascido, o secreto e Sattva. Ele é indivisível, a essência de tudo (Śukra), imperecível e multiforme.

113-114. No Krita Yuga, (visto que) não há ritos religiosos, como pode haver um rito não feito? Nesse mundo tudo o que é uma vez feito ou tudo o que é cometido ou omitido, tudo o que foi ouvido ou deve ser ouvido, seja bom ou ruim, o que deve ser conhecido, ponderado, tocado ou desfrutado, visto, ouvido ou percebido (é assim por Brahman).[17]

115. Tudo o que foi mostrado por Ele é (somente) o conhecimento de Devarsis. Quem pode escrutinar aquilo que Ele (Brahman) tem mostrado?[18] É somente o Senhor que tem declarado todas as coisas para todos.

116. Quando alguma coisa é feita por alguém, ele é identificado com ela. O que é feito por alguém, é concebido previamente por outro (isto é, por Brahman).

117. Quando (até mesmo) um esforço verbal (*vāñmayam*) é feito por alguém em qualquer lugar aquilo é feito por Ele (Brahman) apenas. O ato (somente) parece ser feito pelo fazedor.

118. Ausência de paixão, apego em excesso, conhecimento, ignorância, prazer, desgosto, *dharma* e *adharma* (bem e mal), felicidade, tristeza, morte, imortalidade, o estado de estar acima, abaixo ou em todos os lados – todos esses são devidos ao não visto (destino).

119-120. Em toda Era Tretā Svāyambhuva (Manu), o filho primogênito de Brahma, o Deus Supremo, é o único conhecedor de todos os conhecimentos os quais ele classifica na Era Dvāpara. No Vaivasvata Manvantara, é Brahma que ensina aquele conhecimento no início.

121. Nascendo frequentemente nos ciclos recorrentes dos Yugas, os sábios compõem e propagam Samhitās.

122. Foi mencionado antes que há oitenta e oito mil *Śrutarsis*. Eles propagam esses Samhitās (védicos) muitas vezes.

123. Aqueles ramos (do conhecimento védico) são reorganizados repetidas vezes em todo Yuga por eles que, seguindo o Caminho do Sul, se dirigiram a áreas de cremação (morreram).

124. Em toda (cada) Era Dvāpara, Samhitās (védicos) são compostos por *Śrutarsis*. Na linhagem deles, essas recensões (ramos de Veda) aparecem muitas vezes. Aquelas recensões e seus compositores sobrevivem até o fim do Yuga.

125. Deve ser sabido que a composição de todos os diferentes ramos (dos Vedas) nos Manvantaras passados e futuros ocorre de um modo semelhante.

126. (A composição dos ramos do Veda) dos (Manvantaras) passados decorreu, aqueles do (Manvantara) atual existem, e aqueles do (Manvantara) futuro serão descritos no futuro.

127. O Manvantara posterior deve ser compreendido por meio do Manvantara anterior. Ambos devem ser compreendidos através do (Manvantara) atual. A decisão do Manvantara é nessa base.

128. Assim Devas, Pitris, Sábios e Manus sobem e retornam junto com os Mantras.

129-130. A partir de Janaloka todos os Devas nascem na época apropriada repetidas vezes por dez Kalpas. Então eles são unidos com o destino inevitável. Depois disso, eles percebem que o nascimento é cheio de defeitos e associado com doenças.

---

[17] [O *Brahmānda Purāna* 1. cap. 35, v. 136, tem: "(é o próprio Brahman.)]

[18] O *Brahmānda Purāna* lê: 'o que ele (Brahman) não mostrou?' Uma leitura melhor.

131. Mas até que eles enxenguem através dessa natureza defeituosa desses renascimentos sucessivos, eles continuam. Os renascimentos continuam por dez Yugas Divinos antes que eles parem.

132. De Janaloka eles vão para Tapoloka de onde eles não retornam. Assim milhares de Yugas Divinos decorreram. Em Brahmaloka eles encontram a morte junto com sábios.

133-**135**. É impossível descrever em detalhes e na ordem apropriada os Manvantaras dos Kalpas anteriores que passaram, porque o tempo é sem início e eles são inumeráveis. Centenas e milhares de Manvantaras e Kalpas passaram junto com os Pitris, Sábios, Devas e grupos de Sete Sábios que são as criaturas do tempo.

136-**137**. Dissolução no fim de um Manvantara e criação no fim da dissolução, de Devas, Rsis, Pitris e Manus, não podem ser descritas em detalhes e em ordem apropriada mesmo em centenas de anos. Os detalhes de criação e aniquilação não podem ser declarados. Agora entendam a duração de um Manvantara, de acordo com o cálculo humano.

138-**140**. Peritos em enumeração calcularam a duração de um Manvantara. Ela é trinta crores sessenta e sete milhões e vinte mil anos excetuando o período de transição. Essa duração de um Manvantara foi enumerada de acordo com anos humanos. Agora eu enumerarei a duração de um Manvantara em anos divinos.

141. A duração de um Manvantara de acordo com o cálculo divino é oitocentos e cinquenta e dois mil anos.

142. Quatorze vezes esse período constitui o *'Ābhutasam plava'* (o período de dissolução final). Mil grupos de quatro Yugas constituem um dia de Brahma.

143. Todos os seres vivos serão chamuscados pelos raios do Sol. Mantendo Brahma à frente, e acompanhados por Devas, Sábios e Dānavas, eles entrarão no senhor Maheśvara, o mais excelente entre os Devas.

144. É Ele quem cria todos os seres várias vezes no começo de Kalpas. Desse modo, é considerado que esse é o *Sthiti Kāla* (o período de sustento) de Manu junto com Devas e Sábios.

145. (O período) que é chamado de Yuga já foi narrado para vocês por mim antes. Agora escutem e entendam o período de intervalo (*Pratisandhi*) de todos os Manvantaras.[19]

146. Aquilo que inclui Krita e Tretā, Dvāpara e Kali é conhecido como *Caturyuga* (grupo de quatro Yugas). Quando ele revolve em setenta e um ciclos, esse é o período de um Manvantara. Assim o senhor ordenou.

147. As características dos Manvantaras do passado ou do futuro são explicadas por meio (daquelas) do atual.

148. Assim o modo de criação de Svāyambhuva Manu foi narrado. Eu mencionarei agora o período de transição que o liga com o Manvantara seguinte.

149. Os Manvantaras no futuro também passarão como no período anterior junto com Devas e sábios pela inevitabilidade do destino.

150. Aqueles que foram os senhores dos três mundos nesse Manvantara, os Sete Sábios, Devas, Pitris e Manus são conhecidos como *Sādhakas* por todo o período desse Manvantara.

151. Percebendo o término de seu mandado e a queda de autoridade, eles voltam a ir para Maharloka avidamente.

152. As divindades que decaem nesse Manvantara sobrevivem a Krita Yuga no decorrer de seu tempo de vida.

153. Ao mesmo tempo os futuros senhores de Manvantaras, Divindades, Pitris, Sábios e Manus nascem similarmente.

154. Em todo Manvantara são os indivíduos sobreviventes no fim de Kaliyugas que constituem os primeiros indivíduos dos Krita Yugas.

---

[19] Os versos 145-176 descrevem *Pratisandhi* – transição de um Yuga ou Manvantara para outro.

155. Assim como a continuidade de Krita Yuga é lembrada como precedida por Kali Yuga por homens instruídos, assim também o começo de Manvantaras é precedido pelo final do Manvantara (anterior).

156-**157**. Quando o Manvantara anterior declina e o posterior começa a atuar, aqueles que sobrevivem no princípio do Krita Yuga, isto é, os Sete Sábios e Manu, permanecem esperando o tempo deles (executando penitência).

158-**161**. Quando a criação de chuva começa, eles operam ativamente para o funcionamento apropriado do Manvantara e para a continuidade de linhagem em todos os lugares. Homens e Mulheres nascem e eles atuam como antes. As plantas começam a crescer. Em diferentes lugares, os indivíduos constroem domicílios e começam a viver. Trabalhos agrícolas e outros começam a funcionar de acordo com a orientação boa e virtuosa dos sábios. Quando os seres móveis e imóveis morrem, as pessoas ficam tristes. Aldeias e cidades são arruinadas. A organização de castas e fases de vida é perturbada. Naquele tempo, os Sete Sábios, Manu e aquelas pessoas virtuosas que sobrevivem ao Manvantara prévio se esforçam para procriação.

162-**163**. Mesmo enquanto eles fazem penitência extremamente difícil ser executada pelos Devas, Asuras, Pitris, Sábios, Serpentes, Fantasmas e Duendes, Gandharvas, Yaksas e Rāksasas nascem como antes após a morte das pessoas anteriores.

164. As pessoas boas que sobreviveram começam a ensinar e propagar a boa conduta de vida. No princípio dos Manvantaras, Manu e os Sete Sábios iniciam os ritos sagrados. Seres humanos junto com os Devas também realizam aqueles ritos.

165-**166**. No começo de um Manvantara como no princípio do Tretā Yuga, quando Devas e homens ficam estabilizados em Dharma, eles se desobrigam da dívida com os Rsis (sábios) por cumprirem celibato, com Pitris através de procriação e com os Devas pela realização de sacrifícios.

167. Depois de permanecerem na prática de virtude relativa às castas e fases de vida por cem mil anos, e depois de estabelecerem o conjunto de três Vedas, ocupações agrícolas e outras para sustento, manutenção de lei e ordem e a prática virtuosa da disciplina de castas e fases de vida, eles desejam chegar ao céu.

168. Depois que eles partem para o céu, eles no início mantêm todas as virtudes sinceramente.

169. Ao término do Manvantara, eles abandonam suas residências e vão para Maharloka que é livre de doenças, junto com os Mantras.

170. Livres de anomalias, dotadas de Siddhis mentais, essas pessoas de autocontrole ficam até a dissolução final, observando passagem do Manvantara.

171-**172**. Quando todos esses passaram afinal, quando todos os domicílios ficam desocupados em todos os lugares nos três mundos, outros Devas que tinham estado permanecendo no céu, dotados de penitência, bem providos com veracidade, celibato e erudição ocupam aqueles lugares.

173. Entre os Sete Sábios, Manu, Devas e Pitris, aqueles que tinham existido antes morrem junto com os futuros (?).

174. A dissolução final deles acontece no fim de (todos os) Manvantaras. Eles continuam eternamente na mesma ordem em todos os Manvantaras, até a dissolução final de todos os seres.

175. Assim as características do elo intermediário dos Manvantaras passados e futuros foram declaradas por Svāyambhuva Manu.

176. A sequência dos Manvantaras do passado e futuro é rompida completamente pela dissolução final.

177. Depois do lapso dos Manvantaras, aqueles atingem Maharloka; de Maharloka eles vão para Jana, Tapah e Satya Lokas.

178-**179**. Como observado por aqueles que têm aquele tipo de experiência mística e como provado por diversos testemunhos, eles ficam em Satya Loka, mas quando aberrações começam na hora da dissolução do Manvantara, eles partem de

Satya Loka e com devoção eles entram no corpo do senhor Nārāyana, de tamanho vasto incompreensível.

180. Em todas as mudanças de Manvantaras que têm estado funcionando por um longo tempo, o mundo de seres vivos não permanece (o mesmo) nem por um momento. Devido à natureza do destino, ele (o mundo) sofre mudanças por meio de diminuição ou aumento.

181. Assim a narrativa dos Manus, que são virtuosos, que têm sido louvados pelos sábios e que são dotados de visão divina foi contada parcialmente em detalhes e parcialmente em resumo. Essa narrativa foi composta originalmente por Vāyu. Ela pode ser compreendida pelas pessoas somente pelo poder divino delas.

182. Todas as mudanças se referem a reis religiosos, Sábios Celestiais, Brahmarsis, Devas, Serpentes, o senhor dos Devas, os Sete Sábios, os Pitris e Prajāpatis.

183. Ela é altamente meritória para louvar os senhores nascidos de famílias nobres, dotados de esplendor, intelecto, fama e renome excelentes.

184. Ela é conducente à obtenção do céu. Ela é muito sagrada, altamente esotérica, capaz de conceder progênie. Ela deve ser recitada durante grandes dias *parvan*. Ela é conducente à remoção dos efeitos de sonhos ruins e leva à longevidade.

185. Recorram ao grande princípio Sumaheśa para obterem *Siddhis*. Recorram a esse Purāna que contém as narrativas de Prajāpatis, Devas, Sábios, a bem conhecida contudo sagrada origem do Deus não-nascido e para a realização da minha narração.

186. Assim eu descrevi o Svāyambhuva Manvantara em detalhes e na ordem apropriada. O que mais eu devo descrever para vocês?

Parte 2: Uttarārdha

Capítulo 1: Manvantaras; A Ordenha da Terra

Reverências a Srī Ganesha

Sāmsapāyana disse:

1. Eu desejo saber precisamente a ordem de Manvantaras[1] e todas as respectivas divindades que pertencem aos diferentes Manvantaras.

Sūta disse:

2. Ouça e compreenda enquanto eu narro, sucintamente e em detalhes, os Manvantaras que passaram e os que ainda estão por vir.

3. O primeiro Manu foi Svāyambhuva e então houve Svārocisa Manu. Depois disso os Manus foram Auttama, Tāmasa, Raivata e Cāksusa. Esses seis Manus já passaram. Eu explicarei os oito Manus futuros.[2]

4. Eles são os cinco Sāvarnas, Raucya, Bhautya e Vaivasvata. Eu os explicarei depois de Vaivasvata Manu.

5. Saiba que os cinco Manus que passaram são Mānavas. O Manvantara de Svāyambhuva Manu que já passou foi descrito por mim.

6. Daqui em diante, eu descreverei brevemente a atividade de criação por Svārocisa, o segundo Manu de alma nobre.[3]

7. No Svārocisa Manvantara havia os Devas chamados Tusitas e os estudiosos eruditos chamados Pārāvatas. Somente esses dois são lembrados como os grupos de Devas.

8. Eles nasceram de Tusitā como os filhos de Kratu, o Svārocisa (Manu). Os Pārāvatas e os demais – esses dois *Ganas* (grupos) consistem em doze cada. (Assim) todos esses Devas juntos são lembrados como *chandajas* e eles são vinte e quatro (em número).

9-10. Dhaivasyaśa, Vāmānya, Gopā, Devāyata, o senhor Aja, o senhor poderoso Durona, Apa de braços poderosos, o vigoroso Mahaujas, Cikitvān, Nibhrta, Vīryavān, e Amla: esses eram os filhos de Kratu. Eles eram então os bebedores de Soma.

11-13. O senhor Pracetas, Viśvedeva, Samanja que era bem conhecido, Ajihma o supressor de inimigos, Ajihmāna e Mahīyāna dotados de erudição, os abençoados Aja e Usa, Yavīya de grande força, Hotr e Yajva eram os Pārāvatas de grande bravura. Esses todos eram as divindades que atuavam no Svārocisa Manvantara.

---

[1] Manvantara é um período durante o qual um Manu preside sobre o mundo. Esse (o período) consiste em setenta e um ciclos de quatro yugas (*catur-yugi*) ou uma décima quarta parte do dia do deus Brahma. Em outras palavras há quatorze Manus em um dia de Brahma no fim do qual há *Pralaya* (Dissolução) do universo. Cada Manu tem seu conjunto especial de deuses, Indra, uma encarnação de Visnu, sete sábios (*saptarsis*). Assim no 1º Manvantara, Svāyambhuva (o filho do deus Brahma) era o Manu presidente, Yamas eram os deuses, Yajña, a encarnação de Visnu, oficiava como Indra e o grupo de sete sábios consistia em Marīci, Atri, Añgiras, Pulaha, Kratu, Pulastya e Vasistha. Em todo Manvantara, embora o grupo desses funcionários seja diferente, eles têm os mesmos poderes, funções e o mesmo mandato.

A descrição de Manvantaras é uma das cinco características essenciais de um Purāna. Assim nós encontramos Purānas como o *Bhāgavata* VIII.1.29; *Nārada* 1.40.17-37; *Vishnu* 3, caps. 1 e 2; *Kurma* I.51; *Brahmānda* 1.2.36 descrevendo vários Manvantaras.

[2] Há algumas variações nos nomes de Manus futuros em alguns Purānas. O nosso Purāna dá alguns nomes diferentes (como Raucya e Bhautya) de Manus futuros.

[3] Os versos 6-22 enumeram e descrevem os funcionários (deuses, Indra, etc.) durante o segundo Manvantara.

14. Naquele tempo esses vinte e quatro Devatās (divindades) eram os bebedores de Soma. Seu Indra (soberano e líder) era Vaidha que era mundialmente famoso.

15-**16**. Os *Saptarsis* (os Sete Sábios) eram Drja o filho de Vasistha, Stambha o filho de Kāśyapa, Drona o filho de Bhrgu, Rsabha o filho de Añgiras, Dattātri o filho de Pulastya, Niścala o filho de Atri, e Dhāvān o filho de Pulaha.

17-**18**. Gaitra, Kaviruta, Krtānta, Ravi, Brhat, Guha, Nava e Śubha: esses nove são lembrados como os filhos de Svārocisa Manu que estabeleceram a linhagem dele. Eles foram enumerados no Purāna. Esse é o segundo Manvantara.

19. Os Sete Sábios, Manu, Devas e Pitrs – esses quatro constituem a raiz (e fundação) de um Manvantara. Todos os indivíduos são subordinados a eles.

20. Deuses são os filhos de Sábios, Pitrs são os filhos de Devas e os Sábios são os filhos de Devas - essa é a conclusão dos *Śāstras* (Escrituras).

21. Ksatriyas e vaiśyas nasceram de Manu e brâmanes nasceram dos Sete Sábios. Desse modo o Manvantara foi descrito em resumo, não em detalhes.

22. A descrição detalhada do Svārocisa Manvantara deve ser entendida através (daquela) do Svāyambhuva Manvantara. É impossível descrevê-lo em detalhes mesmo em centenas de anos, visto que as progênies são muitas em cada família e elas são repetidas muitas vezes.

23. O Manvantara de Auttama é o terceiro entre os Manvantaras.[4] Há cinco Ganas. Eu os narrarei. Ouçam-nos.

24. Os Devas são Sudhāmans, Vaśavartins, Pratardanas, Śivas, e Satyas. Cada um desses grupos (*Ganas*) consiste em doze (Devas).

25. Os nomes dos doze Sudhāmans constituintes são Satya, Dhrti, Dama, Dānta, Ksama, Ksāma, Dhrti (Dhvani – *Brahmānda P.*), Śuci, Īsa, Ūrjas, Jyestha e Vapusmān o décimo segundo.

26. Os Devas Vamśakarin (Vaśavartins) eram Sahasradhāra, Viśvātman, Śamitāra, Brhadvasu, Viśvadhā, Viśvakarmā, Manasvanta, Virād, Yaśas, Jyotis, Vibhāvya e Kīrtimān.

27-**28**. Os deuses Pramardana (Pratardana) são glorificados. Eles são: Avadhya, Arati, Senhor Vasu, Dhisnya, Vivasvasu (Vibhāvasu no *Brahmānda P.*), Dinakratu (Vitta e Kratu no *Brahmānda P.*), Sudharmā, Dhrtavarmā, Yaśasvina (Yasasvija no *Brahmānda P.*) e Ketumān.[5]

29-**30**. Harhsa, Svara, Ahihā, Pratardana, Yaśaskara, Sudāna, Vasudāna, Sumañjasa, Visa, Jantuvāhyati, Suvitta e Sunaya – esses devem ser conhecidos como Śivas. Eles são os doze outros deuses dignos de tomar a parte deles em sacrifício.

31-**33**. Saibam os nomes daqueles que constituem a categoria Satya de Devas, como acordado (por sábios de antigamente). Eles são Dikpati, Vākpati, Visva, Śambhu, Svamrdīka, Adhipa, Varcodhas, Muhyasarvaśa (?), Vāsava, Sādāśva, Ksema, e Ananda. Esses são aqueles outros doze (Devas) dignos de sacrifício famosos como Satyas. Essas são as divindades que viveram no Manvantara de Auttama.

34-**35**. Aja, Paraśu, Divya, Divyausadhi, Naya, o inigualável Devānuja, Mahotsāha, Auśija,Vinīta, Suketu, Sumitra, Subala e Śuci - esses treze eram os filhos de alma nobre do Manu Auttama. Esses foram os progenitores da linhagem de ksatriyas e os fizeram prosperar. Esse é o terceiro Manvantara.

36. A atividade de criação etc. no decorrer do Auttama Manvantara foi explicada através (daquela do) Svārocisa Manvantara. Agora escutem e entendam a criação etc. no Tāmasa Manvantara em detalhes e na ordem adequada.

[4] Os versos 23-36 descrevem o Auttama ou Manvantara de Uttama. Como observado no v. 36, as atividades de criação etc. são iguais como no Manvantara prévio.

[5] Se Vitta, Kratu e Rathormi das leituras no *Brahmānda P.* forem aceitos, a lista terá doze nomes (o número esperado desse grupo de Devas).

37. No quarto período de Manvantara[6] do Manu Tāmasa, os Ganas eram quatro, isto é, Satyas, Svarūpas, Sudhīs e Haris.

38. No Manvantara de Tāmasa, os filhos de Pulastya (se manifestaram). Cada um desses Devaganas consistia em vinte e cinco (deuses).

39. Os cem *Indriyas* (órgãos dos sentidos) e o oitavo Tamas (Escuridão) o qual os mais altos sábios, que valorizam a verdade como a vida, enunciam, são lembrados como os Devas naquele Manvantara.

40. Śibi, o senhor de (grande) bravura, era o Indra daqueles Devas. Ó excelentes, ouçam os sete sábios daquele Manvantara.

41-**42**. Harsa, o filho de Kavi; Prthu, o filho de Kāśyapa; Agni, o filho de Atri; Jyotirdhāman, o filho de Bhrgu; Vanapītha, o filho de Pulaha, Gotra, o filho de Vasistha; e Caitra, o filho de Pulastya eram os (sete) sábios no Tāmasa Manvantara.

43. Janughanda, Śānti, Nara, Khyāti, Bhaya, Priyabhrtya, Avak?i, Prstalodhā, Drdhodyata, Rta e Rtabandhu eram os filhos de Tāmasa Manu.

44. No quinto ciclo de Manvantara de Cārisnava Manu,[7] os grupos de Devatās são bem enumerados. Ouçam.

45. Amrtābha, Abhūtarajas, Vikunsha e Sumedhas eram os filhos auspiciosos de Carisnu outrora Vasistha, o Prajāpati. Os Ganas resplandecentes e gloriosos deles são quatorze e quatro (isto é, dezoito) (ou quatorze para cada um dos quatro Ganas).

46-**47**. Svatra (Svapna), Vipra, Agnibhās, Pratyetistha, Amrta, Sumati, Vāvirāva, Vācinoda, Srava, Pravirāśī, Vāda e Prāśa eram os quatorze (?) Amrtābhas lembrados como os *devas* no Cārisnava Manvantara.

48-**49**. Mati, Sumati, Rta, Satya, Avrti,[8] Vivrti, Mada, Vinaya, Jetā, Jisnu, Sahas, Dyutimān e Sravasa – esses são os nomes de Abhūtarajas Ganas como (são) conhecidos.

50. Vrsa, Bhettā,[9] Jaya, Bhīma, Śuci, Dānta, Yaśa, Dama, Nātha, Vidvān, Ajeya, Krśa, Gaura e Dhruva são glorificados como Vikunthas. Conheçam os Sumedhas.

51-**52**. Medhā, Medhātithi, Satyamedhā, Prśnimedhā, Alpamedhā, Bhūyomedhā e outros (?), o senhor Dīptimedhā, Yaśomedhā, Sthiramedhā, Sarvamedhā, Aśvamedhā, Pratimedhā, Medhāvān e Medhahartā são glorificados como Sumedhas.

53-**54**. Vibhu de façanhas e coragem bem conhecidas era o Indra deles. Então os (sete) sábios no quinto Manvantara de Raivata Manu eram: Vedabāhu, filho (descendente) de Pulastya; o sábio chamado Yaju, o filho de Kāśyapa; Hiranyaromā, filho de Añgiras; Vedaśrī, filho de Bhrgu; Ūrdhvabāhu, filho de Vasishtha; Parjanya, filho de Pulaha; e Satyanetra, filho de Atri.

55. Mahāpurānasambhāvya, Pratyañgaparahā, Śuci, Balabandhu, Nirāmitra, Ketubhrñga e Drdhavrata eram os filhos de Carisnava. Esse é o quinto Manvantara.

56. Svārocisa, Auttama, Tāmasa e Raivatas - esses quatro Manus pertencem à família de Priyavrata.

57. No sexto ciclo de Cāksusa Manvantara[10] os Devas são lembrados como consistindo em cinco Ganas (classes), isto é, Adyas, Prasūtas, Bhāvyas, os Prthukas residentes do céu e os Lekhas de grande dignidade.

58. Essa criação de moradores do céu é mencionada de acordo com os nomes das mães deles. Os Ganas daqueles Devas são os bisnetos de Aranya, o Prajāpati, o filho de Atri. Cada um desses grupos é lembrado como consistindo de oito Devas.

---

[6] Os versos 37-43 tratam do Tamasa Manvantara.

[7] Os versos 44-55 descrevem o quinto Manvantara que o texto chama de Carisnava, isto é, do Manu Carisnu, mas o mesmo Manu é chamado como Raivata nos versos 54, 55 e 56. Os Manus de Svarocisa até Raivata pertenceram à linhagem de Priyavrata.

[8] O *Brahmānda P*. 1.2. 36, v. 56 acrescenta 'Edhana' aqui e compõe o número quatorze.

[9] A leitura no *Brahmānda P.* foi aceita para compor o número (14).

[10] Os versos 57-69 descrevem o Cāksusa Manvantara.

59. Antariksa, Vasu, Haya, Atithi, Priyavrata, Srotā, Mantā e Sumantā- esses são glorificados como Adyas.

60. Śyenabhadra, Paśya, Pathyanetra de grande fama, Sumanas, Suvetas, Raivata, Supracetas e Dyuti de grande coragem – esses são mencionados como Prasutas.

61. Vijaya, Sujaya, Mana, Udyāna, Sumati, Supari, Vijñāta, e Arthapati – esses Devas são lembrados como Bhāvyas. Agora ouçam e entendam os deuses Prthuka.

62. Ajista, o Senhor Śākyana, Vānaprstha, Śañkara, Satyadhrsnu, Visnu, Vijaya e o altamente abençoado Ajita são os Prthukas residentes do céu.

63-**64**. Eu descreverei os Lekhas agora. Ouçam enquanto eu os relato. Manojava, Praghāsa, Pracetas de grande fama, Vāta, Dhruvaksiti, Adbhuta de grande virilidade, Avana e Brhaspati são glorificados como Lekhas.

65-**66**. Manojava de grande virilidade e coragem se tornou o Indra deles então. Os sete sábios no Cāksusa Manvantara eram: Unnata, filho (descendente) de Bhrgu; Havisman, filho de Añgiras; Sudhāman, filho de Kāśyapa; Virajas, filho de Vasistha; Atimāna, filho de Pulastya; Sahisnu, filho de Pulaha, e Madhura, descendente de Atri.

67-**68**. Ūru, Pūru, Śatadyumna, Tapasvin, Satyavāk, Krti, Agnistut, Atirātra e Sudyumna – esses nove e o décimo, Abhimanyu; esses eram os filhos de Cāksusa Manu nascidos de Nādvalī. Esse é o sexto Manvantara.

69. Ó brâmanes, a criação daquela alma nobre é explicada por meio (daquela do) Vaivasvata Manvantara e foi explicada em detalhes por mim e na ordem correta.

Os sábios pediram:

70. Os sucessores e herdeiros do Manu Cāksusa nasceram na família de Kāśyapa. Por favor mencione (enumere) para nós todos aqueles outros que nasceram na família dele.

Sūta disse:

71. Cabe a vocês ouvirem a atividade criativa de Cāksusa Manu em resumo. Prthu, o filho valoroso de Vena, nasceu na família dele.

72. Outros Prajāpatis e Daksa, filho de Pracetas, também nasceram (naquela família). Atri, o Prajāpati, adotou Uttānapāda como seu filho.

73-**74**. O filho de Daksaka, o Prajāpati, se tornou um rei. Ele foi dado em adoção para Atri por alguma razão pelo Manu Svāyambhuva depois do advento do sexto (Manvantara). Ó brâmanes, tendo chegado ao Manvantara Cāksusa futuro, eu o explicarei agora a título de introdução.

75. A filha muito inteligente de Dharma e sua esposa Laksmī, a dama de sorrisos reluzente chamada Sunrtā (Sunīti), a dama que podia produzir riqueza, teve com Uttānapāda um filho chamado Dhruva e se tornou a mãe auspiciosa dele.

76. Uttānapāda gerou dela Dhruva, Kīrtimān, Ayasmān, e Vasu e também duas filhas de sorrisos cintilantes, Manasvinī e Svarā. Os filhos deles já foram mencionados.

77. O valoroso Dhruva, rezando por (desejoso de) vasta fama, fez penitência por dez mil anos divinos observando jejum.

78-**79**. No primeiro Tretāyuga, ele (Dhruva), o neto do Manu Svāyambhuva, se controlou por meio de Yoga em seu desejo de ganhar grande fama. O satisfeito Brahma concedeu a ele a residência excelente entre corpos luminosos. Ela é agradável e permanente até a dissolução final do Universo. Ela é livre de nascimento e ocaso.

80. Ao ver a glória e grandeza ilimitadas dele, Uśanas, o preceptor de Daityas e Asuras, cantou este *Sloka* (verso).

81. "Quão extraordinário é o valor da penitência dele! Quão louvável é a sua erudição! Maravilhoso é seu *Huta* (rito sagrado) que os sete sábios mantiveram Dhruva acima deles. O firmamento depende de Dhruva. Ele é o controlador e o senhor do firmamento."

82. Bhūmi teve com Dhruva dois reis (como filhos), isto é, Pusti [Srsti no *Brahmānda P.*] e Bhavya. O senhor poderoso Pusti falou para a sombra dele, "Seja um mulher."

83. Pela declaração verdadeira dele, a sombra de corpo divino tornou-se uma mulher imediatamente. Ela estava enfeitada em ornamentos divinos.

84. Pusti gerou de sua Chāyā cinco filhos impecáveis, isto é, Prācīnagarbha, Vrsaka, Vrka, Vrkala e Dhrti.

85. A esposa de Prācīnagarbha chamada Bhūvarcā deu à luz um filho que se tornou um rei pelo nome de Udāradhī. Em seu nascimento prévio, ele tinha sido Indra.

86. Ele costumava ingerir alimentos apenas uma vez ao fim de cada mil anos. Assim o senhor assegurou a condição de Indra que durou um Manvantara.

87. Bhadrā deu à luz para Udāradhī o filho Divañjaya. Varāñgī deu à luz para Divañjaya o filho Ripu, o conquistador de inimigos.

88. De Ripu, Brhatī teve um filho Cāksusa dotado de todos os tipos de brilho. Cāksusa gerou Manu de Puskarinī, uma descendente de Varuna e a filha do Prajāpati Aranya de alma nobre.

89. Ó abençoados, Manu gerou dez filhos auspiciosos de Nadvalā, a filha de Vairāja, o Prajāpati.

90. Os filhos de Manu e Nadvalā eram Ūru, Pūru, e Śatadyumna, Tapasvin, Satyavāk, Kavi, Agnistut, Atirātra e Sudyumna – esses nove como também o décimo filho, Abhimanyu.

91. Agneyī deu à luz para Ūru seis filhos de grande brilho, isto é, Añga, Sumanas, Svāti, Kratu, Añgiras e Śiva.

92. Para Añga, Sunīthā deu à luz um único filho Vena. Devido à má conduta de Vena houve uma grande comoção indignada.

93. Por causa de progênie, os sábios (agitaram) a mão direita dele. Quando a mão de Vena foi apertada, um grande rei nasceu. O descendente nobre de Vena foi glorificado como Prthu.

94. Prthu, o filho de Vena, era o principal dos ksatriyas. Ele nasceu com um arco e uma cota de malha. Ele apareceu brilhando com seu esplendor. Ele protegeu todos os mundos.

95. Ele foi o primeiro entre os reis que tinham sido coroados no sacrifício Rājasūya. Ele foi o soberano da Terra. Para louvá-lo os inteligentes (Bardos) Sūta e Māgadha nasceram.

96-97. Por causa dos súditos dele desejosos de sustento a Terra na forma de uma vaca foi ordenhada, produzindo todos os tipos de plantas, junto com os Devas, grupos de Sábios, Pitrs, Dānavas, Gandharvas, Apsaras, todos os Punyajanas, trepadeiras e montanhas.

98. Sendo ordenhada em diferentes recipientes, a Terra (*Vasurtdharā* - aquela que contém depósitos ricos) produziu leite tanto quanto eles desejavam. Desse modo ele sustentou o mundo.

Os sábios disseram:

99-100. Ó altamente inteligente, narre em detalhes a história do nascimento de Prthu e como a Terra (*Vasundhara*) foi ordenhada antigamente por aquele (rei) de alma nobre junto com Devas, serpentes, brâmanes, Sábios, Yaksas, Gandharvas, e Apsaras.

101. Para nós que solicitamos (a informação), descreva suas formas especiais de recipientes, o ordenhador, o leite e os diferentes bezerros (usados para ordenhar).

102. Por favor mencione tudo para nós, por qual razão a mão de Vena foi pressionada antigamente pelos sábios enfurecidos.

Sūta disse:

103. Ó brâmanes, eu descreverei a origem de Prthu, o filho de Vena. Ó brâmanes excelentes, ouçam atentamente com mentes purificadas por austeridades.

104. Eu não descreverei esta narrativa sagrada para uma pessoa impura, nem para um pecador, nem para alguém que não é um discípulo, nem para alguém que é malévolo e nunca (de nenhuma maneira para) alguém que não observa ritos sagrados.

105-106. Essa história é condutiva à fama, longevidade e obtenção de céu. Ela é sagrada e está no mesmo nível que os Vedas. Ela é esotérica como os sábios

disseram. Aquele que não é malicioso deve ouvi-la. O homem que conta essa narrativa do nascimento Prthu, o filho de Vena, para brâmanes depois de reverenciá-los, não lamentará erros de execução e omissão. Este rei (isto é, Prthu) era um defensor da fé. Ele era igual a Atri.

107. O Prajāpati chamado Añga nasceu na família de Atri. Vena era o filho dele. Ele não era muito piedoso ou fiel.

108. O Prajāpati nasceu de Sunīthā, a filha de Mrtyu. Vena era o filho da filha de Kāla. Consequentemente por conta da má característica (hereditária) do avô materno dele, Vena (era cruel).

109. Ele virou suas costas para o Dharma; ele se viciou em cobiça como ele desejava. Ele estabeleceu instituições desprovidas de Dharma (Virtude e Devoção).

110. Desconsiderando os Vedas e Śāstras ele estava absorto em atividades pecaminosas e más. Enquanto ele reinava os súditos eram desprovidos de estudo védico e declaração de Vasatkāras. As divindades não partilhavam das oferendas sacrificais nem bebiam o Suco Soma.

111. "Nenhum Yajña deve ser realizado. Nenhuma oferenda deve ser feita ao fogo." Essa era a declaração cruel, solene, daquele Prajāpati quando a ruína (total) dele era iminente.

112. Ele proclamou: "Em todos os sacrifícios, eu mereço receber sacrifício (oblações sacrificais) e adoração, por todas as castas duas vezes nascidas. Yajñas devem ser realizados para mim. Eu devo ser invocado enquanto (executando) Homas."

113. Quando ele cruzou os limites da decência, quando ele assumiu uma posição indevida, Marīci e outros grandes sábios lhe falaram:

114-115. "Nós vamos ser iniciados (em um rito que durará) por muitas centenas de anos. Ó Vena, não realize atos injustos. Esse não é o Dharma eterno. Na (família do Deus da) Morte você nasceu incontestavelmente como um Prajāpati. Isto foi prometido antigamente por você: 'Eu protegerei os súditos.'" Enquanto eles falavam dessa maneira, Vena falou com os Brahmarsis.

116-118. Vena de mente má, porém eloquente, falou rindo dessa maneira: "Quem mais é o criador de Dharma? As palavras de quem são precisadas por mim? Quem há na Terra igual a mim em coragem, erudição, penitência e veracidade? Todos vocês sabem precisamente que eu não sou inferior a ninguém, que eu sou uma alma nobre. Eu sou a fonte de origem de todos os mundos e particularmente de todos os Dharmas. Se eu desejar eu posso queimar a Terra inteira ou inundá-la com água. Eu posso criá-la ou engoli-la (aniquilá-la). Nenhuma dúvida ou suspeita precisa ser nutrida neste assunto."

119. Quando o rei Vena, que estava totalmente iludido por obstinação e senso de falso prestígio, não pode ser dissuadido, os grandes sábios ficaram furiosos.

120. Eles agarraram aquele poderoso embora ele fosse deslumbrante como fogo. Muito enfurecidos, eles torceram e agitaram a mão esquerda dele.

121-123. Ó brâmanes, da mão dele, que estava sendo torcida e agitada, nasceu um homem de cor negra e de estatura muito baixa. Antigamente isso foi ouvido (por nós). Ele era agitado em todos os seus órgãos dos sentidos. Amedrontado, ele ficou de pé lá com palmas unidas em reverência. Ao vê-lo confuso e abatido, (os sábios) disseram: "Nisida" (sente-se). Ele, de coragem infinita, tornou-se o fundador da dinastia de Nisādas (uma tribo de colina). Ele também criou Dhivaras (os pescadores) nascidos dos pecados e defeitos de Vena.

124. Todas aquelas outras (tribos de colina) residentes nas montanhas Vindhya como Tumburas, Tuvaras e Khasas e pessoas interessadas em ações más nasceram dos pecados de Vena.

125. Ficando indignados novamente, os grandes sábios apertaram e agitaram a mão direita de Vena em grande fúria como se ela fosse o *Arani* (um pedaço de madeira usado para acender fogo sagrado através de atrito).

126. Do brilho esplêndido originado da pressão exercida sobre a mão direita, nasceu Prthu. Como ele nasceu da grande (Prthu) mão (palma) ele foi chamado de Prthu.[11] Ele era deslumbrante com o brilho de seu corpo como o Deus do Fogo.

127. Ele manejava o arco primordial de estrondo alto, chamado Ajagava. Então ele pegou as setas e a cota de malha de grande esplendor por causa de proteção.

128. Quando ele nasceu, todos os seres vivos ficaram muito alegres. Quando o grande rei nasceu, Vena foi para o céu.

129. Devido ao nascimento daquele filho inteligente de alma nobre, ele (Vena) foi (elevado como) um *Rājarsi* (um sábio real). O tigre entre homens (Prthu), então o protegeu do inferno chamado *Put* (por nascer como um filho).

130. Todos os rios e oceanos trouxeram pedras preciosas e jóias e chegaram lá. Eles coroaram o filho de Vena como o rei. Com um grande reino real, ele se tornou um Imperador de grande esplendor.

131. Aquele Imperador foi coroado pelos Devas, os filhos de Añgiras. O filho valoroso de Vena, Prthu, se tornou o primeiro rei e um grande Imperador.

132. Os súditos que tinham sido antagonizados por seu pai foram conquistados por ele. Consequentemente graças ao seu *Anurāga* (amor e afeto) ele obteve o nome *Rājā* (rei).

133. Quando ele avançou contra o oceano, as águas ficaram firmes e imóveis, e montanhas se esmigalhavam diante dele. Ele nunca experimentou a quebra de sua bandeira.

134. A Terra produzia grãos sem ser cultivada. Todas as coisas comestíveis eram obtidas por meio de mero pensamento. Vacas concediam tudo o que alguém desejava. Mel era obtido em todo cálice de pétalas (cachos de flores?)

135. Naquela época, no Yajña auspicioso de Pitāmaha, o altamente inteligente Sūta nasceu de *suti* (a extração do Suco Soma) no dia destinado à extração do suco Soma. O inteligente Māgadha também nasceu no mesmo grande Yajña.

136. Com os *Havis* de Indra, os *Havis* de Brhaspati se misturaram. A oferenda foi feito a Indra pelos Devas e assim Sūta nasceu.[12]

137. A oferenda *Havya* do preceptor, que foi misturada com aquela destinada para o discípulo, foi dominada pelos *Havis* do discípulo. Por causa da atividade (mistura) do inferior e do superior, uma casta misturada passou a existir.

138. Um Sūta (quadrigário) é gerado de uma dama brâmane por um ksatriya que pertence a uma casta inferior. Por isso é proclamado que o Sūta tem os ritos do último (ksattriya).

139. Esse é o tipo mediano de Dharma de um Sūta, isto é, aquele de ksatriyas. (Ele tem estes deveres:) cuidado e manutenção de carruagens, elefantes, cavalos. A prática de medicina é o mais humilde dos deveres (dele).

140. Ambos (Sūta e Māgadha) foram chamados lá pelos Devas e Sábios para elogiar Prthu. Todos os sábios disseram para eles: "Que este rei seja louvado. Essa é uma atividade digna de vocês. Ele também é uma pessoa que merece elogio."

141-142. Então Sūta e Māgadha disseram a todos os sábios: "Nós propiciaremos os Devas e os sábios com nossas atividades. Nós não conhecemos as realizações, características e reputação desse rei (Prthu). Pelo que, ó brâmanes, nós podemos elogiar esse rei brilhante?"

143. Eles foram ordenados pelos sábios: "Que ele seja elogiado por suas atividades futuras. Ele tem controle sobre os órgãos dos sentidos dele. Ele está sempre empenhado em ritos caridosos. Ele é verdadeiro, dotado de conhecimento. Ele é munificente e nunca é derrotado em batalhas."

---

[11] Nosso texto dá várias etimologias populares, veja aquela de Nisada (no v. 123) e de Prthu aqui.

[12] Os versos 136-146 explicam como e por que surgiu a classe misturada chamada *suta* e os deveres atribuídos àquela casta. A relação entre Magadha e a terra chamada Magadha é compreensível, mas não aquela entre Sūta e Anupa (Malwa do Sul).

144. Sūta e Māgadha o louvaram compondo canções sobre as realizações passadas do poderoso rei Prthu.

145. Ao término do elogio, o satisfeito Prthu, o senhor dos súditos, deu a terra de Anūpa para Sūta e Magadha para Māgadha.

146. Desde então, todos os reis são louvados por Sūtas e Māgadhas. Eles são despertados por Sūtas, Māgadhas e Bandis (Bardos) com canções abençoantes.

147. Ao verem a ele (o rei Prthu), os súditos ficaram extremamente contentes. Os grandes sábios disseram (a eles): "Que esse protetor de homens (rei), o filho de Vena, seja o concessor de sustento para vocês."

148-149. Então os súditos se apressaram e se chocaram em volta (literalmente) do filho abençoado de Vena dizendo, "Conforme a promessa dos grandes sábios, tome providências para nosso sustento." Ao ser apressado pelos súditos, o poderoso (rei Prthu), com o desejo de fazer o que era benéfico para os súditos, pegou seu arco e setas e avançou em *Vasudhā* (a Terra). Estando com medo de ser atingida, a Terra assumiu a forma de uma vaca e fugiu.

150. Erguendo seu arco, Prthu correu em perseguição da Terra que fugia. Com medo do filho de Vena, ela (a Terra) correu para Brahmaloka e outros mundos (mas finalmente) viu em frente a ela o filho de Vena segurando o arco erguido.

151. Ele tinha seu esplendor iluminado pelas flechas e setas brilhantes. Ele nunca era de (poder) fraco e era dotado de grande poder yóguico. Ele era invencível até para os Devas. Ele não podia ser impedido por ninguém.

152. A deusa (Terra), que é sempre digna de ser adorada pelos três mundos, não pode obter auxílio (de outro lugar) e assim se rendeu ao filho de Vena com palmas unidas em reverência.

153. Ela falou para o filho de Vena: "Ó rei, você não está ciente do pecado inerente de matar uma senhora. Como você vai sustentar os súditos sem mim?

154. Ó mais excelente de todos os reis, sem mim os súditos serão arruinados. Ó rei, todos os mundos se apóiam em mim. O universo inteiro é sustentado por mim.

155. Ó protetor da Terra, se você deseja fazer o que é benéfico para os súditos, não cabe a você me matar. Preste atenção nas minhas palavras.

156. Todos os empreendimentos vêm a ser frutíferos se eles são iniciados com meios apropriados. Ó rei, mesmo depois de me matar, você não será competente para proteger e cuidar dos súditos.

157. Ó extremamente refulgente, eu me tornarei a produtora de alimento. Abstenha-se de fúria. Dizem que fêmeas não devem ser mortas mesmo de entre as centenas de espécies animais inferiores. Ó protetor da Terra, em atenção a isso, não cabe a você abandonar o Dharma."

158. Ao ouvir essas várias declarações, o rei de espírito nobre e alma virtuosa conteve sua raiva, e falou assim para (a Terra):

159. "Se alguém destrói uma única vida ou muitas, seja a sua própria ou de qualquer outro e para o bem de um, ele obtém bastante pecado.

160. Ó senhora auspiciosa, quando muitos obtêm felicidade se um homem é morto, não há pecado grande ou pequeno.

161. Ó Terra (repositório de riqueza), se você não agir de acordo com as minhas instruções que são conducentes ao bem-estar do Universo, eu a matarei por causa dos súditos.

162. Se você virar sua face contra minha ordem (desobedecer), eu a matarei agora com uma (única) seta. Depois de me proclamar (como o Senhor deles), eu sustentarei os súditos.

163. Por isso, ó senhora excelente, principal entre os sustentáculos da virtude, prestando atenção nas minhas palavras [você] animará os súditos perpetuamente. Não há dúvida que você é competente para fazer isso.

164. Seja minha filha. Esse é o grande e excelente passo (nas circunstâncias). Ó dama de aspecto furioso, eu a controlo para (estabelecer) devoção."

165. Assim admoestada, a senhora pura, a Terra, falou ao filho de Vena em resposta: "Ó rei, indubitavelmente eu realizarei isso dessa maneira.

166. Ó excelente entre os protetores da virtude, dê-me um bezerro de forma que eu possa dar leite por afeição. Torne minha superfície plana e nivelada em todos os lugares de modo que eu possa espalhar em todos os lugares o leite corrente."

167. Com a ponta de seu arco o filho de Vena empurrou para longe as pilhas de pedras em todos os lugares. As colinas foram levantadas por ele.

168-169. Nos Manvantaras passados a Terra era irregular e acidentada. Naturalmente algumas partes eram planas e algumas acidentadas. No decorrer das criações anteriores, não havia demarcação de cidades e aldeias, porque a Terra era irregular e acidentada.

170. No Cāksusa Manvantara não havia plantas, nem criação de vacas, nem cultivo e nem rotas comerciais. Todos esses surgiram no Vaivasvata Manvantara.

171. Onde quer que houvesse uniformidade (solo plano) os súditos sempre o ocupavam.

172. A dieta consistia em frutas e raízes. Desde o reinado do filho de Vena todas essas coisas apareceram neste mundo.

173. Quando as ervas medicinais foram destruídas, o senhor Prthu fez de Cāksusa Manu o bezerro, e com grande dificuldade ordenhou com sua própria mão a Terra (na forma de uma vaca)[13] e produziu plantas.

174. Grãos e plantas foram ordenhados pelo filho de Vena da deusa-Terra depois de fazer de Cāksusa Manu o bezerro e do chão nu o recipiente. Os súditos sempre se mantinham com aquele alimento.

175-176. A Terra (A portadora de tesouros) foi elogiada pelos sábios e ordenhada novamente. O bezerro deles era Soma (a Lua) e o ordenhador (leiteiro) era Brhaspati. O recipiente era Gāyatrī e outras métricas (védicas). O leite deles era penitência e o eterno Brahman.

177. Novamente, (a Terra foi) elogiada pelos grupos de Devas liderados por Purandara, depois de pegarem um recipiente dourado, e Amrta (Néctar), foi ordenhado por eles. Os Devas liderados por Indra se sustentavam com aquele somente.

178. A Terra foi louvada pelos Nāgas (Serpentes) e ordenhada. Veneno era o leite, Vāsuki o filho de Kadru era o leiteiro, em nome daquelas serpentes altamente poderosas.

179. Ó brâmanes excelentes, os ferozes, de corpo enorme e excessivamente agressivos entre os Nāgas e Sarpas se sustentam com aquele apenas. Essa é a dieta e alimento deles. Sua conduta e bravura eram de acordo com isso.

180. Depois de se fazerem invisíveis, a Terra foi ordenhada novamente pelos Yaksas e Punyajanas. Eles tinham feito de Vaiśravana (Kubera) o bezerro. Foi em um recipiente não cozido que eles ordenharam.

181. O ordenhador era Jatunābha, o pai de Manivara. Ele possuía grande força e esplendor excelente. Ele tinha autocontrole total. Ele era o filho de um Yaksa. O grande sábio disse que eles se sustentavam com aquele leite.

182. A Terra foi ordenhada novamente por Rāksasas e Piśācas. O leiteiro deles era Kubera dotado do conhecimento de Brahman.

---

[13] A história de Prthu e sua ordenha da Terra é uma representação purânica da concepção Védica da ordenha da vaca Virāj. O *Virāj Sakta* (*Atharva Veda*, VIII.10) forma a base dessa lenda purânica. A lenda purânica assevera o direito de sábios (líderes públicos) de removerem um tirano obstinado.

Esse Prthu é um rei védico e é lembrado por ter adorado os Aśvins em sua câmara sacrifical (*Atharva V.* XX.140.5). A ordenha da vaca Virāj por Prthu com a terra como um balde de ordenha e Vaivasvata Manu como um bezerro é mencionada no *Atharva Veda*, VIII.10.24. Mas em nosso Purāna o Manu Cāksusa é feito o bezerro. Veja o v. 174.

Esse episódio é descrito em vários Purānas como no *Mahābhārata* [7, Drona Parva, cap. 69]; *Bhāgavata P.* IV.18; *Matsya P.* 10.1-35; *Brahmānda P.* 1.2.36.177-202.

183. O bezerro era o poderoso Sumālī. Sangue era o leite produzido. Era em um recipiente de caveira que os Rāksasas ordenharam por estarem invisíveis. Todos os Rāksasas se sustentam com aquele leite.

184. No recipiente de loto (folhas) a Terra foi ordenhada novamente por Gandharvas e os grupos de Apsaras. Eles fizeram de Citraratha o bezerro, e aroma puro era o produto.

185. Viśvāvasu, que era o filho puro de um sábio, que era o rei muito poderoso dos Gandharvas e que era uma alma nobre parecendo o sol, era o leiteiro deles.

186. A deusa Terra foi louvada e ordenhada novamente pelas montanhas. O produto era as ervas medicinais em forma incorporada e vários tipos de pedras preciosas.

187. A montanha Himavān era o bezerro delas. A grande montanha Meru era o leiteiro.[14] A própria montanha era o recipiente. Com isso a montanha foi estabilizada.

188. A deusa Terra foi louvada e ordenhada novamente pelas árvores e trepadeiras. Elas usaram a copa frondosa de Palāśa como o recipiente. O leite produzido era a habilidade para crescer depois de serem cortadas.

189. A montanha em plena floração era *Kāmadhuk* (o leiteiro do que é desejado). A árvore Plaksa era o bezerro. A Terra (era assim) a concessora de todos os desejos, a benfeitora de todos os seres vivos e muito famosa.

190. Tal é a Terra (*Vasundharā*) (a possuidora de riquezas) que se tornou a *Dhātri* (protetora), *Vidhdtri* [*Vidhātri* ?] (o agente criativo), e *Dharani* (o suporte). Nós ouvimos que ela foi ordenhada para o bem-estar de todas as pessoas por Prthu. Ela se tornou a fundação do mundo que consiste em seres móveis e imóveis e sua fonte de origem.

---

14 Kālidāsa repete isso no *Kumāra-sambhava* 1.2.

Capítulo 2: A Dinastia de Prthu

Sūta disse:

1. É informado que a Terra se estendia até os oceanos como seu limite. Ela é chamada de *Vasudhā*, porque ela contém riquezas (*Vasu* - riqueza, *Dharayate* - contém).

2-3. Antigamente a terra estava coberta com a gordura de Madhu e Kaitabha. Por isso a Terra que se estende até os oceanos ficou famosa como *Medini* (*Medas*-gordura). Desde que o inteligente filho de Vena, o rei Prthu, a adotou como filha dele, ela é chamada de Prthivi.[1]

4. A divisão dessa Terra famosa, bela, foi feita antigamente pelo rei Prthu. A Terra consistindo em uma série de cidades e minas (de vários produtos naturais) e povoada por pessoas de quatro castas foi protegida por aquele rei inteligente.

5. Aquele rei excelente, o filho de Vena, teve tal destreza. Ele era digno de ser reverenciado e adorado por todos os seres vivos.

6. Sendo antigo e nascido de Brahman, somente Prthu é merecedor de ser reverenciado por brâmanes de grande dignidade (e fortuna) que são peritos nos Vedas e seus *Añgas* (assuntos subordinados).

7. O rei primordial Prthu, o filho valoroso de Vena, deve ser reverenciado pelos reis demasiado abençoados que buscam grande fama.

8. Só Prthu, o primeiro criador de homens, deve ser reverenciado pelos guerreiros também que buscam vitória em batalha.

9. O guerreiro que, depois de glorificar Prthu, procede para o campo de batalha, volta seguramente da batalha terrível e obtém fama gloriosa.

10. O rei puro Prthu, o excessivamente renomado, deve ser reverenciado pelos vaiśyas, que aderem estritamente à ocupação e deveres de vaiśyas, porque foi ele quem lhes deu sustento e alimento.

11. Esses diferentes bezerros e ordenhadores, leite e os recipientes foram todos descritos por mim na ordem correta.

12. No próprio início a Terra foi ordenhada por Brahma de alma nobre depois de fazer de Vāyu o bezerro.[2] O recipiente era a superfície da Terra e o produto, as sementes.

13. Então, no antigo Svāyambhuva Manvantara, a Terra foi ordenhada por Agnīdhra[3] depois de fazer de Svāyambhuva Manu o bezerro.

14. Antigamente, quando Svārocisa era Manu, a Terra foi ordenhada pelo inteligente Caitra, depois de fazer de Svārocisa Manu o bezerro. A produção consistiu em plantas e grãos.

15. No Auttama Manvantara, a Terra foi ordenhada pelo muitíssimo excelente e inteligente Devabhuja, depois de fazer do Manu Uttama o bezerro. O produto consistiu em todos os grãos alimentícios.

16. Novamente no quinto Manvantara, isto é, o Tāmasa Manvantara, a Terra foi ordenhada por Balabandhu depois de fazer de Tāmasa Manu o bezerro.

17. Quando o Manvantara do senhor Cārisnava Manu chegou, a Terra foi ordenhada por Purāna depois de fazer de Cārisnava Manu o bezerro.

18. Quando o Cāksusa Manvantara chegou, a Terra foi novamente ordenhada por Purāna, depois de fazer de Cāksusa Manu o bezerro.

---

[1] Como no v. 190 do capítulo anterior, etimologias de outros nomes da Terra são dadas aqui.

[2] Os versos 12-20 dão a lista de pessoas que "ordenharam" a terra em cada Manvantara. Cada 'ordenha' mostra de um modo o avanço da civilização humana.

[3] *O Brahmānda P.* 1.2, 37 [vv.12b.-15a] lê "todos os tipos de cereais [plantas] foram a produção láctea". Aqui *grisma* provavelmente representa Agnidhra. Mas a produção láctea não é mencionada em nosso texto.

19. Quando o Cāksusa Manvantara passou e o Vaivasvata Manvantara chegou, a Terra foi ordenhada novamente pelo filho de Vena, como narrado por mim para vocês.

20. Antigamente, nos Manvantaras anteriores, a Terra foi ordenhada pelos Devas e outros, por seres humanos como também pelos Bhūtas (seres vivos ou duendes) e outros.

21. Desse modo os Devas devem ser conhecidos em todos os Manvantaras passados e atual. Agora ouçam os filhos de Prthu.

22. Dois filhos valorosos, Antardhi e Pālin, nasceram para Prthu. Śikhandinī teve com Antardhāna (Antardhi) o filho Havirdhāna.

23. Dhisanā, a filha de Agni, teve com Havirdhāna seis filhos, isto é, Prācīnabarhis, Śukra, Gaya, Krsna, Vraja e Ajina.

24. O senhor santo Prācīnabarhis era um grande Prajāpati. Graças à sua força, erudição, penitência e coragem, ele era o único Imperador da Terra. As pontas das gramas Kuśa dele apontavam para o leste pelo uso frequente em Yajñas. Por essa razão ele é chamado de Prācīnabarhis.[4]

25. Aquele senhor casou-se propriamente com Savarnā, a filha do oceano, muito além da escuridão extensa. Do Prajāpati a filha do oceano, Savarnā, teve os dez filhos de Prācīnabarhis.

26. Todos eles são chamados de Pracetas. Eles eram mestres da ciência de arco e flecha. Realizando ações virtuosas (em estreita associação) sem ficarem separados, eles executaram grande penitência por dez mil anos deitados nas águas do oceano.

27. Enquanto os Pracetas estavam fazendo penitência na Terra as árvores, não sendo cuidadas corretamente, cobriram a terra resultando no declínio e ruína dos súditos.

28. Quando (o firmamento) estava obstruído no Cāksusa Manvantara, o vento não podia soprar. O céu estava coberto com árvores. Os súditos não puderam (efetuar as atividades deles) por dez mil anos.

29. Ao perceberem isso por meio de seu poder de penitência, todos os Pracetas, dotados de poder yóguico, ficaram enfurecidos e criaram vento e fogo de suas bocas.

30. Vāyu arrancou aquelas árvores e as secou. O fogo feroz as queimou. Assim a destruição de árvores aconteceu.

31. Sabendo da destruição das árvores (e quando só) umas poucas árvores sobreviveram, o rei Soma (o deus-Lua) aproximou-se daqueles Pracetas e disse a eles:

32. "Ó reis, ó filhos de Prācīnabarhis, abandonem sua raiva depois de considerarem os benefícios conferidos (pelas árvores florescentes) para a continuação dos mundos.

33. As árvores crescerão na Terra. Que o fogo e o vento amainem. Essa jóia de moça de aparência formosa é a filha das árvores.

34. Conhecendo esse (acontecimento) futuro, ela foi nutrida (e criada) por mim com meus raios. Ela se chama Mārisā e é criada pelas próprias árvores. Que ela, nutrida no útero da lua[5], seja sua esposa.

35. Por meio de uma metade de seu esplendor como também uma metade do meu esplendor, o Prajāpati erudito chamado Daksa nascerá dela.

36. Ele, de esplendor ígneo, desenvolverá os súditos novamente e protegerá a Terra quase queimada pelo fogo de seu brilho."

37. Então, por insistência de Soma (o deus-Lua) aqueles Pracetas refrearam sua fúria e aceitaram corretamente das árvores (a filha delas) Mārisā como esposa deles.

---

[4] Veja o *Brahmānda P.* 1.2.37.25 - uma etimologia para explicar o significado do nome do rei.

[5] Isto é, 'pelos raios da lua' (como declarado no v. 34a).

38-39. Eles então fecundaram Mārisā mentalmente. Daksa, o Prajāpati, nasceu de Mārisā e dos dez Pracetas. Ele possuía grande esplendor e força, graças à parte de Soma. A princípio Daksa criou progênie através de processo mental e subsequentemente por meio de relações sexuais.

40. Depois de criar os seres imóveis, seres móveis, bípedes, e quadrúpedes mentalmente, Daksa criou mulheres (filhas) depois disso.

41. Ele deu dez (das filhas dele) para Dharma, treze para Kāśyapa e vinte e sete empenhadas no movimento do tempo (isto é, as vinte e sete constelações) para a lua.

42. Depois de dar essas (filhas) para eles, ele deu quatro outras filhas para Arisjanemi, duas para Bāhuputra, duas para Añgiras e uma filha para Krśaśva. Agora conheçam a progênie deles.

43. Nessa época, o sexto Manvantara de Cāksusa Manu cessa dando lugar ao sétimo Manvantara do Prajāpati Vaivasvata Manu.

44. Neles (as filhas de Daksa) Devas, pássaros, vacas, serpentes, Daityas, Dānavas, Gandharvas, Apsaras e outras classes de seres nasceram.

45. A criação dos mais antigos era devida ao pensamento, visão e toque. Daquele tempo em diante, os indivíduos nesse mundo nasciam a partir de relação sexual.[6]

Os sábios disseram:

46-48. O nascimento auspicioso de Devas, Dānavas, Sábios Divinos e de Daksa de alma nobre foi narrado por você antes. Foi mencionado por você (anteriormente) que Daksa, o Prajāpati, nasceu de Prāna. Como ele que tinha penitência grandiosa obteve subsequentemente a condição do filho de Pracetas? Ó Sūta, cabe a você esclarecer essa nossa dúvida. Ele era o filho da filha de Soma. Como ele se tornou sogro (de Soma)?

Sūta disse:

49. Ó excelentes, nascimento e dissolução (morte) ocorrem perpetuamente entre seres vivos. Os sábios e aqueles homens que são dotados de erudição não são iludidos nesse assunto.

50. Ó brâmanes, Daksa e outros nascem em todo Yuga. Eles passam por morte subsequente também. Um homem instruído não é confundido nesse assunto.

51. Ó brâmanes excelentes, antigamente não havia relação de mais novo e mais velho entre eles. Somente a penitência era considerada mais importante e destreza era a base disso.

52. Aquele que compreende essa criação dos seres móveis e imóveis no Cāksusa Manvantara passa inteiramente seu período de vida e é honrado na região divina (depois disso).

53. Essa criação de Cāksusa Manu foi narrada sucintamente. Dessa maneira esses seis ciclos de criação, na forma de Manvantaras, decorreram. Eles têm o Svāyambhuva Manvantara como seu primeiro e o Cāksusa Manvantara como o último. Eles foram narrados brevemente na sequência apropriada.

54. Ó brâmanes excelentes, essas criações foram descritas de acordo com a minha compreensão. Os detalhes dessas criações devem ser conhecidos por meio da criação no Vaivasvata Manvantara.

55. Todas as criações de Vivasvān são infinitas e não diferentes (de outros Manvantaras) na questão de condições de saúde, duração de vida, virtude, amor e riqueza. Aquele que lê isso sem malícia obtém esses atributos.

56. Agora eu descreverei a atividade criativa do atual Vaivasvata Manu sucintamente e em detalhes (conforme for o caso). Escutam e entendam assim como eu descrevo.

---

6 Essa é a principal diferença entre os seis Manvantaras prévios e o atual. Com esse capítulo termina a descrição do Caksuka Manvantara.

Capítulo 3: Vaivasvata Manvantara; A Criação Mārica

Sūta continuou:

1. No sétimo ciclo chamado Vaivasvata Manvantara, os Devas e os grandes sábios nasceram de Kāśyapa, filho de Marici.[1]

2. Os oito grupos de Devas são lembrados como segue: (1) Adityas, (2) Vasus, (3) Rudras, (4) Sādhyas, (5) Viśvedevas (6) Maruts, (7) Bhrigus e (8) Añgiras.

3. (Entre eles) Adityas, Maruts e Rudras devem ser conhecidos como os filhos de Kāśyapa. Os três grupos, isto é, Sādhyas, Vasus e Viśvedevas, são os filhos de Dharma.

4. O senhor Bhārgava nasceu de Bhrgu e Añgirā era o filho de Añgiras. Nesse Vaivasvata Manvantara, esses Devas são perpetuamente *Chandajas* (nascidos de acordo com sua própria vontade ou nascidos de *chandas* védicos).

5. A criação auspiciosa atual deve ser conhecida como aquela dos descendentes de Marici. O Indra brilhante atual deles é Mahabala.

6. Todos os Indras nos diferentes Manvantaras, sejam do passado ou futuro, ou aqueles que existem agora, devem ser conhecidos como tendo características iguais.

7. Todos eles são os senhores de objetos passados, presentes e futuros, de mil olhos e Purandara (destruidores das cidades de inimigos). Todos eles são generosos, coroados (utentes de coroas com penachos). Eles seguram o raio na mão. Todos realizaram cem sacrifícios e todos possuem centenas de atributos.

8. Eles se estabelecem depois de superarem todos os seres vivos nos três mundos, sejam fracos ou móveis, por várias razões como Dharma (Devoção) etc.

9. Eu explicarei tudo sobre como eles são os senhores do passado, presente e futuro por meio de esplendor, penitência, intelecto, força, erudição e façanhas; como eles se tornaram poderosos; ouçam e compreendam enquanto eu narro.

10. Três mundos têm sido lembrados pelos brâmanes como *Bhūta*, *Bhavya* e *Bhavisya*.[2] Eles são lembrados respectivamente da seguinte maneira: *Bhūrloka* ou a Terra, *Bhuvarloka* ou o firmamento e *Bhavya* ou o céu. Eu explicarei como eles foram realizados.

11-**12**. Isso foi proferido no início por Brahma que estava desejoso de filhos e que estava meditando. A palavra "*Bhūh*" foi proferida no princípio e este *Bhūrloka* tomou forma. A raiz *Bhū* é lembrada no sentido de *Sattā* (existência) como também *Loka Darśana* (visibilidade para as pessoas). Visto que ele existiu e era visível ele se tornou *Bhūrloka*, por isso esse primeiro Loka é lembrado como *Bhūh*, porque ele existiu.

13. Quando esse (mundo) tinha tomado forma, a segunda palavra, "*Bhavat*" foi proferida novamente por Brahma. Aquilo que está prestes a tomar forma no tempo futuro imediato é indicado pela palavra "*Bhavat*."

14. A palavra *Bhuvarloka* é derivada de *bhavana* por aqueles que conhecem *Nirukta* (Etimologia). Por isso o firmamento é chamado de o segundo Loka, isto é, *Bhuvarloka*.

15. Quando *Bhuvarloka* tinha tomado forma, a terceira palavra "*Bhavya*" foi proferida por Brahma e então o *Bhavyaloka* tomou forma.

16. A palavra *Bhavya* é usada no sentido do que ainda não aconteceu, (isto é, o futuro). Consequentemente esse mundo futuro é lembrado pelo nome *Diva* (Céu).

---

1 Por isso o título do capítulo 'a criação Marica'.

2 Os versos 10-18 explicam esses termos e como os *vyahrtis* se originaram (v. 19).

17. Outra terceira palavra "*Sva h*" foi proferida (por Brahma). Então o *Bhavyaloka* (o mundo futuro) tomou forma. A palavra *Bhavya* é usada no sentido de tempo futuro.

18. A Terra é lembrada pela palavra *Bhūh*; o firmamento é lembrado como *Bhuvah*; o céu é lembrado como *Bhavya*. Esse é o grupo de três mundos em poucas palavras.

19. Pelas expressões vocais em combinação com os três mundos os três *Vyāhrtis* (isto é, os mantras *Bhūh*, *Bhuvah*, *Svah*) se originaram. A raiz *Nath* é lembrada no sentido de 'proteção' por aqueles que conhecem os (significados de) raízes.

20. Como eles são os Senhores Protetores dos mundos *Bhūta*, *Bhavya*, e *Bhavat* eles são os *Nathas* (os Protetores) dos três mundos. Eles são chamados como Indras pelos brâmanes.

21. Os Devendras, que são os chefes nos Manvantaras, como também aqueles Devas que são (os subordinados) deles se tornam aqueles que compartilham porções nos Yajñas.

22. Yaksas, Gandharvas, Rāksasas, Piśācas, Uragas e Dānavas são todos proclamados como (os produtos da) glória dos Devendras.

23. Os Devendras são os anciãos (preceptores), protetores, reis e pais. Aqueles Devas excelentes protegem todos esses súditos justamente.

24. Assim as características dos Devendras foram descritas brevemente. Eu agora contarei os sete sábios que estão posicionados atualmente no céu.

25-**28**. Eles são: (1) Viśvāmitra de grande penitência, o inteligente filho de Gādhi que nasceu da família de Kuśika, (2) Jamadagni, o filho valoroso de Uru (Aurva) o descendente da família de Bhrgu, (3) Bhāradvāja de grande penitência, o filho de Brhaspati, (4) Śaradvān, o filho instruído virtuoso de Utathya, pertencente à família de Gotama, (5) o quinto Brahmakośa (também conhecido como) senhor Atri, filho de Svayambhū (Brahma), (6) o sexto, o filho de Vasistha bem conhecido no mundo como Vasumān, e (7) Vatsāra, filho de Kāśyapa. Todos esses sete são bem honrados por homens bons. Esses sete sábios, todos os quais são Siddhas, existem no Manvantara atual.

29-**31**. Iksvāku, Nābhāga, Dhrsfa, Śaryāti, o famoso Narisyanta, Nābha, Uddisfa, Karusa, Prsadhra e Vasumān o décimo – esses são os dez filhos de Vaivasvata Manu glorificados por mim. O sétimo Manvantara foi explicado por mim. Ó brâmanes, o segundo *Pāda* foi descrito em detalhes por mim e na ordem correta. O que mais eu devo explicar?

Seção 3: Anusañga Pāda

Capítulo 4: A Linhagem de Prajāpati; Renascimento de Sete Sábios

Os sábios disseram:

1. Ao ouvir a segunda seção (integralmente) como narrada pelo inteligente Sūta, Sāmsapāyana perguntou a ele depois disso sobre (o assunto do) terceiro *Pāda* (Seção).

2. "O segundo *Pāda* foi narrado por você junto com sua sequência (Apêndice); por favor narre o terceiro Pāda em detalhes junto com a introdução (necessária)." Sendo requisitado desse modo, Sūta começou a falar com sua alma interna muito satisfeita. *Sūta disse:*

3. "Ó brâmanes, eu contarei o terceiro pāda em detalhes junto com a introdução (necessária). Enquanto eu o narro, escutem e entendam completamente.

4. Ó brâmanes, ouçam em detalhes e na ordem adequada a atividade criativa do Vaivasvata Manu atual de alma nobre.

5-7. O período (de Manu) é sempre calculado como sendo de setenta e um grupos de quatro Yugas. Depois de reverenciar Vivasvān (o deus-Sol) eu narrarei a criação de Vaivasvata começando com Manu e terminando com os eventos futuros. Isso inclui Devaganas, Sábios, Dānavas, Pitrs, Gandharvas, Rāksasas, Bhūtaganas, seres humanos, animais, pássaros e seres imóveis.

8-9. Os sete grandes sábios que tinham desaparecido no primeiro Svāyambhuva Manvantara, e que foram os criadores e iniciadores naquele tempo, renascem no Vaivasvata Manvantara depois da passagem do Cāksusa Manvantara. É devido à maldição de Maheśvara que as almas nobres, Daksa e os sábios muito poderosos Bhrgu e outros, se manifestaram (neste Manvantara).

10. Os sete sábios nasceram novamente como sete filhos mentais de Brahma. Eles foram adotados como filhos pelo próprio Svayambhū (o deus Brahma nascido por si mesmo).

11. A atividade criativa foi iniciada novamente, como antes e na ordem apropriada, por aquelas almas nobres que se manifestaram e que criaram a série de indivíduos.

12. Eu mencionarei a progênie daquelas pessoas de conhecimento puro e ritos sagrados em resumo como também em detalhes (de acordo com o contexto) e na ordem correta.

13. Esse mundo consistindo em seres móveis e imóveis e embelezado com planetas e estrelas está cheio de seres nascidos das famílias deles."

14. Ao ouvirem essas palavras uma dúvida surgiu nas mentes dos sábios. Tomados pela dúvida, os sábios de ritos puros sagrados reverenciaram Sūta e o questionaram para o esclarecimento das dúvidas deles.

Os sábios disseram:

15. "Ó excelente, como os sete sábios nasceram como sete filhos mentais no início? Como eles foram adotados como filhos? Por favor explique isso para nós." Depois disso, o Sūta muito esplêndido bem versado em Purānas começou a narração auspiciosa. *Sūta disse:*

16-17. Como os sete grandes sábios, que tinham sido grandes Siddhas no Svāyambhuva Manvantara, não conseguiram obter o resultado da penitência no Vaivasvata Manvantara (eu narrarei.) Subjugados pela maldição de Bhāva (Śiva) eles não obtiveram o (resultado da) penitência. Uma vez eles se reuniram no Jana Loka.

18-19. No Jana Loka todos os grandes sábios falaram uns com os outros. Os abençoados estavam falando entre si no grandioso sacrifício de Varuna: "No Cāksusa Manvantara, vamos todos nascer como os filhos de Pitāmaha. Então isso será conducente à felicidade."

20. No Svāyambhuva Manvantara eles tinham sido amaldiçoados por Bhāva. Para fazer (a maldição) verdadeira (isto é, realizada), eles nasceram novamente. Do Jana Loka eles foram para o céu.

21. Nós sabemos que, no Yajña do grande senhor, Brahma assumiu a forma de Varuna. Com o desejo de progênie ele tinha entregado seu sêmen ao fogo sagrado. Foi então que os sábios tiveram seu segundo nascimento.

22. Bhrgu, Añgiras, Marīci, Pulastya, Pulaha, Kratu, Atri, e Vasistha - esses oito[1] eram os filhos de Brahma.

23. No formidável Yajña elaborado dele todos os Devas tinham ido. Todos os Añgas (auxiliares) do Yajña e Vasatkāra tinham assumido formas corpóreas.

24. Os mantras Sāman, milhares de mantras Yajur e o Rgveda embelezados com Pāda e Krama[2] (Pāthas) estavam presentes lá em forma incorporada.

25. O Yajurveda enriquecido com métricas (relevantes), brilhante com Omkāra como sua boca (face) estava presente lá junto com Sūktas, Brāhmanas e Mantras relacionados aos *Arthas* (objetivos e propósitos) do Yajña.

26. O Sama Veda, tão rico em (variedade de) métricas (védicas) e com todas as Canções-Mantra (as quais devem) ser cantadas no início, estava lá presente junto com Visvavasu e outros Gandharvas.

27. O Brahma Veda (Atharva Veda) estava (presente lá) acompanhado por ritos terríveis. (Mas) devido (à presença dos) Pratyañgirasas, ele parecia ter uma única cabeça com dois corpos.[3]

28. (Os seguintes detalhes sobre a recitação dos Vedas) *Laksanas* (os tópicos característicos), *Soaras* (notas), *Stobhas* (interjeições cantadas em uma canção-Sāman), *Kirukta* (etimologias), *Svarabhaktis* (inserção de som de vogal para facilidade em pronúncia), *Āśraya* (lugares de repouso ou anexação), *Vasatkāra* (pronúncia de *'Vasat'*), *Migraha* (supressão) e *Pragraha* (vogais não sujeitas a regras Sandhi) (todos esses estavam fisicamente presentes).

29-30. A deusa Terra resplandecendo brilhantemente, os quadrantes, os quadrantes intermediários, os Senhores dos quadrantes, as virgens celestiais, as esposas de Devas, as mães e Avu – todos esses estavam presentes lá em forma incorporada em frente ao Senhor (Brahma) que estava executando o Yajña assumindo a forma de Varuna.

31. Ao ver as senhoras, o sêmen viril de Svayambhū caiu no chão. Não há dúvida que isso aconteceu por causa da dispensação do inevitável no caso de Brahmarsis (sábios bramânicos).

32. Pitamaha (o deus Brahma) então o ergueu por meio de Sruks e Sruvā (colheres e conchas sacrificais) e realizou o Homa como se ele fosse ghee, recitando os mantras propriamente.

---

[1] Há duas discrepâncias aqui. *Saptarsis* significa um grupo de sete sábios mas aqui são enumerados oito filhos de Brahma. Além dessa discrepância em número os nomes dos *Saptarsis* desse Manvantara como dados nos vv. 25-28 do último capítulo são diferentes dessa lista embora o v. 28 daquele capítulo afirme que "esses sete sábios existem no Manvantara atual".

Essa lista anterior (3.25-28) concorda mais com aquela no *Vishnu Purāna* 3.1.32 se os nomes nela forem considerados como gotras dos sábios.

[2] *Krama* é um método especial de recitar textos védicos. Ele é assim chamado porque a recitação procede do primeiro membro, palavra ou letra, para o segundo, então o segundo é repetido e conectado com o terceiro e assim por diante.

[3] O *Atharva Veda* consiste em dois conjuntos de Mantras: os auspiciosos (*Atharvans*), e os terríveis destinados à destruição dos inimigos (*Añgiras*). Por isso é dito que o *Atharva Veda* tem dois corpos.

33. Depois disso, o Prajāpati começou a criação de seres vivos (ou agregado de elementos). Devido ao esplendor que estava ao lado, as coisas ígneas nasceram; os Gunas Sattva e Rajas não foram permeados pelo Guna Tamas.

34. A partir do brilho Saguna, Tamas ficou perpetuamente no céu. Todos os seres vivos nasceram do *Tamas* (escuridão) e do *Tejas* (brilho).

35. Quando os filhos nascidos de Karman foram criados, Brahma ergueu seu sêmen viril no pote de ghee e executou o Homa.

36. Quando o sêmen viril foi entregue ao fogo sagrado, os grandes sábios se manifestaram. Eles eram incorporados e muito brilhantes. Todos os sete (sábios) tinham os atributos de crianças recém nascidas.

37. Quando o sêmen viril foi derramado uma vez no fogo, Kavi (isto é, Vênus) saiu da chama. Ao vê-lo saindo dividindo a chama, Hiranyagarbha (Brahma) disse: "Você é Bhrgu". Consequentemente ele é chamado de Bhrgu.[4]

38. Mahādeva o viu saindo assim e disse a Brahma: "Eu estou desejoso de um filho e eu sou iniciado. Ele nasceu para mim, ó senhor. Por isso, que o senhor Bhrgu seja meu filho."

39. Mahādeva foi permitido pelo deus Brahma que disse: "Assim seja". Mahādeva adotou Bhrgu como filho dele. Todos os descendentes de Bhrgu são chamados de Varunas. Ele se tornou um senhor santo (sábio).

40. Uma segunda (concha de) sêmen viril caiu sobre os carvões ardentes. Añgiras nasceu disso com seus membros firmemente unidos no fogo (carvões ardentes). Por essa razão ele é conhecido como Añgiras.

41. Ao ver o nascimento dele, o deus do fogo falou para Brahma: "Fui eu que segurei seu sêmen viril. Por isso, que esse segundo filho seja meu."

42. O deus do fogo foi abordado por Brahma: "Que assim seja". Consequentemente, nós sabemos que todos os descendentes de Añgiras são conhecidos como Agneyas.

43. Quando o sêmen viril foi entregue ao fogo sagrado por mais seis vezes por Brahma, o criador, os seis Brahmas, (os filhos de Brahma) nasceram. Assim é ouvido.

44. Marici foi o primeiro entre eles, nascido dos raios (do fogo sacrifical). Como o (segundo) filho nasceu no Kratu (sacrifício), ele é chamado de Kratu.

45. "Eu sou o terceiro" (*Aham-Trtiya*), dizendo isso o terceiro filho nasceu. Assim ele é chamado de Atri. O quarto filho nasceu com cabelos pontudos afiados. Por isso ele é lembrado como Pulastya.

46-**47**. O filho nascido com cabelos longos é lembrado como Pulaha. Ele que nasceu a partir do Vasu (fogo?) se chamava Vasuman. Ele é chamado de Vasistha por aqueles que sabem a verdade, pelos explicadores de Vedas. Desse modo seis grandes sábios são os filhos mentais de Brahma.

48. Eles mantêm a continuidade dos mundos. Esses súditos são desenvolvidos e nutridos por eles. Por essa razão os filhos de Brahma são mencionados como Prajāpatis.

49-**50**. Outros chamados Pitrs foram criados por esses grandes sábios apenas. Os sete grupos de sábios são bem conhecidos no mundo, isto é, Māricas, Bhārgavas, Añgirasas, Paulastyas, Paulahas, Vāsisthas e Atreyas; esses grupos de Pitrs são famosos no mundo.

51. Esses três Ganas foram mencionados brevemente antes: Eles são Apūrvas (Raros), Prakāśas (Brilhantes) e Jyotismantas (Iluminados).

52. O rei deles é o senhor Yama e eles fizeram seus pecados desaparecerem por meio de observâncias (religiosas). Há outros Prajāpatis também. Escutem-nos atentamente.

---

[4] Veja o *Brhad-devata* V. 97-101 para a história dos nascimentos de Bhrgu, Añgiras e Atri. As etimologias desses nomes também são emprestadas dele embora gramáticos ofereçam diferentes derivações.

53-**54**. Há outros Prajāpatis, muitos em número, isto é, Kardama, Kāśyapa, Śesa (?), Vikrānta, Suśruvas, Bahuputra, Kumāra, Vivasvān, Śuciśravas, Pracetas, Aristanemi, Bahula, e muitos outros.[5]

55. Kuśoccayas e Vālakhilyas se tornaram grandes sábios. Eles tinham a velocidade da mente. Eles podiam ir a qualquer lugar. Eles se tornaram Imperadores.

56. Os grupos de sábios chamados Vaikhānasas são honrados por brâmanes. Elas nasceram das cinzas sagradas. Eles são dedicados à penitência e aprendizagem.

57. Os belos Aśvinas nasceram das orelhas dele.[6] Os puros nascidos dos olhos são conhecidos como Aksarajas.

58. Os Prajāpatis mais velhos nasceram das veias dele. Os sábios nasceram dos poros de pelo na pele e da sujeira de suor.

59. De suas lágrimas e grito nasceram as bocas terríveis Niryāsas (?), as junções de quinzenas, anos, dias e noites e a luz terrível de Pitrs.

60. Raudra dizem que é o sangue. Lohita é lembrado como ouro. Esse também deve ser conhecido como Maitra. A fumaça é lembrada como animais.

61. As chamas são Rudras e Adityas. Seres humanos divinos nasceram do carvão ardente e da chama.

62. Brahma nascido de Brahman é o ser primordial no mundo. Pedindo (pela mão de) uma virgem, os sábios disseram a ele que concedia tudo:

63. "Brahma, o primogênito entre Suras, está satisfeito com os Devas. Esses senhores estarão dando à luz todos os indivíduos.

64. Todos eles são Prajāpatis. Todos eles são sábios. Esses ritos manterão esses mundos com a graça dele.

65. Eles desenvolveram pares aumentando seu esplendor. Entre Devas há versados em Vedas. Todos os reis religiosos também são desse mesmo modo.

66. Todos eles são devotados aos Mantras védicos. Eles nasceram dos atributos de Prajāpatis. O infinito Brahman é a Verdade e a maior penitência.

67. Ó senhor, todos nós somos seus próprios filhos, o Brahman (Vedas), os brâmanes e todos os mundos incluindo os seres móveis e os imóveis.

68. Começando com Marici e incluindo todos os sábios, nós Devas estamos pensando a respeito e almejando filhos por suas (bênçãos)."

69. (*Sūta disse*:) Ó altamente abençoados, os Devas juntamente com os sábios, identificando(-se) com as residências e a época, nasceram nessa família durante o Yajña.

70. Naquela mesma forma, eles não podem estabelecer esses súditos. Eles podem ser estabilizados desde o princípio até o fim dos Yugas.

71. Então o preceptor do mundo (Brahma), sem qualquer pensamento adicional, falou: "Ó Devas, foi depois de decidir assim que os súditos tinham sido criados por mim. Não há dúvida sobre isso. Esses sábios nasceram em sua linhagem."

72. Entre eles eu narrarei em detalhes e na sequência correta a linhagem de Bhrgu, a alma nobre antiga e o primeiro Prajāpati.

73. Bhrgu teve duas esposas inigualáveis, excelentes e auspiciosas, de famílias nobres. Uma era a filha de Hiranyakaśipu, famosa pelo nome 'Divyā' e a outra era a filha de pele clara de Puloman, chamada Paulomī.

74-**75**. Divyā teve com Bhrgu o planeta Śukra (Vênus), que era o preceptor de Devas e Asuras, que era o filho de Kavi, e era conhecido como Kāvya, Śukra e Uśanas. Ele era o mais excelente entre os conhecedores de Vedas. A esposa de Śukra chamada Añgī era a filha mental dos Pitrs bebedores de Soma e muito famosa. Ela deu à luz quatro filhos.

---

[5] Diferentes Purānas dão listas diferentes de Prajāpatis. Por exemplo, as listas no *Mahābhārata, Matsya* ou *Garuda Purānas* diferem do nosso texto (e do *Brahmānda P.*).

[6] [O *Brahmānda P.* 2. Sec. 3. Cap.1, v. 57, lê: “Os dois (Devas) Aśvins cuja beleza é amplamente reconhecida nasceram do nariz dele.”]

76-77. Ele era dotado do esplendor de Brahman e o mais excelente entre os conhecedores de Brahman. Śukra gerou quatro filhos dela, isto é, Tvastr, Varūtrin, Śanda e Amarka. Eles se assemelhavam ao sol e em sua bravura eles eram iguais a Brahma.

78. Rañjana, Prthuraśmi e o erudito Brhadgiras eram os filhos de Varūtrin. Eles eram devotados a Brahman e se tornaram os sacerdotes de Suras.

79. Eles se aproximaram de Manu com o motivo de arruinar ritos sacrificais. Ao ver Dharma sendo violado, Indra falou para Manu:

80. "Eu preferiria ter o sacrifício executado por você do que por estes". Ao ouvirem essas palavras de Indra, eles fugiram daquele local.

81. Quando eles fugiram, Indra libertou (deles) a esposa Cetanā. Então ele a seguiu.[7]

82-83. Ao vê-los chegarem lá novamente com a má intenção de matar Indra, ele os golpeou (enquanto) eles dormiam no altar do senhor dos Devas no lado sul. Enquanto eles estavam sendo devorados por (cachorros, chacais e lobos) as cabeças deles caíram simultaneamente e se tornaram tamareiras.

84. Desse modo, os filhos de Varūtrin foram mortos antigamente por Indra. Śukra gerou (de sua esposa) Yajanī a filha Devayānī.

85. Viśvarūpa de três cabeças era o notável filho de Tvastr. Viśvakarman é lembrado como o irmão gêmeo mais novo de Viśvarūpa.

86. Doze filhos nasceram para Bhrgu (e eram conhecidos como) Bhrgu (Gana) Devas[8]. O senhor Kāvya gerou de Devī aqueles filhos.

87. Eles eram: Bhuvana, Bhāvana, Anya, Anyāyata, Kratu, Śravas, Mūrdhan, Vyajaya, Vyaśrusa, Prasava, Aja e o décimo segundo Adhipati.

88. Esses doze filhos de Bhrgu são lembrados como doze Devas sacrificais. Paulomī teve um filho grandioso que tinha autocontrole total e absorto em Brahman.

89. Como ele ficou doente no oitavo mês de concepção, ele foi tirado violentamente do útero através de meios horrendos e assim o nome dele se tornou Cyavana. Ele ficou consciente devido a Pracetas. Pela raiva de Cyavana (ressuscitado por) Pracetas, Cyavana aliás Prācetasa queimou os comedores de homens por raiva.

90. O filho de Bhrgu (isto é, Cyavana) gerou de Sukanyā dois filhos honrados por santos, isto é, Atmavāna e Dadhīca.

91. O filho Sārasvata nasceu para Sarasvatī e Dadhīca. A senhora abençoada Ruci, filha de Nahusa, era a esposa de Atmavāna.

92. O sábio Ūrva (Aurva no *Brahmānda Purāna* e *Mahābhārata*) de grande renome nasceu dele depois de atravessar as coxas (da mãe dele).[9] Rcīka era o filho de Aurva. Ele era brilhante (em cor) como um fogo ardente.

93-94. Quando os *carus* (oferendas sacrificais) referentes a Rudra e Visnu (carregados com mantras específicos) por Bhrgu foram trocados, Jamadagni nasceu, porque o *caru* pertencente ao fogo Vaisnava foi comido (erradamente pela mãe dele). Renukā teve com Jamadagni o filho Rāma de esplendor imensurável. Ele era igual a Śakra (Indra) em coragem e tinha as características de um brâmane e de um ksatriya.

95. Aurva teve cem filhos dos quais Jamadagni era o primogênito. Aqueles descendentes de Bhrgu tiveram milhares de filhos devido à aliança mútua.

---

[7] [O *Brahmānda Purāna* 2, 3, cap.1, v. 82 lê: "Quando eles desapareceram, Indra foi até a esposa de Manu que tinha ficado inconsciente e a libertou do planeta mau. Então ele os perseguiu."]

[8] O *Matsya Purāna* dá uma lista diferente desses 12 Deva Yajnika Bhrigus em suas listas de Gotras e Pravaras.

[9] O *Mahābhārata*, Adi, cap. 180 informa que, quando os Haihayas tentaram um genocídio do clã Bhrgu, as mulheres Bhrgu fugiram para as colinas. Enquanto correndo a esposa de Cyavana, Arusi, escondeu seu feto em sua coxa. Quando os oficiais Haihaya a prenderam para executá-la, seu feto – um filho – rompeu a coxa de sua mãe e cegou todos os Haihayas com seu brilho supremo. Como esse menino rompeu a coxa (*uru*) da mãe dele, ele foi chamado de Aurva (nascido da coxa).

96. Entre outros sábios fora (da família original) há muitos outros descendentes de Bhrgu. Eles são divididos em sete Gotras, isto é, Vatsa, Viśva, Aśvisena, Panda, Pathya e Śaunaka. Esses sete clãs são conhecidos alternativamente como Bhārgavas.

97. Escutem a narração da família de Añgiras, o filho inteligente de Agni. Foi na família de Añgiras, o filho inteligente de Agni, que nasceu Bhāradvājas junto com Gautamas. Os Devas mais importantes pertencentes à família de Añgiras são Tvisimants (?) de grande bravura.

98. Atharvan, Añgiras teve três esposas, isto é, Surūpā a filha de Mārīca, Svarāt a filha de Kardama, e Pathyā a filha de Manu. Eu mencionarei a progênie deles.

99. Os herdeiros de Atharvan nascidos daquelas esposas foram os que elevaram a família. Eles nasceram como resultado da grande penitência daquela alma purificada.

100-101. Brhaspati nasceu de Surūpā e Svarāt deu nascimento a Gautama. Pathyā deu à luz de Avandhya, Vāmadeva, Utathya e Uśija. Dhisnu era o filho de Pathyā. Samvarta era o filho mental (de Atharvan). Vicitta, Ayasya e Śaradvān eram os filhos de Utathya.

102. Dīrghatamā era o filho de Aśi. Brhaduttha era o filho de Vāmadeva. O filho de Dhisnu era Sudhanvan e o filho dele era Rsabha.

103. Rathakāras (quadrigários) são lembrados como Devas. Eles são bem conhecidos como Rsis (Rbhus?). Bharadvāja de fama muito grande e bem conhecido nasceu de Brhaspati.

104. A progênie de Samvarta, filho (mental) de Añgiras, é considerada como Devas. Ouçam-nos. Esses Añgiras Devas são considerados como inferiores a Brhaspati.

105-108. Dez filhos próprios de Añgiras nasceram de Surūpā. Eles eram dez e seus nomes são: Audārya, Ayu, Danu, Daksa, Darbha, Prāna, Havismān, Havisnu, Kratu e Satya. Os seguintes dez e cinco (isto é, quinze) devem ser conhecidos como pertencentes ao *Paksa* (isto é, *Gotra*) de Añgiras: Ayasya, Utathya, Vāmadeva, Uśija, Bhāradvājas, Śāñkrtikas, Gārgya, Kānva, Rathītara, Mudgalas, Visnuvrddhas, Haritas, Vāyus, Bhāksas da família de Bhāradvāja, Arsabhas e Kimbhayas. Muitos outros sábios (externos pertencentes às famílias de fora) são lembrados entre outros sábios.

109. Eu descreverei agora a linhagem de Marīci consistindo em homens excelentes como seus descendentes. Na linhagem dele nasceu o Universo consistindo em seres móveis e imóveis.

110. Pensando a respeito das águas (*Āpah*) com o desejo de progênie, Marīci desejou as águas. O senhor concebeu mentalmente desse modo: "Um filho nascido de uma mulher louvável, dotado de todas as qualidades boas e tendo bom gosto é honrado."

111-112. Todas as águas foram chamadas. O senhor residiu na companhia delas. O senhor procriou um filho inigualável chamado Aristanemi que se tornou Prajāpati e que era de mente bem controlada. Vadhauveśa (?) gerou o filho Mārīca, tendo o esplendor do Sol.[10]

113. Refletindo sobre a fala de homens bons[11] ele ficou debaixo d’água por sete mil anos com o desejo de gerar filhos. Por isso (o filho) se tornou inigualável.

114. Kāśyapa era o conhecedor do sol (?). Consequentemente ele estava no mesmo nível que Brahma. Em todo Manvantara ele nasce através de uma parte de Brahma.

115. Os súditos foram enfurecidos por Daksa, é dito (?) por causa das filhas (dele). Então ele bebeu vinho. A palavra *'Kaśya'* significa vinho.[12]

---

10 O *Brahmānda Purāna* [2.3. cap. 1, v. 117, lê: “Marīci, que estava empenhado em penitência, obteve o filho que realizou uma penitência em meio às águas.”]

11 A deusa pura Vak (*Brahmānda P.*).

12 [O *Brahmānda P.*, idem, no v. 120, lê: “Quando Daksa foi arrogante em seu discurso em relação às filhas dele, o senhor santo ficou com raiva.”]

116. *Haścekasas* (?) deve ser conhecido como *Kaśya* de Brahma. *Kaśya* é lembrado por brâmanes como vinho. Porque ele bebeu *Kaśya* (vinho) ele é chamado de Kāśyapa.[13]

117. Ele usava palavras duras. Ao ser amaldiçoado por Daksa, ele ficou enfurecido e assim se tornou *Kāśyapa*.

118. Ao ser pedido por Kāśyapa e instigado por Brahma Paramesthin, Daksa deu suas filhas para Kāśyapa. Todas elas eram explanadoras de Brahman. Todas elas eram as mães dos mundos.

119. Aquele que conhece essa criação sagrada de Rsis por Varuna se torna meritório e de vida longa. Ele é purificado e obtém felicidade excelente. Por escutar isso e retê-lo (na memória) ele fica livre de todos os pecados.

120. *Então todos os sábios falaram para Romaharsana*: "Quando a sexta Prajāsarga (criação dos indivíduos) de Cāksusa Manu tinha sido dissolvida, a criação de Vaivasvata Manu começou a atuar. (Como isso ocorreu?)."

Sūta disse:

121. Quando o Vaivasvata Manvantara chegou, Daksa foi comandado pelo próprio senhor nascido por si mesmo: "Crie os indivíduos". Daksa criou seres vivos móveis e imóveis.

122. Então Daksa procedeu a criar os quatro tipos de *Prajās* (súditos), isto é, *Jarāyujas* (vivíparos), *Andajas* (ovíparos), *Udbhijjas* (plantas que perfuram o solo e crescem), e *Svedajas* (aqueles nascidos do suor).

123-**125**. Ele executou penitência severa por dez mil anos. Ele se tornou dotado de poder yóguico e mais particularmente com poderes sobrenaturais como *Animā* etc. Como ele possui poder glorioso, ele se dividiu em seres humanos, serpentes, Rāksasas, Devas, Asuras e Gandharvas. Todos eles sendo dotados de corpos divinos e abundância de beleza e esplendor, eles eram senhores iguais a ele mesmo. Ele desejava criar outros seres vivos mentais de vários tipos.

126. (Ele criou) sábios, Devas, Gandharvas, seres humanos, serpentes, Rāksasas, Yaksas, Bhūtas, Piśācas, pássaros, animais e cervos.

127. Quando esses seres criados mentalmente não prosperaram e multiplicaram, ele foi reprovado pelo senhor inteligente Mahādeva.

128-**129**. Ele ficou desejoso então de criar os diferentes indivíduos pelo processo de relações sexuais. Ele tomou para si como esposa a filha de Vīrana, o Prajāpati. Ela era Asiknī que era dotada de grande penitência e que sustentava os mundos. O Universo inteiro consistindo em seres móveis e imóveis era mantido por ela.

130-**134**. Nesse assunto citavam dois versos sobre Daksa, o filho de Pracetas. "Quando Daksa se casou com Asiknī a filha notável de Vīrana, ele criou um milhão de poços móveis[14] junto com aqueles que se identificavam com eles. Criando-os em rios e montanhas, o poderoso Daksa os procurou. Ao vê-lo os sábios disseram, "Ele estabelecerá o primeiro e o segundo conjuntos de criação de súditos de Daksa o Prajāpati." Assim, depois de criar um milhão de poços, Daksa o Prācetasa casou-se com Asiknī, a filha de Vīrana. Daksa o senhor Prācetasa gerou de Asīkni, filha de Vīrana, mil filhos de esplendor imensurável.

135. Ao ver aqueles indivíduos desejosos de prosperar o sábio divino extremamente poderoso, o filho de Brahma, Nārada, que gostava muito de discussões, falou palavras más para eles resultando em ele mesmo ser amaldiçoado.

136. O brâmane (Nārada) às vezes é chamado de filho de Kāśyapa. Devido à sua ação vil o sábio brâmane ficou com medo da maldição de Daksa.

137-**140**. Paramesthin nasceu como o filho de Kāśyapa. Além disso devido ao medo da maldição de Daksa, ele nasceu como seu filho mental. O segundo

---

[13] Uma derivação engraçada. O sábio Kāśyapa é nomeado dessa maneira porque era ele um bêbado (*Kasya*-vinho) e severo em fala como chicote (*Kasa*-um chicote).

[14] [Compare com o *Brahmānda Purāna*, 2.3.2. vv.7-9.]

nascimento dele foi como o filho mental de Kāśyapa. Ele nasceu antigamente como Nārada (o filho) de Paramesthin. Antigamente os filhos de Daksa famosos como Haryaśvas foram destruídos para o propósito de censura. Eles foram aniquilados indubitavelmente. O senhor Daksa ficou furioso e tentou destruí-lo (Nārada). Mantendo os Brahmarsis à frente, ele (Daksa) foi pedido por Paramesthin (para não matar Nārada).

141. Então Daksa estipulou as condições com Paramesthin: "Que Nārada nasça de minha filha como seu filho."

142. Então Daksa deu sua filha amada para Paramesthin. Nārada nasceu disso. O sábio ficou tranquilo e deixou de ter medo.

143. Ao ouvirem isso aqueles brâmanes ficaram curiosos. Eles perguntaram para Sūta, aquele que vê a verdade, o principal entre os eloquentes:

Os sábios indagaram:

144. “Como os filhos de Prajāpati, os súditos nascidos de Prācetasa, foram destruídos por Nārada de alma nobre?”

145. Ao ouvir essas palavras verdadeiras auspiciosas nascidas de um desejo de saber, ele (Sūta) falou essas palavras agradáveis dotadas de todas as qualidades boas:

146. Haryaśvas, os filhos de Daksa, desejosos de gerar indivíduos, os extremamente poderosos, chegaram lá e Nārada falou para eles:[15]

147. "Ai, todos vocês são imaturos. Vocês não conhecem toda a superfície do mundo. O que há dentro, o que há acima e o que há abaixo, você não sabem. Como você vão criar os súditos?

148. Qual é a extensão da Terra? Quais são as coisas a serem criadas? É possível criar sem conhecer esses? Defeitos pequenos ou grandes serão vistos seguramente nisso."

149. Ao ouvirem as palavras dele eles partiram para vários quadrantes. Ao chegarem à zona aérea, eles ficaram totalmente perdidos.

150. Vagando (aqui e ali) misturados com os ventos (soprando), eles não voltaram até hoje. Dessa maneira aqueles grandes sábios estão vagando depois de chegarem à zona aérea.

151. Quando os filhos dele estavam perdidos, o Senhor Daksa, o Prācetasa, gerou novamente de Vīrinī mil filhos.

152-**153**. Esses filhos (conhecidos como) Śabalāśvas (tendo cavalos de cores diversas), desejosos de multiplicar indivíduos ouviram as mesmas palavras de Nārada. Ao ouvirem aquelas palavras, todos aqueles homens jovens poderosos falaram uns para os outros: "O grande sábio disse bem. Indubitavelmente o rasto de nossos irmãos deve ser seguido.

154. Depois de conhecermos a magnitude da Terra nós criaremos os súditos facilmente". Eles também partiram do mesmo modo para todos os quadrantes. Até este dia eles não retornaram como os rios (não retornando) depois de entrarem nos oceanos.

155. Desde então, se um irmão mais novo sai em uma busca de um irmão mais velho perdido ele também se perde. Isso não deve ser feito por alguém que sabe.

156-**158**. Quando os Śabalāśvas estavam perdidos, o senhor Daksa ficou enfurecido e amaldiçoou Nārada: "Seja arruinado, suporte a dor de ficar em um útero". Quando aqueles (filhos) de alma nobre se perderam, Daksa gerou de Vīrinī sessenta filhas. Aquelas filhas foram aceitas como esposas pelo senhor Kāśyapa, Dharma, senhor Soma (o deus Lua) e outros grandes sábios.

---

[15] De acordo com o *Mahabh*. Adi. Cap. 75, Nārada instruiu Haryasvas, o primeiro grupo de 1000 filhos de Daksa, em Filosofia Sāñkhya. Assim todos se tornaram ascetas e frustraram o plano de Daksa de povoar o mundo. Aqui (vv. 147-148) Nārada lhes aconselhou que conhecessem a magnitude da terra, a qual eles iam povoar.

159. Aquele que conhece inteiramente essa criação de Daksa, precisamente, se torna famoso, de vida longa, abençoado e dotado de progênie.

Capítulo 5: A Linhagem de Dharma

Os sábios pediram:

1. Por favor narre em detalhes o nascimento e origem de todos os Devas, Dānavas e Daityas no Vaivasvata Manvantara.

Sūta disse:

2-3. Eu contarei a progênie de Dharma agora. (Escutem e) entendam. Daksa, o filho de Pracetas, deu estas dez filhas para Dharma como esposas, isto é, Arundhatī, Vasu, Yāmī, Lambā, Bhānu, Marutvatī, Samkalpā, Muhūrtā, Sādhyā e Viśvā.

4. Sādhyā teve com Dharma doze filhos chamados Sādhyas. Os Sādhyas altamente afortunados nasceram de acordo com o desejo deles e compartilhavam de partes em Yajñas. Aqueles que estão familiarizados com Devas (conhecimento Devatā) sabem que eles são maiores que outros Devas.

5. É informado que os Devas (chamados) Jayas foram criados da boca de Brahma pelo desejo de progênie. Todos eles são lembrados como tendo Mantras como seus corpos nos Manvantaras.

6-7. Estes nomes daqueles Jayas são famosos: Darśa, Paurnamāsa, Brhad Rathantara, Citti, Vicitti, Akūti, Kūti, Vijñātr, Vijñāta, Manas e Yajña.

8-9. Como resultado da maldição de Brahma, eles nasceram novamente no Svāyambhuva Manvantara como Jitas; no Svārocisa Manvantara eles nasceram como Tusitas; e no Auttama Manvantara eles nasceram como Satyas. No Tāmasa Manvantara eles nasceram como Haris, e no Raivata Manvantara eles nasceram como Vaikunthas. No Cāksusa Manvantara os Sādhyas nasceram como Suras conforme a vontade deles.

10. Os filhos abençoados de Dharma, os doze imortais (chamados) Sādhyas, nasceram antigamente no Cāksusa Manvantara.

11-**12**. Os Devas altamente poderosos, que tinham desaparecido no Svārocisa Manvantara, assumiram o nome de Tusitas no Cāksusa Manvantara e falaram uns com os outros. Quando restava muito pouco do tempo do Svārocisa Manvantara, os Tusita Devas deliberaram entre si: "Nós entraremos nos Sādhyas abençoados e nasceremos no Manvantara. Isso será conducente à nossa felicidade."

13. Após dizerem isso, todos eles nasceram no Cāksusa Manvantara como os doze filhos de Dharma, filho de Svayambhū (deus Brahma).

14. Nara e Nārāyana também nasceram lá novamente. Vipaścit que era Indra e Satya que era Hari eram no Svārocisa Manvantara os deuses Tusita.

15-**16**. Quando Tusitas se tornaram Sādhyas, estes nomes são mencionados: Manas, Anumantā, Prāna, Nara, o poderoso Yāna, Citti, Haya, Naya, Hamsa, Nārāyana, Prabhava, e Vibhu. Eles nasceram como os doze Sādhyas.

17-**18**. No Svāyambhuva Manvantara no início, depois no Svārocisa Manvantara, estes eram os nomes dos Tusitas. (Ouçam e) conheçam a eles. Eles são: Prāna, Apāna, Udāna, Samāna, Vyāna, Caksus, Śrotra, Prāna (?), Sparśa, Buddhi e Manas.

19. Antigamente apenas estes nomes de Tusitas eram lembrados: Prāna, Apāna, Udāna, Samāna e Vyāna.

20. Os Vasus eram os filhos de Vasu. Eles são lembrados como os irmãos mais novos de Sādhyas. Estes são glorificados como os oito Vasus: Dhara, Dhruva, Soma, Apa, Anala, Anila, Pratyūsa, e Prabhāsa.

21. Dravina e Hutahavyavaha eram os filhos de Dhara.[16] O filho de Dhruva era Bhāva que em nome de Kāla se tornou o impulsor dos mundos.

22. Os filhos de Soma eram o senhor Varcā e Budha que é conhecido como um planeta. Esses dois nasceram de Rohinī e são famosos nos três mundos.

---

16 [“Os filhos de Dhara eram Dravina, Hutahavya e Rajas.” *Brahmānda P*. 2.3.3, v. 22.]

23. Dhāra, Ūrmi e Kalila – esses três também eram os filhos de Candramas (deus da Lua). Os filhos de Apa eram Vaitandya, Śama e Śānta.

24. Skanda e Sanatkumāra nasceram da quarta parte de Tejas (fogo). O filho de Agni, Kumāra, nasceu no bosque de *Sara* (um tipo de bambu). Śākha, Viśākha e Naigameya eram os irmãos mais novos dele.

25. A esposa de Anila (deus do Vento) era Śivā e os filhos dela eram Manojava e Avijñatagati. Anila teve esses dois filhos.

26. Sabe-se que o filho de Pratyūsa era o sábio Devala. Devala teve dois filhos, Ksamāvān e Manīsin.

27-28. A irmã de Brhaspati era uma mulher excelente, casta, e tinha Siddhis yóguicos. Não apegada (aos assuntos ou coisas mundanas) ela vagava pelo Universo inteiro. Ela, que se tornou a esposa de Prabhāsa, o oitavo entre os Vasus, teve um filho Viśvakarmā que era o Prajāpati de todos os *Śilpis* (artesãos e escultores).

29. Ele é o criador de todas as artes e ofícios. Ele é o carpinteiro dos Devas. Ele faz e faz outros fazerem ornamentos.

30. Ele faz as carruagens aéreas de todos os Devas. Os artesãos humanos dependem de (e imitam) as artes mecânicas dele.

31-32. Os dez Viśvedevas renomados nasceram de Viśvā. Eles eram - Kratu, Daksa, Śravas, Satya, Kāla, Kama, Dhuni, Kuruvān, Prabhavān e Rocamāna. (Eles) são lembrados como os dez filhos de Dharma. Eles eram os filhos auspiciosos nascidos de Viśvā.

33. Os Marutvants eram os filhos de Marutvatī. Os grupos Bhānu eram lembrados como os filhos de Bhānu. Os Muhūrtas (horas auspiciosas) nasceram de Muhūrta. Lambā deu à luz Ghosa.

34. O erudito Samkalpa (concepção) nasceu de Samkalpā. Os Nāgavīthīs que consistem em três caminhos nasceram de Jāmī (Yāmī).

35. Todos os objetos na Terra nasceram de Arundhatī. Desse modo a criação erudita e eterna de Dharma foi narrada.

36. Ó homens de ritos sagrados, eu mencionarei os nomes dos *Muhūrtas* e *Tithis* junto com seus senhores presidentes[17]. Enquanto eu narro, ouçam e compreendam.

37. (Consequentemente eu mencionarei) as divisões de dias e noites, as constelações em resumo e todos os Muhūrtas e estrelas que aparecem durante dias e noites.

38. Mais de seiscentos Kalās são mencionados durante dias e noites. A manifestação de Rtus é baseada no movimento especial do Sol.

39. Aqueles que conhecem os Vedas calculam *Tithis* como a base de festivais. Para efeito de doações caridosas em nome de Pitrs, eles utilizam as diferentes ocasiões (mesmo se nenhuma peculiaridade aparente é vista).

40-42. As divisões (*Muhūrtas* ou *Bhāgas*) no dia são Raudra, Sārva, Maitra, Pindya, Vāsava, Apya, Vaiśvadeva, Brahma – esses Muhūrtas cobrem o período até meio-dia. Prājāpatya, Aindra, Indra, Nirrti, Vāruna e Aryamna e Bhāga: esses Muhūrtas do dia são causados pelo Sol. Eles devem ser conhecidos conforme sua magnitude por meio dos gnômons [ponteiros do relógio solar].

43-45. Aja, Ahir-Budhnya, Pūsā, Yamadevatā, Agneya, Prājāpatya, Brahma, Saumya, Aditya, Bārhaspatya, Vaisnava, Sāvitra, Tvāstra e Vāyavya – esses são os quinze Muhūrtas que ocorrem em uma única noite em ordem. Os movimentos e nascimento da lua devem ser conhecidos a partir do *Ndlikā* [*Nadika* no *Brahmānda P*.]

---

[17] Esse verso e os vv. 36-45 apresentam os nomes dos diferentes Muhūrtas. *Muhurta* mostra 'tempo adequado para a realização de um ato auspicioso'. Os nomes de Muhūrtas em Brahmanas e Smrtis são diferentes. Os nomes dos 15 Muhūrtas do dia e 15 Muhūrtas da noite concordam com aqueles no *Brahmānda Purāna* 2.3.39-46. Mas desses o *Matsya Purāna* 253.8-9 cita somente 8 Muhūrtas auspiciosos para começar um trabalho. Os Purānas consideram Muhūrtas como divindades porque todo Muhurta tem uma divindade presidente.

ou do Pāda de sua ascensão. Esses são os diferentes períodos de tempo lembrados como Muhūrtas. As divindades presidentes deles (também são mencionadas).

46-48. Só três posições foram especificadas para todos os planetas. Eles devem ser conhecidos em ordem como do sul, do norte e do meio.

O lugar Jāradgava é o meio, o lugar Airāvata é o do norte e o lugar de Vaiśvānara foi indicado como o do sul realmente. As constelações Aśvinī[18], Krttikā e Yāmyā (isto é, Bharanī) são lembradas como Nāgavīthī[19]. A constelação Pusya, Aślesā e Punarvasu são consideradas como Airāvatī Vīthī. Essas três *Vīthīs* são mencionadas como estando no caminho do norte.

49-50. As constelações Pūrvāphālgunī, Uttarāphālgunī e Maghā são lembradas como Aryamī (Vīthī). As constelações Hasta, Citrā e Svātī são chamadas de Govīthī. As constelações Jyesthā, Viśākhā e Anurādhā são lembradas como Jāradgavī Vīthī. Essas três Vīthīs são citadas como estando no caminho do meio.

51-52. As constelações Mūla, Pūrvāsādhā e Uttarāsādhā são chamadas de Ajavithī. As constelações Śravana, Dhanisthā e Satabhisak são a Gārgī Vīthī. As constelações Pūrvā Bhādrapadā, Uttarā Bhādrapadā e Revatī são glorificadas como Vaiśvānarī (Vīthī). Essas três Vīthīs são lembradas por homens instruídos como estando no caminho do sul.

53. As vinte e sete (constelações) filhas a quem Daksa deu para Soma (deus da Lua) são glorificadas em Astronomia como Naksatras (isto é, Estrelas). Todas elas tiveram filhos iluminados com esplendor imensurável.

54. Das filhas (de Daksa) que restaram, Kāśyapa se casou com quatorze[20] abençoadas. Todas elas são mães dos mundos.

55. Elas são Aditi, Diti, Danu, Kālā, Arista, Surasā, Surabhī, Vinatā, Tāmrā, Krodhavaśā, Irā, Kadru e Muni. Ó conhecedores de Dharma, ouçam e conheçam a progênie delas.

56. Os doze deuses Vaikuntha, que eram proeminentes no Cārisnava Manvantara que passou, se tornaram Sādhyas no Cāksusa Manvantara.

57-59. Quando o Vaivasvata Manvantara atual tinha chegado, eles foram propiciados por Aditi. Eles se reuniram e falaram uns com os outros. "Nós entraremos nessa abençoada Aditi apenas, no presente Vaivasvata Manvantara por meio de uma metade do nosso esplendor yóguico e nos tornaremos filhos dela. Isso será conducente ao nosso bem-estar. Aqueles que nascem de Aditi obterão a condição de Adityas."

60. Dizendo isso todos eles nasceram como os doze Adityas de Kāśyapa, o filho de Marīci, no Cāksusa Manvantara.

61. Śatakratu (Indra) e Visnu nasceram novamente como Nara e Nārāyana no Vaivasvata Manvantara atual.

---

[18] A enumeração de Naksatras de Asvini mostra que essa parte do Purāna deve ser atribuída a 300-400 d.C. porque a lista Védica de Naksatras começa a partir de Krttika. Veja *History of Dharma Sāstra*, P. V. Kane, V.I. pp. 501-504 para uma tabela comparativa da lista de Naksatras em Samhitās védicos, suas divindades, seus nomes modernos, etc.

[19] *Vithis* são as divisões da esfera planetária consistindo em três asterismos, por exemplo, Asvini, Bharani, Krttika constituem Nāgavīthi. O verso 48 declara que *vithis* são três em número no caminho do norte, mas realmente só dois, Naga e Airavati, são mencionados. A linha relativa a Gajavithi parece ser omitida.

Os versos 48-52 dão a distribuição de diferentes Naksatras para diferentes Vīthis. O céu é dividido em três zonas – a do norte, a do meio e a do sul designadas como Airavati, Jaradgavi e Vaisvanari respectivamente. Cada uma dessas têm três (sub) Vīthis e a cada (sub-Vithi) três constelações são atribuídas (3 + 3 + 3 = 27 Naksatras).

Aqui a linha encontrada no *Brahmānda P*. 2.3.3-48a parece ser omitida. Ela continua a série de constelações depois de Krttika e diz: "As constelações Rohinī, Mrgaśiras e Ardra são chamadas de Gajavithi."

[20] Embora seja declarado que o número das esposas de Kāśyapa é quatorze, o v. 55 só dá os nomes de treze.

62. É mencionado que morte e nascimento acontecem até mesmo para esses Devas. Assim como o Sol nasce e se põe nesse mundo, assim mesmo há manifestação e dissolução para Prajāpati (Brahma), Visnu e Bhāva (Siva) a alma nobre.[21]

63. Como eles são apegados à grande tradição védica, bem como aos objetos mundanos como som e aos poderes sobre-humanos óctuplos como *Animā* (pequenez), esses Devas nascem.

64-**65**. A atração por objetos sensuais é declarada como a causa do nascimento. Devido à maldição de Brahma, os Jayās nasceram no Svāyambhuva Manvantara como Jitas. No Svārocisa Manvantara eles nasceram como Tusitas, e no Auttama Manvantara eles nasceram como Satyas. Devas nasceram como Haris no Tāmasa Manvantara, Vaikunthas no Cārisnava Manvantara, Sādhyas no Cāksusa Manvantara e Adityas no presente (isto é, Vaivasvata) Manvantara.

66-**67**. Os seguintes são lembrados como os doze Adityas, os filhos de Kāśyapa: Dhātā, Aryamā, Mitra, Varuna, Arhśa, Bhaga, Indra, Vivasvān, Pūsan, o décimo Parjanya, Tvastr, e Visnu o último, mas não menos importante (isto é, realmente o grande).

68-**70**. Purificado por penitência e abençoado por Mahādeva a casta Surabhī teve com Kāśyapa os onze Rudras. Eles eram Añgāraka, Sarpa, Nirrti, Sadasaspati, Ajaikapāt, Ahirbudhnya, Ūrdhvaketu, Jvara, Bhuvaneśvara, Mrtyu e Kapāla que era famoso. Com sua grande penitência, Surabhī deu à luz esses onze Devas, os Rudras, os senhores dos três mundos.

71. Então ela deu à luz duas filhas, isto é, Rohinī tendo o esplendor de Rudra e Gāndhārī, a renomada.

72-**74**. Quatro filhas, muito famosas nos mundos nasceram de Rohinī, isto é, Surūpā, Hamsakīlā, Bhadrā e Kāmadughā. Kāmadughā e Surūpā deram à luz dois filhos. Hamsakīlā deu nascimento a Nrpa (o rei) e sábios (?) e de Bhadrā nasceram os famosos e abençoados Gandharvas, os filhos de Vājin (cavalo). Os cavalos Uccaiśśravas nasceram em seguida; eles vagavam por todos os lados no firmamento com a velocidade da mente. Eles eram de diferentes cores, brancos, vermelhos, fulvos, cor de cervo, verdes e cinzas e (também do brilho de) Rudra. Esses cavalos eram de úteros Gandharva. Eles eram os veículos dos Devas.

75. Além disso para Surabhī nasceu (um touro) que era glorioso, e tinha o esplendor excelente como aquele da lua. Ele usava uma guirlanda. Ele era lustroso com uma (grande) corcova. Ele nasceu do depósito de néctar. Com a permissão de Surabhī ele foi dado a Maheśvara como a bandeira dele.

76. Assim esses filhos de Kāśyapa, Rudras e Adityas têm sido glorificados. Sādhyas, Viśvedevas e Vasus são lembrados como os filhos de Dharma.

77. As esposas de Aristanemi tiveram dezesseis filhos. Os filhos do erudito Bahuputra são lembrados como Vidyuts. Os excelentes Rks reverenciados por Brahmarsis nasceram de Pratyañgirasa.

78. Os filhos de Krśāśva, o sábio celestial, são lembrados como Devapraharanas. Esses nascem novamente ao término de mil Yugas.

79-**80**. Ó brâmanes, todos os trinta e três grupos de Devas são *Chandajas* (nascidos de *chandas* ou mantras védicos). É dito também que esses Devas têm aniquilação e nascimento. Da mesma maneira que o sol nasce e se põe nesse mundo, assim também esses grupos de Devas nascem em todo Yuga.

Os sábios perguntaram:

81-**84**. (Como os) Sādhyas, Vasus, Viśvedevas, Rudras, e Adityas eram famosos? [Era] pela nobreza de seu nascimento, grandeza de coragem ou ações? Nós desejamos saber a diferença entre Prajāpati, Visnu e Bhāva de alma nobre sobre

---

21 Os versos 62-64 (de fato os versos 56-65) declaram que até deuses como Brahma, Visnu e Siva têm seus nascimentos e mortes devido ao apego deles por objetos sensuais. Desapego é o caminho para a libertação. Veja os vv. 79-80 abaixo.

quem supera quem entre eles. Quem se origina de quem? Quem está estabelecido em quem? Quem é o mais velho? Quem é o do meio? Quem é o mais novo entre eles? Quem é o mais importante entre eles? Quem é o maior entre eles por meio de ações, nobreza de nascimento e coragem? Por favor mencione todos esses para nós como você os conhece precisamente.

Sūta respondeu:

85. Nesse contexto eu descreverei a diferença que é lembrada entre eles. Escutem o que eu vou dizer sobre a diferença entre Brahma, Visnu e Rudra.

86. Os corpos do Deus Nascido por si mesmo, dos quais é dito que nascem de tempos em tempos são proclamados como Rājasa, Tāmasa e Sāttvika.[22]

87. Ó brâmanes excelentes, não é possível explicar a diferença entre esses corpos, visto que eles são dependentes do aumento de um Guna (específico) e da escravidão dupla devido a *Anugraha* (bênção ou favorecimento) e *Migraha* (controle).

88. Ó brâmanes, de acordo com minha habilidade eu descreverei *Pravrtti* (atividade), *Nivritti* (abstenção de atividade) e o aumento dos Gunas dos corpos. (Ouçam) e compreendam.

89. Um entre eles, o corpo Rājasa, cria todos os indivíduos; o Sāttvika, permanecendo no oceano, abençoa; e o Tāmasa absorve os indivíduos e os destrói no tempo apropriado.

90. Quando o deus Brahma se manifesta com o ressurgimento de Rajas guna, o corpo Sāttvika, que é chamado de Purusa, desaparece.

91. Com o excesso de Tamas, quando ele assume a forma de Kāla (o destruidor), a forma Rājasa designada como Brahma desaparece.

92. Quando, com o domínio de Sattva, o senhor se torna Purusa, o corpo chamado Kāla deixa de existir.

93. A forma, nome e atividade do Senhor em controlar e favorecer aqueles prevalecentes nos três mundos desaparecem no devido tempo.

94. Quando Brahma se manifesta a diferença é mencionada. Quando o senhor é Brahma, Purusa não existe.

95-96. Da mesma maneira que a jóia cristalina assume várias cores devido à sua pureza e como resultado do contato com outros objetos, as cores e tamanhos sendo conforme aqueles objetos, assim também o nascido por si mesmo assume formas e tamanhos devido aos Gunas. Em sua unicidade e separatividade esse é o exemplo citado.

97-98. Da mesma maneira que a nuvem, embora uma só, fica (ou parece) diferente em cor e forma, assim também o Senhor autonascido, embora um só, assume formas diferentes devido aos Gunas e aparece único, duplo ou triplo. A entidade única tem as três formas de Brahma (o criador), aniquilador e Purusa.

99. Esses três corpos são lembrados como aqueles do único Deus nascido por si mesmo. Os três corpos são Brahma, Paurusa, e Antakārī.

100. Nisto o que é (conhecido como) o corpo Rājasa dele é realmente o criador de súditos (isto é, o Universo). O que é chamado de forma Tāmasa é o aniquilador dos súditos. A forma Sāttvika chamada Paurusa é lembrada como o concessor de bênçãos.

101-102. Da parte Rājasa de Brahma nasceram Marīci e Kāśyapa. Da forma Tāmasa que causa dissolução nasceu Bhāva. A forma Sāttvika ou Paurusa é chamada de Visnu. Esses três corpos do nascido por si mesmo são lembradas dessa maneira nos três mundos.

103. O ser supremo, Kāla, assume estados para diferentes funções (tais como) criar os indivíduos na qualidade de Brahma, sustentá-los no estado de Visnu e

[22] Versos 86-121: Uma síntese filosófica de Brahma, Visnu e Siva – 'Três corpos do único Deus nascido por si mesmo' (v. 99) para as três atividades de criação, proteção e destruição (v. 104) – Os Vedas, Dharmaśāstra, Sāñkhya e Yoga afirmam por unanimidade que a Realidade ou o Deus Supremo é um. Sintetização da Trindade de deuses (Brahma, Visnu e Siva) como manifestação do Deus Supremo (Brahman) é um assunto predileto de Purānas.

devorar, no disfarce de Rudra, os indivíduos que tinham sido abençoados pela forma Vaisnava.

104. O Autonascido, Kāla, executa três atividades através dos três (corpos). Ele cria, mantêm e aniquila os indivíduos.

105. Assim os três corpos do Deus nascido por si mesmo que são chamados de Prājāpatya (pertencente a Prajāpati ou deus Brahma), Raudra (pertencente a Rudra) e Vaisnava (pertencente a Visnu) foram proclamados.

106. Só um corpo é lembrado nos Vedas, Dharma Śāstras e nas antigas (escolas de) Sāñkhya e Yoga, pelos sábios inteligentes que podiam ver analiticamente e sinteticamente, eram familiarizados com nobreza de genealogia e coragem e podiam visualizar a Realidade.

107. No assunto de unidade e diversidade as pessoas são de opiniões diferentes. Defensores de pontos de vista diferentes dizem "Isto é grande e isto não é."

108. Alguns afirmam que Brahma é a causa (do Universo); alguns dizem que é Prajāpati. Alguns dizem que Siva é o maior enquanto outros chamam Visnu de supremo. Por ignorância e com a mente viciada por paixão, apego, etc. eles pensam assim.

109. Considerando a realidade, tempo, lugar, causa e efeitos precisamente, essas divindades são declaradas como trabalhando para diversos propósitos.

110. Aquele que critica um entre eles os critica todos. Aquele que louva um, louva todos eles. É chamado de Brahmavādin (explicador de Brahman) aquele que compreende um Purusa.

111. A atitude de não criticar deve sempre ser adotada para com as divindades por alguém que conhece (a Realidade). É impossível conhecer Iśvara estabelecido em todo *Aiśvarya* (prosperidade, poder e glória).

112-113. Ele é uma Alma suprema. Ele se torna três e ilude os súditos. As pessoas buscam diferença entre esses três Seres, com diversos pontos de vista, testando curiosamente as formas deles e dizendo, "Esse é o maior; esse não é", por mente iludida.

114-115. Essas divindades penetram até Yātudhānas, Piśācas, e seres humanos. O Autonascido permanece unificado e separado iludindo os súditos por meio dos corpos que consistem somente dos Gunas. Aquele que adora um entre eles adora todos os três.

116. Essas três divindades permanecem não diferentes (de fato). Desse modo onde há separatividade ou unidade? Onde está o número deles? De onde eles vêm e vão? Que é competente para conhecer sua unidade ou multiplicidade?

117. Como devido a eles estarem unidos com os Gunas eles criam, sustentam e devoram os súditos nas três unidades de tempo, é dito que o Ser supremo é um.

118. Brâmanes chamam aquele senhor, Rudra, Brahma, Indra, guardiões dos quadrantes, sábios, Danus (Manus no *Brahmānda P.*) e Nārāyana, de diversas maneiras.

119. O corpo Prājāpatya (isto é, aquele de Brahma) e o Corpo Vaisnava (isto é, aquele de Visnu) ocorrem periodicamente repetidas vezes em todos os Manvantaras e Kalpas.

120. Em esplendor, fama, intelecto, erudição e força eles nascem iguais a Ele. Conheçam a eles também.

121. Com a parte Rājasa de Brahma, Marīci e Kāśyapa nasceram. É dito que Rudra da natureza de Kāla nasceu com a parte Tāmasa. Com a parte Sāttvika de Purusa então Visnu nasceu no Yajña.

122-124. Os corpos nascidos de partes de Brahma surgem em todas as três unidades de tempo. Tornando-se Kāla, Rudra destrói os indivíduos novamente. Quando o fim do Kalpa se aproxima, o sol de sete raios se torna o Sol Samvartaka (o sol na hora da dissolução mundial) e queima os três mundos. Com mudanças em nome e forma, Visnu abençoa, isto é, sustenta os indivíduos. Nas diferentes situações ele é a causa da origem de diferentes coisas.

125. Com o corpo Paurusa de Brahma, que tinha uma predominância de Sattva guna, o deus nasceu aqui no primeiro Svāyambhuva Manvantara como o filho mental de Akūti.[23]

126. Depois disso, quando o Svārocisa Manvantara chegou, ele nasceu de Tusita junto com os grupos Tusita anteriores de Devas e desapareceu junto com eles.

127. Também, no Auttama Manvantara, ele era conhecido como Tusita. Nascido junto com Vaśavartis (isto é, Devas daquele nome), Hari foi novamente conhecido como Vaśavartin.

128. Ele nasceu de Satyā, como Satya, junto com os excelentes deuses Satyas. Quando o Tāmasa Manvantara chegou, o próprio Hari nasceu de Haryā junto com os Haris.

129-**132**. No Cārisnava Manvantara, o Senhor Hari nasceu novamente de Vaikuntha junto com os Abhūtarajasas. Quando o Cāksusa Manvantara chegou aquele senhor Vaikuntha nasceu como Nārāyana, Dharma e Sadhya junto com o grupo de deuses Sādhya. Quando o Vaivasvata Manvantara chegou, o senhor Sādhya Nārāyana nasceu de Aditi e Kāśyapa, o filho de Marīci. Visnu, de passos grandes, conquistou todos os mundos por meio de três passos e os entregou para Indra e os Devas. Assim esses sete corpos do senhor apareceram nos sete Manvantaras passados. Desse modo os súditos foram protegidos.

133. Uma vez que, na hora do nascimento dele, todos os mundos foram permeados por Vāmana (Deus na forma de um anão) ele é lembrado como Visnu. A raiz *Vvis* significa 'entrar, permear.'

134. Dessa maneira a unidade, separatividade e a característica especial de Brahma e Vāmana, o grande Ātman, foram glorificadas.

135. As divindades nascem da parte de outras divindades. Elas nascem então iguais a elas em brilho, intelecto, erudição, e força, graças às bênçãos delas.

136. Saibam que todo ser que existe dotado de riquezas, glória e força especiais, é nascido de uma parte do brilho de Visnu.

137. Alguns homens dizem que somente o Senhor nasce parcialmente. Outros dizem que as divindades nascem de parte umas das outras.

138. Discutindo assim entre si eles falam depois de vê-las. Pois não há diferença entre *Manas* e *Cetas*. Por isso elas são abençoadas. Elas se tornam Kjetrajñas.

139. Iśvara, embora um, se torna múltiplo, devido ao poder de seu domínio. Pela mesma razão depois de ficar múltiplo ele se torna um novamente.

140. Daquele (Deus) de intenções boas e da diversidade de brilho nascem os súditos que consistem em seres móveis e imóveis em todos os Manvantaras. Quando eles são criados uma vez no começo de Sarga, eles continuam vivendo respeitavelmente (?).

141. Sempre que algum Kalpa chega ao fim Rudra aniquila os súditos. Iśvaras nascem por meio de Māyā yóguica iludindo outros.

142. Eles estão se movendo por toda parte devido ao seu *Aiśvarya* e os não-Iśvaras (aqueles desprovidos de *Aiśvarya*) são iludidos. Consequentemente, não há nada próprio ou impróprio em coisas onde falhas[24] estão situadas.

143. Aqueles que espalham calúnia sobre seres vivos são maus; aqueles que são favoráveis para os seres vivos são medianos; aqueles que desprezam e desconsideram os seres vivos são competentes. Há três Vedas para aqueles que são eloquentes.

---

[23] Os versos 125-132 relatam diferentes encarnações de Visnu em diferentes Manvantaras, e sua façanha como Trivikrama. Mas a unidade de Brahma, Vamana e do grande Ātman é enfatizada.

[24] [Aqui há uma pequena falha na digitalização. O *Brahmānda Purāna* 2.3.3, vv. 124-126, apresenta a frase de maneira diferente: "Consequentemente, não há nada próprio ou impróprio no movimento e atividade deles."]

144. (Uma linha do texto está faltando.) Porque é ouvido firmemente, porque é ouvido antes, porque é um rumor e porque é mundano, por essas quatro razões uma pessoa não chega à verdade exata.

145. Antigamente eles significavam e eram usados em outro sentido, e mesmo depois do lapso de tempo alguém não aceita o novo sentido por despeito.

146. Aquele que é um sólido entre sólidos, aquele que se torna o atributo nisso, aquele que é o criador de atividades e mentes e aquele que é notável devido à genealogia, são glorificados por aqueles que conhecem a tradição, por essas quatro razões.

147. Os incompetentes e os enfurecidos conhecem as divindades só parcialmente. Estes dois versos são declarados nesse contexto com relação a Yogeśvara (Senhor de Yogas).

148-**149**. O Yogeśvara faz réplicas dele e outros aos milhares por meio de poder yóguico. Ele se move entre elas. Ele obtém os (prazeres de) objetos sensuais realizando penitência severa. Como o Sol retirando seu brilho e atributos (de calor etc.) ele os aniquila todos novamente.

Capítulo 6: Maldição aos Deuses Jaya; Encarnação Nrsimha; Linhagem de Hiranyakaśipu; Nascimento dos deuses Marut

1. Ao ouvirem as palavras dele, os sábios e ascetas da Floresta de Naimisa perguntaram ao mais excelente (isto é, Sūta) no devido tempo.

Os sábios disseram:

2. "Como os Devas, os Adityas extremamente poderosos, os principais dos quais eram Indra e Visnu, nasceram nos sete Manvantaras? Ó Romaharsana, por favor narre tudo isso em detalhes para nós."

3. Ao ser incitado e requisitado pelos explicadores de Brahman (Vedas) o modesto Sūta, o mais excelente entre os eloquentes, falou conforme a pergunta dos grandes sábios.

Sūta narrou:

4. Todos os Devas criados da boca de Brahma com o desejo de progênie nos Manvantaras tinham seus corpos constituídos de Mantras.

5-8. Os doze Manus, os doze filhos de Brahma, eram: Darśa, Paurnamāsa, Brhad, Rathantara, Akūta o primeiro, Akūti, Vitti, Suvitti, Akūti (ou Akūta o segundo?), Kūti, Adhīsta, Adhīti, Vijñāti e Vijñata. Esses são os (nomes) crescentes de anos. Vendo-os Brahma disse, 'Ó Jayas, procriem os Devas. Executem o Agnihotra Yāga depois de matrimônio'. Depois de dizer isso, Brahma desapareceu.

9-12. Mas eles não agiram conforme a instrução de Paramesthin (Brahma). Eles acharam defeitos até mesmo naqueles que cumprem as atividades mentais, verbais e físicas de uma natureza verdadeira; eles viram os resultados de ações excessivamente reduzidos; - eles odiaram progênie e procriação. Eles eram alertas mas livres do sentimento de 'meu' (posse); eles aspiravam por permanência; eles ficaram separados (de objetos mundanos); eles viam defeitos (em atividades mundanas); eles abandonaram riqueza, amor e virtude; eles aderiram ao conhecimento pertencente ao ser supremo e permaneceram com seu esplendor recolhido.

13. Ao perceber a tendência do pensamento deles, Brahma se enfureceu. Brahma falou àqueles deuses em desespero.

14. "Vocês foram criados por mim por causa de mais procriação e não o contrário. Eu já lhes disse para procriarem e serem vitoriosos.

15-**16**. Vocês desconsideraram minhas palavras e aderiram ao afastamento. Você odeiam seu próprio nascimento. Consequentemente vocês não nutrem (a necessidade de) progênie. Vocês abandonaram todos os ritos em sua ambição de obter eternidade (Imortalidade). Por isso, tendo (me) desonrado vocês nascerão sete vezes."

17. Ao serem incitados desse modo por Brahma, aqueles Devas, os Jayas, começaram a propiciá-lo. "Ó senhor grandioso, nos perdoe pelo que foi feito por ignorância."

18. Quando eles se curvaram a ele e imploraram, Brahma disse para eles novamente: "Quem merece (isto é, é capaz) de ser independente neste mundo sem ser permitido por mim?

19. Tudo é permeado por mim. Como contra a minha vontade os seres vivos conseguirão qualquer coisa auspiciosa ou inauspiciosa?

20. Tudo o que existe no mundo é dotado de *Sattva* (existência) ou *Asattva* (inexistência) foi permeado por mim com intelecto e alma. Quem no mundo se atreve a me enganar?

21. Tudo o que tem sido conjeturado, decidido ou considerado pelos seres vivos é conhecido totalmente por mim.

22. O Universo inteiro consistindo nos seres móveis e imóveis (criados) foi estabelecido por mim, graças ao princípio de esperança e expectativa. Como eu posso aprovar o corte disso?

23. Visto que eu me transformei por causa da criação e não para qualquer outro propósito, quem será livre da minha vontade sem começar a realização de ritos sagrados?"

24. Depois de dizer isso ao grupo de Jaya Devas que aceitaram o castigo dele e que estavam abatidos, Prajāpati falou novamente a eles (em consolação).

25. "Já que, depois de declaração aberta para mim, a renúncia foi adotada por vocês antigamente, e uma vez que esforço excessivo, embora infrutífero, foi aplicado por vocês, ó Devas, seus nascimentos futuros resultarão em felicidade suprema.

26-**27**. Ó Devas excelentes, seu nascimento acontecerá de acordo com sua própria vontade. Nos seis Manvantaras, começando com Svāyambhuva e terminando com Vaivasvata, ó Suras, todos vocês estarão se movendo à frente, iludidos (por Avidyā)". Depois de conhecê-los (isto é, a reação deles) este verso antigo foi recitado por Brahma.

28. "Aqueles que executam ações sagradas como o estudo dos três Vedas, manutenção de celibato, procriação de progênie, desempenho de Śrāddhas, e Yajñas e prática de caridade ficam livres do pecado (Rajas) e são sempre elogiados por outros."

29. Depois de recitar assim o verso ele falou com os Devas Jayas novamente: "Quando o Vaivasvata Manvantara terminar, vocês virão aqui perto de mim.

30. Então vocês obterão Siddhi eterno junto comigo." Depois de falar assim com eles, Brahma desapareceu.

31. Quando o senhor tinha desaparecido, aqueles Devas, que eram dotados de poder yóguico e que possuíam *Animā* e outros poderes sobrenaturais, continuaram praticando Yoga destemidamente.

32. Depois disso, os corpos deles se transformaram em doze lagos. Eles vieram a ser conhecidos pelo nome Jaya e eles pareciam os oceanos.

33. Então, naquele Svāyambhuva Manvantara, aqueles Suras (Deuses) nasceram como os filhos Ruci e Ajitā. Eles eram doze em número e eram conhecidos como Ajitas.[1]

34. Esses filhos mentais conhecidos como os doze Ajitas eram Vidhi, Munaya (?), Ksema, Nanda, Avyaya, Prāna, Apāna, Sudhāmā, Kratu, Śakti e Vyavasthita.

35. Em Yajñas eles são proclamados como aqueles que compartilham dos frutos de Yajñas junto com os Suras no Svāyambhuva Manvantra. Novamente, no Svārocisa Manvantara, eles nasceram como os filhos de Svārocisa e Tusita.

36-**37**. Eles eram conhecidos pelos nomes Tusitas[2] e Pranas. Eles eram os Suras e participantes de Yajñas. Além disso esses Tusitas nasceram como os filhos auspiciosos de Uttama e Satyā no Uttama Manvantara. Então aqueles Devas eram lembrados como Satyas no Uttama Manvantara.

38-**39**. No Dvāpara Yuga do terceiro Manvantara eles se tornaram os participantes de Yajñas. Quando o Tāmasa Manvantara chegou, todos aqueles doze Devas – os Satyas, nasceram como os filhos de Tamas e Haryā[3]. Eles eram conhecidos pelo nome Haris e eram participantes de Yajña.

---

[1] Só 11 são enumerados.

[2] Os grupos de deuses recebem os nomes das mães deles – uma relíquia de uma sociedade matriarcal?

[3] O mesmo conjunto de deuses, isto é, Jayas, nasce no começo de cada Manvantara com nomes diferentes como 'Tusita' em Svarocisa, 'Satya' em Uttama, Āditya em Vaivasvata. Eles derivaram seus nomes de suas mães.

40. Quando o Cārisnava Manvantara chegou, aqueles Devas, os Haris, nasceram como os filhos de Vaikunthā e Carisnu. No quinto Manvantara aqueles Devas eram conhecidos pelo nome Vaikuntha[4].

41. No Cāksusa Manvantara, aqueles Devas, os Vaikunthas, nasceram como os doze filhos de Dharma e Sadhyā.

42-45. Quando o Cāksusa Manvantara passou e o Vaivasvata Manvantara chegou, no começo do primeiro Tretā Yuga (daquele Manvantara), aqueles Sādhyas nasceram como os doze Adityas, por meio de suas partes como os filhos de Aditi, e Kāśyapa, o filho de Marīci. Assim aqueles que eram originalmente Jayas nasceram como Sādhyas no Svāyambhuva Manvantara como resultado da maldição de (Brahma). Além disso eles nasceram no Cāksusa Manvantara e nasceram como Adityas no atual Vaivasvata (Manvantara).

46. Aquele que lê fielmente essa história dos sete nascimentos dos Devas por ordem do senhor não encontra com qualquer obstáculo ou pecado.

47. Desse modo os sete nascimentos de Jayas com sete características foi narrado por mim. O que mais vocês desejam ouvir?

Os sábios pediram:

48. “Narre em detalhes para nós a origem e morte dos Daityas, Dānavas, Gandharvas, Serpentes, Rāksasas, todos os Bhūtas (duendes), Piśācas (fantasmas), animais, pássaros e trepadeiras.”

49. Assim pedido, Sūta falou àqueles sábios excelentes: "Nós temos ouvido que Diti teve dois filhos com Kāśyapa.

50-51. Aqueles dois filhos são lembrados como os primogênitos de todos os filhos de Kāśyapa. A palavra *Kaśipu* quer dizer 'um tapete.' O assento do Rtvik principal em um Yajña é um tapete dourado. Kāśyapa realizou um Aśvamedha (sacrifício de cavalo). No decorrer daquele sacrifício, durante o desempenho do sacrifício Atirātra, no dia de *Sutyā* (o dia destinado à extração do suco Soma) o filho de Kāśyapa saiu do útero de Diti e sentou-se no assento grande do Rtvik no meio da assembléia (dos sacerdotes). Como resultado dessa ação, ele é lembrado como Hiranyakaśipu."[5]

Os sábios disseram:

52. Ó senhor santo, mencione em detalhes para nós o nome, origem e coragem do Daitya Hiranyakaśipu de alma nobre.

Sūta disse:

53. Antigamente o Aśvamedha sagrado de Kāśyapa foi realizado em Puskara. Ele foi agraciado pela (presença de) divindades e Gandharvas.

54. Com a finalidade de discursos etc. conforme as injunções excelentes (em escrituras sagradas) havia cinco assentos dourados mantidos lá.

55. Três deles eram santificados por meio de grama Kuśa. O (quarto tinha um) feixe de grama Kuśa (em cima dele) e (o quinto) uma prancha (sobre ele). Os quatro assentos eram destinados aos Rtviks principais.

56. O quinto era um auspicioso, divino, dourado destinado ao Hotri. Ela estava coberto com tecido divino.

57. Diti, que tinha estado grávida por dez mil anos, estava ocupando o assento da *Patni* (ou seja, da esposa do sacrificador, isto é, Kāśyapa).

58-59. O menino no útero saiu da barriga de sua mãe e sentou no assento dourado destinado para o Hotri. Sentado lá ele narrou os versos dos quatro Vedas e do quinto, os Akhyānas (Purānas) como Kāśyapa. Ao vê-lo, os sábios lhe deram aquele nome.

---

4 Vale ressaltar que esses deuses também receberam o nome da mãe deles.

5 O gosto do autor por etimologias populares (semelhante àquele de escritores de Brāhmanas) o leva a criar tais histórias como nos vv. 53-59.

60. Graças àquele ato, ele se tornou renomado como Hiranyakaśipu. Hiranyāksa era o irmão mais novo dele. Simhikā era a irmã mais jovem. Ela era a dama que se tornou a mãe Rāhu depois de se casar com Vipracitti.

61. Hiranyakaśipu, o Daitya (filho de Diti), executou penitências severas por cem mil anos sem ingerir nenhum alimento e permanecendo de cabeça para baixo.

62. Brahma, que estava satisfeito (pela penitência dele), o recompensou com um benefício (por meio do qual ele obteve imortalidade [no sentido de que ele não poderia ser morto] por todos os seres vivos). Ó brâmanes principais, conquistando os Devas através de seu poder yóguico ele conseguiu o domínio de tudo (literalmente o estado de ser todos os Devas).

63. (Ele pediu mais adiante:) "Que os Dānavas e Asuras sejam iguais aos Devas e obtenham a grandeza de deuses Marut. Que essa bênção seja concedida."

64. Assim requisitado, Brahma lhe concedeu o que ele desejava, e depois de lhe conceder as bênçãos divinas, ele desapareceu. Hiranyakaśipu, o filho de Diti, tem sido glorificado pelos povos antigos por meio de versos.

65. "Os Devas junto com grandes sábios prestavam homenagem àquele quadrante que é frequentado pelo Rei Hiranyakaśipu."

66. Ó brâmanes, Hiranyakaśipu, o senhor dos Daityas, tinha tal valor. Antigamente, Visnu, na forma de Homem-Leão, tornou-se a morte para ele (isto é, o matou). Ele foi dilacerado por ele por meio de suas garras. Por isso as unhas são lembradas como puras[6].

67-**68**. Hiranyāksa teve cinco filhos valorosos de grande força. Utkura, Śakuni, Kālanābha, o valente Mahānābha e Bhūtasantāpana - esses filhos de Hiranyāksa eram invencíveis até mesmo para Devas.

69. Os filhos e netos deles compunham o grupo (de Daityas) chamado Badeya. Eles eram cem mil em número e foram mortos (na batalha?) Tārakāmaya[7].

70. Hiranyakaśipu teve quatro filhos de grande força. Prahlāda era o primogênito e os outros eram Anuhlāda, Samhrāda e Hrada. Conheçam os filhos de Hrada.

71. Hrāda e Nisunda eram os filhos de Hrada. Os destemidos Sunda e Upasunda eram os filhos de Nisunda.

72. Brahmaghna, Mahāvīrya e Mūka se tornaram os sucessores de Hrada. Mārīca, filho de Sunda, nasceu de Tādakā.

73. Tādakā foi morta pelo poderoso Rāghava (Rāma). Mūka foi morto por Savyasācī (isto é, Arjuna) em Kirāta (isto é, quando Śiva assumiu a forma de um caçador para testar Arjuna).

74. Os descendentes deles se purificaram por meio de grande penitência. Eles eram os residentes de Manivarta e chegaram ao número de trinta milhões. Invencíveis para Devas eles foram mortos por Savyasācī (Arjuna).

75. Os filhos de Anuhlāda eram Vāyu e Śinīvālī. Os descendentes deles, chegando a cem mil, constituíram o grupo de demônios lembrado como Hālāhala.

76. Vairocana, o filho de Prahlāda, teve cinco filhos. Gavesthin, Kālanemi, Jambha, Bāskala e Sambhu (que era o mais jovem deles todos) são lembrados como os filhos de Prāhlādi (isto é, Vairocana).

77-**78**. Eu mencionarei os filhos invencíveis deles de acordo com sua importância. Sumbha, Niśumbha e Visvaksena – esses eram os filhos do poderoso Gavesthin. Os filhos de Jambha eram Śatadundubhi, Daksa e Khanda. Esses três eram os filhos de Jambha.

79. Virodha, Manu, Vrksāyu e Kuśalīmukha - esses eram os filhos de Bāskala. Escute a (enumeração dos) filhos de Kālanemi.

---

6 Outra leitura: "As unhas dele não estavam molhadas nem secas." *Brahmānda P*.

7 A batalha lutada depois do sequestro da esposa de Brhaspati, Tara, por Candra. Naquela batalha os Daityas se aliaram com Ganara.

80. Brahmajit, Ksatrajit, Devāntaka e Narāntaka – esses eram os filhos de Kālanemi. Ouçam a progênie de Śambhu.

81. Dhanuka, Asiloman, Nābala, Gomukha, Gavāksa e Gomān – é dito que esses são os filhos de Śambhu.

82. O filho de Virocana, Bali, sem par era muito valoroso. Cem filhos nasceram para Bali. Todos eles eram reis.

83-84. Entre eles, quatro eram muito importantes. Eles eram corajosos e extremamente poderosos. O filho primogênito Bāna de mil mãos era rico e honrado (por todos). Os outros eram Kumbhanābha, Gardabhāksa, Kuśi e outros. Śakuni e Pūtanā eram as duas filhas de Bali. Os filhos e netos de Bali numeravam centenas e milhares.

85. Eles constituíram um grupo de demônios famoso pelo nome *Baligana*. Eles eram destemidos e varonis. Bāna, cuja mente era como aquela de Indra, tinha sua capital Lauhitya (Śonitapura em Assam).

86. Diti que perdeu seus filhos satisfez Kāśyapa. Bem propiciado, o satisfeito Kāśyapa lhe pediu que escolhesse um benefício livremente. Ela escolheu o benefício[8].

87. O senhor santo lhe concedeu o benefício pedido. O filho de Marīci, de esplendor ardente, perguntou a ela: "O que você deseja?"

88-89. Ela disse para seu marido satisfeito, Kāśyapa, o filho de Marīci, com palmas unidas em reverência: "Ó senhor santo, meus filhos foram mortos por seus filhos nascidos de Aditi. Eu desejo um filho que será dotado de penitência de longa duração e que matará Śakra. Eu farei penitência. Cabe a você me fecundar."

90. Ao ouvir as palavras dela, Kāśyapa, o filho altamente brilhante de Marīci, respondeu para Diti que estava extremamente triste:

91. "Que assim seja. Felicidades para você. Seja pura, ó senhora asceta. Você terá um bom filho que matará Śakra em batalha.

92. Se você (continuar a) permanecer pura por cem anos completos você dará à luz um filho que será o mais notável nos três mundos."

93. Depois de dizer isso, o senhor santo de grande brilho teve relações sexuais com ela. Depois de abraçá-la, o sábio partiu em sua viagem nos três mundos.

94. Depois da partida de seu marido, aquela senhora nobre extremamente encantada, Diti, foi para a floresta de Kuśala e fez uma penitência muito terrível.

95. Enquanto ela estava realizando a penitência, Indra de mil olhos, o mais excelente entre os Suras, a serviu por meio dos atributos ricos dele.

96. Ele trazia e dava a ela fogo e ramos sacrificais, madeira e erva Kuśa, frutas e raízes. O senhor de mil olhos dava a ela tudo o que ela solicitava.

97. Por massagear os membros dela e aliviar seu cansaço, Sakra a servia em todas as ocasiões. Assim propiciada, Diti disse a Śakra:

98. "Ó excelente entre os Suras, eu sou satisfeita com você; ó filho querido, restam só mais dez anos; felicidades para você; você então verá seu irmão.

99. Ao obter tal filho eu realizarei meu desejo de conquista. Com ele, ó filho, eu conquistarei os três mundos."

100. Depois de dizer isso para Śakra, e quando o sol alcançou o meio-dia, a senhora foi dominada pelo sono. Ela se agachou mantendo a cabeça em seus joelhos.

101. Vendo-a impura, já que os cabelos dela se espalharam sobre os pés dela, Śakra riu e se alegrou ao conseguir aquele momento oportuno.

102. Então Purandara (Indra) entrou no corpo aberto dela. Depois de entrar e ver o imenso (imensurável) feto de grande poder, Indra de grande fama perfurou o inimigo importante (?) com seu raio.

---

[8] Os versos 86-134 descrevem o nascimento dos deuses-Marut de Diti e a reconciliação final dela com Indra. A entrada de Indra no útero de Diti e a divisão de seu futuro assassino em 49 partes, e a derivação do nome 'Marut' da ameaça de Indra *'ma rodih'* (não chore), é uma elaboração purânica de um conceito védico, onde é dito que os sete Maruts são sete Prānas, Indra sendo o Prāna principal que controla os Maruts (*Sat. Br*. 9.3.1.7). Para elaboração semelhante veja o *Vishnu Purāna* 1.21, *Matsya P*. cap. 7; o *Brahmānda P*. 2.3.5.45-81 é praticamente idêntico ao nosso texto.

103. Ao ser partido pelo raio de cem nós, o feto gritou em um som alto e terrível, tremendo repetidas vezes. Śakra então falou ao feto: "Não chore." (*Ma Rodih*)[9].

104. Com seu raio, Indra cortou o feto em sete pedaços e dividiu cada um dos pedaços novamente em sete pedaços. Então Diti acordou.

105. "Ele não deveria ser morto. Ele não deveria ser morto", assim Diti gritou. Com o devido respeito pelas palavras da mãe dele, Indra pulou para fora da barriga dela. Armado com seu raio, Śakra falou para Diti com palmas unidas em reverência:

106. "Ó senhora nobre, você foi dormir em um estado maculado visto que os cabelos estavam espalhados em cima de seus pés. Ao aproveitar aquela oportunidade eu dividi o feto que teria sido o matador de Śakra em batalha. Cabe a você me perdoar."

107. Quando aquele feto se tornou infrutífero, Diti ficou extremamente angustiada. Então ela falou para Indra de mil olhos estas palavras consoladoras:

108. "Ó senhor dos Devas, ó filho poderoso de um sábio, não é culpa sua se o feto foi tornado incapaz como resultado do meu erro.

109. Não há pecado em matar um inimigo. Por essa razão, ó (Indra), eu não o amaldiçôo. Eu desejo fazer o que é agradável para você. Faça um favor para o meu feto.

110. Que meus filhos tenham sete domicílios no céu. Que meus sete filhos vaguem sobre essas regiões de vento (*Vātaskandhasy*: Caminhos de vento). Que eles sejam renomados como os sete Maruts, os sete conjuntos de sete.

111. Que o primeiro *Skandha* (região) seja na Terra, o segundo no sol, o terceiro na Lua, e que o quarto seja conhecido nos grupos de corpos luminosos.

112. Que o quinto *Skandha* seja entre os planetas, o sexto na esfera dos Sete Sábios, e o sétimo em Dhruva. Essa é a última região do vento.

113. Que meus filhos vaguem entre eles em diferentes ocasiões. Que meus filhos percorram esses *Vātaskandhas*.

114. O primeiro *Skandha* se estende da Terra até as nuvens e é chamado de *Āvaha*. Que o primeiro grupo de meus filhos se mova nesse lugar.[10]

115. O segundo *Vātaskandha* se estende das nuvens até o Sol. Ele é chamado de *Pravaha*. Que o segundo grupo (de meus filhos) ande no segundo *Vataskandha*.

116. Acima da região solar e se estendendo até a Lua é o *Vātaskandha* lembrado como *Udvaha*. Que o terceiro grupo (de meus filhos) caminhe pelo *Vātaskandha*.

117. Sobre a região lunar e se estendendo até as estrelas é o quarto *Vātaskandha* que é chamado de *Samvaha*. Ó senhor, que o quarto grupo de meus filhos caminhe nele.

118. Acima da região estelar e se estendendo até os planetas é o quinto *Skandha* que é chamado de *Vivaha*. Ó menino querido, que o quinto grupo (de meus filhos) caminhe pelo quinto *Skandha*.

119. Sobre os planetas e se estendendo até os Sete Sábios (Ursa Maior) é o sexto *Skandha* que é chamado de *Par&hata* (*Anuvāha* no *Brahmānda P.*). Que meus filhos que estão no sexto grupo vagueiem por ele.

120. Acima dos Sete Sábios e se estendendo até Dhruva (Estrela Polar) é o sétimo *Vātaskandha* que é chamado de *Parivaha*. Que meus filhos fiquem lá.

121. Que meus filhos se movam por todos esses em diferentes ocasiões. Lá que eles sejam conhecidos pelo nome Maruts."

122. Então a mãe e o filho os chamaram de Maruts por causa das ações executadas por eles. Eles nomearam individualmente os sete Maruts de cada grupo.

---

9 Veja o *Vishnu P*. 1.21; *Matsya P*. 8.62 para etimologia semelhante de 'Marut.'

10 Essa classificação psuedo-científica do espaço mais alto em sete camadas (vv. 114-120) e a designação de um deus-Marut por camada também é encontrada em outros Purānas.

123-125. É dito que o primeiro grupo consiste nestes: Sattvajyotis, Āditya, Satyajyotis, Tiryagjyotis, Sajyotis, Jyotismān e outro. Escutem e conheçam o segundo grupo. O segundo grupo consiste em Rtajit, Satyajit, Susena, Senajit, Satyamitra, Abhimitra, e Harimitra. Ouçam e entendam o terceiro grupo.

126-128. Os seguintes constituem os outros grupos: Krita, Satya, Dhruva, Dhartā, Vidhartā, Vidhāraya, Dhvānta, Dhuni, Ugra, Bhīma, Abhiyu, Sāksipa. Esse é conhecido como Ahvayagana[11], Idrk, Anyādrk, Yādrk, Pratikrt, Samiti, Samrambha, Īdrk, Purusa, Anyādrksa, Cetasa, Samita, Asamitadrksa, Pratidrksa, e outros.

129. Esses quarenta e nove são os diferentes Maruts com seus nomes próprios separados. Eles foram enumerados por Diti e Indra.

130. Ao ouvir os nomes deles, Diti disse a Indra, "Ó filho, que meus filhos vagueiem por todos os lados no *Vātaskandha*. Que meus filhos andem na companhia dos Devas. Felicidades para você."

131. Ao ouvir as palavras dela, Purandara de mil olhos uniu suas palmas em reverência e disse: "Mãe, que seja assim.

132. Indubitavelmente tudo isso acontecerá como mencionado por você. Esses filhos de almas nobres (deverão) se tornar Devas e serão honrados por Devas. Semelhantemente, seus filhos se tornarão participantes dos frutos de Yajñas junto com os Devas."

133. Por isso todos aqueles Maruts devem ser conhecidos como Devas (brilhantes), irmãos mais novos de Indra e como (imortais). Todos eles, os filhos de Diti, eram ascetas e deuses.

134. Depois de saberem isso decisivamente, a mãe e o filho de natureza ascética foram alegremente para o céu. Śakra também foi para o céu.

135. Aquele que lê ou escuta a origem auspiciosa dos Maruts terá vida longa. Ele nunca encontra com o temor de seca.

---

[11] Há algumas omissões e confusão relativa à escrita nos nomes e nos grupos de *Marudganas* como apresentados aqui. O *Brahmānda Purāna* 2.3.5.96 e 97 declara: O quinto grupo (de *Marud-ganas*) é o seguinte: (1) Idrk, (2) Anyadrk, (3) Sarit, (4) Druma, (5) Vrksaka, (6) Mita e (7) Samita.

A sexta classe é como segue: (1) Idrk, (2) Purusa, (3) Nanyadrk, (4) Samaccetana, (5) Sammita, (6) Samavrtti, (7) Pratihartr.

O Brahmānda Purāna não dá os nomes do quarto e sétimo grupos dos *Marudganas*.

Uma edição crítica é essencial para preencher as lacunas.

Capítulo 7: A Linhagem de Kāśyapa; A Progênie de Danu

Sūta disse:

1. Daqui em diante, eu narrarei os filhos de Danu. Escutem e os conheçam. Os filhos de Danu, os grandes Asuras, foram famosos na raça deles.

2. Havia cem demônios de bravura muito feroz dos quais Vipracitti era o chefe. Todos eles tinham realizado boas penitências e tinham sido dotados com benefícios.

3. Eles eram verdadeiros, destemidos, cruéis e especialistas em Māyā (poder ilusório). Esses Dānavas eram muito poderosos, contrários a brâmanes e não propensos a executar Yajñas. Eu os enumerarei todos conforme a importância deles. (Ouçam) e entendam.

4-13. Os principais dos filhos de Danu eram: Dvimūrdhā, Śañkuvarna, Śañku, Nirāmaya, Śañkukarna, Mahāviśva, Gavesjhi, Dundubhi, Ajāmukha, o próspero Śila, Vāmanasa, Marīci, Raksaka, Mahāgārgya, Añgirāvrta, Viksobhya, Suketu, Suvīrya, Suhrda, Indrajit, Viśvajit, Suravimardana, Ekacakra, Subāhu, o poderoso Tāraka, Vaiśvānara, Puloman, Pravīna, Mahāśiras, Svarbhānu, Vrsaparvan, o grande Asura Mundaka, Dhrtarāstra, Sūrya, Candra, Indra, Tāpina, Sūksma, Nicandra, Ūrnanābha, Mahāgiri. Asiloman, Sukeśa, Sada, Balaka, Adaśa, Gaganamūrdhan, Kumbhanābha, Mahodara, Pramodāha, Kupatha, o valoroso Hayagrīva, o Asura Virūpāksa, o grande Asura Supatha, Aja, Hiranmaya, Śatamāyu, Śambara, Śarabha e Śalabha. Sūrya (o Sol) e Candramas (a Lua) eram os senhores dos Asuras antigamente, mas agora eles são os senhores dos Suras. Desse modo os descendentes importantes da família de Danu foram enumerados. Os filhos e netos deles são intermináveis e inumeráveis.

14. Aqueles que são os filhos (descendentes) de Diti e Danu são (geralmente conhecidos) como Asuras. Aqueles mencionados agora mesmo são os filhos e descendentes de Danu. Svarbhānu é lembrado como o filho de Diti (isto é, um Daitya) e Anubhānu era o filho de Danu.

15-16. Ekāksa, Rsabha, Arista, Prabandha, Naraka, Indrabādhana, Keśī, Meru, Śamba, Dhenuka, Gavesthi, Gavāksa, e o poderoso Tālaketu – esses eram os filhos de Danu, mas seguiam ritos e atividades humanos. Assim eu me lembro.

17-20. Os seguintes filhos de Vipracitti nascidos de Simhikā se tornaram terríveis, destemidos nos conflitos entre Daityas e Dānavas. Eles são bem conhecidos como Saimhikeyas. Eles são quatorze grandes Asuras, isto é, Śatagāla, Balavān, Nyāsa, Śāmba, Anuloma, Śuci, Vātāpi, Sitāmśuka, Hara, Kalpa, Kālanābha, Bhauma e Naraka e o primogênito de todos eles Rāhu que oprime a Lua e o Sol. Desse modo esses são os filhos de Simhikā invencíveis até mesmo para os Devas.

21. Todos eles eram de linhagem terrível, cruéis e odiavam brâmanes. Há dez mil outros Asuras que constituem o grupo Saimhikeya.

22. Eles foram mortos pelo filho poderoso de Jamadagni do Gotra Bhrgu. Prabhā era a filha de Svarbhānu e Śacī era a filha de Puloman.

23. Upadānavī era a filha de Maya, Śarmisthā era a filha de Vrsaparvan. Pulomā e Kālikā eram as filhas de Vaiśvānara.

24. Nahusa era o filho de Prabhā e Jayanta era o filho de Śacī. Śarmisthā deu à luz Pūru e Upadānavī para Dusyanta.

25-26. Pulomā e Kālikā, as duas que eram as filhas de Vaiśvānara se tornaram as esposas de Mārīca. Sessenta mil Dānavas importantes eram os filhos nascidos deles. Havia quatorze mil outros Asuras residentes de Hiranyapura.

27. Os Paulomas e Kālakeyas eram Dānavas de grande força. Eles não podiam ser mortos por Devas, mas foram mortos por Savyasācī (Arjuna).

28-29. Todos os filhos nascidos de Maya eram heróicos e valorosos, isto é, Māyāvī, Dundubhi, Vrsa, Mahisa, Bālika e Vajrakarna. Uma filha Mandodarī também nasceu para ele. Assim a criação de Daityas e Dānavas foi enumerada.

30. Cinco filhos de grande força são lembrados como nascidos de Danāyusā, isto é, Arūru, Bali, Jambha, Viraksa e Visa.

31. O filho de Arūru era um grande Asura cruel chamado Dhundhu. É relatado que ele foi morto por Kuvalāśva por insistência de Uttañka.

32. Os dois filhos de Bali eram muito valentes e inigualáveis em esplendor. Eles eram Kurhbhila [Nikumbha no *Brahmānda P.*] e Cakravarmā. (O último) foi Karna em seu nascimento anterior[1].

33. Viraksa teve dois filhos, Kālaka e Varavisa. Varavisa teve quatro filhos de atividades cruéis, isto é, Śrāddhahā, Yajñahā, Brahmahā e Paśuhā.

34. Os filhos de Danāyusā foram enumerados. Agora conheçam os filhos de Vrtra que nasceram da respiração terrível de Vrtra enquanto envolvido em batalha com Indra.

35. Eles eram Rāksasas de grande força e eram os governantes mentalmente famosos. Eles eram cem mil em número e são lembrados como os seguidores de Mahendra.

36. Todos eram conhecedores do Veda, gentis, íntegros, de forma sutil. Todos eram imanentes nos súditos. Todos eram muito virtuosos.

37. Dessa maneira a criação de Daityas e Dānavas foi narrada. Pravāhī teve filhos no Yajña. Eles eram excelentes em canto.

38-**39**. Sattvan, Sattvātmaka, Kalāpa, Vīryavān, Krtavīrya, Brahmacārin, o sétimo Supāndu, Pana, Taranya e o décimo Sucandra: esses dez devem ser conhecidos como Devas e Gandharvas. Eles foram enumerados.

---

[1] Ou melhor "no nascimento futuro."

Capítulo 8: Dinastias Descendentes de Kāśyapa[1]

Sūta disse:

1-3. Os santos Gandharvas e Apsaras são glorificados como os filhos de Muni, isto é, Citrasena, Ugrasena, Ūrnāyu, Anagha, Dhrtarāstra, Puloman, Sūryavarcas, Yugapat, Trnapat, Kali, Diti, Citraratha, o décimo terceiro Bhramiśiras, o décimo quarto, Parjanya, o décimo quinto Kali e o décimo sexto Nārada – esses Gandharvas divinos são glorificados como descendentes de Muni.

4-8. Há as trinta e quatro[2] irmãs mais novas deles, as Apsaras auspiciosas, isto é, Antarā, Dāravatyā, Priyamukhyā, Surottamā, Miśrakeśī, Śacī, Parninī, Alambusā, Māricā, Mārīcī, Putrikā, Vidyud, Varnā, Tilottamā, Adrikā, Laksanā, Devī, Rambhā, Manoramā, Suvarā, Subāhu, Pūrnitā, Supratisdiitā, Pundarlkā, Sugandhā, Sudantā, Surasā, Hemasārā. Sutī, Suvrttā, Kamalā, Subhujā, Hamsapādā – essas são as Apsaras terrenas[3]. Esses Gandharvas e Apsaras são glorificados como descendentes de Muni.

9. As filhas de Gandharvas tinham sido (serão) narradas por mim. Agora escutem minha enumeração dos nomes delas.

10. Suyaśā é a primeira entre elas. Gāndharvī vem em seguida. Então há Vidyāvatī, Cārumukhī e Sumukhī de rosto excelente.

11. Os filhos de Suyaśā eram muito poderosos e valentes. Yaksas eram os filhos de Pracetas. Ouçam os nomes deles.

12. É dito que Kambala, Harikeśa, Kapila, Kāñcana e Meghamālī constituem o grupo de Yaksas.

13. As quatro filhas de Suyaśā são lembradas como Apsaras. Ouçam e conheçam os nomes delas, enquanto eu os narro.

14. Loheyī era a primogênita; Bharatā era a seguinte. Então havia Krśāñgī e Viśālā que eram inigualáveis em beleza.

15. Delas foram gerados outros quatro grupos de Yaksas pelo corajoso Viśāla de alma nobre.

16. Loheya, Bharateya, os renomados Krśāñgeya e Viśaleya eram os grupos de Yaksas famosos no Purāna.

17. Ó excelentes entre os conhecedores de Loka e Aloka, (os mundos) foram ocupado por esses Asuras terríveis de grande força e bravura.

18-19. Os Gandharvas chamados Vāleyas foram gerados por Vikrānta de alma nobre. Eles eram os líderes de grandes Gandharvas. Eles possuíram grande coragem, e eram ricamente dotados de heroísmo e mentalidade generosa. Eu mencionarei propriamente e na ordem correta os nomes daqueles Gandharvas altamente poderosos e valorosos.

20. Eles eram: Citrāñgada, Citravarmā de grande coragem, o altamente afortunado Citraketu e o destemido Somadatta. Também havia três filhas. Os nomes delas serão mencionados.

---

1 Este capítulo enumera os membros proeminentes de clãs de Gandharvas, Apsaras, pássaros, serpentes, Yaksas, Rāksasas, Piśācas, Yātudhānas, e outras espécies que possuem poderes sobrenaturais.

2 Mesmo depois de dividir Vidyudvarnā em Vidyut e Varnā o número dessas Apsaras é 32 e não 34 (como) afirmado aqui. O *Brahmānda Purāna* 2.3.7-5 declara vinte e quatro como o número de Apsaras.

3 Não é compreendido por que os filhos de Muni são chamados de '*Deva-Gandharvas*' (Gandharvas Divinos) enquanto as irmãs deles, as Apsaras, são chamadas de *'Laukikyah'* 'mundanas, pertencentes a este mundo'. Se a leitura *ca laukikyah* for emendada como *calaukikyah*, 'não deste mundo, do mundo divino' a igualdade entre irmãos (Gandharvas) e irmãs (Apsaras) será estabelecida.

21. A primeira era Agnikā. Kambalā era a seguinte. Então havia Vasumatī. Todas essas tinham esplendor inigualável.

22-23. Três outros grupos importantes dos Gandharvas principais foram gerados delas por Kumāra. Eles eram valorosos e invencíveis em guerra. Eles eram Agneyas, Kāmbaleyas e filhos de Vasumatī. Esse mundo consistindo no móvel e no imóvel é permeado por esses vários grupos.

24. Eles possuíam erudição e foram gerados por Vikrānta de grande alma. Eles eram abençoados e eram ricamente dotados de beleza, instrução e riqueza.

25. Escutem a enumeração dos nomes daqueles Gandharvas de alma nobre e de bravura distinta.

26. Eles eram: Hiranyaroman, Kapila, Suloman, Māgadha, Candraketu, Gañgā e o altamente poderoso Goda.

27. Esses foram os primeiros entre os grupos que eram ascetas, valorosos e puros por causa de conhecimento profundo. Também havia duas filhas de olhos belos.

28-29. Elas eram Sivā e Sumanas. Os grupos Saiveya os bravos e Saumanasa também foram gerados por Viśravas de alma nobre. Eles praticavam conhecimento. Esse mundo é permeado por esses três grupos de Vidyādharas.

30. Desses, muitas centenas de grupos de passeadores do firmamento nasceram no mundo devido às atividades dos Vidyādharas.

31. Kinnaras de face de cavalo foram gerados pelo mesmo Vikrānta de alma nobre. Eles foram chamados de Aśvamukhas e Kinnaras. (Escutem e) conheçam os Kinnaras.

32-33. Samudra, Sena, Kālinda, Mahānetra, Mahābala, Suvarnaghosa, Sugrīva, o valoroso Mahāghosa e outros são os principais dos Kinnaras de alma nobre com faces de cavalos. Eles estão sendo glorificados como extensos (em número) por estudiosos.

34. Ó Śāmśapāyana, Kinnaras de face humana também foram gerados similarmente por Vikrānta de alma nobre.

35-36. Harisena, Susena, o destemido Vārisena, Rudradatta, Indradatta, Candradruma, Mahādruma, Bindu e Bindusāra eram os Kinnaras da raça lunar. Desse modo esses Kinnaras excelentes e auspiciosos ficaram famosos no mundo.

37. Ó brâmanes excelentes, neste mundo há centenas de clãs desses Kinnaras de alma nobre, muito competentes em dança e música.

38. Eles são Yaksas acalmados por Yaksas (?). A bela filha de Loheyā, chamada Suravindā, era brilhante e honrada pelos Siddhas.

39. (Verso defeituoso.) Os grupos de Bhūtas (duendes) foram gerados pelo terrível Upayaketana. Ouçam seus nomes (?).

40. Os grupos de Bhūtas (duendes) devem ser conhecidos como aqueles que assombram de dentro e de fora etc. (*āveśakas, niveśakaś*). É declarado que eles são visíveis no mundo.

41. Aqueles que são os excelentes entre Bhūtas que se movem no céu devem ser conhecidos como os líderes desses Bhūtas no mundo. Indubitavelmente eles se movem no céu até as copas de árvores.

42. Quase todos os Devas e Gandharvas foram narrados por mim. Aquelas pessoas famosas devem ser conhecidas como empenhadas em adorar Devas.

43-45. Junto com Gandharvas, Devas que são músicos inteligentes e peritos em dança e música permanecem em todos os mundos. Eles adoram Nārāyana que tem olhos de loto, que é livre de Rajas Guna e o principal dos deuses, o deus Brahma que nasce por si mesmo e de quatro faces, o grande deus Śañkara que é Īśāna e o senhor do Universo. (Eles adoram) Rudras e Adityas liderados por Indra, junto com Vasus.

46-48. O abençoado Varistha, que é honrado por deuses, deu nascimento a oito filhos. Hamsa era o primogênito e o mais novo era outro. Os do meio eram Hahā e Huhū. O quarto era Dhisana. Então Vasiruci (nasceu). Tumburu era o sexto entre eles. Depois Viśvāvasu. Estas Apsaras (artistas celestiais) são consideradas como divinas e

de características auspiciosas. Arista deu à luz oito (?) filhas, isto é, Anavadyā, Anavaśā, Anvatā, Madanapriyā, Arūsā, Subhagā e Bhāsī.

49-**50**. Manovatī e Sukeśā eram as duas filhas de Tumburu.

As dez Apsaras divinas (celestiais) seguintes são chamadas de Pañcacūdas (com cinco tranças de cabelo). Elas são: Menakā, Sahajanyā, Parninī, Puñjikasthalā, Ghrtasthalā, Ghrtācī, Viśvācī, Pūrvacī, a famosa como Pramlocā e Anumlocantī.

51. Urvaśī que era impecável (perfeitamente bela) em todos os membros e que nasceu das coxas do infinito Nārāyana sem início é lembrada como a décima primeira.

52. Menakā era a filha de Menā, encantadoramente absorta em meditar sobre Brahman. Todas elas são explicadoras de Brahman (Vedas) e grandes yoginīs.

53. Os grupos das Apsaras santas são quatorze. Entre esses quatorze *ganas* Ahūtas (é o primeiro) e Śobhayantīs é o (décimo quarto)[4].

54. (Ahūtas) são as filhas mentais de Brahma e Śobhayantīs são as filhas de Manu. Vegavantīs são as filhas de Arista e Agnisambhavās são as filhas de Ūrja.[5]

55.[6] Ayusmantīs são grupos brilhantes nascidos dos raios do sol. Os grupos nascidos da água, isto é, produzidos de Amrta (água, néctar) são lembrados pelo nome Amrtās.

56. Os grupos nascidos de Vāyu são chamados Mudās, aqueles nascidos da Terra são Bhavās, os grupos Rues nascem de Vidyut (raio) e as filhas de Mrtyu são Bhairavās.

57. O grupo Śobhayantīs tem os atributos de Kama (Cupido). Assim os quatorze grupos foram narrados. Eles foram criados com beleza perfeitamente esplêndida pelos grupos de Suras incluindo Indra e Upendra (Visnu).

58. A senhora divina Tilottamā é de características auspiciosas e extremamente abençoada. A donzela celestial Prabhāvatī, ricamente dotada de beleza e juventude e renomada nos mundos, nasceu da cova de fogo sacrifical de Brahma.

59. A mulher celestial de grande esplendor, Vedavatī, nasceu do fundo (superfície) do altar do senhor inteligente de quatro faces (Brahma).

60. Similarmente a filha de Yama, a mulher celestial de olhos brilhantes Hemā, tinha o esplendor de ouro excelente e possuía beleza e juventude.

61. Dessa maneira há muitos milhares de grupos resplandecentes de Apsaras. Elas são as esposas e mães de Devas e Sábios.

62. Todas as Apsaras são igualmente fragrantes com a cor da Campā (*Michelia Champacca*) [Magnólia amarela]. Durante o decurso do relacionamento delas com seus amantes, eles ficam embriagados sem beberem vinho. Pelo contato delas, o prazer deles aumenta.

63. Vinatā teve dois filhos Aruna e Garuda que tiveram trinta e seis irmãs. Elas são lembradas como as irmãs mais novas deles.

64. Gāyatrī e outros *chandas* (Métricas Védicas), aves nascidas de Garuda e também os grupos Havyavāha presentes nos quadrantes (pertencem a Vinatā?)

65. Kadrū[7] deu à luz mil serpentes móveis e imóveis. Elas são almas nobres de cabeça de hidra, capazes de viajar no céu, visto que elas são grandes em número. Elas têm muitos nomes, (mas) aprendam os principais deles.

---

4 O nosso texto deu só os nomes do primeiro e do décimo quarto grupo. Provavelmente algumas linhas que faltam em nosso texto são achadas no *Brahmānda P.* 2.3.7.18-20a como segue:

"Os grupos meritórios de Apsaras são bem conhecidos como sendo quatorze, isto é, Ahrtis (Ahuta no *Vāyu Purāna*) Sobhavatis, Vegavatis, Urjas, Yuvatis, Sruks, Kurus, Barhis, Amrtas, Mudas, Mrgus, Ruks, Bhirus e Sobhayantis". Mas a lista no *Vāyu P*. é incompleta e diferente.

5 O texto precisa de emenda: 'As Urjas nascem do deus do fogo' porque Urjas são um *gana* de Apsaras (veja o *Brahmānda P*. 2.3.7. 21).

6 Algumas linhas parecem estar faltando. Essa tradução é do texto impresso do *Vāyu P*. As linhas faltantes provavelmente são as mesmas como no *Brahmānda P.* 2.3.7.21b e 22. Elas mencionam as classes de donzelas divinas, isto é, Yuvatis, Kurus, Sruks e Barhis que nascem respectivamente do Deus-Sol, do Deus-Lua, Yajña (Sacrifício) e Kusavati.

O *Brahmānda Purāna* 2.3.7.23 corresponde ao v. 55 acima (do *Vāyu Purāna*).

66-**71**. As mais importantes dessas serpentes são Śesa, Vāsuki, Taksaka, Karnīra, Jarhbha, Añjana, Vāmana, Airāvata, Mahāpadma, Kambala, Aśvatara, Ailapatra, Śañkha, Karkotaka, Dhanañjaya, Mahākarna, Mahānīla, Dhrtarāstra, Balāhaka, Kumāra, Puspadanta, Sumukha, Durmukha, Śilīmukha, Dadhimukha, Kālīya, Śālipindaka, Bindupāda, Pundarīka, a serpente Apūrana, Kapila, Ambarīsa, Dhrtapāda, Kacchapa, Prahlāda, Padmacitra, Gandharva, Manasvika, Nahusa, Khararoman e Mani e muitas outras como elas. Os filhos de Kadrū foram enumerados por mim. Conheçam aqueles de Khaśā.

72. Khaśā deu à luz dois filhos que eram famosos como comedores de homem. O primogênito estava no último número e os homens no leste[8] (?).

73-**76**. No princípio, Khaśā deu à luz um filho muito terrível da seguinte descrição: Ele era excessivamente vermelho em cor e desprovido de orelhas. Ele tinha quatro braços, quatro pés, duas cabeças e andadura dupla. Ele tinha pelo por todo o corpo. Ele tinha um corpo enorme com um nariz erguido para cima (como um focinho) e uma barriga grande. A cabeça era grande, as orelhas largas e o cabelo como grama Muñja de acordo com o desejo dele. Os lábios eram como aqueles de um elefante. As canelas eram longas. As presas dele eram como aquelas de um cavalo. O queixo era enorme; a língua vermelha e os olhos tinham cabelo emaranhado (?). A boca era enorme e o nariz comprido. Ele era um Guhyaka (guardião de segredos (?)). As orelhas eram matizadas (?) em cor. Ele era extremamente satisfeito e tinha uma grande face. Khaśā deu nascimento a tal filho extremamente terrível.

77-**80**. Khaśā deu à luz o irmão mais novo dele, um segundo filho. Ele tinha três cabeças, três pés e três mãos. Seus olhos eram pretos. Os cabelos ficavam em pé. O bigode era de cor verde. O corpo dele era tão firme quanto uma rocha. Ele tinha um corpo enorme (de estatura baixa). Seus braços eram poderosos e de grande força. Sua boca era fendida até as orelhas. As sobrancelhas estavam suspensas e o nariz era robusto. Os lábios eram grandes. Ele tinha oito presas e duas línguas. Ele tinha orelhas pontudas. Os olhos dele eram vermelhos e de cor fulva. Sua cor era fulva. Ele tinha cabelo emaranhado. Ele tinha orelhas enormes e peito largo. Ele era desprovido de quadris e a barriga era esbelta. Ela deu à luz o irmão mais jovem que tinha garras e cujo pescoço era vermelho.

81. Imediatamente depois do nascimento, eles aumentaram de tamanho. Seus corpos ficaram maduros e capazes de prazer sensual. Com seus corpos assim crescidos em tamanho, eles embelezaram a mãe deles.

82. O mais velho dos dois, que era cruel, agarrou sua mãe. Ele disse: "Mãe, eu estou afligido pela fome. Venha aqui como minha presa."

83. Porém, o irmão mais novo proibiu o mais velho. Ele disse frequentemente, "Salve essa Khaśā, nossa mãe". Agarrando-o com ambos os braços, ele libertou sua mãe.

84. Nesse momento o pai deles (o sábio Kāśyapa) apareceu lá. Ao vê-los horrendos em forma, ele disse, "Vocês dois fiquem aqui."

85. Aqueles dois fortes, ao verem seu pai, (encolheram de tamanho) apressadamente e começaram a balbuciar, agarrando-se ao colo de sua mãe, por meio do Māyā deles.

86. Então o sábio falou para sua esposa, "Diga-nos desde o início, como esses dois se comportaram mal.

87. Um filho adota as características de seu tio materno e uma filha aquelas dos antepassados paternos. Um filho adota a mesma conduta de vida como aquela da mãe dele.

---

[7] Os versos 65-67 enumeram os nomes dos mais importantes dos filhos de Kadrū, isto é, serpentes.

[8] Obscuro. Mas o *Brahmānda P.* (2.3.7.38) tem: "O mais velho nasceu no crepúsculo e o mais novo no amanhecer."

88. A água certamente assume a cor daquele (leito de) terra no qual ela flui. Os filhos se tornam diferentes devido aos defeitos como também às qualidades boas na conduta das mães deles ou pela faculdade de discriminação deles.

89. Entre (minhas esposas), Aditi se interessa por retidão com sua conduta piedosa e força (inerente)[9]. Ela é dotada de devoção, boa conduta, esclarecimento e força.

90. Arista se interessa por música. Danu é lembrada como aficionada por magia e ilusão. A boa senhora Vinatā adora movimento aéreo.

91. Surabhi é embelezada com a conduta de realização de penitência. Kadrū é de um temperamento furioso. Ela é de conduta desagradável devido à raiva.

92. A conduta de Danāyusā é caracterizada por inimizade e bênção. Ó dama gentil abençoada, você é considerada como de temperamento furioso por mim.

93. Os filhos adotam ou mudam seu caráter naturalmente ou por observarem outros homens. Eles são diferentes em suas atividades, experiências, intelecto, características, força e paciência. Mudanças ocorrem devido à força dos objetos concebidos.

94. As formas do Universo inteiro são naturalmente Rājasikas, Sāttvikas e Tāmasikas. Seus filhos puxaram ao tio deles em seu caráter e atividades."

95. Depois de dizer isso para a incomparável Khaśā, ele chamou os filhos e lhes fez destemidos[10] por meio de palavras suaves.

96. Então Khaśā disse a ele o que tinha sido feito por eles a ela. Enquanto a mãe narrava as atividades deles respectivamente, o sábio que via a verdade lhes deu nomes de acordo com o significado das raízes.

97. A raiz *Yaks* significa "comer e agarrar". Como ele disse '*¥aksaye'* (eu comerei), ele será um Yaksa.

98. A raiz *Raks* significa "proteger". Como ele disse "Salve minha mãe Khaśā", seu (segundo) o filho será conhecido pelo nome "Rāksasa."

99. Então, ao vê-los desse modo e investigando (ainda mais) ele ficou surpreso[11]. O Prajāpati designou para eles sangue e gordura como sua dieta.

100. Ao vê-los famintos, o pai lhes concedeu esse benefício: "Só à noite suas mãos podem sentir o toque de alguma coisa.

101. Vocês se moverão e comerão seu alimento durante a noite. De dia, vocês estarão desfrutando de sono. Vocês serão poderosos durante a noite e estarão dormindo durante o dia.

102. Protejam sua mãe. Que a retidão seja praticada." Depois falar assim com seus filhos, Kāśyapa desapareceu de lá.

103-**105**. Quando seu pai tinha ido, aqueles dois heróis, naturalmente terríveis, começaram a se comportar (e fazer) o que era exatamente oposto (às instruções do pai deles), comendo qualquer coisa que quisessem e atormentando seres vivos. Eles tinham grande força e energia. Eles eram invencíveis e de corpos enormes. Eles possuíram o poder ilusório *māyā*. Às vezes eles eram visíveis e imediatamente eles desapareciam. Eles assumiam formas como eles queriam. Eles eram naturalmente terríveis e horrendos. Os dois se tornaram poderosos por meio de sua dieta conforme as formas (que eles assumiam).

106-**107**. Eles vagavam à noite em todos os lugares e como seu alimento eles desejavam capturar Devas, Asuras, Sábios, Gandharvas, Kinnaras, Piśācas, seres humanos, serpentes, pássaros, e animais. Eles receberam as bênçãos de Indra de não matar (não serem mortos?).

108-**109.** Uma vez aquele Yaksa (Rāksasa) (o irmão mais novo) estava vagando sozinho à meia-noite, desejoso de obter algum alimento. Ouvindo um som,

---

[9] Kāśyapa descreve as características das esposas dele como o gosto de Diti por perfume etc. Mas a linha está faltando no texto. Por isso a aparente duplicação de adjetivos.

[10] Obscuro. O *Brahmānda P.* 2.3.7.58 lê 'concedeu nomes a eles.'

[11] Anandashram lê: 'Vendo ambos famintos, ele ficou surpreso.'

ele o seguiu. Ele encontrou dois Piśācas, ambos os quais eram congenitamente ferozes. Os olhos deles eram redondos e fulvos e seus cabelos ficavam em pé. Eles eram muito terríveis.

110-111. A dieta deles consistia em sangue, carne e gordura. Eles eram comedores de homem de grande força. Eles estavam acompanhados por suas duas filhas com um desejo de fazer o que lhes agradava. As duas filhas podiam assumir qualquer forma que elas quisessem. Embora elas fossem esplêndidas (em aparência), seu comportamento era igual àquele (do pai delas). Eles estavam vagando em busca de comida na companhia das filhas deles.

112-114. Lá eles viram o Rākṣasa altamente poderoso que podia assumir qualquer forma que ele quisesse. Como eles se encontraram acidentalmente, eles quiseram agarrar o outro e se salvar. O pai falou para as filhas, "Capturem vivo esse jovem companheiro, esse camarada que está vibrando a cada passo e o tragam aqui depressa". Então as duas filhas se aproximaram dele e o capturaram. Agarrado por ambas as mãos, ele foi levado à presença do pai pelas filhas.

115. Os dois Piśācas perguntaram para aquele Rākṣasa que estava seguro pelas mãos por elas, "Quem é você? De quem você é (filho)?" Ele lhes contou tudo.

116. Os antecedentes dele foram conhecidos. Depois de conhecê-lo como o mais notável dos Rākṣasas, Aja e Khanda, os dois Piśācas que estavam encantados pela atividade dele, lhe deram aquelas duas moças, as filhas deles.

117. (Verso defeituoso.) Por meio da forma Paiśāca de aliança matrimonial[12] o Rākṣasa se casou com (as moças) de dentes brilhantes[13]. Aja e Khanda então contaram sua riqueza.

118. Khanda disse, "Essa é minha filha chamada Brahmadhanā. Ela é desprovida de cabelo. Ela tem brâmanes (junto com a riqueza deles) como sua dieta principal."

119. "Essa é minha filha bela em todo membro. O nome dela é Jantudhanā. Todos os animais são a dieta e riqueza dela." (Assim disse Aja.) Desse modo ambos narraram a riqueza (das filhas deles).

120. A filha Jantudhanā tinha outro nome, Sarvāñgakeśī (que tem pelo em todos os membros). A filha que se chamada Brahmadhanā era desprovida de cabelo e não tinha ponta nas orelhas.

121. Ela deu à luz um menino Brahmadhana e uma menina Dhanānā (?). Dessa maneira as duas filhas dos Piśācas deram à luz dois gêmeos. Ouçam e escutem enquanto eu narro a progênie deles.

122-123. Heti, Praheti, Ugra, Pauruseya, Vadha, Visphūrji, Vāta, Apa, Vyāghra e Sarpa – esses eram Rāksasas, os dez filhos de Yātudhāna. Eles eram os seguidores do Sol e eles giram junto com ele.

124. Lañku era o filho de Heti. Lañku teve dois filhos, Mālyavān e Sumālī. Agora ouçam os filhos de Praheti. O filho de Praheti era o glorioso e famoso Puloman.

125. O filho de Vadha era Nikumbha que era um Brahma-rāksasa cruel. O filho de Vāta era Virāga e o filho de Apa era Jambuka.

126. O filho de Vyāghra era Nirānanda que causou obstáculos para todos os seres vivos. Assim todos os Rāksasas cruéis foram enumerados.

127-128. Os Yātudhānas foram mencionados. Agora saibam os filhos de Brahmadhana. Eles eram Yajña, Pita, Dhuni, Ksema, Brahma, Papa, Yajñahā, Svākopaka, Kali e Sarpa. Eles eram os dez filhos de Brahmadhana. As seguintes são as irmãs deles, Brahma-rāksasis terríveis.

129. Elas eram – Raktakarnā, Mahājihvā, Aksayā e Upahārinī. Brahmarāksasas nasceram das famílias delas na terra.

---

[12] Das oito formas de matrimônio, Paisaca é a forma mais inferior na qual o pai recebe dinheiro pela moça.

[13] O texto está obscuro. O *Brahmānda P.* 2.3.7.83 lê: 'Ele se casou com elas enquanto elas estavam chorando.'

130. Geralmente eles são encontrados nas árvores Ślesmātaka (*Cardya Myxia*). Eles vivem lá. Desse modo os Rāksasas foram enumerados. Conheçam os Yaksas.

131-**132**. Yaksa amava a Apsara Kratusthalī, também conhecida como Pañcasthūlā (robusta em cinco membros). Pensando sobre dela e desejoso de obtê-la, ele vagava nos parques de Nandana, Vaibhrāja, Surabhi e Gaitraratha. No parque de Nandana, ele a viu sentada junto com Apsaras.

133. Ele não sabia de alguma maneira de obtê-la apesar de sua ponderação, porque ele era maculado (feio) em forma e corrompido e corrupto em suas atividades.

134. Ele pensou, "Todos os seres vivos têm medo e nojo de mim que sou nocivo e danoso. Assim como eu irei obter essa dama de membros belos?"

135. Ele pensou em um plano e se apressou para colocá-lo em ação. O Guhyaka (Yaksa) assumiu a forma honrada de um Gandharva. Então ele agarrou Kratusthalī do meio de (outras) Apsaras.

136. Conhecendo-o como de forma bela, ela o seguiu com apego emocional. Mesmo enquanto ele estava sendo observado pelo grupo de Apsaras, ele foi abraçado por ela.

137. Quando ele alcançou sua causa (isto é, objetivo desejado), um filho de órgãos dos sentidos e altura desenvolvidos nasceu imediatamente para ele. Embora fosse recém-nascido, ele (como se) brilhava em sua glória.

138. Ele falou para seu pai: "Eu sou um rei. Eu sou Nābhi." O pai respondeu, "Como você nasceu, não há temor."

139. Quando o filho emulou sua mãe em beleza e pai em bravura, Yaksa ficou jubiloso e devido àquela exultação recuperou sua forma original.

140. Grandes Yaksas e Rāksasas recuperam sua própria forma enquanto morrendo, quando adormecidos, bravos ou amedrontados e quando extremamente alegres.

141. Então aquele Guhyaka falou sorridente para a Apsara: "Ó dama de belos quadris e cor excelente, venha para minha casa junto com seu filho."

142. Ao verem a ele que tinha recuperado sua forma de repente depois de dizer isso, todas as Apsaras estavam furiosas, perplexas e amedrontadas, e elas fugiram.

143. Kratusthalī seguiu as Apsaras que estavam fugindo. Mas o filho a consolou com as palavras dele. Ele a levou para o meio de Gandharvas e Apsaras e voltou.

144. Ao verem o nascimento de Yaksa, o grupo de Apsaras falou para Kratusthalī: "Você é a mãe de Yaksas."

145. Então, acompanhado por seu filho, Yaksa voltou para seu domicílio chamado Nyagrodharohinah (crescendo na figueira sagrada) onde Guhyakas costumavam se estabelecer. Por isso a árvore Nyagrodha é sempre um lugar predileto de residência para os Yaksas.

146-**148**. O Yaksa Rajatanābha era o avô de Guhyakas. Ele se casou com Bhadrā, a filha excelente do Daitya Anuhrāda. Ela deu à luz dois filhos – Manivara de bom autocontrole, e Manibhadra que era igual a Śakra em bravura. As esposas desses dois irmãos eram irmãs - duas filhas auspiciosas de Kratusthalī. Seus nomes eram Punyajanī e Devajanī. Punyajanī teve os seguintes (vinte e quatro) filhos com Manibhadra.

149-**152**. (Eles eram) Siddhārtha, Sūryateja, Sumanta, Nandana, Kanyaka, Yavika, Manidatta, Vasu, Sarvānubhūta, Śañkha, Piñgāksa, Bhīru, Mandaraśobhi, Padma, Candraprabha, Maghapūrna, Subhadra, Pradyota, Mahaujas, Dyutimān, Ketumān, Mitra, Mauli e Sudarśana. Desse modo há vinte e quatro Punyajanas auspiciosos nascidos para Manibhadra. Todos eles eram caracteristicamente meritórios. Os filhos e netos deles eram os Yaksas e Punyajanas auspiciosos.

153-**157**. Devajananī (Devajanī) teve com Manivara os seguintes filhos - Purnabhadra, Hemaratha, Manimān, Nandivardhana, Kustumburu, Piśañgābha,

Sthūlakarna, Mahājaya, Śveta, Vipula, Puspavān, Bhayāvaha, Padmavarna, Sunetra, Yaksa, Bāla, Baka, Kumuda, Ksemaka, Vardhamāna, Dama, Padmanābha, Varāñga, Suvīra, Vijaya, Krti, Pūrnamāsa, Hiranyāksa, Surūpa, e outros. Esses filhos de Manivara são lembrados como Yaksas e Guhyakas. Alguns são bonitos e alguns são feios. Eles são enfeitados com guirlandas e muito agradáveis de se ver. Eles tiveram centenas e milhares de filhos e netos.

158. Havia outros filhos de Khaśā que se tornaram Rāksasas que podiam assumir formas como eles quisessem. Ouçam e conheçam os importantes entre eles conforme eles vão sendo enumerados.

159-162. Eles eram – Lālāvi, Kuthana, Bhīma, Sumālī, Madhu, Visphūrjita, Vidyujjihva, Mātañga, Dhūmrita, Candrārka, Sukara, Budhna, Kapiloman, Prahāsaka, Krīda, Paraśunābha, Cakrāksa, Niśācara, Triśiras, Śatadamstra, o Rāksasa Tundakeśa, o Yaksa Akampana, Durmukha e Śilīmukha. Esses Rāksasas excelentes eram valorosos. Na forma de grupos, eles se movem em todos os mundos. Eles têm a habilidade para se mover em condições de igualdade com os Devas.

163. Ela (Khaśā) teve outras sete filhas. Ouçam (a enumeração delas) em ordem, sua progênie e os grupos formados por elas.

164. Alaihbā, Utkacā, Krsnā, Niritā, Kapilā, Śivā e a abençoada Keśinī são as sete irmãs lembradas.

165. Os grupos auspiciosos seguintes de Rāksasas nasceram delas. Eles são os devoradores de pessoas, comedores de carne, matadores e invencíveis em guerra.

166. O grupo chamado Alambeya era cruel. Similarmente o grupo Utkaceya também era cruel. Os grupos de Rāksasas excelentes eram os Kārsneyas e Śaiveyas.

167. O grupo de Rāksasas chamado Nairrta incluía a progênie criada pelo importante Ganeśvara que era o seguidor de Śiva.

168. Esses Yaksas e Rāksasas foram gerados pelos poderosos (Ganeśvaras). Eles eram valorosos e dotados de heroísmo. Esses Devarāksasas, os Nairrtas, tinham o renomado Virūpaka como o líder deles.

169. Muitas centenas desses grupos orgulhosos e de alma nobre principalmente seguiam Śañkara, o senhor do Universo.

170-173. Os Kāpileyas, os Daityarāksasas de grande heroísmo, de corpo enorme e de grande força e coragem foram gerados pelo rei de alma nobre dos Daityas, Kumbha. O Yaksa Kampana gerou, de Keśinī, Yaksas e Rāksasas muito poderosos. A filha de Keśinī, Nīlā, teve com Alambeya Surasika muitos Rāksasas de mentalidade mesquinha. Eles são chamados de Nailas. Eles eram invencíveis e eram terríveis em suas façanhas.

174. Dotados de poder divino e mundano, eles se movem pela terra inteira. Como eles são inumeráveis, os detalhes dessa criação não podem ser narrados.

175. A mesma Nīlā teve uma filha, a demônia Vikacā, naturalmente desprovida de cabelo e possuindo força e bravura medíocres.

176. A mesma (Vikacā) teve Asuras terríveis pelo contato do horrendo Nairrta. Ouçam-nos em ordem.

177-178. Eles são Hārakas, Bhīsakas, Krāmakas, Vainakas, Piśācas, Vāhakas e Prāśakas. Todos eles são medonhos com suas presas terríveis. Eles têm orelhas e barrigas enormes. Esses são Bhūmi-rāksasas (Demônios Terrestres). Eles possuem bravura varonil apesar de raciocínio lento.

179. Eles assumem formas múltiplas e se movem aqui e ali não vistos por outros. Aqueles cuja força e energia são excelentes e extraordinárias são lembrados como Khecaras ('Que se movem no céu').

180. Aqueles que parecem ser muito pequenos se movem no céu até uma extensão pequena. Esse mundo é permeado por esses às centenas e aos milhares.

181. As diferentes regiões por toda parte são infestadas por esses Bhūmirāksasas e Rāksasas inferiores de diversas formas e aspectos.

182. Em resumo, é dito que há oito mães Rāksasa. Portanto há oito clãs (grupos) bem conhecidos desses (Rāksasas).

183. Alguns constituem o grupo Bhadraka (Nascido de Bhadrakā). A causa da origem deles é Yajña[14] (?). Eles existem às centenas e milhares e eles se movem no mundo humano.

184. Há muitos Bhūtas terríveis que têm as mesmas características como a mãe deles Pūtanā. Eles atormentam crianças no mundo humano como os maus planetas causando depressão.

185. O Skandagraha e outros grupos, os Apakas, o Trāsaka e outros grupos - todos esses devem ser conhecidos como Kaumāras malévolos para crianças como planetas maus.

186-187. Há centenas dos grupos desses (Rāksasas) maus como os tipos enganosos de Skandagrahas e Bhūtas chamados Pūtanās, lakhs[15] e lakhs deles que vagam por toda parte no mundo humano. Eles vagam pela terra aborrecendo as pessoas.

188-190. Há Yaksas chamados Punyajanas e outros chamados Guhyakas. Ainda há outros chamados Devajanas. Todos esses estão incluídos no grupo de Guhyakas. Há Rāksasas chamados Agastyas, Paulastyas e Viśvāmitras. O grande rei Kubera, o soberano de Alakā, é o rei de todos esses Yaksas e Rāksasas incluindo Paulastyas e Agastyas.

191. Yaksas bebem sangue, e engolem carne e gordura de homens somente por olharem para eles. Rāksasas fazem isso por entrarem no corpo e Piśācas por esmagarem e atormentarem.

192-194. Há alguns seres das seguintes características: Eles são dotados de todas as qualidades boas. Eles são iguais aos Devas na questão da esfera de atividades. Eles são brilhantes e fortes. Eles são magistrais que podem assumir qualquer forma que eles queiram. Atemorizado, ninguém ousará falar com eles diretamente. Eles são valorosos. Eles são reverenciados por todas as pessoas. Eles são sutis e muito poderosos. Eles são puros e dignos de Yajñas. Eles são concessores de bênçãos. Todos esses que têm as mesmas características que os Devas são lembrados como Asuras.[16] Gandharvas são inferiores a Devas por três quartos de sua destreza.

195. Todos os Guhyakas são inferiores aos Gandharvas por três quartos. Todos os Rāksasas devem ser conhecidos como iguais aos Yaksas em destreza. Piśācas são três vezes menos poderosos em seu *Aiśvarya* (prosperidade e glória) que Yaksas.

196-197. Desse modo em riqueza, beleza, longevidade, força, retidão, afluência, domínio, intelecto, penitência, erudição e bravura, os quatro Devayonis, começando com Gandharvas e terminando com Piśācas são (consecutivamente) três quartos inferiores a Devas e Asuras.[17]

Sūta disse:

198. Felicidades para vocês. Daqui em diante, ouçam a respeito da progênie da família de Krodhā. Krodhā deu à luz doze filhas. Elas se tornaram as esposas de Pulaha. Conheçam-nas pelo nome.

199. Elas eram – Mrgī, Mrgamandā, Haribhadrā, Irāvatī, Bhūtā, Kapiśā, Damstrā, Niśā, Tiryā, Śvetā, Svarā e Surasā. Elas são famosas.

---

[14] O *Brahmānda P.* v. 157 lê: '(nascidos dos) ignorantes'.

[15] [Um *lakh* equivale a cem mil.]

[16] O escritor do Purāna merece crédito por registrar a grandeza dos Asuras e a igualdade deles com os Devas.

[17] Os versos 192-197 descrevem a gradação (em ordem descendente) dos seres divinos e semi-divinos como segue:

(1) Devas e Asuras
(2) Gandharvas e Apsaras
(3) Guhyakas (Yaksas) e Rāksasas
(4) Piśācas.

200. Os filhos de Mrgī eram as diferentes espécies de cervos, isto é, *Harinas*, *Nyañkus*, *Rurus* e *Prsatas* como também outros animais semelhantes como lebres e *Śarabhas* (um animal lendário de oito pés).

201. O rei dos animais (leão) era o filho de Mrgamandā como também outros animais como *Gavayas* (vacas azuis), búfalos, camelos, javalis, rinocerontes e *Gauramukhas* (uma espécie de macaco preto com cara branca).

202 Os filhos de Hari (de Bhadrā) eram Haris (leões), ursos, tigres, hienas, diferentes variedades de macacos, Kinnaras e Kimpurusas, e muitos outros animais. Agora conheçam os filhos de Irāvatī.

203-205. Bhauvana (isto é, Vilvakarman) trouxe dois crânios semelhantes a ovos de Sūrya. Mantendo-os em suas mãos, ele cantou o hino Rathantara. De repente um elefante surgiu do hino Sāman.[18] Bhauvana apresentou aquele elefante para Irāvatī como filho dela. Sendo assim o filho de Irāvatī, o elefante, foi chamado de Airāvata. Como ele era o veículo do rei dos Devas, ele se tornou o primeiro rei dos elefantes. Ele tinha o brilho de uma nuvem pura. O elefante glorioso Airāvata tem quatro presas.

206. (Verso defeituoso.) Só esse elefante tem a força de ser um veículo, visto que ele nasce da água, tem uma única raiz, seis dentes e o esplendor do ouro. Ele é da variedade Bhadra de elefantes.

207. Airāvata teve quatro filhos, isto é, Añjana, Supratīka, Vāmana, e Padma. Sua companheira era Abhramu.

208. Svetā deu à luz quatro filhos de pés rápidos que se tornaram os elefantes dos quadrantes. Eles pertenciam a variedades como Bhadra, Mrga, Manda e Samkīrna.

209-210. Añjana, embora pertencente à variedade Sañkīrna, é o veículo de Yama. Supratīka que pertence à variedade Bhadra e é de cor verde é o veículo do Deus das Águas (Varuna). Padma que pertence à variedade Manda e é de cor branca é o veículo de Ailavila (Kubera). (Vāmana) que era de cor escura e pertencia à variedade Mrga era o veículo do Deus do Fogo (Agni).

211[19]. (Defeituoso.) Ele tem oito filhos, isto é, Padmottara (Padma-Uttara?), dois Gajas (Agata e Gajas?), Varuna, Gana, Upalepanamesa (Upalepana e Mesa?).

212. Na raça dele nascem elefantes que possuem estatura alta, unhas e pelos brancos, e cor amarelada. Eu descreverei Matañgaja e outros (tipos de) elefantes na devida ordem.

213. O elefante Pundarika era de cor cinzenta e Rathānara tinha uma cor brilhante. Os filhos deles eram Supratisdia e Pramardana.

214. (Verso defeituoso.) Outros tipos de elefantes – em forma de lança, robustos, com cabeças erguidas, tendo pelos e unhas brancas (?), fortes e enérgicos. Eles são chamados de elefantes Akulika.

215. Puspadanta, Brhatsāman, Saddanta, Dantapuspavān, e Tāmravarna eram os filhos dele e companheiros de presas compridas.

216. Na família dele nascem elefantes de aparência bela tendo lábios protuberantes, de cor escura, ferozes e capazes de suportar diversos tipos de provação[20] (?).

217. Vāmadeva era tão escuro quanto colírio. De Sāman nasceu Vāmana. Sua esposa era Añgadā e os dois filhos eram Nīlavān e Laksana.

---

[18] Os versos 203-235 contêm o "Conhecimento sobre elefantes" purânico; a localização geográfica de florestas atribuídas a diferentes espécies de elefantes provavelmente indica que aquela espécie era encontrada naquela área de floresta específica.

[19] O texto está muito corrompido e é traduzido tentativamente na luz do *Brahmānda P.* vv. 332-333a.

[20] [A expressão] em algumas edições é obscura e deve ser emendada como 'com faces (cabeças) largas e robustas (grandes)', como no *Brahmānda P.* v. 338.

O verso enumera os oito filhos daquele elefante os nomes dos quais são os seguintes: Padma, Uttama, Padmagulma, Agaja, Vatagaja, Gaja, Capala, e Arista.

218. Esses elefantes eram ferozes. Seus pescoços e cabeças eram belos. Seus tórax eram largos e eles tinham pés rápidos. Se eles são amarrados por homens, os elefantes nascidos se tornam deformados.

219. Não há outro elefante igual a Supratīka em beleza. Ele teve três filhos, isto é, Prahārī, Sampātī e Prthu.

220. Os animais com palato e lábios longos e com partes simétricas de cabeça e abdome, de nascimento suave (?) nascidos na família dele, se tornam Matañgajas.

221. Añjana nasceu para Añjana e Añjanavatī para Sāman. A mãe de ambos é reputada como sendo a filha (s) de Ayurajas.

222. Na família dele nasceram elefantes com cabeças simétricas (distintamente divididas), se assemelhando às nuvens lisas, belos de se olhar, de corpo bem construído, tendo o esplendor de lotos e de forma globular. Eles são robustos e têm faces largas, amarelas.

223. De Candramas e Sāman nasceram Piñgala e Kumudadyuti. Os filhos de Piñgala eram Mahāpadma e Ūrmimālin.

224. Saibam que os elefantes nascidos na família dele têm presas iguais e incomparáveis. Eles são ferozes. Sua força é enorme. Sua barriga é grande. Eles gostam de brigas de elefantes.

225. No decorrer das guerras entre Devas e Asuras, os Suras os usaram com a finalidade de vitória. Quando eles alcançaram seu objetivo, aqueles elefantes foram deixados por eles e eles foram para diferentes direções como mencionado antes.

226. Os Devas deram para Lomapāda, o rei de Añga e autor de uma obra Sūtra, elefantes nascidos nessas famílias e bem treinados.

227-**228**. (Os vários nomes de elefantes são derivados etimologicamente como segue:) Como ele tem duas presas ele é chamado de *Dvirada*; a palavra *Hastin* é derivada de *hasta* (uma tromba de elefante ou mão); da palavra *kara* (uma tromba ou mão) a palavra *Kañn* é derivada. *Vāranūt* (como ele protege) ele é chamado de *Vārana*. Como ele tem *dantas* (presas) (exibidas proeminentemente) ele é chamado de *Dantin*. Ele é chamado de *Gaja* porque ele barre [trombeteia] (*garjanāt*). Como ele vaga nas sebes (*Kufija*) ele é chamado de *Kuñjara*. Ele é chamado de *Nāga* porque ele é antagônico a *Naga* (árvore ou montanha). Como ele nasce de Matañga ele é chamado de *Mātañga*. Como ele bebe com dois (isto é, tromba e boca) ele é chamado de *Dvipa*. Ele é chamado de *Sāmaja* porque (o primeiro elefante Airāvata) nasceu de um hino Sāman.

229. A curvatura das línguas deles e sua mudez são devido à maldição de Agni. O fato que eles são inconscientes de sua força e que o escroto é escondido - esses dois são devido às maldições de Svayambhū e Suras.

230. Elefantes de diversas forças inerentes nascem de moças das tribos Deva, Dānava, Gandharva, Piśaca, Uraga (Serpente) e Rāksasa pela união delas com os elefantes dos quadrantes (*Diñ-nāgas*).

231. A história da origem, desenvolvimento e derivação dos nomes de elefantes, cujo rei é Vibhāvasu, deve ser conhecida.

232. (Verso defeituoso.) A floresta no leste orlada pelos rios Kauśikī e Gañgā e pelo mar pertence a Añjana e à família de elefantes dos quais ele é o fundador (ou de uma presa?).

233. A floresta de Supratīka é situada ao norte de Vindhya, sul de Gañgā e entre a terra de Karusa e a fonte do Gañgā.

234. A quinta floresta a oeste de Utkala e que se estende até a terra de Vedi é lembrada como a floresta de Vāmana que é o único Atman (?).

235. A floresta a oeste de Lauhitya, que se estende para o oeste até o oceano, é dito ser a floresta de Yama. Ela é próxima a uma montanha.

236-**248**. Bhūti deu à luz Bhūtas (duendes) que são os seguidores do senhor Rudra. Eles eram robustos, magros, compridos, pigmeus, de estatura pequena e normal. As orelhas de alguns eram pendentes. Os lábios de alguns eram suspensos. Alguns tinham línguas, peitos e barrigas que pendiam baixos. Alguns tinham forma

única, alguns forma dupla. Os quadris de alguns pendiam. Alguns tinham panturrilhas robustas. Eles ficavam nas margens de rios, lagos ou mares. Eles eram de todas as cores, pretos, brancos, azuis, cinzas, vermelhos e rosas. Alguns tinham cor de fumaça e alguns tinham cores variadas. Alguns eram terríveis como Rāksasas e Kadrūs (?). Alguns tinham cabelo desgrenhado como a grama Muñja. Alguns tinham cabelo em pé. Alguns usavam serpentes como fio sagrado. Alguns tinham olhos afastados; alguns tinham olhos horrorosos. Alguns tinham olhos pequenos. Alguns tinham um único olho. Alguns tinham muitas cabeças. Alguns não tinham cabeça. Alguns tinham uma única cabeça. Alguns tinham a cabeça cortada. Eles eram ferozes e horrendos. Alguns não tinham cabelo. Alguns tinham bastante. Alguns eram cegos. Alguns tinham cabelo emaranhado. Alguns eram amarelos. Alguns eram pigmeus. Eles frequentavam as margens de rios, lagos, e oceanos. Alguns tinham uma única orelha, alguns tinham orelhas grandes. Alguns tinham orelha pontuda, alguns não tinham orelha. Alguns tinham presas. Alguns tinham garras. Alguns não tinham dentes. Alguns tinham duas línguas. Alguns tinham uma única mão. Alguns tinham duas mãos. Alguns tinham três mãos. Alguns não tinham mãos. Alguns tinham um único pé. Alguns tinham dois pés. Alguns três e alguns até mais. Alguns eram grandes Yogins. Alguns eram altamente dignos. Alguns eram muito fortes. Alguns eram *sutapakvas*[21], (*Sutapaskas* ? 'de penitência boa'). Eles podiam ir a todos os lugares. Eles eram desimpedidos. Eles eram os conhecedores de Brahman que podiam assumir qualquer forma que eles desejassem. Alguns eram terríveis e cruéis. Alguns eram puros, santos e auspiciosos. Alguns disputavam e discutiam. Alguns tinham grama Kuśa em suas mãos. Alguns tinham línguas enormes (longas?), orelhas compridas e faces largas. Alguns comiam com suas mãos, alguns com suas bocas e alguns com suas cabeças. Alguns usavam crânios (em volta de seus pescoços). Alguns seguravam arcos. Alguns tinham cassetetes de ferro, espadas ou lanças. Alguns tinham faces radiantes e olhos luminosos; alguns usavam guirlandas de flores matizadas e unguentos. Alguns comiam alimento cozido; alguns carne crua. Alguns tinham muitas formas. Alguns tinham bela aparência. Alguns vagavam por toda parte à noite ou ao anoitecer. Alguns eram terríveis. Alguns eram gentis, vagando durante o dia. Alguns eram rondadores noturnos que eram muito terríveis (ou difíceis) de se olhar; alguns eram vagueadores noturnos terríveis.

249. Todos eles dirigiram suas mentes para o senhor Bhava (Siva) como o maior deus. Eles não tinham esposas ou filhos. Todos eles eram celibatários com sexualidade sublimada.

250. Esses Bhūtas, os grandes *Ātmayogins*, numeravam cem mil. Desse modo todos esses filhos de alma nobre de Bhūti foram descritos.

251. Kapiśā, Kūsmāndī teve com Kūsmānda gêmeos de Piśācas que eram de cor fulva. Porque eles eram castanhos, eles foram chamados de Piśacas.[22] Todos eles eram comedores de carne.

252. Há dezesseis outros gêmeos. Os descendentes deles estão vivendo agora. Eu mencionarei pelos nomes os comedores de homem pertencentes à família deles.

253-**256**. Eles são Chagala e Chagalī, Vakra e Vakramukhī, Sūcī e Sūcīmukha, Kumbhapātra e Kumbhī, Vajradarastra e Dundubhi, Upacārā e Upacāra, Ulūkhala e Ulūkhalī, Anarka e Anarkā, Kukhanda e Kukhandikā, Pānipātra e Pānipātrī, Pāmśu e Pārhśumatī, Nitunda e Nitundī, Nipunā e Nipuna, Chalada e Ucchesanā, Praskanda e Skandikā. Os dezesseis clãs de Piśācas foram narrados.

257-**259**. Estas são as dezesseis famílias nascidas de Kūsipāndas: Ajāmukhas, Vakramukhas, Purins, Skandins, Vipādas, Añgārikas, Kumbhapātras, Prakimdakas,

[21] O *Brahmānda P*. 2.3.7.367 lê *sumanaska* 'de mentes muito boas'.

[22] O Purāna distingue entre Bhūtas e Piśācas. Bhūtas são os filhos de alma nobre de Bhuti, yogins celibatários e devotos do Deus Siva. Piśācas são a progênie de Kusmandi. As superstições sobre Piśācas correntes na época desse texto estão registradas nos vv. 251-282.

Upacārolūkhalikas[23], Anarkas, Kukhandikas, Pānipātras, Naitundas, Ūrnāśas, Nipunas, e Sūcīmukhocchesanādas.

260. Aqueles que nascem como Sukalpas[24] (?) devem ser conhecidos como Piśācas. Há número infinito de filhos e netos de natureza terrível e atividades ignóbeis. Por isso, entendam as características de Piśācas.

261. Piśācas têm pelo em todos os seus membros. Seus olhos são redondos. Eles têm garras e presas. Seus membros são tortos. Eles são comedores de homem e suas faces são viradas para baixo.

262. Os Piśācas chamados Kūsmāndikas são privados de cabelo em suas cabeças ou corpos. Peles e couros constituem os trajes deles. Eles sempre comem sementes de gergelim e carne.

263. Alguns Piśācas têm membros e pés encurvados. Eles caminham de modo ziguezague. Eles devem ser conhecidos como Vakrapiśācas. Eles têm andar tortuoso. Eles podem assumir qualquer forma como eles quiserem.

264. Alguns Piśācas têm barrigas protuberantes. Seus narizes são como focinhos. Seus corpos são baixos. Suas cabeças e braços são pequenos. Esses são chamados de Nitundakas. Sementes de gergelim formam a dieta deles. (Eles gostam muito de ouvir coisas agradáveis – *Priyaśrāvāh*?).[25]

265. Alguns Piśācas têm formas pigméias[26]. Eles são tagarelas. Eles andam por todos os lados galopando. Eles são tipos Ānarkamārka de Piśācas. Eles gostam de ficar em árvores ou ingerir alimentos lá.

266. Alguns Piśācas mantêm suas mãos erguidas (sempre). Seu cabelo permanece em pé. Seus domicílios são no alto sobre árvores grandes. Eles derramam pó de seus corpos. Esses Piśācas são chamados de *Pamśus*.

267. Os Piśācas chamados Upaviras são muito atenciosos a respeito de suas veias[27]. Seus corpos são secos. Eles têm bigode farto. Eles usam trajes de cascas. Local de cremação é sua residência.

268. Os tipos Udūkhala (Ulūkhala) de Piśācas têm olhos imóveis estáveis e línguas longas com as quais eles lambem seus lábios. Suas cabeças são tão grandes quanto aquelas de elefantes e camelos. Eles se movem individualmente ou em conjunto.

269. São chamados de Kumbhapātras aqueles Piśācas que ingerem alimento cozido sem o verem (invisivelmente?). Eles são pequenos e de cor amarela com corpos peludos. Eles se movem visivelmente e invisivelmente.

270. Os Piśācas chamados Nipunas entram e infestam aquelas pessoas que andam sozinhas. Suas bocas se estendem até suas orelhas. As sobrancelhas são compridas e os narizes são grossos.

271. (Uma linha do texto está faltando.) Os Piśācas chamados *Bālādas* (devoradores de crianças) são de estatura baixa e eles atacam as pessoas com suas mãos e pés. Os olhos deles são virados para o chão. Eles frequentam quartos de resguardo.

272. Aqueles Piśācas chamados *Piśitādas* (comedores de carne) bebem sangue do campo de batalha. Suas mãos e pés são virados para trás. Eles são pequenos e são tão rápidos quanto o vento.

273. Os Piśācas chamados Skandins são nus e não têm domicílios fixos. Eles são globulares em forma com pelo longo. Há outras espécies de Piśācas que comem restos de comida. Dessa maneira os dezesseis tipos de Piśācas foram narrados.

---

[23] [Nessa palavra há uma pequena falha na digitalização. O *Brahmānda P.* vv. 381-383 tem 'Upaviras, Ulukhalikas ,...']

[24] O *Brahmānda P*. v. 384 lê Sakulyas 'pertencendo à mesma família (?).'

[25] Isso é obscuro. O *Brahmānda P*. v. 389 lê *Priyasrjah'tondot* '(bebendo) sangue.'

[26] O *Brahmānda P*. v. 390 lê *Vanarakrtayah* 'tendo a forma de macacos'.

[27] '*Dhamani-matakah'*, mas o *Brahmānda P.* v. 392 lê '*Bhramari-sannibhah'* 'como abelhas negras.'

274. Ao ver esses tipos de Piśācas deficientes em intelecto e em uma condição triste entre a progênie dele, Brahma com compaixão lhes concedeu as bênçãos de desaparecerem e assumirem formas como eles quisessem.

275-**278**. Ele lhes permitiu se moverem por toda parte na hora das duas junções (isto é, amanhecer e crepúsculo). (Eu mencionarei) as residências e modo de sustento deles. Casas em ruínas, desocupadas ou com muito poucas pessoas ou completamente dilapidadas são os domicílios deles. Eles também moram naquelas casas onde as pessoas não seguem regras de boa conduta, que não são esfregadas e limpas corretamente ou não são bem caiadas ou pintadas. Eles vivem nas rodovias, becos laterais, hortas, pátios, portais, sótãos, veredas de saída, calçadas, caminhos, rios, centros sagrados, árvores nos monastérios, estradas principais (esses são designados como os domicílios deles). Piśācas ocupam todos esses locais.

279-**280**. Pessoas injustas, aqueles que violam a disciplina de castas e fases de vida, e artesãos e pedreiros constituem o sustento desses Piśācas como ordenado por Suras. Esses Piśācas serão as divindades presidentes onde ritos sagrados forem executados por meio de dinheiro obtido por meios injustificáveis, tais como quebra de confiança e roubo de artigos semelhantes a néctar.

281-**282**. As oblações para Piśācas consistem em mel (vinho), carne, arroz cozido misturado com coalhadas, sementes de gergelim em pó, ponches e bebidas (intoxicantes) semelhantes, incenso, cúrcuma, Krśaras (isto é, bolos de sementes de gergelim em melaço), óleo, arroz misturado com açúcar mascavo, tecidos pretos e flores. Nas junções de Parvans, essas coisas devem ser oferecidas para Piśācas. Brahma, o senhor, ordenou assim.

283. Ele fez do portador do tridente Girīśa o senhor de todos os Bhūtas e Piśācas. A senhora Damstrā teve como filhos tigres e leões.

284. Panteras, pítons e animais predadores também são filhos dela.

Agora ouçam a progênie e geração de Rsā integralmente. Ela teve cinco filhas. Escutem os nomes delas:

285. Mīnā, Mātā, Vrttā, Parivrttā e Anuvrttā devem ser conhecidas (como as filhas dela). Ouçam (a enumeração dos filhos) dela:

286. Tubarões e crocodilos com mil dentes, as espécies de peixe conhecidas como *Pāthina*, *Timi* e *Rohita* e outros grupos são chamados de grupos Maina (nascidos de Mīnā). Eles são extensos.

287. Os quatro tipos de *Grāhas* (crocodilos) - Anujyesthakas, Niskas, Śiśumāras etc. nasceram de Mātā.

288. Vrttā deu à luz diferentes tipos de tartarugas e outros animais aquáticos como também variedades de conchas.

289. Anuvrttā deu à luz diferentes tipos de sapos e rãs como também diferentes variedades de caracóis e Aneyas (corças negras) e Śambūkas (conchas e insetos nocivos).

290. Parivpttā deu à luz diversas variedades de ostras, cauri e conchas.

291. Ela produziu as variedades de veneno Kālakūta e sanguessugas também. Assim a prole de Rsā consistindo em cinco ramos foi enumerada.

292. A descrição dos animais e insetos primitivos e antigos é muito extensa[28]. As variedades de insetos nascidos do suor [umidade] são uma parte deles.

293. Ó brâmanes, esses insetos nascem dos corpos de Svastipika[29] (?). Os produtores são seres humanos. Os insetos conhecidos como *Uśanas* nascem da sujeira e suor de homens. Assim também os outros insetos e grupos de formigas que se movem em fileiras.

---

[28] A linha está corrompida. A linha correspondente no *Brahmānda P*. v. 421 lê: 'Dizem que há uma série extensa de seres vivos gerados por Tirya.'

[29] Essa palavra obscura é uma errata para 'nascidos de corpos umedecidos por suor' (veja o *Brahmānda P*. v. 422).

294. Há variedades de insetos nascidos de conchas, seixos os quais operam como pregos[30]. Esses e muitos outros são os grupos terrestres de criaturas nascidas do suor.

295. Similarmente, essas criaturas nascem da água aquecida pelo sol como também da água da chuva. Muitos desses insetos nascem dos corpos de outros animais.

296-298. As seguintes criaturas minúsculas nascem da água e do suor: camarões pequenos (*minaka*), formigas, criaturas que picam ou mordem (*dathsa*) (como mosquito), *Tittira-putrikās* (criaturas minúsculas semelhantes a perdiz?). Os *Alakas* (pelos) são azulados ou de cor variada (*nila-citrāh*) e muito volumosos.

Os insetos chamados Nalada que têm muitas faces nascem em água (estagnada) perto de grama Kāśa. É afirmado que eles são de três tipos: *Simhalas*, *Romalas* (peludos) e *Picchalas* (lodosos). Esses e outros grupos de espécies são lembrados como nascidos da água como também do suor.

299. Algumas criaturas nascem de ghee, grama preta e grama verde. Algumas nascem das frutas de Jambū (maçã-rosa), Bilva, manga e Areca.

300. Criaturas nascem dos buracos secos de árvores e também da grama verde, jacas e grãos de arroz quando mantidos (por um longo tempo).

301. Criaturas também nascem de outras coisas quando mantidas por muito tempo. Germes e vermes nascem de cavalos e outros (animais) e até mesmo de veneno etc.

302. Quando esterco de vaca é mantido durante vários dias, ó brâmanes, criaturas são produzidas dele. Formigas brancas e outras criaturas nascem de madeira (putrefata).

303. Várias espécies de moscas azuis nascem de árvores no devido tempo. As criaturas *Putrikās* (formigas brancas?) nascem de coisas secas e murchas.

304. Em todos os lugares serpentes nascem de acordo com a época a partir de Śatikas (?). Escorpiões e criaturas nascidas do suor são produzidos do esterco de vaca seco.

305. Ó senhores, muitos vermes nascem dos corpos de vacas e búfalos. Diferentes tipos de peixe etc. nascem de ovos.

306. Diferentes tipos de sanguessugas [ou parasitas] nascem de ovos como *Caivirikas* e *Gajas* e muitas outras criaturas sutis também.

307. Diferentes tipos de moscas etc. nascem de ovos. Esses geralmente são colocados nos restos de comida, água e brejos.

308. Diferentes espécies de mosquitos e abelhas pretas também nascem de ovos. As criaturas conhecidas como lêndeas (*Putrikās* e *Putrabhāsakas*) são produzidas da grama.

309. É dito que os insetos *Manicchedas* e *Vyālas* são produzidos do feto sem membrana envolvente (*potajas*). Variedades de *Śataveri* (?) nascem do esterco de vaca seco.

310. Assim inúmeros grupos de criaturas nascidas do suor foram enumerados em resumo por mim. Deve ser lembrado que essas nascem como resultado das ações delas em um nascimento anterior.

311-312. Há outros seres de natureza Nairrta (isto é, nascidos de Nirrti). Eles são lembrados como *Upasargajas* (nascidos de paroxismo devido à possessão por espíritos malignos). Alguns seres nascem do útero (*Tonijas*) e alguns são *Autpattikas* (nascidos espontaneamente). Geralmente todos os Devas devem ser conhecidos como *Autpattikas*. Alguns Devas nascem de um útero (*Tonija*). Só alguns nascem sem causa.

313. Os filhos de Saramā são os filhos Tūlālāgha e Kola e uma filha Śivā. Eles são conhecidos como o grupo *Saramādi*.

---

[30] *Kilakacarakani* 'os quais operam como pregos' no texto é bastante obscuro. O *Brahmānda P*. v. 423b lê *kilakavaranani* 'seixos menores que alfinetes'.

314. Os Kadrukas (?) são *Śysma* (de cor escura), *Sabala* (de cor variada), *Arjuna* (brancos), *Harita* (de cor verde), *Krsna* (pretos), *Dhūmrāruna* (de cor de fumaça e de cor rosa - Aruna), Tulālāgha (?).

315. Surasā deu à luz cem (serpentes) com néctar em suas cabeças (*Śiro'mrtam*). O rei das Sarpas (serpentes) é Taksaka e aquele das cobras é Vāsuki. Assim esse grupo pertencente à família de Krodhavaśa é principalmente de qualidade Tāmasa.

316. Agora conheçam a criação do peito de Pulaha a partir de Tāmrā. Muitas filhas bem conhecidas nasceram de Tāmrā.

317. Elas são: Śyenī, Bhāsī, Krauñcī , Dhrtarāstrī e Sukī. Śyenī, que era a esposa de Aruna, deu à luz dois pássaros excelentes de grande força e coragem, isto é, Sampāti e Jatāyu.

318. Sampāti gerou um filho e uma filha. Corvos, urubus e *Afvakarnins* (uma variedade de urubus?) eram os filhos de Jatāyu.

319. As esposas de Garutmān (Garuda) eram Bhāsī, Krauñcī , Śukī, Dhrtarāstrī e Bhadrā. Os filhos deles serão enumerados.

320-**322**. Śukī teve seis filhos bem conhecidos com Garutmān, isto é, Triśira de face agradável, Bala, Prstha de grande força, Triśañkhanetra, Susukha de boa forma e Surasa o poderoso. Os filhos e netos desses descendentes cruéis de Garuda, os comedores de serpentes de grande alma, chegaram a quatorze mil. Por geração de filhos e netos a família deles se tornou extensa.

323-**329**. Eu mencionarei na ordem correta as terras onde eles se distribuíram - o todo de Śālmali Dvīpa, a montanha Devakūta, as montanhas principais Manimān, Sahasra-śikhara, Parnamāla, Sukeśa, Śataśrñga, Kauraja, Pañcaśikhara e Hemakūta – todas essas montanhas foram ocupadas pelos descendentes de alma nobre de Garuda. Eles eram iluminados com pedras rubi e (enquanto voando) eles produziam rajadas de ventos violentos.

Bhāsas (a ave urubu), *Ulūkas* (corujas), corvos e galos eram os filhos de Bhāsī. Pavões, *Kalaviñkas* (pardais), pombas e *Lavas* e *Tittiris* também nasceram de Bhāsī. Krauñcī deu à luz aves *Vārdhinasa* (aves pretas com pernas, cabeça e olhos vermelhos). Śyenī deu nascimento a águias, *Sārasas* (um tipo de garça) e grous; ela também deu à luz outros pássaros predadores como esses.

A bela senhora Dhrtarāstrī deu à luz *Hañisas* (cisnes) e *Kalahamsas*, *Cakravākas* e outras espécies de aves (aquáticas) também. Esses eram os pássaros dados à luz e os filhos e netos deles eram infinitos.

330. Os filhos de Garuda foram enumerados. Escutem a progênie de Irā. Irā deu à luz três filhas com olhos como lotos.

331. Elas eram Lata, Vallī e Vīrudhā. Elas são as mães de todos os tipos de plantas, árvores e trepadeiras.

332. Lata deu à luz *Vanaspatis*, isto é, as plantas não florescentes que crescem nas margens de rios etc. Ela mesma deu à luz *Vrksas* ou árvores com flores e frutas.

333. Vallī deu à luz sebes, gramas e bambu etc. das mesmas espécies. Vīrudhā deu à luz *Virudhās*, isto é, trepadeiras que se espalham por toda parte. A descrição da prole é concluída aqui.

334. Desse modo a progênie móvel e imóvel de Kāśyapa foi enumerada. O Universo inteiro está cheio com os filhos e netos deles.

335. Assim uma parte da criação inteira foi enumerada. A *Prajāsarga* de Mārica (Kāśyapa) foi narrada sucintamente. Ó brâmanes, ela não pode ser explicada (em detalhes) mesmo em centenas de anos.

336. Aditi era de temperamento íntegro, piedoso. Diti é lembrada como de caráter forte. Surabhi era inclinada para a prática de penitência. Danu tinha uma natureza enganosa.

337. Kadrū era de mente cruel. Krauñcī estava inclinada para o conhecimento. Irā tinha a capacidade receptiva. Danāyu era interessada em ingerir alimentos.

338. Vinatā era capaz de suportar cargas. Tāmrā era habituada a usar laços e fios. Essas são as naturezas e temperamentos das mães dos mundos.

339. Em devoção, conduta, intelecto, paciência e força elas tinham as características de qualidades Sattva, Rajas e Tamas. Consequentemente elas eram justas e injustas.

340. A progênie nascida do peito de Kāśyapa nasceu com as características das mães deles. (Eles eram) Devas, Asuras, Gandharvas, Yaksas, Rāksasas, serpentes, Piśācas, animais, cervos, pássaros e trepadeiras.

341. Uma vez que esses nasceram das filhas de Daksa, que eram seres humanos, por essa razão os seres humanos são os mais excelentes em todos os Manvantaras.

342. Os seres humanos são os aspirantes de Dharma (Virtude), Artha (Riqueza), Kama (Amor), e Moksa (Salvação). Portanto, Suras e Asuras nascem como *Adhah-srotas* (corrente ou fluxo descendente).

343. Eles nascem repetidas vezes entre os seres humanos com a finalidade de alcançar seu objetivo. Assim a origem da linhagem de ascetas foi narrada.

344-**346**. A história meritória de Suras, Asuras, Gandharvas, Apsaras, Yaksas, Rāksasas, Piśācas, Suparnas, serpentes, aves, duendes, pavões, todas as ervas medicinais, vermes, germes, insetos, criaturas insignificantes nascidas na água, animais e brâmanes gloriosos, é conducente à longevidade e riqueza. Ela é agradável e benéfica. Ela é meritória. Ela deve ser ouvida sempre e conservada na memória por alguém que é livre de malícia e ciúme.

347. Aquele que lê regularmente essa história da linhagem (de ascetas) de almas nobres na assembléia de brâmanes e médicos obterá filhos, riqueza abundante e prosperidade e a meta gloriosa depois da morte.

Capítulo 9: A Linhagem de Sábios

Sūta disse:

1-2. Desse modo, quando as criações móveis e imóveis inteiras tinham sido criadas e estabelecidas por Kāśyapa de alma nobre, ele, o Prajāpati principal, coroou (os principais deles) como os Senhores delas e começou a atribuir a eles seus respectivos domínios na devida ordem.[1]

3. Ele coroou Soma (a Lua) no reino dos brâmanes duas vezes nascidos, ksatriyas e vaiśyas, trepadeiras, constelações, planetas, Yajñas e penitência.

4. Ele fez de Brhaspati o senhor de todos os descendentes de Añgiras. Ele coroou Śukra como o soberano sobre o reino dos Bhrigus.

5. Ele fez de Visnu o senhor dos Adityas; o deus do fogo o senhor dos Vasus; Daksa o senhor dos Prajāpatis; e Vāsava (Indra) o senhor dos Maruts.

6. Ele fez de Prahlāda, o alegrador de Diti, o rei dos Daityas; Nārāyana o rei dos Sādhyas; e o senhor de bandeira de touro (Śiva) o rei dos Rudras.

7. Ele apontou Vipracitti como o rei dos Dānavas. Ele ordenou Varuna como o rei das águas. Ele fez de Vaiśravana (Kubera) o senhor dos Yaksas, Rāksasas e da riqueza de reis (terrenos).

8. Ele coroou Yama, o filho de Vivasvān (o Sol), no reino dos Pitrs, e o portador do tridente Giriśa no reino de todos os Bhūtas e Piśācas.

9. Ele fez de Himavān o soberano das montanhas; o oceano, dos rios; e Citraratha o soberano dos Gandharvas.

10. Ele coroou Uccaiśśravas como o rei dos cavalos; o tigre como o rei dos cervos e vacas; e touros os senhores de quadrúpedes.

11. Ele fez de Garuda, o mais excelente entre os seres voadores, o senhor de todos os pássaros. Ele fez de Māruta o senhor dos perfumes e seres incorpóreos.

12. Ele fez de Vāyu, o mais excelente entre os seres fortes, o senhor do som, céu e força. Ele fez de Śesa o senhor de todos os (répteis) dentados; e de Vāsuki o senhor das serpentes.

13. Ele fez de Taksaka o senhor das víboras, serpentes e répteis. Ele coroou Parjanya, um dos Adityas, como o senhor dos oceanos, rios, nuvens e chuvas.

14-15. Ele coroou Kāmadeva como o rei de todos os grupos de Apsaras.

Ele fez de Samvatsara (Ano) o senhor dos *Rtus* (estações), meses e grupos de estações, quinzenas (*Ārtavas*), *Vipaksas* (o dia de transição de uma metade de um mês lunar para outra), Muhūrtas, Parvans, Kāsthās, Kalās e suas magnitudes, dos movimentos e dos trânsitos (do Sol), dos cálculos matemáticos e Yogas (divisões de tempo astronômicas ou combinações de Estrelas).

16. O Prajāpati coroou Sudhāman, o filho famoso de Rajas, como o rei no quadrante leste.

17. No quadrante oeste, ele coroou Ketumān de alma nobre, o filho infalível de Rajas, como rei.

18. Ele fez de Vaivasvata Manu o senhor dos seres humanos. A terra inteira que consiste em sete continentes, junto com as cidades nela, está sendo governada retamente por eles em suas respectivas áreas.

19. Eles tinham sido coroados antigamente por Brahma no Svāyambhuva Manvantara. Só aqueles que se tornam Manu são consagrados como reis.

20. Nos Manvantaras que passaram, esses reis (regeram e) faleceram. Quando os Manvantaras ocorrerem novamente, outros serão coroados novamente. Todos os reis, passados e futuros, são proclamados como Senhores de Manvantaras.

---

[1] Os versos 1-20 enumeram os chefes de diferentes categorias de criação. Aqui nos lembramos do *Vibhūtiyoga* (*Bhagavad Gitā*, X).

21. Prthu foi coroado por esses homens excelentes na ocasião do Rājasūya. O rei valoroso foi feito assim de acordo com as injunções dos Vedas.

22-23. O senhor de Prajās, Kāśyapa, gerou esses filhos, com o propósito da continuidade da progênie. Depois disso, desejoso de sua própria linhagem, ele executou uma penitência severa. Ele meditou: "Que filhos, os fundadores da linhagem, nasçam para mim."

24. Quando Kāśyapa, a alma nobre, meditou, dois filhos poderosos surgidos da parte de Brahma nasceram para ele.

25. Eles eram Vatsara e Asita. Ambos eram explicadores de Brahman. Nidhruva e Raibhya de grande fama nasceram de Vatsara.

26. Os Raibhyas devem ser conhecidos como (os descendentes) de Raibhya. Conheçam (aqueles) de Nidhruva. Cyavana gerou Sumedhas de Sukanyā.

27. A esposa[2] de Nidhruva era a mãe de Kundapāyins. Brahmistha (Devala no *Brahmānda P*.) nasceu de Ekaparnā e Asita.

28. Ao ouvir (isto é, prestar atenção nas) palavras de Śāndilya, Devala ficou muito famoso. Nidhruvas, Śāndilyas e Raibhyas, todos esses três formaram o Gotra Kāśyapa mais tarde[3].

29. Vara (Indra no *Brahmānda P.*) e outros Devas são a progênie de Devala. Esses indivíduos atuam no Dvāpara Yuga que resta (isto é, ocorre) depois que onze ciclos dos grupos de quatro Yugas passaram.

30. Carisyanta (Nairisyanta no *Brahmānda P*.) era o filho de Mānasa e o filho dele era Dama. Mānasa, que era bem conhecido como Trnabindu, foi seu herdeiro e sucessor.

31. No princípio do terceiro Tretā Yuga ele se tornou rei. Sua filha Idavidā era incomparável em sua beleza. O rei religioso a entregou para Pulastya.

32. O sábio Visravas nasceu de Idavidā. Ele teve quatro esposas que fizeram a família de Pulastya prosperar.

33. Brhaspati, o preceptor dos Devas, teve uma filha famosa chamada Devavarninī. Ele (Visravas) se casou com aquela moça.

34. Ele (Visravas) se casou com Puspotkatā e Vākā, as filhas de Mālyavān como também com Kaikasī, a filha de Mālin. Ouçam a progênie delas.

35. Devavarninī deu à luz o filho primogênito dele, Vaiśravana, que tinha destino divino e conhecimento puro, (mas) tinha a forma de um Rāksasa e a força de um Asura.

36-37. Ele tinha três pés, um corpo enorme, cabeça robusta, um queixo largo, oito presas, bigode verde, orelhas como lança e cor vermelha. Os braços dele eram curtos e longos (isto é, um curto, um longo). Ele era de cor amarelada (?) e muito terrível de se olhar. Ele tinha o conhecimento do mundo ilusório. Ele era iluminado com conhecimento.

38. Ao ver tal filho assumindo uma forma cósmica, o próprio pai disse: "Este é *Kubera* (de corpo feio)."

39. A palavra *'Ku'* é usada para indicar desprezo. O corpo é mencionado pela palavra *Bera*. Consequentemente ele é chamado de *Kubera* porque o corpo dele era deformado.[4]

40. Como ele era o filho de Visravas e ele se parecia com Visravas, ele ficou conhecido no mundo pelo nome Vaiśravana.

41. Kubera gerou de Rddhi o famoso (filho) Nalakūbera. Kaikasī deu à luz quatro filhos, Rāvana, Kumbhakarna e Vibhisana (os três filhos e) uma filha Śūrpanakhā.

---

[2] Sumedhas conforme o *Brahmānda P*.

[3] O *Brahmānda P.* 2.3.8.33 lê: 'Nidhruvas, Sandilyas, Raibhyas são três ramos do Gotra de Kāśyapa'.

[4] Etimologia de 'Kubera', o deus da riqueza.

42-45. (Rāvana) tinha orelhas como lanças e dez pescoços[5]. Ele era amarelado em cor com cabelo vermelho. Ele tinha quatro pés e vinte braços. Ele tinha corpo enorme e era muito poderoso. Desde seu próprio nascimento, ele parecia colírio. Ele tinha dentes como presas. Seu pescoço era vermelho. Ele era como Rājasena (?) e era dotado de boas feições e força. Ele era intelectualmente verdadeiro. Ele tinha um corpo firme. Ele (era cercado) por Rāksasas. Naturalmente ele era terrível e cruel. Ele foi chamado de Rāvana porque ele rugia.

Aquele rei foi Hiranyakaśipu em seu nascimento anterior. Aquele rei Rāksasa regeu por treze ciclos de quatro Yugas.

46-48. Seu período de vida, como calculado por brâmanes peritos em cálculo, se estendeu até cinco crores e sessenta e um lakhs de anos. Por sessenta lakhs de anos, esse Rāvana fez Devas e Sábios terrivelmente agitados (por meio das atrocidades dele)[6]. No vigésimo quarto Tretāyuga, quando seu mérito de penitência diminuiu, ele encontrou Rāma, o filho de Daśaratha (em batalha), e foi morto junto com seus seguidores.

49. Mahodara, Prahasta, Mahāpāmśu e Khara eram os filhos de Puspotkata e Kumbhinasī era a filha dela.

50. Triśiras, Dūsana, o Rāksasa Vidyujjihva e a filha Asalikā são lembrados como os filhos de Vākā.

51. Esses são os dez Rāksasas descendentes de Pulastya. Eles eram cruéis em suas atividades. Todos os seguidores deles eram terríveis e inatacáveis mesmo por Devas.

52-55. Todos eles tinham assegurado benefícios. Todos eles eram dotados de filhos e netos.

Aidavida (isto é, Kubera), cujo lado esquerdo era de cor amarelada e que era o descendente de Pulastya, era o rei de todos esses – todos os Yaksas, todos os Rāksasas pertencentes à família de Pulastya, os cruéis Brahmarāksasas das famílias de Agastya e Viśvāmitra, que eram dedicados ao estudo dos Vedas e que realizavam penitência e ritos sagrados.

Então, havia os outros Rāksasas chamados Yajñamukhas. Consequentemente, há três grupos de Rāksasas: Yātudhānas, Brahmadhānas e Vārtas. Esses são *Divācaras* (que se movem durante o dia). Há quatro grupos de *Niśācaras* (aqueles que vagam à noite) que são lembrados (por sábios eruditos).

56. Assim, há sete classes de Rāksasas (incluindo os três acima e os quatro grupos seguintes): Paulastyas, Nairrtas, Agastyas e Kauśikas.

57-63. Eu descreverei as características naturais de todos esses (Rāksasas)[7]: Eles tinham olhos redondos. Eles eram de cor amarelada. Eles tinham corpos e barrigas enormes. Eles tinham oito presas; orelhas pontudas e cabelos em pé. Eles tinham suas bocas (como se) estendendo até as orelhas. Alguns tinham cabelo como a grama Muñja. Alguns tinham cabelo em pé da cor de fumaça. Alguns tinham cabeças robustas irradiando esplendor branco. Alguns tinham estatura baixa. Alguns tinham braços compridos. Alguns tinham faces cor de cobre. Alguns tinham línguas e lábios longos (pendentes para baixo). Alguns tinham sobrancelhas longas e narizes robustos. Alguns tinham corpo azul com pescoços vermelhos e olhos majestosos. Eles eram terrificantes. Eles tinham voz muito terrível e eram medonhos. Eles andavam em grupos. Eles eram corpulentos com proeminentes narizes protuberantes. Seus corpos

---

5 O escritor do Purāna nutria idéias fantásticas sobre Rāvana. *Ramayanas* jaina dão uma descrição sóbria e mais realista de Rāvana, por exemplo, Rāvana tinha uma cabeça, mas, devido à reflexão de seu rosto nas nove pedras preciosas do colar dele, ele era chamado (poeticamente) de 'aquele de dez cabeças.'

6 A perseguição de Rāvana não é delimitada dessa maneira em outro lugar. Ela deve ser uma parte do período de vida dele. O *Brahmānda P*. 2.3.8.53 lê corretamente 'sessenta mil anos' como uma parte da vida total de Rāvana. Pois, um conjunto dos quatro Yugas = 4320000 anos, treze de tais conjuntos = 56160000 anos. Rāvana é creditado com esse período.

7 Superstições sobre Rāksasas correntes na época do *Vāyu Purāna*.

eram firmes como rochas. Eles tinham parentes terríveis e geralmente eles eram cruéis, entregando-se a atividades dolorosas. Eles usavam (ornamentos como) brincos, pulseiras e diademas. Eles usavam coroas e turbantes. Eles tinham diversos trajes e ornamentos. Eles usavam guirlandas de flores variadas. Eles usavam perfumes e unguentos fragrantes. Alguns eram comedores de carne e alguns comiam alimento cozido. Eles são lembrados como comedores de homem. Esses atributos de Rāksasas, comuns a muitos deles, foram enunciados por estudiosos. A extensão total da força deles não é conhecida porque ela é produzida por Māyā.

64-**65**. Os cervos, todos os animais predadores dentados, Bhūtas, Piśācas, serpentes, abelhas, elefantes, macacos, Kinnaras, Yamakimpurusas[8] (?) e todos aqueles citados por mim como nascidos de Krodhavaśā – todos esses eram os filhos de Pulaha.

66. Naquele Vaivasvata Manvantara, Kratu é lembrado como sem filhos. Ele não teve nem um filho nem um neto. Ele permaneceu com esplendor (sêmen) completamente controlado, (isto é, ele era celibatário).

67. Eu agora descreverei a linhagem de Atri[9], o terceiro Prajāpati. Ele teve dez esposas puras e belas.

68-**69**. Bhadrāśva gerou de Ghrtācī as Apsaras, dez filhas. Elas eram: Bhadrā, Sūdrā, Madrā, Śaladā, Maladā, Vela, Khalā, essas sete e Gocapalā, Mānarasā e Ratnakūtā.

70-**71**. O fundador da linhagem de Atri era famoso pelo nome de Prabhākara (o originador de brilho). Ele era o marido delas. Ele gerou de Bhadrā o filho famoso Soma (a Lua). Quando o Sol, atingido por Rāhu, estava caindo do céu em direção à terra, o mundo inteiro foi envolvido em escuridão e foi ele (o sábio Atri) quem espalhou luz por toda parte, pelo que ele obteve o nome Prabhākara.

72. Enquanto o Sol estava caindo as palavras 'bem-estar para você' foram dirigidas a ele. A essas palavras do sábio brâmane Atri, (o sol) não caiu do céu na terra.

73. Atri que era o realizador de grande penitência fundou Gotras excelentes. Entre Yajñas (o chamado) *Atrighana* (?) é iniciado por Suras.

74-**76**. Ele gerou delas dez filhos, todos iguais a ele. Eles não tinham nome. Todos os dez foram purificados através de penitência excelente. Eles eram os sábios famosos pelo nome 'Svastyātreyas.' Eles eram mestres de Vedas. Entre eles, dois eram muito famosos, poderosos e explicadores de Brahman, o primogênito era Dattātreya e Durvāsas era o irmão mais novo dele. A filha mais nova era Abalā que explicou Brahman. Em relação a isso, os Paurānikas anteriores (antigos) citam este verso.

77. Aqueles que estão familiarizados com Purānas dizem que o filho de Atri, Dattātreya, é Visnu encarnado. Ele de alma nobre é livre de pecados e de mente tranquila.

78. Quatro pessoas nascidas na linhagem espiritual dele eram famosas na terra. Eles eram Śyāmas, Mudgalas, Balārakas e Gavisthiras. Esses são lembrados como os grupos de homens muito poderosos.

79. De Kāśyapa nasceram Nārada, Parvata e Arundhatī. Ó excelentes, (escutem e) conheçam (os filhos) de Arundhatī.

80. Nārada deu Arundhatī (em matrimônio) para Vasistha[10]. Devido à maldição de Daksa, o brilhante Nārada (foi compelido a ser) celibatário.

81. Antigamente, quando havia uma grande batalha entre Devas e Asuras, chamada Tārakāmaya, o mundo inteiro foi oprimido pela seca e Śakra foi afligido junto

---

[8] Mayu-Kimpurusas no *Brahmānda Purāna*.

[9] A linhagem de Atri é descrita nos vv. 67-78.

[10] A linhagem de Vasistha é descrita nos vv. 80-90. Uma comparação da descendência de sábios como apresentada em outros Purānas, por exemplo, o *Matsya Purāna*, mostra muitas dessemelhanças nos nomes de descendentes embora alguns nomes sejam comuns.

com os Suras. O inteligente Vasistha sustentou todos os súditos por meio da penitência dele.

82. Fazendo uso de ervas medicinais, frutas e raízes (o sábio) os alentou com compaixão.

83. (Verso defeituoso.) Ó brâmanes, Vasistha gerou Śakti de Arundhatī. Adrśyantī (a esposa de Śakti) teve Parāśara com Śakti no litoral (?).

84. Kālī teve Krsnadvaipāyana, o senhor santo, com Parāśara. De Dvaipāyana, Śuka, dotado de qualidades boas, nasceu, no *Arani* (o ramo sacrifical com o qual o fogo é produzido por atrito).

85-86. Os seis filhos seguintes nasceram de Pivarī com Śuka: cinco filhos, isto é, Bhūriśravas, Prabhu, Śambhu, Krsna e Gaura e uma filha de nome Kīrtimatī. Ela era firme em seus ritos sagrados e uma mãe yóguica. Ela era a esposa de Sāttvaguha e a mãe de Brahmadatta.

87. Havia oito grupos (linhagem espiritual) de Parāśaras de almas nobres. Eles eram Śvetas, Krsnas, Gauras, Śyāmas, Dhūmras, Samūlikas, Dārakas, os bebedores de (bebidas?) quentes (Ūsmadas) e Nilas.

88. Daqui em diante, conheçam a progênie de Indrapratima. Kuśiti, que nasceu de Kapiñjalī-Ghrtācī com Vasistha, é chamado de Indrapratima.

89. Vasu era o filho dele nascido da filha de Prthu. Upamanyu era seu filho cujos (descendentes) eram esses Upamanyus.

90. Kundins que eram famosos como descendentes de Mitrā-Varuna têm uma linhagem espiritual. Outros são bem conhecidos como Vasisthas. Esses são os onze Gotras de Vasisthas.

91. Desse modo esses oito filhos mentais renomados de Brahma foram relatados. Eles eram irmãos abençoados e as linhagens espirituais deles foram estabelecidas.

92. Eles sustentam esses três mundos que consistem em grupos de Devas e sábios. Os filhos e netos deles são centenas e milhares. Por eles a Terra inteira é permeada como com os raios do Sol.

Capítulo 10: O Processo de Śrāddha[1]

1. Depois de ouvirem essa narrativa de Sūta, o conhecedor de Atman, os brâmanes subsequentemente o questionaram da seguinte maneira:

Sāmsapāyana disse:

2. "Como Bhāvanī, que era antigamente Satī, nasceu pela segunda vez? Ela era Dāksāyanī no princípio. Como ela se tornou Umā?

3. O rei das montanhas a gerou de Menā, a filha de Pitrs. Que eram esses Pitrs cuja filha mental era Menā?

4-5. (Que são os Pitrs) cujo neto era Maināka e cujas netas eram Umā, Ekaparnā, Ekapatalā e Gañgā, o mais excelente entre os rios, como também a primogênita delas todas? Mesmo antes, tudo isso já foi desejado ser apontado (por você). Por favor, ouça todas as minhas solicitações.

6. Há muitos Pitrs?[2] E então onde eles ficam? Prosperidade para você. Eu desejo ouvir o grande procedimento de Śrāddha.

7. Filhos de quem eles (Pitrs) são lembrados serem? Como eles são os Pitrs? Como os Pitrs nasceram e de quem eles eram filhos? De que natureza eles são?

8. Há outros Pitrs que são divindades (isto é, dignos de adoração) para os Devas no céu? Desse modo, eu desejo ouvir a criação excelente de Pitrs e como o Śrāddha executado por nós (conforme injunções prescritas) propicia os Pitrs.

9. O que é considerado (nos Smrtis) como a razão de eles não serem visíveis? Quais tipos de Pitrs ficam no céu e quais tipos no inferno?

10-11. Quais Śrāddhas devem ser oferecidos (para Pitrs)? Como esses Śrāddhas alcançam os Pitrs – os Śrāddhas que são oferecidos pronunciando os nomes do pai, do pai do pai e do bisavô contra os três bolos de arroz (*Pindas*)? Como (os Pitrs), se posicionados no inferno, são competentes para conceder bênçãos?

12. Quem são aqueles chamados pelo nome Pitrs? Quem nós devemos adorar além disso? Nós ouvimos que até Devas no céu adoram Pitrs.

13. Ó extremamente erudito, nós desejamos ouvir isso em detalhes. Cabe a você explicar a significação disso claramente."

14. Ao ouvir as palavras dos sábios, Sūta, que vê a realidade, falou conforme as perguntas e o desejo nas mentes dos sábios.

Sūta disse:

15. Eu descreverei para vocês (em detalhes) o que eu ouvi (a respeito de Śrāddha), de acordo com minha habilidade intelectual. Em todo Manvantara, os Pitrs nascem como os filhos dos Devas.

16. Nos Manvantaras passados e futuros, eles são respectivamente os mais velhos e os mais jovens. Eu descreverei precisamente os Pitrs que passaram nos Manvantaras anteriores junto com Devas e que existem no presente.

17. Um Śrāddha dos seres humanos é aquele que é oferecido com fé. Brahma criou Devas mas eles não o adoraram. Eles o abandonaram e desejosos de resultados para si mesmos criaram a si mesmos[3] (?).

---

[1] *Śrāddha* é uma forma de culto aos antepassados. Ele é baseado na crença na sobrevivência depois da morte dos antepassados falecidos, e na residência deles em uma região específica chamada *Pitr-loka.* Esse é um tópico importante e forma uma parte integral do Dharmaśāstra hindu. Essa crença é pre-védica, uma vez que ela remonta ao período Indo-iraniano (veja *Sacred Books of the East,* IV, pág. 262). O culto aos ancestrais era considerado essencial para a continuação da linhagem de uma pessoa e prosperidade da família dela. Os *Grhya Sutras* e Smrtis antigos como *Manu* e *Yajnavalkya* prescrevem o procedimento de Śrāddha que geralmente é seguido em Purānas como *Agni*, 163.2-42, *Kurma*, II. 22.20-62, *Nārada* I, cap. 28, *Brahmānda* 2.3-caps. 9-20.

[2] Os versos 6-13 registram todas as perguntas, dúvidas etc. sobre a realização de Śrāddha.

18. Eles foram amaldiçoados por Brahma: "Ó iludidos! Vocês todos se tornarão desprovidos de inteligência." Eles não sabiam nada. Então o mundo inteiro foi iludido.

19. Todos eles se curvaram ao deus Brahma e imploraram a ele. Para abençoar os mundos, o senhor lhes falou novamente.

20. "Realizem ritos expiatórios pela transgressão que foi cometida. Perguntem para seus filhos e daí vocês obterão conhecimento."

21. Desejosos de conhecer (o procedimento de) ritos expiatórios, os Devas se controlaram devidamente e perguntaram para seus próprios filhos mutuamente.

22. Aqueles filhos, que estavam familiarizados com o verdadeiro Dharma e possuíam autocontrole, explicaram para eles os vários modos de ritos expiatórios - verbais, mentais e físicos.

23. Os habitantes do céu, que recuperaram seu juízo, ficaram muito satisfeitos e falaram para seus filhos: "Vocês são nossos pais (Pitrs), visto que nós fomos esclarecidos por vocês. Qual benefício deve ser concedido – virtude, conhecimento ou amor?"

24. Então Brahma falou a eles: "Você são os faladores da verdade. Consequentemente o que for falado por vocês será daquela maneira e não o contrário.

25. Isso é o que foi proferido por vocês – seus próprios filhos foram mencionados por vocês como seus Pitrs (pais). Eles serão seus Pitrs. Que esse benefício seja dado a eles."

26. Por causa das palavras de Brahma, Paramesthin, os filhos (Pitrs) obtiveram a condição de pais (dos Devas) e os Devas, os verdadeiros pais, a condição de filhos.

27. Por isso é declarado (em Dharmaśāstra) que os filhos (dos Devas) são Pitrs e a condição de Pitr é proclamada sobre eles. Depois de declarar dessa maneira que os pais são os filhos e os filhos são Pitrs (pais), o deus Brahma se dirigiu a eles novamente para o desenvolvimento deles mesmos.

28. "Se alguém realizar algum rito sagrado sem adorar os Pitrs em um Śrāddha, Rāksasas e Dānavas obterão o fruto (resultados bons) disso.

29. Os Pitrs propiciados e desenvolvidos por meio de Śrāddhas (desenvolvem) o imperecível Soma. Propiciados e desenvolvidos por vocês todos, eles sempre aumentarão.

30. Soma (o deus-Lua) fortalecido e desenvolvido por meio de Śrāddhas, desenvolverá as pessoas e o mundo inteiro, junto com montanhas e florestas cercadas (habitadas) por seres móveis e imóveis.

31. Para aqueles homens que, desejosos de nutrição, realizam Śrāddhas, sempre são concedidos desenvolvimento e progênie pelos Pitrs.

32-**33**. Aqueles (Pitrs) para quem eles (os realizadores de Śrāddha) oferecem três bolos de arroz (*Pindas*) mencionando seus nomes e Gotra até o bisavô, eles (Pitrs), que estão presentes (em todos os lugares), fortalecem e desenvolvem sua progênie por aquele oferecimento de Śrāddha."

Tal ordem foi declarada antigamente pelo deus supremo Brahma (Paramesthin). É pela graça deles que *Dana* (doação caridosa), *Adhyayana* (estudo védico) e *Tapas* (penitência) produzem resultados.

34. Não há dúvida que os Pitrs lhes concedem conhecimento perfeito. Dessa maneira Pitrs são Devas e Devas são Pitrs. Devas e Pitrs são reciprocamente Pitrs[4]."

35. Depois de ouvirem essas palavras de Sūta, que possui autoconhecimento, os sábios o questionaram novamente subsequentemente:

Os sábios disseram:

---

[3] O *Brahmānda P*. 2.3.9.16 lê 'Eles adoraram a eles mesmos (em vez do deus Brahma)' - uma leitura melhor que aquela do nosso texto.

[4] Os versos 20-34 explicam o paradoxo: por que os Pitrs, que eram os filhos dos Devas, se tornaram os pais de seus próprios pais? *Manu* III, v. 201, porém, difere e afirma que os Pitrs surgiram dos Sábios e dos Pitrs nasceram Devas (deuses) e seres humanos.

36. Quantos são os grupos desses Pitrs? Em qual momento (surgiram) aqueles grupos – Pitrs, que eram os antepassados excelentes dos Devas e que desenvolveram e fortaleceram Soma?

Sūta disse:

37. Eu narrarei para vocês a criação muito excelente dos Pitrs. Essa é a mesma pergunta que Śamyu fez antigamente para seu pai Brhaspati.

38. Quando Brhaspati, o grande perito em todos os campos de conhecimento, estava sentado, seu filho Śamyu, dotado de humildade, fez essa pergunta.

39. "Quem são esses Pitrs? Quais são seus nomes? Como eles nasceram? Como eles obtiveram a condição de Pitr?

40. Qual é a razão pela qual os Pitrs são adorados no início em todo Yajña? Todos os ritos sagrados de almas nobres começam com a realização de Śrāddhas.

41. Para quem todos esses Śrāddhas devem ser oferecidos? Qual é o grande benefício quando eles são oferecidos? Em quais dos centros e rios sagrados a realização de Śrāddha produz benefício perpétuo?

42. Quais são aqueles centros sagrados nos quais brâmanes excelentes (devem) executar Śrāddha para obterem todas as bênçãos (desejadas)? Qual é o tempo (apropriado) para Śrāddha? Qual é o procedimento a ser seguido?

43. Ó pai santo, eu desejo que o que foi perguntado por mim seja explicado em detalhes na sequência adequada."

44. Ao ser perguntado assim claramente e especificamente, o altamente inteligente Brhaspati, o mais excelente daqueles que entendem (as implicações de) perguntas, respondeu todas as questões na ordem correta.

Brhaspati disse:

45. "Ó caro! Eu explicarei a pergunta solene excelente que você me fez com decoro devido e humildade apropriada.

46-47. Naquela época, não existia o céu nem o firmamento, nem a terra nem as estrelas nem os quadrantes, nem o sol, nem a lua, nem o dia, nem a noite. Ó caro, o Universo inteiro estava em escuridão completa. Brahma sozinho realizava uma penitência austera difícil para outros realizarem."

48. Śamyu falou novamente para seu pai que era o mais excelente entre os conhecedores de Brahman, que sempre realizava abluções sagradas na forma de ritos, e que era o mais excelente de todos os conhecedores de conhecimento perfeito.

49. "Que tipo de penitência fez Prajāpati, o senhor de todos os seres vivos?" Assim abordado, Brhaspati de refulgência excepcional falou para ele.

50. De todos os tipos de penitência, *Tukti*, isto é, penitência Yoga, é a mais excelente. Meditando sobre isso, o senhor então criou todos os mundos por meio daquele Yoga.

51. Os (artigos de) conhecimento passados e futuros, todos os mundos e Vedas foram criados por Brahma depois de praticar Yoga, por meio de sua visão yóguica.

52. Os mundos, o céu, são chamados de *'Sāntānikas',* onde as divindades resplandecentes dos Devas bem conhecidos como 'Vairājas' permanecem.

53. Mesmo no início então, o senhor Brahma, dotado de Yoga e penitência, criou Devas depois de praticar o Yoga eterno.

54. Eles são bem conhecidos como *Ādidevas* (os Devas primordiais). Eles têm grande esplendor e energia. Eles são os concessores de todos os desejos. Eles são dignos de serem adorados por Devas, Dānavas e seres humanos.

55. Há sete grupos daqueles Devas. Eles são adorados por todos os três mundos. Três deles são *Amūrtis* (desprovidos de formas) e quatro deles têm formas esplêndidas.

56. Os três grupos que têm formas conceituais (*Bhāva mūrtis,* [isto é, sem formas]), estão posicionados acima. Os quatros *Sūksmamūrtis* (que têm formas sutis) estão posicionados abaixo deles.

57. Depois disso, os Devas (comuns) estão posicionados e então a terra. Essa é a situação da série de mundos. Eles (os grupos de Devas) estão colocados neste mundo. As nuvens têm sua origem a partir deles, as chuvas são devido a eles e, graças às chuvas, os mundos (e as pessoas) são criados novamente.

58. Como eles desenvolvem e fortalecem a lua e os grãos alimentícios e os fazem vicejar por meio de poder yóguico, eles são chamados de os Pitrs do mundo. Eles (os Pitrs) são os mais excelentes no mundo.

59. Eles são tão velozes quanto a mente. *Svadhā* constitui a dieta deles. Eles têm todos os requisitos que eles desejam. Eles são livres de ganância, ilusão e medo. Eles são certamente livres de tristeza.

60. Depois de abandonarem Yoga, eles chegam aos mundos belos e agradáveis de se olhar. Eles se tornam divinos, meritórios e almas nobres sem pecado.

61. Ao término de mil Yugas, eles se tornam explicadores de Brahman. Recuperando o poder yóguico uma vez mais, eles obtêm salvação em um estado incorpóreo.

62. Eles abandonam os (corpos) manifestos e imanifestos por meio de seu grande poder yóguico e perecem (desaparecem) como um meteoro ou como o lampejo desvanecente do raio no céu.

63. Por abandonarem todos os corpos (e outros complementos) por meio de seu grande poder yóguico, eles obtêm a condição de não terem nome como rios que se fundem no oceano.

64. Dedicados todos os dias a ritos sagrados e à adoração de preceptores, os Pitrs desenvolvem seu poder yóguico e satisfazem todos (os fazem prosperar).

65. Propiciados em Śrāddha, os Pitrs nutrem Soma (a Lua) fazendo uso do poder yóguico deles, com o qual os três mundos sustentam suas vidas.

66. Por isso Śrāddhas devem sempre ser oferecidos a Yogins[5] com (esforços especiais). Realmente, o esteio dos Pitrs é Yoga e (graças ao) Yoga a Lua atua.

67. Alguém pode alimentar milhares de brâmanes ou tantos quantos cheguem, mas saibam que um conhecedor de Yogas, se satisfeito, merece tudo (propiciar um yogin é tão vantajoso quanto alimentar milhares de brâmanes).

68. O que é comido por mil (brâmanes comuns) convidados, ou por cem *Snātakas* (brâmanes iniciados na vida de chefe de família) ou por um mestre de Yoga, salva uma pessoa de grande temor.

69. Um yogin supera mil chefes de família, cem *Vānaprasthas* (ermitões da floresta) e mil *Brahmacārins* (estudantes celibatários).

70. Prajāpati ordenou: "(Alguém pode ser) um ateu, um malfeitor, uma pessoa de casta misturada ou um ladrão, (mas) ele não pode ter redenção (*Tāranam*) de qualquer outra coisa, exceto (por oferecer) um presente caridoso para aqueles que têm poder yóguico.

71. Os antepassados dele são deleitados como os lavradores por uma boa chuva oportuna, mesmo se o filho ou o neto dele alimenta um meditador (yóguico).

72. Se mendicantes que meditam não estiverem disponíveis, deve-se alimentar dois *Brahmacārins*. Quando eles também não estão disponíveis, deve-se alimentar um chefe de família não muito absorto em assuntos mundanos."

73. É a injunção de Brahma que um yogin meditador é maior que alguém que (faz penitência) por cem anos de pé sobre uma perna e absorvendo nada mais que ar.

74-76. Os Siddhas vagam sobre a Terra no disfarce de brâmanes. Por isso a pessoa deve se aproximar do convidado que chega com palmas unidas em reverência. Ele deve honrá-lo com o recipiente que contém materiais de adoração. Ele deve lhe oferecer lugar de residência e comida. Os mestres de Yoga assumem

5 Os versos 66-74 enfatizam a importância de alimentar um yogin na ocasião de Śrāddha. Isso é reiterado especificamente em um capítulo posterior. Isso mostra o respeito profundo por yogins antigamente.

diversas formas e sempre vagam pela terra cercada pelo oceano. Eles são (nada menos que) Devas. Eles protegem justamente as pessoas. Consequentemente todo homem deve oferecer doações caridosas para um convidado brâmane. Eu devo narrar aqueles presentes caridosos e os resultados disso.

77-**79**. Abrigar yogins é muito melhor que milhares de sacrifícios de cavalo, centenas de sacrifícios Rājasūya, e milhares de sacrifícios Pundarika. O primeiro daqueles sete grupos de Pitrs de brilho imensurável foi descrito. Esse grupo existe sempre com a concepção de Tempo[6] (?). Daqui em diante, eu narrarei novamente todos os grupos de Pitrs, sua progênie, sua situação e sua *Bhāvanā* (concepção) na ordem correta.

6 'Santificando os mundos' – *Brahmānda P.* 2. Cap. 9, v. 76.

Capítulo 11[1]: O Nascimento de Skanda; Regras Prescritas para Śrāddha

Sūta disse:

1. No céu há sete grupos excelentes de Pitrs altamente inteligentes. Quatro deles têm formas e três são informes (*Amūrtis*). Compreendam enquanto eu descrevo a atividade criativa deles no mundo.

2-4. (Eu descreverei) aquelas que são proclamadas (em Smrtis) como as filhas deles e os filhos das filhas. Há três grupos excelentes daqueles que assumem corpos e formas dhármicos. Eu narrarei brevemente seus nomes e atividade criativa. O grupo desincorporado de Pitrs, os filhos de Prajāpati, residem nos mundos brilhantes chamados Virajas. Ó brâmanes, eles pertencem a Virājas. Por isso eles são famosos como Vairājas excelentes. Eu assim citei o primeiro grupo de Vairājas.

5. A filha mental deles de cor formosa, Menā, é a esposa da grande montanha Himavān. Dela nasceu o filho Maināka.

6. A montanha Maināka, a portadora de todas as ervas medicinais, a mina de todas as pedras preciosas, o líder sagrado das montanhas, nasceu dela. Krauñca era filho dele[2].

7. O rei das montanhas gerou três filhas de Menā, isto é, Aparnā, Ekaparnā e a terceira Ekapātalā.

8. Duas delas tinham suporte, (elas tinham seus domicílios permanentes). Mas Aparnā fez penitência sem um domicílio. Ekaparnā tinha uma árvore Nyagrodha como sua residência e Ekapātalā tinha a árvore Pātala (flor de trombeta) como sua residência. Por cem mil anos, elas fizeram tal penitência que era difícil de ser realizada até mesmo por Devas e Dānavas.

9. Uma única folha era a dieta de Ekaparnā e uma única flor Pātala (flor de trombeta) era a dieta de Ekapātalā.

10. Ambas comiam seu alimento uma vez, (quando) mil anos tinham sido completados. Uma das filhas (isto é, Aparnā) permaneceu sem comer. A mãe delas falou com ela dessa maneira.

11-12. Por afeição, a mãe aflita a proibiu com as palavras "*U*" "*Mā*" (Ó filha, não faça). Visto que ela foi abordada desse modo pela mãe dela, a dama gentil abençoada que realizava a tarefa (penitência) difícil ficou famosa como "*Umā*." A dama auspiciosa obteve o nome derivado da ação dela[3].

13. O mundo de (sustentado por?) essas três senhoras sobreviverá para sempre. Ele se orgulhará da penitência delas enquanto a terra durar.

14. Todas as três, dotadas de poder yóguico, mantinham seus corpos por meio de sua penitência. Todas aquelas damas gentis abençoadas possuíam juventude permanente.

15. Todas elas eram explicadoras de Brahman. Todas elas eram celibatárias. Umā era a maior (primogênita), a (moça) mais excelente da cor mais formosa.

16. Dotada de grande poder yóguico, ela obteve Mahādeva (como seu marido). O filho adotado dela era Uśanas, o filho de Bhrgu.

17. Ekaparnā era a esposa de Asita. Ela era pura e firme em seus votos sagrados. Ela foi dada àquele mestre inteligente de Yoga por Himavān. Ela deu à luz o filho mental Devala que era absorto em meditação sobre Brahman.

---

[1] Esse capítulo é textualmente semelhante ao *Brahmānda Purāna* 2. Sec. 3. Cap. 10. Referências são dadas a versos naquele capítulo.

[2] [Veja o *Harivamsa Parva*, cap. 18.]

[3] Kālidāsa se refere a isso no *Kumarasambhava* 1.26.

18. Ekapātalā, a terceira dessas filhas, obteve Jaigīsavya, o filho de Śataśilāka, como marido dela.

19. Os filhos dele, Śañkha e Likhita[4], são lembrados como não nascidos do útero. Assim (essas) são as abençoadas e auspiciosas filhas de Himavān.

20. Rudrānī era a melhor entre elas. Ela superou as outras por suas boas qualidades. Entre Umā e Śañkara o amor mútuo (era ideal).

21. Ao perceber que eles estavam em abraço íntimo, o matador de Vrtra (isto é, Indra) ficou apreensivo. (O deus do fogo) foi enviado para perto deles por Indra que tinha medo do nascimento de um filho deles ocupados em relações sexuais.

22. (Ele disse a Agni) "Ó deus do fogo, crie um impedimento nas relações sexuais deles. Você está presente em todos os lugares. Assim não pode haver qualquer culpa (em você ir até lá)."

23. Quando lhe foi falado assim, o deus do fogo agiu conformemente. Abandonando (isto é, fora do) corpo de Umā, o sêmen viril foi liberado no chão (por Śiva).

24. Ó Śāmśapāyana, então o deus do fogo foi amaldiçoado pela deusa enfurecida. Com palavras sufocadas pela raiva, ela falou assim ao deus do fogo:

25. "Ó Fogo, como você causou um impedimento na relação sexual mesmo antes de eu ter ficado satisfeita, então você cometeu uma ação que você não deveria ter cometido, você de mente má!

26. Como o sêmen viril brilhante de Rudra não foi retido (em meu útero), você mesmo deve manter o feto a título de castigo (por esse ato)."

27. O deus do fogo que, devido à maldição colérica de Rudrānī, teve que carregar o feto dentro dele, o reteve por vários anos, ó brâmanes.

28. Aproximando-se (do rio) Gañgā, ele disse: "Ó rio excelente, que isso seja ouvido. Angústia extrema é causada a mim pela retenção do feto.

29. Ó rio, para meu alívio e bem-estar, por favor, carregue esse feto. Devido ao meu favor benevolente, sua dificuldade será menor."

30. Dizendo "Assim seja", o grande rio muito satisfeito segurou o feto, (embora) com a mente queimando (porque havia sensação ardente dentro dela).

31. Embora ela estivesse afligida por grande dor, ela manteve o feto por um longo tempo.

32. O feto foi colocado em uma fenda auspiciosa de Himavān por ela. Há uma floresta auspiciosa chamada Śaravana onde diversas árvores estavam florescendo. Foi lá que ela depositou o feto que era brilhante como fogo.

33. Foi lá que o filho de Rudra, Agni e Gañgā nasceu. Ele tinha brilho rosado. Ele era valoroso e brilhante como centenas de sóis.

34. Quando aquele filho abençoado (Kumara) de Jāhnavī (Gañgā) nasceu, o céu estava coberto (lotado) com carros aéreos, como se por pássaros.

35. Tambores celestiais produziam som agradável no céu. Siddhas e Cāranas que se movem no céu derramaram chuvas de flores.

36. Os principais Gandharvas, Yaksas, Vidyādharas e todos os Siddhas e Kinnaras cantavam (canções laudatórias) em todos os lugares.

37. Milhares de grandes serpentes e aves excelentes se aproximaram com reverência do filho de Śañkara nascido através de Agni. Daityas, Dānavas e Rāksasas foram derrubados por ele por meio de sua bravura.

38. Mesmo no próprio início, o filho de Agni foi observado pelas esposas dos Sete Sábios (com exceção de Arundhatī) que tinham ido lá para suas abluções.

39. O filho grandioso de Rudra, parecendo o sol nascente, foi cercado por aquelas senhoras que foram muito afetuosas (para ele), como se elas eram as verdadeiras mães dele.

---

4 Obras de Smrti são atribuídas a eles, embora a antiguidade daquelas obras seja duvidosa.

40. Desejoso de ver todas aquelas senhoras simultaneamente, por afeição por elas, o filho extremamente brilhante de Jāhnavī criou seis faces e ele era muito glorioso[5].

41. Ele era glorioso e ele parecia o sol do meio-dia. Ele tinha olhos como as pétalas de loto. Quando ele nasceu, o esplendor de todos os mundos foi ofuscado.

42. Os grupos de Dānavas, que não podiam tolerar os Devas, tiveram um expurgo [evacuação intestinal liberada por causa do medo excessivo, *Brahmānda P*.] (*Skandita*) quando aquele grande (deus) nasceu e (por isso) aquele (deus) corajoso foi conhecido como 'Skanda.'[6]

43. Porque o (deus) antigo, o matador de Asuras, tinha sido nutrido (alimentado do peito e) criado pelas Krttikās, ele se tornou famoso como Kārttikeya.

44. Enquanto aquele inimigo de Daityas estava bocejando, sua (arma) Śakti (lança) chamada Aparājitā (invicta) saiu de sua boca, brilhando com chamas de fogo.

45-**46**. Para o propósito do passatempo de Skanda, dois pássaros chamados Prabhadrakas, um pavão e um galo, foram criados de Garuda por Visnu, o deus poderoso. Uma bandeira foi dada por Vāyu (deus do vento). Um grande Vīnā (alaúde) de som alto foi presenteado por Sarasvatī. Uma cabra foi dada pelo (deus) nascido por si mesmo (isto é, Brahma) e um carneiro foi dado por Śambhu.

47-**48**. Ó brâmanes, quando a (montanha) Krauñca foi derrubada na diversão dele por Māyā (seu poder ilusório), quando o líder ascendente de Asuras, Tāraka, também foi derrubado, o filho grandioso de Agni, o inimigo valoroso de Daityas, foi coroado como comandante supremo (do exército deles) pelos Devas abençoados incluindo Indra e Upendra.

49-**50**. O comandante supremo do exército dos Devas também é chamado de Naranāyaka (o líder de homens), o assediador dos inimigos de Devas, Skanda e o senhor e mestre de todos os mundos, por Pramathas, pelos diferentes tipos de Devas e os grupos de Bhūtas, pelas várias mães e os grupos de Vināyakas.
(Algumas linhas do texto estão faltando.[7])

51. (Enquanto) escorregando do céu e caindo, ela viu as carruagens aéreas tão pequenas quanto uma partícula de pó e nelas ela viu os Pitrs caídos.

52. Eles eram muito sutis e não abandonados[8] (?). Eles eram como faíscas de fogo fixadas em faíscas de fogo. Caindo de cabeça para baixo, ela apelou para eles, "Salvem-me."

53. Ela foi consolada por eles: "Não tema". Quando assim incitada, ela ficou serena [ou fixa]. Então ela propiciou aqueles Pitrs com palavras que despertaram piedade.

---

5 O *Mahābhārata, Anuśāsana Parva*, caps. 85 e 86 dão uma versão diferente do nascimento de Skanda e da causa das seis faces dele.

6 De acordo com o *Mahābhārata*, a criança veio a ser conhecida como Skanda devido à rejeição do sêmen de Siva por Agni e Gañgā.

7 As linhas faltantes são rastreáveis ao *Brahmānda P.* 2.3.10. vv. 53-b a 58. Elas são traduzidas aqui para preencher a lacuna:

53b-54. "É ouvido que os Pitrs chamados Barhisads são Somapas (bebedores de Soma). A filha mental dos Pitrs era o rio chamado Acchoda.

55. Aqueles Pitrs nunca tinham sido vistos antes por ela. Ela nasceu como a filha mental deles. Por isso ela não conheceu os Pitrs dela.

56-57. Contrariando aqueles Pitrs genuínos, ela escolheu o filho de Aila, bem conhecido como Amāvasu, como pai dela. Ele estava atravessando o céu acompanhado pela Apsara chamada Adrikā. Ele estava sentado em uma carruagem aérea no firmamento. Mas devido à transgressão dela (do pai real dela), ela era incapaz de se mover no céu.

58. Depois de buscar outro pai (isto é, Amāvasu) ela decaiu de seu poder yóguico e caiu."

Despois disso vem o verso 51 do nosso texto.

8 'Não claramente visíveis ou manifestos' é uma leitura melhor no *Brahmānda P*. v. 59, porque descreve a sutileza deles.

54. Aqueles Pitrs falaram com a moça que perdeu sua glória devido à transgressão dela: "Ó dama de sorrisos brilhantes, você perdeu sua prosperidade devido à sua própria falha. (Por isso) você cai.

55. Divindades (deuses) obtêm (sofrem) os resultados das ações deles por meio dos mesmos corpos com os quais eles realizaram aquelas ações.

56. No caso dos Devas, as ações frutificam imediatamente. No caso dos seres humanos, elas frutificam depois da morte. Por essa razão você obterá a condição da filha de Amāvasu depois da morte e obterá o resultado."

57. Ao ouvir isso (dos Pitrs dela), ela propiciou os Pitrs novamente. Depois de meditarem (por algum tempo), eles tiveram pena dela e ficaram pacificados e satisfeitos.

58-**59**. Ao preverem o que estava destinado a acontecer seguramente, os Devas, os Pitrs bebedores de Soma, falaram à moça, "Você se tornará a filha do rei Amāvasu de alma nobre, que é nascido na terra como um ser humano, e posteriormente chegará a esses seus próprios mundos.

60. No vigésimo oitavo Dvāpara Yuga você nascerá do útero de um peixe; você será a filha desse mesmo rei Amāvasu e (da donzela celestial) Adrikā.

61. Você dará à luz o sucessor do sábio Parāśara. Aquele sábio bramânico dividirá o único Veda em quatro partes.

62-**63**. Só você só dará à luz dois filhos que vão elevar a glória de Mahābhisa (?) Śantanu – os filhos Vicitravīrya, o conhecedor de Dharma, e Citrāñgada, o rei dotado dos atributos de esplendor e força. Depois de dar nascimento a esses filhos, você recuperará seus próprios mundos.

64. Devido à sua transgressão com relação aos Pitrs, você obterá aquele nascimento desprezível. Você se tornará a filha do mesmo rei e Adrikā.

65. Depois de se tornar filha (dele), você recuperará esses mundos." Assim abordada, ela nasceu como Satyavatī, a filha de um pescador.

66. Na confluência do Gañgā e Yamuna, ela nasceu do peixe Adrikā. Ela nasceu como a filha de Amāvasu em Adrikā o peixe[9].

67. De fato, ela era a filha daquele rei (nascendo do) sêmen viril do rei. Os mundos chamados "Virajas" se encontram no firmamento. Lá aqueles grupos (de Pitrs) brilham.

68. Lá os Pitrs são os Agnisvāttas de brilho resplandecente. Com o desejo de (obter), resultados excelentes, grupos de Dānavas, Yaksas, Rāksasas, Gandharvas, Kinnaras, Bhūtas, serpentes e Piśācas os adoram.

69. Assim, esses filhos de Pulaha, o Prajāpati, foram descritos. É dito que esses grupos são três. Eles são auspiciosos e assumem forma de Dharma.

70. A filha mental deles é (será) famosa pelo nome de Pīvarī. Ela era (será) reputada como sendo uma yoginī, uma esposa yóguica e uma mãe yóguica.

71. No (futuro) vigésimo oitavo Dvāparayuga (um sábio) de grande penitência chamado Śuka nascerá na família de Parāśara.

72. Ó brâmanes excelentes, ele será um yogin glorioso e notável. Yoga (se difundirá) por causa dele. Ele nascerá de Vyāsa, do *Arani* (um pedaço de madeira usou para a produção de fogo através de atrito) como o fogo sem fumaça.

73. Na filha (mental) dos Pitrs, ele gerará estes preceptores yóguicos bem conhecidos, isto é, Krsna, Gaura, Prabhu, Śambhu e Bhūriśruta.

74. Ele gerará uma filha Kīrtimatī que será uma yoginī e uma mãe yóguica. Ela se tornará a rainha de Anuha e a mãe de Brahmadatta.

75-**76**. Depois de gerar esses filhos e obter grande poder yóguico, ele se tornará um grande yogin e asceta. Ele atingirá aquela meta da qual não há retorno. Como os raios do sol, ele chegará à condição de não renascimento. O grande sábio se tornará onipresente e libertado.

---

[9] Nas linhas faltantes no texto completado a partir do *Brahmānda P.* (vv. 55-58) e vv. 51-66, os escritores de Purānas usaram o motivo maldição para explicar a vida matrimonial incomum de Satyavatī.

77. Esses três são os Pitrs desincorporados que assumem formas dhármicas. Há quatro outros. (Ouçam e) escutem.

78. Ó brâmanes excelentes! Os Pitrs que eu descreverei assumem formas de grande brilho. Eles são Kāvyas, filhos de Agni, Kavi (o sábio?) nascido de Svadhā.

79. Esses são os Pitrs que resplandecem nos mundos de Devas com seu esplendor entre os corpos luminosos. Eles são ricamente dotados de todos os objetos desejáveis e os brâmanes os veneram.

80. A filha mental deles era famosa no céu pelo nome de Gau. Kumāra deu um exército a ela[10]. Ela se tornou a rainha amada de Śukra.

81. Houve trinta e um Pitrs que elevaram a glória dos Bhrigus. Os mundos deles eram conhecidos como *Maricigarbhas* (tendo raios no interior) que envolvem os céus.

82. Aqueles filhos de Añgiras, nutridos junto com Sādhyas, são lembrados como os Pitrs Upahūtas. Eles brilham no céu. Olhando para eles, os grupos Pitr de ksatriyas, aqueles que desejam benefícios, os veneram.

83. A filha mental deles é bem conhecida pelo nome de Yaśodā. Ela era a esposa de Viśvamahān e a nora de Viśvaśarmin.

84.[11] A senhora gentil era a mãe do rei religioso Khatvāñga de alma nobre, em cujo Yajña um *Gāthā* (verso laudatório) foi cantado antigamente por grandes sábios.

85. Depois de verem o nascimento a partir do fogo (no Yajña) de Śāndilya de alma nobre, os Devas imortais conquistando o céu com pureza mental observam o Yajamāna (sob cujo patrocínio o Yajña é realizado) Dilīpa, a alma nobre de ritos verdadeiros.

86. Ajyapas eram os Pitrs de Kardama, o Prajāpati, que nasceu de Pulaha. Eles nasceram dele novamente.

87. Movendo-se no céu, eles estão colocados nesses mundos que vagam como lhes agrada. Grupos de vaiśyas que são desejosos de benefícios veneram esses em Śrāddha.

88. A filha mental deles é famosa pelo nome de Virajā. A dama casta era a esposa de Nahusa e a mãe de Yayāti.

89. Sukālas são os Pitrs de Vasistha, o Prajāpati. Eles são os filhos de Hiranyagarbha.

90. Há os mundos chamados Mānasas onde esses estão posicionados. A filha mental deles é Narmadā, o mais excelente dos rios.

91. Fluindo na região sul, ela santifica seres vivos. Ela era a esposa de Purukutsa e a mãe de Trasadasyu.

92. Manu se tornou o senhor de Manvantara por adotar esses (Pitrs). No princípio do Manvantara, ele inicia todos os tipos de Śrāddhas.

93. Ó brâmanes excelentes, (eu descrevi) todos os Pitrs na ordem correta deles. Por isso Śrāddha deve ser oferecido com fé conforme o Dharma da pessoa.

94. Um Śrāddha oferecido em recipientes feitos de prata ou naqueles de liga de prata, depois de proferir Svadhā, propicia Pitrs.

95. Pela propiciação de Soma, Agni e Vaivasvata (Manu), e pela realização de Homa no fogo sacrifical durante o trânsito norte (do sol), a pessoa obterá o resultado de um Aśvamedha (um sacrifício de cavalo).

---

[10] O *Brahmānda P*. v. 87 lê 'Ela foi dada por Sanatkumāra'. A leitura do *Brahmānda P.* merece adoção aqui porque a próxima linha lê "Ela se tornou a amada. .. de Śukra."

[11] Os versos combinados podem ser construídos da seguinte maneira:

Aquela senhora religiosa era a mãe do sábio real Khatvanga de alma nobre. Ao verem o nascimento de Sandilya de alma nobre do fogo (sacrifical) no sacrifício dele, os grandes sábios cantaram o (seguinte) verso laudatório (*Gatha*):

"Aqueles imortais que vêem o Yajamana (o patrocinador do sacrifício) Dilipa com total concentração (se tornam) os conquistadores do céu - tão verdadeiro é Dilipa de alma nobre no cumprimento de seus votos."

96. Pitrs deleitam aquele que propicia Pitrs com devoção. Não há dúvida que os Pitrs concedem nutrição ou progênie.

97. Os ritos de Pitrs são sempre muito superiores aos ritos de divindades. É ordenado que a propiciação de Pitrs deve ter prioridade sobre a de divindades.

98. O movimento (ou meta) sutil do Yoga ou a saciedade dos Pitrs não é visível pelo olho físico. Só obtendo *Siddhi* especial por meio de penitência eles podem ser vistos.

99. Desse modo os Pitrs, seus mundos, suas filhas, seus netos, seus Yajamānas e aqueles que os veneram foram narrados.

100. (Das sete classes de Pitrs) quatro têm formas e três são informes. Os Devas os glorificam e oferecem Śrāddhas para eles devotamente e assiduamente[12].

101-104. Todos os Devas inclusive Indra concentram suas mentes neles. Eles unem suas palmas em reverência e os adoram com devoção. Viśvedevas, Sikatas, Prśnijas, Śrñgins, Krsnas, Śvetas e Ajas os cultuam devidamente. Desejosos de benefícios, os indivíduos Vātaraśanas, Divākīrtyas, Lekhas, Maruts, Brahma e outros habitantes do céu, Atri, Bhrgu, Añgiras e todos os outros sábios, Yaksas, Nāgas, Suparnas, Kinnaras, e Rāksasas sempre adoraram Pitrs.

105. Esses (Pitrs) de alma nobre, se honrados e adorados adequadamente em Śrāddha, concedem todos os desejos cem vezes e mil vezes.

106. Esses avôs (Pitrs) concedem poder yóguico (e prosperidade) e libertação (de Samsāra) depois que a pessoa abandonou os três mundos de existência normal que envolvem velhice e morte.

107. Pitāmahas, as divindades de corpos sutis, concedem os meios de salvação, *Aiśvarya* (prosperidade), total liberdade de espírito e infinitude.

108. Yoga praticado é *Aiśvarya*; e *Aiśvarya* é a riqueza excelente. Sem Yoga e *Aiśvarya* a libertação (de Samsāra) é impossível (de ser alcançada).

109. Isso (*Moksa*) é tão impossível quanto o movimento de um pássaro áptero no céu. *Mokshadharma* é o maior de todos os Dharmas e eterno.

110. Pitāmahas (espíritos dos mortos) outorgam milhares de carruagens aéreas acompanhadas por grupos de Apsaras e ricamente equipadas com todas as coisas desejáveis.

111. Intelecto, nutrição, poder de memória, intelecto, reino e saúde só podem ser obtidos pela graça dos Pitrs de alma nobre.

112. Pitāmahas concedem crores de pedras preciosas, pérolas, lápis lazúli, trajes e milhares de cavalos e elefantes.

113. Pitāmahas sempre conferem a homens carruagens providas com cisnes e pavões, enfeitadas com pérolas e lápis lazúli e enfeitadas com sinos tilintantes, e munidas de flores e frutas perpétuas.

---

[12] A discussão sobre as sete classes de Pitrs, suas filhas mentais e outros pormenores podem ser arranjados em forma de tabela como abaixo:

Classe de Pitris	***Nomes das Filhas deles e outros detalhes:***
1. **Vairajas**	Menā, esposa de Himavān, mãe de Uma, cônjuge de Śiva.
2. **Barhisads**	Acchoda, adotou o rei Amāvasu como pai; amaldiçoada por Pitrs; se tornou Satyavatī, mãe de Vyāsa e rainha de Śantanu.
3. **Agnisvāttas**	Pivari, casada com Suka, o filho de Vyāsa.
4. **Kavyas** (filhos de Agni e Svadhā)	Yogotpatti também chamada Ekasrnga casada com Śukra.
5. **Upahutas** (filhos de Añgiras)	Yasodā, rainha mãe do rei Khatvanga.
6. **Ajyapas** (filhos de Pulaha)	Virajā, casada com o rei Nahusa, mãe de Yajati.
7. **Sukala** (filhos de Vasistha)	Narmadā (o rio), esposa de Purukutsa e mãe de Trasad-dasyu.

Desses grupos os (5), (6) e (7) são recomendados especialmente para culto para ksatriyas, vaiśyas e śūdras. *Manu* III. 193-198 difere levemente na designação de Varnas a Pitrs.

Capítulo 12: O Processo de Śrāddha (Continuação)

Brhaspati disse:

1. É dito (em Dharma-Sāstra) que os recipientes de (destinados aos) Pitrs devem ser feitos de ouro, prata ou cobre. É dito que um recipiente de prata ou com revestimento de prata é próprio para Pitrs[1].

2. Mostrar ou doar prata é proclamado como um *Dana* adequado para Pitrs e é conducente à obtenção de céu infinito e perpétuo. Filhos bons habilitam os Pitrs a cruzarem (o inferno) por meio desse *Dana* (presente religioso).

3. Ó caro, foi em recipiente prateado que Svadhā foi ordenhado antigamente por Pitrs buscando obter Svadhā. Ó caro, se for doado, ele rende benefício perpétuo.

4. A presença próxima, visão ou doação da pele de um antílope preto é conducente à destruição de Rāksasas. Ela aumenta o esplendor bramânico e permite que os Pitrs atravessem (o inferno).

5. Recipientes feitos de ouro, prata ou cobre, sementes de gergelim, *Kutapa* (isto é, o oitavo *muhūrta* do dia) ou grama Kuśa, sementes de sésamo, roupas e *Tridandi Yoga* (isto é, o Yoga da mente, fala e corpo) – todos esses são objetos sagrados.

6. No rito sagrado de Śrāddha, o ritual seguinte prescrito pelo deus Brahma é o mais excelente e eterno. Ele é conducente a aumento de fama, longevidade, progênie, intelecto e linhagem.

7. Na direção sudeste, especialmente no ponto (canto) intermediário entre eles [sul e leste], (deve ser o lugar-altar no *Brahmānda P.* para Śrāddha). Ele deve ser bem situado e quadrado moldado com lados iguais a um *Aratni* (a distância entre a extremidade do punho e o cotovelo).

8. Eu mencionarei o lugar apropriado para os ritos sagrados de Pitrs conforme as injunções das escrituras. Ele é conducente à obtenção de riqueza, saúde e longevidade. Ele aumenta força e brilho de aparência.

9. No lugar (planejado para Śrāddha), três covas (devem ser cavadas) e três varas de madeira Khadira devem ser colocadas. Elas (as varas) devem ter um *Aratni* (distância entre a extremidade do punho e o cotovelo) de comprimento e devem ser embelezadas com (faixas de) prata. (As covas) devem ter um *Vitasti* (o palmo ou a distância entre o polegar e o dedo mindinho quando eles estão esticados para cada lado) de profundidade[2], e os quatro lados devem ter quatro *Añgulas* (dedos) cada.

10. As varas não devem ser ocas e elas devem ser colocadas no chão com suas faces apontando para o sudeste. (O realizador de Śrāddha) deve estar puro e deve lavá-las com águas sagradas ou águas tornadas sagradas pelo uso do anel de grama Darbha (chamado *Pavitra*) usado pelo realizador de Śrāddha.

11. A purificação (*Śodhana*) pode ser executada com leite de cabra ou leite de vaca e água. Por meio deste *Tarpana* (oferecimento de água sagrada) a satisfação (dos Pitrs) será permanente.

12. Ele será próspero nessa e na outra vida. Ele será (abençoado com os resultados de) todos os ritos sagrados. Se uma pessoa sempre se banha três vezes por dia e adora os Pitrs com Mantras conforme o procedimento prescrito, ela obtém o fruto (da realização) de um sacrifício de cavalo (*Aśvamedha*).

13. No dia de Lua Nova, os materiais de Śrāddha devem ser colocados na cova no chão de quatro *Añgulas* de comprimento. Esses rituais são chamados de *Trih-sapta-yajña* (três vezes sete Yajña). Todos os três mundos são sustentados por eles.

---

[1] Veja o *Visnu Dharmaśāstra* 79.14-15: [**14**. Ele deve usar recipientes metálicos; **15**. Especialmente recipientes feitos de prata.] O *Yajnavalkya* [*Smrti,* cap. 10. v. 237] recomenda 'recipientes ... especialmente feitos de prata'. Veja também o *Matsya Purāna* 17.19-22; e o *Brahmānda P*. 2.3.11-1.

[2] *Karyi* no texto mas *gartah* do *Brahmānda P.* 2.3.11.10 é melhor.

14. Ele obterá nutrição, prosperidade, longevidade e progênie. Vários tipos de fortuna recorrerão a ele e ele gradualmente obterá libertação (de Samsāra).

15. Isso remove pecados. Isso santifica. Isso tem o mesmo resultado de um sacrifício de cavalo. Eu mencionarei aquele *Mantra* composto por Brahma. Ele é o *Amrta* (imortal ou nectáreo) e é honrado e adorado por brâmanes e concede (o resultado do) Aśvamedha.

16. *O Mantra*: "Reverências a todas as divindades, aos Pitrs, aos grandes Yogins, a Svadhā. Reverências para sempre a Svāhā[3]."

17. No início e na conclusão do Śrāddha, esse Mantra deve sempre ser repetido três vezes. O devoto deve repeti-lo, com pureza mental, quando ele oferece os bolos de arroz também. Os Pitrs chegam depressa e os Rāksasas fogem.

18. Regularmente repetido na hora do Śrāddha por explicadores de Brahman, esse Mantra permite que os Pitrs cruzem (o inferno) nos três mundos.

19. Uma pessoa desejosa de reino sempre deve repetir esse Mantra com vigilância. Ele aumenta virilidade, pureza, riqueza, qualidades sátvicas, prosperidade, longevidade e força.

20. Eu mencionarei o Mantra *Saptārcis* que é auspicioso e que concede todos os desejos. Por repeti-lo regularmente, os Pitrs são propiciados.

21. O *Saptārcis*[4] Mantra: "Eu sempre presto homenagem àqueles que estão empenhados em meditação por meio de visão yóguica, aos Pitrs encarnados e desencarnados de esplendor brilhante.

22. Eu me curvo aos Sete Sábios e Pitrs que realizam todos os desejos e que são os progenitores de Indra e outros (Devas) e de Bhrgu e Mārīca (Kāśyapa).

23-24. Depois de reverenciar todos os Pitrs que dão felicidade a Manu, e outros senhores de Suras e o sol e a lua, eu me inclino com palmas unidas em reverência aos Pitāmahas, os progenitores das constelações, dos (seres) móveis (e dos imóveis) e do céu e da terra.

25. Com palmas unidas em reverência eu me curvo àqueles que concedem intrepidez, àqueles que são venerados por todos os mundos e aos progenitores dos sábios divinos.

26. Com palmas unidas em reverência, eu me curvo a Prajāpati, Kāśyapa, Soma, Varuna e aos senhores de todo Yoga.

27. Reverências aos sete grupos de Pitrs nos sete mundos. Reverências ao autonascido Brahma de visão yóguica."

28. Desse modo o Mantra honrado pelos grupos de Brahmarshis junto com os Sete Sábios foi mencionado. Ele é altamente sagrado e santificado. Ele é conducente à prosperidade e destrutivo de Rāksasas.

29. O homem que (realiza Śrāddha) de acordo com essas injunções obtém três benefícios. Pitrs concedem alimento, longevidade, e filhos (para as pessoas) na terra.

30. Aquele que é dotado de grande devoção, que tem fé, que tem controlado seus sentidos e que sempre repete esse *Saptārcis Mantra* com pureza, se torna o único Imperador na terra que consiste em sete continentes e oceanos.

31. Se alguma coisa é cozida na casa, seja um comestível saboroso ou comum, ele nunca deve ser comido naquela casa sem oferecê-lo primeiro (para as divindades).

32. Daqui em diante, eu descreverei, na ordem correta, os recipientes destinados para oblações para Pitrs. Enquanto eu narro, ouçam os respectivos benefícios (de usar oblações) nos diferentes recipientes.

---

[3] Hemādri considera esse como o Saptārcis Mantra, veja o *Caturvarga Cintamani*, Śrāddha, págs. 1079 e 1208. Esse mantra é aceito no *Skanda Purāna* VII. 1 - 206; 114-116; *Garuda P.* (Acara) 218.6, A.

[4] Esses sete versos 21-27 são chamados de 'Saptārcis Mantra. Veja o *Brahmānda P.* 2.3.11. 23-29. Em contraste com Hemādri nosso texto chama esse de *'saptārcis'* Mantra.

Capítulo 13: O Processo de Realização de Śrāddha (Continuação)

Brhaspati disse:

1. É citado (em escrituras que) uma folha da árvore Palāśa (*Buteafrondosa*) é conducente a esplendor bramânico[1]. De modo que reino é concebido (como o resultado, se folhas da) árvore Aśvattha forem (usadas). O domínio de todos os seres vivos é mencionado (ao usar as folhas de) Plaksa (figueira indiana de folhas de limeira) (isto é, os materiais de oblações devem ser colocados em xícaras feitas dessas folhas ou da madeira como no caso de algumas das seguintes).

2. Aqueles que desejam prosperidade, sabedoria, intelecto, e poder de memória (devem usar as folhas da) figueira-de-bengala. O recipiente de folhas de Kāśmarī (uma árvore grande também chamada de Gambhārī) é conducente à fama e destrutivo de Rāksasas.

3. Aquilo que é oferecido em Madhuka (a árvore *Bassia latifoliada*) é considerado excelente e conducente à boa sorte. Alguém que realiza Śrāddha no recipiente de Phalgu (uma espécie de figueira) realiza todos os desejos.

4. O realizador obtém esplendor supremo, especialmente brilho por todos os lados (se a planta-sol for usada - *Brahmānda P.*). Por usar um recipiente de Bilva, riquezas, intelecto e longevidade são sempre obtidos.

5. Se Śrāddha é executado em recipientes de Bambu, Parjanya (nuvem ou o senhor da chuva) sempre derrama chuva em seus campos, parques, lagos e em todas as colheitas.

6. É dito (em Śāstras que) aqueles que fazem oferendas Śrāddha, mesmo uma vez, nesses recipientes excelentes, obtêm o resultado de todos os Yajñas.

7. Aquele que sempre oferece guirlandas fragrantes para Pitrs vem a ser dotado de riquezas e gloria, e resplandece brilhantemente como o sol.

8. Aquele que oferece incenso, resina de látex fragrante e outras coisas para os Pitrs, junto com mel e ghee, obtém o fruto de um sacrifício de cavalo.

9. Um homem que oferece *Dhūpa* (incenso) fragrante reluzente para Pitrs gera filhos de sua esposa (benéficos para ele) aqui e na vida futura. Por isso ele sempre deve oferecer isso aos Pitrs.

10-11. Aquele que sempre oferece assiduamente lâmpadas para os Pitrs obtém poder de visão auspiciosa inigualável no mundo. Ele se torna brilhante na terra. Ele brilha no Céu com esplendor, fama, refulgência e força. Ele se regozija na carruagem aérea cercado por Apsaras.

12. Ele deve oferecer perfumes, flores, incenso e ghee. Depois de propiciar inicialmente os Pitrs com frutas, raízes e reverência, com pureza de mente e corpo, mais tarde o devoto deve adorar brâmanes com alimento e riqueza.

13. Sempre, na hora do Śrāddha, os Pitāmahas (espíritos dos mortos) assumem formas etéreas e, ao verem brâmanes, eles entram neles. Por essa razão eu estou dizendo isso[2].

14-15. Brâmanes excelentes devem ser honrados com artigos de vestuário, comestíveis, doações caridosas, alimento e bebidas, (doações de) vacas, cavalos e

---

[1] Os versos 1-6 enumeram as diferentes árvores, as folhas (isto é, xícaras de folhas) as quais (se usadas por dar oblações aos Pitrs) conferem diferentes bênçãos. O *Śrāddha Sūtra* de Katyayana recomenda o uso de (xícaras de folhas de) árvores sacrificais para Arghya.

[2] Por isso brâmanes devem ser adorados, alimentados e presenteados na ocasião de Śrāddha. A crença que Pitrs assumem forma gasosa e entram nos corpos dos brâmanes convidados é encontrada no *Ausanasa Smrti* V. 4-5. Veja *Manu* III. 189.

aldeias. Se brâmanes são homenageados, os Pitrs ficam satisfeitos. Consequentemente deve-se reverenciar brâmanes excelentes adequadamente.

16. No rito sagrado de Śrāddha, os brâmanes devem executar diligentemente a raspagem, escavação e borrifo de água ritualísticos (com Darbha) (*Ullekhana* e *Proksana*) por meio da mão esquerda e da mão direita!

17. Um homem instruído deve manter prontos, para libação, Darbhas, bolos de arroz, comestíveis, diferentes tipos de flores, perfumes, presentes caridosos e ornamentos.

18. Depois de propiciarem devidamente as pessoas presentes, os brâmanes devem executar o rito *Vaiśvadeva* e então realizar os ritos com *Abhyañga* (óleo de banho) com Darbha (folhas da erva Kuśa) de acordo com as injunções.

19. A excelente oferenda de alimento para Pitrs deve ser feita com uso contrário do fio sagrado. Depois de pronunciar (os nomes de Pitrs) o fio deve ser oferecido a todos eles em lugar de artigos de vestuário.

20. Os ritos de *Khandana*, *Posana* e *Ullekhana* devem ser realizados só uma vez no caso de Devas, e três vezes no caso de Pitrs.

21. Usando um único *Pavitra* (um laço semelhante a anel de grama Kuśa usado em volta de um dedo) na mão e recitando o *Cailamantra*, os bolos de arroz são tocados uma vez para cada um dos Pitrs. Então o benefício de mostrar (é obtido) (?).

22. Os bolos de arroz sempre devem ser oferecidos no chão junto com ghee e sementes de gergelim. O devoto executando Pitr-Śrāddha se ajoelha no chão com o joelho esquerdo o tocando.

23. Ele invoca os pais, avôs e bisavôs e todos os antepassados, e borrifa corretamente por todos os lados os bolos de arroz, por meio da água sagrada (*Pitrtirtha*), cuidadosamente da direita para a esquerda (em sentido anti-horário).

24. Alguns homens desejam um Śrāddha separado para avôs maternos por meio de comida, água, flores e comestíveis de vários tipos.

25. Ele deve oferecer três *Pindas* na ordem apropriada (apertando-os) com o polegar. Eles são conducentes ao aumento de nutrição. Ele deve oferecer os Pindas (por meios de ambas as mãos colocadas) entre os joelhos.

26. (Ao oferecer os Pindas) a mão esquerda deve ser colocada sobre a direita, repetindo o Mantra[3] *'Namo vah pitarah śūksmaih'* (?) sempre cuidadosamente dessa maneira.

27. (Verso defeituoso.) Repetindo cuidadosamente o Mantra "*Namo vah pitarah saumyāh*" (reverências a vocês, ó Pitrs honrados) ele deve oferecer o primeiro Pinda com ambas as mãos e colocá-lo no quadrante sul.

28[4]. (Verso defeituoso.) Com as duas mãos, ele desenha o contorno (?) de um almofariz usando a água do cântaro. Ele deve ter cuidado na prática de devoção.

29. Ele deve oferecer um fio novo de seda ou juta ou uma linha de algodão. Seda tecida tal como pano colorido e *Kauśeya* (uma variedade de seda) devem ser evitadas ao oferecer linha para Pitrs.

30. No sacrifício, mesmo um fio tirado de um pano tecido recentemente deve ser evitado. Esses não agradam os Pitrs. Aqueles que [os] dão não podem prosperar (?).

31. Dizem que o colírio obtido da montanha Trikūta é sempre excelente. Assim também é o óleo extraído de sementes pretas de gergelim.

---

[3] O texto é obscuro e a oração permanece incompleta. O *Brahmānda P.* 2.3.11.62 lê 'deve repetir o mantra (como segue com a finalidade de verter água na forma de uma corrente fina)'.

[4] O *Brahmānda P.* 23.11. 63-64 afirma que o primeiro Pinda deve ser movido para o sul com o mantra: '*namo Sosaya'* e os outros dois Pindas com o mantra '*namo saumyah'*.

Uma comparação com o texto do *Brahmānda P.* 2.3-11.v. 6 e seguintes mostra que, embora o texto do *Vāyu* e *Brahmānda Purānas* seja comum, as linhas estão distribuídas diferentemente nos versos desses textos.

32. Sândalo, Agaru (madeira de babosa fragrante), Tamāla, Uśira, (a raiz fragrante da planta *Andropogon Muricatus*), loto, incenso perfumado, resina de goma e Turuska (branco) – todos esses são artigos excelentes (para uso em Śrāddha).

33. Flores brancas são as mais excelentes. Assim também os lotos vermelhos e azuis. Todas as outras flores podem ser usadas se elas forem perfumadas.

34. As flores Rosa da China [Hibisco], Bhāndīra, Upakāma e Kurandaka sempre devem ser evitadas no rito de Śrāddha.

35. Flores sem odor e flores de odor obnóxio devem ser evitadas naquele momento por alguém que busca prosperidade.

36. Os brâmanes convidados naquela ocasião devem ficar invariavelmente de frente para o norte enquanto sentados. O realizador do Śrāddha deve ficar propriamente de frente para o sul.

37. Ele deve ficar na frente deles e oferecer os *Darbhas* e os *Pindas*. Ele deve adorar seus próprios avôs por meio desse rito.

38-39. É dito que os seguintes objetos são essenciais (em um Śrāddha): Piñjalīs verdes (folhas de grama Kuśa) tão lisas e macias como flores, do tamanho de cerca de um *Ratni*, amolecidas e endireitadas pela água sagrada (*Pitrtīrtha*), azuis perto da raiz e não sujadas por seixos etc. (devem ser usadas). Assim também os tipos de arroz Śyāmāka e Nivāra.

40. Essa (história) foi narrada pelo excelente Prajāpati[5]. Os cabelos dele caíram pelo caminho do céu na terra.

41. Consequentemente as ervas Kāśa são sagradas. Elas sempre são honradas no rito Śrāddha. Os *Pindas* devem ser oferecidos sobre elas por alguém que deseja prosperidade.

42. Aqueles que fazem dessa maneira ficam livres de pecados e defeitos. Os filhos deles são nutridos com esplendor, fama e refulgência.

43. O devoto deve sentar de frente para o sul e espalhar a grama Darbha uma vez para os *Pindas*. As pontas das Darbhas devem estar apontando para o sudeste. O procedimento será descrito da seguinte maneira:

44. Um homem instruído sempre deve realizar Śrāddha com concentração mental. Ele não deve estar abatido nem irritado. Sua mente não deve estar distraída ou desviada em outro lugar.

45. (O seguinte Mantra deve ser repetido.) "Eu aniquilo tudo o que tem impureza em si. Todos os Asuras e Dānavas foram mortos por mim. Todos os Rāksasas, Yaksas, grupos de Piśācas e todos os Yātudhānas (demônios) foram mortos por mim[6]."

46. Todos os Asuras evitam aquele que oferece alimento aos Pitrs por repetir esse Mantra. Rāksasas evitam o lugar onde esse Mantra é recitado.

47. Um brâmane sempre deve realizar Śrāddha de acordo com esse procedimento. Os espíritos dos mortos (Pitāmahas) concederão tudo o que for desejado na mente (por ele).

48. Se o Śrāddha sempre é executado zelosamente, os Pitrs ficam alegres na mente e Rāksasas ficam abatidos.

49. Śūdras sempre devem evitar os seguintes em Śrāddha: *Ksiracāiu*[7] (árvores que produzem suco branco?), árvores chamadas Balvaja (*Eluesine Indica*, uma espécie de grama grossa não apreciada pelo gado) e outros tipos de ervas como Vārana, Lava, Lava-varsa.

---

5 Há alguma lacuna. O *Brahmānda P.* 2.3.11.79-80 afirma que antigamente Prajāpati assumiu a forma de um cavalo e o pelo dele caiu no chão e se tornou grama Kuśa.

6 Citado em *Śrāddha Tattva*, pág. 235. Versos do mesmo significado e semelhança textual são citados por Apararka, mas nesse lugar ele acrescenta o mantra védico '*Apahatah'* (*Vajasaneyi Samhitā* II. 29).

7 'Leite de uma variedade de ovelha chamada *Avi* ' no *Brahmānda P.*, v. 87.

50. Eles devem evitar aplicar colírio, óleo e unguentos como também usar guirlandas. Os ritos deles devem ser executados com Kāśas que crescem novamente (quando cortadas). Todos os benefícios provêm (para eles por meio disso).

51. (Grama) Kāśa e a (grama) Kāśa crescida novamente são (como) o rabo do pavão e seu novo crescimento[8]. (Assim) Pitrs são Devas e Devas são Pitrs.

52-53. Este é o Mantra destinado a flores, incenso, perfumes etc. Puxando (o recipiente de materiais de adoração) para o sul assiduamente por causa de Homa, ele (o realizador de Śrāddha) deve repetir o mantra "Svadhā para Soma, o Pitrmān (que tem Pitrs). Reverências a Añgiras". Ele deve realizar o Homa do tipo mundano ou não divino para o propósito da frutificação do rito sagrado.

54-55. Homa deve ser realizado depois de colocar *Samit* (ramo sacrifical) dentro. O devoto deve manter a mente perfeitamente pura e manter o fogo sagrado rigorosamente puro, repetindo o Mantra, "Svadhā para Agni, o portador de Kāvya. Reverências a Añgiras. Svadhā e reverências a Yama e Añgiras."

56-58. Esses são os Mantras em ordem destinados para Homas. Homas devem ser realizados todos os dias a partir da direção sul para Agni e para Soma no centro[9]. Entre esses dois Homas, um Homa deve ser realizado para Vivasvān (o Sol ou o filho dele Yama?). *Upacāras* (modos de fazer homenagem), repetição de mantra Svadhā, *Ullekhana* (esfregamento ritualístico), Homas, Japas, reverência, particularmente *Proksana* (aspersão), aplicação de colírio, banho de óleo e oferecimento de *pindas* - (todos esses devem ser realizados).

59. Se eles forem executados com Mantras, eles têm o mesmo benefício que um sacrifício de cavalo. Todos os ritos sagrados mencionados acima devem ser feitos assiduamente.

60. No fogo ardente deve ser oferecido bastante ghee. Homa deve ser feito especialmente em um fogo sem fumaça com chamas saltando onduladas, para a frutificação do rito sagrado.

61. Nós ouvimos que, se um Yajamāna executa Homa em um fogo que arde debilmente soltando fumaça, ele fica cego e sem herdeiros.

62. Se há deficiência de combustível, se as chamas estão espalhadas para todos os lados e se esgotaram ou se as chamas estão contaminadas por fumaça, o fogo não é conducente a bons resultados.

63. Se o fogo emite odor ruim, se as chamas são azuladas ou particularmente escuras, ou se o fogo fizer o chão rachar, saibam que há fracasso (no rito sagrado).

64. O fogo resplandecente com uma única chama globular, de cor amarelada (dourada), produzido pelo ghee, é conducente à frutificação do rito. A chama deve ser lisa e deve ondular no sentido horário.

65. (Aquele fogo) é honrado e adorado perpetuamente por homens e mulheres. Por meio disso, os Pitrs eternos vêm a ser honrados e adorados. Eles dão benefícios perpétuos.

66. Potes de barro, recipientes feitos das folhas ou da madeira da árvore Udumbara (*ficus glomerata*), suas frutas e *Samits*, todos esses são considerados muito sagrados em Śrāddha. Eles são muito puros.

67-69. Os diferentes benefícios dos vários tipos de recipientes que eu mencionei com relação ao rito Śrāddha, ó brâmanes excelentes, também são corretos com respeito aos ritos sagrados de natividade. Com relação aos *Samits* também, o mesmo deve ser conhecido. O devoto mantém a mente pura e diz “Eu estou fazendo o rito no fogo.” Então, depois de ser permitido por brâmanes excelentes, que dizem “Faça”, ele deve realizar o Homa no fogo, acompanhado por sua esposa e filhos.

---

8 *Barharm* 'um pavão' é bastante inaplicável. Consequentemente *barhi* (n) 'fogo; grama Kuśa' pode ser a leitura provável.

9 *Uttaratah* 'no norte' no *Brahmānda P.* 2.3.11, v. 95.

70. As árvores seguintes são igualmente merecedoras de sacrifício: Palāśa (*Brahmānda P.*), Plaksa, Nyagrodha, Aśvattha, Vikañkata, Udumbara, Bilva e Candana.

71. As árvores seguintes são especialmente recomendadas para o propósito de *Samits* (ramos sacrificais): Sarala, Devadāru, Śāla e Khadira.

72. Árvores espinhosas campestres também são dignas de sacrifício. Algumas delas são honradas com a finalidade de *Samits* conforme as palavras de Pitrs.

73. Enquanto eu descrevo, ouçam o resultado do rito sagrado para aqueles que realizam Homa com os *Samits* da árvore *Kalkaleya* (romã).

74-75. A madeira de Aloé deve ser desejada por todos. Ela tem o mesmo benefício como aquele de um sacrifício de cavalo. As árvores seguintes devem ser evitadas: Ślesmātaka, Naktamāla, Kapittha, Śālmali, Nīpa, Vibhītaka e as trepadeiras também. Similarmente as árvores nas quais pássaros residem devem ser evitadas. Aquelas árvores que são consideradas como indignas de sacrifício também devem ser evitadas.

76. No decorrer do rito sacrifical, a palavra *Svadhā* é usada no fim do Mantra relativo aos Pitrs e *Svāhā* é usada no caso de Devas.

Capítulo 14: O Procedimento Relativo à Realização de Śrāddha; Os Cinco Mahāyajñas

Sūta disse:

1. Brhaspati declarou (em resposta) que conforme (injunções do) Atharva Veda, Devas são Pitrs, mas também há outros Pitrs.

2. Deve-se especialmente adorar Pitrs antes de Devas. (As pessoas) no mundo adoram os Pitrs antes dos Devas.

3. Daksa teve uma filha famosa no mundo pelo nome de Viśvā. Ó conhecedor de Dharma, ela foi dada devidamente e corretamente para Dharma. É bem sabido que os filhos dela são os Viśvedevas de alma nobre.

4-5. Eles eram muito famosos por todos os três mundos. Eles eram venerados por todas as pessoas no mundo. No belo pico de Himavān frequentado por Devas e Gandharvas, todas aquelas almas nobres fizeram uma penitência muito austera, realizada [?] por todas as Apsaras e frequentada por todos os Devas e Gandharvas.

6. Os Pitrs satisfeitos falaram a eles com uma mente pura (franca): "Nós estamos satisfeitos. Peçam um benefício. Qual desejo (seu) nós devemos realizar?"

7. Quando isso foi mencionado pelos Pitrs, Brahma, o criador dos três mundos, o senhor dos súditos, falou aos Viśvas (Viśvedevas).

Brahma disse:

8. "(Até) Mahādeva de grande brilho foi chamuscado por eles por meio da grande penitência. Eu estou bem satisfeito por aquela penitência. Qual desejo seu eu realizarei?"

9. Assim incitados por Brahma, o criador do mundo, todos eles falaram simultaneamente com Brahma, o criador dos mundos.

10. "Que nós possamos ter uma parte em Śrāddha. Esse é o benefício desejado por nós." Então Brahma falou para eles que eram adorados no céu.

11-13. "O que vocês desejam acontecerá". Os Pitrs disseram "Assim seja", e continuaram, "não há dúvida sobre isso. Tudo o que for realizado aqui também será para vocês junto conosco. No Śrāddha destinado por homens a nós, vocês obterão a prioridade ao estarem sentados. Nós estamos lhes contando a verdade. Eles adorarão vocês no início por meio de guirlandas, perfumes e oferendas de alimento.

14. Tudo será oferecido primeiro a vocês e então a nós. Nossa despedida ritualística ocorrerá primeiro e os Devatās (isto é, vocês) serão despedidos ritualisticamente depois.

15. A proteção de Śrāddha e (concessão) de hospitalidade – esses são os dois atos cerimoniais a serem executados no rito de Śrāddha oferecido para Pitrs e Devatās e Bhūtas. Se isso for feito devidamente, de acordo com injunções, tudo ficará bem."

16. Depois de lhes conceder o benefício dessa maneira, o senhor Brahma, o benfeitor de todos os seres vivos, foi embora alegremente junto com os grupos de Pitrs.

17. Cinco grandes Yajñas foram prescritos nos Vedas. Um homem sempre deve realizar esses cinco Mahāyajñas.

18. (Ouçam) e saibam aonde os realizadores (daqueles cinco Yajñas) vão e onde é o domicílio deles. Eles chegam à residência de Brahman que é livre de medo, desprovida de egotismo, livre de tristeza, livre de esforço e livre de dor. Ela concede todos os desejos.

19. Esses cinco Yajñas devem ser realizados por um śūdra também, mas sem recitar os Mantras. Aquele que come (desfruta) de outra maneira (sem realizá-los) come dívidas todos os dias.

20. Aquele que cozinha para si mesmo é uma alma pecadora e ele come dívidas. Por isso um homem sensato realizará os cinco grandes Yajñas.

21. Alguns desejam que *Naivedya* (oferenda de alimento) seja feita assiduamente mesmo quando os Pitrs estão vivos. Oblação deve ser oferecida junto com libação de água. O cântaro também deve ser oferecido.

22. A oblação deve ser feita bem anunciada. Ela deve ser espalhada por lançá-la bem acima. Oblações pequenas devem ser oferecidas a princípio nos chifres de vacas (?).

23. O Pinda não pode ser oferecido como *Naivedya* aos Pitrs. Eles devem ser alimentados propriamente por oferecer alimentos e comestíveis saborosos. Eu estou mencionando isso enfaticamente como o procedimento prescrito nos Vedas.

24-26. Esses grupos de Pitrs são almas nobres e senhores de Devas. Alguns preceptores desejam que brâmanes sejam adorados primeiro todos os dias, e então o Pinda deve ser oferecido. (Mas) Brhaspati[1] diz para aqueles que são os peritos assuntos de Dharma (prática de rituais), que ele (o realizador de Śrāddha) deve oferecer primeiro o Pinda e então alimentar brâmanes depois. (Pois) Pitrs nascem de Yoga (poder yóguico) e são (eles mesmos) almas yóguicas e grandiosas. Os Pitrs fortalecem e desenvolvem Soma (a Lua).

27. Consequentemente ele (o realizador de Śrāddha), permanecendo puro e ligado devotadamente a yogins, deve oferecer os Pindas para yogins. Essa será a oferenda *Havi* diretamente para Pitrs.

28. Se um único yogin estiver no assento de prioridade entre milhares de brâmanes, ele habilitará o Yajamāna e os brâmanes que partilham do alimento a atravessarem (o oceano da existência mundana) como um barco na água.

29. Onde os maus são aceitos e honrados e onde os bons sãos desrespeitados, um castigo terrível infligido pelos Devas cai sobre eles imediatamente.

30. Se um (brâmane) piedoso que chegou como um convidado é deixado de fora e um tolo é alimentado, o dono da casa renuncia aos seus ritos sagrados anteriores e perece, (ou seja, apesar de seu mérito em um nascimento anterior ele se depara com a ruína).

31. Aquele que busca desfrute (de prazeres mundanos) deve assiduamente entregar o Pinda ao fogo sagrado[2]. Aquele que busca progênie deve dar o Pinda do meio para a esposa dele, porém depois de realizar todos os ritos e mantras intervenientes.

32. Aquele que deseja refulgência excelente sempre oferece (o Pinda) para vacas. Assim também aquele que deseja intelecto, honra, fama e renome, sempre o oferece para vacas.

33. Aquele que busca vida longa o dá para corvos. Alguém desejoso de beleza oferece (oblações) para as aves.

34. Assim o benefício de oferecer Pindas foi descrito. Ou o devoto deve ficar de pé de frente para o sul e pacificar o céu (espalhar as oblações no céu)[3]. O domicílio de Pitrs é o céu e o quadrante deles é o sul.

35. (Defeituoso.) Além disso, brâmanes citam um procedimento de erguer o Pinda. Depois de ser permitido por brâmanes que dizem "Que ele seja levantado seco[4]."

36. A camada superior ou a ponta de flores, frutas, comestíveis e alimento cozido devem ser pegos e oferecidos como oblação no fogo sagrado.

---

[1] Esses versos dão duas visões diferentes sobre a precedência de brâmanes para oferecimento de Pindas. O *Brahmānda P.* 2.3.12.25 tem: "Brhaspati, que é um perito em assuntos de Dharma (prática ritualista) disse que isso (a precedência do culto ao brâmane à oferenda de Pinda) não deve ser assim."

[2] Os versos 31-34 prescrevem a disposição de Pindas e o benefícios que provêm disso. Veja o *Mahābhārata, Anuśāsana*, cap. 125 [pág. 383], para idéias semelhantes.

[3] 'Ou espalhá-las na água' se *'apsu'* (no *Brahmānda P.*) em vez de *'Sthitau'* daqui for aceito.

[4] [O *Brahmānda P.* 2.3.12. v. 36 tem: "Que ele seja levantado livremente."]

37. Depois de entregar os comestíveis, alimento cozido, bebida, e as frutas excelentes ao fogo, ele deve ficar de frente para o sul e oferecer os Pindas.

38. Ele deve propiciar (a eles) com comestíveis oleaginosos, perfumes doces e sucos. Com concentração e pureza mental, ele deve servi-los estando de pé (lá) com palmas unidas em reverência. Um homem dedicado a eles e cheio de fé realiza os desejos.

39. Os avôs (espíritos dos mortos) dão as (seguintes) qualidades a ele: a condição de não ser vil e inferior (não-insignificância), gratidão, cavalheirismo, hospitalidade e a (habilidade para realização de) sacrifícios e doações religiosas.

40. Daqui em diante eu descreverei o procedimento Saumya[5] (pertencente a Soma) depois de os brâmanes terem se alimentado, em ordem. Ouçam, enquanto eu o narro.

41-**42**. O devoto ligado a Pitrs deve borrifar o chão e esfregá-lo no início. Então ele deve espalhar (materiais auspiciosos) conforme as injunções. Ele deve pedir para os brâmanes excelentes cantarem o mantra Svadhā e lhes oferecer abundância de Daksinās. Ele deve obter a permissão deles (quanto ao que deve ser feito com) as sobras da comida. Com palmas unidas em reverência, ele deve segui-los depois de honrá-los devidamente. Ele deve então se despedir.

[5] Como não há 'procedimento Lunar' aqui, isso deve ser aceito como caso de vocativo, 'Saumya' 'Ó gentil', em vez do acusativo como no texto.

Capítulo 15: Lugares Sagrados[1] para Śrāddha

Brhaspati disse:

1. Pitrs adorados mesmo uma vez ficam satisfeitos. Eles são almas yóguicas imperecíveis. Eles são almas nobres de grande poder, e livram de pecados e males.

2-3. Ó amáveis, eu descreverei os lagos santos, rios, locais sagrados, lugares de peregrinação, montanhas e eremitérios para executar Śrāddha, pelo que os Pitrs abençoam (o realizador) com a realização do desejo de profusas riquezas (nesse mundo), alcance do céu depois da morte e libertação de Samsāra no devido tempo.

4-5. A montanha Amarakantaka[2] é a mais sagrada e a mais excelente nos três mundos. Ela é uma montanha sagrada frequentada por Siddhas e Cāranas. Antigamente, o senhor santo Añgiras fez penitência muito severa (difícil para outros fazerem) sobre ela, por milhares de anos, digo, milhões e crores de anos.

6. Enquanto a terra se mantém (dura), o deus da morte, Asuras e Rāksasas não têm acesso lá, nem há algum medo ou infortúnio lá.

7. Aquela montanha excelente resplandece com brilho e renome, da mesma maneira que o fogo Samvartaka (o Fogo na hora da aniquilação do mundo) arde no pico do monte Mālyavān.

8-9. A Kuśa (que cresce lá) é famosa como macia, de cheiro doce, agradável para os olhos e de cor dourada. Elas são bem conhecidas como Darbhas 'tranquilas e quietas'. Bebendo as águas[3] do Narmadā ao sul dela, o senhor santo Añgiras de grande brilho executou Agnihotra antigamente depois de espalhar aquelas Kuśas excelentes em volta do altar e ele viu os degraus que levam ao céu.

10. Eu direi o benefício obtido por aquele homem inteligente que oferece Pindas mesmo uma vez, sobre as Darbhas na montanha Amarakanpaka.

11. Aquele Śrāddha se torna eterno, aumentando o prazer dos Pitrs. Ao chegarem àquele centro sagrado, eles desaparecem para sempre.

12. Até hoje o santo "*Jvālārasa*" é visto lá em todos os lugares. O rio de lá (chamado Viśalyā – um braço do Narmadā) faz todos os seres vivos livres de dardos e espinhos (pecados e misérias).

13-14. Ao sudeste daquela montanha excelente, há um tanque com um redemoinho de água naquela parte contígua à terra de Kaliñga. Ó sábios excelentes, lá se encontra aquele grande centro sagrado Siddhaksetra, que aumenta o deleite de Pitrs. Ele é o maior na terra, aprovado por Devas e Daityas. Uśanas cantou um verso sobre ele.

---

[1] Certos locais, devido à sua associação com os fundadores de fé ou com algumas grandes pessoas ou eventos, foram considerados sagrados por povos do mundo, por exemplo, Meca pelos muçulmanos, Jerusalém pelos cristãos, Bodha Gaya pelos budistas. Esses lugares sagrados têm um efeito psicológico profundo em pessoas de mentalidade religiosa. O Śrāddha deve ser realizado na casa da própria pessoa. Mas como o *Kurma Purāna*, II. 22.17 afirma, lugares santos são a propriedade comum de todos e não de uma pessoa específica. Uma lista de tais lugares santos é recomendada em diferentes Purānas como *Kurma P*. II. 20-32-36, *Matsya P*., cap. 22, *Brahmānda P.* 2.3.13. Existe alguma divergência nas listas mas há uma grande quantidade de sobreposição, porque vários lugares sagrados como Prayaga, Varanasi, Gaya, Puskara são respeitados profundamente por todos os hindus.

Essa tradição antiga de Tirtha-yatra reivindicava o resultado de certos sacrifícios. O caso de ablução em uma lagoa ou rio sagrado e sua alegação de equivalência à realização de um sacrifício afetou adversamente a popularidade e tendência para executar sacrifício – um trabalho oneroso.

[2] Uma montanha no Distrito de Bilaspur de Madhya Pradesh. Visnu Dharma Śāstra 85 - 6 glorifica altamente a realização de Śrāddha nessa montanha. O nosso texto e o *Brahmānda P.* 2.3.13.4-5 dão o crédito de sua santidade à penitência de Añgiras.

[3] *Piban-daksina-nartnadam* - mas aqui 'bebendo' é estranho. O *Brahmānda P.* 2.3.13.8. lê *pari-daksina-narmadam* 'ao sul do Narmada'.

15. "Abençoados são aqueles homens no mundo que, sendo devotados aos Pitrs, os propiciam em Śrāddha depois de chegarem a Amarakantaka.

16. Não há dúvida que eles obterão Siddhi com muito pouca penitência. Se eles são adorados mesmo uma vez em Amarakantaka, os Pitrs atingem o Céu."

17. Na bela montanha Mahendra[4], há um centro sagrado frequentado por Śakra. Se alguém a escala, os Pitrs ficam satisfeitos. O Śrāddha (se realizado) lá, produz grande resultado.

18. Se alguém pratica Yoga em seu pico mais baixo chamado Bilva (Vailāta no *Brahmānda P.*), ele obtém visão divina. Ele se torna invisível para todos os seres vivos e vaga sobre a terra como um Deva.

19. Se um homem faz sua ablução sagrada no Saptagodāvara[5] e no bosque de penitência Gokarna[6], ele obtém o benefício de um sacrifício de cavalo.

20. Um homem é santificado depois de dar seu mergulho sagrado em Dhūtapāpa[7]. Rudra, Maheśvara, o senhor dos Devas, fez uma penitência lá.

21. No lugar santo Gokarna, uma prova tem sido citada por brâmanes para (convencer?) os ateus. Se um não-brâmane recita o mantra Gāyatrī, ele perece.

22. Aqueles que sobem regularmente ao topo, o domicílio de Devas e sábios, frequentado por Siddhas e Garanas, alcança o céu.

23-24. Como o lugar é embelezado com sândalo divino e outras árvores, e como a água misturada com o aroma de sândalo flui continuamente, um rio chamado Tāmraparni[8] se origina deles. Ele segue seu caminho lentamente para o oceano do sul como uma mulher jovem extremamente angustiada (enquanto indo para a casa do marido dela pela primeira vez?).

25. As águas daquele rio em confluência com o grande oceano se tornam conchas, pérolas e conchas como pérolas.

26. Pessoas trazendo suas águas, que contêm conchas e pérolas, ficam livres de agonias mentais e doenças físicas e vão para a cidade divina de Amarāvatī.

27. De acordo com o Śruti (Veda), a doação caridosa de sândalo, conchas e pérolas permite aos Pitrs cruzarem (o inferno) mesmo que eles sejam perpetradores de pecados.

28-29. Esse também é o caso de Candratīrtha, (Kanyā) Kumārī, a fonte perene do Kāverī, os centros sagrados de Śrīparvata[9], a montanha Vaikrta, e a montanha Ośiraparvata onde as árvores Palāśa, Khadira, Bilva, Plaksa, Aśvattha e Vikañkata são vistas crescendo em um lugar. (As pessoas que fazem abluções e executam ritos sagrados lá chegam ao céu.)

30. Ó brâmanes excelentes, essa região de centros sagrados é digna de sacrifício e é conducente a grandes realizações. Uma pessoa que abandona seu corpo mortal lá alcança rapidamente a cidade divina de Amarāvatī.

31. Ritos sagrados realizados pela própria pessoa frutificam no nascimento subsequente. Ritos de Pitrs, (embora) executados com defeitos, se tornam tão benéficos quanto ritos executados devidamente.

---

4 Embora esse nome seja aplicado à cadeia de montanhas de Orissa a Madura, aqui ele é aplicado especialmente à cadeia de colinas que separa Mahanadi do Distrito de Ganjam. Ela é considerada como o recanto de Paraśurāma. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 119; *History of Dharma Sāstra,* P. V. Kane, IV. 177.

5 Sapta-Godavara: (1) As sete "bocas" (braços) do Godavari que entra no mar; (2) Solangipur, dezesseis milhas de Pithapur, no Distrito de Godavari. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 178.

6 Gokarna: Um lugar sagrado para Siva, na costa oeste em Kumta Tehsil do Distrito de Kanara do Norte. *History of Dharma Sāstra,* IV. 753.

7 Um tributário do Gañgā perto de Varanasi.

8 O rio nasce na montanha malaia Agastya-Kuta. Fluindo através do país Pandya, ele cai no Golfo de Manar famoso pela pesca de pérolas. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 203, *History of Dharma Sāstra*. IV. 812.

9 Srisailam no Distrito de Kurnool em Andhra Pradesh. Ele é um dos doze Jyotirlingas.

32. O rio sagrado Narmadā, o mais excelente de todos os rios, é a filha de Pitrs. Śrāddhas oferecidos lá se tornam perpétuos (em produzir benefícios).

33. Na floresta sagrada de Mājhara, frequentada por Siddhas e Cāranas, eles não desaparecem porque eles estão ligados àquela grande montanha.

34. Há uma prova (teste) para discriminação entre o devoto e o ímpio na montanha santa de Vindhya. Pecadores não vêem a corrente (cachoeira?). Os homens bons vêem a corrente.

35. Os pecados de alguns pecadores são vistos em sua corrente. Usualmente a corrente é visível no caso daqueles de atividades meritórias.

36. Em Kauśalā há o tanque de Mātañga chamado Pāpanisūdinī (Removedor de Pecados). Até mesmo aves perdidas, voando como lhes agrada, vão para o céu depois de se banharem (casualmente) naquele tanque.

37-39. (Ablução) no Kumārakośala Tīrtha na montanha Pālapañjara[10] e nas margens de Pāndu perto do mar, na floresta de Pandāraka, realização de boas ações no Abhaya Prabhava que é puro e sem pecado, visita diária a Śrīvrksa, Grdhrakūta, e Jambūmārga e no centro sagrado de Asita, o preceptor inteligente de Yoga – realização de Śrāddha (nesses lugares santos) – dão benefícios perpétuos.

40. Śrāddha em Puskara[11] é eterno. Penitência lá produz grandes resultados e o mesmo é verdade sobre o centro sagrado Prabhāsa[12] no grande oceano.

41. Em Devikā[13], há uma fonte chamada Vrsa frequentada por Siddhas. Sua água sempre jorra para cima ao ouvir o som de vacas e touros.

42. Ela sempre é frequentada por mestres de Yogas que estão além de todos os tipos de pecados. Eu mencionarei o benefício resultante da realização de Śrāddha naquele local.

43-44. O Śrāddha (lá) concede todos os desejos e é perpétuo. Ele satisfaz os Pitrs. Há uma pedra de Agni lá chamada Jātavedahśilā. Aquele que entra no fogo lá se regozija no céu. Uma vez que o fogo fica tranquilo, ele renasce. Qualquer coisa oferecida lá dá benefícios eternos.

45. Não há dúvida que os sacrifícios feitos nos centros sagrados chamados Daśāśvamedhika e Pañcāśvamedhika produzem os benefícios como indicados (nos nomes deles, isto é, resultados de dez sacrifícios de cavalo e de cinco sacrifícios de cavalo).

46. O centro santo chamado Hayaśiras é famoso como concessor de bênçãos imediatamente. Śrāddha executado lá rende benefícios perpétuos. O devoto se regozija no céu.

47. É dito que Śrāddha é eterno. Assim também são Japas, Homas e penitências.

48. Uma pessoa deve sempre propiciar os Pitrs no auspicioso centro sagrado de Ajatuñga. Lá a sombra dos moradores do céu é sempre vista nos dias Parvan. Tudo o que é dado lá se torna eterno no mundo. Os Pāndavas ficaram livres de doença nesse lugar.

49. Ele é sempre frequentado por mestres de Yogas livres de todo pecado. Eu mencionarei o benefício do desempenho de Śrāddha lá.

50. Pitrs adorados lá sempre ficam satisfeitos. Aquele que mantém seus órgãos dos sentidos sob controle nesse mundo se regozijará depois da morte no céu.

---

[10] Palamanjara no *Brahmānda P.* – próxima a Surparaka ou Sopara perto de Bassein no Distrito de Thana de Maharashtra.

[11] Um lago sagrado perto de Ajmer, Rajastão. Ele é famoso pelo templo do deus Brahmadeva.

[12] Agora conhecido como Somanatha Pattana em Saurashtra. Somanatha é um Jyotirlinga famoso que foi atacado por governantes muçulmanos desde os dias Mahmud Ghaznavi até Aurangzeb. Um templo novo foi construído perto do local original por Ahalyabai Holkar em 1783 D.C. e ele ainda é reconhecido como o Somanatha original por todos, embora um templo novo no lugar original em sua original forma tenha sido reconstruído depois da independência da Índia.

[13] Variavelmente identificado como um tributário do Indus, Gandak, Sarayu por diferentes estudiosos. Sua identificação com o Deeg ou Degh no Punjab é aceita por Pargiter e Kane (*History of Dharma Sāstra,* IV. 746; *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 55).

51. O lago chamado Śiva é o mais excelente. Vyāsasaras e o lago divino Brahma-saras lá também são sagrados.

52. A montanha Ujjanta[14] de Vasistha de alma nobre também é sagrada. Centros chamados Kāpota, Puspasāhvaya, (e aqueles que receberam os nomes dos Vedas) Rg, Yajus, Sāman e (Atharva-) Śiras foram criados pelo deus Brahma. Depois da criação desses o quinto Veda, ou seja, os Purānas, foram narrados por ele.

53. Depois de ir lá um brâmane fica livre do pecado como o eterno deus do fogo Agni. Śrāddha, Japas, Homas e penitências são de benefícios infinitos.

54. No grande centro sagrado Pundarīka, uma pessoa obtém a bênção (tão doce e fragrante) quanto loto. Alguém obtém o resultado de um sacrifício de cavalo no grande centro sagrado de Brahma Tīrtha (por realizar Śrāddha lá).

55. Na confluência do rio Sindhu e o oceano e em Pañcanada, o benefício é eterno. Kirakātmā (Virajā no *Brahmānda P.*) e Mandavā na montanha são lugares sagrados (?).

56. Śrāddha deve ser realizado no centro santo Saptahrada e particularmente em Mānasa[15]. Nas montanhas de Mahākūta, Vanda e Trikakuda também (Śrāddha deve ser realizado).

57. Em Mahāvedī (Mahānadī no *Brahmānda P.*) um grande milagre é visto. Ele não aparece para alguém que não tem fé (mas) aparece para uma pessoa que é firme em seus votos religiosos.

58. A rocha eterna do próprio Agni se encontra lá. Ela é chamada de Jātavedahśilā. Śrāddhas e ritos sagrados no fogo feitos lá têm benefícios infindáveis.

59. Indo lá todo dia à noite, alguém que busca benefícios infindáveis sempre deve oferecer Śrāddha para os Pitrs naquele local.

60. Um homem de mente purificada ou o contrário é conhecido no centro sagrado chamado *Svargyamārgaprada* (aquele que mostra o caminho que conduz ao céu). Ele concede bênção imediatamente. Rejeitando sua inimizade mútua nele, os Sete Sábios foram para o céu.

61. Até hoje são vistos sinais da inimizade extinta deles. Tomando banho naquele Tirtha excelente, um homem atinge o céu.

62. Há um santuário famoso lá, frequentado por Nandin e Siddhas (ou um Siddha chamado Nandin). A imagem de Nandīśvara não é visível para homens de más ações.

63. *Tūpas* (postes sacrificais) dourados são vistos lá ao amanhecer. Circungirando-os as pessoas desaparecem e vão para o céu (ou eles – os postes dourados – desaparecem e vão para o céu quando os devotos completam sua circunvolução?).

64. A (terra) por todo o Kuruksetra[16] é especialmente um lugar sagrado excelente de Sanatkumāra, o senhor de alma nobre do culto yóguico. Ela é glorificada como produzindo benefício permanente se Pitrs recebem sementes de gergelim (naquele local).

65. Śrāddha executado na residência de Dharmarāja é conducente a brilho e ele é interminável (em produzir benefício). Śrāddha oferecido no dia de Lua nova de acordo com injunções e na ordem correta também produz benefícios infindáveis.

---

[14] Em Aparanta conforme *History of Dharma Sāstra,* IV. 815. Se identificada com Ujjayanta, ela é o Monte Girnar - *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 211; mas ela não é associada com Vasistha, mas com Datta e Neminatha. Por isso a identificação em *History of Dharma Sāstra* é provável.

[15] O lago Manas-sarovar situado na montanha Kailāsa no Tibete. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 123.

[16] O lugar sagrado famoso em Haryana – a região em volta de Thaneswar. Alguns dos lugares santos, por exemplo Vyāsa-tirtha ou Dvaipayana Hrada, se encontram nessa área. O Sarasvatī fluía através dele.

66. Além disso, para aqueles que estão perto de Kuruksetra isso é particularmente eficaz. Um filho obediente que adora os Pitrs lá fica livre de sua obrigação para com eles.

67-**69**. Śrāddha deve ser realizado com a repetição de Omkāra por pessoas que desejam bênção eterna, nos seguintes lugares: Vinaśana[17], no rio Sarasvatī, Plaksa-prasravana[18], Vyāsatīrtha no Sarasvatī e especialmente em Brahma Ksetra, em todos os lugares nas (margens do) Gañgā e na excelente montanha Maināka e na fonte do Yamuna. Uma pessoa é absolvida de pecados (dessa maneira). A prova para o mesmo é a água excessivamente quente e extremamente fria lá.

70. (Yamuna) é a irmã de Yama e a filha de Mārtanda (o Deus-Sol). Ele é sagrado. Śrāddha feito lá é perpétuo. Ele foi assim glorificado antigamente por Pitrs.

71. Alguém que faz abluções no lago Brahmānuga se torna um brâmane imediatamente. Śrāddha, Japas, Homas e penitências realizados lá são perpétuos.

72. Vasistha de grande penitência fez penitência de pé imóvel como um toco. Até hoje são vistas árvores lá enfeitadas com pedras preciosas.

73. Lá é vista uma balança de pesagem que indica devoção e impiedade. As pessoas que são pesadas por brâmanes nela derivam resultados excelentes[19].

74-**75**. A filha dos Pitrs, a grande Yoginī, é famosa pelo nome de Gandhakālī. É ela quem dará nascimento ao grande Yogin, Vyāsa de alma nobre, que dividirá o único Veda em quatro, que será um grande sábio inteligente, o grande descendente da família de Parāśara e que é uma quarta parte de Brahma.

76. Há o lago Acchodaka[20] do qual ela se originou como o rio Acchodā. Além disso ela (Gandhakālī) nasceu do útero de um peixe por insistência de Vārana[21].

77. O lugar onde ela tem um eremitério sagrado é frequentado por pessoas meritórias. É dito que Śrāddha, oferecido lá uma vez, é perpétuo. Se Śrāddha for oferecido lá mesmo uma vez, ele causa a obtenção de Yoga e *Samādhi* (êxtase).

78. Aquele que oferece Śrāddha em Kuberatuñga, Vyāmocca e Vyāsatīrtha é um brâmane santo. O Śrāddha rende benefícios eternos.

79. No quadrante nordeste há Nandāvedī. Ela é frequentada eternamente por Siddhas. Ela não é visível para almas não controladas. (Aqueles que realizam Śrāddha lá) não retornam (isto é, eles obtêm libertação de Samsāra).

80. No centro sagrado Mahālaya[22], o inteligente Mahādeva tinha imprimido o pé dele. Esse é um Siddhaksetra frequentado (por Siddhas). As pessoas que vão lá não voltam (isto é, obtêm Moksa).

81. (Parcialmente defeituoso.) No (pico chamado) Umātuñga, no santuário da deusa (Uma)[23] fez penitência de pé sobre um pé pelo período de um yuga divino, sem ingerir nenhum alimento[24]. E a água (também) permaneceu (por aquele período?).

82-**83**. Alguém vem a ser santificado por visitar Umātuñga, Bhrgutuñga, Brahmatuñga, Mahālaya, Kādravatī, Śāndilī e a caverna de Vāmana. Śrāddha

---

17 O local no deserto arenoso no distrito de Sirhind onde o Sarasvatī desaparece. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 37.

18 A fonte do rio Sarasvatī nas colinas de Sirmur, na cordilheira Siwalik do Himalaia. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 180.

19 [Compare com o *Brahmānda Purāna* 2.3.13. v. 75b.]

20 Um lago ao pé do Monte Candraprabha do qual flui o rio Acchoda. Se idêntico ao Acchoda-sarovara no *Kidambari* de Bana, ele é Acchavat, seis milhas de Martanda na Cachemira.

21 Em vez de *Varanena* o *Brahmānda P.* v. 78 lê *Karanena* 'para algum propósito', e essa é uma leitura significativa.

22 O mesmo que Omkaranatha ou Amaresvara no *Matya P*. - *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 117.

23 [Compare com o *Brahmānda P.* 2.3.13. vv. 87-88: "... em Umatunga, de pé sobre um único pé e se abstendo de alimentos, uma pessoa obtém brilho divino com duração de um Yuga."]

24 O nosso texto lê *nihara* 'neve' o que é obscuro. O *Brahmānda P.* lê *anahara* 'sem ingerir alimento'. Isso é relevante para penitência, por isso aceito tentativamente.

realizado lá produz bênção infindável. Japa, Homa e meditação – tudo feito lá se torna meritório.

84. Aqueles que observam *Brahmacarya* (celibato), aqueles que fazem sacrifício e aqueles que são dedicados aos seus preceptores por cem anos (desfrutam de bênçãos desejáveis). Esses e outros benefícios semelhantes são obtidos imediatamente por dar um mergulho naquelas águas sagradas.

85. (O rio sagrado) Kumāradhārā[25] lá remove todos os pecados (à sua própria visão). Se uma pessoa vai e se estabelece lá, ela obtém imediatamente o que é obtido quando ele é visto.

86. Por visitar Śailakīrtipura regularmente, alguém realiza todos os desejos nutridos. Como os Devas ele permanece invisível para todos os seres vivos e vaga na terra.

87. Śrāddhas devem ser oferecidos todos os dias, por alguém que busca benefícios perpétuos, no grande centro sagrado de Kāśyapa bem conhecido como Kālasarpi.

88. Śrāddha realizado por todo o Śālagrāma[26] se torna eterno. Ele não é diretamente visível para pessoas pecadoras.

89-**90**. O lugar é proibido para os mal intencionados e os bons são permitidos entrar, visto que o puro rei divino das serpentes que moram no lago sagrado aceita o Pinda dos bons e não aquele dos maus. Até mesmo pelas serpentes altamente iluminadas, o alimento não pode ser comido (se oferecido pelos iníquos).

91. Nesses dois centros sagrados, Dharma é visto diretamente. Em Devadāruvana[27] também a mesma prova pode ser vista.

92. Os pecados tirados são visíveis para a alma meritória. É dito que em Bhāgīrathī e Prayāga[28] (o Śrāddha realizado) é de benefício eterno.

93. Śrāddha deve ser oferecido com esforços em Kālañjara[29], Daśārna, Naimisa, Kurujāñgala e na cidade de Vārānasī.

94. Naquela cidade, Yogeśvara está presente para sempre. Por isso o que é oferecido lá é eterno. Oferecendo Śrāddhas nesses lugares sagrados, uma pessoa vem a ser santificada. O Śrāddha rende bênçãos perpétuas.

95. Penitência, Homa, meditação, ou melhor, qualquer coisa realizada em Lauhitya[30], Vaitaranī e Svarnavedi, se torna meritório.

96. Só uma vez, (Śrāddha) é visto (realizado) próximo à costa por homens de ações meritórias. Assim também em Gayā, Dharmaprstha e no lago de Brahma.

97-**98**. O Śrāddha oferecido em Gayā e Gridhrakūta produz grande benefício. A neve cai em volta dele até uma distância de cinco yojanas (1 yojana = 12 kms.). A floresta que cerca o eremitério de Bharata é lembrada como a mais meritória. A pegada de Matañga é vista lá com o olho físico.

99. Esse local é glorificado como (conducente à) retidão perfeita. Ele é um exemplo para esse mundo. Similarmente o Pañcavana é muito sagrado. Ele é

---

[25] Perto do assento de Vyāsa para dhyana e Kantipuri ou antiga Kathmandu no Nepal. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 89.

[26] Um lugar perto da fonte do Gandak, o lugar onde o sábio Pulaha e Bharata fizeram penitência. [Veja o *Vishnu P*. 2.1. pág. 160, nota 6 da tradução em português.]

[27] Seu local é no Gañgā perto de Kedar em Garhwal; Badarikāśrama é situado nesse 'Vana.'

[28] Moderna Allahabad, Uttar Pradesh.

[29] Os lugares mencionados são identificados da seguinte maneira:

(1) **Kālañjara** - Kalinjar na subdivisão Badausa de distrito de Banda, Bundelkhand (Madhya Pradesh).

(2) **Daśārna** - Nordeste de Malwa, incluindo Bhopal em Madhya Pradesh. Sua antiga capital era Vidisa.

(3) **Naimisa** - Nimsar, 45 milhas a noroeste de Lucknow, Uttar Pradesh.

(4) **Kurujāñgala** - Uma área de floresta situada em Sirbind, noroeste de Hastinapura. - *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 110.

[30] Os seguintes são identificados desse modo por *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*: Lauhitya (o Brahmaputra, Assam); Vaitarani (o rio Baitarani em Orissa); Jaipur está situada perto desse rio.

frequentado por homens de ações meritórias. O centro sagrado Pānduviśālā também é um exemplo sempre.

100. (Defeituoso.) As pessoas que perpetram pecados vêm à superfície (são expostas) por meio de balanças, por seus arcos[31] e por várias escrituras quando eles se ligam (visitam) àquele Tīrtha (?).

101. Altamente eficaz é o Śrāddha oferecido no silencioso (profundo) grande lago Pāvamandala no (rio) Kauśikī no terceiro quarto no terceiro *Tithi* (dia).

102. Depois de fazer uma penitência muito severa por muitos Yugas divinos, o deus inteligente Mahādeva pôs os pés em Mundaprstha.

103. Dentro de um tempo muito curto, um homem íntegro se livra de seu pecado rapidamente como uma serpente rejeitando sua pele.

104-105. Ao norte de Mundaprstha há um centro sagrado famoso nos três mundos pelo nome Kanakanandī. Ele é bem protegido dia e noite por serpentes terríveis de corpos enormes e lambendo com suas línguas, assustadoras para os pecadores (mas) muito encantadoras para os Siddhas. (Até mesmo) aves que voam como lhes agrada tomam banho lá e vão para o céu.

106. É dito que Śrāddha oferecido lá produz benefício eterno. Um homem excelente fica livre de sua obrigação tripla por tomar seu banho lá.

107. Nas margens daquele lago há um grande santuário do senhor. Depois de subir nele e realizar Japas, uma pessoa se torna um Siddha e depois disso vai para o céu.

108. Depois de ir para o Mānasa do norte[32], alguém obtém Siddhi excelente. Ao ir para a cidade[33] excelente, uma coisa muito extraordinária é vista.

109. Alguém deve realizar Śrāddha lá de acordo com a própria capacidade e força física. Ele deve obter prazeres divinos e os meios para liberação (de Samsāra) para sempre.

110-111. No excelente lago Mānasa, uma coisa muito extraordinária é vista. A deusa altamente abençoada Gañgā de caminho triplo, deslizando do céu para baixo, brilha no firmamento. Caindo dos raios lunares sobre a terra, ela parece com festões no céu com o brilho do sol.

112. Ela está mergulhando com esplendor dourado. Ela é como o portão para o céu aberto escancarado. É desse lugar que ela flui novamente para o oceano oriental em sua fase final.

113. Ela santifica todos os seres vivos e particularmente aqueles que conhecem a retidão. Candrabhāgā (Chenab) e Sindhu, esses dois são como Mānasa (em santidade). O divino Sindhu, o mais excelente dos rios, flui para o oceano ocidental.

114-115. Há a montanha chamada Himavān. Ela é embelezada com vários tipos de minerais. É dito que ela se estende por oitenta mil yojanas. Ela é lotada de Siddhas e Cāranas. Ela é servida e frequentada por Siddhas e Cāranas. Há um Puskarinī (lago) nela, bem conhecido pelo nome Susumnā.

116. Alguém que nasce lá vive até dez mil anos. Śrāddha oferecido lá produz benefícios eternos, e grande prosperidade. O realizador de Śrāddhas habilita dez gerações anteriores e dez seguintes a cruzarem (o inferno).

117. Tudo pertencente a Himavān é sagrado. O Gañgā é sagrado em todos os lugares (do começo ao fim). Os rios de longo curso e todos os oceanos por toda parte são sagrados.

---

[31] Parece que se supõe que os pecadores são pesados na balança.

[32] Esse pode ser o Kara Kul das Pamirs do norte como sugerido por M. Ali (*The Geography of Purānas, pág.* 71)? O assim chamado Uttara Manasa em Gaya é uma lagoa comum.

[33] Nenhuma menção de alguma cidade se encontra aqui no contexto. O *Brahmānda P.* 2.3.13. v. 117 lê *Sarasresthe* 'naquele lago excelente.'

118. Um homem sensato deve realizar Śrāddha em todos esses lugares e em similares. Mesmo por tomar banho, ele se torna santificado. Por oferecer (Śrāddha[34] ?) ele se torna assim (e ainda mais).

119-123. Śrāddha pode ser feito nos seguintes lugares: Nos topos altos e cumes de montanhas, gretas, nos declives solitários, fontes e nascentes, nas margens arenosas de rios, nos aniversários auspiciosos do começo de Yugas, em grandes oceanos, em currais, na confluência de dois rios, nas florestas, chão bem limpo e esfregado, locais agradáveis fragrantes, em casas solitárias, no chão polido com esterco de vaca, etc. Uma pessoa deve executar Śrāddha nesses lugares de acordo com injunções. Aqueles que buscam realização de todos os desejos devem realizar Śrāddha nesses lugares cuidadosamente. Eles devem fazer circunvolução em todos os quadrantes. Um homem inteligente fazendo desse modo obterá o Siddhi de *Brahmatva* (condição de Brahma).

124. A adoração de Pitrs se torna frutífera se raiva etc. for evitada, os deveres das três castas forem cumpridos e a disciplina de castas e fases de vida for mantida.

125. Até mesmo uma pessoa que cometeu pecados é santificada se ela faz corajosamente e fielmente a peregrinação para os centros sagrados e controla seus sentidos valentemente. O que precisa ser dito com relação a uma pessoa de ações meritórias?

126. Ela não renasce em um útero animal. Ela não nasce novamente em uma terra ímpia. Um brâmane chega ao céu e obtém os meios de salvação (Moksa).

127. Estes cinco não obtêm o benefício da peregrinação: aqueles que não têm fé, pecadores, ateus, duvidadores permanentes, e aqueles que sempre buscam uma causa (para tudo).

128. Grande *Siddhi* é obtido no centro sagrado do *Guru* (o preceptor). Ele é o mais excelente de todos os objetos e locais sagrados. Meditação é um Tīrtha ainda maior. Ela é o eterno Brahmatīrtha[35].

129. Meditação é maior que observância de jejuns. Ela faz todos os órgãos dos sentidos se afastarem (de seus objetos). Aqueles que são dedicados à observância de jejuns nascem repetidas vezes junto com seus ares vitais.

130. Deve-se igualar Prāna e Apāna. Deve-se conter na mente objetos e os órgãos dos sentidos e conter o intelecto na mente. Então cada órgão dos sentidos retrocede.

131. Entenda que indubitavelmente *Pratyāhāra* (o retraimento de todos os órgãos dos sentidos) é o meio seguro para a salvação. Entre os órgãos dos sentidos, a mente é o mais terrível. Ela faz o intelecto e outros órgãos funcionarem.

132. (A inquietude da mente) é subjugada por não ingerir alimentos. Saiba que jejum é uma penitência. Por dominar o intelecto e a mente, o intelecto é sublimado (o intelecto se torna belo).

133. Quando todos os pecados são mitigados, quando os órgãos dos sentidos são enfraquecidos (conquistados) a alma pura obtém a bem-aventurança da libertação como fogo sem combustível.

134. Um conhecedor de Yogas separa a alma individual de todas as causas e Gunas manifestos e imanifestos por meio de seu poder yóguico.

135. Não há nenhum lugar para ele ir, seja manifesto ou imanifesto. Ele não é *Asat* (inexistente) nem *Sat-Asat*. Nada pode ser dito da existência dele.

---

[34] O *Brahmānda P.* 2.3.13. v. 127 lê 'por oferecer oblações ao fogo e por doações religiosas'.

[35] A influência do Yoga é tão profunda sobre o escritor do Purāna que a meditação yóguica é considerada superior a Tirthayatra (vv. 128-131). A importância de alimentar um yogin na ocasião de Śrāddhas já foi exaltada em capítulos anteriores.

Capítulo 16: O Ritual de Śrāddha; Ritos Purificatórios

Brhaspati disse:

1. Daqui em diante, eu descreverei os vários tipos de *Dānas* (doações religiosas) e os benefícios disso. Eu também mencionarei as coisas puras a serem usadas no rito Śrāddha e aquelas que devem ser evitadas.

2. Ele deve ser realizado em precipício coberto de neve (?) ou ele deve também trazer neve de lá (?). Por isso Agnihotra é declarado (nas escrituras) como o maior e mais sagrado.

3. Deve-se evitar a realização de Śrāddha durante a noite. Em outras ocasiões também, desde que Rāhu seja visto, uma pessoa deve realizar Śrāddha rapidamente assim que Rāhu for visto[1], mesmo por gastar todas as suas posses.

4. Aquele que não realiza Śrāddha na hora do eclipse é afligido como a vaca (presa) na lama. Aquele que o faz, eleva pecadores como um barco no oceano que salva aqueles que estão se afogando.

5. Durante o sacrifício para Viśvedevas e Saumyas, os *Havis* podem conter bastante carne. Mas deve-se evitar o chifre do rinoceronte para mitigar a malícia (dos Pitrs) (?).

6-8. Antigamente, enquanto Tvastr estava sendo impedido pelo Senhor dos Devas de alma nobre de beber o suco Soma destinado a Indra, o cônjuge de Śacī, aquele (alguma parte ou gotas de Soma) caiu no chão. *Syāmākas* (uma variedade de arroz) cresceu desse modo (a partir das gotas de Soma). Eles são respeitados para (a propiciação de) Pitrs. O borrifo (de suco Soma) colando-se às (e saindo das) narinas dele caíram delas (e se tornaram *iksu* - cana-de-açúcar). Por isso canas-de-açúcar são fleumáticas, frescas, agradáveis e doces.

Deve-se realizar todos os ritos-Pitr com arroz Śyāmāka e cana-de-açúcar para a realização de todos os desejos.

Aquele que faz Agrayana, isto é, a primeira libação de Soma no sacrifício Agnistoma (ou de frutas depois da estação chuvosa) (com Śyāmāka e canas-de-açúcar) obtém a realização de seus desejos rapidamente[2].

9. Śyāmāka (arroz), Hastināman (?), Patola (fruta da *Trichosanthes Diaoeca*), frutos de Brhatī (Brinjals) e a crista de Agastya – todos são muito adstringentes.

10-11a[3]. Outras coisas excelentes e doces tais como Nāgara (?), Dīrghamūlaka (um tipo de rabanete) devem ser oferecidos (em Śrāddha). Assim também brotos tenros de bambu, *surasa, sarjaka*, (partes suculentas da árvore Sāla) e Bhūstrna (*andropogen schoenanthus*).

11b-14. Eu mencionarei agora aquelas coisas que sempre devem ser evitadas em Śrāddha. Alho, cenouras, cebolas, rabanete globular e *Karambha* (sêmea ou farinha misturada com coalhadas) e outros artigos sem cheiro e sem gosto devem ser evitados em Śrāddha[4]. A razão também é mencionada (como segue):

Antigamente, na luta entre Devas e Asuras, Bali foi derrotado pelos Suras. Dos ferimentos dele jorraram gotas de sangue e delas esses artigos cresceram. Por essa razão eles são evitados no rito Śrāddha.

---

[1] Veja o *Brahmānda P.* 2.3.14. 3-4, *Kurma P.* II. 16.8; *Brahma P.* 220-51-54. Eclipses são os momentos apropriados para *Kamya* Śrāddhas.

[2] Para as listas de tipos de cereais a serem usados como alimento Śrāddha veja o *Markandeya P.* 29-9-11 (citado por Hemadri), *Vishnu P*. III. 16, *Visnu Dharmashastra*, 80.1.

[3] Uma comparação do nosso texto com o *Brahmānda P.* 2.3.14 mostra que algumas linhas são faltando aqui enquanto outras estão misturadas.

[4] Compare com o *Brahmānda P.* 2.3,14.22-27; *Smrti Candrika* - Śrāddha, pág. 415-416.

15. As exsudações mencionadas nos Vedas, e os sais achados em terras áridas, devem ser evitados nos ritos Śrāddha. Mulheres em seu curso mensal não devem tomar parte em Śrāddhas.

16. Água que tem mau cheiro, água que tem espuma e escumas, água de poças, água onde vacas não são propensas a beber, e a água armazenada em recipientes na noite anterior não devem ser usadas em Śrāddha.

17. O leite de ovelhas, cervo, camelo, animais de um único chifre, búfalo e do cervo Camari devem ser evitados por um homem sábio[5].

18. Daqui em diante eu mencionarei os lugares que devem ser evitados assiduamente. Eu também direi por quem o Śrāddha não deve ser visto. Eu também contarei o que é puro e impuro em um Śrāddha.

19. Com grande fé alguém deve realizar um Śrāddha por meio de frutas, raízes e comestíveis disponíveis em florestas. Assim ele obtém país desejável, céu e libertação (de Samsāra) como também fama.

20. Lugares cheios de poluição sonora e cheios de insetos e um lugar com cheiro desagradável devem ser evitados para a realização de Śrāddha.

21. Um lugar dentro de uma distância de doze yojanas de todos os rios que se juntam ao mar, (isto é, assim distante da confluência deles com o mar), uma entrada no sudeste como também a terra de Triśañku, devem ser evitados.

22. A terra ao norte de Mahānadī e ao sul de Kaikata é a terra de Triśañku. Ela é proibida para o rito Śrāddha[6].

23. As terras de Kārañkara (Karkal no distrito de Kanara do sul), Kaliñga, a terra ao norte do Sindhu e aquelas terras nas quais a prática dos ritos religiosos de diferentes fases de vida e castas não está em voga, devem ser evitadas escrupulosamente.

24. Os nus e as pessoas semelhantes (apóstatas e de seitas não védicas) não devem ver o rito Śrāddha[7]. Essa é a regra. Os Śrāddhas que são vistos por esses não chegam aos Pitrs ou Pitāmahas."

Samyu disse:

25. "Ó senhor santo, ó líder de brâmanes importantes, por favor, narre em detalhes e precisamente para mim, que peço, a respeito dos nus e das pessoas semelhantes."

26. Assim pedido, Brhaspati de grande brilho disse a ele: O *Trayi* (os três Vedas) é lembrado como a cobertura protetora de todos os seres vivos.

27. Aqueles que o descartam por ilusão são os nus, ó brâmane excelente. Se um homem abandona aquela proteção, ele, se torna sem suporte e é arruinado.

28. Se um homem descarta Dharma e busca libertação (Moksa) em outro lugar, o trabalho dele nesse sentido é em vão. Pois ele não tem a perspectiva correta.

29-30. Antigamente, todos os brâmanes, ksatriyas, vaiśyas e śūdras foram feitos hereges e colocados em um estado deformado por Asuras que foram derrotados na batalha entre Devas e Asuras. Essa não é a criação do deus Brahma nascido por si mesmo[8]. - Nem são estes:

31. Aqueles que não praticam devoção estão sob a categoria de "as pessoas nuas e semelhantes" (*Nagnādayahi*). Um brâmane que mantém cabelo emaranhado

---

5 Veja o *Brahma P*. 220.169; *Vishnu P*. III. 16.11.

6 Não está claro por que lugares como Orissa, Telangana ou regiões ao norte do Indus foram declaradas impróprias para realização de Śrāddha. Elas estavam além do território do bramanismo quando essa seção do texto veio a ser escrita? Veja o *Brahmānda P.* 2.3.14.31-33.

7 Como explicado abaixo (v. 26 e seguintes), aqueles que não têm a cobertura protetora dos Vedas. O termo inclui não somente seitas não védicas como jainas e budistas, mas inclui brâmanes apóstatas, ateus, perpetradores de pecados grosseiros (*maha-patakas*). Veja o *Mahābhārata*, *Anuśāsana*, cap. 91; *Kurma P*. II. 21, v. 32 e seguintes; *Visnu Dharmaśāstra* 89.3 e seguintes. A idéia subjacente é que o alimento sagrado para Śrāddha seria poluído pela mera visão dessas pessoas decaídas.

8 *O Brahmānda P*. 2.3.14.39 lê: "(Os Asuras derrotados) criaram hereges como *Vrddhasravakis*, *Nirgranthas*, (jainas nus), *Sakyas* (budistas), *Jivaskas* and *Karpatas*."

sem qualquer propósito específico, que raspa seu cabelo para nada e anda por aí nu despropositadamente também é chamado desse modo.

32. Aquele que observa ritos sagrados em vão, aquele que executa Japas em vão, também é chamado de "Nu etc." Assim também aqueles que explodem suas casas, os caçadores e aqueles que destroem propriedade (são considerados dessa maneira).

33. Eles são declarados como homens de maus hábitos que criticam toda ação cometida. O Śrāddha realizado ou testemunhado por esses vai para homens (e não para Pitrs).

34. O assassino de brâmane, o ingrato, os ateus, os profanadores do leito do preceptor, ladrões e homens perversos são evitados à própria visão.

35. Deve-se evitar todos aqueles que cometem pecados e especialmente aqueles que se entregam a caluniar Devas e sábios divinos.

36-40. Tudo o que é testemunhado por eles vai para Asuras e Yātudhānas.

É dito que Krtayuga é a era de brâmanes. Tretāyuga é lembrada como a era de ksatriyas. Dizem que Dvāparayuga é a era de vaiśyas e Kaliyuga é lembrada como a era de śūdras.

Os Pitrs disseram:

Os Vedas são adorados em Krtayuga. Similarmente Suras são adorados em Tretāyuga. Guerras sempre são adoradas em Dvāpara e os hereges em Kaliyuga.

Não há dúvida que estes deterioram um Śrāddha por sua mera visão: o desonrado, o profano, aves, porco e cachorro domésticos. Os materiais de Śrāddha tocados por bezerros e pelas pessoas que têm contaminação e doenças crônicas são maculados. Alimento cozido nunca deve ser visto por pessoas sujas ou decaídas. Se elas o virem, ele não poderá ser usado como Havya e Kavya (oferendas para deuses e Pitrs).

41. Os materiais principais tocados por eles são profanados. Ghee solidificado deve ser evitado logo no início. Borrifo com água misturada com barro é prescrito (para a consagração de materiais de Śrāddha).

42. Espalhamento de mostarda amarela e sementes pretas de gergelim deve ser feito. Os artigos devem ser mostrados assiduamente para o preceptor, o sol e o fogo.

43-**47**. Os seguintes devem ser evitados em Śrāddha: aquilo que é amassado pelas pessoas enquanto subindo para os assentos delas; aquilo que é visto pelos seres móveis que são corrompidos; coisas secas e passadas; coisas parcialmente comidas, objetos sujos; aquilo que é lambido na ponta; aquilo que é sujado por pedregulho, seixos e cabelos ou carcomido; arroz cozido e outros comestíveis nos quais sal foi adicionado; sementes de gergelim e cevada moída e em pó como rissol; e coisas sacudidas de trajes. Há certas pessoas que professam ser muito sábias por mostrarem sua oposição aos Vedas. Elas devem ser chamadas de *'Ayajñapatis'* (os não-mestres de sacrifício). Eles são como se as poeiras de Śrāddha. Legumes proibidos misturados com coalhadas, bem como mingau azedo ou líquidos fermentados são evitados em um Śrāddha.

48. Deve-se evitar (a berinjela) e todos os licores destilados. O sal extraído (da água) do oceano e das (águas do lago) Mānasa (é sagrado).

49-**50**. Esse é extremamente sagrado. Isso é diretamente visível. Ele é posto no fogo e então pegado nas mãos e pressionado cuidadosamente. Ele deve ser aplicado na testa. Esse é lembradoa como Brahmatīrtha. Todos os artigos para Śrāddha devem ser borrifados e oferecidos no sacrifício[9].

51. Arista (fruta-de-sabão, [Saboeiro]), Tumula, Bilva, Iñguda e Śvadana devem ser embebidas em água e (água deve ser) borrifada (a partir delas).

[9] Os versos 50-58 descrevem o processo de purificação de diferentes artigos para serem usados em um Śrāddha.

52. Todos os tipos de cestas (trabalhos de vime) devem ser purificados conforme a prática convencional. Recipientes feitos de dente (marfim), osso, madeira e chifres devem ser esfregados e raspados.

53-54. Todos os potes feitos de barro devem ser queimados novamente (para purificação). Pedras preciosas, diamantes, corais, pérolas e conchas devem ser purificados por (escovar com) os resíduos de mostarda amarela em pó ou sementes de gergelim. O mesmo pode ser usado para purificar lã de ovelha e todos os tipos de pelo.

55. Todos os tipos de lã de ovelha podem ser purificados com argila e água, (mas) no princípio e fim de todos os processos purificatórios lavar com água é recomendado.

56. Purificação de tecido de algodão é efetuada com cinzas sagradas. Flores, frutas, pinos e varas devem ser mergulhados em água.

57-58. Purificação do solo (chão) é por varrer, borrifar e cobrir (com esterco de vaca). Fora da aldeia o chão (terra) é purificado pelo vento. A purificação (limpeza) de arco e setas é efetuada por (escová-los) com barro. Dessa maneira os modos excelentes de purificação foram mencionados. Daqui em diante eu mencionarei modos adicionais de purificação. Ouçam enquanto eu descrevo isso.

59. Alguém deve evacuar os intestinos de manhã cedo a uma distância de um tiro de seta da casa na direção sudoeste e dentro da visão da casa. Ele deve cobrir a cabeça (com um tecido). Ele não deve tocar a cabeça com as mãos[10].

60-61. (Antes de evacuar) o chão deve ser coberto com grama seca, varas de madeira ou folhas, lascas bambu ou potes de barro quebrados. Ele também deve levar água em um jarro e segurar argila na mão em silêncio completo. Ele deve sentar de frente para o norte durante o dia e o sul durante a noite.

62. Ele deve segurar o cântaro com a mão direita e lavar o ânus com a mão esquerda aplicando argila três vezes.

63. Ele deve esfregar a mão esquerda com argila dez vezes e então cada uma das duas mãos cinco vezes.

64. Lavando os pés depois de aplicar argila, ele deve fazer *Ācamana* (tomar um gole de água) propriamente. Ele deve então derramar água três vezes com (invocação do) sol, fogo e água.

65. Um homem sensato sempre deve manter um cântaro à mão. Ações secundárias e lavagem dos pés devem ser feitas por meio desse vaso.

66. A realização de Ācamana e deveres divinos devem ser feitos por meio de um segundo (recipiente). Se tais ações forem feitas com uma mão suja, a pessoa deve fazer jejum por três noites.

67. Em casos prolongados de negligência, o rito Krcchra é prescrito para expiação. Depois de tocar um cachorro ou um Candala a pessoa deve executar o rito Taptakrcchra.

68. Se ossos humanos são tocados, jejum é a purificação (para isso). É prescrito que se (os ossos são) tocados deliberadamente, o jejum será observado por três noites, e por uma noite, se tocados involuntariamente.

69-71. Por ir para lugares profanos alguém adquire todos os tipos de pecados. Esses lugares profanos são: Karaskaras, Pulindas, Andhras, Sabaras e outros, a terra de Bhutilaya (se a pessoa bebe água lá), a terra de Yugandhara, até as fronteiras do norte de Sindhu, a terra de Divyantarasata, países corrompidos ocupados por pecadores, e terras desprovidas de homens bons tais como brâmanes que se tornaram peritos nos Vedas.

---

10 Depois de tratar da purificação de coisas ou materiais para Śrāddha, o autor trata da purificação do homem que realiza o Śrāddha, do v. 59 até o fim do capítulo. Os escritores de Purāna (na realidade toda a classe de escritores sobre Dharmaśāstra no período medieval) parecem ter sido tão obcecados com 'psicose de pureza' que eles perderam de vista a necessidade social de assimilar estrangeiros ou pessoas relutantes no Hinduísmo e proibiram seus próprios seguidores de ir além dos limites geográficos contraídos do bramanismo (veja os vv. 69-71).

72-73. Clareza mental, fogo, reabilitação oportuna – essas coisas indicam pureza. Mas a pessoa é sempre ignorante se ela negligencia ritos purificatórios, exceto por ignorância, indubitavelmente, o benefício vai para Piśācas e Yātudhānas.

74-75. Alguém que não tem fé em ritos purificatórios nasce entre Mlecchas. Aqueles que não fazem Yajñas e pecadores nascem entre as mais baixas camadas de animais. Um homem se livra dos pecados por meio de ritos purificatórios e chega ao céu. Os Devas realmente desejam pureza. Isso foi declarado pelos próprios Devas.

76. Os Suras sempre abandonam os horríveis e os impuros. Homens de ritos auspiciosos executam três tipos de ritos purificatórios justificadamente.

77-78. Os Pitrs, satisfeitos com eles por causa dos ritos puros deles, aumentam o poder yóguico e dão todas as coisas apreciadas disponíveis nos três mundos, para estes indivíduos, isto é, um homem que venera brâmanes, um que recebe convidados, um homem inteligente que adere à pureza, um afeiçoado devotadamente aos pais, um que possui autocontrole e um que é compreensivo, ó brâmanes. "

Capítulo 17: O Teste para Eligibidade de um Brâmane (para Convite para Śrāddha)

Os sábios disseram:

1. Ó Sūta inteligente, o *Śrāddhakalpa* foi descrito por você. O *Śrāddhakalpa,* glorificado por sábios, foi ouvido por nós.

2. Seus detalhes extensos foram narrados minuciosamente. Ó extremamente inteligente, por favor mencione os tópicos restantes também, de acordo com a opinião daquele sábio.

Sūta disse:

3. Ó brâmanes abençoados, eu contarei a opinião daquele sábio em detalhes, com relação a Śrāddha. Ouçam-na de mim.

4. O rito Śrāddha como também o modo de seu desempenho foi descrito previamente por mim. Eu também mencionarei o que resta na ordem correta no que se refere aos brâmanes.

5. Não é que brâmanes devem ser sempre (sujeitados a) testes e investigação. Mas com respeito a ritos referentes a deuses e Pitrs (o emprego de) testes foi prescrito no Śruti[1].

6. Deve-se evitar escrupulosamente aquela pessoa em quem defeitos são vistos, ou que é evitada por homens bons ou que, através de contatos ou por permanecer junto, é conhecida por ser má.

7-8. Um homem sensato sempre deve testar um brâmane que é não conhecido antes, na ocasião de Śrāddha[2].

De fato Siddhas vagam sobre essa terra no disfarce de brâmanes. Consequentemente uma pessoa deve se aproximar dos convidados que chegam com palmas unidas em reverência. Ela deve adorá-lo por oferecer água para lavar os pés, óleo para massagem e alimento para comer.

9-10. Os Devas e os mestres de Yoga percorrem a terra cercada pelo oceano em vários disfarces, protegendo os súditos virtuosamente. Um homem deve adorar e oferecer para um convidado brâmane diferentes tipos de comida e pratos de vegetais e frutas também[3].

11. É sabido que alguém obtém o resultado do (sacrifício) Agnistoma por oferecer leite (ou água) para um convidado[4]. Por oferecer ghee ele obtém visão esplêndida como também o fruto de um yajña de duração de dezesseis dias. Por oferecer mel, ele obtém o fruto do sacrifício *Atirātra*.

12. Uma pessoa devota que alimenta brâmanes fielmente, lhes oferecendo todos os objetos desejados, obtém o resultado disso. Aquele que oferece todas as

---

[1] Desde os tempos dos *Grhya Sutras* houve insistência sobre os antecedentes, erudição, caráter dos convidados (brâmanes) para ritos relacionados a Devas e Pitrs (*Asvalayana Grihya Sūtra*, IV.7.2; *Baudhayana G.S.* II. 8.2-3, II 10.5-6). A esses os Smrtis e Purānas adicionaram muitos mais, mas hereditariedade, personalidade, conhecimento Védico e caráter permaneceram as considerações principais no caso de tais convidados (Veja o *Matsya P.* 16.8-10, *Nārada P.* I, 28.6-10, *Kurma P.* 11.21 e *Smrti Candrika*: *Śrāddha Kanda*, págs. 389-394). Autocontrole era essencial em um convidado. *Manu* (11.118) declara, 'Um brâmane que conhece só o *Gāyatrī Mantra,* mas é autocontrolado, é preferível a um brâmane que conhece os três Vedas, mas carece de autocontrole.'

[2] Veja *Visnu Dharma Śāstra*, 82-1-2.

[3] Os versos 8-10 querem dizer que um *atithi* (um hóspede não convidado) – um estranho – que chega em busca de alimento na hora do Śrāddha, está isento das qualificações, pelo motivo especioso que o estranho poderia ser um *siddha* ou um deus disfarçado.

[4] Tais promessas baratas de conseguir os frutos de sacrifícios como Agnistoma ou Atiratra por oferecer coisas comuns como leite ou ghee para brâmanes têm afetado adversamente a instituição Védica de sacrifício. Para a distinção entre *Atithi* e *Abhyagata* veja os vv. 16-18 abaixo.

suas posses a todos os convidados e brâmanes desfruta para sempre do fruto do sacrifício *Sarvamedha*.

13. Aquele que despreza um convidado depois de sua chegada na ocasião de Śrāddha ou em um rito para Devas, é evitado por Devas da maneira que um Hotr desconsidera a riqueza de outro homem.

14. Com a finalidade de abençoar os mundos, Devas, Pitrs e o deus do fogo entram naqueles brâmanes e se alimentam.

15. Se eles não são adorados, eles queimam; se eles são adorados, eles concedem todos os desejos. Por isso sempre se deve adorar os convidados por oferecer todas as posses.

16. Um morador da floresta, um chefe de família, uma pessoa que visita a casa, crianças, pessoas aflitas e um asceta devem ser conhecidos como *Atithis* (convidados).

17. Um *Abhyāgata* é o convidado que pede algo. Um *Atithi* não pedirá. Um *Atithi* é o mais excelente porque ele não tem nenhum *Tithi* (data fixa). É dito que esse é o significado etimológico de *Atithi*.

18. Um real convidado não é terrível nem de uma casta misturada, nem desprovido de erudição nem um especialista muito instruído, nem ele tem muitos filhos nem ele é servil. Ele é de boa conduta.

19. Uma pessoa que deseja (o resultado da) realização de um Yajña deve receber com hospitalidade e dar (comida etc.) para um convidado que vagou muito, está sedento, cansado e extremamente faminto.

20-**22a**. Por escalar o Bhrigutuñga, por visitar (e dar um mergulho sagrado no) rio sagrado Sarasvatī, na santa deusa-rio Gañgā, Mahānadī, e outros rios que se originam de Himavān e aqueles venerados por sábios, assim como lagos e centros sagrados, uma pessoa fica livre de pecados e é honrada no céu.

22b-**23**. É dito que há poluição devido à morte por dez noites particularmente para um brâmane. É prescrito que um ksatriya tem doze dias de poluição. Um vaisya tem poluição por meio mês e um śūdra fica puro depois de um mês[5].

24-**25**. Uma mulher em fluxo menstrual em todas as castas fica pura em três noites. É declarado que alguém fica poluído por tocar uma mulher em seu fluxo menstrual, uma mulher em resguardo, um cachorro, um Cāndāla, um nudista como um Digambara Jaina e pessoas semelhantes, e aqueles que carregaram um corpo morto. Ele deve tomar banho junto com suas roupas e passar argila doze vezes em si mesmo. Então ele fica puro.

26-**27**. O mesmo rito purificatório deve ser seguido no caso de relações sexuais. Barro [ou argila] deve ser aplicado nove vezes. Depois de lavar as mãos com barro (e água), uma pessoa deve executar o rito purificatório. Depois de lavar as mãos com água e tomar banho, um homem sensato deve aplicar argila nas partes privadas duas vezes.

28. Esse é o modo de purificação a ser observado sempre por todas as castas. Deve-se besuntar mãos e pés três vezes e borrifá-los com água.

29. Esse é o rito de purificação para moradores da floresta (*Vānaprasthas*). Daqui em diante eu mencionarei o procedimento para moradores de aldeia (isto é, para chefes de família). Argila é aplicada nas mãos três vezes e três vezes nos pés.

30. Argila deve ser aplicada quinze vezes nas mãos e outras partes sujas. Argila deve ser aplicada nas partes sujas e ela deve ser lavada com água.

31. Depois de amarrar um tecido em volta do pescoço ou da cabeça, se alguém caminha a pé pela rua, ele deve lavar os pés. Sem lavar os pés, mesmo se ele executar *Ācamana*, ele estará impuro.

32. Depois de lavar os pés e baixar o cântaro, ele deve realizar *Ācamana* e então borrifá-lo com água. Os materiais de Śrāddha etc. devem ser borrifados novamente.

---

[5] Os versos 22-30 tratam de purificação pessoal.

33. Aspersão é recomendada em flores etc., grama e *Havis*. Objetos trazidos por outros devem ser colocados para baixo e borrifados com água.

34. Somente em um Śrāddha e ritos para Devas aqueles artigos que são borrifados com água devem ser usados. Tudo que é levado para o altar deve ser trazido pela extremidade do norte e tirado a partir da extremidade do sul.

35. Se o procedimento for alterado nos ritos relativos aos Devas ou Pitrs, isso (o rito) se torna infrutífero. Com a mão direita, a pessoa deve tocar o altar do sul.

36a. É auspicioso espalhar ritualisticamente a oferenda para Devas e Pitrs com ambas as mãos.

36b. (*Ācamana* é o rito purificador nos seguinte casos:) Quando a pessoa está agitada ou enfurecida; depois de se levantar do sono; após a micção e evacuação dos intestinos;

37-42. Quando a pessoa cospe; depois de se alimentar; quando os pés não são lavados; depois de conversar com uma pessoa excomungada (por outros); depois de trabalhar em lugares sujos (?); em todos os atos duvidosos como quando o tufo de cabelo é desamarrado e/ou a pessoa está sem o fio sagrado; quando os lábios tocam os dentes; quando alguém vê Cāndālas; depois de tocar coisas coladas aos dentes com a língua; estalar os dedos ruidosamente; ao ver alguém se curvando [isto é, ao ver alguém decaído] etc. Aquele que está no meio de uma ação pecaminosa, mas por ilusão fez *Ācamana,* também está impuro. Ele deve então se agachar em um lugar limpo e se curvar de frente para o norte ou o leste. Depois de lavar as mãos e os pés, ele deve realizar *Ācamana* entre os joelhos (mantendo as mãos no colo?). Ele deve tomar um gole da água imóvel três vezes mental.

43. Ele deve fazer *Marjana* (limpeza com água) duas vezes e então *Abhyuksana* (borrifo com água) uma vez sobre os órgãos dos sentidos, cabeça, mãos e pés também.

44-49. Qualquer coisa não considerada adequada deve ser borrifada com água. Dessa maneira seu Ācamana, Vedas (Estudo védico) Yajñas, penitência, doações caridosas e voto de celibato se tornam frutíferos. Se um ateu, por ilusão, executa ritos sagrados sem fazer Ācamana, todos aqueles ritos indubitavelmente serão inúteis. Todos esses seguintes devem ser identificados como puros: aquele que é puro em palavras, aquele que é limpo, aquele que é imaculado e aquele que não é criticado. O oposto desses é impuro. Um brâmane faminto nunca deve ouvir "Não há nada". Se alguma coisa é dada a ele depois de honrá-lo propriamente, isso é chamado de um sacrifício sem erguer um poste sacrifical. Durante Śrāddhas, um brâmane indigente mas não mendicante, solitário e tímido sempre deve ser alimentado com comida nem cozida demais nem aguada. Aquele que só oferece comida para as castas inferiores é uma alma má, um assassino de brâmanes.

50-51. Mesmo que ele tome cem nascimentos, ele não se tornará livre daquele pecado. Um brâmane que alimenta os brâmanes mais nobres e os menos dignos na mesma fila, seja incitado por outros ou não, incorre em pecado imediatamente. Até o mérito dele resultante de cavar poços e tanques é destruído.

52-53. Em um festival, um asceta é o líder de todos os brâmanes[6]. Um brâmane excelente que lê todos os Vedas com Itihāsa que constitui o quinto (Veda), deve ser mantido próximo a ele por alguém que conhece. Um brâmane que estuda três Vedas vem depois dele. Um (estudante) de dois Vedas vem depois dele.

54. Então um homem de um único Veda e depois dele vem uma pessoa que estuda o Sistema Nyāya. Para a pureza da fila, eu os estou mencionando. Entendam. Eu mencionarei aqueles que santificam a fila (?).

---

[6] Os versos 52-54 afirmam a precedência a ser dada aos brâmanes conforme o conhecimento deles, no arranjo de assentos de brâmanes a serem alimentados. É digno de nota que um asceta ou um Iogue obtém o primeiro lugar de honra.

55-**58**. Aqueles que foram mencionados antes, foram mencionados na ordem deles. Os *Pañktipāvanas*[7] (aqueles que santificam a fileira de comensais) são os seguintes: *Sadañgi* (uma pessoa que aprendeu todos os seis assuntos subordinados do Veda), *Vinayī* (o disciplinado), yogue, *Sarvatantrasvatantra* (aquele que dominou todos os sistemas de filosofia) e *Yāyāvara* (um santo mendicante vagante). Todos esses cinco devem ser reconhecidos como *Pañktipāvanas*. Aquele que dominou completamente uma das dezoito ciências, aquele que cumpre seu dever corretamente – todos eles também são assim. Os *Trināciketas*[8] (um brâmane que aprende os três Vidyās de Naciketas), o *Traividya* (aquele que se tornou mestre em três Vidyās), o brâmane que tem conhecimento de Dharmaśāstras, o brâmane que se tornou perito na escritura Bārhaspatya [escrita por Brhaspati] – é dito que todos esses brâmanes são aqueles que santificam a fileira.

59. Se um brâmane convidado em um Śrāddha se entrega a relações sexuais com uma mulher, os Pitrs deitam no sêmen viril dele pelo período daquele mês (?).

60. Se o realizador de um Śrāddha, ou aquele que se alimenta em um Śrāddha, se entrega a relações sexuais, indubitavelmente os Pitrs ficam posicionados no sêmen viril dele aquele mês.

61-**62**. Por isso um *Dana* (presente religioso) deve ser feito para o convidado e um Brahmacārin (pessoa celibatária) deve ser alimentado. O *Dana* é para ser feito para alguém absorto em meditação e que tem sentimentos compreensivos. No rito Śrāddha, um asceta íntegro ou um *Vālakhilya* (um mendicante que não acumula nada) deve ser alimentado. Um *Vānaprastha* (habitante da floresta) e um *Upakurvāna* (Brahmacārin que completa seus estudos e paga seu professor, e está prestes a ser um chefe de família) são propiciados por mera adoração.

63. Se um chefe de família é alimentado, os Viśvedevas são adorados. Por adorar um Vānaprastha, os sábios são adorados. Por adorar Vālakhilyas, Purandara (isto é, Indra) é adorado.

64. Ao adorar ascetas, o próprio Brahma é adorado. Esses Aśramas são sagrados. Há cinco *Anāśramas* por engano (?).

65. Quatro Aśramas (isto é, pessoas nas quatro fases de vida) devem ser adorados nos ritos de Devas e Pitrs. Um Śrāddha nunca deve ser oferecido para aqueles que estão fora das quatro fases de vida.

66. Mesmo que ele fique faminto, que fique assim [aquele que está] fora das quatro fases de vida. O não asceta e o salvacionista – ambos são os profanadores da fileira[9].

---

[7] Acreditava-se que pessoas de caráter, mérito, conhecimento etc. especialmente elevados purificavam os membros excomungados ou degenerados da sociedade por se associarem com eles, por sentarem na fileira deles para jantar ou até por seu olhar beneficente (v. 91 abaixo). A crença era provavelmente corrente antes do tempo dos Dharma Sutras: veja *Apartamba Dh. S.* II. 7.17-22. Muito curiosamente, *Gautama* (15.28), *Baudhayana Dh.S.* II. 8.2, *Manu* III. 185-186, *Yajnavalkya Smrti* (I. 219) usam as mesmas palavras sobre esses santificadores de comensais (*Panktipavanas*). Nós temos uma lista longa de tais santificadores no *Mahābhārata*, *Anuśāsana* cap. 90, *Matsya P.* 16.7-23, *Kurma P.* II. 21-1-14. *Brahmānda P.* 2.3.15.28-32. O nosso texto praticamente repete as mesmas linhas.

[8] Trinaciketa é explicado alternativamente como:

(1) Uma pessoa que conhece o fogo *Naciketa*.

(2) Uma pessoa que acendeu três vezes o fogo *Naciketa*,

(3) Uma que estudou o *Anuvaka* chamado *Virajas* (*Taittiriya Brāhmana* III. 11.7-8), o qual descreve o fogo Naciketa e a história de Naciketas.

[9] Os versos 66-83 dão uma lista de pessoas que são profanadores da fileira de comensais (*Pankti-dusakas*). Essas linhas são comuns a Smrtis e outros Purānas como *Manu* III. 151-166; *Yajnavalkya* I. 222-224; *Brhad Yama Smr*. III. 34-38; *Mahabh*. *Anuśāsana* 90.6-11; *Matsya P*. 16.14-17; *Nārada P*. I. 30-4; *Kurma P.* II. 21.27-46 para mencionar alguns. Aparte da semelhança textual, as listas são interessantes de um ponto de vista sociológico. Elas indicam qual classe de pessoas, profissões, modos de vida eram desrespeitados pelas elites daqueles tempos. Seitas que insistem em jejuns longos (por exemplo Jainas), Sankhyas (que eram ateus originalmente), mendicantes não bramânicos como Bauddhas, Jainas, pessoas que não seguem as vocações de suas castas, são consideradas como indignas de serem convidadas para um Śrāddha ou receber doações religiosas (*dana*).

67. Aqueles que raspam seu cabelo em vão, aqueles que usam cabelo emaranhado, aqueles que usam todos os tipos de mantos, aqueles que são desprovidos de clemência, aqueles que quebram todos os códigos de boa conduta, e aqueles que são indiscriminados em alimentação – devem ser evitados.

68. Na questão de *Havya* e *Kavya*, deve-se evitar Kārukas (uma seita Śaiva) e homens sem conduta disciplinada de vida, homens excluídos da Sociedade Védica, músicos e atores (que imitam divindades).

69-**70**. Uma pessoa que tem contato social e outros com esses obtém cor sombria (mácula). Aquele que janta com śūdras – todos esses são profanadores da fileira (de comensais).

71. Matança (de animais etc.), destruição por meio de força, agricultura, atividades comerciais, criação de animais, serviço secreto para uma pessoa diferente do preceptor – esses não devem ser seguidos por um brâmane.

72. Aqueles que são brâmanes verdadeiros buscam conhecimento e meditação. Mesmo se eles nascem como brâmanes, aqueles que têm concepções falsas são de má conduta.

73. Os pregadores de doutrinas erradas/heréticas devem ser evitados. Assim também o arrogante, o boateiro, e as pessoas maculadas por pecados menores e grandes devem ser evitados.

74-**75**. Aqueles que fazem uso dos Vedas como um meio de emprego por ganância e ilusão ou por lucro são os vendedores de Vedas. Eles devem ser evitados no rito Śrāddha.

O estudo dos Vedas não é uma profissão. Aquele que faz disso uma profissão é uma pecador. O participante é privado do fruto do Estudo Védico. O doador é privado do fruto da caridade.

76. Uma pessoa contratada para ensinar os Vedas e alguém que é ensinado por tal pessoa – ambos não merecem convite para um Śrāddha como os vendedores e compradores dos Vedas.

77. Aqueles (brâmanes) que compram e vendem para o propósito de sustento são desprezíveis. Essa é a profissão de um vaisya, mas um pecado para brâmanes.

78. Dizem que aquele que depende dos Vedas para seu sustento e aquele que depende daqueles que conhecem Vedas para sustento não merecem convite para um Śrāddha. O marido da filha da pessoa também não deve ser convidado.

79. Aquele que vai até sua esposa em vão (isto é, uma pessoa sem descendentes) e aquele que realiza Yajña em vão – ambos não merecem um (convite para) um Śrāddha. Um brâmane (que é) um ateu também não deve ser convidado.

80. Aquele que cozinha alimento para si mesmo apenas e aquele que não oferece nada aos Devas e convidados – ambos são decaídos e eles são Brahmarāksasas. Eles não merecem (convite para) um Śrāddha.

81. Aqueles cujas esposas esperam as noites avidamente e aqueles que correm atrás das esposas de outros homens, como também aqueles que são loucos atrás de riqueza e amor não devem ser convidados para um Śrāddha.

82. Aqueles que são contrários à disciplina e aos deveres das quatro castas e fases de vida, um ladrão e aqueles que executam Yajña indiscriminadamente para todo mundo – todos esses são profanadores da fileira no rito Śrāddha.

83. Os Pitrs não tomam suas partes no Śrāddha se o brâmane convidado come como um javali, ou come de sua palma ou come com sua mão esquerda.

84. As sobras da comida do Śrāddha não devem ser dadas para mulheres ou para um śūdra, a menos que ele seja um assistente. Se alguém dá por paixão ou ilusão, isso nunca chega aos Pitrs.

85. Por isso em uma rito Śrāddha, os restos de alimento nunca devem ser dados exceto coalhadas e ghee, e esses também para um discípulo e um filho; não de outra maneira.

86. Só aquilo que não é sobra deve ser dado, tal como comida particularmente. Os Pitrs são propiciados com flores, raízes, e frutas como também com alimentos.

87. Os comestíveis servidos são santificados enquanto eles estão quentes. Os Pitrs partilham da comida enquanto os brâmanes convidados comem seu alimento, com controle sobre sua fala.

88. Doações caridosas, aceitação de doações, Homa, alimentação e oblações devem ser feitas com o dedo polegar (os tocando) para que eles não vão para Asuras.

89. Todos esses ritos, e especialmente o rito de doação, são feitos dessa maneira. O rito de Ācamana é realizado com as mãos entre os joelhos.

90. Deve-se evitar as pessoas com cabeças raspadas, cabelo emaranhado, e mantos de cor ocre, na hora do rito Śrāddha. Deve-se oferecer Śrāddha assiduamente para aqueles que usam tufos e para o tipo *Tridandin* de ascetas.

91. Aqueles que são firmes em seus ritos sagrados, aqueles que buscam conhecimento e estão empenhados em meditações, e os devotos de alma nobre dos Devas, santificam (outros) por sua mera visão.

92. O todo dos três mundos é permeado sempre pelos mestres de Yoga. Consequentemente eles (podem) observar tudo o que existe no universo.

93-**94**. As almas nobres mantêm o manifesto e o imanifesto sob o controle deles. Eles controlam até mesmo aquilo que é maior que tudo. Verdade e falsidade são percebidas por eles. *Sat* e *Asat* são vistos por eles. Todas as coisas conhecíveis, absolvição etc. são vistas pelas almas nobres. Por essa razão alguém que é dedicado a eles obtém tudo o que é auspicioso.

95. Aquele que conhece os Rks conhece os Vedas. Aquele que conhece os Mantras Yajur conhece Yajña. Aquele que conhece os Mantras Sāman conhece Brahman. Aquele que conhece Mānasa (? a mente) conhece tudo.

Capítulo 18: Benefício Derivado de Doações Caridosas

Brhaspati disse:

1. Daqui em diante eu descreverei os vários tipos de doações religiosas e os benefícios disso[1]. Um presente religioso habilita todos os seres vivos a cruzarem (o oceano da existência mundana). Ele é o caminho agradável para o céu.

2. Aquilo que é o mais excelente no mundo, aquilo que é conducente ao alcançamento do céu, não só isso, tudo aquilo que é agradável para si mesmo, deve ser oferecido aos Pitrs por alguém que busca sua própria salvação eterna.

3. Uma pessoa que oferece arroz cozido deriva o benefício de obter uma carruagem dourada divina deslumbrante como o sol e cheia de Apsaras divinas.

4. Aquele que doa um tecido novo do tear na hora do rito Śrāddha obtém longevidade, ampla riqueza, beleza e um filho.

5. O conhecedor de Dharmas que dá um fio sagrado na ocasião do Śrāddha e oferece água para todos os brâmanes obtém o fruto de *Brahmadāna* (o presente de conhecimento Védico).

6. Se alguém oferece um bom cântaro na hora de Śrāddhas para os brâmanes, uma vaca que exsuda mel e leite se aproxima do doador.

7. Aquele que dá um cântaro circular no momento de Śrāddha obtém uma vaca divina produtora de leite que pode ser ordenhada para tudo o que ele desejar.

8. Se alguém dá um equipamento de cama completo decorado com guirlandas de flores, isso se torna um palácio e o segue quando ele vai (para o céu).

9. Por dar uma casa cheia de pedras preciosas, mobiliada com cama, assentos e comida, na hora de Śrāddha para ascetas, alguém se regozija no céu.

10-**14**. Ele obtém pérolas, lápis lazúli, artigos de vestuário, variedades de pedras preciosas, veículos divinos, centenas de milhares e trilhões em número e uma carruagem aérea divina que deslumbra como um grande fogo ardente que tem o esplendor da lua e do sol, e que é decorada com jóias de acordo com o desejo dele. A carruagem aérea tem a velocidade da mente e pode ir a qualquer lugar conforme a vontade dele. Ela é rodeada por Apsaras. Ele permanece na dianteira da carruagem aérea elogiada por todos em volta. Os Gandharvas e as Apsaras o borrifam com perfumes divinos e chuvas de flores. Eles cantam e tocam instrumentos. Moças jovens e notáveis acompanhadas por grupos de Apsaras o acordam com doces vozes agradáveis.

15. Pelas doações de mil cavalos, cem carruagens e mil elefantes, um homem vive com uma Yoginī.

16. Aquele que oferece água (e) lâmpada para Pitrs e iogues, obtém o fruto da doação de milhares de moedas de ouro.

17. Nenhum outro presente é mais excelente que o presente da vida. Por isso, por todos os meios a proteção à vida deve ser dada.

18. Não-violência é mais divina que todos os Devas. Ela concede tudo. Homens eruditos dizem que o presente da vida é o mais nobre para todos os seres vivos.

---

[1] Embora obras antigas sobre Dharmaśāstra insistam na evitação de esbanjamento em Śrāddha, Purānas posteriores encorajam gasto abundante em Śrāddha, por exemplo o *Padma P*. *Srsti-Khanda* 9.179-181; *Vārāha P.* 13.50-51; *Vishnu P.* III. 14.22-23. É informado que os Pitrs têm dois Gathas que expressam o desejo deles de terem um descendente que dê aos brâmanes (para o benefício dos Pitrs) jóias, roupas, terra, veículos caros. Esse texto encoraja doações pródigas em Śrāddha. A recompensa prometida é felicidade no céu. Há pouca co-relação racional entre presente religioso (*dana*) e a recompensa obtida.

19. Na ocasião de Śrāddha, deve-se dar recipientes dourados tendo características boas. Sucos e bebidas doces (divinos), bons comestíveis e boa fortuna se aproximam dele.

20. Uma pessoa deve dar recipiente metálico belo enquanto alimentando em Śrāddha. Ela se tornará uma recebedora dos objetos de desejos nutridos e de beleza e riqueza.

21. No rito Śrāddha, deve-se dar um recipiente de prata ou ouro. Por dá-lo, o doador obtém ampla virtude (como recompensa).

22. Aquele que faz uma doação de uma vaca que pariu apenas uma vez, junto com um vaso de ordenha, na hora de um Śrāddha, obtém várias vacas e a nutrição das vacas.

23-**26a**. Na época de inverno, deve-se oferecer fogo e bastante madeira. Aquele que dá combustível para brâmanes no começo do inverno se torna sempre vitorioso em batalha. Ele brilha com glória. Deve-se honrar brâmanes e oferecer guirlandas fragrantes e perfumes doces como também recipientes. Grandes rios que fluem com odores fragrantes e todos os tipos de felicidade se aproximam do doador. Assim também donzelas jovens de modos agradáveis (se aproximam dele).

26b. Camas e assentos bonitos, propriedades e veículos (devem ser dados).

27-**28**. Aquele que dá os artigos supracitados em um Śrāddha obtém o benefício de um sacrifício de cavalo. Em Śrāddhas usuais ou no momento de Darśa Śrāddha, alguém deve dar para brâmanes de qualidades boas recipientes cheios de ghee com respeito muito grande. Ele obterá boa memória e intelecto excelente.

29. Ele obtém o benefício de muitas vacas que produzem potes cheios de leite. Nesse mundo, ele se regozija com carruagens e bons cavalos.

30. Por dar a coisa desejada, na hora de Śrāddha, uma pessoa obtém o benefício do sacrifício chamado Pundarīka. Por dar um local residencial belo, ela obtém o fruto do sacrifício Rājasūya.

31-**33**. Por dar uma floresta cheia de flores e frutas, alguém obtém substâncias de cheiro doce. Por dar poços, parques, tanques, campos, estábulos e casas, uma pessoa se regozija por tanto tempo no céu quanto a lua e as estrelas permanecem. Por dar camas e lençóis embelezados com jóias, alguém obtém prazer divino infinito. Os Pitrs ficam contentes com ele. Ele é adorado (honrado) por reis. Ele prospera com riqueza e grãos.

34-**35**. Trajes de lã e de seda, mantas excelentes, camurça, brocado de ouro, tecido e lã coloridos – esses devem ser dados para brâmanes depois de alimentá-los propriamente. Uma pessoa que tem fé então adquire o benefício de cem Yajñas Vājapeya[2].

36. Muitas mulheres bonitas, filhos, criados e atendentes, mais ainda, todos os seres vivos, ficam submissos a ele nesse mundo. Ele fica livre de todas as doenças.

37. Aquele que dá seda, tecido de seda, algodão e veludo em Śrāddhas obtém a realização de todos os seus desejos nutridos.

38. Ele dissipa todas as coisas ingloriosas e infortúnios imediatamente como a escuridão na hora do amanhecer. Ele brilha em uma carruagem aérea como a lua entre as estrelas.

39. Um artigo de vestuário é elogiado por todos os Devas; traje pertence a todas as divindades. Na ausência de tecido, nenhum rito sagrado – nem Yajñas nem (estudo dos) Vedas nem penitências, podem ser executados.

40. Por isso roupas devem ser dadas na hora de Śrāddha especialmente. Ele obtém todas aquelas coisas – Yajñas, os Vedas e as penitências.

---

2 A promessa do fruto de sacrifícios (que requerem muita dificuldade e despesa) para *dana* deve ter resultado como um desincentivo para a realização de sacrifício, e esses defensores bramânicos de tais modos baratos e fáceis de ganhar méritos sacrificais obtêm o crédito duvidoso de afetar adversamente a instituição Védica de Sacrifício.

41. Aquele que sempre os dá durante Śrāddhas, com fé e pureza, obtém todos os seus desejos e todos os reinos.

42-43. Ele obtêm o fruto de um sacrifício equipado ricamente com todas as coisas desejáveis. Aquele que dá diferentes tipos de comestíveis, grãos, farinha misturada com coalhadas, bolos de farinha, ghee e açúcar, leite, pudins de leite, Krśaras[3] e Madhuparka e tortas fritas em ghee, obtém o fruto do Agnistoma.

44. Os Pitrs são ávidos por coalhadas e outros produtos de leite e diferentes tipos de comestíveis e arroz cozido durante a estação chuvosa e na época quando a constelação Maghā está ascendente.

45. Deve-se alimentar brâmanes com ghee. Um pouco de ghee deve ser derramado no chão. Por doar elefantes em Gayā, alguém pode ficar livre de todas as preocupações a respeito de Śrāddha.

46. Por dar arroz cozido, pudim de leite, ghee, mel, frutas, e raízes como também diferentes tipos de alimento, uma pessoa se regozija aqui e depois da morte.

47. Arroz batido misturado com açúcar e leite sempre é de benefício perpétuo. Se *Masūrā dāl* e Krśara (arroz cozido com temperos e grãos de leguminosa) forem oferecidos, os Pitrs ficarão satisfeitos por um ano.

48. Pratos de grãos em pó fritos, arroz frito, tortas, feijão [*Macrotyloma uniflorum*] cozido – todos misturados com coalhadas – aquele que dá todos esses em Śrāddha obtém o tesouro de Kubera.

49. Aquele que dá legumes frescos atenciosamente em Śrāddhas, depois de reverenciar devidamente os convidados, obtém todos os prazeres. Ele é venerado quando ele vai para o céu.

50. O homem que oferece os comestíveis e mantimentos mais excelentes, e bebidas, [alimentos] tomados por lamber e coisas suculentas, se tornam os mais excelentes de todos.

51. A carne do rinoceronte é o melhor *Havis* nos ritos para Viśvedevas e Soma. Mas o melhor chifre do rinoceronte deve ser evitado para mitigar a malícia (das divindades)?

52. O devoto, com palmas unidas em reverência, deve oferecer o melhor assento aos convidados enquanto alimentando. Ele então obterá o resultado excelente de todos os ritos e Yajñas.

53. Comida bem cozida deve ser servida quente e rapidamente para o faminto. Ela não deve estar cozida demais. Depois de reverenciá-lo atenciosamente, pratos de vegetais saturados em ghee devem ser oferecidos com devoção.

54. A pessoa que oferece alimento obtém uma carruagem aérea que parece o sol do meio-dia e provida de cisnes por três crores de Kalpas (crores de donzelas no *Brahmānda P.*).

55. Não há nada aqui maior que a doação de alimento e eles são sustentados por isso sem nenhuma dúvida.

56. Não há presente mais nobre que o presente da vida. O conjunto dos três mundos vive por meio de alimento. Esse é o fruto de oferecer arroz cozido.

57. Todos os mundos são fundados (dependentes) do alimento. Ele é o fruto do presente dos mundos. Alimento é o próprio Prajāpati. Todos esses mundos são permeados por ele. Por isso uma doação em igualdade com a de alimento nunca houve antes nem haverá jamais no futuro.

58. Um homem devotado aos Pitrs obtém imediatamente todas as jóias, veículos e mulheres na terra.

59. Uma pessoa deve, com palmas unidas em reverência, sempre oferecer abrigo aos convidados. Eles são os Devas aguardando aos milhares, pela hospitalidade divina.

---

[3] Um prato que consiste em gergelim e grãos (mistura de ervilhas e arroz com algumas especiarias) – *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams, pág. 308.

60. Aquele que faz todas as doações (mencionadas antes) será o único imperador na terra. Ele ficará feliz mesmo se ele fizer três, duas ou até mesmo uma daquelas doações.

61. Fazer doações é a maior virtude (*Dharma*). Isso é honrado e venerado por homens bons. O Domínio dos três mundos só será obtido por meio de *Dana*.

62. Um rei recupera seu reino; um homem pobre obtém riqueza excelente; um homem prestes a morrer obtém longevidade. Tudo o que um homem devotado aos Pitrs deseja em sua mente será concedido pelos Pitrs dele.

Capítulo 19: O Benefício da Realização de Śrāddha em Vários Tithis

Brhaspati disse:

1. Daqui em diante eu descreverei os vários tipos de Śrāddha[1], como *Ajasra* ou *Nitya* (diário, regular), *Naimittika* (ocasional, condicional) e *Kāmya* (realizado com algum objetivo desejado em vista) e o modo de adoração (neles).

2. Há três grupos de *Astakās*[2] (o 7º, 8º e 9º dias da metade escura de um mês) que trazem matrimônio, nascimento de um filho e aquisição de riqueza. A metade escura de um mês é a mais excelente. O primeiro *Astakā* é chamado de Citrī.

3-4. O segundo *Astakā* será *Prājāpatyā* (com Prajāpati como sua deidade) e o terceiro (é) Vaiśvadevikī. O primeiro *Astakā* sempre será realizado com bolos de farinha. O segundo deve sempre ser realizado com carne. O terceiro *Astakā* será feito com verduras e legumes. Essa é a injunção com relação aos artigos (para Śrāddha). O *Anvastakā* (o nono dia na metade escura de Pausa, Māgha e Phālguna) dos Pitrs também foi consagrado permanentemente.

5. Se ocorrer um quarto *Astakā*, uma pessoa instruída deve executar um Śrāddha especial nele, mesmo por gastar todas as suas posses.

6. Ele (o realizador de um Śrāddha) sempre será feliz aqui e na vida futura. Os adoradores obterão progresso e os incrédulos, queda.

7. Como vacas se aproximando de um bebedouro, todos aqueles Pitrs e deuses se aproximam do homem (que realiza um *Śrāddha)-Pitrs* durante os dias *Parvan* e divindades em diferentes Tithis.

8. Que eles não retornem sem serem adorados durante *Astakās*. O mundo (vida mundana) será em vão com relação a ele (que não adora). Até mesmo o que é obtido por ele, perece.

9-10. Aqueles que oferecem adoração alcançam os Devas. Aqueles que não oferecem renascem como animais inferiores. Uma pessoa que faz um Śrāddha no dia de Lua Cheia obtém progênie, nutrição, memória, intelecto, filhos e prosperidade[3]. Ele

---

[1] O *'Ajasra'* ou *'Nitya'* Śrāddha deve ser realizado todos os dias, por exemplo *Pitr-yajña* em *Pancamahayajnas* diários. O Śrāddha a ser executado em uma ocasião que é incerta (por exemplo o nascimento de um filho) é *Naimittika*. Śrāddha feito pelo desejo de um fruto ou recompensa (por exemplo progênie) é *Kamya*.

[2] A palavra *'Astaka'* é formada de *'astan'*. Mas de acordo com *Vartika* 9 sobre *Panini* VII. 3.45, ela significa 'um rito com Pitrs como divindades'. O *Asvalayana Grihya Sūtra* II. 4-1 informa que o 8º dia nas metades escuras das estações *Hemanta* e *Sisira* [início e final do inverno] são *Astakas*. Como uma estação consiste em dois meses há (e deve haver) quatro *Astakas*. Mas a maioria dos outros Grhya Sutras difere e considera o 8º dia nas metades escuras de Mārgaśīrsa, Pausa e Magha como dias *Astaka*. Esse Purāna não segue Asvalayana. Embora o acima mencionado *Vartika* considere os Pitrs como as divindades nesses dias, o nosso Purāna considera o primeiro *Astaka* como *Gitri* (*Aindri?* como no *Brahmānda P.*), o segundo tem Prajāpati e o terceiro tem Viśvedevas como as divindades, e os Pitrs são evidentes pela não menção deles.

[3] Os versos 10-19 relatam o benefício que provém da realização de Śrāddha em diferentes Tithis do 1º ao 15º. *Apastamba Dharma Śāstra* II. 7.16-22; *Mahabh*. *Anuśāsana* 87; *Brahmānda P.* 2.3.9-20; *Kurma P.*II. 20.17.22 especificam a recompensa que um homem obtém pelo desempenho de Śrāddha nesse Tithis. Mas há diferença de opinião entre esses sobre os benefícios. Por exemplo, veja a tabela comparativa de recompensas da realização de Śrāddha em vários Tithis.

O Tithi	***Recompensa conforme o nosso texto***	***Recompensa conforme o Kurma P. II. 20.***
1	Aquisição de riqueza	Filhos auspiciosos
2	Domínio sobre bípedes	Gera filhas
3	Destrói pecados	Obtém animais
4	Descobre pontos fracos de seus inimigos	Obtém animais e coisas pequenas
5	Obtém prosperidade e glória	Gera filhos esplêndidos
6	Reverência de brâmanes	Abençoado com esplendor e boa cultura

A lista não precisa ser estendida.

desfruta ao máximo. (O Śrāddha feito em) *Pratipad* (o primeiro dia de uma quinzena) é conducente à aquisição de riqueza. O que ele adquiriu não perece.

11. Aquele que realiza um Śrāddha no segundo dia da quinzena lunar se torna o senhor dos bípedes. O terceiro dia (deve ser selecionado para Śrāddha) por alguém que busca coisas excelentes, (pois) *Trtiyā* (o terceiro dia) é destrutivo de pecados.

12. Aquele que realiza um Śrāddha em *Caturthi* (quarto dia) descobre os pontos fracos dos inimigos dele. O realizador de um Śrāddha no quinto dia obtém grande prosperidade e glória.

13-14. Brâmanes veneram aquele que realiza um Śrāddha no sexto dia. O homem que faz um Śrāddha no sétimo dia regularmente obtém o fruto de *Mahāsatra* (grande sacrifício Soma). Ele se torna o senhor dos Ganas (seguidores de Siva). O homem que executa um Śrāddha no oitavo dia obtém prosperidade completa.

15. Aquele que faz um Śrāddha no nono dia obtém prosperidade e uma esposa amada. Aquele que realiza um Śrāddha no décimo dia consegue a glória da condição de brâmane.

16. Ele obterá (domínio sobre) todos os Vedas e a destruição de pecados. O Dana (presente religioso) oferecido no décimo primeiro dia rende prosperidade para sempre.

17. Dizem que aquele que faz um Śrāddha no décimo segundo dia adquire riqueza, um reino, e se torna vitorioso. Aquele que faz um Śrāddha no décimo terceiro dia obtém progênie, intelecto, gado, sabedoria, liberdade, nutrição excelente, vida longa e prosperidade.

18. Deve-se oferecer um Śrāddha no décimo quarto dia para aqueles homens jovens da casa que sofreram morte prematura e para aqueles que foram mortos por armas.

19. Com pureza deve-se sempre oferecer um Śrāddha no dia de Lua Nova para aqueles filhos nascidos desfavoravelmente (por exemplo um filho depois de três filhas ou uma filha depois de três filhos) assim como para filhos gêmeos.

20. Alguém que realiza um Śrāddha regularmente obtém todos os desejos nutridos e prazeres divinos infinitos. Deve-se sempre executar no dia de Lua Nova os rituais e aqueles grandes ritos que envolvem extração de Suco Soma (ou que são conducentes ao desenvolvimento da Lua (?)).

21. Assim desenvolvida, a Lua sustenta os três mundos, sendo louvada regularmente por Siddhas, Cāranas e Gandharvas.

22. (A Lua) é elogiada por milhares de Apsaras dançando, cantando e tocando instrumentos, por meio de louvores, flores de grande beleza e todos os requisitos para a realização de desejos.

23. Devas e Gandharvas, e os grupos de Siddhas, louvam aquele devoto dos Pitrs firme em seus ritos sagrados. Eles o servem por meio de carruagens aéreas por esporte.

24. O devoto dos Pitrs realizará todos os desejos nutridos no dia de *Amāvāsyā* (Lua Nova), pois os Pitrs são adorados por ele diretamente sempre.

25. A constelação Māgha tem Pitrs como suas divindades. Por isso um Śrāddha naquele dia produz benefício eterno. Os sábios realizam os ritos para Pitrs especialmente naquele dia.

26. Por isso os Pitrs sempre desejam Māgha. Aqueles que são devotados aos Pitrs e divindades atingem a maior meta.

Capítulo 20: O Benefício da Realização de Śrāddha sob diferentes Constelações[1]

Brhaspati disse:

1. Ouçam um relato detalhado de todos aqueles Śrāddhas que Yama mencionou para Śaśabindu. Eles devem ser executados sob diferentes constelações respectivamente[2].

2. Aquele que mantém os fogos sacrificais para sempre e realiza um Śrāddha (quando a Lua está) em conjunção com a constelação de Krttikā, fica livre de preocupações e doenças junto com seus filhos.

3. Uma pessoa desejosa de filhos deve fazer um Śrāddha sob Rohinī. Por executar um Śrāddha sob a constelação de Saumya (Mrgaśiras) uma pessoa obtém vigor e vitalidade. Geralmente o homem de atividades cruéis executa um Śrāddha sob Ardrā.

4-5. Alguém que realiza um Śrāddha sob a constelação de Punarvasu se torna o possuidor de campos e gera filhos. Ele será abençoado com riqueza e grãos como também com filhos e netos. Um homem que deseja satisfação e contentamento deve realizar Śrāddha sob a constelação de Pusya. Uma pessoa obterá filhos heróicos por adorar Pitrs sob Aślesā.

6. Aquele que realiza um Śrāddha sob Maghā se torna o mais excelente entre seus parentes. Um homem por cultuar Pitrs na constelação (Purva) Phalguni obtém boa fortuna.

7. Aquele que faz um Śrāddha sob a constelação Uttarāphalguni se torna o líder (em sua comunidade) junto com seus filhos. Aquele que realiza Tarpana para Pitrs sob a constelação de Hasta se torna o principal dos homens bons.

8. Aquele que realiza um Śrāddha na constelação de Citrā vê (tem) filhos belos. Aquele que realiza um Śrāddha sob a constelação de Svāti se torna um estudioso e obtém lucro.

9. Um homem que deseja filhos deve executar um Śrāddha sob a constelação de Viśakhā. Aquele que faz um Śrāddha na constelação Anurādhā expande seu reino.

10. Aquele que faz Śrāddha sob a constelação Jyesthā obtém domínio e excelência para sempre. Aqueles que desejam saúde devem realizar um Śrāddha sob a constelação de Mūla. Aqueles que desejam grande fama devem executar um Śrāddha sob Pūrvāsādhā.

11. Um homem que faz um Śrāddha sob a constelação Uttarāsādhā será livre de aflição. Por realizar um Śrāddha sob a constelação de Śravana, uma pessoa alcançará a maior meta nos mundos excelentes.

12. Um homem que faz um Śrāddha sob a constelação de Dhanisthā ganha um reino e consegue riqueza enorme. Por fazer um Śrāddha sob a constelação de Abhijit, (ele) obtém cabras e ovelhas como resultado.

13. Aquele que executa um Śrāddha na constelação de Satabhisak obtém sucesso como um grande médico. Aquele que faz um Śrāddha na constelação de Pūrvā-Bhādrapadā (Prosthapada) obtém cabras e ovelhas como o resultado.

---

[1] Esse capítulo é incorporado do *Mahabh*. *Anuśāsana* 89.

[2] O *Visnu DharmaSastra.* (78.8-15) menciona as recompensas obtidas por realizar sraddha sob diferentes constelações de Krttika a Bharani. *Yajnavalkya* I. 265-268; *Markandeya P*. 30.8-16; *Kurma P*. II. 20.9-15, *Brahmānda P.* 2.3.18 tratam do mesmo tópico embora haja alguma discordância a respeito dos benefícios prometidos.

A contagem de *Naksatras* [mansões lunares] a partir de Krttika e não de Asvini mostra que esse capítulo (e também o capítulo do *Mahabh*., a fonte desse capítulo) foi escrito algum tempo antes de 500 D.C., quando a contagem védica de Naksatras era prevalecente.

14. Aquele que executa um Śrāddha infalivelmente sob Uttarā Bhādrapadā obterá milhares de vacas. Aquele que faz um Śrāddha sob a constelação Revatī adquire muita riqueza. Por realizar um Śrāddha sob a constelação Aśvinī uma pessoa obtém cavalos. Aquele que faz um Śrāddha na constelação de Bharani obtém vida longa.

15. Por fazer um Śrāddha de acordo com essas injunções Saśabindu conseguiu a terra inteira. Depois de obter a terra inteira ele elogiou a ele (Yama).

Capítulo 21: Tópicos Diversos; Qualificações de um Brâmane para doações de Śrāddha; Méritos da Realização de Śrāddha em Lugares Sagrados

Samyu disse:

1. Ó principal entre os eloquentes, o que é que, oferecido aos Pitrs, os deleita em uma pequena extensão? O que (os) satisfaz por muito tempo? O que é que é propício para satisfazê-los infinitamente?[1]

Brhaspati disse:

2. Ouça aquelas oferendas sacrificais que devem ser feitas na ocasião de Śrāddha como os conhecedores de Śrāddha compreendiam. Conheça também o benefício dessas conforme sua força.

3. Avôs ficam satisfeitos por um mês por um Śrāddha no qual são oferecidas sementes de gergelim, grãos de arroz, cevada, feijão preto, água, frutas e raízes.

4. Eles ficam satisfeitos por dois meses se peixes são oferecidos; por três meses se carne de veado é oferecida; por quatro meses se a carne de lebre é oferecida; e por cinco meses se a carne de aves é oferecida.

5. Eles ficam satisfeitos por seis meses com a carne de javalis, por sete meses com a carne de cabras e por oito meses com a carne de uma corça pintada.

6. Os espíritos dos mortos ficam satisfeitos por nove meses com a carne do cervo Ruru. Eles terão satisfação que dura por dez meses com a carne de *Gavaya* (um tipo de boi).

7. Eles são propiciados por onze meses com a carne de uma tartaruga. Saiba que Śrāddha com (produtos do) leite de vaca dura por um ano.

8. Assim também no caso de pudim de leite junto com produtos de leite, mel e ghee. A satisfação com a carne de um *Vadhrinasa* (um animal semelhante a rinoceronte ?) dura por doze anos.

9. Com a carne de *Khadga* (rinoceronte) durante os ritos de Pitrs, a satisfação é eterna. Do mesmo modo, a carne de uma cabra preta e um jacaré proporciona satisfação infinita.

10. Em relação a isso, aqueles que conhecem as ciências antigas falam sobre os *gāthās* (versos tradicionais) cantados por Pitrs. Eu os narrarei para você. Ouça e escute corretamente.

11-12. (Os Pitrs cantam) "Nascerá na nossa própria família um filho que nos dará, no *Trayodaśi* (décimo terceiro) dia, alimento cozido, pudim de leite, mel e ghee

---

[1] O primeiro tópico discutido é sobre os pratos vegetarianos e não vegetarianos apreciados pelos Pitrs, e que portanto devem ser servidos aos brâmanes enquanto jantando em um Śrāddha (veja os vv. 3-9).

O *Apastamba Dharma Sūtra* (600 A.C.) prescreve comida de carne como obrigatória em Śrāddha e enumera os animais cuja carne satisfaz Pitrs por um período específico, por exemplo a carne de um *gavaya,* (um animal semelhante a vaca) oferecido em Śrāddha satisfaz os Pitris por um ano. Para outros animais e o período de satisfação etc., veja *Apastamba Dh.S*. II. 7.16 - 25; II. 17.3. Por recusa em aceitar comida não vegetariana em um Śrāddha alguém tem ir para o inferno (*Visnudharmottara* I. 140-49-50; também *Manu* V. 35; *Kurma P.* 11.17.40).

Manu III. 267-272; *Yajnavalkya* I. 158-260; *Mahabh. Anuśāsana,* cap. 88; *Śrāddha-Sūtra* de Katyayana (Kandika 7-8); *Kurma P*. 11.40-42; *Matsya. P*. 17.31-35; *Brahmānda P*. 2.3.19; *Vishnu P.* III.16.1-3 e outros Purānas especificam a carne de certos animais servidos em Śrāddha e o período de satisfação dos Pitrs desse modo. Hemadri opina que maior o período, maior é a satisfação (*iha sarvatra prttyatisayo mvaksitah* – Śrāddha pág. 590).

No sul da Índia, embora nem *Mitaksara* nem *Kalpataru* tenham proibido alimento de carne em Śrāddha, vegetarianismo estrito é observado.

na ocasião de *Gajacchāyā Parvan*?[2] Ou dará o mesmo com a carne de uma cabra que é totalmente vermelha durante a estação chuvosa e sob a constelação de Maghā? É melhor desejar muitos filhos. Pelo menos um deles irá para Gayā ou se casará com uma menina oito anos de idade ou soltará um boi[3] azul (para vagar livre). "

Samyu pediu:

13. Ó caro, conte o benefício dos centros sagrados Gayā etc. para mim que peço. Por favor mencione inteiramente o mérito que é derivado de realizar os ritos de Pitrs.

Brhaspati disse:

14. Ó filho, um Śrāddha realizado em Gayā produz benefício infinito. Japas, Homas e penitências (feitos lá) também são eternamente benéficos. Por isso, no dia de aniversário da morte do pai, Śrāddha executado lá é lembrado como perpétuo.

15. Um filho gerado depois de se casar com uma menina de oito anos santifica vinte e uma gerações. Além disso, ele santifica seis gerações na família do tio materno dele. Esse é lembrado como o benefício (de tal matrimônio).

16. Eu descreverei o benefício derivado de (soltar) um touro. Enquanto eu narro ouça e compreenda. Aquele que solta o touro santifica dez gerações anteriores e dez gerações seguintes.

17. Na hora de libertar o touro, é dito que tudo que é borrifado com água, quando ele sai da água para o solo, produz benefício infinito.

18. Não há dúvida que todas aquelas coisas tocadas pela água lançada em volta por seu rabo etc., dão satisfação infinita para Pitrs.

19. O chão escavado pelo touro, por meio de seus cascos ou chifres, serve como canais de mel que alimentam perpetuamente os Pitrs.

20. A satisfação derivada por Pitrs no rito de deixar livre o touro é maior que aquela quando eles ouvem que um tanque, de mil *Nalvas* quadrados, foi cavado (um *Nalva* = 400 palmos)[4].

21. Se alguém dá sementes de gergelim misturadas com mel e açúcar mascavado, isso produz benefício perpétuo.

Brhaspati disse:

22. Não se deve testar sempre os brâmanes para dar-lhes alguma coisa. Mas é ouvido falar sobre teste (isto é, prescrido em Śrutis) com relação aos ritos de Devas (deuses) e Pitrs[5].

23-27. Deve-se convidar estes para o rito Śrāddha: Aqueles que estudaram todos os Vedas e que realizaram todos os ritos; os brâmanes que são os santificadores da fileira; brâmanes importantes que conhecem os *Bhasyas* (Glosas sobre Aforismos); aqueles que estudam Gramática regularmente; aqueles que estudam Purānas e Dharmaśāstras; aqueles que são familiarizados com os três Naciketas-Vidyās; os adoradores de cinco fogos; os Trisuparnas, os conhecedores dos seis assuntos auxiliares dos Vedas; um filho da forma Brahma de casamento; um mestre de Métrica Védica (ou cantor dos Vedas); um cantor do Jyestha Sāman; alguém que tem se banhado em águas sagradas (em lugares sagrados); aqueles que

---

[2] A conjunção que ocorre quando a Lua está na constelação de Magha, o Sol está em Hasta e o *Tithi* é o 13º na estação chuvosa, isso é chamado de *Gajacchaya* ou *Kunjaracchaya*.

[3] Esse é chamado de 'o rito de deixar livre um touro' (*Vrsetsarga-vidhi*). Para os detalhes veja o *Visnu Dh. S.* 86.1-20. O *Visnudharmottara* 1.147. 1-19 repete o mesmo procedimento. Embora as palavras *'nilam vrfam'* sejam traduzidas como 'touro azul' o touro não é de cor azul. Embora o adjetivo 'azul' (*Nīla*) seja definido variavelmente, o *Matsya P.* 207.38 o define como 'um touro branco tendo pernas, cara e rabo brancos e o resto do corpo como vermelho' eu não pude localizar o verso *lohito yastu varpena* etc. no *Brahmānda P.* embora Kane o cite como atribuído a ele (*History of Dharma Sāstra,* IV pág. 540, n. 1215). Para o benefício proveniente de *Vrsetsarga* veja os seguintes vv. 16-20.

[4] [1 *Nalva* = 400 cúbitos no *Brahmānda P*. (1 cúbito = 0,66m.)]

[5] Os versos 22-31 declaram as qualificações dos brâmanes elegíveis para convite para Śrāddha, embora isso já tenha sido discutido no cap. 17. Iogues recebem a primeira preferência porque Yoga-dharma era considerado o principal entre os Dharmas.

têm tomado parte em Yajñas importantes e feito as abluções finais (*Avabhrtha*); aqueles que observam ritos imediatamente; aqueles que aderem estritamente aos seus próprios deveres; aqueles que não são coléricos e aqueles que são sempre calmos e tranquilos. E aqueles que observam perpetuamente as dez ações meritórias também devem ser convidados.

28. Tudo o que é oferecido a esses rende benefício perpétuo. Esses são os santificadores da fileira. Aqueles brâmanes que observam deveres e ritos yóguicos devem ser venerados fielmente.

29. Eles são os principais devido à sua aderência aos deveres de suas fases da vida (específicas). Em relação ao oferecimento de *Havyas* e *Kavyas*, eles são os líderes. Aquele que os adora adora as três divindades Brahma, Visnu e Maheśvara.

30. Alguém que adora esses, adora todos os mundos junto com os Pitrs. (*Yogadharma*) é a mais sagrada de todas as coisas sagradas, a mais auspiciosa de todas as coisas auspiciosas.

31. *Yogadharma* é mencionado como o primeiro entre todos os *Dharmas*. Eu contarei aqueles que não podem ser incluídos na fileira (isto é, não podem ser convidados) para um Śrāddha[6]. Ouça e conheça enquanto eu os descrevo:

32-36. Um embusteiro, um bêbado, um doente de consumpção pulmonar, um criador de gado, uma pessoa feia, um criado comum de todos na aldeia, um agiota, um músico profissional, um comerciante, um incendiário, um aplicador de veneno, um cafetão, um vendedor de Suco Soma, uma pessoa que empreende viagem por mar, alguém cuja pele é manchada, um negociante de óleo, uma pessoa fraudulenta, alguém que briga com o pai dele, alguém que tem um co-marido em casa, uma pessoa caluniada, um ladrão, uma pessoa cujo meio de vida é artes e ofícios, um fofoqueiro, uma pessoa que dá informação errada sobre dias santos, alguém que é malicioso com os amigos dele, um mendigo de grupo, um ateu, um que rejeitou os Vedas, um sujeito louco, um eunuco, um sujeito enganoso, um destruidor de feto, um profanador do leito do preceptor, um seguidor da profissão de médico para sustento, um mensageiro e um adúltero.

37. Aquele que vende os Vedas, observâncias religiosas, ritos sagrados e penitências – todos esses são profanadores da fileira. O que é doado a um ateu, a uma pessoa ingrata ou a um censurador é perdido.

38. O que é dado a um comerciante não é benéfico aqui ou na vida futura. O mesmo é o caso em relação a uma pessoa que se apropria indevidamente (de depósitos), que é enganosa e que odeia os Vedas.

39-42a. Aquilo que é dado a um comerciante ou um artesão desprovido de virtude é perdido; um comerciante menospreza (deprecia) os artigos enquanto comprando e elogia (os mesmos) enquanto vendendo. Consequentemente o comerciante, o domicílio da mentira, não merece (convite para) um Śrāddha. O que é dado ao filho de uma viúva (depois de um novo casamento) mesmo se ele for um brâmane, é semelhante ao que é derramado em oblação sobre cinzas.

As seguintes pessoas, se convidadas para um Śrāddha, destroem os méritos do doador: um homem caolho (destrói) sessenta (méritos), um eunuco cem (méritos), um doente de lepra tanto quanto ele veja [quinhentos méritos no *Brahmānda P*.], um sofredor de doença pecaminosa mil (atos meritórios). Um doador, por ser imaturo, perde o benefício de *Dana*.

42b-43. Brahma ordenou que aquele que cobre sua cabeça enquanto comendo e alguém que come alimento de frente para o sul, aquele que ingere comida com sapatos colocados e aquele que oferece *Dana* desdenhosamente dá a parte inteira para os líderes de Asuras.

---

6 Os versos 31-42 dão uma lista de pessoas impróprias para convite para um Śrāddha. Listas longas de tais pessoas inadequadas são dadas por *Gautama Dh.S.* XV. 16-19; *Manu* III. 150-166, *Yajnavalkya* I, 222-224; *Mahabh. Anuśāsana* 90.6-11; *Matsya P*. 16.14-17; *Kurma P*. II. 21.23-43.

44. Cachorros e demônios não devem ver a realização de um Śrāddha[7]. Por isso ele deve ser protegido por todos os lados, e sementes de gergelim devem ser espalhadas em volta.

45. É para repelir Rāksasas que sementes de gergelim são espalhadas e a tela é evitar os cachorros. Javalis destroem o efeito de um Śrāddha por darem uma olhada nele e um galo por bater suas asas (ou por suas penas caírem dentro).

46. Uma mulher em seu curso mensal destrói o Śrāddha por tocar. Se o realizador de um Śrāddha fica zangado, ele destrói o benefício derivado. Se alguém recebe seus amigos para oferecer Śrāddha e Havis, eles não agradam os Pitrs ou Devas. Nem ele chega ao céu.

47. Avôs (espíritos dos mortos) são satisfeitos com o que é dado nas belas margens dos rios e córregos como também dos lagos e em lugares retirados.

48. Não se deve derramar lágrimas enquanto executando um Śrāddha, nem deve-se tomar parte ativa em conversação irrelevante. Não se deve mascar ou mastigar ruidosamente alguma coisa enquanto realizando um Śrāddha. Deve-se evitar rivalidade mútua também.

49. Enquanto realizando um Śrāddha o fio sagrado deve ser usado da direita para a esquerda e as Darbhas devem ser seguradas devidamente nas mãos. Alguém deve fazer Śrāddha até a própria morte. Assim ele deleita os Pitrs.

50. No início, ele deve receber permissão formalmente do preceptor ou dos brâmanes convidados. Ele deve então acender um fogo devidamente. Os artigos para serem oferecidos aos Pitrs devem ser colocados no chão sobre uma cesta de joeirar ou em uma esteira de Kuśa.

51. Durante a metade clara (do mês), o Śrāddha deve ser feito de manhã pelo realizador hábil de um Śrāddha. Durante a metade escura, ele deve ser feito à tarde. Em todo caso o período *Rauhiqa* (o 4º Muhūrta do dia), não deve ser ultrapassado.

52. Assim as almas grandes e nobres, os que veem o tempo e espaço, os Pitrs de grande Yoga (poder yóguico) e grande vigor devem ser adorados.

53. Uma pessoa sempre devotada aos Pitrs chega ao excelente Yoga. Depois de evitar ações auspiciosas e inauspiciosas eles obtêm salvação através de meditação.

54. É por causa da (promoção de) sacrifícios que, depois de iludir o universo, ele (Yoga) foi evitado e mantido na cavidade (do coração, isto é, mantido secreto) por Kāśyapa de alma nobre.

55. Ó excelente entre os conhecedores de Yoga, aquele Yoga nectáreo (ou imortal), o grande Dharma eterno, foi promulgado por Sanatkumāra.

56. Ele é um grande segredo esotérico dos Devas. Ele é o maior refúgio dos sábios. Ele sempre pode (ser alcançado) pelos devotos de Pitrs por devoção filial, devoção e empenho.

57. Não há dúvida que alguém que é devotado aos Pitrs irá, com esforço, obter tudo daquele Yoga em essência.

58. Para quem os Śrāddhas devem ser oferecidos; quais são as coisas que rendem grandes benefícios quando dadas; quais são os centros santos e rios sagrados nos quais o Śrāddha oferecido traz benefícios perpétuos; por quais meios alguém chega ao céu – tudo isso foi mencionado em resumo para você.

Brhaspati disse:

59. O homem que, depois de ouvir essa explicação do procedimento de Śrāddhas, se torna malicioso, é um ateu envolvido em escuridão. Ele se afogará no inferno terrível.

---

[7] Desde o período dos *Dharma Sutras*, as pessoas acreditavam que o alimento para Śrāddha era poluído até mesmo por ser olhado por certos animais e certas categorias de pessoas. A lista de tais indignos é dada nos vv. 44-46 – um eco de *Gautama Dh.S*. 15.25-28; *Manu* III. 239-242, e Purānas como *Kurma P*. II. 22.34-35; *Vishnu P*. 111.16.12-14; *Brahmānda P*. 2.3.19, 43-44.

60. Aquele que controlou sua mente perfeitamente percebe todas as suas grandes doenças terminadas. Aquele que não está atento aos *Āśramas* (fases da vida) declarados nos Vedas chega ao inferno Kumbhīka. Ele obtém a condição de um ladrão e tem sua língua cortada.

61. Aqueles que criticam Yoga se tornam pedaços de argila no oceano[8] e decaem enquanto a terra existe. Consequentemente, este é o Dharma (virtude) pretendido no Śrāddha: que ele deve ser realizado por um homem com fé (nele).

62. A difamação de yogins deve ser evitada escrupulosamente. Por caluniá-los, uma pessoa se torna um verme e gira e gira lá [no inferno].

63. Não há dúvida que aquele que critica Yoga, a causa de salvação para aqueles que meditam, vai para o inferno terrível. Aquele que escuta a ela (a crítica), também cai no inferno.

64. Por denegrir os mestres de Yoga, certamente um homem cai no inferno cercado por escuridão e terrível de se ver.

65. Não há dúvida que aquele que dá atenção à difamação de mestres de Yoga, de egos totalmente controlados, fica submerso no inferno Kumbhīpāka por muito tempo.

66. Uma pessoa deve evitar ódio por yogins mentalmente, verbalmente, e fisicamente. Ela colherá o benefício do mesmo aqui como também depois da morte. Não há dúvida sobre isso.

67. Uma pessoa que dominou (todos os conhecimentos) não alcança (percebe) o Atman. Ela vaga nos três mundos devido às suas próprias ações. Uma pessoa que dominou a fundo o Rgveda, Yajurveda, Sāmaveda e todos os seus assuntos auxiliares não chega a Brahman que é livre de mudanças e anomalias (*avikāram*) e, portanto, torna-se angustiada.

68. (Verso defeituoso.)[9] Aquele que cruzou as fronteiras dos efeitos (de Prakrti) vai além de Prakrti. O domínio dos três Vedas leva ao cruzamento (dos limites?) dos três gunas. O princípio (mais alto) está além dos vinte e quatro Yogas (?). Ele é o mestre de tudo, que ultrapassou a existência mundana.

69.[10] (Verso defeituoso.) Por meio de seu poder yóguico, um conhecedor de Yogas retrai em si mesmo a dissolução do Atman, do mesmo modo que a criação inteira dos princípios pelo Atman. Ele somente se torna o mestre de tudo.

70. É o conhecedor de Yogas que conhece os Vedas e chega ao conhecível. Ele é chamado de o conhecedor dos Vedas, e o mestre dos Vedas.

71. Depois de conhecer propriamente o conhecível e o que deve ser conhecido (alguém se torna o conhecedor dos Vedas). Ele é chamado de o conhecedor dos Vedas. Todos os outros são pensadores dos Vedas.

72. Uma pessoa devotada aos Pitrs obtém (o resultado de) Yajñas, Vedas, todos os desejos nutridos, diferentes tipos de conhecimento, longevidade, progênie e riquezas.

---

[8] Os versos 54-57 e 61-71 mostram a fé cega dos escritores purânicos em Iogues. Desde os tempos do *Vasistha Dh.S.* XI. 17, Yatis (ascetas) e Yogins tinham um lugar especial de honra entre os convidados para um Śrāddha. Mas os escritores de Purāna proibiram a difamação de Iogues até oralmente.

[9] O texto está defeituoso e requer leves modificações, conforme o mesmo verso impresso no *Brahmānda P*. 2.3.19.64 o qual exprime: "Alguém que dominou todas as coisas criadas, os produtos de *Prakrti* (a natureza conhecida como *Avidyā*), alguém que dominou as boas características nos três Vedas, alguém que dominou os três gunas (Sattva etc.) e alguém que dominou os vinte e quatro princípios, é a pessoa que cruzou o Samsāra para a outra margem e é o mestre de estudos acadêmicos."

[10] O texto está defeituoso. O verso correspondente no *Brahmānda. P*.2.3.19.65 (com leitura levemente diferente) significa: "Alguém que é devotado a Brahman devidamente e totalmente chega a ele. Similarmente ele compreende o estado onde tudo está fundido na alma."

A segunda linha do verso é diferente. Ela exprime, "Um brâmane que não toma o Caminho do Yoga não pode se tornar o mestre de tudo o que vem sob a alçada da ordem pelo conhecimento".

73. Aquele que lê invariavelmente esse *Śrāddhakalpa* durante Śrāddha, no fim, obtém todos esses (benefícios) e os benefícios de doações caridosas nos centros sagrados.

74. Ele será o santificador da fileira (de comensais). Ele receberá prioridade ao ser alimentado entre os brâmanes. Ou ele (será elegível para) ensinar todos os brâmanes e realizar todos os desejos nutridos.

75. Aquele que sempre escuta isso depois de subjugar a raiva, estando sem malícia e ficando livre de ganância e ilusão, obtém prazer divino infinito.

76. Ele obtém o benefício total de visitar centros sagrados, e de fazer doações caridosas etc. Esse é o meio mais excelente para libertação. Esse é o principal meio de chegar ao céu. Ele terá a maior satisfação também neste mundo. Por isso ele deve realizar isso assiduamente.

77. Aquele que lê essas injunções sobre (a realização de) Śrāddha atentamente e com pureza mental, na assembléia (dos eruditos) durante dias *Parvan*, vem a ser dotado de filhos. Com grande esplendor, ele atinge a mesma região que aquela dos moradores do céu.

78. Reverências àquele deus autonascido por quem esse Kalpa foi prescrito. Eu sempre me curvo aos grandes mestres de Yoga.

79. Ó caro, esses Pitrs são as divindades dos Devas. Os Pitrs estão posicionados para sempre nesses sete domicílios. Eles estão livres de dor.

80. Todas essas almas nobres são os filhos de Prajāpati. O primeiro grupo é aquele de Yogins. Esse é eterno e é sempre conducente ao aumento no Poder yóguico (de Yogins).

81. O segundo grupo é aquele de Devas e o terceiro é o dos inimigos deles. Os outros grupos são dos membros de (quatro) outras castas (*Varnas*). Assim todos foram relatados.

82-**83**. Todos os Devas os adoram. Eles estão postados neles (Pitrs)[11]. Os quatro *Āśramas* também os adoram sucessivamente. As quatro castas também os adoram conforme as injunções. Semelhantemente as castas misturadas e os Mlecchas (párias estrangeiros) também os adoram.

84. Os Pitrs veneram aquele que cultua Pitrs com devoção. Os Pitrs na forma de avô concedem nutrição, progênie e prazer divino para aquele que deseja nutrição ou que deseja progênie.

85. Para um filho, o rito para Pitrs é preferível ao rito para Devas. Os Pitrs devem ser propiciados mesmo antes dos Devas.

86. O movimento sutil do poder yóguico dos Pitrs é incompreensível para o olho físico que é distante (não capacitado por meio de) penitência.

87. Para todos eles um recipiente de prata ou um acompanhado por prata é ordenado. É dito que isso é santificante e excelente (para os ritos) de Devas junto com (aqueles de) Pitrs.

88-**89**. Os três Pindas*,* que os parentes oferecem invocando os nomes e Gotra, os quais eles colocam no chão coberto com grama Kuśa depois de usarem o fio sagrado da direita para a esquerda, deleitam os respectivos pais que estão presentes em todos os lugares. O que constitui a dieta da criatura (isto é, do devoto que oferece) é a dieta dos Pitrs também.

90. Assim como em um curral o bezerro encontra sua mãe perdida, assim também o Mantra leva aqueles artigos para onde o *Jantu* (o homem para quem o *pinda* é destinado) permanece.

91. O nome, Gotra e Mantra levam a comida oferecida para ele. Mesmo se eles tomassem cem nascimentos, a satisfação os seguiria. (Eles são saciados pela oferenda Śrāddha.)

[11] [O *Brahmānda P*. 2.3. cap. 20. v. 4 tem: “Os Devas adoram esses Pitrs que respeitam todos os tipos de conhecimento”.]

92. Desse modo essa convenção é estabelecida por Brahma, o deus supremo. Essa primeira criação de Pitrs é para os mundos que buscam felicidade eterna.

93-95. Assim esses Pitrs são Devas e Devas são Pitrs. Ó impecáveis, todos esses (seguintes) foram relatados por mim: *Dauhitras*, (isto é, filhos da filha), Yajamānas, mundos, filhas, netos, filhos, presentes caridosos, junto com o modo de pureza, centros sagrados, os frutos disso, a natureza perpétua do benefício, (os diferentes tipos de) brâmanes e as regras que governam Yāyāvaras (os ascetas vagantes). Tudo foi mencionado do modo que Brahma prescreveu antigamente.

Brhaspati disse:

96. Isso Añgiras explicou em uma assembléia enquanto os sábios ouviam, quando tinham lhe pedido que esclarecesse as dúvidas com respeito aos Pitrs.

97. Isso ocorreu antigamente no decorrer de um extenso *Satra* (sacrifício) que durou por mil anos no qual o senhor da casa era o deus, o Senhor Brahma.

98. É ouvido que Brahma presidiu sobre ele por centenas de anos. Os versos seguintes também foram cantados antigamente pelos sábios, os explicadores de Brahman (Veda).

99. "Quando Brahma, o grande Atman, presidiu sobre o *Satra*, então os Pitrs nasceram para o benefício dos mundos que buscam bem-aventurança eterna, por Brahma Paramesthin".

Sūta disse:

100. Brhaspati, que tinha sido perguntado antigamente por seu filho inteligente, falou dessa maneira. Ele descreveu a família dos Pitrs. O que ele disse foi mencionado (por mim). Daqui em diante eu relatarei (a linhagem) de Varuna. Ouçam (isso).

Capítulo 22: A Linhagem de Varuna; Nascimento dos Deuses Aśvins[1]

1. Os sábios para quem esse (*Śrāddha Kalpa*) foi narrado ficaram muito satisfeitos. Extremamente ansiosos para ouvir mais, eles lhe pediram depois disso.

Os sábios disseram:

2. "Por favor narre (para nós) na sequência correta a condição das linhagens dos reis de espledor imensurável, como também de valor. Nós lhe imploramos."

3-4. Assim pedido, Sūta Lomaharsana, um perito em narração de histórias e proficiente na arte da fala, (realizou) o desejo dos sábios de ouvir a história e disse estas palavras: Ouçam e escutem enquanto eu reconto do modo que o sábio narrou para mim.

5. Enquanto eu narro, ouçam e conheçam o estado e posição das dinastias dos reis de esplendor imensurável, e sua bravura, na ordem apropriada.

6. A esposa de Varuna era a filha do oceano e se chamava "Sunodevi". Ela teve dois filhos, Kali e Vaidya, e uma filha, Surasundarī.

7. Kali teve dois filhos muito poderosos (a saber): Jaya e Vijaya. Vaidya também teve dois filhos de grande força: Ghrni e Muni.

8. Quando os súditos ficaram desejosos de comer, eles comeram uns aos outros. Devorando uns aos outros, eles pereceram.

9. Kali gerou de Surā (um filho). Aquele filho dele é lembrado como Mada. Hirnsā, a filha de Tvastr, era a esposa mais velha de Kali. Ela (também) era conhecida como Nikrti.

10. Ela teve quatro outros filhos comedores de homem com Kali, isto é, Nāka, o famoso Vighna, Sadrama e Vidhama.

11. Entre eles Vighna era desprovido de cabeça; Nāka não tinha corpo; Sadrama tinha uma só mão; e Vidhama tinha um único pé.

12. A esposa de Sadrama era lembrada como Pūtanā. Ela tinha qualidades tamásicas. Revatī era a esposa de Vidhama. Os filhos deles eram milhares.

13. Śakuni era a esposa de Nāka e Ayomukhī era a esposa de Vighna. Rāksasas de cabeças enormes que vagam no amanhecer e crepúsculo (nasceram deles).

14. Os filhos de Revatī e Pūtanā são lembrados pelo nome de Nairrtas. Todos esses Rāksasas eram demônios maus conhecidos como Grahas. Eles atormentavam crianças especialmente (por assombrá-las). Com a permissão de Brahma, o senhor Skanda se tornou o soberano deles.

15. A irmã de Brhaspati era uma dama nobre (chamada) Yogasiddhā. Por cumprir celibato e ser imparcial, ela vagava pelo universo inteiro.

16. Ela se tornou a esposa do oitavo dos Vasus, isto é, Prabhāsa. Viśvakarmā, o criador das artes e ofícios, nasceu como o filho dela.

17. (Ele era conhecido como) Tvastr. Ele criou muitas formas. Ele era o neto de Dharma. Ele era generoso. Ele foi o criador de milhares de artes e ofícios. Ele era o Arquiteto dos Devas.

18. Ele fazia carruagens aéreas para todos os Devas. Os seres humanos mantêm seu sustento por tomarem como modelo o trabalho daquela alma nobre.

19. A esposa de Tvastr era a filha famosa de Prahlāda e era a irmã de Virocana e a mãe de Triśiras.

20. Maya, o filho do preceptor inteligente dos Devas em trabalho de todos os tipos, é lembrado como Viśvakarmā também.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3.59; só os números dos versos daquele capítulo são citados nas notas.

21. A irmã mais nova dele, a filha de Tvastr (originalmente) famosa pelo nome de Surenu, se tornou a esposa do Sol e era bem conhecida como Samjñā.

22. Com o poder de sua penitência, ela teve o filho primogênito Manu com Vivasvān (o Deus-Sol). Então ela deu à luz os gêmeos Yama e Yamuna.

23-24. Assumindo a forma de uma égua, a dama nobre foi para a terra de Kurus. A senhora abençoada teve dois filhos com o Sol que tinha assumido a forma de um cavalo. Ela os deu à luz pelas narinas. Eles eram os deuses gêmeos, os Aśvins, Nāsatya e Dasra. Ambos eram os filhos de Mārtanda (o Deus-Sol).

Os Sábios perguntaram:

25. Por que (o Sol) é chamado de Mārtanda por homens instruídos? Por que ela, na forma de uma égua, os deu à luz através das narinas? Nós desejamos saber isso. Por favor explique isso para nós que lhe perguntamos.

Sūta disse:

26. Por muito tempo, o ovo não quebrou (não foi chocado). Ele foi quebrado por Tvastr. Ao ver isso, Kāśyapa ficou triste porque ele temeu que o feto tivesse sido morto.

27. Quando o ovo foi quebrado em duas partes, ele olhou dentro dele e disse para Tvastr, "Esse certamente não é um ovo (comum)." (Então para a criança ele disse:) "Ó impecável, seja Mārtanda."

28. O pai disse afetuosamente: "De fato essa (criança) no ovo não está morta". Ao ouvir as palavras dele, a relevância do nome foi compreendida.

29. Como ele foi abordado pelo pai: "Nasça do ovo morto (quebrado)", quando o ovo foi partido, Vivasvān é chamado de Mārtanda[2] por aqueles que conhecem os Purānas.

30. Daqui em diante eu mencionarei a progênie de Mārtanda Vivasvān. Antigamente Savitr teve três filhos com sua esposa Samjñā.

31. (Depois) os mais novos, o Manu Sāvarni e Śanaiścara, nasceram (para a sombra) Samjñā e os deuses gêmeos Aśvins para (a verdadeira) Samjñā. Esses sete são lembrados como os filhos de Mārtanda.

32. Vivasvān, de grande fama, nasceu de Kāśyapa e uma filha de Daksa. A dama nobre, a filha de Tvastr, se tornou a esposa de Vivasvān. Originalmente ela era bem conhecida pelo nome Surenu e depois veio a ser conhecida como Samjñā.

33. A esposa do senhor Mārtanda de esplendor descomunal era uma mulher de grande beleza no início da juventude. Ela estava insatisfeita com a forma deslumbrante do marido dela.

34. O corpo deslumbrantemente brilhante de Mārtanda, o filho de Aditi, entrando em contato com o corpo dela, não era muito agradável para ela.

35. Involuntariamente, Kāśyapa disse por afeição, "Realmente essa (criança) no ovo não está morta". Por isso ele é chamado de Mārtanda.

36. O brilho de Vivasvān aumentou dia a dia por meio do qual ele, o filho de Kāśyapa, chamuscou os três mundos.

37. Ravi (o Deus-Sol) gerou de Samjñā três filhos, dois filhos de grande bravura e a filha Kālindī (Yamuna).

38. Manu era o filho primogênito de Vivasvān. Ele era um Prajāpati e conhecido como Śrāddhadeva. Yama e Yamī nasceram como gêmeos.

39. Ao ver o brilho afiado de Vivasvān e incapaz de suportá-lo, Samjñā criou sua própria sombra da mesma aparência que ela.

40. Aquela mulher de forma terrestre, nascida da sombra dela, aproximou-se dela humildemente com palmas unidas em reverência e falou a Samjñā:

41. "Diga-me, o que deve ser feito por mim?" Samjñā falou para ela: "Felicidades para você. Eu voltarei para a casa do meu próprio pai.

---

[2] A palavra Védica é *Mārtāyda* 'nascido de um ovo (aparentemente) morto.' Martanda é uma forma purânica posterior, embora a derivação seja a mesma.

42. Você deve permanecer em minha casa sem qualquer hesitação. Esses dois filhos meus e essa filha de cor esplêndida (devem ser cuidados).

43. Esse (arranjo) não deve ser mencionado ao senhor meu marido." Assim abordada, a forma terrestre de Samjñā falou para Samjñā:

44. "Ó senhora nobre, até o cabelo ser agarrado, eu nunca contarei sua idéia secreta. Ó senhora nobre, volte para sua própria casa."

45. Depois de confortar Samjñā, ela disse, "Assim seja." Ela, a mulher em uma condição lamentável, se aproximou de Tvastr como se estivesse grandemente envergonhada.

46. Ao vê-la de volta, o pai ficou zangado e falou para Samjñā: "Volte para seu marido. Não odeie Divākara (o Deus-Sol). "

47. Embora incitada dessa maneira pelo pai dela e compelida (a ir) repetidas vezes, ela morou na casa de seu pai por mil anos.

48. "Vá para a casa de seu marido". Quando incitada muitas vezes desse modo, aquela senhora não censurável (louvável) escondeu sua verdadeira forma e assumiu a forma de uma égua. Ela foi para os Kurus do norte e começou a pastar grama.

49. Considerando que ela (a sombra de Samjñā) era a verdadeira Samjñā, o Sol gerou da sombra, a segunda Samjñā, dois filhos do esplendor de Aditya (o Sol).

50. Os filhos eram Śrutaśravā, o conhecedor de Dharma, e Śrutakarman. Aqueles dois nobres eram iguais a Manu o primogênito.

51. Śrutaśravas se tornará Sāvarni Manu. O planeta Śanaiścara (Saturno) deve ser conhecido como Śrutakarman.

52-**53**. É sabido que Sāvarni se tornou Manu. A forma terrestre de Samjñā só era afetuosa com seus (próprios) filhos e não com os nascidos antes. Manu suportou isso pacientemente, mas Yama não tolerou.

54-**55**. Ao ser insultado muitas vezes (pela madrasta) por despeito, Yama ficou angustiado e ameaçou Samjñā com a perna dele. Por raiva ou infantilidade ou a força do destino inevitável aquela senhora, que tinha a mesma aparência que a mãe dele, amaldiçoou Yama por fúria.

56. "Como você está ameaçando a esposa renomada de seu pai, essa sua perna cairá indubitavelmente."

57. Com sua mente profundamente afligida devido àquela maldição, Yama de alma virtuosa relatou tudo ao pai dele, junto com Manu (isto é, acompanhado por ele.)

58. "Eu estou muito aflito devido ao medo da maldição (fazer efeito). Eu fui derrotado (?) pelas palavras (declaração) de Samjñā. (Esse erro é) devido à minha infantilidade ou ilusão. Senhor, por favor me proteja.

59. Ó senhor dos mundos, principal entre aqueles que brilham, eu fui amaldiçoado por [minha] mãe. Que sua graça nos proteja desse grande perigo."

60. Assim implorado, o senhor Vivasvān falou para Yama: "Ó filho, indubitavelmente haverá uma grande causa por trás desse (incidente).

61. Isso foi por que a raiva tomou posse de você que é o conhecedor da virtude e o falador da verdade. As palavras de sua mãe também não podem ser falsificadas.

62. Os vermes tomarão sua carne e irão para a terra. Então você recuperará seu pé. Ó inteligente, você será feliz novamente.

63. Desse modo, as palavras de sua mãe serão verdadeiras e efetivas. Pela remoção da maldição, você também será salvo."

64. Aditya falou então para Samjñā, "Quando os filhos são todos iguais, por que você mostra mais afeição por um?"

65. Evitando (a necessidade de revelar o segredo) ela não disse nada a Vivasvān. Mas, por meio de seu poder yóguico e concentração, o Sol descobriu a verdade.

66. O Deus-Sol enfurecido estava a ponto de amaldiçoá-la para provocar a destruição dela. Ela então confessou realmente tudo para Vivasvān.

67-**68**. Ao ouvir aquilo, Vivasvān ficou enfurecido e foi depressa até Tvastr. Tvastr reverenciou com as devidas formalidades o Deus-Sol que queria queimar completamente tudo. Ele o pacificou lentamente dizendo: "Sua forma atual que é excessivamente deslumbrante não é atraente.

69. É porque ela não podia suportar isso que Samjñā está vagando nas florestas e prados. Você verá sua esposa de conduta auspiciosa hoje mesmo.

70. Ó senhor de raios, usando seu poder yóguico, você verá sua esposa notável magnificamente dotada de encanto juvenil. Tudo será favorável se minha condição for aceita.

71-**74**. Ó suppressor de inimigos! A princípio, eu devo mudar sua forma pessoal para uma excelente". A forma de Vivasvān, então, era para o lado, acima e abaixo (isto é, os raios eram difundidos em todos lugares). Por isso Divaspati (o Deus-Sol) teve vergonha daquela forma. Assim o deus de grande penitência elogiou a roda de Tvastr. Tvastr foi então permitido mudar a forma. Com o consentimento do Deus-Sol (Mārtanda Vivasvān), Tvastr o colocou na roda e afiou o brilho dele. Então o brilho teve refulgência agradável devido à redução em deslumbramento.

75. A refulgência se tornou muito agradável de se ver. O que era inauspicioso antes brilhou esplendidamente. Então (o Sol) fez uso de poder yóguico e viu sua esposa na forma de uma égua.

76. Ela tinha estado invisível para todos os seres vivos devido ao seu brilho e observância de ritos. Na forma de um cavalo, Mārtanda se aproximou dela e declarou seu amor.

77. Na atividade física de relações sexuais, ela suspeitou que ele era alguém diferente do marido dela. Ela portanto descarregou o sêmen viril de Vivasvān pelas narinas dela.

78. Daquele sêmen nasceram os deuses gêmeos Aśvins, os médicos excelentes, Nāsatya e Dasra. Eles são lembrados como Aśvins.

79. Eles são os filhos de Mārtanda, o oitavo Prajāpati. Bhāskara (o Deus-Sol) mostrou sua bela forma a ela.

80. Ao vê-lo a esposa ficou satisfeita e fascinada. Yama estava muito aflito na mente devido àquela maldição.

81-**83**. Ele agradou (a todos) por meio de seu Dharma. Então ele se tornou conhecido como Dharmarāja. Por meio de sua atividade auspiciosa, ele veio a ser extremamente refulgente e obteve o domínio dos Pitrs e a guarda dos quadrantes[3]. Sāvarni Manu de grande fama se tornará o Manu no Sāvarnika Manvantara. Até hoje o senhor santo faz penitência no belo cume da montanha Meru.

84. O irmão deles, Śanaiścara, obteve a posição de um planeta. Com o brilho (cortado do Sol) Tvastr fez o disco de Visnu[4]. Ele era desobstruído (irresistível) nas batalhas para reprimir Dānavas.

85. A irmã mais nova deles, Yamuna de grande fama, se tornou o rio excelente Yamuna, o purificador de todos os mundos[5].

86. Eu agora narrarei os detalhes de Vaivasvata Manu que era o primogênito entre eles. Ele tinha grande esplendor e sua criação é atual (e ele preside sobre o Manvantara atual).

87. Aquele que escuta ou lê a origem dos Devas, os sete filhos poderosos de Vivasvān, será libertado, se ele obtiver infortúnio. Ele obterá grande glória.

---

[3] [O *Brahmānda P*. v. 79 diz: "*Lokapalatva* (a posição de ser o guardião de um quadrante, ou seja, do sul.")]

[4] A criação do disco de Visnu, Sudarsana, da parte podada do Deus-Sol é mencionada no *Vishnu P*. III. 2.11.

[5] Essa história do Deus-Sol, sua esposa Samjna e Chaya, dos filhos dele com elas, da poda do brilho excessivo do Deus-Sol, sua aproximação de sua esposa Samjna (que estava na forma de uma égua) e nascimento dos deuses Asvin - esses são relatos tradicionais encontrados no *Vishnu P*. III. 2 e outros Purānas.

Capítulo 23: Atividade Criativa de Manu; A História de Sudyumna.

Sūta disse:

1. Quando o Cāksusa Manvantara tinha passado, quando os Devas (pertencentes àquela época) também tinham ido, o reino da terra foi atribuído ao grande Vaivasvata (Manu)[1].

2. Ó brâmanes, eu descreverei na ordem correta a linhagem daquele Manu atual de alma nobre, o filho de Vivasvān. (Ouçam) e compreendam o que está sendo narrado.

3. (Eu narrarei a história) agora tomando a presente criação de Vaivasvata Manu. O primeiro Manu nascido teve nove filhos iguais a ele.

4. Estes nove são lembrados como os filhos de Manu: Iksvāku, Nahusa, Dhrsta, Śaryāti, Narisyanta, o alto (*Prāthśu*) Nābhāga, Arista, Karūsa e Prsadhra.

5. Saibam que antigamente Manu, ao ser incitado por Brahma, começou a criar de boa vontade, mas ele foi malsucedido.

6. Então Prajāpati, desejoso de filhos, executou um grande [sacrifício] (Yajña). Manu ofereceu a oblação (*Ākuti*) na parte de Mitra e Varuna.

7. É sabido que Ida[2] nasceu disso. Ela usava trajes divinos e estava enfeitada com ornamentos celestiais. O corpo dela também era divino.

8-10. É lembrado que Manu, o portador do bastão da justiça, se dirigiu a ela como 'Ilā' e disse, "Felicidades para você, eu a seguirei." Ilā respondeu ao Prajāpati, que estava desejoso de filhos, nas seguintes palavras sancionadas por Dharma. "Ó mais notável dos eloquentes, eu nasci na parte de Mitra e Varuna. Eu irei (primeiro) me aproximar deles. Que Dharma violado por nós não nos mate." Depois de falar assim, a dama nobre se aproximou deles (Mitra e Varuna).

11. Depois de se aproximar deles, a bela dama falou estas palavras com palmas unidas em reverência: "Ó Devas, eu nasci de sua parte. O que eu devo fazer?

12-14. Eu fui solicitada por Manu dessa maneira: 'Siga-me'". Quando a dama pura Ida falou assim, ambos, Mitra e Varuna, falaram estas palavras: "Ó dama de pele clara e belos quadris, ó conhecedora de Dharma, nós estamos encantados por sua humildade, autocontrole e veracidade. Ó dama abençoada, você se tornará renomada como nossa filha."

15-16. O filho de Manu, o promotor de alma justa da linhagem de Manu, é o amado do universo. Ele que é venerado nos três mundos é famoso como Sudyumna. Ele obteve a forma de uma dama[3]. Aquela dama nobre voltou para o pai dela depois de assegurar o benefício.

17. Depois de obter um momento oportuno, ela foi convidada para fazer amor (ter relações sexuais) por Budha (o planeta Mercúrio). De Budha, o filho de Soma, Purūravas, o filho de Ilā, nasceu.

18. Depois de dar à luz o filho nascido de Budha, ela se tornou Sudyumna novamente. Sudyumna teve três filhos, todos extremamente virtuosos.

---

[1] A descrição de dinastias de reis é uma parte integrante de um Purāna de cinco características. Vaivasvata Manu, sendo o progenitor dessas dinastias, é descrito em todos os Purānas. Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3-60, consequentemente só os números dos versos do *Brahmānda P.* são dados.

[2] No *Rig Veda* [esse termo] era usado no sentido de 'gole refrescante.' Mais tarde ele veio a significar 'uma vaca', e 'uma deusa da fala'. No *Śatapatha Brāhmana* Ida é a filha de Manu. Mas em nosso texto ela é a filha de ('nascida da parte de') Mitra e Varuna.

[3] Essa história singular do filho bissexual de Vaivasvata Manu é encontrada no *Bhāgavata P*. IX. 1.

19. Eles eram Utkala, Gaya e Vinatāśva. A terra de Utkala foi para Utkala. A região ocidental passou para Vinatāśva. No quadrante do deus do vento (noroeste) era Gayā, a cidade de Gaya, o rei religioso.

20. (Verso defeituoso.) Quando Manu foi abandonado (criado) o Sol (Divākara) criou os súditos e dividiu a região inteira da terra em dez.

21. Iksvāku teve dez outros filhos. Por conta de ser uma dama (também), Sudyumna não teve nenhuma parte.

22-23. Por insistência de Vasistha, o estabelecimento de Sudyumna de alma nobre, o rei virtuoso de grande esplendor, foi (ocorreu) em Pratisthāna. Depois de obter o reino, ele, de grande renome, o deu a Purūravas. As características de mulheres e homens entre os seres humanos, ó abençoados, (será manifestada propriamente). Sudyumna, o filho de Manu, obteve a condição de uma mulher novamente.”

24. Ao ouvirem isso os sábios perguntaram depois: "Como Sudyumna, o filho de Manu, obteve feminilidade?"

Sūta disse:

25. A deusa amada (Umā) falou estas palavras para seu amante (Śiva) por causa do amor dele: "Ó Senhor, o homem que entrar no meu eremitério particular certamente se tornará uma mulher. Ela será auspiciosa e estará no mesmo nível que as donzelas celestiais."

26. Todos os seres vivos lá, Piśācas, e os animais, se tornavam mulheres e se divertiam com Rudra como damas divinas.

27-28. Aquele rei que tinha ido caçar entrou na floresta de Umā. Ele obteve feminilidade junto com os Piśācas, Bhūtas, e Rudras. Por isso aquele rei obteve feminilidade. Pela graça de Mahādeva, ele obterá o domínio dos Ganas.

Capítulo 24: Uma Dissertação Sobre Música; A Definição de Mūrcchanā[1]

Sūta disse:

1-3. (Ouçam e) entendam os detalhes dos filhos de Manu. Prsadhra torturou a vaca do preceptor dele e a comeu. Devido à maldição de Cyavana de alma nobre, ele obteve a posição de um śūdra.

O filho de Karūsa, Kārūsa, era um ksatriya invencível em guerra. Ele se tornou tão valoroso quanto o grupo de mil ksatriyas. Bhalandana, filho de Nābhāgarista (?) era um estudioso.

4. Bhalandana teve um filho muito poderoso chamado Prārhśu. Prārhśu teve um filho que se tornou bem conhecido como Prajāni.

5. Prajāni teve um filho heróico chamado Khanitra. O filho dele era o glorioso Ksupa de grande fama.

6. O filho de Ksupa era Vimśa que não tinha alguém igual a ele. O filho de Vimśa era Vivimśa, o realizador virtuoso de ritos religiosos.

7. O filho de Vivimśa era o destemido Khaninetra de alma virtuosa. No princípio do Tretāyuga, seu filho Karandhama nasceu.

8. O filho de Karandhama era o vigoroso Aviksit. Por meio de suas boas qualidades, Aviksit superou o pai dele.

9. (O filho dele) chamado Marutta era um rei de alma boa igual a um imperador. Ele foi levado para o céu pelo (sábio) Samvarta junto com seus amigos e parentes.

10. Em relação a isso uma grande disputa surgiu entre Samvarta e Brhaspati. Ao ver a magnificência do Yajña, Brahspati ficou zangado com ele.

11. Quando o Yajña foi levado a uma conclusão auspiciosa por Samvarta, ele (Brhaspati) ficou mais furioso. Ele estava decidido a destruir os mundos, mas ele foi propiciado pelas divindades (deuses).

12. O imperador Marutta obteve Narisyanta (como filho). O sucessor de Narisyanta era o rei Dama, manejando o bastão de justiça e castigo.

13. O rei valoroso Rāstravardhana era o filho dele. Seu filho era Sudhrtin e o filho de Sudhrtin era Nara.

14. Kevala era o filho dele e Bandhumān era o filho de Kevala. O rei de alma virtuosa Vegavān era o filho de Bandhumān.

15. Budha era o filho de Vegavān e Trnabindu era o filho de Budha. Ele se tornou rei no começo do terceiro Tretāyuga.

16. A filha dele era Dravidā (Idavidā no *Brahmānda P.*) que se tornou a mãe de Visravas. Ele também teve um filho chamado Viśāla. Ele era um rei extremamente virtuoso.

17. A cidade de Viśālā (Vaiśāli)[2] foi construída pelo rei Viśāla. O filho de Viśāla era o rei Hemacandra de grande força.

18. Depois de Hemacandra (o filho dele) Sucandra ficou muito famoso. O filho de Sucandra era o rei bem conhecido Dhūmrāśva.

19. O filho de Dhūmrāśva, Srñjaya, se tornou um grande estudioso. O filho de Srñjaya era o glorioso e destemido Sahadeva.

20. Krśāśva era o filho de Sahadeva. Ele era extremamente íntegro. O bravo Somadatta de grande brilho era o filho de Krśāśva.

---

[1] O termo *'Murcchana* ' significa a mudança de chave ou modulação de voz (e sons) na Ciência de Música. Para mais explicações veja a nota 3, pág. 662.

[2] Besad no distrito de Muzaffarpur. O nome agora mudou oficialmente para 'Vaisali', embora o povo local ainda a chame de Besad.

21. Janamejaya era o filho do rei religioso Somadatta. O filho de Janamejaya chamado Pramati era muito famoso.

22. Pela graça de Trnabindu, todos os reis que governavam Viśālā eram longevos, de alma nobre, corajosos e muito honrados.

23. Śaryāti gerou gêmeos, um filho e uma filha. O filho se tornou bem conhecido como Anarta e a filha era Sukanyā que se tornou a esposa de Cyavana.

24. O sucessor de Anarta era o heróico (rei) chamado Reva. Seu reino era Anarta[3] e a cidade capital era Kuśasthalī.

25. O filho de Reva era Raivata. Ele era muito virtuoso e era também conhecido como Kakudin. Ele era o primogênito de cem irmãos. Ele se tornou o rei e governou Kuśasthalī.

26-27. Ele foi à presença do senhor Brahma acompanhado por sua filha e ouviu a apresentação musical do senhor dos Devas pela duração de um Muhūrta, o qual era equivalente a *muitos yugas* de acordo com o cálculo dos seres humanos[4]. Ele voltou para sua própria cidade em seu próprio início da juventude, mas a cidade tinha sido ocupada pelos Yādavas. Ela tinha sido renomeada por eles como Dvārāvatī, uma bela cidade com muitos portões.

28-30. Ela era então protegida por Vasudeva e outros Bhojas, Vrsnis e Andhakas importantes. Ao ouvir a história (da ocupação de Dvārakā por Yādavas) com todos os fatos, Raivata, o supressor de inimigos, deu sua filha de ritos bons, chamada Revatī, para Balarāma em casamento e foi para um pico do monte Meru e se tornou absorto em penitência.

Rāma (Balarāma) de alma virtuosa se divertiu com Revatī."

Ao ouvirem a história, os sábios perguntaram depois disso.

Os Sábios perguntaram:

31. Ó filho de Sūta, ó senhor santo, como é que, mesmo depois do lapso de um período longo de muitos Yugas, Revatī não envelheceu? Como os cabelos dela não ficaram grisalhos?

32. Depois de ir para a montanha Meru, como o filho de Śaryāti teve progênie própria? Como eles sobreviveram até agora na terra? Nós desejamos ouvir precisamente.

33. Quantos são os grupos de deuses? Como são os Gandharvas? Como era aquela música, ao ouvir a qual Raivata considerou um período longo como apenas um Muhūrta?

Sūta explicou:

34. Para uma pessoa que vai para o mundo do deus Brahma não existe fome nem sede. Ele não tem nem velhice nem medo da morte. Nenhuma doença o afeta.

35. Ó sábios excelentes, quanto à pergunta feita a mim sobre *Gandharva* (ciência de música), eu a explicarei precisamente, ó bons sábios de ritos sagrados.

36. O *Svara Mandala*[5] (o grupo inteiro que pertence às notas musicais) é composto por sete *Svaras* (notas), três *Gramas*[6] (escalas básicas), vinte e uma

---

[3] Anartta, antigo nome de Gujarat (incluindo Saurashtra) e Kusasthali é a moderna Dwarka.

[4] Acidentalmente[?] Einstein é antecipado pelo imaginativo[?] escritor do Purāna.
[A história dessa viagem à região de Brahma também se encontra no *Vishnu Purāna* 4.1, pág. 284 da versão em português.]

[5] Isso sugere a ascensão e descida das sete notas, conhecidas como *Svara saptaka*. Veja o v. 37.

[6] *Grāma* quer dizer o grupo de sete notas. Os três *Grāmas* mencionados em Purānas são (1) *Sadja-grāma*, (2) *Madhyama-grāma* e (3) *Gāndhāra-grāma*. Essas três eram as escalas básicas – a escala de *Sā*, a escala de *Ma* e a a escala de *Ga*. Essas tinham as notas *Sā*, *Ma* e *Ga* como os pontos de partida. Assim a ordem de notas nessas escalas será a seguinte:

(1) Escala de **Sā**: *Sā, Ri, Ga, Ma, Pa, Dha, Ni*,
(2) Escala de **Ma**: *Ma, Pa, Dha, Ni, Sā, Ri, Ga,*
(3) Escala de **Ga**: *Ga, Ma, Pa, Dha, Ni, As, Ri*

Mūrcchanās[7] (os modos de subida e descida gradual das sete notas do escala básica) e quarenta e nove *Tālas*[8] (*Tānās*).

37. Os seguintes são os nomes das *svaras*: Sadja (*Sā*), Rsabha (*Ri*), Gandhāra (*Ga*), Madhyama (*Ma*), Pañcama (*Pa*), Dhaivata (*Dha*), e Nisada (*Ni*). Essas são as sete *svaras* (notas).

(O texto que trata de Música está corrompido e obscuro. Uma tentativa é feita de emendá-lo com versos semelhantes sobre Música do *Brahmānda P*. e outros Purānas.)

38-39. As *Mūrcchanās* da escala de *Ma* (*Madhyama-grāmikā*) são conhecidas como Saubīrā (Sauvīrā no *Brahmānda P*.) do *Madhyama-grāma, Harināsyā, Kalopabalopetā* (também conhecida como Kalopanatā), a quarta Śuddha-madhyamā, Śārñgī, Pāvani e Drstākā na ordem consecutiva. As *Mūrcchanās* de *Madhyama-grāma* estão explicadas. Agora conheçam (as *Mūrcchanās* da) escala de Sā (Sadja-grāma).

Dessas a escala de *Ga* caiu em desuso mais tarde. Dattila, um escritor antigo sobre Música, afirma que ela não é encontrada nesse mundo, enquanto os estudiosos posteriores dizem que ela foi para o Céu. Eles dizem que devido às notas extremamente altas e baixas ela desapareceu. Mas, pelas razões dadas por escritores posteriores, como Sargadeva, parece que ela não era perfeita em seu aspecto de harmonia. E a harmonia é vitalmente essencial para a música melódica da Índia. Bharata, em seu *Natya Śāstra,* descreve a escala de *Sā* e a escala de *Ma* com base na quarta (*Sā-Ma Samvāda*) e a harmonia da quinta (*Sā-Pa Samvāda*). Na escala de *Sā* a harmonia da quinta era mais proeminente (*Sā-Pa, Ri-Dha* e *Ga-Ni*) que aquela da quarta na escala de *Ma* (*Sā-Ma* e *Ri-Pa*).

O número de *Śrutis* (os microtons) na Saptaka fixada por Bharata é 22. Os intervalos *Śruti* eram distribuídos nas notas como segue:

Escala de *Sā*: *4Sa, 3Ri, 2Ga, 4Ma, 4Pa, 3Dha, 2Ni* = 22

Escala de *Ma*: *4Ma, 3Pa, 4Dha, 2Ni, 4Sa, 3Ri, 2Ga* = 22,

A consonância *Sā-Ma* tem o intervalo de 9 *Śrutis* e a consonância *Sā-Pa* o de 13 *Śrutis*.

[7] *Mūrcchanā* era a subida e descida gradual das sete notas da escala básica. A palavra é derivada de 'aumentar', 'permear'. Como *Mūrcchanās* começavam a partir de cada nota da escala, havia sete *Mūrcchanās* de cada escala. Desse modo as *Mūrcchanās* dos três *Gramas* totalizavam vinte e uma.

Por exemplo, as *Mūrcchanās* da escala *Sā* seriam:

(1) *Sā Ri Ga Ma Pa Dha Ni*...........

(2) *Ni Sā Ri Ga Ma Pa Dha*...........

(3) *Dha Ni Sā Ri Ga Ma Pa*........... etc.

A escala *Sāman* era descendente tendo as notas *Ma Ga Ri Sā Dha Ni Pa* conforme o *Nāradīya Śiksā* (I. 5, 1 e 2). Devido à influência da escala *Sāman*, havia a ordem descendente seguida no caso de notas iniciantes das *Mūrcchanās*. As *Mūrcchanās* serviram como a base de diferentes tipos de canções. Elas também trouxeram as notas dos resgistros (*Sthāna*) baixos (*Mandra*) e altos (*Tāra*). Se a primeira *Mūrcchanā* da escala *Ma* for expressa tomando *Ma* como a *Sadja* e as notas restantes conformemente, então isso seria indicado como:

4Sa, 3Ri, 4Ga, 4Ma, 2Pa, 3Dha, 2Ni = 22 *Śrutis*

Isso dá o Gandhara de 4 *Śrutis* chamado *Antara Ga*. Sua nota assonante seria *Ni* de 4 *Śrutis* chamada *Kākali Ni*. Essas duas eram chamadas de notas *Sādhārana*. O uso delas era restrito. Seu emprego era permitido quando as canções tinham duas notas *Śruti Ga* e duas *Śruti Ni* em quantidade pequena. As *Mūrcchanās* com essas duas notas *Sādhārana* eram chamadas de *Sādhāranikrta Mūrcchanās*.

[8] *Tāla* ou *Tāna* é a *Mūrcchanā* na qual uma ou duas notas específicas são suprimidas. Quando uma *Svara* (Nota) específica é suprimida, ela é chamada de *Sādava Tāna* (uma *Tāna* que consiste em seis notas) e quando duas notas específicas são suprimidas, isso é chamado de *Auduva Tāna* (uma Tāna que consiste em cinco notas). De acordo com os Purānas, há vinte Tānas de *Madhyama-grāma*, quatorze de *Sadja-grāma*, e quinze de *Gandhara-grāma*. Desse modo, o número de *Tānas* dos três *gramas* é dado como quarenta e nove.

De acordo com Bharata (*NatyaSastra*) quando a única nota *Sā, Ri, Pa,* ou *Ni* é suprimida das *Mūrcchanās* do *Madhyama Grāma*, vinte e uma *Sādava Tānas* seriam efetuadas (7x3=21). Por baixar *Sā Pa Ga Ni* ou *Ri Dha* das *Mūrcchanās* da escala de *Sā,* vinte e uma *Auduva Tanas* seria efetuadas (7x3=21). Quando *Ri Dha* ou *Ga Ni* são suprimidas das *Mūrcchanās* da escala de *Ma*, ocorreriam quatorze *Auduva Tānas* (7x2=14). Assim o número total das *Tānas* dos dois *Gramas* é oitenta e quatro de acordo com Bharata. [Aqui a soma fica correta se incluirmos as 28 *Sādava Tānas* (7x4=28) que ocorrem quando a única nota *Sā, Ri, Pa* ou *Ni* é baixada das *Mūrcchanās* da *Sadjarama,* como cita o *Brahmānda P.*]. Essas são dadas como *Suddha Tānas* por Ācāryas posteriores.

40. Uttara-mandrā, Rajanī, Uttarāyatā, Śuddha-sadjā também devem ser conhecidas como a sétima[9].

41a. Conheçam as *Mūrcchanās* da escala de *Ga* (*Gandhāra-grāmikā*) conforme elas vão sendo descritas por mim[10].

41b-48. (Os nomes das *Tānas* são os seguintes:) A primeira da série é Agnistomika, a segunda é Vājapeyika; a terceira é chamada de Paundraka; a quarta é Aśvamedhika; a quinta é Rājasūya; a sexta é Gakrasuvarnaka; a sétima é Gosava; Mahāvrstika é a oitava; Brahmadāna é a nona; a próxima é Prājāpatya; a posterior deve ser conhecida como Nāga-paksāśraya, Gotara, Hayakrānta, Mrga-krānta; a encantadora Visnukrānta, a muitíssimo excelente Sūryakrānta, Mattakokila-Vādin, Sāvitra, Ardhaśāvitra, Sarvatobhadra, Suvarna, Sutandra, Visnu, Vaisnuvara, Sāgara, Vijaya que é encantadora para todos os seres. Nós conhecemos Harhsa e Jyestha como 'queridas para Tumburu' (ou 'Tumburupriya' aceito como um nome separado), a agradável Adhātrya.

Essas são 'seguidas por Gandharvas' [Gandharvanupata], 'desejadas por Alambusā' [Alambusesta] e 'queridas para Nārada' [Nārada-priya]. É mencionado por Bhimasena que elas são apreciadas pelos cidadãos. (O *Brahmānda P*. aceita 'Nāgara-priya' como o nome de uma *Tāna*.)

49-50a. (A Tāna) chamada Karopanīta—Vinatā, Śrih, Bhārgava-Priya.

A escala de *Ma* (Madhyama-grāma) consiste em vinte (Tānas) enquanto quatorze (Tānas) constituem a escala de *Sā* (Sadja-grāma). Eles desejam (opinam) que há quinze (Tānas) pertencentes à escala de *Ga* (Gāndhāra-grāma).

(*As divindades associadas com Mūrcchanās*)

50b. A *Mūrcchanā* Gāndhārī acompanhada com Sauvirā é consequentemente cantada pelo deus Brahma.

51. E o deus Brahma é a deidade presidente aqui da Uttaradi-svara.

Harināsyā é originada na região de Hari. A *Mūrcchanā* Harināsyā tem Indra como sua deidade presidente.

52. A *Mūrcchanā* Karopanita-vitatā foi cantada por Maruts em *Svara-Mandala* [grupo de notas]. Essa é Kalopanitā. Por isso sua deidade presidente é Maruta.

53. A *Mūrcchanā* Suddha-madhyamā se originou no Manu (Maru?) *desa*. Suddha Madhyamā é a nota aqui e a deidade presidente é Gandharva.

54. Como ela se move junto com os cervos para a orientação de Siddhas, consequentemente ela é chamada de Mārgī. O Senhor dos animais (o Leão) é sua deidade.

55. Como a *Mūrcchanā* é associada com eremitérios e também com as várias vozes (humanas) de cidadãos, ela é chamada de Rajanī, devido à sua associação com *rajas* (poeira/atmosfera).

56. O *Tāla* (tempo de batida) é conhecido como tendo Sadja como sua deidade. Por isso Uttara-tāla é conhecido primeiro como bem estendido.

Consequentemente ela é Uttara-mandrā cujo deus é Dhruva.

57. Como ela é depois de Apāna (?), Uttarāyana que tem *Dha* (Dhaivata) como o ponto de partida, é a *Mūrcchanā,* as divindades da qual são Pitrs (espíritos dos mortos), as divindades (adoradas em) Śrāddhas.

58. Os grandes sábios adoram o deus do fogo com a nota *Suddha-Sadja* (pura *Sā*-); ela deve ser conhecida como *Śuddha-Sadjika*.

59. Ela começa a partir da nota *Pañcama* causando deleite para as pessoas boas. A *Mūrcchanā* pertencente a Yaksīs (Yaksas femininos) é chamada de Yāksikā Mūrcchanā.

---

[9] O texto omitiu os nomes Abhirodgata, Matsarikrta e Asvakranta.

[10] Estranhamente nem o nosso texto nem o *Brahmānda P*. dão as *Mūrcchanās* da escala de *Ga*. O *Nārada Purāna* II.50.35b-36a os registra como segue: Nādi, Viśālā, Sumukhī, Citrā, Citravati, Mukhā e Balā. Sem qualquer introdução o texto prossegue para enumerar as *Tānas* a partir do 41b. O conceito purânico de uma *Tāna* é diferente daquele de hoje.

60. (Defeituoso.) Aquela *Mūrcchanā* da qual serpentes de olhos venenosos não se aproximam e os deuses-serpente se tornam como ela foi formulada por Brahma, é chamada de *Mūrcchanā* de serpentes (*Ahi-mūrcchanā*) e aqui a deidade é Varuna.

61. A *Mūrcchanā* com a qual Kinnaras (cantam) em imitação de aves, é a excelente (Uttamā) Mūrcchanā. Sua deidade é o Senhor das Aves (Garuda).

62. Pelo som de Gandhāra Ragā, a terra (ou vaca?) é mantida em suporte. Consequentemente ela é chamada de Viśuddha-Gāndhārī (de *Ga* pura). E Gandharva é seu deus presidente.

63. A *Mūrcchanā* Uttara-Gāndhārī é assim chamada porque ela foi criada após [ou em homenagem a] Gandhara. Suas divindades (presidentes) são Vasus.

64. A Sadja Mūrcchanā se aproximou primeiro do deus Brahma (Pitāmaha). Por isso sua grandeza. Sua deidade é o deus do fogo.

65. A *Mūrcchanā* chamada Mandasas^hā é divina e extensa. Os nomes de suas qualidades não podem ser descritos. Sua deidade é *Pañcama* (a nota *Pa*).

66. Todas as sete Notas (*Svaras*) e as *Mūrcchanās* foram descritas completamente. *Mūrcchanās* com Sādhārana Svaras[11] (por exemplo: Antara Gāndhāra, Kākalī Nisāda) são muitas. Só seis delas são conhecidas.

[11] As *Sādhārana Svaras* são:
(1) *Antara Gandhara*, ou seja, a moderna *Suddha Gandhara,*
(2) *Kikali Nisada*, ou seja, a moderna *Tivra Nishada.*

Capítulo 25: A Ciência de Música; Os Embelezamentos

1. Depois de conhecer os pontos de vistas de professores mais antigos, eu devo explicar, na ordem correta, os trinta embelezamentos de música. Ouçam-nos enquanto eu estou expondo.

2. Os *Alankāras* (embelezamentos de música) devem ser explicados junto com seus *Varnas* (movimentos de notas tais como ' invariável', 'ascendente' e outros) como a base específica deles e também junto com sua configuração associada (*Samsthāna*), sempre com relação à representação dramática[1] etc.

3. A realização de embelezamento é alcançada pelas implicações de trechos e conotações das combinações de palavras.

É dito que as palavras de uma canção são precedentes ou seguintes ao embelezamento.

4. Deve-se entender que há três lugares de expressão vocal. Eles são o peito, a garganta e a cabeça. O melhor procedimento (de produção de notas) começa nesses três lugares.

5. Na fase original (*Prakrtau*), há quatro varnas (tons-padrões) com movimento quádruplo. O movimento alternativo é óctuplo[2], e os deuses o conhecem como o dobro disso.

6. (*As designações de Varnas*:) O primeiro Varna é *Sthāyin*; o segundo é *Prasañcārin*, o terceiro é *Avarohana* (=*Avarohin*) e o quarto Varna é conhecido pelos peritos no conhecimento de Varnas como *Ārohana* (=*Arohin*).[3]

7. Há um (Varna, a saber, *Sthāyin*) que tem emprego invariável. *Sañcara* é um movimento misturado. Deve-se indicar a descida de Varnas (isto é, *Svaras*) como *Avarohana*.

8a. Os peritos no conhecimento de *Varnas* conhecem (aquele Varna) como o *Āroha-Varna* pela ascensão de notas.

8b. Então conheçam agora os embelezamentos desses Varnas específicos[4].

9. Há quatro embelezamentos, isto é, *Sthāpani*, *Kramarejina*, *Pramāda* e *Apramāda*. Eu irei (daqui em diante) explicar as características desses[5].

10. (Os nomes de Alañkaras ainda continuam como segue:) *Visvara*, *Asfakala*[6] que tem um intervalo de um lugar (de seu lugar? original). *Āvarta* e *Kramotpalti* – esses dois devem ser efetuados de acordo com a proporção deles.

11a. Deve-se saber que o outro é *Kumāra* e também *Vistara*[7].

11b. E esse de fato é o *Apāñga* (Alañkara) e *Kutāreka* (?) possui mais um kalā (medida de tempo).

12. *Syena* é originado como tendo um intervalo e situado no meio de Mātrās de um Kalā. Nele reside o aumento na ordem da nota diferente dele (por exemplo Sā-Pa, Ri-Dha, Ga-Ni).

---

1 Veja o *Natyashastra* de Bharata. Volume. IV, pág. 79-92 (Edição de Baroda).

2 Esses são referidos somente nos Purānas. Escritores posteriores não os mencionam.

3 As exigências da métrica levaram à mudança na ordem. A ordem deveria ser:
(1) ***Sthayin*** (isto é, Sā Sā Sā)
(2) ***Arohin*** (por exemplo *Sā Ri Ga* etc.)
(3) ***Avarohin*** (por exemplo *Ni Dha Pa* etc.)
(4) ***Sancarin*** (por exemplo *Sā Ri Sā Ri Ga Ri Sā* etc.).

4 Embora eu tenha recorrido à seção sobre *Alankaras* no *Sangita Ratnakara* (I.VI), só alguns *Alankaras* como *Syena* (pág. 133 do *S.R.*) lançaram alguma luz. Embora o *Sangita Ratnakara seja* muito posterior ao *Vāyu P.* ou *Brahmānda P.,* ele tem preservado algumas das tradições purânicas.

5 Alguns versos depois desse devem ter sido perdidos porque nem o nosso texto nem o *Brahmānda P.* as explicam em algum lugar.

6 *Usfrakala* no texto estando obscuro, ele é corrigido conforme o *Brahmānda P.*

7 O texto está obscuro aqui e no *Brahmānda P*.

13. A descida do *Syena Alañkara* é chamada de *Uttara*. O Alañkāra chamado *Bindu* é originado devido à medida de Kalās.

14a. Um Kalā (medida de tempo) deve ser empregado dos Varnas. Então ele seria *Sthāpita* (*Sthāyin*?) (estabelecido).

14b. *Durghafita* é aquele que tem a nota até na ordem inversa.

15a. *Ekāntara* (*Ekottara-svara*) tem a nota mais alta de *Sadja*.

15b. *Āksepāskandana* deve ser efetuado como tendo amplitude alta como o grito (dissonante) do corvo.

16a. Os dois *Santāras* pertencem ao *Sañcārin Varna* como a causa ou o efeito.

16b. *Āksipta* pertence à categoria do *Varna* descendente (*Avarohin*).

17. O Alañkara chamado Preñkholita tem o décimo segundo lugar de Kalā tendo um intervalo. Assim ele é dotado de *Svaras* (Notas).

18a. É dito que *Puskala* é devido à transferência das notas.

18b. *Praksipta* é devido a Kalā...... (?)

19a. É chamado de *Hrāsita* (*Bhāsita* no *Brahmānda P.*) no qual há o uso de dois Kalās como antes.

19b. *Visvārarūdhā* (*Visarārūdha*) tem oito notas em ascendência.

20a. Aquele[8] que é uma descida de registro alto ou baixo.

20b. Esses são colocados realmente com um intervalo e têm a mesma nota no fim.

21ab. É declarado que o Alañkāra chamado *Maksipracchedana* tem um grupo de quatro Kalās. Desse modo, esses são os trinta Alañkāras explicados.

21c-**22**. Devido ao emprego de *Varna* e *Sthāna* tendo as medidas de Kalā e Mātrā existem a configuração, proporção, modificação e características. Esse deve ser conhecido como o propósito dos embelezamentos (da música)[9].

23. Assim como no caso de embelezamento (da própria pessoa), [que] é extremamente criticado se for usado no lugar errado, similarmente embelezamento desfavorável (discordante) dos *Varnas* também (é censurável) como é produzido por si mesmo.

24. Da mesma maneira que, com o uso de vários ornamentos, uma mulher se embeleza, assim são os embelezamentos (musicais) para um Varna, (mas) se usados discordantemente, isso é censurado amargamente.

25. O brinco não é visto (usado) nos pés; nem um cinto em volta do pescoço. Assim também o embelezamento (em música), se usado no lugar errado, é repreendido.

26. Quando o embelezamento é efetuado, ele deve indicar a Rāga (melodia); assim como o percurso destinado a ser realizado é caracterizado.

27a. As características, seus opostos são indicados (com pincéis?) por escribas (*Vamika*?)

27b. Eu descreverei realisticamente (como é) .... ? (Obscuro).

28a. (Obscuro.) Vinte e três e oitenta é a inversão (da ordem deles?)

28b. (Obscuro.) Até a *Sadja* se torna uma nota deficiente (no meio?)

29a. Similarmente esses resultam na confusão entre os Gramas de *Sadja* e *Madhyama*.

29b. Obscuro.

30. Obscuro[10].

31a. (Obscuro.) À parte da nota *Ma-Madhyama* – é o desvio antes de Rsabha?

31b. (Obscuro.) A divisão deles é um guia (*mārgasamsthita*) para canções?

32a. (Obscuro). (*Svas&ra* e *Svarāntara* foram indicados por mim.)

---

[8] Se a leitura do *Brahmānda P*. for aplicada o nome desse Alañkāra é *Vāpa.* Mas eu não estou seguro da correção da leitura no *Brahmānda P*.

[9] Veja o *Sańgīta-ratnākara* 1.6.64 o qual enumera *Rakti-lābha* etc.

[10] (Uma tradução experimental:) O embelezamento de *Svaras* é lembrado como a experiência (?) de todos os seguintes. A música externa (?) é conhecida como tendo cinco divindades.

32b. O contrário aconteceria no caso da ordem de sete notas.

33a. As quatro *Mandraka gitas* (canções) são cantadas com *Gāndhāra* como a nota fundamental.

33bc. Em *Mandraka gītas*, nós conhecemos as notas *Pañcama (Pa), Madhyama (Ma), Dhaivata (Dha), Misāda (Ni), Sadja (Sā), Rsabha (Ri)* como as notas restantes.

34a. Deve-se conhecer duas canções Aparāntika. - (O resto está obscuro).

34b. (Obscuro mas com o texto do *Brahmānda P*.:) Nas canções Aparāntika, *Gāndhāra (Ga)* é empregada na forma original e modificada por flautistas (*Vainava*)[11].

35a. O *Pāda* tem três formas (?). A canção *Kaiśika (Ki)* tem sete formas.

35b. O procedimento de nota-chave é declarado com o uso total de *Gāndhāra*.

35c. Essa também é a ordem planejada para seu *Madhyama* como a nota fundamental.

36. As canções que foram mencionadas com ênfase específica na forma devem ser produzidas com sete notas e a *Kaiśiki (-ka)* de forma sétupla.

37a. Isso é chamado de a indicação das partes componentes (de canções?)

(O Tópico de Tāla)

Há duas medidas pares.

37b. (Obscuro) ..... o *Mātrā* não é adiantado (*abhipratisfhita*) ?

38. Em canções *Uttara* na forma original, o *Mātrā* é assim anulado (o resto do verso é obscuro).

39. Com um pé (*Pada*) no *Mātrā* e com um pé deficiente .... quando há o *Upahanana* (deficiência, erro?) de números nela, ela é chamada de *Tāna*.

40. A segunda pausa no pé é bem estabelecida com *Graha* (o ponto de partida da canção) e nas (canções) Aparāntika. A primeira, a oitava, a terceira e segunda são estabelecidas com *Graha* (?)

41. (Obscuro.) Com metade do equivalente de um Pāda e na porção de um-quinto do Pāda, o *Pāda-bhāga* (um quarto do Pāda) também junto com um e um quarto (de um pāda) (?) é estabelecido na forma original).

42. Nas canções *Uttara* e *Mandraka* em sua forma original, o Kalā existe como explicado do Daksinā Mārga (modo do uso de Tāla)[12].

43[13]. Obscuro (aqui e no *Brahmānda* P.)

44. Quando há o uso de um e o uso de dois, ó melhores dos brâmanes, e quando há a combinação de muitos, *Patākā*[14] etc. são declarados.

45a. Há três *Vrttis*[15]*: Citrā, Vrtti e Daksinā* (o texto está obscuro e por isso emendado).

45b Os *Samavāyas* (combinações de?) são oito; similarmente a Mūrcchanā é Sauvīrā.

45c. Obscuro. (Última parte do 45c.) Desse modo o *Svara-mandala* de sete *Svaras* (notas) (é explicado).

---

[11] *Brahmānda P.* 33a.: “Nas canções Aparāntika, *Gāndhāra (Ga)* é empregada em sua forma original (*Suddha*) e modificada.”

[12] Talvez algumas linhas estejam faltando, (veja o *Brahmānda P.* 3.3-62.40-41). Havia três *Mārgas* (modos do uso de Tāla), isto é, *Citra*, *Vartikā* e *Daksini* que têm o Kāla de dois *mātrās*, quatro *mātrās* e oito *mātrās* respectivamente. As formas *Ekakala*, *Dvikala* e *Catuskala* eram associadas com Mārgas.

[13] (Tentativa de tradução): Os dois pés e seu *Āharaaa* (?) além disso não são formulados.

[14] *Patāka* era um de oito *mātrās*, o qual era indicado por mover a mão para cima. Esses *mātrās* eram para serem empregados nos *Mārgas* como indicados oficialmente.

[15] Os *Vrttis* são os estilos de fazer canções. Eles eram três, a saber, *Citrā*, *Vrtti* e *Daksinā*. Eles eram associados com os três *Mārgas*: *Citra, Virtika e Daksinā*, os três *Layas* (Tempos) e *Grahas* etc.

Em *Citra* a música de instrumento de corda era proeminente e a canção (vocal) subserviente. Em *Daksinā*, a canção era proeminente e a música instrumental subserviente, e em *Vrtti* ambas eram empregadas com proeminência igual.

Capítulo 26[1]: A Dinastia de Iksvāku

Sūta disse:

1. Quando Raivata, também conhecido como Kakudmin, foi para aquele mundo (de Brahma) a Kuśasthalī inteira foi devastada e destruída por Punyajanas e Rāksasas.

2. Os cem irmãos daquele rei virtuoso de alma nobre, ao serem atormentados pelos Rāksasas, fugiram em grande terror.

3. Fugindo apavorados, aqueles ksatriyas estabeleceram suas famílias em diferentes lugares[2]. Ó brâmanes excelentes, essas famílias eram muito grandes.

4-5. Como eles eram virtuosos, eles eram famosos em todos os quadrantes como "*Prayatas*"[3] (os puros). A família de Dhrsta, os ksatriyas chamados Dhārstakas, se tornaram totalmente invencíveis em guerra. Assim havia três mil grupos de ksatriyas de alma nobre. O sucessor de Nabhaga, Nābhāga, era muito poderoso.

6. Ambarīsa era o filho de Nābhāga. Seu filho era Virūpa. O filho de Virūpa era Prsadaśva e o filho dele era Rathītara.

7. Esses (Rathītaras), embora nascidos como ksatriyas, eram conhecidos como Añgiras. Os membros proeminentes (descendentes) de Rathītara eram brâmanes com com bravura (heróica) como ksatriyas[4].

8. Antigamente, quando Manu espirrou, Iksvāku nasceu[5]. Iksvāku teve cem filhos. Todos eles eram generosos (distribuindo riqueza enorme como Daksinā).

9. O filho primogênito era Vikuksi. Seus (dois) irmãos mais novos, Nemi e Danda, (eram famosos). Ele teve quinhentos filhos, o principal deles sendo Śakuni.

10. Eles eram os reis e protetores da terra de Uttarāpatha (região do norte). Quarenta e oito deles governavam na região sul.

11. Vinte deles eram muito importantes. Eles protegiam toda a região sul. Iksvāku ordenou Vikuksi na ocasião de *Astakā*[6].

12. O rei disse: "Ó poderoso, mate veados e traga a carne digna do Śrāddha. Indubitavelmente o *Astakā Śrāddha* tem que ser executado hoje."

13. Vikuksi, que foi caçar a pedido do (rei) inteligente, matou milhares de cervos. Embora muito poderoso, ele ficou muito cansado. Ele então (matou e) comeu uma lebre.

14. Quando Vikuksi voltou com a carne junto com o exército, o rei incitou Vasistha, "Que a carne seja borrifada com a água sagrada."

15. Assim incitado pelo rei, Vasistha disse "Assim seja," e foi lá para a realização adequada (do Śrāddha). Ao ver a carne profanada, ele ficou zangado e falou ao rei:

16. "Ó rei de grande esplendor, a carne foi profanada por seu filho (se comportando como um) śūdra. A carne oferecida por você não pode ser comida, porque ele comeu uma lebre.

---

[1] Este capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3-3-63. As referências são aos versos nesse capítulo.

[2] Embora o capítulo esteja principalmente relacionado à dinastia de Iksvāku, os vv. 3-7 mencionam uma dinastia do período pré-Yayāti, antes de aproximadamente 3000 A.C. (*Vedic Age*, pág. 276, Bharatiya Vidyā Bhavan, Bombay. *A História e Cultura do Povo Indiano*, Vol. 1.)

[3] *Saryatas* no *Brahmānda P.* v. 4.

[4] Isso indica a fluidez do sistema de castas na Índia antiga.

[5] A partir do v. 8, o Purāna descreve a dinastia de Iksvāku. Seus três filhos, Vikuksi, Nemi e Danda, fundaram dinastias separadas em Ayodhyā (Uttar Pradesh), Videha (Bihar), e Dandaka (Decão do Norte) respectivamente. Nemi é mencionado como 'Nimi' em Jatakas budistas.

[6] O Śrāddha realizado nos 7º, 8º e 9º dias depois da Lua Cheia nos três meses de Pausa, Magha e Phālguna.

17. Ó rei excelente, ó impecável, uma lebre foi comida pelo perverso antes (do Śrāddha) na floresta. Por isso essa carne foi corrompida e foi feita indigna dos Pitrs."

18-19. O enfurecido Iksvāku então falou deste modo a Vikuksi: "Ordenado por mim para o propósito dos ritos de Pitrs, você foi caçar os cervos. Na floresta você comeu impiedosamente a carne de uma lebre antes do Śrāddha. Por isso eu expulso você. Vá embora junto com seu destino (como resultado de sua própria ação)." Assim, por insistência de Vasistha, o filho foi abandonado por Iksvāku.

20-23. Quando Iksvāku faleceu, o comedor de lebre obteve esta terra. Ele foi um rei de Ayodhyā de alma muito virtuosa. Estimulado e guiado por Vasistha, ele governou o reino. Depois disso, estando cheio daquele pecado, o rei, que regia o reino, declinou em poder conforme o tempo passou[7]. Depois de compreender (a significação dessa) história, ninguém deve comer (carne) fora da injunção. Homens instruídos explicam a etimologia de *Māmsa* (Carne) assim: 'No outro mundo me comerá, (*Mārh*—a mim, *sa*—ele *bhaksayitā*—comerá), aquele a carne do qual eu como aqui agora'[8].

24-25. O sucessor de Śaśāda foi Kakutstha, o poderoso. Antigamente ele sentou na corcova de Indra que tinha assumido a forma de um touro, no decorrer da guerra chamada Adībaka[9].

Por isso ele é lembrado como Kakutstha[10] (o ocupante da corcova).

Anenas era o filho de Kakutstha. Prthu era o filho de Anenas.

26. Vrsadaśva era o filho de Prthu. Dele nasceu o poderoso Andhra. Yavanāśva era o filho de Andhra. Śrāvasta era o filho dele.

27. Śrāvasta foi o rei por quem Śrāvastī[11] foi construída. O sucessor de Śrāvasta foi Brhadaśva de grande fama.

28. É sabido que Kuvalāśva era o filho de Brhadaśva. Por matar Dhundhu aquele rei se tornou conhecido como Dhundhumāra.

Os Sábios disseram:

29. Ó altamente inteligente, nós desejamos ouvir como Dhundhu foi morto, pelo que Kuvalāśva obteve o título de Dhundhumāra.

Sūta disse:

30-32. Brhadaśva teve vinte e um mil filhos. Todos eles eram peritos em Vidyās. Eles eram poderosos e invencíveis. Todos eles eram íntegros. Todos eles eram realizadores de Yajñas com Daksinā abundante. Brhadaśva, o rei, coroou Kuvalāśva que era muito poderoso, heróico, excelente e virtuoso, naquele reino. Depois de transferir a posição real e glória para seu filho, o rei foi para a floresta.

33. Uttañka, o sábio brâmane, impediu o grande rei heróico Brhadaśva, que era excelente e virtuoso, e que estava procedendo para a floresta (para penitência).

Uttañka disse:

34. "Ó, proteção deve ser oferecida por você. Cabe a você fazer isso. Eu não posso fazer penitência imperturbado.

35. Na região do deserto selvagem, perto do meu eremitério, há um mar vasto cheio de areia, ó rei[12].

---

7 Ou foi para um mundo inferior (inferno) depois da morte.

8 Citado de Manu V. 55.

9 *Adi-baka*: o combate mortal lutado por Vasistha e Viśvāmitra depois de assumirem as formas de *Adi* e *Baka* (duas aves aquáticas). Devas e Asuras lutaram entre si formando uma aliança com Vasistha e Viśvāmitra.

10 Kālidāsa, porém, explica o epíteto *Kakutstha* como 'alguém que ocupa um lugar proeminente entre reis' no *Raghuvamsa* VI. 71. Mallinatha, o comentador, menciona corretamente o episódio purânico.

11 Moderna Sahet-Mahet no (rio) Rapti (antigo Airavati ou Aciravati) no Distrito de Gonda em Uttar Pradesh.

12 Os versos 35-40 descrevem uma região arenosa com terremotos ocasionais e algo como erupções vulcânicas. Estudiosos diferem sobre sua identificação. Bimala Churn Law conjetura que essa cova vulcânica perto do mar ocidental era submersa com água do mar, e que a ação vulcânica cessou pelos esforços de Kuvalasva (*Tribes in Ancient India*, pág. 126). Pargiter considera esse como um mar

36. Há um ser extremamente poderoso de corpo enorme deitado sob o chão coberto com areia. Ele não pode ser morto nem mesmo por Devas.

37. Ele é o filho de Manu. Seu nome é Dhundhu. Ele é cruel e terrível. Ele está fazendo uma penitência rigorosa pelos últimos cem anos para a destruição dos mundos.

38. Ele expira (uma vez) ao término de um ano. Mas quando ele exala a terra inteira junto com as florestas vibra e estremece.

39. Uma grande coluna de poeira é erguida pelo ar exalado por ele. Ela encobre o caminho do sol e o terremoto continua por uma semana.

40. Ela é acompanhada por chamas de fogo muito terríveis, faíscas, e fumaça. Ó rei, eu não posso portanto ficar no meu próprio eremitério.

41. Ó rei de braços vigorosos, o contenha com o desejo do bem-estar dos mundos. O grande deus Visnu irá desenvolver sua destreza por meio do próprio esplendor dele.

42. Os mundos ficarão felizes e aliviados hoje quando o Asura for morto. Ó rei, você é por isso competente para matá-lo.

43-44. Ó impecável, um benefício foi concedido a mim (que você me ajudaria por matá-lo) antigamente por Visnu. Consequentemente Dhundhu de grande vigor não pode ser morto por ninguém de menos esplendor mesmo em centenas de anos. A força dele é tão grande que ela não pode ser suportada nem pelos Devas."

45. Assim pedido por Uttañka de alma nobre, aquele rei religioso incumbiu seu filho Kuvalāśva com a tarefa de conter Dhundhu.

46. O rei disse, "Eu já pus de lado minhas armas. Aqui está meu filho. Ó brâmane excelente, ele vai indubitavelmente se tornar o matador de Dhundhu."

47. Depois de ordenar seu filho que estava pronto para matar Dhundhu, o rei de observâncias sagradas louváveis se retirou para as montanhas para fazer penitência.

48. O rei Kuvalāśva de alma virtuosa, obedecendo a ordem de seu pai, seguiu para o abrigo de Dhundhu, acompanhado por seus vinte e um mil filhos e Uttañka, para conter Dhundhu.

49. Devido ao rogo suplicante de Uttañka, e desejando o bem-estar dos mundos, o senhor Visnu entrou nele com seu próprio brilho.

50. Quando aquele (rei) invencível partiu, uma voz alta surgiu no céu: "Este rei será o matador de Dhundhu (Dhundhumāra) com efeito a partir de hoje."

51-52. Os Devas o honraram com flores divinas. Isso era uma coisa extraordinária. Aquele homem como tigre (o rei) de grande coragem foi para aquele mar vasto de areia acompanhado por seus filhos e o cavou sem qualquer perda (de tempo). Aquele rei santo já tinha sido desenvolvido (capacitado) extraordinariamente pelo esplendor de Nārāyana.

53-54. Ele ficou ainda mais poderoso por ficar sob o controle de Uttañka. Dhundhu foi descoberto pelos filhos dele que estavam cavando. Ele tinha estado deitado escondido embaixo da areia no lado ocidental. Ele parecia estar cobrindo furiosamente os mundos por meio do fogo que saía de sua boca.

55. Ó excelentes entre os bebedores de Soma, por meio de seu poder yóguico, ele exsudou água como o grande oceano na hora do nascer da Lua. Aquilo era um vasto lençol de água com correntezas e ondas.

56. Os filhos dele exceto três foram queimados pelo Rāksasa. Então o rei de grande força destruiu todos os criados e parentes de Dhundhu.

57. O rei, que era um yogin, absorveu sua impetuosidade na forma da inundação de água (libertada por ele) por meio de seu poder yóguico, e extinguiu o fogo por meio da água.

---

raso cheio de areia no Rajastão que impediu a expansão ariana (*Ancient Indian Historical Tradition*, págs. 260-261).

58. Então ele dominou o demônio aquático de corpo enorme por meio de sua força. O rei, tendo realizado sua tarefa com sucesso, o mostrou para Uttañka.

59-**60**. Para o rei de alma nobre, Uttañka concedeu as bênçãos de riqueza durável, invencibilidade (em batalhas) por seus inimigos, interesse perpétuo em Dharma e residência eterna no céu. Para os filhos que foram mortos pelo demônio, ele concedeu mundos perpétuos no céu.

61. Drdhāśva era o mais velho dos três filhos dele que sobreviveram. Bhadrāśva e Kapilāśva eram os mais novos.

62. Drdhāśva era conhecido como Dhaundhumāri (filho de Dhundhumāra). Haryaśva era seu filho. O filho dele era Nikumbha que sempre estava empenhado em *Ksātra Dharma* (Profissão militar).

63. Samhatāśva era o filho de Nikumbha. Ele é reputado como um perito em guerra. Krśāśva e Aksayāśva eram os filhos de Samhatāśva.

64. A esposa dele era Haimavatī que era como o rio Drśadvatī para as mentes dos bons. Ela era famosa nos três mundos. O filho dela era Prasenajit.

65. Yuvanāśva era o filho dele. Ele era muito brilhante e famoso nos três mundos como altamente virtuoso. A senhora casta Gaurī era a esposa dele.

66. Ela foi amaldiçoada por seu marido e se transformou no rio Bāhudā[13]. O filho dela, Gaurika, se tornou um imperador.

67. Māndhātā, o filho de Yuvanāśva, se tornou um rei conquistador dos três mundos. Em relação a isso, brâmanes bem versados em Purānas citam estes dois versos.

68. "A região inteira, do lugar onde o Sol nasce até (o lugar) onde ele se põe, toda ela, é chamada de o território de Māndhātā, filho de Yuvanāśva."

69. Pessoas que conhecem os (detalhes de) diferentes raças também citam este verso. "Aqueles que conhecem Purānas chamam o filho de Yuvanāśva de alma nobre, realizador de sacrifícios e (de rei) de esplendor imensurável. Māndhātā é a forma incorporada de Visnu."

70. A esposa dele, Caitrarathī, era a filha de Śaśabindu. Ela era conhecida pelo nome de Bindumatī também. Ela era uma dama pura e não tinha igual em beleza por toda a terra.

71. Ela era a irmã mais velha de dez mil irmãos. Ela era afeiçoada devotadamente ao marido dela. Māndhātā gerou três filhos dela.

72. Eles eram Purukutsa, Ambarīsa e Mucukunda. O sucessor de Ambarīsa era outro Yuvanāśva.

73. Harita era filho de Yuvanāśva. Os descendentes de Harita são lembrados pelo nome Śūris. Eles eram os filhos (adotados) de Añgiras (linhagem espiritual). Eles eram brâmanes dotados de qualidades marciais.

74. O sucessor de Purukutsa era Trasaddasyu de grande fama. Ele nasceu de Narmadā. Seu filho era Sambhūta.

75. O filho de Sambhūta era o valoroso Anaranya. Ele foi morto antigamente por Rāvana enquanto ele estava conquistando os três mundos.

76. Trasadaśva era o filho de Anaranya. Seu filho era Haryaśva. De Haryaśva, Drsadvatī deu à luz o rei Vasumata.

77. O filho dele era o rei virtuoso de nome Tridhanvā. O rei sábio Trayyāruna era o filho de Tridhanvan.

78-**79**. Ele teve um filho poderoso chamado Satyavrata. A esposa de Vidarbha foi sequestrada por ele depois de matar (isto é, derrotar) os habitantes do céu, quando todos os mantras sagrados da cerimônia de casamento tinham sido cantados e as cerimônias concluídas. Visnuvrddha era o filho dele, por esse motivo seus

[13] Moderno Dhumela ou Burha-Rapti, um afluente do Rapti em Oudh, (Uttar Pradesh). O sábio Likhita teve seu braço amputado reunido por um banho nesse rio. Por isso ela é *Bahu-da* 'Concessora de braços' - *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 16.

descendentes são lembrados como Visnuvrddhas. Eles também eram os filhos (adotados) de Añgiras dotados de qualidades marciais.

80. Aquele (pecado) foi cometido por ele por luxúria, ou (orgulho) devido à sua força, ou à força poderosa exercida pelo destino inevitável, embora ele fosse inteligente.

81. Seu pai Trayyāruna o baniu porque ele era pecador. Estando enfurecido com ele, ele repetiu muitas vezes, "Seja degradado (e vá)".

82. Ele falou repetidas vezes para seu pai, "Eu estou só. Para onde eu irei?" O pai o ordenou: "Viva entre os Cāndālas.

83. Ó corruptor da família, eu não busco ser um pai com tal filho como você." Ao ser repulsado dessa maneira pelas palavras do rei, ele saiu da cidade.

84. Vasistha, o senhor e sábio santo, não lhe deu abrigo. O corajoso e inteligente Satyavrata, rejeitado por seu pai, viveu perto dos acampamentos de Cāndālas. O pai também foi para a floresta.

85. Por causa daquela ação injusta, Indra não levou chuvas para aquela terra por doze anos completos.

86. Viśvāmitra de grande penitência deixou sua esposa naquela terra e executou uma penitência severa na terra pantanosa perto do mar.

87. Sua esposa amarrou seu próprio filho do meio (com uma corda) em volta do pescoço dele e o ofereceu para venda em troca de cem vacas para manter (os restantes).

88-**89**. Ao ver o filho do sábio amarrado em volta do pescoço, o homem excelente de ritos bons, Satyavrata de alma virtuosa e intelecto notável, o libertou por ser vendido. Ele o criou para propiciar Viśvāmitra e ganhar a aprovação dele.

90. O menino veio a ser conhecido como Gālava porque ele tinha sido amarrado em volta do pescoço (*Gala*). Aquele descendente de Kuśika, um grande sábio de penitência austera, tinha sido resgatado por aquele (rei) poderoso.

91. Por causa do voto sagrado dele (?), devoção, compaixão, e declaração solene, o rei, que aderia às regras de disciplina, sustentou a esposa de Viśvāmitra também.

92. Depois de matar veados, javalis, búfalos e outros animais da floresta, ele cozinhou aquela carne perto do eremitério de Viśvāmitra.

93-**94**. Por ordem do pai, ele aceitou um voto secreto (*Upāmśu Vrata*) e para aquele propósito tomou iniciação se estendendo por doze anos. Como o rei (o pai de Satyavrata) tinha ido para a floresta, o sábio Vasistha, na qualidade de sacerdote do rei, protegia Ayodhyā, o reino e o harém.

95. Por infantilidade, ou devido à força do destino inevitável, Satyavrata alimentou um grande rancor contra Vasistha.

96. Enquanto ele estava chorando ao ser exilado e banido do reino por seu pai, o sábio Vasistha não impediu isso [devido a uma razão específica. *Brahmānda P*.]

97. Os Mantras cantados durante a celebração de um matrimônio são concluídos no sétimo passo (do rito *Saptapadi*), mas Satyavrata a sequestrou (a noiva de Vidarbha) no sétimo passo.

98. 'Vasistha o conhecedor de Dharmas não deseja repetir os Mantras.' Assim Vasistha estava interiormente bravo com Satyavrata[14] (?).

99. Foi por estar completamente ciente de sua posição como preceptor que Vasistha fez isso então. Nem Satyavrata entendia o voto secreto (do sábio).

100-**102**. (Versos defeituosos.) Quando o pai de mente elevada faleceu, Indra não derramou chuva por doze anos. Assim todas as pessoas na terra ficaram fracas. Todos esses anos o filho estava tendo *Diksā* (isto é, realizando ritos sagrados de acordo com a injunção de seu pai). Vasistha pensou que as pessoas seriam salvas se

---

[14] A linha precisa de correção como no *Brahmānda P*. v. 97: 'dizendo assim Satyavrata ficou zangado com Vasistha, em sua mente.'

ele fosse coroado novamente. Assim ele impediu Satyavrata de se manter ainda mais fora do reino.

103-106. O poderoso (rei mais jovem) realizou os ritos sagrados por doze anos. Quando não havia nenhuma carne disponível, o filho do rei viu a vaca de Vasistha de alma nobre, Kāmadughā (isto é, a concessora de objetos desejados). Por rancor, devido à ilusão e exaustão e porque ele tinha fome, o mais notável entre os homens poderosos que tinha adotado a prática de Dasyus (ladrões e Cāndalās), matou a vaca. Ele mesmo comeu a carne e alimentou os filhos de Viśvāmitra também. Ao saber disso Vasistha o abandonou então. O senhor santo Vasistha também falou deste modo ao filho do rei (isto é, Satyavrata):

107. "Ó ignóbil entre homens, não fosse pelo fato de você já ter três Śañkus (pecados), ó cruel, eu teria deixado este Śanku (vara) de ferro cair sobre você.

108. Sua transgressão (comissão de pecados) é de três formas: uma por causa do descontentamento de seu pai, a outra devido à matança da vaca do preceptor e (finalmente) devido a partilhar de (carne) não santificada."

109. Assim (observando) os três pecados, o sábio de grande penitência o chamou de "Triśañku" por cujo nome ele é lembrado.

110. Depois de retornar (de sua penitência), Viśvāmitra ficou encantado (ao saber que Satyavrata) tinha cuidado da esposa dele (em sua ausência). Ele concedeu bênçãos a Triśañku.

111-112. Quando solicitado a escolher uma bênção como ele quisesse, o filho do rei (Satyavrata) lhe pediu que fosse seu preceptor. Quando o perigo da seca que durava por doze anos foi evitado, o sábio (Viśvāmitra) o coroou no reino hereditário e presidiu sobre o sacrifício dele. Mesmo enquanto os Devas e Vasistha estavam assistindo, o senhor santo Kauśika (Viśvāmitra) o fez ascender ao céu junto com seu corpo físico.

113. Para Vasistha que estava assistindo, isso foi muito surpreendente. Com relação a isso, pessoas bem versadas nos Purānas citam estes dois versos:

114-115. Pelo favor de Viśvāmitra, Triśañku brilha no céu com grande esplendor na companhia dos Devas. Isso é o resultado da bênção daquele inteligente. Uma bela mulher ornada pela lua na estação Hemanta procede lentamente. Ela é embelezada pelos três Bhāvas e adornada pelo corpo celestial - um planeta (chamado) Triśañku.

116. Satyaratā oriunda da família de Kekaya era esposa dele. Ela deu à luz um filho, Hariścandra, o impecável.

117. Aquele rei Hariścandra foi bem conhecido como Traiśañkava (filho de Triśañku). Ele era renomado como um imperador e um realizador do sacrifício Rājasūya.

118. O filho de Hariścandra era Rohita, o poderoso. Harita era o filho de Rohita. Gañcu é chamado de Hārīta (filho de Harita).

119. Vijaya e Sudeva eram os filhos de Cañcu. Como ele era o conquistador de todos os ksatriyas, ele é lembrado como Vijaya.

120. Ruruka era o filho dele. Ele era um rei, um grande perito em assuntos relacionados à religião e riqueza. Hrtaka (ou Dhrtaka) era o filho de Ruruka e Bāhu nasceu dele.

121. O rei (isto é, Bāhu) que se entregou ao vício foi derrotado por Haihayas, Tālajañghas, Śakas, Yavanas, Kāmbojas, Pāradas e Pahlavas.

122. Mesmo naquele Satyayuga justo aquele rei não era muito virtuoso. Sagara nasceu como o filho de Bāhu. Ele nasceu com um corpo contendo veneno no eremitério de Bhrgu. Ele foi salvo por Turva (Aurva).

123. Depois de obter de Bhārgava o míssil pertencente ao deus do fogo, o rei Sagara percorreu a terra inteira e matou Tālajañghas junto com Haihayas.

124. O rei infalível repudiou o Dharma (código de conduta, ritos etc.) de Śakas e Pahlavas. Ele que era familiarizado com Dharma baniu o Dharma (dos oponentes dele) ksatriyas e Paradas (isto é, os excomungou).

Os sábios perguntaram:

125-126. Como o rei Sagara (*Sā-gara*) nasceu com veneno (por dentro)? Por que o rei infalível enfurecido repudiou os ritos sagrados tradicionais daqueles ksatriyas poderosos como os Śakas e outros?

Sūta disse:

É informado que o reino do rei vicioso Bāhu foi assumido por Haihayas e Tālajañghas que vieram junto com Śakas.

127. Esses cinco clãs, isto é, Yavanas, Pāradas, Kāmbojas, Pahlavas, (e Śakas) o atacaram.

128. O reino dele foi saqueado e tomado por esses poderosos ksatriyas importantes. O rei Bāhu, cujo reino foi tomado, renunciou ao mundo. Acompanhado por sua esposa o rei de alma justa entrou na floresta e fez penitência.

129. Depois de algum tempo o rei uma vez foi buscar água. Devido à idade avançada e fraqueza ele morreu no meio do caminho.

130. Sua esposa Yādavī, que estava grávida então, o seguiu. Veneno tinha sido administrado a ela por sua co-esposa com o desejo de matar o feto.

131. Ela preparou a pira mortuária do marido dela, o teve colocado e a acendeu e estava (prestes) a entrar no fogo quando Aurva, o descendente de Bhrgu, a fez desistir disso por compaixão.

132. No eremitério (de Aurva), ela entregou o feto (filho) junto com o veneno (administrado). Assim ela deu nascimento ao filho dela, o virtuoso Sagara de braços fortes.

133. Aurva realizou os ritos sagrados pós-natais para aquela alma nobre. Depois de lhe ensinar Vedas e Śāstras ele o instruiu no uso de armas e projéteis fenomenais.

134. Então ele aprendeu o uso do projétil miraculoso do deus do fogo do filho de Jamadagni (de fato, Aurva) – um míssil que não podia ser suportado nem sequer por Asuras. Naturalmente forte e com a força somada daqueles projéteis o rei enfurecido matou Haihayas como Rudra destruindo *Paius* (Indivíduos).

135. Então o rei tentou exterminar completamente os Śakas, Yavanas, Kāmbojas, Pāradas e Pahlavas.

136. Sendo atormentados e vitimados pelo heróico Sagara de alma nobre, todos eles desejosos de proteção buscaram abrigo e proteção de Vasistha.

137. Tendo estipulado algumas condições, Vasistha concordou. Prometendo-lhes proteção do temor (de extermínio por Sagara), o grande sábio deteve Sagara.

138. Lembrando-se de seu próprio voto e ao ouvir as palavras de seu preceptor, Sagara acabou com os ritos tradicionais de adoração deles e fez com que eles mudassem seu vestuário e adornos[15].

139. Ele fez com que metade das cabeças dos Śakas fossem raspadas e os libertou. Ele fez com que as cabeças dos Yavanas e Kambojas fossem raspadas completamente.

140. Os Pāradas foram obrigados a manter seu cabelo desalinhado e Pahlavas foram feitos cultivar suas barbas. Eles foram excluídos do estudo védico e do uso de *Vasatkara* por aquele rei de alma nobre.

141-142. Śakas, Yavanas, Kāmbojas, Pahlavas, Pāradas, Kelisparśas, Māhisikas, Dārvas, Colas e Khasas – todos esses eram clãs de ksatriyas. Os ritos religiosos tradicionais deles foram proibidos por Sagara de alma nobre por insistência de Vasistha.

143. Administrando suas conquistas virtuosamente, o rei conquistou a terra e tomou iniciação para a realização de um sacrifício de cavalo. Ele soltou o cavalo.

144. Quando estava sendo levado de volta, o cavalo foi roubado perto da margem do oceano sudeste e feito entrar embaixo da terra.

---

[15] Os versos 139-140 descrevem os modos de enfeitar o cabelo etc. dessas tribos e atribuem a Sagara o crédito de impor a eles esses modos não-ksatriya.

145-146. O rei fez todos os seus filhos cavarem a área inteira. Então, finalmente, no grande oceano, eles encontraram com o Ser primordial, o Senhor Visnu, o Senhor Hari, Krsna, o Senhor dos súditos, Senhor Hamsa, Senhor Nārāyana, na forma de Kapila.

147. Eles ficaram dentro do alcance da visão daquele ser brilhante. Então todos aqueles filhos (de Sagara) foram queimados e quatro deles sobreviveram.

148. Eles eram Barhiketu, Suketu, Dharmarata e o heróico Pañcavana. Todos esses continuaram a linhagem do senhor (Sagara).

149. O senhor Hari, Nārāyana, lhe concedeu benefícios como a natureza perpétua da linhagem dele, o benefício de cem sacrifícios de cavalo, o Samudra (oceano) que permeia tudo como o filho e residência eterna no céu.

150. Levando o cavalo com ele, o oceano, o senhor dos rios, chegou lá e se curvou a ele. Por causa dessa ação ele ganhou o título de "Sagara" (nascido de Sagara).

151. Depois de recuperar o cavalo do oceano o rei realizou sacrifícios de cavalo repetidas vezes compondo o total de cem.

152. Nós ouvimos (relatado) que havia sessenta mil filhos. Aqueles sessenta mil filhos foram queimados. Aqueles sessenta mil filhos de alma nobre entraram (se fundiram no) brilho divino de Nārāyana.

Os sábios perguntaram:

153. De que modo os sessenta mil filhos de Sagara ficaram poderosos e valorosos? Por favor narre.

Sūta respondeu:

154. Sagara teve duas esposas. Por meio de penitência elas tinham queimado todos os seus pecados. A mais velha delas chamada Keśīnī era a filha de Vidarbha.

155. A esposa mais nova era muito virtuosa. Ela era a filha de Aristanemi. Em beleza ela era inigualável sobre a terra.

156. Propiciado por meio de penitência, o senhor santo Aurva lhes concedeu estes benefícios: "Uma delas dará nascimento a um filho que estabelecerá a linhagem e que será desejado. A outra dará à luz sessenta mil filhos."

157. Ao ouvir as palavras do sábio na assembléia do rei, Keśīnī, a mais velha, escolheu a bênção de um único filho que seria a causa da perpetuação da linhagem.

158. Sumati, a irmã de Suparna, aceitou o benefício de sessenta mil filhos do sábio de grande alma, de acordo com o desejo dela.

159. Depois de certo tempo a esposa mais velha deu à luz o filho primogênito (subsequentemente) famoso como Asamañja (Asamafijasa), o filho de Sagara, o descendente da família de Kakutstha.

160. Sumati, a dama famosa, deu à luz um feto semelhante à cabaça. Do feto semelhante à cabaça saíram todos os sessenta mil filhos.

161. O rei fez (pedaços do) feto serem depositados em (sessenta mil) jarros de ghee e empregou o mesmo número de enfermeiras para cuidar deles individualmente.

162. Então, no decurso de nove meses, eles cresceram bem e saíram (dos jarros), vigorosos e bem dispostos; aqueles filhos abençoados elevaram o prazer de Sagara.

163-164. Depois de muito tempo aqueles sessenta mil filhos (de Sagara) chegaram à mocidade. Daqueles que (depois) seguiram (de perto) o cavalo (de Aśvamedha), o filho mais velho de Sagara era um tigre entre homens. O poderoso era famoso como Asamañja, também conhecido como Barhiketu.

165. Como ele estava envolvido em atividades contra o interesse dos cidadãos, ele foi banido por seu pai no próprio início. O filho de Asamañja era o poderoso Amśumān.

166. O filho dele era uma alma virtuosa. Ele era bem conhecido pelo nome de Dilīpa. De Dilīpa nasceu Bhagīratha, um herói de grande esplendor.

167. Gañgā, o mais excelente dos rios, tornada bela com carruagens aéreas, foi (trazida aqui nesse mundo) por ele. Ela recebeu a condição de uma filha (do rei), o

realizador do sacrifício (*Ijānena*), do oceano[16] (?). Com relação a isso, pessoas bem versadas em Purānas citam este verso.

168. "Bhagīratha trouxe Gañgā para baixo por meio de seu esforço ativo. Por isso Gañgā é chamada de Bhagīrathī por aqueles que são os principais entre aqueles familiarizados com genealogias (de reis)."

169. O filho de Bhagīratha se chamava Sruta. O sucessor dele era Nābhāga. Ele sempre estava envolvido em atividades religiosas.

170. Ambarīsa era seu filho. Sindhudvīpa o sucedeu. É bem sabido que os conhecedores do Purāna e genealogias cantam desse modo:

171. "Protegida pelos braços de Ambarīsa, filho de Nābhāga, a terra ficou completamente livre dos três tipos de *Tāpa* (infortúnio)".

172. Ayutāyu, o poderoso, era o filho de Sindhudvīpa. Rtuparna de grande fama era o sucessor de Ayutāyu.

173. Ele era o conhecedor do Mantra divino *Aksahrdaya* (o Mantra com o qual as pessoas se tornam ganhadoras seguras no jogo de dados). Ele era um rei poderoso e um amigo para Nala. Há dois Nalas de ritos sagrados constantes, muito famosos nos Purānas.

174. Um deles era o filho de Vīrasena e o outro um membro principal da linhagem de Iksvāku. O filho de Rtuparna era Sarvakāma que era o senhor dos povos.

175. O rei Sudāsa era o filho dele. Ele era *Hamsamukha* (alguém com a face de um cisne)[17]. O filho de Sudāsa era o rei Saudāsa.

176. Ele era famoso pelos nomes de Kalmāsapāda e Mitrasaha. Vasistha, de grande brilho, gerou da esposa de Kalmāsapāda o filho Aśmaka, com o propósito de fazer a linhagem de Iksvāku prosperar (e perpetuar).

177. Urakāma era o filho de Aśmaka e o filho dele era Mūlaka. Com relação ao rei Mūlaka, é citado o seguinte (verso).

178. "Aquele rei grandioso, com medo de Rama (isto é, Paraśurāma) sempre ficava rodeado por mulheres. Buscando proteção, ele abandonou seu traje (varonil) e tinha a cota de malha (na forma) de mulheres."

179. O rei virtuoso Śataratha é lembrado como o filho de Mūlaka. De Śataratha nasceu o rei poderoso Aidivida.

180. O filho de Aidivida era o glorioso e valoroso Krtaśarmā. Ele também teve uma filha e o filho dele era Viśvamahat (Viśvasaha no *Brahmānda P*.)

181. Dilipa era o filho dele. Ele se tornou bem conhecido como Khatvāñga. Tendo obtido um período de vida se estendendo até um Muhūrta, ele voltou para este mundo a partir de *svarga* (o mundo celestial). Por meio de sua inteligência e veracidade os três mundos foram dominados por ele.

182. Dīrghabāhu era o filho dele e Raghu nasceu dele. Aja era o filho de Raghu. Dele (Aja) nasceu o rei poderoso Daśaratha, a causa de deleite para a linhagem de Iksvāku.

183. O heróico Rāma, o conhecedor de Dharmas, bem conhecido nos mundos, Bharata, Laksmana e Śatrughna de grande força eram os filhos de Daśaratha.

184. Depois de matar Lavana, o filho de Madhu, Śatrughna entrou em seu Madhuvana e fundou a cidade de Mathurā lá.

185. Subāhu e Śūrasena, os filhos dele, nascidos da princesa de Videha, protegeram a cidade de Mathurā, acompanhados por (seu pai) Śatrughna.

186. Añgada e Candraketu eram os filhos de Laksmana. Os territórios deles na borda da montanha Himalaia eram muito prósperos e florescentes.

187. Añgadīyā, a cidade capital de Añgada, era na terra Kārapatha[18]. Gandravaktrā, a cidade do poderoso Candraketu, era muito auspiciosa.

---

[16] O *Brahmānda P.* v. 167 lê: 'foi trazida aqui (neste mundo) e recebeu a posição de filha do senhor dos Suras (Brahma).'

[17] *Indra-sakho* 'um amigo de Indra' no *Brahmānda P.* v. 175 é melhor.

188. Taksa e Puskara eram os filhos heróicos de Bharata. As cidades daqueles dois de alma nobre eram na terra Siddha de Gāndhāra.

189. A bela cidade de Taksa, isto é, Taksaśilā[19] é renomada em todos os quadrantes. Puskarāvati[20], a cidade do heróico Puskara, também é famosa.

190. As pessoas que conhecem os Purānas cantam este *Gāthā* (verso laudatório): "Todos os princípios estão acorrentados (concentrados no) inteligente Rāma devido à sua grandeza."

191. Rāma era um herói de cor escura, jovem, de olhos vermelhos, de face brilhante com braços se estendendo até os joelhos. Com um rosto sorridente e ombros leoninos, aquele de braços poderosos somente proferia palavras medidas.

192-**193**. Rāma reinou por dez mil anos. O som do canto de Mantras Rk, Sāman e Yajur e o ressôo da corda do arco dele eram ouvidos sempre.

"Que isso seja dado. Que isso seja desfrutado". Essas expressões eram ouvidas continuamente no reino. Enquanto permanecendo em Jana-sthāna[21] ele levou a cabo o trabalho dos Devas.

194. Procedendo à procura de Sītā, aquele líder renomado de homens matou o (demônio) da família de Pulastya, que tinha cometido pecados anteriormente.

195. Rāma, filho de Daśaratha, era brilhante com seu próprio esplendor. Ele possuía qualidades sátvicas. Ele era ricamente dotado de boas qualidades. Ele superava até o Sol e o fogo ardente em brilho.

196. Assim o descendente de braços fortes da família de Iksvāku matou Rāvana junto com todos os seguidores dele e então voltou para o Céu.

197. O filho de Śrīrāma se chamava Kuśa. Ele teve outro filho Lava de grande coragem. Conheçam (os nomes dos) reinos deles.

198. O reino de Kuśa era Kośalā. A cidade capital era Kuśasthalī[22]. Essa bela cidade foi fundada por ele nos cumes das montanhas de Vindhya.

199. Uttara-Kośala era o reino do de Lava de alma nobre. (Sua capital) Śrāvasti era renomada nos mundos. Conheçam os descendentes de Kuśa.

200. O filho de Kuśa era Atithi de alma piedosa que adorava receber convidados com hospitalidade. O filho de Atithi que era mais famoso que seu pai era um rei chamado Nisadha.

201. Nala era o filho de Nisadha e Nabha era filho de Nala. Pundarīka nasceu de Nabha e Ksemadhanvan era filho dele.

202. O rei valoroso Devānīka era filho de Ksemadhanvā. O filho de Devānīka era o senhor Ahīnagu.

203. O sucessor de Ahīnagu era Pāriyātra de grande fama. Seu filho era Dala e dele nasceu o rei Bala.

204. O filho de Bala era um (rei) de alma piedosa de nome Auñka[23]. Seu filho era Vajranābha cujo filho era Śañkhana.

205. O filho de Śañkhana, Dhyusitāśva, era um estudioso renomado. O rei Viśvasaha era o filho de Dhyusitāśva.

206. Hiranyanābha pertencia a Kośala. Seu filho era Vasistha. Ele era lembrado como o discípulo do neto de Jaimini em todos os ritos auspiciosos.

---

18 Moderna Kārābāgh ou Bāghān na margem oeste do Indus, ao pé de faixa de sal chamada colina de Niti no distrito de Bannu (veja o *Raghuvamśa*, XV-90). - *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 92

19 Taxila, no distrito de Rawalpindi no oeste do Panjab, (agora) Paquistão.

20 De acordo com VR. [?] VII. 101.10-15 ela foi fundada por Bharata. Provavelmente a mesma que 'Poukelaotes' mencionada pelos gregos como sendo saqueada por Alexandre o grande. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (pág. 163) a identifica com Gharsaddah, dezoito milhas ao norte de Peshawar, no Landi perto de sua junção com o rio Kabul.

21 Moderna Nasik ou Pañchavati em Maharashtra.

22 *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India* (pág. III) a identifica com Ujjain mas nosso texto a situa nos cumes da montanha Vindhya.

23 'Ulūka' conforme o *Brahmānda P.* v. 205. Pargiter, na lista de reis de Ayodhyā, o chama de 'Uktha' (*Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 149).

207. Ele tinha estudado quinhentos Samhitās védicos[24]. A Filosofia Yoga foi aprendida dele pelo inteligente Yājñavalkya.

208. Pusya, filho dele, era um grande estudioso. Seu filho era Dhruvasandhi. Sudarśana era o filho dele e Agnivarna era nascido de Sudarśana.

209. O filho de Agnivarna era Śīghra e Manu (Maru no *Brahmānda P.*) é lembrado como o filho de Śīghraka. Manu adotou a prática yóguica e permaneceu na aldeia Kalāpagrāma[25]. No décimo nono Yuga, ele seria o senhor que originou e fez a classe ksatriya prosperar.

210. O filho de Manu era Prasuśruta. Seu filho era Susandhi. O filho de Susandhi era Amarsa, também conhecido pelo nome Sahasvān.

211. O filho de Sahasvān era o rei conhecido pelo nome Viśrutavān. O filho de Viśrutavān era o rei Brhadbala.

212. Esses são os reis mais lembrados, os sucessores de Iksvāku. Os membros mais importantes da raça foram enumerados aqui.

213-**214**. Alguém que lê bem essa criação de Vivasvān, o filho de Aditi, vem a ser dotado de progênie. Ele atinge identidade com Vaivasvata Manu, senhor Śraddha-Deva que dá prosperidade aos súditos. Ele fica livre de pecados e de qualidades rajásicas. Ele se torna longevo e não se desvia do caminho virtuoso.

---

[24] O *Brahmānda P*. v. 207 afirma que Pausyañji era o professor dele em Sāma Veda. Pausyañji, um discípulo de Sukarman, ensinou 500 ramos do Sāma Veda.

[25] Provavelmente um lugar fictício. É considerado que ela era situada em algum lugar perto de Badrinath no Himalaia. Ela era um retiro de prazer de Ūrvaśi e Purūravas de acordo com o nosso texto. Maru (Manu) e Devāpi, os últimos reis das raças Solares e Lunares, estão praticando Yoga, esperando para restabelecer seus reinos em Ayodhyā e Hastinapur depois da encarnação de Kalki.

Capítulo 27: A Dinastia de Nimi[1]

Sūta disse:

1-3. Agora (escutem e) conheçam a família de Nimi[2], o irmão mais novo de Vikuksi. Foi ele que fundou uma cidade bem conhecida como Jayanta perto do eremitério de Gautama. Essa (cidade) era comparável à cidade dos Devas. Na linhagem dele um filho muito inteligente chamado Nemi nasceu para Iksvāku de grande brilho. Ele era extremamente devoto de alma e venerado por todos os seres vivos. Ele nasceu no decorrer de um Yajña, o genitor (Janaka), sendo um sábio excelente.

4-5. Pela maldição de Vasistha, ele se tornou *Videha* (desprovido de corpo). O filho dele chamado Mithi foi gerado no decurso de três Parvans. Esse rei de grande fama nasceu do *Arani* (um pedaço de madeira do qual o fogo é aceso para propósito sacrifical) enquanto aquele estava sendo agitado. Ele era bem conhecido pelo nome de Mithi. Como o nascimento dele foi desse tipo, ele se tornou (conhecido como) Janaka.

6. Mithi foi um rei de grande coragem pelo qual a cidade capital se tornou (conhecida como) Mithila[3] e o rei era Janaka. O filho de Janaka era Udāvasu.

7. De Udāvasu nasceu Nandivardhana de alma extremamente piedosa. De Nandivardhana nasceu o heróico e devoto Suketu.

8. De Suketu nasceu Devarāta de alma piedosa e grande força. É ouvido que Brhaduccha de alma devota era o filho de Devarāta.

9. O filho de Brhaduccha era o valoroso Mahāvīrya. Dhrtimān era o filho de Mahāvīrya e o filho dele era Sudhrti.

10. Dhrstaketu de alma virtuosa, o opressor de inimigos, era o filho de Sudhrti. O filho de Dhrsjaketu era bem conhecido pelo nome de Haryaśva.

11. Maru era o filho de Haryaśva. Pratitvaka[4] era filho de Maru. O rei piedoso Kīrtiratha era o filho de Pratitvaka.

12. O filho de Kīrtiratha era bem conhecido como Devamīdha. E Vibudha era o filho de Devamīdha e o filho de Vibudha era Dhrti.

13. O filho de Mahadhrti era Kīrtiraja, um rei de grande valor. O filho de Kīrtiraja era um estudioso bem conhecido como Mahāromā.

14. De Mahāromā nasceu o famoso Svarnaromā. O filho de Svarnaromā era o rei Hrasvaromā.

15. É sabido que o filho de Hrasvaromā era o sábio Sīradhvaja. Enquanto esse rei estava arando, Sītā, de grande fama, nasceu. Ela se tornou a rainha casta de Rāma. Ela era dedicada ao marido dela e uma esposa virtuosa.

Sāmsapāyana perguntou:

16. Como Sītā de grande fama nasceu enquanto (o campo) estava sendo arado? Por que o rei arou o campo no qual ela nasceu?

Sūta respondeu:

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3.64. Desse modo só os números dos versos são mencionados.

[2] Nimi é um rei respeitável nas tradições bramânicas, budistas e jainas. Como uma etimologia popular, 'Videha' (moderna Tirhut) é atribuída a ele ser incorpóreo devido à maldição de Vasistha (veja vv. 4-5 abaixo).

[3] Também chamada Janakapur, capital de Videha no distrito de Darbhanga, (Bihar). Ela era famosa por sua Universidade Bramânica (até o 14º séc. D.C.). Agora uma nova Universidade de Sânscrito foi fundada lá alguns anos atrás.

[4] Pratimbaka no *Brahmānda P*. v. 11. Pargiter registra 'Pratindhaka' como o nome dele (*Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 147).

17. Enquanto o Agniksetra (o campo onde o sacrifício era para ser realizado) estava sendo arado conforme a injunção, no decorrer do sacrifício de cavalo da alma nobre, ela nasceu dele.

18. De Sīradhvaja nasceu o Maithila (o rei de Mithilā) chamado Bhānumān. O irmão dele era Kuśadhvaja, o senhor e rei de Kāśī.

19. O filho de Bhānumān era o valente Pradyumna. Seu filho era Muni e Ūjavaha é lembrado (como nascido dele).

20. De Ūjavaha nasceu Sutadvāja. Sakuni era seu filho. O filho de Śakuni era Svāgata[5]. Suvarcas é lembrado como seu filho.

21. Śruta foi o sucessor dele. Suśruta era o filho dele. Jaya era o filho de Suśruta. Vijaya era o filho de Jaya.

22. O filho de Vijaya era Rta e Sunaya era o filho de Rta. De Sunaya nasceu Vītahavya, e o filho de Vītahavya era Dhrti.

23. O filho de Dhrti era Bahulāśva e o filho de Bahulāśva era Krti[6]. É com ele que a linhagem de Janaka termina. Assim os Maithilas (reis de Mithilā) são enumerados. Conheçam a linhagem de Soma também.

---

[5] A lista em *Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 144, mostra que o nosso texto e o *Brahmānda P*. saltaram doze gerações descendentes e declararam Svagata como o filho de Śakuni.

[6] Krtaksana em *Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 149.

Capítulo 28: A Natividade de Soma e Saumya (Budha)

Sūta disse:

1. Ó brâmanes, o progenitor do deus-lua foi Atri, o sábio santo. Ele superava todos os mundos por meio de seu brilho. Ele era um senhor santo.

2-3. Ele sempre realizava apenas ritos sagrados, fisicamente, mentalmente, e verbalmente. Nós ouvimos que antigamente, por um período de três mil anos, ele executou uma penitência que realmente era muito difícil de ser feita nos mundos, na qual com seus braços erguidos ele ficou de pé firme (impassível) como (um pedaço de) madeira, uma parede ou um pedaço de pedra.

4. O brâmane altamente inteligente tinha sublimado seu desejo sexual. Ele permaneceu até mesmo sem piscar seus olhos. O corpo dele obteve o estado de Soma.

5. O sábio de alma santificada na condição de Soma ergueu-se (para o céu). O suco Soma exsudou dos olhos dele iluminando todos os quadrantes.

6. Ao serem ordenadas por Vidhi (Brahma), as dez Devīs (isto é, os quadrantes) se reuniram lá e o receberam em seu útero coletivamente, mas não puderam fazer isso (por muito tempo).

7-8. Quando aquelas deusas (damas) foram incapazes de segurar o feto em seus úteros, o feto dotado de esplendor iluminou os mundos como a Lua (agora) abençoando todo o mundo; ele emergiu dos quadrantes (útero das damas) e caiu no chão (assumindo a forma da) Lua junto com elas (as deusas).

9. Ao ver Soma caindo, Brahma, o avô dos mundos, o colocou em uma carruagem, desejando o bem-estar dos mundos.

10. Ó brâmanes, de fato ele (a Lua) era um Deva (deus), um buscador de justiça e verdadeiro à promessa. Nós ouvimos que (a carruagem) estava (equipada com) atrelada a mil cavalos brancos.

11. Quando aquela grande alma, o filho de Atri, tinha caído, os Devas e os sete filhos mentais famosos de Brahma (o) elogiaram.

12. Lá mesmo, os filhos de Añgiras e Bhrgu louvaram por meio de Rks, mantras Yajur e muitos mantras Atharva Angirasa.

13. A luminosidade da Lua brilhante, que estava sendo louvada, se desenvolveu ainda mais e ela purificou todos os três mundos.

14. Naquela carruagem proeminente, ele circungirou a terra que se estende até o oceano vinte e uma vezes.

15. O esplendor dele que chegou à terra se tornou as ervas medicinais. Elas reluzem por meio do brilho dele.

16. Ó brâmanes excelentes! Ele sustenta indivíduos de quatro tipos e o universo com elas (as ervas). O Senhor Soma realmente é o nutridor do universo.

17. Tendo adquirido esplendor pela penitência (de Atri), o elogio (de Devas e sábios) e por suas próprias atividades religiosas, o abençoado (Soma) fez penitência por dez vezes dez anos *Padma*, (um *Padma* = mil bilhões).

18. Soma, que é famoso por seus próprios Karmans, será[1] o que permeia aquelas (dez) deusas de cor de ouro (isto é, quadrantes) que sustentam o mundo inteiro.

19. Depois disso, Brahma, o principal entre os conhecedores de Brahman, confiou-lhe o reino das sementes, ervas, brâmanes e águas.

20. Sendo naturalmente o mais notável entre aqueles que resplandecem brilhantemente e, subsequentemente, sendo coroado sobre um reino grande, (Soma) de grande esplendor se tornou o rei dos reis e purificou os mundos e os desenvolveu.

---

1 [Compare com o *Brahmānda P.* 3.3. 65, v. 18.]

21. Daksa, o filho de Pracetas, deu vinte e sete Dāksā-yanīs (filhas de Daksa) de vastos ritos sagrados para Indu (a Lua). Elas (as pessoas) as conhecem como Naksatras (constelações).

22. Tendo obtido aquele grande reino, Soma, o senhor dos possuidores de Soma (ou seja, brâmanes), realizou o sacrifício Rājasūya, no qual o Daksinā chegou a cem milhares.

23-24. Naquele sacrifício, Hiranyagarbha era o Udgātr (o sacerdote presidente que recita mantras); Brahma ocupou o assento de Brahma e o senhor Nārāyana Hari era o Sadasya (membro da assembléia que testemunhava). Ele estava cercado por Sanatkumāra e outros principais Brahmarsis originais. Ó brâmanes, nós ouvimos que Soma deu os três mundos como Daksinā (taxa sacrifical) para aqueles sábios brâmanes importantes que eram os membros da Assembléia.

25. Nove Devīs, a saber, Sinī, Kuhū[2], Vapus, Pusti, Prabhā, Vasu, Kīrti, Dhrti e Laksmī o serviram.

26. Depois de terminar suas abluções finais (do sacrifício), ele ficou livre de preocupações. Ele tinha sido venerado por todos os Devas e sábios. Aquele imperador supremo de imperadores resplandeceu sobre os dez quadrantes.

27. Depois de ter obtido tal glória rara louvada até mesmo pelos sábios, ó brâmanes, a mente dele ficou confusa. Sua humildade foi suprimida por sua imodéstia e impertinência.

28. Desprezando todos os filhos de Añgiras, de repente, ele sequestrou Tārā de grande fama, a esposa de Brhaspati.

29. Embora implorado por Devas e sábios celestiais, ele não entregou Tārā para Añgiras (Brhaspati).

30. Ó brâmanes, Uśanas, um dos Añgiras (?) tomou o lado dele [de Soma]. De fato, ele [Śiva] tinha sido o discípulo altamente brilhante do pai de Brhaspati.

31. Graças àquele afeto, o senhor Rudra pegou seu arco Ajagava e apoiou Brhaspati.

32. A grande arma miraculosa foi disparada por aquela alma nobre visando o principal sábio brâmane e os Devas pela qual a fama deles foi destruída.

33. Sobreveio imediatamente uma grande batalha (entre Devas e Asuras). Ela foi chamada de Tārakāmaya[3] (relativa a Tārā?). Ela causou grande destruição de Devas, Dānavas e de todos os mundos.

34. Só três Devas sobreviveram. Eles são lembrados pelo nome Tusitas. Eles buscaram proteção em Brahma, o senhor primordial, o avô dos mundos.

35. Então o próprio Pitāmaha (Brahma) impediu Uśanas e Rudra, o (deus) primogênito Śañkara, (de lutar) e entregou Tārā para Añgiras (Brhaspati).

36. Ao ver que Tārā, a senhora com uma face semelhante à lua, estava grávida, o brâmane Brhaspati disse: "Você não rejeita o feto?

37. Em (seu) corpo que pertence a mim outro feto de nenhuma maneira deve ser mantido no útero." Contudo ela não rejeitou o filho '*Dasyu-hantama'*, (o matador de ladrões).

38. Como o fogo que arde depois de pegar a grama īsikā, o filho superou os corpos belos dos Devas no mesmo momento que ele nasceu.

39. A suspeita deles tendo sido despertada, os Suras disseram a Tārā: "Diga-nos a verdade, ele é filho de quem, Soma ou Brhaspati?"

40. Quando ela, por timidez, não disse 'sim' ou 'não' para os Devas, o menino Dasyuhantama estava prestes a amaldiçoá-la.

41. Impedindo-o, Brahma disse a Tārā: "(Nós) suspeitamos que ele é de Candra (Lua), ó Tārā; portanto, fale a verdade. Esse é filho de quem?"

---

2 Sini e Kuhū são divindades que presidem sobre (1) o dia que precede o dia de lua nova no qual a lua nasce com crescente mal visível e (2) o dia de lua nova quando a lua está invisível, respectivamente.

3 Das doze guerras entre Devas e Asuras essa foi a quinta.

42. Com palmas unidas em reverência, ela disse ao senhor Brahma, o concessor de bênçãos, que o menino Dasyuhantama de alma nobre era de Soma.

43. Depois disso, cheirando a cabeça de seu filho, o Senhor Soma, o Prajāpati, nomeou seu filho inteligente como Budha.

44. (Verso defeituoso.) Enquanto erguendo-se para ir para o leste[4], Budha gerou um filho da princesa (Ilā).

45. Purūravas, o filho dele de grande brilho, nasceu de Ilā. Em Urvaśi, nasceram seis filhos de grande coragem (para Purūravas).

46. Então, sendo atacado violentamente por consumpção pulmonar Soma ficou esgotado e desamparado. Oprimido pela consumpção, o disco da Lua ficou pálido e fraco. Ele, portanto, buscou refúgio em seu próprio pai Atri.

47. Atri, de grande fama, suprimiu o pecado (doença) dele. Ele foi curado da consumpção pulmonar e assim ele resplandeceu com brilho em todas as direções.

48. Ó brâmanes excelentes, desse modo a origem de Soma foi narrada por mim. Ouçam e conheçam a linhagem dele que está sendo relatada para vocês, ó brâmanes excelentes.

49. Ela é conducente à riqueza, saúde e longevidade. Ela é sagrada e destrutiva de pecados. Só por escutar a origem de Soma, uma pessoa é livrada de todos os pecados.

[4] O *Brahmānda P.* 3.3.65. v. 44 lê: 'Todos os dias Budha (Mercúrio) ergue-se no leste [céu].'

Capítulo 29: A Raça Lunar[1]; A Dinastia de Amāvasu

Sūta disse:

1. Buddha era o filho de Soma e o filho dele era Purūravas. Ele era muito brilhante e munificente em doações caridosas. Ele realizou Yajñas com vastas quantias distribuídas como Daksinā.

2. Ele era um explicador de Brahman (Vedas), destruidor de inimigos e invencível em batalha. Ele executava Agnihotra regularmente e dava presentes de terras para sacerdotes sacrificais.

3. Ele era verdadeiro em palavra e empenhado inteligentemente em ritos sagrados. De belas feições, ele se entregava a relações sexuais em grande privacidade. Ele era um filho extraordinariamente obediente, e em beleza de forma era incomparável em todos os mundos.

4. Evitando o orgulho de prestígio pessoal dela, a renomada Urvaśi se casou com aquele rei íntegro, verdadeiro, familiarizado com Dharmas e explanador de Brahman (Veda).

5-8. O rei vigoroso ficou com ela (ao todo por sessenta e quatro anos) passando dez, oito, sete, seis, sete, oito, dez e oito anos no belo parque Caitraratha, nas margens do Gañgā, na floresta excelente de Nandana, na extensa Alakā, ao pé da montanha Gandhamādana, no pico da excelente montanha Meru, nos Kurus do norte, e na aldeia Kalāpagrāma respectivamente. Com grande alegria, o rei acompanhado por Urvaśī se divertiu por todos os lados em suas principais florestas e parques (normalmente) frequentadas por Suras (deuses).

Os sábios perguntaram:

9. Urvaśī era uma dama Gandharva. Abandonando os Devas, como ela chegou ao rei, um mero ser humano? Ó (sábio) de conhecimento extenso, por favor nos explique isso.

Sūta respondeu:

10. Ela foi subjugada pela maldição de Brahma e então teve que se aproximar de um ser humano. A bela senhora (se tornou a esposa de) Aila Purūravas sob certas condições estipuladas.

11. Para se redimir dos efeitos maus da maldição, ela estipulou que ela não deveria vê-lo nu exceto na hora das relações sexuais, ou quando dominada por amor ardente.

12. (Ela disse mais:) "Ó rei, dois carneiros sempre serão mantidos perto da nossa cama[2]. Minha dieta exclusiva será ghee o qual eu comerei só uma vez por dia.

13. Se essas condições forem cumpridas, ó rei, contanto que você aceite estritamente essas estipulações, eu ficarei com você. Esse é nosso acordo mútuo."

14. O rei seguiu escrupulosamente as condições dela. Assim aquela bela senhora ficou com Purūravas.

---

[1] O presente capítulo, que corresponde ao *Brahmānda P*., 3.3.66, abre com o episódio de Purūravas, o fundador da raça Lunar, e Urvaśi, a ninfa celestial. Esse episódio dá o fundo do famoso "Diálogo" sūkta no RigVeda. Essa história romântica inspirou Kālidāsa para escrever sua peça imortal *Vikramōrvaśīyam* [referente a Vikrama e Urvaśi].

[A história de Pururavas e Urvasi também é encontrada no *Vishnu P*. livro 4, cap. 6.]

[2] Urvaśi, como indica seu nome, parece ter vindo da antiga cidade central asiática de Ur. Parece que damas elegantes de Ur tinham uma fascinação por carneiros no quarto milênio A.C. Na escavação dele em Ur, Sir Leonard Wooley descobriu na tumba de uma rainha de 3300 A.C. um par de carneiros, "feitos belamente e primorosamente. Os corpos deles estavam cobertos com velo de concha.... suas cabeças e pernas eram de ouro" citado na pág. 8 da introdução de A. J. Karandikar ao seu livro *Background of the Mahābhārata - Mahābhiratācī Pārsvabhūmi*, Poona, 1980. Essa fascinação por carneiros talvez tenha sido a causa da inclusão e importância ligadas a esse termo no contrato de casamento entre Purūravas e Urvaśi.

15. Iludida por sua maldição, Urvaśī se tornou uma dama humana e ficou com ele devotadamente por sessenta e quatro anos. Os Gandharvas ficaram preocupados devido a isso.

Os Gandharvas disseram:

16. Ó abençoados, ponderem sobre os meios pelos quais aquela dama excelente, o ornamento do céu, Urvaśī, possa voltar novamente para os Devas.

17-**19**. Então o principal dos (Gandharvas) eloquentes, chamado Viśvāvasu, falou assim: "Ó impecáveis, eu considero que algumas condições devem ter sido estipuladas lá por ela. Eu lhes direi os meios pelos quais ela abandonará o rei devido à quebra do acordo. Eu me dedicarei a realizar sua tarefa imediatamente." Depois de dizer isso, aquele de grande fama (Viśvāvasu) foi para a cidade de Pratisthāna.

20. Ele chegou lá à noite e levou embora um dos dois carneiros. A dama de sorrisos doces tinha sido nada menos que uma mãe para os dois carneiros.

21. Ao perceber que o Gandharva tinha chegado, a senhora renomada (Urvaśi) deitada na cama falou para o rei, "Meu filho está sendo levado embora."

22. Assim solicitado, o rei pensou, "A rainha me verá nu e haverá uma quebra do acordo."

23. Então os Gandharvas levaram o segundo carneiro também. Quando o segundo carneiro foi levado, a rainha falou para Aila:

24. "Ó senhor, ó rei, meus filhos são roubados como se eles fossem os filhos de uma mulher desamparada". Assim insultado o rei se levantou e saiu precipitadamente (embora ele estivesse) nu.

25-**26**. O rei se apressou para procurar a ovelha levada pelos Gandharvas, no que uma grande Māyā (ilusão) foi produzida por eles. O grande palácio ficou iluminado subitamente e ela viu o rei nu. Ao ver o rei nu, a dama Apsara (Urvaśī) que podia assumir qualquer forma que ela desejasse, desapareceu (de lá).

27. Ao perceberem que ela tinha desaparecido, os Gandharvas abandonaram os carneiros lá e desapareceram.

28. Ao ver os carneiros abandonados, o rei, o senhor, os levou com ele e retornou. Incapaz de vê-la lá, o rei ficou extremamente abatido e lamentou.

29-**30**. Procurando-a aqui e ali, o rei vagou pela terra. O rei poderoso a viu em Kuruksetra. Ela estava tomando seu banho nas águas profundas de Puskarinī (lagoa de loto) no centro sagrado de Plaksatīrtha. Ela parecia muito esplêndida, se divertindo lá na companhia de cinco Apsarās.

31-**32**. A dama de sobrancelhas esplêndidas viu o rei não muito longe. Urvaśī então falou para suas amigas: "Lá está aquele homem excelente com quem eu vivi." Ela mostrou o rei para elas. Então aquelas damas, as Apsarās (com cinco tranças de cabelo) apareceram na frente (dele).

33. Ao ver (Urvaśī) o rei estava encantado. Ele começou a lamentar de diversas maneiras, "Ó dama cruel, venha (até mim). Fique de boa vontade, mantenha suas palavras."

34-**35**. Essas e palavras sutis semelhantes eles trocaram. Urvaśī então falou a Aila: "Ó senhor, eu fui tornada grávida por você. Indubitavelmente seu filho nascerá dentro um ano." O rei ficou por uma noite com ela.

36. O rei voltou para a cidade dele com grande alegria. Quando um ano decorreu, o rei de grande fama voltou a Urvaśī novamente.

37. Depois de ficar com ela por uma noite, o rei de mente altiva foi dominado por amor ardente. Em um tom de dar pena ele falou: "Seja minha para sempre."

38. Urvaśī então disse a Aila: "Os Gandharvas concederão a você (esse) benefício. Ó grande rei, escolha esse benefício e lhes diga isto você mesmo:

39. "Eu escolho o benefício de Sālokya (ter o mesmo mundo) que os Gandharvas de alma nobre." O rei aceitou a sugestão dizendo "Assim seja", e pediu o benefício aos Gandharvas. Os Gandharvas responderam, "Assim seja."

40. Depois de encher o Sthāli (pote de barro) com fogo, os Gandharvas falaram a ele: "Ó rei, executando o sacrifício com isso, você chegará àquele mundo.[3]"

41. Ele pegou o fogo e voltou para sua cidade junto com o príncipe. Ele colocou o fogo no *Arani* e foi para seu domicílio junto com seu filho.

42. Ele retornou e viu o fogo. Ele encontrou uma Aśvattha (figueira sagrada) lá. Ao ver a Aśvattha perto, ele ficou surpreso.

43. Para informar os Gandharvas sobre isso, foi ele para o céu com o fogo. Ao ouvirem tudo eles lhe pediram para fazer uso do *Arani*.

44. Eles disseram: "Faça um *Arani* da Aśvattha, agite e acenda o fogo, conforme as injunções. Ó rei, realizando o sacrifício com ele, você chegará à mesma região que a nossa." O rei agitou e preparou três fogos e executou o sacrifício.

45. Depois de fazer diferentes tipos de *Yajñas*, ele atingiu Sālokya com os Gandharvas. Foi no Tretā Yuga que esse grande (herói) viveu. Originalmente havia só um único fogo. Aila fez (introduziu) três fogos.

46-47. Ó brâmanes excelentes, o rei Aila teve tal valor. Ele governou seu reino em Prayāga, a mais santa das terras embelezada pelos grandes sábios, nas margens norte do Yamuna, na cidade de Pratisthāna.

48-49. (Ele teve) seis filhos, de brilho comparável àquele de Indra e famosos nas regiões dos Gandharvas. Eles eram Ayu, Dhīmān, Amāvasu[4],1 Viśvāyu, Śatāyu e Gatāyu – todos nascidos de Urvaśi. O filho de Amāvasu era o rei Bhīma, o conquistador do mundo inteiro.

50. Śrīmān, o sucessor de Bhīma, era um rei com esplendor dourado (também conhecido como Kāñcanaprabha). O sábio e poderoso Suhotra era o filho de Kāñcana (isto é, Kāñcanaprabha).

51-55. Jahnu era o filho de Suhotra, nascido do útero de Keśikā.

Enquanto o rito sacrifical elaborado dele estava em andamento, Gañgā virou seu curso e inundou aquele território por causa da visão dos (eventos) futuros inevitáveis. Vendo o terreno sacrifical cercado todo inundado por Gañgā, o filho de Suhotra, o concessor de bênçãos, ficou enfurecido. Com olhos vermelhos flamejando ele falou para Gañgā: "Ó Gañgā, tenha a recompensa dessa afronta imediatamente. Eu farei todos os seus esforços em vão. Eu esvaziarei suas águas." Ao verem as águas de Gañgā esvaziadas pelo rei religioso, Suras e sábios apresentaram o rio abençoado como a filha dele (e conhecida como Jāhnavī). Jahnu se casou Kāverī, a neta de Yauvanāśva.

56-57. Era um resultado da maldição de Yuvanāśva que Gañgā foi produzida por ele. Kāverī, o mais excelente de todos os rios, se tornou a esposa louvável de Jahnu. Jahnu gerou um filho amado virtuoso chamado Suhotra, de Kāverī. O filho de Suhotra era Ajaka.

58. O sucessor de Ajaka era Balākāśva de grande fama. Gaya, Sīla e Kuśa são lembrados como filhos nascidos para ele.

59. Kuśa teve quatro filhos brilhantes devido ao conhecimento védico deles. Eles eram Kuśāśva, Kuśanābha, Amūrtārayaśas e Vasu.

60. O rei excelente Kuśastamba, desejoso de um filho, fez uma penitência. Quando mil anos foram completados, ele viu Śatakratu (Indra).

61-62. Ao ver a ele que executava penitência severa, Purandara de mil olhos decidiu se tornar filho dele, porque ele era competente fazer isso. O inimigo de Pāka (isto é, Indra) se tornou filho dele e assumiu o nome Gādhi. Ele também era chamado de Kauśika, sendo um membro da família de Kuśa.

---

[3] Como os vv. 40-45 mostram, esse Purāna atribui a Purūravas a instituição, (ou encorajamento) da realização de Yajña a partir do fogo criado de *Arani* (madeira Aśvattha) através de atrito. O *Brahmānda P*. 3.3.66.19 dá o crédito de introduzir três fogos (Daksināgni etc.) a Purūravas. [Veja o *Vishnu P*. (versão em português) pág. 311, nota 6.]

[4] Amāvasu foi o fundador do reino Kānyakubja - Pargiter, *Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 144.

63. A esposa de Kuśastamba era Paurukutsā e Gādhi nasceu dela. O senhor Gādhi deu sua filha primogênita, a esplêndida e abençoada Satyavatī, para Rcīka que era um descendente de Bhrgu (Kāvya?).

64-67. O marido dela, ele mesmo um descendente de Bhrgu e o alegrador da família Bhrgu, preparou *Caru* (arroz cozido consagrado) por causa (do nascimento) de um filho para ele como também para Gādhi. O sábio corajoso Rcīka, o descendente de Bhrgu, chamou (sua esposa Satyavatī e disse): "Ó senhora esplêndida, esse *Caru* deve ser ingerido por você e esse por sua mãe. Um líder brilhante de ksatriyas nascerá para ela. Ele não poderá ser derrotado por ksatriyas em batalha. Ele será o destruidor de ksatriyas proeminentes. Este *Caru* dará a você, ó dama esplêndida, um brâmane excelente como filho. Ele será corajoso e tranquilo, possuindo penitência como sua riqueza (isto é, ele se tornará um grande sábio)."

68. Depois de dizer isso para sua esposa, Rcīka, o descendente da família de Bhrgu, sempre empenhado em penitência, entrou na floresta.

69. No decorrer da peregrinação dele, o rei Gādhi chegou ao eremitério de Rcīka para ver a filha dele. Ele estava acompanhado pela esposa dele também.

70. Satyavatī trouxe os dois tipos de *Carus* dados pelo sábio para a mãe dela. Alegremente mas sem excitação, ela lhe contou o que o marido dela tinha dito (sobre eles).

71. Quis o destino que a mãe desse o *Caru* destinado a ela para a filha dela. Por ignorância[5], ela comeu o *Caru* destinado para sua filha[6].

72. Então Satyavatī concebeu em seu útero um feto que era esplêndido, mas competente para destruir ksatriyas. Com seu corpo iluminado, ela tornou-se terrível de se ver.

73. Ao ver isso e ponderar a respeito por meio de poder yóguico, Rcīka, o brâmane excelente, falou para sua esposa de tez clara:

74. "Ó dama gentil, devido à troca dos *Carus*, um filho extremamente terrível de atos cruéis nascerá como seu filho e sua mãe terá êxito (em obter um bom filho).

75. Sua mãe dará à luz tal filho religioso. Todo o Brahman (conhecimento védico) foi instilado nele por mim.

76. Assim advertida por seu marido, a senhora abençoada Satyavatī o propiciou: "Que meu filho nunca possa ser como esse. Que outro seja um brâmane vil". Assim pedido, o sábio disse:

77. "Ó dama gentil, isso nunca foi pensado nem desejado por mim ou por você. O filho pode ser um de atividades terríveis devido à falha do pai ou mãe dele."

78. Assim endereçada, Satyavatī falou estas palavras novamente: "Ó sábio, se você desejar, você pode criar muitos mundos. O que [dizer] então de um mero filho?

79. Ó senhor santo, ó mestre, cabe a você me conceder um filho que será tranquilo e honesto. Ó senhor, diga 'Que tal filho nasça.'

80. Ó brâmane excelente, nada diferente disso pode ser feito a mim." Depois disso, por meio do poder de sua penitência, ele a fez muito alegre.

81. "Ó senhora de pele clara, no que me diz respeito não faz diferença se for o filho ou o neto. Ó dama amável, tudo será conforme as palavras faladas por você."

82. Então Satyavatī deu à luz um filho, o descendente da família de Bhrgu. Ele era Jamadagni, o tranquilo e autocontrolado. Ele estava interessado em penitência.

83. Antigamente, quando houve uma troca de cânticos Raudra e Vaisnava no Yajña de Bhrgu, ele comeu[7] (Jamanāt) o fogo Vaisnava e assim ele veio a ser conhecido como 'Jamadagni.'

---

[5] [O *Vishnu P*. 4. Cap. 7, pág. 313, nos diz que ela fez isso de propósito.]

[6] Isso explica por que Paraśurāma, embora um brâmane, tinha uma natureza combativa e Viśvāmitra, embora um ksatriya por nascimento, obteve a condição de brâmane.

[7] [Compare com o *Brahmānda P.* 3.3.66. v. 57.]

84. Tendo obtido Viśvāmitra como seu sucessor, Gādhi, o alegrador dos Kuśikas (os membros da família de Kuśika), obteve posição igual àquela de sábios brâmanes. Ele foi escolhido para ser assim por Brahma.

85-86a. A meritória Satyavatī, dedicada a ritos verdadeiros, tornou-se o grande rio bem conhecido como Kauśikī. Kauśikī, o rio mais excelente e notável, começou a fluir dessa maneira.

86b-88. Havia um rei na linhagem de Iksvāku. Seu nome era Suvenu. A filha dele era uma dama abençoada chamada Renukā, também conhecida como Kāmalī. O filho de Rcika, Jamadagni, dotado do poder de penitência e fortaleza gerou de Kāmalī, aliás Renukā, o filho terrível Rāma que era o mais excelente daqueles que tinham dominado todos os conhecimentos e a ciência de arco e flecha também. Ele se tornou o destruidor de ksatriyas e brilhava como o fogo ardente.

89. Dessa maneira, Jamadagni de mente elevada, o principal entre aqueles que conhecem Brahman, nasceu de Satyavatī, graças ao sêmen viril de Aurva Rcīka. O filho do meio era Śunahśepha e o mais novo era Śunahpuccha.

90. Viśvāmitra de alma piedosa é lembrado pelo nome Viśvaratha também. Pelo favor de Bhrgu, ele nasceu de Kauśika, como o perpetuador da linhagem de Kauśika.

91-93. Śunahśepha é lembrado como o primogênito de todos os filhos de Viśvāmitra[8]. Ele se tornou um sábio. No Yajña de Hariścandra, ele foi destinado (designado) como o animal sacrifical. Ele foi dado de volta (para Viśvāmitra) pelos Devas. Por isso ele se tornou Devarāta. Śunahśepha é lembrado como o filho primogênito de Viśvāmitra. Madhucchanda, Naya, Krita, Deva, Dhruva, Astaka, Kacchapa e Parana eram os outros filhos de Viśvāmitra. Os Gotras (linhas espirituais) daqueles Kauśikas de alma nobre são inúmeráveis[9].

94-97. Estes seguintes são lembrados como Kauśikas: Pārthivas, Devarātas, Yājñavalkyas, Samarsanas, Udumbaras, Udumlānas, Tārakas, Yamamuñcatas, Lohinyas, Renavas, Kārīsus, Babhrus, Pānins, Dhyāna-Japyas, Śālāvatyas, Hiranyāksas, Syankrtas, Gālavas, Devalas, Yāmadūtas, Śālañkāyanas, Bāskalas, e muitos outros descendentes do Viśvāmitra inteligente. Eles entraram em aliança matrimonial com as famílias de outros sábios.

98. Algumas outras famílias do Brahmarsi Kauśika, o descendente santo de Purūravas são: Sośrumas e Saindhavā-yanas.

99. Astaka, nascido de Drsadvatī, também era filho de Viśvāmitra. Os filhos (e descendentes) de Astaka que constituem a família de Jahnu já foram relatados por mim.

Os sábios perguntaram:

100. "Quais são as características de Dharma, penitência e erudição por meio das quais a condição de brâmane foi obtida por Viśvāmitra e outros reis?

101. Quais são os vários nomes pelos quais os ksatriyas que obtiveram a posição de brâmanes (são conhecidos?). Nós desejamos saber as características especiais da penitência e presentes caridosos (pelos quais eles obtiveram a mesma)."

102. Assim pedido, ele (Sūta) falou estas palavras significativas:

Mesmo se um homem está desejoso de adquirir Dharma e sua mente está ocupada em Yajña, ele não obtém o fruto dos ritos sagrados se ele reúne os requisitos dele por meio de riqueza adquirida ilegalmente.

103-106. Uma alma pecaminosa, um homem vil, pode dar presentes caridosos para brâmanes depois de proclamar sua intenção de executar ações virtuosas para as pessoas por hipocrisia. Um homem descontrolado dominado por paixão e ilusão pode realizar Japas austeros e no fim pode fazer doações caridosas para o propósito de

---

[8] Isso confirma a história no *Aitareya Brāhmana*, embora a libertação de Śunahśepha dos grilhões por sua oração de Varuna não seja mencionada aqui. Viśvāmitra o adotou como um filho.

[9] A lista de Gotras de clã de Kauśika dada nos vv. 91-97 está incompleta (veja o *Matsya Purāna, A Study*, págs. 406-409).

santificar a si mesmo. Mas essas doações caridosas oferecidas por ele não rendem frutos. Os presentes caridosos de um homem de alma perversa que se entrega à violência não permanecem (isto é, não dão resultados), mesmo se ele próprio se ocupou em ritos sagrados. Similarmente os *Dānas* oferecidos por alguém que acumulou riqueza por meio de ações violentas também não frutificam.

107-**108**. Riquezas adquiridas por meios justos (corretos) devem ser doadas para pessoas piedosas, meritórias. Se alguém executa *Yajñas* e faz doações caridosas, sem nutrir qualquer desejo específico em sua mente, ele obtém os frutos daquele *Dana*. Seu *Dana* resulta em felicidade. Uma pessoa obtém prazer através de *Dana* e vai para o céu através de veracidade.

109. Por meio de penitência bem executada alguém permeia os mundos e permanece. Depois de fixar-se firme nos mundos aquela pessoa brilhante desfruta de (bem-aventurança) eterna.

110. *Yajña* é mais benéfico que *Dana*, Penitência é mais benéfica que *Yajña*. Renúncia é mais benéfica que penitência, e *Jñāna* (sabedoria perfeita) é lembrada como melhor do que aquela.

111-**114**. É informado que as castas duas vezes nascidas que nasceram como ksatriyas obtiveram a condição de brâmanes através de penitência[10], por exemplo Viśvāmitra, o rei Māndhātā, Sankrti, Kapi, Purukutsa o filho de Kapi, Satya, Anrhavān, Pithu, Arstisena, Ajamidha, Bhāgānya (?)[11], Anya, Kaksīva, Śijaya, e muitos outros [reis] heróicos, Rathītara, Runda, Visnuvrddha e outros reis. Esses são lembrados como sábios com qualidades Ksātra que obtiveram a condição de sábios por meio de penitência. Todos esses reis puros obtiveram grandes Siddhis.

A partir de agora eu vou descrever a linhagem de Ayu, a alma nobre.

[10] Essa é uma evidência de mobilidade social na Índia antiga.
[11] Bhargavyoma no *Brahmānda P.*

Capítulo 30[1]: A Origem de Dhanvantari[2]; Vārānasi Amaldiçoada; As Façanhas de Raji

Sūta disse:

1-2. Ó brâmanes, cinco filhos de alma nobre e grande força nasceram de Prabhā como os filhos de Svarbhānu. Nahusa era o primeiro entre eles. O seguinte é lembrado como Putradharmā[3]. O filho de Dharmavrddha (Ksatravrddha?) era Sutahotra (Sunahotra?) de grande fama.

3. Os sucessores de Sutahotra eram três extremamente honrados, ou seja, Kāśa, Śala e o senhor Grtsamada.

4-5. Śunaka era o filho de Grtsamada e o filho dele era Śaunaka. Na linhagem dele nasceram brâmanes, vaiśyas e śūdras como resultado dos diversos Karmans deles. Ó brâmanes, o filho de Śala era Arstisena e Caranta era filho dele.

6. Os Śaunakas e os Arstisenas eram brâmanes dotados de qualidades características de ksatriyas. Os filhos de Kāśa eram Kāśaya, Rāsta e Dīrghatapas.

7. Dharma era o filho de Dīrghatapas. O estudioso Dhanvantari era filho dele. Ele tinha grande brilho devido à sua penitência. Ele nasceu para aquele rei inteligente, quando ele tinha ficado velho.

Então os sábios questionaram Sūta nas seguintes palavras.

Os sábios perguntaram:

8. Como Dhanvantari, um deus, nasceu entre os seres humanos? Nós desejamos saber isso. Por favor explique esse assunto que é agradável para nós.

Sūta disse:

9. Ó brâmanes, que a origem de Dhanvantari seja ouvida. Ele nasceu antigamente quando o oceano estava sendo batido por causa de néctar.

10. Ele nasceu antes de todos[4]. Ele estava totalmente envolvido em um halo de glória. Ao vê-lo com membros perfeitamente formados, (os deuses) ficaram surpresos e disseram, "Você é Aja (o nascituro)". Por isso ele é lembrado como Aja[5].

11. Aja falou para Visnu: "Ó senhor, mais excelente dos deuses, eu sou seu filho. Por favor me atribua minha parte (em *Yajña*). "

12-14. Assim endereçado, o senhor olhou para ele e disse: "A parte em *Yajña* já foi dividida pelos Suras que são dignos de *Yajñas*. O Homa conforme os mantras védicos já foi traçado pelos grandes sábios. Nunca é possível organizar para outro Homa semelhante a esse. Ó deus, você é um filho (meu) nascido mais tarde. Ó senhor, seu nome sozinho é um mantra[6]. Você ficará famoso em seu próximo nascimento.

15. Mesmo enquanto no útero, você terá o Siddhi (poderes espirituais) de *Animā* (miudeza) etc. Ó senhor, com aquele mesmo corpo físico, você atingirá a

---

[1] Este capítulo corresponde ao *Brahmānda P.* 3.3.67. As referências são aos versos do capítulo no *Brahmānda P*.

[2] Como afirmado no término do último capítulo, este capítulo descreve a linhagem de Ayu que governou em Kāśi. Dhanvantari, o famoso rei-médico, o fundador da ciência sistemática de Ayurveda, nasceu na linhagem de Ayu. Por isso o título se refere a ele especificamente em preferência aos seus antepassados.

[3] Ksatravrddha no *Brahmānda P.* Uma linha está faltando aqui. O *Brahmānda P.* (v. 2) fornece o nomes dos três filhos restantes, ou seja, Rambha, Raji e Anenas.

[4] *kalasāt pūrvam* 'antes do aparecimento do pote de néctar' uma leitura melhor no *Brahmānda P.* v. 11.

[5] [No *Brahmānda P*. vv. 10-13a. Visnu diz: "Você nasceu da água." E por isso ele é lembrado como Abja (nascido da água.)]

[6] *tana mantro na vai prabho* 'nenhum mantra é atribuível a você' (*Brahmānda P*. v. 15).

condição de Deva. Brâmanes realizarão *Yajñas* para você por meio de *Carus*, mantras, ghee e perfumes como oferendas.

16. Você proporá o sistema Ayurveda de medicina. Isso está obrigado a acontecer seguramente. Isso já foi ordenado pelo deus nascido no loto (Brahma).

17. No segundo Dvāpara Yuga, você nascerá indubitavelmente.” Então depois de lhe conceder o benefício, Visnu desapareceu de lá.

18. No advento do segundo Dvāpara Yuga, o rei de Kāśī, Dīrghatapas, que pertence à família de Sunahotra, executou uma penitência com o desejo de um filho.

19. O rei propiciou Deva Aja (isto é, Dhanvantari) por causa de um filho. O satisfeito Dhanvantari ofereceu ao rei a escolha de uma bênção. O rei pediu:

20. "Ó senhor, se você está satisfeito, faça o favor de nascer como meu filho justo." Depois de aceitar isso dizendo "Assim seja", ele desapareceu de lá.

21. O deus Dhanvantari nasceu na casa dele. O grande rei, rei de Kāśī, se tornou o destruidor de todas as doenças.

22. O sábio Bharadvāja criou a ciência de Ayurveda junto com suas terapêuticas[7]. O rei a dividiu em oito partes e as ensinou aos discípulos dele.

23. O filho de Dhanvantari era famoso pelo nome Ketumān. O filho de Ketumān era o rei poderoso Bhimaratha. Ele era famoso pelo nome Divodāsa[8] e ele era o rei de Vārānasī.

24. Entretanto, a cidade de Vārānasī tinha se tornado desolada e um Rāksasa chamado Ksemaka a ocupou.

25. Antigamente aquela cidade tinha sido amaldiçoada por Nikumbha de alma nobre, 'A cidade (de Vārānasī) ficará desolada por mil anos.' Ele tinha repetido a maldição muitas vezes.

26. Assim que a cidade foi amaldiçoada, Divodāsa, o rei, fundou uma bela cidade nas margens do Gomatī, perto das extremidades do reino dele.

Os sábios disseram:

27. Por que Nikumbha amaldiçoou Vārānasī antigamente? Nikumbha era uma alma virtuosa. Por que ele amaldiçoou o centro sagrado de Siddhas?

Sūta disse:

28. Depois de ganhar a cidade, o rei Divodāsa, o rei religioso de grande esplendor, viveu naquela cidade florescente.

29. Enquanto isso Maheśvara, que tinha se casado com (Umā), ficou perto dos Devas[9] e desejou fazer o que era agradável para a deusa.

30. Os criados dele e os santos que assumem várias formas continuaram a alegrar a grande deusa por meio das diversas formas deles mencionadas antes.

31. Mahādeva costumava ficar satisfeito com eles, mas Menā não estava satisfeita absolutamente. Todos os dias ela começou a abominar o senhor e a deusa.

32. (Ela disse a Umā:) "Seu marido Maheśvara está exercendo atividades rudes na (minha) presença. Ó moça impecável, ele é de todas as maneiras muito indigente. Sem se cansar, ele se diverte e graceja."

33. Ao ser insultada dessa maneira por sua mãe, ela não tolerou isso como era apenas natural para mulheres. Depois de sorrir (às palavras da mãe dela) a deusa, a concessora de bênçãos, aproximou-se de Hara (Śiva).

34. Com uma face abatida a deusa falou para Mahādeva: "Ó meu senhor, eu não ficarei aqui. Leve-me para seu domicílio."

---

[7] Embora o nosso texto não mencione isso, o *Brahmānda P*. 3.3.67. 23-24 nos informa que Dhanvantari aprendeu *Ayurveda* (a ciência de medicina), junto com suas terapêuticas, de Bharadvāja. Dhanvantari a dividiu em oito seções e as ensinou para diferentes discípulos.

[8] Ele é considerado como o contemporâneo de Daśaratha da dinastia Iksvāku de Ayodhyā. Foi durante o reinado dele que o deus Śiva a ocupou, por primeiro fazê-la devastada através de maquinação astuciosa de um de seus principais Ganas (convenientemente chamado de demônio) Ksemaka. Obter uma cidade capital próspera desocupada para a própria lua de mel do modo descrito posteriormente (nos vv. 36-53), não é creditável a um grande deus, isto é, Śiva.

[9] *Śvaiurāntike*/'perto (da residência do) sogro dele.'

35. Assim solicitado, o grande deus, Maheśvara de grande esplendor, examinou todos os mundos. Ó brâmanes excelentes, ele gostou de Vārānasī, o centro sagrado dos Siddhas na terra, como a residência dele.

36. Ao saber que aquela cidade estava ocupada por Divodāsa, ele chamou Ksemaka, o chefe dos Ganas, que estava ao seu lado, e disse a ele:

37. "Ó senhor dos Ganas, vá para Vārānasī e a torne deserta. Você deve empregar meios brandos e sutis. Aquele rei é extremamente valente."

38-**39**. Nikumbha foi então para a cidade de Vārānasī e se revelou em sonho para um barbeiro chamado Mañkana, e disse, "Ó impecável, eu trarei bem-estar para você. Determine um lugar para mim. Faça uma imagem de minha forma e a coloque no limite da cidade."

40. Ó brâmanes, o barbeiro fez tudo de acordo com o que ele ouviu em sonho. Depois de obter a permissão do rei, ele fez tudo propriamente no portão da cidade.

41-**42**. Adoração esplêndida cotidiana era oferecida com aromas, incenso, guirlandas etc. Alimento era oferecido. A coisa toda era extraordinária. Assim o senhor dos Ganas era adorado lá todos os dias.

43. Ele concedia milhares de benefícios às pessoas da cidade, como filhos, ouro, longevidade e desejos semelhantes.

44. A rainha-consorte sênior do rei era bem conhecida pelo nome de Suyaśā. Aquela senhora pura foi urgida pelo rei e ela foi (àquele deus) com o desejo de ter um filho.

45. Ela realizou a adoração (dele) em uma escala notável e lhe pediu por filhos. Ela frequentou (o santuário) repetidas vezes em busca (da bênção de obter) um filho.

46. Havia uma razão por trás de Nikumbha não estar concedendo filhos. Se o rei ficasse enfurecido algo poderia ser feito.

47-**50**. Depois do lapso de um período longo, o rei ficou furioso. (Ele pensou) 'Esse espírito no portão principal dá centenas de bênçãos para o povo da cidade, mas não faz nada (por mim). Na minha cidade ele é adorado pelo meu povo. Ele foi adorado lá por minha rainha por aquela razão específica. Embora ele coma muito, ele não me concede um filho. Ele é ingrato. Por isso ele não merece mais adoração por mim absolutamente. Desse modo, eu destruirei o domicílio do chefe dos Ganas. Ele tinha mente má (de fato).'

51. Tendo decidido assim aquele rei perverso, pecaminoso e de mente má destruiu aquele lugar sagrado do chefe dos Ganas.

52-**53**. Ao ver o santuário quebrado, o senhor (dos Ganas) se aproximou do rei (e disse), "Ó rei, já que, sem qualquer ofensa de minha parte, meu santuário foi destruído por você, a cidade será esvaziada e devastada subitamente." Então, devido àquela maldição, Vārānasī tornou-se despovoada.

54. Nikumbha trouxe Mahādeva para aquela cidade desolada amaldiçoada. Mahādeva reconstruiu aquela cidade deserta por meio (dos poderes de) sua grande alma.

55. A cidade era própria para a *Vibhūti* (prosperidade e glória) da deusa e do senhor. A deusa se divertiu lá, assim como o senhor Maheśvara também se divertiu lá.

56. Mas a deusa não derivou prazer (permanente) devido à sua surpresa pela casa (peculiar). Para brincar com a deusa, o senhor Iśāna falou estas palavras.

57-**58**. "Eu não abandonarei minha residência. Meu domicílio é Avimukta[10] (não abandonado)". Ele riu e falou novamente para ela: "Meu domicílio é Avimvkta. Ó deusa, eu não irei embora (daqui). Você pode ir. Eu me divertirei aqui". Por isso de fato ela é Avimukta visto que ela foi chamada desse modo pelo próprio senhor.

59. Essa é a história de como a cidade de Vārānasī foi amaldiçoada e então glorificada como 'Avimukta'. Nela vive o senhor venerado por todos os Devas nos três Yugas. Maheśvara de alma piedosa também está acompanhado pela deusa.

---

[10] Isso explica por que Vārānasī é chamada de 'Avimukta.'

60. Ele desapareceu durante a era Kali. Aquela cidade da grande alma é reocupada pelas pessoas quando o senhor desaparece.

61-63. Assim Vārānasī foi amaldiçoada e foi re-habitada. O rei Divodāsa matou os cem filhos do rei Bhadraśrenya que eram notáveis por seu domínio de arco e flecha e ocupou (a capital dele). O reino de Bhadraśrenya foi usurpado por aquele rei poderoso. Mas o filho de Bhadraśrenya chamado Durdama foi deixado livre por Divodāsa, por clemência, pensando que ele era só um menino.

64-65. O heróico Pratardana nasceu de Divodāsa e Drsa-dvatī. O filho (de Bhadraśrenya), desejoso de descarregar sua vingança, recapturou (o reino). Pratardana teve dois filhos, Vatsa e Garga, que ficou famoso.

66. O filho de Vatsa era Alarka e o filho dele era Sannati. Estes dois versos antigos são cantados sobre o rei religioso Alarka.

67-69. "Alarka regeu como rei excelente de Kāśī por sessenta e seis mil anos. Ele era dotado de feições belas e ele manteve sua juventude (durante todo o tempo). Ele obteve sua grande longevidade pela graça de Lopāmudrā." Ao término do período da maldição, ele matou o Rāksasa Ksemaka e reconstruiu a bela cidade de Vārānasī.

70. O sucessor de Sannati era o rei íntegro chamado Sunitha. O sucessor de Sunitha era o piedoso Suketu.

71. É ouvido que o filho de Suketu era Dharmaketu. O heróico Satyaketu era o sucessor de Dharmaketu.

72. O filho de Satyaketu era o rei chamado Vibhu. Suvibhu era o filho de Vibhu e Sukumāra era o filho dele.

73. O filho de Sukumāra era Dhrstaketu. Ele era muito virtuoso. O sucessor de Dhrstaketu era o rei Venuhotra.

74. O filho de Venuhotra era Gārgya. Ele era muito famoso. Vātsya era o filho do inteligente Vatsa.

75. Os filhos desses dois eram brâmanes e ksatriyas muito virtuosos. Eles eram fortes, destemidos e famosos por suas façanhas leoninas.

76. Assim esses reis de Kāśī foram enumerados. Agora ouçam e conheçam (os descendentes) de Raji. Raji teve cem filhos. Dois deles eram muito poderosos e bem conhecidos na terra como o grupo de reis "Rājeya". Aqueles ksatriyas causavam terror para Indra também.

77. Quando uma guerra terrível começou entre Devas e Asuras[11], ambos falaram para Pitāmaha (o deus Brahma).

78. "Ó senhor de todos os mundos, ó grande senhor, quem será vitorioso na batalha entre nós? Por favor nos fale. Nós todos queremos saber."

Brahma disse:

79. Não há dúvida que aqueles em cujo nome o senhor Raji pegar em armas na batalha e lutar conquistarão os três mundos.

80. Onde estiver Raji haverá Laksmī (fortuna, riqueza). Onde há Laksmī, há fortaleza. Dharma reside onde há fortaleza e, onde existe Dharma, há vitória."

81. Ao ouvirem sobre a qualidade de ser vitorioso de Raji, Devas, e Dānavas se aproximaram do rei excelente. Eles o elogiaram porque eles desejavam sucesso.

82. Com ânimo alegre, todos os Devas e Dānavas pediram ao rei: "Por favor pegue seu arco excelente para nos permitir sermos vitoriosos."

Raji respondeu:

83. Eu derrotarei todos vocês em batalha, como também os Devas liderados por Śakra. Eu devo me tornar o Indra de alma virtuosa e então eu lutarei na batalha.

Os Dānavas disseram:

84. Nosso Indra é Prahlāda. Nós seremos vitoriosos em nome dele. Ó rei, por favor mantenha esse acordo urgido por nosso Soberano.

---

[11] Essa é a décima segunda (e a última) guerra entre Devas e Asuras no que diz respeito aos registros purânicos.

85. Exatamente quando ele estava a ponto de dizer, "Assim seja" ele foi urgido pelos Devas também. Ele foi convidado pelos Devas dizendo, "Depois de vencer você se tornará Indra."

86-88. Ele matou todos os Dānavas na frente de Indra (que estava armado com o raio). Ele era dotado de autocontrole e da maior prosperidade. O senhor Raji matou todos os Dānavas e resgatou a glória perdida dos Devas. Acompanhado pelos Devas, Śatakratu (Indra) falou para Raji, "Eu sou o filho de Raji", e continuou como segue, "Ó rei, não há dúvida que você é o Indra de todos os Devas. Ó destruidor de inimigos, ó Indra, eu me tornarei renomado como seu filho."

89. Ao ouvir as palavras de Śakra, ele foi enganado por ele por meio do Māyā dele. O rei satisfeito disse, "Assim seja."

90. Quando aquele rei que estava em paridade com os Devas chegou ao céu, os filhos de Raji tomaram todos os legados de Indra.

91. Aqueles cem filhos ocuparam à força a maior parte da região de *Svarga* (céu), o domicílio do cônjuge de Śacī.

92. Quando um período longo decorreu, o poderoso Indra, cujo reino foi tomado e cuja parte em sacrifícios foi confiscada, falou com Brhaspati:

93. "Ó sábio brâmane, por favor destine Purodāśa (oblação sacrifical) para mim pelo menos do tamanho da fruta de Badarī (jujubeira) pela qual eu possa me sustentar com meu esplendor mais desenvolvido.

94. Ó brâmane, fique satisfeito comigo. Meu reino foi tomado pelos filhos de Raji. Meu alimento foi tirado. Eu fui feito desprovido de coragem, emaciado, e confuso pelos filhos de Raji."

Brhaspati disse:

95. "Ó Śakra, se somente eu tivesse sido urgido mais cedo por você nesse assunto, isso não teria acontecido. Ó impecável, não há nada que não deva ser feito para agradar você.

96. Ó Devendra, ó altamente esplendoroso, eu me esforçarei pela sua felicidade de forma que você recuperará sua parte no Yajña como também seu reino em breve.

97. Ó Śakra, eu irei (agora). Que sua mente não fique abatida." Depois disso, ele executou tais grandes ritos que aumentaram o esplendor de Indra.

98. O altamente inteligente (Brhaspati) criou ilusão nos intelectos daqueles (filhos de Raji). Eles ficaram desprovidos de Dharma e loucos com paixão.

99. Eles se tornaram inimigos de brâmanes. Consequentemente eles ficaram privados de sua virilidade e bravura. Assim (Indra) recuperou a glória dos Suras e sua posição excelente anterior (condição de Indra).

100. Ele matou todos os filhos de Raji que foram dominados pela luxúria e ira. Aquele que escuta essa história de Raji ou da reabilitação sagrada de Śatakratu nunca encontrará o mal.

Capítulo 31[1]: A História de Yayāti[2]

Os sábios disseram:

1. Como a filha dele foi dada ao rei por Maruta[3], a grande alma? De que destreza eram as filhas de Maruta nascidas com grandes almas[4] (?).

Sūta disse:

2. Dotado de grande esplendor, porém desejoso de alimento, o rei executou o sacrifício Marut-Soma para Prajeśvara todo mês, durante sessenta anos.

3. Assim os deuses-Marut foram satisfeitos pelo sacrifício Marut-Soma daquele rei, e lhe concederam alimento infindável com requisitos para a realização de todos os desejos.

4. A comida dele, cozida uma vez, nunca se esgotava durante aquele dia e noite, embora dada para crores (de pessoas) direto desde o amanhecer.

5. Mitrajyoti nasceu da filha do inteligente Maruta. Dele nasceram (filhos) de grande força, conhecedores de Dharma e que procuravam salvação.

6. Depois de renunciarem aos ritos domésticos (os deveres de chefes de família), eles recorreram ao desapego. Mantendo os deveres de ascetas (*sannyāsins*), eles obtiveram absorção em Brahman.

7. Anapāya nasceu dele. Seu filho era Dharmapradattavān. Depois disso nasceu Ksatradharma e dele Pratipaksa (Pretīpaka no *Brahmānda P*.) de grande penitência.

8. O filho de Pratipaksa chamado Sañjaya era bem conhecido. Jaya era o filho de Sañjaya e Vijaya nasceu dele.

9. O filho de Vijaya era Jaya (o segundo) e o filho dele é lembrado como Haryandvata; e o filho de Haryandvata era o rei destemido Sahadeva.

10. O filho de Sahadeva era de alma virtuosa. Ele era conhecido como Adīna. O filho de Adīna era Jayatsena e o filho dele era Sañkrti.

11. O filho de Sañkrti era Krtadharmā de alma piedosa e de grande fama. Esses eram completamente dotados de qualidades Ksātra[5]. Agora conheçam (os descendentes) de Nahusa.

12. Os sucessores de Nahusa eram seis. Eles tinham brilho comparável ao de Indra. Estes filhos de grande coragem nasceram de Virajā, a filha dos Pitrs.

13. Eles eram Yati, Yayāti, Samyāti, Ayāti e os gêmeos Viyati e Krti, (*Brahmānda P.*) que nasceram em quinto lugar (?). Yati era o mais velho deles e Yayāti era o irmão mais novo.

14. Yati obteve Gā (Gau), a filha de Kakutstha, como esposa. Samyāti tornou-se um sábio. Conseguindo absolvição, ele se tornou um com Brahman.

15. Entre os (outros) cinco, Yayāti se tornou um rei. Ele obteve Devayanī, a filha de Uśanas, como a esposa dele.

---

1 Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3.68. Para comparação ou referência só o número do verso é citado.

2 Essa história imortal com uma moral profunda é repetida em muitos Purānas. A história é dada em detalhes originalmente no *Mahabharata, Adi,* caps. 84 e 85. O verso imortal proferido por Yayāti foi citado em Purānas.

3 Os versos 1-11 falam de Maruta e Mitrajyoti e seus descendentes. Mas eles não têm conexão com a história principal desse capítulo.

4 A leitura do texto é contraditória e obscura. Se corrigida conforme o *Brahmānda P.* 3.3.68.1 significando '(de que habilidade heróica eram as pessoas de alma nobre) nascidas da filha de Maruta', ela é concludente. As referências ao *Brahmānda P.* são ao capítulo supracitado. Só número do verso é citado nessas notas.

5 [Ou] 'eram os descendentes de Ksatradharma' ?

16. Ele se casou a dama Asura Śarmisthā, a filha de Vrsaparvan. Devayānī deu à luz Yadu e Turvasu.

17. Śarmisthā, a filha de Vrsaparvan, deu à luz filhos muito poderosos comparáveis a filhos divinos, a saber, Druhyu, Anu e Pūru.

18. O satisfeito Rudra deu a ele uma carruagem dourada divina que resplandecia brilhantemente e que nunca podia ser presa (impedida de prosseguir). Ele também lhe deu duas grandes aljavas inesgotáveis.

19. Aquela carruagem era provida com cavalos tão rápidos quanto a mente. Era essa carruagem que ele dirigia na hora de seu casamento. Com a mesma carruagem importante ele conquistou a terra.

20. Yayāti era invencível em batalha para Devas, Dānavas, e seres humanos. Aquela carruagem pertenceu a todos os reis Paurava.

21. Ela permaneceu com eles até a época do Kaurava Janamejaya nascido de uma terra boa (?). A carruagem se perdeu pela maldição do filho de Garga, o sábio inteligente, quando o filho de Parīksit se tornou rei.

22. O rei ininteligente Janamejaya (o primeiro), que tinha mente má e era conhecido como *Loha-gandhin*[6] (tendo o odor do ferro), matou o (jovem) filho de Gārgya.

23. O rei religioso com odor de ferro começou a correr aqui e ali. Ele foi abandonado pelos cidadãos e as pessoas da terra. Em nenhuma parte ele derivava felicidade.

24. Ele era extremamente miserável. Ele não obtinha paz em nenhum lugar. Excessivamente abatido, ele buscou refúgio no sábio que era a causa de sua maldição[7].

25. O sábio de mente generosa era famoso pelo nome Indrota. Esse Indrota, o brâmane excelente, um descendente de Śunaka, fez o rei realizar um Aśvamedha para purificação.

26. Depois de chegar à residência dele, o odor de minério de ferro abrandou[8]. Aquela carruagem divina o deixou e alcançou Vasu, o rei de Cedi.

27. Então ela foi obtida por Śakra que ficou muito satisfeito. Dele, Brhadratha a obteve. Matando Jarāsandha posteriormente, Bhīma, o descendente da família Kaurava, deu com prazer aquela carruagem excelente para Vasudeva.

28. Chegando à velhice, o rei religioso Yayāti, o filho de Nahusa, falou estas palavras para seu filho primogênito e mais excelente, Yadu:

29. "Ó caro, velhice, rugas e cabelos grisalhos vieram sobre mim (me envolveram) devido à maldição de Uśanas, Kāvya (isto é, Śukra). Eu não estou totalmente saciado com a juventude.

30. Ó Yadu, aceite todos os meus pecados junto com a minha velhice. Receba minha velhice". Yadu respondeu a ele:

31. "Eu prometi dar esmolas aos brâmanes mas não dei. Isso só pode ser realizado através de esforço. (Assim) eu não pegarei sua velhice.

32. Há muitos defeitos e doenças na velhice que afetam (a habilidade para) beber e comer. Por isso, ó rei, eu não estou interessado o suficiente para aceitar sua velhice.

33-34. No início da juventude, eu não desejo me tornar uma figura de dar pena com bigode e barba brancos, danificado (em todo membro) pela velhice, (pele) com muitas rugas, com o corpo curvado, confrontado com um estado miserável, a própria

---

6 Corrigido como no *Brahmānda P*. v. 22.

7 O texto está confunso. O rei não recorreu a Gārgya que o amaldiçoou (veja o v. 22 acima), mas a Indrota Śaunaka (veja o próximo verso). A leitura no *Brahmānda P.* 68.24: 'ele recorreu ao sábio Śaunaka' é pertinente e merece adoção.

8 O *Brahmānda P*. v. 26 lê: 'O rei morreu quando ele alcançou o estágio *Avabhrtha* (banho de despedida) do sacrifício'. A leitura do *Brahmānda P*. é preferível, pois se a maldição de odor de ferro foi afastada e o rei foi reabilitado, a carruagem divina deveria ter continuado com ele.

forma indicando fraqueza, e incompetente executar qualquer ação. Eu seria dominado (atacado) por grandes efeitos assustadores. Eu não desejo essa velhice.

35. Ó rei, ó conhecedor de virtudes, você tem muitos filhos até mesmo mais amados do que eu. Que eles a tomem. Por favor peça para algum outro filho."

36. Ao obter essa recusa de Yadu, (Yayāti) o principal entre os mais eloquentes, ficou enfurecido. Censurando seu filho primogênito, ele falou desse modo:

37-39. "Que outro Aśrama você tem? Que outro rito sagrado você tem pelo qual você me desconsidera e fala dessa maneira? Ó de mente má, ó novo instrutor!" Depois de dizer isso o rei bravo amaldiçoou Yadu: "Já que você, embora nascido do meu peito, não passa sua própria idade (juventude) para mim, ó tolo, sua progênie não obterá o reino." (Então ele disse a Turvasu): "Ó Turvasu, aceite meu pecado junto com minha velhice."

Turvasu disse:

40. Ó pai, eu não gosto da velhice que destrói os prazeres (mundanos) de amor. Há muitos defeitos na velhice que afetam (a habilidade para) beber e comer. Por isso, ó rei, eu não estou interessado o bastante para aceitar sua velhice.

Yayāti disse:

41. Você, embora nascido do meu peito, não troca sua idade (juventude) comigo; ó Turvasu, sua progênie encontrará a ruína absoluta.

42-43. Ó iludido, você será um rei entre pessoas de ritos e práticas religiosas misturadas, nascidas de casamentos anti-castas e outras castas misturadas, que são comedoras de carne e outras. Não há dúvida que você será um governante dos selvagens Mlecchas, bárbaros e indivíduos expulsos de suas castas que buscam insultar a modéstia das esposas dos preceptores deles, e que (estão destinados a) nascer como animais inferiores.

Sūta disse:

44. Depois de amaldiçoar seu próprio filho Turvasu desse modo, Yayāti falou estas palavras para seu filho Druhyu nascido de Śarmisthā:

45. "Ó Druhyu, aceite minha velhice que destrói sua aparência e beleza. Dê-me em troca sua mocidade por um período de mil anos.

46. Quando os mil anos estiverem completos eu devolverei sua juventude, e tomarei de volta novamente meu pecado junto com a velhice.

Druhyu disse:

47. Um homem velho não desfruta (de um passeio em) elefantes, carruagens e cavalos, nem ele pode desfrutar de uma mulher. Ele não tem ninguém para estar em contato. Por isso eu não gosto da velhice.

Yayāti disse:

48. Como você, embora nascido do meu próprio peito, não me dá sua idade (juventude), ó Druhyu, os prazeres que você ama e busca não serão percebidos por você em lugar nenhum.

49. Você permanecerá perpetuamente em um lugar onde as pessoas se movem em canoas e balsas. Você sempre estará lá como um não-rei embora nascido de uma família real.

50. (Ele disse a Anu:) Ó Anu, aceite meu pecado junto com minha velhice. Assim eu poderei me movimentar por mil anos com sua juventude.

Anu disse:

51. (Verse defeituoso.)[9] Um homem velho dá (o presente de idade) para uma criança. (Se eu deixar minha juventude) eu ficarei impuro com sua velhice. Um homem velho não executa Homas na hora correta. Eu não gosto desse (tipo de) velhice.

Yayāti disse:

52-53. Já que você, embora nascido do meu próprio peito, não me dá sua idade (juventude), todos aqueles defeitos da velhice mencionados por você visitarão

---

9 [A primeira frase] é obscura embora traduzida acima. Em vez disso o *Brahmānda P.* v. 52 lê: 'Um homem velho é fraco como uma criança'.

(afligirão) você. Seus filhos morrerão ao chegarem à juventude. Você terá que se dedicar ao espalhamento do fogo dessa maneira (depois de cremar seus filhos).

54-**56**. (Ele falou então com Pūru:) Ó Pūru, aceite meus pecados junto com a velhice. Ó querido, velhice, rugas e cabelos grisalhos me dominaram como resultado da maldição de Kāvya Uśanas (Śukra). Eu não estou saciado com os prazeres da mocidade. Eu desfrutarei dos prazeres mundanos com sua juventude. Quando um período de mil anos for completado eu lhe devolverei sua idade jovem. Eu também pegarei de volta meu próprio pecado junto com a velhice.

Sūta disse:

57. Assim solicitado, o filho respondeu imediatamente para seu pai, "Ó pai, eu farei como você deseja.

58. Ó rei, eu aceitarei seu pecado junto com sua idade avançada. Receba de mim minha juventude. Desfrute dos prazeres como você deseja.

59. Eu ficarei disfarçado por sua velhice, assumindo sua forma e idade. Deixando minha juventude, eu executarei o que for apropriado (para a idade assumida)".

Yayāti disse:

60. Ó Pūru, eu estou contente com você. Felicidades para você. Alegremente eu concedo isto a você. Todos os súditos em seu reino irão prosperar e desfrutar de todos os prazeres (ou sua progênie realizará os desejos dela, será opulenta e governará sobre um reino).

Sūta disse:

61. Permitido por Pūru e pela graça de Bhārgava, o rei Yayāti transferiu sua velhice para Pūru.

62. Por meio da juventude, Yayāti, o filho de Nahusa, ficou muito satisfeito e desfrutou de todos os prazeres mundanos.

63. Conforme o desejo e entusiasmo dele, de um modo conducente à felicidade e na hora correta, o rei principal desfrutou dos prazeres sem prejudicar a virtuosidade (Dharma) e isso era o que somente ele merecia.

64. Ele propiciou Devas por meio de Yajñas; Pitrs por meio de Śrāddhas; as pessoas pobres por presentes favoráveis; e os brâmanes excelentes por tudo o que eles desejaram.

65. Ele deleitou convidados com comidas e bebidas; vaiśyas por fornecer proteção adequada; e śūdras por (impedir o tormento deles) mostrando bondade. Ele deteve ladrões por encarcerá-los e matá-los.

66. Encantando os súditos propriamente por meio de ações virtuosas, Yayāti governou o reino como outro Indra.

67. O rei de façanhas leoninas e idade jovem se entregou a prazeres mundanos. Sem prejudicar o Dharma, ele desfrutou de prazeres excelentes.

68-**69**. Nos parques de Vaibhrāja e Nandana, ele se divertiu com (a donzela celestial) Viśvācī. Ele examinou todos os prazeres sexuais para descobrir o defeito escondido[10]. Quando o rei viu que o desejo de desfrutar estava aumentando quanto mais ele desfrutava disso, ele se aproximou de Pūru e pegou de volta sua própria velhice.

70. Depois de desfrutar dos prazeres e desejos, o rei estava satisfeito e abatido. O rei se lembrou então do tempo-limite estipulado de mil anos.

71. Contando (até mesmo as unidades de tempo pequenas como) *Kalās* e *Kāsthās*, ele considerou que o prazo estava completo e assim ele falou com seu filho Pūru:

72. "Ó filho, ó supressor de inimigos, com sua juventude, todos os prazeres mundanos foram desfrutados por mim de acordo com meu entusiasmo condizente com o momento, e de um modo conducente à felicidade.

---

[10] O *Brahmānda P*. v. 69 lê: 'porque ele não notou os defeitos (da indulgência apaixonada)'. Essa é uma leitura melhor, visto que ela declara porque ele ficou com Viśvācī.

73. Ó Pūru, eu estou muito satisfeito. Felicidades para você, tome de volta sua própria mocidade. Aceite o reino também. Só você foi meu filho amado que realizou o que é agradável para mim."

74. O rei Yayāti, o filho de Nahusa, pegou de volta sua velhice e Pūru recuperou a própria juventude dele.

75. Quando o rei evidenciou seu desejo de coroar seu filho mais novo Pūru, pessoas de todas as castas, com brâmanes como as principais delas, falaram essas palavras[11].

76. "Ó senhor, por que você põe de lado (o direito de) seu filho primogênito, o excelente Yadu, o neto de Śukra, o filho de Devayānī, e concede o reino a Pūru?

77. Yadu é seu filho primogênito. Turvasu nasceu depois dele. O filho mais velho de Śarmistha é Druhyu, então vem Anu e só então Pūru.

78. Como pode o filho mais jovem merecer o reino anulando (os direitos dos) mais velhos? Por essa razão nós o urgimos a cumprir o Dharma (tradicional)."

Yayāti disse:

79. Ó pessoas de todas as castas com brâmanes como líderes! Ouçam todos vocês meu discurso por que eu não pretendo dar o reino para os mais velhos.

80. Só aquele filho que leva a cabo as palavras (ordens) de seu pai e mãe é considerado louvável. Minha ordem não foi obedecida pelo filho primogênito Yadu.

81. Aquele filho que é antagônico ao próprio pai não é honrado ou aprovado por homens bons. É o verdadeiro filho aquele que cumpre seus deveres para com seus pais.

82. Eu fui desprezado por Yadu e também por Turvasu. Muita descortesia também foi mostrada por Druhyu e Anu.

83. Eu fui honrado especialmente por Pūru que executou minha ordem. Embora ele seja o mais novo, ele será meu sucessor. Foi ele que aceitou minha velhice. Foi ele que realizou todos os meus desejos. Tudo foi feito por Pūru que cumpriu os deveres dele como um filho.

84. Este benefício foi concedido por Śukra Kāvya, o próprio Uśanas: 'Ó altamente inteligente, aquele filho que for favorável a você será o rei para sucedê-lo.'

85. Permitido por vocês todos, que Pūru seja coroado como o monarca do reino. O filho que é dotado de todas as qualidades e que sempre é leal aos pais dele merece todo o bem-estar. Ele deve ser o soberano (o rei), embora ele possa ser o mais novo.

86. "Pūru, que é seu filho favorito e que fez o que é agradável para você, merece esse reino. Devido à bênção concedida por Śukra, nada mais pode ser dito (contra essa decisão)."

87-**89**. Assim endereçado pelos cidadãos alegres e as pessoas do reino, o filho de Nahusa coroou seu próprio filho Pūru no próprio reino dele. Ele estabeleceu Turvasu nos territórios do sudeste. O rei estabeleceu seu primogênito excelente Yadu nos territórios do sudoeste. Druhyu e Anu foram estabelecidos no oeste e no norte. Depois de conquistar a terra que consiste nos sete continentes e nos oceanos, o filho de Nahusa, o rei Yayāti, a dividiu em cinco regiões e as deu para seus cinco filhos.

90. Essa terra inteira consistindo nos sete continentes e (muitas) cidades está sendo governada por eles, os conhecedores de Dharma, justamente e em aderência estrita às suas próprias respectivas terras.

91. Entregando a terra assim aos seus filhos e transferindo sua glória real para eles, o rei Yayāti, o filho de Nahusa, ficou satisfeito.

92. Deixando de lado seu arco e setas, encarregando seus parentes com todos os deveres e responsabilidades, e seus filhos com o reino, o rei ficou contente.

---

[11] Os versos 75-86 mostram que os súditos não permitiam injustiça mesmo se cometida pelo rei. Algum tipo de sanção pública parece ser necessária para nomear um rei novo.

93. Em relação a isso os seguintes *Gāthās* (versos)[12] foram cantados pelo grande rei Yayāti que, depois de desejar prazeres, se afastou deles todos como uma tartaruga que recolhe todos os seus membros (dentro de si mesma).

94. "A luxúria nunca pode diminuir por desfrutar de prazeres. Assim como o fogo se inflama ainda mais por oblações de ghee, assim também os desejos aumentam por indulgência.

95. Todos os grãos e sementes de cevada, todo o ouro, todo o gado e todas as mulheres no mundo não são suficientes nem para uma (pessoa). Aquele que percebe isso não vem a ser iludido.

96. Quando alguém mantém a atitude purificadora (auspiciosa) para com todos os seres vivos em pensamento, palavra e ação, ele alcança (realiza) Brahman.

97. Quando alguém não tem medo de outros, quando os outros não têm medo dele, quando ele não deseja nem odeia (qualquer coisa), ele alcança Brahman.

98. A felicidade vem para alguém que evita *Trsnā* (cobiça), da qual os de mente má não podem se libertar, que não diminui nem sequer quando a pessoa envelhece e que é uma doença asquerosa cheia de falhas fatais.

99. Quando alguém envelhece, os cabelos envelhecem; os dentes se deterioram junto com a velhice; mas a esperança por longevidade e aquisição de riqueza nunca envelhece.

100. A felicidade decorrente do gozo de luxúria, ou por obter o grande prazer no céu, não merece sequer uma décima sexta parte da felicidade que é o resultado da destruição da cobiça."

101. Depois de dizer isso, o rei religioso foi para a floresta junto com a esposa dele. Ele fez uma grande penitência em Bhrgutunga[13] e realizou centenas de ritos sagrados. Ganhando grande fama, ele chegou a Svarga.

102. Desse modo as linhagens dele são cinco. Elas são santas e veneradas por Devas e sábios. A terra inteira é permeada por elas como se com os raios do sol.

103. Um brâmane excelente que lê essa narrativa inteira de Yayāti, ou a escuta, se tornará rico, longevo e renomado. Ele será abençoado com filhos.

---

[12] Os versos 94-100 são os versos imortais citados em várias obras e eles constituem a moral desse episódio.

[13] Uma montanha no Nepal na margem leste do Gandak. Nesse lugar era o eremitério de Bhrgu. (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 34).

Capítulo 32: O Nascimento de Kartavirya[1]

Sūta disse:

1. Eu descreverei a linhagem do primogênito (filho de Yayāti) Yadu, de esplendor excelente. Ouçam e escutem enquanto eu descrevo em detalhes e na ordem correta.

2. Yadu teve cinco filhos, todos comparáveis aos filhos de Devas. Sahasrajit era o mais velho. (Os outros eram) Krostu, Nīla, Jita e Laghu.

3. O filho de Sahasrajit era o rei glorioso chamado Śatajit. Śatajit teve três filhos que eram bem conhecidos como muito virtuosos.

4. Eles eram Haihaya, Haya e o rei Venuhaya. É sabido que o sucessor de Haihaya era Dharmatattva.

5. O filho de Dharmatattva era Kīrti e o filho dele era Samjñeya. O sucessor de Samjñeya era o rei chamado Mahismān.

6. O filho de Mahismān era o destemido Bhadraśrenya que era o rei de Vārānasī e que já foi mencionado.

7. O sucessor de Bhadraśrenya era o rei chamado Durmada, e o sucessor de Durmada era um (rei) inteligente conhecido pelo nome Kanaka.

8-9. (Os filhos) sucessores de Kanaka eram quatro e eles eram famosos nos mundos – Krtavīrya, Kārtavīrya, Krtavarmā e Krita o quarto. O filho de Krtavīrya era Arjuna. Nascido com mil braços, ele foi um rei que governou os sete continentes.

10. Ele fez uma penitência muito severa por dez mil anos. Kārtvīrya assim propiciou Datta, nascido de Atri.

11-13. Datta lhe concedeu quatro benefícios excelentemente gloriosos. No início, (Arjuna) escolheu o benefício de (ser dotado de) mil braços. O segundo era (a habilidade de) evitar (que o mundo fosse) abandonado ao mal por pessoas boas[2]. (O terceiro era a competência) para proteger justamente a terra depois de conquistá-la do mesmo modo (justo). O quarto era vitória em numerosas batalhas depois de matar milhares de inimigos, mas encontrar a morte em uma batalha (lutando) com um guerreiro superior.

14. A terra inteira, que consiste em sete continentes e muitas cidades e cercada por sete oceanos, foi conquistada por ele de um modo que era próprio de um Ksatriya[3].

15. Quando ele começava a lutar em uma batalha, bandeiras e carruagens adequadas para isso e mil braços apareciam por meio do Māyā daquele inteligente.

16. É ouvido que sem qualquer dificuldade dez mil Yajñas tinham sido realizados por aquele rei inteligente em todos os sete continentes.

17-18. Todos os Yajñas executados por aquele rei de braços poderosos eram profundamente esplêndidos. Todos eles eram providos de altares dourados com postes sacrificais dourados. Todos eles eram agraciados pela presença de Devas abençoados sentados em carruagens aéreas; todos eles eram sempre tornados esplêndidos e atrativos por Gandharvas e Apsaras (donzelas celestiais).

19. Depois de observarem a conduta e a grandeza daquele rei religioso, Nārada e os Gandharvas cantaram o(s) seguinte(s) verso(s) de glória daquele rei.

---

1 Este capítulo descreve a linha Haihaya de Yadu na qual o maior governante do vale do Narmada, Kārtavirya Arjuna, nasceu. Esse capítulo recebe o título daquele rei ilustre, e corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3.69; os números dos versos nas notas se referem àquele capítulo.

2 O *Brahmānda P.* v. 12 lê: habilidade para impedir uma pessoa de [fazer o] mal no momento em que ela o planeja.

3 Os versos 14-37 descrevem as façanhas, munificência, retidão e glória de Kārtavirya. Os *Gāthās* cantados por Nārada sobre ele (vv. 20-22) registram em poucas palavras as realizações de Arjuna. Geralmente esses *Gāthās* são citações de versos tradicionais antigos.

20. "Certamente nenhum homem pode emular (nenhum pode atingir) a meta ou estado de Kārtavīrya por meio de Yajñas, Dānas, penitências, façanhas e erudição.

21. Em todos os sete continentes ele é visto se movendo por toda parte com sua espada desembainhada e os arcos e setas excelentes mantidos preparados, como também sentado na carruagem dele[4]. Embora ele seja o rei, ele se comporta como se ele fosse o seguidor.

22. Enquanto ele estava protegendo os súditos retamente, nenhum dos súditos dele perdeu sua riqueza, ninguém estava aflito e ninguém tinha qualquer confusão, graças à destreza daquele grande rei."

23. Aquele rei se tornou o único monarca e imperador dos sete continentes por oitenta e cinco mil anos.

24. (No reino dele) ele mesmo era o protetor do gado e dos campos. Como um yogin, Arjuna se tornou *Parjanya* (Senhor das nuvens e chuvas) e derramou chuva em abundância.

25. Com seus mil braços tornados resistentes pelo contato frequente com a corda do arco, ele brilhava como o Sol com seus milhares de raios outonais.

26. Tendo conquistado a assembléia real do (rei serpente) Karkotaka em Māhismatī com mil elefantes, ele estabeleceu sua capital lá.

27. (Defeituoso.) O rei de olhos de loto costumava deter as potentes (velozes) ondas do mar durante a estação chuvosa (quando o mar fica tempestuoso). Em um humor alegre, ele expelia a água esportivamente e fazia uma estação chuvosa (artificial).

28. Abalado e agitado por ele durante seus (esportes aquáticos), Narmadā, usando guirlandas com filetes dourados, se aproximava do rei de um modo apreensivo, com sobrancelhas como ondas produzindo o som suave (murmurante).

29. Antigamente, seguindo o curso dele (do Narmadā), aquele (rei) tinha mergulhado no grande oceano e inundado a floresta próxima à costa criando uma estação chuvosa artificial.

30. Quando o grande oceano era agitado pelos mil braços dele, os grandes Asuras nos mundos inferiores costumavam ficar atordoados e imóveis.

31. Peixes gigantes e grandes serpentes, escondidos sob grandes ondas, eram esmagados e espalhados na inundação de espuma, nos redemoinhos e turbilhões que eram insuportavelmente violentos.

32. Agitando-o por meio dos mil braços dele, o rei fazia o oceano se assemelhar ao mar lácteo agitado pelos Devas e Asuras.

33. (Verso defeituoso.) Ao verem o rei terrível, proeminente, (os seres aquáticos) temiam que o oceano estivesse sendo agitado mais uma vez pela montanha Mandara por causa de Amrta (néctar) e imediatamente se sentiam desarraigados.

34. Grandes serpentes abaixavam suas cabeças e ficavam imóveis como os tocos das bananeiras permanecendo parados nas horas da noite, quando o vento não sopra.

35. (Verso defeituoso.) Orgulhosamente ele foi para Lañkā. Com seu arco e quinhentas setas ele subjugou Rāvana junto com o exército dele. Ele o derrotou e o levou para Māhismatī e o prendeu lá.

36. O próprio (sábio) Pulastya foi até Arjuna e o propiciou. O rei libertou Paulastya (Rāvana) a pedido de Pulastya.

37. O som, produzido pela vibração das cordas de arco pelos mil braços dele, era como o trovão na hora do fim dos Yugas, quando as árvores das nuvens[5] de dissolução parecem estourar.

---

[4] O *Brahmānda P.* v 21 lê: [Aquele rei é visto movendo-se em todos os lugares nos sete continentes] por meio do Poder Yóguico dele.

[5] ‘Grupos de nuvens’, como no *Brahmānda P.* v. 38.

38. Triste de fato que os mil braços poderosos dele tenham sido cortados por Bhārgava (Paraśurāma) em batalha, como se eles fossem palmeiras douradas.

39. Uma vez, o deus-Sol sedento pediu dele. O Senhor do povo deu ao deus-Sol os sete continentes como esmolas.

40. Com um desejo de consumir (tudo), o deus-Sol resplandeceu nas pontas das setas dele e queimou cidades, colônias de vaqueiros, aldeias e todos os municípios.

41. Graças à destreza daquele chefe de homens (Arjuna), o (deus-Sol) de grande fama queimou as montanhas e florestas de Kārtavīrya.

42. O deus-Sol na companhia de Haihaya (Kārtavīrya) queimou tudo inclusive continentes junto com florestas. Ele queimou completamente o eremitério vazio do filho de Varuna.

43. Varuna tinha obtido esse filho glorioso e excelente antigamente. Ele era famoso pelo nome do sábio Vasistha também conhecido como Apava.

44-45. Por raiva o poderoso Apava amaldiçoou Arjuna então[6], "Ó Haihaya, já que você não poupou essa minha floresta outro homem anulará até mesmo essa tarefa difícil realizada por você. Ele será o filho de Kuntī chamado Arjuna[7]. Ele não será um rei.

46-47. Ó Arjuna, o extremamente poderoso Rāma, o principal entre aqueles que golpeiam com armas, cortará e quebrará seus mil braços. O brâmane poderoso e sábio de grande força o matará." Então, como resultado da maldição daquele (sábio) inteligente, Rāma se tornou a causa da morte dele.

48. Tal benefício tinha sido escolhido antigamente (de Datta) pelo próprio rei. Ele teve cem filhos, cinco dos quais eram grandes guerreiros.

49-50. Eles eram Śurasena, Vrstyādya, Vrsa e Jayadhvaja. Todos eles eram bem treinados no uso de armas miraculosas. Eles eram heróicos, fortes, de alma piedosa e renomados. Eles governaram Avantī. O filho do rei Jayadhvaja era o valoroso Tālajañgha.

51-52. Ele teve cem filhos que constituíram o clã Tālajañghas. Cinco famílias entre aqueles Haihayas de alma nobre são muito famosas, ou seja, os numerosos Vīrahotras (Vītihotra no *Brahmānda P*.), Bhojas e Avartis, Tundikeras e os destemidos Tālajañghas.

53. O filho de Vīrahotra era o rei Ananta. Durjaya era o filho dele. Seu filho era Amitradarśana.

54. Aquele rei tinha a bênção de nunca perder sua riqueza. O grande rei protegia os súditos por meio de sua bravura.

55-56. Uma pessoa inteligente que narra a história do nascimento de Kārtavīrya recuperará riqueza perdida. Ele não (mais) perderá riqueza. Ele será rico. Seu Dharma florescerá e ele será honrado no céu como Tvastr ou como um homem de inclinação caridosa.

---

6 O motivo de maldição e aquele de bênção eram muito populares com escritores de Purānas para explicar um evento improvável ou milagroso. Aqui ambos são usados para explicar a morte de Kārtavīrya nas mãos de Paraśurāma. É declarado que Kārtavīrya buscou tal bênção de Datta (v. 13 acima), e recebeu uma maldição de Apava Vasistha (vv. 46-47) por destruir (isto é, ajudar o deus-Sol a destruir) o eremitério dele.

7 A maldição de Apava era de uma natureza dupla. Kārtavīrya Arjuna encontrará a morte física nas mãos de Paraśurāma e ele será suplantado em reputação por outro Arjuna (o filho de Kuntī) por um ato semelhante (isto é, a queima da floresta de Khāndava).

Capítulo 33: A Dinastia de Jyāmagha e Vrsni

Os sábios disseram:

1. Por que o mundo (eremitério) de Apava de alma nobre foi queimado violentamente por Kārtavīrya?[1] Por favor explique para nós que perguntamos.

2. Nós ouvimos que o rei religioso era um protetor de seus súditos. Sendo um guardião, portanto, por que ele destruiu aquele eremitério?

Sūta disse:

3. Āditya (o deus-Sol) desejoso de satisfação (da fome) aproximou-se de Kārtavīrya no disfarce de um brâmane (e disse), "Por favor me dê comida. Indubitavelmente eu sou Āditya."

O rei disse:

4. Ó deus do sol, por favor me diga com o que você ficará satisfeito. Que tipo de alimento eu devo dar a você; eu servirei isso.

O Sol disse:

5. Ó mais excelente entre os doadores, dê-me todos os seres imóveis como meu alimento. Eu serei satisfeito só por meio disso, ó rei, e não por qualquer outra coisa.

O rei disse:

6. Ó mais excelente entre aqueles que brilham, nenhum esplendor ígneo de seres humanos pode queimar completamente todos os seres imóveis. Eu me curvo a você.

Āditya respondeu:

7. "Eu estou satisfeito. Eu lhe darei uma aljava de setas inesgotáveis que são conducentes a toda felicidade[2] e que nunca falham. Quando disparadas elas queimarão porque elas estão carregadas com meu brilho.

8. Quando for comandado, isso secará as nuvens e os oceanos. Quando estiverem secos, eu os reduzirei a cinzas e assim ficarei satisfeito, ó rei!"

9-11. Então Āditya deu para Arjuna aquelas setas. Segurando-as, (Arjuna) queimou todos os grandes seres imóveis, eremitérios, aldeias, colônias de vaqueiros, cidades, bosques de penitência, belas florestas e parques etc. e então circungirou o deus-Sol. A terra, totalmente queimada pelo esplendor do Sol, ficou sem árvores e sem ervas.

12-13. Enquanto isso o grande sábio (Apava) que estava residindo sob a água por dez mil anos, completou sua observância sagrada. Então o asceta de grande esplendor emergiu (da água). O grande sábio então viu seu eremitério queimado por Arjuna. Por raiva ele amaldiçoou o rei religioso como já foi contado por mim a vocês.

Sūta disse:

14. Ouçam a linhagem do rei pio Krostu que consiste em homens excelentes. Na família dele nasceu Vrsni, o fundador da dinastia dos Vrsnis.

15. Krostu teve só um filho, Vrjinīvan de grande fama. (O povo) gostava do filho de Vrjinīvan, Svāhi, o principal entre aqueles que possuem Svāhā (isto é, os realizadores de Yajñas nos quais 'Svāhā' é repetido).

16. O rei Raśādu, o principal entre os doadores, era o filho de Svāhi. (O povo) gostava de Ghrtamprasūta, o primogênito e o melhor filho de Raśādu.

---

[1] Os versos 1-13 explicam em detalhes novamente por que o eremitério de Apava Vasistha foi queimado por Kārtavirya. Como esses versos tratam da maldição de Apava, eles devem ter formado uma parte do último capítulo, depois do v. 39. Os vv. 1-13 daqui são sem conexão com o presente capítulo (linhagem de Krostu).

[2] *sarvato-mukhān* 'capazes de enfrentar, isto é, que vão para todas as direções' no *Brahmānda P.* 3.3.70.7 é uma leitura melhor do que *samatosukhan* daqui.

17. Ele executou muitos tipos de grandes Yajñas com Daksinās adequados. O filho dele, Citraratha, também era dotado da (inclinação) de realizar diversos ritos sagrados.

18. Assim o heróico Citraratha realizou muitos Yajñas dando vasta riqueza como Daksinā. Seu sucessor era Śaśabindu, que seguiu (os passos) dos reis religiosos.

19. Ele era um imperador de grande coragem. Ele era muito poderoso e ele teve muitos filhos. Em relação a isso, este verso genealógico tem sido citado por aqueles que conhecem tradições antigas.

20. "Śaśabindu teve dez mil filhos. Eles eram todos muito inteligentes. Eles possuíam riqueza abundante e grande esplendor. Eles eram dignos (do pai deles).

21-22. Seis deles eram muito importantes; eles eram conhecidos como *'Prtkusafkas'* (seis homens que tinham a palavra *Prthu*, isto é, grande, somada ao nome deles). Eles eram: Prthuśravas, Prthuyaśas, Prthuñjaya, Prthukīrti e Prthundātā. Todos os filhos de Śaśabindu eram reis. Todos os Purānas elogiam Antara que era o filho de Prthuśravas. Ele era o mesmo Antara que foi o filho de Yajña antigamente."

23. Depois de obter a terra (isto é, tendo se tornado rei) o mesmo (rei) excelente de alma piedosa, íntegro, realizou cem sacrifícios de cavalo.

24. O filho dele era Marutta[3] que seguiu (os passos dos) reis religiosos. O heróico Kambalabarhis é lembrado como o filho de Marutta.

25-26. O estudioso Rukmakavaca era o filho de Kambalabarhis. Esse Rukmakavaca obteve glória excelente antigamente por matar (muitos) guerreiros usando cotas de malha e armados com arcos, com as setas afiadas dele. Ele adquiriu grande fama como um realizador de sacrifícios de cavalo e dava riqueza profusa (como Daksinā) para brâmanes.

27. Do rei Rukmakavaca nasceram cinco filhos muito fortes de grande heroísmo que matavam inimigos heróicos sem se afastarem (do campo de batalha).

28. Eles eram Rukmesu, Prthurukma, Jyāmagha, Parigha, e Hari. O pai estabeleceu Hari e Parigha na (terra chamada) Videha.

29. Brahmesu[4] (? Rukmesu) se tornou rei e Prthurukma se tornou seu dependente. Banido do reino por eles, Jyāmagha[5] vivia em um eremitério.

30. Ele tinha (temperamento) tranquilo. Ele vivia na floresta terrível, mas ele foi influenciado por um brâmane. Pegando seu arco ele foi para o meio da terra, sentado em sua carruagem e ondulando sua bandeira.

31. Ele (vagou) ao longo do lugar pantanoso nas margens do Narmadā. Depois de atravessar as montanhas de Mekala e a montanha Rksavān, ele entrou em Śuktimanyā (?).

32. A esposa de Jyāmagha era Śaibyā que era muito forte. Embora o rei não tivesse filhos, ele não tomou uma segunda esposa.

33. Ele veio a ser vitorioso em uma batalha e nisso ganhou um moça. O rei então se aproximou de sua esposa e disse: "Aqui está sua nora."

34. Ao ser abordada dessa maneira ela disse, "Essa sua nora é amável. Ela será a esposa de seu filho que nascerá (que ainda está para nascer)."

35. Por executar uma penitência severa, a bela senhora casta Śaibyā, em sua velhice, deu à luz o filho dele, Vidarbha.

36. Vidarbha gerou daquela nora dois príncipes estudiosos, Krathu e Kauśika, que eram heróicos e peritos em batalhas.

---

3 O nosso texto suprimiu duas gerações entre Antara (Aksara no *Brahmānda P.*) e Marutta – veja o *Brahmānda P.* 3.3.70.23-25.

4 Brahmesu é um equívoco em lugar de Rukmesu. Em *Ancient Indian Historical Traditions,* pág. 146, Parāvrt é citado como o sucessor de Rukmakavaca.

5 A dinastia de Jyāmagha era famosa, mas ele é pessoalmente famoso nos Purānas como um marido dominado pela esposa, veja os vv. 32-34; também o *Brahmānda P*. 3.3.70. 33-36; [e o *Vishnu P*., livro 4, cap. 12].

37. O (rei Vidarbha) muito virtuoso gerou mais tarde um terceiro filho, Lomapāda. Vastu era o filho de Lomapāda e o filho dele era Ahrti.

38. Gidi era o filho de Kauśika. Os reis Caidya são lembrados como os descendentes dele. Kunti era o filho de Krathu, que era filho de Vidarbha.

39. Dhrsta nasceu como o filho de Kunti. Ele era muito orgulhoso e corajoso. O filho de Dhrsta era Nirvrti de alma virtuosa, o matador de inimigos valentes.

40. O filho dele era Daśārha que era muito forte e valoroso. O filho de Daśārha era Vyoman e o filho dele se chamava Jīmūta.

41. O filho de Jīmūta era Vikrti e o filho dele era Bhīmaratha. O filho de Bhīmaratha era Rathavara.

42. Ele era um doador perpetuamente interessado em Dharma (rito sagrado). Ele era bem-educado e invariavelmente verdadeiro. Seu filho era Navaratha. Daśaratha veio depois dele.

43. O filho dele era Ekādaśaratha. Śakuni era o filho dele. Dele nasceu o arqueiro Karambhaka. Devarāta veio depois disso.

44. O rei Devaksatra de grande fama era o filho de Devarāta. Devana, o alegrador de ksatriyas, nasceu como o filho de Devaksatra.

45-**46**. Madhu nasceu de Devana. Seu filho era Medhārtha-sambhava. Madhu teve outros filhos também, a saber, Manu de grande brilho, Manuvaśa, Nandana de grande esplendor, e Mahāpuruvaśa. Purudvān, o homem mais excelente, era o filho de Puruvaśa [Puruvasu no *Brahmanda P*.].

47. Purūdvaha nasceu de Bhadravatī como o filho de Purudvān. Aiksākī era a esposa (de Purudvān). Sattva nasceu dela. De Sattva nasceu Sāttvata que era dotado de Sattvaguna. Ele aumentou a fama (da linhagem).

48. Depois de entender perfeitamente essa criação (linhagem) de Jyāmagha de alma nobre, uma pessoa obtém filhos e obtém *Sāyujya* (identidade) com o rei inteligente Soma.

Capítulo 34: A Linhagem de Vrsni[1]

Sūta disse:

1-2. A esposa de Sāttvata, Kauśalyā, deu à luz filhos belos, isto é, Bhajin, Bhajamāna, Divya, Devāvrdha o rei, Andhaka, Mahābhoja, Vrsni e Yadunandana. Eles estabeleceram quatro linhagens. Ouçam-nas em detalhes.

3. Bhajamāna gerou de Srñjayī dois filhos, Bāhya e (o seguinte) Bāhyaka. Bāhyaka se casou com as duas filhas de Srñjaya.

4. As esposas dele, as duas irmãs, deram à luz muitos filhos[2], isto é, Nimi, Panava, Vrsni e Parapurañjaya.

5-6. (Verso defeituoso.) Bhajamāna gerou de Srñjayī outros filhos também, isto é, Ayutāyutajit, Sāhasrajit, Śatajit e Vāmaka. Daqueles que nasceram de Bhajamāna, o rei Devāvrdha executou uma penitência severa.

7. Ele tinha este pensamento em sua mente: 'Que um filho dotado de todas as boas qualidades nasça para mim'. Depois de se concentrar nisso em Yoga, ele tocou as águas do rio Parnāśā[3].

8. Ao ser tocado por ele, o rio, o mais excelente de todos os rios, desejou a felicidade do rei.

9-10. Absorto ansiosamente em pensamento, o rio decidiu assim: "Eu não encontro nenhuma mulher em quem um filho como esse, dotado de todas as boas qualidades, possa nascer para o rei Devāvrdha. Por isso eu mesmo me tornarei esposa dele (*Sahavratā* - uma mulher que executa ritos sagrados na companhia de alguém)." Ela assumiu mãos[4] (isto é, forma humana) conforme sua intenção.

11. Assumindo a forma de uma moça, Sāvitri (o rio) repetiu as grandes palavras (?). Ela pensou no rei. O rei a desejou (como esposa dele).

12-13. O (rei) de mente generosa a engravidou. Ela concebeu um (filho) brilhante. No nono mês, o mais excelente dos rios deu nascimento a um filho dotado de todas as boas qualidades como desejado por Devāvrdha. Sobre essa linhagem, os brâmanes que conhecem os Purānas cantam este *Gāthā* (verso de glorificação).

14-15. Pessoas de almas nobres que glorificam as boas qualidades de Devāvrdha dizem: "Ele é visto muito perto exatamente como ele é ouvido de longe. Babhru é o mais excelente entre os homens. Devāvrdha era igual aos Devas. Setenta mil e sessenta e cinco homens da linha de Babhru e Devāvrdha obtiveram imortalidade (libertação de Samsāra).

16. Aquele herói altamente afortunado, o mais valoroso entre os Sāttvatas, era um realizador de sacrifícios, o principal dos mais proeminentes entre os doadores de presentes generosos, um bravo guerreiro, um protetor de brâmanes, verdadeiro em palavra, sábio e (muitíssimo) famoso (no mundo)."

17. (Verso defeituoso.) Sumahābhojayas e Imārtikābalas nasceram na linhagem dele[5] (?). Gāndhārī e Mādrī eram as duas esposas de Vrsni.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P.* 3.3.71. Por isso apenas os números dos versos desse capítulo são mencionados para comparação.

[2] A lista de filhos no *Brahmānda P.* (vv. 3-6) difere. Ela dá os nomes dos filhos como segue: Nimloci, Kimkana, Dhisti, Parapurañjaya.

[3] O rio Banas no Rajastão - um tributário do Chambal. *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, pág. 146. Os escritores de Purāna tinham um conceito romântico de mostrar rios se apaixonando por Reis e Sábios e às vezes se casando com eles em forma humana como Gañgā com Śantanu, e Narmadā com Kārtavirya Arjuna. Kosi, Bahudā e outros rios tiveram romances semelhantes.

[4] *Hasta* traduzido aqui está obscuro. O *Brahmānda P*. 3.3.71.11 lê *hrtstha* em vez de *hasta*. Isso significa (no *Brahmānda P*.): '(seu apego emocional) brotou em seu coração.'

[5] O *Brahmānda P*. lê 3.3.71.18 lê: 'A família dele é muito grande. Os reis de sua linhagem são bem conhecidos na terra como Bhojas.'

18-19. Gāndhārī deu nascimento a Sumitra e Mitranandana. Mādrī deu à luz os filhos Yudhājit, Devamīdhusa e Anamitra. Os dois (mencionados por último) eram homens excelentes. Nighna era filho de Anamitra. Nighna teve dois filhos.

20. Eles eram os abençoados Prasena e Śakrajit [Satrājit]. Sūrya (o deus-Sol) era um amigo do peito de Śakrajit[6].

21. Uma vez, ao fim de uma noite, o rei, que estava passeando em sua carruagem, desceu perto da margem (de um rio) para realizar a adoração do Sol com libação de água.

22. Enquanto ele estava adorando, Vivasvān, o deus-Sol, o senhor com seu halo brilhante, ficou diante dele, mas sua forma não era claramente visível.

23-24. Então o rei se dirigiu ao deus-Sol que estava permanecendo na frente dele: "Ó senhor dos corpos luminosos, eu o vejo em frente a mim também na mesma forma com halo brilhante como eu vejo você no céu. Qual significado especial há em você vir a mim como um amigo?"

25. Ao ouvir isso, o senhor tirou a jóia excelente Syamantaka de seu pescoço e a amarrou em volta do pescoço do rei.

26. O rei então viu o deus-Sol na forma real (física) dele. Ele contemplou a forma pela duração de um Muhūrta.

27. Quando o deus-Sol estava prestes a partir (em sua jornada) novamente, o rei Śakrajit lhe pediu: "Cabe a você me presentear essa jóia excelente de esplendor ígneo com a qual você percorre os mundos."

28. Nisso o deus-Sol lhe deu a jóia Syamantaka. Usando-a o rei reentrou na cidade.

29. As pessoas se reuniram em volta dele, dizendo, "Oh! aqui vem o deus-Sol". As pessoas na assembléia do rei, a cidade e o harém todos estavam surpresos.

30. Por afeição, o rei Śakrajit entregou a jóia divina excelente Syamantaka para seu irmão Prasenajit.

31. As nuvens derramam chuva na estação apropriada na terra onde a jóia Syamantaka está presente. Lá não há medo de alguma epidemia ou doença.

32. Govinda (Krsna) desejou ter a jóia Syamantaka de Prasena. Mas ele não a pegou. Embora ele fosse poderoso, ele não a tirou à força.

33. Uma vez, ornado com aquela jóia Prasena foi caçar. Por causa de Syamantaka ele encontrou uma morte terrível por causa de um leão.

34. Jāmbavān, o rei dos ursos, matou aquele leão. Levando aquela jóia com ele, ele entrou em sua toca.

35. Os mais velhos dos Vrsnis e Andhakas pensaram que isso era obra de Krsna. Considerando-o desejoso da jóia, todos eles suspeitaram somente dele (como o perpetrador do crime).

36. Incapaz de suportar a falsa acusação, o senhor, o poderoso matador de inimigos, vagou por todos os lados na floresta (para localizar Prasena).

37-40. Ele examinou todos os lugares onde Prasena estava caçando. Com a ajuda de homens confiáveis, ele seguiu os passos de Prasena e investigou a grande montanha Rksavān e a excelente montanha Vindhya. Ele ficou completamente fatigado devido à procura. O (senhor) de mente nobre então viu Prasena (jazendo) morto junto com o cavalo dele. Ele não achou a jóia lá. O leão foi visto jazendo morto não longe do corpo morto de Prasena. Aparentemente o leão tinha sido morto por um urso como indicado pelas pegadas. O descendente da família de Yadu (isto é, Krsna) seguiu as pegadas do urso e descobriu a caverna do urso.

41. Ele ouviu a voz de uma mulher jovem no fundo da grande caverna. Ó brâmanes, a ama tinha estado brincando com o filho pequeno de Jāmbavān junto com a jóia. As palavras "*Ma rodih*" (não chore) foram proferidas por ela.

A ama disse:

---

6 Compare com a história da pedra preciosa Syamantaka no *Bhāgavata P*. X. caps. 56 e 57; *Brahmānda P*. 3.3.71.22-99 [*e Vishnu P*. 4. Cap. 13].

42. “O leão matou Prasena. O leão foi morto por Jāmbavān. Ó criança terna, não chore. Essa Syamantaka é para você.”

43. (As palavras foram claramente audíveis.) Assim que tudo foi esclarecido por aquelas palavras, ele entrou na caverna. Ele já tinha visto Prasena (jazendo morto) dilacerado muito perto daquela caverna.

44. Entrando rapidamente na caverna do urso, o senhor de mentalidade generosa viu Jāmbavān, o rei dos ursos.

45. Vasudeva lutou com Jāmbavān na caverna dele. Por vinte e um dias Govinda teve uma luta corpo a corpo (com ele).

46. Quando Krsna entrou na caverna, os criados de Vāsudeva voltaram para Dvārāvatī e informaram (para os outros) que Krsna (também) tinha sido morto.

47. Depois de derrotar o poderoso Jāmbavān, Vāsudeva ganhou a mão da filha dele, Jāmbavatī,com a permissão do rei dos ursos.

48. Subjugado pelo esplendor do senhor, Jāmbavān deu a jóia como também sua filha Jāmbavatī para Visvaksena (Krsna).

49. Foi para inocentar a si mesmo que o senhor pegou a jóia Syamantaka. Consolando o rei dos ursos, ele saiu da caverna.

50. Depois de resgatar a jóia dessa maneira e se inocentar da calúnia por seus próprios esforços, o senhor entregou a jóia para Satrājit na presença dos Sattvatas.

51. Madhusūdana (Krsna) depois disso se casou devidamente com a moça Jāmbavatī. Janārdana foi absolvido da acusação falsa.

52. Aquele que conhece essa história da falsa acusação de Krsna e da absolvição subsequente nunca será acusado fraudulentamente.

53. Cem filhos nasceram para Satrājit das dez esposas dele que eram irmãs. Entre eles três eram famosos. Bhañgakāra era o primogênito. Os outros eram o heróico Vratapati, e Apasvānta o amado (Supriya).

54. A esposa de Bhañgakāra chamada Dvārāvatī teve bons filhos. Ela deu à luz três filhas dotadas de beleza e boas qualidades.

55. Satyabhāmā era a mais excelente de todas as damas. Ela era constante em realizar ritos sagrados e penitências austeras. O pai a entregou para Krsna.

56-**57**. A jóia que Krsna (resgatou e) deu para Satrājit era usada por Babhru (?). Akrūra, que era desejoso riqueza, e cobiçava a jóia Syamantaka, pediu por Satyabhāmā de beleza excelente (irrepreensível) através de Śatadhanvā da família Bhoja.

58. Então o poderoso Śatadhanvā matou Bhadrakarā (? Bhañgakāra) à noite. Ele roubou a jóia e a entregou para Akrūra.

59. Akrūra, uma pessoa proeminente, pegou aquela pedra preciosa e entrou em um acordo (com Śatadhanvā). " Isso não deve ser dado a conhecer a outra pessoa por você.

60. Se você for atacado por Krsna, nós o ajudaremos. Indubitavelmente Dvārakā inteira ficará sob meu controle."

61. Quando o pai dela foi morto, a enlutada Satyabhāmā de grande fama entrou em uma carruagem e foi para Varanāvata.

62. Contando ao marido dela a respeito do ato (criminoso) de Śatadhanvan da família Bhoja, a (senhora) aflita Satyabhāmā ficou perto dele e derramou lágrimas.

63. Depois de oferecer (exéquias como) libações de água para os Pāndavas que (supostamente) tinham sido queimados (em Varanāvata), Hari (Krsna) empregou Sātyaki, que estava em pé de igualdade com os irmãos dele, (na realização dos ritos restantes).

64. Apressando-se de volta a Dvārakā, o glorioso matador de Madhu falou estas palavras para seu irmão mais velho Balarāma (*Halin* - a pessoa armada com o arado).

65. "Prasena foi morto pelo leão, Satrājit foi morto por Śatadhanvan (tudo por causa da jóia, Syamantaka). Eu busco aquela Syamantaka (como o dono legítimo). Ó senhor, ataque-o.

66. Por isso entre depressa na carruagem. Depois de matar o poderoso Bhoja, ó de braços fortes, a Syamantaka será nossa."

67. Então se seguiu um combate tumultuoso entre Bhoja e Krsna. Śatadhanvā (isto é, Bhoja) não pôde ver Akrūra em qualquer lugar em volta.

68. Bhoja e Janārdana estavam a cavalo (enquanto lutando). Akrūra não o ajudou de todo o coração embora ele fosse competente e ele pudesse ter feito isso[7].

69-**72**. Consequentemente (Bhoja) ficou com medo e pensou em fugir. A égua de Bhoja era uma divina chamada Vijñātahrdayā (aquela que compreendia o coração ou sentimento mental do cavaleiro). Ela tinha uma velocidade de cem yojanas. Foi sentado nessa égua que ele lutou com Krsna. Em sua égua veloz, Bhoja avançou cem yojanas para longe. Ao ver o movimento rápido da carruagem, Krsna acossou Śatadhanvan. Então a égua ficou extremamente esgotada. Ó brâmanes, os ares vitais, da égua ergueram-se no céu (ou seja, ela morreu). Então Krsna falou com Rāma.

73. "Ó de braços poderosos, fique aqui. Os defeitos dos cavalos (éguas) foram observados por mim. Eu irei a pé e trarei a jóia excelente Syamantaka."

74. Indo a pé sozinho, Acyuta, o conhecedor de grandes armas miraculosas, matou Śatadhanvan, o rei de Mithila.

75. Ele não pôde ver a Syamantaka (no corpo dele) mesmo depois de matar o poderoso Bhoja. Quando Krsna voltou, o portador do arado (isto é, Rāma) lhe pediu, "Dê-me a jóia."

76. "Eu não a tenho", disse Krsna. Então o enfurecido Rāma gritou repetidamente "Que vergonha para você", e falou a Janārdana.

77. "Eu tolero isso (e o desculpo) porque você é meu irmão. Felicidades para você. Eu estou partindo. Eu não tenho nada a ver com Dvārakā nem com você nem com os Vrsnis."

78. Então Rāma, o supressor de inimigos, entrou em Mithilā. Com todos os presentes desejáveis, o próprio rei de Mithila lhe deu boas-vindas e o honrou.

79. Enquanto isso Babhru (Akrūra), o principal entre os inteligentes, realizou sem impedimentos diferentes tipos de Yajñas.

80. O filho de Gādhi, o rei de grande fama, adotou uma cota de malha na forma de Diksā (iniciação para sacrifícios) para autoproteção, para preservar a jóia Syamantaka.

81. Na execução daqueles Yajñas (os quais continuaram) por um período de sessenta anos, ele utilizou (doou) vasta riqueza, jóias excelentes e diferentes tipos de materiais.

82. Esses Yajñas daquele (rei) de alma nobre se tornaram famosos pelo nome "Akrūra Yajña". Muita comida e riqueza eram dadas como Daksinā. Todos eles realizavam os desejos nutridos de todos.

83. Depois disso o rei grandioso Duryodhana foi para Mithilā e passou por treinamento divino em luta com maça sob Balabhadra.

84. Ó brâmanes, depois de muita persuasão e alegações (Balabhadra) foi trazido de volta para Dvārakā pelas pessoas principais entre os Vrsnis e Andhakas junto com Krsna de alma nobre.

85. Depois de matar Śatrughna junto com Bandhumān em batalha, Akrūra, o líder poderoso de homens, foi embora junto com os Andhakas.

86-**87**. Aqueles dois homens excelentes, Śatrughna e Bandhumān, eram os filhos de Bhañgakāra, o líder dos Andhakas. Eles nasceram de Narā, a filha de Śvaphalka. Eles eram muito poderosos e famosos. Krsna não ficou satisfeito com a morte de Bhañgakāra.

88. Como ele estava apreensivo de uma divisão entre seus parentes, ele (Krsna), ignorou (Akrūra). Depois da partida de Akrūra, Indra não derramou chuva lá.

---

[7] O *Brahmānda P*. v. 70 lê: 'Embora ele fosse competente fazer isso, Akrūra, o Hārdikya, não o fez, por perfídia.'

89. A terra inteira foi oprimida pela seca e estava prestes a perecer. Então os Kukuras e Andhakas pacificaram e consolaram Akrūra.

90. Quando (Akrūra), o senhor (a mais proeminente) das pessoas caridosamente dispostas, voltou para Dvārāvatī, Indra despejou chuva em todos os lugares, até dentro do oceano.

91. Para agradar Vāsudeva, Akrūra, o líder glorioso dos Yadus, lhe deu sua irmã virgem de conduta boa aprovada.

92. Depois de saber por meio de seu poder yóguico que a jóia Syamantaka estava com Babhru, Krsna Janārdana disse para Akrūra em assembléia pública.

93. "Ó senhor honorável, por favor entregue para mim a jóia que entrou em sua posse. Por favor não me faça nada ignóbil.

94. A raiva furiosa em meu coração durante os últimos sessenta anos tornou-se grande e enraizada. Muito tempo decorreu até agora."

95. Então por insistência de Krsna, Babhru, o altamente inteligente, entregou a jóia sem qualquer objeção na assembléia de todos os Sāttvatas.

96. O supressor de inimigos (Krsna) obteve a jóia de Babhru de uma maneira direta. Com a mente satisfeita, ele a devolveu novamente para Babhru.

97. O filho de Gāndinī (isto é, Akrūra) obteve Syamantaka, a jóia excelente entregue por Krsna. Usando-a (em volta do pescoço) ele brilhava como o Sol.

98. Aquele que conhece essa história da falsa acusação e da subsequente libertação excelente do Senhor de nenhuma maneira se tornará vítima de acusação falsa.

99-100. Do filho mais novo Animitra (? Anamitra) de Vrsni nasceu Śini. O filho dele era Satyaka, que era verdadeiro no falar e dotado de temperamento verdadeiro. O filho de Satyaka (Sātyaki) era Yuyudhāna e seu filho era Bhūti.

101. Yugandhara era o filho de Bhūti. Assim os descendentes de Bhūti, os Bhautyas, foram narrados. Prśni teve dois filhos, Śvaphalka e Citraka.

102. Onde quer que o grande rei Śvaphalka de alma virtuosa permanecesse, nenhuma doença ou medo da seca oprimia as pessoas.

103. Ó brâmanes excelentes, uma vez Indra não derramou chuva no reino do senhor, rei de Kāśī, por três anos.

104. Ele fez o altamente honrado Śvaphalka ficar lá. Devido à presença de Śvaphalka, Indra despejou chuva lá.

105. Śvaphalka se casou com a filha do rei de Kāśī. Ela era uma dama louvável (não criticável) chamada Gāndinī. Todos os dias ela doava uma vaca para um brâmane[8].

106-108. É dito que ela permaneceu no útero da mãe dela por muitas centenas de anos. Ela não saía. O pai disse a ela enquanto ela estava no útero, "Nasça depressa. Felicidades para você. Por que você fica aí?" Permanecendo no útero a menina disse, "Eu nascerei se uma vaca for doada todos os dias. Ó pai, você deseja isso?" O pai disse, "Assim seja" e cumpriu o desejo dela.

109. Akrūra é lembrado como o filho dela. Ele era munificente, um realizador de Yajñas, instruído, heróico e gostava muito de convidados. O próprio Śvaphalka era muito generoso ao dar Daksinā.

110-111. Śvaphalka teve outros filhos também - Upamañgu, Mañgu, Mrdura, Arimejaya, Giriraksa, Yaksa, Śatrughna, Arimardana, Dharmabhrt, Śrstacaya, Vargamoca, Avāha e Prativāha. Ele teve um bela filha Vasudevā também.

112. Akrūra gerou de Ugrasenī dois filhos que encantaram a família. Eles eram Deva e Anupadeva. Eles eram iguais aos Devas.

113-114. Os filhos de Citraka eram: Prthu, Viprthu, Aśvagriva, Aśvabāhu, Suparśvaka, Gavesana, Aristanemi, Aśva, Suvarmā, Varmabhrt, Garmabhrt, Abhūmi e Bahubhūmi. Śravisdiā e Śravanā eram as duas (filhas).

---

8 Uma etimologia popular do nome 'Gāndini'.

115. A filha do (rei de) Kāśī teve quatro filhos com Satyaka, isto é, Kakuda, Bhajamāna, Śamīka e Balabharhis.

116. Vrsti era o filho de Kakuda. O filho de Vrsti era Kapotaromā e o filho dele era Revata.

117. Seu filho era um estudioso e um amigo de Tumburu. Ele é famoso pelo nome Candanodakadundubhi[9].

118-119. O filho dele era Abhijit e seu filho era Punarvasu. O homem excelente (rei) tinha realizado um sacrifício de cavalo por causa de um filho. No decorrer daquele sacrifício, enquanto os ritos de Atirātra estavam sendo executados, ele nasceu no meio da assembléia. Então Punarvasu se tornou um estudioso, doador, e realizador virtuosos de Yajñas.

120. Ele teve filhos gêmeos - Ahuka[10] e Ahukī, ambos os quais eram os mais notáveis entre os inteligentes. Dizem que Ahuka era invencível, graças aos seus braços e setas (poderosos).

121-123. Sobre Ahuka os versos seguintes são citados: "Ele tinha dez mil carruagens de guerra totalmente equipadas com aljavas, requisitos marciais, bandeiras e hastes, ribombando como nuvens. Ninguém (na família dele) era um falador de mentira, não realizador de Yajñas ou não doador de milhares (como Daksinā). Ninguém era impuro ou injusto. Ninguém era inculto ou emaciado." Nós temos ouvido que Dhrti era o filho de Ahuka.

124-126. (Parcialmente defeituoso.) Com sua comitiva de uniforme branco, o rei, que era como Ahuka, marchou para a direção oriental expondo (acompanhado por) um milhão e oitenta cavalos jovens (cavalaria). Ele superou os vinte e um mil elefantes de Bhoja, as cordas dos quais (elefantes) eram feitas (de arames?) de ouro e prata. Um número igual de milhares (de elefantes) de Bhoja (foram postados) no norte. (Os sinos daqueles elefantes) faziam um som tilintante.

127. Ahuka deu sua irmã Ahukī para Ahukāndha. Uma filha e dois filhos nasceram para Ahukāndha[11].

128. Os filhos eram Devaka e Ugrasena. Ambos eram brilhantes como se nascidos de útero divino. Filhos heróicos comparáveis aos Devas nasceram de Devaka.

129. Eles eram Devānārhdeva, Sudeva e Devarañjita. As irmãs deles eram sete as quais ele deu para Vasudeva.

130-131. Elas (as irmãs) eram Vrkadevā, Upadevā, Devaraksitā, Śrīdevā, Śāntidevā, Mahādevā e Devakī que era a sétima. Ela era muito bonita de se olhar. Ugrasena teve nove filhos, o mais velho dos quais era Kamsa.

132. Os outros eram Nyagrodha, Sunāma, Kadvaśañku, Bhūmaya, Sutanu, Rāstrapāla, Yuddhatusta e Supustimān.

133. As irmãs deles eram cinco: Karmavatī, Dharmavatī, Śatāñku, Rāstrapālā e a dama graciosa Kahvā.

134. Ugrasena, que nasceu de família Kukura e teve um grande número de filhos, era famoso. Um homem que conserva na memória essa linhagem de Kukuras de esplendor imensurável fará sua própria linhagem vasta e será dotado de filhos.

135. Os filhos de Bhajamāna eram Rathimukhya, Vidūratha, Rājyādhideva, Śūra e Vidura.

136-138. Os filhos de Śūra eram muito poderosos. Eles eram Vāta, Nivāta, Śonita, Śvetavāhana, Śamī, Gadavarmā, Nidāta, Śakra e Śakrajit. O filho de Śamī era

---

9 *Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 150 registra 'Nandanodaka-dundubhi' como o nome dele. Seu outro nome 'Andhaka' não está registrado lá.

10 De acordo com a genealogia em *Ancient Indian Historical Traditions,* pág. 105, Ahuka é o filho de Punarvasu.

11 Essa parece ser uma afirmação errada. Ahuka deu sua irmã (para o príncipe de Avanti). Ahuka se casou com a princesa de Kāśī. Dela ele teve dois filhos, Devaka e Ugrasena. O *Brahmānda P*. 3.3.71.128 afirma isso claramente. Veja *Ancient Indian Historical Traditions,* pág. 105.

Pratiksipta e o filho dele era Svayambhoja. Hrdika nasceu de Svayambhoja. Os dez filhos de Hrdika eram todos de façanhas terríveis.

139-**140**. Krtavarmā era o primogênito e Śatadhanvā era o do meio. Os outros filhos eram Devārha (Devabāhu no *Brahmānda P*.), Vanārha, Bhisak, Dvaitaratha, Sudānta, Dhiyānta, Nakavān e Kanakodbhava. Um filho sábio Kamalabarhisa nasceu para Devārha.

141. Os filhos dele eram Asamaujas e o famoso Susamaujas. Krsna deu Sudamstra e Surūpa[12] (como filhos em adoção) para Asamaujas para quem nenhum filho nasceu (*ajātaputrāya*). Assim os Andhakas foram descritos.

142. Não há dúvida que aquele que glorifica diariamente essa linhagem de Andhakas ganha uma família extensa para ele mesmo.

143. Śūra gerou Devamānusi de Asmakī. Śūra gerou de Māsī (Mārisī no *Brahmānda P*.) (o filho) Devamīdhusa.

144. Dez homens (isto é, filhos) nasceram de Bhāsī (Mārisī no *Brahmānda P*.), a filha de Bhoja, e Śūra. Vasudeva de braços fortes era o primogênito. Ele era originalmente conhecido como Anakadundubhi.

145-**146**. Assim que ele nasceu, *Dundubhi* (tambor divino) soou no céu. Um som alto de *ānakas* (tambores militares) ergueu-se no céu. Uma chuva pesada de flores caiu na casa de Śūra. No mundo humano inteiro não havia alguém igual a ele em feições belas[13].

147-**149**. A fama de Vasudeva, que era o mais notável dos homens, era tão brilhante quanto aquela da lua. Os outros filhos eram Devabhāga, Devaśravas, Anādrsti, Kada, Nandana, Bhrftjina, Śyāma, Śamīka, e Gandūsa. Quatro filhas, todas damas excelentes, também nasceram, a saber, Prthā, Śrutavedā, Śrutakīrti e Śrutaśravā. Havia outra (filha) Rājādhidevī. Todas essas cinco se tornaram mães de filhos heróicos.

150-**151**. Kunti da família Bhoja adotou Pṛthā como sua filha. Pāndu se casou com ela. Śūra a tinha dado em adoção para o idoso Kuntibhoja porque ele não tinha filhos. Por isso Pṛthā veio a ser conhecida como Kuntī e filha de Kuntibhoja. Pāndu, o chefe dos Kurus, um grande herói, a tomou como sua esposa.

152. Pṛthā deu à luz três filhos que eram brilhantes como fogo. Eles eram heróis com ninguém para igualá-los no mundo inteiro. Eles eram iguais a Indra em bravura.

153. Pṛthā deu à luz Yudhisthira de Dharma, a Bhīma (Vrikodara) de Maruta e a Arjuna (Dhanañjaya) de Indra.

154. É sabido que Nakula e Sahadeva nasceram de Mādravatī. Ambos eram dotados de feições belas e força inerente e qualidades boas.

155. O senhor poderoso e heróico de Karūsa, chamado Dantavaktra, nasceu de Śrutadevā como o filho de Vrddhaśarman.

156-**158**. Santardana nasceu de Śrutakīrti, a esposa do príncipe de Kekaya. Cekitanā e Brhatksatra eram os outros dois (filhos) poderosos. Os irmãos Vinda e Anuvinda, que eram muito fortes, nasceram do rei de Avanti (?) como filhos de Rājādhidevī. O rei de Cedi[14], Śiśupāla, nasceu de Śrutaravā como o filho do rei religioso Damaghosa. A coragem dele é bem conhecida. Ele era antigamente aquele de dez pescoços (Rāvana), o matador de inimigos.

---

[12] Sucandra e Vasurūpa de acordo com o *Brahmānda P*. v. 143.

[13] A beleza incomparável de Vasudeva é registrada em obras Jaina também. De acordo com registros Jaina, Vasudeva foi banido por seu pai, porque queixas foram apresentadas a ele por cidadãos de Mathura sobre o efeito sedutor da beleza dele nas mulheres deles. Um trabalho Prakrit chamado *Vasudeva-Hindi* (aproximadamente 600 D.C.) faz de Vasudeva um herói cujas andanças eram uma campanha de casamento. A obra, entretanto, é uma versão Prakrit do *Brhat-Kathā* de Gunādhya [no idioma] Paiśāci, embora aqui o herói seja Vasudeva em vez de Naravāhanadatta.

[14] Bundelkhanda e o território adjacente das antigas Províncias Centrais (agora Cedi inteiro está incluído no novo Madhya Pradesh).

159-161. Yaduśravā e Rujakanya eram os irmãos mais novos dele. Vasudeva teve treze senhoras excelentes como esposas. Delas Pauravī, Rohinī, Madirā, Aparā, Bhadrā, Vaiśākhī e Devakī a sétima (eram as rainhas principais). Duas damas assistentes, Sugandhi e Vanaraji, e duas outras (também se casaram com ele). Rohinī e Pauravī eram as filhas de Vālmīka[15].

162-163. A dama abençoada, a esposa mais velha de Ānakadundubhi, Rohinī, deu à luz oito filhos. O filho primogênito era Rāma. Os outros eram Sārana, Niśava, Durdama, Damana, Śubhra, Pindaraka e Kuśītaka. Ela teve uma filha chamada Citrā.

164-165. Os netos dele nascidos para Rāma eram famosos como Niśīta e Utsuka. Rāma teve outros filhos também: Pārśvī, Pārśvanandī, Śiśu, Satyadhrti, Mandabāhya, Rāmāna, Girika, Gira, Śuklagulma, Gulma e Daridrāntaka.

166-171. Sārana teve cinco filhas que nasceram antes desses. Elas eram Arcismatī, Sunandā, Surasā, Suvacā e Śatabalā. Os seguintes são lembrados como os filhos e netos de Rohinī: Bhadrāśva, Bhadragupti, Bhadravighna, Bhadrabāhu, Bhadraratha, Bhadrakalpa, Supārśvaka, Kīrtimān, Rohitāśva, Bhadraja, Durmada e Abhibhūta.

Os filhos e filhas de Madirā eram: Nanda, Upananda, Mitra, Kuksimitra, Acala, Sthita (?), Pusti e Sudeva (filhos) e Citrā e Upacitrā (filhas).

Upabimba, Bimba, Sattvadanta e Mahaujas, esses quatro eram os filhos poderosos e famosos de Bhadrā.

172-173. Śauri (isto é, Vasudeva) gerou o filho excelente Kauśika de Vaiśākhī. Ele gerou seis filhos de Devakī. Eles eram: Susena, Kirtimān, Tadaya (Udarsji no *Brahmānda P.*), Bhadrasena, Yajudāya o quinto, e Bhadravit o sexto. Kamsa matou todos eles.

174. Sob essas circunstâncias Visnu, o senhor dos mundos, senhor dos súditos, nasceu como o longevo Krsna.

175. Depois dele nasceu Subhadrā que costumava falar de modo agradável. Ela também era conhecida como Krsnā. Essa moça da família dos Vrsnis chamada Subhadrā ficou famosa como Krsnā.

176. O heróico Abhimanyu nasceu de Subhadrā e Pārtha (Arjuna). Ouçam e conheçam os nomes dos outros filhos heróicos nascidos de Vasudeva e suas sete esposas muito afortunadas.

177-178. O filho heróico Bhayāsakha nasceu de Sahadevā. Śārhgadevā deu à luz Tambu. Śauri (assim) gerou um filho que fez a família se distinguir. Mais quatro filhos dele, isto é, Upasañga, Vasu, Deva e Raksita foram mortos por Kamsa. Assim ele teve dez filhos. Kamsa matou todos eles.

179. Upadevā deu nascimento a todos estes filhos abençoados: Vijaya, Rocana e Vardhamāna. (O *Brahmānda P.* acrescenta Devala.)

180. Vrkadevī deu à luz Svagāhava de alma nobre. (Essa senhora era conhecida por estes nomes também:) Agāhī, Svasā, Śiśirāyinī e Surūpā.

181. Devakī de nariz bonito deu nascimento a Bhū (Śrī-krsna ?) como seu sétimo filho. (Depois) ela deu à luz o abençoado Gavesana, que podia lutar extraordinariamente em batalha de diversas maneiras.

182. Śauri (Vasudeva) gerou de Śaibyā o filho imutável (econômico ?) (Kauśika aliás Srāddhadeva) que implantou uma floresta antigamente, ó brâmanes.

183. Sugandhi e Vanarāji (as criadas mencionadas antes) também eram as esposas de Śauri. Pundra e Kapila eram filhos de Vasudeva nascidos de Sugandhi (*Brahmānda P.* v. 186). Deles Pundra se tornou um rei e Kapila foi para a floresta.

184. Da outra senhora (Vanarajī) Vasudeva teve outro filho poderoso que era um principal manejador de arco. Ele era um rei chamado Nisāda.

185. Mahābhāga era o filho famoso de Devarāta. O filho nascido de Devaśravas é citado como alguém honrado por estudiosos.

---

[15] 'As irmãs mais novas de Bāhlika' conforme o *Brahmānda P.* v. 163.

186. Nivarta gerou de Aśmakī os filhos Anādrsti de grande fama, Śrāddhadeva de grande força e Śakraśatrughna.

187. (Verso defeituoso.)[16] Śrādhadeva era bem conhecido como o fundador do reino Nisadha (Nisāda) (?). Ekalavya de grande coragem foi criado e educado por Nisādas (tribos de caçadores).

188. Com prazer Krsna deu seus filhos Cārudesna e Sāmba, que tinham todas as características louváveis e que tinham aprendido o uso de armas miraculosas, para Gandūsa, que não tinha filhos.

189. Tantija e Tantimāla eram os próprios filhos de Kanaka. Vasudeva de grande coragem os deu a Vastāvani que não tinha filhos. Sauti deu seus filhos heróicos Śauri e Kauśika para ele.

190. (Outros membros dessa família eram) Tapas, Krodhanu, Virajas, Syāma e Srñjima. Śyāma não tinha filhos e ele foi para a floresta. Ele tratou desdenhosamente sua posição como um membro do clã Bhoja. Ele assegurou sua posição como um Rājarsi (um sábio nobre).

191. Aquele que lê essa história do nascimento de Krsna depois cumprir ritos regularmente, e também a narra para brâmanes, obterá grande felicidade.

192. O senhor Nārāyana de grande esplendor, senhor dos Devas, o senhor de súditos (Prajāpati) nasceu antigamente entre os homens por passatempo.

193. O senhor de olhos de loto nasceu de Devakī e Vasudeva, graças à penitência deles. Deve ser conhecido que ele tinha forma divina com quatro braços. Ele era dotado de glória.

194. Mesmo depois de se tornar o filho de Aditi (Devakī), o alegrador (ou descendente) do clã Yādava (Krsna) é famoso como o deus Visnu, o irmão mais novo de Indra.

195. Embora Nārāyana tenha tomado nascimento, ele ainda é *Avyaya* (o imutável). O Senhor Nārāyana ainda é eterno mesmo depois de se tornar Hari.

196. Foi ele quem criou o ser primordial Prajāpati antigamente. Mesmo depois de se tornar o filho de Aditi (Devakī) o alegrador (ou descendente) do clã Yādava (Krsna) é famoso como o deus Visnu, o irmão mais novo de Indra.

197. Foi ele que abençoou Aditi com sua graça e nasceu como filho dela com o propósito de matar Daityas, Dānavas e Rāksasas, os inimigos dos Suras.

198. A família do inteligente Vasudeva, nascida da linhagem de Yayāti, certamente se tornou meritória e santa porque o Senhor Nārāyana recorreu a ela.

199. Enquanto Janardana estava nascendo, os oceanos estremeceram, as montanhas tremeram e os fogos sacrificais se inflamaram.

200. Enquanto Janardana nascia, os ventos sopravam auspiciosamente. Toda a poeira baixou. Todos os corpos luminosos resplandeciam mais brilhantemente.

201. O asterismo no dia quando Janardana nasceu se chamava Abhijit. A noite se chamava Jayantī (a 8º da metade escura de Śrāvana com a constelação Rohinī nascendo à meia-noite). E o Muhūrta (o período específico na hora do nascimento dele) se chamava Vijaya.

202. O imanifesto, eterno senhor Hari, Nārāyana, Krsna, fascinou as pessoas com os olhos dele quando ele nasceu.

203. O senhor dos Devas (Indra) derramou flores do firmamento. Louvando Madhusūdana (Krsna) com palavras auspiciosas milhares de grandes sábios e Gandharvas ofereceram oração a ele.

204. Vasudeva viu o senhor Adhoksaja (cuja forma está além do alcance dos órgãos dos sentidos físicos), nascido à noite como filho dele dotado do cacho característico de cabelo chamado Śrivatsa e acompanhado por vários sinais divinos no céu.

---

[16] O *Brahmānda P*. v. 190 apresenta uma leitura melhor e quer dizer; 'Ekalavya, o filho altamente afortunado, nasceu para Śrāddhadeva. Ele foi criado por Nisādas (uma tribo de floresta) e assim ele era bem conhecido como Naisādi.'

Vasudeva pediu depois disso: "Ó senhor, recolha sua forma.

205. Eu digo isso, ó querido, porque eu tenho muito medo de Kamsa. Meus filhos, seus irmãos mais velhos, tinham aparência muito extraordinária, mas foram mortos por ele."

206. Ao ouvir as palavras de Vasudeva, o senhor retirou sua forma. Permitido por ele (o senhor), o pai o levou para o domicílio de Nandagopa. Aceitando a sugestão de Ugrasena[17], ele deu (a criança) para Yaśodā então.

207. Yaśodā e Devakī tinham estado grávidas ao mesmo tempo. Yaśodā era a esposa de Nandagopa, o Senhor do (rebanho de) vacas.

208. Yaśodā tinha dado à luz uma filha na mesma noite em que Krsna nasceu como o senhor da tribo de Vrsni.

209. Protegendo o filho nascido para ele, Vasudeva de grande fama o entregou para Yaśodā e levou a filha com ele.

210. Entregando-o para Nandagopa, (Vasudeva) disse, "Salve-me. Esse seu filho (adotado) será o concessor de toda a felicidade para os Yādavas. Esse é aquele (longamente esperado) de Devakī. Ele acabará com toda a nossa dor e miséria."

211. Ānakadundubhi levou aquela menina para o filho de Ugrasena (isto é, Kamsa) e o informou: "Esta é a menina de características auspiciosas."

212. Kamsa não sabia (até então) que uma criança tinha nascido para a irmã dele. Ele de mente má ficou satisfeito e poupou aquela menina.

213. O tolo murmurou consigo mesmo: "Se é uma menina ela já está morta!" Aquela filha cresceu bem respeitada na residência de Vrsnis.

214-215. (Defeituoso.) Assim como deuses criam deuses[18], eles a protegeram como um filho. Eles disseram que uma filha tinha nascido propriamente, (a deusa) Ekādaśā nascida para a proteção de Keśava. Com mentes encantadas todos os Yadavas a adorarão. Krsna, o senhor dos Devas, de forma física divina é bem protegido bem por ela."

Os sábios disseram:

216. Por que Kamsa, o rei da família Bhoja, matou os filhos de Vasudeva mesmo quando eles eram (meras) crianças? Cabe a você explicar isso para nós.

Sūta disse:

217-218. Ouçam por que o tolo Kamsa matou os filhos recém nascidos de Anakadundubhi (Vasudeva) imediatamente depois do nascimento deles. (Eu explicarei) como, por medo, Krsna de braços fortes foi levado para outro lugar imediatamente depois do nascimento e como Govinda, (embora) a pessoa suprema, foi criado entre as vacas.

219. É informado que Kamsa, então o príncipe coroado, agiu como um quadrigário do tranquilo Vasudeva junto com Devakī (no casamento deles).

220. Então lá surgiu no céu uma voz divina de alguma pessoa incompreensível. Ela era distintamente alta e clara e foi testemunhada por todas as pessoas. Assim Kamsa permaneceu apavorado perpetuamente (por toda a vida dele).

221. "Ó Kamsa, o sétimo (?) filho dessa senhora a quem você conduz em sua carruagem por afeição, será a causa da sua morte."

222. Ao ouvir aquela voz (aérea), o tolo Kamsa ficou angustiado. Desembainhando sua espada, ele evidenciou seu desejo de matá-la.

223. O corajoso Vasudeva de braços fortes falou para Kamsa, o filho de Ugrasena, por amizade e afeição.

224-228. "Não cabe a algum ksatriya matar uma mulher em qualquer momento. Ó descendente da família de Yadus, eu vejo uma saída nessa questão. Ó rei, eu

---

17 'colega de Ugrasena' no texto está confuso. O *Brahmānda P*. v. 212 lê "vaqueiro (que estava permanecendo) na casa de Ugrasena."

18 [Esse primeiro trecho] é irrelevante para o contexto. Ele apresenta sentido coerente se corrigido conforme o *Brahmānda P*. 3.3-72, 220, como segue: 'Então a deusa [a dama gentil] (Devakī) criou alegremente a deusa (Ekādaśā) como seu (próprio) filho.'

entregarei para você o sétimo filho que nascerá dela. Você poderá fazer tudo o que você julgar conveniente então. Mesmo agora, ó generoso em dar Daksinā, você pode fazer como você deseja[19]. Eu (até) prometo que eu darei a você todos os filhos dela. Ó homem excelente, essa promessa nunca será falsificada". Assim implorado e propiciado, Kamsa (concordou com a proposta de) se apoderar de todos os filhos. Vasudeva se alegrou por ter recuperando sua esposa (viva). Assim Kamsa, o homem tolo de atos pecaminosos, seguiu matando os filhos (um depois do outro).

Os sábios disseram:

229. Quem é esse Vasudeva que gerou Visnu? Que é essa Devakī, a senhora de renome, que deu à luz Visnu? Que é esse Nandagopa e quem é essa senhora famosa Yaśodā, que o criou?

Sūta disse:

230. Todos os homens (da linhagem de Yadu) eram encarnações de Kāśyapa e todas as mulheres de Aditi[20]. O senhor de braços fortes (assim) realizou os desejos de Devakī.

231. O senhor entrou em um corpo humano e se moveu sobre a terra. Por meio de seu Māyā yóguico o senhor de alma yóguica ensandeceu todos os seres vivos.

232. Quando Dharma diminuiu, o próprio Visnu encarnou na tribo dos Vrsnis para restabelecer Dharma e aniquilar Asuras.

233-**234**. Ele se casou com a moça Rukminī, Satyā a filha de Nagnajit, Satyabhāmā a filha de Satrājit, Jāmbavatī, Rohinī, Śaibyā, Sudevī, Mādrī, Suśīlā, Kālindī, Mitravindā, Laksmana, Jālavāsinī e outras.

235. Assim ele teve dezesseis mil esposas. Depois de consultar os Devas, Śakra tinha enviado para a terra as mais excelentes entre as donzelas celestiais, das quais é dito que há quatorze grupos.

236. Para se tornarem as esposas de Vāsudeva, elas nasceram em palácios reais. Essas eram as damas abençoadas famosas como as esposas de Visyaksena.

237-**240**. Pradyumna, Cārudesna, Sudesna, Śarabha, Cāru, Cārubhadra, Bhadracāru, e Cāruvindhya eram os filhos de Rukminī. Ela teve uma filha, Cārumatī.

Sānu, Bhānu, Aksa, Rohita, Mantraya, Jarāndhaka, Tāmravaksas, Bhaumari e Jarandhama eram os filhos do senhor de bandeira de Garuda (Krsna) e Satyabhāmā. Eles tiveram quatro irmãs, isto é, Bhānu, Bhaumarikā, Tāmraparnī e Jarandhama. Agora ouçam os filhos de Jāmbavatī.

241. Bhadra, Bhadragupta, Bhadravindra e o famoso Saptabāhu eram os filhos; Bhadrāvatī e a famosa Sambodhanī eram as filhas. Esses devem ser conhecidos como os filhos de Jāmbavatī.

242. Sañgrāmajit, Śatajit, e Sahasrajit são glorificados como os filhos de Sudevī e Visvaksena (isto é, Krsna).

243. Vrka, Vrkāśva, Vrkajit, Mitrabāhu e Sunītha eram os filhos. Vrjinī e Surañganā[21] eram as filhas. Esses eram os filhos da filha de Nagnajit (isto é, Satyā).

244. Assim saibam que ele teve milhares de filhos. (Alguns dizem) que Vāsudeva teve centenas de milhares de filhos.

245. Dez mil e oito deles (ou oitenta mil deles) eram heróicos e peritos em combate. A família de Janārdana foi descrita para vocês de fato.

---

[19] Essas palavras no texto são absurdas porque elas significariam livre permissão para Kamsa matar Devakī. Elas precisam de correção como no *Brahmānda P*. v. 233: "não se comporte agora do modo que você deseja." Vasudeva queria salvar a vida de Devakī, e por isso pediu a Kamsa para não matá-la.

[20] Essa é uma declaração singular. O *Brahmānda P*. v. 238 afirma que Vasudeva e Devakī eram Kāśyapa e Aditi na vida anterior deles. O nosso texto não responde quem eram Nandagopa e Yaśodā, mas o *Brahmānda P*. v. 239 informa que Nanda era um Vasu chamado Drona, e Yaśodā era sua esposa Dharā. O *Bhāgavata P*. X.8.48.51 confirma isso.

[21] A leitura *varāñganā* no *Brahmānda P.* v. 252 implica que a excelentemente bela Vrjinī era a única filha de Satyā.

246. Brhatī (também conhecida como) Nartakonneyī foi unida (em matrimônio) com Sunaya. Ela era a filha de Brhaduktha, o descendente de alma nobre da família de Śuni (Śauneya).

247. Os filhos dela eram três em número. Eles eram bem conhecidos como magnificamente brilhantes em guerra, a saber: Añgada, Kumuda e Śveta. Ela teve uma filha também chamada Śvetā.

248. Avagāha[22], Citra e o heróico Citravara (eram membros famosos da tribo Vrsni). O filho de Gitravara era Citrasena e a filha dele era Citravatī.

249. Tumba e Tumbabāna eram os dois filhos de Janastamba. Vajrāra e Ksipra são lembrados como sendo os filhos de Upāñga.

250. Bhūrīndrasena e Bhūri eram os dois filhos de Gavesa. A filha de Yudhisthira, Sutanu, era famosa.

251. O filho famoso de Aśva chamado Vajra nasceu dela. O filho de Vajra era Pratibāhu e Sucāru era o filho dele.

252. Kāśmā deu à luz o filho Supārśva e Sāmbā para Tarasvin. Os filhos dos Yādavas de alma nobre eram três crores.

253. Seis milhões deles eram extremamente corajosos e muito fortes. Todos aqueles homens de grande destreza nasceram das partes de Devas.

254. Eles nasceram na família dos Yādavas para exterminar os Asuras de grande penitência, que tinham nascido entre os seres humanos nesse mundo e os estavam atormentando. Aqueles Asuras tinham sido mortos nas batalhas entre Devas e Asuras.

255. Havia onze famílias distintas dos Yādavas de alma nobre. Mas na família de Visnu (isto é, Krsna) todas elas se fundiram como se em uma família.

256. Visnu era sua autoridade e o líder para eles. Todos eles, todos os seres humanos[23], obedeciam as ordens dele e cumpriam suas orientações.

257. Assim a progênie dos Vrsnis foi glorificada sucintamente e em detalhes. A glorificação desses concede fama e realização de desejos nutridos.

---

[22] O *Brahmānda P*. v. 257 lê *Avagāhasya* e indica Citra, Śura e Citravara como filhos dele.

[23] O texto é um pouco obscuro. Se *'sarva-mānusāh'* na 2ª linha for corrigido como *'sura-manusāh'* (como no *Brahmānda P*. v. 262) isso significa: 'suras e seres humanos são obrigados por aqueles que cumprem as ordens dele (de Krsna).'

Capítulo 35[1]: Guerras entre Suras e Asuras; Bhrgu amaldiçoa Visnu; O Louvor de Śambhu por Śukra

1-3. Conheçam os Devas que assumiram natureza humana e nasceram conforme eles vão sendo glorificados. Samkarsana, Vāsudeva, Pradyumna, Sāmba e Aniruddha - esses cinco são glorificados como a tribo[2] (dos Vrsnis).

Os Sete Sábios, Kubera, o Yaksa Manivara, Salaki, Badara, o sábio Dhanvantari, Nandin Mahādeva (?), Śālañkāyana, Jisnu (Visnu no *Brahmānda P*.), o deus primordial junto com esses seres divinos (está sendo descrito).

Os sábios disseram:

4. Por que Visnu encarnou? Quantas encarnações são lembradas? Quantas são as manifestações futuras da grande alma?

5. Por que ele nasce em famílias brâmanes e ksatriyas nos períodos finais dos Yugas? Por que ele encarna repetidas vezes entre os seres humanos? Por favor explique para nós que (estando curiosos para saber) perguntamos para você.

6. Nós desejamos ouvir completamente e em detalhes todas as atividades do inteligente Krsna, o matador de inimigos em diferentes corpos (encarnações).

7. Ó Sūta, ó senhor santo, cabe a você narrar na ordem correta as várias atividades dele, as diferentes manifestações, como também a natureza dele para nós.

8. Como aquele senhor Visnu (bem-renomado) entre os Suras como o matador dos inimigos deles, adotou a condição de ser o filho de Vasudeva, na família dele?

9. Ó Sūta, qual ato meritório (especial) foi executado pelos Devas imortais, que invariavelmente fazem ações meritórias, como resultado do qual (o senhor) deixou a região dos Devas e veio para o mundo dos mortais?

10. Por que o líder dos Devas e seres humanos, Hari, a fonte de origem dos mundos Bhūh e Bhuvah, instalou sua alma divina em um útero humano?

11. É ele que faz os ciclos mentais dos seres humanos girarem e funcionarem. Ele é o principal entre os manejadores de disco. Por que ele decidiu nascer entre seres humanos?

12. É ele que fornece proteção para todos os mundos e o universo inteiro. Por que aquele senhor Visnu desceu à terra e imitou um vaqueiro (comum)?

13. Ele é o Atman de todos os seres vivos. Ele criou e sustentou todos os grandes Bhūtas (elementos). Ele é o *Srigarbha* (que tem glória e esplendor dentro dele). Como ele foi mantido no útero por uma mulher da terra?

14. Foi ele que mediu os três mundos em três passos a pedido dos Devas. Foi por ele que os três caminhos dos mundos consistindo nos três *Vargas* (isto é, Dharma, Kama e Artha?) foram formulados.

15. Na hora da dissolução do universo ele assumiu a forma que consiste em águas e bebeu o universo inteiro. Ele fez do mundo inteiro um vasto lençol de água pelo caminhos visíveis e invisíveis.

16. Nos Purānas ele é (louvado como) *Purānātmā* (a alma antiga). Ele assumiu a forma física de um Javali. Ele é o mais excelente dos Suras que resgatou a terra e a entregou aos Suras.

17. Hiranyakaśipu, um demônio de outrora, que possuía grande coragem, foi morto por ele que assumiu um corpo leonino dividido em dois (como metade homem, metade leão).

---

[1] Este capítulo corresponde ao *Brahmānda P*. 3.3.72; as referências são aos números dos versos daquele capítulo.

[2] A lista mostra a influência da escola Pañcarātra naquele período.

18. Antigamente, o senhor onipresente se tornou o fogo Aurva (também chamado de) fogo Samvartaka (fogo da dissolução), e se posicionou nos mundos inferiores dentro do oceano. Ele bebeu *Havis* (oferendas sacrificais) na forma de água.

19. É ele a quem eles (os sábios) chamam em todo Yuga como o senhor com mil pés, mil raios, o senhor que tem milhares (de formas), e mil cabeças.

20. Quando o mundo inteiro era um vasto lençol de água, o domicílio do deus Brahma (*Pitāmaha*) saiu do umbigo dele como fogo sai do Arani. Ele (o domicílio) era um *Pañkaja* (um loto, mas literalmente 'alguém nascido da lama'), mas que não nasceu de qualquer *Pañka* (lama).

21. Foi por ele que Daityas foram mortos na batalha de Tārakāmaya[3] depois de adotar um corpo composto de todos (os espíritos de) Devas e segurando todas as armas.

22. O arrogante Kālanemi foi derrotado e derrubado por ele (o senhor) sentado nas costas de Garuda. Recorrendo ao seu poder yóguico eterno e envolvendo (tudo) em escuridão densa, ele se reclina (em seu leito de serpente) na parte norte do oceano de leite, o oceano que produziu néctar. Ele (repele) a grande escuridão (da ignorância).

23. (Verso defeituoso.) Graças à intensidade da penitência dela, antigamente Aditi o manteve no útero como Arani (mantendo fogo dentro dele). Quando Indra estava cercado pelas hostes de Daityas, foi ele que o salvou repelindo-os desdenhosamente do útero?

24. Quando o deus do vento[4] (?) privou (os Daityas) da posse deles (de todas as posições) no mundo e fez os Daityas permanecem submersos em águas, o Senhor primordial fez dos Devas os residentes do céu e fez de Indra (Puruhūta) o Senhor dos Devas.

25-26. Foi o mesmo *Adideva*[5] que formulou o processo de preparar o fogo Ahavanīya por meio dos ritos Gārhapatya e Anvāhārya. Ele criou o altar, a grama Kuśa, a *proksaniya Sruvā* (a concha sacrifical com a qual a oferenda é pega ou água sagrada borrifada) e os materiais para *Avabhrtha* (a ablução final). Ele formulou as regras de selecionar as três pessoas[6] (?) autorizadas a oferecer Havya em um sacrifício.

27. Ele fez dos Suras os participantes de Havyas e dos Pitrs os participantes de Kavyas. Para (ele mesmo) desfrutar por meio do procedimento sacrifical, ele próprio se tornou Yajña, no rito sacrifical.

28-29. Por meio de seu poder supremo, ele criou e fez resplandecente o material requerido para sacrifícios como *Yūpas* (postes sacrificais), *Samits* (ramos sagrados), *Sruvā* (conchas sagradas), *Soma* (a trepadeira ou seu suco chamado soma), *Pavitra* (o anel sagrado especial de grama Kuśa), *Paridhi* (os ramos sagrados de Palāśa etc. colocados em volta do fogo sacrifical), os fogos sacrificais, *sadasyas* (membros da assembléia sacrifical), *Yajamānas* (os realizadores de sacrifícios) e sacrifícios excelentes como sacrifício de cavalo e outros.

30-31. Depois de criar os três mundos em ordem de acordo com os Yugas, ele fez todas as coisas seguintes: (Medidas de Tempo como) *Ksanas* (momentos), *Nimesas*, *Kāsthās*, *Kalās*, e todos os três períodos de tempo (passado, presente, e futuro), períodos de tempo tais como *Muhūrtas* (períodos de 48 minutos cada), *Tithis* (dias da quinzena lunar), meses, dias, anos, estações, vários *yogas* específicos de tempo, os três tipos de *Pramānas* (meios de conhecimento válido) etc.

---

[3] A batalha que ocorreu depois do sequestro de Tārā por Soma.

[4] Os Purānas não atribuem esse feito ao deus do vento. A leitura do *Brahmānda P*. 3.3.72.23 significa: 'Ele fez as regiões do mundo como as residências das pessoas.'

[5] Os versos 25-29 dão a Visnu o crédito de fundar a instituição de sacrifício.

[6] A leitura *'atha Irīn iha yaicakre'* (traduzida aqui como 'selecionando três pessoas') está errada. O *Brahmānda P*. 3.3.72.26 lê '*atharsin ScaivayaScakre*' 'então ele criou sábios' (para participação em sacrifícios).

32-34. Ele criou o período de vida, *Ksetras* (? campos), crescimento, características, beleza de forma, intelecto, riqueza, heroísmo, a habilidade para compreender o conhecimento sagrado, as três castas, os três *Vidyās* (Conhecimentos), os três fogos, os três períodos de tempo, os três ritos, os três *Māyās*[7] e os três Gunas (Sattva, Rajas e Tamas). Foi por seu poder infinito (de criação) que ele criou os mundos, deuses. Todos os Bhūtas e Ganas foram criados por ele que é o *Ātman* (alma) deles todos (seres vivos e Bhūta Ganas).

35. Ele se diverte nos órgãos dos sentidos dos homens por meio de seu poder yóguico. Ele é o senhor de diversas coisas. Ele está presente em todos os lugares. Ele é o líder de chegadas e partidas (*Gata* e *Āgata*) isto é, de todos os tipos de movimentos.

36. Ele é a meta para aqueles dotados de devoção e virtude, e é inacessível para aqueles de ações pecaminosas. Ele é a fonte de origem do sistema de quatro castas e protetor do mesmo.

37-38. Ele é o conhecedor dos quatro *Vidyās*, isto é, *Ānviksikī*, *Trayi*, *Vārtā* e *Dandaniti*, e o sustentador dos quatro *Āśramas* (fases de vida). Ele é o espaço entre os quadrantes, o céu, a terra, as águas, o fogo, o vento, os quadrantes, os dois corpos luminosos, o sol e a lua. Ele é o senhor dos Yugas e dos viajantes noturnos (Rāksasas ?). Nos Vedas ele é citado como o grande senhor e como a grande penitência.

39. É ele que é maior que penitência; eles o chamam de supremo, o possuidor da grande alma. Ele é o senhor, primeiro entre os Adityas (filhos de Aditi). Ele é o senhor, o destruidor dos Daityas.

40. No fim dos Yugas, ele é o aniquilador. Ele é o matador dos destruidores dos mundos. Ele é a ponte (ou o limite) de todos os limites dos mundos. Ele é o mais puro entre todos aqueles de ritos puros.

41. Ele é o *Vedya* (alguém que deve ser conhecido) para os estudiosos Védicos; ele é o senhor de todas as pessoas poderosas. Ele é o Soma para todos os seres vivos; ele é o Agni (deus do fogo) para aqueles de esplendor ígneo.

42. Ele é a mente dos homens; ele é a penitência dos ascetas; ele é a modéstia daqueles satisfeitos com boa política e ele é o esplendor dos refulgentes.

43-44. Ele é o *Vigraha* (corpo) de todos os seres encarnados. Ele é a meta daqueles que alcançam sua meta[8].

Vāyu nasce de Akaśa (Éter). Hutāśana (Fogo) tem Vāyu como sua essência vital. Os Devas têm sua essência no fogo e Madhusūdana (Krsna) é a essência vital de Agni.

Rasa (o suco linfático) se torna sangue; carne é desenvolvida a partir do sangue[9].

45-47. A partir da carne a gordura é produzida, osso é desenvolvido da gordura, tutano e medula são desenvolvidos do osso, e o sêmen viril é gerado a partir da medula; o feto é desenvolvido do sêmen pela atividade assimilativa de *Rasa* – fluido corpóreo (ou pela atividade radicada em prazer sexual). A princípio ele está em estado fluido. Isso é chamado de *Saumya Rāśi*. Ele é chamado de o segundo *Rāśi* quando é aquecido pelo calor (temperatura) no útero. O sêmen deve ser conhecido como da natureza de Soma (Lua) e o sangue menstrual como da natureza do fogo.

48. Essas duas secreções (evoluem) seguem *Rasa* (suco linfático). No sêmen (na mistura de sêmen e sangue menstrual) há Soma (Lua) e fogo. O sêmen está incluído na categoria de *Kapha* (humor fleumático) e o sangue menstrual fica sob a categoria de *Pitta* (humor bilioso).

49. O receptáculo de *Kapha* é o coração. *Pitta* está contido no umbigo. O coração no centro do corpo é o lugar da mente.

---

7 Provavelmente *Mātrās* 'unidades de tempo' como no *Brahmānda P*. 3.3.72.32.

8 Ou: 'Ele é a velocidade daqueles que estão em movimento.'

9 Os versos 44b-57 tratam de embriologia com ênfase especial no poder de Visnu.

50. O Senhor Hutāśana (Fogo) está posicionado na cavidade umbilical. A mente deve ser conhecida como Prajāpati (Brahma) e *Kapha* é considerado como Soma (Lua).

51. *Pitta* é considerado como fogo. Consequentemente o universo consiste em Agni e Soma. O feto, se originando dessa maneira, permanece lá como um pedaço de nuvem.

52. Vāyu entra e é unido com a grande alma. Ele é dividido em cinco dentro do corpo e desenvolve (o feto).

53. As cinco divisões são *Prāna, Apāna, Samāna, Udāna* e *Vyāna*. Entre eles *Prāna* se move em volta e desenvolve a grande alma.

54. *Apāna* está situado na metade inferior do corpo. *Udāna* circula na metade superior do corpo. *Vyāna* é chamado assim porque ele penetra o corpo inteiro. *Samāna* está presente em todas as juntas.

55. Depois disso, os cinco elementos, isto é, Terra, Ar, Éter, Água e Fogo o quinto, são obtidos pelo feto. Então ele se torna perceptível pelos órgãos dos sentidos.

56. Todos os órgãos dos sentidos entram naquele (feto) e executam suas respectivas funções. Ele é chamado então de corpo terreno (físico) e o vento é chamado de *Prānātman* (tendo a forma característica de *Prāna*, o ar vital).

57. Os poros do corpo têm o Éter como sua fonte de origem. É do elemento água que a formação líquida (e exsudação) ocorre no corpo. O elemento ígneo entra nos olhos na forma de luar (?). Os grupos de objetos funcionam devido à destreza dele.

Os sábios perguntaram:

58. Como Visnu, o Purusa que cria todos esses e todos os mundos, obteve condição humana no mundo mortal?

59. Ó inteligente, essa é nossa dúvida. Nossa admiração é demasiada. Ele é a última meta daqueles que atingem sua meta (*Moksa*). Como ele veio a assumir o corpo humano?

60. Nós desejamos ouvir falar das façanhas muito extraordinárias de Visnu na ordem apropriada. Visnu é descrito como tal pelos Vedas e Devas.

61. Ó altamente inteligente, por favor nos conte a história da natividade fenomenal de Visnu. Que a narrativa maravilhosa e agradável seja contada detalhadamente.

62. As manifestações da alma nobre de força e coragem reputadas são estupendas. Que o poder inerente de Visnu, que se tornou milagroso por causa de seus atos notáveis, seja narrado por favor.

Sūta disse:

63. Eu glorificarei a manifestação da alma nobre, como aquele senhor de grande penitência nasceu entre os seres humanos.

64. As encarnações dele no mundo humano como resultado da maldição de Bhrgu são setenta e sete em número[10]. Ele encarna nos períodos finais dos Yugas para realizar o propósito dos Devas.

65-66. Escutem e conheçam (os detalhes da) personalidade divina de Visnu, enquanto eu a descrevo. Quando o *Yuga-Dharma* (prática de *Dharma* – virtude – peculiar a um Yuga) é invertido e diminuído e o tempo se torna negligente e inativo, o Senhor encarna para estabilizar retidão (Dharma) nos seres humanos. (Essas encarnações são) devido à maldição de Bhrgu ocasionada (pela luta mútua entre) Devas e Asuras.

Os sábios indagaram:

---

[10] O texto *sapta-sapta-tapaff proktā* não é sustentado pela narrativa subsequente. O *Brahmānda P*. 3.3.72.63 lê: 'devido ao erro dele (de Visnu) de matar a esposa do (sábio) Bhrgu'. Como o episódio é apresentado no verso seguinte a leitura merece adoção.

67. Como ele pode encarnar como resultado da luta mútua entre Devas e Asuras? Nós desejamos saber isso. Como o conflito mútuo entre Devas e Asuras ocorreu?

Sūta respondeu:

68. Escutem e entendam enquanto eu narro isto, o conflito entre Devas e Asuras do modo como aconteceu. Antigamente, Hiranyakaśipu, um Daitya, governava os três mundos[11].

69. Depois disso a soberania sobre os três mundos foi estabelecida hereditariamente por Bali. Havia grande amizade entre Devas e Asuras.

70. Por dez Yugas todos os habitantes do universo se misturaram em conjunto sem qualquer interrupção. Devas e Asuras cumpriam as instruções daqueles dois (Daityas).

71. (Mais tarde) uma disputa terrível, violenta, surgiu entre Devas e Asuras. Ela causou devastação terrível para ambos.

72. Foram lutadas muitas batalhas entre eles por causa de sua respectiva parte no patrimônio[12]. É lembrado que, nesse Varāha Kalpa, doze batalhas terminando com a participação de Sandāmārka (aconteceram).

73. Ouçam-nas enquanto eu as relato sucintamente pelos nomes delas. A primeira guerra é chamada de Nārasimha (aquela causada pelo Homem-Leão). A segunda era Vāmana o ato do Anão (encarnação de Visnu.)

74. A terceira guerra é Vārāha (aquela da encarnação de Javali); a quarta foi na hora do batimento do oceano em busca de néctar. A quinta foi a guerra terrível de Tārakāmaya (após o sequestro de Tārā por Candra).

75. A sexta guerra foi Adibaka e a sétima guerra era lembrada como Traipura (aquela da queima das três cidades). A oitava guerra era Andhakāra e a nona era Dhvaja (Bandeira).

76. A décima guerra deve ser conhecida como Vārta (Vārtra?) (referente a Vrtra); a seguinte é Halāhala. A décima segunda guerra entre eles é lembrada como a terrível Kolāhala.

77. Hiranyakaśipu, um Daitya, foi morto por Narasimha. Bali foi amarrado por Vāmana quando os três mundos foram colhidos (foram medidos pelos passos de Vāmana).

78. Hiranyāksa, que tinha força e coragem muito grandes, e que nunca tinha sido derrotado em guerras, foi morto em um duelo (por Visnu na encarnação dele como o Javali), quando o conflito com os Devas se seguiu.

79. Foi então que a Terra foi erguida sobre sua presa curva pelo Javali (divino). Na época do batimento do oceano em busca de néctar Prahlāda foi derrotado em batalha por Indra.

80. Virocana, o filho de Prahlāda, sempre tentava matar Indra. Na guerra de Tārakāmaya ele foi morto por Indra por meio das façanhas dele.

81. Jambha, que tinha adquirido o benefício de *avadhyatā* (a condição de não ser morto ou imunidade de morte) junto com armas miraculosas especiais, foi morto na sexta guerra por Visnu que entrou no corpo de Śakra.

82. Quando os Devas foram incapazes de proteger a cidade dos três deuses[13] (?) todos os Dānavas junto com (o demônio) Tripura foram mortos pelo deus de três olhos, Śiva.

83-84. Na oitava guerra, Asuras, Rāksasas que eram Andhakārakas (causando cegueira, invisíveis ?) foram derrotados por Devas e seres humanos em aliança com

---

[11] Os versos 68-70 mostram que Asuras e Suras eram clãs de primos que viviam amigavelmente sob Reis Asura também. Veja os vv. 88-92.

[12] Os versos 72-87 descrevem as doze guerras entre Devas e Asuras, que fizeram Visnu encarnar para ajudar os Devas. A lista das encarnações de Visnu é diferente.

[13] *Tri-daivatam* é obscuro porque a cidade chamada Tripura pertencia aos Asuras. O *Brahmānda P.* 3.3.72.81 lê: 'Quando os Devas ficaram incapazes de suportar (a grandeza dos Asusas).'

os Pitrs. Todos aqueles Dānavas bem protegidos foram exterminados completamente por Mahendra ajudado por Visnu.

85-86. Vipracitti de braços fortes começou a lutar com Mahendra se escondendo por meio de seu Māyā. Indra mirou na bandeira dele e o cortou.

Na guerra chamada Kolāhala, Raji estava cercado por todos os Devas. Ele matou todos os Daityas e Dānavas que formaram uma aliança. Por meio do néctar (gerado) de Yajña[14] Sanda e Amārka foram derrotados pelos Devas.

87. Essas doze batalhas ocorreram entre Devas e Asuras resultando em exaustão para os Devas e os Asuras. Elas também provocaram infortúnio para as pessoas.

88. Hiranyakaśipu brilhou como o soberano e rei dos três mundos por cento e sete milhões duzentos e oitenta mil anos.

89. Por sucessão Bali se tornou o rei e ele regeu por cento e três milhões e sessenta mil anos.

90[15]. Prahlāda governou na companhia de Asuras por tantos anos quanto o período da administração de Bali.

91. Esses três eram muito famosos como os Indras dos Asuras. Eles eram muito poderosos. Todos esses mundos estavam sob as ordens de Daityas por um período de dez Yugas.

92. Então o reino inteiro ficou livre de inimigos por um período de dez Yugas. Então os três mundos começaram a ser protegidos por Mahendra sem qualquer mudança.

93-94. Quando o reino dos três mundos (herdado) por Prahlāda foi tirado pela passagem do tempo, quando o reino dos três mundos veio para Indra (o castigador de Pāka) por revezamento, Yājña abandonou os Asuras e passou para os Devas. Quando Yajña passou para os Devas, aqueles Asuras falaram para Kāvya (Śukra), o preceptor deles:

95. "Mesmo enquanto nós estamos olhando, Yajña foi para os Devas, abandonando nosso reino. Nós não podemos ficar aqui. Nós devemos, então, entrar em Rasātala (mundos inferiores) hoje."

96. Assim abordado, ele ficou deprimido. Em palavras consoladoras, ele falou a eles: "Ó Asuras, não temam. Eu os sustentarei por meio do meu brilho espiritual.

97. Chuva, ervas medicinais e as duas coisas, a Terra, e Riqueza – todos esses são retidos por mim. Só um quarto disso está com os Suras. Eu entregarei para vocês tudo o que eu possuo."

98-99. Ao verem os Asuras sustentados pelo inteligente Kāvya, os Devas consultaram entre si. Eles estavam abatidos e desejavam ser vitoriosos então. Eles disseram: "Esse Kāvya arruína tudo o que nós fazemos, pela força dele. Bem, nós iremos lá depressa para que não ele não os fortaleça mais. Matando-os violentamente, nós obrigaremos aqueles que restarem a fugir para Pātāla."

100. Com grande fúria os Devas avançaram nos Dānavas e os mataram. Sendo atormentados por eles, os Dānavas se apressaram até Kāvya (em busca de proteção).

101. Kāvya viu que os filhos de Diti foram atacados pelos Devas e que eles estavam em grande angústia porque eles foram feridos em combate por várias armas[16].

102. Ao ver os Devas também permanecendo lá ele refletiu sobre o destino.[17] Relembrando os incidentes prévios, ele falou para eles (Asuras):

---

[14] Produção de néctar de Yajña não é conhecida. O *Brahmānda P.* 3.3.72.87 lê 'na hora do banho de despedida.'

[15] Esse verso deveria ter sido o 89 porque Prahlāda sucedeu seu pai Hiranyakaśipu.

[16] O *Brahmānda P.* v. 103 lê: 'protegeu os amedrontados (filhos de Diti.)'

[17] *Daivam* no *Brahmānda P.*

103. "Todos os três mundos foram conquistados por Vāmana por meios de três passos. Bali foi amarrado. Jambha foi morto. Virocana foi morto.

104. Nas doze batalhas grandiosas e terríveis eles foram mortos por Suras. Por vário meios a maioria das pessoas importantes foi morta.

105. Só uns poucos de vocês foram poupados nessas batalhas mais recentes. Eu agora empregarei uma grande estratégia. Por favor aguardem um pouco.

106. Eu irei até Mahādeva para adquirir Mantras para a sua vitória. Bṛhaspati está executando Homa e adorando Agni por meio de Mantras.

107. Por isso eu irei até o senhor Nīlalohita (Śiva) em busca de Mantras. Eu abençoarei vocês todos depois do meu retorno.

108. Todos vocês façam penitência na floresta vestidos em trajes de cascas de árvores. Os Devas não os matarão até que eu volte.

109. Depois de obter os Mantras que nunca virão contra nós do Deus Maheśvara, nós lutaremos com os Devas novamente. Vocês obterão vitória seguramente."

110-112. Depois de deliberarem dessa maneira os Asuras falaram com os Devas: "Nós pusemos de lado nossa disputa com vocês. Todos vocês podem ocupar os mundos. Nós estaremos vestidos em trajes de cascas de árvores e nós faremos penitência na floresta". Ao ouvirem essas palavras de Prahlāda, os Suras acreditaram que ele estava falando a verdade. Então os Devas voltaram sem lutar. Eles se alegraram. Quando os Daityas colocaram as armas deles de lado, os Devas voltaram para os respectivos lugares de onde eles tinham vindo.

113. Então Kāvya disse a eles: "Esperem por algum tempo realizando penitência sem entusiasmo, esperando por uma oportunidade para alcançar o objetivo em vista. Todos os Devas incluindo Vāsava estão no eremitério do meu pai."[18]

114. Depois de instruir os Asuras desse modo, Kāvya se aproximou de Mahādeva. Depois de se curvar ao senhor, a causa de origem do universo, ele disse:

115. "Ó senhor, eu desejo adquirir tais Mantras que não estejam na posse de Bṛhaspati. Eu quero que eles sejam os concessores de destemor para os Asuras. Eu desejo derrotar os Devas."

116. Assim pedido, o senhor disse: "Ó brâmane! você deseja os Mantras? Execute então os ritos sagrados indicados por mim, com pureza mental e cumprindo celibato.

117. Por mil anos completos você deve ficar em uma posição de cabeça para baixo inalando a fumaça da cova do fogo sacrifical sagrado. Felicidades para você. Se você realizar (um rito sagrado) como esse, você obterá o Mantra de mim."

118-119. Assim aconselhado pelo senhor dos Devas, Śukra de grande penitência tocou os pés do senhor e disse: "Sim, meu senhor, eu executarei os ritos sagrados e observarei todas as outras coisas como instruído." Então ele foi empenhado pelo senhor em inalar a fumaça da cova do fogo sagrado.

120-121. Quando Śukra tinha ido até Maheśvara e estava permanecendo lá cumprindo celibato para a aquisição dos Mantras, com o bem-estar dos Asuras em vista, os Devas compreenderam que o reino foi posto de lado pelos Asuras como uma medida de estratégia. Achando aquela falha, os Devas enfurecidos os atacaram. Eles tinham armas afiadas em suas mãos e Bṛhaspati liderava todos eles.

122. Ao verem os Devas armados novamente com armas os Asuras ficaram com medo e fugiram de repente.

123-125. "Nós nos rendemos e concedemos vitória a eles. Nosso preceptor está observando ritos sagrados. Os Devas ab-rogaram os termos do acordo. Eles desejam matar a nós, os inimigos (deles). Felicidades para vocês todos, nós estamos agora sem um preceptor (para nos guiar). Nós fomos crédulos. Nós permanecemos quietos fazendo penitências. Nós estamos vestidos em cascas e trajes grosseiros. Nós

---

[18] Essa é uma declaração estranha. O *Brahmānda P*. lê relevantemente: "Ó Dānavas, fiquem esperando (no eremitério do meu pai)."

não temos nenhum rito sagrado. Nós não temos nada para agarrar e segurar. De modo algum nós somos capazes de vencer os Devas na guerra. Nessa situação desagradável[19] é melhor que nós busquemos proteção na mãe de Kāvya.

126. Nós esperaremos aqui até o retorno do preceptor. Nós contaremos tudo a ele. Quando Kāvya voltar nós lutaremos com os Suras."

127-131. Dizendo isso a uns aos outros, eles buscaram abrigo com a mãe de Kāvya. Eles estavam amedrontados, mas o benefício do destemor foi oferecido a eles quanto eles buscaram refúgio. (A mãe de Kāvya disse:) "Ó Dānavas, não temam, não temam. Rejeitem todo o medo. Você não precisam temer enquanto vocês estiverem comigo." Ao verem os Asuras atemorizados, os Devas os perseguiram intensamente sem se preocuparem com força ou fraqueza. Ao ver os Asuras apavorados e atormentados pelos Devas, a senhora gentil (a mãe de Kāvya) ficou enfurecida e disse a eles: "Eu causarei *Anindratva* (a condição de estar sem Indra, isto é, destruição de Indra)". Ela imediatamente paralisou e atordoou Indra e ela continuou com suas outras atividades.

132. Ao verem Indra naquela condição desamparada depois de ser tornado imóvel como o poste sacrifical, os Devas ficaram com medo e fugiram de lá.

133. Quando os grupos de Suras tinham ido, Visnu disse a Indra: "Ó senhor de Suras, felicidades para você. Entre em mim. Eu o levarei embora."

134. Purandara (Indra), assim aconselhado, entrou em Visnu. Ao vê-lo salvo por Visnu, a senhora enfurecida falou estas palavras:

135. "Ó Maghavan, aqui mesmo eu o queimarei completamente junto com Visnu, enquanto todos os seres vivos observam. Que o poder da minha penitência seja testemunhado."

136. Os senhores Indra e Visnu, ao serem oprimidos por ela, conversaram (em voz baixa). Visnu perguntou para Indra: "Como nós dois podemos nos livrar juntamente?"

137. Indra respondeu: "Ó senhor, mate-a antes que ela nos queime ambos. Eu especialmente fui atacado. Por isso, a mate. Não demore."

138. Então ao vê-la (desse modo pretendendo matá-los) Visnu se preparou (mesmo) para matar aquela mulher. Apanhado em circunstâncias adversas, o senhor se lembrou apressadamente de seu disco.

139. Enquanto ela estava se apressando para matá-los, o disco, (Sudarśana), o destruidor dos inimigos dos Suras, acelerou ainda mais. Ao perceber a tentativa cruel da mulher (a mãe de Kāvya) Visnu ficou furioso. Pegando aquela arma o marido de Mā (isto é, Laksmī) cortou a cabeça dela.

140. Ao ver aquela matança terrível de uma mulher (sua esposa) o senhor santo Bhrgu ficou furioso. Então Visnu foi censurado e amaldiçoado por Bhrgu pelo assassinato da esposa dele.

141. "Visto que (de acordo com Dharma) uma mulher não deve ser morta e que você matou uma embora você seja familiarizado com o que é Dharma, você terá que tomar nascimento entre os seres humanos sete vezes."

142. Depois disso, como resultado daquela maldição, ele encarna repetidas vezes no mundo (dos mortais) para o bem-estar de todos, sempre que a virtude (Dharma) diminui.

143. Depois de falar aquelas palavras de maldição para Visnu, ele (isto é, Bhrgu) pegou ele mesmo a cabeça (da senhora) e a uniu ao corpo dela. Pegando água ele disse:

144. "Ó dama verdadeira, eu estou por meio disso ressuscitando você que foi morta por Visnu. Se todas as virtudes e ritos sagrados têm sido compreendidos e praticados por mim, volte à vida. Se eu falo a verdade, volte à vida, graças àquela verdade".

---

[19] *Brahmānda P.*: 'sem nos envolvermos em luta.'

145. Assim endereçada com ênfase na verdade, a dama gentil recuperou sua vida. Então ele a borrifou com água fresca e proferiu, "Levante-se".

146. Ao vê-la se levantando como se do sono, todos os seres vivos aplaudiram ruidosamente: "Bem feito! Bem feito!" Tal aplauso de vozes invisíveis (incorpóreas) ergueu-se de todos os quadrantes.

147. Mesmo enquanto todos os seres vivos estavam observando, a senhora foi ressuscitada à vida por Bhrgu. Isso foi realmente milagroso.

148. Ao ver sua esposa ressuscitada à vida por Bhrgu sem a menor agitação, Śakra não estava contente, porque ele tinha medo de Kāvya (ainda mais).

149. Indra não tinha sono absolutamente (depois do incidente). O inteligente castigador de Pāka (isto é, Indra) chamou sua filha Jayantī e falou com ela.

150. "Ó filha, este Kāvya está executando uma penitência terrível para a minha destruição (literalmente, para que não haja Indra). Eu tenho sido muito desanimado por aquele (brâmane) de grande fortaleza.

151. Vá e o honre com (serviços) auspiciosos removendo a fadiga dele e por prestar atentamente e diligentemente serviço agradável para a mente dele".

152-154. A dama amável Jayantī, a filha de Indra, de conduta auspiciosa, viu Kāvya ocupado em meditação. Embora ele estivesse fraco, ele era calmo e autoconfiante, dotado de fortaleza, como seu pai já tinha dito a ela. Ela prestou todo serviço para Kāvya conforme a ordem do pai dela. Em palavras gentis e agradáveis ela o louvou. Frequentemente ela massageava o corpo dele e o servia de vários outros modos agradáveis. Assim ela ficou lá por muitos anos.

155. Quando o rito terrível de inalar a fumaça, que durou por mil anos, foi completado, o satisfeito Bhāva pediu a ele para escolher um benefício livremente.

156-160. Ele falou assim: "Ó brâmane, tal observância, (de um voto) como esse, foi executada por você somente e não por alguém mais (até agora). Por isso você superará todos os Devas em penitência, intelecto, erudição, força e brilho. Ó filho de Bhrgu, tudo o que eu possuo por meio do segredo esotérico de Yajñas, Upanisads etc. junto com os auxiliares deles e segredos esotéricos (*Rahasya*) será conhecido por você apenas, desde o princípio até o fim e não por alguém mais. Assim você se tornará um brâmane excelente que supera todos". Concedendo assim os benefícios um depois do outro, ao filho de Bhrgu, ele lhe concedeu invencibilidade, domínio de riqueza e imunidade de morte. Ao obter essas bênçãos, Kāvya ficou animado. Os pelos no corpo dele se arrepiaram devido ao prazer excessivo.

161. Devido à sua alegria excessiva, o hino seguinte ao senhor Maheśvara se manifestou. Prostrando-se (diante do Senhor), ele louvou Nīlalohita (o Deus Śiva):

O Hino a Śambhu[20] (Senhor Śiva)

162. "Reverências a *Śitikantha* (deus de garganta azul), a *Surūpa* (de boa forma), a *Suvarcas* (de brilho bom), a *Ririhūna* (alguém que exibe o *mudrā* místico de lamber frequentemente com a língua), a *Lopa* (o destruidor), a *Vatsara* (a deidade presidente do ano), ao *Jagatpati* (o senhor do universo).

163. A *Kapardin* (que tem cabelo emaranhado), *Ūrdhvaroman* (que tem cabelo em pé ereto), a *Haya* (o cavalo), a *Karana* (o instrumento), a *Sarhskrta* (o consagrado), a *Sutirtha* (o centro sagrado), a *Deva-deva* (Deus dos Devas), a *Rarhhas* (velocidade personificada).

164. A *Usnisin* (alguém com um turbante ou que usa turbante), a *Suvaktra* (alguém com uma face encantadora), a *Sahasrāksa* (deus com mil olhos), a *Miikoan* [*Mīdhvas* no *Brahmānda P*.] (generoso), a *Vasureta* (distribuidor (?) de riqueza), a *Rudra* (o terrível que ruge), ao que faz penitência, a *Cīravāsas* (que usa trajes de casca de árvore).

---

[20] Louvar uma deidade por dar a ele/ela vários atributos é achado comum no *Mahābhārata* e Purānas. Este hino a Śiva é influenciado fortemente pelo *Rudrādhyāya* do *Taittiriya Samhitā* IV. 5, porque a maioria dos epítetos de Rudra mencionados nele está incorporada aqui.

165-166. A *Hrasva* (o baixo), a *Muktakeśa* (alguém com madeixas de cabelo desamarradas), a *Senāni* (o comandante supremo do exército de deuses), a *Kavi* (o poeta), a *Rājavrddha* (o antigo governante), a *Taksakakrīdana* (alguém que se diverte com Taksaka), a *Giriśa* (Senhor das montanhas), a *Arkanetra* (deus com o sol como o olho). Ao asceta, a *Jāmbava*[21], a *Suvrtta* (alguém de bons antecedentes), a *Suhasta* (alguém com mãos boas), a *Dhanvin* (alguém que maneja um arco), a *Bhārgava* (um bom arqueiro).

167. A *Sahasrabāhu* (alguém com mil, isto é, braços infinitos), a *Sahasrāmalacaksus* (alguém com mil olhos puros), a *Sahasrakuksi* (alguém com mil barrigas), a *Sahasracarana* (alguém com mil pés).

168. A *Sahasrahras* (alguém com mil cabeças), a *Bahurūpa* (multiforme), a *Viśvarūpa* (imanente no universo), a *Śveta* (o branco), a *Purusa* (o homem primordial).

169. A *Nisañgin* (alguém com uma aljava), a *Kavacin* (alguém que usa uma cota de malha), a *Sūksma* (o sutil), a *Ksapana* (o destruidor), a *Tāmra* (o de cor de cobre), a *Śiva* (o benevolente).

170. A *Babhru* (o de cor fulva), a *Piśañga* (marrom avermelhado), a *Piñgala* (marrom amarelado), a *Aruna* (o de cor rosa), a *Mahādeva* (o grande deus), a *Sana* (o destruidor), a *Viśvarūpaśiva* (o deus onipresente auspicioso).

171. A *Hiranya* (o dourado), a *Śista* (o autocontrolado), a *Śrettha* (o excelente), a *Madhyama* (o mediano), a *Pinākin* (brandindo o arco Pināka), a *Isumān* (possuidor de setas), a *Citra* (o milagroso ou alguém de cores variadas), a *Rohita* (avermelhado).

172. A *Dundubhya* (digno de ser honrado com o som de tambores de guerra), *Ekapāda* (de um só pé), a *Arha* (o merecedor), a *Buddhi* (o intelecto), a *Mrgavyādha* (alguém que assumiu a forma de um caçador de cervos no sacrifício de Daksa), a *Sarpa* (a serpente), a *Sthānu* (imóvel como um tronco de árvore em meditação), a *Bhisana* (o terrível).

173. A *Bahurūpa* (o multiforme), a *Ugra* (o feroz), a *Trinetra* (o de três olhos), a Īśvara (o soberano supremo), a *Kapila* (de cor fulva ou idêntico a Kapila), a *Ekavira* (o único herói), a *Mrtyu* (a morte), a *Tryambaka* (o de três olhos).

174. A *Vāstospati* (a deidade protetora que preside sobre a fundação de uma casa), a *Vinaka* (alguém além do céu), a *Śañkara* (o benfeitor), a *Śiva* (o auspicioso), a *Āranya* (o morador da floresta), a *Grhastha* (o chefe de família), ao *Brahmacārin* (o estudioso religioso que observa celibato).

175. Ao *Sāñkhya* (alguém acessível através do sistema de filosofia Sāñkhya), ao *Yoga* (alguém realizável através do sistema Yoga), a *Dhyānin* (o meditativo), a *Diksita* (o iniciado), a *Antarhita* (imanifesto, escondido), a *Sarva* (destruidor do mundo), a *Mānya* (o honorável), a *M&lin* [?] (alguém que usa guirlanda).

176. A *Buddha* (o iluminado), a *Śuddha* (o puro), a *Mukta* (o liberto), a *Kevala* (o único, sem segundo), a *Rodhas* (que permanece na encosta da montanha), a *Cekitāna* (o sensível), a *Brahmispha* (imerso em Brahman), a *Maharsi* (o grande sábio).

177. Catuspāda (alguém que tem quatro pés), a *Medhya* (alguém digno de sacrifício), a *Dharmin* (o virtuoso), ao que usa uma armadura (Varmin como no *Brahmānda P*. v. 178), a *Śighraga* (alguém que segue rápido), a *Śikhandin* (alguém com mecha de cabelo), a *Kapāla* (alguém que segura o crânio humano), a *Damsfrin* (alguém com presas curvas), a *Viśvamedhas* (de intelecto universal).

178. A *Apratighāta* (o desimpedido), a *Dipta* (o iluminado), a *Bhāskara* (o criador de brilho), a *Sumedhas* (de intelecto excelente), a *Krūra* (o cruel), a *Vikrta* (o deformado), a *Bibhatsa* (o horrendo), a *Śiva* (auspicioso).

179. A *Saumya* (o suave), a *Punya* (o meritório), a *Dhārmika* (o virtuoso), a *Śubha* (o auspicioso), a *Avadhya* (alguém que não pode ser morto), a *Mrtāñga* (alguém cujo corpo está morto?), a *Nitya* (o eterno), a *Śāśvata* (o perpétuo).

---

[21] O *Brahmānda P*. lê: *Ājyapa* (bebedor de oferenda de ghee).

180. A *Sādya* (alguém com um começo), a *Śarabha* (o animal lendário de oito pés), a *Śūlin* (o deus de portador do tridente), a *Tricaksus* (o deus de três olhos), a *Somapa* (o bebedor de suco Soma), a *Ājyapa* (o bebedor de ghee), a *Dhūmapa* (o inalador de fumaça), a *Ūsmapa* (o bebedor de materiais quentes).

181. A *Śuci* (o puro e limpo), a *Rerihāna* (alguém que lambe repetidamente), a *Sadyojāta* (nascido num instante), a *Mrtyu* (morte), a *Piśitāśa* (o comedor de carne), a *Kharva* (o pigmeu), a *Megha* (a nuvem), a *Vaidyuta* (o raio).

182. A *Vyiśrita* (que não tem dependente), a *Śravistha* (o mais famoso), a *Bharata* (alguém envolvido em luz brilhante), a *Antariksa* (o firmamento), a *Ksama* (o competente), a *Sahamāna* (o duradouro), a *Satya* (o verdadeiro), a *Tapana* (o ardente).

183. A *Tripuraghna* (o destruidor das três cidades), a *Dipta* (o iluminado), ao *Cakra* (o disco), a *Romaśa* (o cabeludo), a *Tigmāyudha* (que tem armas afiadas), a *Medhya* (o mais limpo), a Siddha, a Pulasti.

184. Para *Rocamāna* (alguém que é atraente), a *Kkanda*, a *Sphita* (o florescente), a *Rsabha* (o touro, o principal), a *Bkogin* (o desfrutador), a *Tuñjamāna* (o unido), a *Śānta* (o quiescente), a *Ūrdhvaretas* (de sexualidade sublimada).

185. A *Aghaghna* (o destruidor de pecados), a *Makhaghna* (destruidor do sacrifício de Daksa), a *Mrtyu* (deus da morte), a *Tajñiya* (alguém pertencente ao sacrifício), a *Krśānu* (fogo), a *Pracetā*, a *Vahni* (o fogo, portador de oferendas), a *Kiśala(l).*

186. A *Sikatya* (pertencente à areia?), a *Prasanna* (o satisfeito), a *Varenya* (o mais excelente), a *Caksus* (o olho), a *Ksipragu* (que tem um touro rápido), a *Pramedhya* (o demasiado puro), a *Piva* (o corpulento?).

187. A *Raksoghna* (o destruidor de Rāksasas), a *Paśughna* (destruidor de animais), a *Vighna* (o obstáculo), a *Śayana* (o deitado), a *Vibhranta* (o rotativo), a *Mahānta* (que tem grande fim), a *Anti* (o mais próximo), a *Durgama* (difícil de alcançar).

188. A *Daksa* (o habilidoso), a *Jaghanya* (o último), ao senhor dos mundos, a *Anāmaya* (o não-doente), a *Ūrdhva* (o mais alto), a *Samhatya Adhisthita* (a alguém estabelecido em massas).

189. A *Hiranyabāhu* (de braços dourados), a *Satya* (o verdadeiro), a *Śamana* (o tranquilizador), a *Asikalpa* (alguém como uma espada), a *Māgha* (o mês Māgha), a *Ririnya* (?), a *Ekacaksus* (de um olho).

190. A *Śrestha* (o excelente), a *Vāmadeva*, a *Iśāna*, (governante supremo), a *Dhimān* (o inteligente), a *Mahākalpa*, a *Dipta* (o iluminado), a *Rodana* (o que chora), a *Hāsa* (o que ri).

191. A *Vrtadhanvan* (*Drdhadhanvan* – que tem arco firme), a *Kavacin* (alguém que usa uma cota de malha), a *Rathin* (que tem uma carruagem), a *Varūthin* (que tem uma hoste de exército), a *Bhrigunātha* (o senhor de Bhrgu), a *Śukra*, a *Vahnirista* ? [*Gahvaristha* (residente em uma caverna) no *Brahmānda P*.], a *Dhiman* (o inteligente).

192. A *Agha* (o pecado), a *Aghasamsa* (o desprezador de pecado), a *Vipriya* (que não tem amado), a *Priya* (o amado). Ó *Digvāsas* (que tem os quadrantes como trajes), reverências a você, ó utente de pele de elefante e destruidor de Bhaga.

193. Reverências ao senhor de *Paśus* (almas individuais), ao senhor dos seres vivos. Reverências ao *Pranava*, ao Rk, ao Yajus e ao Sāman, a *Svadhā* e *Sudhā* (néctar).

194. Reverências a você da forma de *Vasatkara*. Reverências a você, ó *Antātman* (alma de todos os fins). Reverências a você, o criador, o sustentador, e o aniquilador, ao Hotr e ao destruidor.

195. Reverências a você, da forma de Kāla, passado, presente e futuro. Reverências a Vasu, Sādhya, Rudra, Aditya e Aśvin.

196. Reverências a você, o Viśva (Viśvedevas), os Maruts, o Atman dos Devas. Você é Agni, Soma, Rtvik, *Ijya* (sacrifício), o animal sacrifical, o Mantra e a medicina.

197. Você é *Daksinā*, *Avabhrtha* (ablução sagrada de ritos que terminam), e o próprio *Yajña*. Você é *Tapas* (penitência), *Satya* (verdade), *Tyāga* (renúncia) e *Śama* (autocontrole).

198. Reverências a você, a personificação da não-violência e não-cobiça. Você é de bom comportamento, o que supera. Reverências a você, o *Yogātman* (de Alma Yóguica), a alma de todos os seres vivos.

199. Reverências a você, da forma de todos os mundos, a terra, o firmamento, o céu, Mahar, Jana, Tapas e Satya (Lokas).

200. Reverências a você, o imanifesto, o grandioso, o elemento, os órgãos dos sentidos, os Tanmātras, o fim do *Mahat*. Reverências a você, da forma da Realidade.

201. Reverências a você, o eterno, o *Arthaliñga* (de sinal significativo?), o sutil, o sensível, o puro, o onipresente, a alma permanente.

202. Reverências a você nos três mundos começando com Bhūh e terminando com Svah (isto é, Bhūh, Bhuvah e Svah) e nos quatro mundos começando com Satya e terminando com Mahah (isto é, Satya, Tapas, Jana e Mahah).

203. Ó senhor, você é o amigo e simpatizante de brâmanes. Nessa oração de reverência coisas corretas e incorretas[22] foram proferidas por mim. Cabe a você perdoar tudo pensando como 'Ele é meu devoto'!

---

[22] A leitura *'sadasat'* precisa de correção como *'yadasat'* como no *Brahmānda P*. 3.3.72. 195, pois não há sentido em pedir perdão por dizer coisas corretas.

Capítulo 36: A Glorificação da Grandeza de Visnu

Sūta disse:

1-2. Depois de propiciar Īśāna, Nīlalohita, o senhor dos Devas, Śukra falou palavras de oração se curvando a ele com palmas unidas em reverência proferindo Brahman (Mantras védicos). Śiva, que estava satisfeito, tocou o corpo de Kāvya com sua mão, e lhe concedeu uma visão completa da Sua própria forma e desapareceu lá mesmo.

3. Quando o senhor dos Devas tinha desaparecido, ele falou as seguintes palavras para Jayantī, que estava de pé perto dele, com palmas unidas em reverência.

4. "Ó bela senhora, você é (filha) de quem? Quando eu estava aflito, você também estava aflita. Quem é você? Por que você cuidou de mim quando eu estava executando a grande penitência?

5. Ó dama de belos quadris, ó de pele clara, eu estou satisfeito com sua devoção firme, humildade, autocontrole, e afeto.

6. Ó donzela bonita, o que você deseja? Qual é seu desejo nutrido que deve ser satisfeito completamente? Mesmo se ele for muito difícil de ser realizado, eu o realizarei (para você)".

7. Ao ser questionada dessa maneira, Jayantī disse: "Ó sábio imerso em Brahman, cabe a você conhecer isso por meio do poder de sua penitência. De fato, você já sabe exatamente o que eu tenho desejado realizar."

8. Ao ouvir isso, o sábio viu tudo por meio de sua visão divina e disse: "Ó moça bonita, você é a filha de Mahendra. Você veio aqui para prestar serviço para mim.

9. Ó mulher de belos lábios, ó mulher resplandecente, você deseja viver em contato comigo por dez anos sem ser vista por qualquer outro ser vivo.

10. Ó bela dama com a cor (brilhante) do Senhor dos Devas e do fogo[1]! Ó dama de olhos bonitos, escolha (a realização do seu) desejo de mim, ó dama de voz doce.

11. Que seja, ó mulher fascinante, vamos para casa." Depois disso o senhor santo voltou para sua residência, acompanhado por Jayantī.

12. Ele ficou junto com ela por dez anos. Estando envolvido por Māyā (poder ilusório), ele era invisível para todos os seres vivos.

13. Ao verem, (saberem), que Kāvya tinha voltado depois realizar os desejos dele, todos os Daityas foram alegremente à casa dele desejosos de vê-lo.

14. Tendo chegado lá, eles não puderam ver o preceptor deles que estava oculto por Jayantī. Pensando que isso era parte da estratégia inteligente[2] dele, eles voltaram para suas respectivas casas.

15-16. Ao saber que Kāvya seria mantido em restrição por Jayantī por dez anos em seu desejo de fazer o que era benéfico para o pai dela, Brhaspati reconheceu aquela como uma oportunidade oferecida pelos Daityas. Ele assumiu a forma de Kāvya, o preceptor dos Daityas, e falou com os Asuras.

17. Olhando para os Asuras que estavam reunidos, Brhaspati disse: "Bem vindos, meus discípulos por quem eu realizo sacrifícios. Para o seu bem-estar, eu voltei para este lugar.

18. Eu ensinarei vocês todos. Aquele (grandioso) Vidyā foi adquirido por mim". Com a mente encantada, então eles se aproximaram dele para obter o Vidyā.

19-20. Depois que o período de dez anos terminou, a ambição de Śukra estava totalmente realizada. (Sua ilusão desapareceu) e seu intelecto foi despertado ao

---

[1] Aqui o *Brahmānda P*. 3.3. 73. v. 10 lê: 'Ó deusa com o esplendor brilhante de safiras azuis', o que é digno de consideração.

[2] '*dāksiaya'*, porém *laksanam* (o sinal do não-retorno dele), no *Brahmānda P*. v. 14.

mesmo tempo. No fim do período de acordo, Devayānī, filha dele, nasceu (de Jayantī). Então Śukra decidiu procurar por seus discípulos.

21. Śukra disse: "Ó dama suave, vamos ver seus discípulos, ó senhora de doces sorrisos e de olhos trêmulos, ó senhora pura, ó senhora de olhos grandes de três cores".

22. A dama respondeu: "Ó sábio de grandes ritos sagrados, por favor dirija-se aos seus discípulos. Esse é o Dharma sagrado, ó brâmane. Eu não farei você se desviar disso."

Sūta disse:

23. Então ele foi até os Asuras e viu que eles tinham sido enganados pelo preceptor inteligente dos Devas por assumir a forma de Kāvya. Ele falou aos Asuras:

24. "Ó caros, me reconheçam como (o verdadeiro) Kāvya. Este é o filho de Añgiras. Ó Dānavas, apesar do meu poder, vocês foram enganados."

25. Ao ouvi-lo falar assim, os Daityas ficaram confusos. Eles olharam para os dois que sorriam agradavelmente[3].

26. Eles permaneceram lá totalmente confusos. Eles eram incapazes de entender qualquer coisa. Quando eles foram (vistos) confusos assim, Kāvya falou novamente a eles:

27. "Eu sou seu preceptor Kāvya. Esse é o preceptor dos Devas, o filho de Añgiras. Sigam-me todos vocês. Deixem esse Brhaspati."

28. Ao serem abordados dessa maneira, todos os Asuras ficaram encarando-os. Eles não podiam ver nenhuma diferença entre eles.

29-**30**. Inalterado por qualquer coisa, Brhaspati lhes falou: "Ó Daityas, este é Añgiras. Eu sou Kāvya, seu preceptor. Esse é Brhaspati em meu disfarce. Ó Asuras, ele ilude vocês todos por assumir minha forma". Ao ouvirem as palavras dele, eles consultaram uns aos outros e falaram estas palavras:

31. "Esse senhor santo e sábio tem dado instruções para nós continuamente pelos últimos dez anos. Esse brâmane deseja se intrometer."

32. Então todos aqueles Dānavas se curvaram e prestaram respeitos a ele (Brhaspati no disfarce de Kāvya). Iludidos por uma longa prática eles aceitaram só as palavras dele.

33. Todos os Asuras enfurecidos falaram a ele (o real Kāvya) (encarando-o) com olhos avermelhados: "Este é nosso preceptor e benfeitor. Você pode ir. Você não é nosso preceptor.

34. Se ele é Bhārgava (filho de Bhrgu) ou Āñgirasa (filho de Añgiras) que ele seja nosso preceptor. Nós obedeceremos a orientação dele. Não permaneça (mais tempo aqui). Isso será do seu interesse."

35-**37**. Depois de dizerem isso, todos os Asuras se dirigiram a Brhaspati (como o professor deles). Quando os Asuras não aceitaram a sugestão dele para o grande benefício deles, Bhārgava se enfureceu pela arrogância deles. Ele lhes falou novamente: "Ó Dānavas, embora eu tenha informado (e instruído) vocês, vocês não estão recorrendo a mim. Por isso, você se tornarão deficientes em inteligência e obterão derrota após derrota". Depois de dizer isso a eles, Kāvya foi embora do modo que ele tinha vindo.

38. Ao perceber que os Asuras tinham sido amaldiçoados por Kāvya. Brhaspati teve seu objetivo realizado. Com grande prazer, ele reassumiu sua própria real. Para sua grande satisfação, ele percebeu que os Asuras estavam arruinados e condenados e ele desapareceu da cena.

39. Quando ele tinha desaparecido, os Dānavas consternados falaram uns com os outros: "Oh que vergonha para nós! Nesse assunto nós fomos enganados.

---

[3] A palavra *sitāsita* é obscura. O *Brahmānda P*. v. 25 lê *sthirāsīnau,* que significa 'sentando firmemente.'

40. Nós erramos em nossos deveres. Assim o destino é contrário e nós fomos atingidos por isso. Nós fomos usados (por ele, isto é, Brhaspati) em seu próprio interesse e queimados por meio de seu Māyā".

41-42. Então os Asuras ficaram com muito medo dos Devas e fugiram daquele local. Mantendo Prahlāda na dianteira, eles se aproximaram de Kāvya novamente. Ao se aproximarem dele, eles permaneceram lá com cabeças abaixadas. Ao ver seus discípulos (literalmente, aqueles para cujo benefício ele executou Yajñas) Kāvya disse a eles:

43. "Apesar de serem avisados por mim na hora certa, vocês não me honraram nem me respeitaram. Assim, por causa de aquela arrogância, você encontraram uma derrota."

44. Então Prahlāda suplicou a ele: "Ó Bhārgava, (por favor) abandone (esqueça) seu senso de honra ferido. Ó Bhārgava, não abandone a nós, seus próprios discípulos, especialmente vinculados a você por afeto e devoção.

45-46. Quando perguntamos por você [‘quando você não era visto’ – *Brahmānda P*.], nós fomos iludidos pelo preceptor dos Devas. Sabendo disso por meio de sua visão de longo alcance, cabe a você nos salvar. Ó filho de Bhrgu, se você não nos favorecer, nós não estaremos (melhor do que) amaldiçoados por você. Assim nós entraremos em *Rasātala* (os mundos inferiores) hoje."

Sūta disse:

47. Ao ser implorado, elogiado e informado dessa maneira, Kāvya percebeu a verdade. Por clemência e compaixão, ele controlou sua raiva.

48. Ele falou estas palavras: "Não temam. Não vão para *Rasātala*. Embora eu estivesse alerta esse incidente aconteceu porque era inevitável.

49. O destino, que é muito poderoso, não pode ser alterado. A inteligência que vocês perderam, vocês recuperarão agora.

50. Brahma também mencionou que o período adverso para vocês tinha chegado. Foi devido ao meu favor que vocês desfrutaram dos grandes prazeres dos três mundos (por tanto tempo).

51. Por dez Yugas completos vocês reinaram acima dos Devas. Brahma ordenou sua regência só por esse período de tempo.

52. No Sāvarnika Manvantara vocês terão sua soberania novamente. Seu neto Bali se tornará o senhor de todos os mundos.

53. Foi dito pelo próprio Brahma para mim que, quando mais tarde os mundos forem tomados dele, o poder de penitência dele não será de qualquer utilidade.

54. Como as atividades dele serão desprovidas de apego impróprio, Brahma ficará satisfeito com ele e (o reino) será concedido a ele no Sāvarnika Manvantara.

55. O senhor me falou, 'O reino dos Devas irá para Bali'. Por isso ele espera sua hora permanecendo invisível para todos os seres vivos.

56. Vocês receberam imortalidade do deus autonascido satisfeito. Por isso, sem mostrarem curiosidade e agitação impróprias, você devem ser pacientes com a mudança.

57. Antes do tempo (correto), não me é possível salvá-los. Ó senhor, eu fui proibido por Brahma que conhece o futuro.

58. Estes dois são meus discípulos. Eles são iguais a mim[4] e Brhaspati. Eles ajudarão vocês todos quando atacados pelos Devas."

59. Quando os Daityas, o chefe dos quais era Prahlāda, receberam esse conselho de Kāvya de energia e atividade infatigáveis, eles foram embora junto com aqueles dois (discípulos, isto é, Sanda e Amārka).

60. Ao ouvirem de Śukra a respeito da inevitabilidade dos eventos futuros, os Dānavas tomaram as palavras de Kāvya como significando vitória para eles (pelo menos) uma vez.

---

[4] Provavelmente Sanda e Amārka são mencionados aqui como ficará claro pelos versos posteriores 63 etc.

61-**62**. Eles se equiparam com várias armas e cotas de malha e desafiaram os Devas para lutar. Ao verem os Asuras avançarem para a batalha, os Devas se prepararam com todos os equipamentos e lutaram com eles em retorno. A batalha entre Devas e Asuras continuou por cem anos. Os Asuras derrotaram os Devas. Os Devas vencidos e angustiados falaram assim entre eles mesmos.

63-**65**. Os Devas disseram: "Nós não conhecemos a (extensão do) poder de Sanda e Amārka sobre os Asuras. Por isso, o que é conducente ao nosso bem-estar deve ser feito por nos prepararmos para um Yajña. Depois de conhecer e capturar aqueles dois, nós derrotaremos os Asuras."

Os Devas então convidaram Sanda e Amārka e disseram, "Nós os convidaremos para o Yajña. Ó brâmanes, abandonem os Asuras. Depois de derrotá-los nós lhes faremos receber uma parte."

66. Dessa maneira, Sanda e Amārka depois disso abandonaram os Asuras. Os Devas foram vitoriosos e os Dānavas sofreram uma derrota desastrosa.

67-**69**. Depois de derrotarem os Asuras, os Devas se aproximaram de Sanda e Amārka. Os Asuras, que já tinham sido subjugados pela maldição de Kāvya, não tinham auxílio agora. Atormentados pelos Devas, eles entraram em Rasātala. Assim os Dānavas foram mutilados e tornados inativos por Sakra.

Depois disso, sempre que o culto de Yajñas e outros ritos sagrados eram negligenciados, o Senhor Visnu se encarnava repetidas vezes como resultado da maldição de Bhrgu[5] para estabilizar Dharma e destruir Adharma.

70. O senhor Brahma decretou que todos aqueles Asuras que não seguissem as instruções de Prahlāda seriam mortos por seres humanos.

71. Por isso Nārāyana nasceu de Dharma no Cāksusa Manvantara. No Vaivasvata Manvantara, ele popularizou Yajña em Caitya[6] (galpão sacrifical).

72-**73**. Na hora da manifestação do outro (isto é, Prthu) o próprio Brahma era o sacerdote. No quarto Yuga, quando os Asuras[7] estavam em angústia, ele nasceu dentro do oceano para o propósito de matar Hiranyakaśipu[8].

A segunda (encarnação) era aquela do terrível Narasimha, mantendo os Suras na dianteira.

74. A terceira encarnação, aquela de Vāmana, aconteceu no sétimo Tretāyuga, quando todos os três mundos tinham sido infestados por Daityas e eram governados por Bali.

75-**76**. Retraindo todos os membros dentro dele (Assumindo a forma de um Anão) o filho de Aditi se aproximou do filho de Virocana, Bali, o rei dos Daityas, que estava executando um Yajña. Brhaspati também o acompanhava. Assumindo a forma de um brâmane em uma ocasião auspiciosa, ele pediu para Bali: "Ó rei, você é o senhor dos três mundos. Tudo está em você. Cabe a você me conceder (o espaço coberto por) três passos."

77. "Eu darei", prometeu o rei Bali, o filho de Virocana. Ao saber que ele era um Vāmana (anão), ele ficou muito satisfeito.

78. Mas, ó brâmanes excelentes, aquele senhor Vāmana mediu o Universo inteiro, a Terra, o Céu e o Firmamento por meio de três passos.

79. Aquele Bhūtātman (a alma imanente de todos os seres vivos) de grande fama superou até mesmo o sol por meio de seu brilho. Ele iluminou todos os quadrantes e as direções intermediárias com sua refulgência.

---

[5] As encarnações de Visnu eram devido à maldição de Bhrgu. Os versos 71 e seguintes dão a lista daquelas encarnações, mas elas são diferentes da lista habitual.

[6] 'Vainya', ou seja, o rei Prthu no *Brahmānda P*. v. 72. Essa é uma leitura melhor porque essa e outras fontes dão o crédito de Yajña a Prthu nesse Manvantara.

[7] Suras (no *Brahmānda P*. v. 74) é a leitura correta.

[8] Isso implica a encarnação de Varāha, mas Varāha matou Hiranyāksa e a encarnação de Nrsimha era para matar Hiranyakaśipu.

80. O poderosamente armado Janardana iluminou todos os mundos e brilhou. Apoderando-se da glória real dos Asuras de todos os três mundos, ele os forçou a se retirarem para o fundo do mundo inferior junto com seus filhos e netos.

81. Namuci, Śambara e Prahlāda (estavam entre eles). Os Dānavas cruéis foram mortos. Aqueles que foram abalados rudemente foram forçados a fugir em várias direções.

82. Mādhava, a alma imanente de todos os seres vivos, mostrou aos brâmanes lá um grande milagre, isto é, todos os grandes elementos com as características especiais deles e o Tempo inteiro.

83. Eles viram o Universo inteiro e eles mesmos no corpo cósmico dele. Não havia nada nos mundos que não fosse permeado pelo senhor de alma nobre.

84. Vendo aquela forma de Upendra (isto é, Vāmana) os Devas, Dānavas e seres humanos ficaram fascinados. Todos eles foram encantados pela refulgência de Visnu.

85. Bali foi amarrado com grandes laços junto com seus parentes, amigos e seguidores. A família inteira de Virocana foi enviada para Pātāla.

86. Depois de devolver todas as riquezas e glória dos Devas para Indra de alma nobre, Janardana de braços fortes se manifestou diante do mundo humano.

87. Essas três encarnações do senhor foram divinas e auspiciosas. Ouçam e conheçam as sete encarnações como seres humanos como resultado da maldição.

88. No décimo Tretāyuga quando Dharma tinha sido arruinado ele teve sua quarta encarnação como Dattātreya com Mārkandeya como seu preceptor.

89. A quinta encarnação dele foi no décimo quinto Tretāyuga como Māndhātr, o Imperador. Tathya (Utathya?) era seu preceptor.

90. A sexta encarnação foi aquela como o filho de Jamadagni no décimo nono Tretāyuga. Ele aniquilou todos os ksatriyas. Ele teve Viśvāmitra como seu preceptor (Purohita).

91. No vigésimo quarto Tretāyuga, ele tomou sua sétima encarnação como Rāma, o filho de Daśaratha. No sacrifício dele Vasistha era seu sacerdote. Ela aconteceu com a finalidade de matar Rāvana.

92. No vigésimo oitavo Dvāpara Yuga, Visnu tomou sua oitava encarnação como Vedavyāsa nascido de Parāśara. Ele teve Jātukarna como o preceptor.

93. Visnu, que tinha nascido anteriormente como o filho de Aditi e Kāśyapa, tomou sua nona encarnação como o filho de Devakī e Vasudeva com o brâmane Gārgya como o preceptor dele.

94-95. O senhor é *Aprameya* (alguém que não pode ser medido). Ele é *Niyojya* (livremente mandado de lá para cá e empregado por devotos)[9]. Ele se move por toda parte como lhe agrada. Ele tem autocontrole total. Ele se diverte no mundo como um menino brincando com brinquedos. O poderosamente armado Madhusūdana não pode ser medido. Não há nada maior que a forma cósmica do Senhor.

96-97. No vigésimo oitavo Dvāpara Yuga, quando uma pequena parte do fim de Dvāpara restava e quando Dharma tinha sido destruído, o Senhor Visnu nasceu na família dos Vrsnis para estabelecer Dharma e destruir Asuras. Por meio de seu Māyā yóguico, a alma yóguica fascinou todos os seres vivos.

98. Entrando em útero humano, ele se moveu sobre a Terra totalmente escondido (da visão dos mortais comuns) por divertimento entre os seres humanos. Ele foi acompanhado por Sāndīpani como seu preceptor.

99-100. Naquela encarnação, o senhor poderoso matou os seguintes Daityas que tinham tomado corpos humanos: Kamsa, Sālva, Dvivida o grande Asura, Arista, Vrsabha, Keśin o cavalo, Kuvalayāpīda o elefante, o principal dos lutadores, o oficial encarregado do domicílio (de Kamsa) (Gānūra) e a demônia Pūtanā.

---

[9] *A-niyojya* 'incontrolável; alguém que não pode ser ordenado' como no *Brahmānda P.*, é uma leitura melhor.

101. Os mil braços de Bāna de façanhas notáveis foram cortados por ele. O Asura Naraka e o poderoso (Kāla-) Yavana foram mortos por ele em batalha.

102. Todas as pedras preciosas e jóias dos reis foram confiscadas por ele por meio da refulgência esplêndida dele. Todos os reis de má conduta em Rasātala foram mortos por ele.

103-104. Essas encarnações do senhor de alma nobre foram para o benefício dos mundos. Neste Kaliyuga, perto de seu fim, quando o período de junção começar, o poderoso Kalki nascerá sob o nome Visnuyaśas, como o filho de Parāśara. Ele será acompanhado por Yājñavalkya como seu preceptor. Essa é sua décima e futura encarnação.

105-109. Ele estará comandando todos os exércitos consistindo em elefantes, cavalos e carruagens. Ele estará cercado por centenas e milhares de brâmanes armados com armas. Ele estará matando aqueles que não são muito religiosos e aqueles que odeiam religião, isto é, os nortistas, aqueles das terras centrais, aqueles que vivem a oeste da montanha Vindhya, os sulistas (como) Dravidas junto com Sirhhalese, Gāndharās, Pāradas, Pahlavas, Yavanas, Śakas, Tusāras, Barbaras, Pulindas, Daradas, Khaśas, Lampākas, Andhakas, Rudras e Kiratas. O senhor poderoso destruirá Mlecchas fazendo seu disco girar. Ele será invisível para todos os seres vivos e se moverá sobre a Terra.

110. Visnu nascerá como um ser humano com uma parte do deus inteligente. No nascimento anterior ele teria nascido como o poderoso Pramiti.

111. Em esplendor corpóreo ele era (será) como a lua e nascerá quando o Kaliyuga estiver completo. Assim foram descritas as dez encarnações do senhor.

112. O senhor toma encarnações nos diferentes períodos com uma parte de seu esplendor poderoso nos três mundos para diferentes propósitos e fins em vista. Ele nasce em diferentes úteros conforme a função que ele tem que executar.

113. Quando o vigésimo quinto Kalpa tiver começado e vinte e cinco anos tiverem passado, ele estará matando todos os seres vivos e homens.

114. Por meio de suas atividades cruéis ele deixará a Terra apenas com as sementes. Ele (então) terá massacrado todos os Vrsalas e quase todas as pessoas ímpias.

115-120. Então Kalki terá realizado seu objetivo junto com seu exército. Os indivíduos então seriam destruídos por suas próprias ações. Mas eles se tornarão Siddhas novamente por si mesmos. Incitados pelo destino inevitável, eles se tornarão irracionais, enfurecidos e iludidos, causando destruição mútua. Junto com seus seguidores, ele empreenderá descanso eterno no meio do Gañgā e Yamuna. Quando Kalki falecer os reis morrerão junto com seus soldados comuns. Os cidadãos ficarão sem ninguém para refreá-los[10]. Quando a organização para segurança deixar de existir, eles matarão uns aos outros em combate. Eles perderão a confiança uns nos outros. Eles estarão se martirizando e se encolerizando e ficarão extremamente angustiados. Não tendo pertences restantes, eles partirão juntos de suas cidades e aldeias. Todos os Dharmas védicos estarão extintos. Todos os ritos de castas e fases de vida estarão extintos. As pessoas terão estatura pequena e vida curta. Elas estarão residindo em florestas.

121-125. Elas estarão recorrendo a rios e montanhas. Folhas, raízes e frutas constituirão sua dieta. Elas estarão vestindo folhas e cascas de árvores ou peles. Haverá uma fusão altamente indiscriminada de castas. Na última junção da era Kali elas serão de vida curta e muito aflitas. Os meios de sustento serão destruídos. Elas serão oprimidas por muitas adversidades. Elas passarão por sofrimentos. As pessoas serão completamente extintas junto com a era Kali. Quando a era Kali passar e o Krita Yuga começar novamente, todos os objetos recuperarão suas formas originais

---

[10] Esses versos (até o fim do capítulo) descrevem um quadro sombrio da sociedade no fim de Kali Yuga. Todos os Purānas são unânimes em descrever a condição terrível do público conforme Kali avança.

naturalmente e não de outra maneira. Assim eu relatei as atividades de Devas e Asuras. No contexto da narração da linhagem de Yadu, a grande fama de Visnu foi descrita. Eu narrarei agora a linhagem de Turvasu, Pūru e Druhyu.

Capítulo 37[1]: Dinastias Reais

(Conclusão da Seção Anusañga)

Sūta disse:

1. Vahni era o filho de Turvasu. Gobhānu era o filho de Vahni[2]. O invicto e heróico Trisānu era filho de Gobhānu.

2. Karandhama era o filho de Trisānu e o filho dele era Marutta. Outro Marutta mencionado antes era o filho de Aviksit. Ele também era um rei.

3. Marutta não teve filhos. Eu soube que ele também era um rei. Todo o (povo) fez de Duskrta[3], um descendente de Puru, filho dele.

4. Assim, devido à maldição de Yayāti com relação à transferência da velhice dele, a linhagem de Turvasu se fundiu com aquela de Pūru.

5. O sucessor de Duskrta era o rei chamado Śarūtha. Depois de Śarūtha veio Janapida e ele teve quatro filhos.

6. Eles eram Pāndya, Kerala, Cola e Kulya com seus reinos que receberam seus nomes, ou seja, Pāndya, Kerala, Cola e Kulya.

7. Druhyu teve dois filhos heróicos bem conhecidos como Babhru e Setu. Aruddha era o filho de Setu e Ripu era o filho de Babhru.

8. Esse (rei) forte Ripu foi morto em guerra com dificuldade muito grande por Yauvanāśva. A grande guerra deles durou continuamente por quatorze meses.

9. O sucessor de Aruddha era o rei chamado Gāndhāra de quem a grande terra de Gāndhāra obteve seu name[4].

10. Os cavalos criados na terra de Gāndhāra são os cavalos mais excelentes. O filho de Gāndhāra era Dharma e Ghrta (Dhrta) era o filho dele.

11. Durdama nasceu para Ghrta (Dhrta) e seu filho era Pracetas. Cem filhos nasceram para Pracetas. Todos eles eram reis.

12. Todos eles eram governantes do território Mleccha na direção (região) norte. Anū teve três filhos de alma nobre. Todos eles eram muito honrados.

13. Eles eram Sabhānara, Paksa e Parapaksa. O filho de Sabhānara era o rei sábio Kālānala.

14. O filho de Kālānala era Srñjaya de alma piedosa que era íntegro. O rei heróico Purañjaya era o filho de Srñjaya.

15. Janamejaya de grande força e vitalidade era o filho do rei religioso Purañjaya.

16. Esse rei era igual a Indra. Sua fama estava estabelecida (até mesmo) no céu. Mahāmanas era o filho de Mahāśāla. Ele era muito piedoso.

17. Ele era o senhor dos sete continentes. Ele era um imperador de grande fama. Mahāmanas gerou dois filhos famosos.

18. Eles eram Uśinara o conhecedor de Dharma e Titiksu o virtuoso. Uśinara teve cinco esposas. Elas nasceram das famílias de reis religiosos.

19. Elas eram Mrgā (Nrgā no *Brahmānda P.*), Krmī, Navā, Darvā e Drsadvatī a quinta. Uśinara teve cinco filhos delas. Eles fizeram a linhagem dele prosperar. Eles eram virtuosos e envelheceram com a realização de grande penitência.

20. Mrga (Nrga no *Brahmānda P.*) era o filho de Mrgā (Nrgā), Nava era o filho de Navā. Krmi era o filho de Krmī e Suvrata, o virtuoso, era o filho de Darvā.

---

[1] Este capítulo corresponde ao *Brahmānda P.* 3.3.74. As referências são aos números dos versos.

[2] A genealogia de Turvasu como registrada em *Ancient Indian Historical Traditions*, pág. 149 mostra Garbha como o antecessor de Gobhānu.

[3] Dusyanta no *Brahmānda P.* v. 3.

[4] Isso mostra que os descendentes de Druhyu governavam uma parte do Afeganistão.

21-**22**. Ó brâmanes, o filho de Drsadvatī era (chamado popularmente de) Auśīnara Śivi. A cidade de Śivi era famosa como Sivapura[5] e aquela de Mrga era a cidade de Yaudheya. Navarāstram pertencia a Nava e a cidade Krmilā a Krmi. Aquela de Suvrata era Vrstā (Ambastha). Agora ouçam e conheçam os filhos de Śivi.

23. Os quatro filhos de Śivi chamados Śivis eram muito populares entre as pessoas. Eles eram Vrsadarbha, Suvīra, Kekaya, e Madraka.

24. Os territórios deles eram muito prósperos. Eles eram Vrsadarbhas, Sūcīdarbhas, Kekayas e Madrakas. Agora ouçam a progênie de Titiksu.

25. O filho de braços fortes de Titiksu chamado Uśadratha era o rei famoso no quadrante leste. O filho dele era Hema.

26-**32**. Sutapā nasceu para Hema e Bali era o filho de Sutapas (*Brahmānda P.*). Bali de espírito nobre, que era um grande yogin, foi amarrado (por Vāmana). Ele tomou nascimento no útero humano, desejando filhos, porque a família estava se aproximando da extinção devido à ausência de descendentes. Ele gerou filhos que estabeleceram as disciplinas de quatro castas nesta terra. Ele gerou os filhos Añga, Vañga, Sulha, Pundra e Kaliñga. Esses são chamados de Bāleya Ksatras (os ksatriyas nascidos de Bali). Aquele senhor também teve filhos brâmanes chamados de brâmanes Bāleya. Eles estabeleceram a linhagem (de Bali). Muitas bênçãos foram concedidas ao inteligente Bali pelo satisfeito Brahma. Os benefícios concedidos eram *Mahāyogitva* (a condição de ser um grande yogin), longevidade de vida durando por um Kalpa, invencibilidade em guerra, grande inclinação para retidão e devoção, a visão dos três mundos, importância entre seus descendentes, estado inigualável em força como a habilidade para ver os verdadeiros princípios de Dharma. "Você estabelecerá a (disciplina de) quatro castas" – ao ser abordado desse modo pelo senhor, o rei Bali obteve grande paz (mental).

33-**34**. Depois de um período longo o estudioso Bali voltou para sua própria residência. Os territórios dos filhos eram Añgas, Vañgas, Sulhakas (Suhma), Pundras e Kalhigas. Eles eram territórios muito próperos. Ouçam e conheçam a linhagem deles. Esses filhos eram seus *Ksetrajas* (nascidos da esposa dele) através do contato de um sábio. Eles nasceram do (sábio) Dīrghatamas de grande virilidade em Sudesnā (a esposa de Bali).

Os sábios disseram:

35. Ó senhor santo, como esses cinco filhos *Ksetraja* de Bali foram gerados pelo sábio Dīrghatamas? Por favor narre isso para nós que perguntamos.

Sūta disse:

36. Antigamente havia um sábio inteligente e renomado chamado Aśija. A esposa desse sábio de alma nobre se chamava Mamatā.

37. Brhaspati, que era o irmão mais novo de Aśija, cujo esplendor era grandioso e que era o preceptor dos moradores do céu (deuses) desejou Mamatā.

38-**40**. Não desejosa de ter relações sexuais com ele, Mamatā falou assim para Brhaspati: "Eu estou grávida devido ao meu contato com seu irmão mais velho. Esse é o oitavo (mês). Ó Brhaspati, essa criança grande no útero chora muito. O filho de Aśija que ele é, ele aprendeu os Vedas com seus seis auxiliares e ele repete os Mantras védicos.

Seu sêmen viril também nunca falha. Não cabe a você ter relações sexuais comigo. Ó senhor santo, quando o período (de gestação) passar (você poderá fazer) como você julgar adequado."

---

[5] Estes lugares ficam situados como segue:

(1) **Śivapura** – a região de Siaposh. Inclui o Kafiristão. (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 211).

(2) **Yaudheya** – a região entre o Hydaspes e o Indus. (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 215)

(3) **Navarāstra** – Nausari em Baroach Distrito de Gujarat. (*The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 139).

(4) **Krmilā** – não localizado.

41. Embora falado enfaticamente desse modo por ela, Brhaspati de alma nobre e de refulgência excessiva não se conteve, porque ele estava dominado pela paixão.

42. Brhaspati de alma virtuosa teve seu relacionamento sexual com ela. Exatamente quando ele estava expelindo o sêmen viril, a criança no útero falou assim:

43. "Nenhum *Snātaka* (um brâmane que acabou de ter sua ablução sagrada depois de completar seu estudo védico) deve depositar seu (sêmen viril) aqui. Não há espaço aqui para dois. Você também é alguém com sêmen viril que nunca falha. Eu cheguei aqui primeiro."

44. Brhaspati, o sábio de atributos divinos, ficou enfurecido ao ser abordado dessa forma. Ele amaldiçoou o filho de Aśija, seu irmão, que ainda estava no útero:

45. "Você falou assim comigo em uma ocasião desejada por todos os seres vivos. Como você falou desse modo por ilusão, você entrará em um período longo de escuridão."

46-47. Devido àquela maldição, o sábio depois disso veio a ser chamado de Dīrghatamas. Aśija (o filho de Aśija - Dīrghatamas) também era altamente renomado em virtude de seu poder (de penitência) como Brhaspati. Ele também permaneceu no eremitério do irmão dele cumprindo celibato. Ele ouviu falar de *Godharma* (a lei do gado – se comportar como um touro ou vaca) do touro, o filho de Surabhi (Kāmadhenu).

48. O irmão de Aśija, tio dele, tinha construído uma casa para ele. Enquanto ele estava permanecendo lá, um touro chegou lá casualmente.

49. Cercado por vacas ele pastou a grama Darbha que tinha sido trazida para os rituais *Darśa*[6]. Dīrghatamas agarrou o touro trêmulo por seus chifres.

50. Apanhado por ele, o touro não podia se mover nem um passo. Então o touro falou para ele: "Ó mais notável entre as pessoas fortes, me liberte.

51. Ó caro, alguém forte como você não foi encontrado com por mim em nenhum lugar, embora eu tenha estado carregando o senhor de três olhos (em todos os lugares) como resultado do que eu vim até a terra.

52. Ó mais excelente entre as pessoas fortes, me liberte. Eu estou satisfeito com você. Escolha um benefício." Ao ser abordado desse modo, o sábio falou para o touro: "Onde você vai viver, longe de mim?

53. Por isso eu não libertarei você, o quadrúpede que come a riqueza de outros". Então aquele touro respondeu a Dīrghatamas:

54. "Ó querido, para nós nada é pecaminoso. Não há roubo. Nós não distinguimos entre o que deve ser comido ou o que não deve ser comido, ou o que deve ser bebido ou não deve ser bebido.

55. Nós não sabemos o que deve ser feito ou o que não deve ser feito, o que deve ser aproximado ou o que não deve ser aproximado. Ó brâmane, nós não somos pecadores. Esse é lembrado como o Dharma das vacas e touros."

56. Ao ouvir o nome de vacas mencionado, ele ficou confuso e o libertou. Graças à devoção dele pelas vacas como ordenado pelos Vedas, ele propiciou o touro.

57. Quando o touro foi embora totalmente propiciado, ele começou a deliberar sobre o Dharma das vacas devotamente. Ele ficou totalmente absorto nisso e se dedicou a meditar sobre isso mentalmente repetidas vezes.

58. Quis a má sorte que ele se tornasse tolo e de mente estúpida e molestasse a esposa de seu irmão mais novo Autathya, embora ela lutasse e chorasse.

59. Considerando isso como arrogância dele, Śaradvān não tolerou isso. Usando força e seguindo *Godharma* (a prática do gado), ele tinha se aproximado da nora dele (a esposa do irmão mais novo).

60. Ao ver essa transgressão, Śaradvān refletiu. (Śaradvān) de alma nobre sabia o que estava destinado a acontecer. Assim ele não conferiu morte a ele (Dīrghatamas).

---

6 O rito sacrifical a ser executado no Dia de Lua nova.

61. Com olhos tornados vermelhos devido à raiva, ele gritou para Dīrghatamas: "Você não distingue entre de quem se aproximar e de quem não. Seguindo *Godharma* você solicitou sua nora.

62. Você é um homem de conduta desprezível. Eu estou rejeitando você. Vá embora junto com sua ação má. Apesar de ser cego, velho e dependente de outros para subsistência, você cometeu uma ação deplorável, pecaminosa. Portanto, você é abandonado. Eu estou convencido de que você é uma pessoa de má conduta."

Sūta disse:

63. Depois disso ele pensou em uma ação cruel. Depois de reprovar Dīrghatamas muitas vezes, ele o pegou pelos braços, o colocou em um caixão lacrado e o lançou nas águas do Gañgā.

64. Por sete dias o caixão lacrado flutuou pela corrente. O rei Bali, o conhecedor dos princípios de Dharma, que estava na companhia de sua esposa, viu o caixão afundando levado em direção a ele pela correnteza.

65. Bali, o filho de alma virtuosa de Virocana, o salvou e o levou ao seu harém onde ele o propiciou com diferentes tipos de comida e bebidas, e cuidou dele.

66. O sábio satisfeito pediu para Bali escolher um benefício conforme o desejo dele. O líder Danava escolheu o benefício de (ser abençoado com) um filho.

67. Bali disse: "Ó abençoado, ó concessor de honra, cabe a você gerar em minha esposa filhos dotados de virtude e riqueza, de modo que a minha linhagem seja perpetuada."[7]

68. Ao ser pedido assim por ele, o sábio disse ao rei, "Assim seja." Nisso o rei enviou sua esposa chamada Sudesnā para ele (o sábio).

69. Ao vê-lo cego e velho, a rainha não foi até o sábio. Ela enfeitou sua criada em ornamentos e a deixou com ele.

70-73. O sábio de alma virtuosa de bom autocontrole gerou daquela mulher śūdra dois filhos de grande coragem, Kaksīva e Caksus. Eles estudaram os Vedas propriamente e se tornaram mestres e explicadores de Vedas, grandes Siddhas iluminados e excelentes com visão direta do Dharma. Ao vê-los, Kaksīva e Caksus, o rei, Bali, o filho de Virocana, perguntou ao sábio, "São esses meus filhos?" O sábio disse, "Ó Asura excelente, não, esse não é o caso. Eles são meus. Devido ao seu engano, esses filhos semelhantes a deuses nasceram de útero śūdra.

74. Considerando-me cego e velho, Sudesnā, sua rainha, mandou sua criada śūdra para mim e me desrespeitou."

75. Nisso, Bali propiciou o sábio excelente novamente. O senhor criticou sua esposa Sudesnā.

76-78. Ele a enfeitou em ornamentos e a deu ao sábio. O sábio Dīrghatamas falou desse modo com a rainha: "Ó senhora esplêndida, se, sem mostrar aversão, você lamber da cabeça aos pés o meu corpo nu bem coberto com coalhadas misturadas com sal, você obterá aqueles filhos desejados mentalmente por você." A rainha, logo após, executou todas as instruções dele.

79. Quando ela chegou ao ânus, sua aversão foi tão grande que ela o evitou. Nisso aquele sábio disse a ela: "Ó senhora auspiciousa, já que você evitou o ânus, o filho primogênito ao qual você dará à luz não terá ânus."

80. Então a rainha respondeu ao sábio Dīrghatamas, "Ó abençoado, não cabe a você me dar um filho como esse."

81-82. O sábio disse: "Ó dama suave, isso é sua própria falha. Não será de outra maneira. Ó rainha de ritos bons, eu darei um filho a você. Mesmo sem ânus, ele executará todas as funções corpóreas." Tocando a barriga dela, o sábio Dīrghatamas continuou:

---

[7] Esse Purāna confundiu dois Balis diferentes. Bali ou Mahābalī, o rival de Indra, que doou três pés de terra para Vāmana, não era sem filhos. Bāna, pai de Usā, era filho dele. Esse Bali é outro rei do Leste Indiano que, não tendo filhos, pediu desse modo para Dīrghatamas.

83-84. "Ó senhora de sorrisos agradáveis, como você lambeu as coalhadas do meu corpo, seu útero está cheio como o oceano no Dia de Lua Cheia. Cinco filhos esplêndidos comparáveis aos filhos dos Devas nascerão para você. Eles serão refulgentes, valorosos e íntegros e realizadores de sacrifícios."

85. Então Añga, o filho primogênito de Sudesnā, nasceu. Os outros filhos nascidos para ela depois disso eram Vañga, Kaliñga, Pundra, e Brahma (Suhma no *Brahmānda P*. v. 87).

86. Esses cinco eram os filhos nascidos da esposa de Bali. Eles perpetuaram a linhagem dele. Assim, eles foram dados como filhos para Bali antigamente por Dīrghatamas.

87-88. Por certas razões, a progênie dele (de Bali) tinha sido impedida por Brahma, dizendo, "Que não haja descendência desse (rei) de alma nobre pelas próprias esposas dele." Foi por isso que ele gerou filhos de úteros humanos. Então o touro satisfeito, o filho de Kāmadhenu, falou estas palavras para Dīrghatamas:

89. "Visto que você fez isso depois de ponderar sobre *Godharma*, eu estou contente com você. Eu o libertarei (da maldição).

90. Consequentemente, veja, eu removerei seu longo período de cegueira e escuridão, como também a maldição de Brhaspati junto com os outros pecados que possam estar permanecendo, aderindo ao seu corpo.

91. Depois de cheirar você, eu removerei seu medo da morte e velhice." Assim que ele foi cheirado, a escuridão foi destruída e ele começou a ver.

92. Ele recuperou sua visão. Ele se tornou um homem jovem abençoado com vida longa. Assim aquele Dīrghatamas foi transformado pelo touro e ele se tornou Gautama.

93. Depois disso Kaksīvān foi para Giripraja (Girivraja – *Brahmānda P*.) junto com seu pai. Ele fez penitência extensa por causa do pai dele como concebido (originalmente).

94. Depois de um período longo, ele foi purificado por sua penitência. Depois de se livrar de seus defeitos, o senhor (sábio) obteve a condição de brâmane junto com seu irmão mais novo.

95. Então o pai dele falou: "Ó senhor, agora eu sou (realmente) alguém abençoado com um filho. Por ter um filho famoso e bom (como você), eu alcancei meu objetivo (e estou contente e satisfeito) na vida."

96. Com sua alma unida em prática yóguica, ele obteve a condição de brâmane e extinção da (escravidão mundana). Depois de obter a posição de brâmane Kaksīvān gerou mil filhos.

97-99. Aqueles Gautamas (descendentes de Gautama) de pele escura são lembrados como os filhos de Kaksīvān. Dessa maneira a associação de Dīrghatamas e Bali, o filho de Virocana, foi narrada. Assim também a progênie de ambos. Depois da coroação dos cinco filhos impecáveis dele, o satisfeito Bali recorreu à prática yóguica. O senhor de alma yóguica espera sua hora vagando (sobre a terra) permanecendo invisível para todos os seres vivos.

100. Dadhivāhana, o filho do rei religioso Añga, tornou-se rei. Devido ao erro de Sudesnā, esse rei era Anapāna (desprovido de ânus).

101. O rei Diviratha é lembrado como o filho de Anapāna. O filho estudioso de Diviratha era o rei Dharmaratha.

102. Foi esse mesmo Dharmaratha glorioso por quem Soma (suco Soma) foi bebido no decorrer de um Yajña junto com Śakra de alma nobre na montanha Visnupada.

103. Ouçam, (o filho) de Dharmaratha era o rei Citraratha. De Citraratha nasceu o rei Daśaratha. Ele era famoso como Lomapāda e a filha dele era Śāntā[8].

---

[8] Algumas palavras que faltam nesse local no texto são fornecidas aqui.
As linhas faltantes depois do v. 103 são traduzidas como segue:

104. O elefante de Sakra nasceu como o elefante dele Candika. Por meio de Mantras (?) ele trouxe o veículo excelente para a terra.

105. O sucessor de Haryañga era o rei Bhadraratha. O filho de Bhadraratha era Brhatkarmā, o senhor dos súditos.

106. Brhadratha era seu filho e Brhanmanā nasceu dele. Brhanmanā gerou o filho Rājendra.

107. Ele também era conhecido como Jayadratha e dele nasceu o rei Drdharatha. O filho de Drdharatha era Janamejaya, o conquistador do mundo.

108. O sucessor dele, o rei de Añgas, era Kama. O filho de Karna era Sūrasena e Dvija é lembrado como o filho dele.

Os sábios disseram:

109. Como Kama ficou conhecido como o filho de um cocheiro e como ele se tornou um membro da família dos reis de Añgas? Isso nós desejamos ouvir. Realmente você é muito eficiente (em narração).

Sūta respondeu:

110. O rei Brhanmanā nasceu como o filho de Brhadbhānu (anteriormente ele foi mencionado como Brhadratha). Ele teve duas esposas. Ambas eram filhas de Caidya.

111. Elas eram Yaśodevi e Satyā. A linhagem se bifurcou por causa dessas duas esposas. Jayadratha, também conhecido como Rājendra, nasceu de Yaśodevi.

112. (Verso defeituoso.) Satyā deu à luz o famoso Vijaya que era de casta brâmane-ksatriya misturada (?). O filho de Vijaya era Dhrti e o filho dele era Dhrtavrata.

113. O filho de Dhrtavrata era Satyakarmā de grande fama. O filho de Satyakarmā era Adhiratha, o cocheiro.

114. Ele adotou e cuidou de Karna. Por isso Karna era conhecido como o filho de um cocheiro. Assim tudo o que foi perguntado a respeito de Karna foi mencionado para vocês.

115. Desse modo todos os reis na família de Añga foram descritos por mim. Agora ouçam a progênie de Pūru em detalhes e na ordem correta.

Sūta disse:

116. O filho de braços fortes de Pūru, Janamejaya, tornou-se um rei. Seu filho era Aviddha que conquistou a região leste.

117. De Aviddha nasceu como filho o grande herói Manasyu. O rei Jayada era o filho de Manasyu.

118. O sucessor dele era o rei chamado Dhundhu. Bahu-gavi era o filho de Dhundhu. Sañjāti era filho dele.

119. O filho de Sañjāti era Raudrāśva. Conheçam os filhos dele. Raudrāśva gerou dez filhos da donzela celestial Ghrtācī.

120-123. Eles eram Rajeyu, Krteyu, Vakseyu, Sthandileyu, Ghrteyu, Jaleyu, Sthaleyu o sétimo, Dharmeyu, Sannateyu, e o décimo filho Vaneyu. Ele também teve dez filhas, ou seja, Rudrā, Śūdrā, Madrā, Śubhā, Jāmalajā, Talā, Khalā (essas sete e então), a filha que é lembrada como Gopajalā; então, Tāmrarasā e Ratnakūtī. O marido de todas elas era Prabhākara. Ele pertencia à linha (Gotra) Atreya.

Anādrsta era um rei religioso. Riveyu era seu filho.

---

104. Aquele filho heróico e de alma nobre de Daśaratha, Gaturañga, o promotor da família dele, nasceu pela graça de Rsyaśrñga.

105. É informado que Prthulāśva era o filho de Caturañga. O filho de Prthulāśva era (?) de Campā. A cidade (capital) de Campā era bela. Ela se tornou a bela Mālini (real nome de Campā).

106-107. A cidade de Campāvati (aliás) Campā era habitada por pessoas de quatro Varnas (castas). Elas viveram em Campāvati por sessenta mil anos. Por brâmanes, ksatriyas, vaiśyas, por todos, o próprio dever (Dharma) deles era seguido. Todos eram devotados a Visnu por fazerem penitência e seguirem os deveres de suas (respectivas) castas.

Haryañga se tornou filho dele pela graça de Pūrnabhadra.

- *Vā. P.* (Anandashram, Poona, pág. 374)

124. A esposa de Riveyu chamada Jvalanā era a filha de Taksaka. Aquele rei pio gerou daquela senhora amável um filho chamado Ranti.

125-126. Ranti, o rei, gerou filhos esplêndidos de sua esposa Sarasvatī. Eles eram Trasu, Pratiratha e Dhruva, que eram sumamente honrados. A filha dele, Gaurī, é famosa como a mãe esplêndida de Māndhātā. Dhurya era filho de Pratiratha e o filho dele era Kantha.

127. (Verso defeituoso.) O filho dele era Medhātithi de quem os brâmanes Kānthāyanas se originaram. Itinā (?) era a filha de Anuyama (?). Ela deu à luz filhos.

128-129. Trasu obteve seu filho favorito Malina que era um explicador de Brahman. Depois disso ele obteve Upadātā e os (seguintes) quatro filhos de Itinā (?): Susmanta, Dusyanta, Pravīra e Anagha. O filho nascido para Dusyanta era um rei excelente e ele se tornou um imperador.

130. Aquele filho Bharata nasceu de Śakuntalā. É por causa dele que (a terra) obteve seu nome Bhārata. Uma voz incorpórea (celestial) falou para o rei Dusyanta.

131-132. "Ó Dusyanta, a mãe é apenas uma bolsa de couro (ou fole [taleiga]). O filho pertence ao pai. Ele é idêntico àquele por quem ele é gerado. Śakuntalā fala a verdade. Mantenha seu filho. Ó senhor de homens, aquele que expele o sêmen viril resgata o filho da residência de Yama. Você é o progenitor dessa criança no útero. Não desonre Śakuntalā."

133. Bharata gerou de suas três esposas nove filhos. "Estes não são condizentes comigo." Dizendo isso, o rei não os aprovou. (Ele os repudiou).

134. Então aquelas mães enfurecidas mataram os filhos delas. Assim os nascimentos daqueles filhos para o rei foram inúteis.

135. Então o filho poderoso Bharadvāja, o filho de Brhaspati, foi levado para lá pelos Maruts no decorrer dos sacrifícios e entregue para ele.

136. Em relação a isso, é citada esta história do inteligente Bharadvāja, seu nascimento e a transferência para Bharata pelos Maruts.

137. Quando a esposa dele estava no estado avançado de gravidez, é dito que Aśija morreu. Olhando para a esposa do irmão dele, Brhaspati disse: "Ó senhora auspiciosa, embeleze seu corpo com ornamentos e me dê (o prazer de) relações sexuais com você."

138. Ao ser abordada dessa maneira, ela disse a ele, "Ó senhor santo, eu estou grávida agora. O feto chegou ao estado avançado de maturidade. A criança repete os Mantras védicos.

139. Você também é alguém cujo sêmen viril nunca parte em vão. Essa atividade (de relações sexuais com você) é desprezível." Em ouvir isso, Brhaspati disse sorridente:

140. "Você não precisa em absoluto me instruir em bom comportamento." Com grande deleite, ele se entregou a relações sexuais à força com ela.

141. "Ó pai (tio) Brhaspati", disse o feto para Brhaspati, que estava em um estado de alegria, "eu já sou encaixado aqui, tendo chegado aqui antes.

142. Você é alguém cujo sêmen viril nunca parte em vão. Não há espaço aqui para duas (crianças)." Ao ouvir isso da criança no útero, o enfurecido Brhaspati falou novamente:

143. "Já que você me impede em um momento como esse, desejado por todos os seres vivos, você entrará em um longo período de escuridão."

144. A passagem (vaginal) de sua mãe foi coberta com os pés pelo filho. O sêmen viril de Brhaspati, sendo obstruído entre eles, se tornou uma criança.

145. Ao ver o filho nascido instantaneamente Mamatā disse, "Ó Brhaspati, eu vou para minha casa. Bhara (Crie), Dvāja (esse que nasceu de dois)."

146. Quando ela foi embora depois de dizer isso, ele (também) abandonou o filho imediatamente." "*Bharasva* (Crie). *Bādham* (muito bem)". Como isso foi dito, ele veio a ser conhecido como 'Bharadvāja.'

147. Ao verem o recém nascido abandonado por ambos, a mãe e o pai, os Maruts levaram embora a criança Bharadvāja por compaixão.

148-149. Naquela época Bharata tinha executado vários Yajñas e outros (sacrifícios) *Kamya* e *Naimittika* com o desejo de obter um filho. Apesar daqueles Yajñas, o senhor não obteve nenhum filho. Depois disso ele realizou o Marut-Soma Yajña por causa de um filho.

150. Sendo propiciados por aquele sacrifício Marut-Soma, os Maruts lhe (deram) Bharadvāja, o filho inteligente de Brhaspati.

151. Ao obter aquele filho Bharadvāja, Bharata disse: "Ó senhor, com você como meu filho, eu estou satisfeito, já que todos os meus filhos anteriores foram mortos."

152. Os nascimentos dos filhos anteriores dele (isto é, de Bharata) tinham sido em vão (*vitatha*). Assim Bharadvāja era conhecido pelo nome Vitatha.

153. Consequentemente o filho divino Bharadvāja se tornou um ksatriya de condição de brâmane. Ele é lembrado pelos nomes *Dvimukhyāyana* (tendo dois domicílios importantes) e *Dvipitrka* (tendo dois pais).

154. Depois do nascimento (sucessão) de Vitatha, Bharata foi para o céu (faleceu). O sucessor de Vitatha foi Bhuvamanyu.

155. Quatro filhos comparáveis ao Mahabhūtas (grandes elementos) nasceram para Bhuvamanyu. Eles eram Brhatksatra, Mahāvīrya, Nara e o poderoso Gāgra.

156. O filho de Nara era Sarhkrti. Os filhos dele eram muito poderosos. Guruvīrya e Trideva são lembrados como os filhos de Sarhkrti. Não havia ninguém maior que eles.

157. Os sucessores de Gāgra nasceram de Śinibaddha. Portanto os Gāgryas (descendentes de Gagra) são lembrados como brâmanes com características de ksatriyas.

158. Bhīma era o filho de Mahāvīrya. Dele nasceu Ubhaksaya. A esposa dele, Viśālā, deu à luz três filhos.

159. Ela deu à luz Trayyāruni, Puskarin e o terceiro filho Kapi. Os descendentes de Kapi eram ksatriyas excelentes e é dito que aqueles dos outros dois eram grandes sábios.

160. Os descendentes de Gāgra, Sarhkrti e Mahāvīrya eram brâmanes dotados de características ksatriya também. Eles se fundiram com a linhagem de Añgiras. Agora a linhagem de Brhatksatra será narrada.

161. O sucessor de Brhatksatra era um piedoso chamado Suhotra. O sucessor de Suhotra era alguém chamado Hastin. Antigamente aquela cidade chamada Hastināpura foi construída por ele.

162. Os sucessores de Hastin eram três, isto é, Ajamīdha, Dvimīdha e Purumīdha. Eles eram todos extremamente devotos e piedosos[9].

163-164. Os filhos de Ajamīdha eram esplêndidos. Eles perpetuaram a linhagem auspiciosa. Eles eram muito piedosos. Eles nasceram para o grande rei em sua velhice depois de uma grande penitência, graças à benevolência de Bharadvāja. Ouçam a extensão deles. Kantha nasceu para Ajamīdha e Keśinī.

165. Medhātithi era o filho dele e dele nasceram os brâmanes chamados Kanthāyanas. O rei Brhadvasu nasceu para Ajamīdha e (sua segunda esposa) Dhūminī.

166. O filho de Brhadvasu era Brhadvisnu que era muito forte. O filho dele era Brhatkarmā cujo filho era Brhadratha.

167. Seu filho era Viśvajit, cujo filho era Senajit. Os quatro filhos de Senajit eram bem conhecidos no mundo.

168. Eles eram Rucirāśva, Kāvya, Rāma de arco firme, e Vatsa, o rei de Avantī a partir do qual a (era) *Parivatsara* (começou).

---

[9] O verso adicional seguinte, numerado 167 em Anandashram, é traduzido da seguinte maneira:
"As rainhas de Ajamīdha eram auspiciosas e perpetuatoras da família de Kuru. Elas eram (chamadas) Nilini, Keśinī e a bela Dhūmini."

169. O sucessor de Rucirāśva era Prthusena de grande fama. Pāra era o filho de Prthusena e Nīpa nasceu de Pāra.

170. Nós ouvimos que cem filhos nasceram para Nīpa. Eles são chamados de 'Nīpas'. Todos eles eram reis.

171. O rei mais glorioso entre eles, que elevou a fama da família e estabilizou a linhagem, foi Samara com sua capital em Kāmpilya. Ele gostava de guerra.

172. Samara teve três filhos dotados de todas as boas qualidades. Eles eram Para, Pāra e Sattvadaśva. O filho de Para, Vrsu, brilhou excelentemente.

173. Um filho chamado Sukrti dotado de todas as boas qualidades nasceu para Vrsu, graças às atividades meritórias dele. Vibhrāja era seu filho.

174. O sucessor de Vibhrāja era o rei chamado Anuha que era muito famoso. Ele era o marido de Rcī e assim o genro de Śuka.

175. O sucessor de Anuha era Brahmadatta de grande penitência. Yogasūnu era seu filho e o filho dele Visvaksena tornou-se um rei.

176. Os filhos de Vibhrāja se tornaram reis, graças às atividades meritórias deles. O filho de Visvaksena era Udaksena.

177. Seu sucessor era Bhallāta por quem o rei foi morto antigamente. O sucessor de Bhallāta era o rei Janamejaya. Em seu nome, todos os Nīpas foram destruídos por Ugrāyudha.

Os sábios perguntaram:

178. Ugrāyudha era filho de quem? Em qual família ele nasceu e foi glorificado? Por que todos os Nīpas foram destruídos por ele?

Sūta disse:

179-**180**. O estudioso Yavīnara era o filho e sucessor de Dvimīdha. Dhrtimān era seu filho. O filho dele era Satyadhrti. O filho de Satyadhrti era o valoroso Drdhanemi. O rei chamado Suvarmā era o filho de Drdhanemi.

181. O destemido Sārvabhauma (o senhor da terra inteira) era o filho de Suvarmā. Ele brilhou como o único senhor da terra e ele ficou famoso como Sārvabhauma.

182. Na grande família dele nasceu (um rei chamado) Mahatpauravanandana. O rei Rukmaratha é lembrado como o filho de Mahatpaurava.

183. O filho de Rukmaratha era o rei chamado Supārśva. O filho de Supārśva chamado Sumati era muito virtuoso.

184. O filho de Sumati era o senhor Sannatimān, o rei de alma virtuosa. Seu filho se chamava Sanati e Krita era filho dele.

185. Ele foi um discípulo de Hiranyanābhi de alma nobre do ramo Kauthuma (de estudo samavédico). Vinte e quatro Sāman-Samhitās foram expostos por ele.

186. Os filhos de Krita, os cantores de hinos Sāman, são lembrados pelo nome 'Prācyas' (Orientais). O heróico Ugrāyudha era um dos filhos de Krita. Ele era o descendente da família de Pūru.

187. O senhor de braços fortes de Pañcālas, chamado Nīla, que era o avô de Prsata, foi morto por ele (Ugrāyudha) (e assim) ele mostrou sua bravura.

188. O filho (sucessor) de Ugrāyudha era um rei muito famoso chamado Ksema. Suvīra nasceu de Ksema. O filho de Suvīra era Nrpañjaya. Vīraratha nasceu de Nrpañjaya. Assim esses são lembrados como Pauravas (descendentes de Pūru).

189. O rei Nīla nasceu de Nīlinī (a terceira esposa) de Ajamīdha. Suśānti nasceu de Nīla, graças à penitência severa dele.

190. Purujānu era o filho de Suśānti. Riksa nasceu de Purujānu. Os seguintes eram os filhos e sucessores de Riksa.

191. Eles eram: Mudgala, Srñjaya, o rei Brhadisu, Vikrānta que era mais novo que ele e Kampilya, o quinto.

192-**193**. Para o sustento e a manutenção de todos os cinco, o pai falou desse modo para eles: "Saibam que há cinco territórios florescentes para todos os cinco de vocês." Como os cinco eram suficientes, todos os territórios juntos eram bem

conhecidos como Pañcālas[10]. Maudgalyas, os descendentes de Mudgala, eram brâmanes dotados de características ksatriya.

194. Esses eram conhecidos como Kanthamudgalas e eles se fundiram ao Añgirasa Gotra. O filho primogênito de Mudgala era muito famoso. Ele era absorto em meditação de Brahman.

195. Dele Indrasenā concebeu Badhyaśva. Nós sabemos que Menakā teve gêmeos com Badhyaśva.

196-**197**. Eles eram Divodāsa o rei religioso e Ahalyā de grande fama. Ahalyā deu à luz Śatānanda, o sábio excelente, de Śāradvata. O filho dele era Satyadhrti de grande fama. Ele era um mestre da ciência de arco e flecha.

198. Ao ver uma Apsara (donzela celestial) à frente, o sêmen viril de Satyadhrti foi emitido na moita de grama Śara e nasceram gêmeos.

199-**200**. Śantanu, que tinha chegado caçando àquele lugar, os levou por compaixão (Krpa). O menino é lembrado como Krpa e a menina como Krpī. Ela também era conhecida como Gautamī. Assim a linhagem de Gautamī, conhecida como Śāradvatas e Rtathyas, foi relatada.

Daqui em diante eu narrarei a progênie de Divodāsa.

201. O sucessor de Divodāsa era o rei Mitrayu que era absorto em meditação sobre Brahman. Maitreya nasceu dele. É lembrado que esses também se fundiram (em outras famílias).

202. Esses também se fundiram na família (de Bhrgu). Eles eram (brâmanes) dotados com características de ksatriyas. Eles eram conhecidos como Bhārgavas. O rei Cyavana nasceu (naquela família). O estudioso Pratiratha nasceu dele.

203. O inteligente Sudāsa nasceu de Cyavana. Sahadeva nasceu como o filho de Sudāsa. Somaka era seu filho.

204-**205**. Quando a linhagem estava a ponto de ser extinta, Ajamīdha nasceu novamente. Esse era Somaka. O filho de Somaka era Jantu. Quando ele foi morto, cem outros filhos nasceram para o senhor Ajamīdha de alma nobre em seu nascimento como Somaka. O mais novo deles, Prsata, era o pai de Drupada.

206-**209**. O filho dele era Dhrstadyumna e Dhrstaketu era seu filho. Dhūminī, a rainha de Ajamīdha, desejava um filho. Em seu renascimento ela praticou uma penitência muito difícil por cem anos. Ela realizava Homas no fogo. Ela se mantinha desperta. Ela comia muito pouco e isso também só alimento sagrado. Ela executava grandes ritos sagrados. Dia e noite ela permanecia no colchão de Kuśa somente. Por essas atividades rigorosas, ela se tornou de cor de fumaça. O poderoso Ajamīdha gerou dela Rksa, um filho de cor de fumaça, que era o irmão mais velho de Sita (um de cor branca). Samvarana nasceu de Rksa. Kuru nasceu de Saihvarana.

210. Depois pisar sobre (conquistar) Prayāga, ele construiu Kuruksetra. O rei de esplendor excepcional o arou por muitos anos.

211. Enquanto ele estava sendo arado, Śakra resplandeceu lá e concedeu esta bênção: “Seu (Kuruksetra) será belo, sagrado e frequentado por pessoas meritórias”.

212-**213**. Pessoas nascidas na família dele foram reis excelentes famosos como Kurus. Os filhos amados de Kuru eram Sudhanvan, Jahnu, Parīksita o grande rei, Putraka e Arimardana. É lembrado que o inteligente Suhotra foi o sucessor de Sudhanvan.

214-**215**. Cyavana era filho dele. O rei era um perito em assuntos religiosos. Krita era o filho de Cyavana. Ele executou penitência grandiosa e muitos Yajñas. O rei gerou seu filho famoso Vidyoparicara que reivindicou amizade de Indra. Ele era um grande herói que podia percorrer o céu e era conhecido como Vasu também.

216-**217**. Girikā teve sete filhos com Vidyoparicara – Brhadratha, um grande guerreiro, que ficou famoso como o rei Magadha; Pratyagrha, Kuśa, um que chamam de Manivāhana, Māthailya, Lalittha e Matsyakāla o sétimo.

---

10 *Pañcā* (cinco) + *alam* (suficiente).

218. O sucessor de Brhadratha era famoso pelo nome de Kuśāgra. O filho de Kuśāgra era um rei poderoso chamado Rsabha.

219. O sucessor de Rsabha era um rei virtuoso chamado Puspavān. O rei Satyahita é lembrado como seu valoroso sucessor.

220-221. O filho dele era Sudhanvan. Dele nasceu o destemido Ūrja. O filho de Ūrja era Nabhasa e dele nasceu aquele rei poderoso Jarāsandha. Ele nasceu em dois pedaços e ele foi unido por Jarā. Jarāsandha tinha braços poderosos porque ele foi unido por Jarā.

222. Esse Jarāsandha de grande força foi o conquistador de todos os reis ksatriya. O filho de Jarāsandha era o bravo Sahadeva.

223. O filho de Sahadeva era o glorioso Somādhi de penitência muito grande. Śrutaśruva era o filho de Somādhi e é glorificado como Māgadha.

Sūta disse:

224. Janamejaya era o sucessor de Parīksita. O sucessor de Śrutasena se chamava Bhīmasena. (Linhas faltando).

225. Jahnu gerou um filho chamado Suratha que se tornou um rei. O sucessor de Suratha era o rei heróico Vidūratha.

226. É sabido que o filho de Vidūratha também era Sārvabhauma. Jayatsena nasceu de Sārvabhauma e Arādhi era seu filho.

227. Mahāsattva nasceu de Arādhi e Ayutāyu veio depois. Akrodhana era o filho de Ayutāyu. É lembrado que Devātithi nasceu dele.

228. Foi Rksa quem se tornou o sucessor de Devātithi. Bhīmasena nasceu de Rksa e Dilīpa era seu filho.

229. Pratīpa era o filho de Dilipa. É lembrado que três filhos nasceram para ele. Esses três são Devāpi, Śantanu e Bāhlīka.

230. O rei Saptabāhlīśvara deve ser conhecido como (o filho) de Bāhlīka. Somadatta também, de grande fama, era o filho de Bāhlīka.

231. Bhūri, Bhūriśravas e Śala nasceram de Somadatta. Com o desejo de acumular virtude Devāpi (renunciou a tudo e) foi para a floresta.

232. O sábio Devāpi se tornou o preceptor dos Devas. Para esse sábio de alma nobre nasceram dois filhos, Cyavana e Istaka.

233. Śantanu se tornou rei. Ele era um estudioso e um grande médico (*Mahābhisa*). Sobre esse Mahābhisa é citado este verso.

234. "Quem quer que o rei toque, seja ele muito velho devido ao efluxo do tempo, se torna um jovem novamente. Portando eles o conhecem como Śamtanu (*Sam*-felicidade, *Tanu*-corpo)."

235. Então a qualidade de ele ser *Samtanu* era bem conhecida entre os súditos. Aquele rei virtuoso Śamtanu se casou com Jahnavī (Gañgā).

236. O senhor gerou um filho dela, chamado Devavrata (que mais tarde se tornou) Bhīsma. Esse Bhīsma ficou famoso como o avô dos Pāndavas.

237-238. Depois de certo tempo Śamtanu gerou seu filho favorito Vicitravīrya, que como rei fez muito pelo bem-estar dos súditos. Krsnadvaipāyana gerou da esposa (*ksetra*) de Vicitravīrya, Dhrtarāstra, Pāndu e Vidura. Gāndhārī teve cem filhos com Dhrtarāstra.

239. Duryodhana era o mais velho entre eles. Ele se tornou o senhor de todos os ksatriyas. Mādrī e a rainha Prthā se tornaram as esposas de Pāndu.

240-241. Filhos concedidos por deuses nasceram delas em nome de Pāndu. Yudhisthira nasceu graças à benevolência de Dharma; Vrkodara nasceu de Vāyu; Dhanañjaya cuja bravura era igual àquela de Śakra nasceu de Indra. Sahadeva e Nakula nasceram de Mādrī, graças ao favor dos Aśvins.

242. Cinco filhos nasceram de Draupadī com os (cinco) Pāndavas. Draupadī teve Srutividdha, o mais velho deles, com Yudhisthira.

243. Hidambā teve o filho Ghatotkaca com Bhīmasena. Kāśyā também teve seu filho Sarvavrka com Bhīmasena.

244. Vijayā, a princesa de terra de Madra, teve Suhotra com Sahadeva. Niramitra nasceu para Karematī de Vaidya (?) como o filho de Nakula.

245. O heróico Abhimanyu nasceu de Subhadrā como o filho de Pārtha. Pariksit nasceu de Uttara, a princesa de Virata, como o filho de Abhimanyu.

246. O rei Janamejaya era o sucessor de Parīksit. Ele estabeleceu brâmanes Vājasaneyika.

247-**248**. O enfurecido Vaiśampāyana (disse a ele), "Ó de mente má, suas ordens (governo) não permanecerão muito tempo aqui neste mundo sem um inimigo (sem serem protestadas contra). Enquanto eu estiver vivo neste mundo, esse (seu ato) não poderá ser elogiado." Logo após Janamejaya enfrentou dificuldades de todos os lados.

249. Ele adorou o senhor Prajāpati por oferecer Havis no Paurnamāsa Yajña. Ele cuidou para que os diferentes materiais fossem oferecidos no sacrifício do senhor. Contudo ele estava em dificuldades?

250. Janamejaya, o filho de Parīksit, o descendente de Pūru, então realizou Aśvamedha duas vezes. Depois disso, ele fez aqueles brâmanes Vājasaneyaka atuarem. Janamejaya foi incapacitado (derrotado) três vezes.

251. Mutilado pelas mãos de Aśvakomukhyas, mutilado nas mãos dos residentes de Añgas, e mutilado nas mãos do povo de Madhyadeśa (Terras Centrais), Janamejaya se tornou *Trikharvi* (mutilado três vezes). Ele estava angustiado. Sendo amaldiçoado junto com aqueles brâmanes, ele sofreu ruína.

252. Śatānīka de coragem e força verdadeiras era seu filho. Depois dele (Janamejaya), os brâmanes coroaram o filho dele Śatānīka.

253-**255**. O poderoso Aśvamedhadatta era o filho de Śatānīka. Adhisāmakrsna nasceu como o filho de Aśvamedhadatta. Ele conquistou as cidades de seus inimigos. Ele é o governante atual, de alma virtuosa e grande fama. É sob o governo dele que vocês têm podido realizar este *Dīrghasatra* (sacrifício de duração longa) por três anos. Ele é muito difícil de ser executado. Ó brâmanes excelentes, (além disso) há outro Satra durando por dois anos, que está sendo realizado em Kuruksetra nas margens do rio Drsadvatī.

Os sábios disseram:

256. "Ó Sūta altamente inteligente, nós desejamos ouvir os eventos futuros dos súditos junto com os reis. Os reis passados já foram mencionados por você.

257-**259**. Nós desejamos ouvir todos esses: as atividades que serão empreendidas por eles, e os nomes deles, os reis que vão nascer, seu tempo calculado em anos, a extensão dos Yugas, seus pontos bons e seus defeitos, a felicidade e miséria deles e aquelas dos súditos, suas atividades religiosas e suas atividades passionais como também suas transações monetárias. Enumere todos esses nós que lhe pedimos."

Ao ser solicitado dessa maneira, Sūta, o mais excelente entre os inteligentes, mencionou tudo do modo como aconteceria e como ele tinha visto e ouvido.

Sūta disse:

260-**261**. Enquanto eu narro, escutem e conheçam os eventos futuros[11], o Kaliyuga e os Manvantaras da maneira que eles foram descritos para mim por Vyāsa de atividades extraordinárias. Daqui em diante, eu mencionarei os reis que nascerão no futuro.

262-**265**. Eu mencionarei os descendentes de Aila, Iksvāku, Sudyumna e outros reis que terão a posse desse território esplêndido dos Iksvākus. Eu citarei todos os outros reis também além desses que nascerão no futuro, isto é, Ksatriyas,

---

[11] Os versos 260-310 descrevem as 'futuras' dinastias de reis. As dinastias mencionadas aqui são (1) Brhadratha, (2) Pradyota, (3) Śisunāka (Śiśunāga), (4) Nanda, (5) Maurya, (6) Kānva e (7) Andhra. Guptas (se a leitura estiver correta) somente são citados e governantes Mlecchа e outros também são referidos.

Paraśavas, Śūdras e Brâmanes, Andhas (Andhras), Śakas, Pulindas, Tūlikas, Yavanas, Kaivartas, Abhiras, Śabaras, e todas as outras tribos Mlecha (sem casta). Eu mencionarei aqueles reis pelos nomes e a duração em anos do reinado deles.

266. Esse rei atual Adhisāmakrsna é um rei pertencente à dinastia Pūru. Eu mencionarei todos os reis futuros na família dele.

267. Nirvaktra será o filho de Adhisāmakrsna. Quando a cidade dele, Hastināpura, for varrida pelo Gañgā, ele a abandonará e viverá alegremente em Kausāmbī.

268. Seu filho será Usna. Citraratha nascerá de Usna. Śucidratha nascerá de Citraratha, e Vrtimān nascerá de Śucidratha.

269. Susena de grande fama e coragem nascerá depois disso. Para Susena nascerá o rei chamado Sutīrtha.

270. Ruca nascerá de Sutīrtha. Então Tricaksa vai nascer. O sucessor de Tricaksa será Sukhībala.

271. O filho de Sukhībala será o rei Paripluta. O rei Sunaya nascerá como o filho de Paripluta.

272. O rei Medhāvī será o filho de Sunaya e o filho de Medhāvin será Dandapāni.

273. O filho de Dandapāni será Niramitra e Ksemaka será o filho de Niramitra. Esses vinte e cinco reis (?) nascerão na família de Pūru.

274-275. Em relação a isso o verso seguinte que descreve a linhagem subsequente foi citado por brâmanes que conhecem tradições antigas. "Essa linhagem que produziu brâmanes e ksatriyas, e que é honrada por Devas e sábios, será extinta na era Kali depois de chegar a Ksemaka". Assim a família de Pūru foi enumerada precisamente.

276. (A família) do filho inteligente de Pāndu, Arjuna de alma nobre, (foi narrada). Daqui em diante eu mencionarei a linhagem dos Iksvākus de grandes almas.

277-278. O sucessor de Brhadratha era o rei heróico Brhatksaya. Seu filho era Ksaya. Vatsavyūha era o filho de Ksaya. Depois de Vatsavyūha, Prativyūha tornou-se rei. O filho dele é Divākara e esse rei está governando a cidade de Ayodhyā agora.

279. O filho de Divākara será o renomado Sahadeva. Brhadaśva se tornará o sucessor de Sahadeva.

280. Bhānuratha será seu filho. O filho dele será Pratītāśva. Supratīta se tornará o filho de Pratītāśva.

281-282. Sahadeva será seu filho e o filho dele será Sunaksatra. Kinnara, o opressor de seus inimigos, se tornará o filho de Sunaksatra. Antariksa, o filho de Kinnara, será um grande (rei).

283-284. Suparna nascerá de Antarīksa e Amitrajit nascerá de Suparna. Seu filho será Bharadvāja. Dharmin será seu filho. Um filho chamado Krtañjaya nascerá para Dharmin. Vrata será o filho de Krtañjaya e o filho dele será Ranañjaya. Para Ranañjaya nascerá o rei heróico Sañjaya. Śākya nascerá como o filho de Sañjaya. De Śākya nascerá Suddhodana.

285. Na família de Śākya, Rāhula nascerá para Suddhodana (?). Então Prasenajit nascerá. Ksudraka nascerá então.

286. Ksulika será o filho de Ksudraka. De Ksulika nascerá Suratha. Sumitra, o filho de Suratha, será o último o rei.

287. Todos esses mencionados são futuros reis Iksvāku na era Kali. Eles nascerão na linhagem de Brhadbala na era Kali. Todos eles serão heróicos, instruídos e verdadeiros. Eles serão os conquistadores dos órgãos dos sentidos.

288. Em relação a isso o verso seguinte que descreve a linhagem subsequente é citado por aqueles que conhecem o futuro. "Essa linhagem dos Iksvākus terminará com Sumitra. Depois de chegar ao rei Sumitra, ela será extinta na era Kali." Assim o Ksetra (domínio?) originando-se de Manu e descendo a partir de Aila foi descrito.

289. Daqui em diante eu mencionarei os reis de Magadha, os descendentes de Brhadratha, isto é, os reis da linhagem de Jarāsandha e da família de Sahadeva.

290. Eu mencionarei os reis passados, presentes e futuros conforme a importância deles. Enquanto eu narro, ouçam e compreendam.

291. Na guerra do Mahābhārata Sahadeva morreu. Seu filho Somādhi, o rei religioso, governou Girivraja.

292. Ele governou o reino por cinquenta e oito anos. Seu filho Śrutaśravas regeu durante sessenta e quatro anos. Ayutāyu regeu por vinte e seis anos. Niramitra desfrutou da terra por cem anos e foi para o céu.

293. Sukrtta governou a terra por cinquenta e seis anos. Brhatkarman governou o reino por vinte e três anos.

294. Senajit desfruta do reino (agora). (Seu filho) Śrutañjaya será rei por quarenta anos.

295. Mahābala, de braços fortes e dotado de grande intelecto e coragem, se tornará rei e regerá a terra por trinta cinco anos.

296. Śuci permanecerá no reino por cinquenta e oito anos. Ksema será rei durante vinte e oito anos completos.

297. Bhuvata o poderoso manterá o reino por sessenta e quatro anos. Então Dharmanetra será o rei por cinco anos completos.

298. Nrpati (?) então desfrutará do reino por cinquenta e oito anos. O governo de Suvrata será por trinta e oito anos.

299. Drdhasena será o rei por quarenta, dez e oito, (isto é, cinquenta e oito) anos. Então Sumati terá a posse do reino por trinta e três anos.

300. Sucala desfrutará do reino durante vinte e dois anos. Depois disso, Sunetra desfrutará do reino durante quarenta anos.

301. Satyajit desfrutará da terra por oitenta e três anos. Depois de obter o reino Varajit desfrutará dele por trinta e cinco anos.

302. Ariñjaya estará em posse da terra por cinquenta anos. Esses trinta e dois reis serão os futuros governantes na linhagem de Brhadratha.

303-**304**. Ao todo eles regerão por mil anos completos. Quando os descendentes de Brhadratha deixarem de governar e quando os Vītahotras ocuparem o trono, mesmo enquanto todos os ksatriyas permanecerem olhando, Pradyota[12] Munika matará seu mestre e coroará seu próprio filho como rei.

305. Aquele rei do futuro será desprovido de diplomacia ou políticas justas. Todos os vassalos se curvarão diante dele. Aquele homem excelente será rei por vinte e três anos.

306. Depois disso o rei chamado Pālaka governará por vinte e quatro anos. Então o rei Viśākhayūpa regerá por cinquenta anos.

307. O governo de Ajaka será por trinta e um anos. Seu filho Vartivardhana regerá por vinte anos.

308. Desse modo os cinco futuros filhos (e sucessores) de Pradyota governarão por centro e trinta e oito anos. Destruindo a fama deles completamente, Śiśunāka (Śiśunāga) se tornará rei (em Vārānasī).

309-**310**. O filho dele obterá Girivraja em Vārānasī. A suserania de Śiśunāka (Śiśunāga) será por quarenta anos. Seu filho Śakavarna governará durante trinta e seis anos. Então por vinte anos Ksemavarmā será rei.

311. Ajātaśatru será rei por vinte e cinco anos. Depois disso Ksatraujas regerá o reino por quarenta anos.

312. O rei Bimbisāra regerá por vinte e oito anos. O rei Darśaka regerá por vinte e cinco anos.

313. O próximo rei será Udāyī que governará por trinta e três anos. No quarto ano de seu reinado, ele construirá sua cidade capital chamada Kusumapura (moderna Patnā) na margem sul do Gañgā.

314. O rei Nandivardhana viverá por quarenta e dois anos. O rei Mahānandin será o rei por quarenta e três anos.

12 Conforme o Brahmānda P. v. 123, Pradyota é o príncipe empossado e Munika era o pai dele.

315. Assim os reis da dinastia Śiśunāka (Śiśunāga) serão dez em número. Eles governarão ao todo por trezentos e sessenta e dois anos.

316. Todos os membros da família Śiśunāka (Śiśunāga) serão os contemporâneos dos seguintes reis que serão parentes de ksatriyas.

317-319. Esses são vinte e quatro reis Iksvāku, vinte e cinco Pāñcālas, vinte e quatro Kālakas, vinte e quatro Haihayas, trinta e dois Kaliñgas, vinte e cinco Śakas, vinte e seis Kurus, vinte e oito Maithilas, vinte e três Śūrasenas e vinte Vītihotras. Todos esses reis regerão simultaneamente.

320. Mahāpadma nascerá de uma esposa śūdra de Mahānandin. Ele será um rei sobre todos os ksatriyas.

321. Depois disso todos os reis futuros nascerão de úteros śūdra. Mahāpadma será o único governante com um único guarda-sol real.

322. Ele governará a terra por vinte e oito anos. Devido ao poder do futuro inevitável, ele extirpará todos os ksatriyas.

323. Os filhos dele serão milhares. Durante oito anos doze deles regerão como reis. Em sucessão a Mahāpadma eles se tornarão reis na ordem.

324. Kautilya exterminará todos eles por meio dos duas vezes oito deles (dezesseis). Depois de desfrutar do reino da terra[13] por cem anos, a lua na forma de Nanda irá se pôr e cairá.

325. Kautilya instalará Candragupta como rei. O rei Candragupta estará governando por vinte e quatro anos.

326. Bhadrasāra (?), o próximo rei, será rei por vinte e cinco anos. O rei Aśoka regerá os homens por vinte e seis anos.

327. Seu filho Kunāla regerá durante oito anos. O filho de Kunāla, Bandhupālita, desfrutará do reino por oito anos.

328. O sucessor de Bandhupālita, Indrapālita, governará por dez anos (?). O rei Devavarmā será rei por sete anos.

329. O rei Śatadhara, filho dele, governará por oito anos. O rei Brhadaśva será o governante durante sete anos.

330. Esses são os nove reis que desfrutarão da terra. A terra estará em posse deles por cento e trinta e sete anos completos[14].

331. O general Puspamitra expulsará Brhadratha e regerá o reino continuamente durante sessenta anos.

332. Os filhos de Puspamitra serão reis por oito anos. O primogênito de todos eles será rei por sete anos.

333. Depois disso Vasumitra, filho dele, será rei por dez anos. Então Dhruka (?), filho dele, regerá durante dois anos.

334. Depois dele os Pulindakas regerão por três anos. O rei Ghosasuta também regerá por três anos.

335. Depois disso[15] Vikramamitra será rei por muitos anos. O rei Bhāgavata governará por trinta e dois anos.

336. Seu filho Ksemabhūmi governará por dez anos. Dez reis Tuñga (?Śuñga) desfrutarão da terra.

337. (Verso defeituoso.) Eles desfrutarão da terra por cento e doze anos completos e ela porventura irá para Sudeva que não será (nascido) rei, mas um sujeito indulgente desde sua infância. Ele então se tornará um rei.

338. Haverá outro rei Devabhūmi entre os Śrñgas (?Śuñgas). Ele será um Kānthāyana (Kānvāyana—'Pertencente ao gotra de Kanva') e regerá por nove anos.

---

13 Em vez dessa leitura, a sugestão de Pargiter (*Dynasties of the Kali Age*, pág. 26) 'a terra que foi desfrutada (por 100 anos)' é uma leitura melhor.

14 Interpretando *tebhyafr luñgān gamisyati* 'deles a terra irá para os Śuñgas.'

15 O *Brahmānda P*. v. 154 lê *sapta* aqui em vez de *tato*. Mas a leitura do *Brahmānda P*. determinava o período do reinado do rei.

339. Bhūtimitra, filho dele, será rei por vinte e quatro anos. Depois dele o rei Nārāyana governará por doze anos.

340. Seu filho Suśarmā governará por dez anos. Esses quatro reis de atividades grandiosas serão brâmanes Kānthāyana (Kānvāyana).

341. Eles farão os vassalos se curvarem a eles. Eles regerão por quarenta e cinco anos. Depois da mudança do governo deles virão os Andhras.

342. Expulsando os Kānthāyanas (Kānvāyanas), dominando Suśarman e fazendo as tropas restantes dos Śrñgas (? Śuñgas) definharem, Sindhuka da linhagem de Andhra ganhará posse da terra.

343. O rei Sindhuka regerá por vinte e três anos. Depois dele Bhāta (Krsna) regerá por dez e oito anos (?).

344. Seu filho, Śrīsātakarni, será muito importante. Sātakarni governará por cinquenta e seis anos.

345. Apādabaddha, filho dele, regerá (primeiro) por dez anos, (então) por vinte e quatro anos e (então) por seis anos.

346. Nemikrsna regerá por vinte e cinco anos. Então por um ano inteiro Hāla será o rei.

347. Cinco (ou) sete reis (dessa família) serão muito poderosos. Putrikasena regerá por vinte e cinco anos.

348. Sātakarni será rei por um ano. Śivasvāmī governará por vinte e oito anos.

349. O rei Gautamīputra governará por vinte e um anos entre os homens. Depois disso Yajñaśrī da família de Sātakarni será o rei durante dezenove anos.

350. Depois dele, o rei Vijaya governará só por seis anos. Dandaśn Sātakarni, seu filho, por três anos.

351. Pulovā (Pulumāyi) regerá por sete anos. Haverá outros reis também. No total haverá trinta reis Andhra que desfrutarão da terra.

352. O governo dos Andhras cobrirá um período de quatrocentos, cinco e seis (quatrocentos e onze) anos. Haverá cinco famílias dos Andhras e todas elas serão (são) iguais (em poder).

353-**355**. Haverá dez e sete reis Abhira, sete Gardabhins (Gardabhillas), dez Śakas, oito Yavanas, quatorze Maunas, como reis. Os Andhras desfrutarão da terra por duzentos e cem anos. Os Śakas desfrutarão da terra por trezentos e oitenta anos.

356. Os Yavanas desfrutarão da terra por oitenta anos. É lembrado (profetizado) que os Tusāras estarão em posse da terra por quinhentos anos.

357. Treze famílias Marunda regerão por quatrocentos e cinquenta anos junto com (outros) śūdras. Haverá outras tribos Mlecha também.

358. Onze daqueles Mlecchas desfrutarão (da terra) por trezentos anos. Então as tribos śūdra (Kilakila) Kolikilas (?) governarão por um período igual (?).

359. Vindhyaśakti assumirá a administração dos Kolikilas. Tendo supervisionado a administração por noventa e seis anos, ele falecerá.

360. Ouçam e conheçam os futuros clãs śūdra chamados Disakas (?). Svarapurañjaya será o filho de Śesa, o rei das serpentes (Vaidiśaka – residentes de Vidiśā?).

361-**362**. Aquele rei, nascido da raça de serpentes, será um rei que desfrutará. Os reis seguintes: Sadācandra que será uma parte da lua, Nakhavān o segundo, Dhanadharma o próximo, Vimśaja o quarto e Bhūtinanda depois disso, serão reis na terra estrangeira (ou em Vidisā?).

363. Ao fim do governo de Nandana dos Añgas, Madhunandi se tornará o rei. O irmão mais novo dele será Nandiyaśas.

364-**365**. Haverá três reis na família dele: Dohitra, Śiśuka e Pravīra. Śiśuka governará Purikā. O poderoso Pravīra será o filho de Vindhyaśakti. Ele governará a cidade Kāñcanaka (junto com os outros) por sessenta anos.

366. Eles executarão Vājapeya Yajñas com os oferecimentos de Daksinās excelentes. Os quatro filhos dele se tornarão notáveis governantes de homens.

367. Quando a família de Vindhyakas se extinguir, três reis de Bāhlīkas desfrutarão do reino por trinta anos. Supratīka e Nabhira (serão os reis proeminentes).

368. O rei chamado Śakyamā será o governante de Māhisīs. Puspamitras e Patpamitras regerão durante treze anos.

369. Sete reis excelentes governarão Mekalā (Amarkantaka). Os reis em Komalā (Comilla, Bengala) serão muito fortes e poderosos.

370. Nove reis de grande intelecto e bem conhecidos como Meghas se tornarão os reis da terra Nisadha (Marwar, *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India,* 140). Eles governarão até o fim do Manvantara.

371. Aqueles reis fortes e poderosos nascerão na linhagem de Nala. Viśvasphāni, o poderoso, se tornará o soberano dos Magadhas.

372. Depois de exterminar todos os outros reis ele fará os Kaivartas, Pañcakas, Pulindas e brâmanes como também as outras castas (governarem o reino).

373. Ele estabelecerá reis em diferentes terras, graças ao seu esplendor excepcional. Viśvasphāni será muito poderoso e forte em guerra como Visnu.

374. É dito que em aparência externa Viśvasphāni será como um eunuco. Ele destruirá os ksatriyas existentes e fará outros clãs ksatriya.

375. Depois de propiciar Devas, Pitrs e brâmanes muitas vezes aquele rei forte chegará nas margens de Jāhnavī (Gañgā) e rejeitará seu corpo.

376. Depois de abandonar seu corpo, ele irá para a região de Sakra. Depois disso, os nove reis Nāka (Nāga) desfrutarão da cidade de Campāvatī.

377. Os sete Nāgas desfrutarão da bela cidade de Mathurā. Reis nascidos da família dos Guptas[16] desfrutarão de todos os territórios próximos ao Gañgā como Prayāga, Sāketa e Magadha.

378. Os descendentes de Manidhānya desfrutarão dos territórios de Nisadha, Yaduka, Śaiśīta e Kālatopaka.

379. Devaraksitas (?) desfrutarão dos territórios de Kośalas, Andhras, Paundras e Tāmraliptas junto com os oceanos como também a bela cidade de Campā.

380. Guha protegerá Kaliñgas, Mahisas, Mahendranilaya, e outros territórios.

381. (O rei) chamado Kanaka desfrutará de Strīrāstra (o território de mulheres, Kāmarūpa) e Bhaksyakas. Todos esses reis serão contemporâneos.

382. Depois disso[17], os desleais e injustos Yavanas de grande fúria e de pouca virtude governarão aqui espalhando a religião deles, gastando riquezas vastas e dando vazão à sua luxúria.

383. Aqueles reis não serão coroados devidamente. Eles terão todos os defeitos da era (Kali). Eles cometerão más ações.

384. Durante o período restante da Era Kali, os reis desfrutarão da Terra sem nem mesmo hesitarem em matar mulheres e crianças e destruírem uns aos outros.

385. As famílias daqueles reis ganharão ascendência constante (por algum tempo ou em alguns lugares) ou florescerão e perecerão em sucessão no devido tempo.

386. Eles serão desprovidos de devoção, verdadeiro amor e real riqueza. Todas as pessoas comuns, entrando em contato próximo com eles, também seguirão os costumes e hábitos dos Mlecchas (estrangeiros e párias).

387. Eles estarão agindo contra as tradições aceitas. Eles destruirão seus súditos. Os reis serão gananciosos e dedicados a comportamento falso.

388-389. Quando o período deles terminar, as mulheres serão mais numerosas que os homens naquela Era. As pessoas ficarão cada vez mais deficientes em

---

[16] O *Brahmānda P.* v. 195 lê Sapta [sete] em vez de Gupta aqui.

[17] Os versos 382-405 descrevem um quadro horrível do Kali Yuga avançado. A descrição (incluindo versos idênticos) é encontrada em outros Purānas também.

R.G. Hazra afirma em *Puranic Records on Hindu Rites and Customs* que esta era a condição atual dos povos de 200 A.C. até 200 D.C. – o período no qual esses Purānas vieram a ser compostos.

conhecimento e força. Seu tempo de vida diminuirá cada vez mais. Quando seu declínio chegar ao limite, os reis governantes subjugados por Kāla serão arruinados.

390. Derrubados por Kalki, todos os Mlecchas serão destruídos. Todos os hereges e os injustos serão condenados.

391-393. O próprio nome rei desaparecerá quando a Era Kali chegar ao período de junção. Só muito poucas pessoas sobreviverão e elas estarão desamparadas e necessitadas sem quaisquer pertencences, porque Dharma terá sido destruído nessa época. Não haverá alguém para consolá-las. Elas não terão recursos. Elas serão afligidas por doenças e tristezas. Eles serão oprimidas e arruinadas por seca e matança mútua. Elas não terão alguém para sustentá-las. Estando afligidas (e devido ao medo) elas abandonarão suas ocupações e profissões. Abandonando suas próprias aldeias e cidades elas se dirigirão para a floresta.

394-395. Quando os reis forem destruídos, os súditos deixarão seus domicílios. Todos os sentimentos de amizade e afeição estarão perdidos. Em angústia aguda, até os amigos mais íntimos serão privados de afeto. A disciplina de castas e fases de vida será perturbada. Mistura e combinação terrível das castas se seguirá. As pessoas se abrigarão em montanhas e margens de rios.

396-397. Elas recorrerão a rios, praias pantanosas dos mares e montanhas. Elas se reunirão nos territórios de Añgas, Vañgas, Kaliñgas, Kāśmiras, Kāśī, Kośalas, nas ravinas montanhosas de Rsika e outros lugares. O homens buscarão abrigo nos cumes de Himavān e nas costas do mar salgado.

398. Os Aryas afluirão em bandos para as florestas com as tribos Mleccha. Os homens se sustentarão com a carne de cervo, peixes, pássaros e animais predadores como também com plantas, cana-de-açúcar, mel natural, frutas e raízes.

399. Como os sábios (de antigamente) eles usarão diferentes tipos de folhas e cascas de árvores como também peles de cervo que eles mesmos farão.

400. Desejosos de cultivarem comestíveis (grãos) através de sementes, eles cavarão profundamente a terra com piques de madeira. Eles criarão arduamente cabras e ovelhas, burros e camelos.

401. Os homens então recorrerão às margens dos rios em busca de água. Por meio de suas atividades eles atormentarão uns aos outros como também os governantes da terra.

402. Eles considerarão honroso ser sem descendentes. Eles não seguirão regras de limpeza e bom comportamento. Então os homens estarão absortos em ações nocivas e se comportarão dessa maneira.

403. Os súditos seguirão as piores das observâncias religiosas. Ninguém viverá além do seu vigésimo terceiro ano.

404-405. Eles serão fracos. Eles serão debilitados e cansados devido à sensualidade. Eles serão dominados por velhice (prematura). Sua dieta consistirá em folhas, raízes e frutas. Trajes de cascas de árvores e peles de cervo constituirão suas roupas. Em busca de sustento eles estarão vagando sobre a terra. Perto do fim de Kaliyuga, as pessoas chegarão a tal condição.

406. Quando a Era Kali, a duração da qual é mil anos divinos, chegar ao fim, os súditos serão aniquilados junto com o Kaliyuga. Quando ela terminar junto com o período de junção, a Era Krita virá.

407. Quando a lua, o sol, Tisya e Júpiter se unirem em um único signo do zodíaco, a Era Krita começará.

408. Desse modo as linhagens passadas, presentes e futuras foram enumeradas na ordem correta.

409-412. Desde a época da coroação de Mahādeva[18] (Mahāpadma?), até o nascimento de Parīksit, a duração foi de um mil e cinquenta anos. O período entre Mahāpadma e os reis futuros terminando com Andhras, que eu narrei, foi calculado

[18] Mahānanda no *Brahmānda P*. v. 227.

como oitocentos e trinta e seis anos pelos sábios eruditos, os conhecedores de Purānas.

(Verso defeituoso.) Os Sete Sábios disseram então que cem anos passaram quando Pratīpa era rei (?). Vocês devem calcular vinte e sete centenas além disso (?).

413. As mansões estelares ao todo são vinte e sete. Os Sete Sábios ficam em cada uma dessas por cem anos em sucessão. Esse é lembrado como o Yuga dos Sete Sábios. Os anos são calculados de acordo com aqueles dos Devas.

414. (Verso defeituoso.) Os cem anos dos Sete Sábios são iguais a sessenta anos divinos e sete dias (divinos).

415. (?) Os Sete Sábios são vistos no leste a princípio e então no norte da zona das constelações. Depois disso eles são vistos paralelos àquelas constelações vistas no meio do firmamento.

416. Deve ser conhecido que os Sete Sábios ficam unidos com ela (a zona das constelações) no céu por cem anos. Essa é a evidência da união dos Sábios e das constelações.

417. Na minha opinião os Sete Sábios estavam posicionados na constelação de Maghā (décima) na época de Pariksit. Na época dos Andhras eles estarão na vigésima quarta constelação (isto é, Śatabhisak).[19]

418. Naquele período os indivíduos serão muito afligidos. Eles serão condenados por sua natureza mendaz nos assuntos de virtude, riqueza e amor.

419. Quando os rituais (Dharma) védicos e Smārta (relativos aos Smrtis) se tornarem negligentes e a disciplina rigorosa das castas e das fases de vida ficar muito frouxa, os súditos iludidos serão fracos em seu poder de alma e sofrerão uma mistura e confusão de castas.

420. Śūdras se misturarão com as castas duas vezes nascidas. Brâmanes começarão a oficiar como sacerdotes nos Yajñas dos śūdras. Śūdras começarão a compor Mantras.

421-**423**. Desejosos de assegurar os meios de sustento, os brâmanes se aproximarão deles reverentemente. Diminuindo gradualmente e pouco a pouco, todos os súditos serão destruídos, e quando o Yuga terminar, eles serão destruídos completamente.

Kali Yuga começou no mesmo dia em que Krsna faleceu. Entendam a duração da Era Kali. É dito que Kaliyuga dura trezentos e sessenta mil anos de acordo com o cálculo humano.

424. De acordo com cálculo divino ela dura mil anos. O Sandhyāmśa (o período de junção) também é mencionado. (Esse período é extra.) Quando ela termina completamente a Era Krita chega.

425. É dito que as linhagens de Aila e Iksvāku se tornam extintas com Sumitra.

426-**427**. Aqueles que conhecem a raça Lunar sabem que a linhagem ksatriya de Aila virá a ser extinta com Ksemaka. Os filhos e descendentes do Sol do passado, presente e futuro foram glorificados. Eles eram e serão os aumentadores da fama deles. Naquela raça havia brâmanes, ksatriyas, vaiśyas e śūdras.

428-**429**. Muitos reis de alma nobre nascem e morrem em todo Yuga. Os nomes deles são muitos. Quando os membros de cada família são calculados, muitos nomes são repetidos. Por isso eles não foram mencionados por mim. A linhagem de Nimi se acaba no próprio Vaivasvata Manvantara.

430. Eu contarei como a classe ksatriya se origina nesse Yuga. Ouçam e escutem enquanto eu conto.

431-**432**. Devāpi nascerá na aldeia Kalāpa. Ele será um rei da família de Pūru e considerado (maior) que Iksvāku. Ele será dotado de grande poder yóguico.[20]

---

[19] Se a leitura do verso correspondente no *Brahmānda P.*, o v. 230, for aceita, o verso significa: 'Durante o período de Pariksit os Saptarsis ficaram na constelação de Pitrya (Maghā) por cem anos. Consequentemente o período da dinastia dos Andhras será de dois mil e setecentos anos.' As palavras no nosso texto precisam de correção.

Suvarcas, o filho de Soma, nascerá na família de Iksvāku. No viségimo quarto ciclo de de quatro Yugas, eles serão os fundadores da classe e tradições ksatriya.

433. No vigésimo Yuga (? ciclo de quatro Yugas ?) não haverá algum fundador da raça Lunar. Devāpi, sendo inigualável, será o primeiro rei na família de Aila.

434. Nos quatro Yugas esses dois serão os fundadores da classe ksatriya. Em todos os lugares esse deve ser conhecido como o aspecto característico, por causa de progênie (a perpetuação da linhagem).

435-**436**. Quando Kali Yuga declinar e Krita Yuga começar, e também no primeiro Tretāyuga, eles serão os que ativarão as linhagens ksatriya junto com os Sete Sábios. No período Dvāpara, os ksatriyas não ficam junto com os sábios.

437-**438**. Quando Krtayuga e Tretāyuga declinarem, os Sete Sábios e os reis tomarão nascimento por causa de semente das linhagens brâmane e ksatriya. Por causa de progênie, eles (os Sete Sábios) respeitam os reis em todos os Manvantaras em todo Yuga.

439. A aniquilação de ksatriyas leva ao seu contato com brâmanes novamente (?). Em todos os sete Manvantaras toda a progênie foi ouvida (?).

440-**442**. Devido à sua vida longa os Sete Sábios conhecem a série de Yugas, a origem, atividades e o declínio daquelas pessoas ativas pertencentes às classes brâmane e ksatriya. O nascimento dos brâmanes nas famílias de Aila e Iksvāku é dessa maneira (?). Nascidos na Era Tretā e extintos na Era Kali, eles seguirão a Era até o fim do Manvantara.

443. Quando todos os ksatriyas foram eliminados por Rāma, o filho de Jamadagni, os ksatriyas das duas famílias nasceram novamente. Eu os relatarei. Ouçam e escutem.

444. As famílias de Aila e Iksvāku se expandiram uma vez mais. Uma série de outros reis da classe ksatriya se tornaram soberanos.

445. Cem famílias, passando por coroação, se tornaram famosas entre cada uma das linhagens de Aila e Iksvāku.

446. A extensão dos Bhojas é duas vezes essa (isto é, duzentas). Assim havia trezentas famílias ksatriya. Elas eram divididas em quatro de acordo com os quatro quadrantes.

447-**449**. Escutem e entendam enquanto eu narro os reis passados e presentes entre eles. Prativindhyas eram cem; Nāgas eram cem; Hayas eram cem; Dhrtarāspras eram cento e um; Janamejayas eram oitenta; Brahmadattas eram cem; Śirins e Vīrins eram cem (cada); então Pulomans eram cem; Śvetas, Kāśas, Kusas etc. eram cem; os outros Śaśabindus que passaram eram mil.

450. Todos eles executaram sacrifícios de cavalo com lakhs e lakhs em Daksinā. Assim centenas e milhares de reis religiosos faleceram.

451-452. Saibam, que os descendentes nesse mundo do Manu Vaivasvata atual não poderiam ser mencionados em detalhes e integralmente nem mesmo em centenas de anos.

453. No Vaivasvata Manvantara, vinte e oito ciclos de quatro Yugas já passaram junto com seus reis religiosos. Ouçam e conheçam aqueles que ainda restam.

454-**458**. Quarenta reis excelentes nascerão no futuro. Então o Vaivasvata Manvantara chegará ao fim. Incidentalmente eu mencionei tudo em detalhes e em resumo. Muitos estão repetidos. Como eles são muitos eles não poderiam ser mencionados por completo. As vinte e cinco famílias dos filhos de Yayāti foram altamente benéficas para as pessoas. Elas foram glorificadas. Elas até agora sustentam os mundos.

---

[20] O verso correspondente do *Brahmānda P*. (v. 250) declara: "Devāpi pertencente à família de Pūru e Maru que pertence à família Iksvāku – esses dois são dotados de grande poder yóguico. Eles permaneceram na aldeia chamada Kalāpa."

Aquele que escuta e se lembra desses obtém coisas raras do mundo. Eles obtêm longevidade, fama, riqueza, filhos, céu, e infinidade. Ó brâmanes, assim a terceira seção foi narrada por mim. O que mais eu devo falar?

Seção 4: Upasamhāra Pāda

Capítulo 38: Os Manvantaras e A Dissolução do Universo

1. Depois de ouvirem a terceira seção completada (narrada na íntegra) pelo inteligente Sūta, os sábios excelentes lhe perguntaram sobre a quarta Seção.

Os sábios disseram:

2. A terceira seção chamada Anusañga Pāda foi narrada inteiramente, por afeição, por você. Agora narre para nós em detalhes o quarto Pāda chamado Samhāra (aniquilação ou conclusão).

3-4. Por favor descreva todos os Manvantaras, os que passaram junto com os outros (futuros), os Sete Sábios que existem agora no Manvantara atual e os detalhes da criação e expansão do Manu de alma nobre. Narre tudo em detalhes e na ordem apropriada.

Sūta disse:

5. Ó sábios excelentes, eu narrarei tudo para vocês precisamente; a quarta seção e final, junto com a (descrição da) aniquilação.

6. Ó brâmanes, ouçam a atividade criativa do atual Manu Vaivasvata de alma nobre em detalhes como também na ordem correta.

7. Enquanto eu narro, escutem e compreendam a essência dos Manvantaras (passados) junto com os sete futuros como também a dissolução dos mundos.

8. Todos esses sete Manvantaras (passados) já foram relatados por mim. Agora ouçam de mim a descrição breve dos Manvantaras futuros.

9. Eu falarei sobre o Vaivasvata Manu atual e o Sāvarna Manu futuro brevemente. Ouçam e escutem.

10-12. Os Sete Grandes Sábios futuros são lembrados como segue: o descendente de Kuśika, Gālava; o filho de Jamadagni, Bhārgava (Paraśurāma); Dvaipayana da linhagem de Vasistha; Krpa, o descendente de Śaradvān; Diptimān da linhagem de Atri; Rsyaśrñga da linhagem de Kāśyapa; o filho de Drona, Aśvatthāmā de grande fama e pertencente ao Bharadvāja Gotra – esses de alma nobre são os futuros Sete Grandes Sábios.

13. Haverá três grupos de Devas, a saber, Sutapas, Amitābhas e Sukhas (Mukhyas). Cada um desses grupos consiste em vinte Devas.

14-15. Eu os enumerarei. Escutem e ouçam atentamente. Rita, Tapas, Śukra, Dyuti, Jyotis, Prabhākara, Prabhāsa, Bhāsakrt, Dharma, Tejas, Raśmi, Rtu, Virāt, Arcismān, Dyotana, Bhānu, Yaśas, Kīrti, Budha e Dhrti – esses vinte Devas, que constituem o grupo Sutapas, são glorificados pelos nomes deles.

16-17. Prabhu, Vibhu, Vibhāsa, Jetā, Hantā, Arihā, Ritu, Sumati, Pramati, Dīpti, Samākhyāta, Mahas, Mahān, Deha, Muni, Naya, Jyestha, Sama, Satya e Viśruta – esses são os vinte Devas mencionados como Amitābhas.

18-19. – Dama, Data, Vida, Soma, Vitta, Vaidya, Yama, Nidhi, Homa, Havya, Huta, Dana, Deya, Data, Tapas, Sāma, Dhruva, Sthāna, Vidhāna e Niyama – esses vinte são citados como constituindo o grupo de Devas Mukhya (Sukha) no primeiro Sāvarna Manvantara.

20. Todos esses são os filhos de Kāśyapa de alma nobre, o filho de Marīci que existe agora. Eles nascerão no Sāvarna Manvantara.

21-22. Aquele que era antigamente Bali, o filho de Virocana, se tornará o Indra deles. Nove filhos nascerão para Sāvarna Manu, isto é, Vīravān, Avarīyān, Nirmoha [Nirmoka], Satyavāk, Krti, Gari§nurajya, Visnu, Vāca e Sumati.

23-24. Eu mencionarei mais nove nos outros Sāvarna Manvantaras. Outros Manus Sāvarna nascerão como (futuros) filhos de Brahma. Eles são vistos como

Merusāvarnis por aqueles dotados de visão divina. Eles são os netos de Daksa, os filhos da filha amada dele.

25. Eles são dotados de grande penitência e grande esplendor. Eles vivem nos cumes de Meru. Eles são gerados por Brahma e outros (Devas) como também pelo inteligente Daksa.

26. Eles nasceram no Cāksusa Manvantara anterior. Essas pessoas nobres têm estado no Maharloka. Depois de voltarem de lá eles se dirigirão a Meru.

Os sábios disseram:

27. Como os filhos foram gerados por Daksa em sua própria filha? Como eles foram criados por Bhava, Dharma e Brahma, as almas nobres?

Sūta disse:

28. Depois de reverenciar Pracetas, daqui em diante eu mencionarei os Manus futuros que são os Manus Sāvarna, sua origem como bem como sua bravura.

29. Quando restava um período curto do Cāksusa Manvantara e o Vaivasvata Manvantara tinha começado, aqueles que serão os Manus no Manvantara futuro nasceram.

30. Daqueles Manus que são os filhos da filha do Prācetasa Daksa, os cinco chamados Sāvarnas e quatro nascem de grandes sábios.

31. Um Sāvarna é o filho de Samjñā nascido de Vivasvān (o Deus-Sol). O filho primogênito de Samjñā é o Senhor Manu, filho do Deus-Sol (Vivasvān).

32. A manifestação auspiciosa deles foi (ocorreu) no advento do Vaivasvata Manvantara. Os quatorze Manus são glorificados como os realçadores de fama.

33. Esses Manus são descritos nos Vedas, Śrutis[1] e Purānas como Prajāpatis muito poderosos. Todos eles eram os senhores de todos os seres vivos.

34. A Terra inteira, composta dos sete continentes e montanhas, deve ser protegida por esses reis por mil Yugas completos.

35. Os detalhes deles serão mencionados junto com sua progênie e penitência. Essas criações de Svāyambhuva e outros devem ser conhecidas como quatorze.

36. Eles exercem o cargo como as Autoridades presidentes dos Manvantaras apenas uma vez cada. Depois do mandato de seu cargo eles se dirigem para Maharloka.

37. (Verso defeituoso.) Entre eles, oito já deixaram de operar; (exceto) mais seis Manus que são os outros que virão no futuro. No momento é o Senhor Vaivasvata Manu que governa.

38. Eu mencionarei aqueles que restam, aqueles que são os futuros Brāhmanas (Manus), junto com Devas, Dānavas e sábios como também sua (outra) criação dos indivíduos.

39. Os detalhes da criação desses Manus devem ser conhecidos por meio da atividade criativa do Manu Vaivasvata, visto que eles não são inferiores nem superiores àqueles do Manu Vaivasvata.

40. Eu não estou contando os detalhes deles por medo de repetição e devido à sua multiplicidade nos Manvantaras passados e futuros.

41. Eu as mencionarei, as atividades criativas nas diferentes famílias, só parcialmente. As coisas restantes devem ser conhecidas pelos seus detalhes e na ordem.

42. Daksa teve uma filha virtuosa que era bem conhecida como Suvrata. Embora ela fosse a mais nova das filhas, ela era a mais excelente e a mais piedosa. Uma vez o pai a levou com ele e se aproximou de Brahma.

43. Ele estava na região Vairāja sentado junto com Dharma e Bhava. Brahma falou para Daksa na presença de Dharma e Bhava.

44. "Ó Daksa, essa sua filha Suvrata dará nascimento a quatro filhos que se tornarão os Manus auspiciosos e estabilizarão a disciplina de quatro castas."

---

[1] Smrtis no *Brahmānda P*. 4.4.1.v. 30.

45. Ao ouvirem as palavras de Brahma, os três – Daksa, Dharma e Bhava, se aproximaram mentalmente daquela moça junto com Brahma.

46. A moça deu à luz imediatamente quatro filhos que eram semelhantes e adequados àqueles quatro personagens divinos, porque eles eram de meditação verdadeira.

47. Aqueles filhos nasceram completamente dotados de corpos físicos, nascidos num instante mas capazes de todo gozo, e competentes para executar todas as atividades. Eles eram dotados de glória.

48. Ao vê-los, aquelas divindades que tinham realizado Brahman começaram a clamar: "Este é meu filho, Este é meu filho." Eles começaram a arrastá-los furiosamente.

49. Como eles criaram filhos mentalmente através de meditação, eles disseram uns aos outros: "Vamos escolher como nosso respectivo filho aquele menino que for fisicamente semelhante a nós.

50. Se um menino for semelhante a um [de nós] em aspecto, coragem e nome como também em cor, ele o levará como seu filho amável.

51. Um filho invariavelmente emula as características de seu pai. Por isso o filho nasce assemelhando-se ao pai e à mãe."

52-53. Depois de chegarem a um acordo como esse, eles levaram aqueles meninos que eram semelhantes em cor (Savarna) a eles. Visto que os meninos eram similares em cor ao deus Brahma e outros, eles são chamados de Sāvarna. Como eles foram meditados e foram aceitos respeitosamente, eles são lembrados como Manus.

54. Quando o Cāksusa Manvantara expirou e o Vaivasvata Manvantara começou, um filho chamado Raucya nasceu para Ruci, o Prajāpati.

55. Aquele que nasceu de Bhūti veio a ser conhecido pelo nome Bhautya. No Vaivasvata Manvantara dois filhos nasceram para Vivasvān.

56. Um é bem conhecido como Vaivasvata Manu e o outro como Sāvarna. O erudito Senhor Vaivasvata Manu era o filho primogênito de Samjñā.

57-58. O outro Vaivasvata Manu era o filho de Sāvarna (isto é, Chāyā, a sombra de Samjñā). Os quatro Sāvarna Manus nascidos dos grandes sábios estarão se equipando com (o poder da) penitência. Eles realizarão todas as suas tarefas em seus respectivos Manvantaras futuros.

59. (Verso defeituoso.) Os filhos do primeiro Manu, Merusāvarni, que era o filho de Daksa, eram os três grupos, Marīcigarbhas, Suśarmans e Pāras. Todos esses de alma nobre nasceram no Vaivasvata Manvantara.

60. Eles são os filhos de Rohita, o Prajāpati, o filho de Daksa. No futuro cada um desses grupos será composto de doze Devas.

61. (Defeituoso.) Aiśvarya-Sañgrāha, Rāha, Bāhuvaśa (e os restantes) devem ser conhecidos como doze deuses Pāra. Conheçam os posteriores.

62-63. Vājiya, Vājijit, Prabhūti, Kakudī (?), Dadhikrāva, Ayapakva, Pranita, Vijaya, Madhu, Tejasmān e dois Nathavas – esses doze constituem os Marīcis. Eu narrarei os Suśarmans mencionando os nomes. Escutem(-nos) e ouçam.

64-65. Varna, Añga, Viśva, Muranya, Vrajana, Amita, Dravaketu, Jambhostha, Ajasra, Sakraka, Sunemi e Dyutapas – esses doze constituem Suśarmans. O Indra futuro deles será conhecido pelo nome Adbhuta.

66-69. Os sete sábios no Rohita Manvantara eram – Skanda de natureza ígnea e se assemelhando a Soma e também conhecido como Kārtikeya; Medhātithi da linhagem de Pulastya, Vasu do Kāśyapa Gotra, Jyotismān de família de Bhrgu, Dyutimān da linhagem de Añgiras, Vasita do Vasistha Gotra, Havyavāhana do Gotra de Atri e Sutapas da família de Paulava.

Os nove seguintes são glorificados como os filhos do primeiro Sāvarni – Dhrtiketu, Dīptiketu, Sāpa, Hasta, Niramaya, Prthuśravas, Anīka, Bhūridyumna, e Brhadratha.

70-71. Na décima revolução (isto é, ciclo de quatro Yugas?) o segundo Sāvarni, o filho de Dharma, será o Manu. Em seu Manvantara, haverá dois grupos de Devas, a saber: Sukhāmanas e Viruddhas. Todos eles serão Tvisivants ('altamente refulgentes') cem em número e mutuamente iguais (?) – semelhantes.

72. É dito que eles estão controlando a respiração em (outras?) pessoas por meio dos sábios. Eles serão os Devas no período do Manu, filho de Dharma.

73-74. O Indra deles será o grande estudioso Sānti. O Sete Grandes Sábios serão o glorioso Havismān da família de Pulaha, Sukīrti de linhagem de Bhrgu, Apomūrti de linhagem de Atri, Apava, (?) da família de Vasistha, Pratipa da família de Pulastya, Nābhāga da família de Kāśyapa e Abhimanyu de família de Añgiras.

75-77. Os dez filhos do Manu serão – Suksetra, Uttamaujas, Bhūrisena, Vīryavān, Śatānīka, Niramitra, Vrsasena, Jayadratha, Bhūridyumna e Suvarcas. Na décima primeira revolução (ciclo de quatro Yugas) quando o terceiro Sāvarni for o Manu, os seguintes três grupos de Devas de grande alma serão famosos: Nirmānaratis, Kāmajas (Kāmagas no *Brahmānda P.*) e Manojavas.

78-80. Cada um desses grupos consiste em trinta unidades. Os trinta dias em um mês mencionados pelos poetas constituem os Devas Nirmānaratis. As noites (conhecidas como?) Vihañgamas (constituem os Kāmaja Devas). Os Muhūrtas constituem os Devas Manojavas. Esses são os três grupos de Devas mencionados. Esses futuros Manus são lembrados como os filhos de Brahma.

81. Seu Indra, o rei dos Suras, se chamará Vrsa. Ouçam e conheçam seus Sete Sábios que estão sendo glorificados.

82-86. Eles são: Havismān da família de Kāśyapa, Vapusmān da linhagem de Bhrgu, Vāruni de linhagem de Atri, Bhaga da família de Vasistha, Pusti que deve ser conhecido como proveniente da família de Añgiras, Niścara da linhagem de Pulastya e Agnitejas de família de Pulaha. Eles também são os Devas no décimo primeiro Manvantara. Os seguintes são os filhos de Prājāpatya (o filho de Prajāpati) Sāvarna Manu: Sarvavega, Sudharmā, Devānīka, Purovaha, Ksemadharmā, Grhesu, Adarśa e Paundraka.

Na décima segunda revolução (Manvantara) Rtusāvarni, o filho de Rudra, será o Manu. Ele será o quarto Sāvarni. Escutem os Devas naquele Manvantara. É dito que os Devas futuros consistem em cinco grupos.

87. Os Devas serão: Haritas, Rohitas, Sumanas, Sukarmans, e Supāras. Esses são lembrados como os cinco grupos de Devas.

88-89. Eles são os filhos mentais de Brahma. Cada um desses grupos compõe-se de dez Devas. Os dez seguintes constituem o grupo Harita de Devas: Aruntija, Hari (? Havi), Vidvān (cujos seguidores são) milhares, Parvatānucara, Apas, Arhśu, (provavelmente Apāmśu como no *Brahmānda P.*), Manojava, Urja, Svāhā, Svadhā e Tārā.

90-91. Os dez seguintes constituem o grupo Rohita: Tapas, Jāni, Bhrti, Vācā, Bandhu, Rajas, Rāja, Svarnapāda, Vyusti e Vidhi. Saibam que estes são os Sumanas: os trinta e três Devas que foram glorificados (anteriormente), ou seja, Usita e outros.

92-93. Conheçam os Sukarmans. Eles são: Suparvā, Vrsabha, Prsja, Krpi, Dyumna, Vipaścita, Vikrama, Karma,, Nibhrta e Kānta. Este Devas são Sukarmans. Agora conheçam os filhos deles (isto é, Supāras?).

94-95. Eles são: Varyodita, Jista, Varcasvī, Dyutimān, Havi, Śubha, Havikrta, Prāpti, Vyāprtha e Daśama (?). Esses são os criados mentalmente, os Supāras, os Devas, mencionados (antes). Rtadhāmā de grande fama deve ser conhecido como o Indra deles.

96-99. Os Sete Sábios são: Krti o filho de Vasistha, Sutapas da família de Atri, Tapomūrti da linhagem de Añgiras, Tapasvin do Kāśyapa Gotra, Tapośyāna da família de Pulastya, Taporati do Pulaha Gotra e o sétimo deles deve ser conhecido como Tapomati da família de Bhrgu. Esses são os Siddhas, os Sete Sábios no Sāvarnika Manvantara. Os seguintes são os filhos do décimo segundo (?) Manu: Devavān,

Upadeva, Devaśresjha, Vidūratha, Mitravān, Mitrabindu, Mitrasena, Amitrahā, Mitrabāhu, e Suvargas.

100. Na décima terceira revolução (Manvantara), o Raucya Manvantara, três grupos de Devas são mencionados pelo deus autonascido (Brahma).

101. Todas aquelas almas nobres são os filhos mentais de Brahma. Eles são Sutrāmans, Sudharmans e Sukarmans.

102-103. É dito que eles são os futuros Somapāyins (bebedores de suco Soma), os grupos de Devas. Junto com os realizadores de Yajñas, os deuses são trinta e três em número. Eles incluem os grupos de Devas Ajya, Prsadājya e Grahajyestha. Ouçam e entendam que os trinta e três Devas são separados.

104-105. Os Sutrāmans são os atuais Prayājyas e Ajyapas. Os Anuyājyas e aqueles que participam de Prsadājya são Sukarmans. Os Upayājyas são Sudharmans. Desse modo os Devas foram relatados. Divaspati de grande bravura será seu Indra.

106-109. Os filhos de Ruci devem ser conhecidos como os netos de Pulaha. Os Sete Sábios no décimo terceiro Manvantara serão: Dhrtimān de família de Añgiras, Pathyavān da linhagem de Pulastya, Tattvadarśin da família de Pulaha, Nirutsaka do Bhrgu Gotra, Nisprakampa da família de Atri, Nirmoha do Kāśyapa Gotra e Svarūpa da linhagem de Vasistha. Os seguintes são os filhos do Manu Raucya no décimo terceiro Manvantara: Citrasena, Vicitra, Tapas, Dharmadhrta, Bhava, Anekabaddha, Ksatrabaddha, Surasa, Nirbhaya e Prtha.

110. No décimo quarto Bhautya Manvantara, os futuros grupos de Devas são cinco.

111. Os cinco grupos de Devas são: Cāksusas, Kanisphas, Pavitras, Bhājaras e Vācāvrddhas.

112-113. Saibam que as sete diferentes partes são aquelas chamadas Cāksusas[2]. Eles entendem Brhada e outros Sāmans como os Kanisthas. Os sete mundos são Paritras (Pavitras?). Os Bhājiras (Bhājaras) são os sete Sindhus (oceanos, rios). Saibam que os sábios são Vācāvrddhas pertencentes ao Svāyambhuva Manu (?). Deve ser sabido que todos os Indras dos Manvantaras têm características (e poderes) iguais.

114. Aqueles Indras superam todos os seres vivos móveis e imóveis nos três mundos por meio de seu esplendor, penitência, intelecto, força, erudição e façanhas.

115. Os Indras (ou Devas) são Bhūtāpavādins, Hrstas, Medhyasthas, Bhūtavādins, Bhūtānuvādins. Os três Vedas são permitidos em relação a Pravādins (argumentadores?).

116. Agnidhra, Kāśyapa, Paulastya, Māgadha, Bhārgava, Agnibāhu, Śuci, Añgirasa, Ojasvin, e Subala os filhos são do Manu Bhautya.

117. Todos esses quatro Sāvarna Manus são os filhos de Brahma. Um Sāvarna Manu é chamado de o filho de Vivasvān.

118. Raucya e Bhautya, esses dois Manus, pertencem às famílias de Pulaha e de Bhrgu. Enquanto Bhautya governa, o Kalpa se completa.

Sūta disse:

119. Quando todas as coisas são dissolvidas completamente, quando todos os Manvantaras chegam ao fim e muitos Yugas passaram, isso é chamado de *Samhāra* (Aniquilação).

120-122. Então, ao término do Manvantara, os sete Devas da família de Bhrgu, os poderosos soberanos governantes, que desfrutaram dos três mundos por setenta e um ciclos de quatro Yugas por permanecerem dentro deles, e que executaram Yajñas junto com os Pitrs, os Manus e os Sete Sábios, então abandonarão os três mundos e irão para Maharloka junto com seus devotos e aqueles que realizam Yajñas. Quando eles procedem para cima, e quando o Manvantara expira, todos os três mundos ficam sem qualquer suporte.

[2] [“Há sete *Svaras* (Notas da Escala de música indiana) começando com Nisāda. Compreendam-nas como as Sete Cāksusas.” *Brahmānda P*. parte 4, cap. 1, v. 108.]

123. Ó brâmanes! Depois disso, as residências presididas pelas divindades ficam vazias e caem junto com constelações, estrelas e planetas sendo lançados e destruídos.

124-125. Depois disso, quando os senhores dos três mundos inclusive os oito Indras falecem, os quatorze grupos de Devas começando com (A)jita e outros e terminando com Cāksusas – os Devas que eram muito poderosos e cheios de esplendor em todos os Manvantaras – irão para Maharloka onde eles se tornarão idênticos àqueles Devas que ficam lá até o fim do Kalpa.

126-127. É informado que quando o tempo de *Samhāra* (literalmente amontoamento e colisão - *Sañkalana*) chega aqueles quatorze grupos de Devas abandonarão Maharloka e irão para Janaloka com (isto é, preservando) seus corpos físicos e acompanhados por seus seguidores.

128-129. Assim quando os Devas foram de Maharloka para Janaloka, quando *Bhūtādi* (Ego Cósmico - *Ahamkāra*) e outras (causas principais do universo) permanecem e (até) os imóveis chegaram ao fim, quando os domicílios dos mundos começando com Bhūh e terminando com Mahah ficaram vazios, quando os Devas foram para cima e se uniram com os Kalpavāsins (aqueles que permanecem até o fim do Kalpa),

130. depois de retirar (aniquilando) aqueles Devas, Sábios, Pitrs e Dānavas, o deus Brahma com sua visão poderosa vê que aquele é o fim do Yuga e acaba com sua criação.

131. Os conhecedores do dia e noite do deus Brahmā compreendem que o dia de Brahma consiste em mil ciclos de quatro Yugas, e similarmente a noite também consiste em mil ciclos de quatro Yugas.

132. Essa *Pratisañcara* (Dissolução e Reabsorção) de todos os seres vivos é de três tipos, ou seja, *Naimittika* (periódica), *Prākrtika* (relativa a Prakrti) e *Ātyantika* (a definitiva).

133. A dissolução *Naimittika* é a queima (do Universo) no fim do Kalpa e a retirada completa (de todos os seres) pelo deus Brahma. A destruição de Karanas (instrumentos ou meios e causas) de seres vivos durante *Pratisarga* (absorção) em Prakrti é chamada de o tipo *Prākrta* de dissolução.

134. É dito que a dissolução devido à manifestação de conhecimento espiritual é a final (*Ātyantika*) porque ela torna impossíveis as sementes (causas) de Samsāra.

135. Depois de dissolver todos os Devas que residem nos três mundos no fim de seu dia, e quando ele sente o desejo de dormir (?), o Senhor Brahma destrói todos os indivíduos e dissolve toda a criação.

136. Então, ao término de mil ciclos de *Caturyugas*, quando o período de aniquilação de Yuga chega, Prajāpati (Senhor dos súditos, isto é, Brahma) começa a fazer os súditos residirem nele (isto é, os absorve em si mesmo).

137-138. Então começa uma seca que dura por cem anos. Aqueles seres vivos na superfície da Terra, (que ainda restam,) sendo deficientes em força, vêm a ser dissolvidos e se fundem na Terra. O Sol se ergue então com sete raios constituindo sua carruagem.

139. O Senhor Sol de raios insuportáveis começa a absorver água através dos raios dele. Aqueles sete raios serão de cor verde e de brilho deslumbrante.

140. Espalhando-se sobre a floresta (‘o firmamento’ – *Brahmānda P*.) gradualmente eles são transformados novamente. A madeira sobre a terra, riqueza e refulgência começam a brilhar com água (?).

141. Por isso é dito que a água é a causa do brilho do Sol. Com a seca o Sol não brilha. Com a seca o Sol não tem halo (?).

142. Com a seca os raios do Sol não apanham coisas (do chão). O Sol brilha com água. Por isso, absorvendo água, o Sol resplandece no céu.

143. Seus sete raios absorvem água do grande oceano. Com isso como sua dieta, o único Sol se propaga em sete Sóis.

144. Então aqueles sete raios, assumindo as formas de sete Sóis, queimam os quatro quadrantes e os quatro mundos como fogos.

145. Os raios ígneos alcançam o topo e fundo (dos mundos). Sete Sóis e os fogos ardentes da dissolução brilham intensamente.

146. Acesos e iluminados por meio da água, milhares de raios envolvem o céu e causticam a Terra.

147. Sendo queimada pelo calor brilhante deles, a Terra incluindo os oceanos e as montanhas vem a ser privada de umidade e viscosidade.

148. As regiões inferiores, as regiões superiores e os lados são dominados pelos raios iluminados do Sol de várias cores e se espalhando por todos os lugares.

149. Os raios ardentes do Sol e as chamas saltantes dos fogos, misturando-se uns com os outros, parecem ser uma única unidade com uma única chama.

150. Aquele fogo se torna uma massa de zona ígnea, criando a destruição de todos os mundos. Com seu brilho ele chamusca todos os quatro mundos.

151. Todos os seres móveis e imóveis são dissolvidos. A Terra, desprovida de árvores e até grama, parece com o verso de um casco de tartaruga.

152. O universo inteiro destruído e afetado por infortúnio parece com uma frigideira. O todo do céu, cheio com os raios ardentes, brilha ferozmente.

153. Todos os seres vivos nos mundos inferiores e no grande oceano se dissolvem e se unem com a Terra.

154. Os continentes, montanhas, subcontinentes, o grande oceano – todos esses serão reduzidos a cinzas por aquele fogo cósmico, a alma de tudo.

155. O fogo excessivamente aceso absorve água de todos lugares, dos oceanos, dos rios e dos mundos inferiores. Espalhando-se sobre a Terra ele resplandece.

156. Então o grande fogo Samvartaka (o fogo da dissolução) ultrapassa as montanhas e destrói todos os mundos. Ele se torna um fogo terrivelmente aceso.

157. Ele então perfura através da Terra e seca Rasātala. Depois de queimar Pātālas ele queima o mundo das serpentes.

158. Depois de queimar a Terra de baixo, ele queima o firmamento acima se espalhando por milhares, lakhs e trilhões de yojanas.

159. Muitas chamas saltam daquele fogo Samvartaka. Ardendo furiosamente o fogo Samvartaka consome Gandharvas, Piśācas, as grandes serpentes e Rāksasas. Tudo é reduzido a uma massa globular enorme (de cinzas).

160. O fogo mortal queima dessa maneira todos os quatro mundos, isto é, Bhūrloka, Bhuvarloka, Svarloka e Maharloka, de um modo terrível.

161. Quando todos os mundos são envolvidos pelo fogo por todos os lados e acima, o universo inteiro é permeado lentamente com brilho e resplandece como uma bola de ferro (incandescente).

162. Depois disso as terríveis nuvens Samvartaka começam a surgir no céu. Eles assumem as formas de manadas de elefantes enormes e são embelezadas com faixas de relâmpago.

163. Algumas são de cor escura como o loto azul. Algumas são como os lírios brancos, algumas parecem lápis lazúli e outras são como esmeralda e safira.

164. Outras são (brancas) como a concha e as flores kunda. Algumas são (pretas) como o colírio natural. Algumas nuvens têm cor de fumaça e algumas nuvens são amarelas.

165. Algumas nuvens têm a cor (cinzenta) de um burro, algumas se assemelham à laca vermelha, outras têm o brilho do arsênico vermelho e há nuvens da cor do pombo.

166. Algumas nuvens de cor de pirilampo se erguem no céu; algumas são tão vastas quanto as cidades extensas e a Terra e algumas são tão enormes quanto manadas de elefantes.

167. Algumas nuvens são como montanhas e algumas são como regiões rochosas. Alguns se assemelham a grandes bacias e algumas a enormes cardumes de peixe.

168. De aparência impressionante e multiformes, todas aquelas nuvens, ribombando terrivelmente, enchem o firmamento inteiro naquele momento (de dissolução).

169. Então as nuvens recentes formidáveis, identificando-se com os Sóis, se organizam em sete grupos e extinguem o fogo.

170. As nuvens então derramam chuva energicamente e suprimem todo o fogo inauspicioso e terrível.

171. O universo é enchido com as águas do aguaceiro pesado. O brilho do fogo ardente é superado pelas águas e o fogo entra (isto é, se funde) na água.

172. Quando no decorrer de cem anos todo o fogo é suprimido, as nuvens que surgem do fogo inundam o universo inteiro com quantidades enormes de chuvas.

173. Incitadas pelo deus nascido por si mesmo (Brahma), elas enchem o universo com suas chuvas. Outras atacam a costa com grandes quantidades de água. A Terra inteira com seus continentes e montanhas é coberta com água.

174. Ó brâmanes, toda a quantidade de água derramada pelas nuvens entra no oceano. Lá ela é absorvida pelos raios do Sol.

175. A água absorvida pelos raios do Sol adere às nuvens. Ela cai novamente sobre a Terra pelo que os oceanos são enchidos.

176. Então os oceanos inundam suas margens por todos os lados. As montanhas desmoronam e a Terra afunda na água.

177. Girando de repente para cima, um vento violento de natureza terrível envolve todas aquelas nuvens no céu.

178. Naquele *Ekārnava* (um único vasto lençol de água) todos os seres móveis e imóveis são dissolvidos. Quando mil ciclos de quatro Yugas passam, isso é chamado de um Kalpa completo.

179. Homens eruditos chamam de *Ekārnava* esse vasto lençol de água pelo qual o mundo inteiro é envolvido. Todas as entidades separadas são perdidas de vista. Nem a superfície da Terra, nem a atmosfera, nem o vento nem o firmamento são visíveis distintamente.

180. Objetos de natureza *Pārthiva* (Terrestre), águas do oceano e todos os objetos *Haima* (isto é, dos elementos de fogo, Ouro representando Tejas) formam uma unidade chamada *Salila* (água).

181. Quando só água é vista fluindo para cá e para lá, isso é chamado de *Salila*. Quando ela permanece cobrindo a Terra inteira, aquela (massa de) água é chamada de *Arnava* (um oceano).

182-183. A palavra *Bhā* indica *Vyāpti* (penetração) e *Dipti* (esplendor). Como a água brilha e penetra todas as cinzas (do universo) ela é chamada de *Ambah*. A raiz [*ar* (isto é, r)[3]] significa multiplicidade e rapidez. Naquele *Ekārnava* as águas não são rápidas. Por isso elas são chamadas de "Narās".

184. Ao fim daquele período de mil grupos de quatro Yugas passa-se um dia de Brahma. Durante todo aquele período o universo inteiro fica submerso no *Ekārnava*. Todas as atividades de Prajāpati (Brahma) cessam (de existir).

185-186. Quando, naquele *Ekārnava*, os seres móveis e imóveis são aniquilados, Brahma assume esta forma - com mil olhos, mil pés, mil cabeças, mente bela, mil pernas, mil olhos e faces, mil falas (línguas), mil braços e com o esplendor do Sol. Ele é chamado de o primeiro Prajāpati e o Purusa no caminho de Trayī (três Vedas).

---

3 [*Brahmānda P.* 4, cap. 1, v. 179.]

187. Ele tem cor brilhante como o Sol. Ele é o protetor dos mundos. Ele é único e o primeiro *Turāsāt* ([que subjuga rapidamente[4]] os inimigos). Ele se torna Hiranyagarbha, o grande Purusa. Ele vai além da escuridão (da ignorância).

188. Ao término do período de mil ciclos de quatro Yugas, quando tudo em volta está inundado com água, o senhor fica desejoso de dormir e cria uma noite escura sem luz.

189. Quando Brahma deita com os quatro tipos de criação recolhidos no *Anda* (Ovo Cósmico), os Sete Grandes Sábios veem aquele Kāla (deus do Tempo ou Morte) de alma nobre.

190. Naquele tempo eles se movem em Janaloka. Por meio de penitência eles ganharam visão (divina). Eles são as almas nobres – Bhrgu e outros. As características deles já foram descritas por mim.

191. Com sua visão divina só eles veem os sete mundos – Satya e outros. Eles visualizam Brahma durante as grandes noites de Brahma.

192. Os Sete Sábios o observam no período de sono dele. Ele é citado como sendo o primeiro Paramesthin, porque ele permanece além de todos os Kalpas.

193. No princípio de todo Kalpa ele se torna o criador de todos os seres vivos repetidas vezes. Depois de recolher todas as criações dentro de si mesmo Prajāpati (as cria novamente).

194. O excessivamente brilhante, o criador de tudo, toma (recolhe) tudo dentro de si mesmo e depois permanece dentro do único vasto lençol de água por toda aquela noite.

195. Então, quando a noite passa, Prajāpati acorda. Ele é influenciado (em sua mente) pelo desejo de criação mais uma vez.

196-198. Na hora da dissolução *Naimittika* (periódica) (por Brahma), quando Prajāpati se acalma, no decorrer da retirada, todos os seres vivos são separados de seus corpos. Todos os Bhūtas são queimados pelos raios do Sol; até mesmo os deuses, sábios e os Manus excelentes (são afetados por isso naquela água de inundação). Naquela colisão todos os seres vivos, começando com Gandharvas e terminando com Piśācas, que não foram queimados, se dirigem para Janaloka no princípio do Kalpa.

199. Os seres vivos das camadas mais baixas de animais e aqueles que caíram inferno – todos esses são queimados e eximidos de pecados. Enquanto o universo permanece submerso em água, eles residem em Janaloka.

200. Quando a noite de Brahma, cuja fonte de origem é o Imanifesto, amanhece novamente, todos aqueles seres vivos nascem outra vez.

201. Os sábios, Manus, Devas e todos os quatro tipos de seres vivos (são semelhantes nesse aspecto). Aqueles Siddhas também morrem e nascem.

202. Da mesma maneira que o Sol está nascendo e se pondo nesse mundo (isso acontece regularmente), assim também os seres vivos são vistos terem nascimento e destruição.

203-205. O renascimento depois da dissolução de todos os seres vivos é chamado de Samsāra (existência mundana). Do mesmo modo que todos os seres vivos (por exemplo as árvores) germinam depois que as chuvas caem, assim também os indivíduos e os seres imóveis e outros nascem em todo Kalpa. Como nas sucessivas estações as diferentes formas das características das estações aparecem na mesma sequência como antes, assim também na hora de (toda) criação os seres móveis e os imóveis (aparecem da mesma maneira como eles eram) antes das noites de Brahma e das dissoluções.

206. Todos os seres vivos saem e reentram no criador de indivíduos, Brahma, o grande senhor, Prajāpati de grande poder yóguico.

207. O grande Deva, que é manifesto e imanifesto, se torna o criador de todos os seres vivos repetidas vezes nos inícios dos Kalpas. O universo inteiro é dele.

---

[4] [Aqui há uma falha na digitalização, suprida pela expressão usada no *Brahmānda P*. v. 183.]

208. É ele por quem as águas são criadas no princípio, as águas que alcançam a superfície da terra pelo caminho usado antes.

209. Do mesmo modo que os seres mortais revolvem por esses (*Yonis* ou nascimentos) devido às suas atividades auspiciosas e inauspiciosas, assim eles se movem para cima e para baixo devido à (influência do) sol, porque transferência de um corpo para outro é inevitável.

210. [5]Assim também Devas, Manus, Prajeśas e outros Siddhas, que chegaram ao céu naturalmente, assumem as formas de seres vivos virtuosos ao serem sujeitados ao futuro inevitável.

211. Daqui em diante, eu descreverei o período de dissolução de todos os seres vivos (*Ābhūtasamplava*). Ó brâmanes, os Manvantaras já foram explicados por mim junto com a *Prajñānisarga*[6] (criação através de intelecto) e os quatorze Manus.

212. Todos os Manvantaras consistem em mil ciclos de quatro Yugas. Quando dois mil ciclos de quatro Yugas são completados é dito que um Kalpa termina totalmente.

213. Isso deve ser conhecido como um dia de Brahma. Entendam seu cálculo. O tempo levado para proferir uma sílaba curta ou piscar uma vez é chamado de *Nimesa*. Ele é igual a um *Mātrā*.

214. Quinze desses *Nimesas* de seres humanos constituem um *Kāsthā*. Um *Lava* é igual a cinco *Ksanas* e vinte *Kāsthās* constituem três *Lavas*.

215. De acordo com outro cálculo, sete e meias medidas (*Prasthas*) de água constituem um *Lava*[7]. Trinta *Lavas* devem ser conhecidos como um *Kalā* e trinta *Kalās*, um *Muhūrta*.

216. Trinta desses *Muhūrtas* fazem um dia e uma noite ou novecentos *Kalās* fazem um dia e uma noite[8].

217. O movimento da Lua e do Sol deve ser conhecido por contar estes: Quinze *Nimesas* fazem um *Kāsthā*. Trinta *Kāsthās* fazem um *Kalā*.

218. Trinta *Kalās* fazem um *Muhūrta*. Alguns dizem que *Kalā* é uma décima parte de um *Muhūrta*. Quarenta *Kalās* são chamados (por outros) de um *Muhūrta*.

219-220. *Muhūrtas* e *Lavas* são definidos (desse modo) por aqueles que conhecem a medição. (Em vez do acima) por meio da água também o tempo é medido. Treze *Palas* de água fazem um *Prastha* de acordo com o cálculo corrente em Magadha. Quatro *Prasthas* de água fazem um *Nālika Ghata* (um jarro com um tubo ajustado dentro).

221. O prato inferior do dispositivo tem quatro *Añgulas* quadrados. Há quatro buracos nele, cada um do tamanho de um *masa* dourado, (*masa* = grão, feijão-da-Índa preto). Dois *Nālika Ghatas* de água fluem através daqueles buracos no período de um *Muhūrta*. Isso é o mesmo no dia e na noite.

222-223. Graças ao movimento especial do Sol, o número máximo de *Kalās* é seiscentos e cinco em todas as *Rtus* sempre. Isso deve ser conhecido como um dia humano. O Dia Estelar contém dez mais. Um ano humano é calculado por meses Sāvana.

224. É determinado na escritura sagrada que um ano humano é um dia e uma noite para os Devas. Por mesmo desse dia os meses, *Ayanas* e anos devem ser calculados.

225. O conhecimento disso é alcançado por esse método. Os termos dados são apenas indicativos. Como *Kalā* constitui a unidade básica o tempo é mencionado como *Kāla*.

---

[5] Obscuro. Assim é o texto correspondente no *Brahmānda P*. 4.4.1.207.

[6] *Projānisarga* 'criação de indivíduos', no *Brahmānda P.* v. 209.

[7] Talvez isso indique que um *Lava* é o tempo que essa quantidade de água leva para pingar através buraco no dispositivo mecânico usado para calcular o tempo.

[8] A leitura aqui de *vyadhikāni Satāni sat* deve ser corrigida como *iryadhikāni* etc. significando 'seis (centenas) aumentadas por trezentos.'

226. Um dia de Brahma é constituído por dez milhões e duzentos e noventa mil anos divinos."

227. Ao ouvirem isso, os sábios ficaram muito surpresos. Eles consequentemente pediram para Sūta tornar seu conhecimento mais claro numericamente.

Os sábios disseram:

228. "Nós desejamos ouvir a magnitude do período de dissolução com base no cálculo humano, brevemente, consistindo em poucas palavras e sílabas."

229. Ao ouvir as palavras deles, o senhor Vāyu dotado de atributos divinos e visão celestial, e dedicado ao bem-estar dos mundos, falou em resumo.

230. "O dia e a noite de Brahma já foram citados. Eu falarei agora a duração deles baseada no cálculo mundano.

231-233a. De acordo com o cálculo humano, quatrocentos e trinta e dois crores, oito milhões novecentos e oitenta mil (4328980000) anos humanos constituem o período de dissolução.

233b-236. Então sete Sóis se erguem. Todos os quatro tipos de criações são fundidos nos grandes elementos dos mundos. O universo é inundado com água. Todos os seres móveis e imóveis são destruídos. Depois de completar a aniquilação, Prajāpati fica inativo. Quando tudo está queimado, a luz desaparece e tudo é cercado por escuridão noturna. Todo o vasto lençol de água é então presidido por Iśvara. A duração do período de *Ekārnava* é igual àquela do dia do senhor. O período da noite dura enquanto tudo está submerso em água. Quando ela retrocede, isso é lembrado como o dia.

237. A noite e dia de Brahma sucedem um ao outro. Esse período sucessivo de noite e dia do senhor é o que é chamado de *Ābhūtasamplava*.

238. Ele é chamado de *Ābhūtasamplava* porque todos os seres vivos que existem, sejam móveis ou imóveis, na série inteira dos três mundos até os elementos (*Bhūtas*), são fundidos.

239. (Outra explicação.) Prajāpati é chamado de *Bhūta* porque ele existe no próprio início antes de todos os indivíduos e criações. Tudo flutua e se funde em *Bhūta*. Portanto a dissolução final é chamada de *Ābhūtasamplava*.

240. A palavra *Ābhūtasamplava* também é usada no sentido de permanência e imortalidade (?). Os indivíduos passados, presentes e futuros são calculados até *Aparārdha*[9] (número infinito) por meio de número divino.

241. A longevidade máxima (de Brahma) é mencionada como duas vezes *Parārdha*. Esse tanto é o período de permanência de *Aja* (o não nascido) Prajāpati. No fim da permanência de Brahma, Paramesthin, há a *Pratisarga* (criação secundária).

242. Da mesma maneira que a chama de uma lâmpada apagada pela rajada de vento, assim também Brahma fica inativo como resultado da *Pratisarga*.

243. (Defeituoso.) Os princípios começando com Mahat são recolhidos no grande Īśvara; Mahat imerge no Imanifesto e todos os três Gunas atingem equilíbrio.

244-245. Desse modo *Ābhūtasamplava* foi relatado por mim brevemente. Essa retirada por fusão completa em água é uma reabsorção periódica (*Naimittika*) em relação a Brahma. O que mais eu eu devo lhes falar?

Aquele que sempre retém isso na memória, aquele que escuta isso frequentemente, obterá Siddhi excelente como resultado da glorificação e de ouvir atentamente."

---

[9] Provavelmente a leitura é 'ā-parārdha' até Parārdha – veja o v. 241.

Capítulo 39: Mundos de Maharloka Até a Cidade de Śiva[1]

Vāyu disse:

1-6. Aqueles brâmanes de discernimento agudo, que têm bom comportamento extraordinário, que subsistem do resíduo do que é entregue ao fogo sagrado em *Homa*, e que mantêm devoção especial, se tornam os residentes de Maharloka junto com Devas.

Os quatorze Manus, os aumentadores de fama que foram glorificados antes, e que pertencem ao passado, presente e ao futuro, nascem aqui várias vezes junto com sábios, Devas, Gandharvas e Rāksasas e assumem suas funções nos Manvantaras.

Devas, Sete Sábios, Manus e Pitrs passam gradualmente e se dirigem para Maharloka junto com os brâmanes, ksatriyas e vaiśyas honrados. Eles são acompanhados por aqueles que fazem ações verdadeiras, que são fiéis e desprovidos de arrogância, que mantêm regularmente ritos védicos e Smārta e que preservam a disciplina rigorosa de Varnas e Aśramas. Mais tarde, quando o período de um Manvantara termina, eles deixam de operar em seus ofícios (e vão para Maharloka).

Os sábios disseram:

7-8. "Ó Poderoso Mātariśvan (Deus do Vento), de que natureza é aquele mundo que foi chamado de Maharloka por você? Em todo mundo muitas (almas meritórias) estarão presidindo. Por isso, ó Senhor, conte para nós, com prazer, quantos são aqueles mundos e como eles são queimados (se absolutamente). Só você conhece isso precisamente."

9. Ao ser pedido dessa maneira por aqueles sábios de almas disciplinadas, Vāyu, o conhecedor da realidade, falou estas palavras agradáveis e verdadeiras.

Vāyu disse:

10. Há somente quatorze domicílios chamados Lokas[2] (mundos) descritos por grandes sábios, e (homens meritórios) permanecem neles.

11-12. Eles chamam sete deles de *Krtas* e os outros sete de *Akrtas*. Os sete mundos, enumerados como Bhūh etc. são os *Krtas*. Os sete *Akrtas* são os Prākrta (criados por Prakrti). Os *Krtas* são as residências criadas junto com seus *Sthānins* (pessoas que se identificam com elas).

13. A Terra, o firmamento, o céu e o que é lembrado como Mahah – esses quatro domicílios são lembrados como *Arnavakas*.

14. Esses domicílios estão tendo diminuição e aumento. Aqueles não dotados dessa maneira serão mencionados (depois). Aqueles que são *Naimittikas* (periódicos) duram até a dissolução final.

15. Jana, Tapa e Satya – esses três domicílios são exclusivos. Eles duram até a (dissolução) *Prasamyama* (definitiva).

16. Eu mencionarei os *Vyaktas* (manifestos). Eles são os sete domicílios. Bhūrloka é o primeiro entre eles. O segundo é lembrado como Bhuvah.

17. O terceiro deve ser conhecido como Svah; o quarto é lembrado como Mahah. Jana é o quinto mundo e Tapah é considerado como o sexto.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmānda P.* 4.4.2. Só os números dos versos dele são mencionados para referência. O capítulo é um epítome do *Bhuvana Kośa* [receptáculo de terra].

[2] Os versos 10-48 descrevem os sete Lokas (mundos), isto é: (1) Bhūr, (2) Bhuvar, (3) Svar, (4) Mahar, (5) Jana, (6) Tapas e (7) Satya. O local de 1-4 é (1) a Terra, (2) o espaço entre a Terra e o Sol, (3) o espaço entre o Sol e Dhruva (a Estrela Polar), (4) o espaço entre Dhruva e Jana-Loka.

Os versos 24-27 explicam a significação dos Lokas (5-7).

(5) Jana – lugar de nascimento de súditos do Manu Svāyambhuva e outras pessoas semelhantes. (6) Tapas – região dos fazedores de penitência como Rbhu, Sanatkumāra. (7) Satya é Sattā-mātra (existência pura), a região do deus Brahma.

O deus Brahma criou esses mundos por proferir sete *Vyāhrtis*, isto é, Bhūr, Bhuvah, Svah etc.

18. Satya é o sétimo mundo. Além dele há escuridão. Quando (Brahma) disse "*Bhūh*" Bhūrloka se originou.

19. Na segunda vez quando ele disse "*Bhuvah*", o firmamento se originou. Pela terceira vez quando ele disse "*Svah*", o céu apareceu.

20-21. Por meio dessas três *Vyāhrtis* (afirmações) Brahma criou os mundos. Consequentemente Bhūh é lembrado como *Pārthiva Loka* (Terra) e o firmamento é lembrado como Bhuvah. Svarloka é o céu. Essa é a conclusão dos Purānas. Agni (deus do fogo) é o senhor dos *Bhūtas*. Por isso ele é lembrado como *Bhūtapati*.

22. Vāyu é o senhor de Bhuvah. Por isso ele é *Bhuvaspati*. O Sol é o senhor de *Bhavya*, isto é, Svah, por isso é *Divaspati*.

23. Quando ele proferiu "*Mahah*", Maharloka se originou. A residência dos Devas que se retiram de suas ocupações se encontra lá.

24. Jana é o quinto Loka. *Janas* (pessoas) nascem lá. Ele é chamado de Janaloka porque os súditos do Manu Svāyambhuva e outros nasceram lá.

25. Aqueles súditos do Manu Svāyambhuva e outros, que já foram glorificados, partem para Tapoloka quando todos os mundos são consumidos pelo fogo no fim do Kalpa.

26. Aquele mundo é chamado de Tapoloka porque Rbhu, Sanatkumāra, e outros personagens santos de almas purificadas por *Tapas* (penitência) e de sexualidade sublimada permanecem naquele mundo.

27. A palavra *Satya* se refere a Brahma. Ela se refere à existência pura também. Por isso o mundo de Brahma é Satya. Ele é o brilhante sétimo mundo.

28. Todos os Devas são os residentes de Svarloka junto com Gandharvas, Apsaras, Yaksas, Guhyakas e Rāksasas. Todos os Bhūtas, Piśācas e Nāgas são residentes da Terra junto com homens.

29-30. Embora Maruts, Mātariśvans (deuses do vento), Rudras, (alguns) Devas e os Aśvins não tenham domicílio fixo e eles vaguem na atmosfera, eles têm sua principal residência em Bhuvarloka. Os habitantes do céu Adityas, Rbhus, Viśvedevas, Sādhyas, Pitrs, e os sábios do Añgiras Gotra se dirigem a Bhuvarloka também.

31. Todos esses Devas se movem em carruagens aéreas e residem nas constelações e planetas também. Assim todos os (mundos) nascidos das expressões vocais (*Bhūh, Bhuvah, Svah*) de Brahma foram narrados na ordem.

32. Bhūrloka é o primeiro desses mundos e o último é Maharloka. Eles são criados pelos Tanmātras. Eles são mutuamente puros, isto é, eles estão separados uns dos outros.

33. Aqueles que partiram depois de virem para a Terra, isto é, Śukra e outros terminando com Cāksusa (Manu?), residem em Maharloka até o fim do Kalpa.

34-37. Os sete Sóis queimam com seus raios aqueles mundos começando com Bhūrloka e terminando com Maharloka. Todos os seguintes: Marici, Kāśyapa, Daksa, Svāyambhuva, Añgiras, Bhrgu, Pulastya, Pulaha, Kratu e outros, são os Prajāpatis e eles vivem lá com eles. Eles são desprovidos de posses e livres dos sentimentos de "meu". Eles têm sexualidade sublimada. Rbhu, Sanatkumāra e outros são ascetas de grande desapego. Esses mundos são as causas do renascimento de todos os quatorze Manvantaras incluindo aqueles dos Sāvarnas.

38. Praticando Yoga, penitência e veracidade e meditando na alma, eles voltam para o sexto Loka (isto é, Tapoloka) então no fim do dia (de Brahma, isto é, durante a dissolução).

39. Satya é o sétimo Loka. Ele é a região da qual não há retorno. Ele é desimpedido (isto é, eterno). Ele é o Loka do deus Brahma.

40. Em (velocidade?) de rotação e em magnitude Bhūrloka é o ponto de encontro (isto é, no meio?). O firmamento, o espaço entre a Terra e o Sol é lembrado como Bhuvah (-Loka).

41. Aquele espaço entre o Sol e Dhruva (a Estrela Polar) é Svarloka (Céu). Ele também é chamado de Diva. O espaço entre Dhruva e Janaloka é chamado de Maharloka.

42. Os sete mundos foram bem descritos. Agora eu contarei os Siddhis daqueles mundos. Todos os seres vivos em Bhūrloka são bebedores de suco e comedores de grãos cozidos.

43-**44**. Todos os residentes de Bhuvarloka e Svarga são bebedores de Soma e *Ājya* (oblações de ghee). Aqueles que ficam no quarto Loka, Maharloka, devem ser conhecidos como possuidores de Siddhis mentais de cinco características. Tudo o que eles desejam mentalmente é realizado imediatamente.

45. Esses Devas são do passado, presente e futuro. Eles se adoram mutuamente por meio de Yajñas.

46. Os do meio adoram os mais antigos (por meio de sacrifício) e os atuais adoram os do meio. Quando os grupos de Devas passam, o contato e relações cessam (de existir).

47. Deve ser conhecido que eles ainda retêm sua série de Siddhis mentais embora eles deixem de ocupar cargos de autoridade. A série de Siddhis deles é pura e deve ser conhecida como mental.

48. Ó brâmanes, os quatro mundos situados abaixo de Janaloka foram descritos brevemente por mim para vocês. Eu os descrerei novamente.

Vāyu disse:

49-**50**. Marici, Kāśyapa, Daksa, Vasistha, Añgiras, Bhrgu, Pulastya, Pulaha, Kratu e outros nascem no início como os filhos mentais de Brahma. Depois de estabelecerem seus súditos, eles se dirigem a Janaloka[3].

51-**52**. Quando os mundos, começando com Bhūh e terminando com Mahar, são penetrados pelas chamas do fogo Samvartaka no fim do Kalpa, quando os fogos negros ardem e queimam, Yama e outros grupos de Devas que residem em Maharloka vão para Janaloka. Todos aqueles posicionados lá são de corpos muito sutis.

53-**54**. Os (recém-chegados) assumem as mesmas características e excelência como eles (os residentes de Janaloka) e se movem em Janaloka enquanto o universo está submerso em água.

55. Quando a noite de Brahma, cuja fonte de origem é o Imanifesto, amanhece para o dia, eles renascem na mesma ordem como antes.

56. Após a morte de seus antecessores todos aqueles aspirantes, começando com Svāyambhuva (Manu) e terminando com Marīci, renascem.

57-**58**. Posteriormente os grupos Yāma de Devas renascem na ordem (cronológica), os mais velhos primeiro e os mais jovens depois. Na família dos Devas sete *Sambhūtis* (Manifestações) são lembradas. Essas *Sambhūtis* nascem com o Kalpa-Kalpajāh. Quatro dessas manifestações passaram, enquanto as três outras (ainda) permanecem.

59-**61**. Passando por transmigração repedidamente até dez vezes em ordem, aqueles Devas observam a evanescência de todos os seres criados. Graças à força do futuro inevitável e como resultado daquele poder de suas próprias ações meritórias, eles obtêm equilíbrio mental. Eles desistem de todas as atividades e deixam Janaloka com uma mente tranquila. Eles atingem então o Vairāja Loka.

62-**63**. Praticando Yoga perpetuamente, fazendo penitência e pregando dharma por um longo tempo, eles nascem em famílias de pessoas meritórias. Se eles obtêm a condição de Devas, de sábios ou a forma humana, eles cumprem os deveres daquelas respectivas posições.

64. Assim esses grupos de Devas vão para o Vairāja Loka depois de dez repetições de nascimentos. Lá eles ficam por dez Kalpas.

---

[3] Nos vv. 49-69 nós somos informados de que, no fim do mundo, quando Maharloka sofre por causa do fogo Samvartaka, os deuses etc. se dirigem para Janaloka. O Tempo sendo infinito, o processo dos mesmos deuses, sábios etc. submetendo-se a reencarnações na mesma posição continua até o infinito (com exceção dos Jivas que obtêm Moksa).

65-**66**. Quando cada um dos Kalpas é completado no Vairājaka (Kalpa) (Loka?), eles passam para Brahmaloka em sua devida ordem de prioridade. No mundo de Brahma, quando um Kalpa de *Vairājaka* (referente a Brahma) passa, a eles novamente é atribuída uma posição que dura por um Kalpa em Vairāja (loka).

67. Desse modo, na ordem mencionada antes, eles vão frequentemente para Vairāja como resultado de sua penitência até dez vezes e retornam para Brahmaloka.

68. Assim milhares de Devayugas passaram. Eles obtiveram morte junto com os sábios em Brahmaloka.

Sūta disse:

69. "É impossível descrevê-los em detalhes e na sucessão apropriada, porque o tempo é sem início e é impossível contar tudo inteiramente. Contudo vocês não precisam ter qualquer dúvida. Tudo foi mencionado por mim precisamente."

70. Ao ouvirem aquela afirmação, os sábios foram dominados por dúvidas. Eles então falaram com Sūta que era familiarizado com os Purānas, cujo intelecto era formidável e que era o discípulo de Vyāsa.

Os sábios disseram:

71. "Por favor mencione exatamente o que constitui a dieta daquelas pessoas em Vairāja Loka, qual é a extensão da bravura delas, qual é seu suporte e quanto tempo elas ficam lá."

72. Ao ouvir a declaração proferida pelos Sábios, Sūta, que era bem versado nos Purānas e que conhecia a realidade do mundo, falou assim com humildade.

Sūta disse:

73. Aquelas pessoas que se tornam as mais puras das puras (por meio de ações meritórias) chegam àquele mundo (Vairāja), e ficam lá por dez *Ābhūtasamplavas* (períodos de dissolução final).

74. Todas elas têm somente corpos sutis. Elas são eruditas. Suas formas e feições são como aquelas de nuvens. Como elas residem em um mundo permanente não há *Bhūta* (elementos) nelas.

75-**77**. Quando uma mudança é iminente (isto é, quando elas estão prestes a partir), Sanatkumāra e outros Siddhas de ritos e práticas yóguicas mencionam (revelam) seu tempo de mudança (periódica). A inclinação para abandonar o domicílio ocorre simultaneamente. Então todos eles, de intelecto puro, dizem aos Vairājas e uns aos outros: "Ó abençoados, agora nós devemos entrar em Pranava e ficar em Brahmaloka. Proceder para Brahmaloka é conducente à nossa felicidade."

78-**79**. Depois de falarem dessa maneira, todos eles, se esforçando para atingir Brahman, praticam ritos yóguicos e permanecem lá unindo o *Atman* com *Paramātman*. Como as chamas de uma lâmpada que cessou de queimar (por falta de óleo), eles se extinguem e são fundidos em Brahman de onde um retorno raramente é alcançado. (Não há retorno.)

80. Depois de chegarem àquele mundo cheio de meditação, eles obtêm a bem-aventurança de Brahman e a condição de imortalidade.

81. Brahmaloka é mencionado como sendo seis vezes mais alto além dos mundos Vairāja. E o deus Brahma é o *Purohita* (alguém que foi colocado no comando previamente).

82. Todos eles são *Pranavātmans* (isto é, concentraram suas almas na sílaba mística *Om*). Eles são dotados de esclarecimento, pureza e penitência. Depois de obterem a bem-aventurança de Brahman, eles desfrutam do estado de imortalidade.

83. Eles não são afetados por opostos mutuamente conflitantes (como felicidade e tristeza etc.). Eles são desprovidos dos três *Bhāvas* (condições de existência, isto é, nascimento, crescimento e decadência). Eles possuem esplendor majestoso. Eles são iguais a Brahma sob todos os aspectos menos na questão de soberania[4].

---

[4] Veja o *Brahma Sūtra* IV.4.17-21, o qual afirma que a Alma Liberta tem todos os poderes de Brahma exceto aquele de criação do mundo.

84. Eles são dotados de brilho grandioso, vitória, *Aiśvarya*, (faculdades divinas de onipotência etc.), *Sthiti* (existência contínua), *Vairagya* (desapego), *Darśana* (visão) em igualdade com Brahma.

85. Aqueles homens eruditos de ritos e atividades sagradas, e em um estado iluminado ao término de penitência, atingem a meta que os transmuta. Quando a *Pratisañcara* (reabsorção) em Prakrti é iminente, eles veem isso em um momento e são dissolvidos no Imanifesto junto com Brahma e os Devas.

86. Desse modo os Devas e os Sábios participam de, isto é, cultuam o *Sattra* (a sessão sacrifical na forma de) Brahman. O *Sattra* (isto é, Brahman) é eterno (*sanātana*), imortal, resplandecente, sempre-existente, imperecível e imutável.

87. Eles são de sexualidade sublimada. Eles percorrem um caminho sem volta. A pureza que eles atingiram por meio da prática de ritos sagrados é completada pelo conhecimento dos Vedāntas.

88. Lá eles se dedicam à prática de união yóguica (com o Brahman Supremo). Eles adoram a meta mais alta. Eles abandonam seu corpo físico que é a causa de todos os pecados e seguem em frente para (a condição de) imortalidade.

89-90. Eles são desprovidos de paixão. Eles conquistaram a raiva. Eles são livres de ilusão. Eles falam a verdade invariavelmente. Eles são tranquilos. Eles são de almas dedicadas dotadas de clemência e compaixão. Eles dominaram os órgãos dos sentidos. Eles são desprovidos de apego. Eles são puros. Eles são lembrados como aqueles que obtiveram *Sāyujya* (identidade) com Brahman. Eles são as almas heróicas que queimaram todos os seus pecados por meio de atos de penitência incontaminados por desejos. São deles aqueles mundos dos quais não há queda. É lembrado que o prazer naquele local é imensurável.

91. Essa é a região imortal de Brahman. Ela é excelentemente resplandecente no firmamento mais elevado. Depois de atingi-la junto com Brahma, os Devas cessam de estarem preocupados e tristes (isto é, obtêm Libertação – Moksa).

Os sábios disseram:

92. Ó excelente, de onde é este *Parārdha* (Infinito, Infinidade)? O que é aquilo chamado de *Para* (o maior)? Nós desejamos saber. Por favor fale.

Sūta disse:

93-95. Ouçam de mim a definição de *Parārdha*[5] e *Para*. Um, dez, cem e mil são os (principais) números (bem) conhecidos por vocês. Dez vezes mil fazem *Ayuta*. Cem mil é chamado de *Niyuta* por homens instruídos. Similarmente *Arbuda* e *Koti* podem ser calculados. Cem *Niyutas* fazem um *Koti* (crore). Mil *Niyutas* fazem um *Arbuda* (cem milhões). *Arbuda* é dez *Kotis*. Eles consideram cem *Kotis* como *Abja*.

96. Homens instruídos chamam mil crores de um *Kharva* e dez vezes um *Kharva* fazem um *Nikharva*.

97-98. Cem mil *Kotis* fazem (o que é chamado de) *Sañku*. Pessoas que conhecem números (e cálculo) dizem que mil vezes mil *Kotis* multiplicado por dez fazem um *Samudra* (isto é, *Jaladhi*). Dez mil vezes mil *Kotis* é chamado de *Madhya*. Cem mil vezes mil *Kotis* é chamado de *Anta* (*Antya*).

99. Mil crores multiplicado por um crore é chamado de *Parārdha*. Homens eruditos chamam duas vezes um *Parārdha* de *Para* (grande).

100-102. O número cem eles dizem que é *Paridrdha* (*Parivrdha* no *Brahmānda P.*). mil são *Paripadmaka*. Depois disso os outros números (cada número é multiplicado por dez para obter o próximo número) são *Ayuta, Miyuta, Prayuta, Arbuda, Nirbuda, Kharbuda, Kharva, Nikharva, Sañku, Padma, Samudra, (Antya), Madhyama, Parārdha* e *Para*. Em cálculo esses são os dezoito dígitos.

103-104. Esses são os termos dados por sábios. Um *Parārdha* (? anos) desde o princípio da criação constitui um Kalpa (?) de Brahmā (só um dia). Resta um período que também se estende pelo mesmo tanto, no fim do qual há *Pratisarga*. Desse modo *Para* e *Parārdha* foram (calculados) explicados por mim.

---

5 Os versos 93-104 dão os termos técnicos para números e os dígitos até *Parārdha*.

105-107. Como a destreza de Brahma é a maior, sua longevidade a maior, (seu poder de) penitência, força, devoção (ou Dharma), erudição, fortaleza, conhecimento, realização de Brahman e faculdades como onipotência (*aiśvarya*) etc. são da mais alta magnitude, não existe ser vivo que seja maior do que Brahma. Ele está estabelecido na posição mais elevada, assim ele é o maior de todos os objetos.

O maior Brahma foi considerado (calculado e explicado) por mim (como *Para*). A metade de *Para* é *Parārdha*.

108. O contável contudo sempre incontável é a tríade. O contável é observado por números. Todos os números até *Parārdha* podem ser expressados.

109. Quando a massa é vista não há número específico. Essa é a característica da incontabilidade. Se nós dizemos: tanto quanto partículas de areia, isso quer dizer infinito. Estas são as cinco características (?).

110. Isso pode ser calculado por Iśvaras de visão divina por causa da pureza deles. Como ele está estabelecido em conhecimento perfeito, Brahma vê tudo."

111. Ao ouvirem isso, todos os sábios residentes na floresta de Naimisa tiveram seus olhos turvados com lágrimas (de alegria). Sua (voz) estava sufocada devido ao deleite.

112-113. Aqueles explicadores de Brahman perguntaram a Mātariśvan (o deus do vento): "Ó senhor santo, nós desejamos ouvir precisamente quão longe é Brahmaloka em quantos yojanas. Qual é a magnitude de *Yojana* e *Krośa*?"

114. Ao ouvir as palavras deles, Mātariśvan (Vāyu) de fala humilde falou o seguinte em palavras agradáveis, na ordem correta, e do mesmo modo como era visto (por ele).

Vāyu disse:

115. Eu contarei isso a vocês. Ouçam o que eu pretendo dizer. O *Vyakta Bhāga* (aquilo que é manifesto) é mais grosseiro que *Avyakta*.

116. Há dez partes de *Mahat*. A parte grosseira é chamada de *Bhūtādi* (*Ahamkāra* ou o Ego Cósmico). A magnitude de *Paramānu* (um átomo) é pouco mais que a décima parte de *Bhūtādi* (?).

117. Um *Paramānu* é muito sutil. Ele não pode ser visto pelo olho (nu). Ele pode ser imaginado; o que não pode ser (finalmente) dividido no mundo deve ser conhecido como *Paramānu*.

118. Quando os raios do Sol entram pela janela, a partícula de pó mais sutil que é vista é chamada de *Paramānu.* Essa é a primeira entre as unidades de magnitude. Ela é chamada de *Paramānu*.

119. Quando há um agregado de oito *Paramānus,* isso é chamado de *Trasarenu* ou *Padmarajas* (pó de pólen de um loto).

120. Quando oito *Trasarenus* se unem isso é lembrado como um *Ratharenu* (pó de carruagem). Quando oito *Ratharenus* são combinados, eles formam o que é lembrado por homens instruídos como um *Bālāgra* (ponta do cabelo).

121. Oito *Bālāgra*s formam um *Liksā* (o ovo de um piolho). Oito *Liksās* formam *Yūka* (um piolho). Oito *Yūkās* formam o que é chamado de *Yava* (um grão de cevada) e oito *Yavas* formam um *Añgula* (a distância entre as juntas em um dedo).

122. Doze *Añgulaparvans* (juntas de dedo ou larguras de dedo) fazem um *Vitasti,* e vinte e um *Añgulaparvans* fazem um *Ratni* (um cúbito - a distância entre o cotovelo e o punho fechado).

123. Vinte e quatro *Añgulas* formam um *Hasta* (a distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio). Dois *Ratnis* ou quarenta e dois *Añgulas* devem ser conhecidos como um *Kisku*.

124. Homens eruditos dizem que noventa e seis *Añgulas* formam um *Dhanus* (um arco). Esse *Dhanus* é uma unidade usada em medir *Gavyūti.* (Explicação no verso 126).

125. *Dhanus*, *Danda*, *Yuga* e *Nāli* – todos esses contêm número igual de *Añgulas*. Pessoas que conhecem cálculo dizem que trezentas unidades de *Dhanus* fazem um *Nalva*.

126. É ensinado que duas mil unidades de *Dhanus* fazem um *Gavyūti*. Oito mil unidades de *Dhanus* fazem um *yojana*.

127. A medida da distância de um *yojana* é baseada nessa unidade de *Dhanus*. Deve ser conhecido que mil desses *Dhanus* fazem a distância de um *Śakra-Krosa* (ou um *Krośa*).

128. O cálculo em yojanas é feito por aqueles que são peritos no conhecimento de números. Ouçam a distância de Brahmaloka, em quantos yojanas[6].

129. Divākara (o Sol) está cem mil yojanas acima da superfície da Terra. Niśākara (a Lua) está mil yojanas acima do disco do Sol.

130. A zona estelar inteira resplandece cem mil yojanas completos acima da Lua.

131. A montanha Meru tem cem mil yojanas de altura. A distância entre os planetas acima da zona estelar é duas vezes essa (altura) e eles estão um acima do outro.

132. Budha (Mercúrio) se move abaixo de todas as estrelas e planetas. Śukra (Vênus) se move acima dele. Acima dele se encontra o planeta Lohita (Marte).

133-135. Acima dele está Brhaspati (Júpiter) e sobre ele está Śanaiścara (Saturno). Cem mil yojanas acima de Saturno brilha toda a zona dos Sete Sábios (Ursa Maior). Cem mil yojanas acima dos Sete Sábios brilha Dhruva (a Estrela Polar), filho de Uttānapāda. Ele é o principal pivô de todas as estrelas no céu. Ele tem a carruagem aérea estelar compacta divina.

136-137. A altura dos três mundos foi descrita por mim em yojanas. No decorrer dos Manvantaras, Yajñas mundanos são executados para Devas pelas pessoas de diferentes castas e fases de vida. Esses Yajñas apenas são conducentes ao sustento e estabilidade dos Devas.

138. O conjunto dos três mundos foi explicado. Compreendam o que está além disso. Acima de Dhruvaloka está Maharloka, no qual residem aquelas pessoas que permanecem até o fim do Kalpa. Ele se encontra a dez milhões de yojanas de Dhruva – essa é a conclusão (de homens sábios).

139. Janaloka está a vinte milhões de yojanas de Maharloka. Nele ficam aqueles *Sādhakas* (aspirantes) – Daksa e outros, os filhos de Brahma. Eles vivem até o fim do Kalpa.

140. É lembrado que Tapoloka está quarenta milhões de yojanas acima de Janaloka. É lá que ficam os grupos Vairāja de Devas. Eles estão isentos dos efeitos da queima de todos os seres vivos na destruição do universo.

141. A sessenta milhões de yojanas de Tapoloka é Satyaloka. Ele é chamado de Brahmaloka, daqueles que são desprovidos de morte e desejo, e assim que nunca retornam de lá para o Samsāra.

142. É lembrado (proclamado) que o espaço acima de Brahmaloka até (a crosta superior do) Ovo Cósmico tem um crore e cinquenta *niyuta* (quinze milhões) de yojanas.

143-144. A parte mais baixa se estende por quarenta e seis milhões e quinhentos mil yojanas. Essa metade inferior consiste em movimento (de estrelas, planetas, etc.). Na metade superior o movimento cessa. Dhruvaloka e seu topo foi explicado como foi ouvido por mim, mencionando a distância em yojanas.

145. Agora eu mencionarei a distribuição de domicílios para aqueles seres vivos que merecem cair em infernos devido às suas ações cruéis.

146-149. Os infernos são os seguintes[7]: *Raurava, Rodha, Śūkara, Tāla, Taptakumbha, Mahājvāla, Śabala, Vimohana, Krmi, Krmibhaksa, Lālābhaksa,*

---

[6] Os versos 128 e seguintes dão as distâncias da terra até outros planetas e os locais deles. Embora outros Purānas endossem essa informação, ela é imaginária. Isso mostra os limites do conhecimento de Astronomia naqueles tempos. A mesma observação se aplica às distâncias até Mahar Loka e outros mundos míticos.

Viśamsana, Adhahśiras, Pūyavaha, Rudhirāndha, Vaitarana, Krsna, Asipatravana, Agnijvāla, Mahāghora, Samdamśa, Śvabhojana, Tamas, Krsnasūtra, Loha, Asija, Apratistha, Vīcyaśva e outros.

150. Todos esses infernos escuros e sombrios estão sob a jurisdição de Yama. Homens de ações más caem neles respectivamente.

151. É informado que todos esses infernos, *Raurava* etc., estão abaixo da Terra. Um perjuro, uma pessoa que toma um lado por fazer declarações falsas e inverdades cai no inferno *Raurava* de aperto implacável.

152. Um assassino de uma vaca, um destruidor de um feto e alguém que comete incêndio culposo na cidade cai no inferno *Rodha*. Um assassino de um brâmane, um viciado em bebida e um ladrão de ouro caem no inferno *Sūkara*.

153. Um assassino de um ksatriya, de um vaiśya em circunstâncias miseráveis ou de um brâmane como também um profanador do leito do preceptor cai no inferno *Tāla*.

154. Aquele que se entrega a relações sexuais com a irmã dele e o soldado de um rei (isto é, o assassino de um rei) caem no inferno *Taptakumbha*. Um comerciante de cavalos (roubados) e protetor de alguém que é mantido em escravidão legal cai no inferno *Taptaloha*.

155. Aquele que vende sua esposa casta, aquele que abandona um devoto e aquele que se entrega a relações sexuais com sua filha ou nora caem no inferno *Mahājvāla*.

156-**157**. Aquele que vende os Vedas, aquele que blasfema os Vedas, aqueles que maltratam ou desrespeitam anciãos ou os atingem com palavras ferinas e alguém que se aproxima carnalmente de mulheres proibidas – todos esses caem no inferno chamado *Śabala*. Um ladrão ou um transgressor cai no inferno *Vimoha*.

158. Aquele que desmonta ou danifica estradas públicas cai no inferno *Kītaloha*. Aqueles que odeiam Devas e brâmanes, aqueles que não adoram preceptores e aqueles que contaminam pedras preciosas caem no inferno *Krmibhaksya*.

159. Aquele que ingere alimento mantendo sua esposa, amigos e filha (famintos) cai no inferno de odor repugnante *Lālābhaksa*.

160. Um fabricante de setas, um oleiro, uma pessoa que rouba moedas de ouro, um médico profissional, alguém que põe fogo em um jardim – todos esses caem no (inferno chamado) *Viśamsana*.

161. Aquele que aceita presentes monetários de homens maus, aquele que oficia como um sacerdote no Yajña em nome de um homem inelegível, e o homem que se sustenta por meio de cálculo estelar caem no inferno *Adhomukha*.

162. Aquele que vende leite, vinho, carne, laca, perfumes, sucos, sementes de gergelim e coisas semelhantes cai no inferno terrível *Pūyavaha*.

163. Aquele que captura, acorrenta ou apanha em armadilha aves, gatos, javalis, pássaros, cervos, carneiros e ovelhas também cairão no mesmo inferno.

164-**166**. Homens instruídos dizem que estes (seguintes) pecadores caem no inferno *Rudhirāndha*: um brâmane que cria cabras, ovelhas e búfalos, menuseia rodas e bandeiras ou se sustenta com a venda de tinturas e cores (ou por encenar peças etc.); um comerciante de aves; aquele que faz Yajñas em nome de todos e vários na aldeia; aquele que queima casas de outros homens; aquele que envenena outros; aquele que ganha a vida por lenocínio e proxenetismo; aquele que vende suco Soma; um bêbedo; um comedor de carne; um matador intencional de animais; um matador de búfalos e cervos; aquele que cria festivais (imaginários); um alfaiate por profissão; e alguém que é traiçoeiro com os próprios amigos.

---

7 Os versos 146-184 tratam dos infernos, as torturas neles e os pecados que levam a esses infernos. O número total de infernos é vinte e oito.

167. Não há dúvida que aqueles que alimentam as pessoas que sentam na mesma fileira com diferentes tipos de alimentos (e assim são parciais), caem no inferno terrível *Vidbhuja*.

168. Aquele que profere falsidade invariavelmente, aquele que é volúvel em repreender outros, aquele que é inauspicioso – esses pecadores caem no inferno terrível chamado *Mūtrākirna*.

169-170. Homens que matam aqueles que oferecem libações de mel caem em Vaitarani. Pessoas insanas, pessoas de mente abatida, aqueles que são desprovidos de pureza de conduta, pessoas de temperamento furioso, pessoas que fazem outros miseráveis, pessoas dadas a meios enganosos, caem no inferno *Asipatravana*. Pessoas que matam *Urabhras* (carneiros) ou caçam cervos, são cortadas, mutiladas, arrastadas e dilaceradas de uma maneira terrível naquele inferno.

171. Aqueles que comem e bebem (coisas proibidas) em um eremitério caem no inferno *Agnijvāla*. Eles são comidos por corvos de bicos de aço de cores escuras e diversas.

172. Pessoas com o voto de ritos sagrados e celibato, quebrando aqueles votos por expelirem sêmen até mesmo em sonhos, caem no inferno *Sandamśa*.

173. Aqueles que são ensinados ou ordenados por seus filhos invariavelmente caem no inferno *Śvabhojana*.

174. Aqueles que fazem ações contrárias às regras castas e fases de vida, ao serem incitados por raiva ou elação, vão para o inferno (*Niraya*).

175. O grande inferno *Raurava* de centro quente é branco (?) de fora e terrível. O extremamente terrível *Tapah* se encontra abaixo dele. Ele é de centro frio.

176. Ouçam e escutem esses sendo descritos na ordem consecutiva. Abaixo da Terra são mencionados só sete infernos.

177. Eles são o resultado de *Adharma* (pecado). Eles são *Andhatāmisraka* e outros. *Raurava* é o primeiro entre eles. Então há *Mahāraurava*.

178. Abaixo desse é o outro inferno que é frio e ardente. Esse terceiro inferno é *Kālasūtra* o qual é lembrado como *Mahāhavividhi*[8] também.

179. O quarto inferno é *Apratistha*, e *Avici* é lembrado como o quinto. O seguinte é *Lohaprstha* e *Avidheya* é o sétimo.

180. O primeiro inferno é chamado de *Raurava* porque ele é muito terrível. Embora ele contenha água, ele é lembrado como um que queima. Abaixo dele é o inferno *Tapah* que é terrível, frio e muito vil.

181. É dito que serpentes mordentes se encontram no terrível *Kālasūtra*. Nada pode permanecer no inferno *Apratistha*. Há um turbilhão terrível nele.

182. É dito que *Avici* é muito terrível porque os pecadores são esmagados por meio de dispositivos mecânicos. O inferno *Loha (Prstha)* é ainda mais terrível, porque todos os *Karmans* são esgotados nele (por experimentar o resultado deles).

183. (Verso defeituoso.) Embora os seres no inferno estejam sem corpos, o tormento, aflições e sofrimentos pelos quais eles passam no inferno *Avidheya* são irremediáveis.

184. Todos esses infernos são tão terríveis quanto montanhas e desprovidos de luz acima. Em todos esses a miséria devido ao pecado é muito intensa.

185-186. Aqueles dois mundos no topo são desprovidos de qualquer luz. Embora eles sejam como os outros mundos, os sofrimentos nesses dois mundos por meio de estacas ardentes (?) são os piores. Eles obtêm corpos capazes de experimentar esses sofrimentos como resultado de suas ações anteriores. Intensidade de sofrimento é comum a todos esses mundos.

187-188. Os sofrimentos dos seres condenados ao inferno são inumeráveis. Eles sofrem miséria. Quando os pecados são esgotados, eles nascem novamente no útero de animais inferiores ou como Devas. Os Devas estão posicionados acima e Nārakas (os seres condenados ao inferno) estão posicionados abaixo.

---

8 *mahāhir-vividhah* (*Brahmanda P*. v. 181) ‘tendo grandes serpentes de vários tipos.’

189. Causados por *Dharmas* ou *Adharmas,* eles desenvolvem corpos adequados com o objetivo de experimentar os frutos disso.

190. Os Devas veem os seres infernais permanecendo de cabeça para baixo abaixo deles. Os seres infernais também veem todos os Devas permanecendo de cabeça para baixo.

191. Não há distinção em Lokāloka quanto ao topo ou fundo, porque esses mundos não têm cume ou base. Eles são mantidos em posição naturalmente.

192. Essa situação, este *Samjñā* (? nome) é natural para Lokāloka (?).”

Os brâmanes que estavam executando o Satra então falaram a Vāyu.

Os sábios disseram:

193-194. “Mencione completamente o número de seres vivos que residem em Lokāloka e se movem no mundo de existência.”

Ao ouvir as palavras dos sábios, Maruta falou estas palavras.

Vāyu disse:

195-196. Ó excelentes entre homens, de nenhuma maneira todas as criaturas podem ser completamente enumeradas[9]. Elas são sem início e infinitas. Elas estão confundidas e misturadas umas com as outras. Só uma inferência geral pode ser feita para determinar o número delas. O número não pode ser afirmado positivamente. Elas são mencionadas como numerosas. Mesmo com uma visão divina elas não podem ser conhecidas. Como posso eu, com conhecimento limitado e visão comum, fixar seu limite?

197. De fato, nenhuma pergunta é feita sobre o que não pode ser concebido ou conhecido. Conheçam o que foi nomeado e numerado por Brahma.

198. Os vermes da terra nascidos de *Samseka* (aspersão ou rega, etc) formam cerca de uma milésima parte do número de seres imóveis.

199. Foi concluído decisivamente que todas as criaturas aquáticas juntas chegam a uma milésima parte das criaturas nascidas de *Samseka*.

200. Todos os pássaros terrestres devem ser conhecidos como formando uma milésima parte do número de seres vivos aquáticos.

201. Todos os animais, os quadrúpedes, devem ser conhecidos como constituindo uma milésima parte do número de pássaros.

202. Os bípedes (homens) nesse mundo devem ser conhecidos como constituindo uma milésima parte de todos os quadrúpedes.

203. Deve-se saber que os homens justos constituem uma milésima parte do número total de bípedes.

204. Dos homens justos só uma milésima parte vai para o céu. Daqueles homens justos que vão para o céu só uma milésima parte se qualifica para absolvição (Moksa).

205. As pessoas que ficam nas moradas de tortura são iguais àquelas que vão para o céu. Aquelas almas perversas que caem no sombrio *Raurava* depois da morte são atormendadas por frio e calor.

206. Elas sofrem dor aguda. Os corpos daqueles que atingem os domicílios de tortura se tornam entorpecidos. *Raurava* deve ser conhecido como quente. Esplendor ardente e líquidos quentes fluem lá.

207. O inferno *Tapa* se encontra em forma sólida e sempre frio. Pessoas boas e justas que vão para o céu são muito raras.

208. Essa fixação de número é feita pelo próprio senhor Iśvara nascido por si mesmo. O cálculo humano fica para trás. Só o cálculo de Brahma determina (corretamente).

Os sábios disseram:

209-210. “Mahah, Jana, Tapah, Satya, Bhūta, Bhavya, e Bhava – todos esses mundos foram descritos por você. Por favor mencione precisamente qual é sua diferença e qual é a distância entre eles.”

---

9 Os versos 195-208 dão as noções purânicas sobre o número de Jivas em cada espécie.

Ao ouvir essas palavras dos sábios de sexualidade sublimada, Vāyu, que via a verdade real, mencionou estes fatos para eles.
Vāyu disse:

211. Homens eruditos vêem aquele manifesto por inferência; os yogins o vêem diretamente por meio de poder yóguico, e aqueles que realizam habitualmente ritos sagrados observam isso por *Pratyāhāra* (retraimento dos sentidos físicos), meditação e penitência.

212-214. O iluminado Rbhu, Sanatkumāra e outros que possuem intelecto puro, os *Virajas* (aqueles que são livres de Rajoguna) livres de tristeza, aqueles homens religiosos excelentes como o próprio Brahma que nunca desvanencem, (sempre) cheios de deleite, Yogins que se dedicam a Brahman, e os sábios Vālakhilya e outros – todos esses têm observado de perto a residência do senhor eterno. Aquela residência não pode ser concebida ou discutida. Ele torna os homens bons satisfeitos. Eu também a tenho observado por permanecer por perto.

215-216. Visto que Iśvara é tão sutil quanto o átomo, ele só pode ser concebido por homens eruditos. Os seguintes dez atributos perpétuos sempre estão presentes em Śañkara – *Jñāna* (conhecimento perfeito), *Vairāgya* (desapego), *Aiśvarya* (domínio ou posse de poderes místicos), *Tapas* (penitência), *Satyam* (veracidade), *Ksamā* (perdão [paciência, tolerância]), *Dhrti* (fortaleza, [determinação]), *Drasfttva* (supervisão [a condição de ser aquele que vê ou observa]), *Ātmasambandha* (contato com a alma) e *Adhisthānatva* (a condição de ser o suporte [a base] de tudo).

217. Ele é *Vibhu* (todo-poderoso e onipresente). O fogo do poder yóguico dos yogins é aceso pelas bênçãos dele. Assumindo corpos físicos, ele ajuda o mundo dos seres humanos.

218. O domicílio daquele senhor eterno é imperecível, fixo e não maculado pelo caos mundano. Ele é o oitavo (além dos sete Lokas). Ele é concebido por Māyā e o maior de todos.

219. A óctupla Prakrti e suas criações são criadas por ele através de Māyā. O Senhor Maheśvara é *Māyin* (Mestre ou possuidor de Māyā). A retirada (aniquilação) de Devas é feita lá (no domicílio dele).

220. Ouçam e escutem enquanto eu narro em detalhes e na ordem correta. A distância entre Bhūrloka e Brahmaloka é cento e trinta e um milhões e quinhentos mil yojanas.

221. O espaço de Brahmānda sobre Brahmaloka é quinze milhões de yojanas.

222-223. Esse é o ponto mais alto que pode ser alcançado. Além dele ninguém pode ir. As Prakrtis eternas, incontáveis, sutis mantidas por Gunas mútuos existem lá. Seu atributo é criar o Ksetrajña chamado Brahma que as faz funcionar e está presente lá.

224-226. É nelas que todos estes existem: o possuidor de Prakpti, o sutil, o que sustenta, o eterno, o não produzido, o grande domicílio, o grande átomo, o grandioso deitado, o eterno, o inimaginável, o incorpóreo, a forma mental, a manifestação, o desaparecimento, a manutenção e a bênção. Vidhi (Brahma) não pode ser comparado com ninguém. O grande Iśvara é como Paramānu [o átomo minúsculo]. Com seu brilho ele torna isso iluminado[10]. Ele está além da escuridão.

227. O ovo dourado que evoluiu no início como *Aupasargika* (um adjunto relevante) era muito enorme e totalmente circular. Ele se desenvolveu a partir de Iśvara.

228. A germinação da semente é a partir de Iśvara. Ksetrajña (alma individual) é considerada como a semente. Fala-se de Prakrti como a *Yoni* (a fonte da origem), e que é da natureza de Nārāyana.

229. O criador de todos os mundos, o senhor onipresente de grande alma, em contato com Prakrti, cria Brahmaloka e Brahmānda por meio do corpo dele, com o propósito de criação e manutenção dos mundos.

---

[10] [“Ele é o iluminador inicial de *Tamos* (Escuridão).” *Brahmanda P.* v. 230.]

230. Além de Brahmaloka e abaixo da crosta superior do Ovo Cósmico – entre esses dois existe a *Pura* (cidade), a residência divina dele, *Manomaya* (consistindo na mente)."[11]

231. Aquele é o domicílio do Īśvara incorporado de esplendor imensurável. A cidade chamada Śiva é lá e ela é o refúgio daqueles que temem o renascimento.

232. Ó brâmanes excelentes, ela tem cem mil yojanas completos de extensão. Por dentro, ela é tão extensa quanto a esfera da Terra.

233-**234**. Ela é rodeada por um baluarte de ouro maciço de esplendor solar. Ela tem brilho do Sol do meio-dia ofuscando o brilho de todas as outras. Ela tem quatro portais dourados embelezados com cordões de pérolas. Os muros são bem construídos com acessórios dourados resplandecentes.

235. Aquela cidade divina (brilha bem) com os sons de sinos reverberando no céu. Nem o medo da morte, nem angústia nem o esgotamento da velhice encontram um lugar lá.

236. Nenhuma outra cidade merece ser comparada àquela cidade. Ela se estende por cem mil yojanas para os dez quadrantes.

237. Aquela cidade é penetrada pelo brilho do senhor de bandeira de touro e assim ela permanece (firme). A criação daquela cidade dourada é por meio de concepção mental.

238-**240**. A cidade brilha muito com pó de diamante espalhado. Nos jardins e parques nela, há lotos divinos que têm o esplendor da Lua outonal, que se assemelham ao Sol nascente, que são metade brancos e metade vermelhos e que são feitos de ouro. Com seus talos tendo o brilho da pedra preciosa Marakata (esmeralda), eles são do tamanho das rodas de carruagens. Em fragrância, beleza e delicadeza eles são inigualáveis.

241-**242**. Alguns lotos parecem as asas de uma abelha; alguns são dourados. Alguns são meio pretos e meio vermelhos. Suas superfícies internas são muito tenras. Os lotos que cobrem todo o lugar parece ser muitos guarda-sóis.

Há sete grandes rios lá. Conheçam os nomes deles.

243. Os seguintes são os belos rios naquela cidade excelente: Vara, Varenyā, Varadā, Varārhā, Varavarninī, Varamā e Varabhadrā.

244. Os rios excelentes contêm água que brilha como jóias partidas. Ela está misturada com as pétalas de lotos vermelhos e azuis. Espumas e redemoinhos de água contribuem para a beleza deles.

245. Nem Brahmarsis nem Devas, nem Asuras nem Pitrs nem outros conheciam aquela cidade do senhor inconcebível.

246. Só aquelas pessoas de alma nobre que fazem meditação sem agitação, e que conquistaram seus órgãos dos sentidos por meio de bom poder yóguico, veem a cidade daquele de bandeira de touro.

247-**248**. Há um palácio dourado esplêndido no meio daquela cidade excelente de esplendor inigualado. Ele é divino e se assemelha à grande montanha Meru. Ele é envolvido em glória graciosa. Ele tem mil 'pés' (colunas). Ele é embelezado por todos os lados com pedras preciosas e jóias incomparáveis.

249-**254**. Seu esplendor em volta é aumentado por meio de pedras preciosas inestimáveis e incomparáveis. Ele é embelezado em algumas seções com cristais, em algumas seções com pedras lunares, em outras seções com lápis lazúli, em algumas seções com pedras preciosas resplandecentes que se assemelham à Lua, em algumas com pedras preciosas brilhantes tão belas quanto o Sol nascente, em outras com jóias douradas refulgentes como fogo, em algumas seções com jóias radiantes com brilho de prata, em outras seções com pedras de safira azuis e em algumas seções com diamantes firmemente fixados. Ele é realçado em esplendor por meio de janelas brilhantes e dispositivos de ventilação de vários tamanhos. Ele está enfeitado

[11] Os versos 230-300 dão uma descrição poética da cidade de Śiva e a descrição dos habitantes dela.

com festões e bandeiras fulgurantes como os raios da Lua. Sons de sinos dourados reverberam nele. Alegria e folia estão sempre presentes lá. Sua refulgência é intensificada pelas residências de Kinnaras, as quais têm a forma e esplendor das nuvens do anoitecer. Da mesma maneira que o senhor-montanha Meru brilha com seus picos dourados, assim também o palácio brilha com correntes de água cintilante por toda parte cheias de flores douradas. A cidade inteira fulgura com bandeiras douradas e estandartes. Similarmente o palácio grandioso resplandece com seus terraços e lugares de pouso.

255-257. Nesse domicílio do senhor de três olhos há uma estátua de Vasanta (Primavera). As deusas Laksmi, Śrī, Kīrti, Śobhā e Sarasvatī estão presentes lá em corpos físicos (criados através de Māyā). Essas deusas eternas dotadas de beleza e fragrância são inumeráveis e de qualidades mutuamente dependentes (complementares). Elas são os ornamentos de todas as pedras preciosas e fonte da origem do encanto e gracejo. As deusas altamente abençoadas se dividiram em cem crores e servem diligentemente o Deus com Umā.

258. Elas têm milhares de outras criadas atrás delas, bonitas e dotadas de esplendor e glória. Todas elas têm olhos como as pétalas de lotos.

259. Elas se regozijam junto com os Ganas tão enormes quanto montanhas e tão brilhantes quanto fogo; elas exibem seus gestos amorosos e atividades esportivas extremamente atrativas.

260-264. Algumas são corcundas; algumas são pigméias; algumas têm corpos belos; algumas têm face de cavalo; algumas são esbeltas como a variedade vermelha de cana-de-açúcar; alguns são horrendas e terríveis com faces planas; algumas têm barrigas frouxamente pendentes; algumas têm braços curtos. Algumas não têm olhos, algumas têm pés pequenos; algumas têm as faces do senhor dos animais; outras têm faces e barrigas como aquelas de elefantes; outras têm face de elefante; algumas têm face de leão e face de tigre; algumas têm olhos vermelhos; algumas beldades têm peitos enormes e olhos encantadores; há belas damas com madeixas de cabelo encaracolado e olhos graciosos; outras podem assumir qualquer forma que elas desejem. Há mulheres com diferentes trajes e feições. Elas são dignas da residência do senhor; elas se movem por todos os lugares dentro do palácio. O senhor Maheśvara de dez braços se diverte naquele lugar.

265-266. Ele vive com Nandin e os Ganas de alma nobre de formas universais, como também Rudra-ganas de façanhas iguais e mentalidade generosa. Eles parecem filhos do fogo. Eles têm faces horríveis com presas curvas enormes como os postes sacrificais. Ele está sendo respeitado e adorado diligentemente por aquelas pessoas que se movem em carruagens aéreas.

267-268. Ele usa a guirlanda de flores de todas as estações em seu peito e inala a fragrância delas. Ele é de uma cor escura como o loto azul. Seus olhos são grandes, largos e de cor de cobre. Seus lábios pendentes são um pouco horrendos. Suas presas curvas afiadas parecem contribuir para a beleza dele. Seus olhos estão virados para cima. É impossível olhá-lo diretamente no rosto. Ele está vestido formosamente em trajes de cascas de árvore.

269-270. Ele permanece com sua (mão) direita agarrando o braço (mão) esquerdo e mantendo ambos apertados ao seu lado – a mão que destruiu os inimigos dos Devas e nunca ficou esgotada por fadiga em batalhas. Na mão esquerda dele brilha a arma Pat-tila (uma lança com uma extremidade afiada). Lá também brilha muito o arco extraordinário dele de dez cores, o som vibrante do qual é muito terrível. Não há outro arco para igualar sua força.

271. Além disso lá se encontra o Tridente dele que tem a refulgência do relâmpago. Ele nunca falha em destruir inimigos. Ele tem o esplendor mais excepcional e resplandece brilhantemente.

272. A espada do senhor de alma nobre dos Devas é a mais mais excelente de todos os objetos brilhantes. Semelhantemente a lua de raios frios fulgura com seu esplendor brilhante e corpo deslumbrante como a chama do fogo no altar sacrifical.

273. Em frente ao senhor está o grande Kamandalu (cântaro) dourado. Ele está cheio de água e brilha magnificamente.

274-275. O primeiro (ou o principal) porteiro feminino (porteira) da deusa, chamada Vijaya, permanece lá brilhando esplendidamente depois de prestar reverência ao senhor. Ela é uma dama abençoada com quatro braços. Ela é muito popular. Ela usa trajes esbranquiçados. Uma espada pende (da cintura) dela. Há um grande colar de pérolas cobrindo o peito dela. Ela brilha como outra deusa Śrī. Ela é notável e inigualável.

276. Há outras damas atrás dela. Elas são acompanhadas por grupos de damas celestiais. Com seus maridos recentemente casados e amados elas adoram Śañkara.

277. Grupos de Gandharvas, dotados de todos os traços característicos e acompanhados por todos os instrumentos musicais, cantam canções de oração diante do senhor dos Devas.

278. O Senhor dos touros, de peito largo e grande altura, resplandece lá. Ele tem o esplendor da nuvem outonal. Ele se regozija muito na casa (de seu senhor).

279. Então lá se encontra Skanda, o filho dele, de bravura imensurável. Ele usa trajes vermelhos. Ele é glorioso e seus olhos parecem as pétalas de um loto excelente. Ele fica lá com os seguidores dele.

280-281. Ele tem quatro seguidores (assistentes), isto é, Śākha, Viśākha, Naigameya e Astavan (?). Eles são desprovidos de indulgência viciosa. Eles não são cruéis. Eles estão empenhados em proteger os súditos. O deus que tem o pavão como seu veículo (isto é, Skanda) brilha na companhia deles. Ele tem grande coragem. Lá, o senhor que tem faces por todos os lados (isto é, de seis faces) se diverte com grandes serpentes como seus brinquedos.

282-283. Aqueles reis que fazem doações de ouro para estudiosos principais, aqueles brâmanes chefes de família que vivem em casa explicando Brahman, aqueles que fazem seu estudo védico e penitência em segredo e aqueles que se mantêm por catar (grãos) – todos esses se tornam os honrados conselheiros do senhor dos Devas.

284. Muitos Manvantaras terminam e novos Manvantaras vêm, (contudo a assembléia do senhor permanece como ela era antes). Que os feitos excelentes e extraordinários de Bhava, o senhor dos Devas, sejam ouvidos.

285. Tigres são os seguidores dele. Eles têm grande velocidade e o brilho do ouro. Eles são criados pelo próprio senhor e eles se movem como eles querem.

286. Eles são como a Morte para o deus da Morte. Eles subjugam a arrogância de Yama. Quem citará (adequadamente) as inúmeras faculdades e excelências sobre-humanas (do Senhor)?

287. Daqui em diante, eu contarei novamente as atividades excelentes e formidáveis de Bhava, exercidas com compaixão para abençoar os seres vivos. Ouçam e escutem.

288-292. (Verso defeituoso.) Há mil (seres) vivos criados por Māyā e acorrentados a oito pilares naquela residência do senhor de três olhos. Eles têm as feições excelentes dos senhores dos quadrantes por terem estes atributos:

1. Eles são tão enormes quanto a montanha Mandara e brilham como ela.
2. Em força e coragem eles são inigualáveis.
3. Eles têm a cor do colar de pérolas, da flor Kunda, e da Lua.
4. Eles rugem como a nuvem retumbante (iluminada por) relâmpago.
5. Eles usam jóias cristalinas em suas cabeças.
6. Eles têm trajes escuros semelhantes a nuvem (cobrindo seus corpos).
7. Eles são marcados com a marca Śrīvatsa em Vajra (diamante).
8. Seus dedos (do pé) com suas garras parecem o Tridente e por isso eles são chamados de Śūlapānin (armados com tridente).

Às colunas brilhantes excelentes daquele palácio importante eles estão amarrados individualmente por meio de grilhões flamejantes. Desse modo eles vivem lá muito alegremente.”

Apreciando essas palavras de Vāyu, os sábios surpresos, os santos residentes na floresta de Naimisa, disseram:

293. "Ó senhor onipresente, ó senhor santo, o ar vital de todos os seres vivos, quem são aqueles grandes seres nas formas de leões? Onde eles nascem? De que formas eles são?

294. Qual é a culpa deles, pela qual aqueles leões foram amarrados respectivamente por meio de grilhões Vaiśvānara (ígneos), pelo senhor de todos os seres vivos?"

295. Ao ouvir as palavras deles Vāyu falou desse modo: "Aqueles mil leões são as formas corporificadas das Fúrias do senhor, e criados por Īśvara de alma nobre depois de removê-los do próprio corpo dele. Elas recebem as formas físicas de leões.

296-**297**. Depois de conceder o benefício de liberdade de medo para todos os seres vivos, eles foram acorrentados antigamente por meio dos laços ígneos. Quando (surgiu a disputa com Daksa) a respeito de sua parte no Yajña, aquele Yajña de Daksa foi totalmente destruído alegremente por um único leão que tinha sido libertado da sujeição por ordem de Īśvara, depois de saber que (ele) tinha incorrido na ira da deusa.

298. Naquele momento a grande deusa Mahākālī saiu de Mahādevī (deusa Umā), a testemunha eterna de todos os ritos, junto com os Bhūtas (duendes) como os seguidores dela.

299. Aquela fúria é o senhor santo Vīrabhadra que reside permanentemente no domicílio de Rudra. Ele é de forma incompreensível. Ele é o limpador (removedor) da ira da deusa.

300. Assim o palácio, a residência incomparável do senhor dos Suras, o maior de todos os segredos, foi contado por mim para vocês.

301-**303**. Daqui em diante eu descreverei os outros residentes e objetos daquela cidade que é a mais excelente de todas as cidades belas. Ela é situada nas regiões atmosféricas. Há muitos outros palácios decorados maravilhosamente com vários tipos de pedras preciosas. Há muitas bandeiras que aumentam a beleza deles. Os palácios são ricamente dotados de coisas que realizam todos os desejos. Eles são embelezados magnificamente por parques e jardins. Alguns são feitos de prata e alguns de ouro. Alguns são como as nuvens do anoitecer (vermelhos) e alguns parecem a montanha Kailāsa (brancos). Todos são altos.

304. Naqueles palácios excelentes, os seguidores de Bhava que executam ritos bons se regozijam desfrutando de vários meios de prazeres apreciados por eles como melodia agradável etc.

305. Diferentes tipos de histórias mitológicas auspiciosas são narradas junto com os sons de cânticos dos Vedas. Os sons de canções e instrumentos musicais são ouvidos por toda parte; cantos de orações (ecoam em todos os lugares).

306. Esses sons são incomparáveis. Todos eles misturados juntos (são muito agradáveis). Essas e coisas similares acontecem nos topos daqueles palácios.

307. Os palácios são auspiciosos e construídos de ouro. Cada um deles tem mil colunas. Eles são embelezados por todos os lados com pedras preciosas e jóias excelentes e incomparáveis.

308. Eles são ornamentados com cristais como a Lua, com pedras de lápis lazúli brilhantes e peças de ouro que parecem o Sol nascente e que têm o brilho do fogo."

309. Ao ouvirem isso, os ascetas residentes na floresta de Naimisa expressaram ruidosamente (sua admiração). As dúvidas deles sendo despertadas, eles falaram estas palavras ao deus do vento:

Os sábios disseram:

310. “Quem são aqueles seguidores de alma nobre de Bhava lá? Na verdade eles são os mais dignos de serem abençoados. Bem que eles se regozijam naquela cidade excelente.”

Tendo ouvido as palavras dos sábios, *Vāyu falou*:

311-314. Ó sábios! Que isso seja ouvido[12]. Só os seguintes atingiram *Sālokya* (residência na mesma região – aquela de Śiva) com Rudra, a região eterna e imutável. Somente eles obtiveram identidade de formas e feições excelentes com Bhava. Eles são as pessoas que são dedicadas ao senhor dos Devas. Eles são de temperamento tímido (envergonhados de fazer coisas pecaminosas). Eles são poderosos mas não cobiçosos. Eles são vigorosos mas têm autocontrole perfeito. Eles observam o caminho do meio em alimentação e outras atividades. Eles conquistaram seus órgãos dos sentidos e eles se deleitam em suas próprias almas (meditando em almas). Eles estão muito acima da influência de *Dvandvas* (pares mutuamente opostos como prazer-dor). Eles são brandos e extremamente entusiásticos. Eles são desprovidos de ciúme e inimizade. Eles amam todos os seres vivos. Eles são tranquilos, sem agitação e eles não se esforçam (em buscas mundanas.) Sua consciência é pura. Eles são puros na mente, fala e atividade. Com atenção que visa uma só finalidade eles buscam refúgio em Maheśvara.

315-318. Aqueles que vivem no palácio de Śiva são todos de forma universal com faces semelhantes ao fogo. Eles têm *kaparda* (cabelo emaranhado). Suas gargantas são de cor azul, o pescoço branco e as presas muito afiadas. Eles têm três olhos com a Lua crescente formando sua coroa. Cabelo emaranhado é usado por eles. Todos eles são heróicos. Eles têm dez braços e têm a fragrância de loto. Todos eles parecem o Sol do meio-dia em brilho e usam trajes amarelos; todos eles estão armados com arcos Pināka. Eles montam touros brancos. Eles são dotados de glória; eles usam brincos; eles são embelezados com colares de pérola; em brilho eles são superiores aos Devas; eles são oniscientes e observadores de tudo.

319. Eles se dividem em várias formas e desfrutam de vários esportes e prazeres, raros para outros. Eles são desprovidos de morte e velhice.

320. Eles podem ir a qualquer lugar que eles queiram. Eles mesmos são grandes Siddhas e eles são além disso iluminados por outros Siddhas. Assim os assistentes dos onze Rudras de grandes almas são crores e crores.

321. Com eles, Maheśvara, o senhor de alma nobre dos Devas, o amante amado de Pārvatī, se regozija lá totalmente compassivo com os devotos dele.

322. Eu não encontro alguma diferença entre aqueles Rudras e Bhava de alma nobre. Eu estou falando a verdade a vocês."

323-324. O grandioso Mātariśvā (deus do vento) concluiu dessa maneira a história sagrada. Todos os sábios, resplandecentes como o Sol, consideraram que eles obtiveram grande bênção ao ouvir a história extremamente meritória do Senhor de três olhos. Eles estavam muito satisfeitos. Honrando-o adequadamente eles falaram desse modo a Vāyu de grande força.

Os sábios disseram:

325-326. Ó Deus do Vento altamente exaltado e afortunado! O excelente e sagrado *Aupasargika*, oitavo domicílio de Iśvara e sua magnitude foi descrito precisamente para nós por você. Ele é perfumado com a fragrância excelente do grande Atman.

327. A grandeza de Mahādeva é difícil de ser entendida mesmo pelos Suras. Devido à grandeza pertencente a ele, o senhor de esplendor imensurável tem mil Ganas.

328-329. Não-ilusão é efetuada por ele em seus devotos para abençoá-los. Na residência do senhor dos Devas, a *Vibhūti* (excelência, grandeza) que assume uma forma cósmica brilha muito bem. Ela é inigualável e é servida (acompanhada) pela própria Brahmalaksmī (a glória de Brahma ou Brahman). Ela aparece como a Lua que permeia o céu com o luar.

330. Você também mencionou tudo relativo aos Rudras de alma nobre que são iguais a Mahādeva. Todas essas histórias saíram de sua boca como néctar.

---

[12] Um modo purânico de descrever os tipos de libertação *Salokalā, Samīpatā* e *Sarūpati*.

331. Sem ouvir isso devotamente, para que servem os nossos excelentes ritos sagrados? Não há nada (?) que não seja conhecido por nós. Ó Prāna (ar vital), ó excelente entre os Devas, cabe a você responder nossa pergunta precisamente.
Sūta disse:

332. Aquele senhor (o deus do vento) disse: O que mais eu devo explicar novamente? Ó sábios de ritos excelentes, o que deve ser narrado por mim? Eu o relatarei.
Os sábios disseram:

333-335. "Por favor conte precisamente para nós qual, na hora de *Ābhūtasamplava*, será o estado dos Adityas que permanecem como atendentes (perto do senhor), os leões que tinham sido o resultado da explosão de fúria do senhor, os grupos Vaiśvānara de *Bhūtas* (duendes), os tigres e outros seguidores sobre quem você falou junto com os grupos de leões e tigres. Qual será a condição deles como também a condição daqueles que obtiveram Siddhi na hora da dissolução terrível, quando todos os seres vivos forem destruídos?"

(Ao ouvir isso) *Mātariśvā (o deus do vento) disse*:

336-338. Esta é a maior e mais (secreta) realidade[13].1 Eu a relatarei. Por favor escutem. Aqueles que foram para lá antes, os filhos de Brahma, isto é, Sanaka, Sananda e Sanātana, Vodhu, Kapila, Asuri de grande fama, o sábio Pañcaśikha e outros, têm conhecido a existência de Iśvara, a fonte de origem imanifesta, (e obtiveram salvação).

339-341. Depois disso, quando muito tempo decorre, no fim dos Kalpas, quando até mesmo os grandes *Bhūtas* (Elementos) são destruídos e ocorre a aniquilação absoluta, muitos crores de Rudraganas alegremente (meditam em) Maheśvara, aderem estritamente a oito tipos de verdade (?), desistem de desfrutar de melodia e outros objetos de prazer, entram em todos os seres vivos por meio de seu brilho acompanhado por conhecimento perfeito e atingem o não agitado *Vaihāyasapada* (o domicílio do firmamento), para abençoar os seres vivos compassivamente.

342. Os de alma nobre chegam a Maheśvara da natureza sutil de *Paramānu* (Átomo) lá. Eles cruzam o rio de nascimentos e mortes de grandes turbilhões e redemoinhos de natureza terrível.

343. Então eles veem Śarva e o grande Brahman. Eles são acompanhados por aquelas sete deusas que foram glorificadas (antes).

344-345. O Senhor Śañkara puxa para dentro de si os mil leões, os Adityas, os grupos Vaiśvānara de *Bhūtas*, os tigres e seus próprios seguidores (os *Rudraganas*). Depois disso ele puxa esses sete Lokas que correm (em direção a ele) e os cinco Mahābhūtas (os grandes elementos).

346-347. Acompanhado por Visnu, ele faz (os mundos) unidos (mantidos) e aniquila. Ele é Rudra que é da natureza de Sāman e Yajur (Vedas). Ele é urdido e tecido dentro e fora, decisivamente. Ó brâmanes, ele é o único senhor e líder. Ele é sem início. Ele é o aniquilador."

348-349. Então todos aqueles sábios (da floresta de Naimisa), refulgentes como o Sol, consagraram o fogo sagrado no próprio eremitério deles. Eles se dedicaram depois disso à adoração de Maheśvara por meio da pureza de sua alma interna, mentalmente, verbalmente e fisicamente.

350. Eles eram misericordiosos para todos os seres vivos e se ocuparam em observar jejuns e ritos sagrados. Todas as dúvidas deles foram esclarecidas e o Yoga divino inigualável foi atingido por eles.

---

[13] Aqui encontra-se uma descrição do que acontece aos residentes da cidade de Śiva depois de *Ābhūtasamplava.* Eles entram no Senhor Śiva que é um *Paramānu* sutil. O conceito de Śiva como um átomo mostra influência Vaiśesika. Professores Śāmkhya históricos como Kapila, Asuri, Pañcaśikha são elevados à posição exaltada de sábios como Sanatkumāra, Sanaka.

351. Depois de obterem esses por meio da mente dotada de conhecimento perfeito e da sua maior devoção, a forma de salvação *Sālokya* foi atingida por eles. Ela é a região eterna e imutável.

352-3**5**5. Aquele que lê regularmente esse hino de oração narrado por Vāyu, seja um brâmane, um ksatriya ou um vaiśya mas que cumpre seus deveres, atinge *Sālokya* com Rudra. Ele será dotado de devoção e será livre de doenças. Um śūdra que não é viciado em vinho, que é um devoto de Bhava e que tem conquistado seus órgãos dos sentidos, permanece até a época da dissolução sem obstáculos e obtém a liderança dos Ganas ou o domicílio desejado por todos. Se ele é um viciado de vinho, ele se regozija com aqueles grupos de Bhūtas que são ébrios. Sendo adorado na terra ele será o concessor de bênção aos homens. Desse modo o deus do vento, o senhor excelente, falou essas palavras.

Capítulo 40[1]: A Dissolução do Universo

Sūta disse:

1. Eu agora narrarei o processo de dissolução (*Pratyāhāra*) no fim do *Para* (um dia e noite completos) do deus Brahma nascido por si mesmo, quando o período de existência do Senhor chega ao fim.

2. Durante o processo de *Pratyāhāra*, Iśvara absorve os imanifestos[2] completamente e manifestamente (*vyaktam*), exatamente da mesma maneira como ele faz os sutis.

3-4. [3]Essa atividade de reabsorção de criações começa mesmo quando os Kalpas não terminaram totalmente. Esse período terrivelmente crítico começa no período final do mandato do cargo do Manu chamado Druma (?) perto do fim de Kaliyuga então. A criação inteira imerge no *apratyaksa* (o invisível, isto é, o imanifesto). Isso é chamado de aniquilação.

5-7. Quando aquele período de 'grande purificação' começa a atuar,[4] quando a retirada da criação é iminente, elementos grosseiros e sutis (*Bhūtas* e *Tanmātras*) são destruídos. Todas as evoluções começando com Mahat e terminando com Viśesa são aniquiladas. Tudo isso acontece naturalmente. No início o vasto lençol de águas absorve a qualidade de cheiro do (elemento) terra. A terra desprovida de cheiro é dissolvida. Quando assim a qualidade de cheiro da terra é dissolvida, a terra assume a forma de água.

8-9. As águas de grande velocidade e estrondo alto se espalham pelo universo inteiro e ficam esperando destruição (?). O atributo especial das águas (*Rasa* - gosto) imerge em *Jyotis* (elemento ígneo). Pela destruição do elemento sutil *Rasa*, as águas também se dissolvem.

10. Quando *Rasa* é absorvido por *Tejas* (elemento ígneo), as águas são fundidas nele. Quando as águas são assim absorvidas, só *Tejas* é visto por toda parte.

11. O elemento fogo, penetrando em todos os lugares, absorve as águas. O universo inteiro é enchido gradualmente com chamas de fogo.

12. Quando esse (o universo inteiro) está cheio de chamas, as chamas se espalham por todos os lados, acima e abaixo. Vāyu (o elemento vento) absorve *Rūpa* (cor ou forma), a qualidade luminosa de *Jyotis* (o elemento fogo). O elemento fogo inteiro se funde no ar cósmico, como a chama da lâmpada no grande vento.

13. Quando o Rūpa *Tanmātra* (a qualidade essencial) é dissolvido, *Vibhāvasu* (o elemento de Fogo) fica desprovido de *Rūpa* (cor). *Tejas* então cessa. O grande *Tejas* é então soprado por Vāyu.

14. Quando o universo inteiro fica desse modo desprovido de luz, o elemento de *Tejas* tendo se fundido em Vāyu, o elemento de Vāyu se dirige à fonte de sua origem.

---

[1] Esse capítulo corresponde ao *Brahmanda P*. 4.4.3. Só os números dos versos são referidos.

[2] A palavra *avyaktān* na linha: *avyaktān grasate vyaktam* cria confusão. Se corrigida como *'avyaktam'* como no *Brahmanda P.* v. 2 o verso significa 'durante o processo de Pratyāhāra, o *Aviyakta* (o Imanifesto) engole o *Vyakta* (o Manifesto, o universo inteiro) inteiramente da mesma maneira como Iśvara criou o universo manifesto que é muito sutil.

[3] O *Brahmanda P*. v.3 lê: '(quando a destruição extremamente terrível) de tudo, começando com as moléculas de dois átomos e terminando com *para* (a maior coisa), é iminente isso é chamado de *Samhāra*.

[4] Os versos 5-33 declaram o processo de involução dos *Tattvas*. Assim, no fim de um Kalpa, o elemento *Prithvī* é engolido pela água; *Prithvī* perde sua qualidade especial, isto é, cheiro, e se funde na água. O processo de 'Absorção' de um elemento inferior pelo elemento superior pode ser resumido como segue: O elemento Prthvi se funde em → Água → Fogo → Vento → Éter → Bhūtādi (Buddhi) → Mahat → Guna-Sāmya (equilíbrio dos Gunas – Sattva, Rajas e Tamas) ou Prakrti.

15. Ele agita tudo acima, abaixo e nos lados em todos os dez quadrantes. Então *Ākāśa* (Éter) absorve a qualidade de Vāyu, isto é, *Sparśa* (Toque).

16. O elemento de Vāyu cessa e o firmamento aberto permanece sozinho, sem cor, sem gosto, sem toque e sem cheiro. Ele não tem corpo físico também.

17. O grande buraco circular, o Akāśa, caracterizado por sua qualidade de som, brilha enchendo tudo com seus sons.

18. O Akāśa caracterizado pelo som envolve tudo e permanece (firme). Então *Bhūtādi* (o Ego Cósmico) absorve a qualidade de som pertencente a ele.

19. Então os Bhūtas e os órgãos dos sentidos se fundem simultaneamente em *Bhūtādi*. *Bhūtādi* é da forma de Ego Cósmico. É dito que ele é da qualidade de Tamas.

20. O princípio *Mahat* caracterizado por *Buddhi* (o intelecto cósmico) absorve *Bhūtādi*. O princípio *Mahat* deve ser conhecido como sendo da forma de *Samkalpa* (concepção) e *Adhyavasāya* (determinação, vontade).

21. Filósofos que ponderam sobre a realidade o chamam pelos sinônimos *Buddhi* (Intelecto), *Manas* (Mente), *Liñga* (o Símbolo), *Mahat* (Grande) e *Aksara* (o Imperecível).

22. Quando todos os *Bhūtas* são dissolvidos, os Gunas permanecem em equilíbrio, o universo inteiro fica escuro e sombrio; os grupos de causas dos mundos permanecem imersos em Atman.

23-24. A criação fica reabsorvida em Prakrti; nem o começo nem o fim de qualquer coisa é percebido; nada é visto; nenhum nome ou forma resta; mesmo aqueles dotados de conhecimento perfeito não se tornam cientes de qualquer coisa; nenhuma entrada ou saída é observada.

25-27. Tal situação é inferida e concebida mentalmente e o seguinte relato é dado. Todos os objetos são estabelecidos naquela grande causa eterna existente-com-inexistente (*sad-asad-ātmika*). Essa atividade automotriz não pode ser apontada por qualquer causa específica. A dissolução das Sete Prakrtis ocorre dessa maneira. Na hora da reabsorção da criação, elas entram uma na outra. Aquilo pelo qual o Ovo globular é envolvido se dissolve.

28. Os sete continentes, os sete oceanos, os sete mundos e as sete montanhas são envolvidos pela cobertura de água. Essa *Udakāvarana* (cobertura de água) é fundida em *Jyotis* (Fogo).

29. (Verso defeituoso.) A *Āvarana* (cobertura)*Taijasa* (ígnea) é absorvida pelo elemento Vento. A cobertura do elemento vento é absorvida pelo elemento Éter.

30. *Bhūtādi* (o Ego Cósmico) absorve a *Āvarana* Etérea. *Mahat* caracterizado por inteligência cósmica (*Buddhi*) absorve *Bhūtādi*.

31. O Imanifesto absorve o princípio de *Mahat*. Depois disso os Gunas atingem equilíbrio. Essa aniquilação e extensão de criação é exercida através da Prakrti imanifesta posicionada em Brahman.

32. Ela cria e absorve os *Vikāras* (objetos criados) por causa da criação e aniquilação. Os Siddhas que são dotados de conhecimento perfeito têm todos os instrumentos na atividade de aniquilação (?).

33. Atingindo um movimento rápido nesses domicílios devido ao seu autocontrole, esses *Ksetrajñas* ficam desprovidos de *Karanas* (órgãos dos sentidos e órgãos de atividade).

34. Eles chamam o *Avyakta* (o Imanifesto) pelo termo *ksetra* e Brahma (ou Brahman) é chamado de *Ksetrajña*. A união deles é sem início mas é causada por *Sādharmya* (semelhança de características) e *Vaidharmya* (dessemelhança de características).

35. Ó brâmanes, é assim que se deve conhecer no que diz respeito a todas as *Sargas* (criações) e *Ksetrajñas*. Pelo conhecimento dos *Ksetras* separadamente e respectivamente, um *Brahmavid* (homem com o conhecimento de Brahman) deve ser conhecido.

36. O estado de ser o objeto de conhecimento (*Visayatva*) e de não ser assim (*Avisayatva*) são proclamados (como as características) de *Ksetra* e *Ksetrajña*.

Brahma deve ser conhecido como *Avisaya* (não objeto de conhecimento, o conhecedor) e *Ksetra* é chamado de *Visaya* (objeto de conhecimento).

37. *Ksetra* é presidido por *Ksetrajña* e por isso é dito existir por causa dele. Como os corpos são muitos, a *Śaririn* (a alma encarnada) é lembrada como muitas.

38. Essas almas estão posicionadas sem qualquer arranjo (*avyūhāt*) e não estão misturadas (*a-sañkarāt*) como corpos luminosos. Como há a percepção de felicidade e tristeza individualmente nos diferentes corpos, a multiplicidade de Purusas deve ser conhecida por alguém que é sábio.

39. Quando a retirada daqueles diferentes seres começa, isso é provocado naturalmente depois do lapso de uma grande quantidade de período.

40. Naquela época a paixão pela sustentação dos mundos do deus nascido por si mesmo Brahma desaparece, junto com todos os residentes do céu de Brahma.

41. Então o apego pela sustentação daqueles que residem (em meditação) em Atman) some, e aí eles começam a ver defeitos de seus contemporâneos.

42-43. Então seu (senso de) desapego é despertado e ele dispersa seu *Ātma-vāda* (egotismo). *Bhojya* (objeto de prazer) e *Bhoktrtva* (o estado de ser o desfrutador) – através disso eles compreendem Samsāra. Eles foram *Ksetrajñas* devido à sua visão de separatividade. Então os residentes de Brahmaloka (veem a multiplicidade de indivíduos mas) eles estão além da causa de Prakrti.

44. Agora eles moram somente no Atman. Eles são tranquilos e dotados de visão (verdadeira). Todos eles são puros, livres de mácula e em estágio consciente ou inconsciente.

45. É proclamado que eles atingem absolvição completa lá mesmo e eles não voltam para Samsāra, visto que eles são desprovidos de Gunas (estado de *nirgunatva*) e do senso de identidade com o corpo (*nirātmatva*).

46-47. Desse modo o processo de dissolução pelo Autonascido Brahma através de Prakrti foi narrado. Neste *Prasamyama* (contenção e restrição finais) os *Karanas* (órgãos de atividade) de todos os seres vivos diferem. Assim é a contenção dos *Tattvas* (Princípios) junto com aquela dos *Karanas*. Esse *Tattvaprasamyama* é lembrado como capaz de repetição.

Sūta disse:

48-50. *Dharma* e *Adharma*, penitência, conhecimento perfeito, o auspicioso, o inauspicioso, verdade, falsidade, superioridade, inferioridade, felicidade, tristeza, gostos, desgostos – todos esses são meros atributos de alguém que se foi[5] (isto é, que obteve salvação). Tudo o que é meritório e pecaminoso, auspicioso e inauspicioso é considerado como a natureza dos Gunas dos (espiritualmente) sábios que são desprovidos de (apego aos) órgãos dos sentidos – todos os méritos e deméritos estão estabilizados em Prakrti. É a Prakrti que é a fonte de origem. (Mérito e demérito) estão depositados na natureza dos seres encarnados.

51. É declarado que os méritos e deméritos dos seres vivos que foram estabilizados em Prakrti jazem imanifestos. Os mesmos méritos e deméritos (em diferentes situações) se unem a este corpo ou ao próximo.

52. *Dharma* e *Adharma* (virtude e pecado) são somente duas qualidades das criaturas. Eles florescem na forma do corpo junto com os órgãos dos sentidos (*Karana*) das criaturas.

53. Os Gunas sensíveis (isto é, Sattva etc.) presididos por *Ksetrajña* são dissolvidos durante a criação primária e a criação secundária no mundo. As criaturas entram em contato ou se separam de seus *Karanas* (órgãos de atividade) e elas se movimentam (isto é, passam por existência mundana e sofrimento).

54. As *Vrttis* (propensões, causas de atividades) são triplas conforme elas são da natureza de Sattva, Rajas ou Tamas. Elas funcionam ao serem presididas (e ativadas) por Purusa.

---

[5] A leitura no *Brahmanda P*. v. 26: [esses são meros atributos] 'presentes na existência mundana' é logicamente melhor.

55. O (atributo) Sattva da natureza divina é conducente a atingir a parte superior (céu) e Tamas é da natureza de (queda) para a parte inferior (inferno). O ativador dos dois, no meio está Rajas que se move repetidamente neste mundo.

56-57. Em todos os mundos, dentro de todos os seres vivos, esses três tipos de atividades emocionais são as causas originais da natureza de Gunas. Alguém que sabe não precisa nutrir muita dúvida sobre isso. Incitadas por (?) Avidyā[6], atividades são exercidas por homens e eles derivam metas meritórias, pecaminosas ou descomprometidas através desses três.

58. Todas as criaturas vivas não compreendem a realidade devido a elas serem dominadas por Tamas. Mas não percebendo o Tattva (Realidade), elas são acorrentadas de três maneiras.

59. Ele [o ser vivo] é amarrado por três tipos de escravidões:

(1) *Prākrta Bandha* (escravidão de Prakrti)

(2) *Vaikārika Bandha* (escravidão dos desenvolvimentos dela)

(3) Escravidão chamada *Daksina* (um termo técnico no Sistema Sāñkhya para a terceira escravidão).

E sendo assim atada; a criatura dá voltas e voltas aqui (em Samsāra).

60-61. Esses são os três tipos de escravidão devido à ignorância. Os seguintes são os defeitos habituais (devidos a eles): ver permanência no que é transitório; percepção de felicidade no que de fato é a causa de miséria; sentimento de possessividade no que não lhe pertence; e conhecimento decisivo de pureza no que é impuro. Aqueles que têm esses defeitos mentais têm os defeitos de conhecimento por má compreensão.

62. A cessação de apego (*Rāga*) e ódio (*Dvesa*) é chamada de conhecimento. Ignorância é a causa raiz de Tamas. Rajas tem Karman duplo (o auspicioso e o inauspicioso) como seu resultado. A reassunção do corpo físico mais uma vez é o resultado de Karmas. Assim grande miséria começa a atuar.

63. Os vários pecados cometidos por ouvidos, olhos, pele, língua, e nariz são as causas do renascimento e miséria.

64. É dito que um homem com um desejo ardente é um *Bāla* (uma pessoa imatura ou ignorante). Como resultado de ações cometidas por ele mesmo, a alma individual dá voltas e voltas aqui somente (no Samsāra) como um touro preso à máquina de trituração.

65. Por isso é ensinado que a ignorância total é a causa de todas as misérias. Percebendo que esse é o único inimigo uma pessoa deve se esforçar para adquirir conhecimento.

66. Alguém renuncia a tudo por conhecimento perfeito. Como resultado da renúncia o intelecto fica desapegado; a pessoa se torna pura como resultado do desapego; o puro se torna livre por meio de Sattva Guna.

67. Daqui em diante eu explicarei *Rāga* (paixão e apego) que domina os seres vivos. Devido a esse apego, todos os seres vivos ficam indulgentes em prazeres mundanos a despeito de si mesmos.

68. O apego é indesejável e calamitoso visto que ele produz prazer, sofrimentos e abatimento. O sofrimento é devido à miséria que sucede (quando o objeto desejado não é adquirido) e à lembrança da felicidade (previamente experimentada).

69. É o apegos aos prazeres mundanos que é declarado como a causa de nascimentos. Em todos os mundos físicos começando com Brahma e terminando com os seres imóveis, esse apego somente é a causa de nascimento e isso é o resultado da ignorância. Por essa razão deve-se evitar a ignorância.

---

[6] Os versos 56-72 discutem a natureza de Avidyā, as três escravidões criadas por ela, os defeitos como *Rāga* (Apego), *Dvesa* (Ódio) resultantes dela e que levam ao inferno (67-69) e nascimento em espécies inferiores (70-72).

70-71. Se alguém não aceita as palavras dos sábios como autoridade, nem tem consideração pela boa conduta como praticada por homens virtuosos e respeitáveis; se alguém é contrário à disciplina de (quatro) castas e fases de vida; e se um homem é antagônico a homens sábios e injunções escriturais – essa é a causa de renascimento em espécies inferiores.

72. Há vários tipos de torturas em permanecer (ou tomar nascimento) entre os seis tipos de animais inferiores. Há obstrução completa na questão de causa e objeto de conhecimento (?).

73. A não obtenção total de *Aiśvarya* (glória e prosperidade) está na natureza de *Pratighāta* (obstáculo) (aos desejos). Assim os quatro tipos de propensões Tāmasa dos seres vivos etc. foram descritos.

74-75. A mente pode ser considerada principalmente sátvica se as características sátvicas são evidenciadas. Os *Tattvas* podem ser compreendidos somente depois de vê-los de acordo com a realidade. E o conhecimento da multiplicidade (? diferença) de Sattva Guna e Ksetrajñas é o conhecimento perfeito. É dito que Yoga se origina do conhecimento perfeito.

76. Escravidão é para alguém que está acorrentado a isto (a existência mundana) e libertação é para alguém que está livre disso. Quando a existência mundana desaparece, a alma livre é libertada até do *Liñga Śarīra* (a estrutura ou corpo sutil composto de Prānas, órgãos dos sentidos sutis etc.).

77. Desprovido de qualquer *Sambandha* (contato) e em uma condição de estar inconsciente (do mundo externo), ele permanece em seu próprio eu. Mesmo enquanto permanecendo em seu próprio eu, ele é tocado (contaminado) por diversidade e multiplicidade.

78. Desse modo os traços característicos do conhecimento perfeito e libertação foram explicados sucintamente. Aquela libertação é declarada por aqueles que veem a verdade.

79-80. O primeiro é a separação de impressões mundanas, graças ao conhecimento perfeito. O segundo é devido à destruição da paixão (apego passional) pelo qual a alma liberta chega a *Kaivalya*, porque até mesmo o *Liñga Śarīra* (o corpo interno sutil) está ausente. Por *Kaivalya* ele se torna *Nirañjana* (imaculado). Por não ser maculado, ele se torna *Śuddha* (puro). Nesse estado de libertação não há guia ou líder. O terceiro tipo de causa de libertação é pela destruição de *Trsna* (sede) (por prazer).

81-82. As almas libertas não sofrem miséria causada pelo obstáculo aos objetos mundanos de melodia desejada etc. Essas oito coisas causadas por Prakrti aderem aos *Ksetrajñas*. Elas são chamadas de *Gunas* e *Mātras* (os três *Gunas* e os cinco *Tanmātras*).

Daqui em diante eu explicarei o desapego, resultante da visão de imperfeições.

83. Deve-se praticar o não-ódio e a ausência de apego aos cinco *Visayas* (objetos de prazer sensual) de natureza divina e humana, depois de ver os defeitos neles.

84. Deve-se evitar ressentimento, prazer e desânimo. Por ter recorrido ao desapego a alma encarnada se torna livre de *Mamatva* (o sentimento de meu, isto é, possessividade).

85. Ele deve chegar à conclusão em sua mente (intelecto) que (a existência mundana) é não-eterna, inauspiciosa e conducente à miséria. Então, com características sátvicas, ele deve executar atividades puras.

86-87. Quando o [controle sobre o] apego[7] por objetos mundanos de prazer se torna firme, ele fica capaz ver os defeitos e imperfeições inteiramente.

---

[7] [Veja a leitura do *Brahmanda P*. v. 65: “Apenas uma pessoa que tem mantido inteiramente sob seu controle todos os seus apegos passionais torna-se capaz de observar os defeitos e imperfeições plenamente.”]

Na hora da jornada[8] (isto é, na hora da morte) o calor no corpo se torna virulento devido a causas condicionantes, por exemplo *Dosas* (estado desordenado dos humores no corpo, produzido por causas dependentes de circunstâncias específicas).

88. Devido ao frio, o virulentamente agitado Vāyu (alento vital) perfura os centros de Prānas (ares vitais), corta partes vulneráveis do corpo e se ergue.

89. Ele é o alento posicionado nos domicílios dos ares vitais de todos os seres vivos. Pela contração, *Jñāna* (consciência e conhecimento) vem a ser encoberto e as atividades são envoltas.

90. O Jīva (a alma individual) sendo privado do corpo de suporte, é induzido por suas próprias ações cometidas anteriormente. Ele então desaloja os Prānas dos oito membros.

91. (No fim) abandonando o corpo, ele cessa de ter atividade respiratória. Sendo assim abandonada pelos ares vitais, a pessoa é chamada de "Morta".

92. Isso é algo assim. Quando alguém segura o pirilampo em sua mão e vai para cá e para lá ele também é visível em sua luz. Aquele que o mata, embora portador (do pirilampo) deixa de ser um portador (líder).

93-**94**. O terceiro, isto é, a eliminação da sede ou cobiça é citada como a característica da libertação. Ela é o (resultado da) observação de defeitos em cinco objetos de prazer sensual tais como som e outros. Ausência de ódio, ausência de apego intenso, evitação de prazer e agonia (a respeito objetos de prazer) – essas são as dissoluções das oito Prakrtis (essências primárias que desenvolveram o Universo inteiro).

95. Todas as oito Prakrtis mencionadas antes devem ser conhecidas em ordem, começando com *Avyakta* (o Imanifesto) e terminando com *Bhūtas* (Elementos). Essas são chamadas de dissolução das Prakrtis.

96. Aqueles que seguem a disciplina rigorosa dos quatro castas e fases de vida e aqueles que não vão contra as injunções das escrituras sagradas são chamados de *Śistas* (os eminentes e os distintos). A prática e aderência à disciplina de Varnas e Aśramas é conducente à obtenção da residência dos Devas (isto é, o Céu).

97. Os oito grupos de Devas (e seus domicílios) são aqueles começando com Brahma e terminando com Piśācas. Os Siddhis (poderes sobrenaturais) conducentes a *Aiśvarya*, [como] *Animā* (pequenez) etc. são as causas, oito em número.

98-**102**. Aqueles que ficam naquelas residências não experimentam a angústia devido ao obstáculo à obtenção de objetos desejados tais como melodia agradável etc. Essas são as oito formas Prākrta em ordem. Elas entram em contato com os *Ksetrajñas*. Elas são da natureza dos três Gunas e cinco *Tanmātras*. As pessoas não veem com seus olhos as nuvens distintas da água nelas no decorrer da estação chuvosa. (Similarmente pessoas comuns não veem a alma individual. Elas só podem deduzir.)

Os Siddhas, no entanto, a veem assim, por meio de visão divina. A alma assume todos os tipos de corpos como aqueles de brâmanes e aqueles de Cāndālas.

Desse modo ela se move em uma certa ordem para cima e para baixo bem como nos lados (como resultado de seus próprios Karmans). Ela é chamada por estes vários nomes, todos sinônimos, isto é, *Jīva* (alma individual), *Prāna* (ar vital), *Liñga* (o símbolo), *Kārana* (causa). Em (mundos) manifestos e imanifestos ela é uma autoridade.

103. Depois de perceber categorias terminando com *Avyakta* (o Imanifesto) e o que é presidido pelo *Ksetrajña*, ela se torna pura e é libertada pelo conhecimento.

104-**106**. Quando a verdade é percebida, o princípio que era obscuro sai. Mas em diferentes corpos que deixaram de existir completamente, o *Kārana* (a alma individual) difere do *Avyakta* e do *Jñānin*. Alguém que está totalmente livre do corpo na

[8] Os versos 87-92 descrevem o processo de morte.

forma de Gunas como também do Prāna etc. não toma outro corpo, da mesma maneira que o broto nunca sai quando a semente é queimada.

107. Devido ao conhecimento ele se torna iluminado e puro das quatro *Daśās* (condições). Ele segue a Prakrti. Dizem que Prakrti é a realidade, enquanto *Vikāras* (os desenvolvimentos dela) são irreais.

108. Sua *Sad-bhāva* (existência aparente?) deve ser conhecida como *Anrta* (irreal). *Sadbhāva* (condição de ser existente) é chamada de *Satya* (Realidade). *Satya* (Brahman) é sem nome e forma. Eles chamaram *Ksetrajnas* como possuindo nome e forma[9].

109. Porque ele conhece (completamente) o *Ksetra* (o campo, isto é, o corpo) ele é chamado de *Ksetrajña*. *Ksetrajña* é auspicioso por causa da percepção de *Ksetra*.

110. *Ksetrajña* é lembrado. Consequentemente isso é citado como *Ksetra* por aqueles que o conhecem. *Ksetra* é visto ser sem inteligência, mas *Ksetrajña* sempre é dotado de inteligência.

111. Aqueles que conhecem *Ksetra* o chamam assim por causa de sua *Ksayana* (destruição), *Karana* (ser criado), *Ksatatrāna* (proteção de ferimento), *Bhojyatva* (estado de ser o que é comido ou desfrutado) e *Visayatva* (estado de ser o objeto).

112. Todas as categorias, começando com *Mahat* e terminando com *Viśesa,* possuem variedade de formas e elas são caracterizadas como *Vikāra* (uma evolução, mudança). Por isso elas são peculiares (*Vilaksana*). Por essa razão de fato *Aksara* (imperecível) se aproxima de *Ksara* (perecível).

113. Aquela evolução (*Vikāra*) é chamada de *Ksara* porque ela definha e perece.

114. Felicidade, miséria, ilusão são chamadas de *Bhojya* (aquilo que é para ser experimentado). Isso é *Visaya* (objeto de gozo) porque é insensível. Aquilo que tem a qualidade oposta é lembrado como *Vibhu*.

115. Ele é chamado de *Aksara* (imperecível) pelas seguintes razões: Ele não definha (*na ksiyate*). Ele não perece (*na ksarati*). As evoluções se expandiram a partir dele. Ele não diminui.

116. Como ele se encontra em *Pur* (*puri anusete*) ele é chamado de *Purusa*. O termo Purusa também é derivado da seguinte maneira: Visto que ele é *Purapra-tyayika* – que é o *Pratyayi* (o conhecedor) do *Pura* (Corpo), ele é chamado assim.

117-118. Ele é diferente do que pode ser chamado de existente, inexistente, atado, liberado, móvel, estável. Como ele é desprovido de qualquer causa, ele não pode ser especificado (por algum desses termos)[10].

119. Visto que ele é muito puro, ele não pode ser indicado especificamente. Como ele é cheio de bem-aventurança, ele é de visão imparcial. Como ele é a causa (*Kārin*) de *Ātmapratyaya* (o conhecimento de Atman), nenhuma expressão causal se aplica a ele[11] (?). Ele pode ser imaginado ou inferido. Aqueles que percebem dessa maneira não são iludidos.

120. Quando ele vê o conhecedor, que é quiescente com relação a todos os objetos, que é da natureza de Visão, e que é o único a ser apontado entre os objetos visíveis e invisíveis, sua emancipação (elevação) acontece.

121-122. Depois de ter percebido esse grande Ser, o conhecedor perfeito obtém quiescência (serenidade). Ele, o conhecedor perfeito, não vê a separatividade no efeito, causa, nos objetos físicos de intelecto etc., que está em contato ou separado, e aquele que está morto ou vivo[12].

---

9 Versos 108-130. Uma discussão desconexa de *Ksetrajña*. Ela explica incidentemente os termos *sadbhāva, ksetra, karana, aksara, purusa* e outros.

10 O *Brahmanda P*. v. 96 lê: ‘Ele é um conhecedor, desprovido de ignorância’, uma leitura melhor.

11 O *Brahmanda P.* v. 98 lê 'não deficiente e não causado - espontâneo.'

12 Algumas linhas misturadas no texto.

123. O Atman causal controla aquele Atman (a alma individual) por meio de si mesmo. Ele reside na Prakrti, em sua causa e em seu próprio Atman.

124-125. Ele existe. Ele não existe. Ele é ele ou ele é outro. Ele está aqui ou ele está no futuro. Ele tem unidade ou separatividade. Ele é Ksetrajña ou Purusa. Ele possui Atman ou ele é desprovido de Atman. Ele é sensível ou insensível. Ele é um fazedor ou não-fazedor. Ele é o desfrutador ou ele é somente o desfrutado.

126. Ao perceber o imaculado Ksetrajña, não há outro retorno para Samsāra. Ele é chamado de *Avācya* (inexprimível) porque ele não pode ser descrito por meio de lógica, ou ele não pode ser compreendido através de argumentos.

127. Ele é (chamado de) *Apratarkya* (aquilo sobre o qual não se pode raciocinar) porque ele não pode ser concebido. Depois de atingir aquele princípio junto com a mente, ele (a alma) não se torna apegado (a outros objetos).

128-130. Quando o Ksetrajña está livre de Gunas, quando ele é puro, quiescente, imaculado, esgotado, desprovido de felicidade e tristeza, quando ele é controlado e obtém tranquilidade e quando ele se torna *Nirātmaka* (desprovido de ego?), não há *Vācyatva* (condição de ser expresso) nem *Avācyatva* (condição de não ser expresso) (?). Essas duas, aniquilação e criação, são manifestas e imanifestas. Purusa cria e absorve (o mundo inteiro). Tudo funciona novamente com o Ksetrajña presidindo.

131. Em seu fim, ele se dirige conscientemente ao *Adhisthāna* (substrato). Seu contato mútuo é conhecido como sendo ocasionado por *Sādharmya* e *Vaidharmya* (semelhança e dessemelhança). O *Samyoga* (contato) do grande Purusa é sem início.

132. Enquanto criação e criação secundária duram Prakrti mantém Purusa contido e permanece. No início ela atua ininteligentemente mas em favor dela. Sua função é por causa de Purusa.

133. Essa criação e dissolução são efetuadas por Pradhāna como também por Iśvara. Mas isso é sem início e sem fim. Prakrti se aproxima do universo, mesmo enquanto aterrorizando-o com o sentimento de identificação.

134. Assim a terceira criação de Prakrti caracterizada por *Hetu* (causa) foi descrita. Alguém que adere estritamente a isso vem a ser libertado como mencionado por poetas (videntes).

135. Desse modo três tipos de dissolução foram narrados para vocês em detalhes como também na ordem apropriada. O que mais eu devo explicar?

Capítulo 41[1]: Recriação do Ovo Cósmico

Os sábios disseram:

1-4. "Ó Sūta, uma grande narrativa foi contada por Sua Santidade[2]. Você narrou as ações notáveis de todos os súditos junto com Manus, de Devas junto com sábios, de Pitrs, Gandharvas, Bhūtas (duendes), Piśācas (fantasmas), serpentes, Rāksasas, Daityas, Dānavas, Yaksas e aves. Sua *Vidhi* – decisão mantida dos Dharmas deles e seus nascimentos bons e excelentes foram narrados em histórias maravilhosas. Sendo narrado para nós em sua voz agradável (ou em palavras encantadoramente polidas), ó filho de Sūta, ele deu prazer aos nossos ouvidos e mentes para sempre até o fim da criação dos seres vivos."

5. Depois de terem propiciado e honrado Sūta dessa maneira, todos os grandes sábios, os realizadores do *Satra* (sacrifício) lhe perguntaram sobre o processo de função criativa[3].

6-7. "Ó Sūta altamente inteligente, como a criação reaparece? A nós que lhe perguntamos, por favor narre como a criação começa novamente, quando os laços se dissolveram, quando todos os Gunas atingiram o estado de equilíbrio, quando tudo está envolvido em escuridão, quando os grupos de *Vikāras* (seres criados) ficaram inativos e posicionados no Atman imanifesto e quando todos os Ksetrajñas obtiveram *Sāyujya* (identidade) com Brahman."

8. Ao ser solicitado dessa maneira, Sūta Lomaharsana começou novamente narrar o processo de criação.

9. "Eu contarei a vocês como a criação funciona (novamente). Deve ser conhecido que a ordem de criação (acontece) como (ela aconteceu) antes.

10. Eu mencionarei o que é visto e o que pode ser deduzido. Eu citarei argumentos irrefutáveis. Disto (o princípio de função criativa), todas as palavras retrocedem sem alcançá-lo junto com a mente (isto é, a mente não pode concebê-lo, as palavras não podem expressá-lo).

11. Da mesma maneira que o imanifesto é invisível e incompreensível, (os objetos de criação também) são invisíveis e incompreensíveis. Quando os *Vikāras* (desenvolvimentos) são dissolvidos eles não são vistos em parte alguma. Os Gunas atingem equilíbrio e as coisas criadas desaparecem.

12. Pradhāna permanece em uma condição similar com Purusas. Os Dharmas e os Adharmas dos seres vivos também se fundem no *Avyakta* (o Imanifesto).

13. Seu Dharma da natureza de Sattva se estabelece no Guna de Sattva, enquanto Adharma da natureza de Tamas (escuridão) permanece no Guna Tamas.

14. Esses dois Gunas são desprovidos de distinção quando os Gunas estão no estado de equilíbrio. Em todas as funções de Pradhāna as atividades serão apoiadas pelo intelecto.

15. O Ksetrajña presidirá sobre aqueles Gunas sem o intelecto (intermediário). Assim o *Pura* (corpo físico) será obtido através de *Abhimāna* (o ato de identificação).

---

[1] Este capítulo corresponde ao *Brahmanda P*. 4.4.4. As referências são aos números dos versos nele.

[2] A fala dos sábios mostra que esse deve ser o último capítulo. Eles honraram Sūta devidamente. Eles realizaram o banho Avabhrtha e foram para o céu (42). A revisão dos conteúdos, Phalasruti e a genealogia de professores que transmitiram o texto desse Purāna – todos esses confirmam a conclusão acima.

[3] A dissolução do Universo e sua recriação formam uma característica importante (*Laksana*) de um Purāna. Como o tópico de recriação do Brahmānda [Ovo Cósmico] não foi tratado propriamente em capítulos prévios, ele é tomado aqui para satisfazer o critério de *Pañcalaksana*.

16. Quando isso se torna necessário funcionar, ambos[4], o Ksetra e Ksetrajña começam a interagir mutuamente; eles ficam unidos juntos na relação de *Bhojya* (aquilo que tem que ser desfrutado) e *Bhoktr* (o desfrutador).

17. O único refúgio para eles é o Avyakta. Estabilizado no estado de equilíbrio, o grupo de Gunas vem a ser presidido pelo Ksetrajña (na hora do começo da criação) e então o equilíbrio deles é perturbado.

18. Então Ksetra e Ksetrajña chegam à condição de *Vyakta* (manifestação). Sattva (Guna) presidido por Ksetrajña produzirá *Vikāra* (desdobramentos).

19. Os vinte e quatro princípios da natureza de Gunas começando com *Mahat* e terminando com *Viśesa* (os quais são chamados de Vikāras) chegam ao Ksetrajña, Pradhāna e Purusa.

20. Então no Brahmānda (o Ovo Cósmico) Īśvara nascerá (se manifestará) primeiro. Ele será o senhor de todos os seres vivos, de todo o universo conhecível. Ele é Śiva.

21. Ele é o chefe supremo de todas as almas libertas. Ele é o grande Brahma da natureza de Brahman. Ele é o senhor primordial e é dito que a manifestação dele é para abençoar Pradhāna.

22. Ksetra e Ksetrajña são autonascidos e sem início. Eles são lembrados como sutis. Sua união é sem início. Eles estão cientes de todos os Ksetras.

23. Eles são unidos sem a intermediação do intelecto (*Abuddhipūrvakam*) como Maśaka (mosquito) e a árvore *Udumbara*. Eles estão posicionados inconcebivelmente e sem início como água e peixe.

24. A criação funciona novamente como ela tinha funcionado antes. A Prakrti *Ajña* (não inteligente) se transforma no universo atuando através de seus Gunas, isto é, Rajas, Sattva e Tamas.

25. Na hora do funcionamento (de Prakrti), os seres humanos Ksetrajña são subjugados por Rajas Guna e obtêm o (benefício dos) princípios de Mahat, Ahamkāra, etc. terminando com Viśesa e os órgãos dos sentidos. Então os Gunas chegam ao seu fim (?).

26. O Senhor Brahma é de concepção verdadeira. Enquanto ele estava meditando no *Sat*, os Gunas Rajas, Sattva e Tamas, embora mutuamente dissimilares, se tornaram manifestos como causados pelo *Sat* (o existente).

27. Ksetrajñas (conhecedores do Ksetra ou corpo) são sempre produzidos no princípio e no fim. *Abhimānins* (Ātmans que se identificam) nascem com instrumentos de ações prontamente obtidos.

28. Todos os seres, que tinham sido Sādhakas (aspirantes espirituais) ou não-Sādhakas (?), são produzidos do *Avyakta* (Imanifesto) no próprio início.

29. Todos eles, passando pelo processo de existência mundana junto com seus *Sthānas* (domicílios) e *Prakaranas* (contextos?), obtêm seus efeitos e nascem repetidas vezes.

30. Dharma e Adharma são unicamente da natureza de qualidade. Eles começam (dão origem) um ao outro por meio de benefícios e bênçãos.

31. Todos são iguais para o propósito de criação. É no começo da criação que eles sofrem transformação. Os Gunas correm para ele [o *Jīva*, Alma Individual] e consequentemente são apreciados por ele.

32-33. Os Ksetrajnas obtêm repetidas vezes apenas aquelas qualidades que eles tinham na criação anterior. Sendo criados várias vezes eles obtêm somente elas. Qualidades de temperamento violento ou não violento, suavidade ou crueldade, virtuosidade ou natureza pecadora, veracidade ou falsidade – já tinham sido concebidas por eles (na criação anterior); eles as obtêm novamente e consequentemente eles recorrem a elas.

---

[4] Depois de descrever o estado de *Gupa-Sāmya* (Equilíbrio de todos os Gunas), o verso 16 e os seguintes descrevem como aquele estado é perturbado e como a evolução (criação) do Universo acontece. A influência dos Sāñkhyas é óbvia na descrição da evolução e involução do Universo.

34. É devido aos Gunas que ocorre a multiplicidade e diversidade nos grandes *Bhūtas* (elementos), nos objetos dos sentidos e em formas físicas como também a separação dos seres vivos.

35. Assim eu narrei resumidamente para vocês a criação subsequente. Agora eu descreverei brevemente o nascimento (manifestação) de Brahmā[5].

36. Daquela causa *Avyakta* (imanifesta) que é eterna e da natureza de *Sat* e *Asat* (existência e inexistência) Maheśvara (o grande Senhor) nasce através de Pradhāna e Purusa.

37. Com o título 'Brahma', ele se torna o desenvolvedor. Ele cria os mundos mais uma vez da natureza de (isto é, caracterizados por) *Abhimāna* (atribuindo todos os objetos ao ego) e Gunas (Sattva etc.).

38. Ahamkāra (Ego Cósmico) nasce de Mahat (o intelecto cósmico) e os Bhūtas nascem dele (Ahamkāra). Bhūtas e *Indriyas* (órgãos dos sentidos) nascem simultaneamente do Atman. Os diferentes seres vivos nascem dos Bhūtas (elementos). É assim que a criação começa a funcionar.

39. As ramificações desses são extensas. Eu contei para vocês conforme meu intelecto e do modo como eu ouvi antigamente. Conheçam-nos da mesma maneira.

40. Os sábios moradores na floresta de Naimisa ouviram a história da origem, manutenção e destruição dos mundos e então terminaram a ablução sagrada de *Avabhrtha* no *Satra*. Eles se tornaram puros e alcançaram o mundo meritório[6].

41. Da mesma maneira, vocês adorem propriamente as Devatās (divindades) etc., tomem o banho de despedida (*Avabhrtha*) depois do sacrifício e se tornem puros. No fim da vida, fiquem satisfeitos (que vocês fizeram seu dever), abandonem os corpos, atinjam o mundo meritório e prossigam (para desfrutar) como vocês quiserem.

42. Todos os residentes da floresta de Naimisa, os realizadores do *Satra,* foram para o céu depois de tomarem o banho, *Avabhrtha*, na conclusão do sacrifício.

43. Ó brâmanes excelentes, do mesmo modo vocês também irão para o céu no fim de suas vidas depois de fazerem os vários tipos de sacrifícios e tomarem o banho *Avabhrtha* no final.

44-**45**. O próprio Deus do Vento, que está empenhado no bem-estar dos mundos, narrou esse Purāna popular que consiste nos quatro *Pādas*[7] (seções), isto é, *Prakriyā* que é a primeira seção, onde a história é retomada, (e as outras seções são) *Anusañga*, *Upodghāta*, e *Upasamhāra*.

46-**47**. Ele a narrou para os sábios depois de ir ao *Satra* deles na floresta de Naimisa. É devido ao favor dele, ó sábios excelentes, que a história da origem e dissolução dos seres vivos foi aprendida sem nenhuma dúvida. Depois de entender claramente essa criação da Pradhāna efetuada por Iśvara, um homem inteligente não será iludido.

48-**49**. O brâmane estudioso que escuta ou narra ou ensina esse *Itihāsa* antigo se regozija nos mundos de Mahendra por anos eternos[8]. Depois de atingir *Sāyujya* com Brahman junto com Brahma ele é libertado.

50. Elogiando aqueles Prajāpatis, os senhores famosos de alma nobre da terra[9], ele chega à condição de Brahman[10].

---

[5] Sūta narra a recriação do Universo trazendo divindades purânicas como Maheśvara e Brahma e sintetizando os relatos Sāñkhya e purânicos.

[6] Conclusão do *Satra* (sessão sacrifical) e conclusão da narração do Purāna sincronizadas. O autor exorta a audiência posterior do Purāna a executar sacrifícios e ir para céu da mesma maneira que os sábios de Naimisaranya fizeram antigamente.

[7] Uma revisão breve dos principais *Pādas* (Seções) do Purāna.

[8] Os versos 48-57 contêm o *Phala-Śruti* de escutar ou narrar esse Purāna.

[9] O manuscrito Kha usado por A. (edição Anandaśrama) contém os seguintes versos adicionais:

(**1**) O estudioso erudito que narra (faz outro ouvir) esse (Purāna) atinge a meta sublime. Ele é dotado de riqueza, grãos alimentícios, felicidade e prosperidade. Não há dúvida sobre isso.

(**2**) Um brâmane obterá conhecimento (ou aprendizado) e união com Brahman. Um ksatriya obterá vitória (em batalhas) e posição excelente na região dos deuses.

51. Esse Purāna narrado por Krsna Dvaipāyana, o explicador de Brahman (Vedas), é conducente à riqueza, fama, longevidade e grande mérito. Ele está no mesmo nível que os Vedas.

52. Aquele que exalta a fama dos senhores de Manvantaras, dos Devas e sábios dotados de enorme riqueza e esplendor, é libertado de todos os pecados. Ele obtém grande mérito.

53. Um estudioso que sempre narra esse em todas as ocasiões festivas se livra de seus pecados, conquista o céu e se torna capaz de ser fundido em Brahman.

54. Se alguém no momento de Śraddha recita uma seção desse (Purāna) para brâmanes, ele finalmente passa para os Pitrs concedendo todo benefício desejado e perpétuo.

55. A palavra Purāna é derivada dessa maneira: *purā ananti itipurānam*, isto é, aquilo que foi estabelecido nos tempos antigos. Aquele que conhece essa derivação é libertado de todos os pecados.

56-57. Aqueles homens das três castas superiores que escutam esse Purāna, e dirigem sua atenção para atividades virtuosas, se regojizam no céu por tantos crores de anos quanto os poros capilares que existem na pele. Depois de obter *Sāyujya* (absorção) com Brahman eles se alegram junto com os Devas.

58. Brahma entregou para Mātariśvan[11] (deus do vento) esse texto sagrado do Purāna antigo que dissipa todos os pecados, que é sagrado e meritório e que é conducente à fama.

59. Dele esse foi adquirido por Uśanas, e Brhaspati o recebeu dele. Depois disso Brhaspati o narrou para Savitr.

60. Savitr o contou para Mrtyu e Mrtyu o entregou para Indra. Indra o narrou para Vasistha e ele o ensinou para Sārasvata.

61. Sārasvata o entregou para Tridhāman; Tridhāman o deu para Śaradvān. Śaradvān o ensinou para Trivista e ele o deu para Antariksa.

62. Antariksa o deu para Varsin e ele o deu para Trayyāruna. Trayyāruna o ensinou para Dhanañjaya e ele o deu para Krtañjaya.

(**3**) Um vaiśya consequirá (vastas) riquezas, grãos alimentícios e dinheiro. Um śūdra sendo abençoado com progênie (filhos e netos) obtém felicidade.

(**4**) Aquele que aprende ou ouve um verso, ou uma parte de um verso desse Purāna vai para a cidade de Visnu (Vaikuntha) depois da morte e nunca experimenta dor.

– Edição [Anandashram Sanskrit Series] pág. 421.

[10] [Anandashram] registra os seguintes versos adicionais do mesmo manuscrito (Kha) depois das palavras *Brahmabhūyāya gacchati*: Eles são traduzidos da pág. 421 da edição Anandashram da seguinte maneira:

(**1**) Aquele por quem o sagrado Bharata (Purāna) como narrado por Vāyu é ouvido (uma vez ou) frequentemente, chega ao céu pela graça (do Deus do Vento).

(**2**) Aquele que lê devotadamente esse Vāyu Purāna será abençoado com uma vida longa. A deusa da riqueza será estável (ficará permanentemente) na casa dele.

(**3**) Depois de escrever o Purāna ou adquiri-lo escrito e depois de adorar a ele (o manuscrito do Vāyu Purāna) devimente, não há medo de fogo, ladrões ou medo de planetas (desfavoráveis), doenças etc.

(**4**) Todas aquelas (influências más, temor e outras) dificuldades são destruídas enquanto a lua e as estrelas existirem (até o fim do mundo). Sendo absolvido de todos os pecados, ele irá para a cidade de Visnu (Vaikuntha).

(**5-6**) Não há o menor perigo de cólera. Ele terá felicidade em todos lugares. Ele será abençoado com longevidade, saúde, prosperidade, riqueza, filhos e netos para sempre. Nenhuma pergunta (dúvida) precisa ser levantada sobre isso.

Um ksatriya que o estuda tem frutos (benefícios) inesgotáveis.

(**7**) Nesse mundo, ele adquire reputação excelente. Ele se torna vitorioso (em batalhas). Ele obtém a felicidade de gerar filhos e ter netos. Depois da morte, ele morará em Svarga (Céu).

(**8**) Se um não śūdra (śūdra, se o *Avagraha* [S] em a*dhiy'ate'iūdrah* for um erro de impressão) o ensina ou o narra repetidamente, a deusa da Riqueza fica permanentemente na casa dele. Isso é verdade (definitivamente), verdade e não de outra maneira.

[11] Os versos 58-66 dão a genealogia de professores que transmitiram o Purāna até Sūta, o atual narrador.

63. Trnañjaya o obteve de Krtañjaya e ele o deu para Bharadvāja. Bharadvāja o deu a Gautama e ele o transmitiu para Niryantara.

64. Niryantara o narrou para Vājaśravas. Ele o cedeu para Somaśusma, que o deu para Trnabindu.

65. Trnabindu o narrou para Daksa e Daksa ensinou Śakti. Mesmo enquanto ele estava no útero, Parāśara o ouviu de Śakti.

66. Ó brâmanes excelentes, Jātukarna o aprendeu de Parāśara. Dele o senhor santo Dvaipāyana o obteve. De Dvaipāyana ele foi recebido por mim.

Sāmśapāyana disse:

67. Desse modo as palavras proferidas por Brahma, o primeiro preceptor, foram mencionadas por mim para meu filho Amitabuddhi (de intelecto incomensurável); ele é narrado oralmente por (uma linha de preceptores) dos quais Brahma foi o primeiro.

68-**70**. Preceptores devem ser reverenciados seriamente por homens instruídos. Essa história é conducente à riqueza, fama e longevidade. Ela é meritória e conquista todos os objetos (de desejo). Ela destrói pecados. Ela sempre deve ser ouvida regularmente por brâmanes. Essa história sagrada não deve ser mencionada para uma pessoa impura, um pecador, nem para um discípulo que não tenha se aplicado por pelo menos um ano à vida disciplinada de estudante. Nem ela deve ser mencionada para alguém que nunca presta atenção, nem para alguém que não é um estudioso, nem para alguém que não tem filho, nem para alguém que é hostil.

71-**73**. Com grande pureza mental, eu me curvo a Brahma[12], o primeiro Maheśvara cuja fonte de origem, dizem, é *Avyakta* (o Imanifesto), cujo corpo é o Manifesto Kāla que tem passado, cuja boca é *Vahni* (fogo), cujos olhos são o Sol e a Lua, cujos ouvidos são os quadrantes, cujo nariz, dizem, é Vāyu, cujas palavras são Vedas, cujo corpo é o firmamento, cujos pés são a terra, cujos poros de cabelo são as estrelas, cujos membros são constituídos similarmente, todos os Vidyās são a trança, que é o senhor dos Devas, que cria pessoas, que está posicionado firmemente em todos os mundos, que é o mais notável de todos e que é Maheśvara, o concessor de bênçãos.

[12] Essa saudação a Mahādeva, que é identificado com o Purusa Primordial, mostra que esse é um Śaiva Purāna. O *Mañgalācaraifa* [? *mangalacarana* = invocação auspiciosa] desse Purāna presta reverência ao Senhor Śiva.

Capítulo 42: Dissipação das Dúvidas de Vyāsa[1]

Os sábios Śaunaka e outros disseram:

1-2. Ó Sūta, ó abençoado, dezoito Purānas foram narrados integralmente junto com as anedotas relacionadas na forma de *Upakrama* (início) e *Upasamhāra* (conclusão), por você, o santo, que compreendeu todos os textos sagrados pelo favor de Vyāsa.

3-11. Você narrou claramente o *Matsya Purāna*[2] contendo quatorze mil versos; o *Bhavisya Purāna* que contém um número igual de versos com mais quinhentos; o belo *Mārkandeya* contendo nove mil versos; o *Brahmavaivarta* contendo dezoito mil versos; o *Brahmānda* contendo doze mil e cem versos; o divino *Bhāgavata* contendo dezoito mil versos; o *Brahma Purāna* (o Purāna chamado Brahma de dez mil versos); o Purāna chamado *Vāmana* que contém dez mil versos; o *Ādipurāna* contendo dez mil e seiscentos versos; o *Anila (Vāyu) Purāna* que contém vinte e três mil versos (?); o *Narādiya* que contém vinte e três mil versos; o *Vainateya (Garuda)* contendo dezenove mil versos; o extenso *Padmapurāna* que contém cinquenta e cinco mil versos; o belo *Kūrma* que contém dezessete mil versos; o maravilhoso *Śaukara (Varāha) Purāna* que contém vinte e quatro mil versos, e o extenso *Skanda Purāna* contendo oitenta e um mil versos. Desse modo dezoito grandes Purānas foram narrados. Nesses Purānas muitos ritos sagrados (Dharmas) foram explicados por você.

12-15. Os ritos sagrados e deveres (Dharma) daqueles com e sem apego, aqueles de ascetas, dos estudantes religiosos, chefes de família, ascetas da floresta, mulheres e śūdras foram particularmente explicados por você. Similarmente os ritos e deveres de brâmanes, ksatriyas, vaiśyas e das castas misturadas foram descritos. Você descreveu os grandes rios Gañgā e outros. Muitos tipos de Yajñas, ritos e penitências sagradas foram explicados naqueles Purānas. Muitos tipos de doações religiosas, todos os tipos de *Yamas* (restrições e observâncias santas), os deveres de Yoga, Sāmkhya e Bhāgavata (referentes ao devoto santo do senhor) foram explicados neles. Os caminhos da devoção, conhecimento, e desapego foram explicados. Os procedimentos para *Upāsanā* (formas especiais de adoração) com água e vento (isto é, como Prānāyāma onde a respiração é controlada) por aqueles cujas mentes foram purificadas através de ritos sagrados, foram mencionados.

16. Os sistemas (de filosofia e devoção), o Brahma (referente a Brahma), Śaiva (aquele de Śiva), Vaisnava (aquele de Visnu), Saura (aquele do Sol), Śākta (aquele de Śakti, a deusa), Arhata[3] (aquele de Arhat, Jina), os seis sistemas de filosofia e a

---

[1] Esse capítulo é uma adição posterior, porque ele só é encontrado em um manuscrito (Ka) usado por Anandashram. O próprio fato de que ele vem depois do *PhalaSruti* e da conclusão formal do Purāna mostra sua natureza suplementar.

[2] Os versos 3-11 dão uma lista de 18 Mahāpurānas junto com o número total de versos em cada um. Só aqui o *Vāyu Purāna* é narrado. Mas o crédito de narrar dezoito Purānas é dado a Sūta. Esse sendo um mero Apêndice, vários tópicos estão incluídos nele. Estes versos dão o número tradicional de versos em cada Purāna sem verificá-los, a menos que nós presumamos que aquele mesmo número de versos era encontrado na época do escritor desse Purāna. Assim o *Kūrma Purāna* é creditado com 17000 versos, mas de fato nós achamos nele só 6000 versos; acredita-se que o *Bhāgavata Purāna* tem 18000 versos, mas de fato ele tem menos de 15000 versos.

Embora o nosso texto reitere 18 como o número de Mahā Purānas, de fato uma lista de 16 Purānas é dada. O *Ādipurana* daqui é ou Visnu ou Agni ou Liñga, mas aquele número de versos se aproxima daquele do Liñga Purāna. O número de versos atribuído por Purāna difere em diferentes Purānas. Mas esse é um ponto secundário, porque esses escritores de Purāna não tiveram oportunidade ou inclinação para verificar o número real de versos em cada Purāna.

[3] A menção do Jainismo e não menção do Budismo mostra que o Budismo ou tinha desaparecido da Índia naquele tempo, ou a inclusão do Buda como uma encarnação de Visnu provavelmente era considerada como uma base suficiente para não mencioná-lo como um sistema separado de filosofia. Eu acredito na primeira alternativa (desaparecimento do Budismo em uma grande escala).

filosofia materialista – todos esses e muitas outras coisas foram explicadas nos Purānas.

17. Não se sabe se há ou não algo além disso que seja excelente e digno de se conhecer.

18. Poderia aquele Vyāsa ou você, senhor santo, estar escondendo alguma coisa? Por favor esclareça nossas dúvidas a esse respeito, já que você é um perfeito Paurānika (conhecedor de Purānas).

Sūta disse:

19. Ó Śaunaka, escute. Eu explicarei esse problema complicado. Este é um grande segredo de natureza divina. Ele não deve ser mencionado (para alguém e todos), assim dizem (os sábios).

20. Depois de escrever a história dos Purānas nos quais todos os significados das passagens Védicas foram incluídos, Vyāsa, filho de Parāśara, pensou desse modo em sua mente.[4]

21. "Os deveres das diferentes castas e fases de vida foram explicados claramente por mim. Diferentes caminhos que levam à salvação sem infringir as injunções Védicas foram mencionados por mim.

22. Em minhas decisões (incorporadas) no (*Brahma sūtra*), a (alegada) distinção entre Jīva (alma individual), Iśvara e Brahman foi completamente refutada. Brahman a alma suprema foi explicado com base em passagens védicas, argumentos e deliberações irrefutáveis.

23. O supremo Brahman é imperecível. Ele é a alma suprema, e a maior região. É para sua realização que os estudantes religiosos, eremitas da floresta e ascetas executam ritos sagrados.

24-25. Pessoas altamente inteligentes executam *Dhāranā* (concentração) de diferentes tipos. Sábios principais executam a observância *Ashtāñga* (de oito membros) por causa de Brahman. Eles são: *Āsana* (postura), *Prānarodha* (restrição da respiração), *Pratyāhāra* (retirada dos sentidos), *Dhāranā* (concentração), *Dhyāna* (meditação), *Samādhi* (transe, êxtase), *Yama* (restrição) e *Niyama* (observância).

26. Aqueles que aderem estritamente às injunções dos Vedas realizam ritos sagrados somente por causa de Brahman. Eles são livres de desejos e pecados. Eles fazem os ritos sagrados dedicando o resultado disso à maior alma.

27. Aqueles de ritos e observâncias puras se dirigem aos centros sagrados de Gañgā etc. para apagar suas ações pecaminosas e conhecer a alma suprema.

28-29. Aquele Brahman é o maior. Ele é puro. Ele não tem começo nem fim. Ele é livre de doenças. Ele é eterno e onipresente. Ele é firme como o topo de uma montanha. Ele é desprovido de ilusão. Ele permeia todos os órgãos dos sentidos mas é imperceptível. Ele é desprovido de órgãos de percepção, que são as criações de Prakrti. Ele não é desviado por *Dik* (Espaço) e *Kāla* (Tempo) etc. Ele é eterno. Ele é pura consciência. Ele é imutável.

30-31. O universo inteiro está sobreposto a ele como a serpente em um pedaço de corda[5] e portanto parece dessa maneira. Brahman é desprovido de aberrações. Se bem ponderado, será verificado que espuma, bolha e onda não são absolutamente diferentes da água; similarmente considerado o universo também não é absolutamente diferente de Brahman.

32. Os Nigamas (Vedas) declaram, 'Tudo é Brahman. Não existe multiplicidade'. É a partir de Brahman que os crores de Brahmāndas (Ovos Cósmicos) são criados e dissolvidos.

---

[4] Veja o *Bhāgavata P.* 1.4.26-31 e os dois capítulos subsequentes, 5 e 6. Esse episódio no *Bhāgavata P*. é a base desse episódio do abatimento de Vyāsa. A menção dos *Brahma Sutras* mostra que na época desse Purāna acreditava-se que os autores do Mahābhārata, dos Purānas e do *Brahma Sūtra* eram um único indivíduo chamado Krsna Dvaipāyana Vyāsa.

[5] Esse *Adhyāsavāda* mostra que esse capítulo foi escrito no período pós-Śañkara. Veja o v. 39 abaixo.

33. A dissolução e a criação de todos os mundos dependem da *Unmesa* (abertura) e *Nimesa* (fechamento) de Brahman[6]. A grande Śakti (a deusa divina de poder) está posicionada com o suporte de Brahman.

34. O universo está nela. Ela se origina de Brahman. Ela é o próprio Brahman. É devido à ignorância de Brahman que o universo aparece. Quando Brahman é percebido não há universo.

35. O universo é explicado como *Asatya* (irreal), *Jaia* (insensível), *Duhkha* (causa de miséria) e *Aoastu* (irreal, insubstancial). O oposto disso é *Saccidānandamūrti* – a personificação da existência, conhecimento e bem aventurança.

36. Ele é chamado de *Viiva* quando a alma individual está no estado desperto. Ele é lembrado como *Taijasa* quando o indivíduo está em um estado de sonho. Ele é chamado de *Prājña* quando a alma individual está no estado de sono sem sonhos[7]. Ele persiste em todos os estados.

37. Ele é o olho dos olhos. É o ouvido dos ouvidos. É o *Tvac* (pele, isto é, órgão de toque) de todos os *Tvacs*. É a língua das línguas. Eles o consideram o Prāna (ar vital) dos Prānas.

38. Os seres humanos são incapazes de conhecê-lo e alcançá-lo precisamente por meio de intelecto, conhecimento mundano, respiração vital ou atividade física eternamente.

39. Da mesma maneira que a cobra (é mal compreendida como tal) na corda, miragem como água no deserto, e a coloração azulada no céu é sobreposta devido à ignorância, assim também o universo inexistente é sobreposto em Brahman e por isso ele simplesmente parece existir.

40. O céu vasto parece ser diferente na medida em que é restringido por jarros etc. Similarmente o Jīva é a forma restrita da alma que permeia tudo, restringida pelo *kārya* (produto, por exemplo o corpo físico).

41. O Ovo Cósmico inteiro é uma pintura incomparavelmente majestosa traçada em Brahman como se em uma parede por Māyā (Ilusão) de atividades extraordinárias possuindo diversos Gunas.

42. Chega-se conclusivamente àquele Brahman imperecível pelas passagens e princípios védicos e upanishádicos. Brahman está além daqueles que correm atrás dele. Ele está além das palavras daqueles que tentam explicá-lo.

43. Não há nada maior que o *Aksara* (Brahman indestrutível). Esse é o Acme. Essa é a grande meta. Assim é explicado nos Vedas, quando se pondera (sobre eles) rigorosamente.

44-52. Eu ouvi isso dos Vedas com cuja ajuda ele se tornou conhecível. Também aquele Senhor Krsna é aquele homem supremo (Purusa).[8] Ele está residindo na forma de Atman naquele *Aksara Ātman* (alma imperecível). Ele é da forma da massa de Bem-aventurança, a personificação de *Ānanda* (felicidade e beatitude). Ele tem interesse em divertimentos divinos no meio das vaqueiras. Ele é embelezado com uma coroa decorada com plumas de pavão e enfeitada com pedras preciosas brilhantes. Ele resplandece com os dois brincos que têm o brilho do relâmpago. Seus olhos belos como o Khañjarīta (pássaro) se movem até (são alongados até) as orelhas. Ele se entrega a brincadeiras com as amadas vaqueiras em cada bosque de flores. Ele usa um traje amarelo divino. Ele se cobriu com pasta de sândalo. Ele fascina as vaqueiras com as notas de sua flauta borrifadas com o néctar que escoa de seus lábios. Ele é o *Cidānanda* (a beatitude do conhecimento). Ele suprime a

---

[6] Uma citação parcial do *Spanda-Kātikā* 1 de Vasugupta, mas atribui essa criação e destruição do Universo à Paraśakti de Śiva, uma tentativa de adaptar um conceito *Trika Śaiva* e adotá-lo isto em *Kevalādvaita*.

[7] Os termos Taijasa, Prājña etc. usados aqui são de antiguidade upanishádica (veja o *Māndūkya Upanishad* 9, 10 e 11).

[8] Os versos 44-55 mostram a influência do culto de Rādhā-Krsna ou Bhāgavatismo.

arrogância de Anañga (Cupido) (por meio de sua beleza). Ele é um antigo mestre nas artes do amor de crores de Kāmas. Ele é tão puro quanto os raios de crores de Luas. Abelhas e cervos o cercam. Em volta do pescoço dele com três linhas brilha um colar de diamante com contas entremeadas. Para reprimir as vacas de vaguearem para longe, ele corre para cá e para lá nas margens altas do Yamuna na selva de árvores Tamāla e de árvores Kadamba, Campaka, Aśoka e Pārijāta que parecem muito belas. Ela (a floresta) é cheia dos sons chirriantes de cucos, papagaios, pombos e pavões. Ele gosta especialmente de se divertir com Rādhā.

53. Ele se diverte no mundo chamado Goloka que é o próprio Brahman, o *Cit* somente, livre de diferença e Gunas. Eu ouvi isso.

54. Não há nada maior que Ele como mencionado em Nigamas e Agamas. Todavia os Vedas dizem que ele está além e é maior que *Aksara*.

55. O senhor que é o residente de Goloka é chamado de maior que *Aksara*. Quem é esse sempre citado pelos Vedas como além até mesmo disso?

56. Como é o significado especial, aquele que é indicado pelas palavras dos Vedas para ser conhecido? O texto do Veda é para ser interpretado de outra forma porque ele contém mais do que o registrado em palavras (?).

57. Vyāsa, o filho de Satyavatī, ficou duvidoso sobre o significando do Śruti. Ele refletiu sobre isso por muito tempo. Ele não podia entendê-lo precisamente.

Sūta disse:

58. Mesmo depois de deliberar (longamente) o sábio não chegou ao significado decisivo da passagem Védica. O Veda é o próprio Nārāyana, onde até grandes sábios (poetas) ficam confusos.

59. Ainda assim, ele sofreu grande angústia no coração. Então ele pensou: 'De quem eu devo me aproximar? O que eu devo fazer?

60-**62**. Eu não vejo alguém nesse mundo que seja onisciente e que veja tudo.' Depois de não conhecer ninguém no mundo que pudesse esclarecer suas dúvidas ele foi para uma caverna em Meru e fez uma grande penitência. Havia uma bela floresta lá. Embora houvesse escuridão cegante no interior, as rochas derramavam um brilho dourado por todos os lugares.

63-**66**. A floresta era ressonante com os sons de gorjeios dos pássaros entre os bosques de diferentes árvores e trepadeiras. Ela era desprovida dos sofrimentos devido à fome, sede, medo, raiva, angústia e abatimento. Lagoas e tanques embelezados com lotos abundavam lá. As margens deles eram ornamentadas com placas douradas nas quais as aves se moviam. Ela era servida pelos ventos que levavam a fragrância dos lotos. Ela era desprovida de animais predadores. Ela era frequentada por animais de natureza auspiciosa. O lugar era desprovido de multidões de pessoas. Ele era embelezado com bosques agradáveis de trepadeiras divinas. Os sons chirriantes de papagaios, pombos e cucos inebriados eram muito agradáveis.

67. As partículas de pó de pólen se erguiam e tornavam fragrantes todos os quadrantes. A caverna dourada divina de esplendor muito grande se encontrava lá (em tal floresta).

68. O sábio entrou naquela caverna. Depois de obter total controle sobre sua mente, postura e desejo por alimento, ele meditou nos quatro Vedas com grande concentração.

69-**73**. Enquanto ele estava meditando trezentos anos se passaram, e então os quatro Vedas de bela aparência[9] ficaram diante dele. Os olhos deles eram resplandecentes como as pétalas do loto. Suas cabeças eram embelezadas com cabelo emaranhado como coroas. Erva Kuśa sagrada era segurada nos punhos de suas mãos semelhantes a lotos. Os ombros deles eram adornados com pele de cervo. O esplendor de suas bocas era aumentado por meio dos dezesseis sons *Svara* (vogal)

[9] Uma descrição bela, porém significante da personalidade dos Vedas. A visão de sete cidades sagradas, sacrifícios importantes ou principais, quatro fogos sagrados no corpo deles são interessantes, porque mostram o propósito do autor de sintetizar tradições purânicas e védicas.

intercalados com *Pranava* (Om). Suas mãos com cinco dedos cada eram constituídas pelas letras das classes guturais e palatais de consoantes. Suas pernas direitas eram constituídas pela classe labial de consoantes e as pernas esquerdas se compunham das letras da dental. Os lados da barriga deles eram compostos das consoantes intermediárias e últimas (de cada grupo). A letra *Na* constituía os umbigos deles. As costas deles eram refulgentes. (As letras terminando com *Ka* constituíam suas costas). A letra *Ma* era seu estômago. As letras *Ta*, *Ra*, *La* e *Va* eram seus cabelos amarrados (tranças). *Agnibija* (o Mantra como semente de Agni) brilhava nos ombros direitos deles. O *Dharā* (*Bija*) (o Mantra como semente da terra) era o pescoço deles e o *Bhrta* (? Mantra) brilhava em seus ombros (esquerdos).

74. As juntas deles se compunham das letras *Antakstha* (semi-vogal). Eles estavam pulsando com expressão *Vaikhari*. Ele viu (a cidade de) Mathurā marcada em seus corações como lotos.

75. De fato aquele é o centro sagrado da manifestação do próprio Senhor Hari. Ele viu (o lugar santo) Kāśī no meio das sobrancelhas deles. Ele viu a cidade de Māyā (Haridvāra) posicionada em um plexo místico na parte posterior do corpo.

76. Ele viu a cidade de Kāñcī na região do pênis deles; a cidade de Avantī na região do umbigo; a cidade de Dvārakā na região do pescoço e a cidade de Prayāga na região de Prāna (ar vital).

77. Á esquerda e direita deles fluíam os rios Gañgā e Yamuna. No meio fluía o próprio Sarasvatī. O centro sagrado de Gayā era na região facial.

78. O centro santo excelente de Prabhāsa era no meio do pescoço e do queixo. Ele viu o eremitério de Badaryāśrama em seu Brahmarandhra (abertura cerebral).

79. Os lugares sagrados de Paundravardhana (Pandua) (Distrito de Malda) e Nepāla eram vistos nos dois olhos. O lugar chamado Pūrnagiri era visto na testa.

80. O lugar sagrado (Pītha) de Mathurā era visto no pescoço. O lugar de Kāñcī estava posicionado nos quadris. O Pītha de Jālaridhara era visto na região dos peitos.

81. O Pītha chamado Bhrgu era na região das orelhas; a cidade de Ayodhyā era no buraco do nariz. O centro sagrado Brāhmya estava colocado na abertura cerebral; o centro sagrado Śaiva era na partição no topo da cabeça.

82. O centro sagrado Śākta era situado na ponta da língua. O centro sagrado Vaisnava se encontrava no loto do coração; o centro sagrado do Sol era situado na região dos olhos e todos os centros sagrados Bauddha (budistas) estavam posicionados nas sombras.

83. Ele viu o Sautrāmani Yajña na região do pescoço; o Paśubandha no peito. Ele viu o sacrifício Vājapeya na região das nádegas e o Agnihotra na boca (? face).

84. Ele viu Aśvamedha na região das nádegas e Naramedha (sacrifício humano) na barriga. Ele viu Rājasūya na região da cabeça e Avasathya no lábio inferior.

85-86. Ele viu Daksināgni no lábio superior e o (fogo) Gārhapatya na boca. O *Havya* estava nas orelhas. Ele viu os diferentes Mantras postados no pelo corporal. Ele viu os Vedas respectivamente venerados e honrados pelos Purānas, Nyāyas, Samhitās e textos tântricos como um grande rei servido por seus criados. Ele viu os Vedas que abençoavam as pessoas por meio de ritos sagrados, conhecimento perfeito e Upāsanās (modos de adoração).

87. Eles tinham o brilho divino de Brahman; eles eram resplandecentes como os (raios) descendentes do Sol e as chamas crescentes do fogo. Eles tinham a aparência de crores de Luas (reunidas). Ao vê-los, o sábio Krsna (Dvaipāyana) ficou muito admirado.

88. Ele se levantou de repente e se prostrou (diante deles), dizendo repetidamente: "Eu estou satisfeito. Eu alcancei meu objetivo (na vida).

89. Visto que, ó santas Majestades, vocês ficaram visíveis para mim, meu nascimento é produtivo hoje. Minha mente está satisfeita. Minha vida (longevidade) se tornou frutuosa hoje.

90. Tudo o que existe, seja mundano ou divino, tudo o que vale a pena conhecer, seja passado, presente ou futuro, não é desconhecido para vocês.

91. Vocês todos não são os meros instrutores do caminho da ação. Mesmo se você mostrarem o caminho da ação, isso é só para restringir as ações fortuitas daqueles que são passionais.

92. Suas palavras de injunção e proibição a respeito da posição de Brahman e da irrealidade do universo não são baseadas em apego que é irreal. Elas são obrigatórias como as injunções e proibições (?).

93. Por isso os objetos como céu etc., mencionados por vocês mesmos, foram criticados por vocês, dizendo que eles são de uma natureza perecível, enquanto a verdade está sendo explicada por vocês, os benfeitores dos mundos.

94. Por ensinarem o caminho da ação e o caminho do conhecimento para diferentes indivíduos de acordo com a capacidade e elegibilidade deles, o mundo certamente foi salvo por vocês cujo corpo é constituído da palavra revelada do Brahman supremo.

95. Portando eu gostaria de lhes pedir que vocês sejam amáveis e misericordiosos (para comigo). Com relação àqueles cujas mentes estão cheias de desejos somente, o fruto ordenado para os ritos deles é Svarga (céu).

96. Para aqueles homens que dedicaram suas mentes e almas a Iśa (o Senhor), o fruto da ação executada é a purificação da mente. Depois disso eles obtêm conhecimento perfeito e subsequentemente salvação.

97. Salvação é a identidade com Brahman que é Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. Quando isso é realizado, tudo o que é feito ou deixado por fazer, tudo se acaba.

98. Ele é desapegado. Ele é o firmamento de conhecimento da natureza de sabedoria não obscurecida por Māyā. Ele é livre de desejo. Ele é fixo (imóvel), puro e desprovido de Gunas. Ele é proclamado como onipenetrante.

99. Quando os produtos (os seres criados, o mundo) estão sendo destruídos, Brahman (o inalterável) não perece, assim como o Sol mantém seu esplendor enquanto o mundo inteiro está mergulhado em escuridão cegante.

100. É com o brilho do *Sattā* (o Brahman existente) que o universo é iluminado, da mesma maneira como um pedaço de ferro é aceso pelo cristal solar ou Arani produz fogo.

101. Ele se manifesta na forma de *Jiva* (a alma individual), Īśvara (divindade) etc. e veja! na forma do universo também! Quando tudo é dissolvido, somente o firme, imóvel Brahman permanece.

102. Isso foi decidido por vocês e indubitavelmente isso deve ser assim. Contudo eu tenho um desejo de saber algo e tenho uma dúvida em minha mente.

103. Existe alguma coisa maior do que isso ou não? Ó abençoados, por favor falem, porque vocês têm a visão da realidade.

104. Só a audição disso será conducente ao sucesso e produtividade da minha vida."

Quando Vyāsa, o filho sem pecado de Satyavatī, disse isso o Nigama (Vedas) exclamou 'muito bom, muito certo', e respondeu a ele:

Os Vedas disseram:

105. Muito bem, ó altamente inteligente. Você é Visnu, o Atman de todos os seres encarnados. Embora não nascido, você toma nascimento e deseja abençoar os mundos.

106. De outro modo por que você seria acorrentado pelos Karmans mundanos? Isso não o afeta. Você nunca é tocado pela Māyā divina que esconde o conhecimento perfeito.

107-**108**. Você assume formas de acordo com sua própria vontade e você retira as mesmas por sua própria vontade. Só assuntos aceitos por nós foram revelados por você nos Purānas, Itihāsa (Mahābhārata) e nos (Brahma) Sutras de várias maneiras. O imperecível Brahman é supremo, a causa (fonte) de todas as causas.

109-**110**. Como a fragrância de uma flor ou seu gosto (suco), ele é o Atman do Atman. Saibam que ele é a forma final. Isso foi experienciado por nós quando a dissolução relativa a Prakrti ocorreu. Ele é aquilo que está além do *Aksara* (o indestrutível). Ele é o único *Rasa* supremo. Ele está além de todas as palavras de expressão. Nós somos das formas de palavras e por isso incompetentes para expressá-lo especificamente.

Gayā Mahātmya

Capítulo 43: A Grandeza de Gayā[1]

Vāyu disse:

1. Daqui em diante eu explicarei a grandeza excelente de Gayā[2], ao ouvir a qual uma pessoa é absolvida de todos os pecados. Não há dúvida nisso.

Sūta disse:

2. Era uma vez, o sábio celestial Nārada estava acompanhado por Sanaka e outros sábios abençoados. Curvando-se propriamente a Sanatkumāra, ele informou-se desse modo:

Nārada pediu:

3. Ó Sanatkumāra, por favor descreva para mim aquele lugar sagrado que é o mais excelente de todos os lugares sagrados excelentes e que salva todos os seres vivos que leram sobre ele ou o ouviram.

Sanatkumāra respondeu:

4. Eu descreverei o centro sagrado santo e excelente que salva todos por meio de (realização de) Śrāddha e outros ritos sagrados. Escute a descrição do lugar sagrado Gayā que é superior a todos os outros centros santos em todo o país.

5. Gaya, o Asura, fazia penitência. Pediram-lhe (para oferecer seu corpo) para a realização de um sacrifício pelo deus Brahma. Dharma colocou uma laje de pedra sobre a cabeça dele (de Gaya), quando ele ofereceu (seu corpo).

6. Lá Brahma executou um sacrifício. Para manter o demônio Gaya firme e imóvel dia e noite (para sempre), Gadādhara (Visnu manejador da maça) também ficou lá assumindo a forma do (rio) Phalgu e outros lugares sagrados, junto com brâmanes proeminentes, o deus Brahma e outros Devas.

7. Depois de concluir seu sacrifício, Brahma concedeu casas etc. para os brâmanes. Ele tinha feito o sacrifício em Gayā no princípio do Śveta Vārāhakalpa.

8. O centro sagrado ficou famoso pelo nome Gayā por causa (do demônio) Gaya. Esse centro sagrado é apreciado pelo deus Brahma. Todos os espíritos dos mortos (*Pitrs*) com medo de caírem no inferno, desejam filhos.

9. 'O filho que for para Gayā será nosso salvador'. Ao verem seus filhos chegando a Gayā, os Pitrs ficam jubilosos. (Eles dizem) 'Mesmo por tocar suas águas com os pés dele, o que é que ele não pode nos dar?'

---

[1] Esse é um *Sthala-Purāna* que glorifica a santidade de Gayā. Ele tem uma relação tênue com o *Vāyu P*., porque ele vem depois do *Phala Śruti* etc. mostrando a conclusão do *Vāyu P*. Gayā, como um lugar sagrado, era famoso nos tempos pré-budistas, porque a menção de Aurnavābha de Samārohana, Visnupada e Gayāsiras (todos lugares sagrados em Gayā) como os três passos de Trivikrama, no *Rig Veda* I. 22.17, é registrada por Yāska (*Mmkta* 12.19). Nós temos o *Gayā Mahatmya* no *Mahābhārata, Vana, caps.* 84-95, *Garuda*, caps. 82-86, *Agni P., caps*. 114-116, *Kurma P.* 11.35, *Nārada Purana 5, Uttarabhaga* 44-47. Vários versos são comuns nas obras. Isso mostra que provavelmente deve ter havido um *Sthala Purāna* independente antigo - chamado *Gayā Māhātmya,* que foi a fonte dos diferentes *Gayā Māhātmyas* nessas obras.

[2] O nome indica que esse deve ter sido o local do eremitério ou capital do Rei Gaya. Um rei piedoso Gaya, o filho do rei Samudravijaya de Rājagrha, o décimo primeiro Gakravartin como mencionado no *Uttaridhyayana Sūtra*, um trabalho de Śvetāmbara Jaina Āgama. As visitas de Buda a Gayāsisa (Gayāśirsa) e ao eremitério de Kāśyapa em Gayā estão registradas no cânon Pali *Māhavagga* 1.21.1 (também *Aivaghosa.' 3 Buddhacarita XII*. 87-88, XVII.8). Esse rei Gaya não é o mesmo Gaya, o Vidente Védico do *Rig Veda* X. 63 e 64 porque o nome do pai dele era Plati.

Gaya pertencia ao antigo clã Asura. Nós não precisamos associar o mal com o clã Asura, porque nós temos muitos reis Asura muito piedosos contudo poderosos [como] Prahlāda, Bali, Bana. Até o Senhor Krsna era um Asura pelo lado da mãe dele *(S.K. Chatterji—Selected Writings).*

10. Se o filho vai para Gayā e oferece bolos de arroz (para os Pitrs) eles perceberão o benefício de (eles) terem tal filho. Se o filho permanece lá por três quinzenas, ele santifica sua família até a sétima geração. Se isso não for possível, que ele fique lá por quinze dias, ou sete noites ou (pelo menos) três noites.

11. Pecados acumulados durante o período longo de um Mahā Kalpa perecem ao chegar a Gayā. Alguém deve oferecer bolos de arroz para os Pitrs e outros. Ele pode até oferecer os Pindas para si mesmo, mas sem incluir sementes de gergelim nesse caso.

12. Por executar o Śrāddha em Gayā, todos os pecados, como aqueles resultantes de assassinato de brâmane, dependência de vinho, roubo (de ouro), relacionamento com a esposa do preceptor e aqueles devido à associação com esses pecadores, perecem completamente.

13. Seja pelo próprio filho ou filho de outro, se o Pinda é oferecido no nome da pessoa em qualquer lugar no solo de Gayā em qualquer hora, a pessoa é transportada para o eterno Brahman.

14. Há quatro modos de obter libertação, isto é, (1) através do conhecimento de Brahman, (2) pela realização de Śraddha em Gayā, (3) (por) morte em um estábulo, e (4) por residência em Kuruksetra.

15. Se o filho vai para Gayā, de que serve o conhecimento de Brahman; qual é a necessidade de morrer em um estábulo; e qual é a necessidade de uma residência em Kuruksetra?

16-**17**. O verdadeiro devoto pode oferecer Pindas em Gayā a qualquer tempo. Isso não deve ser descartado durante o mês intercalado, ou no aniversário da pessoa, ou quando Júpiter e Vênus estão postos, ou quando Júpiter está no Signo de Simha (Leão). Se, por má sorte ou inadvertência, ou quando alguém foi atingido ou está ferido, (ele é incapaz de realizar o Śraddha no momento adequado), ele é elegível para realizar depois o Śraddha e outros ritos. Ele assim atinge Brahmaloka.

18. Até a oportunidade de ir para Gayā uma vez ou oferecer Pinda mesmo uma vez é muito rara de se obter. O que, então, se alguém é capaz de permanecer nele para sempre?

19. Se acidentalmente alguém morre nesse centro sagrado que concede salvação até para Brahma e outros, ele obtém salvação da mesma maneira como através da realização de Brahman. Não há dúvida sobre isso.

20. Para resgatar os Pitrs, que podem ter morrido devido a mordidas de vermes etc., uma pessoa deve ser sábia o suficiente para fazer todos os esforços para realizar Śraddha em Gayā.

21. Deve-se honrar e propiciar com *Havyas* e *Kavyas* (oferendas) os brâmanes aos quais foi atribuído o direito de receber aquelas coisas pelo próprio Brahma. Se eles estiverem satisfeitos, todos os Pitrs e Devas ficarão satisfeitos.

22. Exceto no caso dos centros sagrados de Kuruksetra, Viśālā, Virajā e Gayā, em todos os centros sagrados foi ordenado que os devotos raspem sua cabeça e façam jejum.

23. Um Bhiksu (um recluso) não precisa oferecer bolos de arroz depois de ir para Gayā. É suficiente que ele mostre seu cajado. Depois de colocar seu bastão aos pés (pegada) de Visnu ele vem a ser libertado junto com todos os seus antepassados.

24. Realmente o asceta portador do bastão (Sannyāsin) não incorre em pecados ou adquire méritos. Por isso ele renuncia a todas as atividades e medita em Visnu com pensamentos nobres.

25. Alguém pode renunciar a todos os Karmans mas não deve renegar os Vedas. Ele deve raspar sua cabeça fora dos limites do centro sagrado ao leste, oeste, sul ou norte.

26. A área do lugar sagrado de Gayā, como declarado por Brahma, é dois krośas e meio (1 krośa = 5 km.), aquela do centro sagrado Gayā é cinco krośas e aquela de Gayāśiras (Promontório de Gayā) é um krośa.

27. Quaisquer lugares sagrados que existam nos três mundos estão presentes dentro[3] (da área de Gayāśiras). Uma pessoa que realiza Śrāddha para os Pitrs no centro sagrado de Gayā se torna livre de dívida para com eles.

28. Aquele que executa Śrāddha em Gayāśiras eleva cem gerações na família dele. No momento em que começa sua peregrinação para Gayā, cada passo que ele dá (em sua viagem para Gayā) constitui um lance de degraus que leva a Svarga para seus Pitrs (antepassados).

29. A cada passo dado (pelo filho) em sua jornada em direção a Gayā, o resultado do Aśvamedha é certamente adquirido por ele. Não há dúvida nisso.

30-**32**. Pindas em Gayā são oferecidos por meio de pudim de leite. *Carus* (arroz cozido saturado em ghee), *Saktu* (farinha de grãos fritos), *Pistaka* [um bolo ou algo feito de farinha], grãos de arroz, raízes etc. Sementes de gergelim em pó, massas de açúcar mascavado com ghee ou meras coalhadas, qualquer comestível misturado com mel, rissole com açúcar mascavo, açúcar cru e ghee, se oferecidos aos Pitrs rendem benefícios perpétuos. Ou adoração é executada e alguma fruta sazonal é oferecida como alimento, ou alimento Havisya [preparado para uma oblação] também é oferecido como mencionado pelos sábios.

33. De um lado estão todos os artigos de oferecimento como roupas e coisas adoçadas com mel saboroso. Do outro lado está a água sagrada do Phalgutīrtha trazida depois de meditar nos pés como loto de Gadādhara (isto é, ambos estão no mesmo nível um com o outro).

34. O procedimento dos Śrāddhas nos centros sagrados é este: Assento é oferecido aos Pindas; Pindas são oferecidos, então o rito *Avanejana* é executado (água é borrifada ritualisticamente sobre a grama Darbha); Daksinā é então oferecido e então o *Annasamkalpa* (expressão verbal ritualística da intenção da pessoa de oferecer alimento).

35. Nos Śrāddhas feitos nos centros sagrados não há invocação ritualística dos Pitrs. Por que não há profanação por ver (isto é, ao ser visto por outros), não há proteção dos lados. Pessoas inteligentes devem executar Śrāddha com devida compaixão.

36. Em outros lugares, os Pitrs, se e quando invocados na hora correta, vão lá. Mas eles sempre ficam no centro sagrado. Por essa razão não há (necessidade de qualquer) invocação.

37. Por uma pessoa desejosa de resultados, e que realiza Śrāddhas nos centros sagrados, todos os ritos devem sempre ser executados depois de abster-se de luxúria, ira e cobiça.

38. Alguém que observa celibato, dorme no chão nu, come só uma vez por dia, fala só a verdade, permanece sempre puro e sempre está empenhado no bem-estar de todos os seres vivos, obtém os resultados de visitar os centros sagrados.

39. Um homem calmo que visita centros sagrados deve no início evitar heresia. Alguém que faz tudo estimulado pelo desejo deve ser conhecido como um herege.

40. Da mesma maneira que os conhecedores de Brahman, empenhados em meditação de Brahman com atenção sincera, chegam ao objeto conhecível, assim também as pessoas serenas, realizando ritos santos nos centros sagrados, entram em Brahman chamado Pareśa (o senhor supremo).

41. O rio Vaitaranī, que é famoso em todos os três mundos, desceu no centro sagrado de Gayā para salvar os Pitrs. Alguém que toma o banho sagrado no Vaitaranī e doa vacas eleva três vezes sete (isto é, vinte e uma) gerações.

42. O devoto deve ir para a Aksayavata (a eterna figueira sagrada) e propiciar os brâmanes lá. Alguém que propicia os brâmanes que receberam o direito de ficar lá pelo deus Brahma (obterá o resultado disso). Se eles (aqueles brâmanes) estiverem satisfeitos, todos os Devas e os Pitrs ficarão satisfeitos.

---

[3] Essa é a alegação de todos os *Sthalas* até de menor importância como aqueles de Karavira, Pandharpur.

43. Não há algum lugar em qualquer parte de Gayā onde não haja um centro sagrado. Ele tem o *Sānnidhya* (presença) de todos os centros sagrados. Por isso o lugar sagrado de Gayā é o centro sagrado mais excelente.

44. É uma realização rara, que não pode ser tida em qualquer outro lugar nos três mundos, se alguém puder oferecer bolos de arroz em Gayā quando o Sol está nos Signos de *Mīna* [Peixes], *Mesa* [Áries], *Kanyā* [Virgem], *Dhanus* [Sagitário] e *Kumbha* [Aquário].

45. Similarmente é rara a oportunidade, muito rara de fato nos três mundos, de realizar Śrāddha em Gayā quando o Sol está no Signo de *Makara* [Capricórnio] e também nos momentos dos eclipses do Sol e da Lua.

46. O resultado que uma pessoa obtém por oferecer bolos de arroz em Gayā não pode ser descrito por mim, mesmo em centenas de crores de Kalpas.

Capítulo 44: Glória de Gayā; A História de Gayāsura[1]

Nārada perguntou:

1. Como nasceu Gayāsura (o Demônio Gaya)? Qual era o poder dele? Qual era sua natureza? Como ele fez a penitência? Como ele adquiriu pureza corporal?

Sanatkumāra respondeu:

2. Brahma, o avô dos mundos, nasceu do loto umbilical de Visnu. Antigamente, por insistência do senhor Visnu, ele criou os indivíduos.

3. Antigamente ele criou os Asuras (Demônios) por uma inclinação demoníaca. Por uma disposição mental benevolente ele criou os Devas de mentes brandas.

4. O demônio Gaya possuía a maior força e bravura entre os Asuras. A altura dele é lembrada como sendo cento e vinte e cinco yojanas.

5. Sua circunferência era sessenta yojanas. Ele é lembrado como o mais excelente de todos os devotos de Visnu. Ele fez uma penitência muito terrível na excelente montanha Kolāhala (colina Brahmayoni incluindo Mundaprstha em Gayā).

6. Ele permaneceu firme por muitos milhares de anos sem respirar. Chamuscados pela penitência ardente dele, os Devas ficaram muito agitados.

7. Os Devas foram para Brahmaloka e falaram para Pitāmaha (o deus Brahma), "Ó Senhor, salve-nos do demônio Gaya". Então Brahma falou com os Devas:

8. "Ó Devas, nós iremos até o deus Śañkara." Brahma e outros foram a Śiva. Em Kailāsa, eles se curvaram a ele e disseram, "Ó Senhor, salve-nos do grande demônio".

9. Śambhu falou para Brahma e os outros: "Nós buscaremos refúgio em Hari, no oceano de leite. Ele é o senhor de todos os Devas. Ele fará algo conducente ao nosso bem-estar". Brahma, Śiva e os Devas se curvaram a Visnu e o louvaram.

Os Devas disseram:

10. Om! Reverências a Visnu, o senhor de tudo, o todo-poderoso, o radiante, o vitorioso e o devorador (destruidor) de Rāksasas e outros.

11. Saudações ao sustentador de todos esses (mundos). Reverências a ele que leva os Yogins para além (do oceano da existência mundana). Reverências ao sempre crescente, ao Infinito. Saudações ao resplandecente.

Sanatkumāra disse:

12. Ao ser elogiado dessa maneira, Vasudeva concedeu visão aos Suras (isto é, se manifestou em frente a eles). "Ó Devas, porque vocês todos vieram?" Ao serem assim questionados por Visnu os Devas lhe disseram:

13. "Ó Senhor, salve-nos do perigo do demônio Gaya." Hari disse, "Que Brahma e outros se aproximem daquele Daitya. Eu também irei lá."

14. Sentado em Garuda, Keśava partiu para conceder um benefício para Gayāsura. Todos os Devas se sentaram em seus respectivos veículos excelentes e procederam.

15. Vasudeva e outros falaram a ele: "Ó demônio Gaya, para que essa penitência está sendo realizada por você? Nós todos chegamos aqui completamente satisfeitos (com sua penitência). Mencione o benefício (que você deseja ter)."

---

[1] De acordo com Rajendralal Mitra, a história de Gayāsura é uma alegoria da derrota do Budismo pelo Bramanismo (*Bodha-Gaya* pp. 14-18). O. Malley achava que ela era uma fusão do Bramanismo e da demonolatria popular que precedeu o Bramanismo (*Journal of Asiatic Society of Bengal*, LXXII. III. 7, 1904). B.M. Barua a considera uma invenção para imprimir a santidade da cadeia de colinas Gayā (*Gayā e Buddha Gayā*, 1934). Eu concordo com B. M. Barua porque, enquanto editando o *Karavīra Māhātmya*, um Sthalapurāna de Kolhapur, eu encontrei criação semelhante de histórias para justificar e glorificar alguns ritos etc. de Mahālaksmi. Eu encontro a mesma asserção nos *Sthala Purānas* de Pandharpur, Tirupathi.

Gayāsura disse:

16-18. Ó Devas, Brahma, Visnu e Maheśvara, se vocês estão satisfeitos, que eu seja sempre mais santo que estes: que todos os Devas, e brâmanes, que todos os Yajñas, rios e montanhas sagradas; que todos os Devas; que todos os sábios; até mesmo que o imutável Śiva; que todos os Mantras; que todos os senhores de Devas; que todos os Yogins; que todos os renunciantes; que todos os *Karmins* (os realizadores de ritos sagrados); que todos os *Dharmins* (os piedosos); que todos os *Jñānins* santos (sábios e conhecedores).

19. "Que você seja puro e santo". Depois de dizerem isso para o Daitya, os Devas foram para o céu. Depois de verem e tocarem o Daitya, todas as pessoas foram para a cidade de Hari (isto é, Vaikuntha).

20. Todos os três mundos ficaram desabitados. Toda a cidade de Yama ficou vazia. Depois disso, Yama foi para Brahmaloka junto com Indra e outros.

21. Todos os Devas substituídos por Gayāsura falaram para Brahma: "Ó Pitāmaha, por favor tome de volta a autoridade que foi dada (a nós) por você."

22-23. Então Brahma falou aos Devas: "Nós iremos até o imutável Visnu". Brahma e outros disseram a Visnu: "Desde que o Asura recebeu o benefício de você, todas as pessoas têm ido para o céu somente por olharem para ele. Todos os três mundos ficaram vazios." Ao ser assim informado pelos Devas, Vasudeva falou desse modo ao deus Brahma:

24. "Vá e peça assim para o demônio, 'Dê seu corpo para o propósito de Yajña.'" Incitado por Visnu, Brahma foi lá acompanhado pelos Suras e viu o grande Asura.

25. Ao ver Brahma junto com os Devas, o demônio Gaya se levantou e os adorou propriamente e devotadamente.

Gayāsura disse:

26. Meu nascimento tornou-se produtivo hoje. Minha penitência tornou-se frutífera hoje, visto que Brahma veio como meu convidado. Tudo é obtido por mim hoje.

27. Ó yogin, ó conhecedor de todos os auxiliares de Yoga, ó mestre de todos os mundos, ó pai, ó preceptor, ó Brahma, eu executarei o trabalho pelo qual você veio.

Brahma disse:

28. Todos os centros sagrados da terra, vistos por mim enquanto vagando sobre ela, não são tão puros quanto seu corpo, para o propósito de Yajña.

29. Santidade de corpo foi obtida por você, graças à benevolência de Visnu. Portanto, ó Asura, dê-me seu corpo puro para o propósito de Yajña.

Gayāsura disse:

30. "Ó senhor dos Devas, eu sou abençoado visto que meu corpo está sendo requisitado por você. Se você realizar *Yāga* (sacrifício) sobre meu corpo os Pitrs na minha família ficarão satisfeitos.

31. Foi por você somente que este corpo foi criado. Foi por você que ele foi tornado santo e puro. O *Yāga* deve necessariamente ocorrer para o benefício de todo o mundo."

32. Depois de dizer isso, durante o Sveta Kalpa, o demônio Gaya caiu no chão em uma direção sudoeste na montanha Kolāhala[2].

33. Mantendo sua cabeça no norte e os pés no sul, o Daitya (se deitou lá). Depois de reunir todos os requisitos, Brahma criou mentalmente os Rtviks.

34-39. Eles eram: Agniśarman, Amrta, Śaunaka, Yāñjali, Mrdu, Kumuthi, Vedakaundilya, Hānta, Kāśyapa, Krpa, Garga, Kaulika, Vasistha, o sábio imutável Bhārgava, Vfddha, Parāśara, Kanva, Māndavya, Śrutikevala, Śveta, Sutāla, Damana, Suhotra, Kañka, Laukāksi de braços poderosos imensos, Jaigīsavya, o brâmane Dadhipañcamukha, Rsabha, Karka, Kātyāyana, Gobhila, o sábio de grandes ritos

---

[2] A colina Brahmayoni em Gayā, incluindo a colina chamada Mundaprstha que contém as impressões do pé de Gadādhara – *The Geographical Dictionary of Ancient and Mediaeval India*, 201.

violentos, Supālaka, Gautama, Vedaśirovrata, Jatāmālin, Avyagra, Cātuhāsa o terrível, Atreya, Añgiras, Aupamanyu de grandes ritos sagrados, Gokarna, Guhāvāsa, Śikhandin e Umāvrata.

40. Depois de criar esses e outros brâmanes principais, o senhor Brahma, o avô dos mundos, executou o *Yāga* no corpo de Gayāsura.

41-42. Agniśarmā, sem perder sua penitência, criou estes cinco fogos a partir de sua boca: Daksināgni, Gārhapatya, Ahavanīya, Satya e Avasathya. Ó sábio celestial, os Yajñas se baseiam nesses. Para estabilizar o Yajña, ele deu Daksinā para os brâmanes.

43. Depois de realizar Pūrnāhuti e de fazer a ablução de Avabhrtha, Brahma fez o poste sacrifical ser trazido junto com os Suras e o fixou.

44. O poste auspicioso foi fixado no Brahmasaras que é o mais excelente de todos os lagos. Abalado e surpreso, Brahma falou para Dharmarāja:

45. "Há uma laje de pedra em sua casa. Sem hesitação traga-a aqui por minha ordem e fixe-a na cabeça do Daitya."

46. Ao ouvir isso, Yama colocou a laje na cabeça do demônio para mantê-lo firme. Mesmo quando a laje foi colocada, o demônio tremeu junto com a laje.

47. Ele falou para Rudra e os outros Devas, "Ó Devas, vocês todos permaneçam firmes na laje". Eles disseram "Sim" e ficaram lá (sobre ela).

48. Os Devas pressionaram a laje com seus pés (?) e notaram que o demônio ainda tremia. Então o aflito Brahma foi até Visnu, que estava deitado no oceano de leite. Curvando-se e honrando o senhor, ele o louvou.

Brahma disse:

49. Ó Deus, ó soberano do ovo cósmico, eu me curvo ao senhor dos mundos, a meta das pessoas que possuem glória, o concessor de prazeres mundanos e salvação.

50. Visvaksena falou para Visnu, "Ó Senhor, o deus nascido no loto o louva." Hari disse, "Traga-o." Incitado por Visnu, ele o trouxe. Hari falou com Aja (Brahma), "Diga-me, por que você veio?"

Brahma disse:

51-52. "Ó Senhor dos Devas, quando o Yāga foi executado o demônio Gaya se moveu mesmo quando a laje de pedra da forma dos Devas foi colocada sobre a cabeça dele. Até mesmo quando Rudra e outros Devas estavam posicionados lá (sobre ela), o demônio tremeu. Ó Madhava, por favor faça-a firme agora."

53. Ao ouvir as palavras de Brahma, o senhor Hari tirou uma *Mūrti* ([imagem] corpo físico/ídolo) do corpo dele e a deu para Brahma para parar o tremor inquieto (do demônio).

54. Trazendo o ídolo com ele, Brahma o colocou na laje de pedra. Contudo o demônio estremeceu, ao ver o que, ele (Brahma) invocou o senhor novamente.

55. Visnu veio do oceano de leite e se posicionou na laje, com o nome de Janārdana e Pundarīka. O próprio Gadādhara (manejador de maça) primordial permaneceu lá para firmar a laje, para estabilizar (Gaya ou o corpo dele).

56-57. Para estabilizar (Gaya ou o corpo dele), Brahma se dividiu em cinco, ou seja, Prapitāmaha (Bisavô), Pitāmaha (Avô), o mestre de Phalgu, Kedāra e Kanakelvara. Brahma como Vināyaka estava lá na forma de um elefante. O Sol se dividiu em três: Gayāditya, Uttarārka e Daksinārka.

58. Laksmī ficou em nome de Sītā, Gaurī no nome de Mañgalā e Sarasvatī se posicionou nas formas das três, isto é, Gāyatrī, Sāvitrī, e Trisandhyā.

59. Indra, Brhaspati, Pūsan, os oito Vasus de grande força, Viśvedevas, os dois Aśvinī Devas, Maruts, o líder do universo e os Devas junto com os Yaksas, serpentes, e Gandharvas permaneceram lá acompanhados por suas respectivas Saktis (poderes).

60. Como o Daitya foi feito firme pela maça primordial e Hari estava lá, ele é famoso como Adi-Gadādhara[3].

61. Gayāsura falou para os Devas, "Por que eu fui enganado? O corpo puro foi dado para Brahma por mim para o propósito de Yajña. Eu não teria ficado firme por pura instância de Visnu?

62. Por que eu fui atormentado pelos Suras e Hari por meio da maça? Que os Devas fiquem satisfeitos para sempre agora que eu fui torturado."

63. Gadādhara e outros estavam contentes. Todos eles falaram simultaneamente para Gayāsura, "Fale (escolha) uma bênção. Nós todos estamos muito satisfeitos". Gayāsura falou então aos Devas:

64. "Enquanto a terra durar, enquanto as montanhas, a Lua, o Sol e as estrelas permanecerem, que Visnu, Brahma, e Maheśvara fiquem na laje junto com todos os outros Devas. Que o centro sagrado receba meu nome.

65. O centro sagrado de Gayā se estenderá por cinco krośas e Gayaśiras por um krośa. Entre eles que todos os centros sagrados concedam bem-estar para todos os homens.

66. Por fazer ablução etc. e executando Tarpana uma pessoa deve oferecer bolos de arroz. Então isso é mais frutífero. Aquele homem se torna uma grande alma e eleva mil membros de sua família.

67. Todos vocês, fiquem (aqui) para sempre em formas manifestas e imanifestas. Que o próprio Gadādhara seja o destruidor de todos os pecados.

68. Que aqueles em cujo nome o Śrāddha for executado e Pindas oferecidos vão para Brahmaloka. Que os pecados devido a assassinato de brâmane etc. daqueles que comparecem a esse centro sagrado pereçam.

69. Que todos os centros sagrados no céu, firmamento e na terra como Naimisa, Puskara, Gañgā, Prayāga, Avimuktaka, e outros venham aqui regularmente, ó Suras, e concedam felicidade para todos os homens.

70. Ó hostes de Devas, de que serve muita conversa? A menos que um de vocês Devas fique (sobre esta laje), eu também não ficarei firme. Essa é a condição. Que ela seja cumprida rigorosamente."

71. Ao ouvir as palavras de Gayāsura, Visnu e outros Suras falaram, "Tudo o que você solicitou será concedido indubitavelmente.

72. Depois de adorar nossos pés (todos os devotos) atingirão a grande meta." Quando as bênçãos foram concedidas a ele pelos Devas, o Daitya ficou satisfeito e permaneceu firme.

73-**76**. Quando os Devas ficaram firmes, o deus não nascido (Brahma) deu para brâmanes cinquenta e cinco aldeias e o centro sagrado de Gayā se estendendo por cinco krośas. Ele construiu casas divinas dotadas de todas as necessidades da vida e deu *Kāmadhenu* (a vaca divina concessora de desejos); *Kalpavrksa* (árvore Kalpa) e Pārijāta e outras árvores também foram dadas. Um grande rio de leite, muitos córregos de ghee, exsudações de mel, rios de mel, lagos ricos em coalhadas etc., um lago de ouro, muitas montanhas de alimento cozido etc. foram dados. Brahma criou diferentes itens de alimento e frutas e os deu todos para os brâmanes. Enquanto dando essas coisas, Aja disse, "Ó brâmanes principais, não peçam de outros."

77-**78**. Depois de doar todas essas coisas, e de reverenciar Adigadādhara, Brahma foi para Brahmaloka. Os brâmanes de Gayā oficiaram como sacerdotes de Dharma no sacrifício dele em Dharmāranya, e depois lhe pediram (pelo Daksinā). Por cobiça eles aceitaram doações monetárias e outras no sacrifício de Dharma. Brahma foi lá e amaldiçoou os brâmanes.

79-**81**. "Ó brâmanes, mesmo quando tudo foi dado por mim, vocês desejaram mais. Por isso vocês estarão sempre sobrecarregados com dívidas. O rio só fluirá com água (e não leite). As montanhas de comestíveis se transformarão naquelas de pedras. Todos os rios fluirão com água e suas casas serão de barro. Kāmadhenu e a

---

[3] Etimologia citada em *Tristhali Setu* (*Tristhaliutu*) de Nārāyana Bhatta, pág. 338.

árvore Kalpa voltarão para a minha própria região." Amaldiçoados desse modo por Brahma, todos aqueles brâmanes falaram suplicantemente ao deus não-nascido:

82. "Ó senhor, tudo o que foi dado por você se foi devido à sua maldição. Que você seja gentil o bastante para designar algo para o nosso sustento."

83. Ao ouvir essas palavras, o complacente Brahma falou desse modo aos brâmanes: "Enquanto a Lua e o Sol brilharem, vocês manterão seu sustento por meio dos (ganhos nos) centros sagrados.

84. Aquelas pessoas meritórias que realizam Śrāddhas em Gayā atingirão Brahmaloka. Eu também serei sempre considerado adorado por aqueles que adorarem vocês."

85-86. O estômago do Daitya é sobreposto pelo monte Viraja, o virtuoso. Perto está localizado o poço que forma sua cavidade umbilical, a deusa Virajā. Alguém que oferece Pinda etc. elevará vinte e uma gerações. Os pés dele (do demônio) foram firmados pela montanha Mahendra. Um homem que oferece bolos de arroz lá eleva sete gerações.

Capítulo 45: Gayāmāhātmya (Continuação); A História de Śilā

Nārada disse:

1. Qual é a origem daquela laje por meio da qual Gayāsura foi mantido firme e submisso? Qual é sua forma? Qual é sua grandeza? Por favor mencione seu nome.

Sanatkumāra disse:

2. Havia uma vez uma pessoa altamente refulgente chamada Dharma. Ele tinha dominado todo o conhecimento sagrado. A esposa dele, Viśvarūpā, era dedicada ao serviço de seu marido.

3. Uma filha de grandes qualidades, e dotada de todas as características auspiciosas como Laksmī nasceu dela com Dharma. Ela era a moça casta chamada Dharmavratā.

4-5. Todas as qualidades boas que há nos três mundos estavam presentes nela. Dharma procurou um noivo adequado para Dharmavratā em todos os três mundos, mas em vão. Então ele disse a ela, "Faça uma penitência para obter um noivo". Ela disse, "Assim seja", e foi para a floresta.

6. Aquela moça fez uma penitência muito severa que não podia ser realizada por ninguém. Ela subsistia só do ar e passou dez mil Yugas naquele Śveta Kalpa.

7. Durante o decurso da vagueação dele sobre a terra, o filho mental de Brahma, bem conhecido pelo nome de Marīci, viu aquela jóia de moça.

8. Para aquela moça que era dotada de beleza e juventude e que estava empenhada na maior penitência, Marīci perguntou, "Diga-me quem é você e a quem você pertence.

9. Ó dama tímida, de votos excelentes, você é fascinante por essa sua beleza. Eu sou o filho de Brahma, bem conhecido como Marīci. Eu dominei os Vedas."

10. Ao ouvir as palavras de Marīci, a moça respondeu ao sábio, "Eu sou a filha de Dharma. Meu nome é Dharmavratā. Eu sou dotada de penitência.

11. Ó brâmane principal, eu estou executando essa grande penitência para obter um bom marido." Marīci logo após falou para Dharmavratā amorosamente:

12. "Ó mulher de ritos auspiciosos, somente por olhar para mim você se tornará uma dama casta notável. Eu estou vagando dia e noite sobre a terra, apenas com o desejo de encontrar uma dama casta.

13. Se você se tornar uma Pativratā [devotada ao seu marido], eu recorrerei a você. Venha a mim como seu noivo. Não há outra moça no mundo como você, e você nunca terá outro noivo igual a mim.

14. Por isso, ó Dharmavratā, seja minha esposa legalmente casada agora". Nisso Dharmavratā disse ao sábio, "Ó sábio de ritos bons, peça a Dharma (por minha mão)."

15. Ao ouvir essas palavras, ele foi até Dharma. Dharma viu o (futuro) noivo como uma massa de refulgência. Ele se curvou a ele e o honrou com a oferta de assento e materiais de adoração.

16. Ao ser perguntado "Por que você veio?" Marīci respondeu a Dharma, "Enquanto vagando sobre a terra inteira por causa de uma moça (núbil), sua filha excelente foi vista por mim. Dê aquela filha para mim. Você terá bem-estar resultante disso."

17. Depois de honrá-lo com Arghya etc., Dharma disse a ele, "Assim seja". Ele trouxe Dharmavratā lá e a deu para Marīci.

18. Ele concedeu bênçãos a ele também. Ele cumpriu a promessa feita. O brâmane (Marīci) a levou para o eremitério dele com Agnihotra (fogo sagrado).

19. O sábio se divertiu na companhia dela como Visnu com Śrī ou Śambhu com Pārvatī ou Brahma com Sarasvatī.

20. Marīci gerou dela cem filhos comparáveis até com Visnu. Uma vez Marīci foi para a floresta em busca de flores e frutas e voltou (muito cansado).

21. Como ele estava cansado, ele falou assim para sua esposa casta, "Depois de comer massageie meus pés, enquanto eu deito na cama."

22. Dharmavratā disse, "Assim seja." Quando o sábio deitou em sua cama, ela friccionou os pés dele com ghee e começou a massageá-los com zelo.

23-24. Enquanto o sábio estava ficando sonolento, Brahma chegou àquele local. Ela foi colocada em um dilema, "Eu devo continuar a massagem dos pés ou honrar o Jagadguru (o preceptor do mundo)?" Decidindo-se então a honrá-lo, porque era ele o Guru dos Gurus, ela se levantou.

25. Ela ofereceu Arghya, Pādya [água para lavar os pés] etc. e adorou Brahma. Brahma descansou em um sofá depois da devida adoração.

26. Enquanto isso, o marido se levantou da cama dele. Incapaz de ver Dharmavratā, o brâmane ficou enfurecido e a amaldiçoou.

27. "Abandonando a massagem dos meus pés e assim desobedecendo minha ordem, você foi para outro lugar. Por isso você será consumida por este fogo de maldição. Seja uma laje de pedra."

28. Ao ser amaldiçoada por seu marido, ela falou com Marīci em uma grande fúria, "Enquanto você estava dormindo, Brahma, seu pai e preceptor, chegou aqui.

29-30. Era seu dever ter se levantado e adorado seu pai. Ó sábio, aderindo estritamente a atividades piedosas (como uma esposa), eu levei a cabo seu dever. Consequentemente eu sou inocente. Contudo eu fui amaldiçoada por você. Assim eu o amaldiçôo também. Ó marido, indubitavelmente você terá aquela maldição de Mahādeva."

31-32. Ao ver seu marido agitado, ela também ficou angustiada. Ela foi até Prajāpati e se curvou a ele, enquanto ele estava deitado. Ela acendeu o fogo Gārhapatya com combustível e ficou de pé em seu meio. Lá ela executou uma penitência muito terrível. Similarmente, Marīci, que também tinha sido amaldiçoado, fez uma penitência terrível.

33. Indra e outros que estavam aflitos devido à penitência de Marīci buscaram refúgio em Hari.

34. Eles falaram para Hari, que estava dormindo no oceano de leite: "Ó Hari, nós estamos extremamente aflitos devido à penitência da senhora casta e do sábio. Ó Keśava, salve os três mundos."

35. Ao ouvir as palavras de Indra e outros, Visnu foi até Dharmavratā. Enquanto isso, Aja (Brahma) acordou. Os Devas, incluindo Keśava, falaram com Dharmavratā que estava no meio do fogo:

36. "Ó dama casta, quem tem a capacidade de fazer penitência no meio do fogo? Mas isso foi realizado por você. Isso realmente é uma coisa que terrifica todos os mundos.

37. Ó conhecedora de Dharmas, escolha qualquer bênção que você deseje de nós". Ao ouvir as palavras de Visnu e outros, Dharmavratā falou aos Devas:

38. "Eu não posso fazer voltar a maldição de meu marido mesmo com todo o meu poder. Que aquela maldição dada por Marīci a mim desapareça."

39-41. Ao ouvirem as palavras de Dharmavratā, os Devas falaram a ela novamente, "Ó filha de Dharma, de ritos piedosos, essa maldição foi dada a você por um grande sábio. Ela não pode ser anulada por Devas e brâmanes. Por isso escolha qualquer outro benefício, de forma que o Dharma proclamado pelos Vedas seja estabelecido nos três mundos, ó senhora de votos auspiciosos". Ao ouvir as palavras dos Devas, Dhamavratā disse a eles:

42. "Ó deuses imortais, se vocês não podem me resgatar da maldição de meu marido, por favor me concedam um benefício excelente deste modo.

43. Eu então me tornarei uma laje de pedra que será a mais auspiciosa e a mais sagrada em todo o Ovo Cósmico. Eu serei mais santificante que rios, lagos, Devas etc.

44. Eu serei mais santa que os sábios, ascetas, os principais dos Devas e outros. Que todos aqueles Liñgas nos três mundos, manifestos ou imanifestos, residam para sempre em meu corpo na forma de um lugar sagrado.

45. Que todos os centros sagrados, as principais das constelações, todos os Devas e as Devīs (deusas) e os sábios permaneçam (em mim).

46-47. Brahma, Visnu e Rudra marcarão suas pegadas em mim. Que os cinco fogos e Kumāra e outros estejam posicionados em suas múltiplas formas. Os Devas estejam posicionados em suas formas corpóreas e incorpóreas bem como por meio de suas pegadas. [Que] eles estejam postados na terra sobre a laje na forma de ídolos, na dimensão de um krośa.

48. Todas as pessoas serão purificadas ao verem aquela laje que é [será] a destruidora de todos os grandes pecados. O realizador Śrāddhas, tornando-se puro, será legitimado nos ritos sagrados e alcançará Brahmaloka.

49. Que todos aqueles que, depois de tomarem seus banhos em todas as águas sagradas postadas na laje rochosa, executarem Tarpana [libações de água] e então Śrāddha junto com as oferendas de Pinda cheguem a Brahmaloka.

50-51. Que o centro sagrado visível de Gadādhara seja o mais excelente de todos os centros sagrados excelentes. Que aqueles que ficarem lá ou morrerem lá vão para a região de Brahma. Que os centros sagrados de Vārānasī e Prayāga fiquem lá com o nome de Purusottama. Que os centros sagrados chamados Gañgāsāgara permaneçam no local sagrado de Phalgu. O mais santo dos locais é presidido por Gadādhara. Por realizar Śrāddha de pessoas mortas, os Pitrs obterão salvação.

52. Que Jarāyujas (seres vivíparos), Andajas (ovíparos), Svedajas (seres nascidos do suor) ou Udbhids (reino vegetal) atinjam a forma de Visnu depois de abandonarem seus corpos na laje.

53. Da mesma maneira que todos os Yajñas se tornam completamente realizados quando Hari é adorado, assim também que o Śrāddha, Tarpana e ablução sejam perpétuos aqui.

54. Que aqueles que realizam os Japas dos mantras dos Suras principais sobre meu corpo se tornem Siddhas e os mestres de Siddhis brevemente.

55. É certo que um homem que realiza Śrāddha etc. eleva mil Pitrs de sua família incluindo a si mesmo e os leva para Visnuloka, a região de Visnu.

56. Ó Suras principais, quaisquer rios excelentes (sagrados) que existam, como Gañgā etc., quaisquer redemoinhos auspiciosos que haja, sejam oceanos, ou lagos importantes como Mānasa etc., que eles sejam conducentes à salvação das pessoas que realizam Śrāddhas.

57-60. Que os Devatās vão em suas formas incorporadas em alguns lugares e em outros lugares que eles não vão; Visnu é um e único; mas ele é glorificado por homens eruditos como tendo três *Mūrtis* (formas físicas). Que os sábios e todos os grupos de Gandharvas permaneçam sobre a laje de pedra junto com os Devas e todos os centros sagrados. A Śilā (laje de pedra) será chamada de *Sarvadeva-svarūpa* (tendo a forma de todos os Devas). Que ela (a laje de pedra) permaneça o tempo que durar o Ovo Cósmico. Aqueles que realizarem Japa e penitência em meu corpo físico na forma da Laje Rochosa também serão igualmente autorizados a realizar Homa no fogo. Que isso seja eterno. Que o Śrāddha seja eterno, assim também sejam os Japas, Homas e as penitências. Que eles fiquem sobre mim na forma de montanha enorme."

61-62. Ao ouvirem as palavras da senhora casta, os Devas falaram a ela, "Indubitavelmente tudo o que foi pedido por você acontecerá. Quando você permanecer firme na cabeça de Gayāsura nós ficaremos lá na forma de pegadas e permaneceremos lá continuamente." Depois de darem a evidência de haver concedido o benefício, os Devas desapareceram de lá.

Capítulo 46: Gayāmāhātmya (Continuação): Śilā-tirtha e Outros Lugares Sagrados

Sanatkumāra disse:

1. Ó Nārada, escute. Eu descreverei a grandeza da laje de pedra que confere salvação. Devas e sábios proeminentes cantam a grandeza da laje.

2. Aquela laje rochosa situada na terra tem as formas de Devas. Ela é altamente santificante. O maravilhoso Śilātīrtha[1] é bem conhecido nos três mundos.

3. Ao tocá-lo, todas as pessoas nos mundos foram para a cidade de Hari (Vaikuntha). Quando os três mundos ficaram vazios, a cidade de Yama ficou vazia desse modo.

4. Acompanhado por Indra e outros Yama foi até Brahma e informou (a ele) o evento extraordinário, "Ó Pitāmaha, pegue de volta este bastão do cargo como também a tarefa oferecida a mim como Yama (o controlador do mundo)."

5. Brahma disse então a Yama, "Mantenha-a em sua casa." Avisado por Brahma, Dharmarāja reteve a laje na casa dele.

6. Yama continuou exercer seu dever, isto é, o castigo etc. dos pecadores. Assim a laje pesada se tornou bem conhecida no universo.

7. A laje, que tem as formas e feições de Devas, está em pé de igualdade com Brahma, Visnu, senhor Maheśvara e Meru, em todo o Ovo Cósmico.

8. Visto que ela foi mantida (colocada) na cabeça de Gayāsura devido ao seu peso, a combinação feliz de duas coisas sagradas é a concessora de salvação aos Pitrs.

9. O deus não nascido (Brahma) executou Hayamedha (sacrifício de cavalo) na combinação das duas coisas sagradas. Ao ver Visnu etc. que foram receber suas devidas partes (no sacrifício), a laje pediu:

---

[1] Śilā Tirtha, igual a Mundaprstha, porque a Śilā foi colocada na parte de trás da cabeça (raspada) de Gaya (v. 12, também *Tristhali Setu*, p. 337). Ele tem a santidade combinada dele mesmo e aquela da cabeça sagrada de Gaya (v. 8). A área de Śilā ou a cabeça de Gayāsura é 3 kms².

Lugares sagrados conectados com Śilā

Parte da Śilā	*Coberta por (números dos versos)*	*Outros detalhes*
Meio (barriga)	Monte Sdipāla (68)	
Região central	Monte Nāga (26)	
Pé	Monte Prabhāsa (13)	Seu contato com o Phalgu Rāma tirtha (17).
Protuberância	(1) Preta-Śilā (15)	
Dedo do pé	(2) Prabhāseśa (14)	
Perna esquerda	Preta-Parvata (70)	
Pé esquerdo	Monte Abhyudyantaka (42)	
Lado direito	Monte Kunda (35-36)	
	Monte Bhasma Kūta (56)	
	Monte Udyantaka (46)	
Lado esquerdo	Monte Vāditraka (49)	
	Monte Grdhrakūta (64)	
Mundaprstha	A base principal da laje	

Vidyārthi, em *The Sacred Complex of Hindu Gaya* (pág. 6), na demonstração tabelar de elaboração locacional e funcional do centro sagrado em Gayā, inclui templos de Rāma e Śiva, o centro sagrado de Yama e a árvore famosa (de espíritos) sob Rāma-Śilā (grupo do topo da colina), e Śiva, Ganeśa, Brahma Kunda e Phalgu sob Rāmaśilā (grupo do pé da colina) enquanto Pretaśilā, Pretabhavānī, Visnu, Rāmakunda, Kaka-bali sob o grupo Preta Śilā.

10. "Todos vocês façam o voto de permanecerem na laje (para sempre) para permitir que os Pitrs obtenham libertação". Dizendo "Assim seja" Visnu e outros Devas ficaram na Śilā (a laje de pedra).

11. Conforme sua promessa prévia, os Devas permaneceram sobre a Śilā em formas corpóreas e incorpóreas através de seus ídolos de pedra ou pegadas.

12. Como a Śilā estava posicionada no topo da cabeça raspada do Daitya, ela foi chamada de Mundaprsthādri. Ela é a concessora de Brahmaloka aos Pitrs.

13. O pé da Śilā está escondido pela montanha Prabhāsa. Ela é chamada de Prabhāsa porque é iluminada por Bhāskara (o Deus-Sol).

14. *Śilāñgustha* (o dedão da Śilā) saiu de Prabhāsa por atravessá-la. O senhor que preside sobre a seção *Angustha* é glorificado como Prabhāseśa.

15. Uma parte do *Śilāñgustha* é lembrada como *Pretaśilā* (a Rocha dos Mortos). Se Pindas são oferecidos ao morto nessa rocha, o homem morto fica livre da condição de um duende.

16. Um devoto deve realizar sua ablução no lugar onde a montanha Prabhāsa encontra o grande rio. Rāma teve seu banho lá na companhia da dama amável (isto é, Sītā). Por isso esse é lembrado como 'Rāmatīrtha.'

17. Lá Rāma foi pedido pelo grande rio, "Ó Rāma, tome seu banho (em minhas águas)." Desde então ele se tornou bem conhecido nos três mundos como 'Rāmatīrtha.'

18. Mantra: "Que todos aqueles pecados maus cometidos por mim em meus cem e incalculáveis nascimentos anteriores sejam destruídos devido à minha ablução em Rāmatīrtha."

19. Um homem que toma seu banho repetindo esse Mantra, e realiza Śrāddha e oferece Pindas em Rāmatīrtha, vai para Visnuloka. (Quando o grande rio lhe pediu), Rāma, o irmão mais velho de Bharata, disse, "Assim seja" e ficou lá acompanhado por Sītā.

20. Se um devoto repete este mantra: "Ó Rāma, ó Rāma de braços longos poderosos, ó concessor de destemor para os Devas, eu me curvo a você, o senhor [dos] Devas. Que meu pecado seja destruído."

21. Se o devoto toma seu banho repetindo esse Mantra e executa o Śrāddha junto com o oferecimento de Pindas, os Pitrs dele são libertados da condição de fantasma e obtêm *Pitrtva* (a condição de Pitr).

22. Mantra: "Ó senhor dos Devas, você é as águas. Você é o senhor dos corpos luminosos. Ó senhor, destrua meus pecados cometidos mentalmente, verbalmente e fisicamente."

23. Depois de se curvar ao senhor de Prabhāsa, alguém deve ir até o refulgente Śiva. Depois de prestar homenagem a Śambhu, ele deve realizar a oblação para Yama.

24-25. Quando Rāma tinha ido para a floresta, Bharata veio para essa montanha e realizou as oferendas de Pinda etc. para os Pitrs. O senhor (Bharata) instalou os ídolos de Rāma, Sītā, Laksmana e os sábios. No eremitério sagrado de Bharata, a pegada de Matañga é vista por todos os homens. Ela sempre está cercada por homens altamente meritórios.

26. Ela está estabelecida como um modelo para as pessoas. Ela contém os princípios básicos da devoção. Alguém que realiza um Śrāddha em *Matañgapāda* permite que todos os Pitrs atravessem o oceano da existência (*samsāra*).

27. Um homem que toma banho em Rāmatīrtha e adora Sītā e reverencia Rāmeśvara não renasce como um ser encarnado.

28. A região central da Śilā também é coberta por uma montanha. Ela foi incitada por Dharmarāja dizendo "*Na Gaccha* - Não vá". Por isso ela é chamada de *Maga* (montanha).

29. "Yamarāja e Dharmarāja tentaram fazer (Gayāsura) firme. Eu dou *Bali* (oblação) para eles por causa da libertação de (meus) antepassados.

30. Há dois cães de cor escura e matizada. Elas nascem da família de Vaivasvata (isto é, de Yama). Eu estou dando *Bali* para eles. Que eles se abstenham de violência.

31. Que os corvos posicionados no leste, oeste, noroeste sul e sudoeste aceitem os bolos de arroz oferecidos por mim (no chão).

32. Ó forte, você é Yama; você é o mensageiro de Yama. Você é um corvo. Comendo as oblações, destrua os pecados cometidos durante os sete nascimentos."

33. Quando Rāma foi para a floresta, Bharata veio para essa montanha. Depois de oferecer os Pindas etc. para os Pitrs, Rāmeśa foi instalado por ele aqui.

34. Depois do banho e da adoração de Rāmeśa acompanhado por Rāma e Sītā, alguém deve realizar Śrāddha com as oferendas de Pindas. Tal alma piedosa irá para o domicílio de Visnu junto com os Pitrs e centenas dos membros de sua família.

35-36. No lado direito da Śilā, a (montanha) Kundaparvata está estabelecida. Várias divindades estão instaladas lá. Timirāditya, Īśāna, Bharga – essas são as formas de Maheśvara. O Vahni, dois Varunas e os quatro Rudras concedem libertação para os Pitrs. Depois de ir para o eremitério de Bharata, o devoto deve se curvar a eles e adorá-los.

37. Ele é libertado de todos os pecados maiores como também menores junto com os Pitrs dele. Ó sábio celestial, um homem pode tomar banho em qualquer lugar no eremitério de Bharata. Se ele executa um Śrāddha etc. o resultado disso não é perdido mesmo depois de um Kalpa.

38. Realmente o Śrāddha feito em qualquer lugar em Gayā nunca perece. Contudo dizem que os Japas, Homas e penitências e qualquer coisa oferecida (como doação religiosa) na eremitério de Bharata são de natureza infinita.

39. Há quatro ídolos de Ravi (o Deus-Sol) nas formas dos quatro Yugas. Ao serem vistos, tocados e adorados, eles concedem salvação aos Pitrs.

40. Há duas divindades, isto é, Muktivāmana e Tāraka Brahman. Essas divindades são os barcos para aqueles que estão oprimidos pelo oceano da existência mundana. Brahman é Tāraka (aquele que habilita alguém a cruzar o oceano de Samsāra) de todas as pessoas mortas e vivas.

41. Aquele que vê Trivikrama, Purusottama e Brahma se torna uma alma piedosa e atinge a maior meta junto com os Pitrs.

42. No pé esquerdo da Śilā a montanha Abhyu-dyantaka está estabelecida. Um devoto que oferece Pindas lá leva seus Pitrs para Brahmapura.

43. Brahma realizou o sacrifício dele junto com os Suras perto da floresta de Naimisa. Aquele Tirtha é chamado de Mukhyatirtha (a principal das águas sagradas). Os Devas estão posicionados aos seus pés.

44. Ó Nārada, o excelente entre os sábios, todos os atos inauspiciosos que possam existir, perecem nos três *Packs* (locais) naqueles centros sagrados.

45. A floresta de Naimisa é sagrada e frequentada por pessoas meritórias como Vyāsa, Suka, Paila, Kanva, Vedhas, Śiva, Hari.

46. Pela mera visão deles, um homem é libertado de todos os pecados. No lado direito da Śilā há a montanha Udyantaka.

Algumas variantes (Versos Pāthāntara) – Versos adicionais depois do verso 46.

1-2. Essa montanha está estabelecida. Alguém que oferece Pindas lá leva Pitrs para a cidade do deus Brahma. Kunda e Udyantaka foram criados por ele por meio da penitência dele. Brahma ficou lá junto com Sāvitri e Kumāra (isto é, Sanatkumāra).

3. Hāhā e Hūhū e os outros fizeram o som de música. As montanhas Kunda e Udyantaka eram cheias de canções e do som de instrumentos musicais.

4. Foi lá que o sábio santo Agastya fez uma penitência austera. De Brahma, ele recebeu a bênção de grandeza raramente alcançada na terra. Ele assegurou Lopāmudrā como sua esposa e a grande meta (Moksa) para seus Pitrs.

5. Ao meio-dia os devotos devem tomar seu banho e adorar Sāvitrī. O brâmane se tornará um mestre dos Vedas e muito rico por um crore de nascimentos (?).

6. Por fazer ablução no Agastya Pada e por oferecer Pindas lá, alguém se torna uma alma piedosa e atinge Brahmaloka junto com os Pitrs. Ele é adorado até mesmo pelos habitantes do céu.

7. Um homem que entra em Brahmayoni e sai alcança o maior Brahman. Ele é libertado das misérias de úteros (isto é, do renascimento).

8. Um homem que se curva a Gayākumāra obtém a condição de brâmane. Alguém que faz ablução em Somakunda levo os Pitrs para Somaloka (mundo Lunar).

9. A oblação para os corvos na *Kākaśilā* (a laje dos corvos) é conducente à liberdade de obrigação. Depois de se curvar a Svargadvāreśvara, a pessoa chega a Brahmapura pelo céu.

10. Alguém que oferece Pindas em Vyomagañgā fica livre de impurezas e leva os Pitrs para o céu. Há uma pilha de *Bhasma* [cinzas] no lado direito da Śilā. Ó Nārada, o devoto deve tomar banho com essa Bhasma da montanha chamada *Bhasmakūtādri*.

11. Prapitāmaha (Brahma) está posicionado na *Vata* como Vateśvara (senhor da figueira-de-bengala sagrada). Alguém que oferece Pindas no sagrado Matañgapada leva os Pitrs para o céu.

12-13. À frente dele se encontra Rukminī Kunda e a oeste há o rio Kapilā. Kapileśa se encontra nas margens do rio. No dia de lua nova, alguém deve tomar banho em Kapilā e adorar Kapileśa. Se ele realiza Śrāddha em Māheśikunda, ele chegará ao céu.

14-15. Gaurī, lá sob o nome de Mañgalā, concede todos os tipos de prosperidade e glória. Janārdana é perto do *Bhasmakūta*. Alguém que oferece Pindas em sua mão, com mantras, se para si mesmo e sem sementes de gergelim, na mão esquerda, se para outros e misturado com coalhadas para aqueles que estão vivos – todos esses atingem Visnu-loka.

16. Mantra: "Ó Janārdana, este Pinda é oferecido por mim em sua mão; o dê para aquele que morre em Gayāśīrsa."

17. Mantra: "Este Pinda foi dado, ó Janārdana, em sua mão. Em Gayāśīrsa ele deve ser dado a mim quando eu estiver morto."

18-19. Ó Janardana, reverências a você. Saudações a você da forma dos Pitrs. Ó Senhor dos Pitrs, reverências a você. Reverências a você, ó causa de salvação, ó Janārdana, ó senhor de Laksmī, você mesmo assume a forma dos Pitrs em Gayā. Reverências a você, ó concessor de salvação aos Pitrs."

20. Depois de meditar em Pundarīkāksa (Visnu) uma pessoa fica livre das três formas de obrigação. Certamente as pessoas chegam ao céu depois de adorarem Pundarīkāksa.

21. Bhīma ajoelhou-se em seu joelho esquerdo e se curvou a Janārdana. Depois de realizar Śrāddha junto com os oferecimentos de Pinda, ele atingiu Visnuloka junto com os irmãos dele.

22-24. No pé direito da Śilā, a montanha Pretakuta[2] é segurada por Dharmarāja com ambos os pés dele. Ele a chutou com seus pés por causa do peso dos pecados. Na floresta de *Kara-grahana*, muitos ficaram para trás (não libertados) na forma de almas dos mortos (fantasmas). Eles são a causa de obstáculos. O Tīrtha concede salvação aos Pitrs através da realização de Śrāddha etc.

25. Pretakūta obteve santidade devido ao contato da Śilā. Os Devas estão posicionados na forma de pegadas em Pretakūta. Depois de executar Śrāddha etc. lá, uma pessoa liberta os Pitrs da condição de fantasma.

26. Ó brâmane, aqueles que têm as formas terríveis de fantasma perto da Śilā vagam sobre a terra e no mundo de Yama.

---

2 Pretakūta, Grdhrakūta, Bhasmakūta etc. são os topos dos morros perto de Gayā.

27. Na cabeça sagrada de Gayāsura que é desprovida de fantasmas etc., Brahma e outros Devas estão postados e ele obtém santidade.

28. Entre Kīkatas (sul de Magadha) Gayā é o mais sagrado. Rājavana e Rājagrha são sagrados. O eremitério de Cyavana é sagrado. O rio é muitas vezes [mais] sagrado (que o resto).

29. Hemadanda e a montanha Hemakūta ficam em Vaikuntha. Alguém que realiza Śrāddha e oferece Pindas etc. lá leva os Pitrs para Brahmapura.

30. No pé direito da Śilā, a montanha Grdhrakūta é segurada por Dharmarāja para estabilizar (Gaya). Ela é muito sagrada.

31-**32**. Sábios fizeram sua penitência lá na forma de *Grdhras* (urubus) e obtiveram libertação. Por isso ela é chamada de Grdhrakūta. Grdhreśvara está posicionado lá. Um homem que vê Grdhreśvara alcança a região de Śambhu. Depois de se curvar a Grdhravata uma pessoa realizará seu desejo e chegará ao céu.

33. Aquele que oferece Pindas na Grdhraguhā (caverna do urubu) atinge Sivaloka. Há a Māheśvarī Dhārā (a corrente de Maheśvara). Aquele que oferece Pindas lá leva os Pitrs para o céu.

34. Há um lago chamado Mūlaksetra. Aquele que oferece Pindas lá atinge Brahmaloka. Depois de visitar Siva ele obtém liberdade de obrigação e salvação de pecados. Ele alcança o próprio Śiva depois de visualizar Śiva.

35. O meio da Śilā (a parte da barriga) é sobreposta (coberta) pela montanha Adipāla. É lá que Vighneśa, o destruidor de obstáculos, permanece na forma de um elefante. Aquele que oferece Pindas na região umbilical (do deus) leva os Pitrs dele para Brahmapura.

36. Nos quadris, (isto é, cumes) da montanha Mundaprstha, havia uma grande floresta de árvores Devadāru. Uma pessoa destruirá seus pecados por ver a montanha Aravinda em Mundaprstha.

37. Certo sábio fez penitência lá na forma de uma *Krauñca* (garça). A montanha foi marcada pelos pés dele. Por isso ela é chamada de Krauñcapāda.

38. Alguém que toma banho lá, no reservatório de água, leva três gerações para o céu. Laksmīśa (Visnu) está posicionado na Śilā nas formas manifestas e imanifestas junto com Devas. Por isso a Śilā está cheia de Devas.

Fim dos Versos Adicionais

47. Aquela montanha foi trazida por Agastya de alma nobre. Brahma e Hara realizaram uma penitência ardente lá.

48. Existe o excelente Kunda (Reservatório) de Agastya que é de uma excelência muito rara nos três mundos. Foi lá que os oito sábios obtiveram *Siddhi* depois de fazerem penitência. Eles atingiram beatitude final. Depois de se curvar aos oito sábios no Kunda, o peregrino poderá levar os Pitrs para a cidade de Brahma.

49. Ó sábio celestial, uma montanha proeminente auspiciosa foi estabelecida no lado esquerdo da Śilā. Ela é sempre ressonante com os sons de instrumentos musicais e sinfonia divina. Ela é chamada de montanha Vāditraka.

50. Até hoje Vidyādharas, acompanhados por hostes de Gandharvas e Apsaras, cantam canções divinas em coro.

51. Mohana, Sunītha, Śailūja, Mohanottama, Parvata, Nārada, Dhyānī, Sañgītī, Puspadantaka, Hāhā, Hūhū e outros fazem concerto musical.

52. Similarmente, o Gandharva chamado Citraratha, cercado por todos os Gandharvas, canta doces canções de grandes festividades na montanha.

53. Por isso aquela montanha é frequentada por Devas para sempre até hoje. Hara, o senhor dos Devas, é desejoso de aplicar *Bhasma* por todo o corpo como um unguento.

54. Rudra acompanhado por Pārvatī se regozija naquela montanha ressonante com música. Ele é adorado porque ele é a maior meta dos Pitrs. Ele deve ser meditado.

55. O maior Atman (Deidade) em Gayā é ou o senhor das vacas ou Gadādhara (o manejador da maça). Ó sábio, graças à adoração de Rudra, a Māyā pertencente a Visnu é suprimida.

56. No lado direito da Śilā, a montanha Bhasmakūta é segurada por Dharmarāja. Agastya fica lá com a esposa dele.

57-58. Alguém que toma banho no local de Agastya, e oferece Pindas, vai para Brahmaloka. Foi de Brahma que ele assegurou a bênção excelente de grandeza no mundo, Lopāmudrā como esposa e a meta mais elevada (libertação) para os antepassados dele. Lá, ao ver Agastyeśvara, uma pessoa é perdoada do pecado de assassinato de brâmane.

59. Ao ver Agastya junto com a esposa dele, alguém leva os Pitrs para Brahmapura. Dandin fez uma penitência na montanha ao sul de Sītādri.

60-61. Há uma *Vata* (figueira-de-bengala [ou árvore banyan]) chamada Vateśvara. Prapitāmaha (o senhor Brahma) está postado lá. Além dela fica Rukminīkunda. A oeste dele fica o rio Kapilā. Kapileśa fica nas margens do rio. Quando a Lua nova e a segunda-feira coincidem entre si, um homem devoto deve tomar banho em Kapilā e adorar o senhor de Kapilā. Se, depois disso, Śrāddha for realizado e Pindas forem oferecidos, os Pitrs obterão salvação.

62. Há uma corrente de fogo que vem da montanha excelente. Há o tanque chamado Sārasvata Kunda. Ele foi criado por Sarasvati.

63. O Senhor Śukra ficou lá com seus filhos Sanda, Amarka, e outros. Ó sábio excelente, um homem que faz Śrāddha e oferece Pinda etc. nos vários lugares aos pés dos sábios eminentes, permite que seus Pitrs atravessem (o oceano da existência mundana).

64. No lado esquerdo da Śilā, lá permanece a montanha Grdhrakūta. Os grandes sábios, assumindo a forma de grous, fizeram penitência lá e se tornaram Siddhas.

65. Por isso a montanha é chamada de Grdhrakūta. A deidade Grdhreśvara está posicionada lá. Um homem que visita e reverencia Grdhreśvara alcançará a região de Sambhu.

66. Aquele que oferece Pindas em Grdhrakūta, e na caverna, atinge Śivaloka. Alguém que se curva à *Vata* (a árvore banyan) em Grdhrakūta realiza todos os seus desejos e vai para o céu.

67. Ao ver Śiva, uma pessoa obtém liberdade de obrigação, libertação de pecados, e vai até Śiva. Há um Śūlaksetra (santuário do tridente) lá. Alguém que oferece Pindas lá leva os Pitrs para o céu.

68. O centro da Śilā é sobreposto pela montanha Adipāla. Vighneśa, o destruidor de obstáculos, fica há na forma de um elefante. Ao visitá-lo um devoto é livrado de obstáculos. Ele leva os Pitrs para Brahmapura.

69. Havia uma floresta de árvores Devadāru no cume da montanha Mundaprstha. Depois de visitar as montanhas Mundaprstha e Aravindādri, uma pessoa suprime todos os pecados. Aquele que oferece Pindas na região umbilical de Gayā, chamada Susumnā, (como o nervo Susumnā no corpo humano) leva seus Pitrs para o céu.

70. Na perna esquerda da Śilā, a montanha Pretaparvata foi estabelecida por Dharmarāja. A montanha é chamada de Preta-śilā por causa de sua impureza devido a pecados.

71. A montanha foi chutada a uma grande distância. Pretakūta foi livrado de pecados e obteve santidade devido ao contato com a Śilā.

72. Há um tanque chamado Pretakunda lá. Os Devas estão posicionados em seu pé. Executando Śrāddha etc. no Kunda, uma pessoa livrará os Pitrs da condição de duende.

73. Há muitos dos fantasmas permanecendo separadamente e causando obstáculos para aqueles homens que realizam Śrāddha etc. por causa da libertação

de Pitrs. Os fantasmas assumem a forma de arqueiros e se agarram às mãos (dos peregrinos).

74. Há uma pedra em Mundaprstha onde Mahādeva fica. Ao vê-la todas as pessoas são livradas de pecados hediondos e menores.

75. Gayāśiras é santo e desprovido de todos os pecados. Ele é desprovido de fantasmas etc. Por isso ele é altamente santificante e excelente.

76. Na terra de Kīkata (isto é, os territórios que incluem Bihar do sul) Gayā é o centro mais sagrado. A floresta Rājagrha também é sagrada. O eremitério de Cyavana é outro lugar sagrado. O rio Punahpunā (?) também é sagrado.

77. Há outros locais santos, ou seja, Vaikuntha, Lohadanda, Grdhrakūta e Sonaka. Por fazer Śrāddha etc. aqui, um peregrino leva todos os Pitrs para Brahmapura.

78. Assumindo a forma de uma garça, um sábio fez penitência no cume de Mundaprstha. Como a montanha é marcada pelas pegadas da garça, ela é lembrada como Krauñcapāda.

79. Alguém que toma banho no reservatório de água lá levará a família inteira para o céu. Uma oblação oferecida para corvos na pedra Kākaśilā é conducente à libertação de obrigação.

80. Os dois sábios Lomaśa e Lomaharsana fizeram uma grande penitência no cume de Mundaprstha. Ambos obtiveram Siddhi da magnitude mais elevada.

81-85. Muitos rios excelentes tinham sido invocados por Lomaśa[3], isto é, Mahānadī, Śarāvatī, Vetravatī, Candrabhāgā, Sarasvatī, Kāverī, Sindhuvīrā, o rio excelente Candana, Vāsisthī, Sarayū, Gañgā, Yamuna, Gandakī, Indira, Mahāvaitaranī, Niksarā que se origina do céu, Alakanandā, o rio do norte chamado Kanaka, Kauśikī, Brahmadā, todos esses absolvem o pecado de todos. Os dois rios Krsnavalvā e Carmavatī são os concessores de salvação. Eles foram chamados de os mais excelentes de todos os rios por Lomaharsa ousadamente. Ó sábio excelente, por meio do poder da penitência dele, Narmadā também foi invocado por ele. Aquele que toma banho em algum desses rios e oferece Pindas leva seus Pitrs para o céu.

86. Um homem que entra no lugar sagrado Brahmayoni, e sai dele, chega ao maior Brahman livre da angústia de úteros (isto é, do renascimento).

87. Um homem que se banha na Puskarinī (lagoa sagrada) Niksarā, e realiza Śrāddha etc. no divino Krauñcapada regularmente por três dias, leva seus Pitrs para o céu, mesmo se eles forem *Pañcapāpins* (aqueles culpados dos cinco pecados hediondos)[4].

88. Janārdana fica em Bhasmakūta. Aquele que oferece Pindas nas mãos dele para si mesmo ou para outros – se for para si próprio ele deve estar sem sementes de gergelim (e ser oferecido) com o fio sagrado na posição *Savya* (pendendo do ombro esquerdo); e se para aqueles que estão vivos ele deve estar misturado com coalhadas – todos esses vão para Visnuloka (Vaikuntha).

89. Mantra: "Ó Janārdana, que o Pinda que eu ofereço em sua mão por favor seja dado por você àquela pessoa em nome de quem eu o dei para ti agora. Que isso seja dado para ele depois que ele estiver morto, ó senhor."

90. Mantra: "Ó Janārdana, este Pinda é dado na sua mão por mim. Quando eu chegar ao fim do meu tempo (quando eu estiver morto) isso deve ser dado a mim em Gayāśiras.

91. Ó Janārdana, reverências a você. Reverências a você, concessor de libertação para os Pitrs. Ó senhor dos Pitrs, reverências a você. Saudações a você na forma de Pitrs."

---

[3] Como outros *Sthala-purānas*, esse texto afirma que todos os rios importantes na Índia estão presentes em Gayā. Supõe-se que pequenos riachos e córregos representam rios grandes como Gañgā, Yamuna, Kāverī etc.

[4] [Que são: assassinato, concupiscência, roubo ou fraude, beber licor intoxicante e ofender o Guru. *A comprehensive Tamil and English Dictionary of High and Low Tamil,* de Miron Winslow.]

92. Em Gayā, o próprio Janārdana assumiu a forma de Pitrs. Ao visitar aquele Pundarīkāksa (deus Visnu de olhos de loto), uma pessoa é libertada da obrigação tripla.

93. "Ó Pundarikāksa, reverências a você, ó libertador da obrigação tripla. Ó Laksmīkānta (Senhor de Laksmī), reverências a você, seja o concessor de libertação para os Pitrs."

94. Ajoelhando-se em seu joelho esquerdo, Bhīma se curvou a Janārdana. Depois de executar o Śrāddha junto com os oferecimentos de Pindas, ele atingiu Brahmaloka na companhia de seus irmãos. Ele se tornou uma alma piedosa e elevou cem antepassados de sua família.

95. Na Śilā, o senhor de Laksmī permanece na forma manifesta como também na forma imanifesta, junto com Devas. Por isso a Śilā é *Devamoyi* (cheia de Devas).

Capítulo 47: Gayāmāhātmya (Continuação): A Glória de Ādigadādhara

Nārada perguntou:

1. Como o primordial Gadādhara (manejador da maça) ficou na forma manifesta? Como ele ficou como manifesto e imanifesto?

2. Como a maça (Gadā) se originou e como ele veio a ser conhecido como Adigadādhara? Como o local Gadālola se tornou tão (santificador) a ponto de limpar todos os pecados?

Sanatkumāra respondeu:

3. Havia um Asura chamado Gada cujo corpo era muito duro e adamantino. Por fazer uma penitência muito terrível ele recebeu bênçãos de Brahma. Quando ele foi solicitado, ele entregou para Brahma os ossos do corpo dele do qual é muito difícil se separar.

4. Incitado por Brahma, Viśvakarmā fez (a partir dele) a maça extraordinária. Ele girou o osso do demônio no torno mecânico que podia esmagar até o *Vajra* (raio) e o manteve no céu.

5. Depois de muito tempo, no Svāyambhuva Manvantara, o demônio Heti, o filho de Brahma, fez uma penitência muito terrível.[1]

6-7. Por cem mil anos divinos ele subsistiu só do ar. Então, olhando para cima, ele ficou sobre seus dedos do pé com mãos erguidas. Então ele permaneceu em um único pé por um longo tempo comendo só ar ou folhas secas. Brahma e outros ficaram satisfeitos com a penitência dele. Ele escolheu as bênçãos deles, os concessores de bênçãos.

8. "Eu devo me tornar muito poderoso. Que eu não possa ser morto por Devas, Daityas, ou seres humanos com qualquer tipo de *Sastra* ou *Astra* (armas comuns e projéteis miraculosos). Eu não devo ser morto pelo disco e outras armas de Krsna (Visnu), Īśāna e outros."

9. Dizendo "Assim seja", eles desapareceram. Heti conquistou os Devas e começou a reger como Indra. Brahma, Hara e outros ficaram com medo (dele).

10. Eles buscaram proteção em Hari. Eles lhe disseram, "Mate Heti". Hari disse a eles, "Ó Suras, esse Heti não pode ser morto por Devas ou Asuras.

11. Deem-me uma grande arma com a qual eu possa matar esse Heti". Dito isso, os Devas deram a maça (osso) para Hari.

12. No início ele segurou aquela maça (osso), portando ele foi chamado de "Gadādhara" pelos Devas. Depois de golpear Heti com sua maça (osso), ele foi para o céu junto com os Devas.

13. Para firmar a laje rochosa de Gayāsuraśiras, ele foi lá armado com aquela Gadā para estabilizar a Śilā. Por isso ele é chamado de Adigadādhara[2].

14-17. Adigadādhara se manifesta na forma de Śilās[3] (lajes rochosas e montanhas). Através da montanha Mundaprstha, montanha Prabhāsa, das montanhas Udyanta, Gītanāda, Bhasmakūta, Grdhrakūta, Pretakūta, Adipāla e Aravindaka, Pañcaloka, Saptaloka, Vaikuntha, Lohadandaka, Krauñcapāda, Aksayavata, Phalgutīrtha, Madhuśravā, Dadhikulyā, Madhukulyā, o grande rio Devikā e Vaitaranī etc. Adigadādhara se torna manifesto.

---

1 Para a História de Heti veja o *Agni P*. 114.26-27.

2 Essa etimologia não explica o termo *'Ādi'* em Adigadādhara.

3 Perto de Gayā há uma cadeia de morros sagrados, mas rochosos e os topos deles são chamados de Bhasmakūta, Grdhrakūta etc. o Gayāśiras consiste nessa cadeia de colinas que se estende por aproximadamente duas milhas.

Esse local era famoso antes do Buda, porque nós achamos o registro da visita de Buda a Gayāsisa (Pali para Gayāsirsa) no *AAguttara Nikaya* Vol. IV, pág. 302.

18-20. Os seguintes são manifestos com imanifestos[4]: Visnu *Pada* (pegada), Rudrapada, o *Pada* excelente de Brahman, o *Pada* de Kāśyapa, que é divino bem como onde duas mãos saíram, os *Padas* dos cinco fogos, os *Padas* proeminentes de Indra e Agastya e os *Padas* de Ravi, Kārtikeya, Krauñca e Matañga. Em todos os Liñgas o Gadādhara primordial, o glorioso e manifesto Gadādhara, reside em forma manifesta com imanifesta.

21-25. O Gadādhara primordial está posicionado[5] como Gāyatrī, Sāvitrī, Sandhyā, Sarasvatī, Gayāditya, Uttarārka, Daksinārka, Naimisa, Śvetārka, Gananātha, os oito Vasus, os sábios principais, os onze Rudras, os Sete Sábios, Somanātha, Siddheśa, Kapardīśa, Vināyaka, Nārāyana, Mahālaksmī, Brahma, Śrīpurusottama, Mārkano'eyeśa, Kautīsa, Añgireśa, Pitāmaha, Janārdana, Mañgalā, o excelente Pundankāksa etc. (esses são os vários santuários e divindades em Gayā). Quando o Rāksasa Heti foi morto Visnu voltou para a cidade dele.

26. Quando o Asura foi feito imóvel por Brahma na companhia de Rudra e outros, Vedhas (o deus Brahma) que estava jubiloso elogiou Ādyagadāpāni (o manejador primordial da maça) (como segue):

Brahma disse:

27. Eu me curvo a Gadādhara que é o concessor de bênçãos, de quem as marcas do Tempo (da Morte) desapareceram, que está posicionado em Gayā, cujas qualidades são bem conhecidas, que possui muitos atributos, que está presente na cavidade (do coração), que está na casa de cor branca da montanha excelente e que é adorado por todos os *Ganas* (grupos).

28. Eu me curvo a Gadādhara, que concede prosperidade no dia, que concede prosperidade às hostes de Devas, que concede glória real até para Bhava (Śiva), cuja glória destrói Daityas, que dá glória na era Kali e cuja glória suprime as impurezas da era Kali. Ele confere riqueza para aqueles que buscam refúgio.

29. Eu me curvo a ele que é estável e instável, que é elogiado regularmente por pessoas magistrais, que possui feições extraordinariamente desejáveis, que é muito firme, que está presente e não presente nas tradições, que preside sobre pessoas prósperas, que não pode ser aproximado por aqueles que cometem pecados, que tem sua própria residência e cuja linhagem espiritual e louvor são grandes.

30. Eu reverencio perpetuamente o eterno Senhor Hari supremo, que é incorpóreo, que não tem órgãos dos sentidos, que não tem nascimento, que está enfeitado em Sūryavedi[6] (altar do Sol), a Gadādhara que é desprovido de som e face.

31. Eu me curvo a Gadādhara que está presente no coração, que é mais rápido que a mente, que está além do alcance da mente, que existe sempre sem um segundo, que é louvado por homens eruditos nos Vedāntas, que é *Cidātmaka* (pura consciência) e que está além das causas presentes em Kali.

Sanatkumāra disse:

32. O manejador primordial da maça, ao ser louvado dessa maneira por Brahma junto com os Devas, disse, "Escolha o benefício" e Brahma falou para ele:

33. "Nós não ficaremos na pedra de natureza e características divinas sem você. Nós ficaremos aqui para sempre junto com você que tem a forma manifesta."

34. "Assim seja", disse Gadādhara, e ficou lá junto com Śrī para a proteção dos mundos e para a salvação das pessoas. A forma manifestada de Pundarīkāksa (Visnu) é bem conhecida como Janārdana.

---

4 Os vários *Padas* (pegadas) de deuses e sábios nos quais Pindas devem ser oferecidos são as formas manifestas com imanifestas de Adigadādhara. Os ídolos são as formas manifestas, imanifestas em Phalgu (*Tristhali Setu*, 365).

5 Essas são várias divindades e santuários em Gayā. A presença de Gadādhara é assim afirmada em todos os lugares em Gayā.

6 Isso se refere ao conjunto sagrado do templo de Sūrya - *The Sacred Complex of Hindu Gaya,* de Vidyarthi pág. 6.

35. A forma primordial e eterna, que é incompreensível até para os Vedas, está muito clara e manifestada no Śvetakalpa, e se tornará imanifesta no Vārāhakalpa embora ela tenha se tornado manifesta antes.

36. Não há dúvida que ele estará manifestado claramente em Gayāśiras para a emancipação dos mundos e a proteção dos Devas.

37. Aqueles que visitam o senhor Adigadādhara e rezam para ele devotadamente ficarão livres das doenças de lepra etc. e chegarão à residência de Hari.

38. Aqueles que visitam o senhor Adigadādhara regularmente e com devoção obterão riqueza, grãos alimentícios, longevidade e boa saúde.

39. Homens que prestam reverência a Adigadādhara com grande devoção e fé conseguem boas qualidades, fama e felicidade, esposas, filhos e netos. Eles atingem Brahmapura. Eles desfrutarão dos resultados de uma grande quantidade de ações meritórias.

40. Por oferecer perfumes, alguém será rico em fragrância; por oferecer flores, ele obtém boa fortuna; por oferecer incenso perfumado, ele obtém um reino e iluminação por lâmpadas.

41. Por doar bandeiras, ele fica livre de pecados; por empreender peregrinação, ele atinge Brahmaloka. Aquele que realiza um Śraddha e oferece Pindas leva seus Pitrs para Visnu.

42. Aqueles que se curvam a Adigadādhara com grande fé, e o louvam e o adoram, levam os Pitrs deles para Mādhava. Até Śiva louvou Adigadādhara com grande prazer. *Śiva disse:*

43. Eu me curvo a Adigadādhara que, embora imanifesto, se tornou manifesto na forma de Mundaprstha etc. e do centro sagrado Phalgutīrtha etc.

44. Eu me curvo a Adigadādhara que é manifesto e imanifesto nas formas de Padas e Mukhaliñgas etc.

45. Eu me curvo a Adigadādhara que nasce naturalmente em Mundaprstha e que é de natureza imanifesta na forma de Janārdana.

46. Eu me curvo a Gadādhara que está posicionado na Śilā de características divinas, que é adorado por Brahma e outros Suras e que é honrado por Devas.

47. Eu me curvo a Adigadādhara ao ver, tocar, adorar, e reverenciar a quem as pessoas atingem Brahmaloka.

48. Eu me curvo a Adigadādhara que é a única causa de Mahat etc. que está manifestado e que é de forma imanifesta.

49. Eu me curvo a Adigadādhara que é desprovido de corpo físico, órgãos dos sentidos, mente, intelecto, ares vitais e ego e que é livre dos estados de vigília e de sonho.

50. Eu me curvo a Adigadādhara que é livre do (estado) eterno e do não-eterno, que é verdade, bem-aventurança e o estado imutável, o quarto, o Atman luminoso. *Sanatkumāra disse:*

51. Elogiado assim por Maheśa, Adigadādhara ficou satisfeito. Aquele senhor se posicionou na laje junto com Brahma e outros Devas.

52. Aqueles que louvam e adoram o Senhor Adigadādhara, que está posicionado na montanha Mundaprstha, chegarão a Brahmaloka.

53. Aquele que busca devoção obterá devoção; aquele que busca amor receberá amor, e aquele que busca salvação conseguirá salvação.

54. Até mesmo uma senhora estéril obterá um filho que será um mestre dos Vedas e seus Añgas (auxiliares). Um rei obterá vitória; um śūdra também obterá felicidade.

55. Por adorar Adigadādhara, uma pessoa que busca filhos obtém filhos. Tudo o que é desejado pela mente é obtido por meio de adoração etc. de Hari.

Capítulo 48: O Processo de Peregrinação para Gayā

Sanatkumāra disse:

1. Ó Nārada, escute. Eu descreverei o (procedimento de) peregrinação para Gayā que concede salvação. Redenção para aqueles que realizam Śrāddha foi proclamada por Brahma anteriormente.

2-4. Se alguém faz preparativos para ir para Gayā,[1] ele deve executar Śrāddha propriamente e circungirar a aldeia, vestido apenas com um pano sobre o quadril como um peregrino. Ele deve então ir para a próxima aldeia e partilhar do resto do Śrāddha. Depois disso, ele deve seguir a pé todos os dias. Ele deve evitar receber doações monetárias. Aquele que se priva de receber doações monetárias, que está contente, que é invariavelmente puro e que é desprovido de arrogância desfruta do resultado da peregrinação aos centros sagrados.

5. Aquele cujas mãos e pés são controlados, a mente é contida e que possui conhecimento, penitência e fama, obtém o fruto da peregrinação para o centro santo.

6. Na entrada para Gayā ao leste se encontra o grande rio Phalgu. Depois de cavar a água (no leito do rio), ele deve tomar seu banho na água pura[2].

7. Depois de fazer o Tarpana [libações de água] de Devas e outros e depois de executar o Śrāddha conforme as injunções, alguém deve recitar a passagem Védica que pertence ao próprio ramo dele, mas não precisa realizar *Arghyapradāna* (oferecimento de Arghya) e *Āvāhana* (prece).

8. No dia seguinte ele deve com toda pureza (corporal e mental) ir para Pretaparvata[3]. O peregrino inteligente deve depois se banhar em Brahmakunda e realizar Tarpana de Devas e outros.

9. Com toda pureza, ele deve realizar o Śrāddha para aqueles que são *Sapindas* (que têm os Pindas semelhantes, isto é, parentes próximos) no Pretaparvata. O peregrino inteligente deve voltar-se para a direção sul e usar o fio sagrado como *Prācināviti* (do ombro direito cruzado pelo peito e passado por baixo do braço esquerdo.)

10-**12**. "Que o fogo com Kavyabāla (?), Soma, Yama, Aryamā, o deus-Pitr, como Agnisvāttas, os Barhisads e os Somapās venham (por favor); vocês são as divindades dos Pitrs. Ó divindades abençoadas, meus Pitrs são protegidos por vocês. Àqueles parentes nascidos na família o bolo de arroz deve ser oferecido. Eu vim a Gayā para esse propósito. Que todos eles obtenham satisfação perpétua por meio desse Śrāddha. "

13-**14**. Depois de dizer isso e fazer Ācamana [lavagem da boca], o peregrino deve fazer Prānāyāma com esforço, para obter Brahmaloka, que é desprovido de *Punarāvjtti* (um retorno para Samsāra novamente). Depois de executar o Śrāddha propriamente dessa maneira, ele deve invocar os Pitrs e adorá-los com os mantras. Então ele deve oferecer os bolos de arroz.

15-**16**. No centro sagrado, na Pretaśilā etc. o lugar deve ser lavado primeiro com Pañcagavya [os cinco produtos da vaca] separadamente enquanto os mantras deles estão sendo recitados. Então as divindades devem ser adoradas com oferendas de *Caru* [arroz cozido para oblação] saturadas em ghee. Enquanto as sementes de

---

[1] Os versos 2-5 tratam das preliminares antes de partir em peregrinação para Gayā.

[2] Os versos 6-7 tratam do 1º dia da *Yātrā* [jornada, procissão]. O *Vāyu Purāna* prescreve só banho em Phalgu, Śrāddha e recitação do Veda da pessoa. O *Tristhali Setu* (pág. 352) prescreve visita a Pretaśilā e Śrāddha naquele mesmo dia depois de Śrāddha em Phalgu.

[3] Os ritos no 2º dia: Visita a Pretaparvata, banho em Brahmakunda, Śrāddha, oferececimento de Pindas primeiro aos anscetrais paternos da pessoa (vv. 23 - 25) e para outros parentes – uma lista longa dos quais é dada nos vv. 33-55. A lista mostra a amplitude de visão dos antigos.

gergelim são usadas pelo peregrino nos ritos santos dos Pitrs, os Asuras fogem do lugar de ritos sagrados como cervos com medo do leão.

17. O Śrāddha da mãe[4] deve ser realizado separadamente durante os *Astakas* (isto é, o 8º dia dos três meses nos quais os Pitrs devem ser propiciados), durante os dias *Vrddhi* (de aumento) e no dia da morte em Gayā. Em outras ocasiões o Śrāddha deve ser feito junto com aquele do marido dela (isto é, o pai da pessoa).

18. Durante Vrddhi Śrāddha, aquele da mãe deve ser realizado primeiro. Mas em Gayā o do pai deve ser feito primeiro. O Śrāddha é começado com os oferecimentos de *Pādya* [água para lavar os pés] no início e a colocação apropriada da grama Kuśa com as pontas apontando para o sul para o pai etc. A parte restante do Śrāddha deve ser executada como mencionado nos respectivos *Grhya Sutras*.

19. No caso de *Sapindas*, a grama Darbha é espalhada propriamente e a água com sementes de gergelim é oferecida uma vez e o Śrāddha é executado no lado sul deles.

20. A libação de água é oferecida com a água sagrada dos Pitrs segurando-a no oco das palmas das mãos. Ele deve então oferecer o Pinda *Aksayya* (inesgotável) com um punhado de grão frito em pó. Os outros parentes devem ser invocados então na grama Kuśa por meio das águas com sementes gergelim.

21. Que todos aqueles Devas, sábios, Pitrs e seres humanos, mães e avôs maternos e outros, começando com Brahma e terminando com uma folha de grama, sejam propiciados por essa libação de água.

22. Que essa seja a libação de água junto com sementes de gergelim para todos aqueles crores de (membros de) famílias passadas, residindo nos sete continentes, começando com Brahma e terminando com a terra.

23-24. Um bolo de arroz foi oferecido por mim para todos estes: pai, avô, bisavô, mãe, avó, bisavó, avô materno, o pai dele e seu avô. Que aquele Pinda seja de benefício perpétuo.

25-27. Em Gayāśiras o Pinda oferecido é do tamanho de um primeiro[5] ou aquele do fruto verde da [árvore] Emblic myrobalan ou aquele da folha da árvore Śami. O devoto elevará sete Gotras e cem famílias. Os Gotras – sete em número – são aqueles do pai, mãe, da esposa dele (antes do matrimônio), da irmã (depois do matrimônio), da filha (depois do matrimônio), e aqueles das irmãs do pai e das irmãs da mãe. As cento e uma famílias são as seguintes: pai e vinte e quatro antepassados dele, mãe e vinte antepassados dela, esposa e dezesseis antepassados dela, doze antepassados do marido da irmã, onze antepassados do genro, sete antepassados do marido do irmã do pai e oito antepassados do marido da irmã da mãe.

28. Não existe invocação em um *Tīrtha-śrāddha* nem tela é erguida fechando os quadrantes. Não há defeito devido à visão de outros. Pessoas inteligentes não devem executar o *Tīrtha-śrāddha* por pena.

29. O procedimento nos *Tīrtha Śrāddhas* é o seguinte: fornecimento de assento dos Pindas, oferecimento dos Pindas, *Aoane-jana*, (aspersão ritualística com a erva Darbha), doações monetárias e o *Annasarhkalpa* (expressão ritualística da intenção da pessoa ao preparar o alimento).

30. Mantra: "Eu invoco todos aqueles membros da nossa família que estão mortos e que não têm outro modo de salvação. Eu os invocarei na erva Darbha com libações de água junto com sementes de gergelim.

31. Eu invoco todas aquelas pessoas na família de nossos parentes que estão mortas e que não têm outro modo de salvação. Eu as invocarei na erva Darbha com libações de água junto com sementes de gergelim."

---

[4] O Śrāddha especial para a mãe de alguém é prescrito durante os Astakas e em Vrddhi Śrāddha.

[5] [Algumas autoridades ordenam Pindas de um tamanho diferente para Sraddhas diferentes; prescrevendo-os não maiores que a maçã do mato na primeira ou pura cerimônia fúnebre, e tão grandes quanto um coco no Sraddha mensal e anual. Na prática o Pinda é normalmente de tal dimensão que ele pode ser segurado convenientemente na mão. *Vishnu Purana* 3, cap. 13, nota 2.]

32. Assim o peregrino deve meditar sobre as Darbhas, repetir esses mantras com o oferecimento de libações de água junto com sementes de gergelim, invocar e adorar os Pitrs e oferecer os Pindas na ordem correta.

33. "Eu estou oferecendo esse Pinda para elevar aquelas pessoas da nossa família que estão mortas e que não têm outro meio de salvação.

34. Eu estou oferecendo esse Pinda para emancipar aquelas pessoas da família do nosso avô materno que estão mortas e que não têm outro meio de salvação.

35. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação daquelas pessoas pertencentes à família de nossos parentes que estão mortas e que não têm outro meio de salvação.

36. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação daquelas pessoas que (morreram) antes [do aparecimento] dos incisivos e daquelas que eram afligidas mesmo enquanto estavam no útero.

37. Eu estou oferecendo esse Pinda para aquelas pessoas que foram devidamente cremadas e que não foram, [para] aquelas que foram mortas por raio ou por ladrões.

38. Eu estou oferecendo esse Pinda àqueles que morreram em incêndios florestais, àqueles que foram mortos por leões e tigres e àqueles que foram mortos por (animais predadores) de chifres e presas.

39. Eu estou oferecendo para aqueles que morreram por enforcamento, que foram mortos por veneno ou por armas e àqueles que cometeram suicídio.

40. Eu estou oferecendo esse Pinda para aqueles que morreram de fome e sede no caminho da floresta, e para aqueles que foram mortos por trasgos, fantasmas e outros espíritos maus.

41. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação daquelas pessoas que caíram nos infernos chamados Raurava, Andhatāmisra, e Kālasūtra.

42. Eu estou oferecendo esse Pinda para a emancipação daquelas pessoas que caíram nos infernos terríveis de Asipatravana ou Kumbhīpāka.

43. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação daquelas pessoas que se encontram nas várias residências de tortura e aquelas que foram para o mundo dos fantasmas.

44. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação daquelas pessoas que se encontram nas várias residências de tortura e aquelas que foram levadas pelos criados de Yama.

45. Eu estou oferecendo esse Pinda para a elevação de todas aquelas pessoas que se encontram em algum dos infernos ou domicílios de tortura.

46. Eu estou oferecendo esse Pinda àqueles que nasceram em úteros de animais ou como pássaros, vermes, insetos ou répteis ou até mesmo como árvores.

47. Eu estou oferecendo esse Pinda àquelas pessoas que estão transmigrando nas milhares de outras vidas como resultado das próprias ações delas e para quem o nascimento humano se tornou uma raridade.

48. Eu estou oferecendo o Pinda àqueles Pitrs que se encontram no céu, firmamento ou na terra e para aqueles parentes etc. que não foram cremados propriamente depois da morte.

49. Que todos aqueles meus Pitrs sejam propiciados por esse Pinda para sempre, aqueles Pitrs que existem na forma de fantasmas.

50. Esse Pinda foi oferecido por mim para aqueles que podem ou podem não ter sido meus parentes nesse nascimento, mas que foram meus parentes nos outros nascimentos. Que ele seja de benefício perpétuo chegando até eles.

51-**53**. Esse Pinda foi oferecido por mim para todos aqueles que estão mortos no família de meu pai, para aqueles em que estão mortos na família de minha mãe, para aqueles parentes, anciãos, sogros ou outros parentes que estão mortos, para aqueles na minha família que não tiveram filhos nem esposas e por isso têm sido privados das oferendas de Pinda, para aqueles que foram faltosos nos ritos sagrados,

para aqueles que tinham nascido cegos, para aqueles que tinham sido aleijados, para aqueles que tinham formas horrorosas, para aqueles que tinham nascido prematuramente, para todas as pessoas da minha família, conhecidas e desconhecidas. Para todas essas o Pinda foi oferecido por mim. Que ele seja de benefício eterno ao chegar até eles.

54-55. Eu estou oferecendo esse Pinda com Svadhā para todos estes: aqueles que nasceram na família do meu pai desde os tempos do deus Brahma; aqueles que nasceram na família da minha mãe; aqueles que foram meus empregados em ambas essas famílias; para aqueles servos e dependentes, para os amigos, discípulos, animais, árvores, pássaros vistos ou não vistos, aqueles que me prestaram ajuda; aqueles que estiveram em contato comigo nos meus nascimentos anteriores."

56. Com esses Mantras o peregrino deve oferecer os Pindas para as mulheres também, começando com a mãe. Nesse caso ele deve fazer as mudanças necessárias nos substantivos e adjetivos tornando-os conformes com o gênero feminino.

57. Seja no próprio Gotra da pessoa ou no Gotra de outro homem, o oferecimento dos Pindas, a realização de Śrāddhas e a libação de água são inúteis se feitos separadamente.

58. Ele deve pôr as sementes de gergelim no recipiente de Pindas e enchê-lo com água sagrada. Ele deve executar o rito *Parisecana* [aspersão de água] três vezes para todos os Pindas e concluir o rito por se prostrar (diante deles).

59. Depois de despedir ritualisticamente os Pitrs, ele deve realizar Ācamana e expressar estas palavras aos Suras como testemunhas. "Que esses Devas, Brahma, Īśana e outros sejam minhas testemunhas. Depois de vir a Gayā a redenção dos meus Pitrs foi efetuada por mim.

60. Ó Senhor Gadādhara, eu vim para Gayā para a realização dos ritos dos Pitrs[6]. Ó Senhor, só você é a testemunha disso. Eu fiquei livre da obrigação tripla."

61. Ó Nārada, o oferecimento de Pindas em todos os lugares deve ser como esse apenas. Começando com a montanha Preta, ele deve fazer isso em todos os lugares sagrados na devida ordem.

62. Depois disso, ó sábio celestial, ele deve jogar grãos fritos em pó misturados com sementes de gergelim no Pretaparvata, em sentido anti-horário e de frente para o sul.

63. Mantra: "Que todos aqueles meus Pitrs sejam propiciados por meio desses grãos fritos em pó misturados com sementes de gergelim, aqueles Pitrs que existem na forma de fantasmas.

64-65. Que todos os seres móveis e imóveis começando com Brahma e terminando com uma folha de grama sejam propiciados por meio da libação oferecida por mim." Ó Nārada, os Pitrs dele serão libertados da condição de fantasma. Graças à grandeza dele, essa condição de fantasma nunca voltará a ocorrer na família dele.

66. Em Gāyaśiras, a laje rochosa Pretaśilā é bem conhecida por sua eficácia em trazer salvação. Adigadādhara está posicionado na forma do centro sagrado, Mantra etc.

[6] Pedir para o deus supremo de Gayā testemunhar a visita da pessoa pode parecer engraçado para alguns, mas isso denota a fé viva do peregrino em Gadādhara.

Capítulo 49: O Processo de Peregrinação para Gayā (Continuação)

Sanatkumāra disse:

1-3. No início, eu mencionarei o procedimento para ritos sagrados nos cinco centros sagrados[1] no Uttara (do norte) Mānasa[2]. O peregrino deve executar Ācamana e borrifar água sobre sua cabeça. Então ele deve ir para o Uttaramānasa e realizar a ablução sagrada repetindo o seguinte Mantra: "Eu estou tomando o banho sagrado em Uttaramānasa para a pureza da alma e para a conquista de Sūryaloka (a região do Deus-Sol) etc. e para a salvação dos Pitrs". Depois de propiciar Devas e outros ele deve realizar Śrāddha junto com a oferta de Pindas.

4. De fato o lago Mānasa se encontra lá. Por isso ele é chamado de Uttaramānasa. O devoto deve se curvar ao Sol e adorá-lo. Ele levará os Pitrs à esfera solar.

5. "Reverências ao senhor e sustentador (Sol) que assume as formas da Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno, Rāhu e Ketu."

6. De Uttaramānasa, o peregrino deve ir para o Mānasa do Sul[3], observando devidamente o rito de silêncio. Esse é chamado de Udīcītīrtha (o Centro Sagrado Do Norte). Um centro sagrado Audicya (do norte) é conducente à salvação. Um homem que toma o banho sagrado lá vai para o céu junto com seu corpo físico.

7. O centro sagrado Kanakhala, o qual é bem conhecido nos três mundos, se encontra lá. Alguém que toma banho lá brilha como ouro. O homem obtém santidade.

8. O centro sagrado de Daksinamānasa é ao sul dele. Portanto Kanakhala é bem conhecido como um centro santo excelente.

9. Esses são três lugares sagrados no Mānasa do Sul. O devoto deve tomar seu banho naquele local propriamente e realizar os Śrāddhas separadamente.

10. "Eu estou realizando minha ablução sagrada no Daksina Mānasa para a purificação do Atman, para a conquista do mundo solar etc. e para a salvação dos Pitrs.

11. Ó Divākara (Sol), eu estou tomando meu banho sagrado aqui em Daksinamānasa em busca de liberdade da tortura dos pecados de assassinato de brâmane etc.

12. Eu me curvo ao Deus-Sol para a propiciação e redenção dos Pitrs e para o aumento de filhos, netos, riqueza, prosperidade, longevidade e saúde."

13. Com esse Mantra o peregrino deve realizar a ablução sagrada, adoração e Śrāddha com o oferecimento de Pindas. Depois de se curvar silenciosamente ao Sol, ele repetirá esse Mantra.

---

[1] No terceiro dia ritos Pañcatīrtha devem ser observados. Os cinco Tīrthas são Uttaramānasa, Udicitirtha, Kanakhala, Daksinamānasa e Phalgu. *Tristhali Setu* (pág. 360) esclarece que cinco banhos em um dia ou banho em cada um deles não é necessário. Fhalgutirth é Gayāśiras. O real Kanakhala é perto de Hardwar. Supõe-se que lá o tanque representa aquele Himalayan Tirtha.

[2] Como eu declarei em outra parte, esses *Sthala Purānas* afirmam que todos os locais sagrados nos três mundos estão presentes na localidade deles. O verdadeiro Uttara Mānasa é um lago duplo de Payoda e Pundarika. Ele é o moderno Karakul nas Pamirs do norte (*The Geography of Puranas*, 70), enquanto Mānasa do Sul é o lago duplo de Mānasa-sarovara e Rāksasa Tāla da cordilheira de Kailāsa. Mas esse Purāna declara duas lagoas em Gayā como representando aqueles dois lagos magníficos.

O tanque Uttara-mānasa é agora um negligenciado 'tanque imundo e cheio de ervas daninhas' (Vidyarthi, *The Sacred Complex of Hindu Gaya,* 21). Até Daksinā Mānasa, Kanakhala e Udici Tirtha são parcialmente negligenciados (Vidyarthi, pág. 19, Tabela 3).

[3] Daksina Mānasa é dividido em três Tirthas separados: a parte do norte é o Udici Tirtha, o centro é Kanakhala e a parte sul é Mānasa do Sul - *Tristhali Setu*, 359.

14. Depois disso o peregrino deve ir para o centro sagrado Phalgutīrtha[4], que é o mais excelente de todos os Tīrthas. Ele concede salvação perpetuamente para aqueles que fazem Śrāddha de Pitrs lá.

15. Visnu, ao ser silicitado antigamente por Brahma, se tornou Phalguka (o rio Phalgu?). Quando suas partículas de poeira foram consagradas no Daksināgni, ele veio a ser conhecido como Phalgu-tīrthaka.

16. Lá a vaca concessora de desejos, isto é, a terra, dá frutos na forma de água através de Phalgu. Ela se encontra dentro (no subterrâneo, portanto não vista).

17. Todos os centros sagrados em todos os três mundos vão para Phalgutīrtha para tomarem seu banho junto com os Suras.

18. Gañgā é a água que escoa do pé de Visnu. Mas Phalgu é o próprio Gadādhara primordial. Ele mesmo assume a forma líquida. Por essa razão o chamam de mais sagrado que Gañgā.

19. Mesmo aquele que executa mil vezes mil sacrifícios de cavalo não obtém aquele resultado que uma pessoa obtém em Phalgutīrtha.

20. "Eu faço a ablução nas águas de Visnu, em Phalgutīrtha com o devido respeito, para assegurar Visnuloka para os Pitrs e para a realização de prazeres mundanos e salvação."

21. O homem (o peregrino) deve tomar banho e executar Tarpana e Śrāddha em Phalgutīrtha do modo que foi mencionado no próprio Sūtra dele (isto é, no Grhyasūtra que ele segue) com oferendas adequadas de Pindas. Ele então deve reverenciar Pitāmaha.

22. "Reverências ao senhor Śiva, Iśa, o (grande) Purusa, a Aghoravāmadeva, Sadyojāta e Śambhu."

23. Depois de tomar banho em Phalgutīrtha e visitar o senhor Gadādhara, o homem (o peregrino) resgatará sua própria alma, dez gerações do passado e dez gerações do futuro.

24-25. Depois de se curvar ao Senhor Gadādhara, deve-se adorar por meio deste Mantra: "Om, reverências a Vasudeva. Reverências a Sañkarsana, a Pradyumna, a Aniruddha, a Śrīdhara, a Visnu". Depois de fazer a ablução nos "cinco centros sagrados", o peregrino levará os Pitrs para Brahmaloka.

26. Inútil de fato é o Śrāddha daquela pessoa que não banha a deidade portadora da maça por meio de *Pañcāmrta*[5] nem a embeleza com flores, artigos de vestuário etc.

27. Da montanha Nāgakūta até Grdhrakūta, de lá para Tūpa e de lá até Uttaramānasa – isso é mencionado como Gayāśiras. Ele também é chamado de Phalgutirtha.

28. O excelente Phalgutīrtha se encontra ao pé da montanha Mundaprstha. Todos os Pitrs obterão salvação por meio da realização de Śrāddha etc.

29. Assim o procedimento do primeiro dia foi explicado.

O Segundo Dia:

No segundo dia[6] o peregrino deve ir para o Dharmāranya visto que foi lá que Dharma executou o Yajña.

30. Ó Nārada, aquele que faz abluções, Tarpana e Śrāddha em Matañgavāpī (o tanque de Matañga) obtém Brahmaloka por ir para Dharmāranya.

---

[4] Phalgu tirtha é Gayāśiras e seus limites como apresentado nos vv. 28-29, de Nāgakūta a Grdhrakūta, de lá a Yūpa e até Uttara-mānasa. Ele é abaixo da montanha Mundaprstha - *Agni Purāna* 115-25-26 e *Garuda Purāna* 1.83. 4 diferem.

[5] [*Panca* significa cinco e *amrita* quer dizer néctar, nesse caso as substâncias nectáreas: leite, coalhadas (como yogurte), mel, açúcar, e ghee ou manteiga clarificada, (água do Ganges ás vezes é incluída). Em uma mistura desses cinco elementos de imortalidade um ídolo é banhado. *marathi.indiandictionaries.com.]*

[6] O segundo dia de *Pañca Tirthi Yātrā* [viagem aos cinco tirthas] é o 4º dia desde a entrada em Gayā. *Narada P*. II. 45.103-104, *Agni P*. 115.34-37 mencionam esses mesmos Tirthas no 'segundo dia.'

31-**32**. Depois de ir para Matañgavāpī o peregrino deve se curvar a Matañgeśa e repetir estes Mantras: "Que as divindades sejam a autoridade e que os guardiões dos quadrantes e sejam as testemunhas (do fato que) eu vim para este Matañgavāpī e que a redenção dos Pitrs foi efetuada por mim."

No início ele deve executar o Śrāddha etc. na fonte (chamada) Brahmatīrtha.

33. (Aquele que faz o Śrāddha etc.), entre aquele poço e o poste sacrifical, permite que todos os Pitrs cruzem o (oceano da existência). Depois de se curvar a Dharma e Dharmeśvara, ele deve se curvar à árvore de Mahābodhi (a grande iluminação).

34. "Reverências a você, o rei das Aśvatthas (figueiras sagradas), da forma de Brahma, Visnu e Śiva, a árvore da iluminação (Bodhidruma)[7] para os realizadores (de Śrāddha etc.) e o redentor dos Pitrs.

Versos adicionais:

1. Reverências repetidas à Aśvattha (a figueira sagrada), a árvore com folhas trêmulas, a causa da estabilização permanente. Reverências a Yajña, o Bodhisattva.

2. Ó Pippala, você é o décimo primeiro entre os Rudras. Você é o fogo entre os Vasus; você é Nārāyana entre os Devas. Você é o rei das árvores.

3. Ó Aśvattha, rei das árvores visto que Nārāyana permanece em você perpetuamente, você é a mais auspiciosa de todas as árvores; você é abençoada para sempre; você é a destruidora de sonhos maus.

4. Eu me curvo a Hari que assumiu a forma uma árvore, que está na forma da árvore Aśvattha, que é o senhor Pundarīkāksa (Visnu) empunhando Śañkha, Cakra e Gadā.

(*Fim dos Versos Adicionais*)

35. Como resultado de vê-lo e tocá-lo, que nossos parentes, da nossa família ou da família de nossa mãe que têm estado em angústia, obtenham permanência eterna no céu.

36. Ó rei das árvores! Depois de vir a Gayā, as três dívidas foram pagas por mim. Pela sua graça, eu fui libertado do grande pecado. Eu fui libertado do oceano da existência mundana."

O Terceiro Dia:

37. No terceiro dia[8] o peregrino – o filho – deve tomar banho devidamente em Brahmasaras e realizar Śrāddha com o oferecimento de Pindas repetindo o Mantra disso.

38. "Eu estou fazendo a ablução nesse Tīrtha sagrado para a libertação das três dívidas". (Śrāddha feito) em meio ao *Kūpa* (poço) e *Yūpa* (o poste sacrifical) levará os Pitrs para Brahmaloka.

39. Esse *Yūpa* (poste sacrifical) foi erguido por Brahma depois de executar o sacrifício. Depois de realizar esse Śrārddha em Brahmasaras, ele resgata todos os Pitrs.

40. Depois de circungirar o *Yūpa* alguém obtém o resultado do sacrifício Vājapeya. Depois de reverenciar Brahma, ele levará os Pitrs a Brahmaloka.

41. "Reverências a Brahma, o não nascido, a forma causal do nascimento etc. desse universo. Reverências repetidas ao redentor dos devotos e dos Pitrs."

---

[7] A Bodhidruma onde o Buda desenvolveu *Pratītyasamutpāda** se tornou um lugar de Śrāddha! Isso, porém, mostra que o Buda estava completamente bramanizado na época desse Purāna.
[* *Pratitya-samutpada* é o nome técnico para o ensinamento de Buda sobre causa e efeito, no qual ele demonstrou como todas as situações surgem através do encontro de vários fatores. – Nalanda Translation Committee.]

[8] O 3º dia de Pancatirthi é o 5º dia desde a entrada em Gayā. Alguns dos ritos mencionados aqui são encontrados no *Agni P*. 115. 35-40.

42. As Mangueiras que crescem perto do lugar chamado Gopracara foram plantadas por Brahma. Apenas por regá-las, uma pessoa permitirá que os Pitrs obtenham salvação.

43. Mantra: "Para a salvação dos Pitrs, eu estou regando a mangueira que cresceu do Brahmasaras e que é das formas de Brahma e Visnu."

44. "(Como um sábio) eu com as extremidades de minhas mãos estou tocando o cântaro e a erva Kuśa. Eu estou oferecendo água à raiz da árvore de Manga. A árvore de Manga está regada e os Pitrs estão propiciados. Uma ação apenas ficou famosa como servindo a dois propósitos."

45-46. Então, com a mente controlada, o peregrino deve oferecer a oblação[9] a Yama com o Mantra: "Yamarāja e Dharmarāja têm estado envolvidos no trabalho de estabilizar (o demônio Gaya). Eu estou oferecendo oblação para ambos para a libertação dos Pitrs."

Ó Nārada, depois disso o peregrino deve oferecer oblações para os cães, repetindo o seguinte Mantra:

47. Há dois cães nascidos da família de Vaivasvata (Yama). Eles são de cor escura e matizada. Eu estou oferecendo oblação para eles. Que eles possam me proteger para sempre, no caminho."

48-49. Ó Nārada, depois disso o peregrino deve oferecer oblação para os corvos repetindo o seguinte Mantra: "Que os corvos dos quadrantes de Indra (isto é, Leste), Varuna (Oeste), Vāyu (Noroeste), Yama (Sul) e Nirrti (Sudoeste) aceitem o Pinda colocado no chão."

O Quarto Dia:

No Quarto Dia[10], o peregrino deve executar os ritos de ablução etc. em Phalgutīrtha.

50. Então o peregrino deve realizar Śrāddha ao pé (de Visnu) em Gayāśiras junto com o oferecimento de Pindas. O verdadeiro Gayāśiras está dentro do limite de Phalgutīrtha.

51. Nāga, Janārdana, Brahmayūpa e Uttaramānasa – esses delimitam o local sagrado chamado Gayāśiras. Ele também é chamado de Phalgutīrtha.

52. Aquela área de Phalgutīrtha que se estende do assento de Pitāmaha até Uttaramānasa deve ser conhecida como de acesso difícil, raro até para Devas.

53. O real Gayāśiras se estende de Krauñcapāda até Phalgutīrtha. Visto que essa é a face de Gayāsura, o Śrāddha executado lá é de benefício perpétuo.

54. A região abaixo da montanha Mundaprstha também constitui Phalgutīrtha. É lá que o Gadādhara primordial está posicionado em formas manifestas e imanifestas.

55. As pegadas de Visnu e outros lá são conducentes à libertação dos Pitrs. Essa Visnupada (a pegada de Visnu) é divina e destrutiva de pecados por sua própria visão.

56-58. Por tocá-la e adorá-la os pecados são dissipados. Tudo o que é dado aos Pitrs se torna *Aksqya* (de benefício inesgotável). Por realizar o Śrāddha junto com os oferecimentos de Pinda alguém leva mil membros de sua família para o pé divino de Visnu que é auspicioso e infinito. Por realizar Śrāddha ao pé de Rudra, um homem leva cem membros de sua família incluindo ele mesmo para a cidade de Śiva. Similarmente um peregrino que realiza o Śrāddha etc. ao pé de Brahmapada leva cem membros da família dele para Brahmaloka.

59. Uma pessoa que faz Śrāddha nas pegadas de Kāśyapa leva seus Pitrs para Brahmaloka. Uma pessoa executando Śrāddha na pegada de Daksināgni leva Pitrs para Brahmapura.

---

[9] O v. 45 é o Mantra é para Yamabali, o v. 46 para *Śva-bali* (Bali para Cães) e o v. 47 é para *Kākabali* (Bali para Corvos). O peregrino deve tomar um banho (em Brahmasaras mesmo) – *Tristhali Setu,* 362-363.

[10] O 4º dia de Pañcatirthi é o 6º dia desde a entrada em Gayā. *Tristhali Setu* 366 nos diz que não há Śrāddha separado em Gayāśiras além do Śrāddha em Visnupada e outros *Padas*. Gayāśiras é o lugar mais santo em Gayā. Ele se estende de Krauñcapada até Phalgu Tirtha (v. 53).

60. Alguém que faz Śrāddha ao pé (pegada) de Gārhapatya obtém o resultado de Vājapeya. Depois de realizar Śrāddha em Ahavaniya, uma pessoa consegue o benefício de um sacrifício de cavalo.

61. Por realizar Śrāddha ao pé do (fogo chamado) Sabhya obtém-se o benefício do Jyotistoma. Aquele que faz Śrāddha ao pé de Avasathya leva Pitrs para Brahmapura.

62. A realização de Śrāddha ao pé de Śakra leva Pitrs para Indraloka. Alguém que faz Śrāddha ao pé de Agastya leva Pitrs para Brahmapura.

63. Aquele que realiza Śrāddha em Krauñcapāda e Mātañgapāda leva Pitrs para Brahmaloka. Aquele que faz Śrāddha ao pé do Deus-Sol leva até os perpetradores dos cinco grandes pecados para a cidade de Arka.

64. Aquele que realiza Śrāddha ao pé de Kārtikeya leva os Pitrs para Śivaloka. Aquele que faz Śrāddha ao pé de Ganeśa leva os Pitrs para Rudraloka.

65. Alguém que realiza ritos Tarpana na lugar sagrado Gajakarna leva os Pitrs dele para o céu resplandecente. Alguém que executa Śrāddha aos pés de outras divindades leva os Pitrs para Brahmapura.

66. Entre todas as pegadas, aquelas de Kāśyapa, Visnu, Rudra e Brahma são glorificadas como as mais excelentes de todas.

67. No princípio e na conclusão um deles é lembrado. Ó Nārada, isso é conducente ao bem-estar do realizador de Śrāddha.

68. Antigamente o sábio Bhāradvāja executou Śrāddha aos pés divinos de Kāśyapa e começou a oferecer Pindas para os Pitrs e outros[11].

69. Duas mãos, uma branca e a outra preta, saíram projetando-se do pé (de Kāśyapa). Ao ver as duas mãos (projetadas), o sábio foi tomado por dúvidas.

70-**71**. Então o grande sábio perguntou para a mãe dele, Sāntā: "Ó mãe, o Pinda é para ser oferecido para a mão branca ou para a mão preta, na pegada divina de Kāśyapa? Você conhece o pai (por isso) diga."

Sāntā disse:

"Ó Bharadvāja de intelecto notável, dê o Pinda para a preta."

72. Então Bhāradvāja tentou dar o Pinda para a preta. Então a branca, permanecendo invisível, disse, "Você é meu filho legítimo."

73. A preta disse, "O campo (isto é, a esposa) é meu. Portanto dê o Pinda para mim." Então a *Svairini* (a mulher temerária) disse que os Pindas devem dados ao *Ksetrin* (o marido) e ao *Bijin* (o genitor).

74. Nisso Bhāradvāja colocou o Pinda ao pé de Kāśyapa. Ambos foram para Brahmaloka por meio de uma carruagem aérea à qual um cisne estava atrelado.

75. Rāma tentou oferecer os Pindas no sacrifício ao pé de Rudra. Seu pai Daśaratha chegou lá do céu esticando sua mão.

76. Rāma não ofereceu o Pinda para a mão. Então ele colocou o Pinda ao pé de Rudra. Daśaratha falou para Rāma, que temia desobedecer as injunções dos textos sagrados:

77. "Ó filho, eu fui resgatado por você. Eu atingirei Rudraloka. Se o Pinda tivesse sido dado (depositado) na mão, eu não teria atingido o céu.

78-**79**. Você regerá o reino por muito tempo e protegerá brâmanes e outros súdidos. Depois de realizar Yajñas com Daksinā adequado, você irá para Visnuloka junto com todos os cidadãos de Ayodhyā e (incluindo) até mesmo germes e insetos." Depois de dizer isso Daśaratha foi para Rudraloka.

80-**81**. Bhisma invocou seu Pitr (pai) no excelente Visnupada e realizou o Śrāddha. Quando ele tentou oferecer os Pindas aos Pitrs, ambas as mãos do pai dele, Śantanu, saíram de Gayāśiras. Bhīsma não ofereceu os Pindas nas mãos. Ele os colocou na pegada de Visnu.

---

[11] Para enfatizar que Pindas devem ser oferecidos nas pegadas e não nas mãos do antepassado morto mesmo se ele vier pessoalmente, as histórias de Bhāradvāja, Rāma, Bhīsma são apresentadas nos vv. 68-82.

82. Os satisfeito Śantanu disse: "Você é exato a respeito do significado do texto sagrado. Que você tenha a visão que se estende aos três tempos (passado, presente e futuro). No fim, que Visnu seja sua meta.

83-88a. Você terá morte à sua vontade". Depois de dizer isso ele obteve salvação.

Por adorar Kanakeśa, Kedāra, Narasimha, e Vāmana no caminho do norte, alguém resgatará todos os Pitrs.

Se Pindas são oferecidos em Gayāśiras invocando o nome delas, as pessoas, (que são assim invocadas, se) elas estiverem no inferno, irão para o céu, e aquelas que (já) estão no céu, obterão libertação (de Samsāra).

Se alguém oferecer Pindas do tamanho da folha de Śami em Gayāśiras, ou se ele oferecer frutas, raízes etc. ele levará os Pitrs para o céu. Por realizar Śrāddha junto com o Pinda, ele levará os Pitrs dele para os mundos daquelas divindades, Visnu etc. em cujos pés ele executa os Śrāddhas. Em todos os lugares a montanha Mundaprstha foi marcada claramente por essas pegadas.

88b-89. Todos os Pitrs atingirão Brahmaloka, livres de doenças. A cabeça do Asura Heti foi partida em dois. Então a Gadā foi lavada nesse Tirtha. Por isso ele é conducente à libertação. Ele é chamado de Gadālola[12]. Ele é o mais excelente de todos os Tirthas excelentes.

90. Como a Gadā de Hari foi lavada naquele grande Tīrtha, ele foi chamado de Gadālola. "Eu estou tomando meu banho para a realização de Siddhis. Eu chegarei ao imperecível *Pada* (posto). "

O Quinto Dia:

91. No quinto dia[13] o peregrino tomará seu banho no Tirtha sagrado Gadālola e realizará o Śrāddha junto com as oferendas de Pindas. Ele, (desse modo), levará os Pitrs e a si mesmo para Brahmaloka.

92. O devoto propiciará os brâmanes aos quais foram atribuídos os deveres em Gayā originalmente pelo deus Brahma. Ele deve propiciá-los por meio de Havyas, Kavyas etc. Se eles ficarem satisfeitos, todas as divindades junto com os Pitrs serão propiciadas.

93. Se o Śrāddha em Aksayavata for feito com grande cuidado e esforço, com arroz cozido somente, o peregrino levará os Pitrs para o indestrutível e eterno Brahmaloka.

94. Se um único brâmane é alimentado perto daquela Vatavrksa (figueira-de-bengala) com legumes ou até mesmo com água, isso é tão frutuoso quanto alimentar um crore (de brâmanes).

95. Dezesseis tipos de doações devem ser feitos ao sacerdote em Gayātīrtha depois de honrá-lo e de lhe oferecer roupas, perfumes, etc. na companhia dos próprios filhos.

96-99. Tudo o que é dado aos Pitrs na árvore Vata em Gayātīrtha será Aksaya (indestrutível). Por ver, reverenciar e adorar Vateśa com mente calma e serena, o peregrino levará os Pitrs dele para o indestrutível e eterno Brahmaloka.

Tudo o que é oferecido aos Pitrs em Gayā, Dharmaprstha e Brahmasaras e na Vata em Gayāśīrsa é Aksaya (inesgotável). Reverências àquele *Yogaśāyin* (alguém que dorme em sono de Yoga) que assumiu a forma de um menino e que dorme no topo da árvore Vata naquele vasto lençol de águas cósmicas.

---

[12] *Tristhali Setu* 366 nos diz que Gadālola é no rio Phalgu.

[13] O 5º dia de Pañcatirthi é o 7º dia desde a entrada em Gayā. Nesse dia a pessoa deve executar Banho e Śrāddha em Aksayavata, honrar os brâmanes Gayāwal com oferendas e alimento e obter a bênção deles, e adorar Prapitāmaha.

Desse modo a Gayā Yātrā é completada dentro de sete dias. Śrāddha em Preta Śilā é o primeiro rito e aquele em Aksayavata é o último rito culminando na bênção do Gayāwal – o brâmane privilegiado pelo deus Brahma nessa questão.

Há leves diferenças na ordem dos Tirthas a serem visitados no *Agni P*. e *Narada P*., mas *Tristhali Setu* segue o nosso texto (*Vayu P*.).

100. Reverências à Aksayavata que é uma arma que corta a árvore da existência mundana, que remove todos os pecados e que concede o imperecível Brahman.

Na era Kali as pessoas são seguidoras de Maheśvara. Por isso Gadādhara assumiu a forma de um Liñga.

Eu me curvo ao Prapitāmaha [pai do Avô ou de Brahmā)].

Capítulo 50: A Glória de Gayā

Sanatkumāra disse:

1. O rei Gaya realizou um Yajña[1] no qual Daksinā foi oferecido e muita comida foi cozida. É impossível calcular o número de artigos utilizados nele.

2-4. Em Gayā havia vinte e cinco montanhas de alimento cozido e outros artigos. Os brâmanes que eram bem honrados nas diferentes terras o elogiam dessa maneira: "Ninguém fez algo assim antes. Ninguém (poderá) fazer algo assim no futuro. As doações monetárias de moedas (de ouro) oferecidas eram inumeráveis como as partículas de areia no mundo e as estrelas no céu. Antigamente ninguém fez algo assim. Ninguém fará algo assim no futuro."

5. Os brâmanes que eram bem propiciados e bem honrados nas diferentes terras o elogiaram. Visnu e outros (deuses) que estavam satisfeitos falaram para Gaya, "Mencione o benefício que você deseja escolher."

6. Gaya lhes pediu, "Que aqueles brâmanes que foram amaldiçoados antigamente por Brahma venham a ser santificados. Que eles sejam honrados nos sacrifícios."

7-9. Para a realização de Gayāśrāddha havia brâmanes de quatorze Gotras. Até o próprio Brahma tem que cumprir as ordens deles. Eles eram: Gautama, Kāśyapa, Kautsa, Kauśika, Kanva, Bhāradvāja, Uśanas, Vātsya, Parāśara, Haritkumara, Māndavya, Lokāksi o maior no mundo, Vasistha e Atreya. Esses eram os nomes dos Gotras.

10. "Que essa cidade seja conhecida como Gayā em homenagem ao meu nome. Que ela seja tão renomada quanto a cidade do deus Brahma." Os Suras disseram, "Assim seja". Depois de concederem a bênção eles desapareceram.

11. Depois de desfrutar de vários prazeres Gaya chegou ao grande Visnuloka.

Havia um rei chamado Viśāla[2], na cidade chamada Viśālā. Ele não tinha filhos. Ele falou assim aos brâmanes:

12. "Como eu posso gerar filhos etc.?" Os brâmanes disseram a Viśāla, "Você terá tudo por oferecer Pindas em Gayā."

13-14. Viśāla ofereceu Pindas em Gayāśirsa e gerou filhos. Ele viu no céu três pessoas de cor branca, vermelha e preta. Ele então perguntou, "Quem são vocês?" Um deles, o branco, disse a Viśāla, "Eu, o branco, sou seu pai. Eu vim aqui do mundo de Indra.

15. Ó filho, meu pai é este vermelho. Ele tinha matado um brâmane. Ele era um pecador. Este preto é seu avô por quem muitos sábios foram mortos.

16-17. Eles tinham caído no inferno chamado Avici. Eles foram libertados por seu oferecimento de Pindas. Ó destruidor de inimigos, você ofereceu a libação de água dizendo, "Eu propiciarei meus Pitrs, Pitāmahas e Prapitāmahas". Ó excelente, como resultado disso e devido à sua declaração acima, nós chegamos aqui simultaneamente.

Pāthāntara (versos Adicionais)

---

[1] Os versos 1-11a dão a história do sacrifício munificente do rei Gaya. O objetivo da história é informar que os brâmanes que foram amaldiçoados por Brahma por causa da ganância deles foram absolvidos daquela maldição. Os versos 7-9 declaram os nomes dos 14 brâmanes – os quais são os Gotras dos atuais Gayāwals. Desses 11 são Mādhyandins, 2 Sāmavedins e só um Rgvedin (seguidor do Aśvalāyana Sūtra). (Vidyarthi, *[The Sacred Complex of Hindu Gaya],* Apêndice IV, pág. 145)

[2] Os versos 11b-20a contam a história do rei sem filhos Viśāla, como por realizar Śrāddha e Pindadāna em Gayā ele obteve um filho e promoveu seu pai, avô e bisavô (embora pecadores) para Brahmaloka.

1. Todos nós fomos libertados por você. Nós iremos para a residência divina imperecível. Acompanhados por você, o bom filho, todos nós iremos para Brahmaloka.

2. Você será dotado de filhos e netos. Você governará o reino e então irá para o céu. Ficando saciado com os prazeres dele, você obterá salvação.

(Fim dos versos adicionais.)

18. Ó filho, a libertação foi efetuada por você. Nós iremos para o céu excelente. Desse modo a libertação excelente dos Pitrs deve ser efetuada por todos os filhos.

19. Você regerá o reino por muito tempo. Você desfrutará dos mais raros dos prazeres. Você executará Yajñas com Daksinās apropriados e irá para a cidade de Visnu (Vaikuntha) depois disso."

20. O rei que assegurou o benefício dessa maneira governou o reino e foi para o céu. O rei dos fantasmas[3] chegou ao céu junto com os outros fantasmas, graças a Gayāśrāddha.

21-23. Para assegurar sua libertação, certo fantasma falou assim com certo comerciante: "Por favor ofereça Pinda em meu nome em Gayāśiras para obter para mim libertação da minha condição de fantasma. Leve (toda a) minha riqueza. Usando toda a riqueza para atender as despesas relacionadas com o Gayāśrāddha, eu lhe dou cinco dezesseis avos da minha riqueza (como sua remuneração). Eu mencionei meu nome (etc.) da maneira correta."

24. O homem foi para Gayā junto com os parentes dele e ofereceu Pindas para o rei dos fantasmas em Gayāśīrsa. Foi só depois disso que ele ofereceu os Pindas para seus próprios Pitrs.

25. O fantasma foi libertado da condição de fantasma. O comerciante voltou para a casa dele. Assim é o centro sagrado de Gayā, de Śambhu, Visnu e Ravi.

26[4]. O peregrino deve fazer jejum no centro santo de Gāyatrī, nas margens do grande rio Phalgu (Mahānadī). Depois de tomar banho, em frente a Gāyatrī, a pessoa deve executar *Prātah-Sandhyā* (oração Sandhyā para ser feita ao amanhecer).

27-28. Por realizar o Śrāddha junto com o oferecimento dos Pindas, o peregrino levará a família dele ao estado de ser mais favorável aos brâmanes. Depois de dar o mergulho sagrado no Samuditatīrtha (no centro sagrado mencionado) na frente de Sāvitrī e realizando *Sandhyā* na junção do meio-dia, o peregrino leva cem membros da família dele para o céu. Então com um desejo pela liberação dos Pitrs, ele deve oferecer os Pindas a eles.

29. Depois de tomar banho propriamente na água sagrada chamada Prācīsarasvatī, e executando a prece-Sandhyā da noite, o peregrino levará os Pitrs para Visnuloka.

30-32. Uma pessoa que incorreu em pecado devido à negligência em realizar Sandhyā (oração a ser realizada durante o período de crepúsculo, por exemplo amanhecer e anoitecer) em muitos nascimentos é libertado por realizar Sandhyā em três ocasiões no centro sagrado Lelihāna, em Viśālā como também no eremitério de Bharata.

Uma pessoa que faz ablução sagrada e oferece Pindas no cume da montanha Munda (Prstha) marcada pelas pegadas e perto de Gadādhara, no centro santo Akāśagañgā e naqueles chamados Girikarnamukhas, leva cem membros da sua família para Brahmaloka. Aquele que toma banho no rio celestial Vaitaranī leva seus Pitrs para o céu.

33-37. Uma pessoa que se banha e faz doações de vacas em Vaitaranī eleva vinte e uma gerações. Ó Nārada (eu repito isso três vezes para enfatizar que é

---

[3] Os versos 20b-25 contam como um fantasma chegou ao céu quando, a pedido dele, (e pela recompensa de alguma propriedade) um comerciante não relacionado ofereceu Pindas em Gayā. Essa história também é encontrada no *Agni P*. 115.60-63, *Garuda P*. 1.84, v. 35.

[4] Os versos 26-43 descrevem outros lugares sagrados em Gayā como Gāyatritīrtha, Prāci-Sarasvatī Tiltha, Viśālā, Lelihāna e o eremitério de Bharata (30-32), Mundaprstha, Akāśagangā (26-32), Vaitaranī (33-37) e outros.

verdade) é verdade que aquele que toma banho em Vaitaranī resgata vinte e uma gerações; assim dizem; não há dúvida nisso. O rio Vaitaranī, o qual é bem conhecido nos três mundos, desceu em Gayāksetra para a redenção dos Pitrs. Uma pessoa que realiza Śrāddha (na margem do) Godāvarī, Vaitaranī, Yamuna e no rio celestial (isto é, Gañgā) no centro santo Gopracāra, leva seus Pitrs para o céu. Uma pessoa que oferece Pindas em Puskarinī, em Ghrtakulyā e Madhukulyā, no Kotitīrtha pertencente a Rukminī leva seus Pitrs para o céu por fazer jejum por três noites e visitar as águas sagradas.

38-39. Por não doar ouro ou vacas, um homem se torna indigente. Um homem que faz abluções em Ghrtakulyā, Madhukulyā, Devikā, Mahānadī (Phalgu) e no lugar célebre de encontro da Silā (chamado) Madhusravā, obtém o benefício de dez mil Aśvamedhas.

40. Depois de realizar o Śrāddha junto com o oferecimento de Pindas, o homem eleva cem gerações na família dele e os leva para Visnuloka.

41. Alguém que oferece Pindas em Daśāśvamedha, Hamsatīrtha, Amarakantaka, Kodtirtha e Rukmakunda leva seus Pitrs para o céu.

42-43. Por tomar banho em Vaitaranī, Ghrtakulyā, Madhukulyā e Kotitīrtha e visitar Kotīśvara, o peregrino se torna um brâmane rico e um mestre de todos os Vedas por um crore de nascimentos. Reverenciando Mārkandeyeśa e Kotīśa ele será o redentor de seus Pitrs.

44. Antigamente Śañkara se divertiu secretamente com Pārvatī[5] na floresta chamada Rukmapārijātavana por dez mil Yugas.

45. Marīci foi para essa Pārijātavana para colher frutas e flores. Ele foi visto por Maheśa. Como ele tinha se tornado a causa da obstrução do prazer dele (de Śiva), ele foi amaldiçoado por Maheśa.

46. "Você se tornará miserável." Essa foi a maldição. Com medo dele, Marīci elogiou Śiva. O satisfeito Sambhu disse a ele, "Escolha uma bênção excelente."

47. Marīci falou a Śañkara, "Que eu possa ter a absolvição da maldição". "Em Gayā você terá a libertação", dito isso por Śiva, ele foi para Gayā.

48. Marīci, que tinha sido amaldiçoado por Īśvara antigamente, obteve *Krsnatva* (cor negra). Sentado em uma rocha, ele fez uma penitência muito difícil para qualquer outro realizar.

49. Por meio de uma penitência terrível, aquele brâmane obteve cor branca. Hari falou para Marīci, "Ó filho, escolha um benefício."

50. Marīci disse a Mādhava, "Quando você está satisfeito, o que é inacessível? Eu fui libertado da maldição de Hara. Que essa rocha seja sagrada.

51. Que ela seja conducente à salvação dos Pitrs." Dizendo "Assim seja" ele (Hari) foi para o céu. Um homem aproximando Puskarinī dos moradores do céu se torna puro.

52. Tudo que é oferecido lá aos Pitrs se torna inesgotável. Aquele que se banha lá vai para o céu com seu próprio corpo físico.

53. Ele se livra de seu pecado como uma serpente rejeitando sua pele. Aquela floresta de grupos de lotos é sagrada e é frequentada por pessoas meritórias.

54. A laje de Pāndu (Pānduśilā) se encontra lá[6]. Se Śrāddha é feito (em Pānduśilā), ele se torna inesgotável. Ó sábio, uma vez Yudhisthira foi lá realizar Śrāddha.

55. Naquele momento Pāndu pediu a ele, "Dê o Pinda na minha mão." Evitando a mão, ele colocou o Pinda na rocha.

56-58. Pela oferta do Pinda na rocha, o filho de Vyāsa (isto é, Pāndu) ficou satisfeito. Ele concedeu essa bênção ao filho dele: "Governe o reino na superfície da

---

[5] Os versos 44-51 contam como Marīci foi perdoado da maldição de Śiva por fazer penitência em Gayā.

[6] Os versos 54-58 declaram como Yudhisthira depositou o Pinda na Śilā, não na mão de Pandu embora ele tenha aparecido pessoalmente.

terra. Que o reino prospere perfeitamente e desprovido de incômodos (causadores de problemas). Ó filho, você é meu salvador. Vá para o céu cercado por seus irmãos e junto com seu corpo físico. Leve aqueles no inferno para o céu depois de purificá-los por meio de sua visão somente". Dizendo isso, Pāndu atingiu a região eterna imutável.

59. Todos os quatro tipos de seres vivos, isto é, *Udbhijjas* (plantas), *Svedajas* (germes nascidos do suor), *Andajas* (pássaros nascidos do ovo) e *Jarāyujas* (animais nascidos do útero) que se aproximam de Madhu-sravā irão para a cidade do céu depois da morte.

60. Por realizar Śrāddha em Daśāśvamedhika e Hamsatīrtha uma pessoa vai para o céu. Por reverenciar Daśāśvamedha e Hamsa, alguém vai para Śivapura.

61. Por realizar Śrāddha no eremitério de Bharata alguém leva os Pitrs para o domicílio de Brahma. Alguém que faz Śrāddha na pegada de Matañga leva os Pitrs para Brahmaloka.

62-**63**. Depois de agitar o fogo dentro da árvore Śamī na companhia de Visnu e outros, Vidhi (Brahma) garantiu o Tirtha para o propósito de Yajña. Isso é bem conhecido nos três mundos. Aquele Tirtha chamado Makha (sacrifício) concede salvação para os Pitrs. Alguém que toma banho, executa os ritos Tarpana e oferece Pindas obterá salvação.

64. Depois de se curvar a Añgāraka (Marte) e Iśvara (Śiva) no *Sañgama* (confluência), o peregrino leva os Pitrs para o céu. Por oferecer Pindas em Gayakūta alguém deriva o benefício do Aśvamedha.

65. Depois de se curvar a Bhasmanātha em Bhasmakūta uma pessoa redime e eleva os Pitrs. Alguém que faz abluções em Sañgama fica livre de pecados e ele é libertado.

66-**67**. O sábio excelente Vasistha realizou o sacrifício chamado Aśvamedha. Sambhu que saiu do *hti* (sacrifício) disse a Vasistha, "Escolha um benefício". Então Vasistha também respondeu, "Ó Śiva, se você está satisfeito comigo, ó senhor dos Devas, (somente) fique aqui. " Dizendo "Assim seja" Śiva permaneceu lá.

68. Alguém que oferece Pindas às pegadas de Kāmadhenu em Dhenukāranya depois de se banhar, reverenciando-as e adorando-as, leva os Pitrs para Brahmaloka.

69. Por tomar banho e realizar Śrāddha etc. no centro sagrado Karda-māla em Gayānābhi, perto do topo da montanha Mundaprstha, uma pessoa é desobrigada de dívidas com seus Pitrs.

70. Deve-se adorar (as divindades) Phalgu, Candī, Śmaśānāksī, Mañgalā e outras. Por meio de *Vrsotsarga* (soltura de um bezerro macho) uma pessoa elevará vinte e uma gerações de sua família.

71-**74**. As divindades e os sábios que conquistaram seus órgãos dos sentidos estão posicionados aqui e ali (em Gayā). Meditando no Gadādhara primordial e oferecendo Pindas etc., alguém eleva cem gerações em sua família e leva os Pitrs para Brahmaloka. Os seis Gayās[7], isto é, Gayā-gaya (Gayāgaja), Gayāditya, Gāyatrī, Gadādhara, Gayā e o demônio Gaya – são os concessores de salvação.

Um homem que lê continuamente essa narrativa sagrada de Gayā e a escuta com fé atinge a maior meta. Um homem que ensina a anedota de Gayā para os brâmanes (ou que faz com que brâmanes a leiam) é meritório.

75-**79**. Gayāśrāddha é realizado por ele. Certamente isso é feito. Aquele que estuda a glória de Gayā com pureza mental de fato executou Rājasūya e Aśvamedha. Ó Nārada, a Deusa de fortuna, Laksmī, permanecerá alegremente na casa da pessoa que escreve esse livro ou o adora ou faz com que outros o escrevam.

Se esse livro que contém essa anedota sagrada permanece na casa, lá não há medo devido a serpentes, incêndios ou ladrões.

---

[7] Aqui são enumerados os Seis Gayās onde adoração e *Pinda-dāna* levam a *mukti*. Gayāgaya pode ser Gayāgaja. Nesse caso, Kane pensa que isso pode uma referência ao pilar com uma figura de um elefante perto do templo de Gadādhara - *History of Dharma Sāstra* IV, Nota de rodapé 150a.

Se alguém lê essa glória de Gayā na hora de Śrāddha, isso será considerado pelos Pitrs como no mesmo nível que Gayāśrāddha mesmo que seja contra injunções rígidas nos Śāstras.

Ó sábio, se alguém conhece, ouve ou lê a anedota de Gayā, todos os Tīrthas dos três mundos são visitados por ele.

Sūta disse:

80. Sanatkumāra assim narrou a história sagrada com devoção para o sábio principal. Ele então se despediu do preceptor em música (isto é, de Nārada) e foi para seu próprio eremitério cercado por florestas sagradas.